

LA PIÉTÉ POPULAIRE

RÉPERTOIRE BIBLIOGRAPHIQUE

Collection internationale dirigée par
BERNARD PLONGERON ET PAULE LEROU

PIEIDADE POPULAR EM PORTUGAL

Direcção de

JOSÉ ESTEVES PEREIRA – PAULE LEROU

RUI AFONSO DA COSTA

TOMO IV

CENTRO-SUL

RUI AFONSO DA COSTA – HELENA NILO

PAOLA GUARDINI – ANA PAULA PINTO

HAMILTON COSTA – PAULE LEROU

TÍTULO

Piedade Popular em Portugal, Tomo IV

DIRECÇÃO CIENTÍFICA

José Esteves Pereira | Paule Lerou | Rui Afonso da Costa

TEXTOS

Rui Afonso da Costa | Helena Nilo | Paola Guardini

Ana Paula Pinto | Hamilton Costa | Paule Lerou

Paginação: Margarida Baldaia

© Edições Húmus, Lda., 2022

Apartado 7081

4764-908 Ribeirão – V. N. Famalicão

Telef.: 926 375 305

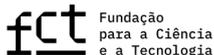
humus@humus.com.pt | edicoeshumus.pt

ISBN (electrónico) 978-989-755-830-6

Data de edição: 2022

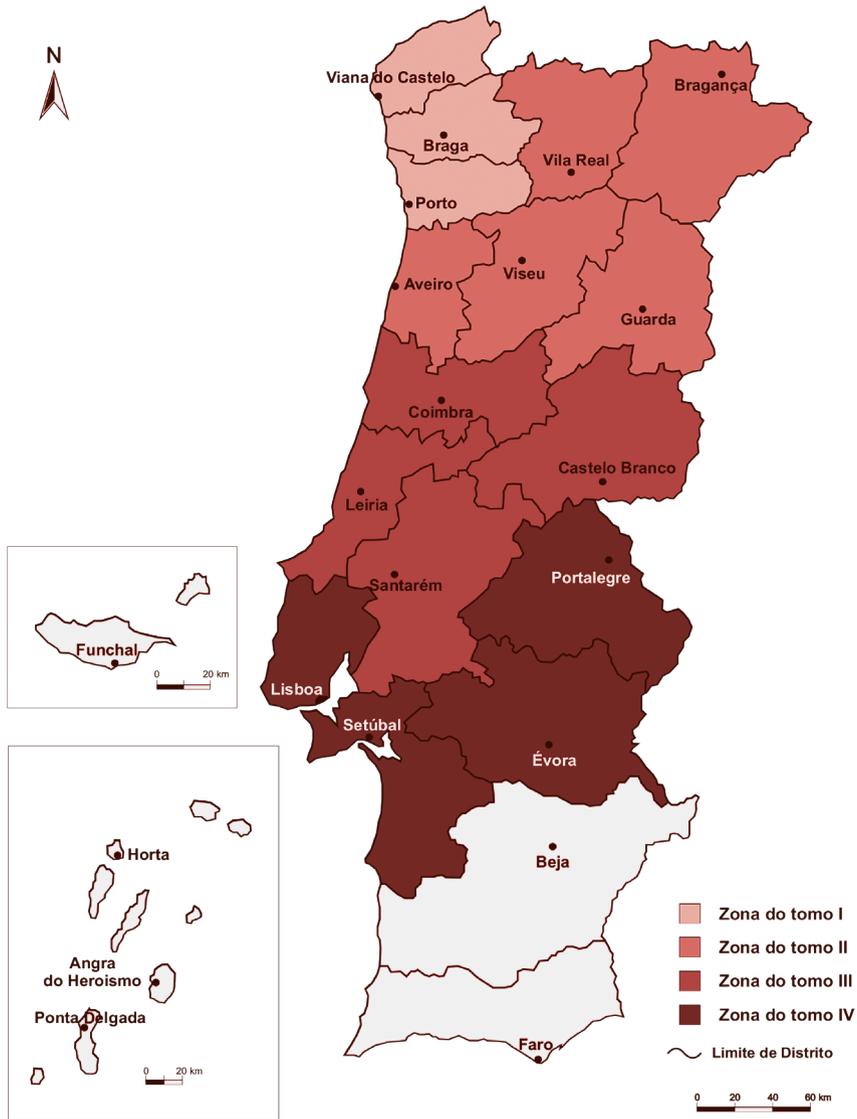
Impressão: Papelmunde | V. N. Famalicão

Publicação subsidiada ao abrigo do projecto estratégico do CHAM, FCSH, Universidade NOVA de Lisboa, Universidade dos Açores, financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia – UIDB/04666/2020 e UIDP/04666/2020.



Esta é uma publicação de acesso aberto, distribuída sob uma Licença Internacional Creative Commons Atribuição 4.0 (CC BY 4.0).

As afirmações proferidas em cada capítulo e os direitos de utilização das imagens são da inteira responsabilidade dos seus autores.



MAPA 1. DIVISÃO ADMINISTRATIVA DE PORTUGAL EM DISTRITOS

ÍNDICE

Introdução. A colecção, Bernard PLONGERON e Paule LEROU

Introduction. La collection, Bernard PLONGERON e Paule LEROU

Grelha temática

Grille thématique

Bibliografia sumária de obras gerais. Portugal

Nota de abertura, José Esteves PEREIRA

Apresentação. Piedade Popular em Portugal. Centro-Sul, Rui Afonso da COSTA e Paule LEROU

CENTRO-SUL

A – Método, fontes e problemas

B – Literatura de piedade e pregação

C – Lugares de culto (paróquias, templos, sinagogas)

D – Peregrinações e cultos

E – Festas populares e linguagem gestural

F – Milagres

G – Confrarias, irmandades, associações e seus costumes

H – Objectos de culto

I – Iconoclastia

Índice de autores

Índice toponímico

Índice de santos

Índice de nomes de Nossa Senhora

Índice de classificações secundárias

Instituições e revistas. Centro-Sul

Jornais

Santuários do distrito de Lisboa

Santuários do distrito de Setúbal

Santuários do distrito de Portalegre

Santuários do distrito de Évora

Índice de Mapas

INTRODUÇÃO

A COLECÇÃO

Durante muito tempo falou-se de “religião popular” em vários colóquios, dos quais o mais importante, internacional e interdisciplinar, se realizou, em Paris, em 1977. As animadas discussões entre os especialistas de diferentes disciplinas (historiadores, sociólogos, iconógrafos, etnólogos e teólogos) depressa fizeram aparecer os seus desacordos, tanto mais profundos, quanto o problema das relações sociais entre as elites e as massas estava no centro do debate. A religião popular não passava de um subproduto das classes subalternas? E se era esse o caso, não podia ela ser apreciada apenas pelas elites (críticas e condenatórias das “superstições”), consoante as épocas? Por outro lado o mesmo colóquio internacional viu nascer duas concepções antagónicas: a visão arqueo-passadista dos europeus, próxima do “folclore” muitas vezes depreciativa, e a visão dinamista do Novo Mundo, para o qual a religião popular continua a vivificar as manifestações da fé.

Nestas condições tentar encontrar uma definição da religião popular que satisfaça a todos revelava ousadia. E mesmo se alguns se limitaram a considerar que ela abrangia “o que é praticado e crença do maior número, todas as classes sociais confundidas”, teria de se reconhecer que o conceito de “religião popular” demasiado ambíguo, demasiado multiforme, demasiado carregado de considerações ideológicas contraditórias, não conduzia a uma metodologia suficientemente segura e operatória.

O que significa que esta tarefa implicava o início de uma nova reflexão num quadro preciso. Ela incumbia aos investigadores do Groupement de recherches coordonnées d’histoire religieuse moderne et contemporaine do Centre national de la recherche scientifique (C.N.R.S.), que dela fizeram um objectivo nacional e internacional, sob a forma de um programa de longa duração intitulado: “A piedade popular da Idade Média aos nossos dias”. A denominação “piedade popular” apresenta uma dupla vantagem. Em primeiro lugar, ela convém perfeitamente a

uma investigação de tipo histórico, ao continuar a apelar a campos interdisciplinares, iconografia, musicografia, folclore (tomado no seu sentido etimológico), podendo esclarecer o conhecimento das formas devocionais, e, em segundo lugar, a expressão consiste em não comportar nenhum juízo de valor sobre as práticas, usos e costumes. À margem das hipóteses de escola, trata-se de dar conta de como vive o povo cristão ou judeu nas suas diversas expressões da fé.

Permanecendo deliberadamente no domínio concreto, os responsáveis desta pesquisa não querem produzir, depois de tantos outros, uma “nova síntese”, mas reunir livros, artigos de revistas, teses e trabalhos universitários, bem como filmes e montagens audio-visuais respeitantes à piedade popular. Ter-se-á um cuidado especial com a descoberta das publicações regionais e locais muitas vezes desconhecidas dos investigadores e mesmo dos especialistas. Todavia ninguém ignora quanto as monografias, de título muitas vezes modesto e pouco esclarecedor, podem contribuir, pela riqueza da sua documentação, para a compreensão ao mesmo tempo rigorosa e geral de uma sócio-geografia da piedade popular.

Esta pesquisa necessita de pôr em campo uma rede de investigadores provenientes de origens diferentes na formação, especialização e função (professores, arquivistas, bibliotecários, membros de associações culturais, etc.). Ela pretende dotar a comunidade científica de um instrumento de trabalho facilmente utilizável, sob a forma de repertório bibliográfico temático e comentado. Com efeito a classificação, por temas próprios, da piedade popular, permite um manuseamento cómodo e parece corresponder aos diversos interesses dos investigadores. Acresce que cada obra ou artigo é acompanhado de um descritivo que especifica o conteúdo cronológico, geográfico e metodológico.

Os quadros são estabelecidos da seguinte maneira:

- no espaço, define-se uma unidade, geralmente a região, que corresponde “grosso modo” a uma área cultural homogénea;
- no tempo, são seleccionadas as publicações respeitantes à piedade popular, desde a Idade Média aos nossos dias. Como não é possível inventariar uma literatura, que remonta pelo menos ao princípio do século XIX (citada aliás muitas vezes nas obras mais recentes), pareceu preferível dar prioridade à evolução actual dos trabalhos, aproximadamente desde 1960 até aos dias de hoje. As obras gerais serão mencionadas no início de cada tomo do repertório.

A bibliografia responde aos critérios de uma grelha codificada. Ela articula-se em temas: por exemplo, A “métodos, fontes e problemas”, B “literatura de piedade e pregação”, C “lugares de culto”, D “peregrinações e cultos”, etc. Estes temas estão detalhados em rubricas, por exemplo, o tema H, “objectos de culto” subdivide-se em H1 “imagens”, H2 “cenas esculpidas, pinturas ícones, vitrais”, H3 “bandeiras, pendões de procissão”, H4 “ex-votos, graffiti”, H5 “imagens sagradas em papel”, H6 “objectos de culto individuais”, H7 “reliquias”. No

interior das rubricas os títulos são classificados por ordem alfabética dos autores seguidos dos anónimos. Uma categoria “0” (A0, B0, C0, etc.) permite dar conta de obras raras cujo conteúdo torna impossível a referência a um dos casos precisos, “1”, “2”, “3”, etc. Para as publicações de interesse múltiplo, podem ser introduzidas referências a outras rubricas; elas serão colocadas entre parênteses no fim do comentário.

A escolha dos temas e rubricas da grelha temática repousa em dados unicamente descritivos, que correspondem aos diferentes aspectos da vida religiosa cristã (católica, protestante, ortodoxa) e judia. Pelo emprego de critérios descritivos, entendemos limitar-nos a uma visualização dos fenómenos culturais, seja qual for a carga teológica que comportam.

Uma enumeração contínua, colocada à frente dos títulos, facilita a sua localização e consulta dos índices. Quando isso for necessário, será acrescentada a indicação de uma subdivisão geográfica suplementar: por exemplo em França, o número de departamento para as obras de interesse departamental ou local. Aos habituais índices onomásticos e topográficos acrescentaram-se os dos santos e dos nomes de Nossa Senhora, bem como um índice de classificações secundárias, porque permite aos investigadores que trabalham no tema, encontrar todas as obras que o tratam mesmo parcialmente. Enfim, pensou-se que seria útil anexar ao repertório a lista de centros de investigação, associações culturais, revistas e jornais atuais, bem como mapas do país (ou da região) considerado.

Cobrindo inicialmente o espaço francês, a pesquisa toma agora uma dimensão internacional. Em cada país aderente, as pesquisas são organizadas, em ligação com a direcção internacional, pelos responsáveis nacionais.

O repertório apresenta-se sob a forma de duas colecções complementares:

– para França, *La piété populaire en France. Répertoire bibliographique*, sous la direction de Bernard PLONGERON et Paule LEROU, publicado em fascículos abrangendo os espaços regionais, em que cada região guarda a sua identidade e a sua própria classificação.

– para os outros países, sob o título francês: *La piété populaire. Répertoire bibliographique*. Collection internationale dirigée par Bernard PLONGERON et Paule LEROU, a capa é redigida na própria língua de cada país. De um modo geral, as referências são dadas na língua original; os comentários são escritos na língua nacional, seguidos da tradução francesa.

Obedecendo, em todos os países, a critérios uniformizados (a mesma grelha, as mesmas normas de indicação bibliográfica, o mesmo tipo de comentário), o repertório permite estudos comparativos úteis, facilitados pela informatização geral dos dados.

Esta bibliografia não poderia ter nascido se não fosse uma obra colectiva em diversos graus, desde a direcção internacional à recolha local, passando pela coordenação nacional e regional.

BERNARD PLONGERON

Directeur de recherche au Centre national de la recherche scientifique

PAULE LEROU

Chargé de recherche au Centre national de la recherche scientifique

INTRODUCTION

LA COLLECTION

Longtemps on a parlé de “religion populaire” dans plusieurs colloques, dont le plus important, international et interdisciplinaire, se déroula à Paris, en 1977. Les discussions animées entre les spécialistes de disciplines différentes (historiens, sociologues, iconographes, ethnologues et théologiens) firent vite apparaître leurs désaccords, d’autant plus profonds que le problème des rapports sociaux entre élites et masses était au cœur du débat. La religion populaire n’était-elle qu’un produit des classes subalternes ? Et si tel était le cas, ne pouvait-elle être appréciée que par les élites (critiques et condamnations des “superstitions”), selon les époques ? Par ailleurs le même colloque international avait vu surgir deux conceptions antagonistes : la vision archéo-passéiste des Européens, proche du “folklore” souvent déprécié, et la vision dynamiste du Nouveau Monde pour lequel la religion populaire continue à vivifier les manifestations de la foi.

Dans ces conditions, tenter de trouver une définition de la religion populaire qui satisfasse tout le monde relevait de la gageure. Et même si d’aucuns s’en tinrent à considérer qu’elle recouvrait “ce qui est pratiqué et cru par le plus grand nombre, toutes classes sociales confondues”, il s’avérait que le concept de “religion populaire” trop ambigu, trop multiforme, trop “chargé” de considérations idéologiques contradictoires, ne conduisait pas à une méthodologie suffisamment sûre et opératoire.

Autant dire que cette tâche supposait la mise en œuvre d’une réflexion neuve dans un cadre précis. Elle incombait aux chercheurs du Groupement de recherches coordonnées d’histoire religieuse moderne et contemporaine du Centre national de la recherche scientifique (C.N.R.S.), qui en firent un objectif national et international, sous la forme d’un programme de longue durée intitulé : “La piété populaire du Moyen Âge à nos jours”. La dénomination “piété populaire” présente un double avantage. D’abord elle convient parfaitement à une

investigation de type historique, tout en continuant à faire appel à des champs interdisciplinaires, iconographie, musicographie, folklore (pris dans son sens étymologique) pouvant éclairer la connaissance des formes dévotionnelles, et, second avantage, l'expression consiste à ne porter aucun jugement de valeur sur les pratiques, us et coutumes. En marge des hypothèses d'école, il s'agit de rendre compte de ce que vit le peuple chrétien ou juif dans ses diverses expressions de la foi.

Demeurant délibérément dans le domaine du concret, les responsables de cette enquête veulent non pas produire, après tant d'autres, une "nouvelle synthèse", mais rassembler livres, articles de revues, thèses et travaux universitaires, ainsi que films et montages audiovisuels concernant la piété populaire. Un soin particulier est porté à la découverte des publications régionales et locales souvent méconnues des chercheurs, voire des spécialistes. Pourtant nul n'ignore combien des monographies au titre souvent modeste et peu évocateur peuvent contribuer, par la richesse de leur documentation, à la compréhension à la fois rigoureuse et générale d'une socio-géographie de la piété populaire.

Cette enquête nécessite la mise en place d'un réseau de chercheurs venant d'horizons différents de par leur formation, leur spécialité et leur fonction (professeurs, archivistes, bibliothécaires, membres de sociétés savantes, etc.). Elle veut doter la communauté scientifique d'un instrument de travail facilement utilisable, sous la forme d'un répertoire bibliographique thématique et raisonné. En effet, le classement par thèmes propres à la piété populaire permet un maniement commode et semble bien répondre aux intérêts divers des chercheurs. De plus, chaque ouvrage ou article est accompagné d'un descriptif qui en spécifie le contenu chronologique, géographique et méthodologique.

Les cadres sont établis de la manière suivante :

- dans l'espace, est définie une unité, généralement la région, qui corresponde grosso modo à une aire culturelle homogène;
- dans le temps, sont retenues les publications concernant la piété populaire de la fin du Moyen Âge à nos jours. Comme il n'était pas possible d'inventorier une littérature qui remonte au moins au début du XIXe siècle (elle est d'ailleurs souvent citée dans des ouvrages plus récents), il a paru préférable de s'attacher en priorité à l'évolution actuelle des travaux en ce domaine, depuis environ 1960 jusqu'à nos jours. Les ouvrages généraux sont rappelés en tête de chaque tome du répertoire.

La bibliographie répond aux critères d'une grille codée. Elle s'articule en thèmes: par exemple, A "méthodes, sources et problèmes", B "littérature de piété et prédication", C "lieux de culte", D "pèlerinages et cultes", etc. Ces thèmes sont détaillés en rubriques, par exemple, le thème H "objets de culte"

se subdivise en H1 “statues”, H2 “scènes sculptées, tableaux, icônes, vitraux”, H3 “bannières, bâtons de procession”, H4 “ex-voto, graffiti”, H5 “images pieuses”, H6 “objets de culte individuels”, H7 “reliques”. À l’intérieur des rubriques les titres sont classés par ordre alphabétique des auteurs suivis des anonymes. Une catégorie “0” (A0, B0, C0, etc.) permet de faire état des rares ouvrages dont le contenu rend impossible la référence à un des cas précis “1”, “2”, “3”, etc. Pour les publications à intérêt multiple, des renvois à d’autres rubriques peuvent être introduits ; ils sont placés entre parenthèses après le commentaire.

Le choix des thèmes et rubriques de la grille repose sur des données uniquement descriptives, qui correspondent aux différents aspects de la vie religieuse chrétienne (catholique, protestante, orthodoxe) et juive. Par l’emploi de critères descriptifs, nous entendons nous borner à une visualisation des phénomènes culturels quelle que soit la charge théologique dont ils sont porteurs.

Une numérotation continue, placée en tête des titres, facilite leur repérage et les renvois aux index. Quand cela est nécessaire, l’indication d’une subdivision géographique supplémentaire est ajoutée : par exemple en France, le numéro de département pour les ouvrages à intérêt départemental ou local. Aux habituels index onomastique et topographique ont été ajoutés ceux des saints et des titulatures de la Vierge, ainsi que celui des classements secondaires, car il permet aux chercheurs travaillant sur tel sujet de retrouver tous les ouvrages qui le traitent même partiellement. Enfin, il a semblé utile d’annexer au répertoire la liste des centres de recherches, sociétés savantes, revues et journaux actuels, ainsi que des cartes du pays (ou de la région) considéré.

Couvrant d’abord le champ français, cette entreprise prend désormais une dimension internationale. Dans chaque pays partenaire, les recherches sont organisées, en liaison avec la direction internationale, par des responsables nationaux.

Le répertoire se présente sous la forme de deux collections complémentaires:

- pour la France, *La piété populaire en France*. Répertoire bibliographique, sous la direction de Bernard PLONGERON et Paule LEROU, qui paraît par fascicules embrassant des espaces régionaux à l’intérieur desquels chaque région garde son identité et son classement propre.
- pour les autres pays, sous un bandeau en français : *La piété populaire*. Répertoire bibliographique. Collection internationale dirigée par Bernard Plongeront et Paule Lerou, la couverture est rédigée dans la langue propre à chaque pays. D’une façon générale, les références sont données dans la langue originale ; les commentaires sont écrits dans la langue nationale, puis traduits en français.

Obéissant, dans tous les pays, à des critères uniformisés (même grille, mêmes normes de références, même type de commentaires), le répertoire permet d'utiles études comparatives, facilitées par l'informatisation générale des données.

Cette bibliographie ne pourrait voir le jour si elle n'était une œuvre collective à des degrés divers, allant de la direction internationale à la collecte locale, en passant par la coordination nationale et régionale.

GRELHA TEMÁTICA

A – MÉTODO, FONTES E PROBLEMAS

- A1 Métodos de estudo da piedade popular
- A2 Problemas das fontes escritas
- A3 Problemas das fontes orais
- A4 Problemas das fontes iconográficas
- A5 Relações entre o popular e o clero
- A6 Obras gerais de interesse nacional, regional, local
- A0

B – LITERATURA DE PIEDADE E PREGAÇÃO

- B1 Literatura de piedade
- B2 Hagiografia e sua difusão
- B3 Orações
- B4 Cânticos
- B5 Pregação, catequese, missões
- B6 Mártires e justos, não canonizados, reconhecidos pelo povo
- B0

C – LUGARES DE CULTO (PARÓQUIAS, TEMPLOS, SINAGOGAS)

- C1 Igreja paroquial (edifício, titular, padroeiro, altares)
- C2 Capelas, santuários, mosteiros, conventos, oratórios, edículas
- C3 Fontes
- C4 Espaço sagrado
- C5 Vida paroquial
- C6 Cruzes, calvários, colunas sagradas
- C7 – Cemitérios
- C0

D – PEREGRINAÇÕES E CULTOS

- D1 Caminhos de peregrinação (sobretudo locais)
- D2 Peregrinações e culto mariano
- D3 Outras peregrinações e cultos
- D4 Peregrinações e culto dos santos
- D5 Práticas nas peregrinações
- D6 Reuniões populares de associações
- D0

E – FESTAS POPULARES E LINGUAGEM GESTUAL

- E1 Festas litúrgicas (Páscoa, Natal...)
- E2 Festas do padroeiro
- E3 Procissões, itinerários processionais, representações sagradas
- E4 Festas e práticas da vida religiosa individual e familiar (baptismo, casamento, morte, testamentos...)
- E5 Práticas marginais (feitiçaria, malefícios...)
- E6 Outras práticas (ditas folclóricas)
- E0

F – MILAGRES

- F1 Ligados à natureza (elementos naturais, animais...)
- F2 Ligados ao sagrado (sacramentos, objectos sagrados...)
- F3 Ligados ao homem (curas...)
- F4 Videntes e “profetas”
- F0

G – CONFRARIAS, IRMANDADES, ASSOCIAÇÕES E SEUS COSTUMES

- G1 De devoção
- G2 De caridade
- G3 De penitentes
- G4 De officios
- G0

H – OBJECTOS DE CULTO

- H1 Imagens
- H2 Cenas esculpidas, pinturas, ícones, vitrais
- H3 Bandeiras, bastões de procissão
- H4 Ex-votos, graffiti
- H5 Imagens sagradas em papel (santinhos, pagelas...)
- H6 Objectos de culto individuais (terços, medalhas...)
- H7 Relíquias
- H0

I – ICONOCLASTIA

- I1 Causada por guerras e exércitos
- I2 Causada por uma oposição religiosa (Reforma...)
- I3 Causada por uma oposição política ou ideológica (revoluções...)
- I4 Causada pela autoridade religiosa (“indecência”, representações consideradas como impróprias para o culto)
- I5 Iconoclastia individual
- I0

GRILLE THÉMATIQUE

A – MÉTHODE, SOURCES ET PROBLÈMES

- A1 Méthodes d'étude de la piété populaire
- A2 Problèmes des sources écrites
- A3 Problèmes des sources orales
- A4 Problèmes des sources iconographiques
- A5 Rapport du populaire et des clercs
- A6 Ouvrages généraux d'intérêt national, régional, local
- A0

B – LITTÉRATURE DE PIÉTÉ ET PRÉDICATION

- B1 Littérature de piété
- B2 Hagiographie et sa diffusion
- B3 Prières
- B4 Cantiques
- B5 Prédication, catéchèse, missions
- B6 Martyrs et justes, non canonisés, reconnus par le peuple
- B0

C – LIEUX DE CULTE (PAROISSES, TEMPLES, SYNAGOGUES)

- C1 Église paroissiale (bâtiment, titulaire, patron, autels)
- C2 Chapelles, sanctuaires, monastères, couvents, oratoires, édifices
- C3 Fontaines
- C4 Espace sacré
- C5 Vie paroissiale
- C6 Croix, calvaires, colonnes sacrées
- C7 Cimetières
- C0

D – PÈLERINAGES ET CULTES

- D1 Routes de pèlerinage (surtout locales)
- D2 Pèlerinages et culte mariaux
- D3 Autres pèlerinages et cultes
- D4 Pèlerinages et culte des saints
- D5 Pratiques dans les pèlerinages
- D6 Rassemblements populaires des associations
- D0

E – FÊTES POPULAIRES ET GESTUAIRE

- E1 Fêtes liturgiques (Pâques, Noël...)
- E2 Fêtes patronales

E3 Processions, itinéraires processionnels, représentations sacrées

E4 Fêtes et pratiques de la vie religieuse individuelle et familiale (baptême, mariage, mort, testaments...)

E5 Pratiques en marge (sorcellerie, maléfices...)

E6 Autres pratiques (dites folkloriques)

E0

F – MIRACLES

F1 Liés à la nature (éléments naturels, animaux...)

F2 Liés au sacré (sacrements, objets sacrés...)

F3 Liés à l'homme (guérisons...)

F4 Visionnaires et "prophètes"

F0

G – CONFRÉRIES, ASSOCIATIONS ET LEURS COUTUMES

G1 De dévotion

G2 De charité

G3 De pénitents

G4 De métiers

G0

H – OBJETS DE CULTE

H1 Statues

H2 Scènes sculptées, peintures, icônes, vitraux

H3 Bannières, bâtons de procession

H4 Ex-voto, graffiti

H5 Images pieuses

H6 Objets de culte individuels (chapelets, médailles...)

H7 Reliques

H0

I – ICONOCLASME

I1 Du fait des guerres et des gens de guerre

I2 Du fait d'une opposition religieuse (Réforme...)

I3 Du fait d'une opposition politique ou idéologique (révolutions...)

I4 Du fait de l'autorité religieuse ("indécence", représentations considérées comme impropres au culte...)

I5 Iconoclasme individuel

I0

BIBLIOGRAFIA SUMÁRIA DE OBRAS GERAIS

PORTUGAL

1 – Obras recentes sobre piedade popular

DELARUELLE (Étienne), *La piété populaire au Moyen Âge*, Turin, Bottega d'Erasmus, 1975, 561 p.

DE LUCA (Giuseppe), *Introduzione alla storia della pietà*, Roma, Edizioni di storia e letteratura, 1962, 185 p.; traduction française, *La piété. Approche historique*, préface de VAUCHEZ (André), introduction de GOICHOT (Émile), Paris, Letouzey & Ané, 1995, 172 p.

DELUMEAU (Jean), *Le christianisme va-t-il mourir?*, Paris, Hachette, 1977, 316 p.; tradução portuguesa, *O cristianismo vai morrer?*, Amadora, Bertrand, 1978, 195 p.

ESPÍRITO SANTO (Moisés do), *A religião popular portuguesa*, Lisboa, Assírio e Alvim, 1990, 247 p.

ESTEVES (António Joaquim), *Religião popular: formas e limites do seu poder constituinte*, Braga, Oficina Gráfica Barbosa e Xavier, 1977, 118 p.

MANSELLI (Raoul), *La religion populaire au Moyen Âge. Problèmes de méthode et d'histoire*, Montréal-Paris, Institut d'études médiévales Albert-le-Grand – Vrin, 1975, 234 p.

PANTEGHINI (Giacomo), *La religiosità popolare. Provocazioni culturali ed ecclesiali*, Padova, Messagero, 1996, 251 p.

Le christianisme populaire. Les dossiers de l'histoire, sous la direction de PLONGERON (Bernard) et PANNET (Robert), Paris, Le Centurion, 1976, 315 p.

“Devozioni e pietà popolare fra Seicento e Settecento: il ruolo delle congregazioni e degli ordini religiosi”, a cura di NANNI (Stefania), *Dimensioni e problemi della ricerca storica*, 2, 1994, 290 p.

“Piedade popular”, coordenação de CASTRO (Zília Osório de), PEREIRA (Sara Marques), *Cultura. Revista de Cultura e Teoria das Ideias*, vol. X, 1998, p. 11-396, il.

La “religione popolare”. *Tre interpretazioni: la cattolica, la protestante, la sociologica*, a cura di AGNOLETTI (Attilio), Milano, Istituto Propaganda Libreria, 1991, 316 p.

- “Religioni delle classi popolari”, a cura di GINZBURG (Carlo), *Quaderni storici*, anno XIV, n. 41, 1979, p. 393-697.
- “Religion populaire”, *Le Monde alpin et rhodanien*, n.º 1-4, 1977, 372 p.
- La religion populaire. Aspects du christianisme populaire à travers l’histoire*, textes réunis par HILAIRE (Yves-Marie), Lille, P.U.L., 1981, 210 p.
- La religion populaire dans l’Occident chrétien. Approches historiques*, sous la direction de PLONGERON (Bernard), Paris, Beauchesne, 1976, 237 p.
- “Religion populaire et réforme liturgique”, *La Maison-Dieu*, n.º 122, 1976, 192 p.
- “La religion populaire. Problèmes de définition et de méthode”, sous la direction de CHÂTELLIER (Louis), *Annales de l’Est*, n.º 2, 1987, 160 p.
- La religiosidad popular*, SANTALÓ (C. Alvarez), BUXÓ (Maria Jesus), BECERRA (S. Rodriguez), coordinadores. I. *Antropología y historia*, II. *Vida e muerte: la imaginación religiosa*, III. *Hermandades, romerías y santuarios*, Barcelona – Sevilla, Anthropos Editorial del Hombre-Fundación Machado, 1989, 3 volúmenes, 621-637-669 p.
- “Religiosidade popular”, *Studium Generale. Estudos Contemporâneos*, n.º 6, 1984, 244 p.
- La religiosità popolare nel Medio Evo*, a cura di MANSELLI (Raoul), Bologna, Il Mulino, 1983, 316 p.
- “O sagrado e o profano”, *Revista de História das Ideias*, n.º 8, 1986 e n.º 9, 1987, 714-519 p.

2 – Colóquios internacionais e nacionais sobre piedade popular

- La culture populaire au Moyen Âge*, études présentées au colloque de l’Institut d’études médiévales de l’université de Montréal, avril 1977, sous la direction de BOGLIONI (Pierre), Montréal, Univers, 1979, 270 p.
- Evangelizzare e lasciarsi evangelizzare dalla pietà popolare*, atti del convegno organizzato dal “Messaggero di sant’Antonio” e dalla Facoltà teologica dell’Italia settentrionale, Sezione di Padova, 16-17 febbraio 1995, Padova, Messaggero, 1996, 184 p.
- “Piedade popular”, Mesa redonda, Lisboa, Centro de História da Cultura da Universidade Nova de Lisboa, 24 de Junho de 1994, *Cultura. Revista de História e Teoria das Ideias*, vol. VIII, 1996, p. 215-277.
- Piedade popular. Sociabilidades, representações, espiritualidades*, actas do colóquio internacional, Lisboa, 1998, Lisboa, Terramar – Centro de História da Cultura – Departamento de História das Ideias – Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da U.N.L., 1999, 619 p., il.
- La piété populaire*, actes du 99e Congrès national des Sociétés savantes, Besançon, 1974, section de philologie et d’histoire jusqu’en 1610, tome I, *La piété populaire au Moyen Âge*, Paris, Bibliothèque nationale, 1977, 473 p.; section Histoire moderne et contemporaine, t. I, *La piété populaire de 1610 à nos jours*, Paris, Bibliothèque nationale, 1976, 384 p.
- “Religione e religiosità popolare”, atti della tavola rotonda internazionale, Vicenza, 25-26 ottobre 1977, *Ricerche di storia sociale e religiosa*, anno VI, n. 11, 1977, p. 5-380.

La religion populaire, sous la direction de DUBOSCQ (Guy), PLONGERON (Bernard), ROBERT (Daniel), colloque international du Centre national de la recherche scientifique, n.º 576, Paris, Musée des arts et traditions populaires, octobre 1977, Paris, C.N.R.S., 1979, 450 p.

Les religions populaires : colloque international 1970, sous la direction de LACROIX (Benoît) et BOGLIONI (Pierre), Québec, Les Presses de l'université Laval, 1972, 151 p.

La società religiosa nell'età moderna, atti del convegno studi di storia sociale e religiosa, Capaccio-Paestum, 18-21 maggio 1972, a cura di MALGERI (Francesco), Napoli, Guida, 1973, 1086 p.

La vie religieuse des élites et des masses dans la chrétienté au XVe siècle, entre le Moyen Âge et l'époque moderne, Commission internationale d'histoire ecclésiastique comparée, Varsovie, juin 1978.

3 – Obras gerais com indicações sobre piedade popular

ABELHO (Azinhal), *Teatro popular português*, Braga, Editora Pax, 1968-1973, 6 volumes, 404-412-247-398-407-417 p.

AZEVEDO (Carlos A. Moreira), Bibliografia para a história da Igreja em Portugal (1961-1984)", *Humanística e Teologia*, t. II, fasc. 1, 1981, p. 91-112; t. II, fasc. 2, 1981, p. 203-238; t. III, fasc. 1, 1982, p. 99-115; t. III, fasc. 2, 1982, p. 195-232; t. V, fasc. 1, 1984, p. 109-133, t. V, fasc. 2, 1984, p. 235-278; t. VI, fasc. 2, 1985, p. 230-248; t. VI, fasc. 3, 1985, p. 337-387; t. VIII, fasc. 2, 1987, p. 217-258; t. VIII, fasc. 3, 1987, p. 335-390; t. X, fasc. 2, 1989, p. 235-256; t. X, fasc. 3, 1989, p. 369-402; t. XI, fasc. 1, 1990, p. 95-134.

COCCHIARA (Giuseppe), *Storia del folklore in Europa*, Torino, Boringhieri, 1971, 622 p.

DELUMEAU (Jean), *Le catholicisme entre Luther et Voltaire*, Paris, P.U.F., 1971; 2e édition, 1978, 374 p.

DELUMEAU (Jean), *Le péché et la peur. La culpabilisation en Occident (XIIIe-XVIIIe siècles)*, Paris, Fayard, 1983, 740 p.

DELUMEAU (Jean), *La peur en Occident (XVIe-XVIIIe siècles)*, Paris, Fayard, 1978, 485 p. ; tradução portuguesa, *O medo no Ocidente. Uma cidade sitiada*, São Paulo, Companhia das Letras, 1989, 471 p.

DELUMEAU (Jean), *Rassurer et protéger. Le sentiment de sécurité dans l'Occident d'autrefois*, Paris, Fayard, 1989, 667 p.

DELUMEAU (Jean), *Un chemin d'histoire. Chrétienté et christianisation*, Paris, Fayard, 1981, 286 p.

DELUMEAU (Jean), *Une histoire du paradis*. Paris, Fayard, 1 – *Le jardin des délices*, 1992, 358 p.; tradução portuguesa, *Uma história do Paraíso. O jardim das delícias*, Lisboa, Terra Mar, 1994, 327 p.; 2 – *Mille ans de bonheur*, 1995, 493 p.; *Mil anos de felicidade*, Lisboa, Terra Mar, 1997, 527 p.

DE MARTINO (Ernesto), *Storia e metastoria. I fondamenti di una teoria del sacro*, a cura di MASSENZIO (Marcello), Lecce, Argo, 1995, 182 p.

- DUPRONT (Alphonse), *Du sacré. Croisades et pèlerinages. Images et langages*, Paris, Gallimard, 1987, 541 p.
- FRANÇA (Luís de), *Comportamento religioso da população portuguesa*, Lisboa, Morais Editores, 1981, 163 p.
- MANDROU (Robert), *De la culture populaire aux XVIIe et XVIIIe siècles. La bibliothèque bleue de Troyes*, nouvelle édition, Paris, Stock, 1975, 234 p.
- PLONGERON (Bernard), *Religion et sociétés en Occident (XVe-XXe siècles). Recherches françaises et tendances internationales 1973-1981*, nouvelle édition revue et augmentée, Paris, C.N.R.S. – C.D.S.H., 1982, 319 p.
- RAPP (Francis), *L'Église et la vie religieuse en Occident à la fin du Moyen Âge*, Paris, P.U.F., 1971, 381 p.
- SCHMITT (Jean-Claude), *Religione, folklore e società nell'Occidente medievale*, Roma – Bari, Laterza, 1988, 312 p.
- TAVARES (Maria José Pimenta Ferro), *Os judeus em Portugal no século XV*, Lisboa, Universidade Nova de Lisboa – Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, 1980, vol. I, 535 p.; Lisboa, Instituto Nacional de Investigação Científica, 1984, vol. II, 940 p.
- Congresso internacional de história. Missionaçãõ portuguesa e encontro de culturas: actas*, Braga, Universidade Católica Portuguesa – Faculdade de Teologia, 1993, 4 volumes, 714-728-709-498 p.
- Dicionário de história religiosa de Portugal*, direcção de AZEVEDO (Carlos Moreira), Lisboa, Círculo de Leitores, 2000-2001, 4 volumes (A-C, C-I, J-P, Q-V), 406-479-473-632 p., il.
- Ethnologie du Portugal: unité et diversité*, actes du colloque, Paris 12-13 mars 1992, publiés sous la direction de CALLIER-BOISVERT (Colette), Paris, Centre Culturel Calouste Gulbenkian, 1994, 306 p., il.
- Histoire du christianisme des origines à nos jours*, sous la direction de MAYEUR (Jean-Marie), PIETRI (Charles), VAUCHEZ (André), VENARD (Marc), Paris, Desclée: t. VI, *Un temps d'épreuves (1274-1449)*, sous la responsabilité de MOLLAT du JOURDIN (Michel) et VAUCHEZ (André), 1986, 945 p.; t. VII, *De la Réforme à la réformation (1450-1530)*, sous la responsabilité de VENARD (Marc), 1994, 926 p.; t. VIII, *Le temps des Confessions (1530-1620/30)* sous la responsabilité de VENARD (Marc), 1992, 1236 p.; t. X, *Les défis de la modernité (1750-1840)*, sous la responsabilité de PLONGERON (Bernard), 1997, 1002 p.; t. XI, *Libéralisme, industrialisation et expansion européenne (1840-1914)*, sous la responsabilité de GADILLE (Jacques) et MAYEUR (Jean-Marie), 1995, 1172 p.; t. XII, *Guerres mondiales et totalitarisme (1914-1958)*, sous la responsabilité de MAYEUR (Jean-Marie), 1990, 1149 p., t. XIII, *Crises et renouveau (de 1958 à nos jours)*, sous la responsabilité de MAYEUR (Jean-Marie), 2000, 794 p.
- Histoire vécue du peuple chrétien*, sous la direction de DELUMEAU (Jean), Toulouse, Privat, 2 volumes, 942 p.
- História religiosa de Portugal*, direcção de AZEVEDO (Carlos Moreira), Lisboa, Círculo de Leitores, 2000, 2 volumes, 542-700, il.

Pratiques religieuses, mentalités et spiritualités dans l'Europe révolutionnaire (1770-1820), actes du colloque GRECO n.º 2 du C.N.R.S., Chantilly, 27-29 novembre 1986, réunis par LEROU (Paule) et DARTEVELLE (Raymond), sous la direction de PLONGERON (Bernard), Turnhout, Brepols, 1988, 777 p.

La religion civique à l'époque médiévale et moderne (Chrétienté et Islam), actes du colloque organisé par le Centre de recherche "Histoire sociale et culturelle de l'Occident, XIIIe-XVIIIe siècle" de l'Institut universitaire de Paris X-Nanterre et l'Institut universitaire de France, Nanterre, 21-23 juin 1993, sous la direction de VAUCHEZ (André), Rome, École française de Rome, 1995, 571 p.

Tradições, coordenação de BRITO (Joaquim Pais de), Lisboa, Pomo, 1991, 213 p.

4 – Obras sobre temas particulares

ANTONAZZI (Giovanni), *Maria Dignitas Terrae. Saggio storico-letterario sulla pietà mariana*, Brescia, Morcelliana, 1996, 405 p.

ARIÈS (Philippe), *Essai sur l'histoire de la mort en Occident du Moyen Âge à nos jours* Paris, Le Seuil, 1975, 226 p.; tradução portuguesa, *Sobre a história da morte no Ocidente desde a Idade Média*, Lisboa, Teorema, 1988, 190 p.

ARIÈS (Philippe), *L'homme devant la mort*, Paris, Le Seuil, 1977, 642 p.; tradução portuguesa, *O homem perante a morte*, Mem Martins, Publicações Europa-América, 1988, 2 volumes, 340-372 p.

ARIÈS (Philippe), *Images de l'homme devant la mort*, Paris, Le Seuil, 1983, 280 p.

BETHENCOURT (Francisco), *O imaginário da magia. Feiticeiras, saladores e nigromantes no século XVI*, Lisboa, Centro de Estudos da Cultura Portuguesa – Projecto Universidade Aberta, 1987, 310 p.

AZEVEDO (Carlos Moreira), *Estudos de iconografia cristã*, Vila Nova de Gaia, Fundação Manuel Leão, 2016, 328, [2] p., il.

BARARDO (Maria do Rosário), *Santuários de Portugal: caminhos da fé*, Prior Velho, Paulinas, 2015, 684 p., il.

BETHENCOURT (Francisco), *História das Inquisições*, Lisboa, Círculo de Leitores, 1994, 400 p.

BOUZA ALVAREZ (Jose Luís), *Religiosidad contrarreformista y cultura simbólica del Barroco*, Madrid, Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1990, 484 p.

CARDINI (Franco), *Magia, stregoneria, superstizioni nell'Occidente medievale*, Firenze, La Nuova Italia, 1979, 241 p.

CARO BAROJA (Julio), *Las brujas y su mundo*, Madrid, Alianza Editorial, 1984, 382 p.; tradução portuguesa, *As bruxas e seu mundo*, Lisboa, Vega, 1978, 259 p.

CARO BAROJA (Julio), *El estio festivo, fiestas populares del verano*, Madrid, Taurus, 1984, 287 p.

- CARVALHEIRA (José do Vale), *Nossa Senhora na história e devoção do povo português*, São Mamede de Infesta, Lito Oficinas Artistas Reunidos, 1988, 261 p.
- CASAGRANDE (Giovanna), *Religiosità penitenziale e città al tempo dei comuni*, Roma, Istituto Storico dei Cappuccini, 1995, 511 p.
- CATROGA (Fernando), *O Céu da memória: cemitério romântico e culto cívico dos mortos em Portugal (1756-1911)*, Coimbra, Minerva, 1999, 367 p.
- CHÂTELLIER (Louis), *La religion des pauvres. Les missions rurales en Europe et la formation du catholicisme moderne, XVIe-XIXe siècle*, Paris, Aubier, 1993, 351 p.; tradução portuguesa, *A religião dos pobres. As missões rurais na Europa e a formação do catolicismo moderno, séculos XVI-XIX*, Lisboa, Estampa, 1995, 279 p.
- DI NOLA (Alfonso M.), *La morte trionfata. Antropologia del lutto*, Roma, Newton Compton, 1995, 351 p.
- DI NOLA (Alfonso M.), *La nera signora. Antropologia della morte*, Roma, Newton Compton, 1995, 416 p.
- FEIJÓ (Rui), MARTINS (Hermínio), CABRAL (João de Pina), *A morte no Portugal contemporâneo. Aproximações sociológicas, literárias e históricas*, Lisboa, Quercus, 1985, 215 p.
- GIL (Júlio), CALVET (Nuno), *Nossa Senhora de Portugal: santuários marianos*, Lisboa, Intermezzo, 2003, 459 p., il.
- GINZBURG (Carlo), *Storia notturna. Una decifrazione del sabba*, Torino, Einaudi, 1989, 319 p.; tradução portuguesa, *História nocturna. Uma decifração do Sabat*, Lisboa, Relógio de Água, 1995, 377 p.
- ISAMBERT (François-André), *Le sens du sacré. Fête et religion populaire*, Paris, Éditions de Minuit, 1982, 314 p.
- JIMENEZ del OSO (Fernando), *Streghe. Le amanti del diavolo*, Milano, Fenice 2000, 1995, 190 p.
- LEBRUN (François), *Se soigner autrefois. Médecins, saints et sorciers aux XVIIe et XVIIIe siècles*, Paris, Temps actuels, 1983, 206 p.
- LE GOFF (Jacques), *La naissance du Purgatoire*, Paris, Gallimard, 1981, 516 p.; tradução portuguesa, *O nascimento do Purgatório*, Lisboa, Estampa, 1993, 448 p.
- REIS (Jacinto dos), *Invocações de Nossa Senhora em Portugal de aquém e de além-mar e seu padroado*, Lisboa, União Gráfica, 1967, 656 p.
- SALADO MARTINEZ (Domingo), *La religiosidad mágica: estudio crítico fenomenológico sobre a interferencia magia-religión*, Salamanca, Editorial San Esteban, 1980, 388 p.
- SANCHIS (Pierre), *Arraial, festa de um povo. As romarias portuguesas*, Lisboa, Publicações D. Quixote, 1992, 345 p.; traduction française, *Arraial, la fête d'un peuple. Les pèlerinages populaires au Portugal*, Paris, Éditions de l'École des hautes études en sciences sociales, 1997, 434 p.
- SCHREINER (Klaus), *Maria, Jungfrau, Mutter, Herrscherin*, München, Hanser Verlag, 1994, 497 p.

- SOUSA (Ivo Carneiro de), *A Rainha D. Leonor (1458-1525) : poder, misericórdia, religiosidade e espiritualidade no Portugal do Renascimento*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, Fundação para a Ciência e Tecnologia, 2002, 993 p., il., mapas, plantas, gráfico.
- VAUCHEZ (André), *La sainteté en Occident aux derniers siècles du Moyen Âge d'après les procès de canonisation et les documents historiques*, Rome, École française de Rome, 1981, 766 p.
- VOVELLE (Michel), *La mort et l'Occident de 1300 à nos jours*, Paris, Gallimard, 1983, 793 p.
- VOVELLE (Michel), *Mourir autrefois. Attitudes collectives devant la mort aux XVIIe et XVIIIe siècles*, Paris, Gallimard – Julliard, 1974, 252 p.
- Atitudes perante a morte*, coordenado por COELHO (António Matias), Coimbra, Livraria Minerva, 1991, 247 p.
- Las cofradías de la Santa Vera Cruz*, Actas del I Congreso Internacional de Cofradías de la Santa Vera Cruz, Sevilla, 19-22 de marzo de 1992, dirigido por SÁNCHEZ HERRERO (José), Sevilla, CEIRA-4 (Centro de Estudios e Investigación de la Religiosidad Andaluza), 1995, 808 p.
- Colóquio antoniano. Na comemoração do 750.º aniversário de Santo António de Lisboa*, Lisboa, Junho de 1982, Lisboa, Câmara Municipal, 1982, 227 p.
- Congresso internacional. Pensamento e testemunho. 8.º Centenário do nascimento de Santo António*, Braga, Universidade Católica Portuguesa – Família Franciscana Portuguesa, 1996, 2 volumes, 664-660 p.
- Culto dei santi, istituzioni e classi sociali in età preindustriale*, a cura di BOESCH GAJANO (Sofia) e SEBASTIANI (Lucia), L'Aquila – Roma, Japadre, 1984, 995 p.
- “Festas e Romarias”, Mesa Redonda, Lisboa, Centro de História da Cultura da Universidade Nova de Lisboa, 16 de Novembro de 1995, *Cultura. Revista de História e Teoria das Ideias*, vol. IX, 1997, p. 341-421, il.
- La devozione antoniana nei cinque continenti. Chiese e santuari dedecati al santo di Padova*, a cura di SEGAFREDDO (Luciano), Padova, Messagero, 197 p.
- Histoire des saints et de la sainteté chrétienne*, Paris, Hachette: t. VII, *Une Église éclatée (1275-1545)*, sous le direction de VAUCHEZ (André), 1987, 287 p.; t. VIII, *Les saintetés chrétiennes (1546-1714)*, sous la direction de DELUMEAU (Jean), 1987, 303 p.; t. IX, *Vers une sainteté universelle (1715 à nos jours). Les Lumières (1715-1826). Sainteté pour un siècle réputé “philosophique”*, sous la direction de PLONGERON (Bernard), 1987, 286 p.; t. X, *Vers une sainteté universelle (1715 à nos jours). La sainteté et les saints dans le monde contemporain*, sous la direction de SAVART (Claude), 1988, 287 p., tables et index.
- Iconographie et histoire des mentalités*, Paris, Éditions du Centre national de la recherche scientifique, 1979, 189 p.

- Inquisição. Comunicações apresentadas ao 1.º congresso luso-brasileiro sobre a Inquisição*, Lisboa, 12-20 de Fevereiro de 1987, Lisboa Sociedade Portuguesa de Estudos do Século XVIII – Universidade Editora, 1990, 3 volumes, 1500 p.
- Luoghi sacri e spazi della santità*, a cura di BOESCH GAJANO (Sofia) e SCARAFFIA (Lucetta), Torino, Rosenberg & Sellier, 1990, 635 p.
- “Les miracles, guérisons, apparitions, stigmates”, *Historia*, n.º 394, 1979, 126 p.
- Les miracles, miroirs des corps*, sous la responsabilité de GÉLIS (Jacques) et REDON (Odile), Saint-Denis, Presses de l’université de Paris VIII – Vincennes, 1983, 227 p.
- Maria nos caminhos da Igreja*, Semana de estudos teológicos da Universidade Católica Portuguesa, 8-12 de Fevereiro de 1988, Lisboa, Editorial Verbo, 1991, 217 p.
- Modelli di santità e modelli di comportamento*, a cura di BARONE (Giulia), CAFFIERO (Marina), SCORZA BARCELLONA (Francesco), Torino, Rosenberg & Sellier, 1995, 446 p.
- La mort aujourd’hui*, Marseille, Rivages, 1982, 181 p.
- Le mouvement confraternel au Moyen Âge. France, Italie, Suisse*, actes de la table ronde, Lausanne, 9-11 mai 1985, Rome, École française de Rome – Université de Lausanne, 1987, 420 p.
- Peregrinação e piedade popular*, Cadernos da Pastoral 3, Lisboa, Secretariado Geral do Episcopado, 1988, 114 p.
- Portugaliae Monumenta Misericordiarum*, coordenação científica de PAIVA (José Pedro), Lisboa, União das Misericórdias Portuguesas, 2002, vol. I Fazer a história da Misericórdias, 385 p., il., quadros, gráficos.
- La Première Communion. Quatre siècles d’histoire*, sous la direction de DELUMEAU (Jean), Paris, Desclée De Brouwer, 1987, 313 p.
- Religiosidade popular e educação da fé*, Cadernos da Pastoral 2, Lisboa, Secretariado Geral do Episcopado, 1987.
- Rendre ses vœux. Les identités pèlerines dans l’Europe moderne (XVIe-XVIIIe siècle)*, sous la direction de BOUTRY (Philippe), FABRE (Pierre-Antoine), JULIA (Dominique), Paris, Éditions de l’École des hautes études en sciences sociales, Paris, 2000, 588 p., il.
- Romarias I, um inventário dos santuários de Portugal; Romarias II, um inventário dos santuários de Portugal*, texto de VASCONCELOS (João), Lisboa, Olhapim, 1996-1998, 453 p., il.
- Saint-Jacques de Compostelle*, par DUPRONT (Alphonse) et alii, Turnhout, Brepols, 1985, 256 p.
- Santuário de N.ª S.ª da Penha. Simpósio mariológico: actas*, Braga, Universidade Católica Portuguesa – Irmandade de N.ª S.ª do Carmo da Penha, 1994, 237 p., il.
- Teatro popular y magia*, Madrid, Reviste Occidente, 1974, 280 p.
- I Congresso internacional do Barroco: actas*, Porto, Reitoria da Universidade do Porto-Governo Civil do Porto, 1991, 2 volumes, 552-652 p.

II Congresso internacional do Barroco: actas, Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2003, 703 [6] p., il.

“II Colóquio internacional de simbologia. Os impérios do Espírito Santo na simbologia do império”, organizado pelo Instituto Histórico da Ilha Terceira com a colaboração do Centre de la recherche sur l’imaginaire (Paris), *Boletim do Instituto Histórico da Ilha Terceira*, vol. XLIII, t. 1, 1985, 289 p.

IV Centenário da morte de D. Frei Bartolomeu dos Mártires. Congresso internacional. actas, Fátima, Movimento Bartolomeano, 1994, 740 p.

VIII Congresso internacional A festa: actas, Lisboa Sociedade Portuguesa de Estudos do século XVIII, Lisboa, Universitária Editora, 1992, 3 volumes, 1210 p.

5 – Revistas nacionais contendo artigos sobre a piedade popular

Anais, Academia Portuguesa de História, Largo da Rosa, n.º 5, 1.º, 1100 Lisboa.

Anais Universitários, Universidade da Beira Interior, Rua Marquês d’Ávila e Bolama, 6200 Covilhã.

Arquipélago: Revista da Universidade dos Açores (História), Universidade dos Açores, 9502 Ponta Delgada codex.

Arquivo do Centro Cultural Português, Lisboa – Paris, Fundação Calouste Gulbenkian, Avenida de Berna, 1093 Lisboa codex.

Arquivo Histórico Dominicano, Praça D. Afonso V, 4100 Porto.

ArtisON, <http://artison.letras.ulisboa.pt/index.php/ao/issue/view/N%201%20%282015%29> a 29 de Novembro de 2020).

Artis, Revista do Instituto de História da Arte da Faculdade de Letras de Lisboa, Alameda da Universidade, 1600-214 Lisboa.

Brotéria. Revista de Cultura, Brotéria – Associação Cultural e Científica, Rua Mestre António Taborda, n.º 14, 1200 Lisboa.

Cadernos de História da Arte, <http://cad.fl.ul.pt/index.php/Cadharte/index> (consultados em 29-11-2020)

Cadernos do Noroeste, Centro de Ciências Históricas e Sociais da Universidade do Minho, Campus de Gualtar, P-4719 Braga codex.

Carmelo Lusitano, Centro de Estudos da Ordem do Carmo, Rua de Santa Isabel, n.º 128, 1200 Lisboa.

Cenáculo. Revista dos Alunos da Faculdade de Teologia, Seminário Conciliar de Braga, 4709, Braga.

Clio: Revista do Centro de História da Universidade de Lisboa, Centro de História da Universidade de Lisboa, 1699 Lisboa codex.

Communio, Revista Internacional Católica, Biblioteca Universitária João Paulo II, Palma de Cima, 1600 Lisboa.

- Cultura. Revista de História e Teoria das Ideias*, Centro de História da Cultura da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Avenida de Berna, n.º 26 C, 1050-061 Lisboa.
- Didaskalia*, Revista da Faculdade de Teologia de Lisboa, Palma de Cima, 1600 Lisboa.
- Eborensia*, Instituto Superior de Teologia, Apartado 4, 7009 Évora codex.
- Educação e Tecnologia*, Revista do Instituto Politécnico da Guarda, Serviços Centrais do I.P.G., Av. Dr. Francisco Sá Carneiro, n.º 50, 6300 Guarda.
- Estudos Aveirenses. Revista Semestral do ISCA* (Instituto Superior de Ciências da Informação e da Administração), Fedrave – Fundação para o Estudo e Desenvolvimento da Região de Aveiro, R. João Mendonça, n.º 17, 2.º, Apartado 292, 3800 Aveiro.
- Forum Sociológico*, Revista do Instituto de Estudos e Divulgação Sociológicos (I.E.D.S.), Departamento de Sociologia da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da U.N.L., Avenida de Berna, n.º 26 C, 1050 Lisboa.
- Forum*, Conselho Cultural da Universidade do Minho, Largo do paço, 4704-533 Braga.
- Humanística e Teologia*, Faculdade de Teologia do Porto, Rua Diogo Botelho, n.º 1327, 4000 Porto.
- Igreja e Missão*, revista missionária de cultura e atualidade, Sociedade Portuguesa das Missões Católicas Ultramarinas ou Sociedade Missionária da Boa Nova, Seminário da Boa Nova, Apartado 3724 – Oliveira de Azeméis codex.
- Invenire: Revista de Bens Culturais da Igreja*, Quinta do Bom Pastor, Estada da Buraca, n.º 8-12, 1549-025 Lisboa.
- Itinerarium*, Editorial Franciscana, Largo da Luz, n.º 11, 1699 Lisboa codex.
- Lucerna*, Centro de Estudos Humanísticos, Rua António Cardoso, n 175, 4100 Porto.
- Lumen. Revista de Documentação e Divulgação Pastoral*, Campo dos Mártires da Pátria, n.º 43, 1100 Lisboa.
- Lusíada. Revista de Ciência e Cultura*, série História, Secretariado Geral da Universidade Lusíada, Rua da Junqueira, 194, 1300 Lisboa.
- Lusitania Sacra*, Revista do Centro de Estudos de História Religiosa, Universidade Católica Portuguesa, Palma de Cima, 1600 Lisboa.
- Medievalista*, Instituto de Estudos Medievais da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Av. de Berna 26 C, 1069-061 Lisboa Av. de Berna 26 C, 1069-061 Lisboa. <https://journals.openedition.org/medievalista/> (consultada a 29-11-2020).
- Memoria*, Instituto Católico de Viana do Castelo, Convento de S. Domingos, 4900 Viana do Castelo.
- Monumentos*, Direcção-Geral do Património, Palácio Nacional da Ajuda, 1349-021 Lisboa
- Museu*, Publicação do círculo José Figueiredo, Palácio das Carrancas, Rua D. Manuel II, 4000 Porto.
- Poligrafia*, Centro de Estudos D. Domingos de Pinho Brandão, Mosteiro de Arouca, 4540 Arouca.

- Promontoria: Revista do Departamento de História, Arqueologia e Patrimónioda da Universidade do Algarve*, Campus de Gambelas, 8005-139 Faro.
- Revista da Faculdade de Letras*, História (Porto), Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Apartado 1559, 4100 Porto codex.
- Revista da Universidade de Aveiro*, Letras, Departamento de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro, Campo Universitário de Santiago, 3810, Aveiro.
- Revista da Universidade de Coimbra*, Biblioteca da Universidade de Coimbra, Largo da Porta Férrea, 3049 Coimbra codex.
- Revista de Ciências Históricas*, Universidade Portucalense Infante D. Henrique, Departamento de Publicações, Avenida Rodrigues de Freitas, n.º 351, 4000 Porto.
- Revista de História*, Centro de História da Universidade do Porto, Apartado 1559, 4100 Porto codex.
- Revista de História da Arte*, Revista do Instituto de História da Arte, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Avenida de Berna, n.º 26 C, 1050-061 Lisboa.
- Revista de História das Ideias*, Instituto de História e Teoria das Ideias – Faculdade de Letras de Coimbra, 3049 Coimbra codex.
- Revista Lusitana*, Centro de Tradições Populares Portuguesas “Professor Manuel Viegas Guerreiro”, Faculdade de Letras de Lisboa, Alameda da Universidade, 1699 Lisboa codex.
- Revista Lusófona de Ciências das Religiões*, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias Campo Grande 376, 1749-024 Lisboa.
- Revista Portuguesa de História*, Instituto de História Económica e Social – Faculdade e Letras da Universidade de Coimbra, 3049 Coimbra codex.
- Revista santuários : cultura, arte, romarias, peregrinações, paisagens e pessoas*, Centro de Investigação e Estudos em Belas-Artes da Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa, Largo da Academia Nacional de Belas Artes 4, 1249-058 Lisboa.
- Theologica*, Faculdade de Teologia da Braga, Rua de Santa Margarida, 4719 Braga codex.
- Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia*, Faculdade de Ciências do Porto, Praça Gomes Teixeira, 4000 Porto.
- Via Spiritus: Revista de História da Espiritualidade e do Sentimento Religioso*, Centro Transdisciplinar, Cultura, Espaço e Memória, Faculdade de Letras da Universidade do Porto Via Panorâmica s/n 4150-564 Porto.

MAPA 2. CONCELHOS DOS DISTRITOS DE LISBOA E SETÚBAL



NOTA DE ABERTURA

Com o quarto tomo do repertório *Piedade Popular em Portugal*, dá-se continuidade à investigação ainda iniciada no antigo Centro de História da Cultura, desenvolvida em colaboração com uma equipa do C.N.R.S. (Centre national de la recherche scientifique), oferecendo-se à comunidade científica, aos agentes culturais e ao público interessado na temática em apreço, um instrumento de consulta criteriosamente tratado.

Integrado num vasto projecto internacional, sem projeções ideológicas e juízos de valor, o repertório fornece informações indispensáveis aos que se interessam pela cultura popular e pela história religiosa. O investigador encontra, reunidas nos volumes, múltiplas expressões da fé do povo português e a possibilidade de aferir a sua evolução nos dados transmitidos pela bibliografia desde 1960.

Se, até data recente, a tónica consistia em distinguir entre a piedade das massas e a atitude das elites, hoje, assiste-se, no plano da pesquisa histórica, à emergência da secularização relacionada com os progressos do urbanismo, as novas formas de educação, de sociabilidade e de comunicação. As realidades económicas, sociais e culturais do turismo e o impacto da emigração não podem ser esquecidos nesta evolução. Não que isso signifique necessariamente um decréscimo do fenómeno religioso, que é permanente, mas que ele subsiste, não raras vezes, sedimentado em expressões algo descaracterizadas (e mesmo desenraizadas) nas suas formas e funções devocionais.

A produção bibliográfica aqui reunida comporta essencialmente textos de estudiosos locais, familiarizados com a realidade socioreligiosa que estudam. Os seus trabalhos, apresentados neste volume, comprovam um esforço louvável de recolha de factos, mesmo se eles são muitas vezes relatados acriticamente. Todavia, nota-se uma crescente abertura às orientações da *nova história local*, nomeadamente a que é feita no quadro universitário, o que confere maior rigor

científico às pesquisas mais recentes, de que são exemplo os estudos sobre vários santuários, as atitudes perante a morte e as misericórdias.

Apesar disso, a produção científica de origem académica é ainda escassa, o que traduz, porventura, a marginalidade dos estudos sobre a piedade popular, a lentidão da pesquisa científica, onde dominam os trabalhos individuais, e a difícil porosidade das práticas científicas às novas concepções e métodos. Espera-se, por isso, que o repertório possa contribuir para um novo modo de abordagem histórica no plano da heurística, pela aplicação de um modelo de trabalho colectivo.

JOSÉ ESTEVES PEREIRA

CHAM, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas,
FCSH, Universidade NOVA de Lisboa

MAPA 3. CONCELHOS DOS DISTRITOS DE PORTALEGRE E ÉVORA



APRESENTAÇÃO

PIEIDADE POPULAR EM PORTUGAL CENTRO-SUL

O quarto tomo da *Piedade Popular em Portugal* compreende a zona do Centro-Sul (a maior parte da Estremadura, o Alto Alentejo, o Alentejo Central e uma pequena parte do Baixo Alentejo), constituída pelos distritos de Évora (07), Lisboa (11) Portalegre (12) e Setúbal (15). Mas, ao contrário dos tomos precedentes, é editado em *e-book* e, apesar de conter a parte superior da capa em francês *La Piété populaire. Répertoire bibliographique*. Collection internationale dirigée par Bernard Plongeron et Paule Lerou, não é apresentado em versão bilingue por causa da sua dimensão.

Os quatro distritos contam no conjunto cerca de 4 060 824 (2019) habitantes para um território de 21 283 km², enquanto Portugal (continente e ilhas) se estende por 91 631 km², com uma população total de um pouco mais de 10 milhões de habitantes. A área considerada apresenta grandes diferenças demográficas entre o distrito de Lisboa, que conta com quase 2 milhões e novecentos mil habitantes, o de Setúbal, com aproximadamente novecentos mil, e os distritos de Évora e Portalegre que, no seu conjunto, não chegam a trezentos mil. Grande parte do distrito de Lisboa e a área norte do distrito de Setúbal formam um espaço fortemente urbanizado que contrasta com a ruralidade dominante nos distritos de Portalegre e Évora. Estes distritos têm um povoamento concentrado em pequenos aglomerados e em vilas ou cidades de média dimensão situadas no meio de vastas planícies.

Através das 2381 referências bibliográficas publicadas entre 1960 e 2018, recolhidas principalmente nos fundos da Biblioteca Nacional de Portugal, é possível apreender a riqueza e a variedade das expressões da piedade popular dos habitantes da zona Centro-Sul, nomeadamente através dos círios (peregrinações coletivas). Porém, não deixam também de reflectir o impacto da secularização e da urbanização sobre as tradições religiosas e a especificidade religiosa da região

do Alentejo, em consequência da extinção das ordens religiosas no século XIX e, mais recentemente, de um ambiente político regional desfavorável às práticas religiosas colectivas.

O projecto é dirigido por José Esteves PEREIRA, investigador do CHAM – Centro de Humanidades (NOVA FCSH / UAc) e professor catedrático jubilado de filosofia da Universidade NOVA de Lisboa. As pesquisas de base foram coordenadas por Rui Afonso da COSTA, professor de história na Escola Secundária António Damásio, e levadas a cabo por este e por diversos colaboradores: Helena NILO, professora de história do ensino básico e secundário, Paola GUARDINI, licenciada em antropologia, Hamilton COSTA, ex-assistente universitário, e Ana Paula PINTO, professora de inglês do ensino secundário.

A redacção definitiva e o acabamento do tomo IV foi conduzido por Rui Afonso da COSTA com a ajuda de Paule LEROU, investigadora do Centro Nacional da Pesquisa Científica (C. N. R. S.). Os anexos ficaram a cargo de Rui Afonso da Costa, com a colaboração de Paule LEROU e de Sílvia DIZ. Filipa Silva SALES, membro do Instituto de História Contemporânea, e Teresa SOARES, jurista, elaboraram a lista de jornais locais e regionais. Por último, o tomo IV beneficiou da releitura efectuada por Sílvia DIZ. As listas de santuários foram elaboradas por Rui Afonso da COSTA e a representação cartográfica dos mesmos deve-se a Carlos Miguel da COSTA, professor de geografia do ensino básico e secundário.

O presente tomo tirou igualmente proveito das referências bibliográficas indicadas por José Heitor PATRÃO e ainda das facilidades concedidas por Vítor SERRÃO, professor catedrático da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, na qualidade de director do Instituto de História da Arte da mesma faculdade. Algumas câmaras municipais, juntas de freguesia e associações culturais locais disponibilizaram publicações que não estavam disponíveis na Biblioteca Nacional de Portugal.

Finalmente, a realização deste trabalho só foi possível graças ao apoio financeiro do CHAM – Centro de Humanidades (NOVA FCSH e UAc), assim como às condições protocoladas com a Biblioteca Nacional de Portugal e interpretadas com eficiência pelos funcionários dos serviços de leitura.

RUI AFONSO DA COSTA
PAULE LEROU

NOTA AO LEITOR

No plano administrativo Portugal está dividido em 22 distritos, que comportam diversos concelhos reunindo as freguesias.

A numeração dos distritos e os nomes dos concelhos e freguesias, adoptada nos comentários, é conforme à da *Lista nacional das freguesias*, Ministério de Administração Interna, 1999, 150 p. Mantém-se assim a denominação das freguesias anterior à reorganização administrativa territorial autárquica datada de 2013. O texto foi redigido com a ortografia anterior ao acordo de 1990.

Os distritos do zona Centro-Sul são indicados pelos códigos numéricos que os caracterizam, 07 (Évora), 11 (Lisboa), 12 (Portalegre) e 15 (Setúbal), postos depois do número de ordem das referências que geograficamente se inscrevem num único distrito.

As classificações secundárias são colocadas após o comentário.

A classificação alfabética contínua é adoptada para os nomes de autores e títulos, sem ter em conta os artigos definidos que se encontram no começo dos títulos.

As indicações biográficas relativas aos santos são dadas na primeira ficha em que eles são nomeados. No índice dos santos, para lá dos santos reconhecidos e regularmente venerados, beatificadas e canonizadas, colocámos ainda personagens não beatificadas ou tendo uma devoção popular (Sãozinha de Abrigada, Dr. Sousa Martins). A bibliografia de Nuno de Santa Maria, canonizado em 2009, foi integrada neste tomo por causa da sua relação com o convento de Carmo situado em Lisboa, de que foi fundador e onde iniciou a sua vida religiosa como donato carmelita. O mesmo se passa com a bibliografia de carácter geral sobre Santo António e Santa Beatriz da Silva em virtude de terem nascido em localidades que integram a área geográfica do tomo IV.

Os limites geográficos de cada diocese são citados somente na primeira ficha em que é referida.

Uma lista de jornais, representativa da imprensa local e regional, é apresentada em anexo. Um resumo assinala as principais manifestações religiosas populares e alguns lugares de culto.

MAPA N.º 4. DIOCESES DE LISBOA, SETÚBAL,
PORTALEGRE – CASTELO BRANCO, EVORA



CENTRO-SUL
ÉVORA (07) – LISBOA (11)
PORTALEGRE (12) – SETÚBAL (15)

A – MÉTODO, FONTES E PROBLEMAS

A2 – Problemas das fontes escritas

0001-11-PEREIRA (Isaías da Rosa), “Os róis de confessados como fonte histórica”, *Anais*, Academia Portuguesa de História, vol. XXXI, 1986, p. 271-288, quadro.

Breve estudo dos livros de registo dos róis de confessados existentes no Arquivo da Cúria Patriarcal de Lisboa em que é apreciado o seu valor como fonte histórica. Os róis de confessados referenciados, datados de 1798 a 1828, contêm dados sobre a vida laica e religiosa dos paroquianos. Neles são referidas, nomeadamente, as confissões e comunhões pela Páscoa, em cumprimento do preceito imposto pelo IV Concílio de Latrão (1215), o número dos que não se confessavam e as práticas do preceito quaresmal. Menção dos cerca de cinquenta volumes de róis de confessados da paróquia de Santa Justa e de Santa Rufina (mártires do século III, Sevilha) em Lisboa, onde se encontram elementos relativos à Inquisição. – (A5-C5).

0002-11-“Os conventos de Lisboa: uma abordagem cripto-histórica”, *Revista Portuguesa de Ciência das Religiões*, n.^{os} 3-4 de 2003, p. 211-220.

Descrição do projecto que tem por objectivo o estudo dos conventos de Lisboa (desenvolvido no Instituto de História de Arte da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa), que visa compreender, na sua globalidade, o fenómeno conventual da capital utilizando os métodos da cripto-história da arte. As fontes preferenciais são constituídas por fundos documentais, na sua grande maioria inéditos, relacionados, entre outros, com os processos de extinção, os inventários, os contratos notariais de encomendas artísticas, os testamentos de artistas, os registos de transferência de livros e peças de arte e

as obras realizadas no decurso do século XX. Contém uma bibliografia geral com mais de 500 títulos sobre os conventos de Lisboa. O projecto, no seu intuito de dar uma visão diacrónica de conjunto do fenómeno conventual, não se reduziu ao estudo do período da extinção, ocorrida no século XIX, mas também incidiu sobre os períodos de fundação e de desenvolvimento dos conventos em termos artísticos. São assinalados alguns equívocos da historiografia sobre o tema, que se prendem com as causas e fases da destruição dos conventos. Texto produzido por CARVALHO (Rosário Salema de), MONTEIRO (Patrícia Alexandra), SIMÕES (João Miguel), FERNANDES (Paulo Almeida), OLIVEIRA (Catarina) e SILVA (Ricardo).

A5 – Relações entre o “popular” e o clero

0003-07-ABREU (Laurinda), “O arcebispo D. Teotónio de Bragança e a reestruturação do sistema assistencial da Évora Moderna”, *Igreja, caridade e assistência na Península Ibérica (sécs. XVI-XVIII): actas*, coordenação de ABREU (Laurinda), Lisboa, Edições Colibri – Cidehus, 2004, p. 155-165, quadro.

Notas sobre a reestruturação do sistema assistencial em Évora levada a cabo pelo bispo da diocese de Évora (compreende o distrito de Évora, a parte sul do distrito de Portalegre e pequenas partes do distrito de Setúbal), Dom Teotónio de Bragança, no contexto pós-tridentino das últimas décadas do século XVI. Enquanto a irmandade da Misericórdia cuidava da saúde e da caridade, a Igreja aparece mais preocupada com formação moral dos órfãos, prostitutas e raparigas pobres. – (G2).

0004-.-ALVES (Ana Maria Mendes Ruas), “*Por quantos anjos pario a Virgem*”: *injúrias e blasfémias na Inquisição de Évora, 1541-1707*, dissertação de mestrado em História Moderna apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra em 2006, 208 p. (consultada em 12-01-2019).

Estudo sobre o delito de blasfémia na área da Inquisição de Évora (toda a área a sul do Tejo excepto a península de Setúbal) através da actuação do Santo Ofício no período entre 1541 e 1707. O conceito de blasfémia utilizado partiu do olhar dos inquisidores, da sua análise do processo e da sentença por eles determinada. O estudo aborda os contextos geográfico, político e institucional do Tribunal Inquisitorial de Évora, bem como a sua organização e regulamentos; analisa comparativamente a blasfémia enquanto um acto de fala e um acto de poder; desenha o retrato do blasfemo; procede à avaliação do volume da repressão, inserindo-a no quadro ibérico, da dimensão das denúncias e das sentenças; define o papel do qualificador e a dimensão da sua actuação; finalmente, analisa as estratégias e meios utilizados pela Igreja para enfrentar e combater o delito de blasfémia. A maioria dos casos de delito

de blasfêmia era cometida por cristãos-velhos e residia em não aceitarem as adversidades da vida, surgindo depois os praticantes de outra religião. As punições eram relativamente “brandas”, procurando a Igreja punir para restabelecer a ordem, para educar o povo e para obter o perdão e a reconciliação com a Igreja Católica. Em anexo são transcritos vários documentos e as listas de qualificadores e de processados por blasfêmia; a cronologia dos autos por blasfêmia e a lista da residência dos processados por blasfêmia.

0005-07-ALVES (José), “Acção pastoral por ocasião dos funerais”, *Eborensia: Revista do Instituto Superior de Teologia de Évora*, n.ºs 5-6, 1990, p. 99-114, gráficos.

Apresentação de um inquérito sobre a situação das paróquias da diocese de Évora no que diz respeito à prática pastoral relacionada com o fim da vida: a assistência religiosa aos doentes terminais (a existência de um serviço de doentes, as visitas aos doentes, a atitude das famílias), o acompanhamento do defunto antes do funeral (casa, capela funerária, vigília de oração), durante o funeral (missa de exéquias, cortejo fúnebre) e a liturgia fúnebre e a acção pastoral. O inquérito permite tirar as seguintes conclusões: o atendimento dos doentes terminais é quase inexistente; as vigílias são feitas cada vez mais fora do ambiente familiar, embora organizadas pelas famílias; o funeral religioso tornou-se um hábito social cada vez mais associado à celebração eucarística. – (C5-E4).

0006-07-ALVES (José), “Lugares de culto, celebrações litúrgicas e serviços exercidos por leigos na liturgia”, *Eborensia: Revista do Instituto Superior de Teologia de Évora*, n.º 3-4, 1989, p. 53-61, gráficos.

Apresentação de um inquérito feito às paróquias da diocese de Évora sobre lugares de culto e a celebração dos ministérios laicais. Sobre os lugares de culto, o inquérito mostrou que 69,4% das localidades possuem uma ou mais igrejas, 16,3% possuem apenas capelas e 14,3% não possuem igreja ou capela. Sobre a eucaristia apurou que a celebração diária se realiza em 28% das localidades com destaque para as vigararias de Arraiolos e de Elvas com 44% e 42% e para a de Coruche (distrito de Santarém) com apenas 8%; a celebração semanal acontece em 61% das localidades, sendo que nas restantes 39% cerca de metade (18,8%) tem eucaristia duas vezes por mês, e 7% uma vez por mês, havendo 13% das localidades onde nunca se celebra a eucaristia ou se celebra apenas uma vez por ano, por ocasião da festa tradicional ou da primeira comunhão. Outras celebrações, em parte desenvolvidas por acção dos párocos, estão relacionadas com Nossa Senhora, o Sagrado Coração de Jesus, os santos padroeiros e as almas, as novenas e os tríduos. Quanto ao serviço dos leigos na liturgia, o inquérito contemplava quatro: leitores, acólitos, ministros extraordinários da comunhão e animadores de canto litúrgico. O autor conclui

que é enorme a carência de lugares de culto e significativa a participação dos leigos, embora com falta de formação específica. – (C5-D2-D3-E1).

0007-07-ALVES (Tarcísio Fernandes), “A práxis jurídico pastoral nas constituições sinodais de D. frei Amador Arrais”, *Eborensia: Revista do Instituto Superior de Teologia de Évora*, n.º 38, 2006, p. 103-132.

Notas sobre a vida e a acção de Dom António Arrais, bispo da antiga diocese de Portalegre entre 1581 e 1596, hoje integrada na diocese de Portalegre-Castelo Branco, que compreende grande parte do distrito de Castelo Branco, parte norte do distrito de Portalegre e uma pequena parte do distrito de Santarém. São analisadas as informações contidas nas constituições sinodais de 1589 no que diz respeito à forma como eram realizados os casamentos, os testamentos, os funerais e os sepultamentos, assim como às festas e as procissões.

0008-11-ANACLETO (Pedro Garcia), “S. Gonçalo de Lagos e a ordem agostiniana no concelho de Torres Vedras”, *I Colóquio Gonçalino*, Lagos, Comemorações do VI Centenário do Nascimento de São Gonçalo de Lagos, 1962, p. 54-59, il.

Apontamento sobre os conventos e a Ordem de Santo Agostinho na cidade de Torres Vedras, sede do concelho do mesmo nome, e sobretudo em Póvoa de Penafirme, freguesia de A dos Cunhados, no mesmo concelho. Ao convento de Torres Vedras pertenceu São Gonçalo de Lagos (distrito de Faro), padroeiro do concelho de Torres Vedras (Eremita de Santo Agostinho, viveu entre fins do século XIV e o primeiro quartel do século XV). No da Póvoa de Penafirme viveu frei Aleixo de Menezes, bispo da diocese de Goa e da diocese de Braga (corresponde ao distrito de Braga e pequena parte do distrito do Porto), que se dedicou à vida contemplativa, à pregação do evangelho e à caridade, sendo venerado pelo povo que, após a sua morte, lhe ergueu uma cruz num monte, e o beato João de Estremoz (que se recolheu ao convento de Póvoa de Penafirme, onde faleceu em 1517). Com a extinção das ordens religiosas em 1834, o convento de Póvoa de Penafirme foi encerrado, os religiosos foram expulsos e o edifício vendido em hasta pública. A imagem de Nossa Senhora da Graça do convento de Póvoa de Penafirme foi muito venerada no século XVIII e festejada anualmente no dia 15 de Agosto. – (B2-B6-D2).

0009-11-ARAÚJO (António de Sousa), “Visitações a São Lourenço de Carnide de 1600 a 1740 (para o estudo da pastoral e da história social de Lisboa)”, *Itinerarium*, n.º 101, 1977, p. 256-300.

Estudo sobre a paróquia e freguesia de Carnide, situada em Lisboa, com base nos textos de cinquenta e nove visitas ou actas de visitas pastorais. Breve história da paróquia e da igreja de São Lourenço. Resumo de cada uma das visitas pastorais: nome do visitador, cargo, títulos, acta e principais

determinações dirigidas ao clero, aos fiéis e às confrarias, nomeadamente à do Santíssimo Sacramento. – (C1-C5-G1).

0010-11-ARAÚJO (Julieta Maria de Almeida), “A sentença de dona Paula Teresa de Miranda Souto Mayor na Inquisição de Lisboa (1732): subsídios para um estudo da mentalidade”, *I Congresso internacional do Barroco: actas*, Porto, Reitoria da Universidade do Porto – Governo Civil do Porto, 1991, vol. I, p. 139-142.

Nota sobre a sentença da Inquisição de Lisboa de 1732 contra uma mulher acusada de praticar feitiçaria: executava práticas e rezas em que invocava a figura do demónio (oração dos fiéis de Deus, do romeiro, de São Cipriano, entre outras) para casar com determinada pessoa. – (E5).

0011-.-ARAÚJO (Maria Benedita), “Médicos e seus familiares na Inquisição de Évora”, *Inquisição: comunicações apresentadas ao 1.º congresso luso-brasileiro sobre Inquisição*, coordenação de SANTOS (Maria Helena Carvalho dos), Lisboa, Universitária Editora, 1989, vol. I, p. 49-72.

Contribuição para o estudo de processos do tribunal do Santo Ofício de Évora (actuava sobre toda a área a sul do Tejo, excepto a península de Setúbal), da segunda metade do século XVI ao século XVIII, contra médicos, cirurgiões e boticários, bem como contra os seus familiares, naturais das regiões a sul do Tejo, sobretudo dos distritos de Portalegre, Évora e Beja, incluindo cristãos-velhos e cristãos-novos. As acusações mais frequentes são: pacto com o demónio, bruxaria, “superstição”, heresia, práticas judaizantes e de morte voluntária de cristãos (por administração de remédios abortivos). Menção das penas atribuídas. – (E5).

0012-.-ARAÚJO (Maria Benedita), “Subsídios para o estudo da acção inquisitorial no sul do país”, *Primeiras jornadas de história moderna: actas*, vol. I, Lisboa, Centro de História da Universidade Lisboa 1989, p. 395-438, gráficos.

Estudo sobre a acção do tribunal da Inquisição de Évora entre os séculos XVII e XVIII que incidiu sobretudo em Beja, Elvas, Évora e ainda Avis, Sousel, Estremoz, Moura, Serpa (os dois últimos lugares situados no distrito de Beja). Dados percentuais relativos ao tipo de delitos (judaísmo, heresia, apostasia, blasfémia, bruxaria, entre outros): domínio de mulheres censuradas nos delitos de bruxaria, pacto com o demónio, feitiçaria. Entre as profissões exercidas pelos indiciados destacavam-se os médicos, boticários, cirurgiões, juizes, artesãos, lavradores e ourives. Os acusados situam-se na faixa etária dos 40-49 anos. As penas aplicadas foram penitências espirituais e materiais, sendo estas a apreensão de bens, os açoites, a reclusão e o degredo, muito vulgar no século XVII. Nos casos mais graves os acusados eram entregues à justiça secular. Contém gráficos sobre a actuação inquisitorial eborense entre 1674 e 1799. – (E5).

0013-07-ARAÚJO (Paulina Margarida Rodrigues), *Câmara Eclesiástica de Évora: Catálogo/Inventário (relatório de estágio)*, mestrado em Ciências da Informação e da Documentação apresentada à Universidade de Évora em 2013, 480 p., il., quadros. <http://hdl.handle.net/10174/10731> (consultada em 20-12-2020).

Estudo que visa catalogar e inventariar a documentação existente no Arquivo Distrital de Évora sobre o Fundo da Câmara Eclesiástica de Évora desde o século XVI ao início do século XX). Compreende correspondência com diversas instituições e paróquias; documentação relacionada com a Companhia de Jesus, a Mitra de Évora, o Cabido de Évora e uma colecção de Breves e Bulas (em latim). A documentação é muito variada, a saber: processos de Habilitações a Ordens, composta por dezasseis séries documentais, processos matrimoniais, processos cíveis e crimes, de conventos, de erecção de capelas e ermidas, documentação relacionada com dízimos, erecção de oratórios particulares, colocação de sacrários em igrejas, legados pios, colegiadas, erecção de irmandades e confrarias, visitas pastorais, róis de confessados, benefícios e cargos, culto/festividades, petições de vários pedidos de licenças e dispensas, colecção de escrituras (muitas em pergaminho), receitas e despesas do arcebispado. – (C2-E2-E4-G1).

0014-12-BALESTEROS (Carmen), OLIVEIRA (Jorge de), “A judiaria e a sinagoga de Castelo de Vide”, *Ibn Maruán: Revista Cultural do Concelho de Marvão*, n.º 3, 1993, p. 123-152, il., plantas.

Contribuição para o estudo da história religiosa da comunidade de origem judaica de Castelo de Vide, sede do concelho do mesmo nome. Fixou-se na localidade no século XIV e tornou-se numerosa devido à expulsão dos judeus de Espanha em 1492. São dadas informações sobre a delimitação do bairro judaico, a identificação e a localização de edifícios ligados à piedade judaica. Foram também encontrados vários objectos móveis ligados ao culto religioso cristão (medalhas, crucifixo, tabernáculo judaico), marcas nas portas cuja explicação se encontra, segundo a autora, no Livro do Deuteronomio. – (C5-H4-H6).

0015-07-BAPTISTA (Júlio César), “Igreja eborense”, *Igreja Eborense: Boletim de Cultura e Vida da Arquidiocese de Évora*, n.º 12, 1988, p. 9-29.

Notas históricas sobre a diocese de Évora desde o século III a 1891 que tratam dos seguintes aspectos: origem, restauração após a Reconquista e organização eclesiástica dos arcebispos. Apresentação de um resumo do texto do sínodo de 1344. Contém uma lista do santoral diocesano baseada nos altares da catedral e nos titulares das igrejas paroquiais segundo a visitaçao de 1534, do qual fazem parte os santos Aleixo, Brissos e Iria, entre outros. Nas terras omissas na visitaçao destacam-se a predominância de Santa Maria e, a larga distância, de São Tiago. Os principais santuários da diocese são

marianos. Indicação das ordens religiosas que fundaram cenóbios e mosteiros, sobretudo nos séculos XV e XVI: Cónegos Regrantes de Santo Agostinho, Cruzios, Trinitários, Franciscanos, Dominicanos, Lóios, Jerónimos, Clarissas, Agostinhas. – (D2-D4).

0016-15-BASTO (Ana Carolina de Avilez de), *A vila do Torrão, segundo as visitas de 1510 e 1534 da Ordem de Santiago*, dissertação de mestrado realizada no âmbito do Curso Integrado de Estudos Pós-Graduados em História Medieval e do Renascimento, Porto, 2003, 267 p., dactilogr., quadros (consultável na Biblioteca Nacional de Portugal).

Análise das visitas da Ordem de São Tiago à freguesia do Torrão, concelho de Alcácer do Sal, nos anos de 1510 e 1534. Notas sobre a Ordem de São Tiago da Espada em Portugal. As visitas compreendem os regimentos, as atribuições dos visitantes e o registo do património e dos bens da ordem no Torrão. Dados sobre a igreja paroquial e os seus objectos de culto: os altares do Espírito Santo, de São Tiago e de São Sebastião; as imagens dos titulares dos altares e de Cristo Crucificado com Nossa Senhora e São João Evangelista, dos santos Francisco de Assis, António e as dos Reis Magos. Na igreja estava sediada a confraria de Nossa Senhora e continha capelas com a obrigação de aí serem ditas missas. Outros lugares de culto são referidos: as capelas e ermidas do Espírito Santo, de Nossa Senhora, dos santos Sebastião, João Baptista, Faraústo, Roque, Estêvão, Tiago, Margarida de Antioquia ou da Galiza. As determinações gerais e particulares que incidem sobre o zelo pelos aspectos religiosos, as atribuições dos clérigos em exercício, a conduta a ser observada pelos baptizados, as proibições dos clérigos de fora virem rezar missa. No apêndice documental, são transcritas as visitas. – (C2-C5-G1).

0017-11-BILOU (Artur), “Alguns artistas estrangeiros residentes em Portugal (1550-1640). Notas documentais colhidas nos processos da Inquisição de Lisboa”, *Cadernos de História da Arte*, n.º 1, 2013, p. 89-98, quadro. <http://cad.fl.ul.pt/index.php/Cadharte/index> (consultada em 30-11-2020).

Contribuição documental para o estudo das relações artísticas entre Portugal e o Norte da Europa, através dos processos da Inquisição sobre artistas vindos desta zona e estabelecidos em Lisboa a meados do século XVI. Para a vigilância inquisitorial, tão zelosa quanto punitiva no que concerne aos desvios da conduta cristã e, sobretudo, dos preceitos católicos (reforçados agora pelas orientações tridentinas), estes estrangeiros parecem suscitar recorrentemente desconfiança pública por serem oriundos de uma Europa tomada, crescentemente, pelo luteranismo, por se comportarem de forma diversa, por possuírem livros proibidos e não respeitarem as imagens dos santos. Entre as minudências acusatórias sobressai o consumo de carne em público nos dias santos de jejum.

0018-11-BLACK (Maria Luísa de Bivar), “Dois luteranos na Inquisição de Lisboa (1698)”, *Lusíada: Revista de Ciência e Cultura* (série de História), n.º 2, 1989, p. 161-179.

Análise de dois processos da Inquisição de Lisboa contra dois luteranos, acusados de heresia (leitura de parte da Bíblia que se refere ao Anti-Cristo e blasfêmia) em 1698. Transcrição dos processos.

0019-.-BRAGA (Isabel Mendes Drumond), “O auto-de-fé: uma festa apreciada e criticada”, *Lisboa e a festa: celebrações religiosas e civis na cidade medieval e moderna: actas*, coordenação de VALE (Teresa Leonor), PEREIRA (Maria João Pacheco), FERREIRA (Sílvia), Lisboa, Câmara Municipal, 2009, p. 87-103, il.

Análise geral do auto-de-fé como um acontecimento festivo onde se interligavam elementos sacros e profanos com fins propagandísticos, didáticos e que, de certo modo, configurava a ordem, o sistema social e as relações de poder. O auto-de-fé implicava um cerimonial que devia ser preparado com bastante antecedência: o espaço, o tempo, as estruturas materiais, os meios de apoio, nomeadamente alimentos, a confeção dos hábitos dos condenados e relaxados, entre outros, o alojamento dos que organizavam o auto-de-fé, a impressão de listas de autos-de-fé. A partir de autos-de-fé, que decorreram sobretudo em Lisboa, mas também em Évora e em Coimbra, são analisadas diversas opiniões de apreço e de crítica em relação aos autos-de-fé feitas por personalidades portuguesas e estrangeiras que os presenciavam ou expressas em notícias saídas na *Gazette* de Paris.

0020-07-BRAGA (Isabel Mendes Drumond), “Os mouriscos perante a Inquisição de Évora”, *Eborensia: Revista do Instituto Superior de Teologia de Évora*, n.º 13-14, 1994, p. 45-76, quadros, gráficos.

Contribuição para o estudo da presença dos mouriscos (no século XVI e XVII eram quase todos naturais do Norte de África) com base nos processos da Inquisição de Évora (actuava sobre toda a área a sul do Tejo, excepto a península de Setúbal) de 1555 a 1608, com especial incidência nos anos de 1559 e 1560. Os processos estudados pertencem sobretudo a pessoas do distrito de Évora e dizem respeito a acusações de feitiçaria, ao baptismo e à mudança para um nome cristão, à ignorância religiosa do cristianismo e à permanência das crenças islâmicas. Estas consistiam principalmente em rezar as orações rituais, pronunciar certas palavras, na esmola, no jejum, no carpido quando morria um familiar (chorar os mortos, arranhar o próprio corpo) no desfazer do baptismo cristão efectuando uma contra cerimónia e dando à criança um nome muçulmano, entre outros aspectos. – (E4-E5).

0021-11-BRAGA (Isabel Mendes Drumond), “‘Para Triumpho da Fé e mayor gloria de Deos’: o cadafalso do auto-de-fé de Lisboa de 1698 segundo o Projecto do Architecto Luís Nunes Tinoco”, *Artis*, n.º 4, 2009, p. 191-204.

Publicação do «Extrato da Fábrica do Auto-de-fé que se celebrou no Adro de São Domingos em 9 de Novembro de 1698 conforme o que sempre se observou», documento inédito do livro 273 do Conselho Geral do Santo Officio, com apresentação concisa do seu conteúdo, a fim de o difundir, com vista a uma melhor compreensão dos aspectos arquitectónicos e técnicos daquele tipo de construção no quadro da arte efémera do século XVII, nomeadamente em Lisboa. Breve referência à biografia de Luís Nunes Tinoco (1642/1643-1719), autor de projectos de cadafalso de autos-de-fé. Caracterização sumária do auto-de-fé do ponto de vista religioso, cultural, político e social. No apêndice documental, é publicado na íntegra o documento descrito.

0022-11-BRAGA (Isabel Mendes Drumond), “Representação, poder e espectáculo: o auto de fé”, *Turres Veteras VIII – História das festas*, Torres Vedras – Lisboa, Câmara Municipal – Edições Colibri – Instituto de Estudos Regionais e do Municipalismo “Alexandre Herculano”, 2006, p. 177-186.

Descrição do auto-de-fé de 9 de Novembro de 1698 realizado em Lisboa no adro da igreja de São Domingos: o local, o palco do auto, os tipos de réus condenados, os bastidores. Os principais lugares de execução. Os autos-de-fé tinham por finalidade dar a conhecer publicamente os desvios à fé católica e os seus castigos.

0023-11-BRAGA (Paulo Drumond), “Alemães na Lisboa Seiscentista: as conversões ao catolicismo”, *Olisipo*, n.º 12, 2000, p. 86-95.

Análise dos casos de conversão de cento e noventa e cinco cidadãos alemães residentes em Lisboa, entre 1642 e 1700, que compareceram perante o Tribunal da Inquisição de Lisboa a fim de se submeterem ao catolicismo. A larga maioria professava o luteranismo e apenas 7 eram calvinistas. A conversão ficaria completa só depois de um período breve de instrução dirigida por um religioso encarregado pela própria Inquisição. – (B5).

0024-07-BRAGA (Paulo Drumond), “Simão Coelho, escravo negro, perante a Inquisição de Évora (1571-1572)”, *Revista de Ciências Históricas*, vol. V, 1990, p. 205-211.

Notas sobre o processo do escravo negro Simão Coelho presente no Tribunal da Inquisição de Évora (actuava sobre toda a área a sul do Tejo, excepto a península de Setúbal) em 1571, acusado por um cristão-novo de práticas homossexuais. O comportamento sexual que se desviava do objectivo único da vida sexual, ou seja, da reprodução, era considerado no século XVI pecado nefando. Simão Coelho confessou o seu acto e foi condenado a ser açoitado

publicamente e degredado perpetuamente para as galés, pena posteriormente substituída pela entrega ao seu senhor que o deveria vender para fora do reino.

0025-07-BRANCO (Manuel J. C.), “Subsídios documentais para a história de Montemor (século XV)”, *Almansi. Revista de Cultura*, n.º 6, 2007, p. 91-217, il.

Contribuição para a história de Montemor-o-Novo, sede do concelho do mesmo nome, através de documentos notariais datados do século XV. Breve notícia sobre a vida religiosa que mostra o papel crescente das estruturas religiosas na vida da comunidade em detrimento dos ciclos naturais. A sua acção fez aumentar o culto mariano, evidenciado por exemplo nos sufrágios por alma no dia de Santa Maria e em outras festas de Nossa Senhora, assim como pela concentração dos pagamentos aos senhores no Natal. – (D2).

0026-11-BRITO (Susana Mendes), “Um mexicano na Inquisição de Lisboa: D. Luís de Torres (1602-1605)”, *Do Tratado de Tordesilhas (1494): comunicações apresentadas no XI congresso internacional*, Lisboa, Sociedade Portuguesa de Estudos do século XVIII, 1997, p. 283-286.

Breve estudo sobre o processo de um sacerdote e pregador, natural do México, cujo processo inquisitorial decorreu no Santo Ofício de Lisboa, onde residia nos anos de 1602-1605. Foi acusado de blasfémia por contestar a natureza divina de Cristo, depois de morto e sepultado, e que Nossa Senhora tenha dado à luz o seu filho sem dor.

0027-07-CAEIRO (Baltazar Matos), *Montoito: memórias das suas antiguidades*, Lisboa, Livraria Multinova [distri], 1994, 88 p., il.

A acção da Inquisição de Évora (actuava sobre toda a área a sul do Tejo, excepto a península de Setúbal) nos séculos XVI a XVIII, nomeadamente na freguesia de Montoito, concelho do Redondo. Notas sobre os lugares de culto erigidos entre os séculos XII a XVII, nomeadamente a igreja matriz de Nossa Senhora da Assunção (século XIII), a igreja do Espírito Santo, a igreja de São Vicente e a capela do Senhor Jesus dos Passos. Transcrição de um processo da Inquisição datado de 1756. – (C1-C2).

0028-15-CAETANO (Joaquim Oliveira), “A ordem de Santiago e a arte”, *O Castelo e a Ordem de Santiago na história de Palmela: catálogo da exposição*, coordenação de PEREIRA (Fernando António Baptista), aliás BAPTISTA (Fernando António), CONDEÇO (António Simão), PACHECO (Paulo), Palmela, Câmara Municipal, 1990, p. 81-83.

A propósito da exposição sobre A Ordem de Santiago e a arte realizada em 1990 em Palmela, sede do concelho do mesmo nome, é abordada a acção mecenática da Ordem de Santiago da Espada na primeira metade do século XVI. O retábulo de São Tiago, hoje no Museu Nacional de Arte Antiga,

provavelmente oriundo do convento de Palmela, e o retábulo do convento feminino espatário de Santos-o-Novo, freguesia da Penha de França em Lisboa, são apontados como os dois exemplos principais da influência da iconografia desta ordem religiosa na pintura portuguesa. Alguns aspectos particulares do culto que esta introduziu ou desenvolveu no país: a protecção das tropas portuguesas e a assimilação da sua iconografia à de outros santos, nomeadamente a São Roque e a São Jorge. Descrição e comentário das pinturas presentes na exposição que são provenientes, maioritariamente, de lugares de culto do distrito de Setúbal, nomeadamente de Sesimbra e de Grândola, assim como de Lisboa, Aveiro e Beja que representam o Pentecostes, o Calvário, o Menino Jesus Peregrino, Nossa Senhora da Misericórdia, os santos António, Roque e Tiago combatendo os mouros. – (H2).

0029-11-CARVALHO (Ayres de), “Algumas recordações de um artista que foi conservador dos palácios e monumentos nacionais (1947-1981): uma bela e grande exposição em Mafra, nos anos cinquenta – a velha colegiada de Mafra e a igreja de Santo André”, *Belas Artes: Revista e Boletim da Academia Nacional de Belas Artes*, n.º 11-13, 1989-1991, p. 43-63, il.

Transcrição da comunicação realizada na Academia de Belas Artes de Lisboa em 1989 que trata de assuntos relacionados com a freguesia de Mafra, sede do concelho do mesmo nome. Nota sobre as visitas a lugares de culto de Mafra em 1503, 1659 e 1719, que detectaram o fraco conhecimento da doutrina pelos paroquianos, o aspecto descomposto dos frequentadores das igrejas e a mistura dos sexos dentro da igreja, entre outros aspectos. – (C5).

0030-11-CATARINO (Maria Manuela), “Entre o Sagrado e o Profano... (para uma leitura do Livro de Visitações da Freguesia de S. Pedro da Cadeira)”, *Turres Veteras X – História do sagrado e do profano*, Torres Vedras – Lisboa, Câmara Municipal – Edições Colibri – Instituto de Estudos Regionais e do Municipalismo “Alexandre Herculano”, 2008, p. 225-230.

Notas de leitura do livro de visitas da freguesia de São Pedro da Cadeira, concelho de Torres Vedras, nos séculos XVII e XVIII. A evolução do culto e do magistério detectado nas visitas permitem concluir que, a pouco e pouco, são introduzidas as recomendações tridentinas. A atenção do visitador recai também sobre a organização do cartório paroquial, o estado de conservação dos edifícios, a situação financeira das irmandades, as atitudes dos paroquianos nos actos religiosos e sobre as situações que evidenciam comportamentos considerados imorais pelos padrões cristãos. Menção de diversas capelas dedicadas a Nossa Senhora da Cátedra, da Conceição, da Esperança e da Piedade. – (C2-C5).

0031-11-CLEMENTE (Manuel), “Apontamentos para a história religiosa de Torres Vedras entre o liberalismo e a República”, *Turres Veteras III – História*

contemporânea, Torres Vedras – Lisboa, Câmara Municipal – Instituto de Estudos Regionais e do Municipalismo “Alexandre Herculano”, 2000, p. 83-91.

Notas sobre a estrutura paroquial de Torres Vedras no século XIX e princípios do século XX. Dados sobre a relação entre o clero secular e o clero regrante, a acção evangelizadora deste último quanto às missões, o apoio da população e a sua participação nas manifestações religiosas promovidas por jesuítas no Barro, freguesia de São Pedro e São Tiago, e franciscanos no Varatojo, freguesia de Santa Maria do Castelo e São Miguel, lugares situados em Torres Vedras, sede do concelho do mesmo nome.

0032-11-CLEMENTE (Manuel), “Catolicismo e identidade torreense”, *Torres Cultural*, n.º 7, 1996, p. 62-69, il.

Notas sobre a influência do catolicismo na formação da identidade cultural de Torres Vedras, sede do concelho do mesmo nome. Os centros de irradiação religiosa foram os mosteiros e conventos dos agostinhos, em Póvoa de Penafirme, freguesia de A dos Cunhados, dos franciscanos, no Varatojo, freguesia de Santa Maria do Castelo e São Miguel, e no Barro, freguesia de São Pedro e São Tiago, a Misericórdia (1520) e, na actualidade, os centros sociais paroquiais. A acção de pregadores como São Gonçalo de Lagos (século XV), entre outros. O papel do espaço sagrado na formação do aglomerado urbano (o adro e o cemitério) e como centro da comunidade. O ritmo de vida foi marcado pelo calendário cristão católico (nascimento, Páscoa, Pentecostes, festa de Nossa Senhora e dia de Todos os Santos). O catolicismo como factor de articulação social, nomeadamente as confrarias dos alfaiates (1337), dos sapateiros (1359) e a irmandade da Cera do Corpo de Deus (séc. XIV). As festas e as procissões no século XVIII eram as do Corpo de Deus, da Ressurreição, da Visitação (2 Julho), da Bula da Santa Cruzada, das Ladainhas (dia de São Marcos), do Patrocínio de Nossa Senhora, dos Santos Óleos (dia de Nossa Senhora dos Prazeres), do Anjo Custódio, de São Sebastião e de São Pedro, entre outras. As romarias fora de portas da cidade eram dedicadas a Nossa Senhora da Graça, do Socorro e dos Anjos, entre outras entidades religiosas. – (C4-D2-E1-E3).

0033-11-CLEMENTE (Manuel), “Clero torriense no final da Idade Média: as visitas da igreja de S. Miguel Arcanjo (1462 – 1524)”, *Turres Veteras I – História medieval*, Torres Vedras – Lisboa, Câmara Municipal – Instituto de Estudos Regionais e do Municipalismo “Alexandre Herculano”, [D.L. 2000], p. 59-64.

Análise das visitas feitas entre 1462 e 1524 à igreja de São Miguel Arcanjo, freguesia de Santa Maria do Castelo e São Miguel, em Torres Vedras, sede do concelho do mesmo nome, que em geral insistem no desenvolvimento da instrução religiosa e da acção pastoral, assim como na correcção de desvios e desleixos. As preocupações mais significativas são uma maior

vivência religiosa do clero, a insistência na doutrinação dominical (Pai Nosso, Ave-Maria e Credo, Mandamentos), uma maior presença pastoral do clero no território da paróquia. As visitas reflectem a tendência que aponta para um sistema paroquial moderno: um lugar, uma paróquia, um pároco residente.

0034-.-COELHO (António Borges), *Inquisição de Évora, dos primórdios a 1668*, Lisboa, Caminho, 1987, 2 vols. 448-327 p., quadros; *Inquisição de Évora (1533-1668)*, dissertação de doutoramento em História apresentada à Faculdade de Letras de Lisboa em 1986, 850 [3] p., quadros (consultável na Biblioteca Nacional de Portugal).

Estudo sobre a acção do Tribunal do Santo Ofício de Évora (actuava sobre toda a área a sul do Tejo, excepto a península de Setúbal) desde 1533 a 1668. No volume I são analisados os aspectos institucionais (o espaço, o aparelho inquisitorial, a organização económica, as formas de actuação, os dispositivos do auto-de-fé, os resultados comparados da repressão da Inquisição de Évora), os fins ideológicos (cristãos-novos, marranos, judeus, islamitas, luteranismo/calvinismo, blasfémia e heresia, feiticeiras) e sexuais da repressão, a geografia e as características sociais da repressão. No volume II apresentam-se as conclusões gerais, o apêndice documental, a bibliografia e o índice topográfico.

0035-.-COELHO (António Borges), “Nos 480 anos da Inquisição de Évora”, *Cidade de Évora: Boletim da Comissão Municipal de Turismo de Évora*, n.º 2, 2018, p. 15-21.

Conferência sobre a Inquisição de Évora (actuava sobre toda a área a sul do Tejo, excepto a península de Setúbal), que se autonomizou do tribunal de Lisboa desde 1551. Ao salientar as práticas e os métodos da Inquisição que impuseram à sociedade portuguesa a negação do judeu, do mouro, dos luteranos, dos blasfemos, dos bruxos, bem como a obrigação de denúncia e de vigilância de actos, palavras e pensamentos que denotassem pecado ou afastamento da fé, o autor procura mostrar o impacto humano, familiar e económico da Inquisição em Portugal.

0036-.-COELHO (António Borges), “Repressão ideológica e sexual na Inquisição de Évora entre 1533-1668. As primeiras gerações de vítimas cristãs-novas”, *Inquisição: comunicações apresentadas ao 1.º Congresso luso-brasileiro sobre Inquisição*, coordenação de SANTOS (Maria Helena Carvalho dos), Lisboa, Universitária Editora, 1989, vol. I, p. 423-446, quadros.

Contribuição para o estudo da repressão ideológica e sexual da Inquisição de Évora (actuava sobre toda a área a sul do Tejo, excepto a península de Setúbal), com base nos processos, datados de 1533 a 1668, onde predomina a acusação de prática do judaísmo (7269 processos num total de 8210). Segundo os processos, o judaísmo das primeiras gerações de cristãos-novos

manifestava-se na crença em Deus uno (recusa da Trindade), na rejeição do culto dos santos e na prática de certas cerimónias: guardar os sábados, não comer carne de porco e certos tipos de peixe, conservar os ritos judaicos na matança dos animais, realizar as festas judaicas (Páscoa, dia do Quipur, jejum de Hanuca, práticas relacionadas com o culto dos mortos). – (E1-E4).

0037-15-CORDEIRO (Filipa Raposo), “Ver através da Visitação de Thomas Luis (c. 1560 – c. 1612): contributos iconológicos”, *Cadernos de História da Arte*, n.º 2, 2014, p. 70-85, il. <http://cad.letras.ulisboa.pt/index.php/Cadharte/article/view/36> (consultada em 13-10-2020).

Estudo sobre a pintura Visitação de Thomas Luís da igreja da Santa Casa da Misericórdia da antiga Aldeia Galega do Ribatejo, actual Montijo, sede do concelho do mesmo nome, cuja iconografia apresenta características desconhecidas, algumas delas incomuns: Thomas Luís não respeitou os padrões iconográficos das representações religiosas definidos no Concílio de Trento em 1563, representando Nossa Senhora e provavelmente São José sem a tradicional auréola ou resplendor, substituídos por um chapéu de aba larga. A análise realizou-se segundo o nível pré-iconográfico, que integra a descrição primária da pintura em termos de motivos artísticos; o nível iconográfico, que analisa o tema e os conceitos específicos expressos pelo objecto; o nível iconológico, onde se situa a interpretação do significado intrínseco da obra no contexto histórico da Visitação. Dados inéditos que permitem, por um lado, compreender o conteúdo de bens culturais com o mesmo tema e elementos iconográficos semelhantes e, por outro, conhecer a ligação entre a Santa Casa da Misericórdia e a Visitação. – (C2-H2).

0038-07-COSME (João dos Santos Ramalho), *A vila de Mourão na Inquisição de Évora (1552-1785): contributo para o seu estudo*, Mourão, Câmara Municipal, 1988, 63 p., mapas, quadros.

Contribuição para o estudo da acção da Inquisição de Évora em Mourão, sede do concelho do mesmo nome, no período de 1552 a 1785. O estudo conclui serem os cristãos-novos os homens mais visados pela Inquisição. São acusados dos crimes de heresia, adultério, irreverência religiosa, judaísmo e pacto com o demónio. As penas variam entre a excomunhão, o degredo, o cárcere e o uso do hábito de penitenciário perpétuo, a abjuração, a instrução na fé e a confiscação de bens. Contém diversos quadros em anexo.

0039-15-COSTA (João), “Elementos de religiosidade em Palmela a partir do códice da ordem de Santiago de 1510”, *As ordens militares: freires, guerreiros, cavaleiros: actas do VI encontro sobre ordens militares*, coordenação de FERNANDES (Isabel Cristina Ferreira), Palmela, Câmara Municipal, 2012, vol. I, p. 310-333.

Estudo sobre as práticas religiosas dos leigos e dos clérigos do padroado da Ordem de Santiago de Espada, segundo a visitação de 1510 a Palmela, sede do concelho do mesmo nome. Relativamente às primeiras, são reunidos alguns dados sobre a confissão e a comunhão, a assistência à missa, a caridade, a organização das confrarias, o culto dos santos mártires e de Santa Maria, as festas e procissões, a esmola e as instituições pias. – (D2-D4-E4-G1).

0040-15-COSTA (João), *Palmela nos finais da Idade Média: estudo do códice da Visitação e Tombo de propriedades da Ordem de Santiago de 1510*, dissertação de mestrado em História Medieval apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas de Lisboa em 2010, 676 p., il., mapas, quadros, gráficos. <http://hdl.handle.net/10362/5694> (consultada em 15-07-2020).

Estudo sobre Palmela, sede do concelho do mesmo nome, a partir da visitação de 1510 e do tomo das propriedades da Ordem Militar de Santiago desta localidade que era a cabeça do senhorio. Ao nível das práticas religiosas, observa-se um controlo das mesmas por parte da Ordem de Santiago, sendo que esta procurava monopolizar a *praxis* cultural, controlando, inclusive, os clérigos de outras ordens. No que toca às igrejas paroquiais, a de Nossa Senhora do Castelo perdeu importância em prol da igreja de São Pedro devido à sua localização afastada do núcleo central da vila, no alto do castelo, enquanto a segunda está no centro vital por excelência do núcleo urbano, na zona mais pujante aos níveis religioso, político e comercial. Realça-se importância religiosa da ermida de São Sebastião e da ermida de Santa Ana que teriam uma afluência considerável, pelo menos em determinados momentos do ano. Outros lugares de culto são dedicados a São Romão e a São Julião ou Gião. Estes são claramente periféricas face à vila e essa mesma localização explica a pouca importância a que parecem ser votados. Por fim, o hospital de São Brás e Santa Susana encontra-se numa zona privilegiada uma vez que se acha junto à estrada que vai para Alcochete, sede do concelho do mesmo nome, local por onde deambulariam viandantes e mesmo peregrinos e romeiros que se dirigiam para o Cabo Espichel (freguesia do Castelo, Sesimbra), local de romaria anual. Quanto ao hospital do Espírito Santo, beneficia igualmente de uma localização de destaque, próxima do núcleo central da vila. Dos lugares de culto, apenas as duas igrejas paroquiais e a ermida de São Sebastião tinham obrigação de missas. Para as ermidas de São Brás e Santa Susana, de Santa Ana e de São Gião não é referenciada a ausência de obrigação de missas. Nas ermidas de São Brás e de Santa Susana, de São Sebastião e de Santa Ana realizava-se o acto de comunhão, pois havia em cada uma delas um cálice com a sua patena, isto é, onde se colocava a hóstia a entregar ao fiel cristão. Notas sobre o culto de santos mártires e de Santa Maria, as festas e procissões, por exemplo ao Corpo de Cristo, a Santa Maria e a São Pedro. Outras assuntos tratados: a assistência à missa e a sua frequência, a confissão

e a comunhão, a testamentária, as missas votivas, as esmolas e as doações pias. – (C1-D2-D4-E3).

0041-07-CUTILEIRO (José), *Ricos e pobres no Alentejo: uma sociedade rural portuguesa*, Lisboa, Sá da Costa, 1977, 433 p., mapa, quadros.

Monografia de matriz antropológica sobre a freguesia de Monsaraz (denominada pelo autor Vila Velha), no concelho de Reguengos de Monsaraz, que contém dados sobre a vida religiosa. As igrejas e capelas existentes e desaparecidas são dedicadas, entre outros, ao Senhor dos Passos, a Nossa Senhora da Orada, do Carmo e aos santos Bartolomeu, João Baptista e Tiago. Possui ainda um mosteiro dos agostinhos descalços. As práticas populares: a caridade, as fórmulas religiosas de saudação, a relação do calendário religioso com as actividades agrícolas. A importância das celebrações, no presente ou no passado, do Natal, da Páscoa (Endoenças), da Exaltação da Cruz e em honra de Santo António. Os rituais relativos ao baptismo, ao casamento e ao funeral. Análise das relações entre a Igreja e a população que evidenciam o peso social daquela: as manifestações de anticlericalismo e os papéis seculares do pároco. Notas sobre a irmandade da Misericórdia, que foi fundada em princípios do século XVIII: as actividades de assistência e o seu papel na organização da festa do Senhor dos Passos. Notícia das irmandades das Almas e do Santíssimo Coração de Jesus, já extintas, e dos santos cultuados a quem a população dedicava rezas, promessas e procissões de penitência. A imagem milagrosa do Senhor dos Passos era invocada para protecção das pessoas e da actividade agrícola. Papel das velhas como curandeiras ou bruxas e as suas práticas capazes de curar e de lançar o mau-olhado. – (D3-D4-E5-G2).

0042-15-DIAS (Mário Balseiro), *Visitações e provimentos da Ordem de Sant'Iago em Aldeia Galega de Ribatejo (1486-1537)*, Montijo, Edição do Autor, 2005, vol. I, 2005, 234 p.

Transcrição das visitas e provimentos efectuados pela Ordem de São Tiago às igrejas e ermidas de Aldeia Galega do Ribatejo, hoje Montijo, sede do concelho do mesmo nome, bem como de Sarilhos-o-Grande, hoje Sarilhos Grandes, entre 1486 e 1537, para correcção de aspectos materiais e religiosos: paramentos, cumprimento das obrigações religiosas pelo clero e pelos crentes, cuidados com as imagens e menção das romarias. As visitas realizaram-se à igreja e ermidas do Espírito Santo, em Aldeia Galega do Ribatejo, de São Jorge, em Sarilhos Grandes, e de Nossa Senhora da Atalaia. Notícia ds festas em honra de Nossa Senhora da Sabonha, freguesia de São Francisco, concelho de Alcochete. Em anexo são transcritos outros documentos, nomeadamente um testamento de um habitante de Aldeia Galega. – (A5-C1-D2-E4).

0043--FALCÃO (José António), *O mártir S. Vicente e a sua liturgia: resumo histórico, exame dos textos litúrgicos*, 2.^a edição, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes, 1974, 57 [3] p.

Segunda edição actualizada com dados históricos sobre a paixão e o culto a São Vicente, cujo corpo foi trasladado de Sagres (distrito de Faro) para Lisboa em 1173. Análise comparativa da antiga missa e do antigo ofício de São Vicente com os ritos que estão actualmente em vigor nas dioceses de Lisboa e do Algarve, após o Concílio Vaticano II. A missa antiga é analisada quanto à parte antifonal, às orações e às leituras, em seguida, comparada com as três ultimamente usadas na diocese de Lisboa (compreende o distrito de Lisboa e a parte sul do distrito de Leiria) e do Algarve (corresponde ao distrito de Faro). O ofício apenas é atestado desde o século XI, mas os textos são quase todos tirados das actas do mártir.

0044-11-FALCÃO (José António), “O mártir São Vicente e sua liturgia”, *São Vicente, diácono e mártir: padroeiro de Lisboa: 1700 anos do martírio de São Vicente*, Centro Cultural de Lisboa Pedro Hispano Lisboa – Cabido da Sé Metropolitana de Lisboa, 2005, p. 221-250, il., quadros.

Análise comparativa da antiga missa e do antigo ofício de São Vicente com os que estão actualmente em vigor. A missa antiga é analisada quanto à parte antifonal, às orações e às leituras e, em seguida, comparada com as três ultimamente usadas nas dioceses de Lisboa e do Algarve. O ofício apenas é atestado desde o século XI, mas os textos são quase todos tirados das actas do mártir.

0045-15-FLORES (Alexandre M.), GAGO (Alice Borges), “Visitações da Ordem de Santiago a Almada (século XV)”, *Anais de Almada: Revista Cultural*, n.º 15-16, 2012-2013, p. 59-198, il.

Introdução e transcrição das visitas a Almada, sede do concelho do mesmo nome, em 1478 e em 1492, efectuadas pela Ordem de Santiago. Os visitantes da ordem examinavam e corrigiam as faltas relativas aos lugares e objectos de culto, ao cumprimento das regras religiosas e de decoro pelo clero e pelos crentes próprias das cerimónias litúrgicas e festivas, ao cumprimento do dever de confissão e comunhão, assim como às situações de cariz moralizante. As visitas constituíam uma medida de organização e de controlo da vida social e religiosa, dos costumes e dos cuidados a ter com os bens da ordem. – (C1-H1-H2).

0046-15-FLORES (Alexandre M.), GAGO (Alice Borges), “Visitações da Ordem de Santiago a Almada (século XVI)”, *Anais de Almada: Revista Cultural*, n.º 17, 2014, p. 125-194, il.

Breve análise e transcrição das visitas da Ordem de Santiago a Almada, sede do concelho do mesmo nome, em 1527 e 1534. Os visitantes da ordem

examinavam e corrigiam as faltas relativas aos lugares e objectos de culto, às regras religiosas e de decoro próprias das cerimónias litúrgicas e festivas, praticadas pelo clero e pelos crentes, ao cumprimento do dever de confissão e comunhão, assim como procediam a correcções moralizantes. Menção de diversos lugares e objectos de culto: igrejas e ermidas anexas, imagens e retábulos. As festas religiosas e populares mencionadas celebravam o Espírito Santo, o Corpo de Deus, Nossa Senhora de Agosto e São Tiago. As instituições pias eram estabelecidas por testamento. As visitas constituíam uma medida de organização e controlo da vida social e religiosa, dos costumes e dos cuidados a ter com os bens da ordem. – (C1-D3-H1-H2).

0047-12-FONSECA (Jorge), “Escravos e libertos em Elvas (século XVI)”, *Elvas Caia: Revista Internacional de Cultura e Ciência*, n.º 7, 2009, p. 13-26, quadros.

A propósito do estudo da condição dos escravos em Elvas, sede do concelho do mesmo nome, no século XVI, são dadas informações sobre a actuação das autoridades em matéria religiosa: a integração na vida cristã mediante a sua conversão e baptismo, a prática dos sacramentos e rituais católicos, assim como o casamento e o sepultamento segundo as práticas conformes aos católicos. – (E4).

0048-07-FONSECA (Morais da), “Pastoral: uma sondagem sobre a assistência à missa”, *Alvoradas*, Ano XXI, Jan-Mar, 1960, p. 51-56, gráficos.

Breve sondagem, no âmbito da sociologia religiosa, sobre a assistência à missa dominical pelas crianças de Évora com idades compreendidas entre 7 e 13 anos. O inquérito procura saber as motivações, o grau de catequização da criança e da intervenção da família na sua formação religiosa. Num universo de cento e sessenta e cinco respostas o autor identifica que 40% das crianças vão sempre à missa (sendo na sua maioria raparigas), 40% vão às vezes e 20% nunca. Verifica-se que para as respostas positivas o motivo é, essencialmente, a obrigação (seria pecado mortal não ir, a influência da catequese) e para as negativas o esquecimento ou a incompatibilidade com outras tarefas.

0049-11-FRANCO (António Bento), “Um livro de ‘Visitas e Pastorais’ da freguesia da Ericeira (1609-1752)”, *Boletim Cultural*, Junta Distrital de Lisboa, n.º 53-54, 1960, p. 113-137 [1], il., quadros.

Breve análise do livro de visitas e pastorais da igreja paroquial de São Pedro, freguesia da Ericeira, concelho de Mafra, cobrindo o período compreendido entre 1609 e 1752. Os visitantes preocuparam-se com a acção catequética do padre para com as crianças, o estado de conservação da igreja e das imagens, o comportamento do povo: algumas profissões trabalhavam aos domingos e dias santos, faltando à missa, faziam-se bailes na ermida de São Sebastião e danças na procissão do Santo Anjo, os crentes açoitavam-se na procissão

das Endoenças, entre outras situações. Notas sobre a devoção dos pescadores a São Pedro Gonçalves Telmo, cuja imagem ocupava um lugar de destaque na igreja, havendo notícia de que outros lugares de culto tinham imagens do mesmo santo, que hoje não é cultuado. Menção da confraria de Nossa Senhora da Conceição, fundada antes de 1616. Algumas imagens mencionadas representavam Nossa Senhora do Rosário e os santos Pedro Gonçalves Telmo, João Evangelista e Luzia. – (C1-D4-G1-H1).

0050-11-FRANCO (Luís Farinha), “Um livro de visitasões à igreja de Sant’ Ana de Lisboa (1570-1598)”, *Boletim Cultural*, Assembleia Distrital de Lisboa, n.º 79-80, 1973-1974, p. 61-89.

Considerações gerais sobre a importância dos livros das visitasões como fontes históricas e como expressão da doutrina do Concílio de Trento. O livro de visitasões da igreja de Santa Ana, freguesia da Pena, é o mais antigo de Lisboa. As duas visitasões transcritas datam de 1570 e de 1571 e fornecem informações sobre os deveres do clero, os comportamentos religiosos e morais da população, entre outros aspectos.

0051-12-GAMA (Eurico), “Pergaminhos da colegiada da Santa Maria de Alcáçova de Elvas”, *Arqueologia e História*, vol. I, 1968, p. 187-244, il.

Contributo para o estudo da colegiada de Nossa Senhora de Alcáçova, sediada na igreja paroquial da freguesia de Alcáçova, concelho de Elvas. A igreja foi construída sobre as fundações da antiga mesquita e sofreu várias intervenções de restauro nos séculos XVI e XVIII. Alusão a outras igrejas em Elvas: São Salvador, Nossa Senhora dos Açougues e São Pedro. Descrição arquitectónica e dos objectos de culto da igreja de Nossa Senhora de Alcáçova, nomeadamente das imagens de Nossa Senhora da Graça e de uma pintura representando São Bento. Notícia da existência de sepulturas no interior da igreja e da irmandade de Nossa Senhora de Brotas sediada na mesma. Transcrição dos tombos dos bens da igreja de Alcáçova e de um núcleo de cinquenta e três pergaminhos dos séculos XIV e XV, onde se incluem testamentos com pedidos de enterramento na igreja e de missas. Ambos os núcleos documentais pertencem à Biblioteca Municipal de Elvas. – (C2-C7-H1-H2).

0052-07-GOMES (Ana Cristina da Costa), “D. João de Mello (?-1574) e o arcebispado de Évora: subsídios para o estudo da sua vida e obra”, *A Cidade de Évora: Boletim da Comissão Municipal de Turismo de Évora*, n.º 3, 1998-1999, p. 59-83, il.

Versão aumentada (texto e documentos) da análise das constituições do arcebispado de Évora de 1565, cuja autoria é atribuída ao arcebispo Dom João de Melo. As constituições foram inspiradas nas decisões do Concílio de Trento, no qual o arcebispo participou, e regulamentam aspectos da vida religiosa

eclesiástica e popular: a administração e observância dos sacramentos, as festas populares, as procissões, os enterramentos e os testamentos, assim como os assuntos da competência exclusiva da hierarquia (por exemplo os casos de heresia e de iconoclastia). Nota biográfica de Dom João de Melo (morreu em 1574), que destaca a sua função de Inquisidor de Évora e de Lisboa e bispo da diocese de Silves, hoje integrada na diocese do Algarve. Transcrição de documentos. – (E1-E3-E4).

0053-07-GOMES (Ana Cristina Cardoso da Costa), “Subsídios para o estudo da vida e obra do arcebispo de Évora D. João de Melo”, actas do colóquio Évora: o foral manuelino e o devir quinhentista, *A Cidade de Évora: Boletim da Comissão Municipal de Turismo de Évora*, n.º 6, 2002-2006, p. 179-196.

Nota sobre o percurso eclesiástico de Dom João de Melo como inquisidor de Évora e de Lisboa, bispo da diocese do Algarve e da diocese de Évora, onde desenvolveu uma acção inspirada nas determinações do Concílio de Trento, no qual participou em 1551. Essa influência está expressa nas constituições da diocese do Algarve (1554) e da diocese de Évora (1565): regulamentam de forma minuciosa e punitiva a vida quotidiana do mundo clerical e do mundo secular, as práticas permitidas e proibidas, os direitos e as obrigações, o valor da missa e o sentido dos seus diferentes momentos.

0054-.-GONÇALVES (Flávio), “A Inquisição portuguesa e a arte condenada pela Contra-Reforma”, *Colóquio: Revista de Artes e Letras*, n.º 26, p. 26-30, 1963, il.

Apontamentos sobre a acção do Santo Ofício na alteração ou destruição de obras de pintura que não se ajustavam aos mandados iconográficos do Concílio de Trento, bem como na difusão de imagens mais adequadas aos mesmos, nos séculos XVI-XVIII. Entre as obras visadas estão o *Ecce Homo* da antiga igreja de Santa Justa (mártir, Sevilha, século III), em Lisboa, e o retábulo do altar de Nossa Senhora do Rosário na igreja matriz da freguesia da Caparica, concelho de Almada. – (H2-I4).

0055-11-GORJÃO (Sérgio), MACHADO (João Liberata), “Visitações de Santo André de Mafra: novos documentos a juntar ao estudo do cónego doutor Isaías da Rosa Pereira”, *Boletim Cultural '93*, Câmara Municipal de Mafra, p. 127-148.

Breve nota introdutória e transcrição de documentos relativos às visitasões da igreja de Santo André, freguesia de Mafra, sede do concelho do mesmo nome, entre 1473 e 1528. As visitasões dão informações sobre aspectos relacionados com a prática religiosa dos fiéis e as funções dos párocos: os sacramentos, as procissões, os objectos de culto (imagens e pinturas) e o estado de conservação do edifício, os registos das missas. Menção das imagens de Nossa Senhora e dos santos André e Lourenço. – (C1-E3-H1-H2).

0056-12-GOUVEIA (António Camões), “O Bispo do ‘Tratado da Cidade de Portalegre’ do Padre Pereira Sotto Maior”, *A Cidade: Revista Cultural de Portalegre*, n.º 3, 1989, p. 55-70.

Com base no Tratado da Cidade de Portalegre da autoria do padre Diogo Pereira de Sotto Maior (século XVI), que conviveu com os bispos na Sé Catedral de Portalegre, analisa-se o papel social do bispo. Este é visto segundo dois vectores: o pastoral e o teológico. Na sua obra, o bispo, que parece ignorar Frei Bartolomeu dos Mártires, dominicano, arcebispo de Braga (1559-1582) e santo desde 2019, assume-se como um renovador da Igreja segundo a perspectiva tridentina. Assim, considera o bispo como o primeiro cristão da sua diocese com funções pedagógicas junto dos crentes através das pastorais, dos sermões e do exemplo do amor a Deus, de virtude e da caridade. A formação dos fiéis passa pelo seu enquadramento na vida da Igreja e pela maior ligação com ela através de visitas pastorais e constituições sinodais, sem esquecer as medidas de oposição à heresia através da Inquisição.

0057-12-GRANCHO (Nuno), “A instituição e a geografia diocesana elvense no contexto da fundação das ordens religiosas”, *Callipole: Revista de Cultura*, n.º 21, 2014, 173-197 [1].

Análise da conjuntura que determinou a criação da diocese de Elvas em 1570, hoje integrada na diocese de Évora, cuja Sé foi a igreja de Santa Maria, e da sua evolução até ao século XIX. A criação da diocese dinamizou o estabelecimento de conventos e mosteiros, sobretudo nos núcleos urbanos, pertencentes às ordens de São Domingos, de São Francisco de Assis, de São Paulo, dos Hospitalários de São João de Deus e à Companhia de Jesus, que se destacaram pela pregação e pela ajuda aos feridos nas batalhas e, no caso dos Hospitalários de São João de Deus, na protecção fronteiriça.

0058-11-HIGGS (David), “Mulher, poder e ordem cristã perante a Inquisição de Lisboa nos anos 1790”, *Inquisição: comunicações apresentadas ao 1.º Congresso luso-brasileiro sobre Inquisição*, coordenação de SANTOS (Maria Helena Carvalho dos), Lisboa, Sociedade Portuguesa de Estudos do Século XVIII – Universitária Editora, 1989-1990, vol. III, p. 1109-1118, quadro.

Breve contribuição para o estudo do modo como as mulheres eram vistas pela Inquisição de Lisboa nos finais do século XVIII, através da análise de quatro processos de mulheres de Lisboa. Estas eram acusadas de pretenderem ter poderes religiosos e de fingirem ter visões, de curar com ervas, de proferir blasfémias, de fazer referência a poderes demoníacos e de dizerem ser alvo de espíritos. Segundo o autor, foram condenadas por representarem uma ameaça para a sociedade: uma ameaça à ordem cristã, por quererem convencer os outros dos seus poderes misteriosos, uma ameaça ao mundo da medicina, uma ameaça herética contra a religião cristã devido às suas blasfémias e

“superstições”, uma ameaça contra a certeza de que não existiam espíritos estranhos na natureza. – (E5).

0059-07-LAVAJO (Joaquim Chorão), “Catedral de Évora: liturgia e devoção – séculos XII-XX”, *Eborensia: Revista do Instituto Superior de Teologia de Évora*, n.º 48, 2014, p. 145-198.

Estudo da influência exercida pela catedral de Évora sobre as igrejas da diocese. O local é um centro privilegiado de vivência e irradiação de espiritualidade litúrgica e de devoção popular, alimentadas quotidianamente pela intensa celebração de actos religiosos: missas, ofícios, capelas, aniversários e celebrações festivas. Em particular, as peregrinações a Nossa Senhora do Ó ou da Encarnação e ao Santo Lenho atraíam multidões. – (D2-D3-E1-E4).

0060-07-LAVAJO (Joaquim Chorão), “D. João de Melo e a reforma quinhentista da Igreja”, *Eborensia: Revista do Instituto Superior de Teologia de Évora*, n.º 38, 2006, p. 67-102.

Nota biográfica e percurso eclesiástico de Dom João de Melo e Castro, bispo da diocese de Silves, hoje integrada na diocese do Algarve, e depois arcebispo de Évora entre 1564 e 1574. Ao serviço da doutrina tridentina, o bispo reformou o clero, realizou diversos sínodos e aplicou localmente as determinações do concílio através das constituições diocesanas de 1565 e da igreja de Évora de 1569. A sua acção incidiu também na pastoral de pregação e na catequese.

0061-07-LEAL (Agostinho Crespo), “A assistência religiosa no Hospital Distrital de Évora e a comunidade”, *Congresso comemorativo do quinto centenário da fundação do Hospital Real do Espírito Santo: actas*, Évora, Hospital do Espírito Santo, 1996, p. 475-484.

Contribuição para a história da assistência religiosa no hospital distrital de Évora entre 1974 e 1995. Até 1974, a assistência era dada pelo capelão do hospital e pelas irmãs franciscanas hospitaleiras, que depois da revolução de 25 de Abril de 1974 foram afastadas, enquanto a presença do capelão passou a ser regulamentada pelo Estado. A nova legislação prevê que o capelão seja uma presença constante, coadjuvado por auxiliares e voluntários, com funções que incluem a catequização, a administração dos sacramentos, o acompanhamento dos doentes e o apoio humano, ético e espiritual aos profissionais de saúde.

0062-15-LEAL (Ana de Sousa), PIRES (Fernando), *Alhos Vedros nas visitas da Ordem de Santiago*, Alhos Vedros, Comissão Organizadora das Comemorações do 480.º Aniversário do Foral de Alhos Vedros, 1994, 60 p.

Introdução e transcrição da visitação da Ordem de Santiago e Espada à freguesia de Alhos Vedros, concelho da Moita, em 1523. As visitas dão

informações sobre os edifícios, o clero, o culto e o magistério, as crenças e a moral social, assim como sobre aspectos económicos e sociais. Descrição da igreja paroquial de São Lourenço, da capela de Nossa Senhora dos Anjos, da ermida de Nossa Senhora da Vitória e de outros lugares de culto com a indicação dos seus objectos de culto. A capela de Santo Estêvão na igreja paroquial foi instituída por testamento. Menção das procissões do Corpo de Deus e de Domingos de Ramos, de Nossa Senhora de Agosto, do Anjo Custódio, da Visitação de Nossa Senhora e de São Lourenço. – (C1-C2-E3-E4).

0063-07-LOPES (Bruno), *A Inquisição em terra de cristãos-novos: Arraiolos 1570-1773*, Lisboa, Apenas Livros, 2013, 243 p., il., quadros.

Estudo sobre o tribunal do Santo Ofício com o objectivo de caracterizar os seus agentes que residiam no concelho de Arraiolos, sob o ponto de vista socio-económico e da sua acção, no período entre 1570 e 1773. A análise trata da vida quotidiana dos comissários, notários e familiares do Santo Ofício, assim como do funcionamento da rede inquisitorial. Os crimes cometidos por elementos da população de Arraiolos julgados pela Inquisição no período considerado foram: dizer missa sem ordens, fingir ser familiar do Santo Ofício e praticar o judaísmo.

0064-11-LOPES (Fernando Félix), “Últimos dias do Seminário de Missionários Apostólicos de Varatojo”, *Itinerarium*, n.º 93-94, 1976, p. 323-354.

O convento de Santo António do Varatojo, freguesia de Santa Maria do Castelo e São Miguel, em Torres Vedras, sede do concelho do mesmo nome, foi mandado construir por Dom Afonso V e por ele entregue à Vigararia Provincial da Observância Franciscana de Portugal, em 1474. Em 1679, passou a Seminário de Missionários Apostólicos até à sua extinção em 1834. Publicação de três documentos que relatam as vicissitudes da extinção do convento-seminário. Na sentença são mencionadas acusações proferidas por testemunhas do povo relativamente a condutas consideradas impróprias, por parte da comunidade religiosa, quanto à acção socio-pastoral, à administração da formação religiosa, à assistência caritativa e ao ensino. – (I3).

0065-11-LOPES (Irina Alexandra), RODRIGUES (Maria de Lurdes), “Leitura paleográfica do Livro de Visitações da freguesia de Santo Isidoro (Mafra) – 1594-1621”, *Boletim Cultural '03*, Câmara Municipal de Mafra, p. 510-543.

Transcrição do livro das visitas da freguesia de Santo Isidoro, concelho de Mafra, de 1594 a 1621. A recomendações e exigências dos visitantes incidiram por exemplo na organização das confrarias, nomeadamente as do Santíssimo Sacramento e do Espírito Santo, na falta de assistência à missa e nos comportamentos durante a mesma, assim como na organização das procissões. – (G1-E3).

0066-12-LOURENÇO (Maria Paula Marçal), “Inquisição e cristãos-velhos: a visita ao Priorado do Crato em 1587-1588”, *A Cidade: Revista Cultural de Portalegre*, n.º 8, 1993, p. 31-64, quadros, gráficos.

Análise do corpus documental relativo a uma visita da Inquisição de Lisboa ao concelho do Crato e as localidades de Proença-a-Nova e Sertã do distrito de Castelo Branco entre 1578 e 1588), incidindo nas confissões de cristãos-velhos. Os dados obtidos demonstram que os principais delitos cometidos são as blasfémias, as injúrias ao nome de Deus, de Cristo e da Virgem Maria, a descrença no Paraíso, no Purgatório e no Inferno, as práticas sexuais e o judaísmo, que atestam a fraca evangelização das camadas rurais.

0067-12-LOURENÇO (Maria Paula Marçal), “Para o estudo da actividade inquisitorial no Alto Alentejo: a visita da Inquisição de Lisboa ao bispado de Portalegre em 1578-1579”, *A Cidade: Revista Cultural de Portalegre*, n.º 3, 1989, p. 109-138, mapas, gráficos; *Actas do 1.º Encontro de história regional e local do distrito de Portalegre*, Portalegre, Centro de Recursos e Animação Pedagógica da Escola Superior de Educação de Portalegre, 1987, p. 371-395, mapas, gráficos.

Contribuição para o estudo da actividade inquisitorial no Alto Alentejo (distritos de Portalegre e de Évora) a partir da visita da Inquisição à antiga diocese de Portalegre em 1578-1579, hoje integrada na diocese de Portalegre – Castelo Branco, compreendendo a parte nordeste do distrito de Portalegre. São objecto da visita sobretudo as localidades de Portalegre, Arronches, Marvão, Castelo de Vide, Montalvão e Nisa. A geografia e a cronologia da visita insere-se na política de controlo das áreas periféricas pautada pelos princípios da reforma tridentina. Análise dos rituais das denúncias e das confissões, o enquadramento sociológico dos denunciados, denunciantes e confitentes, os temas de denúncia mais frequentes (a perpetuação das cerimónias e costumes judaicos e a transmissão escrita da religião judaica, o orgulho em ser judeu, as profecias messiânicas), as confissões (proposições heréticas, juízos heréticos). A visita permitiu sobretudo obter informações acerca da vivência religiosa das comunidades cristãs-novas dessas localidades.

0068-07-LOURO (Henrique da Silva), “Fontes bibliográficas para a história da arquidiocese de Évora”, *Igreja Eborense: Boletim de Cultura e Vida da Arquidiocese de Évora*, n.º 1-4, 1983, p. 227-256; n.º 5-8, 1984, p. 219-243; n.º 9, 1985, p. 145-159; n.º 10, 1986, p. 143-167; n.º 11, 1987, p. 189-208; n.º 12, 1988, p. 199-220; n.º 13, 1989, p. 171-185; n.º 14, 1990, p. 149-158; n.º 15, 1991, p. 203-217; n.º 16, 1992, p. 205-242; n.º 17, 1993, p. 55-62; n.º 18, 1994, p. 37-46; n.º 19, 1995, p. 43-51.

Compilação de fontes manuscritas e impressas para a história da diocese de Évora, recolhidas em arquivos nacionais e locais. O repertório contém

informações respeitantes a cada paróquia sobre as igrejas paroquiais e não paroquiais, capelas, ermidas, conventos, as visitas, os registos paroquiais, o Santo Ofício, as memórias paroquiais, os testamentos, as procissões, as irmandades e as confrarias. – (C2-C5-E4-G1).

0069-11-LUÍS (Maria dos Anjos Fernandes), “Visitas Pastorais ao concelho da Lourinhã no século XVII”, *Lusitania Sacra*, t. 23, 2011, p. 169-187, quadros.

Análise das visitas pastorais efectuadas a três freguesias do concelho da Lourinhã durante o século XVII, através das suas fontes primárias (livros de devassa, livros de termos de admoestação, capítulos das visitas). A conclusão principal refere que elas se constituíram no instrumento fundamental da normalização dos comportamentos sociais daquelas comunidades. Essa acção, utilizando a devassa e o julgamento sistemático dos «pecados públicos», acabou por se impor aos clérigos, designadamente no domínio da sexualidade, do cumprimento do voto de castidade para controlar os delitos de mancebia e concubinato, e aos leigos no que diz respeito à disciplina matrimonial para controlar o seu comportamento sexual e à vida familiar.

0070-11-LUÍS (Maria dos Anjos Fernandes), *Vivências religiosas e comportamentos sociais: visitas pastorais ao concelho da Lourinhã nos séculos XVII e XVIII*, Lourinhã, Câmara Municipal, [D.L. 2014], 229 p., il., mapas, quadros, gráficos.

Análise do processo de implementação da reforma católica no concelho da Lourinhã durante os séculos XVII e XVIII, ocorrido na sequência das decisões tomadas pelo Concílio de Trento. Um dos instrumentos privilegiados dessa reforma foi a visita pastoral na qual o bispo ou um seu delegado se dirigia regularmente às freguesias da diocese para proceder a uma devassa geral. Esta visita não se destinava apenas a inspecionar aspectos relativos ao culto, ao património, aos deveres dos párocos e às obrigações religiosas dos fiéis, mas também a exercer uma vigilância sobre os comportamentos sociais, através do julgamento dos pecadores públicos, como por exemplo a adesão à doutrina protestante, heresia, bigamia, adultério, mancebia, casais separados, “superstições” e feitiçarias, alcoolismo, incumprimento das obrigações religiosas ao domingo e dias santos, assim como a ausência da confissão e comunhão anuais. A jurisdição dos tribunais diocesanos sobre os leigos, que não aplicavam apenas sanções espirituais (penitências, comunhão), mas também temporais (multas, prisão ou degredo), foi um instrumento de normalização e de disciplina social. Dados sobre o ensino da doutrina cristã e a pregação, nomeadamente sobre as missões internas. As devoções incentivadas e o movimento confraternal centrados nas figuras de Cristo, sobretudo a sua Paixão e presença eucarística, de Nossa Senhora do Rosário e da Conceição. Notas sobre as confrarias e as festividades consagradas aos padroeiros das freguesias ou das confrarias. O papel da Ordem Terceira de São Francisco

de Assis. As procissões mais importantes eram as dos Passos, do Enterro do Senhor e das Rogações, entre outras. – (D2-D3-E3-G1).

0071-11-MACHADO (João Liberata), “Índice do fundo documental da colegiada de Santo André de Mafra conservados na Torre do Tombo”, *Boletim Cultural '99*, Câmara Municipal de Mafra, p. 294-308.

Relação e descrição da sinopse dos documentos contidos no fundo documental, datado do século XVI, conservados na Torre do Tombo em Lisboa, pertencente à colegiada da igreja de Santo André situada em Mafra, sede do concelho do mesmo nome. Os documentos, que interessam também a outras igrejas, compreendem documentação relativa a testamentos, que estipulavam as obrigações de “mandar dizer missa” por alma de defuntos, a visitas paroquiais e à procissão para benção das vinhas e campos. – (E3-E4-E6).

0072-11-MACHADO (João Liberata), “Livro de Visitações e pastorais da paróquia de São Pedro da Ericeira (1609-1752), *Boletim Cultural '92*, Câmara Municipal de Mafra, p. 27-42.

Descrição de cinquenta e cinco visitações efectuadas à freguesia da Ericeira, concelho de Mafra, durante o período de 1609 a 1752. A importância dos livros de visitações para o estudo da vida local e da religião, bem como os problemas que colocam enquanto fonte de estudo. Notícias da igreja paroquial de São Pedro, da igreja da Misericórdia (século XVII) e das ermidas do Espírito Santo, de Nossa Senhora da Boa Viagem, de São Sebastião e de Santa Marta. As confrarias referidas são dedicadas ao Santíssimo Sacramento, ao Espírito Santo e ao Nome de Jesus, a Nossa Senhora do Rosário, da Boa Viagem, da Conceição e a São Pedro. As imagens representam Nossa Senhora do Rosário e Santa Luzia, datando pelo menos dos séculos XVII e XVIII. – (C1-G1-H1).

0073-07-MACHADO (João Liberata), *Visitações e pastorais de São Pedro da Ericeira, 1609-1855*, nota codicológica de NASCIMENTO (Aires A.), introdução de BARATA (Maria do Rosário Themudo), Ericeira, Mar de Letras, 1998, 225 p.

Transcrição das visitações e pastorais da freguesia da Ericeira, concelho de Mafra, entre 1609 e 1855. As informações contidas nos livros das visitações incidem no comportamento das pessoas e no exame dos lugares e dos objectos de culto. Mais concretamente, referem-se os conselhos e imposições ao clero e sobre os lugares de culto, as confrarias do Santíssimo Sacramento, de Nossa Senhora da Boa Viagem, as mordomias de Nossa Senhora do Rosário e do Espírito Santo, as recomendações de zelo pelas imagens, os cuidados com as devoções, a proibição dos enterros na capela-mor, dos leilões, das danças, de comer e de dormir nos lugares de culto, o respeito devido aos dias santos e domingos, assim como a atenção dada às manifestações da vida religiosa individual e familiar. – (E4-G1-H1-E6).

0074-07-MARQUES (António Fernando), “Ordens religiosas na Arquidiocese de Évora: convento do Salvador (Évora)”, *Congresso de História no IV centenário do Seminário de Évora: actas*, vol. I, Évora, Instituto Superior de Teologia, 1994, p. 389-415.

Levantamento da presença das ordens religiosas e dos respectivos conventos e mosteiros da arquidiocese de Évora. Em particular é estudado o convento feminino de clarissas sob a invocação do Salvador do Mundo, fundado em Évora no século XVI: dados históricos sobre a extinção do convento, assim como sobre o impacto das invasões francesas. Menção de imagens da igreja do convento que representam o Salvador do Mundo, São Francisco de Assis, Santa Clara de Assis e Anjos. – (C2-H1-I1).

0075-11-MARQUES (Armando de Jesus), “O processo inquisitorial inédito do aventureiro Francisco de Leão”, *Itinerarium*, n.º 59, 1968, p. 1-48, mapa.

Estudo do processo do Tribunal da Inquisição de Lisboa relativo ao aventureiro Francisco de Leão. Este fez-se passar por frade agostinho e envolveu-se num negócio de relíquias trasladadas de Itália para Portugal, nomeadamente para o mosteiro de Nossa Senhora da Graça em Lisboa, cerca de 1560. São mencionadas as relíquias do espinho da coroa de Jesus Cristo, do lenho da Cruz e da coluna onde Cristo foi açoitado, uma redoma de vidro com leite de Nossa Senhora coalhado, ossos e pele dos santos Alexandre, André, Barnabé, Brás, Cristóvão, Estêvão, Eleutério, Fabião, Sebastião, Filipe e Tiago (apóstolos), Gens, Gervásio, Protásio, Jerónimo, João Baptista, Lourenço, Pedro, Mário, Marta e Maria Madalena, acompanhadas dos documentos que as autenticavam. – (H7).

0076-12-MARTINS (Anacleto Pires), *O cabido da Sé de Portalegre: achegas para a sua história*, Portalegre, Cabido da Sé de Portalegre, 1997, 207 p., il.

Contribuição para a história do cabido da Sé de Portalegre com a transcrição da Carta de Instituição (de 1556), dos Estatutos de 1559 e de 1952, assim como do Regimento de 1560. Os documentos contêm decisões relativas à vida eclesiástica e à pregação, à missa, às procissões, aos funerais, às festas mais solenes do calendário litúrgico, aos ritos efectuados durante a Quaresma, à Semana Santa, à Ascensão, ao Pentecostes, à Trindade, ao Corpo de Deus, assim como aos dias de Todos os Santos e de Finados e ao Natal. Catálogo do acervo documental referente ao Cabido da Sé desde a fundação ao século XIX. – (E1-E3).

0077-12-MARTINS (Anacleto Pires), “A propósito da judiaria de Portalegre”, *A Cidade: Revista Cultural de Portalegre*, n.º 8-9, 1983, p. 55-56, il.

A propósito da judiaria de Portalegre é data uma nota sobre os espaços em que se pretendia evitar o contacto entre judeus e cristãos, nos quais aqueles eram obrigados a recolher-se depois do primeiro toque das Ave-Maria.

0078-11-MARTINS (Jorge), *O Senhor Roubado: a Inquisição e a questão judaica*, Póvoa de Santo Adrião, Europress, 2002, 175 p., il.

Estudo que reúne as crónicas publicadas no *Jornal Vento Novo* (Setembro de 2001 e Maio de 2002) sobre a origem do lugar de culto denominado Senhor Roubado, situado em Odivelas, sede do concelho do mesmo nome, enquanto manifestação de antijudaísmo. Relato do roubo das hóstias sagradas ocorrido em 1671 na igreja matriz de Odivelas, sede do concelho do mesmo nome, praticado por um jovem rural alcoolizado de nome António Ferreira, preso pela Inquisição como judeu. O acontecimento motivou uma campanha antijudaica, que se traduziu em sermões, procissões e penitências pelas hóstias profanadas, assim como na divulgação de versos antijudaicos, inscritos numa tradição de perseguição aos judeus que remonta sobretudo ao édito de expulsão dos judeus (1496) e ao estabelecimento da Inquisição. A hipótese de António Ferreira ser judeu cristão-novo não foi confirmada pelo tribunal do Santo Ofício, que o condenou à fogueira como cristão-velho sacrilego. História da construção do monumento do Senhor Roubado, iniciada em 1744 e terminada em 1747. Referência aos doze painéis de azulejos historiados aí colocados que narram o roubo de 1671, mas com algumas diferenças substanciais em relação aos factos ocorridos, o que demonstra a intenção inquisitorial de desagravar a ofensa. Menção de casos idênticos de roubo de hóstias em igrejas portuguesas desde a Idade Média. Em apêndice constam fotografias dos painéis de azulejos, a sentença de António Ferreira e a proposta de perdão dos judeus feita pelo padre António Vieira. – (C2-H2-I2-I5).

0079-07-MARTINS (Luís Jaime), *Judeus de Arraiolos e outros cristãos-novos*, s. l., Academia de Artes e Letras, [D.L. 2016], 284 p., il., gráficos.

Breve contextualização histórica e levantamento das famílias de cristãos-novos de Arraiolos, sede do concelho do mesmo nome, nos séculos XV a XIX, apresentadas à Inquisição de Évora. No período entre 1541 e 1715, foram instaurados nos tribunais da Inquisição de Évora e de Lisboa 358 processos de indivíduos naturais de Arraiolos, dos quais 12 foram sentenciados em auto-de-fé.

0080-15-MARTINS (Manuel da Silva), “Setúbal na história religiosa: a Diocese de Setúbal”, *Setúbal na História*, Setúbal, Edições L.A.S.A., 1990, p. 25-39.

Nota sobre a criação e a organização da diocese de Setúbal (compreende os concelhos do norte do distrito de Setúbal situados entre os rios Tejo e Sado), que se caracteriza por uma forte descristianização. O autor e bispo da diocese considera que esta foi motivada pelo fenómeno imigratório e por deficientes perspectivas pastorais, entre outras razões.

0081-15-MATA (Joel Silva Ferreira), “A visitação à Igreja Paroquial de Nossa Senhora da Oliveira, de Canha, em 1565”, *População e Sociedade*, vol. XVIII, 2010, p. 197-201.

Estudo sobre a visitação à igreja paroquial de Nossa Senhora da Oliveira, freguesia de Canha, concelho do Montijo. As visitas quinzentistas das instituições religioso-militares constituem um instrumento assaz importante para o estudo de áreas tão abrangentes como a economia, as práticas religiosas, a sociedade, a cultura, a administração, a assistência social, a demografia. Quanto aos aspectos religiosos, foram visitadas as três confrarias existentes na igreja paroquial: a do Espírito Santo, a de São Sebastião e a de São Julião ou Gião. Menção da capela de São Gião e das imagens de Nossa Senhora da Oliveira e de São Gião. – (C2-G1-H1).

0082-07-MELO (Carlos Manuel Cardoso de), “A paróquia nos planos pastorais da arquidiocese de Évora (1990-1995), *Eborensia: Revista do Instituto Superior de Teologia de Évora*, n.º 37, 2006, p. 135-176.

Notas sobre a importância da paróquia nos planos pastorais da arquidiocese de Évora no período de 1990 a 1995, concebida como um centro de evangelização, de celebração, de vivência e de profissão da fé. Segundo o autor, a prática religiosa tem vindo a crescer no final do século XX, depois de ter decaído desde o século XIX, aproveitando a profunda religiosidade popular especialmente dedicada à Virgem Maria. A piedade popular manifesta-se normalmente nas procissões dos Passos, de Ramos, do Enterro do Senhor, do Corpo de Deus e nas procissões em honra do padroeiro ou de Nossa Senhora. – (E2-E3).

0083-07-MENDEIROS (José Filipe), “Assistência religiosa no Hospital do Espírito Santo de Évora até 1974”, *Congresso comemorativo do quinto centário da fundação do Hospital Real do Espírito Santo: actas*, Évora, Hospital do Espírito Santo, 1996, p. 119-135.

Contribuição para a história da assistência religiosa no hospital do Espírito Santo em Évora desde a sua fundação em 1499 até à revolução de 1974 e, sobretudo, depois da sua entrega à Santa Casa da Misericórdia em 1567. A fundação do Hospital do Espírito Santo resultou da anexação de hospitais e albergarias criados pelas ordens religiosas. A assistência espiritual fornecida aos doentes incluía visitas, a administração dos sacramentos e a celebração de missas. Nota sobre o papel das ordens religiosas no fornecimento de assistência a doentes e peregrinos no concelho de Évora desde a Idade Média. – (G2).

0084-11-MENDES (Isabel Maria Ribeiro Mendes), “O processo de Fernão de Pina, cronista e guarda-mor da Torre do Tombo, na Inquisição de Lisboa”, *Beira Alta*, vol. XLVIII, fasc. 3-4-, 1989, p. 401-427.

Estudo do processo movido pela Inquisição de Lisboa nos anos de 1544 e 1549. Fernão de Pina foi preso e acusado de luteranismo, de não se confessar, de comer carne na Quaresma e de não acreditar em milagres.

0085-07-MESTRE (Sílvia), LOJA (Marco), “O Hospício de Nossa Senhora da Piedade de Évora: uma instituição assistencial pós-tridentina”, *Igreja, caridade e assistência na Península Ibérica (sécs. XVI-XVIII): actas, coordenação de ABREU (Laurinda)*, Lisboa, Edições Colibri – Cidehus, 2004, p. 291-298, gráficos.

Notas sobre a fundação do hospício feminino de Nossa Senhora da Piedade em Évora, uma instituição assistencial fundada em 1587 pelo arcebispo com a finalidade catequizadora de lutar contra o pecado e a vida mundana e direccionar os fiéis para Deus. Contém dados estatísticos sobre as entradas das recolhidos, as suas idades e o seu destino até ao início do século XVIII. – (G2).

0086-.-MORNA (Teresa Freitas), “Os Jesuítas e a arte”, *O púlpito e a imagem: os jesuítas e a arte*, coordenação de SILVA (Nuno Vassalo e), Lisboa, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, 1996, p. 13-42, il. (Centro de Documentação da Misericórdia de Lisboa).

Estudo sobre o património arquitetónico e artístico jesuíta em Portugal. Inventário e tipologia dos principais lugares de culto: igreja e colégio do Espírito Santo em Évora (1567), igrejas de São Roque (1573) e de Santo Antão (1579) em Lisboa, de São Lourenço no Porto, a Sé Nova e a igreja das Onze Mil Virgens (1562) em Coimbra, o Colégio de São Paulo em Braga e o de Jesus em Bragança, actual Sé (1561). Apresentação da morfologia dos lugares de culto da Companhia de Jesus: a articulação do modelo de igreja e arte jesuítas com os objectivos da doutrina e o seu enquadramento no movimento Contra-Reforma. Notas sobre o património artístico de algumas igrejas jesuítas (séculos XVI a XVIII) e sobre o papel pedagógico da arte de Contra-Reforma. O repertório pictórico e escultórico, existente principalmente na igreja e Museu de São Roque, representa cenas da vida de Santo Inácio de Loyola, santos jesuítas (São Francisco de Borja, Luís Gonzaga), Nossa Senhora do Pópulo, da Purificação e da Piedade, a viagem de São Francisco Xavier e Santo António, assim como temas bíblicos. Nota sobre o culto das relíquias e sobre a colecção de relicários com as relíquias de santos mártires e de santas virgens (séculos XVII e XVIII), pertencentes à igreja e ao Museu de São Roque. – (H1-H2-H7).

0087-11-NOZES (Judite) “John Coustos e a Inquisição de Lisboa”, *Inquisição: comunicações apresentadas ao 1.º Congresso luso-brasileiro sobre Inquisição*, Lisboa, 1987, coordenação de SANTOS (Maria Helena Carvalho dos), Lisboa, Universitária Editora, 1990, vol. III, p. 1139-1146.

Nota sobre o relato publicado em Londres em 1746, que denunciava os sofrimentos tidos pelo britânico John Coustos, durante a sua prisão na Inquisição de Lisboa por ser protestante e membro da maçonaria. O texto serviu também para alertar os protestantes e mações para os perigos que corriam em Portugal.

0088-07-OLIVEIRA (Carlos A. M.), “Situação actual do laicado na arquidiocese de Évora”, *Eborensia: Revista do Instituto Superior de Teologia de Évora*, 1989, n.º 3-4, p. 39-52.

Estudo sociológico sobre o laicado da diocese de Évora e a sua participação nas actividades eclesiais: funções de acolhimento, animadores litúrgicos, acólitos, leitores, cantores, ministros extraordinários da comunhão e catequistas, entre outros. Referência à quase inexistência de catequese escolar, visível na frequência reduzida das aulas de Religião e Moral no ensino público. Nota sobre o significado da acção do laicado na vida da Igreja.

0089-15-OLIVEIRA (Luís Filipe), “Em demanda das visitas da ordem de Santiago: as actas anteriores a 1468”, *As ordens militares e as ordens de cavalaria na construção do mundo ocidental: actas do IV encontro sobre ordens militares*, FERNANDES (Isabel Cristina Ferreira), Lisboa – Palmela, Edições Colibri – Câmara Municipal de Palmela, 2005, p. 517-535.

Estudo sobre o controle da Ordem de Santiago na área sob a sua jurisdição desde o século XII ao século XV, que contém em anexo o sumário da visitação à igreja de Sesimbra, sede do concelho do mesmo nome, em 1434-1435, e da acta da visita à comenda de Samora Correia (distrito de Santarém) em 1458. Estes documentos contêm informações sobre o património e sobre o comportamento do clero local e dos crentes.

0090-07-PARDAL (Rute), “O relacionamento do Arcebispo com a Misericórdia de Évora entre 1552 e 1643”, *Igreja, caridade e assistência na Península Ibérica (sécs. XVI-XVIII): actas*, coordenação de ABREU (Laurinda), Lisboa, Edições Colibri – Cidehus, 2004, p. 225-237, quadros.

Breve estudo sobre o relacionamento do bispo da diocese de Évora com a irmandade da Misericórdia e a confraria de Nossa Senhora da Piedade, ambas da cidade de Évora. A estreita ligação entre o cabido e as duas associações fez-se mais no plano individual do que institucional, concretizando-se na circulação de um grupo de indivíduos pelos seus lugares directivos. – (G1-G2).

0091-12-PATRÃO (José Heitor), “Visitações à igreja de Santa Maria de Marvão: um rosto de vivência religiosa e modos de vida.”, *Ibn Maruán: Revista Cultural do Concelho de Marvão*, n.º 9-10, 1999-2000, p. 13-25, il.

Transcrição parcial das cartas das visitas realizadas à igreja de Santa Maria, matriz da freguesia de Santa Maria de Marvão, em Marvão, sede do

concelho de Marvão, pelo bispo da diocese de Portalegre-Castelo Branco ou por um seu representante, entre 1650 e 1749. As visitas dão informações sobre aspectos relacionados directamente com a prática religiosa dos fiéis e as funções dos párocos: o estado de conservação do edifício e das alfaias litúrgicas, o cumprimento dos sacramentos segundo as prescrições das constituições sinodais (assiduidade à missa e a guarda dos dias santos, o casamento, o baptismo), os procedimentos religiosos a ter no acto da confissão (confessar de pé) e nos funerais, o acompanhamento do Viático aos doentes. Menção dos altares de Nossa Senhora do Rosário, de São Sebastião e das Almas do Purgatório. No plano iconográfico é determinada a substituição da imagem de São Sebastião por outra nova sem a figura do demónio aos pés. Menção das confrarias do Senhor, do Santíssimo Sacramento, de Nossa Senhora do Rosário, da Estrela, do Anjo e a das Almas. – (C1-G1-H1-I4).

0092-15-PATRIARCA (Raquel), *Um estudo sobre a Inquisição de Lisboa: o Santo Ofício no distrito de Setúbal (1536-1650)*, dissertação de mestrado em História Moderna apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto em 2002, 204-CXXVIII p., il., quadros, gráficos. <https://hdl.handle.net/10216/132210> (consultada em 21-10-2020).

Estudo sobre a acção da Inquisição de Lisboa no distrito de Setúbal nos séculos XVI e XVII, que trata dos aspectos institucionais. O Santo Ofício chega tarde a esta zona da margem sul do Tejo e a sua intervenção foi feita de forma lenta e muito irregular, só se alterando significativamente em finais da década de 30 do século XVII. A partir de 1640, a Inquisição tornou-se mais activa, persistente e eficaz. Nestes dez anos há mais prisões do que nos trinta anos anteriores e as sentenças agravam-se, desaparecendo de cena as comutações de pena ainda concedidas no século XVI. Os crimes confessados são o crime nefando e a sodomia, mas nas últimas décadas do período estudado são sobretudo os ligados à ortodoxia da fé. Os crimes de judaísmo situam-se, assim, em primeiro plano e adquirem um peso inigualável, seguidos a grande distância pela blasfémia e pela bigamia, enquanto a sodomia quase desaparece. Surgem também casos de protestantismo e de maometismo. A Inquisição portuguesa manteve a população de cristãos-novos como o objecto mais constante da sua perseguição. O apêndice contém diversos documentos da Inquisição, quadros com a contabilização dos processos, a caracterização sociológica dos processados, as denúncias e os denunciados, a descrição dos aspectos processuais e as comutações da pena.

0093-11-PEREIRA (Isaiás da Rosa), “O auto-de-fé de 1761”, *Revista de História das Ideias*, vol. IV, t. 1, 1982-1983, p. 367-376.

Subsídios para o estudo do auto-de-fé que se realizou em Lisboa no ano de 1761, o último em que houve pessoas relaxadas ao braço secular, entre eles

o missionário Gabriel Malagrida, acusado de professar vários erros heréticos. Neste auto-de-fé saíram cinquenta e sete acusados, salientando-se, sobretudo, os crimes de bigamia masculina, as práticas judaizantes, alguns casos de “superstição” (pactos com o demónio) e de heresia. Publicação da denúncia que conduziu à prisão do padre Malagrida.

0094-11-PEREIRA (Isaías da Rosa), *Para a história da freguesia da Sé de Lisboa*, Lisboa, Edição do Cabido da Sé de Lisboa, 1990, 98 p.

Análise e publicação das visitas à freguesia da Sé em Lisboa de 1596 a 1648. Os temas dominantes sobre os quais os visitantes insistiam no sentido de serem corrigidos eram: o estado da igreja e em particular dos altares; as confissões (os preceitos a cumprir e a escolha de local próprio); a proibição de celebrar missas nocturnas em devoção a Santa Catarina de Alexandria; a confraria de Santo Aleixo e a assistência aos pobres da cidade (na Sé havia um cura para servir os pobres chamado de Santo Aleixo, a sua jurisdição era pessoal, constituindo o grupo de mendigos uma paróquia sem território); as cerimónias religiosas (algumas distorções doutrinárias acerca da missa e da comunhão, em particular na capela de Santo António anexa à Sé); o catecismo e a situação moral e espiritual dos paroquianos, nomeadamente a fiscalização do rol de confessados, das situações de amancebados ou de matrimónios clandestinos, das “superstições”, como por exemplo o costume de pintar cruces ou colocar cruces de madeira em locais onde se acumulava o lixo, crendo-se que dessa forma se afastava o perigo da peste. Edição de documentos datados de 1620 a 1748 relativos ao pedido de transferência da imagem de São Miguel Arcanjo das Almas e da sua irmandade da capela de São Gregório Magno para a de São Bartolomeu, na Sé de Lisboa. – (C1-C5-E1-G1).

0095-11-PEREIRA (Isaías da Rosa), “O processo de António Fernandes, piloto da Guiné, na Inquisição de Lisboa”, *Clio*, vol. III, 1981, p. 37-48.

História do processo de António Fernandes, piloto da Guiné, na Inquisição de Lisboa. Não concordando com a sentença, o réu apela para o inquisidor-geral, na altura o cardeal infante Dom Henrique, que, em concordância com outros juizes, considerou exagerada a pena atribuída (2 anos de degredo e o pagamento de 100 cruzados para obras pias) e determina a sua absolvição. É salientado neste estudo que a Inquisição nem sempre condenava os acusados. Transcrição de documentos: o inventário dos bens que se achou no navio de António Fernandes, as razões do promotor relativamente ao réu e a defesa deste, assim como as sentenças.

0096-11-PEREIRA (Isaías da Rosa), “O processo de Damião de Góis na Inquisição de Lisboa (4 de Abril de 1571-16 de Dezembro de 1572)”, *Anais*, Academia Portuguesa da História, vol. XXIII, t. 1, 1975, p. 117-156.

Contribuição para o estudo da Inquisição em Portugal no século XVI, através da análise crítica do processo do humanista Damião de Góis na Inquisição de Lisboa. Detido em 1571, foi acusado de heresia luterana e apostasia. Descrição e análise do processo pelo autor, que culminou na pena de cárcere perpétuo no mosteiro da Batalha em 1572, pena essa que foi comutada.

0097-11-PEREIRA (Isaiás da Rosa), “O processo de Manuel Travaços na Inquisição de Lisboa (1570-1571) e a prisão de Damião de Góis”, *Anais Universitários. Ciências Sociais e Humanas*, n.º 6, 1995, p. 215-225; *Anais, Academia Portuguesa de História*, vol. XXXVI, 1998, p. 155-173.

Estudo sobre o processo de Manuel Travaços na Inquisição de Lisboa (1570-1571) e a prisão de Damião de Góis, na consequência de denúncia daquele e das suas confissões. Damião de Góis foi acusado de heresia e luteranismo. Mais concretamente, questionou a legitimidade do Purgatório, a intercessão dos santos e a veneração das imagens.

0098-11-PEREIRA (Isaiás da Rosa), “O que sabiam os cristãos das práticas e costumes judaicos: um curioso processo da inquisição de Lisboa”, *Arqueologia e História*, vol. I-II (1), 1984-1988, p. 193-199.

Nota e transcrição do processo inquisitorial levantado em Lisboa em 1549 a pedido de Manuel Gil, que foi tesoureiro da confraria de Nossa Senhora da Vitória. Havia sido denunciado como judeu por causa de uns objectos que possuía em sua casa, mas o processo não teve seguimento porque a Inquisição concluiu que esses objectos pertenciam à referida confraria. – (G1).

0099-07-PEREIRA (Isaiás da Rosa), “Sínodo diocesano de Évora de 1534”, *Anais, Academia Portuguesa de História*, vol. XX, 1971, p. 169-232.

Análise do Sínodo da diocese de Évora do ano de 1534 que incide sobre a legislação sinodal aplicada apenas na respectiva diocese, versando sobre o governo pastoral, a reforma dos costumes, a administração dos sacramentos, entre outros assuntos. Contributo para o estudo da aceitação dos cânones dos concílios e das decisões pontificias pelos cristãos. Transcrição das actas sinodais que se encontram num códice no Arquivo do Cabido da Sé. Descrição da procissão de encerramento no mosteiro de São Francisco de Assis em Évora. O autor realça a importância do estudo das actas sinodais para a história religiosa e local, sendo as actas acima mencionadas as mais antigas conhecidas em Portugal. – (E3).

0100-11-PEREIRA (Isaiás da Rosa), *Subsídios para a história da diocese de Lisboa do século XVIII*, Lisboa, Academia Portuguesa de História, 1980, 308 p., quadros.

Apresentação e transcrição das visitas paroquiais dos concelhos de Arruda dos Vinhos, Azambuja, Cascais, Loures, Mafra, Sintra, Torres Vedras e Vila Franca de Xira, pertencente à diocese de Lisboa, efectuadas entre 1702 e 1781. Elas fornecem dados sobre a vida religiosa e social das paróquias, referem lugares e objectos de culto e os estatutos das confrarias, tratam do catecismo, do ensino da doutrina e da distribuição da comunhão, dão informações acerca da vida, da cultura do clero e dos costumes dos paroquianos. Também são referidas as disposições e registos de “culpas” ou desvios aos preceitos religiosos dos fiéis: mancebia, concubinato, incesto, usura, trabalhar ao domingo, vender vinho ao domingo e nos dias santos antes da missa, faltar à missa nos domingos e dias santos, não guardar a abstinência nos dias determinados. Em relação ao clero é assinalado que alguns não respeitavam o uso de traje eclesiástico, abusavam do vinho, levavam vida depravada e tinham a língua perversa. – (C1-C5-G1-H1).

0101-11-PEREIRA (Isaías da Rosa), “Subsídios para a história da Inquisição em Portugal no século XVI”, *Anais, Academia Portuguesa de História*, vol. XXIII, t. 2, 1976, p. 147-247.

Subsídios para o estudo da acção da Inquisição em Lisboa nos séculos XVI e XVII. Comentário e transcrição de trinta e três documentos (1541-1602) que se encontram no Arquivo Nacional da Torre do Tombo e Lisboa, tendo como objectivo apresentar um breve resumo e analisar algumas denúncias, designadamente, de práticas judaizantes, heresias, posse de livros proibidos, erasmismo e luteranismo.

0102-11-PEREIRA (Isaías da Rosa), “Um processo inquisitorial antes de haver Inquisição”, *Anais, Academia Portuguesa de História*, vol. XXVII, 1981, p. 193-277.

Resumo analítico e transcrição de um processo inquisitorial de 1536, anterior à introdução da Inquisição, organizado no Auditório Eclesiástico da Diocese de Lisboa, como então se denominava o Tribunal Eclesiástico Diocesano referente a um tecelão flamengo. Contra ele foram apresentadas denúncias que o acusavam de herege: negação de Nossa Senhora como imaculada, dúvidas e desrespeito para com o Santíssimo Sacramento, recusa em cumprir os jejuns e a abstinência de carne conforme os preceitos católicos, adesão ao luteranismo.

0103-11-PEREIRA (Isaías da Rosa), “Visitações da Igreja de São Miguel de Torres Vedras (1462-1524)”, *Lusitania Sacra*, t. 7, 1995, p. 181-252.

Análise dos textos das visitas realizadas à igreja paroquial de São Miguel Arcanjo em Torres Vedras, sede do concelho do mesmo nome, entre 1462 e 1524. A análise ressalta o comportamento do clero e dos fiéis e aspectos da

vida paroquial relativos à prática de feitiçaria, ao incumprimento das obrigações (baptismo, confissão, comunhão), às esmolas do culto de São Vicente, aos bens legados para a celebração de missas e ao círio pascal, ao estado da igreja, aos livros litúrgicos dos aniversários e do tombo, ao registo paroquial. Transcrição integral das visitas. – (C5-E5).

0104-11-PEREIRA (Isaiás da Rosa), “Visitações de Santo Estêvão de Alfama (1528-1539)”, *Anais*, Academia Portuguesa da História, vol. XXXII, t. 1, 1989, p. 295-357.

Análise das visitas de 1528 a 1539 à igreja de Santo Estêvão de Alfama em Lisboa. Historial da paróquia de Santo Estêvão de Alfama (já existente no século XII), a acção do clero, nomeadamente o seu comportamento social e moral, o ensino da doutrina e o estado dos registos paroquiais. Em apêndice são transcritas integralmente as doze visitas.

0105-11-PEREIRA (Isaiás da Rosa), “Visitações de Santo Estêvão de Alfama (1540-1561)”, *Anais*, Academia Portuguesa da História, vol. XXXVI, t. 1, 1998, p. 207-363.

Análise das visitas de 1540 a 1561 à igreja de Santo Estêvão de Alfama em Lisboa. São abordados aspectos do comportamento religioso e moral do clero, em regra bastante negativo, da vida dos paroquianos e da sua vivência religiosa. Outras áreas que mereceram a atenção do visitante foram o ensino da doutrina, as confrarias do Santíssimo Sacramento, do Espírito Santo e de Jesus, de Nossa Senhora da Conceição e de Nossa Senhora do Paraíso, as práticas ditas “supersticiosas” e a procissão do Santíssimo Sacramento. Transcrição em apêndice das visitas. – (B5-C5-E3-G1).

0106-11-PEREIRA (Isaiás da Rosa), “Visitações de São Miguel de Sintra e de Santo André de Mafra (1466-1523)”, *Lusitania Sacra*, t. 10, 1978, p. 135-257.

Visitações dos arcebispos de Lisboa e seus delegados às igrejas de São Miguel Arcanjo, situadas na freguesia de Santa Maria e São Miguel em Sintra, sede do concelho do mesmo nome, e de Santo André em Mafra, sede do concelho do mesmo nome, entre 1466 e 1523, num total de quarenta visitas. Aspectos referidos nos textos transcritos em apêndice: observância das constituições sinodais, correcta administração dos sacramentos, regulamentação das festividades locais e das ladainhas a utilizar nas procissões, orações a utilizar nas confissões, comunhão obrigatória a partir dos doze anos, controlo das benzedoras, fiscalização de obras na igreja, paramentos e livros utilizados, levantamento de bens, rendas e privilégios. – (C5).

0107-..-PEREIRA (Isaiás da Rosa), “Visitas paroquiais dos séculos XIV, XV e XVI”, *Lusitania Sacra*, t. 4, 1992, p. 311-344.

Apresentação e transcrição de fragmentos de visitas paroquiais efectuadas a lugares de culto de Óbidos (distrito de Leiria) em 1343 e 1344, às freguesias de Turcifal, concelho de Torres Vedras, em 1343, de Ferreira do Zêzere (distrito de Santarém) em 1461-1462, e de Enxara do Bispo, concelho de Mafra, nos anos de 1594-1601. Dão informações sobre as recomendações aos fiéis relativas às práticas sacramentais, ao culto, ao comportamento moral, à cultura religiosa do clero e ao estado de conservação dos lugares e dos objectos de culto.

0108-15-PEREIRA (Maria Teresa Lopes), *Os cavaleiros de Santiago em Alcácer do Sal, séculos XII a fins do século XV*, Lisboa, Edições Colibri, 2015, 365 p., il., mapas, quadros.

Estudo sobre a presença e a organização da Ordem Militar de Santiago em Alcácer do Sal, sede do concelho do mesmo nome, nos séculos XII a XV. Análise do papel da capela de São Tiago na espiritualidade dos freires, que podiam ser leigos e casar, na devoção a São Tiago e na assistência aos peregrinos. Descrição da igreja e santuário de Nossa Senhora dos Mártires, que foi também um importante espaço funerário. Notícia de algumas imagens que representam Nossa Senhora da Cinta, dos Mártires, da Piedade e a Virgem Maria. Em anexo são transcritos diversos documentos. – (C2-H1-H7).

0109-15-PEREIRA (Maria Teresa Lopes), “O património móvel nas visitas a Alcácer durante o mestrado de D. Jorge (1492-1550)”, *As ordens militares e as ordens de cavalaria na construção do mundo ocidental: actas do IV encontro sobre ordens militares*, FERNANDES (Isabel Cristina Ferreira), Lisboa – Palmela, Edições Colibri – Câmara Municipal, 2005, p. 917-950.

Estudo sobre o património móvel dos lugares de culto de Alcácer do Sal, sede do concelho do mesmo nome, a partir das visitas da Ordem de Santiago realizadas na primeira metade do século XVI, que tratam do mobiliário das igrejas, livros, retábulos de pintura, escultura, ourivesaria e têxteis. Notícia sobre diversos lugares de culto (igrejas, capelas, ermidas) dedicados ao Espírito Santo, a Nossa Senhora do Castelo, dos Mártires, da Porta de Ferro, aos santos Miguel Arcanjo, Lázaro, Martinho de Tours, Vicente, Roque, Tiago, Pedro, João Baptista, Romão, Sebastião, Ana, Catarina de Alexandria e Susana. Nos lugares de culto encontram-se imagens e retábulos pintados que representam, nomeadamente, os titulares das igrejas e ermidas, Jesus e Maria, fases da vida de Jesus, o Menino Jesus, os temas da Anunciação, do Nascimento, da Adoração dos Magos, do Calvário, Nossa Senhora do Rosário e da Cinta, os santos Tiago, André e Luzia, assim como cruzeiros. – (C1-H1-H2-H3).

0110-12-PIMENTA (José Manuel Figueira), *Diocese de Elvas (1570-1636): criação, organização e recepção tridentina*, dissertação de mestrado apresentada à Faculdade

de Filosofia da Universidade Católica Portuguesa em 2014, 120 p., il., mapas. <http://hdl.handle.net/10400.14/16365> (consultada em 21-01-2020).

Este estudo que tem por fim abordar o contexto histórico da criação da diocese de Elvas ocorrida no ano de 1570, cujo território pertenceu à diocese de Évora. Breve apresentação dos cinco primeiros bispos elvenses. Análise da questão da recepção dos cânones tridentinos em Portugal e, em particular, no bispado de Elvas, onde são visíveis a marca das orientações tridentinas. Não obstante as constituições sinodais estarem naturalmente eivadas dum natural idealismo, é nítida a consonância com os propósitos do Concílio de Trento e com a sua aplicação local, expressos nos documentos elaborados em 1572 e 1633. Entre as preocupações mais relevantes estão a importância da permanência residencial mais regular dos bispos, a maior exigência na admissão do clero secular e a subseqüente tomada de ordens. Estas preocupações sempre foram vistas como essenciais para uma boa aplicação da nova liturgia tridentina, assim como o zelo pastoral e a uniformização da liturgia dos sacramentos. Outra área destacada era constituída pelas visitas pastorais para fiscalizar e eliminar os desvios às boas práticas católicas. Os anexos contêm quadros e mapas.

0111-12-PINTO (Maria do Carmo Teixeira), RUNA (Lucília Maria Luís Ferreira), “A comunidade cristã-nova em Castelo de Vide: breve análise dos seus comportamentos”, *Actas do 1.º Encontro da história regional e local*, Portalegre, Centro de Recursos e Animação Pedagógica da Escola Superior de Educação de Portalegre, 1987, p. 461-469.

Contributo para a reconstituição da vida e comportamento religioso da comunidade judaica de Castelo de Vide (1560-1580), sede do concelho do mesmo nome, através da acção do Tribunal do Santo Ofício e das visitasões.

0112-11-PINTO (Pedro), “Visitação do convento e mosteiro de Santos (Lisboa), 1513”, *Revista de Artes Decorativas*, n.º 5, 2011, p. 235-241.

Transcrição da visitação feita pelo mestre da Ordem de Santiago em 1513 ao mosteiro de Santos das Comendadeiras da Ordem de Santiago, destinado às mulheres, filhas e viúvas dos freires da ordem, em Lisboa. Na visitação são mencionadas as sepulturas dos mártires Veríssimo, Máxima e Júlia, e as imagens de culto da igreja: Nossa Senhora com o Menino, os santos João Evangelista e Tiago, um crucifixo, um retábulo com o crucifixo pintado. As capelas são dedicadas ao Espírito Santo e a Santa Ana e contêm as imagens dos titulares. – (C7-H1-H2).

0113-15-PINTO (Rui Miguel Costa), “As visitasões da Ordem de Santiago em Almada no século XVI”, *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*, n.º 1-12, 2001, 171-223.

Transcrição paleográfica das visitasões de 1527, 1534 e 1570 da Ordem de Santiago a Almada, sede do concelho do mesmo nome, às igrejas de Santa Maria e de São Tiago. Dados sobre a igreja paroquial e as suas imagens, assim como sobre as confrarias de Nossa Senhora, de São Sebastião e de São Roque. Notícia das ermidas do Espírito Santo, de Santa Maria, de Nossa Senhora do Monte Sião, de Nossa Senhora da Conceição, da Purificação, da Anunciação, dos santos Brás, Sebastião, Lázaro, Simão e Marta. – (C1-C2-G1-H1).

0114-07-POLÓNIA (Amélia), “A actuação assistencial do cardeal infante D. Henrique: linhas de um modelo de intervenção pastoral”, *Igreja, caridade e assistência na Península Ibérica (sécs XVI-XVIII)*, coordenação de ABREU (Laurinda), Lisboa – Évora, Edições Colibri – Cidehus, 2004, p. 135-154, quadros.

Análise da prática assistencial no século XVI levada a cabo pelo cardeal infante Dom Henrique enquanto arcebispo de Évora, que assumiu, num contexto pós-tridentino, os contornos de um programa de actuação pastoral. O estudo procura aferir se esta vertente assistencial representa o traço dos prelados pós-tridentinos, se a imagem modelar do cardeal corresponde a desempenhos episcopais concretos na diocese de Évora e se as práticas assistenciais expressam uma vertente caritativa ou se integram um plano mais vasto de actuação pastoral.

0115-07-POLÓNIA (Amélia), “O cardeal infante D. Henrique arcebispo de Évora: um prelado no limiar da viragem tridentina”, II parte: a reforma pastoral do cardeal infante D. Henrique na diocese de Évora, *Itinerarium*, n.º 172, 2002, p. 103-200; n.º 173, 2002, p. 257-373, quadros, gráficos; n.º 174, 2002, p. 525-574.

Análise da actuação pastoral desenvolvida pelo infante Dom Henrique, arcebispo de Évora, entre 1540 e 1578, no período das reformas eclesiais decorrentes das deliberações do Concílio de Trento. O período de reunião conciliar (1545-1563) acompanha a primeira fase do episcopado henriquino em Évora (1540-1564), enquanto que a segunda fase da sua direcção na diocese (1575-1578) corresponde a uma fase pós-conciliar caracterizada por reformas. O cardeal tem um duplo perfil: pré-tridentino, porque no decorrer da sua carreira acumulou funções, benefícios e dignidades, não cumpriu o dever de residência e dependeu frequentemente de bispos coadjutores que exerciam funções que a ele competiam; e pós-tridentino, devido ao empenho na divulgação das deliberações conciliares e na concretização de medidas com alcance eclesial, catequético e litúrgico. Os instrumentos legislativos que se conhecem de Dom Henrique na diocese de Évora respeitam fundamentalmente ao espaço da Sé Catedral: os estatutos do cabido, as constituições e os regimentos da igreja e as visitasões que a ela fez. Julga-se que interveio de uma forma radical e profunda no contexto diocesano, particularmente através de um instrumento básico de renovação pastoral que é a formação do clero, e na

iniciativa de empreendimentos, como por exemplo o Colégio do Espírito Santo e o Seminário Diocesano, que documentam a construção de uma verdadeira estrutura de formação eclesial. Análise da actividade de Dom Henrique em Évora quanto à aplicação das decisões tridentinas nas vertentes seguintes: legislação, celebração de ofícios divinos, sacramentação e pregação. Entre as medidas adoptadas com vista ao desenvolvimento e uniformização catequética e litúrgica destacam-se: o redimensionamento da área do arcebispado (com a criação da diocese de Portalegre em 1550 e da diocese de Elvas em 1570, hoje integradas respectivamente nas dioceses de Portalegre-Castelo Branco e de Évora), em ordem a uma maior eficácia pastoral; o aumento do contingente de párocos e, em particular, de confessores e pregadores; o investimento no ensino da catequese; a implementação de publicações e difusão de livros de teor religioso, dirigido a um vasto universo de clérigos diocesanos; a sistematização e uniformização das orações e leituras prescritas para serem rezadas diariamente pelos sacerdotes no coro, a substituição de livros e a utilização do livro como instrumento normativo, sobretudo homilias e manuais de confessores; o uso dos regimentos litúrgicos enquanto instrumentos de orientação e correcção face às determinações conciliares, de que são exemplo as constituições da igreja e as visitas. Alguns apontamentos sobre o quotidiano litúrgico da igreja catedral e da cidade de Évora durante o século XVI, em que as prescrições conciliares incutiram uma disciplina de movimentos, calendários, horários, vestuário, paramentação, ornamentação e gestualidade, predominando as manifestações litúrgicas colectivas (das quais faziam parte as pregações, a celebração do sacrifício da missa, o culto da eucaristia e o canto de vésperas). Notícia sobre as constituições diocesanas de 1565. Caracterização do perfil do clero diocesano, quanto ao contingente numérico e às qualidades pastorais. Descrição da preparação do clero durante o arcebispado do infante, abrangendo as instituições de ensino e a formação eclesial em ordem à pastoral.

0116-07-POLÓNIA (Amélia), “A diocese de Évora em contextos pré e pós-tridentinos: a actuação pastoral do cardeal Infante D. Henrique”, *III Congresso Histórico de Guimarães. D. Manuel e a sua época: actas*, Guimarães, Câmara Municipal, 2004, vol. II, p. 439-457, gráficos; *Eborensia: Revista do Instituto Superior de Teologia de Évora*, n.º 38, 2006, p. 45-66.

Estudo sobre os percursos pastorais pré e pós-tridentinos no espaço da diocese de Évora através da actuação do cardeal infante Dom Henrique, que desenvolveu um conjunto de estratégias pastorais e culturais coincidentes com o espírito e a normatividade do Concílio de Trento. A análise desenvolve-se em torno da definição do espaço da diocese, do perfil pastoral da diocese no período pré-tridentino e no elenco das medidas levadas a cabo pelo cardeal. Estas incidiram na formação do clero, nas formas de enquadramento dos

crentes e da prática religiosa quotidiana, no controlo ideológico e estético através da vigilância de livrarias e da iconografia religiosa, na formação doutrinal e catequética, bem como na vigilância dos costumes.

0117-07-PORTAS (Carlos), “Sociologia religiosa e alguns problemas relativos ao clero de Évora”, *Alvoradas*, Ano XXII, 1960, p. 56-62.

Breve análise sociológica dos problemas religiosos da diocese de Évora em 1960. São analisados alguns problemas relativos ao clero, nomeadamente, quanto ao número de párocos existentes para todas as paróquias (das 178 paróquias existentes apenas 71 tinham pároco residente). Segundo o autor, este tipo de situações desencadeia processos de descristianização que passam, normalmente, por duas fases: a primeira, em que se dá um afrouxamento da qualidade de vida cristã; a segunda, em que a descristianização é já declarada (a prática cristã reduz-se progressivamente e feminiza-se; ao fim de algumas gerações dá-se o desaparecimento dos hábitos religiosos).

0118-11-REIS (Célia), “A Inquisição em Torres Vedras no século XVI”, *Turres Veteras II – História moderna*, Lisboa – Torres Vedras, Câmara Municipal – Edições Colibri – Instituto de Estudos Regionais e do Municipalismo “Alexandre Herculano”, [D.L. 2000], p. 33-52, quadros.

Estudo sobre a acção da Inquisição no concelho de Torres Vedras no século XVI. Analisa o funcionamento, os tipos de crime que estavam na origem das denúncias (proposição herética e judaísmo), os denunciantes e denunciados, assim como as penas aplicadas. Alusão a uma procissão realizada na Quinta-Feira Santa e à confraria da Cera de Nossa Senhora. – (E3-G1).

0119-11-REIS (Célia), “Religião em Torres Vedras entre a Monarquia e a República”, *Turres Veteras X – História do sagrado e do profano*, Torres Vedras – Lisboa, Câmara Municipal – Edições Colibri – Instituto de Estudos Regionais e do Municipalismo “Alexandre Herculano”, 2008, p. 115-186.

Estudo sobre a evolução da situação religiosa em Torres Vedras, sede do concelho do mesmo nome, que examina a acção da Igreja na sociedade e política local nas primeiras décadas do século XX, no período final da monarquia e durante a República. A organização religiosa compreendia as paróquias, as ordens religiosas (jesuítas e franciscanos), as irmandades e a acção assistencial da Igreja. Dados sobre as relações entre o pároco e os paroquianos, assim como sobre a questão religiosa e o seu impacto local ao nível religioso, social e político. O conflito ao nível religioso entre a República (1910-1926) e a Igreja católica desenrolou-se em torno dos seguintes aspectos: o culto externo, os funerais, o Sagrado Viático, a Visita Pascal, o sino, as festas públicas, a iconoclastia, as procissões, as tensões entre o clero e os paroquianos. – (C5-I3).

0120-11-RODRIGUES (Ana Maria.) “As colegiadas de Torres Vedras nos séculos XIV e XV”, *Didaskalia*, vol. XV, fasc. 2, 1985, p. 369-434, quadros.

Reflexões sobre a estrutura, a composição e, particularmente, sobre o papel das igrejas colegiadas de Torres Vedras, sede do concelho do mesmo nome, nos séculos XIV e XV. As quatro colegiadas de padroado régio, também igrejas paroquiais com funções específicas, foram fundadas no século XII, sob o patrocínio de Santa Maria e dos santos Miguel Arcanjo, Pedro e Tiago. Os seus priores e raçoeiros tinham como principais obrigações, por exemplo, celebrar missa, cantar as “Horas Canónicas”; assegurar o ofício divino, prestar assistência religiosa; exortar os paroquianos a baptizar os recém-nascidos antes dos oito dias de vida, a confessarem-se, a comungar, pelo menos uma vez no ano, e a solicitar a extrema-unção. Nota sobre a prática, que a Igreja acabou por generalizar, de abençoar as sepulturas com a cruz e a água benta, dizendo um responso.

0121-11-RODRIGUES (Maria João Madeira), *Arquitectura: igreja e casa professa de São Roque*, Lisboa, Santa Casa da Misericórdia, 1988, 71 p., il., plantas.

Estudo sobre o conjunto patrimonial da igreja de São Roque, situada em Lisboa. Foi a sede da primeira casa professa dos jesuítas em Portugal. A transformação da ermida em igreja dos jesuítas fez dela um modelo construtivo ao serviço da sua acção evangelizadora e de estímulo da piedade por via emotiva, no quadro dos requisitos do Concílio de Trento. Descrição da igreja e da capela de São João Baptista, em particular. Notas sobre a cripta e a ampliação do Museu de São Roque, cujo núcleo principal é a própria igreja. Após a expulsão dos jesuítas, a antiga casa professa foi doada em 1762 à Misericórdia de Lisboa. – (C2).

0122-07-ROSÁRIO (António do), “Dominicanos na cultura eborense, no século XVI”, *Congresso de História no IV centenário do Seminário de Évora: actas*, Évora, Instituto Superior de Teologia, 1994, vol. I, p. 343-355.

Breve nota sobre a importância do estabelecimento de conventos dominicanos, masculinos e femininos, na pregação e na cultura a sul do rio Tejo, na diocese de Évora, nomeadamente, em Elvas, sede do concelho do mesmo nome, e em Évora. Menção de outros conventos que se encontram no distrito de Setúbal. – (C2).

0123-12-RUNA (Lucília Maria Luís Ferreira), “O Santo Ofício e a comunidade cristã de Campo Maior (1560-1580)”, *Arqueologia do Estado: primeiras jornadas sobre formas de organização e exercício dos poderes na Europa do Sul nos séculos XIII-XVIII*, Lisboa, História e Crítica, 1988, p. 375-386.

A acção do Tribunal do Santo Ofício de Évora relativamente à comunidade cristã-nova de Campo Maior, sede do concelho do mesmo nome, desenvolveu-se

de três modos distintos: detecção e prisão dos primeiros elementos herejes e recolha de acusações contra novos membros da comunidade; atribuição de penas/penitências a fim de socializar os detidos; instauração de processos com base nas acusações feitas. São referidas algumas das características desta comunidade, nomeadamente os contactos com o país vizinho (Espanha) e a observância da “Lei Velha”, assim como o guardar do sábado e a crença na vinda do Messias. Referem-se também algumas penas e penitências atribuídas, que excluem a tortura. Os casos mais graves eram remetidos para a justiça secular. – (C5).

0124-11-SALOMON (H. P.), “Nova luz sobre a condenação à fogueira de Manuel Fernandes Villa Real (1.XII.1652)”, *Inquisição: comunicações apresentadas ao 1.º Congresso luso-brasileiro sobre Inquisição*, Lisboa, 1987, coordenação de SANTOS (Maria Helena Carvalho dos), Lisboa, Universitária Editora, 1989, vol. II, p. 767-774.

Contribuição para o estudo da condenação à fogueira de Manuel Fernandes Villa Real em 1652, acusado de condenar os processos e confiscações da Inquisição, após ter sido denunciado ao Tribunal da Inquisição de Lisboa.

0125-11-SANTANA (Francisco), “Processos de escravos e forros na Inquisição de Lisboa”, *Ler História*, n.º 13, 1988, p. 15-30, quadro.

Estudo baseado em dez processos julgados no tribunal da Inquisição de Lisboa, no século XVIII, referentes a escravos, alguns dos quais já alforriados, residentes em Lisboa. As acusações principais são as práticas de feitiçaria, nomeadamente a denominada magia negra, como a invocação do demónio e o pacto com o demónio, assim como as práticas mágicas benéficas. São ainda referidas as acusações de blasfémia e de bigamia. – (E5).

0126-07-SANTOS (Ernesto Jorge de Oliveira dos), “O processo de Lucas Cremonte, viandante, na Inquisição de Évora: subsídios para o estudo da mentalidade portuguesa no século XVIII”, *I Congresso Internacional do Barroco: actas*, Porto, Reitoria da Universidade do Porto – Governo Civil do Porto, 1991, vol. II, p. 375-379.

Análise do processo de Lucas Cremonte na Inquisição de Évora no século XVIII. Lucas Cremonte foi julgado por se ter convertido à religião muçulmana após ter sido aprisionado e feito escravo. Regressaria mais tarde a Portugal com a indicação de espiar as frotas portuguesas, protegido por uma bolsa com virtudes diabólicas. Mas depois de ter assistido à procissão do Corpo de Deus em Évora, manifestou-se arrependido e confessou nunca ter feito pacto com o demónio. A Inquisição condenou-o a não sair da cidade, devendo apresentar-se ao Tribunal duas vezes por dia.

0127-07-SANTOS (Maria Leonor de Oliveira Silva), “As ordens religiosas na diocese de Évora (1165-1540)”, *Eborensia: Revista do Instituto Superior de Teologia de Évora*, n.º 39-40, 2007, p. 175-202, quadro.

Notas sobre o processo de implantação das ordens religiosas na diocese de Évora desde 1165 a 1540. O modelo religioso que dominou a implantação do clero regular em toda a diocese de Évora foi o das ordens mendicantes, sobretudo a franciscana. Também se instalaram na diocese as ordens do Carmo e dos Eremitas de Santo Agostinho, entre outras. No período considerado foram referenciados na diocese 56 mosteiros e conventos. Neste período, inclui o território da actual diocese de Beja.

0128-15-SEABRA (Maria Teresa da Silva Diaz), “Transcrição correcta da visitação da Vila do Barreiro de 13 de Dezembro de 1570”, *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*, n.º 1-12, 2004, p. 95-102.

Transcrição da visitação de 1570 à cidade do Barreiro, sede do concelho do mesmo nome, que trata do controlo e da correção do cumprimento das regras eclesiásticas, da elaboração dos testamentos, do cuidado com os lugares de culto e do uso da cera, especialmente das velas votivas.

0129-07-SERRÃO (Vitor), *Arte, religião e imagens em Évora no tempo do Arcebispo D. Teotónio de Bragança, 1578-1602*, Lisboa, Fundação da Casa de Bragança, 2015, 414 p. [35], il.

Este estudo aborda a vertente mecenática de Dom Teotónio de Bragança à frente do Arcebispado de Évora, mostrando a importância dos seus empreendimentos construtivos e de decoração artística e o modo actualizado como adaptou os princípios tridentinos do *restauro storico* e de revitalização das *sacrae imagines* em lugares de alegado culto paleo-cristão. Desenvolveu um novo tipo de arquitectura sacra servindo-se de artistas de formação romana, como o arquitecto Nicolau de Frias ou o seu arquitecto e escultor Pero Vaz Pereira. Na arquitectura monacal destacam-se a igreja do mosteiro de freiras clarissas do Salvador de Évora, o novo mosteiro de carmelitas descalços de Nossa Senhora dos Remédios, de que lançou as estruturas e impôs traças de estilo chão, que reflectia os pretendidos valores tridentinos do *decorum*, e a fachada do mosteiro de Nossa Senhora Scala Coeli, a sua obra maior e primeira sede dos cartuxos em Portugal. Descrição do retábulo maneirista pintado e esculpido, que existe na sacristia, no qual pontificam diversas imagens, em particular a de Jesus Crucificado. A arte que nasce em Évora no fim do século XVI, sob signo da *Contra-Maniera* que recorre a velhos cultos e a novos temas iconográficos. Com Dom Teotónio emergem os santos Manços (mártir, natural de Roma, bispo de Évora), Jordão (soldado romano, mártir, bispo da diocese de Évora), Brissos (bispo da diocese de Évora), Comba e Inonimata (mártires, irmãos do bispo de Évora, São Jordão), Cucufate (mártir),

Torpes (mártir), Vicente, Sabina e Cristeta (mártires de Évora), Romão (mártir, soldado romano, advogado contra a raiva) e outros mártires considerados eborenses, cujo culto foi incrementado pelo bispo. Notícias biográficas sobre estes santos, que foram valorizados no quadro da revitalização do culto dos santos paleo-cristãos martirizados, especialmente São Manços do qual o bispo de Évora conseguiu obter uma relíquia vinda de Espanha. Menção histórica das relíquias de outros santos. Notas sobre os lugares de culto dedicados a estes santos e/ou à iconografia que neles ou deles subsiste actualmente. Outras imagens sacras e cultos foram reactivados em linha com o hagiológico da Contra-Reforma. Sob o signo de Trento o arcebispo de Évora interveio através das suas visitas ou dos seus colaboradores na decoração de interiores de vários lugares de culto, na proibição de algumas festas consideradas licenciosas e na retirada de imagens impróprias para a devoção dos fiéis. O elenco documental é constituído por 56 manuscritos. – (B2-C2-D4-H2).

0130-07-SERRÃO (Vitor), “Pintura e propaganda em Évora nos alvares do século XVII: um panfleto conta a iconoclastia e dois casos de repressão”, *Inquisição portuguesa: tempo, razão e circunstância*, coordenação de BARRETO (Luís Filipe), MOURÃO (José Augusto), ASSUNÇÃO (Paulo de), GOMES (Ana Cristina da Costa) e FRANCO (José Eduardo), Lisboa – São Paulo, Prefácio, 2007, p. 423-444, il.

Estudo sobre o uso da imagética para fins doutrinários e propagandísticos através de exemplos existentes na cidade de Évora nos alvares do século XVII. Descrição e análise do painel sobre o tema Nossa Senhora do Carmo e São Simão Stock combatendo a iconoclastia que se encontra na igreja do antigo convento de Nossa Senhora do Carmo, decorando o altar de Santo Alberto Magno, considerado revelador das estratégias de convencimento e dos modos de influência do comportamento religioso das comunidades, bem como de vigilância contra os detractores da Igreja Católica, segundo os ditames tidentinos. Nota sobre alguns casos de intolerância religiosa contra imagens atribuída a cristãos-novos dos distritos de Portalegre e de Évora. Análise de um repinte do diabo-mulher feito em 1626 na tábuca São Miguel Arcanjo enfrentando o demónio do século XVII, que se encontra no convento de São Francisco de Assis. Notícia sobre dois casos de pintores eborenses sentenciados pela Inquisição. – (H2-I2-I4).

0131-07-SILVA (Augusto da), “Mudanças sociais e culturais no Alentejo”, *Igreja Eborense: Boletim de Cultura e Vida da Arquidiocese de Évora*, n.º 11, 1987, p. 9-26.

Conferência efectuada em 1986 sobre as mudanças sociais e culturais acontecidas no Alentejo (distritos de Portalegre, Évora, Beja e parte do distrito de Setúbal) nos períodos de 1960-1973 e 1974-1985. No primeiro período,

é salientado o papel da prática religiosa, da Igreja e de várias organizações (por exemplo a Acção Católica) na intervenção social da Igreja em prol do desenvolvimento e contra a desigualdade e a exploração, encorajada por encíclicas e outros documentos, bem como pelo Concílio Vaticano II. No segundo período, é apontada a diminuição da presença da Igreja na vida quotidiana das pessoas, que se traduz no aumento daqueles que se declaram sem religião, no crescimento dos casamentos civis e dos nascimentos fora do matrimónio. Ao mesmo tempo, regista-se uma maior difusão das aulas de religião e moral, graças a um aumento na escolarização da população alentejana.

0132-07-SILVA (Augusto da), OLIVEIRA (Carlos A. M. de), “O ministério presbiterial na arquidiocese de Évora: actualidade e prospectiva”, *Igreja Eborense: Boletim de Cultura e Vida da Arquidiocese de Évora*, n.º 13, 1989, p. 9-29, quadros.

Apresentação dos resultados do inquérito realizado em 1988 ao clero (diocesano e religioso) da arquidiocese de Évora. Nota explicativa do inquérito e síntese da situação eclesial portuguesa e mais concretamente da arquidiocese de Évora. O inquérito trata dos seguintes aspectos: o exercício dos papéis do clero, como a educação da fé, liturgia, burocracia, administração, caridade e a animação cristã da realidade sociocultural, sendo destas a actividade litúrgica a mais intensa, seguida da educação da fé, onde se inclui as aulas de religião e moral e as actividades pastorais como fonte de subsistência própria; a colaboração dos leigos nas actividades pastorais e na liturgia; a escassez do clero para a acção evangelizadora, que poderia ser ultrapassada com uma nova formação de sacerdotes, a diminuição do número de paroquianos atribuídos a cada pároco, a maior dedicação dos párocos à evangelização e a maior participação dos leigos em tarefas delegadas e coordenadas pelos religiosos.

0133-15-SILVA (Germesindo), *O mestre de Santiago D. Jorge: e as visitas ao lugar de Grândola*, Grândola, Câmara Municipal, 1991, 112 p., il., mapa.

Contribuição para a história das freguesias do concelho de Grândola na segunda metade do século XVI, em particular no período em que foi mestre da Ordem de Santiago Dom Jorge. Breves notícias sobre a reconstrução da igreja paroquial de Grândola, cuja titular era Santa Maria, e das ermidas dedicadas aos santos Domingos, Lourenço e Margarida de Antioquia ou da Galiza. Em apêndice são publicados os textos das visitas de 1513 e 1533, onde são mencionados os lugares de culto, a festa em honra de São Tiago e algumas disposições religiosas relacionadas com a obrigação de ouvir missa. Alusão à irmandade do Santíssimo Sacramento sediada na matriz. – (C1-C2-D4-G1).

0134-11-SILVA (Luís Manuel Pereira da), “A actual liturgia do patriarcado de Lisboa”, *São Vicente, diácono e mártir, padroeiro de Lisboa: 1700 anos do martírio de São Vicente*, Lisboa, Instituto Cultural de Lisboa Pedro Hispano – Cabido da Sé Metropolitana de Lisboa, 2005, p. 194-215, il.

Análise da liturgia própria de São Vicente, padroeiro de Lisboa e do patriarcado de Lisboa, que reflecte aspectos da tradição da Igreja e as normas do Vaticano II. Assim, a liturgia do mártir é a celebração do mistério pascal de Cristo presente e actuante na vida da Igreja, A eucaristia e o martírio actualizam o mistério da salvação, a celebração da liturgia de um mártir atrai sobre a Igreja o poder santificante e redentor de Cristo. Transcrição das antífonas, das orações e dos hinos. – (B3-B4).

0135-15-SILVA (Victor Manuel Dias da), *As visitasões da ordem de Santiago às igrejas, ermidas, capelas e confrarias*, [Alhos Vedros], Tip. Belgráfica, 2008, p. 355., il.

Notas e transcrição de diversos documentos para a história do antigo concelho e hoje freguesia de Alhos Vedros e da freguesia da Moita, sede do concelho do mesmo nome. São transcritas as visitasões da Ordem de São Tiago desde os finais do século XV ao século XVIII e as informações paroquiais de 1758, entre outros documentos. Breves notas sobre os lugares de culto e os seus objectos: a igreja matriz de Alhos Vedros, concelho da Moita, dedicada a São Lourenço, as ermidas e capelas da Santíssima Trindade, do Espírito Santo, de Nossa Senhora da Vitória, do Rosário, da Boa Viagem, da Graça, da Atalainha, de Lurdes e de Fátima, assim como dos santos Sebastião, Pedro, António, João Baptista. Notícia de diversas confrarias e irmandades. – (C1-H1-H2-G1).

0136-11-SIMÃO (António de Vasconcelos), “Quatro Judeus a contas com a Inquisição”, *Armas e Troféus*, t. 6, n.º 2, 1977, p. 216-235

Estudo de quatro processos do tribunal da Inquisição de Lisboa datados dos séculos XVII (3) e XVIII (1), referentes a cristãos-novos acusados da prática de ritos judaicos, de heresia e de blasfémia. São mencionados alguns elementos para o estudo do marranismo ou criptojudaísmo em Portugal.

0137-15-SOLEDADE (Arnaldo Ferreira da), *Visitação de Dom Jorge de Lencastre em 1510 a Setúbal*, [2008], [14] 82 [12] p., il.

Nota introdutória e transcrição da visitação do mestre da Ordem de Santiago a Setúbal, no ano de 1510. Menção de diversas igrejas paroquiais e não paroquiais, assim como das capelas dedicadas a Santa Maria, a Nossa Senhora de Tróia, freguesia do Carvalhal, concelho de Grândola, da Graça, aos santos João Baptista, Sebastião e Julião. Alusão à confraria de São Sebastião. – (C2-G1).

0138--TAILLAND (Michéle Janin-Tivos), *Inquisition et société au Portugal: le cas du tribunal d'Évora (1660-1821)*, Paris, Centre Culturel Calouste Gulbenkian, 2001, 534 p., il., mapas, quadros, gráficos.

Estudo sobre a acção do tribunal da Inquisição de Évora, que exerceu a sua actividade nos distritos de Portalegre, de Évora, em parte do distrito de Setúbal, nos distritos de Beja e de Faro. A análise utiliza 46,4% dos processos do tribunal de Évora desde 1660 a 1821 e visa os objectivos seguintes: determinar os aspectos específicos da repressão inquisitorial em Évora (os ritmos e os caracteres da repressão) e as características dos acusados (origem étnica, profissional e geográfica); caracterizar o aspecto repressivo do tribunal (os motivos, as variações no tempo da repressão); explicar as razões da repressão particular sobre o Alto Alentejo (distritos de Portalegre e de Évora) em 1730-1740, nomeadamente sobre os judaizantes da zona de Avis, sede do concelho do mesmo nome, distrito de Portalegre. Dados sobre os mecanismos da repressão e da reacção dos cristãos-novos, as principais vítimas de repressão.

0139-12-TAVARES (Maria José Ferro), “Judeus e cristãos novos no distrito de Portalegre”, *A Cidade: Revista Cultural de Portalegre*, n.º 3, 1989, p. 37-53; *Actas do 1.º Encontro de história regional e local do distrito de Portalegre*, Portalegre, Centro de Recursos e Animação Pedagógica da Escola Superior de Educação de Portalegre, 1987, p. 449-460.

Estudo sobre a onomástica de costumes judeus e de cristãos-novos no distrito de Portalegre. Após a entrada em funcionamento da Inquisição em Castela no século XIV e depois do decreto de expulsão pelos reis católicos em 1492, Marvão e Elvas, sedes dos concelhos dos mesmo nome, foram locais escolhidos para a entrada em Portugal. Referência ao baptismo e ao casamento de judeus e aos lugares que habitavam na cidade de Portalegre, nomeadamente nas freguesias de Santa Maria, depois freguesia da Sé, e de São Lourenço ou Lourencinho, cuja igreja foi erigida no lugar da antiga sinagoga. O cemitério dos judeus encontra-se provavelmente junto à igreja do Espírito Santo, situada em Portalegre. – (C7-E4).

0140-11-TRINDADE (António de Oriol Vazão), *A arquitectura maneirista em Portugal: da capela-panteão de Santa Maria de Belém ao Real Mosteiro de São Vicente de Fora*, dissertação de mestrado em Arte, Património e Restauro apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa em 2000, 3 vol., 426-70-446 p., dactilogr., il., plantas (consultável na Biblioteca Nacional de Portugal).

No volume I é estudada a arquitectura maneirista executada nos finais do século XVI em Portugal com base em lugares de culto de Lisboa, como a capela-panteão do mosteiro jerónimo de Nossa Senhora de Belém, a igreja de Nossa Senhora da Luz, a capela-mor da igreja da Conceição Velha e a igreja de São Vicente de Fora, na freguesia do mesmo nome. Nestes lugares

de culto, reflecte-se em parte a influência das exigências litúrgicas e cenográficas resultantes das determinações do Concílio de Trento veiculadas pelas constituições sinodais da diocese de Lisboa e pelos jesuítas. Aquelas expressam, na organização do espaço e na decoração, o convite à contemplação e à adoração. O volume II contém o elenco documental e o volume III o elenco fotográfico. – (C2-C7).

0141-12-VAZ (Francisco Lourenço), “O pensamento e acção pastoral do bispo de Elvas, D. José Joaquim da Cunha de Azevedo Coutinho (1742-1821)”, *Ibn Maruán: Revista Cultural do Concelho de Marvão*, n.º 5, 1995, 89-96, il.

Vida e obra do bispo da antiga diocese de Elvas, Dom José Joaquim da Cunha de Azevedo Coutinho (1742-1821), hoje integrada na diocese de Évora. Notas sobre as linhas de orientação da sua acção pastoral na diocese (1806-1818). Notícia das preces públicas feitas em Elvas, sede do concelho do mesmo nome, para comemorar a libertação da cidade dos invasores franceses em 1808.

0142-12-VENTURA (António), *O primeiro livro impresso em Portalegre: as constituições sinodais de 1632*, Portalegre, Assembleia Distrital de Portalegre, 1983, 23 [2] p., il.

Breve estudo sobre as constituições sinodais de 1632 da antiga diocese de Portalegre, hoje integrada na diocese de Portalegre – Castelo Branco, feitas por Frei Lopo de Sequeira Pereira. Nota sobre as primeiras constituições sinodais da diocese de Portalegre (criada em 1549), datadas de 1589, da autoria de Frei Amador Arrais que, inserindo-se nos ideais pós Concílio de Trento, estiveram na base da criação do seminário diocesano.

0143-11-VENTURA (Margarida Garcez), “Breves notas sobre a institucionalização de permanências numa súplica do povo de Lisboa ao papa Eugénio IV”, *Congresso internacional pensamento e testemunho. 8.º Centenário do nascimento de Santo António: actas*, Braga, Universidade Católica Portuguesa – Família Franciscana Portuguesa, 1996, vol. II, p. 1018-1031.

Apontamentos relativos à súplica despachada por Eugénio IV em 1435, na qual atende as solicitações de um conjunto de habitantes de Lisboa no sentido de conceder indulgências a quem desse esmolas para o engrandecimento da igreja de Santo António, que foi erigida no primeiro terço do século XIV, no local onde nasceu Santo António. Notícia sobre a vida, o culto, a festa do padroeiro popular de Lisboa (13 de Junho) e a confraria de Santo António. – (C2-D4-E2-G1).

0144-07-VENTURA (Margarida Garcez), *A colegiada de Santo André de Mafra (séculos XV-XVIII): transcrição paleográfica do fundo documental e estudo introdutório*, Mafra, Câmara Municipal, 2002, 240 p., il.

Estudo introdutório e transcrição do fundo documental da colegiada da paróquia da igreja de Santo André em Mafra, sede do concelho do mesmo nome, que se encontra no Arquivo Nacional da Torre do Tombo. A igreja foi sede da paróquia até 1835. A documentação incide no século XVI e compreende diversos tipos de orientações para a vida dos fiéis e para a paróquia de Santo André, presentes nas visitas gerais, nas constituições sinodais e nas cartas de visitação ou recomendações particulares. Outros documentos são os assentos do baptismo e óbito, assim como o rol dos confessados. Quando uma paróquia era erigida em colegiada isso significa que nela se celebrava um culto solene semelhante ao praticado nas catedrais e dispunha de um colégio de clérigos. – (C5-E4).

0145-07-VENTURA (Margarida Garcez), “As ‘visitações gerais’ de D. Jorge da Costa: notícia e breve análise”, *Estudos de homenagem ao Prof. Doutor José Marques*, Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2006, vol. III, p. 201-226 ; “As ‘visitações gerais’ de D. Jorge da Costa: notícia e breve análise”, *III Congresso Histórico de Guimarães. D. Manuel e a sua época*, Guimarães, Câmara Municipal, 2004, vol. II, p. 57-80.

Breve análise e transcrição das visitas gerais do cardeal de Dom Jorge da Costa à colegiada de Santo André em Mafra, sede do concelho do mesmo nome, existentes na Torre do Tombo e que datam de cerca de 1464. As suas disposições visam assegurar o serviço das igrejas, cuidar dos seus bens, administrar os sacramentos aos fiéis, por exemplo o baptismo, a confissão e a comunhão anuais, assim como o matrimónio. O bispo insiste para que os párocos procedam à educação doutrinal dos fregueses (Pai Nosso, Ave-Maria, Credo, Dez Mandamentos) e para a realização dos officios dos defuntos.

0146-12-*Boletim Anual da Diocese de Portalegre e Castelo Branco*, depois de 1983, anuário.

Boletim de informação e orientação pastoral da diocese de Portalegre – Castelo Branco, onde consta o plano pastoral anual da diocese. As decisões diocesanas, designadamente as que tratam das festas jubilares, das visitas pastorais, do movimento pastoral, das peregrinações e congressos eucarísticos. Uma secção é dedicada ao magistério episcopal, contendo notas e exortações pastorais, transcrições de homílias e saudações proferidas nas celebrações diocesanas do calendário litúrgico e em outras celebrações especiais. Noutra secção são publicados documentos normativos e artigos dispersos sobre o património religioso da diocese (construção, benção, valorização, utilização, destruição e roubo de objectos de culto). Notas histórias sobre as várias Santas Casas da Misericórdia da diocese. – (G2).

0147-.-*O Castelo e a Ordem de Santiago na História de Palmela: catálogo da exposição*, coordenação de PEREIRA (Fernando António Baptista), aliás BAPTISTA (Fernando António), CONDEÇO (António Simão), PACHECO (Paulo), Palmela, Câmara Municipal, 1990, 214 p., il., mapa, plantas.

Catálogo da exposição sobre o castelo de Palmela e a Ordem de Santiago nele sediada que conta a importância e a influência desta ordem no distrito de Setúbal. Notas históricas sobre o património da Ordem de Santiago desde início da sua acção no século XII até à extinção das ordens religiosas em 1834. Dados sobre a igreja tardo-gótica de São Tiago, fundada no terceiro quartel do século XV no castelo de Palmela, mas obrigatoriamente utilizada pelo povo de Palmela, sede do concelho do mesmo nome, durante o período da Quaresma, apesar da existência da igreja matriz de Santa Maria. Menção das visitas a várias igrejas da ordem nos séculos XV-XVI. O retábulo de São Tiago (hoje no Museu Nacional de Arte Antiga em Lisboa), provavelmente proveniente do convento de Palmela, e o retábulo do convento feminino espatário de Santos-o-Novo, freguesia da Penha de França em Lisboa, são apontados como os dois exemplos principais da influência da iconografia da ordem na pintura portuguesa. Segundo o inventário de 1823, o retábulo seria originalmente composto por 12 painéis e estaria dividido em três séries representando a Vida e Martírio de Santiago, a Vida Gloriosa de Santiago e a Ordem de Santiago. Descrição e comentário das pinturas presentes na exposição e provenientes maioritariamente de lugares de culto do distrito de Setúbal (Sesimbra, Grândola) e de Lisboa, que representam o Pentecostes, o Calvário, o Menino Jesus Peregrino, Nossa Senhora da Misericórdia, os santos António, Roque e Tiago combatendo os mouros. Alguns aspectos particulares do culto que a Ordem de Santiago introduziu ou desenvolveu no país (protecção das tropas portuguesas e assimilação da sua iconografia à de outros santos, nomeadamente a São Roque e a São Jorge). Os textos introdutórios foram elaborados por ANTUNES (Luís Pequito), CAETANO (Joaquim Oliveira), SILVA (José Custódio Vieira da), FONSECA (Luís Adão da), LAGO (Isabel), PEREIRA (Fernando António Baptista) e MARKL (Dagoberto). – (C2-H1-H2).

0148-12-*As constituições sinodais de D. Frei Amador Arrais, bispo de Portalegre (1589)*, transcrição e notas de ALVES (Tarcísio Fernandes), Portalegre, Cabido da Sé de Portalegre, 1999, 292 p.

Transcrição paleográfica e notas das primeiras constituições sinodais dadas à diocese de Portalegre, hoje integrada na diocese de Portalegre – Castelo Branco, pelo bispo em 1589, que tratam dos seguintes temas: a profissão de fé católica, os sacramentos, as festas a guardar, a função dos clérigos, as missas, os trinitários e saimentos dos defuntos, o modo de rezar o ofício divino, as sepulturas, as procissões, as condicionantes provocadas pelos interditos, os objectos preciosos e a decoração das igrejas, a imunidade das igrejas e

como se deve estar nelas, as penas taxadas por sacrilégio, as condicionantes dos peditórios, os direitos fiscais e as rendas do clero, os testamentos, as excomunhões, a administração da diocese e as visitas.

0149-15-“Denúncia remetida ao Tribunal do Santo Ofício, em 1732”, *Almada Histórica: Boletim de Fontes Documentais*, n.º 17-18, 2010, p. 33-36.

Transcrição de uma denúncia ao Tribunal do Santo Ofício de duas beatas da cidade de Almada, sede do concelho do mesmo nome, em 1732, por comportamento impróprio no serviço religioso da missa.

0150-11-*História dos mosteiros, conventos e casas religiosas de Lisboa, na qual se dá notícia da fundação e fundadores das instituições religiosas, igrejas, capelas e irmandades desta cidade*, edição preparada por LIMA (Durval Pires de), Lisboa, Câmara Municipal, 1950-1972, 2 vol., XXXIX, 603-XXVIII, 526 p.

Publicação de um Códice da Biblioteca Nacional de Portugal, datado do começo do século XVIII, sobre os antigos edifícios religiosos de Lisboa (ao manuscrito falta a primeira parte). Notas históricas e descrição pormenorizada dos mosteiros e conventos da cidade: a sua fundação, fundadores e padroeiros, nomeadamente a Santíssima Trindade, o Santo Crucifixo, Jesus, Nossa Senhora da Boa Hora, do Carmo, do Desterro, da Graça, da Soledade, do Livramento, dos Remédios, os santos Agostinho, Elói, Francisco de Assis, Paulo, Pedro, Vicente e as santas Ana, Brígida, Clara de Assis, Marta e Mónica, entre outros. Contém uma tábua cronológica dos factos da história eclesiástica de Lisboa mencionados no texto, bem como índices remissivos, nomeadamente sobre as congregações religiosas, mosteiros, conventos e casas religiosas, igrejas e capelas (mais de 36), devoções (procissões, festas), irmandades e confrarias (46), imagens, painéis, túmulos e relíquias. – (C2-E3-G1-H1).

0151-07-*Igreja Eborense; Boletim de Cultura e Vida da Arquidiocese de Évora*, Évora, 1983 a 2000-2006, anuário.

Boletim de informação e orientação pastoral da arquidiocese de Évora onde constam artigos de cariz teológico e doutrinal sobre as devoções populares mais relevantes, assim como as iniciativas da diocese nos domínios da orientação pastoral. As acções diocesanas, designadamente as que tratam das festas jubilares, das visitas pastorais, do movimento pastoral, das peregrinações e congressos eucarísticos. Uma secção dedicada ao magistério episcopal contém notas e exortações pastorais, transcrições de homílias e saudações proferidas nas celebrações diocesanas do calendário litúrgico e em outras celebrações especiais. São publicados documentos normativos e artigos dispersos sobre o património religioso da diocese. São registados lugares de culto (igrejas, capelas) e alguns objectos de culto; acontecimentos pastorais; festas litúrgicas (Natal, Páscoa, Pentecostes, Corpo de Deus, Santíssimo Sacramento); outras

festas e seus usos e costumes em honra do Espírito Santo, do Senhor Jesus da Boa Fé, do Senhor Jesus dos Aflitos, do Sagrado Coração, do Senhor dos Passos, de Nossa Senhora de Fátima, da Paz, dos Remédios, da Encarnação, da Saúde, do Carmo, da Conceição, dos Milagres, das Dores, da Assunção, do Alcance, da Ajuda, dos santos Sebastião, Mateus, João de Deus, João Baptista, Brás, Antão, José e Beatriz da Silva (Campo Maior, 1424 – Toledo, 1490). Nascida Beatriz de Menezes da Silva, foi uma nobre portuguesa fundadora da Ordem da Imaculada Conceição, bem-aventurada desde 1926 e santa após 1976. Notas sobre as celebrações nos santuários de Nossa Senhora de Aires em Viana do Alentejo, sede do concelho do mesmo nome, da Visitação em Montemor-o-Novo, sede do concelho do mesmo nome, a vida sacramental (baptismo, primeira comunhão, casamento) e os funerais; sobre as actividades das associações piedosas (por exemplo, do Apostolado da Oração e da Conferência de São Vicente de Paulo) e das confrarias do Santíssimo Sacramento, de Nossa Senhora da Orada, da Visitação, da Misericórdia e a Ordem Terceira de São Francisco de Assis, entre outras, assim como sobre a catequese e as obras sociais. Compilação de textos do bispo da diocese de Évora constituída fundamentalmente por homílias. – (B5-D2-E1-E4).

0152-.-*Marcas da Inquisição em Évora: acervos do Museu e da Biblioteca Pública – catálogo*, organização de BRANCO (Manuel J. C.), LOPES (Bruno) e OLIVAL (Fernanda), Lisboa, Apenas, 2016, 65 [3] p., il., mapas, quadros.

Catálogo do acervo do Museu e da Biblioteca Pública de Évora relativo ao tribunal da Inquisição com sede em Évora. A sua jurisdição abrangia todo o território a sul do rio Tejo (distrito de Portalegre, Setúbal, Évora, Beja e Faro). Os códices e outros documentos dizem respeito à criação, aos espaços, ao funcionamento da instituição e aos seus agentes, à actuação e ao impacto da Inquisição. Cada códice ou documento é complementado com a descrição do seu conteúdo e com a sua contextualização histórica. É apresentada a geografia dos autos-de-fé e a lista dos sentenciados por localidade, assim como as causas principais da condenação: judaísmo, proposição, “superstição” e bigamia. Contém uma lista de bibliografia sobre a Inquisição.

0153-15-“Processo da Inquisição instaurado ao pintor Domingos Vieira (o escuro) e a António R. das Neves, cura da freguesia de Nossa Senhora do Monte da Caparica”, *Almada na História: Boletim de Fontes Documentais* (Câmara Municipal de Almada), n.º 25-26, 2014, p. 21-32.

Nota introdutória e transcrição do processo do Santo Ofício motivado pelo retábulo pintado por Domingos Vieira para a capela de Nossa Senhora do Monte, no Monte da Caparica (1634) da freguesia da Caparica, concelho de Almada. Encomendado pelo cura da igreja e oficial da confraria de Nossa Senhora do Rosário, o retábulo continha elementos que ofendiam a ortodoxia

da representação de Nossa Senhora do Rosário e, por isso, foi objecto de denúncia. Os acusados foram admoestados e os elementos que motivaram a acusação retirados da pintura. – (I4).

0154-07-“Processo movido pelo Tribunal do Santo Ofício, Inquisição de Lisboa, a Maria Ferreira, em 1763-1764”, *Almada Histórica: Boletim de Fontes Documentais*, n.º 21-22, 2012, p. 15-32.

Nota introdutória e transcrição do processo inquisitorial contra uma habitante de Lisboa em 1763-1764, acusada da prática de curas com ritos supersticiosos, a utilização de galinhas pretas, frangos pretos e plantas e de pessoas da cidade de Almada. A sentença não foi cumprida visto que a acusada faleceu. – (E5).

A6 – Obras gerais de interesse nacional, regional, local

0155-11-ADRIÃO (Vitor Manuel), *Frielas (memorial histórico)*, Frielas, Rancho Folclórico e Etnográfico “Os Frieleiros”, 1996, 115 p. il.

Contribuição para estudo monográfico da freguesia de Frielas, concelho de Loures, desde a romanização até à actualidade, com dados sobre aspectos religiosos nas páginas 25-33, 35-47, 49-55 e 87-94. História e descrição da igreja paroquial de São Julião, com imagens e altares dedicados ao Senhor Jesus, a Nossa Senhora da Esperança, do Rosário e aos santos Pedro, Julião e Marta. Menção das ermidas dedicadas a Nossa Senhora do Monte e a Santa Marta. Inventário do património religioso e imobiliário da colegiada de São Julião sediada na igreja paroquial. Dados históricos sobre a capela particular, mas aberta à devoção pública, dedicada a Santa Catarina de Alexandria e datada do século XIV. Referência à rota saloia (área rural dos arredores de Lisboa, a norte do rio Tejo) os peregrinos a São Tiago Maior, em Santiago de Compostela. O culto e devoção ao Santo Condestável (Nuno de Santa Maria), da qual fazem parte as chacoínas que são transcritas. Transcrição da lenda local referente ao Senhor da Ribeira de Frielas, associada à aparição do diabo na encruzilhada de quatro caminhos, local onde se mandou depois construir um nicho com a imagem de São Roque. – (C1-C2-D1-H1).

0156-07-ALCÂNTARA (Joaquim Pedro de), *Breves memórias da Vila de Alcáçovas*, Évora, Cáritas Portuguesa, 1989, 95 p., il.

Reimpressão das memórias da freguesia de Alcáçovas, concelho de Viana do Alentejo, datadas de 1890, contendo informações sobre a vida religiosa até ao século XIX nas páginas 29-69. Descrição da igreja matriz de São Salvador do Mundo, titular que sucedeu aos padroeiros Santa Maria e São João Baptista. A actual igreja matriz terá sido edificada cerca de 1500. Os objectos de culto pintados e esculpidos representam os martírios da paixão de Cristo, o Senhor

dos Passos, que possui as relíquias do Santo Lenho, de São Brás e de São Carlos Borromeu. Outras capelas da igreja paroquial são dedicadas ao Senhor Jesus, a Nossa Senhora do Rosário, a Santa Luzia, aos santos António, Miguel Arcanjo e Francisco Xavier. No final do século XIX, apenas existia a irmandade do Santíssimo Sacramento. Notícia das capelas da Misericórdia, sede da irmandade do mesmo nome, de São Teotónio, de São Sebastião, de São Geraldo, sede da confraria de Nossa Senhora da Conceição (depois passou para a ermida de São Jerónimo) e de Nossa Senhora da Esperança que foi do convento franciscano. À capela de Nossa Senhora da Esperança realizavam-se romagens organizadas por confrarias. Notícia da fonte cuja água era considerada milagrosa. – (C1-C2-C3-G1).

0157-12-ALEXANDRE (Maria do Guadalupe Transmontano), *Etnografia, linguagem e folclore de Castelo de Vide*, Portalegre, Junta Distrital de Portalegre, 1976, 183 p.

Estudo sobre a etnografia, a linguagem e o folclore do concelho de Castelo de Vide, que descreve vários aspectos religiosos nas páginas 56-66, 68-71, 79-105, 154-157 e 172-176. As festas litúrgicas do Natal, da Quaresma, da Semana Santa e da Páscoa, os dias de Todos os Santos e de Finados, as celebrações em honra de Nossa Senhora da Penha (Agosto) e de Nossa Senhora dos Prazeres (Setembro), assim como as festas dos Santos Populares. Outras festas eram dedicadas ao Senhor do Bonfim e do Bom Despacho, a Nossa Senhora da Alegria e a São Roque. Notícia de crenças, “superstições” e práticas de medicina popular e descrição do enterro. Transcrição de orações populares e quadras dedicadas aos santos populares e à paixão de Cristo. – (B3-D2-D3-E6).

0158-11-ANDRADE (Ferreira de), *Cascais – Vila da Corte: oito séculos de história*, Cascais, Câmara Municipal, 1990, 496-122-CIVp., il., mapas, plantas.

Reimpressão da monografia histórica de Cascais, sede do concelho do mesmo nome, publicada em 1964, que contém informações dispersas de carácter religioso, desde o período medieval até meados do século XX. Os lugares de culto: igrejas, capelas, ermidas, conventos e cruzeiros, cujos titulares são, designadamente, Nossa Senhora da Assunção, da Abóboda (lugar da freguesia de São Domingos de Rana), da Conceição, da Guia, dos Navegantes, da Piedade, do Rosário e os santos António, Domingos e Sebastião. Notícia sobre as festas do Espírito Santo, de Nossa Senhora da Guia e do Cabo (Cabo Espichel, freguesia do Castelo, em Sesimbra). Algumas notas sobre a irmandade do Santíssimo Sacramento, à qual em tempos só pertenceram as gentes do mar. As imagens e baixos-relevos de Nossa Senhora do Cabo, da Graça, da Piedade e de Santo António, padroeiro do regimento militar de Cascais. Em anexo contém documentação fotográfica e escrita. – (C2-D2-D3-G4).

0159-07-ANSELMO (António Joaquim), *O concelho de Borba (topografia e história)*, Borba, Câmara Municipal, 1997, 116 p., quadros

Reimpressão da descrição topográfica do concelho de Borba, datada de 1907, contendo dados sobre os lugares de culto nas páginas 31-45 e 61. Notas históricas sobre igrejas paroquiais: a matriz da vila é dedicada a Nossa Senhora das Neves (1420) e a da freguesia de Rio de Moinhos a São Tiago. Outros lugares de culto são: a igreja de Santo António, os conventos de Nossa Senhora das Servas (franciscanas de Santa Clara de Assis) e de Nossa Senhora da Luz (religiosas paulistas), a capela da Ordem Terceira de São Francisco de Assis e a ermida de Nossa Senhora da Vitória. São referidos os altares e as pinturas que representam a Trindade e o Arrependimento de São Pedro, bem como as imagens de Nossa Senhora do Sobral e do Senhor Jesus dos Aflitos. Menção das confrarias do Santíssimo Sacramento, das Almas, da Cruz de Cristo, de Nossa Senhora do Rosário e da Ordem Terceira. Alusão à festa do Senhor Jesus dos Aflitos, que se realiza no terceiro domingo de Agosto. Menção da Misericórdia de Borba (1524). – (C1-C2-G1-G2).

0160-15-ANTUNES (Vitor), *Quinta do Conde: origens e percurso*, Quinta do Conde, Junta de Freguesia, 2012, 263 p., il., quadros.

Monografia histórica da freguesia da Quinta do Conde, concelho de Sesimbra, desde as origens aos nossos dias, contendo aspectos sobre a vida religiosa nas páginas 157-165. Esta manifestou-se inicialmente na prática missalizante em locais não construídos para este fim. Somente em 1978-1982 foi construída a igreja paroquial de Nossa Senhora da Boa Água no local com o mesmo nome. A freguesia possui outra igreja dedicada a Nossa Senhora da Esperança. Nota sobre a construção do cemitério, que possui crematório. – (C1-C2-C5-C7).

0161-11-ASSUNÇÃO (Ana Paula), INÁCIO (Albertina), SOUSA (Francisco), *Frielas: percurso histórico*, Frielas, Junta de Freguesia, 1996, 102 [10] p., il., mapas, quadros.

Subsídio para estudo monográfico da freguesia de Frielas, concelho de Loures, desde o século XVI, que inclui diversos aspectos da vida religiosa nas páginas 30-40: a igreja paroquial de São Julião, onde estavam sediadas as confrarias e irmandades do Santíssimo Sacramento, do Senhor Jesus, de Nossa Senhora da Esperança, do Rosário, de São Pedro e a das Almas. A capela de Santa Catarina de Alexandria encontra-se em ruínas. – (C1-C2-G1-G2).

0162-07-BEIRANTE (Maria Ângela), *Évora na Idade Média*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian – Junta Nacional de Investigação Científica, [D.L. 1996], 789 p., mapas, plantas, quadros, gráficos; *Évora na Idade Média*, tese de doutoramento em História apresentada à Universidade Nova de Lisboa em 1988, 1127 p., dactilogr., il. (consultável na Biblioteca Nacional de Portugal).

História da cidade de Évora na Idade Média, que contém dados sobre a vida religiosa nas páginas 513-552, 635-655 e 700-701. Alusão aos conventos cistercienses, franciscanos, dominicanos, jerónimos, das clarissas e dos lóios. Lista dos administradores das confrarias do Corpo de Deus, de São Salvador, do Santo Espírito, de São João Baptista, de Santo António, de São Gião, de Santa Catarina de Alexandria e de São Bartolomeu, no período entre 1343 e 1499. Menção das procissões de Évora em 1482 dedicadas ao Corpo de Deus e ao Milagre da Cera. – (C2-E3-G1).

0163-12-BORREGO (Nuno), *Barbacena*, Portalegre, COGRAPOR Gráfica de Portalegre, 1989, 216 p., il., quadros.

Monografia histórica da freguesia de Barbacena, concelho de Elvas, que trata sobretudo dos séculos XIII ao XX, contendo dados sobre a vida religiosa nas páginas 29-51. Descrição da igreja matriz dedicada a Nossa Senhora da Graça, fundada por volta de 1273. Antes da ruína, em 1966, a igreja teve os altares de São Pedro, de Santo António e o das Almas, as irmandades do Santíssimo Sacramento e das Almas. Notícia das capelas, afectas ou desafectas ao culto, fundadas entre os séculos XVII e XVIII, erigidas em honra do Santo Calvário, de Nossa Senhora da Luz, do Paço, dos santos Sebastião e Francisco de Assis, assim como a da Misericórdia. Nota sobre a irmandade da Misericórdia de Barbacena, fundada em 1620. – (C1-C2-G2-H1).

0164-15-BRAGA (Paulo Drumond), *Setúbal medieval (séculos XIII a XV)*, 1.^a edição, Setúbal, Câmara Municipal, 1998, 504 [8] p.

Monografia histórica da cidade de Setúbal nos séculos XIII a XV, contendo dados sobre a vida religiosa nas páginas 373-407 e 419-428. Notas sobre as igrejas paroquiais, capelas e conventos da cidade (franciscanos e clarissas), cujos titulares são: Jesus, Nossa Senhora dos Anjos, da Graça e da Anunciada, os santos Julião, Francisco de Assis, João Baptista e Sebastião. As confrarias locais tinham fins de devoção e caridade e eram dedicadas ao Espírito Santo, a Nossa Senhora da Anunciada, ao Corpo Santo (Pedro Gonçalves Telmo) e a Santo Estêvão. Breves notas sobre a festa do Corpo de Deus, os cultos ligados ao mar e as pregações. A assistência e a beneficência na Setúbal medieval eram feitas sobretudo pelos hospitais da confraria do Espírito Santo. – (C2-E1-G1-G2).

0165-11-CAETANO (Maria Teresa), *Colares*, 2.^a edição, Sintra, Câmara Municipal, 2016, 177 p., il., mapa.

Edição revista e actualizada (1.^a edição em 2000) da monografia da vila de Colares, concelho de Sintra, desde a Idade Média aos nossos dias, contendo dados sobre a vida religiosa nas páginas 65-70, 79-97 e 114-119. Descrição da igreja paroquial (século XVI) dedicada primeiro a Nossa Senhora da Misericórdia e depois a Nossa Senhora da Assunção; possui pinturas que

representam a Fuga para o Egipto e o Repouso da Sagrada Família, assim como azulejos pintados com cenas religiosas. Menção da igreja da Misericórdia e da ermida de Nossa Senhora de Melides. No século XVIII, havia ainda as ermidas de Nossa Senhora da Conceição, da Graça e da Ajuda, assim como as dedicadas aos santos André e António. Nota sobre a irmandade da Misericórdia, fundada em 1623, e alusão à confraria de Nossa Senhora de Melides, conhecida desde 1509. – (C1-C2-G2-H2).

0166-12-CANATÁRIO (Jerónimo M.), *Al Palhám: história e património*, s. 1., [Edição do Autor], 1984, 76 p., mapa, planta.

Contribuição para a história da freguesia de Alpalhão, concelho de Nisa, desde o período romano aos nossos dias, que contém dados sobre a vida religiosa nas páginas 25-29 e 59-72. Notas sobre os lugares de culto edificadas nos séculos XV-XVI, XVIII e XX: a igreja paroquial de Nossa Senhora da Graça; a igreja do Espírito Santo (ou da Misericórdia), as capelas de Nossa Senhora da Redonda (a capela hoje conhecida não é redonda, à semelhança do templo de Nossa Senhora Rotunda em Roma), as capelas do Calvário, de Nossa Senhora das Virtudes, dos santos Pedro, Sebastião, António; o cruzeiro e cinco nichos com os Passos da Paixão. Nos lugares de culto encontram-se objectos (imagens e pinturas) dos titulares e de outras entidades religiosas que representam cenas da vida de Nossa Senhora e de Jesus, o Menino Jesus, o Sagrado Coração de Jesus, o Senhor dos Passos, Nossa Senhora da Purificação, do Rosário, da Luz, os santos João Baptista e Ana. Em 1758, as irmandades da igreja paroquial, eram dedicadas ao Santíssimo Sacramento, às Chagas de Cristo; havia também a das Almas. A lenda do aparecimento da imagem de Nossa Senhora da Redonda. Transcrição do hino de Nossa Senhora da Redonda e do “Presépio” de Alpalhão, representação declamada e cantada de porta em porta na noite de Natal. – (B4-C1-F2-G1).

0167-15-CARMONA (Rosalina), *Barreiro: o lugar e a história, séculos XIV a XVIII*, Barreiro, Junta de Freguesia, 2009, 158 p., il., quadro.

História da cidade do Barreiro, sede do concelho do mesmo nome, nos séculos XIV a XVIII, contendo dados sobre a vida religiosa nas páginas 48-55, 95-101 e 110-133. Nota sobre a ermida de São Roque, parte da qual foi inserida na actual capela-mor da igreja de Nossa Senhora do Rosário. O pescadores tinham a capela de São Pedro. A fundação da Misericórdia do Barreiro é anterior a 1569 e a mesma esteve sediada na ermida de São Sebastião, passando depois a ter casa própria. Admite-se a existência de uma confraria de Homens Pretos, da qual apenas se conhece uma festa realizada em honra de Nossa Senhora do Rosário por homens pretos em 1613. No século XVIII, há registo de oito associações religiosas no Barreiro: na igreja matriz da Santa Cruz, as confrarias do Santíssimo Sacramento, de Santa Cruz, de São João

Baptista; na igreja de Nossa Senhora do Rosário, as irmandades com o mesmo nome e a de São Pedro ou dos Homens do Mar; na igreja de São Francisco de Assis, a confraria do Senhor dos Passos da Ordem Terceira e a irmandade da Misericórdia na sua capela. Nota sobre os milagres de Nossa Senhora do Rosário do Barreiro, referentes sobretudo a curas. – (C2-F3-G1-G4).

0168-15-CARVALHO (João Carlos Almeida), *Acontecimentos, lendas e tradições da região setubalense*, Setúbal, Junta Distrital, 1968-1972, 7 vol., 84-174-200-179-131-226-194 p., il.

Publicação das memórias históricas do concelho de Setúbal que incidem no período da Idade Média até ao século XIX, quando foram escritas. História e descrição do mosteiro feminino franciscano de Jesus no volume III (p. 5-200) e de diversos mosteiros, conventos e ermidas no volume IV (primeira parte, p. 5-179, e segunda parte, p. 5-131). Dados sobre as ermidas, os mosteiros e conventos (suprimidos no século XIX), masculinos e femininos, que pertenciam nomeadamente às ordens dos franciscanos, dominicanos, agostinhos calçados, agostinhos descalços, bernados, carmelitas calçados e carmelitas descalços, jesuítas, capuchos. Os seus padroeiros eram a Santíssima Trindade, Jesus, o Bom Jesus, Nossa Senhora dos Anjos, da Boa Hora, do Carmo, da Conceição, da Consolação, da Nazaré, os santos Francisco de Assis, João Baptista, Sebastião, Tiago e Teresa de Ávila. Nestes lugares de culto encontram-se diversos objectos, nomeadamente as imagens e pinturas que representam o Menino Jesus dos Milagres (considerada milagrosa), o Senhor Jesus dos Perdões, o Senhor Jesus dos Passos, Nossa Senhora da Consolação, da Natividade, das Necessidades, da Boa Hora, da Boa Nova, da Salvação, do Livramento, dos Remédios, da Luz, da Piedade, da Purificação, do Presépio, os santos Pedro, Pedro Mártir (Pedro de Verona, Verona, ca. 1205 – Seveso, 1252), Mónica, Gonçalo de Amarante (distrito do Porto). Notas sobre numerosas relíquias associadas por exemplo a Cristo, ao Santo Lenho, aos santos António, Bernardino de Sena (Siena), João Baptista, Pantaleão, José de Morant (mártir, Aragão, dominicano, cujo corpo foi depositado em Setúbal) e Filipe de Jesus (capucho, martirizado no Japão). Notícia sobre as confrarias e irmandades da Via-Sacra, do Senhor da Boa Sentença, de Nossa Senhora do Amparo, do Rosário, da Misericórdia, dos Clérigos Pobres, dos santos António, Benedito de Palermo e do Cordão de São Francisco ou Ordem Terceira. Notícia de festas e procissões da Quaresma, do Corpo de Deus, da Circuncisão do Menino Jesus, de Nossa Senhora da Arrábida (serra do concelho de Setúbal), entre outras, do círio de Nossa Senhora do Cabo (Espichel, freguesia do Castelo em Sesimbra) e da Salvação (organizada pelos mareantes). No volume VI, páginas 169-172, conta-se que, em 1703, São Francisco Xavier foi escolhido pela câmara para padroeiro de Setúbal. Prefácio, notas e actualização, referindo particularmente alguns acontecimentos locais ao tempo

da implantação da República e o estado actual dos edifícios, de PAXECO (Óscar). – (C2-E3-H1-H7).

0169-11-CIPRIANO (Rui Marques), *Freguesia de São Bartolomeu dos Galegos: as lendas e a história – subsídios para uma monografia*, São Bartolomeu dos Galegos, Junta Freguesia, 2002, 20 p., il.

Subsídios para a história da freguesia de São Bartolomeu dos Galegos, concelho da Lourinhã, contendo dados sobre a vida religiosa nas páginas 8-10 e dispersos pelas páginas 14-18. Nota sobre a igreja paroquial datada do século XVI, cujo titular é São Bartolomeu. Em 1755 e 1767, os altares eram dedicados ao Espírito Santo, a Nossa Senhora do Rosário, a São Bartolomeu, a São Sebastião e às Almas. Na igreja estavam sediadas as confrarias de São Bartolomeu e das Almas. Menção das capelas de Nossa Senhora dos Anjos e dos santos Brás, Domingos e António. – (C1-C2-G1-G2).

0170-11-CIPRIANO (Rui Marques), *Vamos falar da Lourinhã*, Lourinhã, Câmara Municipal, 2001, 299 p., il.

Contribuição para a monografia da Lourinhã e do seu concelho desde a Pré-história aos nossos dias, contendo informações sobre a vida religiosa nas páginas 119-142, 153-195 e de forma dispersa nas páginas 201-290. Descrição da igreja de Santa Maria, matriz da Lourinhã, fundada no século XIV: a estrutura do edifício e os túmulos. História do convento e igreja de Santo António (franciscano) erigidos nos princípios do século XV: descrição da igreja, que foi matriz entre 1834 a 1991, com os seus altares e imagens. Dados sobre a Santa Casa da Misericórdia da Lourinhã, fundada em 1586: a origem, a capela do Espírito Santo, que foi integrada no património da irmandade da Misericórdia, e a igreja. Esta possui diversos objectos de culto, nomeadamente uma imagem de Cristo morto em tamanho natural, que sai na procissão do Enterro do Senhor; na pintura predominam as obras do século XVI que representam São João Evangelista na ilha de Patmos, escrevendo o Apocalipse, o Julgamento de Santa Catarina de Alexandria, São Jerónimo em Êxtase, a Imaculada Conceição, a tomada de hábito de Santa Paula, São Tiago Peregrino, as Santas Mães e várias bandeiras. Notas sobre a capela de Nossa Senhora dos Anjos, que data provavelmente dos finais do século XVI, e a sua confraria até 1940. A devoção do povo da Lourinhã a Nossa Senhora dos Anjos deveu-se principalmente ao milagre em que esta fez chover por ocasião de uma seca, após ter sido levada da sua capela para a igreja paroquial, acontecimento que passou a ser comemorado todos os anos. Notícia da capela de Nossa Senhora do Bom Sucesso, dos finais do século XVII, e da confraria da mesma invocação. Sobre as freguesias do concelho são dadas breves informações relativas aos lugares de culto, cultos, festas litúrgicas e devocionais, procissões, imagens e confrarias. – (D2-F1-G1-H2).

0171-12-COELHO (Possidónio Mateus Laranjo), *Terras de Odiana: subsídios para a sua história documentada*, 2.^a edição revista e anotada por TRINDADE (Diamantino Sanches), Castelo de Vide – Marvão, Câmara Municipal, 1988, 452 p., il., mapas, quadros.

Reedição da obra publicada em 1924 sobre Marvão e o seu concelho, que trata dos aspectos religiosos nas páginas 301-361. Menção das igrejas paroquiais de Santa Maria e de São Tiago, das capelas do Calvário, dos santos Brás, António e André. História do convento franciscano de Nossa Senhora da Estrela, fundado em 1448: a fundação, que teve origem no aparecimento de uma imagem que havia sido escondida durante as invasões muçulmanas, e a descrição da igreja. Descrição das festas religiosas da vila dedicadas ao Espírito Santo, ao Corpo de Deus, à Ascensão, a Santo António, na freguesia de São Salvador da Aramenha, e a São Marcos (25 de Abril), em Santo António das Areias. Na festa de São Marcos era costume ser oferecido e conduzido para dentro da igreja um boi em cumprimento de uma promessa. Notas sobre o culto a Nossa Senhora da Estrela, cuja romaria se realiza a 8 de Setembro. A Nossa Senhora são atribuídas intervenções milagrosas nas lutas contra os invasores castelhanos e por ocasião de epidemias, doenças e secas. Era costume fazerem-lhe círios e procissões, nomeadamente em anos de seca. A única irmandade erecta do concelho é a Ordem Terceira de São Francisco de Assis, mas outras vinte não erectas, de carácter particular, organizam anualmente diversas festas. Nota sobre a irmandade da Misericórdia de Marvão, fundada no século XVI. Dados sobre a acção da Inquisição sobre os cristãos-novos de Marvão. – (D2-E3-F1-G2).

0172-12-CORREIA (Fernando Manuel Branco), *Elvas na Idade Média*, dissertação de mestrado em História Medieval apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa em 1999, 2 vol., 418-419/693 [22 p., dactilogr., il., mapas, plantas, gráficos (consultável na Biblioteca Nacional de Portugal)].

Monografia da cidade de Elvas, sede do concelho do mesmo nome, desde a Reconquista aos mouros, contendo informações sobre a vida religiosa nas páginas 90-104, 185-190, 276-283, 326-346, 367-376, 433-436, 441-444 e 537-616. Notícia dos lugares de culto que datam sobretudo do período da Reconquista até ao século XV: as quatro igrejas paroquiais de Nossa Senhora dos Açougues, de Nossa Senhora da Alcáçova (implantada sobre a antiga mesquita), de São Pedro e de São Salvador, as não paroquiais de Nossa Senhora dos Casados, de São Lourenço e de São Vicente, a ermida de Nossa Senhora dos Mártires (construída em memória dos que morreram pela reconquista do território aos infiéis) e o mosteiro de São Domingos. O espaço cemiterial mouro e algumas práticas da cerimónia fúnebre mourisca. Alguns costumes e tradições religiosas das minorias judaica e moura. – (C1-C2).

0173-07-CORREIA (Joaquim Manuel Lopes), *Mora e o seu concelho*, 3.^a edição, Mora, Câmara Municipal; 1999, 160 p., il.

Edição que reproduz a edição refundida e aumentada em 1991 (1.^a edição em 1961) da história da vila de Mora e das freguesias do seu concelho, contendo dados sobre a vida religiosa desde a Idade Média ao século XX nas páginas 53-55, 59-67, 91-98, 105-107 e 118-121. Breve descrição ou menção de lugares de culto: as igrejas paroquiais, não paroquiais e as capelas existentes e desaparecidas, dedicadas a Nossa Senhora da Graça, da Purificação, de Brotas, e à Madre de Deus, aos santos Sebastião, Francisco de Assis, Dinis, Nicolau, Julião e Pedro. Nelas encontram-se diversos objectos de culto: imagens em que figuram o Coração de Jesus, Cristo Morto, o Senhor dos Passos, Nosso Senhor, Nossa Senhora do Carmo e os santos Agostinho, Miguel Arcanjo, Sebastião e Francisco de Assis, entre outros; as pinturas e azulejos pintados que representam a Virgem e São José com o Menino, a Paixão e a Morte de Jesus, Santo Agostinho a pregar aos peixes, o milagre da Senhora de Brotas (nome proveio da abundância da planta denominada abrótea). Notícias de milagres, do santuário e do culto a Nossa Senhora de Brotas na freguesia do mesmo nome, das irmandades da Misericórdia de Mora (1575), de Cabeção (1597) e de Pavia (1563), assim como da Venerável Ordem Terceira de São Francisco de Assis. – (C1-C2-D2-G2).

0174-11-COSTA (Maximino R.), *Gradil, passado e presente: pormenores, gentes, recordações...*, Torres Vedras, Gráfica Torrejana, [D.L. 2003], 80 p., il., planta.

Notas para a história da freguesia de Gradil, concelho de Mafra, que contém nas páginas 8-29, 53 e 63-65 informações sobre os objectos de culto da igreja paroquial de São Sivestre: o altar-mor e a pintura dedicada ao santo titular, Cristo Crucificado, a imagem de Nossa Senhora da Conceição, um ex-voto, os azulejos de temática religiosa. Outros lugares de culto são a capela de São João Baptista, o cruzeiro do cemitério e as alminhas. Transcrição de uma oração para afastar a trovoada. – (C1-C2-H1-H2).

0175-11-COSTA (Maximino R.), *Monografia do Gradil*, Gradil, Edição do Autor, 1991, 63 [21] p., il., mapa.

Monografia da freguesia do Gradil, concelho de Mafra, numa abordagem de teor histórico e artístico, desde o período medieval até aos nossos dias, com dados sobre aspectos religiosos nas páginas 24-41. Descrição da igreja paroquial de São Silvestre, datada do século XV, e da ermida de Santa Ana. Na igreja paroquial encontram-se altares dedicados ao Menino Jesus, ao Sagrado Coração de Jesus, ao Senhor dos Passos, a Nossa Senhora e aos santos Silvestre e Miguel Arcanjo, assim como nela estão sediadas as irmandades do Santíssimo Sacramento e de São Silvestre. Alusão às imagens da Virgem Maria, dos santos Ana, Joaquim e Rosa. Inventário das festas e solenidades

religiosas da freguesia, em particular das que se efectuam em louvor de Nossa Senhora da Nazaré (com narração da lenda sobre a imagem e o milagre). A lenda da imagem milagrosa do Menino Deus, segundo a qual um menino se terá curado devido à imagem trazida por um pedinte até ao portão da sua casa. Contém um apêndice documental. – (C1-D2-F3-H1).

0176-11-COSTA (Paulo Ferreira da), GALANTE (Helena Sanches), *Cadaval: contributos para o estudo da memória de um concelho*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1995, 490 p., il., mapas, gráficos.

História do concelho do Cadaval da pré-história até 1981, contendo dados sobre a vida religiosa nas páginas 282-295, 234-236 e 300-326. Descrição da igreja paroquial de Nossa Senhora da Conceição e da sua capela lateral em honra de Nossa Senhora das Dores, assim como da igreja não paroquial do Espírito Santo, na freguesia do Cadaval, da igreja de São Vicente, na freguesia de Cercal, das capelas de Nossa Senhora das Neves e de São João Baptista. Nestes locais de culto encontram-se retábulos e pinturas quinhentistas, com a representação da Coroação da Virgem, da Circuncisão, de Nossa Senhora da Misericórdia, da Ascensão da Virgem (século XVII), de Nossa Senhora da Conceição e de São Pedro. As imagens de Nossa Senhora da Visitação, dos santos António e Domingos. As origens do convento em ruínas da ordem dominicana. Alusão à romaria e à capela de Nossa Senhora das Neves e à festa de Nossa Senhora da Soledade (segundo domingo de Setembro). O casamento é relacionado com várias crenças e práticas mágicas (chegada do cuco, noite de São João Baptista e outras) e com práticas divinatórias, que tinham por objetivo saber qual o nome da noiva e quantos anos faltavam para se casar, entre outros costumes. Notícia sobre as práticas e crenças mágicas associadas ao nascimento. – (C1-D2-E4-E5).

0177-12-CUNHA (António Maria), *Monografia geral sobre a freguesia de Veiros*, Borba, Associação de Desenvolvimento Montes Claros, 2000, 211 p., il.

Monografia da freguesia de Veiros, concelho de Monforte, desde a Pré-história ao século XX, contendo dados sobre a vida religiosa nas páginas 49-51 e 91-141. Os lugares de culto construídos entre os séculos XIV e XVIII: a igreja matriz de Santa Maria Madalena, depois denominada igreja do Rei Salvador, possui vários altares e capelas; as igrejas do Espírito Santo, da Misericórdia, de Nossa Senhora dos Remédios; as capelas de Nossa Senhora da Conceição, o santuário de Nossa Senhora do Mileu, as ermidas de São Bento ou de Santo Antão e de Santa Catarina de Alexandria. Notícia das festas de Nossa Senhora dos Remédios e do Mileu, de Santo Antão, de Santa Catarina de Alexandria e das cerimónias da Semana Santa. – (C1-C2-D2-E1).

0178-12-CUNHA (António Maria), *Monografia geral sobre o concelho de Monforte*, Monforte, Câmara Municipal, 1985, 328 p., il.

Contribuição para estudo do concelho de Monforte, que contém breves informações sobre a vida religiosa de cada freguesia, sobretudo da freguesia de Monforte, nas páginas 14, 23, 54-55, 86, 93-95, 134 e 145-163. Notícia dos lugares de culto (altares, imagens, azulejos pintados) dedicados ao Sagrado Coração de Jesus, ao Espírito Santo, ao Senhor dos Passos, a Nossa Senhora da Cabeça, das Candeias, das Neves, do Parto (igreja de Maria Madalena), da Piedade, de Fátima, da Conceição e da Glória, assim como aos santos Isidoro de Sevilha, Cornélio, Aleixo, Brás, Miguel Arcanjo, João Baptista, Sebastião, Gens, Rainha Santa Isabel e Filomena. Menção das festividades religiosas e profanas em honra de Nossa Senhora dos Milagres, da Conceição, do Parto, dos Prazeres e da procissão do Senhor dos Passos. Alusão às confrarias e irmandades do Santíssimo Sacramento (anterior a 1720), de Nossa Senhora da Conceição (anterior a 1699), do Rosário (extinta) e ainda às das Almas e da Misericórdia. O livro é muito ilustrado com desenhos, nomeadamente dos lugares de culto e das imagens. – (C2-D2-H1-G2).

0179-11-DELGADO (Ralph), *A antiga freguesia dos Olivais*, Lisboa, Imprensa Municipal de Lisboa, 1969, 75 p., il., plantas.

Monografia da freguesia de Santa Maria dos Olivais da cidade de Lisboa, desde a fundação no século XIV até à década de sessenta do século XX, contendo dados sobre a vida religiosa nas páginas 15-19 e 49-58. Notas históricas sobre a igreja paroquial de Santa Maria, fundada no século XIV. Nela foram erectas as irmandades do Santíssimo Sacramento (única em actividade), de Nossa Senhora do Rosário e a das Almas. Breve apontamento sobre as comunidades religiosas residentes no espaço da freguesia ou nas proximidades: o mosteiro dos agostinhos descalços em Chelas (freguesia de Marvila), o mosteiro de Nossa Senhora da Conceição, das freiras de Santa Brígida (1660), o convento de São Cornélio (1718), inicialmente hospício para religiosos Arrábidos (nome tem origem no mosteiro situado na Serra da Arrábida, concelho de Setúbal), e dois estabelecimentos carmelitas, um dos quais deu lugar em 1942 à Congregação de Nossa Senhora de Fátima. Menção de uma relíquia (mão esquerda) de Santa Teresa de Jesus, trazida pelas carmelitas e que se encontra hoje, provavelmente, em Espanha. – (C1-C2-G1-H7).

0180-12-DENTINHO (Maria do Céu Ponce), *Elvas*, Elvas, Câmara Municipal, 1989, 181 p., il., mapa.

Monografia da cidade de Elvas, sede do concelho do mesmo nome, desde a Pré-história até à actualidade, contendo notícias sobre a vida religiosa nas páginas 82-131. Notas sobre os lugares de culto, alguns já desaparecidos, construídos nos séculos XIII a XVIII, e os seus objectos de culto: a igreja

paroquial e as não paroquiais, as capelas, os mosteiros e os conventos dedicados ao Espírito Santo, ao Salvador, ao Senhor Jesus da Piedade, a Nossa Senhora de Alcáçova (substituiu a mesquita), dos Açougues (chamada também Nossa Senhora da Praça), da Assunção, dos Bem Casados, da Conceição, da Consolação, das Dores, da Graça, da Nazaré e aos santos Amaro, António, Domingos (anterior de Nossa Senhora dos Mártires), Francisco de Assis, João (Baptista), Pedro, Martinho de Tours, Vicente e Madalena, assim como a da Misericórdia. Menção das irmandades e das confrarias instituídas sobretudo nos séculos XVII e XVIII, por exemplo, do Espírito Santo, de Santo Cristo, das Chagas, do Santíssimo Sacramento, dos Terceiros, de Nossa Senhora dos Bem Casados (século XIV), da Luz e da Soledade, dos santos Domingos, Francisco de Paula, José, Luzia e a da Misericórdia, entre outras. As festas e procissões realizavam-se em honra do Senhor dos Passos, do Sagrado Viático, do Mandato (na Quinta-Feira das Endoenças), que estava a cargo da Misericórdia, na qual só participavam homens que percorriam toda a vila (deve o seu nome às palavras de Jesus “Mandatum novum do vobis”), do Enterro do Senhor, da Ressurreição, do Corpus Christi, de Nossa Senhora da Candelária, da Cinza (em Quarta-feira de Cinzas), da Soledade, das Rogações ou Ladainhas de Maio, de Nossa Senhora de Fátima, de São João de Deus da Lagosta (surgiu no seguimento de praga de gafanhotos; lagosta é uma corrupção do castelhano *langosta*, que significa gafanhoto), da Ascensão (ou da Rosa, da Exaltação, do Triunfo ou da Nuvem), de Nossa Senhora das Dores (ou da Mulinha, assim chamada porque no andor da Fuga para o Egipto a imagem de Nossa Senhora era montada numa mulinha de madeira), dos Finados (dos ossos ou dos Enforcados), de São Marcos e de Santo António. Outras procissões são dedicadas ao Senhor Jesus da Piedade e comemorativas de episódios ligados à história nacional, como a de Santa Maria de Agosto e a de Nossa Senhora da Conceição (8 de Dezembro, à qual se associaram as comemorações da Restauração) e a das Linhas de Elvas. – (C2-E1-E3-G1).

0181-15-DIAS (Mário Balseiro), *Monografia do concelho de Alcochete (séculos XII-XVI)*, Montijo, Edição do Autor, 2004, 2 vol., 327-375 p., quadros, mapas.

Contribuição para a história de Alcochete, sede do concelho do mesmo nome, contendo dados sobre a vida religiosa. No volume I, páginas 78-81 e 123-137, são estudados a fundação do convento franciscano de Nossa Senhora do Socorro, que foi local de romaria devido aos milagres atribuídos a Nossa Senhora; o papel das confrarias, nomeadamente a de Nossa Senhora da Atalaia (moços de barqueiros), na freguesia da Atalaia, concelho do Montijo, de Nossa Senhora da Merceana na Aldeia Galega da Merceana, concelho de Alenquer, que cultuavam imagens guardadas em lugares de culto situados fora do concelho de Alcochete, de Nossa Senhora de Sabonha dos homens rurais, do Espírito Santo e de São Pedro. Na igreja paroquial estavam sediadas as confrarias do

Santíssimo Sacramento, de Nossa Senhora da Piedade, do Rosário (negros) e as dos santos João e Pedro, bem como a das Almas. Nota sobre a Santa Casa da Misericórdia, fundada no século XVI. No apêndice são transcritos documentos sobre o convento de Nossa Senhora do Socorro, as memórias paroquiais de 1758 e as visitas da Ordem de Santiago, entre outros. – (C2-G1-G2-G4).

0182-11-ESPÍRITO SANTO (Eugénio do), *Ameixoeira: um núcleo histórico*, 2.^a edição, Lisboa, Edição do Autor, 2013, 414 p., il., mapas.

História da freguesia da Ameixoeira, situada na cidade de Lisboa, desde as primeiras ocupações humanas, contendo dados sobre a vida religiosa nas páginas 33-35, 60-114, 129-130, 247-257, 327-331, 339-341 e 343-347. A igreja paroquial, anterior à fundação da paróquia, é dedicada a Nossa Senhora da Encarnação. O interior está decorado com pinturas e azulejos pintados. Na igreja estavam sediadas as irmandades do Santíssimo Sacramento, do Nome de Jesus, de Nossa Senhora da Conceição, do Rosário e a das Almas. Inventário da irmandade do Santíssimo Sacramento. As capelas fúnebres e as ermidas que houve na freguesia são dedicadas aos santos André, Bento, Gonçalo de Amarante e António. Alusão ao memorial do Senhor Roubado, que se situa na freguesia de Odivelas, sede do concelho do mesmo nome. A obra laica da República e a resistência da irmandade do Santíssimo Sacramento. Notícia da festa de Nossa Senhora da Encarnação e do círio da Ameixoeira a Nossa Senhora da Purificação em Alcoentre, concelho de Azambuja, por motivo de promessa. Algumas atitudes perante a morte: o lembrar os mortos, no dia 1 de Novembro, e o Pão-por-Deus. – (D2-E3-E4-G1).

0183-15-FAGULHA (Mário José Fava), TELO (Vera de Lurdes Lourinha), *Historial, recolhas e memórias da freguesia de Torrão (Alentejo)*, Alcácer do Sal, Gráfica Alcacerense, 2001, 88 p., il.

Contribuição para a história da freguesia do Torrão, concelho de Alcácer do Sal, desde a primeira ocupação humana no período Neolítico aos nossos dias, contendo informações sobre a vida religiosa nas páginas 27-39, 54-55 e 64. Os lugares de culto, existentes ou em ruínas, construídos até ao século XVII são constituídos pelas igreja paroquial, capelas e conventos dedicados a Nossa Senhora da Albergaria (igreja da Santa Casa da Misericórdia), da Assunção, do Bom Sucesso, do Carmo, da Graça, aos santos Fausto (mártir, Córdova, protector contra as febres, as pragas e as pestes), Francisco de Assis e João Baptista. Nos lugares de culto guardam-se as imagens de Jesus, de Nossa Senhora da Albergaria, dos Remédios e dos santos Agostinho, Amaro, Fausto, Vicente bispo, Catarina de Alexandria. Menção de um cruzeiro datado de 1817. Lista das festas religiosas, que incluem as procissões da Páscoa, de Nossa Senhora do Bom Sucesso, da padroeira Nossa Senhora da Assunção e de São João (Baptista. – (C2-D2-E3-H1).

0184-12-FERREIRA (J. C. Lobato), *Monografia da antiga vila de Belver (da Ordem de S. João do Hospital)*, Gavião, Câmara Municipal, 1984, 188 p., il., mapa.

Monografia histórica da antiga vila de Belver, freguesia do concelho de Gavião (pertenceu ao concelho de Mação até 1898), desde a época romana até ao século XX, contendo dados sobre a vida religiosa nas páginas 27-50, 109-112 e 130-133. A implantação da Ordem de São João do Hospital em Portugal no século XII, particularmente na freguesia de Belver. Menção da igreja paroquial de Nossa Senhora da Visitação e da capela de São Brás, ambas do século XVI. Na igreja encontram-se pinturas com a representação de São Miguel Arcanjo no Purgatório e da Visitação de Nossa Senhora a Santa Isabel. Na capela de São Brás, há relíquias associadas ao nascimento e paixão de Cristo e aos santos Albino, Antão, Arcádio, Arsénio, Bartolomeu, Brás, Ciriaco, Estêvão, João Baptista, Lázaro, Paulo, Sebastião, Tomé e Maria Madalena. Nota sobre a Santa Casa da Misericórdia, fundada no século XVI. Segundo a lenda, tentaram transferir as relíquias da capela de São Brás para Lisboa, mas estas regressaram milagrosamente à capela. Contém um apêndice documental. – (C1-F2-G2-H7).

0185-11-FERREIRA (Manuel Marques Ribeiro de), *História de Oeiras*, Oeiras, Edição da Paróquia, 1997, vol. I – A paróquia de Nossa Senhora da Purificação de Oeiras (1147-1997), 351 p., il., mapas.

História da freguesia de Oeiras e São Julião da Barra, sede do concelho de Oeiras, desde a Reconquista aos nossos dias, com dados sobre a vida religiosa nas páginas 33 a 330. A primeira igreja paroquial foi fundada em 1500 em honra da padroeira Nossa Senhora das Candeias ou da Purificação. Nela encontram-se expostas diversas imagens que figuram o Espírito Santo, Nossa Senhora da Purificação e os santos António, Brás, Francisco de Assis, Sebastião, Vicente e Luzia, assim como pinturas que representam cenas da vida de Cristo e da Virgem. Notas descritivas das irmandades e confrarias (ermidas onde estão sediadas e suas festas), em particular as do Santíssimo Sacramento ligada à Semana Santa (Festa das Endoenças ou Indulgências), do Corpo de Deus, da Santa Cruz, do Senhor dos Passos, de Nosso Senhor Jesus Cristo, de Nossa Senhora da Conceição, da Atalaia, das Dores, de Porto Salvo, de Santo Amaro e a das Almas. A construção da actual matriz com a invocação da anterior foi edificada no início do século XVIII e inaugurada em 1744. Possui diversas pinturas, com destaque para as que representam momentos da vida da Virgem. Dados sobre as confrarias existentes na actual matriz em honra do Santíssimo Sacramento, de Santa Cruz e Passos de Nosso Senhor Jesus Cristo, de Nossa Senhora da Conceição e Santo Amaro, assim como sobre as de Nossa Senhora da Atalaia, que fazia uma romagem ao santuário do mesmo nome na freguesia da Atalaia, concelho do Montijo, de Nossa Senhora de Porto Salvo e de Nossa Senhora das Dores em Laveiras,

freguesia de Caxias. Dados sobre a irmandade das Almas desde a sua fundação. Inventário das festas e devoções aos santos em honra, por exemplo, de São Brás, para males da garganta, de São Sebastião, protector contra as pestes, de São José, protector da boa morte, de Santa Luzia, para os males dos olhos, de Santa Apolónia, para as dores de dentes, e de Santa Catarina de Alexandria, para o chamado “juizinho da juventude”. Notas sobre a paróquia de Oeiras nos tempos actuais. – (C1-D4-E3-G1).

0186-11-FERREIRA (Paula Cristina), SANCHEZ (Paula), FIGUEIREDO (Sandra), *A freguesia do Beato na história*, Lisboa, Junta de Freguesia do Beato, 1995, 135 p., il., mapas.

Monografia histórica da freguesia do Beato, antiga paróquia de São Bartolomeu em Lisboa, com referências desde o século XVI até à actualidade nas páginas 19-31 e 35-42. Alguns dados dispersos sobre a origem e evolução de lugares de culto da freguesia, sobretudo dos conventos masculino e feminino dos “Grilos” (agostinhos descalços), extintos no século XIX. A igreja do convento masculino é a sede da paróquia de São Bartolomeu desde 1835, e foi dedicada a Nossa Senhora do Monte Olivete. Na igreja há seis capelas com as imagens dos titulares que invocam o Santíssimo Sacramento, o Senhor dos Passos e da Cana Verde, Nossa Senhora do Bom Despacho, do Carmo e São Sebastião. A igreja da Madre de Deus e o seu mosteiro deram lugar em 1869 ao Asilo Dona Maria Pia. Notícia dos conventos de Santa Maria de Jesus (hoje sede do Teatro Ibérico). Segundo a lenda, o convento de Chelas, freguesia de Marvila, foi erigido próximo do local onde apareceram dois caixotões com as relíquias de São Félix e dos seus doze companheiros martirizados na Catalunha (Espanha) em 301. – (C1-C2-H1-H7).

0187-11-FERREIRA (Rosa Maria Trindade), LEMOS (Fernando Afonso de Andrade e), *Nova monografia do Lumiar*, Lumiar, Junta de Freguesia, 2008, 419 p., il.

Monografia da freguesia do Lumiar, situada na cidade de Lisboa, desde a Pré-história ao século XXI, contendo dados sobre a vida religiosa nas páginas 91-120, 139-140, 144, 152-153, 163-164, 194, 201, 231-233, 251, 281, 302-303 e 316-331. Notas históricas sobre os lugares de culto públicos e privados: a igreja paroquial do Lumiar dedicada a São João Baptista e fundada no século XIII, a de Telheiras erigida em honra de Nossa Senhora das Portas do Céu e datada do século XVII, paroquial apenas desde 2004, a igreja de Nossa Senhora do Carmo (1999) e a ermida de São Sebastião, datada do século XVII. Notícia sobre o convento de Nossa Senhora das Portas do Céu e sobre as capelas das quintas e palácios localizados na freguesia. Menção de diversas imagens, pinturas e azulejos pintados com temas religiosos. Breve nota ou menção das confrarias e irmandades já extintas: Espírito Santo, Santíssimo

Sacramento, Nossa Senhora da Porta do Céu, Nossa Senhora do Rosário, da Conceição, dos santos João Baptista, Sebastião, Valentim, António, Vicente, Brígida e a das Almas do Purgatório. No decurso da história da freguesia, os seus habitantes cultuaram o Senhor Jesus da Boa Morte e da Boa Hora, o Espírito Santo, Nossa Senhora do Carmo, São João Baptista, São Sebastião e Santa Brígida da Irlanda ou de Kildare (Irlanda). Na romaria a Santa Brígida, protectora do gado, que se realizava a 1 de Fevereiro, este era levado a dar três voltas rituais em torno da igreja de São João Baptista. – (C1-D3-D4-G1).

0188-12-FIGUEIREDO (José F.), *Monografia da notável vila de Nisa*, Lisboa –Nisa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda – Câmara Municipal, 1989, [11], XLI, 482 p., [3] f. il.

Edição fac-similada da monografia inicialmente publicada em 1956 da vila de Nisa, sede do concelho do mesmo nome, desde a Pré-história à actualidade, contendo dados sobre a vida religiosa nas páginas 41-88, 131-160 e 265-340. Notas sobre os lugares de culto, em actividade e já desaparecidos ou em ruínas, fundados desde a Época Medieval ao século XVIII: igrejas paroquiais, não paroquiais e capelas, convento e cemitério, cujos titulares são o Espírito Santo, o Senhor dos Aflitos, os Fiéis de Deus, o Calvário, Nossa Senhora da Graça, dos Prazeres e os santos André, António, Gens, Lourenço, Miguel Arcanjo, Pedro, Tiago, Sebastião, Luzia e Catarina de Alexandria, assim como as da Misericórdia e das Almas. As suas imagens representam os oragos e outros santos, como Gertrudes Magna (beneditina, século XIII) e Filomena. As colegiadas, confrarias e irmandades mencionadas datam dos séculos XVIII-XIX e têm por padroeiros o Santíssimo Sacramento, o Espírito Santo (instituída pelos lavradores), Nossa Senhora do Carmo, da Graça, do Rosário e os santos Francisco de Assis e Gregório Magno. São tratadas as instituições de caridade e assistência: a gafaria, a albergaria e a Santa Casa da Misericórdia (anterior a 1638). São descritos os aspectos etnográficos, folclóricos e culturais da vida social e religiosa: as festas de Todos os Santos, do Natal, da Quaresma, da Semana Santa; as festas, procissões e romarias em honra do Corpo de Deus, do Senhor da Piedade, de Nossa Senhora da Alagada, dos Prazeres, da Graça (padroeira), da Ascensão e da Conceição, da Comenda (ou Nossa Senhora das Necessidades, primeiro domingo de Setembro), dos Santos Populares e de outros como Gens, Margarida de Antioquia ou da Galiza e Isabel (prima de Maria). As festas e práticas da vida religiosa individual e familiar: o casamento e a morte, bem como as práticas, crenças e ritos relacionados com a trovoada e a medicina popular. Transcrição de orações e canções (letra e música). – (C2-D2-E4-G1).

0189-07-FITAS (Ana Paula), *Olivença e Juromenha: uma história para contar*, Lisboa, Edições Colibri, 2007, 387 p., il., mapas, quadros.

Contribuição para o estudo antropológico das relações e interações políticas, económicas e sociais dos territórios fronteiriços de Juromenha, concelho do Alandroal, e de Olivença (cidade portuguesa até 1801 e hoje integrada na Espanha) no contexto histórico dos séculos XIX e XX. Contém dados para a vida religiosa na freguesia de Juromenha nas páginas 221-231. Os lugares de culto: as igrejas paroquiais de Nossa Senhora do Loreto e de São Francisco de Assis e as não paroquiais da Misericórdia e de Santo António, a única actualmente afecta ao culto. Nesta igreja há as imagens do Senhor Morto, de Jesus Preso à Coluna, de Nossa Senhora do Loreto, do Rosário, da Piedade, dos santos António, João Baptista, Sebastião, Jorge e Marta. Até ao século XIX, existiram as irmandades do Santíssimo Sacramento, de Nossa Senhora do Loreto, do Rosário, de São João Baptista e a das Almas. Notícia das desavenças entre os paroquianos e o pároco a propósito da gestão da igreja local. Breve descrição do calendário festivo religioso e profano, destacando-se no religioso as celebrações do Natal, dos Reis, da Páscoa e da Pascoela, a festa da padroeira Nossa Senhora do Loreto, o dia de Todos os Santos e o Dia de Finados. Notas sobre a festa da padroeira, que decorre no primeiro fim de semana de Julho, com destaque para a procissão (no período da Guerra Colonial entre 1961 e 1974, o andor da padroeira era transportado por ex-soldados), os ex-votos e o costume de pregarem dinheiro no manto da santa com um alfinete; o percurso era geralmente feito em silêncio pelos fiéis. – (D2-E2-E3-H4).

0190-12-GAMA (Eurico), *Elvas: rainha da fronteira (monografia resumida)*, Elvas, Câmara Municipal, 1986, 75 p., il.

Reedição da monografia resumida de Elvas, sede do concelho do mesmo nome, publicada em 1954, contendo dados sobre a vida religiosa desde a Idade Média até à actualidade nas páginas 48-54 e 61-64. Breves notas sobre os lugares de culto das freguesias da cidade datados dos séculos XIII a XVIII: igrejas (15), capelas (por exemplo, 7 representando os Passos da Paixão) e mosteiros (chegaram a existir 11) dedicados, designadamente, aos padroeiros Senhor Jesus da Piedade, Nossa Senhora de Alcáçova, da Assunção, da Conceição, da Consolação (antiga igreja dos Templários), dos Mártires e aos santos Domingos, Francisco de Assis, Pedro e Clara de Assis. Alusão às festividades religiosas do Corpo de Deus e da Semana Santa, entre outras, que incluem as procissões do Enterro, da Ressurreição e a do Mandato que, segundo o autor, é única na Península Ibérica: sai da Misericórdia e visita, sem paragem durante o trajecto, todas as igrejas da cidade em memória das palavras de Jesus “Mandatum novum do vobis”. Menção das romarias e festas do Senhor Jesus da Piedade, de Nossa Senhora da Conceição, da Graça e dos santos Brás e Lourenço (dupla) e Mateus. Transcrição de cantares populares dedicados ao Natal e ao Senhor Jesus da Piedade. – (C1-C2-D3-E1).

0191-11-GANDRA (Manuel J.), *A freguesia da Carvoeira (Mafra) de lés a lés*, Mafra – Rio de Janeiro, Instituto Mukharajj Brasilian – Centro Ernesto Soares de Iconologia e Simbólica, 2014, 446 p., il., mapas, plantas.

Contribuição para a história da freguesia da Carvoeira, concelho de Mafra, centrada na actualidade. Nas páginas 109-112, 115-169, 185-195 e 223-246, contém diversas informações sobre o património edificado, as tradições e as celebrações. Descrição dos lugares de culto: a igreja paroquial tem origem medieval e é dedicada a Nossa Senhora do Ó, e as capelas, datadas de 1734 e do século XVI, aos santos António e Julião. Outros lugares de culto referidos são o cemitério de Nossa Senhora do Ó, vários cruzeiros e as alminhas. Notícia dos objectos de culto existentes e desaparecidos. As festas em honra de Nossa Senhora e de diversos santos. Menção da confraria de São Julião. Nota sobre o círio da Prata Grande, que ia ao santuário de Nossa Senhora da Nazaré, situado na localidade do mesmo nome (distrito de Leiria) e em que participava a freguesia, embora hoje a imagem circule apenas entre as dezassete freguesias que fazem parte do giro, não se deslocando ao santuário. Na Carvoeira são entoadas loas a Nossa Senhora em diversos momentos da festa. Alguns costumes praticados nos funerais. Transcrição de diversos documentos. – (C1-D2-D4-E3).

0192-11-GIL (Maria Júlia Henriques), *Gentes e coisas da Encarnação: achegas para uma monografia*, Encarnação – Mafra, Câmara Municipal – Junta de Freguesia, 1994, 84 p., il., mapas.

Subsídio para uma monografia da freguesia da Encarnação, concelho de Mafra, desde a Idade Média até aos nossos dias. As páginas 16-43 contém notas de carácter histórico sobre a igreja paroquial e menciona as capelas de Nossa Senhora do Rosário, de São Sebastião (já demolida) e a ermida de Santa Catarina de Alexandria. São referidas a imagem de Nossa Senhora da Expectação, as pinturas retratando cenas da vida de Nossa Senhora e azulejos setecentistas que ilustram a Adoração dos Reis Magos e dos Pastores. É ainda mencionado o retábulo esculturado de São Pedro e de Santa Catarina de Alexandria. As confrarias do Santíssimo Sacramento e a de Nossa Senhora da Encarnação são assinaladas. – (C1-G1-H1-H2).

0193-11-GOMES (Jesué Pinharanda), *Santo António dos Cavaleiros: monografia histórica*, Loures, Paróquia de Santo António dos Cavaleiros, 1992, 160 p., il., mapa.

Monografia histórica da freguesia de Santo António dos Cavaleiros, concelho de Loures, que incide no período que vai do século XVII aos nossos dias, contendo informações sobre a vida religiosa nas páginas 43-93 e 113-121. Notas sobre a formação e desenvolvimento da paróquia, fundada em 1972: os primeiros lugares de culto são duas capelas e a igreja matriz (1982)

dedicada a Santo António, as primeiras celebrações litúrgicas, movimentos e obras de catequização. Dados históricos sobre a fundação da confraria do Carmo em 1984, a Juventude Carmelita e as Teresinhas (Santa Teresa de Jesus). Menção de outras comunidades religiosas estabelecidas na freguesia: muçulmanos, hindus, evangelistas e menonitas. Breve referência de teor histórico e religioso sobre o convento franciscano do Espírito Santo. – (B5-C1-C2-C5).

0194-11-GOMES (Levy Nunes), *Carnaxide de ontem e de hoje*, Oeiras, Câmara Municipal, 2004, 135 p., il., mapa, quadros.

Notas para a história da freguesia de Carnaxide, concelho de Oeiras, que contém informações sobre a vida religiosa nas páginas 39-41, 49-51, 69-72 e 97-99. Notícia sobre os conventos já desaparecidos de Nossa Senhora da Boa Viagem, de São José e de Santa Catarina de Alexandria, fundados nos séculos XVI e XVII. A igreja paroquial data do século XVII e a igreja de Nossa Senhora do Amparo de 1995. Notícia sobre o santuário de Nossa Senhora da Conceição da Rocha, fundado em 1893, mas com o culto iniciado em 1822. – (C1-C2-D2).

0195-11-GOMES (Levy Nunes), *Cruz Quebrada – Dafundo: património e personalidades*, Oeiras, Câmara Municipal, 2006, 171 [5] p., il.

Notas para a monografia da freguesia da Cruz-Quebrada e Dafundo, concelho de Oeiras, que contém breves informações sobre o património religioso nas páginas 72-77, 80-83 e 87-90. Notas sobre a igreja paroquial do Senhor Jesus dos Aflitos, a ermida de Santa Catarina de Alexandria e o convento do mesmo nome dos franciscanos Arrábidos (nome tem origem no mosteiro situado na Serra da Arrábida, concelho de Setúbal). Notícia sobre a imagem do Senhor dos Aflitos (Cristo atado à coluna), que esteve na capela do convento de Santa Catarina de Alexandria até à extinção deste, onde era muito venerada, e depois em outras capelas até passar para a actual igreja paroquial em 1972. – (C1-C2-D3-H1).

0196-11-GOMES (Levy Nunes), *Linda-a-Velha: de ninha de Ribamar à fundação Marquês de Pombal*, Oeiras, Câmara Municipal, 2008, 190 p. il.

Notas para a história de Linda-a-Velha, concelho de Oeiras, contendo dados sobre a vida religiosa nas páginas 73-88. A igreja matriz é dedicada à padroeira Nossa Senhora do Cabo, fundada em 1996. Outros lugares de culto são a igreja do Sagrado Coração de Jesus, a ermida da Nossa Senhora do Cabo (cerca de 1760) e a capela de Nossa Senhora do Rosário (século XVIII). Notícia do achamento da imagem de Nossa Senhora do Cabo (Espichel, freguesia do Castelo em Sesimbra). – (C1-C2-F2).

0197-11-GOMES (Levy Nunes), *Porto Salvo: de Caspolina à actualidade*, Oeiras, Câmara Municipal, 2007, 157 p., il., mapa.

Notas históricas sobre a freguesia de Porto Salvo, concelho de Oeiras, principalmente na actualidade, contendo breves notícias sobre os lugares de culto nas páginas 23-26, 41-42, 73-74, 91-92, 107-108, 121-122 e 127: a igreja paroquial de Nossa Senhora do Rosário, fundada em 1993, as não paroquiais e as capelas de Nossa Senhora das Graças em 1997, de Porto Salvo no século XVI, da Conceição em 1976, da Piedade em 1937 e do Socorro. Menção de um cruzeiro datado do século XVI. A festa de Nossa Senhora de Porto Salvo teve origem num milagre de salvamento de naufrágio dos marinheiros de uma nau da Índia quando passava no Cabo da Boa Esperança (África do Sul). – (C1-C6-D2-F3).

0198-15-GONÇALVES (Elizabete), SILVA (Francisco), *Cova da Piedade: património e história*, Cova da Piedade, Junta de Freguesia, 2012, 109 p., il., quadro.

Notas para a história da freguesia da Cova da Piedade, concelho de Almada, que contém dados sobre o património religioso e sobre as festas nas páginas 60-69 e 91-99. O património religioso compreende a igreja matriz, fundada após ter sido encontrada uma imagem de São Simão por um homem que jurou construir uma ermida em sua honra e se tornou ermitão. Mais tarde sonhou com a imagem de Nossa Senhora da Piedade, que trouxe de Lisboa para a ermida e depressa ganhou fama de milagrosa. Em 1606 foi instituída a irmandade de Nossa Senhora da Piedade, que passou a orago da freguesia quando foi criada a paróquia designada com o mesmo nome. Nota sobre a capela de Santo Antão edificada no século XVI e reedificada no século XVII. Entre os objectos de culto destacam-se a imagem de Nossa Senhora da Piedade e as pinturas e painéis de azulejo da igreja paroquial, bem como a pintura da Sagrada Família e a imagem de Santo Antão, que se encontra na capela com o mesmo nome. Menção das capelas de Nossa Senhora da Piedade (1852), de São João Baptista e de São Jorge. A festa realiza-se em honra de Nossa Senhora da Piedade, outrora frequentada por círios. Hoje realiza-se no segundo fim de semana de Setembro. Outra festa importante mencionada é dedicada a São João Baptista, padroeiro de Almada. A festa das maias decorre sobretudo entre a população do lugar da Romeira. – (C1-D2-G1-H1).

0199-07-GONÇALVES (José Pires), “Monsaraz e o seu termo: ensaio monográfico”, *Boletim Anual de Cultura*, Junta Distrital de Évora, n.º 2, 1961, p. 1-158, il.; n.º 3, 1962, p. 267-357, il.

Estudo monográfico da vila de Monsaraz, concelho de Reguengos de Monsaraz, desde a Pré-história até ao século XX, que contém informações nas páginas 74-87 (n.º 2, 1961) sobre os lugares de culto construídos no século XIII e

posteriormente remodelados, alguns dos quais estão em ruínas. Notas sobre as igrejas de Santa Maria, de São Bartolomeu e de São Tiago, hoje arruinada, a capela de São João Baptista e a ermida de São Lázaro, situada no arrabalde e também em ruínas. – (C2).

0200-07-GUERREIRO (Hugo Alexandre Nunes), *Évoramonte: contributo para a sua história e património cultural edificado*, Évora Monte (Santa Maria), Junta de freguesia, 2001, 170 [1] p., il.

Contribuição para a história da freguesia de Évora Monte (Santa Maria), concelho de Estremoz, que contém dados sobre a vida religiosa nas páginas 99-156. Breve história dos lugares de culto fundados entre o século XIII e o século XVI: a igreja matriz de Nossa Senhora da Conceição, as capelas e ermidas dos santos Brás, Lourenço, Marcos, Sebastião, Pedro, Margarida de Antioquia ou da Galiza, Vitória e Rita de Cássia. Neles encontram-se imagens, frescos e azulejos pintados que representam os titulares dos lugares de culto e o Senhor dos Passos, Nossa Senhora de Fátima, da Assunção, do Rosário, da Visitação e os santos José, Roque, Gregório Magno, João Baptista, Miguel Arcanjo, Paulo, Neutel, João de Saghún e Mónica. Menção de ex-votos da ermida de São Brás. – (C1-C2-H2-H4).

0201-07-GUERREIRO (Jerónimo de Alcântara), *Mourão nos séculos XIII a XVII: elementos para a sua história*, Évora, Gráfica Eborense, 1963, 167 [3] p., il., planta; *Boletim Anual de Cultura*, Junta Distrital de Évora, n.º 4, 1963, p. 1-167 [23], il., planta.

Elementos para a história da vila de Mourão, sede do concelho do mesmo nome, contendo alguns dados sobre a vida religiosa dos séculos XIII ao XVII nas páginas 19-24 e 32-39. Notas sobre a actual igreja paroquial, datada do século XVII, na qual se conserva uma imagem provavelmente esculpida no século XV. A primeira titular foi Nossa Senhora do Tojal (por ter aparecido entre umas moitas de tojo) e depois Nossa Senhora das Candeias (porque a festa se realizava em 2 de Fevereiro), sendo a imagem anterior ao século XVIII. Menção de outras igrejas e capelas existentes nos arredores da vila dedicadas a Nossa Senhora da Luz, a Nossa Senhora do Alcance (assinala o local onde foram alcançados e derrotados os castelhanos pelo exército comandado por Nuno Álvares Pereira no século XIV) e a São Brás. Apontamentos sobre a Santa Casa da Misericórdia, fundada antes de 1548, que incluem uma lista dos benfeitores, que fizeram sobretudo doações testamentárias desde 1548 às primeiras décadas do século XIX. Contém a transcrição do poema Mourão Retaurado de 1657. – (C2-E4-G2-H1).

0202-11-HENRIQUES (João Aníbal), *O Estoril e a paróquia de Santo António: notas para a sua história*, Cascais, Fundação Cascais, 1999, 319 p., il.

Monografia da freguesia do Estoril, concelho de Cascais, desde a Pré-história à actualidade nas páginas 49-85, 101-209 e 243-274. O estudo centra-se em aspectos relacionados com a história do convento e igreja de Santo António (1527), da Ordem de São Francisco de Assis e a sua importância para a formação da identidade religiosa da freguesia, cuja paróquia foi instituída em 1929. Descrição dos vários momentos que marcaram a evolução do convento, desde a sua construção até à extinção em 1834. A igreja foi devolvida à Igreja Católica em 1917 e reconstruída após o incêndio de 1927. A primeira igreja possuía três altares onde se prestava culto às imagens de Nossa Senhora da Boa Nova (padroeira inicial), de São Domingos e de São Francisco de Assis. Possuía no seu adro, junto ao cruzeiro, uma pequena capela dedicada a Santo António. Alusão a diversas relíquias: Santo Lenho, cordão de São Francisco de Assis, osso de São Dionísio ou Dinis (mártir). Os movimentos religiosos e organizações de âmbito paroquial: Acção Católica e Sociedade de São Vicente de Paulo. – (C2-C6-H7-I3).

0203-11-HENRIQUES (João Miguel), *História da freguesia de Cascais (1870 – 1908): uma proposta de estudo*, Cascais, Edições Colibri – Câmara Municipal, 2004, 218 [10], il., quadros, gráficos.

Monografia histórica da freguesia de Cascais, sede do concelho do mesmo nome, no período entre 1870 e 1908, contendo dados sobre a vida religiosa nas páginas 84-91. Notícia sobre os cemitérios antigo e novo. Nota sobre as irmandades da Misericórdia (1551) e da Venerável Ordem Terceira de São Francisco de Assis (1679), sediada no antigo convento de Santo António na freguesia do Estoril. – (C7-G2).

0204-11-HORMIGO (José Joaquim), *Amadora: história, arte, cultura*, [Lisboa], Edição do Autor, 2005, 258 p., il., mapas, plantas.

Contribuição para a história da Amadora e das freguesias do seu concelho desde a Pré-história aos nossos dias, contendo breves informações dispersas sobre aspectos religiosos. Notícia das festas e romarias iniciadas no século XVIII e consagradas a Nossa Senhora da Conceição, na capela da Quinta do Bosque, e a Nossa Senhora da Lapa, na ermida da mesma invocação. No século XIX surgiram as festas do Santíssimo Sacramento, de São Sebastião e de Santo António. A instituição de capelas pias por disposição testamentária na capela de Santo António da Quinta do Bosque, na freguesia da Falagueira. Outras capelas da freguesia são dedicadas a Nossa Senhora da Lapa e a Santa Marta, na freguesia da Mina, assim como a São Francisco de Assis, na freguesia de Alfovelos. – (C2-D2-D4-E4).

0205-12-JESUÍNO (Rui), *Vila Boim: "...se boa é a terra, melhor é a gente"*, Lisboa, Edições Colibri, 146 p., il.

Contribuição para a história de Vila Boim, concelho de Elvas, desde a Pré-história, contendo algumas informações sobre a vida religiosa nas páginas 46-48, 65-66 e 80-83. A igreja paroquial terá sido fundada cerca de 1260, sendo dedicada a São João Baptista. Notícia das festas em honra do padroeiro e sobretudo de Nossa Senhora dos Remédios. Nossa Senhora dos Remédios era alvo de grande devoção e expressou os seus poderes através de curas, ilustradas por diversos ex-votos; nas situações de aflição, como por exemplo na falta de água ou por causa de uma praga de gafanhotos, a população recorria à celebração de uma missa cantada e sermão para apelar ao seu socorro. Notícia da confraria de Nossa Senhora dos Remédios. – (C1-D2-E2-H4)

0206-11-JUROMENHA (Visconde de), *Sintra pinturesca, ou memória descritiva da vila de Sintra, Colares e seus arredores*, Sintra, Câmara Municipal, 1989-1990, 231 [5] p.

Reimpressão da edição original de 1838 da monografia histórica do concelho de Sintra, que trata fundamentalmente do período que vai do século XII até início do século XIX, contendo informações sobre a vida religiosa nas páginas 32, 48, 53-54, 60, 77-126, 132-146 e 157-175. Menção ou descrição de igrejas paroquiais, capelas, ermidas e conventos dedicados à Santa Cruz, à Santíssima Trindade, ao Espírito Santo, a Santa Maria, a Nossa Senhora do Monte, da Purificação, da Penha, da Peninha, do Carmo, da Graça, de Belém, da Saúde, da Vitória, da Piedade, de Monserrate, da Anunciação, de Melides, da Conceição, aos santos Sebastião, Miguel Arcanjo, Pedro, João Baptista, José, Brás, Amaro, Martinho de Tours, Romão, Zacarias, Saturnino, Vicente, Catarina de Alexandria, Eufémia, Margarida de Antioquia ou da Galiza, Isabel e Ana, entre outros. Referência a imagens, pinturas e azulejos representando vários episódios bíblicos, cenas da vida de Cristo, os Apóstolos, os Reis Magos, Nossa Senhora de Monserrate, da Piedade, da Penha, os santos Pedro, Paulo, João Baptista, Jerónimo, Miguel Arcanjo, Honório (beato) e Santa Catarina de Alexandria, entre outros. Descrição de sepulturas e transcrição de inscrições, nomeadamente o epitáfio do túmulo de Dom João de Castro na ermida de Nossa Senhora do Monte. Menção de festas, romarias, círios e procissões dedicadas nomeadamente a Nossa Senhora da Penha, a São Francisco de Assis e a São Sebastião. Alusão às confrarias do Senhor dos Passos e de Santa Catarina e à da Misericórdia. – (D2-E3-H1-H2).

0207-12-LEAL (João Ribeirinho) *Achegas para a monografia de Cabeço de Vide*, Cabeço de Vide, Edição da Junta de Freguesia, 1984, 148 p.

Subsídios para uma monografia da freguesia de Cabeço de Vide, concelho de Fronteira, desde o século XVI até aos nossos dias, contendo informações sobre a vida religiosa nas páginas 80-92, 106-121, 130 e 137. Notas sobre os lugares de culto: a igreja paroquial e as capelas dedicadas ao Espírito Santo,

ao Calvário, a Nossa Senhora dos Anjos, das Candeias e a da Misericórdia. A irmandade da Misericórdia foi fundada em 1516. Menção das imagens do Divino Espírito Santo, do Senhor dos Passos, do Sagrado Coração, de Nossa Senhora de Fátima, das Neves e dos santos António, Joaquim, Ana e Maria Madalena. São assinalados alguns usos e costumes próprios do Natal, da Semana Santa e das festas de Nossa Senhora dos Anjos (segunda-feira de Páscoa), de Nossa Senhora das Candeias (primeiro sábado de Fevereiro). Dados sobre as práticas da vida religiosa individual e familiar: o nascimento, o baptismo e o casamento. Transcrição de cânticos do Natal, da Semana Santa, de uma oração para dizer ao toque das Trindades, de um responso de Santo António e do hino da padroeira Nossa Senhora das Candeias. – (B4-C1-E2-E6).

0208-12-LEAL (João Ribeirinho), *Monografia de Gáfete (vila do concelho do Crato)*, Crato, Câmara Municipal, 2013, 96 p., il.

Contribuição para a monografia de Gáfete, concelho do Crato, na actualidade contendo informações sobre a vida religiosa nas páginas 34-38, 71-74 e 87-89. A igreja paroquial, fundada antes de 1615, possui imaginária datada do século XVIII, que representa Cristo Crucificado e Nossa Senhora da Conceição. As capelas da freguesia são dedicadas aos santos Pedro, António e Marcos: A capela de Catarina de Alexandria foi há muito demolida. A festa principal é dedicada a São João Baptista, a propósito da qual se transcrevem algumas quadras cantadas em sua honra. – (B4-C1-D4-H1).

0209-12-LEITÃO (Ana Santos), *Arez, da Idade Média à Idade Moderna*, Lisboa, Edições Colibri, 2013, 192 p., quadros; *Arez da Idade Média à Idade Moderna: um estudo monográfico*, dissertação de mestrado em História Regional e Local apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa em 2008, 136-I/XIV p. <http://hdl.handle.net/10451/1738> (consultada em 02-01-2021).

Estudo sobre a freguesia de Arez, concelho de Nisa, durante a Idade Média e a Idade Moderna, contendo dados sobre a vida religiosa nas páginas 119-130. Os lugares de culto: a igreja paroquial dedicada a Nossa Senhora da Graça, a capela do Espírito Santo, sede da irmandade da Misericórdia, fundada provavelmente em 1517, e a ermida de Santo António, datada do século XIV. Nota sobre as instituições que se dedicam à assistência. As imagens e pinturas da igreja matriz, datadas dos séculos XV a XVIII, representam Cristo, Nossa Senhora, a Adoração dos Magos, os santos Sebastião, António, Pedro, João Baptista e Francisco de Assis. A capela da Misericórdia tinha no século XVIII três altares com as imagens do Espírito Santo, de Cristo Crucificado e de Santo Amaro. O inventário dos bens móveis da capela da Misericórdia, datado de 1865, refere dois crucifixos, uma imagem do Espírito Santo e uma bandeira para acompanhar defuntos. – (C1-C2-G2-H1).

0210-15-LIMA (Manuel A. S.), *Amora: Memórias e vivências d'outrora*, Lisboa, Plátano Editora, 2006, 393 p., il., mapas.

Contribuição para a história da freguesia da Amora, concelho do Seixal, com base em informações documentais e orais, contendo informações sobre a vida religiosa nas páginas 27-38 e 121-125. A igreja paroquial de Nossa Senhora do Monte Sião data do século XVI. O culto a Nossa Senhora terá começado no século XIV e a sua confraria existe desde 1538, data do seu compromisso que é analisado. Descrição da imagem de vestir de Nossa Senhora representada sentada com o Menino e um ceptro na mão direita. Em 1982, a igreja foi assaltada e algumas imagens roubadas, em especial a de Nossa Senhora, que não mais apareceu, sendo substituída por outra. Notícia das festas da padroeira, Nossa Senhora do Monte Sião, em finais do século XIX, e da sua procissão, assim como de outras celebrações relativas à vida religiosa individual e familiar (casamento, primeira comunhão, profissão de fé). Nota sobre algumas práticas relacionadas com o Natal, a Páscoa e os Santos Populares. – (C1-E2-E4-G1).

0211-07-LOBO (Rui Miguel), *Vimieiro, uma história por contar*, Vimieiro, Junta de Freguesia – Casa do Sul Editora, [D.L. 2007], 193 p., il., mapa.

Contribuição para a história da freguesia de Vimieiro, concelho de Arraiolos, desde a Pré-história aos nossos dias, contendo dados sobre as confrarias sediadas na igreja paroquial e em capelas próprias nas páginas 141-182. A confraria do Espírito Santo, que teve igreja e hospital, foi fundada provavelmente em 1282 e integrada na irmandade da Misericórdia em 1574. Na igreja paroquial foram instituídas as confrarias de Nossa Senhora da Conceição, fundada em século XVI e extinta em 1862; de Nossa Senhora da Encarnação, provavelmente do século XVIII e suprimida nos anos quarenta do século XX; de Nossa Senhora do Rosário, instituída em 1583 e extinta presumivelmente em 1861; do Santíssimo Sacramento, criada em 1610 e extinta a meados do século XIX; do Santo Cristo, conhecida apenas no século XIX; do Senhor dos Passos, já existente em 1704 e suprimida em 1861; das Almas, conhecida desde 1785 e que cessou a sua actividade a meados do século XX. – (G1-G2).

0212-12-LOPES (Francisco José), VIEIRA (Rui Rosado), *Degolados: elementos para a sua história*, Degolados, Junta de Freguesia, 1987, 72 [2] p., il., mapa.

Contribuição para a monografia da freguesia de Degolados, concelho de Campo Maior, desde o período romano ao nossos dias, contendo informações sobre a vida religiosa nas páginas 16, 21-22 e 63-64. Breves referências à fundação da paróquia e à igreja paroquial de Nossa Senhora da Graça. Em Degolados realizava-se de forma muito irregular a festa de Nossa Senhora da Graça, que compreendia missa, procissão, tourada e baile. – (C1-D2-E3).

0213-07-LOURO (Henrique da Silva), *Ciladas – São Romão: apontamentos históricos*, Évora, Gráfica Eborense, 1967, 39 p., il.

Apontamentos históricos sobre as antigas paróquias de Ciladas e de São Romão (desde 1966 designada apenas por paróquia e freguesia de Ciladas), concelho de Vila Viçosa, desde a Pré-história a meados do século XX, contendo informações sobre a vida religiosa nas páginas 7-8, 10-15 e 22-38. Notícia ou menção dos lugares de culto existentes e desaparecidos, datados dos séculos XVI a XIX: as igrejas paroquiais de Nossa Senhora de Ciladas (a primitiva ermida e invocação devem-se a graça concedida pelo sucesso verificado em ciladas armadas contra os sarracenos) e a de São Romão (abade da Ordem de São Bento), as capelas e ermidas de Nossa Senhora dos Remédios, dos santos Sebastião, João Baptista e Teresa de Ávila. Menção de diversas imagens dos titulares dos lugares de culto e de outras que representam Nossa Senhora de Guadalupe, dos Milagres, os santos Ambrósio, João Nepomuceno e Antão. Alusão às irmandades do Santíssimo Sacramento, de Nossa Senhora do Rosário e de Nossa Senhora dos Milagres. A imagem de Nossa Senhora dos Milagres é considerada milagrosa, contando-se que evitou o naufrágio de algumas naus da carreira da Índia, protegeu contra a trovoada e fez curas. Transcrição da memória paroquial da freguesia de Ciladas e de São Romão de 1758. – (C2-D2-F3-H1).

0214-12-LOURO (Henrique da Silva), *Freguesia de Santa Eulália*, Évora, Gráfica Eborense, 1969, 39 p.

Contribuição para a monografia histórica da freguesia de Santa Eulália, concelho de Elvas, que contém dados desde a época romana à primeira metade do século XX nas páginas 3, 7-11, 14-15 e 21-22. Notícias sobre os lugares de culto públicos e particulares, fundados entre os séculos XV e XVIII: a igreja paroquial de Santa Eulália, as ermidas dedicadas a Santa Maria e aos santos António, João Baptista, Catarina de Alexandria e Maria Madalena. No século XVIII, estiveram sediadas na igreja paroquial as confrarias do Santíssimo Sacramento e de Nossa Senhora do Rosário. Breve notícia biográfica sobre Santa Eulália (mártir no tempo de Diocleciano, natural de Mérida, século IV). – (C1-C2-G1-H1).

0215-12-LOURO (Henrique da Silva), *Monografia histórica de Vila Fernando*, Évora, Gráfica Eborense, [D.L. 1995] 83 p., il.

Nova edição corrigida e aumentada (1.^a em 1966) da contribuição para a história da freguesia de Vila Fernando, concelho de Elvas, desde as suas origens a meados do século XX, que contém dados sobre a vida religiosa nas páginas 49-56 e 60-63. Nota histórica sobre a igreja paroquial de Nossa Senhora da Conceição, datada do século XIII, e menção do seu cruzeiro. A igreja possui diversos objectos de culto datados do século XX: na fachada há um

azulejo com a representação de Nossa Senhora da Conceição, no interior as imagens de Nossa Senhora da Conceição, de Fátima e das santas Filomena, Maria Goretti e Teresa de Ávila, assim como um vitral de Nossa Senhora da Conceição. Na igreja estiveram sediadas as irmandades do Santíssimo Sacramento (1825-1887) e a das Almas (1791). Menção das capelas de Nossa Senhora de Lurdes e dos santos Romão e João Bosco, assim como do cemitério. Inclui outro estudo do mesmo autor intitulado o “O morábito de Vila Fernando e a Evolução Histórica da Igreja de Santa Maria da Conceição”. – (C1-C2-G1-H1).

0216-12-LOURO (Henrique da Silva), *Terrugem*, Évora, Gráfica Eborense, 1964, 31 p., il.

Historial da freguesia de Terrugem, concelho de Elvas, com dados sobre a igreja matriz de Santo António, reconstruída no século XVIII (antiga ermida do século XVI), nas páginas 12-13, 20-26 e 29. No século XVIII, continha as imagens de Nossa Senhora da Piedade, do Rosário, dos santos António, Pedro, João Baptista, Tiago e Caetano, assim como uma pintura representando as Almas do Purgatório. Menção da irmandade do Santíssimo Sacramento (1760). – (C1-G1-H1-H2).

0217-12-LOURO (Henrique da Silva), *Vila Boim e a sua história*, Évora, Gráfica Eborense, 1961, 140 p., il.

Contribuição para a história da freguesia de Vila Boim, concelho de Elvas, desde a Pré-história até à actualidade, contendo dados sobre a vida religiosa nas páginas 41-45, 52 e 61-91. História e descrição da igreja matriz de São João Baptista, fundada no século XIII. Nota sobre a igreja de São Francisco de Assis (1741), que pertenceu à Ordem Terceira e possui uma relíquia da Santa Cruz. Menção das capelas de São Bartolomeu (1805) e de Maria Madalena (1783). Das imagens da igreja paroquial é destacada uma de roca, que figura Nossa Senhora dos Remédios, alvo de grande devoção popular em Março e a 8 de Setembro. As gentes de Vila Boim têm beneficiado dos milagres de Nossa Senhora, expressos em curas e na resolução de necessidades da comunidade (seca, praga de gafanhotos). Menção das confrarias do Santíssimo Sacramento, de Nossa Senhora do Rosário e de Nossa Senhora dos Remédios. – (D2-H1-F1-F3).

0218-15-LUZIA (Ângela), *Lavradio e as suas gentes*, Lavradio, Edição da Junta de Freguesia, 1994, 133 p., il.

Contribuição para a história da freguesia do Lavradio, concelho do Barreiro, desde o século XII à actualidade, contendo dados sobre a vida religiosa nas páginas 68-72 e 78-82. Notas sobre a igreja paroquial de Santa Margarida de Antioquia ou da Galiza (a primitiva foi demolida e a actual data de 1973).

Na primitiva igreja paroquial havia quatro altares: o altar-mor dedicado ao Santíssimo Sacramento, os altares laterais em honra de Nossa Senhora do Rosário, da Salvação e o das Almas. Entre as imagens salientavam-se a da padroeira e as do Senhor dos Passos, de São Miguel Arcanjo e de Santo António. A capela do extinto convento de São João Evangelista (lóios) é dedicada a Nossa Senhora da Piedade, segundo uns, ou a Nossa Senhora do Bom Sucesso, segundo outros, e data do século XVIII. Menção do cruzeiro demolido antes de 1914. Notícia das festas da Semana Santa, em honra de Santa Margarida de Antioquia ou da Galiza, padroeira do Lavradio, que era a principal, e menção da festa, hoje inexistente, de Nossa Senhora do Bom Sucesso, que decorria na capela do convento dos lóios. – (C1-D2-E2-H1).

0219-11-MADEIRA (Silva), *Elementos subsidiários para a história do concelho de Loures*, Lisboa, Edição do Autor, 1974, 122 p., il., quadros.

Subsídio monográfico para o estudo do concelho de Loures desde Idade Média até à actualidade, com informações sobre aspectos religiosos das freguesias nas páginas 89-114. Os oragos das freguesias eram o Santíssimo Nome de Jesus, Santa Maria (2), Nossa Senhora da Encarnação e Nossa Senhora da Purificação (2), os santos Adrião, Antão, António, João Baptista, Julião, Pedro, Tiago Maior, Saturnino, Silvestre e Iria. Notícias históricas que mencionam lugares de culto: igrejas paroquiais e não paroquiais, capelas e conventos, cujos titulares são, nomeadamente, o Espírito Santo, Nossa Senhora da Assunção, do Monte, da Saúde e os santos Amaro, António, Pedro e Tiago. Nota sobre o Padrão do Senhor Roubado, na freguesia de Odivelas, hoje sede do concelho do mesmo nome. Menção de imagens, baixos-relevos, pinturas e painéis de azulejos representando a Santíssima Trindade, a Virgem, Nossa Senhora da Conceição e os santos Saturnino e Quitéria. – (C1-C2-H1-H2).

0220-15-MARQUES (Tatiana), *Vale da Amoreira: a história de uma freguesia*, Vale da Amoreira, Grãonauta, Associação Cultural, 2013, 205 p., il., quadros.

Contribuição para a história da freguesia de Vale da Amoreira, concelho da Moita, no final do século XX e princípios do século XXI, contendo breves informações sobre a vida religiosa nas páginas 123-127. Notícia da antiga e da actual capela de São João Baptista, padroeiro da freguesia, cuja festa inclui uma procissão. Menção do cemitério. – (C2-C7-E2-E3).

0221-11-MARTINS (Augusto), *Breve história do Bairro de Troino e zonas envolventes*, Setúbal, Edição do Autor, 2012, 133 p., il.

Notas históricas sobre o bairro de Troino, freguesia de Nossa Senhora da Anunciada, em Setúbal. Nas páginas 22-28, 33-34 e 47, contém breves informações dos aspectos religiosos do bairro de Troino. A actual igreja matriz da freguesia é dedicada a Nossa Senhora da Anunciada, antiga igreja

conventual de Santa Teresa de Jesus dos carmelitas descalços, construída na primeira metade do século XVIII. A origem da primitiva igreja matriz foi o achamento de uma pequena imagem de Nossa Senhora da Anunciada ou Nossa Senhora Pequeninina ou Nossa Senhora Angelical. Menção da confraria de Nossa Senhora da Anunciada, fundada em 1386 e extinta em 1861, e da irmandade do Santíssimo Sacramento, instituída em 1628 pelos mareantes. A igreja de Nossa Senhora da Saúde foi construída em 1598, por voto dos habitantes de Setúbal devido a uma peste e nela se instituíram duas confrarias da mesma invocação, uma secular e outra eclesiástica. Nota sobre a festa dos pescadores e marítimos a Nossa Senhora da Arrábida (serra do concelho de Setúbal). O primeiro círio foi criado em 1839 e inclui um cortejo marítimo. Notícia da capela de Nossa Senhora do Carmo. – (D2-E3-F2-G1).

0222-MARUJO (Alfredo), *Paróquia de São Pedro de Alverca: elementos para a sua história*, Alverca, Edição da Paróquia de São Pedro de Alverca, 1999, 215 p., il., plantas, quadros.

Contribuição para a história da paróquia de São Pedro de Alverca, freguesia de Alverca do Ribatejo, concelho de Vila Franca de Xira. Notas históricas sobre lugares de culto, movimento da paróquia, histórias, lendas e arquivo paroquial nas páginas 17-75, 123-157 e 173-202. As igrejas, capelas e conventos foram edificadas entre os séculos XII e XX em honra do Espírito Santo, do Senhor Jesus Cristo, de Nossa Senhora da Piedade, da Graça, do Bom Sucesso, do Pilar, dos Anjos, do Ar, dos santos Pedro, Sebastião, Clemente, Gonçalo de Amarante, José, António e Romão (bispo de Ruão). Neles encontram-se imagens e retábulos pintados representando Jesus Cristo, o Santíssimo Sacramento, o Sagrado Coração de Jesus, o Senhor Jesus dos Passos, o Senhor Morto, Nossa Senhora das Dores, de Fátima, da Purificação, do Carmo, da Piedade, do Bom Sucesso, os santos João Baptista, Pedro, Tomás de Aquino, Sebastião, Alberto Magno, António e Ana. Alguns destes lugares de culto foram profanados e encerrados durante a 1.^a República (1910-1926). Lista das procissões existentes e já desaparecidas: as procissões de Ramos, de Nossa Senhora de Fátima, do Encontro (Domingo de Ramos à tarde), do Relicário (realizava-se em anos de seca ou de calamidades), do Corpo de Jesus, do Senhor Crucificado, de Nossa Senhora do Carmo, dos santos Pedro, Sebastião e Clemente. Notícias sobre as confrarias da Ordem Terceira do Carmo (século XVII), de São Pedro dos homens marítimos (fundada em 1769), das Almas (já existia em 1758), do Santíssimo Sacramento (anterior a 1758 até 1910), da Misericórdia (fundada no século XVI) e sobre a nova irmandade do Santíssimo Sacramento (1928). Dados sobre a catequese e os movimentos paroquiais, como o Apostolado da Oração, Pia União dos Filhos de Maria, Conferência de São Vicente de Paulo, Legião de Maria, entre outras. Informação sobre o acervo do arquivo paroquial, por exemplo sobre as memórias paroquiais de 1758 e livros de confrarias. – (C2-E3-G3-H1).

0223-11-MATIAS (Augusto Cavalheiro), *História de Montelavar*, Montelavar, Junta de Freguesia, 2005, 240 p.

Contribuição para a história de Montelavar, concelho de Sintra, desde a ocupação romana até aos nossos dias, contendo dados sobre a vida religiosa nas páginas 50-59. A igreja paroquial dedicada a Nossa Senhora da Purificação, padroeira da freguesia. Menção das celebrações do Espírito Santo, das festas em honra de Nossa Senhora das Candeias, do Cabo, da Nazaré e de São Mateus, assim como da procissão do Senhor dos Passos. Cronologia do giro de Nossa Senhora da Nazaré, entre 1890 e 2008, e de Nossa Senhora do Cabo (Espichel, freguesia de Castelo em Sesimbra), entre 1884 e 1909. Menção das capelas do Espírito Santo, de Nossa Senhora da Conceição, dos santos Brás, João Baptista e Pedro. – (C1-C2-D2-E3).

0224-11-MELO (António de Oliveira), GUAPO (António Rodrigues), MARTINS (José Eduardo Ferreira), *O concelho de Alenquer: subsídios para um roteiro de arte e etnografia*, Alenquer, Comissão Municipal da Feira da Ascensão de Alenquer – Associação para o Estudo e Defesa do património de Alenquer, 1984-1987, 4 vol., 169-191-207-341 p., il., mapas.

Inventário do património cultural das freguesias do concelho de Alenquer. Ao longo de todo o volume I e nas páginas 53-222 do volume IV há dados sobre as igrejas paroquiais e não paroquiais, capelas e ermidas dos séculos XIII-XVIII, as capelas particulares (cerca de 30), bem como uma breve relação das festas e procissões locais. O volume III, páginas 11-186, inclui uma relação de conventos e mosteiros (cerca de 12), nomeadamente das ordens mendicantes franciscana e dominicana, desde o século XIII. Nestes volumes são mencionadas imagens, baixos-relevos, pinturas e painéis de azulejos setecentistas com representações da Vida e Morte de Cristo, de Maria, do Velho Testamento, da vida mística dos franciscanos, de santos, nomeadamente a Aparição dos Cinco Mártires de Marrocos a Santa Sancha (beata portuguesa, filha do rei Dom Sancho I, século XIII). Alusão a dois ex-votos à Senhora da Graça e a Santa Quitéria por protecção contra perigo e doença. O volume II, páginas 16-98, reúne as tradições populares mais significativas das festividades e diversões da Quaresma, do dia da Bela Cruz, da Quinta-Feira da Espiga, do cantar dos Reis, dos círios, da romaria de Santa Quitéria de Meca, das procissões dos Passos e das festas do Espírito Santo. Alguns costumes religiosos são a festa para “servir o santo” em que, em cada ano, um chefe de família recebendo o santo em casa se responsabiliza pelo oratório e pela venda dos bolos e do cargo, revertendo os fundos para adquirir cera; a celebração de missa pela alma dos mortos; o Cantar os Reis, que consiste num canto de peditório pelos Reis para missas por intenção das almas (transcrição de alguns cantos); o Dia da Bela Cruz (versão popular do dia da Vera Cruz, 3 de Maio, ou das antigas maias) com o costume de se colocarem cruces de madeira nas encruzilhadas

inscritas num círculo para preservar pessoas e animais de malefícios das bruxas. Os principais círios com duração de três dias, que incluem cantares e voltas rituais, são feitos ao santuário de Nossa Senhora da Nazaré (distrito de Leiria), em Setembro, e a Santa Quitéria de Meca (22 de Maio), a São Jorge e ao Espírito Santo. No volume II, páginas 164-172, e 178-181, referem-se lendas relativas à construção das ermidas de Nossa Senhora da Merceana, de Nossa Senhora da Ameixoeira e da Rainha Santa Isabel e “superstições”, assim como são transcritas algumas orações, cantares dos Reis e rezas para afastar as trovoadas e para achar objectos perdidos. No volume III, páginas 26-27, é feita alusão aos milagres atribuídos à imagem de Nossa Senhora do Capítulo do convento de São Francisco de Assis, à qual estão associados os episódios da troca do menino do braço direito para o esquerdo e da revelação de oração a noviço em penitência. – (B3-E2-E3-E6).

0225-11-MIRANDA (Vítor Manuel Fernandes), *Contributos para a história da Póvoa de St.º Adrião: abordagem histórico-antropológica*, Póvoa de St.º Adrião, Junta de Freguesia, 2001, vol. II, 112 p., il., mapas, quadros.

Contribuição para a história da freguesia de Póvoa de Santo Adrião, concelho de Odivelas, contendo nas páginas 70-79 informações sobre a igreja matriz e as capelas nelas instituídas por testamento. A igreja matriz de Santo Adrião data dos inícios do século XVI e contém pinturas que representam a Última Ceia, os Quatro Doutores da Igreja, a Anunciação, a Ascensão, o Calvário e Santo Amaro, bem como as imagens do titular e de São Miguel Arcanjo. Num inventário datado das primeiras décadas do século XX constam ainda as imagens do Menino Jesus, de Nossa Senhora das Dores, do Rosário, dos Prazeres, da Conceição, dos santos José, Miguel Arcanjo, Tiago, António, Genoveva e Catarina de Alexandria. Menção de algumas capelas pias instituídas por testamento na igreja. – (C1-E4-H1-H2).

0226-12-MUNÕZ (Joana), *Campo Maior; memória das minhas raízes: evocação literário-etnográfica*, Campo Maior, Edição da Autora, 1998, 255 p., il.

Descrição da vila de Campo Maior, sede do concelho do mesmo nome, contendo alguns dados históricos das suas origens até à actualidade, nomeadamente informações sobre a vida religiosa, nas páginas 134-137, 142-150, 156-168 e 204-215. Algumas tradições relativas ao Natal, às celebrações da Páscoa, como por exemplo as procissões de Bom Jesus dos Passos, que se realiza na sexta-feira anterior ao Domingo de Ramos, na qual saíam separadas as imagens do Senhor dos Passos, de Nossa Senhora da Piedade e de São João Evangelista até se encontrarem num largo, e a procissão do Senhor Morto. As devoções dos habitantes da vila em honra da padroeira Nossa Senhora de Conceição, de São João Baptista, de Santa Beatriz da Silva e do Senhor Jesus da Piedade, em Elvas, sede do concelho do mesmo nome. Havia o costume

de vestirem as crianças como as imagens da padroeira e de Santa Beatriz da Silva. A origem da capela e da festa dedicada a Nossa Senhora da Enxara, edificada junto a um rio onde, segundo a lenda, uma imagem da Virgem foi encontrada por uma camponesa. Na festa de São João Baptista havia o costume de decorar as ruas. O culto teve origem numa aparição do santo, que ocorreu no dia 24 de Junho de 1520, durante um surto de peste. Notas sobre a vida de Santa Beatriz da Silva e sobre os seus esforços para criar a Ordem das Concepcionistas. Notícia sobre o seu irmão João da Silva Telles de Menezes conhecido por beato Amadeu da Silva (1420, Campo Maior – 1482, Milão). – (D2-E2-E3-H1).

0227-11-NEVES (Vítor M. L. Pereira), *Amadora – grande e desconhecida: monografia*, Castelo Branco, Gráfica de S. José, 1991, 166 p., il.

Monografia do concelho da Amadora desde a Pré-história à actualidade, com dados sobre a vida religiosa nas páginas 76-86. A prática religiosa esteve condicionada pelo reduzido número de lugares de culto: até ao século XVIII não havia nenhum lugar de culto, optando os praticantes por se deslocar à igreja paroquial de Benfica em Lisboa ou recorrendo às capelas de quintas privadas, que tinham normalmente vigário próprio. Frequentavam também missas improvisadas asseguradas por membros das ordens religiosas. No século XVIII, foi erigida a ermida da Falagueira, freguesia do concelho da Amadora, construída em honra de Nossa Senhora da Lapa ou da Conceição, tendo a imagem os atributos desta última invocação em honra da qual se realizava uma festa. – (C2-C5-D2).

0228-07-NEVES (Vítor M. L. Pereira), *Monsarás, pérola alentejana: monografia*, Viseu, Eden Gráfico, 1998, 235 p., il., mapa.

Estudo monográfico da freguesia de Monsaraz, concelho de Reguengos de Monsaraz, desde a Pré-história aos nossos dias, contendo informações sobre a vida religiosa na páginas 58-95, 99-103, 113-122 e 128-137. Descrição da igreja medieval reconstruída no século XVI. Possui diversos altares com as imagens e pinturas de Jesus no Cimo do Monte, do Santíssimo Sacramento, do Sagrado Coração de Jesus, de Cristo Crucificado, da titular, Nossa Senhora da Alagoa (a imagem foi encontrada numa lagoa), da Conceição, do Carmo, do Castelo, do Paraíso, do Rosário, da Soledade, dos santos Agostinho, António, Bento, Brás, Francisco de Assis, João Baptista, José, Lázaro, Miguel Arcanjo, Pedro, Judas Tadeu, Catarina de Alexandria, Luzia, Mónica e do Santo Condestável (Nuno de Santa Maria). Notas sobre a capela de São José e o extinto convento de Nossa Senhora da Orada, pertencente à Ordem dos Agostinhos Descalços, suprimido em 1834. Menção das capelas de Nossa Senhora da Caridade, de São Marcos e de São Pedro, da imagem do Senhor dos Passos da igreja da Misericórdia e dos ex-votos pintados que se encontram

nesta igreja. O Senhor dos Passos é alvo de particular veneração por ter protegido duas vezes a vila de uma praga de gafanhotos. Notícia das confrarias de Monsaraz sediadas nas igrejas paroquiais de São Tiago e de Santa Maria, dedicadas ao Santíssimo Sacramento, ao Santo Nome de Jesus, às Almas, a Nossa Senhora da Conceição, da Esperança, do Rosário, aos santos António, Pedro e Brás. Em Monsaraz diziam-se diariamente em média nove missas, sobretudo por alma. Notas sobre a Santa Casa da Misericórdia, fundada em 1521, e a igreja do Espírito Santo, onde se encontram as imagens do Senhor dos Passos (milagrosa) e a de Nossa Senhora da Piedade. A acção da Inquisição em Monsaraz. – (C1-D3-G2-H1).

0229-15-NUNES (Luís Santos), *Vila de Alcochete e seu concelho: sua história, belezas naturais e artísticas, suas actividades económicas, sociais, culturais e recreativas*, Lisboa, Silvas CTG, [D..L. 1993], 320 p., il., mapas.

Contribuição para a história de Alcochete e do seu concelho desde a fundação da vila ao século XX, contendo dados sobre a vida religiosa nas páginas 66-70, 87, 93-95, 97-100 e 257-327. Descrição de lugares de culto construídos até ao século XVI: a igreja matriz de São João Baptista (Alcochete), a da Misericórdia e as capelas de Nossa Senhora da Vida (inicialmente chamada do Espírito Santo), de Nossa Senhora da Conceição e de Santo António. Neles encontram-se imagens, pinturas, azulejos pintados e retábulos representando cenas da vida da Virgem, da vida e paixão de Cristo, o Sagrado Coração de Jesus, o Senhor dos Aflitos, Nossa Senhora do Rosário, da Conceição, de Fátima, da Popa (assim chamada por ter estado na popa de uma nau, donde caiu durante uma tempestade em 1640), da Vida, da Soledade, cenas da vida de São João Baptista e os santos Pedro, António, Vicente, Luzia, Apolónia, Inês, Catarina de Alexandria e Ana. Notas sobre a irmandade da Misericórdia, fundada em 1540, e a sua bandeira, assim como sobre a irmandade de Nossa Senhora da Vida (1676). Notícia da igreja de Nossa Senhora da Cebonha (ou Cegonha ou Sabonha), depois igreja do convento de São Francisco de Assis, fundado no último quartel do século XVI e extinto em 1834. Notícia de milagres de cura feitos por Nossa Senhora da Cebonha e da relíquia de São Martinho de Tours que fazia acudir ao convento grande romagem. – (C1-F3-H2-H7).

0230-15-PAIS (Armando da Silva), *O Barreiro antigo e moderno: as outras terras do concelho*, Barreiro, Câmara Municipal, 1961, 475 [9] p., il.

Monografia histórica do Barreiro, sede do concelho do mesmo nome, desde o século XII à segunda metade do século XIX, que contém dados sobre a vida religiosa nas páginas 63-69, 75-95, 99-106, 379-384, 387-390, 409-411, 423-435, 449 e 454-455. Descrição dos lugares de culto existentes no final do século XIX e dos desaparecidos que foram edificadas entre o século XV e o século XVIII: as igrejas paroquiais, as capelas e conventos erigidos em

honra da Santa Cruz, do Salvador do Mundo, da Madre de Deus, de Nossa Senhora do Rosário, dos Prazeres, da Piedade, da Cruz e dos santos António, Francisco de Assis, Roque, Sebastião, Pedro, Margarida de Antioquia ou da Galiza e Bárbara. Menção de diversas imagens e pinturas expostas nos lugares de culto. Notas sobre a irmandade de Nossa Senhora do Rosário (anterior a 1736), que fazia a festa da padroeira com um círio proveniente de Lisboa, e a da Misericórdia, além de outras, nomeadamente de pescadores e homens do mar. Notícias sobre os cultos, festas e procissões em honra do Senhor dos Passos, de Nossa Senhora do Rosário, do Carmo, de Santa Bárbara e sobre a procissão dos Terceiros Franciscanos. Alguns lugares de culto foram suprimidos por acção da República (1910-1926) e da expansão da área urbana. – (C2-D2-G4-I3).

0231-15-PAIS (Armando da Silva), *O Barreiro contemporâneo: a grande e progressiva vila industrial*, Barreiro, Câmara Municipal, 1965, 2 vol., 447-468, il., mapa, quadros.

Monografia do Barreiro e do seu concelho desde 1926 a 1964, que contém informações sobre a vida religiosa no volume I, páginas 203-219, 247-300, 389-392, 402-403 e 406-409. A acção republicana e do livre pensamento contra a Igreja e a religião (1910-1926), que levou ao encerramento da maior parte dos lugares de culto. Dados sobre a restauração do culto na antiga igreja paroquial de Santa Cruz (1929), a consagração do concelho do Barreiro a Nossa Senhora de Fátima, a reconstrução da capela de Santo António pertencente à Santa Casa da Misericórdia (1955) e a nova igreja de Santa Maria, edificada no princípio dos anos sessenta. Outros edifícios recuperados para o culto e em construção são dedicados a Nossa Senhora da Graça, a Nossa Senhora dos Remédios e a Santo António. Notas sobre o culto a Nossa Senhora do Rosário, principalmente sobre a sua festa e sobre a retoma da participação da imagem do círio de Lisboa na festa e na procissão de 1944 (não se efectuava desde 1910). Em 1956, a imagem do círio foi definitivamente colocada na igreja de Nossa Senhora do Rosário. A irmandade teve a sua sede em vários lugares de culto de Lisboa. A renovação da Santa Casa da Misericórdia: a sua acção assistencial e religiosa, destacando-se na organização da procissão do Senhor dos Passos. Menção da irmandade do Santíssimo Sacramento. – (C2-D2-E3-I3).

0232-12-PARENTE (João Manuel Marques), *Alegrete: histórico, urbano e rural*, Lisboa, Edições Colibri, 2003, 176 [1]-XXIV p., il.

Contribuição para a monografia histórica de Alegrete, concelho de Portalegre, desde as suas origens ao nossos dias, contendo dados sobre a vida religiosa nas páginas 22-27, 48, 46-51, 56-60, 63-65 e 78-81. Os lugares de culto existentes e desaparecidos edificados entre os séculos XIV e XVIII, cujos

titulares são João Baptista (igreja matriz), o Espírito Santo, Nossa Senhora da Alegria, da Lapa, os santos Pedro, Ana e ainda as capelas do Calvário e da Misericórdia. A irmandade da Misericórdia foi fundada no século XVI. As principais festas honravam Nossa Senhora da Alegria (15 de Agosto), Nossa Senhora da Lapa, São Pedro e Santo António. Durante a procissão de Nossa Senhora da Alegria realizava-se, desde o século XIX, a Dança das Ciganas, acompanhada de um cântico. Este culto teve origem no milagre feito por Nossa Senhora que livrou Alegrete da peste, a meados do século XIX. Recolha de crenças relacionadas com lobisomens, bruxas e curandeiros. Transcrição de um romance cantado em honra de Nossa Senhora da Lapa, da letra e música do cantar que acompanhava a Dança das Ciganas e de uma canção de Natal. Alguns lugares de culto foram desactivados no período da República (1910-1926). – (B4-D2-E3-E6).

0233-11-PATO (Heitor Baptista), *Almargem do Bispo: história e tradições*, Almargem do Bispo, Junta de Freguesia, [D.L. 2012], 295 p., il., mapas.

Monografia histórica da freguesia de Almargem do Bispo, concelho de Sintra, desde a Pré-história aos nossos dias, contendo dados sobre a vida religiosa nas páginas 95-112, 135-151, 163-231 e 239-259. Descrição dos lugares de culto construídos nos séculos XV a XVII e em 1981: a igreja paroquial de São Pedro, as capelas do Espírito Santo, de Nossa Senhora dos Enfermos, do Carmo, da Conceição, da Luz, de Santa Eulália e o santuário de Nossa Senhora da Piedade. Notas sobre alguns objectos de culto: as imagens, as pinturas e os azulejos pintados da igreja paroquial; a imagem de Nossa Senhora dos Enfermos e os seus ex-votos pintados referentes a curas; a imagem de Nossa Senhora da Piedade e a cruz processional do tesouro de São Pedro. A origem de alguns cultos, nomeadamente ao Espírito Santo, a Nossa Senhora dos Enfermos, cuja imagem “fugiu” de Almargem do Bispo para o local onde foi erigida a sua capela. As celebrações religiosas no passado e algumas no presente: o culto do Espírito Santo, o ciclo anual da vida festiva, que compreende a festa de Nossa Senhora das Candeias, a Quaresma e a Semana Santa, os círios em honra de Nossa Senhora do Cabo (Espichel, freguesia do Castelo em Sesimbra), em Maio as festas de Nossa Senhora do Carmo e de São Pedro, em Julho, a romaria ao Senhor da Serra, em Belas, o círio a Nossa Senhora da Nazaré, em Setembro, a festa de São Julião e de Santa Basilissa (Carvoeira, concelho de Mafra). Algumas práticas religiosas e ditas folclóricas: a Serração da Velha, os cargos votivos da festa da Senhora da Piedade, que consistiam em cestos transportados por mulheres e decorados com alimentos, que eram benzidos e depois leiloados, assim como a bênção do gado. – (C1-D2-E3-H4).

0234-11-PATO (Heitor Baptista), *São Jorge de Arroios: uma freguesia de Lisboa*, Lisboa, Junta de Freguesia de São Jorge de Arroios, [D.L. 2006], 220 p., il.

Contribuição para a história da freguesia de Arroios em Lisboa, desde a Idade Média aos nossos dias, contendo dados sobre a vida religiosa nas páginas 30-103, 134-147 e 158-166. Os lugares de culto existentes e desaparecidos: a primitiva e a nova igreja paroquial de São Jorge, as capelas do Senhor Jesus da Boa Morte, de Nossa Senhora da Soledade, das santas Bárbara e Rosa de Lima, o convento jesuíta de Nossa Senhora da Nazaré e depois de Nossa Senhora da Luz, assim como o cruzeiro. A imagem de São Jorge que saía na procissão encontra-se hoje na igreja de Santa Cruz, junto ao castelo de Lisboa. As irmandades da paróquia eram denominadas Senhor Jesus dos Passos, Santíssimo Sacramento, Homens Cegos do Menino Jesus, Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, Legionários do Santo Condestável (Nuno de Santa Maria) e São Jorge. O culto medieval a São Jorge no reino, nomeadamente através da procissão do Corpo de Deus em Lisboa, um misto de profano carnavalesco e de sagrado, que é descrita até ao século XIX. Descrição do julgamento de um caso de buxaria pela Inquisição. A capela do convento de Nossa Senhora da Luz foi desafectada ao culto mas recentemente foi restaurada para servir de lugar de culto da comunidade imigrante dos países do leste europeu. – (C2-D4-E3-G1).

0235-12-PATRÃO (José Heitor), *Gavião: memória do concelho*, Lisboa, Edições Colibri – Câmara Municipal de Gavião, 2003, 455 p., il., mapas.

História de Gavião, sede do concelho do mesmo nome, com informações sobre as suas freguesias, desde a Pré-história aos nossos dias, contendo dados sobre a vida religiosa nas páginas 115-186, 377-424 e 433. Descrição dos lugares de culto: a igreja matriz de Nossa Senhora da Assunção (o edifício, os altares, os inventários de bens móveis e imóveis), as capelas do Espírito Santo, do Calvário, do Salvador do Mundo, de Nossa Senhora dos Remédios, da Conceição, dos santos António e João Baptista e os cemitérios. Notícia sobre as igrejas, capelas e confrarias de Gavião e das freguesias do seu concelho nas memórias paroquiais de 1758. Nos lugares de culto encontram-se diversas imagens que representam os titulares e outros santos. Nota sobre a procissão de Nossa Senhora dos Remédios. Dados sobre as confrarias do Santíssimo Sacramento, do Senhor dos Passos, do Sagrado Coração de Jesus, de Nossa Senhora dos Remédios e sobre a das Almas. A evolução da Misericórdia, fundada provavelmente no século XVI. As principais celebrações anuais compreendiam a festa e a procissão do Espírito Santo, a procissão do Corpo de Deus, as cerimónias da Semana Santa e em honra do Santíssimo Sacramento. Recolha de orações e cânticos para diversos momentos do dia e da noite, dedicados a Nossa Senhora e a santos, assim como orações e costumes próprios dos ciclos litúrgicos. Os usos e costumes da vida religiosa individual e familiar do nascimento à morte. – (B3-E3-G1-G2).

0236-11-PERDIGÃO (Henrique), *Subsídio para a história de Ribeira de Palheiros*, Braga, Edição do Autor, 1992, 582 p. il., mapa.

Subsídio para monografia da vila da Lourinhã, sede do concelho de mesmo nome, e sobretudo do lugar de Ribeira de Palheiros, freguesia de Miragaia. Sobre a Lourinhã são dadas diversas informações nas páginas 19-41, 73-80 e 96-130, nomeadamente os lugares de culto construídos nos séculos XIV a XX: a actual igreja paroquial de São Lourenço, a igreja de Santa Maria do Castelo, as capelas de Nossa Senhora dos Anjos e de Nossa Senhora dos Milagres, o convento de Santo António, sendo referidos os objectos de culto neles contidos. Entre as festas salienta-se a que é dedicada a São Lourenço. No lugar de Ribeira de Palheiros os dados sobre a vida religiosa encontram-se nas páginas 172-324, 333-352 e 455-510. Os lugares de culto: a nova igreja paroquial (1972), cuja titular é Nossa Senhora da Piedade, edificada no local da antiga capela e depois igreja paroquial com a mesma titular desde 1780, o cemitério e o cruzeiro. Os objectos de culto compreendiam as imagens de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, da Piedade, do Carmo, de Fátima e dos santos António, José, João Baptista, Sebastião, Filomena e Teresinha do Menino Jesus, entre outros. Os ex-votos a Nossa Senhora da Piedade eram constituídos por ouro, partes do corpo em cera, tranças, fotografias e mortalhas. As festas efectuavam-se em honra de Nossa Senhora da Piedade no último domingo de Julho. Dados históricos sobre a fundação, objectivos, deveres, responsáveis e documentação relativa às irmandades do Coração de Jesus e de Nossa Senhora de Fátima. As tradições, usos e costumes próprios dos ciclo do Natal e da Quaresma. Nota sobre o círio que ia ao Senhor Jesus do Carvalhal (distrito de Leiria). Transcrição de rezas, benzeduras, orações, cânticos e loas. – (B4-C2-H1-H4).

0237-11-PEREIRA (José A. Machado), *Identidade, história e memória da terra de Aveiras de Baixo*, Aveiras de Baixo, Junta de Freguesia, 2009, 485 p., il., mapas, quadros.

História da freguesia de Aveiras de Baixo, concelho de Azambuja, desde a Idade Média aos nossos dias, contendo dados sobre a vida religiosa nas páginas 46-137. A jurisdição eclesiástica pertencia à Ordem de Santiago desde o segundo quartel do século XIII. Os lugares de culto referidos são a matriz de Nossa Senhora do Rosário, as igrejas de Nossa Senhora do Paraíso e de Nossa Senhora das Virtudes, as ermidas dos santos Roque, Gregório Magno e João Baptista (1979), a antiga ermida de Nossa Senhora da Redonda ou Nossa Senhora dos Prazeres. A igreja de Santa Catarina de Alexandria situa-se em Alenquer, sede do concelho do mesmo nome. A igreja matriz possui altares com as imagens de Cristo Crucificado, do Senhor Jesus dos Aflitos, em honra do qual se realiza hoje a principal festividade, e de Nossa Senhora do Rosário. A devoção a Nossa Senhora das Virtudes começou com a imagem

encontrada por um pastor escondida numa penha e originou uma peregrinação importante. Transcrição de cinquenta e seis milagres ocorridos entre 1405 e 1498 atribuídos a Nossa Senhora das Virtudes: trinta e uma curas de ferimentos diversos, oito possuídos pelo demónio, sete paralíticos curados, cinco ressuscitados, cinco salvos da condenação à morte, cinco curados da cegueira, três da surdez, três salvos de naufrágio, entre outros. – (C1-D2-D3-F3).

0238-11-PEREIRA (José A. Machado), *Santa Maria de Azambuja: subsídios para a sua história e arte*, Azambuja, Paróquia de N. S. da Assunção – José A. M. Pereira, 2001, 280 p., il.

Contribuição para a história da paróquia da freguesia de Azambuja, sede do concelho do mesmo nome, desde o final do século XII ao século XVIII, contendo dados sobre o património religioso nas páginas 166-231. Descrição da igreja de Nossa Senhora da Assunção, datada dos séculos XVI-XVII. Do seu recheio destacam-se o altar-mor do Santíssimo Sacramento em talha dourada, os altares de Jesus, Maria e José, do Sagrado Coração de Jesus, do Senhor Jesus das Chagas, este com uma pintura retabular, do Senhor dos Passos, de Nossa Senhora do Rosário, que possui uma Árvore de Jessé, de Santo António e de São Brás. – (C1-H1-H2).

0239-11-PEREIRA (José A. Machado), *Vale do Paraíso: história e histórias*, Vale do Paraíso, Junta de Freguesia, 2006, 445 p., il.

Monografia histórica da freguesia de Vale do Paraíso, concelho de Azambuja, contendo dados sobre a vida religiosa nas páginas 133-35 e 233-310. A jurisdição eclesiástica pertencia às comendadeiras de São Tiago, sediadas no convento de Santos em Lisboa. O culto a Nossa Senhora do Ó ou do Paraíso, nome que poderá estar ligado ao nome do local onde foi construído o convento de Santos-o-Novo, na freguesia da Penha de França. O culto iniciou-se nos finais do século XV com o aparecimento da imagem encontrada por um pastor. Notas sobre a confraria de Nossa Senhora do Paraíso desde 1612 a 1948. – (C2-D2-G1-F2).

0240-11-PEREIRA (Maria Cândida Ferreira), CIPRIANO (Rui Marques), *Moledo do concelho da Lourinhã: história, tradições, património*, Lourinhã – Moledo, Câmara Municipal, Junta de Freguesia de Moledo, [D.L. 2007], 88 p., il.

Contribuição para a monografia da freguesia de Moledo, concelho da Lourinhã, desde os primórdios a meados do século XIX, que trata do património e das tradições, nomeadamente de cariz religioso, ainda existentes e desaparecidos, nas páginas 31-57 e 75-87. Os lugares de culto são constituídos pela igreja matriz do Divino Espírito Santo, que tem o tecto pintado com quinze caixotes figurando os símbolos das litânias marianas e as esculturas de Santo Antão (século XV) e Santa Ana, pela capela de São João Baptista e pelos

cruzeiros dos séculos XVII e XX. As devoções e festas são realizadas em honra do Sagrado Coração de Jesus e de Nossa Senhora da Conceição, dos santos Antão, Sebastião e Vicente; festejavam também os Santos Populares. Os habitantes de Moledo realizavam um círio a Nossa Senhora dos Remédios em Peniche (distrito de Leiria) a quem cantavam loas, que são transcritas. Notícia sobre a irmandade das Almas, as cavalhadas de Santo Antão, o dia do pão por Deus e a Serração da Velha. – (B4-C1-D2-D4).

0241-15-PEREIRA (Maria Teresa Lopes), *Alcácer do Sal na Idade Média*, Lisboa – Alcácer do Sal, Edições Colibri – Câmara Municipal, 2000, 303 p., il., mapa, planta.

Monografia sobre Alcácer do Sal, sede do concelho do mesmo nome, desde as suas origens e sobretudo durante a Idade Média, que contém dados sobre a vida religiosa nas páginas 69-83, 103-111, 156-164 e 239-244. História e descrição da igreja matriz de Santa Maria do Castelo, freguesia do mesmo nome, edificada sobre a mesquita muçulmana após a conquista da cidade em 1217, de Santa Maria dos Mártires (o nome deve derivar do enterramento de cruzados mortos durante o cerco de 1217), que inicialmente se chamava Nossa Senhora da Cinta (em virtude de se apresentar envolta por um cinto afivelado); depois passou a chamar-se de Santo Cristo dos Mártires e Senhor dos Mártires, quando se tornou propriedade da Ordem Militar de Santiago. Notícia da igreja de Nossa Senhora da Consolação, das capelas dos santos Tiago, Vicente, Sebastião, João Baptista e Pedro, assim como do convento de *Ara Coeli* de clarissas. Nota sobre a imagem de Nossa Senhora da Cinta (século XIV) e sobre um Cristo Crucificado datado do século XV, que passou a atrair cada vez mais romeiros, sobrepondo-se à devoção a Nossa Senhora. Notas sobre as festas de Alcácer do Sal dedicadas ao Corpo de Deus, ao padroeiro São Tiago, a São João Baptista e ainda as organizadas pelas suas confrarias aos santos Pedro, Sebastião e Vicente. Menção da confraria de Nossa Senhora do Rosário. – (C2-D3-D4-H1).

0242-11-PEREIRA (Mário Baptista), *Atalaia: elementos para a sua história*, Atalaia, Edição da Junta de Freguesia da Atalaia, 1999, 146 p., il., mapa.

Monografia da freguesia da Atalaia, fundada em 1985, concelho da Lourinhã, que contém dados sobre a vida religiosa nas páginas 21-23, 28-29 e 113-144. Nota sobre a igreja paroquial dedicada à padroeira Nossa Senhora da Guia, que foi fundada em 1643. A festa em sua honra decorre anualmente no primeiro domingo de Agosto. Os principais devotos eram os pescadores, que nela procuravam protecção contra os perigos que enfrentavam para sair e entrar no porto que servia a freguesia. Dos milagres de Nossa Senhora são testemunho os vários ex-votos, que não foram conservados na nova igreja erigida em substituição da primitiva. Notas sobre testamentos que contém

um índice cronológico de sessenta testadores da freguesia do século XIX e o resumo de 60 testamentos. – (C1-E2-E4-H4).

0243-11-PEREIRA (Mário Baptista), *Lourinhã. Subsídios para uma monografia*, Lourinhã, Câmara Municipal, [1996], 186 [8] p., il.

Nova edição da monografia do concelho da Lourinhã (1.^a edição em 1988) desde o século XII até à actualidade, contendo dados sobre a vida religiosa nas páginas 35-42, 72-73, 138, 142 e 172-179. Breves notas sobre a igreja matriz da Lourinhã e referências ao mosteiro dos padres jerónimos, edificado no século XVI. Menção da festa de Nossa Senhora dos Remédios e do percurso do círio em 1888. Transcrições de orações para “afugentar trovoadas”, recolhidas em várias freguesias do concelho da Lourinhã. Notícias sobre o mestre da Lourinhã, que realizou as pinturas São João Baptista no Deserto e São João Evangelista em Patmos, que se encontram na Misericórdia da Lourinhã, entre outras. – (C1-D2-E3-H2).

0244-11-PIMENTEL (Leonel), *Monografia do Carvalhal, concelho de Torres Vedras*, Torres Vedras, Câmara Municipal, 1999, 135 p., il.

Estudo monográfico sobre a povoação do Carvalhal, freguesia do Turcifal, concelho de Torres Vedras, com dados sobre a vida religiosa nas páginas 33-43 e 45-55. O património religioso: a capela dedicada a Nossa Senhora da Quietação (1901), onde se encontram as imagens do Menino Jesus, do Sagrado Coração de Jesus e do Sagrado Coração de Maria, de Nossa Senhora da Quietação (1923), da Conceição, de Fátima, dos Anjos, dos santos Francisco Xavier, José e António com o Menino e de Santa Bárbara; as pinturas com cenas da Via-Sacra e uma bandeira com a representação de Nossa Senhora da Quietação (1923). As festas e tradições da padroeira, Nossa Senhora da Quietação (15 de Agosto), que compreendem a missa, o sermão, a procissão e manifestações profanas; de Santa Bárbara (4 de Dezembro); da Vera Cruz (3 de Maio), na qual as crianças dos 9-13 anos enfeitavam o cruzeiro em frente da capela com espigas de trigo, plantas e flores, assim como organizavam entre elas uma procissão; a procissão de Nossa Senhora de Fátima, que decorria em Maio. Alguns usos e costumes: as orações e as benzeduras para cozedura do pão, a Serração da Velha, o enterro do Entrudo e o pão por Deus no dia de Todos os Santos. – (C2-D4-E2-H1).

0245-12-PINA (Fernando Correia), *Fronreira: subsídios para uma monografia*, Fronreira, Câmara Municipal, 2001, 128 p., il., mapas, quadros.

Segunda edição revista e aumentada (1.^a edição 1985) da contribuição para a história de Fronreira, sede do concelho do mesmo nome, que contém dados sobre a vida religiosa nas páginas 97-147 e 180-202. Notas históricas sobre os lugares de culto: as igrejas e capelas, cruzeiros, alminhas, existentes e já

desaparecidos, construídos entre os séculos XVI e XVIII e no século XX. Os que estão ao serviço religioso são as igrejas do Senhor Jesus dos Mártires, de Santa Maria, de Nossa Senhora da Vila-Velha e da Atalaia (igreja matriz), assim como a da Misericórdia; as capelas são dedicadas ao Senhor das Almas e a Nossa Senhora das Dores. As igrejas já desaparecidas eram dedicadas ao Espírito Santo e aos santos Pedro, Tiago, Miguel, António, Bento e Catarina de Alexandria. Menção de diversas imagens, pinturas e baixos-relevos do recheio artístico dos lugares de culto. Alusão a vinte e duas irmandades e confrarias fundadas ao longo dos séculos XVII e XVIII, das quais só existiam no século XX as do Santíssimo Sacramento e de Nossa Senhora. Notas históricas sobre as confrarias do Corpo de Deus, do Espírito Santo, de Nossa Senhora da Conceição, do Rosário da Gente Preta, de Santa Maria, de São Tiago, dos Terceiros de São Francisco de Assis e a da Misericórdia. – (C2-G1-H1-H2).

0246-11-PINTO (Ricardo Santos), *Vila Franca de Xira: o homem e a lezíria*, Vila Franca de Xira, Héstia Editores, [D.L. 2007], 132 p., il., mapa.

Monografia histórica do concelho de Vila Franca de Xira desde a Pré-história aos nossos dias, contendo breves notas sobre o património religioso edificado entre os séculos XIII e XVIII nas páginas 69-75 e 82-84. Nota sobre os lugares de culto: igrejas matrizes de Nossa Senhora da Assunção, freguesia de Vialonga, de São Bartolomeu, freguesia de Castanheira do Ribatejo, de Nossa Senhora da Purificação, freguesia das Cachoeiras, e as não paroquiais de São Sebastião em Vila Franca de Xira, de Nossa Senhora da Guia e de Nossa Senhora da Conceição em Alhandra, da Misericórdia em Alverca do Ribatejo, de Santa Eulália e de São Sebastião em Vialonga, do Senhor da Boa Morte em Povos (lugar de Vila Franca de Xira). Breve nota sobre o médico Sousa Martins (1843-1897), nascido e falecido em Alhandra, considerado santo pelo povo que lhe atribui diversos milagres e presta culto, sobretudo junto à sua sepultura em Alhandra e à sua estátua no Campo dos Mártires da Pátria em Lisboa. – (B6-C1-C2-F3).

0247-15-POLICARPO (António Manuel Neves), *Memórias da nossa terra e da nossa gente: freguesia de Almada*, Almada, Junta de Freguesia, 2013, 264 p., il.,

Contribuição para a história da freguesia de Almada, sede do concelho do mesmo nome, desde a Pré-história ao presente, contendo dados sobre a vida religiosa nas páginas 85-93, 125-137 e 233-237. Notas sobre o património religioso edificado: as igrejas de São Tiago, fundada no século XIII, e de São Sebastião, o convento dominicano de São Paulo e a capela da Misericórdia. Alguns dados sobre as procissões de São João Baptista e de Nossa Senhora do Bom Sucesso. Notícias de alguns usos e costumes, como por exemplo as maias, a queima do judas, o enterro do bacalhau e o dia da espiga. Outras práticas costumeiras que se juntam às Ave-Marias, aos Padre-Nossos e a

outras rezas eram as benzeduras, os esconjuros e as feitiçarias. Transcrição de algumas rezas e palavras proferidas para acabar com o mau-olhado e curar certas doenças. (C2-E3-E5-E6).

0248-11-PROENÇA (Álvaro), *Benfica através dos tempos*, Lisboa, União Gráfica, 1964, 523 p., il., mapas, quadros.

Monografia da freguesia e paróquia de Benfica, pertencente à cidade de Lisboa, do século XVIII ao século XX, contendo dados sobre a vida religiosa nas páginas 61-137, 435-476 e 491-511. História e descrição da actual igreja paroquial, sagrada em 1809, de três capelas públicas, das capelas privadas e dos oratórios. Os seus titulares são o Espírito Santo, Nossa Senhora do Amparo, da Saúde, dos Prazeres, das Portas do Céu e os santos António, Gonçalo de Lagos e José, entre outros. Notas sobre o convento e a igreja conventual de São Domingos (século XIV). Os objectos de culto (imagens, pinturas, retábulos), que se encontram principalmente na igreja paroquial e conventual, representam a Ceia do Senhor, o Senhor Jesus da Boa Morte, o Senhor dos Passos, Nossa Senhora do Rosário e os santos Gonçalo de Amarante, João Evangelista, Gregório Magno, Ambrósio, Jerónimo, Agostinho, Sebastião, Domingos, Miguel Arcanjo, António, José, Joaquim, Francisco Xavier, João de Deus, Filipe, Teresinha do Menino Jesus, Filomena, Teresa de Ávila, Apolónia e Luzia. Contribuição para a história das irmandades da igreja paroquial e notícia das confrarias das ermidas. Estas associações foram erigidas em honra do Espírito Santo, do Santíssimo Sacramento, do Senhor dos Passos, do Menino Jesus, de Nossa Senhora do Amparo, da Conceição, do Rosário e dos santos António, Miguel Arcanjo, Sebastião, José e Domingos. Notas sobre as irmandades do Senhor Jesus da Agonia e de Nossa Senhora do Rosário. Outros aspectos da vida paroquial: os sacramentos (baptismo, casamento, eucaristia e o Senhor fora), os exercícios espirituais e as devoções. Descrição do círio de Benfica a Nossa Senhora do Cabo (Espichel, freguesia do Castelo em Sesimbra) no ano de 1816: o cortejo veio de Oeiras com a imagem, que ficou depositada na igreja paroquial durante o ano; as loas, os sermões e ladainhas, a procissão com carros, arcos triunfais e carruagens. Notas sobre a vida religiosa da paróquia vista através das visitas paroquiais e sobre a evolução da prática religiosa. – (C1-C5-E3-G1).

0249-15-QUARESMA (António Martins), *Cercal do Alentejo: notas para a sua história*, Cercal, Junta de Freguesia, 2013, 143 p., il., mapas.

Contribuição para a monografia histórica da freguesia do Cercal, concelho de Santiago do Cacém, desde a Idade Média aos nossos dias, contendo dados sobre a vida religiosa nas páginas 36-46. Descrição da evolução da igreja paroquial dedicada a Nossa Senhora do Cercal, datada pelo menos do século XV, centro da sociabilidade religiosa da freguesia. Nela estiveram sediadas

as confrarias do Santíssimo Sacramento, de Nossa Senhora do Rosário e das Almas do Purgatório. Outros lugares de culto, actualmente secularizados, são as ermidas de São Pedro e de Santo Isidoro de Sevilha, assim como a que assinala a aparição da Virgem a uns pastorinhos, fazendo brotar uma fonte. A capela que posteriormente foi construída é designada por capela da Bica ou da Fonte Santa. – (C1-C3-F4-G1).

0250-15-QUINTAS (Maria da Conceição), *Política, sociedade e assistência em Setúbal na segunda metade do século XIX (1860-1895)*, dissertação de mestrado em História Cultural e Política apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, [D.L. 1990], 2 vol., 840 p., dactilogr., il., quadros, plantas, gráficos (consultável na Biblioteca Nacional de Portugal). Estudo sobre a vida política, social e a assistência em Setúbal entre 1860 e 1895, contendo sobretudo informações nas páginas 85-194 e 367-375. A evolução dos serviços de saúde em Setúbal foi condicionada pelo facto de ser uma cidade-porto, o que determinou a fundação de gafarias e outras instituições que se dedicavam ao tratamento de doentes, como a Corporação dos Marítimos e da Construção Naval (ou do Corpo Santo), fundada em 1274, e a Casa de Santo Estêvão dos pescadores. O hospital de Nossa Senhora da Anunciada, construído em 1372, junto à igreja do mesmo nome (assim como a casa destinada aos peregrinos), dependia da irmandade de Nossa Senhora da Anunciada. A irmandade da Misericórdia foi criada em 1499 e o seu hospital, tal como a capela, foi construído com bens deixados por devotos e com o apoio da realeza, enquanto a confraria de Nossa Senhora da Anunciada passou a dedicar-se exclusivamente ao tratamento de mulheres. Breve história da evolução do hospital de Nossa Senhora da Anunciada até à sua integração na Misericórdia em 1869. Análise do compromisso ou dos novos estatutos da Misericórdia de Setúbal, datados de 1890, que substituíam os adoptados em 1657, alterados por sua vez durante a República (1910-1926), em 1950 e 1982. A irmandade da Santa Casa da Misericórdia já havia recebido os hospitais do Espírito Santo, do Corpo Santo ou Pedro Gonçalves Telmo (século XVI) e de Nossa Senhora da Anunciada (século XIX), até que em 1893 foi fundado um novo. Análise das dificuldades financeiras que assolavam a Misericórdia no início do século XX, as quais estiveram na origem da decisão da não realização das festividades da Semana Santa (até aí a cargo da instituição) em 1908. Nota sobre as festas em honra de Nossa Senhora da Arrábida (serra do concelho de Setúbal). Referência à extinção da irmandade do Senhor Jesus dos Passos (instalada na igreja de Santa Maria da Graça) em 1860. No volume II são reunidos documentos relativos à Santa Casa, à acção hospitalar e à confraria de Nossa Senhora da Anunciada, entre outras instituições. – (D2-G1-G2-G4).

0251-15-QUINTAS (Maria da Conceição), *Setúbal nos finais do século XIX*, Lisboa, Caminho, 1993, 290 p., il., plantas, quadros.

Estudo de cariz sociopolítico sobre a cidade de Setúbal nos finais do século XIX, que contém dados sobre a vida religiosa nas páginas 50-120. Menção de alguns lugares de culto. A irmandade da Misericórdia de Setúbal foi criada em 1499, seguindo até ao século XIX os estatutos da Misericórdia de Lisboa e, desde 1868, os seus próprios, que foram reformados em 1890. Análise dos estatutos de 1868 e dados sobre a actividade assistencial da Misericórdia. Notícia sobre os círios a Nossa Senhora da Arrábida (serra do concelho de Setúbal), que terminaram em 1906 e foram retomados em 1918. Menção da confraria de Nossa Senhora da Anunciada, conhecida desde o século XIV, que se dedicou à assistência das doentes do género feminino até ao início do século XIX. – (E3-G2).

0252-15-REIS (Victor Manuel), *Charneca da Caparica: história com histórias*, [Amadora], Offsetmais, 2011, 247 [16] p., il.

Contribuição para a história da freguesia da Charneca da Caparica, concelho de Almada, desde o século XV aos nossos dias, contendo dados sobre a vida religiosa nas páginas 21-24, 37-44 e 57-74. Breves dados sobre os lugares de culto, dos quais há, em alguns casos, apenas vestígios: a igreja paroquial da Imaculada Conceição (1961), a igreja conventual de Nossa Senhora da Rosa dos eremitas de São Paulo (início do século XV), arruinada pelo terramoto de 1755, as capelas e ermidas do Bom Jesus (1746), de Nossa Senhora da Assunção (1568), de Monserrate, de São Miguel Arcanjo e de São José (inaugurada em 1973). Nota sobre um cruzeiro erigido em honra do beato jesuíta Inácio de Azevedo e dos seus companheiros martirizados por calvinistas quando iam a caminho do Brasil no século XVI. O envolvimento do povo da Charneca da Caparica nos círios a Nossa Senhora do Cabo (Espichel, freguesia do Castelo em Sesimbra), e a Nossa Senhora da Atalaia, ou saudando a passagem do círio dos saloios (habitantes do campo dos arredores de Lisboa, a norte do rio Tejo), que ia a Nossa Senhora do Cabo no início do século XX, e de outros que partindo da margem sul do Tejo (parte norte do distrito de Setúbal) se deslocavam de burro ou em carroças aos referidos santuários. Nota sobre as lendas de Nossa Senhora do Cabo. – (C2-C6-D2-E3).

0253-07-RIVARA (Joaquim Heliodoro da Cunha), *Memórias da Villa de Arrayolos*, Arraiolos, Câmara Municipal, 1979-1991, 3 vol., 160-128-124 p., il., quadros.

Monografia histórica da vila de Arraiolos, sede do concelho do mesmo nome, contendo informações sobre a vida religiosa desde a Idade Média a meados do século XIX. O volume I contém, nas páginas 97-103, 109-115 e 121-135, uma notícia histórica sobre os conventos dos lóios (Ordem de São João Evangelista) e de São Francisco de Assis, fundados em 1527 e 1612, e sobre o hospital

que pertenceu à confraria do Corpo de Deus, administrado pela irmandade da Misericórdia desde meados do século XVI. Nota sobre a Misericórdia, que foi fundada em princípios do século XVI. O volume II contém nas páginas 9-12 um apontamento sobre as ermidas de Nossa Senhora das Necessidades ou de Santo Estêvão e dos santos Pedro, Romão, Sebastião e António. No volume III, páginas 39-44, é feita uma alusão à igreja de Nossa Senhora dos Mártires, paróquia de Arraiolos desde a sua fundação em 1747, e descrito um auto-de-fé realizado em Évora no ano de 1619. Selecção, prefácio e notas de RAMOS (Francisco Martins). – (A5-C1-C2-G2).

0254-11-ROCHA (Filomena Isabel Serrão), *Oeiras: o património, a história*, Oeiras, Câmara Municipal, 1996, 141 p., il., mapas.

Contribuição para a história de Oeiras e São Julião da Barra, concelho de Oeiras, desde a Pré-história ao século XX, contendo pequenas notícias do património construído nas páginas 23, 38, 68-72, 79, 85-87, 90, 92, 99-103, 107-108, 119 e 123-124. As igrejas paroquiais e não paroquiais, capelas e cruzeiro foram erigidos em honra do Senhor Jesus dos Navegantes, de Nossa Senhora de Porto Salvo, da Piedade, do Socorro, da Boa Viagem, da Conceição da Rocha, do Cabo (Espichel, freguesia do Castelo em Sesimbra) e dos santos Amaro, Sebastião, Romão e Catarina de Alexandria, entre outros. Notícia da acção dos frades Arrábidos (nome tem origem no mosteiro situado na Serra da Arrábida, concelho de Setúbal), que fundaram 3 conventos no concelho. Menção do culto a Nossa Senhora da Boa Viagem. – (C1-C2-C6-D2).

0255-11-RODIL (João), *Freguesia de Terrugem: história e tradição*, Terrugem, Junta de Freguesia, 2009, 96 [4] p., il., quadros.

Contribuição para a história da freguesia de Terrugem, concelho de Sintra, desde a Pré-história até aos nossos dias, com dados sobre a vida religiosa e o património nas páginas 33-46, 49-55 e 83-84. Segundo as memórias paroquiais de 1758, a igreja paroquial de São João Degolado, datada de finais do século XVII, possuía os altares dedicados a Nossa Senhora do Rosário, a Santo António e a Santa Quitéria e as confrarias do Santíssimo Sacramento, do Espírito Santo, de Nossa Senhora do Rosário, de São João Baptista, de Santo António, de São Sebastião e a das Almas. Hoje possui um painel de azulejos que representa o Baptismo de Cristo e outro Nossa Senhora da Conceição. A capela de São Sebastião data, provavelmente, do século XIV e possui as imagens de São Sebastião e São João Baptista. – (C1-C2-G1-H2).

0256-12-RODRIGUES (Jorge), PEREIRA (Paulo), *Portalegre*, Lisboa, Editorial Presença, 1988, 91 p., il.

Monografia da cidade de Portalegre com destaque para o inventário do património artístico desde a Época Medieval até aos dias de hoje nas páginas

18-82. Descrição das igrejas do Espírito Santo, de Nossa Senhora do Castelo, Sé (orago Nossa Senhora da Conceição), dos santos Lourenço, Tiago e Ana, das capelas de Nossa Senhora da Penha, de Lurdes, do Carmo, do Rosário, dos santos Crispim e Crispiniano, Catarina de Alexandria e Ana, entre outras. Referência às imagens de Cristo, de Nossa Senhora da Piedade, de Nossa Senhora da Conceição (século XVII) e de Nossa Senhora do Castelo (século XV) e às relíquias da Sé. No convento de São Francisco de Assis, o seu retábulo representa Nossa Senhora da Piedade ladeada pela Virgem e pelo Anjo da Anunciação; no nível inferior estão Santo Agostinho e São Jerónimo. No retábulo da Sé figuram a Assunção de Nossa Senhora, a Ascensão de Cristo, a Virgem em Glória, o Pentecostes e outras pinturas. Breves notas sobre a irmandade dos Sapateiros e a confraria dos Cardadores. Notícia das festas dos Aventais, dos Santos Populares, do Senhor do Bonfim (último domingo de Setembro), de Nossa Senhora da Penha (segundo domingo a seguir à Páscoa), de Santa Ana (primeiro domingo de Agosto) e de São Cristóvão (último domingo de Julho). Descrição de alguns túmulos dentro das igrejas. – (C1-D2-G4-H2).

0257-07-ROGEIRO (Filipe Soares), *Alenquer: presépio de Portugal*, coordenação geral de CASTRO (Anabela Machado de) e COSTA (Humberto Mogiardim), Mem Martins, Ferraz & Azevedo, [D.L. 2005], 160 p., il.

Notas para uma monografia da vila de Alenquer e das freguesias do seu concelho, contendo dados sobre os edifícios religiosos nas páginas 20-26 e informações dispersas nas páginas 43-94. Notícia das igrejas paroquiais de Santa Maria, de Nossa Senhora da Assunção e dos santos Pedro, Estêvão e Tiago. Outros lugares de culto existentes e desaparecidos de Alenquer são o convento de São Francisco de Assis, extinto em 1834, de que sobreviveu a igreja, o convento de clarissas de Nossa Senhora da Conceição, a igreja da Misericórdia, as capelas dedicadas a Nossa Senhora do Carmo e a diversos santos. É dada uma pequena notícia sobre as igrejas paroquiais e as capelas das freguesias do concelho. – (C1-C2).

0258-11-ROGEIRO (Filipe Soares), *Arruda dos Vinhos: das origens à restauração do concelho em 1898*, Arruda dos Vinhos, Arruda Editora, 1997, 92 p., il.

Edição fac-similada da monografia história do concelho de Arruda dos Vinhos, da Pré-história a 1898, contendo dados sobre a vida religiosa nas páginas 49-62, 69-79 e 82-84. Descrição da igreja paroquial da Arruda dos Vinhos dedicada a Nossa Senhora da Salvação e da igreja da Misericórdia. Alusão às capelas particulares de Nossa Senhora do Desterro, da Luz, do Paraíso, do Carmo, dos santos João Baptista, Miguel Arcanjo, Lourenço, Lázaro e Bento. Menção das imagens de Nossa Senhora da Salvação, da Pietá e de Santa Luzia (século XV), entre outras. Referência a pinturas que se encontram

nos lugares de culto e que representam a Visitação, o Casamento da Virgem, a Natividade, a Anunciação e a Adoração dos Magos, os santos Joaquim, Pedro, João Baptista e Ana. A irmandade da Misericórdia foi fundada em 1574. Transcrição e resumo do compromisso da Santa Casa da Misericórdia, que estabelecia como objectivos dar esmola aos pobres, acompanhar os irmãos falecidos e os seus familiares. Notícia da festa e procissão (a partir do século XIV) da padroeira Nossa Senhora da Assunção, que se realiza a 15 de Agosto. Algumas crenças populares sobre as mulheres de virtude da Arruda dos Vinhos e as suas práticas curativas. – (C1-E2-G2-H2).

0259-15-RUAS (Pedro), *Da aldeia para o mundo, Azinheira dos Barros*, Azinheira de Barros, Colectividade Sociocultural Barrense, 2000, 128 p., il., quadros, gráficos.

Contribuição para a história de Azinheira dos Barros, hoje freguesia de Azinheira dos Barros e São Mamede do Sádão, concelho de Grândola, desde o Neolítico aos nossos dias, contendo dados sobre a vida religiosa nas páginas 25-32, 39-44 e 57-60. A importância da Igreja e em particular da Ordem de Santiago na origem da freguesia, agrupada inicialmente em torno de uma ermida, embora os seus habitantes devessem cumprir as suas obrigações religiosas em Grândola. A Misericórdia de Grândola foi fundada em 1568 graças à contribuição de habitantes de Azinheira dos Barros. Nota sobre a confraria do Santíssimo Sacramento, fundada em 1742. Notícia das festas realizadas em honra da padroeira Nossa Senhora da Conceição na segunda metade do século XX. Contém anexos fotográfico e documental. – (C2-E2-G1-G2).

0260-15-SANTOS (Maria Clara), FIGUEIREDO (José Manuel), LOPES (Conceição), *Caderno sócio-cultural do concelho da Moita*, Moita, Câmara Municipal, 1998, 79 p., il., quadros, gráficos.

Caracterização sociocultural do concelho da Moita na actualidade em que são descritos diversos aspectos da vida religiosa nas páginas 31-35 e 45-46. Os lugares de culto descritos datam dos séculos XV-XVI: a igreja matriz de Alhos Vedros, as igrejas de Nossa Senhora da Boa Viagem e de Fátima, as capelas da Misericórdia (1587), de Nossa Senhora da Graça e de São Sebastião. Referência às festas em honra de Santo António Operário (Baixa da Banheira, em Julho), de Nossa Senhora dos Anjos (Alhos Vedros, em Julho), cuja lenda descreve a protecção da Virgem contra o exército mouro, de Nossa Senhora do Rosário (Gaio-Rosário, em Agosto), da Graça (Sarilhos Pequenos, em Agosto), da Boa Viagem, a mais importante do concelho (Moita, em Setembro), e da Atalainha (Barra Cheia, freguesia de Alhos Vedros, em Outubro). Registo cronológico dos acontecimentos do concelho desde 1185 a 1995. – (C1-C2-D2-D4).

0261-11-SERRÃO (Vitor), *Sintra*, Lisboa, Editorial Presença, 1989, 107 p., il. Contribuição para a monografia da vila de Sintra, sede do concelho do mesmo nome, que aborda também aspectos de algumas freguesias do concelho, com dados sobre a vida religiosa nas páginas 26-66. Notas dispersas sobre o património artístico, nomeadamente, sobre os lugares de culto: as igrejas paroquiais e não paroquiais dedicadas, designadamente, a Santa Maria, fundada no século XII, e aos santos João Baptista, Martinho de Tours e Miguel Arcanjo, bem como os conventos, capelas e ermidas sob a invocação do Espírito Santo (capela do Paço Real), de Nossa Senhora da Pena, do Monte e dos santos Mamede, Saturnino, Sebastião e Pedro (com culto até ao século XVI). Neles encontram-se imagens de Nossa Senhora da Conceição, baixos-relevos representando cenas da vida de Nossa Senhora e da paixão de Cristo, a Anunciação, a Virgem e o Menino, assim como pinturas representando o Pentecostes, São Jerónimo orando, Santo António pregando aos peixes, São Martinho e o Pobre. Alusão às festas do Espírito Santo e do Corpus Christi. – (C1-C2-H1-H2).

0262-12-SERRAS (Cunha), *Cabeço de Vide: vila: memórias de um povo*, 2.^a edição, Cabeço de Vide, Junta de Freguesia, 1997, 251 p., il., mapa.

Edição revista e reformulada da 1.^a edição, datada de 1988, da história da freguesia de Cabeço de Vide, concelho de Fronteira, desde as suas origens a meados do século XIX e na actualidade, contendo informações sobre a vida religiosa nas páginas 56-62, 83-91, 99-124 e 159-160. A igreja paroquial, as não paroquiais e as capelas, algumas das quais em ruínas, foram edificadas a partir do século XVI em honra do Espírito Santo e do Santo Cristo, da padroeira Nossa Senhora das Candeias (2 de Fevereiro), dos Anjos, da Saúde, do Santo Mártir (São Sebastião) e de São Brás (hoje Nossa Senhora do Carmo), assim como a igreja da Misericórdia, a capela da Ordem Terceira da Misericórdia, o nicho de Nossa Senhora dos Caminhos e o cruzeiro. Notícia de dois milagres: um feito por São Pedro, cuja protecção salvou um cavaleiro de ser devorado por uma serpente, e outro por Nossa Senhora das Candeias, que salvou da forca um condenado após este invocar o seu nome. Nota sobre as festas e procissões de Nossa Senhora dos Anjos e da padroeira, Nossa Senhora da Apresentação ou da Purificação ou, como é mais conhecida, das Candeias. Na Semana Santa há, ainda que esporadicamente, as procissões dos Passos e do Enterro do Senhor. Notícia da Santa Casa da Misericórdia. Transcrição do hino de Nossa Senhora das Candeias e excertos de cânticos de tema religioso entoados nas mondas. – (C1-E2-E3-F3).

0263-07-SILVA (Joaquim Palminha), *Monografia da freguesia de Santo Antão: subsídios para a sua história*, Évora, Junta de Freguesia de Santo Antão, 2009, 140 [3] p., il.

Monografia da freguesia de Santo Antão, situada na cidade de Évora, contendo dados sobre o património religioso edificado nas páginas 47-49, 55-58 e 69-80. Nota sobre a igreja paroquial de Santo Antão erigida em 1557. Memória dos conventos e mosteiros da freguesia construídos entre o século XIII e o século XVI, cujos titulares eram São Domingos e as santas Helena do Monte Calvário, Clara de Assis e Catarina de Sena (Siena). Notícia de nichos com as imagens do Senhor Jesus da Consolação, de Nossa Senhora do Rosário, de Aires (Viana do Alentejo), dos santos Domingos e António. Transcrição de um responso popular a Santo António. – (B3-C1-C2-H1).

0264-07-SILVA (Joaquim Palminha), *Monografia da freguesia da Sé e São Pedro (subsídios monográficos)*, Évora, Junta de Freguesia da Sé e São Pedro, 2011, 168 p., il., mapas.

Monografia da freguesia da Sé e São Pedro da cidade de Évora desde a Idade Média, composta por memórias, crónicas, histórias, sínteses biográficas, apontamentos pitorescos e narrativas que dão diversas informações sobre a vida religiosa nas páginas 28-40, 44-46, 57-59, 65-68, 98, 138-139, 147-148 e 162-163. Descrição da Sé catedral gótica dedicada a Santa Maria e lugar de forte culto mariano, de que são testemunho as imagens de Nossa Senhora da Encarnação e de Nossa Senhora do Ó nela expostas. A talha do coro contém evocações da mitologia, do Antigo Testamento, dos Evangelhos, alegorias da Fé, Esperança e Caridade, entre outros aspectos. Notícia sobre as igrejas de Nossa Senhora da Graça, do Espírito Santo, do Senhor Jesus da Pobreza, de São Francisco de Assis, de São Vicente e da capela da Misericórdia. – (C1-C2-H1-H2).

0265-15-SILVA (Germesindo), *A freguesia de Santa Margarida da Serra, Odivelas*, SOGAPAL, 1977, 359 p., il., mapas, quadros, plantas.

Monografia histórica da freguesia de Santa Margarida da Serra, concelho de Grândola, contendo dados sobre a vida religiosa nas páginas 148-158, 182-243 e 330-340. Descrição da igreja paroquial (século XVII) erigida no local onde existiu uma capela com o mesmo nome: as suas imagens são datadas dos séculos XVI-XVII e representam o Menino Jesus, Nossa Senhora da Saúde, do Rosário e da Soledade, os santos António, João Baptista, Sebastião, José, Luís, rei de França, Luzia e Margarida de Antioquia ou da Galiza. A evolução das práticas religiosas através da análise das festas, sobretudo da padroeira Santa Margarida de Antioquia ou da Galiza e de Nossa Senhora da Saúde. Para o autor, o declínio da prática religiosa no século XX deve-se à falta de pároco em regime de exclusividade, à implantação da República (1910-1926) e da democracia (1974). Historial das irmandades de Nossa Senhora da Saúde (anterior a 1739) e das Almas (1714 ou 1725): organização, património, actividades religiosas (festas, missas, esmolos). Análise das atitudes perante a

morte: preparação do corpo do defunto, velório, transporte do corpo e locais de enterramento (ermidas, cemitérios). – (C1-E2-E4-G1).

0266-11-SILVA (Raquel Henriques da), *Cascais*, Lisboa, Editorial Presença, 1988, 89 p., il.

Monografia da cidade de Cascais, concelho do mesmo nome, com dados desde o período medieval até à actualidade nas páginas 24-54, principalmente sobre o património artístico. Os lugares de culto dos séculos XV-XVIII: as igrejas paroquiais e não paroquiais, as capelas e um convento dedicados a Nossa Senhora da Assunção (matriz), da Conceição, do Porto Seguro, dos Inocentes, da Guia (capela do farol), da Misericórdia, dos Navegantes, da Nazaré, da Piedade e de São Sebastião. Nelas encontram-se diversas pinturas com a representação do Menino Deus Salvador do Mundo, de Nossa Senhora da Assunção e de Santa Teresa de Ávila. Alusão ao conjunto de ex-votos da capela de Nossa Senhora do Porto Seguro pertencentes a uma colecção particular. – (C1-C2-H2-H4).

0267-07-SIMÕES (João Miguel Arcanjo), *Borba: património da vila branca*, Lisboa – Borba, Edições Colibri – Câmara Municipal de Borba, 2007, 307 [XXXII] p., il., plantas, gráficos.

Contribuição para a história da vila de Borba, sede do concelho do mesmo nome, que pertenceu ao padroado da Ordem de Avis, desde a Idade Média ao século XX, com destaque para o seu património edificado nas páginas 43-68 e 79-189. Descrição da igreja matriz de Nossa Senhora do Castelo (a primitiva foi fundada antes de 1260, a nova igreja data de 1420), denominada Nossa Senhora do Soveral, construída fora da vila por, segundo a lenda, a Virgem ter aparecido num bosque de sobreiros junto ao lago onde se havia descoberto o barbo que deu origem à vila. No século XVI, igreja de São Bartolomeu foi temporariamente sede paroquial. Nela estavam sediadas em capelas próprias as irmandades do Santíssimo Sacramento, da Cruz de Cristo, do Rosário, de Nossa Senhora do Bom Sucesso, do Anjo da Guarda e a das Almas, cujo recheio artístico (sobretudo imagens e pinturas) é descrito, bem como o da capela-mor, das capelas da Santa Casa da Misericórdia e de São Pedro. Evolução histórica e descrição de outros lugares de culto da vila: a igreja e hospital da Misericórdia, cuja confraria foi fundada em 1524, as igrejas de São Bartolomeu, do Senhor dos Aflitos, de Santo António, de Nossa Senhora da Soledade, o convento de Nossa Senhora da Purificação, a ermida de São Sebastião, os passos da Paixão e o recolhimento de Nossa Senhora das Dores. – (C1-G1-H1-H2).

0268-15-SOLEDADE (Arnaldo Ferreira da), *Sines: terra de Vasco da Gama*, 3.^a edição, Sines, Câmara Municipal, 1990, 222 p., il., mapa.

Nova edição modificada da edição de 1973 da monografia histórica da vila de Sines, sede do concelho do mesmo nome, desde as origens até ao século XX, contendo dados sobre a vida religiosa nas páginas 129-179. Historial dos lugares de culto existentes e desaparecidos construídos entre o século XIII e o século XVII: a igreja paroquial, as ermidas e os conventos dedicados a São Salvador, ao Espírito Santo, a Nossa Senhora dos Remédios, a Nossa Senhora da Queimada (a imagem terá sido atirada pelos mouros para um matagal que foi incendiado, mas a imagem foi encontrada intacta entre as cinzas), Nossa Senhora dos Defuntos (advogada dos que falecem), a Nossa Senhora das Salas ou Salvas (do português antigo Sal, que significa saimento). Terá sido uma princesa grega fugida, que mandou construir a capela em homenagem a Nossa Senhora por ter chegado salva a Sines. As capelas dedicadas aos santos António, Bartolomeu, Geraldo, Marcos, Pedro, Sebastião e Comba. Nelas encontram-se objectos de culto que incluem pinturas, imagens, azulejos e relíquias. Dados biográficos de Santa Celarina ou Catarina: matrona lusitana do século I casada com o governador de Augusta Tarraconense, Lúcio Venónio, donde era natural, que se retirou depois da morte do marido para o termo de Sines. Foi ela que sepultou São Torpes ou Torpet e edificou sobre a sepultura uma basílica. São Torpes, convertido ao cristianismo, era um oficial da casa do imperador Nero, que foi degolado (29 de Abril) e o corpo atirado ao rio Arno em Pisa, donde foi levado pelas correntes até à praia de Sines no ano de 67 d. C. Notas sobre as actividades da Misericórdia, fundada no início do século XVI: organização das cerimónias da Semana Santa, nomeadamente a procissão do Enterro do Senhor, e o seu papel assistencial. Notícia das confrarias de São Pedro Gonçalves Telmo ou do Corpo Santo (início do século XIV), do Santíssimo Sacramento (século XVI), de São João Baptista (1605) e de Nossa Senhora da Conceição (1607). Dados sobre a instituição e anulação de capelas fundadas por legados pios. Transcrição de quadras dedicadas a Nossa Senhora das Salvas, a São João Baptista e a São Torpes. – (B2-C1-E4-G2).

0269-12-SOTTO MAIOR (Diogo Pereira), *Tratado da cidade de Portalegre*, introdução, leitura e notas de MARTINS (Leonel Cardoso), Lisboa – Portalegre, Imprensa Nacional – Casa da Moeda – Câmara Municipal, 1984, 155 [10] p.

Reedição de uma história da cidade de Portalegre (1.^a edição em 1919) datada de 1616-1619. A obra centra-se no século XVI e dá informações sobre a vida religiosa nas páginas 57-71 e 109-118. Descrição da Sé catedral, fundada no século XVI e dedicada a Nossa Senhora da Assunção: possuía capelas com retábulos dedicados ao Santíssimo Sacramento, às Chagas de Nosso Senhor Jesus Cristo, ao Nome de Jesus, à Virgem, a Nossa Senhora do Carmo, da Luz, ao Anjo da Guarda, aos santos António, Pedro, Jorge, Amaro, Crispim e Crispiniano (com relíquias), assim como a capela de triplo orago dedicada

aos santos Jacinto, Nicolau e Catarina de Sena (Siena). Menção das igrejas dedicadas a Nossa Senhora do Castelo, a Santa Maria Maior, aos santos Lourenço, Martinho de Tours, Tiago, Vicente e Madalena, assim como da ermida de São Pedro. Alusão às confrarias dos Santos Passos, de Nossa Senhora do Carmo e das Almas sediadas na Sé, assim como às relíquias depositadas no altar-mor da catedral, nomeadamente a cabeça de uma das Onze Mil Virgens e ossos dos santos Lourenço, Maurício e João Crisóstomo. – (C1-G1-H2-H7).

0270-07-SOUSA (Gabriela), SILVA (Belmiro), *Maфра: memórias, identidade e inovação...*, Penamaior, Héstia Editores, [D.L. 2008], 144 p., il., mapas,

Notas históricas sobre o concelho de Maфра desde a Pré-história ao século XX, contendo dados sobre a vida religiosa nas páginas 62-84, 98-100 e 108-140. Notas sobre o património religioso edificado desde a Idade Média, nomeadamente as igrejas paroquiais de Nossa Senhora do Livramento e dos santos Pedro e Cristina na Azueira, de Nossa Senhora do Ó na Carvoeira, de Nossa Senhora do Reclamador em Cheleiros, de Nossa Senhora da Encarnação na freguesia do mesmo nome, de Nossa Senhora da Assunção, em Enxara do Bispo, de São Pedro na Ericeira, de São Silvestre em Gradil, de Nossa Senhora da Conceição em Igreja Nova, de Santo André na freguesia do mesmo nome, de São Miguel Arcanjo em Milharado, de Santo Estêvão das Galés na freguesia do mesmo nome, de Santo Isidoro de Sevilha na freguesia do mesmo nome, de São Miguel Arcanjo em Alcainça, de Nossa Senhora da Oliveira em Abelheira, e de Nossa Senhora do Rosário em Vila Franca do Rosário. Menção de diversas capelas dedicadas ao Espírito Santo, a Nossa Senhora do Rosário, do Socorro dos Remédios, do Pópulo, da Lapa, do Carmo, da Piedade, aos santos Julião, Lourenço, Domingos, Sebastião, António, João Baptista, Isidoro de Sevilha, Comba e Marta. As principais festas realizavam-se em honra de Nossa Senhora da Nazaré, cujo Círio da Prata Grande, que se dirigia ao santuário da Nazaré (distrito de Leiria), teve origem na freguesia da Igreja Nova; a procissão das Sete Dores de Nossa Senhora e a dos Terceiros Franciscanos, ambas em Maфра; outras festas decorriam em honra de Nossa Senhora do Socorro em Enxara do Bispo, do Reclamador em Cheleiros, da Boa Viagem na Ericeira e em honra de São Miguel Arcanjo na freguesia do Milharado. – (C1-C2-D2-E3).

0271-15-SOUSA (Maria das Dores Borges de), *A Moita: memória de uma época*, Moita, Câmara Municipal, 1993, 39 p., il.

Notas sobre a Moita, sede do concelho do mesmo nome, resultantes das memórias pessoais da autora que remontam a meados do século XX. Nas páginas 21-22 e 27-33 são dadas notícias da capela de São Sebastião, das cerimónias religiosas da Semana Santa (procissões do Encontro e do Enterro do Senhor)

e do Natal, assim como da festa dedicada à padroeira Nossa Senhora da Boa Viagem (8 de Setembro). – (C2-E1-E2-E3).

0272-12-SOUSA (Tude Martins de), RASQUILHO (Francisco Vieira), *Amieira do antigo priorado do Crato: subsídios para uma monografia*, Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1982, 518 p., il.

Reimpressão fac-similada da edição de 1936 da monografia histórica da freguesia de Amieira do Tejo, concelho de Nisa, desde o período romano até 1935, que contém dados sobre a vida religiosa nas páginas 277-301, 313-321 e 331-505. Descrição dos lugares de culto fundados desde o século XVI ao século XVIII, alguns dos quais em ruínas, e menção de diversas imagens: a igreja paroquial de São Tiago Maior, as ermidas e capelas do Calvário, do Salvador do Mundo, do Espírito Santo, do Senhor da Cruz, de Nossa Senhora da Assunção, da Sanguinheira (anexa à Casa da Misericórdia), dos santos Pedro, João Baptista, João Evangelista, Simão, Sebastião, António e André, assim como a da Misericórdia. Notas sobre as irmandades e confrarias (séculos XVI-XVIII), sediadas maioritariamente na paroquial. São dedicadas ao Santíssimo Sacramento (à qual estava anexa a das Quarenta Horas), aos Santos Passos, a Nossa Senhora do Rosário, da Graça, a Santo António, a São Pedro *ad vincula* e às Almas. Notícia das festas que se realizavam em honra dos titulares dos lugares de culto e de outros santos. Nota sobre a procissão dos Terceiros e descrição da procissão do Senhor dos Passos e da festa de Nossa Senhora da Sanguinheira (Setembro), cujo título foi atribuído após uma grande epidemia em que os sintomas eram abundantes diarreias de sangue. Breve história da Santa Casa da Misericórdia desde o século XVI ao século XX: a fundação, a actividade caritativa e religiosa, nomeadamente a organização das cerimónias da Semana Santa e da procissão de Nossa Senhora da Sanguinheira, assim como a manutenção da sua capela, os compromissos e o hospital, entre outros aspectos. Transcrição de orações, cânticos para vários momentos do dia, a encomendação das Almas, as alvíssaras (anunciam a Ressurreição do Senhor). Algumas práticas e rezas para cura do mau-olhado (quebranto ou cobranto), da quebradura, das dores de dentes, da erisipela e para endireitar a espinhela. Transcrição de um testamento em apêndice. – (B3-C1-D2-E6).

0273-12-TRANSMONTANO (Maria Tavares), *Subsídios para a monografia da freguesia de Carreiras (concelho de Portalegre)*, Portalegre, Edição da Junta Distrital, 1976, 227 p.

Contribuição para a monografia da freguesia de Carreiras, concelho de Portalegre, centrada no século XX, que contém dados sobre a vida religiosa nas páginas 13-18, 41-52, 57-78, 126-128, 131-135 e 142-164. A igreja de São Sebastião, datada do século XVII, possui as imagens de Nossa Senhora do Rosário, de Nossa Senhora da Alegria e dos santos António e José. A freguesia

teve três alminhas, das quais só existe hoje uma. Notícia das festas religiosas actuais e suprimidas em honra de Nossa Senhora da Alegria, de Nossa Senhora do Rosário e de São Sebastião. Transcrição de cânticos próprios das festas litúrgicas da paixão de Cristo e em louvor do sufrágio das almas. Apontamentos sobre as práticas e o interditos ligados à Quaresma, à Páscoa, a São João Baptista, ao dia de Todos os Santos e ao Natal. Notícia sobre as confrarias do Santíssimo Sacramento, do Senhor dos Passos, de São Sebastião e das Almas. Notícia de alguns costumes relacionados com o casamento, o nascimento e a morte. Notas sobre as práticas contra o mau-olhado, para protecção e cura de humanos e animais, nas quais se invocam Deus, Cristo, Nossa Senhora e os santos Pedro e Paulo, assim como sobre as “superstições” ligadas ao Dia de Finados. Transcrição de cânticos, quadras e orações, assim como de um testamento. – (B4-D2-E4-E5).

0274-12-TRANSMONTANO (Maria Tavares), *Subsídios para a monografia da Ribeira de Nisa (concelho de Portalegre)*, Portalegre, Inrapol, 1989, 101 [2] p., il.

Contribuição para a monografia da freguesia de Ribeira de Nisa, concelho de Portalegre, que contém informações sobre a vida religiosa na páginas 23-45, 48-49, 55-62 e 87-90. A igreja de Nossa Senhora da Esperança, antiga igreja do convento de Santo António datada do século XVI, contém as imagens de Nossa Senhora da Esperança, de Fátima e das Candeias, dos santos António, João Baptista, José e Tiago. Junto da igreja há um cruzeiro. A igreja teve imagens de roca que foram retiradas do culto em 1780, por ordem do bispo da diocese de Portalegre, hoje integrada na diocese de Portalegre – Castelo Branco. Notícia do convento feminino da Ordem de Cister (século XVI), hoje em ruínas, do templo da Igreja Adventista e do cemitério. A festa da freguesia é feita em honra da padroeira Nossa Senhora da Esperança, mas em tempos houve também a festa de Nossa Senhora das Candeias. Notas sobre as práticas relacionadas com o casamento e a morte. Transcrição de bençãos, orações e cânticos próprios da cerimónia do beijar os pés ao Menino (Natal), do pedir pelas almas, para dizer antes de entrar na igreja, durante a comunhão, para curar doenças (febres intestinais, insolações), onde se invocam diversas entidades religiosas. – (B3-C1-E2-I4).

0275-12-TRANSMONTANO (Maria Tavares), *Subsídios para uma monografia de Portalegre*, Portalegre, Câmara Municipal, 1997, 141 p., il.

Contribuição para a história da cidade de Portalegre com dados sobre lugares de culto, construídos sobretudo entre os séculos XVI e XVIII, nas páginas 17-24, 43-84, 88-93 e 98-99. A catedral, as igrejas paroquiais, as capelas e conventos são dedicados ao Espírito Santo, ao Senhor dos Aflitos e do Bonfim, a Nossa Senhora da Assunção e da Penha de França, aos santos Lourenço, Pedro, Bento, Francisco de Assis, Bernardo de Claraval, António, Mateus,

André, Martinho de Tours, Tomé, Vicente, Cristóvão, Ana, Maria Madalena e Clara de Assis. Menção de diversos objectos de culto: imagens dos titulares dos lugares de culto e de outros santos, de Cristo e de Nossa Senhora, assim como pinturas e ex-votos, por exemplo tábuas votivas. Alguns dos lugares de culto já não existem, devido à supressão das ordens religiosas (1834) e à acção da República (1910-1926). – (C1-H1-H4-I3).

0276-12-TRINDADE (Diamantino Sanches), *Castelo de Vide: subsídios para o estudo da arqueologia medieval*, Portalegre, Assembleia Distrital, 1979, 226 [7] p., 92 p. de estampas, planta.

Contribuição para a história de Castelo de Vide, sede do concelho do mesmo nome, nos séculos XII-XVI, que contém dados sobre lugares e objectos de culto nas páginas 74, 79 e 121-153. Notícia sobre a igreja paroquial de Nossa Senhora da Devesa, situada na vila, e sobre as ermidas do concelho dedicadas a Nossa Senhora das Virtudes, a Nossa Senhora da Vitória, a Santo Amador e a São Roque. Descrição da ermida de São Salvador do Mundo e da sinagoga. Descrição das imagens de Cristo Crucificado, da Santíssima Trindade, de Nossa Senhora da Devesa e de Santo Amaro (2). – (C1-C2-H1).

0277-11-VAZ (Maria Máxima), *O concelho de Odivelas: memórias de um povo*, Odivelas, Comissão Instaladora do Município, 2001, 239 p., il.

Estudo monográfico sobre o concelho de Odivelas, contendo dados sobre o património religioso edificado e as festas nas páginas 49-59, 71-89 e 123-144. Descrição e historial dos lugares de culto: o mosteiro de São Dinis e São Bernardo de Claraval (fim do século XIII), a igreja matriz de Odivelas, reconstruída no século XVII e dedicada ao Deus-Menino, a igreja matriz da freguesia de Póvoa de Santo Adrião, erigida provavelmente no século XVI, e o monumento do Senhor Roubado, edificado em desagravo do roubo do Santíssimo Sacramento da matriz de Odivelas (1671). Menção das imagens e pinturas existentes nestes lugares de culto, que representam o Deus-Menino, a Última Ceia, o Calvário, Nossa Senhora da Conceição, os santos António, Adrião e Amaro, assim como dos painéis de azulejos historiados do monumento do Senhor Roubado. Nota sobre as festas e romarias do concelho, antigas e actuais, em honra de Nossa Senhora do Rosário (segunda-feira de Páscoa), de Nossa Senhora da Saúde (Setembro), de São Pedro e de São Sebastião. Dados históricos sobre a romaria e círio de Nossa Senhora do Cabo (Espichel, freguesia de Castelo em Sesimbra), no primeiro domingo a seguir à Quinta-Feira da Ascensão, com transcrição de loas cantadas por crianças no círio. – (B4-C1-D2-H2).

0278-11-VAZ (Maria Máxima), *Odivelas: uma viagem ao passado*, [Venda Nova], Edição da Autora, [D.L. 2003], 96 p., il., mapas.

Contribuição para as memórias históricas do concelho de Odivelas, contendo informações sobre o património religioso e as festas nas páginas 19-23 e 27-80. Os lugares de culto compreendem a igreja matriz de Odivelas, anterior ao século XVII, e o mosteiro feminino cisterciense dedicado a São Dinis. A sua fundação no final do século XIII deveu-se a uma promessa do rei Dom Dinis por ter sido salvo por São Luís, bispo de Toulouse, das garras de um urso. Outros lugares de culto mencionados são a igreja matriz da freguesia de Póvoa de Santo Adrião, o cruzeiro de Odivelas e o monumento do Senhor Roubado. Descrição dos doze painéis de azulejo que narram os motivos que levaram à sua edificação no século XVIII: o roubo e profanação dos vasos sagrados e das hóstias consagradas da igreja de Odivelas. – (C2-C6-F3-H4).

0279-07-VIDEIRA (César), *Memória histórica da muito notável villa de Castelo de Vide*, Lisboa, Projecto Mercator, 2008, 294 [1], p., il.

Reedição da história da vila de Castelo de Vide, sede do concelho do mesmo nome, desde os tempos céltico-romanos ao século XIX, contendo dados sobre os edifícios religiosos e as instituições de beneficência nas páginas 90-111 e 137-146. A igreja matriz de Santa Maria, fundada no século XIV, foi reedificada no terceiro quartel do século XVIII. As igrejas paroquiais de São João Baptista, construída antes de 1472, e de São Tiago. Notícia das ermidas do Calvário, do Espírito Santo e dedicadas aos santos Amaro (faz de igreja da Misericórdia), Francisco de Assis e Roque. Fora da vila são assinaladas outras consagradas ao Senhor do Bonfim, ao Salvador do Mundo, ao Bom Jesus, a Nossa Senhora da Penha, da Luz, do Carmo, dos Remédios e aos santos José António, Miguel Arcanjo, Pedro, Paulo e Vicente. As capelas que sucumbiram à incúria e destruição foram erigidas em honra do Bom Jesus, de Nossa Senhora das Virtudes, dos santos Amador, Lourenço e Ana. Entre as instituições de beneficência destacou-se a irmandade da Misericórdia, conhecida desde 1517, e as confrarias do Santíssimo Sacramento e de Nossa Senhora do Rosário. – (C1-C2-G1-G2).

0280-15-VIEIRA (Aires dos Passos), *Almada e o seu termo: da Restauração à Guerra da Sucessão de Espanha (1640-1706)*, dissertação de doutoramento em História Moderna de Portugal apresentada à Faculdade de Letras de Lisboa em 2004, 2 vol., 828-428 p., dactilogr., il., mapas, plantas, quadros, gráficos (consultável na Biblioteca Nacional de Portugal).

Contribuição para a história de Almada, sede do concelho do mesmo nome, no período de 1640 a 1706. No volume I, páginas 661-681, contém dados sobre a vida religiosa. Análise da mentalidade religiosa dos habitantes de Almada e seu termo através dos testamentos, que reflectem os níveis sociais, as vivências da fé, os sentimentos cristãos e as últimas vontades: as expressões de manifestação de fé, o apelo ao auxílio dos protectores, os últimos

sacramentos, as devoções manifestadas na pertença a confrarias e irmandades, a indicação da mortalha, sobretudo o hábito de São Francisco de Assis; os meios de transporte do caixão, as cerimónias fúnebres, o séquito funerário, os locais de sepultura; as missas de sufrágio, o estipêndio das missas e os bens deixados para mandar celebrar missas, nomeadamente a Santo António, às Chagas de Cristo, a Nossa Senhora do Rosário, ao Santíssimo Sacramento e a Santa Luzia, assim como a Nossa Senhora do Cabo (Espichel, freguesia de Castelo em Sesimbra), a Santo Amador, a Santo Ildefonso e pelas Almas do Purgatório. Os cristãos de Almada e seu termo filiavam-se habitualmente nas confrarias. As festas, procissões e práticas religiosas dominicais: a festa e procissão do Corpo de Deus, as festas em honra dos padroeiros das freguesias, sobretudo de Nossa Senhora; os sermões e as práticas religiosas dominicais constituíam um meio de catequese e de formação cristã. A proibição das procissões realizadas à noite, excepto a da Quinta-Feira das Endoenças que era organizada pela Misericórdia. O volume II contém os anexos. – (A5-D3-D2-E4).

0281-15-VIEIRA (Aires dos Passos), *Almada no tempo dos Filipes (1580- -1640): administração, sociedade, economia e cultura*, dissertação de mestrado em História Moderna de Portugal apresentada à Faculdade de Letras de Lisboa em 1993, 2 vol. 451-219 p., dactilogr., quadros, gráficos (consultável na Biblioteca Nacional de Portugal).

Contribuição para a história de Almada, sede do concelho do mesmo nome, no período de 1580 a 1640, durante o governo de Portugal pelos reis Filipes de Espanha. O volume I contém nas páginas 401-430 dados sobre a vida religiosa: as paróquias, as igrejas matrizes de Nossa Senhora do Castelo e de São Tiago, as ermidas e os conventos, em particular o de São Paulo da Ordem de São Domingos, as confrarias da vila e do seu termo dedicadas ao Santíssimo Sacramento, ao Nome de Jesus, ao Espírito Santo, a Nossa Senhora da Piedade, da Conceição, da Graça, do Castelo, do Monte, do Monte Sião, a São Miguel Arcaño das Almas, a São Valentim e a Santa Luzia. A influência da mentalidade religiosa saída do Concílio de Trento. As práticas da vida religiosa individual e familiar: comungantes, crismados, doações e testamentos. A festividade religiosa principal era o Corpo de Deus. O volume II é constituído pelo apêndice documental. – (A5-C2-E1-E4).

0282-15-VIEIRA (Belarmina Maria Sousa), *As elites e as classes populares em Sesimbra: 1890-1926*, dissertação de mestrado em História Social Contemporânea apresentada ao Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa de Lisboa em 2002, 2 vol., 177-[255] p., dactilogr., il., mapa, quadros, gráficos (consultável na Biblioteca Nacional de Portugal); *As elites e as classes populares em Sesimbra: 1890-1926*, Sesimbra, Câmara Municipal, 2008, 183 p., il.

Monografia histórica do concelho de Sesimbra no período de 1890 a 1926, contendo informações sobre temas religiosos. No volume I, páginas 93-98, contém breves notas sobre a sociabilidade religiosa das classes populares de Sesimbra, sede do concelho do mesmo nome, expressa em procissões, festividades, romarias e círios, que conjugam o sagrado e o profano. As festas são muitas vezes realizadas por populares, mas de acordo com os cânones e normas da instância religiosa a elas ligadas (a capela, a igreja matriz); nelas participam também as elites locais. Breve descrição das festas, procissões e romarias realizadas entre 1890 e 1926 pelas confrarias e comissões de festas em honra do Senhor Jesus das Chagas (a 3 de Maio), de Nossa Senhora do Monte Carmo (em Agosto), do Castelo (no primeiro domingo de Setembro), do Cabo (no terceiro domingo de Setembro), e da Luz (no segundo domingo de Setembro). Nota sobre alguns círios a Nossa Senhora do Cabo, iniciados em meados do século XV, destacando-se o círio dos saloios (habitantes do campo dos arredores de Lisboa, a norte do rio Tejo), em que participavam primeiro trinta e depois vinte e seis freguesias da área rural a norte de Lisboa, e o círio dos pescadores, que decorria no último domingo de Setembro, organizado pela confraria de Nossa Senhora do Cabo (Espichel, freguesia do Castelo). Outras festas dos arredores de Sesimbra serviam para cultuar Nossa Senhora da Arrábida (em Outubro) e Nossa Senhora del Carmen (Agosto), participando nesta os camponeses da aldeia de Pedreiras, pertencente à freguesia do Castelo. Características de um círio: uma romaria realizada por uma confraria que anualmente se desloca a um santuário em cumprimento de promessas feitas pelas suas povoações em tempos remotos; o seu objectivo principal era venerar a imagem do santo titular do santuário, o que implicava pernoitar num albergue ou casa da povoação; trata-se de uma manifestação quase independente do poder espiritual da Igreja que mistura solenidade, piedade popular e alegria pagã. O tomo II compreende diversos anexos, um dos quais contém a composição das mesas administrativas da irmandade da Misericórdia. – (C2-D2-E3-G1).

0283-11-VIEIRA (Júlio), *Torres Vedras antiga e moderna*, Torres Vedras, Livrododia, 2011, 349 p., il.

Reedição da monografia da vila e hoje cidade de Torres Vedras, sede do concelho do mesmo nome, datada de 1926, contendo nas páginas 151-193 e 233-240 informações sobre alguns aspectos da vida religiosa. Os lugares de culto: as igrejas paroquiais de Nossa Senhora do Castelo, de São Pedro, de São Miguel e de São Tiago, as ermidas de Nossa Senhora do Ameal e de São Vicente, assim como a igreja da Misericórdia, entre outras. A ermida de Nossa Senhora do Ameal teve adstrito um hospital entregue à congregação de Nossa Senhora de Rocamador. Aí estiveram instaladas as confrarias dos alfaiates e dos sapateiros. Os bens do hospital foram anexados à Misericórdia

em 1520. Outros hospitais tiveram ermidas dedicadas a Nossa Senhora dos Farpados, depois chamada de Nossa Senhora do Rosário, e a Nossa Senhora da Piedade. A confraria da Misericórdia foi instituída em 1520. O padroeiro da cidade, desde 1495, é São Gonçalo de Lagos, que foi prior do convento de Nossa Senhora da Graça dos frades Eremitas de Santo Agostinho, no qual faleceu em 1422. A sua sepultura tornou-se local de visita, dada a fama de santidade que granjeou. Descrição do percurso feito pelas ossadas do santo até à sua deposição na igreja de Nossa Senhora da Graça. As lendas de Nossa Senhora da Oliveira (aparecimento de imagem), da origem do nome da freguesia Dois Portos, atribuída à consagração da igreja aos santos Pedro e André (dois portos a que as almas devem conduzir-se para obter a salvação), da ermida de Nossa Senhora dos Milagres, que foi construída na sequência da aparição da Virgem a um menino pastor, fazendo surgir uma fonte de água quando este chorava cheio de sede. – (C2-F4-G2-H7).

0284-11-*Agualva-Cacém e a sua história*, Agualva-Cacém, Junta de Freguesia, 2000, 159 [32] p., il.

Contribuição para a história da freguesia de Agualva-Cacém, concelho de Sintra, desde a Idade Média e sobretudo na actualidade, contendo dados sobre a vida religiosa nas páginas 37-47. A igreja paroquial de Nossa Senhora da Consolação foi fundada na primeira metade do século XVII e a ermida de São Marcos antes de 1615. Na igreja paroquial esteve sediada a irmandade de Nossa Senhora da Consolação, fundada em 1595. Contém um anexo com fotografias. Compilação, pesquisa, elaboração e edição dos textos de SOUSA (Ana Macedo e) e MASCARENHAS (Teresa). – (C1-C2-G1).

0285-07-*Centro Rural de Montoito: contributos monográficos*, coordenação de RAMOS (Francisco), Monsaraz, Associação de Defesa dos Interesses de Monsaraz, 2000, 118 p., il., mapas, quadros.

Apontamentos sobre a zona de intervenção do Centro Rural de Montoito, que compreende os lugares de São Vicente de Valongo da freguesia de Nossa Senhora de Machede, concelho de Évora, de Aldeias de Montoito e Falcoeiras da freguesia de Montoito, concelho do Redondo, e de Santa Susana da freguesia do Redondo, que contém breves informações sobre a vida religiosa nas páginas 48-50, 59-60, 67-69 e 112-113. Notícias sobre os lugares de culto, existentes e desaparecidos, dedicados ao Espírito Santo (século XVI), a Nossa Senhora da Assunção (século XIII) e a Santa Susana (século XVI). Menção das principais festas (hoje perderam muita da sua importância) efectuadas em honra do Espírito Santo e de Santa Susana, assim como da procissão do Senhor dos Passos. Dados sobre a assistência à missa e a prática dos sacramentos. O livro foi executado por SOARES (Sílvia), NUNES (Maria Cristina) e LIMA (Carla). – (C2-D3-D4-E3).

0286-15-*Historial da região da freguesia do Sado*, Sado, Junta de freguesia, [D.L. 1993], 126 [2] p., il., mapas, quadros.

Historial da freguesia do Sado, concelho de Setúbal, desde a Pré-história aos nossos dias, contendo breves informações sobre a vida religiosa nas páginas 83-89. Notícia sobre a criação do vicariato paroquial de Faralhão e Praias do Sado, freguesia do Sado, no qual se encontram dois lugares de culto: a capela de Nossa Senhora de Fátima, situada no Faralhão (1952) e a de Praias do Sado. Alusão às festas: as já desaparecidas dedicadas a Nossa Senhora da Penha de França e aos santos Ovídio (pelos oleiros) e João Baptista (pelos marinheiros e marroteiros ou marnoteiros); as que se realizam hoje em honra da padroeira Nossa Senhora de Fátima, com destaque para a procissão de velas. Menção de actividades paroquiais: catequese, missas, preparação de baptismos. O autor das páginas onde se encontram os aspectos religiosos é ALVES (António Rodrigues). – (C2-C5-D4-E2).

0287-11-*Memorial histórico ou colecção de memórias sobre Oeiras: desde o seu princípio, como lugar e cabeça de julgado, e depois vila com o título de condado e cabeça de concelho*, Oeiras, Câmara Municipal, 1982-2000, 3 vol., 624-422-158 p.

O volume II é a versão em português quase moderno do volume I fac-similado, das memórias históricas da freguesia de Oeiras e São Julião da Barra, concelho de Oeiras, sede do concelho do mesmo nome, desde o período medieval até ao século XIX, contendo informações sobre lugares de culto nas páginas 112-122, 162-163, 212-214, 250-252, 393 e 395-396. Notícia das igrejas paroquiais de Senhora da Purificação e de São Julião, bem como um breve inventário das ermidas existentes em 1743, dedicadas ao Senhor Jesus dos Navegantes, à Madre de Deus, a Nossa Senhora dos Anjos, do Bom Sucesso, da Conceição, da Penha de França, da Piedade, de Porto Salvo e aos santos António, Bartolomeu, João Baptista, João Nepomuceno, José, Pedro e Lourenço. Inventário das capelas pias instituídas desde o século XVI com a descrição dos encargos com as missas. Referência à obrigação do clero e das irmandades de Oeiras participarem nas procissões do Corpo de Deus, da Visitação de Santa Isabel e do Anjo Custódio. Menção de festas em honra de diversas entidades religiosas. O volume III contém os índices. – (C2-E3-E4-G1).

0288-11-*Monografia de Cascais*, direcção de ANDRADE (Ferreira de), Cascais, Edição da Câmara Municipal, 1969, 279 p., il., mapas.

Monografia do concelho de Cascais desde o paleolítico até à actualidade, contendo informações sobre a vida religiosa nas páginas 137-167 e 193-213. Os lugares de culto são constituídos por igrejas e ermidas dedicadas ao Santíssimo Coração de Jesus, à Ressurreição de Cristo, a Nossa Senhora dos

Navegantes e aos santos António, Francisco de Assis, Gens, Roque e Vicente. Nas praias de Cascais foram encontradas as imagens de Nossa Senhora da Graça, levada para a igreja do mesmo nome em Lisboa (século XIV), e de Nossa Senhora dos Anjos venerada na igreja da Misericórdia de Cascais. Notícia das romagens e procissões dedicadas ao Espírito Santo, ao Corpo de Deus, a Nossa Senhora da Assunção, da Guia, do Cabo (Espichel, freguesia do Castelo em Sesimbra) e da Conceição, assim como aos santos Mamede, Domingos e Bento. Breves notícias acerca de instituições religiosas e de assistência. – (C2-D2-D4-E3).

0289-11-*Monografia do Lumiar*, coordenação de MANTAS (José de Quintanilha), Lumiar, Junta de Freguesia, 2003, 262 p., il., quadros.

Notas para a monografia da freguesia do Lumiar, situada em Lisboa, contendo dados sobre a vida religiosa nas páginas 63-107. Os lugares de culto, públicos e privados, fundados sobretudo entre os séculos XVI e XVIII: a igreja paroquial de São João Baptista e a igreja e convento de Nossa Senhora da Porta do Céu, as capelas e ermidas do Espírito Santo, do Santo Cristo, de Nossa Senhora do Livramento, da Boa Viagem e do Carmo, dos santos Vicente, António, Sebastião e Rita de Cássia. Menção dos cruzeiros da freguesia. Descrição do interior da igreja paroquial e da igreja de Nossa Senhora da Porta do Céu: os altares, os azulejos pintados e as imagens com as representações do Senhor Jesus, do Senhor da Boa Morte, de Nossa Senhora do Parto, da Porta do Céu, da Conceição e dos santos Vicente, Valentim e Brígida com a sua relíquia (crânio). Notícia das irmandades da freguesia, algumas das quais existiram até ao século XX, erigidas em honra de Jesus, do Espírito Santo, do Santíssimo Sacramento, de Nossa Senhora da Conceição, da Porta do Céu e do Rosário, dos santos António, João Baptista, Sebastião, Valentim, das Almas do Purgatório e da Ordem Terceira de São Francisco de Assis. A pesquisa foi efectuada por MANTAS (José de Quintanilha), MIRANDA (Paula), CALISTO (Judite) e FRIAS (Ilda). – (C1-C2-G1-H7).

0290-12-*Montalvão: elementos para uma monografia desta freguesia do concelho de Nisa*, Montalvão, Edição da Comissão Conservadora das Obras da Ermida de Nossa Senhora dos Remédios de Montalvão, 1980, 153 [4], il.

Compilação de elementos para uma monografia da freguesia de Montalvão, concelho de Nisa, contendo dados sobre a vida religiosa desde o século XVIII nas páginas 21-49 e 61-66. Os lugares de culto em 1758: a igreja paroquial de Nossa Senhora da Graça, as igrejas e ermidas do Espírito Santo, de Nossa Senhora dos Remédios, dos santos Pedro, Gregório Magno, Jacinto, António, Silvestre, André e Marcos. Eles possuíam diversas imagens dos titulares, de Nossa Senhora da Soledade e dos santos António, Francisco de Assis, Miguel Arcanjo, Caetano e Vicente de Paula. Também são referenciadas as confrarias

e irmandades do Santíssimo Sacramento, de Nossa Senhora da Soledade, dos Remédios e a Ordem Terceira de São Francisco. Notícia sobre a romagem a Nossa Senhora dos Remédios em 1758 e na actualidade, à qual acorrem romeiros da Beira Baixa (distrito de Castelo Branco) e de Espanha nos dias 7-9 de Setembro. Nas ocasiões de seca, a população recorria a Nossa Senhora dos Remédios levando-a em procissão até à igreja matriz. A compilação foi elaborada por MOURATO (António Cardoso), BELO (António José), FRAÚSTO (António Pinto Pestana), SILVA (José Maria da) e FALCÃO (Virgílio Barata). – (C1-D2-G1-H1).

0291-12-*Montargil: na rota do sagrado*, coordenação de ALVES (Maria do Rosário Martins), Montargil, Associação Nova Cultura de Montargil, 2011, 65 [3] p., il., mapa, plantas.

Notas históricas em edição bilingue (português-inglês) sobre a freguesia de Montargil, concelho de Ponte de Sor, desde a Pré-história a meados do século XX, contendo dados sobre a vida religiosa nas páginas 10-30 e 30-61. Os lugares de culto são a igreja matriz, que era dedicada a Santo Ildefonso, junto da qual há um cruzeiro, a igreja da Misericórdia, as capelas de Santo António, de São Sebastião e do Senhor das Almas, entre outras. A igreja paroquial contém diversas imagens, nomeadamente cristos em madeira. Os textos sobre os lugares de culto de Montargil são de MATA (Ana Leonor) e de LOPES (Inês Isabel Florindo). – (C1-H1-H2-H6).

0292-11-*Odivelas: um concelho a descobrir*, coordenação de CASTRO (Anabela Machado de), Odivelas, Câmara Municipal, [DI. 2005], 144 p., il.

Breve monografia do concelho de Odivelas desde a Pré-história aos nossos dias, contendo dados sobre a vida religiosa nas páginas 24-25 e 31-34. Notícia das igrejas paroquiais de Odivelas, dedicada ao Santíssimo Nome de Jesus e datada do século XVII, e de Póvoa de Santo Adrião, consagrada a Nossa Senhora da Anunciação e construída no século XVI. Naquela há pinturas da vida de Cristo e nesta um retábulo que representa Santo António, a Ascensão de Cristo, Nossa Senhora da Anunciação e Gabriel Arcanjo, assim como as imagens de Santo Adrião e de Santo Amaro. Notas sobre o mosteiro cisterciense feminino de São Dinis situado em Odivelas. – (C1-H1-H2).

0293-15-*Região de Palmela: memórias do tempo dos nossos avós*, Palmela, Escola Secundária, 1988, 88 p., il., mapa.

Memórias da região de Palmela, sede do concelho do mesmo nome, elaboradas a partir de inquéritos feitos pelos alunos aos seus avós, que permitem caracterizar a vida religiosa no período de 1920-1950, contendo elementos sobre vida religiosa nas páginas 55-56, 60-66 e 71-73. Breve descrição das principais manifestações e práticas religiosas: a prática dominical, as festas, as

procissões do Senhor dos Passos e a Semana Santa, os interditos da Quaresma e as atitudes perante a morte. As populações organizavam círios aos santuários de Nossa Senhora da Atalaia e de Nossa Senhora da Cabo (Espichel, freguesia do Castelo em Sesimbra), o único que ainda se realiza, e participavam na festa de Nossa Senhora da Boa Viagem, freguesia da Moita, sede do concelho do mesmo nome. Transcrição de rezas para protecção contra a trovoada, o mau-olhado e o pé torcido. Ao autores são SIMÕES (Clara), LIBERATO (Isabel), PINHO (Jaime), MONTEIRO (Renato), ALHO (Albérico Afonso Costa), aliás COSTA (Albérico Afonso), RAMOS (Luísa) e FERNANDES (Paula). – (D2-E1-E3-E5).

0294-11-*Rio de Mouro: contributo monográfico*, Sintra, Câmara Municipal, 2007, 223 p., il., mapas, quadros.

Contribuição para a história da freguesia de Rio de Mouro, concelho de Sintra, contendo dados sobre a vida religiosa nas páginas 153-165. A igreja paroquial é dedicada a Nossa Senhora de Belém, padroeira da freguesia, e data do século XVI; a igreja de Nossa Senhora da Paz foi edificada em 1992. As festas dos titulares dos lugares de culto e de Nossa Senhora do Cabo (Espichel, freguesia do Castelo em Sesimbra), estando esta integrada no giro do círio dos saloios (habitantes do campo dos arredores de Lisboa, a norte do rio Tejo) composto por diversas freguesias. Menção de várias imagens, nomeadamente do Senhor dos Aflitos, de Nossa Senhora da Boa Viagem e de São Brás. – (C1-D2-E3-H1).

0295-12-“São Salvador da Aramenha: história e memórias da freguesia”, coordenação de OLIVEIRA (Jorge de), *Ibn Maruán: Revista Cultural do Concelho de Marvão*, n.º 13 (número especial), 2005, 471 p., il., plantas.

Estudo monográfico da freguesia de São Salvador da Aramenha, concelho de Marvão, desde a Pré-história aos nossos dias, contendo informações sobre a vida religiosa nas páginas 105-140, 237-261, 274-291, 307-314, 357-364 e 378-391. Os lugares de culto compreendem a igreja paroquial de São Salvador, provavelmente anterior ao século XVI, as igrejas de Nossa Senhora da Esperança, de São Simeão (um dos últimos profetas, aparece na apresentação do Menino Jesus no Templo de Jerusalém), anterior ao século XVIII, as ermidas de Nossa Senhora da Rocha (século XIX), de Nossa Senhora da Estrela (século XX) e de São Silvestre (hoje destruída). Descrição das devoções realizadas nestes lugares de culto. Caracterização do sagrado e do profano no casamento, na morte e no luto, no Natal, na Páscoa, no mês de Maria, nas festas dos Santos Populares, nas festas e procissões em honra dos titulares dos lugares de culto e de outras entidades, como Nossa Senhora das Dores. São tratados igualmente aspectos da vida paroquial e feita a recolha de rezas, mezinhas e credices medicinais. Transcrição de diversos documentos.

A monografia é muito ilustrada. Colaboraram na obra MARTINS (Adelaide), GUERREIRO (Duarte), MACHADO (Emília Maria da Cruz), SALGUEIRO (Fátima), SILVA (Isabel), CERQUEIRA (Joaquim), PATRÃO (José Heitor), BALONA (Rita), PEREIRA (Sérgio) e SIMÃO (Teresa). – (C1-D2-D3-E6).

0296-11-*Torres Vedras: passado e presente*, Torres Vedras, Câmara Municipal, 1996-1998, 2 vol., p. 477-137, il., quadros, gráficos.

Estudo monográfico sobre a cidade de Torres Vedras, sede do concelho do mesmo nome, desde a Pré-história até à actualidade, contendo dados sobre a vida religiosa no volume I, páginas 67-68, 299-316, 377-406 e 450-458. Notas sobre as igrejas paroquiais e não paroquiais, as ermidas, capelas e conventos, fundados entre a Idade Média e o século XVIII, cujos titulares são designadamente, o Espírito Santo, Nossa Senhora do Castelo, do Ameal, da Graça, dos Milagres, do Sobreiro, do Socorro e da Misericórdia, os santos António, Pedro, Miguel Arcanjo, Tiago, Catarina de Alexandria e Maria Madalena. Neles encontram-se as imagens datadas dos séculos XV a XIX, que figuram Nossa Senhora do Mato, de Rocamador, da Correia, do Sobreiro e os santos Gonçalo de Lagos (distrito de Faro), Joaquim, Paulo, Pedro, Tomás de Vilanova (agostinho, Vila Nova do Infante, em Espanha), Nicolau Tolentino, Vicente, Ana, Francisca Romana, Gertrudes Magna (Gertrudes de Helfta, beneditina, século XIII), Mónica e Rita de Cássia. As pinturas e painéis de azulejos representam episódios da vida e paixão de Cristo e da Virgem, assim como Nossa Senhora da Conceição e de Fátima, os santos Lourenço, Pedro, Paulo e Sebastião. Notas sobre as instituições de assistência até ao século XVI e desde a fundação da Misericórdia em 1520, que agrupou parte dos bens dos organismos de assistência anteriores: a acção da Santa Casa da Misericórdia e menção de outras instituições de piedade e beneficência, sobretudo confrarias cujos padroeiros eram o Santíssimo Sacramento, a Santa Cruz, Nossa Senhora do Amparo, da Conceição e ainda a dos Clérigos Pobres e a Associação de Socorros Mútuos. Notícia das procissões e festas do Corpo de Deus, do Senhor dos Passos, da Imaculada Conceição, de Santa Maria (festa da padroeira a 15 de Agosto) e de São Gonçalo de Lagos (27 de Outubro). A população de Torres Vedras participa todos os dezassete anos, no Círio da Prata Grande, quando a freguesia de São Pedro da Cadeira recebe a imagem de Nossa Senhora. Quadro com indicação de cerca de oitenta e cinco festas religiosas. Os autores da monografia são: RODRIGUES (Cecília Travanca), MIRA (Graça Andrade), LEITÃO (Jorge Ralha), RODRIGUES (José Travanca), PACHECO (Maria Guilhermina), CATARINO (Maria Manuela) e MATOS (Venerando Aspra de). – (C2-E3-H1-H2).

0297-07-*Um castelo de histórias: sete séculos da história de Évora-Monte*, coordenação de RUAS (João), Estremoz, Câmara Municipal, 2006, p. 125 p., il.

Contribuição para a história da freguesia de Évora Monte (Santa Maria), concelho de Estremoz, desde o século XIII aos nossos dias, contendo dados sobre lugares de culto, os objectos neles contidos e as festas em honra de diversas entidades religiosas nas páginas 42-65. Notas sobre a igreja paroquial de Nossa Senhora da Conceição, a igreja da Misericórdia, as ermidas de Nossa Senhora da Conceição, de São Sebastião e de Santa Margarida de Antioquia ou da Galiza, erigidas no século XIII e nos séculos XVI a XVIII. Descrição da igreja paroquial que contém imagens e frescos. Notícia sobre as imagens pintadas e esculpidas que estavam na igreja nos séculos XVI, XVIII e XIX. Representavam o Senhor dos Passos, o Menino Jesus Rei do Mundo, a titular, Nossa Senhora do Rosário, São Gregório Magno, São João Baptista e Maria Madalena. Breves referências às imagens, às festas e às romagens que se faziam às ermidas. A irmandade da Misericórdia de Évora Monte (Santa Maria) foi criada em 1516. – (C2-D2-D4-H1).

B – LITERATURA DE PIEIDADE E PREGAÇÃO

B1 – Literatura de piedade

0298-11-BUESCU (Ana Isabel), “Os santos na Corte de D. João III e de D. Catarina”, *Lusitania Sacra*, t. 28, 2013, p. 49-72.

Reflexões sobre a santidade no contexto da corte de Dom João III e de Dona Catarina de Bragança, situada em Lisboa, durante o segundo quartel e segunda metade do século XVI. Para isso muito contribuíram a leitura e a audição de literatura de piedade que compreendiam livros de horas, hagiografias e vidas de santos, a *Legenda Aurea* e a sua versão portuguesa denominada *Flos Sanctorum* (1513). Procura-se evidenciar como a santidade tem sido objecto de estudo pela historiografia, dando-se relevo à estreita ligação entre o mundo cortesão, os santos e os nomes de certas personagens à iconografia régia e ao mundo das relíquias como objectos de distinção social, no quadro duma cosmovisão que não se dividia ainda entre o sagrado e profano. A busca da santidade de nobres e humildes levava-os até à igreja da Madre de Deus, que possuía diversas relíquias, e depois à igreja de São Roque da Companhia de Jesus. São analisadas a devoção onomástica de Dom João III e de Dona Catarina a São João Baptista e a Santa Catarina de Alexandria presentes nos respectivos retratos, as ofertas de devoção, a importância das relíquias dos santos na piedade da corte e dos reis, tanto em momentos solenes como em momentos do quotidiano. São referidas diversas relíquias oferecidas ou utilizadas em várias ocasiões, como por exemplo de São Sebastião e da Vera Cruz, entre muitas outras. A tentativa de canonização de Dom Afonso Henriques cujo corpo estaria incorrupto quando o túmulo foi aberto no século XVI. Entre os

santos e beatos mais recentes eram cultuados Santa Catarina de Génova, a Rainha Santa Isabel e São Inácio de Loiola. Alguns reis e rainhas portugueses fundaram conventos ou foram em peregrinação a Santiago de Compostela. Entre os “santos vivos” destaca-se a vinda à corte de São Francisco de Borja já aureolado de santidade, entre outros casos de êxtase místico que levavam ao aparecimento de casos de estigmatização e de transverberação, assim como a fenómenos de messianismo judaico. – (D4-H7).

0299-11-CAETANO (Maria Teresa), “Literatura oral na região de Colares”, *Etnografia da região saloia: a terra e o homem*, I Colóquio de etnografia da região saloia, 1987, Sintra, Instituto de Sintra, 1993, vol. I, p. 169-184.

Contributo para o estudo da literatura oral na freguesia de Colares, concelho de Sintra, com referência a adágios recolhidos da tradição oral que têm por temas, fundamentalmente, a agricultura e a passagem do tempo. Neles encontram-se alusões aos santos Brás, Lourenço, Martinho de Tours (*em dia de São Martinho vai à adega e prova o vinho*) e João Baptista (*Do Natal a São João seis meses vão*). Transcrição de rezas e fórmulas mágicas para protecção contra as bruxas, para dizer à noite, de manhã, ao abrir a porta de casa, contra o mau-olhado e as trovoadas, assim como para curar doenças a que são associadas a invocação do Santíssimo Sacramento, Jesus, Nossa Senhora da Assunção, João Baptista, Pedro, Paulo, António e Bárbara. – (D2-D3-D4-E5).

0300-15-FLORES (Alexandre M.), BARRADAS (Luís), *Lendas e outras tradições de Almada*, Almada, Câmara Municipal, 2007, 91 [1] p., il.

Compilação de lendas e tradições de Almada, sede do concelho do mesmo nome. São reproduzidas as lendas das festas a São João Baptista, que celebra a data da conquista de Almada aos muçulmanos, e da origem do círio a Nossa Senhora do Cabo Espichel, freguesia do Castelo, em Sesimbra. Também são reunidas tradições que relatam a origem da devoção e o milagre de Nossa Senhora do Castelo em Almada, da festa de Nossa Senhora do Bom Sucesso e da construção da actual capela (a primeira data do século XIV) em Porto Brandão, freguesia da Caparica, na sequência do maremoto provocado pelo terramoto de 1755, assim como da fonte de Nossa Senhora da Rosa, situada no vale da Rosa na Charneca da Caparica, cuja água curava os males da pele. Outras tradições apresentadas são o enterro do bacalhau, a queima do Judas, a Maia, o dia da espiga. Ilustrações de BORGES (Vítor). – (C3-D2-E3-E6).

0301-12-MAGALHÃES (Alfredo de), *Encontros... coro falado na passagem das relíquias de Nuno Álvares Pereira*, Ponte de Sor, Gráfica Sorense, [D.L. 1961], 15 p.

Transcrição de um coro falado (declaração feita por um solista e por um coro) declamado em Ponte de Sor, sede do concelho do mesmo nome, por ocasião

da passagem das relíquias do beato Nuno de Santa Maria, nobre e carmelita (Cernache do Bonjardim, distrito de Castelo Branco, 1360 – Lisboa, 1431, beatificado em 1918 e canonizado em 2009), que exalta o herói e o santo. – (D4-H7).

0302-12-MARTINS (Mário), “Santa Beatriz da Silva no teatro espanhol do século XVII”, *Didaskalia*, vol. VI, 1976. p. 395-424.

Análise de duas peças de teatro espanhol que relatam a vida da Santa Beatriz da Silva. Notas biográficas sobre Santa Beatriz da Silva fundadora da Ordem da Imaculada Conceição, sob a regra de Cister, aprovada pelo papa em 1489. Foi beatificada em 1926 e canonizada em 1976. Beatriz da Silva é irmã do beato Amadeu da Silva (1420, Campo Maior – 1482, Milão), fundador do convento de Nossa Senhora da Paz em Milão (Itália) no ano de 1460, que deu origem à congregação dos Amadeus. – (B2).

0303-12-PESTANA (Manuel Inácio), “Natal Alentejano: o ‘presépio’ de Alpalhão”, *A Cidade: Revista Cultural de Portalegre*, n.º 2, 1981, p. 42-46, il.

Nota introdutória e transcrição de um auto popular intitulado *Presépio*, recitado e cantado diante de um presépio na freguesia de Alpalhão, concelho de Nisa. Consistia em louvores em forma de auto representado por grupos organizados que andavam de porta em porta com uma imagem do Menino Jesus e que começava com a seguinte questão: “Menino Jesus da Nazaré quer que cá cante?” ou “Querem cá o menino Deus?”. Fazem parte deste auto as seguintes personagens: Nossa Senhora, São José e os pastores Lourenço, Nembro e Pascal. Alusão a outros autos já desaparecidos em Serpa (distrito de Beja) e em Orada, concelho de Borba. Transcrição integral e anotada de uma versão do texto. – (B4-E3).

0304-12-PESTANA (Manuel Inácio), *O “presépio” de Alpalhão: um natal alentejano*, Lisboa – Nisa, Edições Colibri – Câmara Municipal de Nisa, 2001, 91 p., il.

Introdução e transcrição de um auto popular denominado *Presépio*, recitado e cantado diante de um presépio, recolhido em 1981 na freguesia de Alpalhão, concelho de Nisa. O presépio é uma representação declamada e cantada de porta em porta na noite de Natal. Transcrição de quatro variantes recolhidas no século XX nas freguesias da Alagoa, concelho de Portalegre, de Gáfete e de Vale do Peso, do concelho do Crato, e de Tolosa, no concelho de Nisa. – (B4-E3).

0305-12-PIRES (António Tomás), *Lendas e Romances*, 2.ª edição, edição crítica de FERRÉ (Pere), Lisboa, Editorial Presença, 1986, 146 [3] p.

Edição crítica de lendas e romances publicados em periódicos do concelho de Elvas no final do século XIX, que têm por tema o aparecimento de Jesus como

pobre (o Lavrador da Arada), o Calvário, a Mãe de Deus, Nossa Senhora do Rosário e da Conceição, a Virgem, os Reis Magos, Santo António salvando o pai da morte, Santa Teresa, a humildade e a caridade das santas Catarina de Alexandria, Isabel, Iria e Maria Madalena, bem como o Natal e a Quinta-Feira das Endoenças.

0306-12-SALDANHA (Maria Helena Henriques), *Campo Barroco*, Lisboa, Livros Horizonte, 2001, 127 p., il., quadros.

Nota introdutória e publicação de um manuscrito inédito (designado por Livro do Bortalengo) datado de finais do século XVII, que se encontra na Biblioteca Municipal de Campo Maior, sede do concelho do mesmo nome. O livro do Bortalengo (nome pelo qual assina o autor do manuscrito) reúne essencialmente sonetos, décimas e romances que versam sobre motivos amorosos, satíricos, existencialistas, mitológicos, épicos e religiosos de literatos de Campo Maior. Relativamente à poesia religiosa, são apresentados sonetos sobre São Francisco Xavier, a Degolação de São João Baptista e a Conversão de Maria Madalena. Contém um quadro sinóptico histórico-literário que abarca o período compreendido entre 1621 e 1754.

0307-07-SOARES (Lina Maria Marques), GRAÇA (Natália Maria Nunes da), “Santuário de Nossa Senhora de Brotas: reminiscências pagãs num culto cristão”, *Santuário de Nossa Senhora de Brotas: religiosidade popular no Alentejo*, Lisboa, Colibri – Centro de Estudos Documentais do Alentejo, 2003, p. 35-48 [10].

Breve análise de versões escritas e orais da lenda de Nossa Senhora de Brotas, recolhidas no início do século XX entre os habitantes da freguesia de Brotas, concelho de Mora. Nesta freguesia situa-se o santuário cujos elementos simbólicos (a vaca, o lagarto e a serpente, a fonte ou outro curso de água, a vegetação) são interpretados como uma reapropriação do culto da Grande Deusa. – (D2).

0308-...-SOARES (Maria Micaela), “O povo da lezíria e a literatura oral”, *Boletim Cultural*, Junta Distrital de Lisboa, n.º 81, 1975, p. 173-333 [22] p., il.

Recolha da literatura oral do povo da lezíria do rio Tejo (parte dos distritos de Santarém e de Lisboa) que inclui orações, benzeduras e lendas. São recolhidas orações denominadas Padre-Nosso Pequenininho e uma oração ao Anjo da Guarda, um responso a Santo António e as Treze Palavras Ditas e Retornadas. Outras orações coletadas destinam-se a pedir protecção em diversos momentos do dia (ao deitar, depois de comer), para viajar e para quando há trovoadas, assim como as que são ditas nas benzeduras para a cura de doenças. Duas versões da lenda de Nossa Senhora de Alcamé, em Vila Franca de Xira, sede do concelho do mesmo nome, relatam uma aparição de Nossa Senhora que salvou um homem ou uma criança da mordedura de uma cobra atirando-lhe

uma maçã à boca. Em memória do salvamento foi erigida a ermida de Nossa Senhora de Alcamé. – (B3-F3-F4).

0309-11-VENTURA (Francisco), *Auto da Senhora da Rocha: peça em 4 actos*, [Carnaxide], Edição da Irmandade de Nossa Senhora da Conceição da Rocha, 1978, 143 p., il.

Nota introdutória e edição do auto da Senhora da Conceição da Rocha, que aproveita os elementos fundamentais da tradição sobre o achamento da imagem da Virgem em Carnaxide, concelho de Oeiras, e do culto popular no século XIX. Breve descrição do aparecimento da imagem numa gruta em 1822, onde mais tarde seria construído o santuário. A imagem foi transferida contra a vontade do povo para a Sé de Lisboa, só voltando ao santuário em 1883. – (A5-D2-F2-H1).

0310-12-VENTURA (Rui), “Breve romanceiro dos concelhos de Marvão e Portalegre”, *Ibn Maruán: Revista Cultural do Concelho de Marvão*, n.º 4, 1994, p. 43-65.

Breve introdução e reprodução de romances populares recolhidos em freguesias dos concelhos de Portalegre e Marvão. Inclui cinco composições de temática religiosa, duas das quais cantadas no período da Quaresma, coletadas em 1962, 1976 e 1993, cujos temas são Cristo (cântico dos Martírios do Senhor, Santa Madalena e o Lavrador da Eirada) e a Virgem Maria (estes últimos inseridos no contexto natalício), assim como um diálogo romanceado entre a personificação do corpo e da alma. – (B4).

0311-12-VENTURA (Rui), “Lendas religiosas: entre a matéria e a memória”, *Invenire: Revista de Bens Culturais da Igreja*, n.º 2, 2011, p. 6-9, il.

Nota sobre a importância das lendas religiosas como dispositivos de explicitação da sacralidade de “lugares altos” através de exemplos da serra de São Mamede (concelhos de Marvão, Arronches, Castelo de Vide e Portalegre). Os casos utilizados referem-se às lendas de Nossa Senhora da Estrela, em Marvão, de São Sebastião, na freguesia de Carreiras, concelho de Portalegre, e de Nossa Senhora da Penha, em Castelo de Vide, sede do concelho do mesmo nome. A sua relação com os lugares de culto, em particular com o santuário de Nossa Senhora da Penha. – (C2-C4-D2).

0312-15-VENTURA (Rui), “Raízes da lenda do Senhor Jesus das Chagas (Sesimbra)”, *Cadernos do Endovélico*, n.º 3, 2017, p. 189-220, il., quadros.

Análise de diversas versões da lenda do achamento da imagem do Senhor Jesus das Chagas, cultuada em Sesimbra, sede do concelho do mesmo nome, que hoje é um conglomerado textual em que emergem vestígios de várias narrativas e arquétipos antigos. A lenda refere que primeiro foi encontrada a imagem de Jesus Cristo sem um braço, o qual viria a ser encontrado por

uma velha que apanhava lenha no areal de Sesimbra; como a madeira do braço não ardia levou-o ao padre que verificou tratar-se do braço que faltava à imagem do Senhor da Chagas, o que foi considerado milagroso. O autor defende que as raízes da lenda se encontram em elementos locais e no fundo cultural difundido por povos marinhheiros do Mediterrâneo. – (F2).

0313-11-VIANA (António Manuel Couto), *Louvações a Nun'Álvares / São Nuno de Santa Maria*, Lisboa, Edições “Guião” – Centro de Estudos Portugueses, Cadernos da Portugalidade 5, [2010], 16 p.

Conjunto de textos composto por um de cariz dramático e vários poéticos de louvor a Nuno Álvares Pereira ou São Nuno de Santa Maria, santo que viveu no convento carmelita de Lisboa.

0314-15-*Os chamadores: cancionero de Sesimbra*, Sesimbra, Câmara Municipal, 2002, vol. I, 243 [11] p., il.

Nota introdutória e compilação de poesia sobre a vila de Sesimbra (localidade onde são numerosos os pescadores), sede do concelho do mesmo nome, produzida por autores naturais da localidade, com ligação ao concelho e consagrados em termos nacionais. Na poesia é feita alusão à Fé, ao Natal, ao Senhor Jesus das Chagas (em poemas, quadras, lenda); as loas a Nossa Senhora do Cabo (Espichel, freguesia de Castelo em Sesimbra); outros textos aludem aos Santos Populares, a procissões e à morte. Organização, selecção e notas de RPAZ (António Cagica), MARQUES (António Reis), PITÔRRA (Paulo) e MARTINS (Pedro).

0315-11-“Concurso de tronos de Santo António”, *Olisipo*, n.º 146-148, 1983-1985, p. 157-160.

Transcrição de algumas quadras relativas a Santo António que acompanhavam os tronos erigidos em honra do santo, no concurso que se realizou em Lisboa no ano de 1984.

0316-12-*Contos e lendas da serra de São Mamede: antologia breve*, organização de VENTURA (Rui), Portalegre, Associação de Solidariedade Social dos Professores, 2005, 111 p., il.

Transcrição de contos e lendas da Serra de São Mamede que abrange os concelhos de Portalegre, Castelo de Vide, Marvão e Arronches, recolhidos em bibliografia e vários inéditos, sendo alguns de temática religiosa: a lenda da herdade da Cabaça (próximo de Portalegre) refere que o olival passou a dar bagas vermelhas em vez de azeitonas depois dos novos donos terem deixado de dar azeite para iluminar a capela de Nossa Senhora do Socorro; as lendas da imagem do mártir São Sebastião e da imagem de Nossa Senhora da Estrela que foi encontrada por um pastor. – (F1-F2).

0317-07-*Contos e lendas tradicionais (recolha em São Sebastião da Giesteira)*, coordenação de GUIOMAR (Nelson), S. Sebastião da Giesteira, Associação de Desenvolvimento Local GUESTA, 2002, 59 p., il.

Recolha de contos e lendas da freguesia de São Sebastião da Giesteira, concelho de Évora, que inclui duas lendas de cariz religioso. Uma lenda conta como um pastor ficou cego, castigado por Nossa Senhora da Guia por ter apedrejado e partido um olho à sua imagem exposta num nicho que se encontra na herdade da Fonte Santa. Outra lenda relata como foi exposta na igreja paroquial a imagem de Nossa Senhora dos Prazeres. Conta-se que, a pedido de Nossa Senhora, um lavrador a quem esta apareceu várias vezes foi comprar a imagem a Lisboa e, ao regressar, transportado por um macho, este ficou parado junto à igreja de São Sebastião da Giesteira, indicando assim o local onde queria ficar exposta. – (F1-F2-F4-H1).

0318-11-“Contos tradicionais no concelho de Mafra”, coordenação de CAETANO (Amélia), *Boletim Cultural* '99, Câmara Municipal de Mafra, p. 224-231.

Recolha de contos tradicionais do concelho de Mafra, onde é apresentado um conto de Natal que narra o episódio de duas aldeãs viúvas, uma pobre e outra rica, que convidaram Jesus para o almoço de Natal. Na hora da refeição ambas são visitadas por pobres mas enquanto a mulher pobre os recebe e divide com eles o pouco que tinha, a mulher rica mandou correr com eles. Mais tarde soube-se que Jesus estava entre os pobres e que recompensou a mulher pobre enchendo-lhe a arca de alimentos. – (E6).

0319-11-*Em louvor de N.ª Senhora do Cabo: prosa e versos de Francisco Costa*, Sintra, Santa Casa da Misericórdia, 2004, 69 p., il.

Compilação dos registos escritos em verso e prosa de um devoto de Nossa Senhora do Cabo (Espichel, freguesia do Castelo, em Sesimbra), natural da freguesia de São Martinho em Sintra, sede do concelho do mesmo nome, desde 1927 a 1986, acompanhados de fotografias e de outros documentos coevos. Os textos escritos contêm breves informações sobre a origem do culto e o giro dos saloios (habitantes do campo dos arredores de Lisboa, a norte do rio Tejo). – (D2-E3).

0320-11-“Lendário mafrense”, compilação de CAETANO (Amélia), *Boletim Cultural* '93, Câmara Municipal de Mafra, p. 255-273.

Compilação de lendas tradicionais recolhidas em vários lugares do concelho de Mafra, através da reprodução de excertos de textos de vários autores. Algumas lendas referem-se a milagres atribuídos aos santos Isidoro de Sevilha e Simão relacionados com a natureza (boa colheita e queda de chuva em período de seca), assim como a Santo Estêvão relacionado com a sua imagem que aparecia sempre onde queria que fosse construída a sua

igreja. Contém ainda as lendas da aparição do diabo e da moura encantada, entre outras. – (F1-F2).

0321-12-*Lendas da serra de São Mamede: Castelo de Vide, Marvão, Portalegre*, organização de VENTURA (Rui), Lisboa, Apenas Livros, 2013, 58 [1] p.

Recolha de lendas relacionadas com o religioso vivenciado pelas gentes da Serra de São Mamede (abrange partes dos concelhos de Castelo de Vide, Marvão, Portalegre e Arronches), algumas das quais tratam de temas sagrados. Em Alegrete, Nossa Senhora da Alegria salvou a população local da peste, a chegada da imagem milagrosa de São Pedro, a fundação da igreja de Nossa Senhora da Lapa; em São Salvador da Aramenha, concelho de Marvão, o tema é Santa Quitéria e as suas irmãs; em Carreiras, concelho de Portalegre, o achamento da imagem de São Sebastião, a fundação da igreja, São Sebastião a lutar contra Gamaliel, o milagre de Nossa Senhora do Rosário; em Castelo de Vide, a fundação da capela de Nossa Senhora da Penha, Nossa Senhora da Alegria salva Castelo de Vide de um incêndio, a aparição de Nossa Senhora dos Prazeres; em Fortios, concelho de Portalegre, Nossa Senhora salva os seus habitantes de um ataque militar, a devoção ao Senhor dos Aflitos; em Marvão, a imagem da Senhora da Estrela revela-se a um pastor e salva os seus habitantes de um ataque castelhano; em Portalegre, a construção da igreja de Nossa Senhora da Penha e o castigo de Nossa Senhora do Socorro na herdade da Cabaça (próximo de Portalegre). – (F1-F2-F3-F4).

0322-12-*Literatura tradicional da serra de São Mamede: I. Romances religiosos; II. Orações, encomendações, ensalmos e esconjuros*, organização de VENTURA (Rui), Lisboa, Apenas Livros, 2013, 2 vol., 47-68 p.

Recolha da literatura tradicional das gentes da Serra de São Mamede (abrange partes dos concelhos de Portalegre, Castelo de Vide, Aronches e Marvão). No volume I são reunidos romances religiosos do ciclo do Natal, do ciclo da Paixão, da vida de Cristo, louvores, milagres e um julgamento da alma', assim como várias orações narrativas. No volume II são compiladas orações quotidianas, próprias da missa, relacionadas com edifícios religiosos, com tarefas diárias e com a natureza, bem como encomendações, ensalmos, benzeduras e esconjuros. – (B3-D2-D3-D4).

0323-11-“Novo subsídio para o lendário mafrense”, coordenação de FANHA (Maria João), *Boletim Cultural '99*, Câmara Municipal de Mafra, p. 217-220.

Recolha de sete lendas do concelho de Mafra relacionadas com toponímia local ou com o culto dos santos: uma refere-se à intervenção de São Simão para afastar os espíritos malignos que voltavam a colocar no mesmo sítio uma pedra que os camponeses haviam empurrado pela encosta abaixo; uma imagem de pedra de São Simão foi esculpida com essa pedra e colocada numa

capela situada no Carvalhal, freguesia de Cheleiros, voltando ao lugar inicial quando foi substituída por outra. Outra lenda conta que São Simão atendeu a prece de um viajante que em perigo de vida foi salvo de cair numa fenda aberta aos seus pés. São ainda apresentadas outras duas lendas de teor religioso: uma que justifica a designação de Festa do Arquitecto (um arquitecto andava no mar e, vendo-se perdido, pede auxílio a Nossa Senhora do Socorro, prometendo-lhe construir duas capelas), que decorre no segundo e terceiro domingos de Maio em honra de Nossa Senhora do Socorro; outra, a lenda dos tremoços, narra a maldição de Nossa Senhora aos tremoços (nunca mais matariam a fome a ninguém), porque um tremoçal chocalhou à passagem da Sagrada Família denunciando a sua fuga. – (D2-F2-F3).

B2 – Hagiografia e sua difusão

0324-11-ANDRADE (Nuno V.), “Beato Nuno”, *Olhares de hoje sobre uma vida de ontem: Nuno Álvares Pereira: homem, herói e santo*, coordenação de OLIVEIRA (Humberto Nuno Mendes de), MOITA (Cristina Pita Pistacchini), TEIXEIRA (Ismael Pereira), Lisboa, Universidade Lusíada, 2009, p. 225-233.

Contributo para o estudo do nobre, carmelita e santo com o nome de Nuno de Santa Maria (Cernache do Bonjardim, distrito de Castelo Branco, 1360 – Lisboa, 1431), numa perspectiva que se pretende científica e não apologética. O autor compila algumas das divergências e oposições com que os biógrafos do santo o têm qualificado e trata sobretudo da sua principal herança patrimonial – o primitivo mosteiro de Nossa Senhora do Carmo em Lisboa, cuja fortuna histórica é sumariamente traçada até ao século XX. O convento e, em particular, a igreja foram destruídos pelo terramoto de 1755. As restantes instalações foram utilizadas pouco a pouco para fins seculares, nomeadamente como instalações de organizações policiais. – (C2).

0325-11-ANTUNES (Vitória Baltazar), *S. Gonçalo de Lagos*, Torres Vedras, Município de Torres Vedras – Agrupamento de Escolas de S. Gonçalo, 2010, 35 p., il.

Obra de divulgação inserida no âmbito da comemoração dos 650 anos do nascimento do frade agostinho Gonçalo de Lagos que é padroeiro de Lagos (distrito de Faro) e de Torres Vedras, sede do concelho do mesmo nome. São analisadas as referências hagiográficas produzidas entre os séculos XVI e XVIII, que servem de base para uma biografia atualizada do beato Gonçalo de Lagos que é reconhecido como santo pelo povo. Apresentação da coleção de milagres, da forma como se foi construindo a hagiografia do santo e a devoção gonçalina desde o século XVI. Cronologia dos factos essenciais da vida do Patriarca de Hipona, da Ordem dos Eremitas de Santo Agostinho,

da sua presença em Portugal e, nomeadamente, em Torres Vedras, bem como da vida e da construção hagiográfica do frade agostinho. – (F3).

0326-11-BESSA (Carlos), “O Santo Condestável – a figura histórica do seu ao nosso tempo”, *Comemoração dos 600 anos da fundação do Convento do Carmo: actas do colóquio comemorativo*, Lisboa, Associação dos Arqueólogos Portugueses, 1989, p. 59-71.

O papel histórico do Santo Condestável, Nuno de Santa Maria, como político e militar antes de se retirar para o convento de Nossa Senhora do Carmo em Lisboa, que havia fundado.

0327-.-BISPO (António João), “O nosso Santo António: de Lisboa aos quatro cantos do mundo”, *Olisipo*, n.º 24-25, 2006, p. 12-38, il.

Notas sobre a vida e obra de Santo António de Lisboa ou de Pádua, nascido provavelmente em 1190 e falecido em 1231. A sua formação religiosa em Lisboa e Coimbra, os sermões, as lições e os milagres. Santo António desenvolveu uma intensa actividade como pregador e professor em França e Itália. Caracterização dos traços físicos e psicológicos do santo.

0328-.-BOSCO (Terésio), *Santo António: uma biografia jovem*, Porto, Edições Salesianas, 1998, 111 p.

Biografia de Santo António (Lisboa, 1195 – Pádua, 1231): a infância e a juventude, a entrada para a Ordem dos Cónegos Regrantes de Santo Agostinho, os estudos no mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, os primeiros contactos com frades franciscanos e a sua ingressão na ordem (após o episódio da chegada dos corpos dos Santos Mártires de Marrocos a Coimbra), as missões em Marrocos, Itália, Sul de França, o provincial dos franciscanos no norte de Itália (1227) e os últimos anos em Pádua, onde morre. Foi proclamado santo em 30 de Maio de 1232. Breve cronologia de alguns episódios da sua vida, morte e santificação. Notas dispersas alusivas aos seus sermões e pregação.

0329-12-BOTELHO (Martinho), *Campo Maior (apontamentos)*, [Elvas], Linhas de Elvas – Empresa Gráfica, 1996, 165 [3] p., il.

Apontamentos sobre a freguesia de Campo Maior, sede do concelho do mesmo nome, desde o século XIII ao século XX. Notícias sobre os lugares de culto existentes e desaparecidos: a igreja matriz de São João Baptista, a capela de São Sebastião (século XV), cuja festa decorria a 20 de Janeiro, o antigo e o novo cemitério (1859). Alguns dados sobre as comemorações da canonização de Santa Beatriz da Silva que se verificou em Outubro de 1976: a procissão e a cerimónia da atribuição do nome da santa a uma rua. Notas sobre as festas das Flores em honra do padroeiro São João Baptista (início

de Setembro), de São Mateus (21 de Setembro) e do Senhor da Piedade. Transcrição de documentos em apêndice. – (C1-C2-C7-D4).

0330-.-CAEIRO (F. da Gama), “A ordenação sacerdotal de Santo António”, *Itinerarium*, n.º 48, 1964, p. 446-460.

Clarificação de algumas questões da biografia de Santo António: o nascimento em Lisboa, a vida monástica, as habilitações sacerdotais. Problemática em torno da sua ordenação, defendendo-se que ela teve lugar em 1219 na cidade de Coimbra.

0331-.-CARVALHO (J. Vaz de), *Nun' Álvares: herói e santo*, 2.^a edição, Lisboa, Edições Brotéria, 1962, 32 p.

Breve biografia de Nuno Álvares Pereira ou beato Nuno de Santa Maria, que professou no covento carmelita de Lisboa. O autor valoriza sobretudo a dimensão religiosa e moral do santo no exercício das suas funções de chefe militar, onde revela a integridade de carácter e pureza de costumes, bem como o espírito de caridade.

0332-12-CHAVES (Luís), “Duas notícias históricas da vila de Campo Maior”, *Revista de Guimarães*, vol. LXXII, n.º 3-4, 1962, p. 417-433, il.

Notícias históricas de Campo Maior, sede do concelho do mesmo nome, uma das quais fornece informações sobre os irmãos beatos Beatriz da Silva e Amadeu da Silva (nascido João de Meneses e Silva, Campo Maior, 1431-1482, Milão). Há a possibilidade de ambos terem nascido em Ceuta (Marrocos). Deve-se a Beatriz da Silva a fundação do primeiro mosteiro da Ordem da Imaculada Conceição em Toledo (Espanha), seguindo a regra da Ordem de Santa Clara de Assis. O beato Amadeu da Silva ingressou na Ordem de São Francisco de Assis, levando uma vida quase eremítica e estabeleceu conventos chamados de “observância regular”, submetidos à regra franciscana. A ambos é prestado culto em Campo Maior, sendo a beata Beatriz da Silva (santa desde 3 de Outubro de 1976) titular de uma das igrejas paroquiais da localidade. Transcrição de capítulos da obra de Duarte Nunes do Leão, *Desripçam do Reino de Portugal*, referentes à vida dos beatos. – (C1-D4).

0333-12-COELHO (Francisco José Senra), *Santa Beatriz da Silva*, Lisboa, PAULUS Editores, 2012, 112 p., il.

Síntese de alguns dos momentos importantes da biografia de Santa Beatriz da Silva, nascida no ano de 1431 em Campo Maior, sede do concelho do mesmo nome, e do contexto em que decorrem. Apesar de se tratar de um estudo de divulgação destinado ao público devoto, o autor sujeita-o também às regras do rigor histórico. Contém anexos com documentos sobre a fundação e a regra da Ordem da Imaculada Conceição, assim como uma lista dos mosteiros desta ordem.

0334-11-CORTE-REAL (Miguel Maria), “Breve genealogia do Santo Condestável D. Nuno Álvares Pereira”, *Olhares de Hoje sobre uma vida de ontem: Nuno Álvares Pereira, homem, herói e santo*, coordenação de OLIVEIRA (Humberto Nuno Mendes de), MOITA (Cristina Pita Pistacchini), TEIXEIRA (Ismael Pereira) Lisboa, Universidade Lusíada, 2009, p. 195-201.

Contribuição par a genealogia de Nuno Álvares Pereira ou São Nuno de Santa Maria que pertence a uma antiga linhagem nobre portuguesa conhecida desde o século XII e professou no convento carmelita de Lisboa.

0335-.-COSTA (Avelino de Jesus da), “Um retrato desconhecido do Santo Condestável”, *Cónego Avelino de Jesus da Costa no “Diário do Minho”*, Braga, Empresa do Diário do Minho, 2008, p. 253-257.

Nota sobre a iconografia do beato Nuno de Santa Maria e sobre a descoberta pelo autor de uma iluminura encontrada na documentação do Cabido de Évora datada de 1542. Nela está representada uma personagem que provavelmente é o Santo Condestável (Nuno de Santa Maria) pouco antes de entrar no convento de Nossa Senhora do Carmo situado em Lisboa. Os especialistas consultados não são unânimes quanto a esta identificação. – (H2).

0336-11-COSTA (Francisco dos Santos), “São Vicente – maravilhoso padrinho da lusa capital (argumento literário para o filme do centenário de 1973)”, *Olisipo*, n.º 135, 1972, p. 93-102, il.

Dados biográficos sobre São Vicente, arqui-diácono, mártir do século III-IV, que é padroeiro da cidade de Lisboa, festejado a 22 de Janeiro. Nasceu em Huesca, na região de Aragão, foi martirizado pelos romanos tendo as suas relíquias dado à costa no Cabo de São Vicente, freguesia de Sagres (distrito de Faro), onde foi construída uma ermida. Depois vieram para Lisboa, sempre acompanhadas por dois corvos (farão parte da iconografia do santo) e foram depositadas na Sé. As relíquias foram destruídas pelo terramoto de 1755, salvando-se apenas alguns fragmentos. Referências a outros santos mártires. – (H7).

0337-11-CRISTINO (Luciano Coelho), “D. Nuno Álvares Pereira passou por Fátima”, *Nun’Álvares Pereira: herói e santo*, Colóquio realizado no encerramento do jubileu da igreja de Santo Condestável em Lisboa (2001), Lisboa, Paróquia do Santo Condestável, 2009, p. 31-50.

Compilação de alguns registos escritos e recolha de testemunhos orais da tradição sobre a ligação de Nuno Álvares Pereira (Nuno de Santa Maria) ao território onde se situa o santuário de Nossa Senhora de Fátima (distrito de Leiria). Aí terá orado antes da batalha de Aljubarrota, que decorreu em 15 de Agosto de 1385, e o seu cavalo se deteve e ajoelhou. – (F1).

0338-11-CUNHA (Secundino), *A vida de Nuno Álvares Pereira, o santo que salvou Portugal*, [Lisboa], Presslivre, [D.L. 2009], 110 [1] p., il.

Narrativa da vida de Nuno Álvares Pereira canonizado em 2009 como Nuno de Santa Maria. Descrição da sua vida como cavaleiro e como frade, assim como da reabertura do processo de canonização em 2004, na sequência do milagre da cura de uma mulher cega de um olho que fora atingida por salpicos de azeite a ferver que lhe destruíram a córnea. Apresentação das diferentes fases de um processo de canonização. Notas sobre os santos portugueses e listagem dos santos que viveram ou morreram no território que hoje é Portugal. – (F3).

0339-...-DIAS (M. Isabel Rosa), “*A passio de São Vicente*”, *São Vicente, diácono e mártir, padroeiro de Lisboa: 1700 anos do martírio de São Vicente*, Lisboa, Centro Cultural de Lisboa Pedro Hispano – Cabido da Sé Metropolitana de Lisboa, 2005, p. 287-294, il.

Nota sobre os relatos do martírio de São Vicente, padroeiro de Lisboa. Conhecidos desde o século V, deram início à construção de uma paixão de carácter épico que foi sendo acrescentada até ao século XIII. A mais antiga versão sobrevivente da paixão de São Vicente em Portugal encontra-se no *Flos Sanctorum*, impresso em 1513, e em várias colectâneas. A história da narração do martírio passou por outros contextos de uso e evocação como o *Auto de São Vicente*, talvez da segunda metade do século XVI, e a *Crónica de Portugal de 1419*. Do século XVI em diante, o contexto de significação da *passio* circunscreveu-se progressivamente à liturgia e às colecções hagiográficas. – (B1).

0340-12-DUQUE (José Félix), *Dona Beatriz da Silva: vida e obra de uma mulher forte*, Maia, Labyrinthus, 2008, 385 p., il.

Estudo sobre o percurso biográfico de Santa Beatriz da Silva fundadora da Ordem da Imaculada Conceição que, depois de ter recusado submeter-se a um casamento nobiliárquico imposto, decidiu seguir uma via própria que afirma a liberdade e a autonomia da mulher no contexto oficial das instituições religiosas (franciscanos, dominicanos, cistercienses) e sociais da época, pois Beatriz da Silva e as suas discípulas ousaram tornar-se relevantes na sociedade em que viviam. O ensaio procura uma abordagem segundo uma perspectiva de género e trata dos seguintes aspectos: a vida em família, a partida para Castela, como donzela de Dona Isabel, a virgem consagrada e a santa viva em Toledo; o seu perfil devocional, na linha das mulheres unidas nupcialmente a Jesus sofredor, que a levava a práticas penitenciais e ao uso do véu branco sobre o rosto, a fundação de um beatério com doze discípulas, provavelmente portuguesas, o projecto e construção da nova ordem, a influência franciscana, a expansão da ordem em Portugal, o culto antes da beatificação (1926) e a santificação em 1976.

0341-12-DUQUE (José Félix), *O fuso e a trama: Santa Beatriz da Silva e a fundação da Ordem da Imaculada Conceição, séculos XV e XVI*, Maia, Cosmorama Edições, 2013, 326 p., il.

Estudo sobre a fundação da Ordem da Imaculada Conceição por Santa Beatriz da Silva, natural de Campo Maior, sede do concelho do mesmo nome, e o modo como se constituiu e preservou a identidade da ordem ao longo dos tempos, no respeito pelos ideais e pelos princípios da sua fundadora. São tratados os seguintes aspectos: o imaculismo peninsular, a relação entre o imaculismo e o franciscanismo mediado pelo discurso devocional feminino; a vida e obra imaculistas de Santa Beatriz da Silva, a fundação do recolhimento concepcionista e do primeiro mosteiro em Toledo (Espanha), os símbolos e a liturgia imaculistas; o processo e a fundação da ordem; a análise da regra concedida em 1511 que ficou marcada pela influência das várias regras de Santa Clara de Assis e pela graça papal que flexibilizava a observância regular, dado o rigor de algumas cláusulas; as primeiras constituições por volta de 1514, a tentativa de extinção e a sua expansão na Europa e na América nos séculos XVI e XVII, sendo actualmente constituída por cerca de 150 cenóbios. Transcrição de documentos. – (A5-B2-C2).

0342-12-DUQUE (José Félix), “Santa Beatriz da Silva: vida e obra imaculistas”, *Santa Beatriz da Silva: uma estrela para novos rumos*, coordenação de FRANCO (José Eduardo), ALVES (José Sanches), Cascais, Príncipia, 2013, p. 23-37.

Estudo sobre Santa Beatriz da Silva, natural de Campo Maior, sede do concelho do mesmo nome, no quadro do pensamento e da acção femininas constitutivos de discursos teológicos imaculistas. Breve excuroso biográfico. São tratados os seguintes temas: a fundação do primeiro mosteiro de Nossa Senhora da Conceição em Toledo (Espanha), os símbolos imaculistas e o hábito monástico, a especificidade da liturgia imaculista.

0343-12-FERREIRA (Maria dos Prazeres Carvalho), *Santa Beatriz da Silva: uma vida, uma mensagem, à glória de Santa Beatriz da Silva*, Braga, Editorial Franciscana, [D.L. 2005], 80 p., il.

Contributo para a divulgação da vida e da mensagem de Santa Beatriz da Silva, natural de Campo Maior, sede do concelho do mesmo nome, destinado ao público devoto. Notas sobre a sua vida secular e religiosa, após a aparição de Nossa Senhora que lhe mandou fundar uma ordem em honra da Imaculada Conceição, e a sua mensagem caracterizada pelo seu amor à eucaristia, à paixão de Cristo e à Imaculada. O livro contém uma oração a Santa Beatriz. – (B3-F4).

0344-12-GALEGO (Francisco Pereira), *A vida e a obra de Santa Beatriz da Silva*, Campo Maior, Câmara Municipal, 2013, 69 [2] p., il.

A vida e a obra de Santa Beatriz da Silva que trata dos seguintes itens: dados biográficos, laços familiares, naturalidade, educação, estadia na corte de Castela, vida monacal em Toledo, espiritualidade de matriz fortemente cristocêntrica e de forte pendor mariano, com influências baptistas, franciscanas e angélicas; a herança espiritual de Santa Beatriz da Silva. A ordem foi introduzida em Portugal no início do século XVII e, depois da extinção das ordens religiosas em 1834, regressou a Portugal em 1942, tendo-se instalado em Campo Maior, sede do concelho do mesmo nome.

0345-11-GOMES (A. Sousa), *Santa Júlia, mártir olisiponense e a Exma. Senhora Dona Salette Simões e Dália Lorenzo*, Montijo, Oficinas da “Gazeta do Sul”, 1969, 12 p.

O autor reproduz um artigo publicado em 1953 na *Revista Municipal* (de Lisboa) reafirmando a sua leitura de uma inscrição romana com a finalidade de replicar a crítica feita num artigo publicado na mesma revista em 1964. Segundo a sua leitura, na inscrição não se lêem os nomes Veríssimo, Máxima e Júlia, mas apenas o nome de “Júlia Máxima, única. Minha filha”, supondo tratar-se de uma mártir do século IV, natural de Lisboa.

0346-11-GOMES (Jesué Pinharanda), “Caminhos Portugueses de São João da Cruz”, *Carmelo Lusitano*, n.º 8-9, 1980-1981, p. 37-85.

História de vários aspectos da vida e da canonização de São João da Cruz. Em 1585, o santo chegou a Lisboa por causa de um capítulo que os Carmelitas Descalços haviam marcado para esta época do ano. Em Lisboa recusou visitar a freira Maria da Visitação do convento da Anunciada, que tinha as chagas de Cristo e visões (mais tarde é condenada como embusteira). Em 25 de Janeiro de 1671 foi beatificado e em Dezembro de 1726 canonizado. Para celebrar a canonização, realizou-se uma procissão alegórica à caridade, esperança, zelo e obediência no convento de Nossa Senhora do Carmo em Lisboa (1726). Nota sobre as primeiras carmelitas chegadas a Portugal.

0347-11-GOMES (Jesué Pinharanda), “O Galaaz do Carmelo: heroísmo e santidade”, *Comemoração dos 600 anos da fundação do Convento do Carmo: actas do colóquio comemorativo*, Lisboa, Associação dos Arqueólogos Portugueses, 1989, p. 21-36; “O Galaaz do Carmelo”, *Carmelo Lusitano*, n.º 7, 1989, p. 19-33.

Estudo sobre Nuno Álvares Pereira, o beato Nuno de Santa Maria, que trata das suas características religiosas: heroísmo e santidade, pureza e castidade, despojamento e pobreza, oração. A devoção mariana do santo expressou-se como peregrino, na erecção de capelas e na promoção do culto no Sul de Portugal. No final da vida entrou para a Ordem do Carmo, professando no convento de Nossa Senhora do Carmo, fundado por ele em 1389 na cidade de Lisboa. O denominado caldeirão do Santo Condestável consistia na distribuição de

comida aos pobres na porta conventual. São analisados aspectos e percursos da sua vida religiosa: os votos de castidade, de pureza e de silêncio, os jejuns e as orações, a sua devoção a Nossa Senhora de ao Pé da Cruz. O culto alvarino apresenta-se sob a dicotomia da figura de santo e herói guerreiro, onde a dinâmica da cruzada assume vital importância. O culto começou por ser exclusivamente popular entre os habitantes dos arredores de Lisboa, até aos finais do século XVI. O seu túmulo localizou-se inicialmente na capela-mor do convento de Nossa Senhora do Carmo em Lisboa. – (C2-D2-C7-G1).

0348--GOUVEIA (Frei António de), *A vida e morte de S. João de Deus, seguida das cartas do santo e da sua iconografia*, Lisboa, Távola Redonda – Editorial Hospitalidade, 1996, 294 p., il., quadros.

Edição da biografia de São João de Deus, publicada e Madrid no ano de 1624, e em Lisboa no ano de 1658 que traça o percurso de vida, a evolução religiosa, os contactos com entidades divinas, os milagres e as fundações hospitalares. Publicação de seis cartas de São João de Deus e de três cartas de São João de Ávila. Em adenda, são reproduzidas trinta e sete gravuras com a iconografia do santo. – (H2).

0349-11-GUEDES (Fernando), “Nun’ Álvares, um santo carmelita”, *Nun’ Álvares Pereira: herói e santo*, Colóquio realizado no encerramento do jubileu da igreja de Santo Condestável em Lisboa (2001), Lisboa, Paróquia do Santo Condestável, 2009, p. 51-65.

Notas sobre a fundação do convento de Nossa Senhora do Carmo nos finais do século XV em Lisboa, por Nuno Álvares Pereira (São Nuno de Santa Maria) e sobre a vida conventual de oração e de caridade que levou desde que entrou para o convento como donato. O culto iniciou-se logo após a morte em 1431, tanto por populares como pelas elites, mas esmoreceu durante o período de governo de Portugal por monarcas espanhóis (1580-1640). Foi também prejudicado por um decreto do papa Urbano VIII que proibiu o culto daqueles cuja santidade não tivesse sido reconhecida por decisão da Igreja de Roma, o que fez desaparecer os altares que haviam sido erigidos em honra de Nuno de Santa Maria. Descrição dos procedimentos desenvolvidos desde 1894 para retomar a causa da canonização de Nuno Álvares Pereira, que culminou na beatificação em 1918. Posteriormente, o bispo da diocese de Lisboa criou a paróquia do Santo Condestável em 1934, a que se seguiu a construção da igreja paroquial do Santo Condestável, onde estão depositadas as relíquias de Nuno de Santa Maria. – (A5-C1-D2-H7).

0350-11-GUIMARÃES (Jorge Gonçalves), “S. Gonçalo de Lagos: da construção hagiográfica à legitimação do padroeiro”, *Turres Veteras VII – História das figuras do poder*, Lisboa – Torres Vedras, Câmara Municipal – Lisboa

– Instituto de Estudos Regionais e do Municipalismo “Alexandre Herculano”, 2005, p. 87-97.

Notas sobre frei Gonçalo de Lagos, padroeiro da cidade de Torres Vedras, sede do concelho do mesmo nome, que tratam dos principais momentos da construção hagiográfica e da legitimação como padroeiro da localidade. São Gonçalo nasceu em Lagos (distrito de Faro) em data desconhecida e cerca de 1360 entrou para a Ordem dos Eremitas de Santo Agostinho em Lisboa. No ano de 1394 era prior do convento de São Lourenço situado na Lourinhã, sede do concelho do mesmo nome e, em 1412, do convento de Nossa Senhora da Graça em Torres Vedras, aí permanecendo até à sua morte em 1422. A sua acção religiosa centrou-se na catequese e na militância de práticas ascéticas e penitenciais. Análise de três textos relevantes para o estudo da representação e da memória hagiográficas do santo, datados da segunda metade do século XVI e primeira do XVII, que dão uma imagem de santidade marcadamente barroca. No século XVIII, quando a ordem dos Eremitas de Santo Agostinho tentava recuperar de um período de decadência, foram feitas diligências para a canonização de Gonçalo de Lagos que levaram à beatificação em 1778. A tradição diz que Gonçalo de Lagos é padroeiro de Torres Vedras desde 1495. Em 1760 a câmara municipal renova o patronato do santo mas, em 1977, quando foi necessário fixar um dia para feriado municipal, a escolha recaiu em São Martinho de Tours. Menção das suas relíquias e da sua sepultura onde os devotos recolhiam terra como relíquia. Transcrição de documento onde se regista a decisão de renovar o patronato gonçalino de 1760. – (B5-D4-H7).

0351-11-GUIMARÃES (Jorge Gonçalves), *S. Gonçalo de Lagos: hagiografia, culto e memória, séc. XVI-XVIII*, Torres Vedras, Câmara Municipal, 2004, 141 p., il.; *Um santo para duas cidades: hagiografia, culto e memória de S. Gonçalo de Lagos (séculos XVI-XVIII)*, dissertação de mestrado em História Política e Social apresentada à Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologia de Lisboa em 2003, 194 [1] p., dactilogr., il. (consultável na Biblioteca Nacional de Portugal).

Estudo sobre a hagiografia, o culto e a memória de São Gonçalo de Lagos (distrito de Faro) nos séculos XVI-XVIII. São Gonçalo foi prior do convento de Eremitas de Santo Agostinho em Torres Vedras, sede do concelho do mesmo nome, e padroeiro desta localidade. Análise da cronística e das memórias hagiográficas de São Gonçalo de Lagos nos séculos XVI a XVIII. Os milagres de São Gonçalo consistiram em curas com as relíquias e o salvamento de naufrágio, entre outros. A geografia dos milagres remete sobretudo para Torres Vedras e seu termo, para Lisboa e Lagos (distrito de Faro). O culto, as práticas religiosas e devocionais: as relíquias (a sepultura, a terra do chão) foram trasladadas várias vezes, existindo em Torres Vedras e Lagos; as romarias e peregrinações (romaria anual no dia da sua morte, oferta de

velas, membros de cera e outros ex-votos, fitas, medalhas), as devoções e os devocionários; a confraria de São Gonçalo de Lagos; a associação do santo às câmaras municipais de Torres Vedras e de Lagos que recebeu relíquias do santo. Dados sobre a personagem histórica e sobre a invenção da santidade. A evolução do culto a São Gonçalo de Lagos do século XVIII aos nossos dias: o esforço de restauração da ordem dos Eremitas de Santo Agostinho, que levou à sua beatificação; a decadência do culto no século XIX e a renovação temporária nos anos sessenta do século XX em Lagos e em Torres Vedras, constituindo um elemento de projeção de identidades locais. – (D4-F3-G1-H7).

0352-11-GUIMARÃES (Jorge Gonçalves), *S. Gonçalo de Lagos: hagiografias dos séculos XVI e XVII*, Lagos, Câmara Municipal – Comissão Municipal dos Descobrimentos, 2005, 126 p., il.

Compilação e comentário das hagiografias de São Gonçalo de Lagos (distrito de Faro) datadas dos séculos XVI e XVII. A hagiografia e o culto a São Gonçalo de Lagos desempenham uma função de conexão entre santidade e território nos quais se projectam as identidades locais das cidades de Lagos e Torres Vedras, sede do concelho do mesmo nome. São Gonçalo de Lagos foi beatificado em 1778, beneficiando da canonização *vox populi*, ainda que assegurada pela eclesiologia. As hagiografias não dão uma imagem fantástica e irreal ligada à concepção medieval de santidade, mas um modelo mais próximo da tradição cronística religiosa barroca. Durante o processo que conduziu à beatificação, a colecção de hagiografias estruturou os próprios testemunhos e a defesa da causa do santo. – (D4).

0353-11-KALLENBERG (Pascoal), “Beato Nuno de Santa Maria”, *Lumen*, vol. XXIV, fasc. 4, 1960, p. 275-282.

Breves notas biográficas sobre o beato Nuno de Santa Maria ou Santo Condestável, fundador do convento de Nossa Senhora do Carmo em Lisboa, erigido para pagar graças concedidas pela Virgem. O beato ingressou na ordem carmelita em 1423. O culto é aprovado e reconhecido pela Sagrada Congregação dos Ritos em 1918. Alusão à origem e fundação da Ordem do Carmo em Portugal (século XIII), que teve o seu primeiro convento em Moura (distrito de Beja). – (C2).

0354-07-LAVAJO (Joaquim Chorão), “Montemor-o-Novo, berço e escola de um santo”, *Eborensia: Revista do Instituto Superior de Teologia de Évora*, n.º 7-8, 1991, p. 101-129, mapas.

Estudo sobre São João de Deus (1495-1550) e a sua cidade natal, Montemor-o-Novo, sede do concelho do mesmo nome. Levantamento dos lugares de culto existentes em Montemor-o-Novo em vida do santo, que contribuíram para o ambiente devocional que o influenciou: as igrejas paroquiais de Santa

Maria, de São Tiago, a igreja do Hospital do Espírito Santo, as ermidas de Nossa Senhora da Visitação e de Nossa Senhora das Graças, dos santos Vicente, Pedro e António, os mosteiros e conventos de Nossa Senhora da Saudação, de São Francisco de Assis ou de Nossa Senhora da Graça, de Santo António e de São Domingos, entre outros. Descrição de algumas passagens da sua vida em Montemor-o-Novo que ilustram a sua vocação de missionário e hospitaleiro. A realidade assistencial em Montemor-o-Novo à época do santo, compreendendo o hospital e confraria do Espírito Santo e a irmandade da Misericórdia fundada em 1499. Análise de alguns aspectos da devoção mariana do santo. – (C1-C2-G1-G2).

0355-12-LAVAJO (Joaquim Chorão), “Santa Beatriz da Silva no firmamento da humanidade”, *Eborensia: Revista do Instituto Superior de Teologia de Évora*, n.º 45, 2011, 29-56.

Estudo sobre Santa Beatriz da Silva nascida em Campo Maior, sede do concelho do mesmo nome, que realça a espiritualidade mariana da fundadora da Ordem da Imaculada Conceição com o apoio dos Reis Católicos e da Ordem dos Frades Menores Franciscanos, definitivamente aprovada em 1511. Transcrição da bula com a regra. Foi beatificada em 1926 e canonizada em 1976.

0356-...-LOPES (Fernando Félix), *Santo António: tempo, pensamento, acção*, Lisboa, Ministério da Educação Nacional – Direção Geral da Educação Permanente, 1973, 219 p., il.

Subsídio para uma biografia de Santo António (1195-1231), onde se narram alguns momentos marcantes da sua vida: o episódio da tentação, o ingresso da Ordem dos Cónegos Regrantes em Lisboa, a posterior permanência em Santa Cruz de Coimbra. Os primeiros contatos com a Ordem de São Francisco de Assis deram-se com a chegada dos corpos dos Mártires de Marrocos a Coimbra. O estabelecimento da ordem em Coimbra, na ermida de Santo António dos Olivais. O início da sua obra de missão e pregação, enquanto frade menor, em Marrocos e depois em Itália e em França. Santo António morreu a 13 de junho de 1231 em Pádua. Em 1263 foi aberto o túmulo e procedeu-se à trasladação para a basílica mausoléu de Santo António na mesma cidade. Em 1946 foi consagrado Doutor da Igreja Católica.

0357-11-LOYA (Ana), “Era uma vez um homem para hoje”, *Olhares de hoje sobre uma vida de ontem: Nuno Álvares Pereira, homem, herói e santo*, coordenação de OLIVEIRA (Humberto Nuno Mendes de), MOITA (Cristina Pita Pistacchini), TEIXEIRA (Ismael Pereira), Lisboa, Universidade Lusíada, 2009, p. 41-46.

Apologia de Nuno Álvares Pereira ou São Nuno de Santa Maria, carmelita do convento de Lisboa, que toma como exemplo a sua carreira militar, valente e leal, o seu papel de pai e de marido, que exerceu em estreita ligação com

a manifestação aberta da sua fé. O povo reconheceu-lhe a santidade antes das entidades oficiais e o seu túmulo tornou-se lugar de peregrinação. O seu exemplo para os dias de hoje está na forma como viveu a sua carreira alicerçada na fé.

0358--LUÍS (Agustina Bessa), *Santo António*, Lisboa, Guimarães Editores, 1973, 318 p.

Biografia de Santo António que contém reflexões acerca de lendas hagiográficas dedicadas à vida de santo: a lenda anónima *Assidua fratrum postulatione deductus*, também conhecida por *Legenda Prima*, redigida provavelmente em 1232 e atribuída a São Boaventura, e a *Vita Secunda*. São focados aspectos referentes à ingressão do santo na ordem franciscana, à formação escolar, à actividade de pregação e aos sermões. Notas dispersas sobre a sua vocação ascética e vida mística, assim como a referência aos seus milagres. – (B5-F3).

0359-07-MACHADO (Maria Valentina), CALDEIRA (Marcelino), *Irmão de muita virtude: vida do beato domingos Fernandes de Borba, jesuíta e mártir do Brasil (1551-1570)*, Prior Velho, Paulinas, [D.L. 2011], 79 p., il.

Biografia do missionário jesuíta e beato Domingos Fernandes de Borba, natural de Borba, sede do concelho do mesmo nome, que foi martirizado com trinta e nove companheiros por corsários calvinistas junto ao arquipélago das Canárias, quando se dirigiam para o Brasil. Foi beatificado em 11 de Maio de 1854. Notícias biográficas dos outros trinta e oito mártires, dos quais trinta e um eram portugueses e sete espanhóis.

0360-12-MAGALHÃES (Margarida de), *Santa Beatriz da Silva: uma glória de Portugal*, 5.^a edição, Lisboa, Rei dos Livros, 1999, 95 p., il.

Biografia de Santa Beatriz da Silva fundadora da Ordem da Imaculada Conceição (1.^a edição 1967) que foi canonizada em 1976 e é festejada a 1 de Setembro. São tratados os seguintes aspectos: a infância, a função de dama da Rainha de Castela, as vicissitudes que passou na corte por causa da sua beleza e a recusa do casamento, a permanência como leiga no convento de São Domingos (da Ordem de Cister), em Toledo, a devoção ao Coração de Maria e a fundação da Ordem da Imaculada Conceição (adoptou a regra de Cister) aprovada pelo papa em 1489, cuja bula apareceu milagrosamente na sua arca, a morte e a disputa do seu corpo entre cistercienses, franciscanos e concepcionistas, as dificuldades destas nos primeiros tempos, a expansão da ordem no mundo e em Portugal, nomeadamente em Campo Maior. Mais tarde, o papa Júlio II aprovou uma regra própria, que também agregou a nova ordem à de São Francisco de Assis. O milagre do estigma da estrela de luz que Beatriz da Silva tem na fronte: conta-se que quando recebeu a extrema-unção, ao levantarem-lhe o véu, que desde a reclusão lhe tapava o rosto,

deste emanaram luzes e resplendores e na frente surgiu uma estrela de luz. Actualmente apenas existe um convento das Concepcionistas Franciscanas em Campo Maior. Em apêndice, são transcritos textos relacionados com a canonização e a novena a Santa Beatriz da Silva. – (B3).

0361-11-MARIZ (Pedro de), *História da vida, milagres e canonização do bemaventurado S. Hyacintho da ordem dos pregadores*, Lisboa, Instituto da Alta Cultura e Estudos Históricos, 1965, 221 p.

Impressão e transcrição da vida de São Jacinto (1185-1257) datada de 1611, que foi um dominicano polaco a quem se atribui uma importante acção evangelizadora junto dos infieis, a fundação de mosteiros e a salvação física de inúmeras pessoas. A sua canonização deu-se em 1594 e baseou-se em milagres de cura anteriores e posteriores à sua morte (através das relíquias): paralisia, cegueira, limpeza dos leprosos, afastar os maus espíritos, ressuscitar os mortos ou outros como aquele em que profetiza o nascimento de um filho a uma mulher estéril, ou quando caminhou sobre as águas de um rio. São narrados apenas dois milagres em Portugal que ocorreram em Lisboa. A divulgação do culto no país, as várias manifestações religiosas e a significativa participação popular particularmente em Lisboa, principal centro difusor. Descrição das cerimónias que, na capital, em 1594, acompanharam a entrada da imagem e a entronização do santo, bem como de algumas festas e solenidades que, até 1611, se realizaram no dia do santo. A sua irmandade, esteve sediada no mosteiro de São Domingos em Lisboa, cujo compromisso é transcrito; o papel da irmandade e da ordem dominicana na culto de São Jacinto em Portugal. – (E3-F3-G1-H1).

0362-11-MARTINEZ (Hipólito), *São Gonçalo de Lagos*, Braga, Editorial do Apostolado da Oração, 1992, 92 p., il.

Biografia de São Gonçalo de Lagos (distrito de Faro) que pertenceu à Ordem dos Eremitas de Santo Agostinho. São tratados os seguintes aspectos: as origens, a formação religiosa e o exercício do priorado, a sepultura e as relíquias, as virtudes, o padroeiro de Torres Vedras, sede do concelho do mesmo nome, a beatificação, o taumaturgo, a iconografia. – (D4-F3-H7).

0363-12-MARTÍN SÁNCHEZ (Benjamín), *Santa Beatriz da Silva*, 5.^a edição, Vila de Cucujães, Editorial Missões, 2014, 32 p., il.

Breve biografia ilustrada de Santa Beatriz da Silva (1.^a edição em 1999) onde são tratados aspectos como a devoção ao Coração de Maria, as calúnias que sofreu devido à sua beleza, a recusa do casamento, a aparição de São Francisco de Assis e de Santo António, a dedicação ao trabalho e à oração, como leiga, no convento de São Domingos em Toledo. Notas sobre a fundação da Ordem da Imaculada Conceição aprovada pelo papa em 1489 e sobre a sua morte.

0364-11-MARTINS (José Saraiva), “O processo de canonização do beato Nuno”, *Olhares de hoje sobre uma vida de ontem: Nuno Álvares Pereira, homem, herói e santo*, coordenação de OLIVEIRA (Humberto Nuno Mendes de), MOITA (Cristina Pita Pistacchini), TEIXEIRA (Ismael Pereira) Lisboa, Universidade Lusíada, 2009, p. 155-159.

Breve descrição das várias tentativas para abertura do processo de canonização de Nuno Álvares Pereira ou beato Nuno de Santa Maria que teve um primeiro impulso determinante no final do século XIX e princípios do século XX, culminando na beatificação com confirmação do culto em 1918. O segundo momento tomou forma no final do século XX e levou à sua canonização em 2009.

0365-07-MARTINS (Mário), “A lenda de S. Maços”, *Brotéria*, vol. LXXVI, n.º 6, 1963, p. 691-697.

Notas sobre diversas versões da lenda de São Maços, romano que terá sido martirizado em Évora a 15 de Maio. Descrição do martírio do santo e da forma como o seu corpo incorrupto foi encontrado e sepultado numa igreja construída para esse efeito. Menção de milagres de cura atribuídos ao santo. – (F3-H7).

0366-11-MARTINS (Mário), “A lenda dos santos mártires Veríssimo, Máxima e Júlia, do cód. CV/123 d., da Biblioteca de Évora”, *Revista Portuguesa de História*, t. 6, 1964, p. 45-93.

Análise crítica das lendas dos santos mártires de Lisboa, Veríssimo, Máxima e Júlia, comparando a descrição da *Legenda dos Santos Mártires*, publicada em 1513, com a do códice CV/I – 23d. da Biblioteca de Évora *Vida e pyxam dos sanctos martires Verissimo, Máxima e Júlia irmãos naturais da cidade de Lixboa*. As lendas descrevem a vida, o martírio e os milagres, nomeadamente curas. Transcrição do códice e da legenda dos santos mártires extraída do *Flos Santorum* de 1513. – (F3).

0367-11-MARTINS (Mário), “S. João da Cruz na espiritualidade portuguesa”, *Carmelo Lusitano*, 1990-1991, n.º 8-9, p. 201-208.

Breve contributo para uma biografia de São João da Cruz que refere a passagem do reformador carmelita por Lisboa em 1585 e a sua influência na espiritualidade portuguesa. Notícia do episódio no qual São João da Cruz se recusou a visitar e a reconhecer a freira Maria da Visitação como santa. Mais tarde esta viria a ser acusada de embusteira. – (A5).

0368-11-MASCARENHAS (J. Fernandes), *Algumas facetas do culto a S. Gonçalo de Lagos*, Faro, Tip. União, 1962, 37 [2] p., il., anexos.

Estudo sobre São Gonçalo de Lagos (distrito de Faro), que professou na Ordem dos Eremitas Calçados de Santo Agostinho e foi beatificado no século

XVIII, estando sepultado na igreja de Nossa Senhora da Graça em Torres Vedras, sede do concelho do mesmo nome. Distinção entre São Gonçalo de Amarante (distrito do Porto) e São Gonçalo de Lagos, tendo sido confundidos, nomeadamente na imaginária: o primeiro era dominicano e é considerado casamenteiro, o segundo é protector dos pescadores, sendo representado sempre com a indumentária clássica dos agostinhos (hábito preto com a correia). Nota sobre o culto de São Gonçalo de Lagos, que diminuiu sobretudo depois das invasões francesas e foi restaurado após 1940. Notas sobre o culto a São Gonçalo de Lagos na família real portuguesa, desde o último quartel do século XV ao século XVIII, e no colégio universitário agostinho de Coimbra. Descrição da trasladação dos ossos do santo dentro da igreja da Graça em Torres Vedras. A veneração a São Gonçalo de Lagos no colégio universitário de Coimbra cuja imagem é descrita. Em anexo é transcrito um sermão que descreve a personalidade de São Gonçalo de Amarante. – (B5-D4-H1-H7).

0369-11-MATOS (Manuel Cadafaz de), “A propósito do 3.º centenário da morte de S. João de Brito”, *Didaskalia*, vol. XXIV, fasc. 1, 1994, p. 145-153.

A propósito do terceiro centenário da morte de São João de Brito, são referidos aspectos da vida do santo e a sua acção evangelizadora no Indústão, no quadro da acção dos padres jesuítas. João de Brito nasceu em Lisboa a 1 de Março de 1647, sendo martirizado em Urgur, província do Maduré na Índia, a 4 Fevereiro de 1693. Ele ocupou-se da propagação da fé cristã nos períodos entre 1673 e 1688, data em que regressou ao reino, e de novo em 1690 e 1693. Foi beatificado no ano de 1852 e canonizado em 22 de Junho de 1947.

0370-07-MAXIMINO (Patrícia Alexandra Richau), *S. Manços – aspectos da romanização e da cristianização*, dissertação de mestrado em Arqueologia e Ambiente apresentada à Universidade de Évora em 2010, 190 p., il., mapas, planta, quadros, gráficos. <http://hdl.handle.net/10174/11800> (consultada em 19-11-2020).

Estudo sobre São Manços que deu nome à freguesia do concelho de Évora. Com base nas lendas e tradições do santo, são analisadas as origens e evolução do cristianismo e o fenómeno dos mártires. As evidências arqueológicas da época romana na freguesia de São Manços cruzam-se com a descrição de um lugar de culto e sepultura em honra do santo, coincidente com o local onde se situa a igreja paroquial de São Manços e onde, em 1988, foi descoberto no exterior da capela-mor, um mausoléu romano datado do século I. Num território romanizado e amplamente povoado, São Manços foi, após a cristianização, tornado local de culto a um santo mártir, símbolo da fé cristã. Na igreja paroquial da freguesia de São Manços encontra-se uma imagem do santo representado de forma semelhante a Jesus Cristo, a cuja iconografia alguns habitantes atribuem a função de pastor. A lenda do local de maior importância para a população de São Manços atribui as marcas de carroção numa rocha

perto do núcleo populacional a um milagre do santo, onde se encontra um pequeno altar e nicho com azulejos do século XVII em sua honra. Na cidade de Évora há uma imagem de São Manços na capela do mesmo nome situada numa das Torres das Portas de Moura, que o representa como um santo-bispo com mitra e vestes. Esta atribuição é negada pelos habitantes de São Manços, que dizem que a vila havia nascido por conta do milagre que aconteceu junto da rocha no Monte da Lajinha. Assim, para os habitantes de São Manços a veneração religiosa assenta em elementos populares, que se traduzem na sacralização de uma rocha, motivada por um milagre. Mas realidade urbana, a da cidade de Évora, veiculada iconograficamente pela figura de um santo com traços baseados na sua biografia literária atribui-lhe a dignidade de bispo evangelizador de Évora. – (C1-D4-H1).

0371-11-MENDEIROS (José Filipe), “A etologia do Santo Condestável: mais doce do que o mel e mais forte do que o leão”, *Lumen*, Nov-Dez, 1961, 951-973; separata da revista *Lumen*, Nov-Dez, 1961, [Lisboa,], União Gráfica, 1962, 23 p.

A propósito das comemorações do VI centenário do nascimento do Santo Condestável ou Nuno de Santa Maria, é traçado um retrato do seu carácter e temperamento: a temeridade e a prudência, a firmeza, a aspereza, a mansidão, a disciplina e a higiene moral no exército, o apego à justiça.

0372-12-MENDEIROS (José Filipe), “A franciscana alentejana Santa Beatriz da Silva”, *Itinerarium*, n.º 171, 2001, p. 501-521.

Notas biográficas e sobre o culto a Santa Beatriz da Silva descendente de uma família nobre alentejana. Análise das hipóteses sobre o local de nascimento, subscrevendo o autor a possibilidade de ter nascido em Campo Maior, sede do concelho do mesmo nome, e educada na mesma localidade onde contactou com franciscanos. É tratada também da sua estadia na corte castelhana, em Tordesilhas, onde foi fechada num cofre pela rainha por causa da sua beleza, o refúgio no convento dominicano de São Domingos em 1451-1452 e a fundação da Ordem Concecionista, em Toledo, no ano de 1484, que foi aprovada pelo papa em 1489. Notícia sobre o aparecimento milagroso da bula papal que havia desaparecido num naufrágio. Beatriz da Silva foi beatificada em 1926 e canonizada em 1976. – (F2).

0373-07-MENDEIROS (José Filipe), *Rainha Santa: mãe da paz, da pátria e de Estremoz*, Estremoz Câmara Municipal, 1988, 41, il.

Conferência sobre a Rainha Santa Isabel proferida na Câmara Municipal de Estremoz, sede do concelho do mesmo nome, em 1988. Em Estremoz o culto concretizou-se na capela do castelo edificada no quarto onde expirou a Rainha Santa, na festa de 4 de Julho e na festa litúrgica da Trasladação da Rainha Santa, a 20 de Outubro. A capela foi integrada no novo palácio

setecentista e embelezada com azulejos pintados e pinturas, que representam cenas da sua vida, assim como com as imagens dos santos Lázaro e Filipe de Néri. – (D4-H1-H2).

0374-11-MENDES (José da Mata de Sousa), *Nuno de Santa Maria: um percurso de santidade – notas para uma meditação*, Lisboa, Vice-Postulação da Causa da Canonização do Beato Nuno de Santa Maria, 2006, 71 p.

Breve contribuição para a biografia de Nuno de Santa Maria que sublinha o modo como a vida do santo pode ser exemplar para os dias de hoje: construiu a sua santidade no exercício de funções temporais realizadas com heroicidade, competência e sentido sobrenatural.

0375-11-MENEZES (Aleixo de), *Treslado da portentosa vida de S. Gonçalo de Lagos*, Lagos, Comissão Executiva das Comemorações do VI Centenário de S. Gonçalo de Lagos, 1964, 42 p.

Treslado da biografia manuscrita de São Gonçalo de Lagos (distrito de Faro) feita em 1604, considerado o mais antigo trabalho português dedicado ao santo e base de todos os estudos feitos posteriormente. Inclui um comentário de IRIA (Alberto) sobre a vida de São Gonçalo e sobre as 4 trasladações das suas relíquias, nomeadamente para Torres Vedras, sede do concelho do mesmo nome. – (H7).

0376-.-MESQUITA (Henrique), “Antropologia de Santo António à luz de autores portugueses”, *Itinerarium*, n.º 160, 1998, p. 27-53.

Notas sobre a vida e a obra de Santo António natural de Lisboa. Dados relativos à exegese do seu pensamento e itinerário espiritual (como cónego regrante e depois franciscano), bem como à sua formação cultural (de base agostiniana e influência franciscana), que o autor designa por “uma antropologia antoniana”, presente ao longo dos seus *Sermões*. Estes são apresentados como surgindo da necessidade de preparar novos pregadores para a obra de conversão do homem e, como tal, propõem e indicam um itinerário espiritual que conduz o homem à perfeição, sendo aqui que se reflete toda a estrutura simbólica da obra antoniana acerca do “mistério do homem”. Análise crítica dos conceitos antonianos sobre o corpo, que salienta a sua perspectiva otimista do corpo (“devemos amar o corpo”), a Alma, a Razão, o Amor e ainda o Pecado considerado a inversão da ordem estabelecida por Deus. – (B5).

0377-11-MOITA (Irisalva), “Santo António de Lisboa (1195-1231)”, *O culto de Santo António na região de Lisboa*, catálogo e organização da exposição MOITA (Irisalva), Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa, 1981, p. 7-16, il.

Notas biográficas de Santo António, natural de Lisboa, que traçam o percurso de vida, o retrato físico, a expansão do seu culto (padroeiro popular da cidade

de Lisboa), os atributos que o identificam, o medianeiro preferido entre os homens e a divindade, o advogado das Almas do Purgatório, dos objectos perdidos, dos casamentos, o protector dos animais, o curandeiro e o fazedor de milagres. Breve notícia sobre as festas de Santo António de Lisboa. – (D4).

0378-11-MOITERO (Gilberto Coralejo), “Sobre Nun’Álvares Pereira... Notas historiográficas”, *Lusitania Sacra*, t. 22, 2010, p. 209-221.

Estado da questão sobre os estudos relativos a Nuno Álvares Pereira ou São Nuno de Santa Maria, carmelita que professou no convento de Lisboa, compreendendo uma sistematização dos conhecimentos produzidos a seu respeito no âmbito da historiografia portuguesa medieval e a indicação dos problemas que a sua figura histórica ainda suscita. Os livros sobre a temática (romances, biografias, crónicas, estudos sectoriais), que foram publicados a propósito da sua canonização em 2009, abordam os diferentes aspectos da sua personalidade de forma mais global ou mais particular (caso da dimensão religiosa), sujeitando a sua exposição às regras próprias que dominam o género em que foram concebidos e cujo valor historiográfico é, na globalidade, considerado reduzido. A situação mudou completamente com as investigações realizadas entre 1980 e 2009, na sequência da renovação da historiografia portuguesa, na medida em que contribuíram para um melhor conhecimento da figura de Nuno Álvares Pereira, quer no domínio da sua historicidade, quer no domínio da construção da sua memória. No primeiro domínio, as investigações, partindo do ponto de vista comum da instabilidade que marcou a sociedade portuguesa tardo-medieval, reexaminaram a acção e os actores, os processos e as dinâmicas que nela se desenvolveram. Embora focalizando-se em torno de temáticas políticas, sociais, militares e artísticas, a dimensão religiosa do Santo Condestável não deixou de ser abordada, designadamente, no que respeita à sua vocação, à sua espiritualidade carmelita, ao modelo de santidade em que se integrou, ao culto que lhe foi prestado, bem como aos milagres que realizou. No segundo domínio, os estudos examinaram as crónicas quatrocentistas no sentido de definir os eixos (heroísmo/santidade) em torno dos quais se construiu a sua memória. A partir desta base, realizaram-se, nos séculos posteriores, diferentes apropriações ideológicas veiculadas em produções literárias e historiográficas, diferenciando-se umas das outras pela ênfase que colocavam sobre o eixo seleccionado. No entanto, uma melhor compreensão da figura histórica em causa implica, segundo o autor, estudar os problemas relacionados com a sua ligação à Ordem do Carmo, o conhecimento do seu culto na relação com os milagres que realizou, o modo como a sua memória foi evocada e usada, a forma como os poderes promoveram a sua figura em paralelo com outros santos nacionais seus contemporâneos, a reavaliação das leituras das crónicas quatrocentistas à luz dos resultados da análise do discurso hagiográfico/

crônica, a fim de os seus resultados poderem fazer avançar os conhecimentos atuais sobre Nuno Álvares Pereira ou Nuno de Santa Maria.

0379-07-MONTE (Gil do, pseud.), *São Manços: apóstolo da Lusitânia*, Évora, Gráfica Eborense, 1964, 24 p., il.

Breve biografia de São Manços (15 de Maio), mártir, natural de Roma, bispo de Évora que, segundo a lenda, esteve em Jerusalém onde conheceu Jesus e se ofereceu para o seguir. Foi enviado pelos apóstolos a pregar em França, de onde partiu mais tarde em direção ao sul da Península Ibérica, aportando em Ossónoba (perto de Faro). Exerceu a sua ação evangelizadora no Alentejo (distritos de Portalegre, Évora, Beja e parte do distrito de Setúbal) em Lisboa, Santarém e Coimbra e foi martirizado a 21 de Maio (ano desconhecido) em Évora, no tempo do governador Valídio. Menção do milagre da descoberta do corpo incorrupto e ereção de um túmulo e de uma capela num lugar que se viria a chamar São Manços, freguesia do concelho de Évora, onde se realizaram peregrinações. O corpo de São Manços foi levado para as Astúrias durante o domínio árabe, tendo sido trazida uma relíquia em 1591 para Portugal, que se encontra na capela das Relíquias da catedral de Évora, onde é venerada. – (C2-D4-H7).

0380-12-MONTEIRO (António de Castro Xavier), “A bem-aventurada Beatriz da Silva”, *Theologica*, vol. XI, fasc. 3-4, 1976, p. 450-456.

Transcrição de uma nota biográfica sobre Santa Beatriz da Silva publicada em 1952. Em 1447 entrou para a corte de Castela da qual acabaria por sair para se entregar à vida religiosa, na sequência da intervenção de Maria Imaculada que a salvou da morte. Depois de interpelada por São Francisco de Assis e por Santo António de Lisboa, recolheu-se no mosteiro de São Domingos em Toledo. O salvamento levou Beatriz da Silva a fundar a Ordem da Imaculada Conceição. Em 1489 chegou, em circunstâncias milagrosas, a bula Papal que aprovou a ordem, o hábito e o ofício, submetendo-a, no entanto, à regra de Cister (França). Mais tarde, em 1505, o papa Júlio II aprovou uma regra própria e também agregou a nova ordem à de São Francisco, como desejava em vida Beatriz da Silva. Em 1526 estavam já fundados mais de 30 conventos da Ordem da Imaculada Conceição. Beatriz da Silva foi beatificada em 1926. Referência às imagens de Santa Beatriz na igreja paroquial de Nossa Senhora de Fátima (freguesia de Nossa Senhora de Fátima, em Lisboa) e no Colégio da Regeneração (antigo convento da Conceição, em Braga). – (C2-H1).

0381-11-MONTEIRO (João Gouveia), *Nuno Álvares Pereira: guerreiro, senhor feudal e santo – os três rostos do condestável*, Lisboa, Manuscrito, 2017, 372 [11] p., il.

Biografia de Nuno Álvares Pereira que, para além de tratar da sua faceta de militar e de senhor feudal, dedica um capítulo à sua faceta de religioso

carmelita que o levou a edificar o convento de Nossa Senhora do Carmo em Lisboa e esteve na origem da sua elevação aos altares como Nuno de Santa Maria. É abordado o contexto religioso da época, a religiosidade de Nuno Álvares Pereira antes e depois de entrar para a Ordem do Carmo, a morte, o culto popular de que foi alvo e os milagres que operou, a construção da memória como santo e as tentativas para a sua canonização, que ocorreu em 21 de Fevereiro de 2009.

0382-.-MOREIRA (Maria da Assunção Mendes), “Bibliografia antoniana portuguesa”, *O culto de Santo António na região de Lisboa*, catálogo e organização da exposição de MOITA (Irisalva), Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa – Direcção dos Serviços Centrais e Culturais, 1981, 113-128, il.

Lista da bibliografia portuguesa sobre Santo António que integrou a exposição das comemorações do centenário de Santo António, que se realizou em Lisboa em 1981. As publicações foram editadas a partir de 1613, mas a sua maior parte é do século XX. Dão informações sobre aspectos biográficos, devocionais, litúrgicos e os sermões, assim como sobre os cânticos e hinos, entre outros. – (B3-B4-C2-D4).

0383-.-NASCIMENTO (Aires A.), *Cernache do Bonjardim: terra do Santo Condestável*, Lisboa, Associação Regina Mundi dos Antigos Alunos da Sociedade Missionária da Boa Nova, 2009, 63 p., il.

A propósito da canonização de Nuno Álvares Pereira, sob a denominação de Nuno de Santa Maria, é analisado o problema do local do nascimento do santo, concluindo que este é, com toda a probabilidade, natural da freguesia de Cernache do Bonjardim (distrito de Castelo Branco).

0384-11-NASCIMENTO (Aires A.), *Nuno de Santa Maria: fragmentos de memória persistente*, Lisboa, Associação Regina Mundi dos Antigos Alunos da Sociedade Missionária Portuguesa, 2010, 343 p., il.

Conjunto de ensaios sobre São Nuno de Santa Maria que propõe a recuperação do significado dos testemunhos através da reinterpretação de textos, do regresso aos lugares de origem (Cernache do Bonjardim, distrito de Castelo Branco) e de recolhimento (convento de Nossa Senhora do Carmo em Lisboa), bem como o reexame dos modos de culto e a reconsideração das representações iconográficas. A obra trata de aspectos biográficos do homem, do santo e do herói nacional, da presença do santo na literatura portuguesa, do primeiro testemunho litúrgico do culto, da iconografia condestabariana (pintura em quadros e azulejos, escultura), da construção do convento do Carmo, da devoção e do descrédito do culto a Nuno de Santa Maria. Contém um apêndice documental. – (C2-D4-H1-H2).

0385-11-NASCIMENTO (Aires A.), “Nuno de Santa Maria: o homem e o santo que é herói de Portugal”, *Igreja e Missão*, n.º 211, 2009, p. 173-246.

Estudo de cariz historiográfico sobre Nuno de Santa Maria, carmelita que professou no convento de Lisboa, canonizado em 2009, que trata dos seguintes tópicos: problemática e prevenções, aporias do louvor, o perfil, as relações com o poder, a memória de santidade, a celebração do santo, a santificação como corolário das virtudes praticadas ao longo da vida. Em apêndice, é transcrito um sumário dos aspectos da vida e das virtudes de Nuno Álvares Pereira, feito pelo rei Dom Duarte para servir na pregação sobre ele.

0386-11-NASCIMENTO (Aires A.), *S. Nuno de Santa Maria, exemplo de virtudes para o nosso tempo*, 2.ª edição, Cucujães, Editorial Missões, 2017, 79 p., il.

Nova edição (1.ª em 2016) dum contribuição para a hagiografia de Nuno de Santa Maria que exalta as suas virtudes cívicas e religiosas, as quais constituem um exemplo para os dias de hoje: a força do herói que lutou pela defesa do reino de Portugal, a humildade, repeito pelas leis divinas, a castidade e a fidelidade, a renúncia aos bens materiais, a caridade.

0387-11-NASCIMENTO (Aires A.), *S. Vicente de Lisboa: legendas, milagres e culto litúrgico (testemunhos latino medievais)*, Lisboa, Centro de Estudos Medievais, 2011, 160 p., il.

Nova recolha de testemunhos e a sua leitura que renovam o estudo da problemática em torno do culto a São Vicente na cidade de Lisboa. Incide sobre as legendas, os milagres e o culto litúrgico do padroeiro da cidade de Lisboa, que hoje é celebrado a 22 de Janeiro e não na data da chegada das suas relíquias a 15 de Setembro. A nova leitura dos milagres revê questões, alarga fontes e refunde interpretações que ressaltam o papel dos habitantes da cidade na construção da memória sagrada e na sua integração como elemento da devoção diária e da vida da cidade, nomeadamente integrando a sua heráldica. Transcrição do texto em latim e da tradução das legendas e milagres de São Vicente. – (E2-H7).

0388-11-NASCIMENTO (Alfredo Ferreira do), *Santo António de Lisboa*, Lisboa, Empresa Nacional de Publicidade, 1963, 121 p.

A vida de Santo António de Lisboa, desde o nascimento até à morte, passando pela sua consagração religiosa e pela projecção do culto antoniano. São tratados aspectos da sua vida espiritual, a formação escolar em Lisboa e Coimbra, a entrada na Ordem dos Cónegos Regrantes de Santo Agostinho, que posteriormente trocará pela dos frades menores de São Francisco de Assis, após os primeiros contactos com os franciscanos e na sequência do episódio da chegada das relíquias dos Santos Mártires de Marrocos a Coimbra. A passagem por diversos locais de França e da Itália e narração de alguns episódios

que contam os milagres que realizou e que actuaram como instrumento de conversão de hereges: a pregação aos peixes, a ressurreição do filho morto, a refeição envenenada – servem a Santo António uma refeição envenenada e prometem-lhe que se o veneno não o afectar se convertem. Algumas notas da devoção popular nas festividades puramente religiosas e solenes: as procissões (13 de Junho) saindo da Sé de Lisboa, os arraiais e os costumes da queima das alcachofras, a compra do manjerico, o armar dos tronos que servem depois de pretexto a um peditório, que dizem destinar-se ao santo. Descrição de uma das mais significativas festas ao santo, a de 1895, por altura da celebração do sétimo centenário do seu nascimento. Contributo para o estudo do culto, da vida, do percurso e acção de Santo António enquanto pregador. Em 1934, Santo António foi nomeado padroeiro de Portugal pelo papa, juntamente com a Imaculada Conceição. Alguns dados históricos sobre a igreja de Santo António em Lisboa. Santo António foi protector dos militares ficando, durante o período da Restauração, oficialmente ligado ao exército. Menção dos estatutos da irmandade do santo aprovados em 1702. Inventário toponímico antoniano: freguesias, ruas e lugares de culto, nomeadamente conventos e ermidas. – (E2-E6-F2-F3).

0389-11-OLIVEIRA (Humberto Nuno Mendes de) “O combate em nome de Deus: um santo de espada nua”, *Olhares de hoje sobre uma vida de ontem: Nuno Álvares Pereira, homem, herói e santo*, coordenação de OLIVEIRA (Humberto Nuno Mendes de), MOITA (Cristina Pita Pistacchini), TEIXEIRA (Ismael Pereira) Lisboa, Universidade Lusíada, 2009, p. 115-120.

Apologia de Nuno Álvares Pereira ou São Nuno de Santa Maria, carmelita que professou no convento de Lisboa, a qual realça as suas manifestações de fé durante as situações militares em que chefiou o exército português, orientado pelo ideal da guerra justa.

0390-12-OMEACHEVARRIA (I.), “Santa Beatriz da Silva: uma santa fundadora portuguesa cujos restos mortais se veneram em Toledo”, *Theologica*, vol. XI, fasc. 3-4, 1976, p. 457-460.

Notas sobre Santa Beatriz da Silva que foi canonizada em 1976. Acompanhou a infanta Dona Isabel para Castela, mas devido à sua beleza foi vítima dos ciúmes da rainha acabando por abandonar a corte, refugiar-se no mosteiro das dominicanas de São Domingos em Toledo, onde permaneceu desde 1453 até 1484. Tendo recebido o pedido divino de fundar uma nova ordem de monjas em honra da Imaculada Conceição, lançou-se nesse projecto até que, em 1489, em circunstâncias algo milagrosas, apareceu a bula do papa que aprovou a ordem, o hábito e o ofício, submetendo-a, contudo, à regra de Cister. Em 1511, o papa Júlio II aprovou uma regra própria. Referência aos mosteiros da ordem existentes em alguns países europeus e da América do

Sul, sendo mencionado um único convento em Portugal. Menção das curas milagrosas que estiveram na base da sua canonização em 1976. – (C2-F2-F3).

0391-11-PEDRO (António Gonçalves), “Vida linear do beato Nuno no amor a Deus e à pátria”, *Comemoração dos 600 anos da fundação do Convento do Carmo. Actas do colóquio comemorativo*, Lisboa, Associação dos Arqueólogos Portugueses, 1989, p. 11-13.

Breves notas sobre a fundação do convento de Nossa Senhora do Carmo em Lisboa (1389) e dados biográficos do beato Nuno de Santa Maria, também conhecido pro Santo Condestável (1360-1431). – (C2).

0392-11-PINTO (Jaime Nogueira), *Nuno Álvares Pereira*, Lisboa, A Esfera dos Livros, 2009, 304 p., il.

Biografia de Nuno Álvares Pereira, canonizado em 2009, que trata sobretudo da sua vida pública e guerreira no contexto do seu tempo. Na parte sobre a vida religiosa, aborda a forma como se apartou das coisas do mundo e ingressou na Ordem do Carmo em Lisboa, no ano de 1423, professando apenas como donato. Nota sobre a canonização de Nuno Álvares Pereira sob a denominação Nuno de Santa Maria. A sua canonização deu-se após um milagre em que curou uma mulher que havia cegado com os pingos de azeite a ferver. São-lhe atribuídos outros casos de cura de doentes cancerosos, mas nestes as curas foram revertidas e não definitivas como a Igreja exige. – (F3).

0393-11-REMA (Henrique Pinto), “No 5.º centenário de S. Pedro de Alcântara (1499-1999)”, *Olisipo*, n.º 9, 1999, p. 13-18.

Notas biográficas sobre São Pedro de Alcântara padroeiro do convento com o mesmo nome, na freguesia de Alcântara, em Lisboa. O convento foi fundado em 1672 e suprimido em 1833, antes da extinção das ordens religiosas, para servir de recolhimento de órfãs da Santa Casa da Misericórdia. O santo viveu em Portugal a meados do século XVI no convento dos franciscanos Arrábidos (o nome tem origem no mosteiro situado na Serra da Arrábida, concelho de Setúbal). Os Arrábidos distinguem-se pela pobreza extrema, pela forma do hábito, pela pregação do evangelho, pela máxima austeridade e rigor penitencial, pela prática longa e metódica da oração, particularmente da oração em comum. – (C2).

0394-11-RODRIGUES (Ana Maria), “Uma vila medieval encontra o seu padroeiro. Frei Gonçalo de Lagos no tempo em que foi prior do mosteiro de Santo Agostinho de Torres Vedras”, *Cadernos do Noroeste* (série História), vol. XV, n.º 1-2, 2001, p. 293-302.

Contributo para o estudo da vida de São Gonçalo de Lagos (distrito de Faro), padroeiro de Torres Vedras, sede do concelho do mesmo nome, que foi prior

do mosteiro da Ordem dos Eremitas de Santo Agostinho, situado nesta cidade. Em Torres Vedras, Gonçalo de Lagos dedicava-se à salvação das almas e ao ensino da doutrina cristã e dos bons costumes. Em 1544, parte dos monges do mosteiro abandonou-o devido à sua degradação, instalando-se na antiga gafaria de Santo André, local onde seria edificada uma capela para onde, em 1559, foram trasladadas as relíquias de São Gonçalo. Notícia sobre a Ordem dos Eremitas de Santo Agostinho.

0395-11-RODRIGUES (António dos Reis), *Nun'Álvares: condestável e santo*, 2.^a edição Lisboa, Grifo, 1999, 131 [11] p.

Nova edição aumentada (1.^a edição data de 1985) da biografia de Nuno Álvares Pereira condestável do reino e santo desde 2009, com o nome de Nuno de Santa Maria. Caracterização dos traços gerais da sua carreira militar e das suas qualidades morais: a bondade, a pureza, a fé (ouvira duas missas por dia, peregrinava, jejuava, a dedicava-se à oração). Mandou construir o convento do Carmo em Lisboa para onde se retirou, dando entrada nesta comunidade carmelita como donato, onde se destacou pela prática da caridade. Outros aspectos abordados são a morte e os lugares onde estiveram os seus restos mortais, encontrando-se hoje na igreja do Condestável em Lisboa. A beatificação deu-se em 1918. Nuno Álvares Pereira sobressaiu pela transcendência da sua obra e pelo alto exemplo da sua vida.

0396-11-RODRIGUES (Francisco José), “Nuno Álvares Pereira: beatificação e canonização”, *Olhares de hoje sobre uma vida de ontem: Nuno Álvares Pereira, homem, herói e santo*, coordenação de OLIVEIRA (Humberto Nuno Mendes de), MOITA (Cristina Pita Pistacchini), TEIXEIRA (Ismael Pereira) Lisboa, Universidade Lusíada, 2009, p. 87-91.

Nota biográfica e relato das vicissitudes do processo de beatificação de Nuno Álvares Pereira (carmelita, professou no convento de Lisboa), que culminou em 1918 com a atribuição do nome de Nuno de Santa Maria. A canonização ocorreu em 2009.

0397-11-RUAS (Henrique Barrilaro), “Um santo para os nossos dias”, *Nun'Álvares Pereira: herói e santo*, Colóquio realizado no encerramento do jubileu da Igreja de Santo Condestável em Lisboa (2001), Lisboa, Paróquia do Santo Condestável, 2009, p. 67-72.

Notas sobre as virtudes de Nuno Álvares Pereira ou São Nuno de Santa Maria que destacam as motivações cristãs do chefe militar: fez a guerra movido pelo bem comum e pelo seu amor pela paz.

0398-11-RUAS (Henrique Barrilaro), *Vida do Santo Condestável*, 4.^a edição, Lisboa, Editorial Aster, 2009, 227 p.

Nova edição (1.^a em 1955) de uma biografia de Nuno Álvares Pereira ou Nuno de Santa Maria centrada na sua vida militar: a filiação, acção guerreira e o recolhimento no convento carmelita do Carmo que mandou construir em Lisboa.

0399-11-SANTOS (Januário dos), *São Nuno de Portugal*, 2.^a edição, Cucujães, Editorial Missões, 2009, 192 p., il.

Nova edição (1.^a em 2008) de uma contribuição para a biografia de Nuno de Santa Maria canonizado em 2009, desde o seu nascimento até à morte: a vida temporal, o retiro para o convento carmelita em Lisboa que fundou, os milagres, o culto e a exemplaridade da sua vida. – (F3).

0400-07-SERRÃO (Joaquim Veríssimo), “O tempo histórico de São João de Deus”, *Anais*, Academia Portuguesa de História, vol. XLI, 2003, p. 437-452.

Contributo para o estudo de João Cidade conhecido por São João de Deus, nascido em Montemor-o-Novo, sede do concelho do mesmo nome, em 1495. Descrição de algumas passagens da sua vida em Montemor-o-Novo e em Espanha. Foi neste país que, pela primeira vez, em 1538, João de Deus sentiu o chamamento divino ao ouvir um sermão proferido por São João de Ávila. A partir de então, e depois de ter sido declarado louco, viveu uma vida de miséria, preocupando-se somente com a caridade. Abriu um hospital que recebia doentes e famintos necessitados de assistência imediata, que seria a primeira fundação deste género em Granada (Espanha). Dado que tinha um carinho especial por São Francisco de Assis, foi o seu corpo levado para a igreja dos Franciscanos Observantes aquando da sua morte em 1550. Em 1606, o seu nome voltava a ser lembrado em Montemor-o-Novo, ao ser fundado um oratório na rua onde nascera, depois ampliado para convento-hospital. Tratava-se do primeiro passo do movimento que levaria à sua beatificação, ocorrida em 1630. Sessenta anos mais tarde foi proclamado santo e, em 1886, considerado pela Igreja patrono dos enfermos e hospitais. – (C2).

0401-11-SILVA (Manuel Naia da), “Ata do martírio de São Vicente”, *São Vicente, diácono e mártir, padroeiro de Lisboa: 1700 anos do martírio de São Vicente*, Lisboa, Centro Cultural de Lisboa Pedro Hispano – Cabido da Sé Metropolitana de Lisboa, Lisboa, 2005, p. 295-313, il.

Breve análise, transcrição e tradução do latim da ata do martírio de São Vicente, padroeiro de Lisboa. Indicação da temática dos capítulos da ata e das características principais do discurso: a função apelativa, a tipificação das personagens, a dialética corpo/alma, o carácter paralitúrgico do texto.

0402-12-SOUSA (José Figueiredo de), *O testemunho mediato e a canonização de Santa Beatriz da Silva*, Braga, Tipografia Manuel de Oliveira Lda, 2003, 30 [2] p.

Estudo crítico sobre o valor do testemunho mediato para a verdade histórica da vida de Santa Beatriz da Silva. Análise dos mais importantes documentos históricos e dos depoimentos das testemunhas interrogadas nos processos instruídos na cúria arquiépiscopal de Toledo (1636-1638). O prefácio e bibliografia sobre Santa Beatriz da Silva são de LOPES (António da Costa). – (A2).

0403-11-SOUSA (Querubim), *Herói e santo: D. Nuno Álvares Pereira condestável do reino*, Porto, Ala do Infante e Condestável – Freguesia de S. Nicolau. 1961, 47 p.

Dados biográficos sobre Nuno Álvares Pereira, o beato Nuno de Santa Maria, que faleceu no convento do Carmo em Lisboa. Contém um conjunto de versos na sua maior parte alusivos a Nuno de Santa Maria. – (B1)

0404-11-TEIXEIRA (Ismael Pereira), “S. Nuno Álvares Pereira, carmelita”, *Olhares de hoje sobre uma vida de ontem: Nuno Álvares Pereira, homem, herói e santo*, coordenação de OLIVEIRA (Humberto Nuno Mendes de), MOITA (Cristina Pita Pistacchini), TEIXEIRA (Ismael Pereira) Lisboa, Universidade Lusíada, 2009, p. 123-129.

Descrição da vida de Nuno Álvares Pereira ou Nuno de Santa Maria que realça as suas ligações à ordem do Carmo: mandou edificar o convento do Carmo em Lisboa, fundou a Província Carmelita em Portugal e, finalmente, entrou como donato carmelita no referido convento.

0405-11-TORRES (António Maria Pinheiro), *Nun'Álvares Pereira: herói e monge – catolicidade e portugalidade*, Lisboa, Prefácio, 2005, 125 p.

Apologia de Nuno Álvares Pereira ou Nuno de Santa Maria que percorre os seguintes aspectos: o nascimento, a educação, o carácter, o valor cívico e o valor militar da sua acção. O culto ao Santo Condestável pode ser ilustrado por numerosas curas, nomeadamente de cegos e de surdos. Notas sobre o processo de beatificação e canonização. Em 1934 foi criada a freguesia e paróquia do Santo Condestável em Lisboa. O exemplo de Nuno Álvares Pereira na actualidade: símbolo da portugalidade e da catolicidade no quadro da integração de Portugal na União Europeia. Notícia cronológica dos acontecimentos mais notáveis da vida de Nuno Álvares Pereira. – (F3).

0406-11-“A canonização de S. João da Cruz no Carmo em Lisboa”, antologia e notas de QUINTÃOS (Manuel Gomes), *Carmelo Lusitano*, 1990-1991, n.º 8-9, p. 185-200.

Transcrição de parte de umas memórias datadas de 1728, que narram as cerimónias efetuadas em Lisboa no Real Convento de Nossa Senhora do Carmo, no ano de 1727, para celebrar a canonização de São João da Cruz. Descrição dos oito carros que faziam parte do cortejo. – (E3).

0407-11-*Santos e bem-aventurados da família vicentina*, Lisboa, Tipografia da L.C.G.G., 1963, 66 p.

Notícias biográficas de santos e beatos pertencentes às congregações de São Vicente de Paulo e Companhia das Filhas da Caridade representados nas imagens que se encontram em lugares pertencentes a estas associações na freguesia de Campo Grande, em Lisboa: São Vicente de Paulo, Santa Luísa de Marillac e Santa Catarina Labouré; os beatos João Gabriel Perboyre, Francisco Regis Clet, Luís José François, João Henrique Gruyer, Pedro Renato Rogue, Justino de Jacóbis, Ghebra Micael, Maria Madalena Fontaine, Teresa Madalena Fantou, Maria-Francisca Lanel, Joana Gérard e Isabel Seton. – (H1).

0408-..-*S. Nuno de Santa Maria – Nuno Álvares Pereira: antologia de documentos e estudos sobre a sua espiritualidade*, selecção e apresentação de GOMES (Jesué Pinharanda), Sintra, Zéfiro, 2009, 253 p., il.

Apresentação e selecção de uma antologia de textos sobre Nuno de Santa Maria (militar, patriota, guerreiro, monge, santo), carmelita que professou no convento de Lisboa, canonizado em 2009, centrada na sua espiritualidade, nos carismas e virtudes, a partir de testemunhos de quem o conheceu ou de quem o estudou. A antologia reúne memórias e estudos, hinos e poemas, assim como documentação canónica. É apresentada uma cronologia fundamental, uma selecção bibliográfica e uma selecção da iconografia condestabriana, nomeadamente pagelas, pinturas, retratos, entre outros. – (B4-H2-H5).

B3 – Orações

0409-07-ALVES (Aníbal Falcato), *Rezas e benzeduras*, Porto, Campo das Letras Editores, 1998, 133 p., il.

Recolha de orações, ensalmos e benzeduras feita na zona de Pavia, freguesia do concelho de Mora. São dezoito orações para dizer ao entrar na igreja ou para quando se vê uma igreja ou cemitério, para dizer à noite ou em viagem e orações paralelas às da Igreja (Padre Nosso Pequenino, Padre Nosso e Credo às Avestas, Salve-Rainha Pequenina), sete ensalmos (orações contra a trovoadas, à Rainha Santa Helena e o responso de Santo António) e quarenta e oito benzeduras para curar a constipação, o mau-olhado, a dor de dentes, o cobranto e o torcicolo, entre outras. São invocados maioritariamente Jesus Cristo, a Virgem Maria e os santos Clemente, Marcos, José, João Baptista, Pedro, Gregório Magno, Aleixo, Iria, Luzia, Maria Madalena, Margarida de Antioquia ou da Galiza e Eufémia, entre outros. – (D2-D3-D4-E5).

0410-07-BALESTEROS (Carmen), “Mezuzah da Biblioteca Pública de Évora”, *A Cidade de Évora: Boletim da Comissão Municipal de Turismo de Évora*, n.º 2, 1996-1997, p. 285-295. il.

Estudo e transcrição de um pergaminho que contém uma oração em hebraico extraída da Tora, o *Shemá Israel*, habitualmente guardado numa concavidade das ombreiras das portas das casas dos judeus, a Mezuzah. Esta oração devia ser recitada nas orações da manhã, da tarde e à noite ao deitar, assim como pelos moribundos. O problema da sua datação (provavelmente do século XV) e da sua integração nos fundos da Biblioteca Pública de Évora desde o século XIX.

0411-.-BORGES (Ana Eleonora), *Orações e benzeduras do Alentejo (recolha)*, Lisboa, Apenas Livros, 2005, 49 [2] p.

Recolha de orações e benzeduras do Alentejo (distritos de Portalegre, Évora, Beja e parte do distrito de Setúbal), habitualmente usadas nas práticas de medicina popular para curar males, cuja proveniência se admite estar associada a causas sobrenaturais. Entre as orações há as que se destinam, por exemplo, ao deitar, ao levantar e para quando se vai à missa. As benzeduras destinavam-se nomeadamente a combater o mal de inveja, a dor de cabeça, o quebranto, a erisipela e curar a espinhela caída. – (B1-E6).

0412-.-CANHA (João António Parreira), “Orações que o povo diz”, *Igreja Eborense: Boletim de Cultura e Vida da Arquidiocese de Évora*, n.º 17, 1993, p. 63-74.

Recolha e transcrição de orações a partir de fontes orais da região do Alentejo (distritos de Portalegre, Évora, Beja e parte do distrito de Setúbal). A compilação compreende uma oração do Justo Juiz e a sua análise sumária, assim como orações para o caminho, para dizer à noite, penitenciais e para o tempo do Natal, acompanhadas de breves comentários. As orações evocam quase exclusivamente Nosso Senhor e Nossa Senhora. – (B1-D2-D3).

0413-07-COELHO (Francisco José Senra), “A religiosidade popular: Maria, a vida e o povo”, *Igreja Eborense: Boletim de Cultura e Vida da Arquidiocese de Évora*, n.º 11, 1987, p. 209-227.

Breve comentário de cariz teológico sobre uma recolha de orações dedicadas a Nossa Senhora, subordinadas aos temas da maternidade de Maria, da sua genealogia e do seu poder de intercessão, assim como sobre Maria e a Eucaristia, Maria Imaculada e a Virgem. Transcrição de outras orações dedicadas a Nossa Senhora, recolhidas em várias localidades do distrito de Évora. – (B1-D2).

0414-11-COLAS (Jeanine Carré), “Avieiros, estudo de uma população de pescadores emigrados nas margens do Tejo”, *Cira: Boletim Cultural*, n.º 5, 1991-1992, p. 199-241, il.

Descrição da vida dos avieiros do concelho de Vila Franca de Xira no final da década de 1980, que inclui uma nota sobre as suas crenças com a transcrição de duas orações que os pescadores diziam para não dormir durante a pesca e para afastar a trovoada. Os avieiros são pescadores do rio e do mar que emigraram de Vieira de Leiria (distrito de Leiria) para as margens do Tejo.

0415-11-COSTA (Maria Laura), “Costumes religiosos do nosso povo, algures na freguesia de Mafra há 40 anos”, *Boletim Cultural*’94, Câmara Municipal de Mafra, p. 360-365.

Levantamento de costumes religiosos populares da freguesia de Mafra, sede do concelho do mesmo nome, que compreende orações, saudações rituais para o deitar, o levantar e a refeição, para dizer ao passar pela igreja ou capela e para obter protecção contra as forças da natureza, entre outras finalidades. Nelas se invocam Deus, o Espírito Santo, a Virgem Maria, as santas Cristina e Bárbara. – (D2-D3-D4).

0416-11-COSTA (Maria Rosa Dias), *Murteira, uma povoação do concelho de Loures: etnografia, linguagem, folclore*, Lisboa, Junta Distrital de Lisboa, 1993, 338 [14] p., il.

Nova edição (1.^a em 1961) do contributo para o estudo da etnografia, da linguagem e folclore da aldeia de Murteira, situada na freguesia de Loures, sede do concelho do mesmo nome. Recolha de costumes relacionados com o baptismo (muitas vezes os filhos não são baptizados religiosamente), o casamento e a morte: o enterro quase nunca leva padre, são os próprios familiares que deitam o corpo à terra; as rezas e as mezinhas para combater as doenças onde interferem bruxas e curandeiras. O culto a Santa Petronilha (século I, catequizada e baptizada por São Pedro, sendo conhecida também como “a filha de Pedro”) baseado na lenda associada à sua imagem: a imagem apareceu num monte, mas quando se tentou levá-la para local mais conveniente, esta voltou sempre ao local de origem, sendo aí construída uma capelinha por volta de 1617 (destruída em 1915 e reconstruída em 1952). Em sua honra realiza-se uma procissão no primeiro domingo de Setembro na qual se incorporam, para além da imagem da santa, as de Nossa Senhora de Fátima e dos santos António, Teresinha do Menino Jesus e Filomena. Recolha de oito romances religiosos e de diversas orações, como o Padre Nosso “pequenino”, a Salvé Rainha “pequenina”, para dizer quando se entra na igreja, quando se abre o sacrário e para as diferentes partes da missa, ao deitar e ao levantar. – (D4-E3-E4-F2).

0417-15-COUTO (A. Sílvio), *Navegando com Deus à vista*, Sesimbra, Fábrica da Igreja Paroquial de Santiago, 2006, 119 [5] p., il.

Conjunto de orações construídas a partir das leituras de cada domingo do ano litúrgico de 2005-2006, pelo padre da freguesia de Santiago, em Sesimbra, sede do concelho do mesmo nome, e rezadas nas celebrações da eucaristia dominical. Outras orações são dedicadas ao Sagrado Coração de Jesus, a Nossa Senhora do Carmo, da Boa Viagem e do Cabo (Espichel, freguesia do Castelo em Sesimbra), entre outras. – (B5).

0418-11-DRADAN (Moshle Ben), VIEIRA (Carla), GUIMARÃES (M. Fernanda), ANDRADE (A. Júlio), “‘Tefillah cotidiano’: um caderno de orações marranas”, *Cadernos Culturais de Telheiras*, n.º 3, 2010, p. 104-115, il.

Descrição do contexto em que foi encontrado um livro de orações confiscado a uma cristã nova presa pela Inquisição em 1662, na sua casa em Lisboa. Notas sobre o conteúdo do livro de orações. – (A5).

0419-.-FALCÃO (José António), “Fragmentos da mitologia popular do Alentejo – II: a propósito do Padre Nosso da Palma”, *Gil Vicente: Revista de Cultura e Atualidades*, vol. IV, n.º 13-14, 1983, p. 19-20.

Nota sobre a oração do Padre Nosso da Palma (possivelmente corrupção de Padre Nosso por Alma), uma oração para sufragar as Almas do Purgatório, da qual existem numerosas variantes no Alentejo (distritos de Portalegre, Évora, Beja e parte do distrito de Setúbal), e no resto do país, através de exemplos recolhidos na freguesia de Alvalade, concelho de Santiago do Cacém, e de Glória do Ribatejo (distrito de Santarém).

0420-07-FALCÃO (José António), *Três orações da tradição do Alto Alentejo*, Santiago do Cacém, Gabinete de Estudos Históricos, 1980, 7 p.

Recolha de três orações da tradição popular do Alto Alentejo (distritos de Portalegre e de Évora), recolhidas no monte de Santiago, concelho de Arraiolos, intituladas Oração do Deitar, Salvé Rainha Pequenina e Padre Nosso Pequenino, que invocam Deus, Jesus, Nossa Senhora e os santos Lucas e Mateus. – (D2-D3-D4).

0421-12-FIGUEIREDO (Filipe Marques de), “Importância e atualidade da religiosidade popular”, *Igreja Eborense: Boletim de Cultura e Vida da Arquidiocese de Évora*, n.º 14, 1990, p. 171-186.

Nota introdutória e transcrição de orações recolhidas na sua maioria na freguesia de Santa Eulália, concelho de Elvas, em Évora e em outras localidades da diocese de Évora. As orações invocam Deus, Jesus Cristo, Nossa Senhora e vários santos, em particular Santo António. Algumas delas destinam-se a serem pronunciadas em determinados momentos, nomeadamente ao entrar na igreja, ao deitar e quando há trovoadas. – (D2-D3-D4).

0422-12-GRAÇA (Natália Maria Nunes da), *Formas do sagrado e do profano na tradição popular: literatura de transmissão oral em Margem (concelho de Gavião)*, Lisboa, Edições Colibri, 2000, 225 p., il.

Estudo etnográfico-antropológico sobre os usos e costumes populares religiosos e profanos da freguesia de Margem, no concelho de Gavião, com base na recolha e análise de composições de tradição oral e dos rituais em que se inseriam. Levantamento e transcrição, em anexo, das orações ditas ao deitar, ao levantar, às refeições, à entrada e saída da igreja, à entrada do padre, contra o demónio, as trovoadas e os inimigos na guerra. Outras orações estavam associadas a rituais litúrgicos (Quaresma, Quarta-feira de Cinzas, domingo de Ramos, domingo de Páscoa). Os cânticos eram principalmente de invocação mariana, sobretudo à padroeira Nossa Senhora da Graça, cristológica, como a celebração do culto do Sagrado Coração de Jesus, entoados em outras festas, nomeadamente no santuário de Nossa Senhora das Necessidades no primeiro fim de semana de Setembro, em procissões (por exemplo, das velas, em Maio) e como parte do culto dos mortos (missas de Finados, dia de Todos os Santos, Encomendação das Almas). Recolha de rezas e benzeduras para curar a erisipela, o cobrão, os farpões na vista, o quebranto, o mal de inveja e para endireitar a espinhela, práticas em que se recorria a amuletos (santinhos, terços e medalhas). – (B4-D2-D3-H5).

0423-07-LOURO (Ricardo), *Uma novena à padroeira, nas várzeas de Monsaraz*, [Vila Nova de Gaia], Euedito, 2010, [137] p., il.

Reflexão histórico-poética e transcrição de uma novena a Nossa Senhora da Orada, cultuada na capela do Outeiro próximo da freguesia de Monsaraz, concelho de Reguengos de Monsaraz. A novena destinava-se provavelmente a pedir chuva em anos de seca. Notícia de um milagre em que Nossa Senhora fez chover no último dia da novena. A imagem da santa é proveniente do antigo mosteiro dos agostinhos descalços, localizado igualmente junto da vila de Monsaraz, onde já era objecto de devoção. A tradição atribui o início do culto a Nuno Álvares Pereira (1360-1431) ou São Nuno de Santa Maria. Nota sobre a Ordem dos Eremitas Descalços de Santo Agostinho (agostinhos descalços) em Monsaraz. – (C2-D2-F1).

0424-12-MACHADO (Emília Maria da Cruz), “Orações e benzeduras de Palmira da Conceição da Silva, do lugar da Portagem – Marvão”, *Ibn Maruán: Revista Cultural do Concelho de Marvão*, n.º 9-10, 1999-2000, p. 47-53, il.

Recolha de orações e benzeduras do lugar da Portagem, freguesia de São Salvador da Aramenha, concelho de Marvão, respetivamente ditas e praticadas por uma informante. O objectivo das práticas era o de afastar certos males: tirar a lua entripal, o quebranto, o cobro, a erisipela, o furapão (doença de olhos, veio vermelho ou amarelo dentro do olho) e o mal do sol. As orações de cada

benzedura eram completadas pelo Pai Nosso e pela Ave-Maria, geralmente cinco vezes. Eram utilizados produtos como alho, água, azeite, óleo de trigo, penas de galinha, panos de linho e objectos de ouro. – (E6).

0425-11-MATOS (Albano Mendes de), “Subsídios para o estudo da literatura popular na região saloia”, *Etnografia da região saloia: a terra e o homem*, I Colóquio de etnografia da região saloia, 1987, Sintra, Instituto de Sintra, 1993, vol. I, p. 101-133.

Subsídio para o estudo da literatura popular da região saloia (área rural dos arredores de Lisboa, a norte do rio Tejo), que transcreve orações e cantigas, poesia e responsos recolhidos sobretudo em 1987, nos lugares de Almorquim, freguesia de Terrugem, e de Toreja, freguesia de São João das Lampas, ambas do concelho de Sintra. Nas composições referidas são louvados Nossa Senhora do Cabo (Espichel, freguesia do Castelo em Sesimbra), da Encarnação, da Nazaré, do Ó e santas, como por exemplo Bárbara. São alusivas a momentos do quotidiano, para protecção contra o diabo e os pecados ou para a hora da morte. Algumas são recitadas ou cantadas durante as romarias a Nossa Senhora da Nazaré, no giro da imagem pelas dezassete freguesias que o compõem. Transcrição em apêndice dos materiais coletados. – (B1-B4-D2-D4).

0426-07-MELO (Carlos Manuel Cardoso de), “Religiosidade popular: orações para cada dia da semana”, *Igreja Eborense: Boletim de Cultura e Vida da Arquidiocese de Évora*, n.º 19, 1994, p. 53-63.

Contribuição para o estudo da piedade popular no lugar de Vinhas, freguesia do Redondo, sede do concelho do mesmo nome. Breve abordagem do significado, valor e importância do estudo da piedade popular, assim como do comportamento religioso da população. Recolha de orações, ainda ditas, através de fontes orais destinadas a consagrar cada dia da semana, bem como das práticas que as acompanham durante a recitação. São dedicadas a Cristo (Paixão e Morte), a Nossa Senhora e a São José. – (B1-D2-D3-D4).

0427-07-MENDONÇA (Lina do Carmo dos Santos), *Dar voz à lírica do Alentejo: contributo para o estudo da literatura oral e tradicional de Reguengos de Monsaraz*, dissertação de doutoramento em Estudos de Literatura e de Cultura apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa em 2018, 2 vol., 651-507 p., il., quadros. <http://hdl.handle.net/10451/33400> (consultada em 15-8-2018).

Recolha e estudo de composições de carácter lírico da literatura oral e tradicional do concelho de Reguengos de Monsaraz. O corpus é constituído por composições mágico-religiosas, de sabedoria e lúdicas recolhidas em 1999 e por composições publicadas entre 1899 e 2012. Apesar do contexto social ser menos favorável à religião institucional, a autora considera que se está perante

uma comunidade de crentes em Deus e no Diabo, nos anjos e nos santos, nas bruxas e nas feiticeiras. Ao longo do dia a piedade popular manifesta-se na devoção a Deus, a Jesus Cristo, à Virgem Maria e aos santos, transmitida quase sempre no seio da família, como uma espécie de “escudo protector”. As orações são, neste contexto, expressão de sentimento de pura fé em Deus e de arrebatamento, enquanto os ensalmos, benzeduras e esconjuros constituem uma manifestação simbólica da vontade de viver. Entre as composições constam as de natureza e intenção mágico-religiosa. A abordagem inicial feita às orações, cânticos, benzeduras, rezas, ensalmos e esconjuros procura descrever as suas características definitórias e o contexto situacional que as gera. O dia pode iniciar e terminar a rezar: orações da manhã, da confissão, de protecção, para o fechar da porta à noite e para o deitar. Ao longo do dia, o “gesto verbal” de orar pode estar presente à hora das refeições, ao avistar a igreja ou o cemitério, durante a celebração da missa e para encomendar um ente querido que vai viajar, entre outras situações. A intenção subjacente é, mormente, de adoração, de louvor e petição. Algumas composições só têm carácter religioso porque, no final, se tem a obrigatoriedade de rezar um Pai Nosso ou uma Ave-Maria, como é o caso das benzeduras, rezas e esconjuros. Várias composições recolhidas são conhecidas, em todo o país, o que prova o seu carácter tradicional. Para os crentes do concelho de Reguengos de Monsaraz ir ao encontro do sagrado, através das suas práticas mágicas e religiosas, para preservar a integridade física (afastando a doença e a morte) e psicológica (libertando o que torna a alma impura), representa a procura de equilíbrio e o conforto da alma. O estudo compreende ainda várias cantigas ao Menino Jesus e cantigas de Reis. Menção de lugares de culto (igrejas paroquiais e ermidas) e de festas em honra de Nossa Senhora e de diversos santos do concelho de Reguengos de Monsaraz. O tomo II compreende vários anexos, nomeadamente o do corpus das composições. – (B4-C2-D2-D4).

0428-07-PEGACHO (Teresa), MALTEZ (Antónia), *Recolha de orações, tradição oral*, S. Bento do Cortiço, Rancho Folclórico “As Azeitoneiras”, 2011, 48 p., il. Nota introdutória e recolha de orações populares da freguesia de São Bento do Cortiço, concelho de Estremoz. As orações destinavam-se para quando se sai de casa, quando está trovoada, na Quinta-Feira da Ascensão, nas procissões, quando se avista a igreja e se entra nela, para o deitar. Há ainda as orações de Santa Teresa de Jesus, Ave-Maria sem Falta, para quando se recebia a Sagrada Família em Casa, para a sexta-feira de Páscoa e dedicadas a Nossa Senhora, à Rainha Santa Isabel e ao Anjo da Guarda, entre outras. – (B1).

0429-07-PINHEIRO (Tarcísio), “Religiosidade popular (recolha na paróquia de Lavre)”, *Igreja Eborense: Boletim de Cultura e Vida da Arquidiocese de Évora*, n.º 18, 1994, p. 47-61.

Breve comentário e transcrição de orações recolhidas na freguesia de Lavre, concelho de Montemor-o-Novo, que tem por temas a morte de Jesus, Nossa Senhora ou estão relacionadas com o quotidiano religioso da população (orações da manhã, da noite, para dizer a caminho da igreja, ao entrar na igreja, ao sair da igreja) e as benzeduras, entre outras. – (D2-D3).

0430-07-POMBINHO JÚNIOR (J. A), *Orações populares recolhidas em Portel*, Lisboa – Portel, Edições Colibri – Câmara Municipal de Portel, 2001, 193 p., il.

Recolha de cento e setenta orações e encomendações populares efectuada durante o século XX, no concelho de Portel. A recolha compreende diversos exemplos de orações quotidianas para dizer de manhã, ao ouvir missa e para várias outras situações; outras orações eram ditas na comunhão, na extrema unção, na confissão e para quando está aberta a custódia, contra as trovoadas e para os crentes se encomendarem a diversas entidades sagradas. Algumas orações dirigiam-se especialmente ao Menino Jesus, ao Senhor Jesus Cristo, ao Meu Divino Jesus, à Senhora da Capelinha, da Lapa e da Encarnação, entre outras entidades. A recolha compreende ainda as encomendações ao Justo Juiz Divinal, a Jesus Cristo, a Santo António e a São Silvestre, entre outras orações. São igualmente coletados o Padre-Nosso Pequenino, o Padre-Nosso Consolador e o Padre-Nosso da Palma, assim como a Salve Rainha Pequenina. Introdução e edição crítica de GALHOZ (Maria Aliete). – (B1-D2-D3-D4)

0431-11-SIMÕES (Cunha), *Orações ao Dr. Sousa Martins contra as doenças e os sofrimentos*, Alcanena, Prima, [1996], 95 p., il.

Colectânea de stenta e cinco orações dedicadas a Sousa Martins (médico, 1843-1897), nascido em Alhandra, concelho de Vila Franca de Xira, considerado santo pelo povo, contra as doenças e os sofrimentos. Algumas são orações de apelo, desencanto e esperança, contra o desvio da alma e aberração da mente, bem como de agradecimento e de pedido de ajuda. – (B6).

0432-11-SIMÕES (Cunha), *São Vicente: o santo da energia*, Alcanena, Edições Cunha Simões, 2007, 47 p., il.

Conjunto de orações elaboradas pelo autor solicitando a ajuda de São Vicente, padroeiro de Lisboa, para enfrentar e resolver os mais diversos problemas e dificuldades do dia a dia, como por exemplo a insatisfação, o medo, a inveja, o mau-olhado, a saúde, o estudo e as tentações.

0433-11-SOARES (Maria Micaela), “Literatura Saloia”, *Etnografia da região saloia: a terra e o homem*, I Colóquio de etnografia da região saloia, 1987, Sintra, Instituto de Sintra, vol. I, p. 33-100 [12], il., mapa.

Breve comentário e recolha de literatura popular em parte de temática religiosa efectuada em 1986 nos concelhos de Sobral de Monte Agraço, Lourinhã,

Loures, Torres Vedras, Alenquer e, com menos profundidade, nos concelhos de Cadaval, Arruda dos Vinhos e Vila Franca de Xira, que integram a chamada região saloia (área rural dos arredores de Lisboa, a norte do rio Tejo). Algumas das composições recolhidas são orações, rezas, cantigas, respostas, loas para os círios que se dirigiam ao santuário de Nossa Senhora dos Remédios nos arredores de Peniche (distrito de Leiria), alusivas às cerimónias da Semana Santa ou a momentos do quotidiano, nomeadamente ao nascer do sol, ao deitar, ao chegar e ao entrar na igreja, assim como rezas para curar o quebranto. Elas são dedicadas a Deus, ao Senhor do Horto, ao Anjo Custódio ou Anjo da Guarda, a Nossa Senhora e aos santos António e Bárbara. Narrativas alusivas às lendas do Anjo Custódio (referência completa às doze palavras santas com que este se defendeu da tentação do demónio) e de São Lourenço. – (B4-D2-D3-D4).

0434-15-TEIGA (Carlos), *Romanceiro e oracioneiro da tradição oral do sudoeste alentejano: Alcácer do Sal, Grândola, Santiago do Cacém e Sines*, Santiago do Cacém, Edição do Autor, 2005, 333 p.

Recolha, organização e introdução do romanceiro e oracioneiro dos concelhos de Alcácer do Sal, Grândola, Santiago do Cacém e Sines. O corpus reunido é constituído por trezentos e vinte e duas composições dos quais cento e treze são orações simples ou consideradas como tal e cinquenta e sete orações narrativas. Os romances sacros e as orações narrativas tratam de diversos temas: a vida de Jesus, o ciclo de Natal e da Paixão, o louvor da Virgem e a sua intercessão, milagres, as almas santas, entre outros temas alusivos por exemplo a santos. O oracioneiro compreende orações de protecção e relacionadas com os fenómenos naturais, orações mariânicas, crísticas e dedicadas a santos, ligadas ao culto, a lugares e pessoas sagradas, assim como respostas, ensalmos, rezas, benzeduras e oferecimentos. – (B1-D2-D3-D4).

0435-15-VERÍSSIMO (Carlos), *Rezas antigas do povo de Sesimbra: laudas à minha terra*, Sesimbra, Câmara Municipal, 2000, 247 [1] p., il.

Compilação corrigida e aumentada de textos anteriormente publicados no *Jornal de Sesimbra* com orações do concelho de Sesimbra. Breve descrição de diversas festas, círios e costumes, seguindo-se para cada caso as orações correspondentes. O acervo recolhido contém orações da manhã, da noite e para durante o dia, de preparação para a missa, para fins diversos, para a desobriga e dedicadas ao Anjo da Guarda, ao Senhor das Chagas, a Nossa Senhora do Cabo, da Luz, da Consolação, do Carmo, entre outras invocações. Notas sobre as devoções e festas do Senhor Jesus das Chagas em Sesimbra, que segundo a tradição, teve origem na imagem do Senhor Crucificado que deu à costa de Sesimbra em 1534, começando então a procissão ao Senhor das Chagas, padroeiro dos pescadores, celebrado a 4 de Maio; a Nossa Senhora do Cabo,

à qual se realizam círios e festa no último domingo de Setembro, na igreja do Cabo Espichel (freguesia do Castelo em Sesimbra), que data de 1707; a Nossa Senhora da Luz (segundo domingo de Setembro); a Nossa Senhora da Consolação (primeiro domingo de Setembro); a Nossa Senhora do Carmo (16 de Julho); a Nossa Senhora da Arrábida, culto originado pela imagem encontrada no século XIII na Serra da Arrábida (concelho de Setúbal) por marinheiros que, após uma tempestade, para aí foram guiados por uma luz; a imagem era a mesma que tinha desaparecido da sua embarcação, decidindo por isso erguer para ela um altar. Segundo a lenda, o culto a Nossa Senhora do Cabo começou quando esta apareceu na praia, montada numa burrinha que trepou rocha acima, deixando nela os vestígios das patas; outra lenda conta que Nossa Senhora apareceu a um homem e a uma mulher que foram ao Cabo Espichel atraídos por uma luz misteriosa, onde encontraram a sua imagem. Aí fizeram uma capelinha e voltaram para as suas terras, divulgando a notícia. Dados sobre a devoção mariana em Portugal expressa no grande número de lugares de culto dedicados a Nossa Senhora, na proclamação da Imaculada Conceição como rainha e padroeira de Portugal em 1640, nos feriados nacionais dedicados a Nossa Senhora da Conceição (8 de Dezembro) e da Assunção (15 de Agosto), na peregrinação ao santuário de Nossa Senhora de Fátima (o grande altar mariano do mundo). Listagem de cânticos dedicados a Nossa Senhora oficializados pela Igreja: Ave-Maria, Magnificat e Salve Rainha, entre outros. Notas sobre práticas de “superstição”, seus agentes (como bruxas, cartomantes), objectos e sinais (como sonhos, figas, ferraduras, sal entornado) e recolha de rezas supersticiosas que apelam aos santos Onofre, Romão, Iria, Rita de Cássia, Bárbara, para tratar a erisipela, a entorse, para tirar o sol da cabeça, afastar a trovoada, curar todos os males, entre outros. – (B4-D2-D3-E5).

0436-.-VIANA (António Manuel Couto), “Prece ao Santo Condestável”, *Olhares de hoje sobre uma vida de ontem: Nuno Álvares Pereira, homem, herói e santo*, coordenação de OLIVEIRA (Humberto Nuno Mendes de), MOITA (Cristina Pita Pistacchini), TEIXEIRA (Ismael Pereira) Lisboa, Universidade Lusíada, 2009, p. 55.

Transcrição de uma prece a Nuno Álvares Pereira ou São Nuno de Santa Maria, carmelita que professou no convento de Lisboa.

0437-12-*Benção das mães e de seus filhos (na festa da Purificação de Nossa Senhora)*, Ponte de Sor, Gráfica Sorense, 1962, 11 p.

Cerimonial de benção das mães e dos filhos efectuada na festa de Nossa Senhora da Purificação em Ponte de Sor, sede do concelho do mesmo nome, que compreende cânticos, orações e recitações, salmos e antífonas. – (B4).

0438-11-“Literatura popular”, *Cira: Boletim Cultural*, n.º 2, 1986, p. 132-143.

Recolha de expressões de literatura oral do concelho de Vila Franca de Xira que inclui orações e um Padre-Nosso Pequeno. Várias orações são dedicadas a Santa Bárbara. – (D3-D4).

0439-12-*Novena a Santa Beatriz da Silva*, Prior Velho, Edições Paulinas, 2011, 48 p., il.

Novena a Santa Beatriz da Silva, fundadora da ordem da Imaculada Conceição, que compreende a oração inicial para todos os dias e celebra a sua vida de oração, a virgindade consagrada, o amor à Imaculada, a aparição de São Francisco de Assis e Santo António, o pedido de fundação da ordem, o amor à Eucaristia, o amor à Paixão do Senhor, a aprovação da ordem, a morte de Santa Beatriz da Silva que nasceu em Campo Maior, sede do concelho do mesmo nome. – (D4).

0440-15-*Novena de São João Baptista para uso do povo da vila de Alcochete*, Alcochete, Câmara Municipal, 2012, 64 p.

Fac-simile da edição de 1890 da novena de São João Baptista para uso do povo de Alcochete, sede do concelho do mesmo nome, que compreende meditações e orações. – (D4).

0441-07-*Orações tradicionais da religiosidade popular*, organização de COELHO (Francisco José Senra), Lisboa, PAULUS Editora, 2013, 255 p.

Recolha de orações tradicionais da piedade popular recolhidas quase exclusivamente em localidades dos distritos de Évora e Portalegre e algumas do distrito de Santarém. A recolha é constituída por orações da manhã, da noite, preces, ofertas e agradecimentos a Jesus Cristo, orações para o culto, para missa e para os sacramentos, assim como por orações dedicadas a entidades como Nossa Senhora, anjos, santos e para serem ditas pelas Almas do Purgatório ou durante os ciclos do Natal e da Quaresma. A introdução trata de questões terminológicas para justificar o uso da expressão “religiosidade popular” em vez de “catolicismo popular”, das especificidades do catolicismo histórico no ocidente peninsular, da integração da piedade popular no magistério da Igreja e da importância da devoção à Virgem Maria na piedade popular. – (B1-D2-D3-D4).

0442-07-*Saberes de uma vida: recolha etnográfica*, Mourão, Câmara Municipal, 1998, 173 p.

Recolha de elementos da tradição oral realizada junto dos idosos do concelho de Mourão em 1997. Contém uma recolha de benzeduras para a erisipela, a dor de cabeça, o quebranto, a entorse e de orações para quando se vai à igreja ou se faz uma viagem e para vários momentos do dia, entre outras finalidades.

Nas benzeduras e sobretudo nas orações são invocados Cristo, Deus, Nossa Senhora e os santos António, Jerónimo, Silvestre e Rosa. – (D2-D3-D4-E6).

0443-11-*Santo António de Lisboa: testemunho da sua oração*, Braga – Porto – Lisboa, Editorial Franciscana, 1995, 95 p., il.

Antologia de orações e exortações (inviatórios) que integram os sermões de Santo António e se caracterizam como essencialmente catequéticas e pastorais. Invocam ou dirigem-se a Deus, à Santíssima Trindade, ao Espírito Santo, a Jesus Cristo e à Virgem Maria. – (B5).

B4 – Cânticos

0444-07-ALEGRIA (José Augusto), “Expressões da devoção mariana no Alentejo: I. Na música religiosa”, *Actas das jornadas mariológicas, Eborensia: Revista do Instituto Superior de Teologia de Évora*, nº 17-18, 1996, p. 73-78.

Nota sobre a música religiosa de temática mariana em Portugal no século XVII, cujos compositores estiveram ligados artisticamente à Sé de Évora. Os três autores que publicaram obras de música aprenderam em Évora, cantaram no coro da Sé e exerceram a sua actividade em Lisboa. Entre essas obras estão três exemplos do Magnificat, dois dos quais reeditados no século XX. – (D2).

0445-11-ALEGRIA (José Augusto), “Os frades de S. Francisco e a música no convento de Mafra”, *Itinerarium*, n.º 169, 2001, p. 147-156.

Notas sobre a presença dos frades da Ordem de São Francisco de Assis em Portugal na Idade Moderna e, fundamentalmente, sobre a música no convento de Mafra, sede do concelho do mesmo nome. Nos seus conventos, os frades capuchos entregavam-se à oração e à pregação, cantavam a liturgia na sua expressão mais simples (a qual ficou conhecida por música capucha), costumavam estimular a piedade popular através de exercícios de devoção, entre os quais avultava a Via-Sacra, inventavam jaculatórias em vernáculo e cantavam a duas ou três vozes. O canto dos frades atraía às igrejas dos conventos a gente popular, a nobreza e o próprio Dom João V, o que terá estado na origem da escolha dos franciscanos para povoar o convento de Mafra. Em 1744, sob a égide de Dom João V, os frades arrábidos (capuchos) tomaram posse do convento de Mafra, com a incumbência de nele fomentarem o culto da liturgia cantada. A partir de 1747, por determinação real, todos os conventos das províncias franciscanas passaram a cantar ao uso de Mafra. Análise do livro de côro publicado em 1743 com o nome de «Theatro Ecclesiastico», considerado muito importante, já que os cantores das igrejas portuguesas tinham pela primeira vez em mãos um livro que continha todas as melodias litúrgicas do calendário. Durante as últimas décadas do século

XV e primeiras do século XVI, as inquietações reformistas de simplificação da vida religiosa proporcionaram aos franciscanos a atracção de muitos jovens e a fundação de vários conventos em Portugal. Referência a diversos conventos franciscanos erigidos por todo o país, sobretudo a partir do século XVI, nomeadamente os de São Pedro de Alcântara, em Lisboa, e de Mafra (concluído em 1744). – (A5).

0446-12-BARATA (José Pedro Martins), “As ‘Xácolas’ em Montalvão e Póvoas e Meadas no extremo-norte alentejano”, *Revista de Portugal*, série A: Língua Portuguesa, vol. XXXI, 1966, p. 410-420; *As ‘Xácolas’ em Montalvão e Póvoas e Meadas no extremo-norte alentejano*, separata da Revista de Portugal, vol. XXXI, 1966, p. 410-420.

Notas e recolha de diversos cantares entoados nas freguesias de Montalvão, concelho de Nisa, e de Nossa Senhora da Graça de Póvoa e Meadas, concelho de Castelo de Vide. São constituídos pelos cânticos da Encomendação das Almas, entoados por três homens nas quintas-feiras da Quaresma, e pelas xácolas ou xácaras, algumas das quais provinham do romanceiro espanhol. Uma das xácolas tem por tema Santa Helena Milagrosa e outras têm um fim moral, sendo cantadas igualmente no período da Quaresma.

0447-12-BUCHO (Domingos Almeida), “Origem das danças à Senhora da Alegria”, *A Cidade: Revista Cultural de Portalegre*, n.º 7, 1983, p. 23-26, il.; n.º 8-9, 1983, p. 45-48, il.

Recolha da letra e música e representação esquemática dos movimentos da dança das ciganas e da dança das meninas realizadas em louvor de Nossa Senhora da Alegria durante a sua procissão em Alegrete, concelho de Portalegre, a 15 de Agosto. A dança das ciganas visava agradecer o milagre da extinção de uma peste que ocorreu a meados do século XIX: Nossa Senhora fez levantar uma neblina depois de colocada a sua imagem na muralha, dando-se o milagre da peste acabar. Apresentação esquemática das coreografias e transcrição das canções que as acompanhavam, nas quais são invocados Nossa Senhora da Alegria e os santos Francisco de Assis, João Baptista, José e Ana. – (D2-E3-F1-F3).

0448-11-COSTA (Américo da), *Hinos de louvor (loas) a Nossa Senhora da Nazaré, festa de despedida de Sobral da Abelheira*, Torres Vedras, Gráfica Torriana, 1971, s. p., [8 p.]

Transcrição dos hinos de louvor (loas) a Nossa Senhora de Nazaré, entoados na festa de despedida, em 28-29 de Agosto de 1971 na freguesia de Sobral da Abelheira, concelho de Mafra. Os hinos são entoados em partes distintas das festividades: no princípio e no final da procissão, na despedida e quando era entregue a bandeira a outra freguesia. – (D2-E3).

0449-11-COSTA (Paulo Ferreira da), “Notas sobre o cantar das janeiras no concelho do Cadaval”, *Sítios e Memórias*, n.º 5, 1998, p. 10-17, il.

Notas sobre a tradição do cantar das janeiras no concelho do Cadaval, conhecida desde o século XIX, mas que terminou em meados do século XX, com base nas recolhas feitas por Michel Giacometti em 1971. Na freguesia de Alguber estes descantes tinham lugar nos dias de Natal, de Ano Novo e de Reis, sendo acompanhados de um peditório para a festa da padroeira, Nossa Senhora da Soledade. Na freguesia de Vilar, concelho do Cadaval, cantavam-se os “Rezes” na véspera do dia de Reis. Apesar das várias interrupções, têm actualmente um estatuto de festa e compreendem cantares, dos quais se transcrevem alguns, grafismo nas casas e moinhos (pinturas dos “rezes”). Esta tradição conta apenas com a participação de homens. – (E6-H4).

0450-11-COTA (Cristina Maria de Carvalho), “A música e o culto antoniano na Real Casa e Igreja de Santo António à Sé no século XVIII: espólio musical sobrevivente”, *Itinerarium*, 209, 2014, p. 563-596, quadros.

A Real Casa e Igreja de Santo António à Sé (assim descrita por se encontrar construída ao lado da Sé de Lisboa), na freguesia da Sé, foi um dos lugares de culto de Lisboa que mais sofreu com o terramoto de 1755. Aliada à destruição da sua estrutura, com excepção da capela-mor, da imagem de Santo António e do lugar onde nasceu, também se perdeu a sua livraria musical, que se supõe ter sido rica em obras de polifonia. Após o terramoto, tomaram-se imediatas providências para retomar o culto divino, adquirindo-se tudo o que foi mais necessário: novos livros litúrgicos, novas composições e um novo órgão. Comparação do espólio musical sobrevivente desta igreja com o levantamento efectuado por Manuel Valença em 1953. Revista de alguns episódios históricos relativos à actividade musical, antes e depois de 1755, que atingiu grande esplendor em virtude da presença de músicos da Capela Real nas duas principais festas do culto antoniano – a festa do dia de Santo António (13 de Junho) e a Festa da Trasladação do corpo do santo (15 de Fevereiro). Na igreja de Santo António havia a prática do canto da Paixão. – (D4).

0451-07-CRANMER (David), “O fundo musical do santuário de Nossa Senhora da Conceição, Vila Viçosa”, *Callipole: Revista de Cultura*, n.º 23, 2016, p. 171-187, il.

Análise do fundo musical do santuário de Nossa Senhora da Conceição em Vila Viçosa, sede do concelho do mesmo nome, que compreende missas, matinas, vésperas, salmos de véspera soltos, observações marianas, cântico de acção de graças, melodias do cantochão, entre outras composições. – (D2).

0452-15-FALCÃO (José António), FERREIRA (Jorge Rodrigues), “Versões de Janeiras e Reis na região de Santiago do Cacém (Baixo Alentejo-diocese de

Beja)”, *Igreja Eborense: Boletim de Cultura e Vida da Arquidiocese de Évora*, n.º 10, 1986, p. 182-192.

Nota introdutória e recolha de cantares de janeiras e dos Reis no concelho de Santiago do Cacém, constituída por cinco textos que são transcritos. O mistério do Natal é vivido pela piedade popular do Alentejo (distritos de Portalegre, Évora, Beja e parte do distrito de Setúbal), através do costume de comemorar o ciclo de doze dias ou ciclo de Natal (entre a noite de 25 de Dezembro e a da Epifania ou dia de Reis) com este tipo de cantares. Na área da recolha apresentam uma contaminação das duas espécies de composição: nas janeiras encontram-se versos dos Reis e nestes versos das janeiras. As janeiras são cantadas entre o Natal e o Ano Novo e os Reis entre o Ano Novo e o dia de Reis. Estas práticas são efectuadas por grupos de adultos e crianças que entoam ou recitam um conjunto de versos com a finalidade de desejar boas festas, recebendo em troca dádivas. – (B1-E6).

0453-11-FALCÃO (José António), “In honorem S. Beatricis da Silva hymn duo”, *Itinerarium*, n.º 103, 1979, p. 126-127.

Transcrição de um hino em latim em honra de Santa Beatriz da Silva para uso litúrgico. Nota hagiográfica da santa natural de Campo Maior, sede do concelho do mesmo nome, canonizada em 3 de Agosto de 1976. A Ordem Franciscana celebrou a sua memória litúrgica em 18 de Agosto e depois em 1 de Setembro, mas as clarissas concepcionistas festejam a sua fundadora a 17 de Agosto. – (B2).

0454-11-GALHOZ (Maria Aliete), “Um *Romance de Reis* da tradição oral do concelho de Alenquer e um *Romance de Reis* de um folheto setecentista – seguirão o mesmo protótipo?”, *Revista Lusitana*, n.º 16, 1997, p. 39-53.

Comparação entre um *Romance de Reis* de um folheto impresso em Lisboa, datado de 1753, e diversas versões de *Romances de Reis* de transmissão oral, cantadas no dia 6 de Janeiro, dia de Reis, entre a meia-noite e o despontar do sol, recolhidos no início da década de 70 do século XX, no concelho de Alenquer. Transcrição da edição fac-similada do folheto setecentista: *Musa/Devota/Em cantigas,/Que relatão a Misteriosa /Viagem, que fizerão os três Santos/Reys do Oriente a Belém,/A Adorar ao/Menino Deus/Nascido*. As versões orais foram recolhidas por GIACOMETTI (Michel). – (B1).

0455-11-GANDRA (Manuel J.), “Achegas para o estabelecimento do *Corpus* das loas da Senhora da Nazaré no concelho de Mafra”, *Boletim Cultural’01*, Câmara Municipal de Mafra, p. 533-560, il.

Contribuição para o estabelecimento do *corpus* das loas ou hinos a Nossa Senhora da Nazaré que eram executados pelos crentes de diversas freguesias do concelho de Mafra durante os círios ao santuário da Nazaré (distrito de

Leiria), datando sobretudo dos finais do século XIX e do século XX. As loas dividem-se em cinco momentos: entrega da bandeira, saída do círio, lugares do trânsito, chegada do círio e festa. – (B1-D2-E3-G1).

0456-12-GUADALUPE (Maria), “Os cantares dos Reis de Castelo de Vide”, *A Cidade: Revista Cultural de Portalegre*, n.º 2, 1981, p. 33-34 e p. 54.

Nota sobre a celebração do Natal em Castelo de Vide, sede do concelho do mesmo nome, há 50 anos, que se iniciava por volta do dia da Imaculada Conceição (8 Dezembro) e se prolongava até ao dia de Reis. Transcrição das quadras e romances entoados, que invocam principalmente a Virgem e o Menino. – (B1-E1-E6).

0457-11-JUSTINO (Lucília José), *A escrita e os escritos nas loas a Nossa Senhora: loas a Nossa Senhora da Nazaré (séculos XVIII-XXI)*, dissertação de mestrado apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa em 2002, 3 vol., 225 [78]-[149]-[209] p., dactilogr., il., mapas (consultável na Biblioteca Nacional de Portugal); *Loas a Maria: religiosidade popular em Portugal*, Lisboa, Edições Colibri, 2004, 194 [16], il., mapas.

Análise literária e interpretativa das loas (originalmente escritas) a Nossa Senhora da Nazaré, entoadas no giro anual da imagem de Nossa Senhora da Nazaré pelas freguesias do círio da Prata Grande, também chamado dos saloios (habitantes do campo dos arredores de Lisboa, a norte do rio Tejo) ou na sua romagem ao santuário de Nossa Senhora da Nazaré (distrito de Leiria) entre o século XVIII e o século XXI. As loas contêm uma mescla de elementos religiosos e profanos, de religião institucional e de piedade popular. O volume I contém o enquadramento sobre o culto mariano no mundo e em Portugal, dando exemplos de invocações, círios, iconografia e lendas. Interpretação temática das loas cujos temas dominantes são a Virgem, a tradição, a saudade, a história de Portugal (princípio da nacionalidade, invasões francesas, lutas liberais, I República, Estado Novo, guerra nas colónias). Considerações sobre o culto de Maria segundo a religião oficial e a piedade popular, de que as loas são exemplo. Contém ainda vários anexos com textos, músicas de duas loas, iconografia religiosa e fotografias com cenas do círio e do santuário da Nazaré (distrito de Leiria). Algumas imagens de Maria nas loas: a estrela, a sarça ardente, a medianeira e a mãe, entre outras. Os volumes II e III contêm a transcrição de loas a Nossa Senhora da Nazaré. – (B3-D2-E3-H1).

0458-15-JUSTINO (Lucília José), “Hinos de louvor/loas à Sra. do Cabo: instrumento folkcomunional e performativo”, *Cabo Espichel: em terras de um mundo perdido*, s. 1., Carlos Sargedas, 2014, p. 185-195, il.

Estudo sobre a função das loas no círio de Nossa Senhora do Cabo (Espichel), freguesia do Castelo em Sesimbra, onde se fundem o sagrado e o profano, o

erudito e o popular. As loas revelam também relações de força, interação e dinâmica social entre diferentes instâncias comunitárias, povo/poder, civil/religioso, expressões da piedade popular/institucional e de apropriação/adaptação, a persistência das formas da comunicação popular a novas realidades. As loas eram entoadas em diversos momentos, como por exemplo, durante a transmissão da bandeira e das relíquias entre freguesias, à chegada da procissão e à chegada da imagem a uma das freguesias do giro. Passadas a folheto desde o século XIX, as loas podem ser encaradas como objectos folkcomunicaçãois e performativos, isto é, instrumentos de comunicação pelas quais a cultura popular se expande, socializa e se modifica. Nota sobre o impacto da comunicação industrial massificada e da era digital. Algumas sugestões metodológicas para a abordagem das loas. – (B1-B3-D2).

0459-07-NERY (Rui Vieira), “A música na Sé de Évora como instrumento doutrinal”, *Do mundo antigo aos novos mundos: humanismo, classicismo e notícias dos descobrimentos em Évora (1516-1524)*, coordenação de CUNHA (Mafalda Soares da), Évora, Comissão Nacional das Comemorações dos Descobrimentos Portugueses – Câmara Municipal de Lisboa, 1999, p. 137-153, il.

Estudo sobre a importância e a função da escola de música da Sé de Évora desde o século XVI ao século XVIII. A Escola de Évora nasceu num contexto histórico-religioso marcado pela Contra-Reforma e o maneirismo, a cujas referências estilísticas se manterá arreigada resistindo à integração de novos modelos barrocos italianos nos planos da escrita operática e concertante. Na prática, porém, sob a aparência da continuidade, foram sendo incorporados várias inovações. A Escola de Évora foi um pólo de criação músico-litúrgica ao longo de quatro séculos que permanecerá assumidamente tridentino, produzindo um repertório que funcionou como veículo de catequese e como componente funcional da liturgia. – (A5).

0460-15-PINTO (Maria Adelaide), *Toadas, cantares e danças de Setúbal e sua região: factos e tradições*, Setúbal, Junta Distrital de Setúbal, [D.L. 1971], 101 p., il.

Notas e recolha de toadas, cantares e danças de Setúbal e da sua região, nomeadamente loas e cânticos entoados nos círios e romarias, sobretudo pelos pescadores, durante o século XIX e primeira metade do século XX. Os cânticos de cariz sagrado eram interpretados pelo círio de Setúbal a Nossa Senhora da Arrábida (saída, chegada ao templo e despedida) e por outros dedicados à mesma invocação, a Nossa Senhora do Cabo (Espichel, freguesia do Castelo em Sesimbra) e a Nossa Senhora do Cais (Setúbal). As preces e agradecimentos eram dirigidos ao Senhor do Bonfim. Alguns cânticos aludiam à Natividade de Jesus. Dados sobre os círios e romarias realizados em honra do Senhor do Bonfim, de Nossa Senhora da Arrábida (serra do concelho de

Setúbal), do Cabo, do Cais e de Santo António. Notícias de lendas de Nossa Senhora da Arrábida (salvamento de um naufrágio) e de Nossa Senhora do Cais. Transcrição de cânticos de Natal dedicados ao Menino Jesus. Menção de igrejas e capelas dedicadas ao Senhor do Bonfim, ao Corpo Santo (Pedro Gonçalves Telmo), a Nossa Senhora do Livramento e a São Julião, assim como de confrarias, nomeadamente a confraria dos Navegantes ou de São Pedro Gonçalves Telmo ou Corpo Santo. – (D2-D3-E3-G4).

0461-12-SALGUEIRO (Manuel Ramiro), “Um ‘pedir-chuva’ na freguesia do Salvador” *Ibn Maruán: Revista Cultural do Concelho de Marvão*, n.º 7, 1997, p. 53-136. II.

Introdução, transcrição e análise de hinos utilizados para pedir chuva na freguesia de São Salvador da Aramenha, concelho de Marvão, datados do século XIX. Neles são invocados o Padre Eterno, Jesus Cristo, o Senhor dos Passos, dos Perseguidos, Sacramentado, Ressuscitado, a Virgem, Nossa Senhora do Amparo, das Dores e da Esperança. Análise do meio topo-hidrográfico e reconstituição da letra e da melodia de treze fragmentos do cântico recolhido de uma informante da freguesia, que participou em dois pedir-chuva. O pedir-chuva era uma procissão feita em ocasião de seca prolongada na qual participavam os habitantes de todos os lugares da freguesia com as imagens dos santos venerados nas capelas da mesma. – (D2-D3-E3).

0462-11-SANTOS (Margarida), “As loas do círio de Nossa Senhora da Nazaré: análise de um discurso”, *Boletim Cultural '99*, Câmara Municipal de Mafra, p. 47-70, quadros.

Análise interpretativa da composição e conteúdo semântico das loas em louvor de Nossa Senhora da Nazaré entoadas pelo Círio da Prata Grande que iam ao santuário da Nazaré (distrito de Leiria) e pelos habitantes das freguesias dos concelhos de Sintra e de Mafra, no período de 1822-1991. Este período é subdividido em quatro momentos: 1822-1893; 1927-1968; 1978 e 1985-1991, nos quais as loas expressam diferentes modos de relacionamento entre a comunidade e a Virgem e entre o significado do círio e “a visão do mundo camponesa”, que concebe as trocas com o divino em termos de reciprocidade simétrica e depois assimétrica (acentua-se a inacessibilidade ao divino), que ocupa/integra a Virgem na vida do quotidiano local. O tema central da loa gira em torno do motivo que conduziu ao estabelecimento da promessa, reforçando a fé dos antepassados pelas gerações sucessivas. O voto inicial é validado pela repetição do gestos: o cantar da loa e a participação da freguesia na festa do círio. A composição das loas é vulgarmente entregue ao pároco, se a relação entre este e a população for boa; a um elemento da elite letrada ou a alguém a quem é reconhecido o mérito religioso e “veia artística” para tal. As loas sublinham certos passos do círio como por exemplo a alegria pela

entrada/retorno da imagem de Nossa Senhora à povoação e à igreja paroquial, após dezassete anos de ausência, a sua entrega a outra freguesia, a saudade/tristeza da despedida e a esperança do regresso. No seu conteúdo a matriz poética mantém-se, alterando-se contudo as preocupações locais de cada freguesia nas preces à Virgem. Descrição de alguns passos da cerimónia da passagem/entrega da imagem de uma freguesia a outra. São focados alguns aspectos referentes ao significado e, como a autora designa, à “história funcional” do círio no contexto das alterações sociopolíticas nacionais e locais, demonstrando-se como o domínio do religioso pode servir como reforço dos laços de solidariedade entre freguesias ou servir as aspirações de autonomia. Em anexo, são apresentados quadros com a análise do conteúdo das loas e a relação entre sequências do ritual, os temas e as emoções. – (B1-A5-D2-E3).

0463-11-SARDINHA (José Alberto), “Música de tradição oral na região de Torres Vedras”, *Torres Cultural*, n.º 4, 1991, p. 39-43, il.

Estudo de âmbito etno-musical que aborda a produção musical popular na zona de Torres Vedras, sede do concelho do mesmo nome. Nota sobre algumas manifestações de piedade popular, nomeadamente os círios e romarias ao santuário de Nossa Senhora da Nazaré, dos Remédios, em Peniche, ao Bom Jesus do Carvalhal (todos do distrito de Leiria) e a Santa Quitéria, em Meca, concelho de Alenquer, nos quais se cantam loas. Os cânticos da Verónica e das Três Marias eram entoados na procissão dos Passos. Alusão aos cantares das janeiras dos concelhos de Peniche e Bombarral, ambos do distrito de Leiria, e do concelho da Lourinhã. – (D2-D3-D4-E3).

0464-...-SARDINHA (José Alberto), *Tradições musicais da Estremadura*, Vila Verde, Tradisom, 2000, 638 p., il., mapas. *Tradições musicais da Estremadura*, recolhas de José Alberto Sardinha, [s. l.], Tradisom, 3 CD, [s. data].

Estudo e recolha das tradições musicais profanas e sagradas da Estremadura (parte do distrito de Leiria, distrito de Lisboa, parte do distrito de Setúbal). As tradições musicais da piedade popular recolhidas estão ligadas às manifestações litúrgicas ou para-litúrgicas e às práticas cerimoniais que dimanam dos impulsos mágico-religiosos do povo da Estremadura, no quadro das quais são analisados. No ciclo de Inverno, são integrados os cânticos do dia de Todos os Santos, da Natividade, das janeiras (festejar o novo ano) e dos Reis (anunciar a chegada dos Reis Magos ao presépio), das celebrações de São Sebastião, das Almas do Purgatório, da procissão dos Passos, da Verónica, do Terço da Quaresma (terço cantado), dos Martírios do Senhor (descrevem os martírios de Jesus desde que foi preso até à morte) e o cântico das Excelências da Virgem (indulgências da Virgem) executado durante a Semana Santa. O ciclo da Primavera/Verão compreende os cânticos da Aleluia, dos ritos propiciatórios (benção dos campos na festa da Ascensão, procissões para

pedir chuva e das ladainhas de Maio ou rogações), dos Impérios do Espírito Santo, das festividades do Corpo de Deus, das festas dos Santos Populares e as loas dos círios de Nossa Senhora dos Remédios em Peniche (distrito de Leiria), de Nossa Senhora da Atalaia (concelho do Montijo), de Nossa Senhora do Cabo (Espichel, freguesia do Castelo em Sesimbra) e de Nossa Senhora da Nazaré no santuário da Nazaré (distrito de Leiria). Do romanceiro religioso foi recolhido o Romance do Lavrador. Os anexos são constituídos pelo apêndice musical (letra e música), pelo devocionário (orações, rezas e benzeduras) e por um guia de audição dos discos. O livro inclui 3 CD com os cânticos. – (B3-D2-D4-E3).

0465-12-SIMÃO (Maria de Lurdes Pinheiro), *O falar da povoação de «Alagoa»: concelho de Portalegre*, Portalegre, Junta Distrital, 1989, 72 [7] p., il.

Breve exposição dos resultados de um inquérito linguístico efectuado na freguesia de Alagoa, concelho de Portalegre, que contém informações sobre usos e costumes religiosos, na maior parte já desaparecidos. Antigamente realizavam-se as festas anuais de Nossa Senhora de ao Pé da Cruz, do Rosário e de São João Baptista. Na freguesia permaneciam ainda “superstições” relativas às bruxas ou seja mulheres de idade que sabem lançar o mau-olhado e contra as quais existem práticas de protecção. Breves referências às tradições ligadas ao Natal, aos dias de Reis, de São João Baptista e de Todos os Santos. Transcrição de cânticos para o Natal e para o dia de São João Baptista e de uma fórmula para afugentar a trovoada, onde se invoca Santa Bárbara. Menção das romarias da região, que se dirigem ao santuário do Senhor do Aflitos em Portalegre, e de Nossa Senhora da Redonda na freguesia de Alpalhão, concelho de Nisa. – (D2-D3-E5-E6).

0466-11-SOUSA (Filomena), BARBIERI (José), *O pintar e cantar dos reis no concelho de Alenquer*, Alenquer, Memória Imaterial, 2016, 105 p., il.

Descrição do costume de cantar e pintar dos reis na noite de 5 para 6 de Janeiro no concelho de Alenquer, tomando como exemplo as práticas ocorridas em nove localidades no ano de 2016. Apresenta-se uma retrospectiva histórica com informações que contextualizam os diferentes momentos da manifestação (a festa, os ritos, a pintura e os cantares), dados que explicam a origem e o modo como o pintar e o cantar dos Reis evoluiu até aos nossos dias. São descritas as particularidades e sentidos atribuídos por cada localidade a esta tradição em 2016. Pretende-se salientar a importância dessa variedade que contribui para a riqueza desta expressão cultural. Transcrição da letra de alguns cantares dos Reis. – (E6-H4).

0467-11-VALENÇA (Manuel), “A escola de música do convento de Mafra”, *O franciscanismo em Portugal: actas*, Lisboa, Fundação Oriente, 1996, p. 288-299.

Subsídios para a história da escola de música dos franciscanos Arrábidos (nome tem origem no mosteiro situado na Serra da Arrábida, concelho de Setúbal) no convento de Maфра, sede do concelho do mesmo nome, nos séculos XVIII-XIX, que punha em prática a reforma do canto gregoriano aprovada em 1725. A escola teve origem no início do século XVIII no convento franciscano de Santa Catarina de Alexandria, freguesia de Cruz Quebrada – Dafundo, concelho de Oeiras, e foi transferida para o convento de Maфра quando os frades Arrábidos ali se instalaram por volta de 1730. O convento de Maфра foi um centro de irradiação do canto gregoriano. – (A5).

0468-15-*Cancioneiro regional da Ericeira*, coordenação de JORGE (Maria da Conceição), Lisboa, Mar de Letras – Editora, 2000, 111 p., il.

Recolha do cancionero regional da Ericeira, concelho de Sintra, que contém uma parte de temática sagrada composta por duas loas em louvor de Nossa Senhora da Nazaré datadas de 1812 e de 1999. – (D2).

0469-07-*Cantadores de almas: a memória da aldeia*, Estremoz, Edição do Núcleo de Dinamização Cultural, 1979, 31 [1] p. (consultável na biblioteca do Centro de Humanidades da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa).

Transcrição de músicas e letras do cantar das almas ou encomendação das almas executadas em Santa Vitória do Ameixial, concelho de Estremoz, tradição que se realiza no dia 31 de Dezembro e na noite de Reis. Notas sobre este costume: a composição dos grupos de cantadores e o percurso; a prática recolhida distingue-se das que se realizam no norte de Portugal pelo fato de decorrerem fora da Quaresma, de os cantadores representarem as almas dos mortos que visitam os vivos e de executarem os cânticos tantas vezes quantas as casas visitadas. – (E3).

0470-12-*Cantares de S. João nas ruas de Arronches*, Arronches, Câmara Municipal, 1984, 49 [1] p., il.

Recolha e transcrição de cantares populares alusivos a São João Baptista em Arronches, sede do concelho do mesmo nome, executados no dia da sua festa, 24 de Junho. Os cantares invocam, além de São João Baptista, Nossa Senhora da Luz e os santos António e Pedro. – (D4).

0471-12-*Cânticos e orações para os congressos diocesanos e concentrações*, Castelo de Vide, Edição do Santuário de Nossa Senhora da Penha, 1964, 24 p.

Transcrição de cânticos e orações para os congressos da diocese de Portalegre-Castelo Branco e concentrações. – (B3).

0472-15-*Cânticos para a Eucaristia*, Sesimbra, Paróquia do Castelo, [D.L. 1994], 38 p.

Compilação de cânticos para serem entoados em diferentes momentos da eucaristia na paróquia e freguesia do Castelo, em Sesimbra, sede do concelho do mesmo nome: entrada, ofertório, comunhão e acção de graças. – (E1).

0473-11-*Cânticos religiosos dedicados a Nossa Senhora da Nazaré*, Mafra, Tipografia Liberty, 1961, 4 p., il.

Cânticos dedicados a Nossa Senhora da Nazaré entoados pelos crentes da freguesia de Santo Isidoro, concelho de Mafra, durante o círio de Nossa Senhora da Nazaré. – (D2-E3-G1).

0474-07-“Como se celebrava o Natal em algumas terras do Alentejo”, coordenação de SENO (Fernanda), *Igreja Eborense: Boletim de Cultura e Vida da Arquidiocese de Évora*, n.º 10, 1986, p. 171-181.

Nota sobre os costumes e rituais religiosos populares recolhidos em diversas localidades da diocese de Évora, como a consoada, o presépio e a missa de galo. Transcrição de alguns cantares de Reis e das janeiras. – (E6).

0475-11-*Fundo musical: século XVI ao século XIX*, coordenação de SILVA (Nuno Vassalo e), Lisboa, Santa Casa da Misericórdia – Arquivo Histórico/Biblioteca – Museu de São Roque, XXX-295 p., il. (Centro de Documentação da Misericórdia de Lisboa).

Catálogo do fundo de duzentos e quarenta e cinco peças musicais (letra e música) dos séculos XVI a XIX existentes na biblioteca da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa. Conjuntamente com o livro foi editado um *compact disc* no qual foram gravadas algumas obras relacionadas com Portugal (Anjo Custódio, Rainha Santa Isabel), com Lisboa (Santo António e São Vicente), com a Santa Casa da Misericórdia (novena a São Roque e festa da Visitação), e com a actividade litúrgica da Misericórdia (Missa Solene), cujos textos são reproduzidos. O descritivo das obras considera apenas as partes ou as páginas com música, que na sua maior parte consta do repertório do cantochão gregoriano. Introdução de CARDOSO (José Maria Pedrosa), que descreveu igualmente as obras catalogadas por MANOEL (Francisco d’Orey). – (D4-G2).

0476-11-*Hinos de louvor (loas) a Nossa Senhora da Nazaré dedicadas pela freguesia de Azueira, concelho de Mafra, 15 e 16 de Setembro de 1973*, Torres Vedras, Gráfica Torriana, [1973], [10 p.], il.

Transcrição de loas dedicadas a Nossa Senhora da Nazaré em 15-16 de Setembro de 1973, pela freguesia de Azueira, concelho de Mafra. Estes hinos de louvor são cantados no momento da partida e chegada do círio, na recepção da bandeira, no começo, durante e no fim da procissão que se realizava

até à igreja paroquial de Nossa Senhora do Livramento, freguesia de Sobral da Abelheira, concelho de Mafra. – (D2-E3-G1).

0477-11-*Loas a Nossa Senhora da Nazaré*, Mafra, Tipografia Liberty, 1960, [1 p.]. Transcrição de loas dedicadas a Nossa Senhora da Nazaré, pela freguesia de Mafra, sede do concelho do mesmo nome, entoadas durante os vários passos do círio pela freguesia entre 16 e 18 de Setembro de 1960. – (D2-E3-G1).

0478-11-*Loas a Nossa Senhora da Nazaré*, Torres Vedras, Gráfica de Torres Vedras, 1964, 7 p.

Transcrição de loas a Nossa Senhora da Nazaré, cantadas em vários momentos da festa e círio em honra de Nossa Senhora da Nazaré, que se realiza de dezassete em dezassete anos, na igreja paroquial da freguesia de São Pedro da Cadeira, concelho de Torres Vedras. – (D2-E3-G1).

0479-11-“As loas de João de Deus à Sr.^a do Cabo (Almargem do Bispo, 1877)”, *Nossa Senhora do Cabo: festas de Almargem do Bispo. Giro saloio 575 anos*, Almargem do Bispo, Comissão de Festas de Nossa Senhora do Cabo Espichel, 2005, p. 81, il.

Reprodução das loas a Nossa Senhora do Cabo (Espichel, freguesia de Castelo em Sesimbra) feitas pelo poeta João de Deus em 1887 para o círio de Almargem do Bispo, concelho de Sintra. Eram entoadas em vários momentos: ao receber a bandeira, após a recepção, à saída, no trânsito, à chegada e na igreja. – (B1-D2-E3-G1).

0480-11-*Loas em Honra de Nossa Senhora do Cabo Espichel*, [Sintra], Tipografia Medina, 1984, 8 p.

Compilação de loas em honra de Nossa Senhora do Cabo (Espichel, freguesia do Castelo Sesimbra), executadas pelo círio da freguesia de Terrugem, concelho de Sintra, na festa de despedida da imagem, em 26 de Agosto de 1984, e na sua entrega, em 9 de Setembro do mesmo ano, à freguesia de Famões, concelho de Loures. – (D2-E3).

0481-11-*Pintar e cantar os Reis: o percurso de uma tradição*, Cadaval, LeaderOeste, 2000, 23 [1] p., il.

A prática do cantar e pintar dos Reis, que celebra o presépio e os Reis Magos, é uma tradição que se realiza na noite de 5 de Janeiro em diversas freguesias dos concelhos do Cadaval e de Alenquer, em que o cantar dos Reis é acompanhado pela execução de pinturas nas paredes das casas junto das quais se cantava. Análise das cores, dos símbolos e das siglas. Descrição do cantar e pintar os Reis no lugar de Pereiro da freguesia de Vilar, concelho do Cadaval. Transcrição de alguns versos. – (E6-H4).

0482-11-*Religiosas saudações de amor e respeito que à Virgem Nossa Senhora da Nazaré dirigem os mordomos da freguesia de Santo André*, Mafra, Tipografia Liberty, 1960, [2 p.], il.

Cânticos de saudações a Nossa Senhora da Nazaré dirigidas pelos mordomos da freguesia de Mafra, sede do concelho do mesmo nome, por ocasião das festas dos “velhos” e dos “novos” em 15 e 21 de Agosto de 1960. Os cânticos eram entoados antes e depois da festa, ao recolher da procissão e durante a entrega da bandeira aos mordomos da freguesia de Santo Isidoro, concelho de Mafra. – (D2-E3).

0483-12-*Santa Beatriz da Silva*, Lisboa, Gráfica Rádio Renascença, 1976, [1] p. Transcrição de um acto de contrição, uma antífona e uma oração a Santa Beatriz da Silva, natural de Campo Maior, sede do concelho do mesmo nome. Notícia histórica sobre Santa Beatriz da Silva fundadora da Ordem da Imaculada Conceição (1489). – (B3).

B5 – Pregação, catequese, missões

0484-11-ARAÚJO (António de Sousa), “Figuras veneradas de franciscanos”, *Itinerarium*, n.º 146-147, 1993, 235-268.

Compilação de textos publicados no mensário *Missões Franciscanas* desde Novembro de 1991 a Dezembro de 1992, sobre o papel educativo de algumas personagens que viveram no convento franciscano do Varatojo, freguesia de Santa Maria do Castelo e São Miguel, em Torres Vedras, fundado no final do século XV por voto do rei a Santo António de Lisboa. Destinava-se à preparação de missionários apostólicos ou pregadores de missões paroquiais, cuja acção visava o aprofundamento e a renovação da fé cristã. Instituído como seminário em 1679, foi extinto em 1834 (extinção das ordens religiosas) e reabilitado em 1861. Em 1910 passa a asilo de mulheres idosas, embora a igreja conventual seja salva graças à criação da irmandade de Santo António, aprovada em 1918. Em 1928, passa de novo a seminário e desde 1941 é Casa de Noviciado. Elementos biográficos relativos a religiosos ligados ao seminário, nomeadamente frei José dos Corações (cardeal José Neto) que morreu com fama de santo. Breve história do convento. – (A5-C2-I3).

0485-15-ARAÚJO (Horácio), “Praias do Sado: uma experiência de missão em meio operário”, *Reflexão Cristã*, n.º 5, 1976, p. 20-28.

Relato e reflexões sobre uma experiência de missão levada a cabo por uma comunidade cristã em meio operário em Praias do Sado, freguesia do Sado, concelho de Setúbal, nos anos 1966-1970. O grupo enfrentou a resistência da comunidade descrentianizada em que se integrou, bem como a resistência e

a desconfiança da igreja tradicional. São salientados os aspectos inovadores da experiência, que reflectem uma nova Igreja representante dos pobres, e feito um balanço dos seus resultados.

0486-15-COUTO (A. Sílvio), *150 meses ao ritmo de Sesimbra*, Sesimbra, Fábrica da Igreja de Santiago, 2010, 211 p.

Resumo de várias crónicas escritas pelo autor entre 2006 e 2010, reunidas em jeito de balanço da acção pastoral realizada ao longo de pouco mais de doze anos como pároco da freguesia de Santiago, em Sesimbra, sede do concelho do mesmo nome. Destacam-se o balanço das actividades ao nível da divulgação da palavra, da celebração festiva da liturgia e da caridade, os cursos de evangelização, as reflexões à volta do Natal e da Páscoa (queima do judas, novenas, conferências quaresmais e Via-Sacra, Festa dos Reis, procissão eucarística), o culto ao Senhor Jesus das Chagas (o simbolismo socio-religioso dos cartazes da festa, a procissão, as orações), as principais manifestações festivas em honra de Nossa Senhora do Cabo (Espichel, freguesia do Castelo) e da Boa Viagem, assim como palestras e conferências, entre outros temas onde está bem patente a finalidade evangelizadora. – (A5-D2-D3-H5).

0487-..-FERNANDES (José Palos), “A nova evangelização como resposta para a situação religiosa actual”, *Eborensia: Revista do Instituto Superior de Teologia de Évora*, n.º 19-20, 1997, p. 115-142.

Conferência proferida por um clérigo em Évora sobre a temática da nova evangelização, projecto lançado pelo papa João Paulo II, em particular na exortação apostólica *Christifideles Laici* de 1988, que invoca a necessidade de uma renovada evangelização do primeiro mundo entregue a tendências antirreligiosas dissolventes (consumismo e ateísmo). Algumas “deformações” do cristianismo português: é mais atento à salvação do que ao compromisso com este mundo e com os problemas da justiça; é marcado pelo individualismo e pelo interesse manifestado na procura de soluções dos problemas imediatos por meio de orações, de promessas e de ritos eficazes, assim como pela busca de milagres que lhe concedam segurança e protecção divina; é caracterizado ainda pela veneração dos antepassados ou por um sentimentalismo folclórico. Para combater este estado de coisas, o autor desenvolve o seu pensamento abordando os seguintes aspectos: as respostas e os caminhos da nova evangelização, que é caracterizada, assim como são apresentados os conteúdos da evangelização em geral. – (A5).

0488-11-GARCIA (Maria Antonieta), “Sermões de autos-de-fé: o poder da palavra”, *Revista de Estudos Judaicos*, n.º 2, 1995, p. 37-47. “Sermões de autos-de-fé: o poder da palavra e as terapias da alma”, *Medicina na Beira Interior da Pré-história ao século XX: Cadernos de Cultura*, n.º 10, 1996, p. 39-44.

Breve estudo sobre a estrutura dos sermões dos autos-de-fé padronizada no século XVII. Análise de alguns sermões pregados em Lisboa, entre 1637 e 1714. Segundo o modelo definido no século XVII, o principal objectivo dos sermões era refutar a doutrina hebraica e elogiar e justificar a actividade do Santo Ofício. A traição era considerada o maior pecado dos cristãos-novos. – (A5).

0489-07-GOMES (Jesué Pinharanda), *O arcebispo de Évora Dom Teotónio de Bragança (escritos pastorais)*, Braga, Edição do Autor, 1984, 145 p.

Estudo sobre a acção do bispo da diocese de Évora, Teotónio de Bragança (1578-1602), onde são transcritos os seus escritos pastorais, nomeadamente um que apela o regresso das relíquias de São Manços, que se encontravam em Castela, e outro exortando à penitência pela queda de chuva e contra a seca que em 1596-1597 grassou no Alentejo (distritos de Portalegre, Évora, Beja e parte do distrito de Seúbal). É também transcrito o seu testamento. – (A5-E4).

0490-07-LAVAJO (Joaquim Chorão), “Os jesuítas e as missões no Alentejo no século XVI”, *Igreja Eborense: Boletim de Cultura e Vida da Arquidiocese de Évora*, n.º 15, 1991, p. 27-50.

Notas históricas sobre a acção evangelizadora da Companhia de Jesus no Alentejo (distritos de Portalegre, Évora, Beja e parte do distrito de Setúbal) na formação do clero e do laicado, a partir da sua fixação em Évora na segunda metade do século XVI, onde fundaram o colégio do Espírito Santo em 1551, que passou a universidade em 1559. A actividade evangelizadora realizou-se através do ensino, das missões populares, da confissão e da pastoral dos encarcerados, assim como dos seus métodos de pedagogia catequética. Informações sobre o crescimento e a expansão geográfica das actividades dos jesuítas estabelecidos em Évora até finais do século XVI. – (A5).

0491-11-LIMA (Durval Pires de), “O 5.º Sermão da Natividade, apologia do dia de sam Bartolomeu”, *Olisipo*, n.º 149, 1986, p. 87-107.

Notas sobre as celebrações realizadas em Lisboa a propósito do massacre da noite de São Bartolomeu, em França no ano de 1572: exposição do Santíssimo Sacramento, procissões, sermão, oração na igreja conventual da Graça. Este sermão é uma paráfrase ao começo do evangelho de São Lucas e divide-se em duas partes: a primeira dedicada à Virgem e a segunda ao massacre. Nesta segunda parte, não condena o massacre, antes pelo contrário.

0492-11-LOPES (Fernando Félix), “Últimos dias do seminário de Missionários Apostólicos de Varatojo”, *Itinerarium*, n.º 93-94, 1995, p. 323-354.

Transcrição e análise de documentos sobre o seminário apostólico franciscano do Varatojo, freguesia de Santa Maria do Castelo e São Miguel, em Torres

Vedras, sede do concelho do mesmo nome. Inicialmente era um convento franciscano (1474) dedicado a Santo António e, em 1679, foi transformado em Seminário de Missionários Apostólicos, sendo uma das casas religiosas de Portugal mais ativas na catequização da população portuguesa. As práticas religiosas estavam explicadas num código intitulado “Cerimonial Doméstico” e a sua catequização consistia em grupos de dois ou três religiosos que se deslocavam a pé ensinando a doutrina de Deus pelos caminhos de Portugal, com pouco mais do que o breviário da reza e as anotações para os sermões. Transcrição de documentos sobre a extinção do seminário.

0493-07-MANSO (Maria de Deus Beites), “Sebastião do Couto e o sermão do *auto de fé* de 1627”, *Congresso de História no IV centenário do Seminário de Évora: actas*, Évora, Instituto Superior de Teologia, 1994, vol. I, p. 317-328, quadros.

Análise do sermão do auto-de-fé proferido em Lisboa no ano de 1627, onde se procurava justificar a perseguição aos judeus. As discriminações abrangiam as áreas das funções administrativas, da residência e o não reconhecimento da nacionalidade. A análise aos indivíduos envolvidos no auto-de-fé revelaram não serem apenas judeus (cristãos-novos) mas também muçulmanos e cristãos-velhos. – (A5).

0494-11-MARQUES (José), “Alguns sermões marianos do fundo alcobacense da Biblioteca Nacional de Lisboa”, *Actas do colóquio internacional Cister: espaços, territórios, paisagens*, Lisboa, Instituto Português do Património Arquitectónico, 2000, vol. I, p. 189-205.

Contributo para estudo da espiritualidade específica da ordem cisterciense, de raiz beneditina, do mosteiro de Alcobaça (distrito de Leiria). Análise de uma selecção de diversos sermões marianos dos séculos XIV-XV, pertencentes ao fundo alcobacense da Biblioteca Nacional de Portugal em Lisboa, que se destinavam a cada uma das festas litúrgicas de Nossa Senhora, celebradas durante o ano litúrgico: Natividade, Anunciação, Purificação e Assunção. Os sermões cumpriam a tríplice função da pregação: anunciar o evento da salvação, ensinar e exortar. – (D2).

0495-11-POLICARPO (José da Cruz), “A lição do Santo Condestável em Lisboa”, *Carmelo Lusitano*, n.º 7, 1989, p. 9-12.

Homilia pronunciada pelo cardeal-patriarca e bispo da diocese de Lisboa nas ruínas do convento de Nossa Senhora do Carmo em Lisboa, por ocasião das celebrações dos seiscentos anos da batalha de Aljubarrota (distrito de Leiria) em 1985. Evocação da figura de Nuno Álvares Pereira ou Nuno de Santa Maria, o Santo Condestável, que, além de protagonista militar, se tornou num exemplo para os cristãos portugueses graças à sua devoção, em particular a Nossa Senhora, e à caridade. No final da vida ingressou no convento

do Carmo em Lisboa, que ele próprio fundou com o nome de frei Nuno de Santa Maria. – (B2).

0496-11-RAIMUNDO (Ricardo Varela), “Os discursos fúnebres proferidos em Lisboa por ocasião da morte de D. João V”, *Olisipo*, n.º 26, 2007, p. 45, quadro.

A morte do rei João V em 1750 originou diversas cerimónias e ritos fúnebres, entre os quais se destacam as orações fúnebres ou panegíricos, proferidos em Lisboa em honra do defunto. Foram identificadas dezassete proferidas por clérigos regulares, sobretudo da Companhia de Jesus e da Ordem de São Francisco de Assis. Estas orações tinham um cariz eminentemente político, sem deixar de exaltar as virtudes cristãs do monarca como a caridade e a protecção da Igreja e da religião.

0497-11-RAIMUNDO (Ricardo Varela), “O sagrado e o profano nas leituras torrienses na segunda metade do século XVIII”, *Turres Veteras X – História do sagrado e do profano*, Torres Vedras – Lisboa, Câmara Municipal – Edições Colibri – Instituto Estudos Regionais e do Municipalismo “Alexandre Herculano”, 2008, p. 201-107.

Análise de inventários de bibliotecas particulares de Torres Vedras, sede do concelho do mesmo nome, da segunda metade do século XVIII, onde ressaltam os seguintes aspectos: a primazia dos clérigos como proprietários de livros; todas as bibliotecas de leigos tinham livros de teologia, sobretudo os espirituais, escritos por clérigos, que figuram entre os textos mais lidos pela população torriense, sobrepondo-se aos textos de cariz profano. – (B1).

0498-11-REMA (Henrique Pinto), “Extratos dos sermões de Santo António”, *Album comemorativo do 750.º aniversário da morte de Santo António*, Lisboa, Edição da Igreja-Casa de Santo António, 1981-82, p. 19-50, il.

Extratos dos sermões e de orações de Santo António de Lisboa, onde são exaltadas as virtudes cristãs, nomeadamente a caridade, o amor ao próximo, a justiça, a humildade, a perseverança, bem como o amor à natureza. Releva-se o simbolismo dos mesmos presente na alusão a alguns animais que representam o Homem, o Bem e o Mal. – (B3).

0499-11-RIBEIRO (António), “O exemplo de uma vida de santidade”, *Itinerarium*, n.º 110-111, 1981, p. 124-129.

Homilia do cardeal-patriarca e bispo da diocese de Lisboa proferida na igreja de São Vicente de Fora, freguesia do mesmo nome em Lisboa, no ano de 1981. Breve análise da figura de Santo António: a sua cultura sagrada e profana esteve na origem de São Francisco de Assis o ter encarregado de ensinar teologia; o carácter humilde e o seu ideal missionário, visível no desejo de querer levar a palavra de Deus aos infiéis do Norte de África, mas que acabou por se concretizar nas suas pregações em Itália e França.

0500-1-RIBEIRO (António), “A lição do Santo Condestável em Lisboa”, *Carmelo Lusitano*, n.º 7, 1989, p. 9-12.

Homília do cardeal-patriarca e bispo da diocese de Lisboa proferida em 1985 no convento do Carmo em Lisboa, que exalta alguns aspectos da vida de Nuno de Santa Maria (fundador e residente do convento do Carmo): a prática quotidiana do amor a Deus e ao próximo, a assistência a doentes e a pobres, constituindo um exemplo para os homens de hoje. Alusão ao mosteiro de Santa Maria da Vitória na Batalha (distrito de Leiria) e ao convento do Carmo em Lisboa.

0501-11-TRONI (Joana Pinheiro de Almeida), “Para o estudo da parenética anti-judaica: o sermão do auto-de-fé de frei Filipe Moreira (Lisboa, 25 de Junho de 1645)”, *Olisipo*, n.º 26, 2007, p. 7-13.

Análise do sermão pregado por frei Filipe Moreira da Ordem de Santo Agostinho no auto-de-fé realizado em Lisboa, no Terreiro do Paço, a 25 de Junho de 1645. Representava um rito protocolar que se desenvolvia em torno do pecado e da reconciliação. No caso estudado, o autor expõe os erros da fé judaica, opõe as atitudes cristãs às judaicas enaltecendo aquelas e, finalmente, identifica os problemas que os judeus trouxeram a Portugal desde que foram acolhidos no reino. – (A5).

0502-11-“Equipas de evangelização”, *Reflexão Cristã*, n.º 5, 1976, p. 41-50.

Relatório de uma equipa de evangelização sobre uma experiência levada a cabo na freguesia da Encarnação, concelho de Mafra, no período da Quaresma, em 1976. Nota sobre a preparação das actividades, o curso bíblico com a duração de vinte horas, a metodologia, a avaliação e o balanço da experiência.

0503-11-*O fermento velho e o pão ázimo da pureza e da verdade – homilia do Cardel-Patriarca de Lisboa, no pontifical do Domingo de Páscoa (26 de Março de 1978)*, s. l., s. n., [D.L. 1978], s. p. [5 p.] dactilogr.

Texto da homília pascal proferida pelo cardeal-patriarca e bispo de Lisboa, nesta cidade no dia 26 de Março de 1978, onde salienta o significado da ressurreição e da novidade original de Cristo, assim como evoca a dimensão social da celebração da Páscoa.

0504-12-“Homília do S. Padre na canonização de Santa Beatriz da Silva Meneses”, *Theologica*, vol. XI, fasc. 3-4, 1976, p. 433-438.

Transcrição da homília proferida pelo papa Paulo VI aquando da canonização de Santa Beatriz da Silva Meneses, ocorrida em Roma em 1976. Depois de ter estado trinta anos no mosteiro de São Domingos em Toledo (Espanha), fundou a Ordem da Imaculada Conceição (aprovada por Bula Papal em 1489) em honra do mistério da Imaculada Conceição, tendo em vista a propagação do seu culto. Na canonização da nova santa, o papa salienta o seu exemplo

de penitência e contemplação, a assunção radical da castidade e a particular devoção à Imaculada Conceição. – (B2).

0505-11-“Homilias do padre Alberto Neto”, *Reflexão Cristã*, n.º 56-767, 1987, p. 21-24.

Transcrição de dez homilias do padre Alberto Neto proferidas entre 1968 e 1972 nas missas da meia noite de Natal, na festa da Sagrada Família (26 de Dezembro), no Dia Mundial da Paz (31 de Dezembro) e no Natal. As homilias realizaram-se na igreja paroquial de São Nicolau, freguesia do mesmo nome, em Lisboa, e reflectem sobre o significado simbólico do nascimento, como renovação espiritual, e sobre problemas da atualidade, entre outros assuntos. – (E1).

B6 – Mártires e justos, não canonizados, reconhecidos pelo povo

0506-11-AMARAL (Abílio Mendes do), “O prior da Serra da Estrela e o convento do Rato”, *Beira Alta*, vol. XXXIII, fasc. 3, 1974, p. 271-293.

A propósito do livro do padre Domingos Seixas intitulado *Memórias da vida e virtudes da Madre Soror Ana de São Joaquim* (Lisboa 1740), descrevem-se alguns prodígios e obras da vida da madre do convento das Trinas no largo do Rato em Lisboa, nomeadamente as tentações a que foi sujeita contra a virtude da castidade, o estouro dado pelo demónio quando ela entrou para o convento e as penitências e sofrimentos a que Soror Ana se sujeitava.

0507-11-CARMITA, *As virtudes de Sãozinha*, Abrigada, Lar da Sãozinha, 1976, 7 [1] p., il.

Letra e música de versos de homenagem a Maria da Conceição Fróis Gil Ferrão de Pimentel Teixeira, conhecida por Sãozinha (Coimbra, 1923 – Lisboa, 1940), que morreu com odor de santidade aos 17 anos e está sepultada no cemitério de Alenquer, sede do concelho do mesmo nome. Os versos narram a vida piedosa de Sãozinha (incluindo o seu amparo aos pobres e aos presos, a caridade, o ensino da catequese) e a conversão dos seu pai por sua intercessão. – (B1-B4).

0508-11-BELO (Filomena), *Relação da vida e morte da serva de Deos a veneravel madre Elenna da Crus, por Sórora Maria do Céu*, Coimbra, Quimera Editores, 1993, 255 p., il.; *Relação da vida e morte da serva de Deos a veneravel Madre Elena da Crus por Sórora Maria do Céu: transcrição do Códice 87 da Biblioteca Nacional precedida de um breve estudo histórico*, dissertação de mestrado em Literatura e Cultura Portuguesa (Época Moderna) apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa em 1990, [5] CXLIV p. (consultável na Biblioteca Nacional de Portugal).

Estudo biográfico sobre a venerável Madre Helena da Cruz (Azambuja, 1629 – Lisboa 1721) com base no códice *Relação da vida e morte da serva de Deos a veneravel madre Elenna da Crus, por Sórora Maria do Céu* que se encontra na Biblioteca Nacional de Portugal. Sobre a freira, que ingressou aos doze anos no convento franciscano da Esperança em Lisboa, são abordados a sua vida, morte e milagres, assim como as provações que passou próprias dos santos, por exemplo, as mortificações, as penitências, a oração, a abstinência e as tentações demoníacas. Após a sua morte são-lhe atribuídos diversos milagres e desenvolveu-se o costume de guardar objectos seus como relíquias. A esta venerável deve-se a introdução, em Portugal, do culto ao Amor Divino e a fundação da confraria do Amor Divino, sediada no convento de Nossa Senhora da Esperança em Lisboa, com festa a 6 de Setembro (as cerimónias prolongavam-se por 3 dias). No enquadramento histórico da obra tecem-se algumas considerações sobre biografias e autobiografias de religiosas e vidas de santos, datadas dos séculos XVI-XVII. Nelas são sublinhadas a identificação com os ideais do Concílio de Trento, a observância das directrizes que recomendam, nomeadamente, a veneração dos santos, das suas imagens e das suas relíquias, o exemplo de vida de renúncia e de mortificação, apresentados como modelos acessíveis para o comum dos mortais. Estas hagiografias de freiras reproduzem, com o menor desvio possível, o caminho e os meios utilizados sobretudo pelos santos recém-canonizados como Santa Teresa de Ávila, São João da Cruz e Santo Inácio de Loiola. O caso estudado insere-se neste quadro estabelecendo-se um paralelismo com a hagiografia de Santa Catarina de Alexandria (protectora das letras, mártir no século IV). Transcrição do Códice 87 da Biblioteca Nacional. – (A5-D3-G1).

0509-11-CARVALHO (Adriano de Freitas), “Um ‘beato vivo’: o P. António da Conceição, C.S.J.E., conselheiro e profeta no tempo de Filipe II”, *Via Spiritus: Revista de história da Espiritualidade e do Sentimento Religioso*, Ano 5, 1998, p. 13-51.

Contributo para o estudo da vida e obra do padre António da Conceição, conhecido como beato António (1538-1602), membro da Congregação de São João Evangelista (lóios), envolvido numa aura de santidade nos últimos anos do reinado de Filipe II de Espanha (I de Portugal) nos finais do século XVI, com base no seu processo de beatificação, que foi suspenso nos começos do século XVIII. Essa santidade manifestada através dos seus poderes de profeta e dos milagres em vida (curas) atraiu a atenção de devotos de várias classes sociais que, dando-lhe esmolas, o auxiliaram a construir em Lisboa a nova igreja da sua ordem. O seu espírito profético não se revelou unicamente nos domínios da política e da guerra, sendo igualmente patente nos avisos relativos à chegada da peste e aos negócios. Foi procurado por gentes de todas as condições sociais como intercessor, profeta, taumaturgo e guia

espiritual. A sua própria ordem estaria interessada em fazer dele santo, já que nenhum dos seus membros tinha alcançado os altares. Depois da sua morte, a sua presença continuou a manifestar-se através das relíquias, imagens e da terra da sepultura. O apêndice contém poesias atribuídas ao padre António da Conceição. – (B1-D4-F3-H7).

0510-11-FORJAZ (Pereira), *José Tomaz de Sousa Martins*, separata dos *Anais Azevedos*, vol. XX, n.º 1, 1968, Lisboa, Laboratórios Azevedos – Sociedade Industrial Farmacêutica, [D.L. 1970], 11 p.

Subsídio para a biografia de José Tomaz de Sousa Martins (1843-1897), médico natural de Alhandra, concelho de Vila Franca de Xira, conhecido pelos devotos por Sousa Martins, onde se relatam episódios da sua vida como médico.

0511-11-GOMES (Jesué Pinharanda), “O P. Fr. Estêvão da Purificação, O. Carm. mestre da oração vocal”, *Carmelo Lusitano*, n.º 11, 1993, p. 11-22.

Notícia sobre o frade carmelita Estêvão da Purificação nascido em Moura (distrito de Beja) em 1571 e falecido como eremita em Colares, concelho de Sintra, em 1617, obtida a partir das memórias escritas destinadas a promover a sua beatificação. O seu percurso religioso foi marcado por uma vida dedicada à oração vocal (devido ao seu problema de surdez) à qual dedicava entre doze e treze horas diárias, em que louvor e súplica se fundiam. Descrição do seu esquema oratório diário, que se centrou na devoção dedicada à Santíssima Trindade, a Nossa Senhora e a Jesus na Cruz. A aura de santidade levou a que fosse iniciado, ainda que por pouco tempo, o processo de beatificação.

0512-11-LAPA (António da, frei), *Maria da Conceição Fróes Gil Ferrão de Pimentel Teixeira – Sãozinha: breves notas biográficas*, Abrigada – Alenquer, Edição do Instituto da Sãozinha, 1994, 47 p., il.

Notas biográficas e cronológicas sobre a vida, a morte e a devoção de Maria da Conceição Fróes Gil Ferrão, conhecida por Sãozinha, redigidas pelo autor e anexadas ao “súplice libelo” enviado pelo Postulador da Causa da Canonização ao cardeal-patriarca e bispo de Lisboa. Neste relato sobressaem a sua devoção a Santa Teresinha do Menino Jesus, a sua bondade e caridade (doentes e pobres) e, em particular, as suas tentativas de conversão do pai, o que viria a acontecer após a sua morte. O culto inicia-se logo após a seu passamento, transformando-se o túmulo, hoje jazigo-capela mandado construir pelos seus devotos no cemitério de Alenquer, sede do concelho do mesmo nome, num lugar de peregrinação. Para a difusão do seu culto foi importante a publicação, a partir de Julho de 1942, de alguns episódios da sua vida nas várias edições do opúsculo *Rosas de Santa Teresinha*. – (C7-D4-H7).

0513-11-MENDES (Manuel), *A florinha de Abrigada*, Braga, Tip. Editorial Franciscana, 1980, 36 p.

Esboço da biografia de Sãozinha (Coimbra, 1923 – Lisboa, 1940) conhecida por Florinha de Abrigada, freguesia do concelho de Alenquer, que dedicou a sua vida à adoração e a amar o próximo, nomeadamente os pobres, assim como a propagar a sua crença em Deus. Ofereceu-se a Deus pela conversão de seu pai e pela saúde da sua mãe, vindo a morrer abraçada à cruz após semanas de sofrimento. Transcrição das jaculatórias preferidas, dos seus pensamentos e dos seus anseios. Faleceu a 5 de Junho num hospital em Lisboa em odor de santidade. O seu corpo encontra-se no jazigo de família no cemitério de Alenquer, sendo visitado por muitas pessoas que ali vão confiadamente fazer súplicas e agradecer favores obtidos através dela. – (C7-D4-H7).

0514-11-NETO (José Luís), “Frei Estevão da Purificação e a religiosidade em Lisboa no princípio do século XVII”, *Olisipo*, n.º 7, 1998, p. 53-57.

Notas biográficas sobre a vida e devoção a Frei Estevão da Purificação (1571-1617), religioso da Ordem dos Carmelitas Calçados, que veio da Vidigueira (distrito de Beja) para o Capítulo da sua Ordem em Lisboa, mas acabou por ficar retido aqui de 1614 até à sua morte em 1617. A sua pregação assenta em Cristo e na Virgem Maria, difundindo uma piedade mais sentida do que a preconizada pelo Concílio de Trento. A devoção que o povo de Lisboa lhe dedicou deveu-se também à caridade para com os pobres, sendo-lhe atribuídos numerosos milagres, sobretudo curas. As suas posições heterodoxas frente ao Concílio de Trento levaram no entanto ao seu afastamento para o convento de Colares, concelho de Sintra, onde morreu. – (A5-F3).

0515-11-PAIS (José Machado), *Sousa Martins e suas memórias: sociologia de uma crença popular*, Lisboa, Gradiva, 1994, 259 p., il., mapas, quadros.

Contributo para uma análise de carácter sociológico acerca dos fenómenos de crença popular em torno da figura do Dr. Sousa Martins. Análise das principais manifestações de devoção privada e popular, como as romagens à sua estátua situada em Lisboa e ao mausoléu em Alhandra, concelho de Vila Franca de Xira, onde se encontram numerosos ex-votos. Quadros analíticos referentes às lápides depositadas nestes locais, discriminando os favores concedidos entre os quais se destacam curas, protecção e intermediação em relação a Deus/Jesus. Transcrição de orações e invocações em que é referido como “santo” protector e guia espiritual. Notas biográficas e bibliografia de Sousa Martins. O papel dos avieiros (pescadores do Tejo oriundos do litoral-centro de Portugal) na propagação da crença. – (B3-F3-H1-H4).

0516-11-PIMENTEL (Maria Luisa Ferrão de), *Vou para o céu*, 8.ª edição Braga, Editorial Franciscana, 1980, 351 p., il.

Nova edição (1.^a em 1950) do testemunho sobre a vida da Sãozinha (Coimbra, 1923 – Lisboa, 1940) escrito por sua mãe pouco depois da morte daquela. Caracterização da sua infância e adolescência em que já mostrava ser diferente das outras crianças. Sãozinha preocupou-se sempre com os outros, evitava situações que considerava imorais e desprezava os valores materiais, sendo também muito devota de Santa Teresinha do Menino Jesus e de Nossa Senhora de Fátima. É também exaltada a forma heróica como enfrentou a doença que a vitimaria. Terá sido a busca da perfeição moral e a heroicidade então manifestadas que acabaram por comover o seu pai (médico) a ponto de o levar a abraçar o catolicismo. Algumas das habitações onde viveu Sãozinha foram destinados a obras sociais. São atribuídos à Sãozinha a cura milagrosa do seu pai. Em 1949 o seu copro foi trasladado para o jazigo-capela erguido em sua memória por devotos. – (C7-F3).

0517-11-REIS (Oliveiros de Jesus), *Sãozinha, Maria da Conceição Frois Gil Ferrão de Pimentel Teixeira*, Abrigada – Alenquer, Lar da Sãozinha, 1990, 197 p.

Biografia de Maria da Conceição Fróis Gil Ferrão de Pimentel Teixeira, conhecida por Sãozinha (Coimbra, 1923 – Lisboa, 1940), tendo como objectivo contribuir para a recolha de elementos necessários ao processo de beatificação. Narrativa apologética de episódios relativos ao seu nascimento, vida e morte, bem como dos seus votos de pobreza, caridade, castidade e obediência. O milagre da conversão: Sãozinha ofereceu a sua vida a Nossa Senhora, pedindo a doença e a morte pela conversão do pai. A devoção popular, nomeadamente, as romarias ao seu quarto, na freguesia da Abrigada, concelho de Alenquer, e ao jazigo-capela no cemitério de Alenquer. Transcrição da carta enviada ao pai, em 1935, pedindo-lhe que comungue, e de uma novena para obter graças da Sãozinha. – (B3-C7).

0518-11-SIMÕES (Cunha), *Dr. Sousa Martins: curas e orações*, Tomar, Prima, [D.L. 1993], 147 [12] p., il.

Relato de algumas curas e outros casos resolvidos por intercepção de Sousa Martins (médico, 1843-1897) junto de forças sobrenaturais: mau-olhado, visões e vozes, curas do foro físico e mental, nomeadamente problemas respiratórios, dores de estômago, angústias, solidão das mulheres, ingratidão e remorsos. Transcrição de orações nas quais é invocado Sousa Martins. Referência ao milagre relacionado com a natureza: o vidente Mário Caetano, invocando Sousa Martins, ordena que o mar se afaste para deixar passar a imagem de Nossa Senhora dos Milagres. São referidos os locais onde se presta culto popular: a casa-museu e o mausoléu em Alhandra, concelho de Vila Franca de Xira, a estátua implantada no Campo dos Mártires da Pátria em Lisboa, junto da qual foram depositados ex-votos de agradecimento, e a Farmácia Ultramarina (local onde trabalhou) também em Lisboa. – (B3-F1-F3-H4).

0519-11-SIMÕES (Cunha), *Dr. Sousa Martins e o misterioso mundo dos espíritos*, Alcanena, Tipografia S. Pedro, [D.L. 1993], 157 [3] p., il.

Relato de algumas conversas mediúnicas e de sessões espíritas, em que é invocada a presença do “Espírito de Luz” Sousa Martins (médico, 1843-1897) para estabelecer contacto com entes queridos já desaparecidos, para alívio de culpas, para obter bençãos e cura de doença. Segundo o autor, deve-se entender por videntes os Espíritos Puros e por “médium” o intermediário entre os espíritos e os seres humanos, ao qual é reconhecido a posse de dons supra-naturais, ou aquele que é capaz de utilizar os olhos, a voz e as mãos para curar. Transcrição de conjurações, de invocações, de uma ladainha para juntar mulher ao marido e de um exorcismo, onde se invoca a Trindade, o poder da Cruz de Cristo e os santos Bartolomeu, Agostinho e Caetano. Menção de lugares de veneração a Sousa Martins: a farmácia Ultramarina, freguesia de São Paulo em Lisboa, a estátua no Campo dos Mártires da Pátria em Lisboa, a Casa-Museu e o jazigo, ambos em Alhandra, concelho de Vila Franca de Xira. – (B3-C7-E5-H1).

0520-11-SIMÕES (Cunha), *Invocações ao Dr. Sousa Martins*, Alcanena, Tipografia S. Pedro, [D.L. 1998], 94 p., il.

O autor indica vinte condições necessárias para fazer invocações ou chamamentos a Sousa Martins (médico, 1843-1897) e sessenta e quatro invocações para serem feitas, nomeadamente em casa, por vários motivos: o fim da solidão e da amizade, aliviar estados de espírito e dores, curar doenças ou males individuais de parentes próximos ou do mundo (fome, miséria, guerra, violência). Os lugares de culto são o túmulo no cemitério da freguesia de Alhandra, concelho de Vila Franca de Xira, a estátua no Campo dos Mártires da Pátria em Lisboa, a Farmácia Ultramarina, na freguesia de São Paulo em Lisboa, que os devotos deveriam visitar pelo menos uma vez em cada cinco anos. – (B3-C7-H1).

0521-11-SIMÕES (Cunha), *Os poderes sobrenaturais do Dr. Sousa Martins: a oração*, Alcanena, Edição do Autor, 2000, 95 p., il.

Relato de algumas aparições, curas e outros casos resolvidos por invocação de Sousa Martins (1843-1897), médico natural de Alhandra, concelho de Vila Franca de Xira, nomeadamente, mau-olhado, visões e ouvir vozes, morte aparente (milagre de ressurreição), doenças do corpo e da mente, protecção contra acidentes e as zangas familiares. Transcrição de uma oração e preceitos para obter a intervenção de Sousa Martins. – (B3-F3).

0522-11-SIMÕES (Cunha), *Sousa Martins: ser excepcional e uma luz de sobrenatural*, Tomar, Prima, [D.L. 1990], 106 [8] p., il.

Contribuição para a biografia de Sousa Martins (1843-1897), médico natural de Alhandra, concelho de Vila Franca de Xira, que é considerado santo e guia

espiritual para alguns habitantes de Lisboa e de Azambuja, sede do concelho do mesmo nome.

0523-07-“Beatificação do servo de Deus D. Manuel M. da Conceição Santos”, *Igreja Eborense: Boletim de Cultura e Vida da Arquidiocese de Évora*, n.º 19, 1995, p. 291-299.

Transcrição de depoimentos sobre Manuel Mendes da Conceição Santos (1876-1955), que foi bispo da diocese de Évora, sobre o qual foi instruído o processo para a sua beatificação.

0524-11-*Cinquentenário: Boletim Comemorativo do Ano Cinquentenário da Morte da Sãozinha*, n.º 1-12, Jun, 1990 – Jun, 1991, Abrigada, Lar da Sãozinha.

Boletim comemorativo do cinquentenário da morte da Sãozinha (Maria da Conceição Ferrão Pimentel), destinado a divulgar as iniciativas que se realizavam durante o ano do cinquentenário do seu falecimento, ocorrido em 1940: dados biográficos, as celebrações junto da capela-jazigo no cemitério de Alenquer, sede do concelho do mesmo nome, os estatutos e a acção do Instituto da Sãozinha (solidariedade social), entre outros aspectos. – (C7).

0525-11-*Dr. João Tomás de Sousa Martins: recordação e homenagem*, Torres Novas, Gráfica Almondina, [D.L. 1990], 29 [3] p., il.

Nova edição (1.ª em 1971) da biografia de José Tomaz de Sousa Martins, médico considerado milagroso na cidade de Lisboa e em Alhandra, concelho de Vila Franca de Xira. É apresentado como um apóstolo ao serviço dos doentes pobres antes e depois da morte. Transcrição de um poema a solicitar o auxílio de Sousa Martins. – (B1).

0526-11-*Florinha de Abrigada*, 1994-2013, Causa da Canonização da serva de Deus Maria da Conceição Froes Gil Ferrão de Pimentel Teixeira, Abrigada, Instituto da Sãozinha.

Boletim trimestral de apoio à causa da canonização de Maria da Conceição Froes Gil Ferrão de Pimentel Teixeira (1923-1940), a Florinha da Abrigada, sepultada no cemitério de Alenquer, sede do concelho do mesmo nome, que divulga a sua vida e a sua mensagem, reúne testemunhos de devoção e de graças recebidas, sobretudo curas, assim como dá notícia dos eventos e outros aspectos da obra social do Instituto da Sãozinha. – (D4-F3).

0527-11-*Sãozinha / Maria Luiza Ferrão Pimentel*, 10.ª edição, Braga, Gráficas da Editorial Franciscana, [D.L. 1990], 39 p., il.

Nova edição (3.ª edição em 1942) da narrativa da vida e morte de Maria da Conceição Fróis Gil Ferrão de Pimentel Teixeira, conhecida por Sãozinha (Coimbra, 1923 – Lisboa, 1940) ou por “Florinha da Abrigada”, freguesia

do concelho de Alenquer. Contém uma carta para o pai pedindo-lhe que se converta, o que virá a acontecer depois da sua morte. Menção do culto junto do seu jazigo no cemitério de Alenquer, sede do concelho do mesmo nome, nomeadamente agradecendo a obtenção de graças. Transcrição de alguns pensamentos e jaculatórias preferidos de Sãozinha, onde se encontram invocações de Jesus, Maria, Nossa Senhora de Fátima, do Carmo, de Lurdes e dos santos António, José e Teresinha do Menino Jesus. – (D4-F3).

C – LUGARES DE CULTO (IGREJAS, TEMPLOS, SINAGOGAS)

C1 – Igreja paroquial (edifício, titular, padroeiro, altares)

0528-11-ADRAGÃO (José Victor), PINTO (Natália), RASQUILHO (Rui), *Lisboa*, 2.^a edição, Lisboa, Editorial Presença, 1985, 207 p., il.

Roteiro histórico da cidade de Lisboa que contém notas dispersas sobre igrejas paroquiais e não paroquiais, capelas, ermidas, conventos, cruzeiros existentes, já desaparecidos ou transformados. Alguns são descritos brevemente, por exemplo as igrejas do Menino de Deus, da Memória e do Santo Condestável (Nuno de Santa Maria), as capelas de São Sebastião, hoje de Nossa Senhora da Saúde, e de Santo Amaro, a ermida de Santo Cristo, os conventos de Jesus, do Carmo, da Madre de Deus. São mencionadas imagens, pinturas e vitrais pertencentes a estes lugares de culto. Notícia da lenda que deu origem à procissão do Senhor dos Passos, freguesia da Graça, e à procissão de Nossa Senhora da Saúde, que começou no século XII. – (C2-E3-H1-H2).

0529-11-ALVES (José da Felicidade), “As igrejas paroquiais de Lisboa e o terramoto de 1755”, *Olisipo*, n.º 4, 1997, p. 21-36, quadros.

Inventário das paróquias da cidade de Lisboa antes do terramoto de 1755 e dados sobre as remodelações paroquiais posteriores. Nesta altura havia trinta igrejas paroquiais, quarenta e oito igrejas conventuais de frades e vinte e nove de freiras, quarenta e seis igrejas de particulares e cerca de cem ermidas. Em 1885 foram incorporadas sete paróquias suburbanas. Alusão às igrejas paroquiais de São Paulo, de São Julião, de São Tiago e de São Mamede e a outras igrejas e capelas dedicadas a Nosso Senhor dos Mártires, da Conceição, da Luz, aos santos Brás, Camilo de Lellis e aos Clérigos Pobres, entre muitas outras. Referências aos estragos causados nas igrejas paroquiais, à instalação provisória ou de emergência de algumas paróquias, ao subsídio do papa para a sua reconstrução, à remodelação paroquial de 1770 e 1780 e ao relatório sobre o estado de reedificação das paróquias em 1783 (custos das obras). Nota sobre os inquéritos às paróquias de 1758. – (C2-C5).

0530-11-ANACLETO (Pedro Garcia), “As margens do Alcabrichel”, *Boletim Cultural*, Junta Distrital de Lisboa, n.º 63-64, 1965, p. 145-174, il.

Notas sobre aspectos geográficos e geológicos das margens do rio Alcabrichel e das freguesias do Vimeiro, concelho da Lourinhã, e de A dos Cunhados, concelho de Torres Vedras. São mencionadas a igreja paroquial do Vimeiro dedicada a São Miguel Arcanjo, as festas litúrgicas de Todos os Santos e da Ascensão, assim como as dos Santos Populares. Menção de alguns costumes: Pão por Deus, fogueiras dos Santos Populares, banho da noite de São João Baptista. O toque das Ave-Maria era executado de manhã, ao meio dia e ao entardecer. O costume dos pescadores irem assistir às solenidades em honra de Nossa Senhora da Graça no convento dos Eremitas Calçados de Santo Agostinho em Torres Vedras. A igreja paroquial de A dos Cunhados é dedicada a Nossa Senhora da Luz, festejada a 8 de Setembro. – (D2-E1-E6).

0531-ANTUNES (Joana Melo), *Igreja de São Francisco Xavier*, Lisboa, Junta de Freguesia de São Francisco Xavier, [D.L. 2013], 79 p., il.

Breve história da paróquia e da construção da igreja paroquial de São Francisco Xavier, consagrada em 2011 e localizada na freguesia do mesmo nome em Lisboa. Nota biográfica sobre o titular da igreja. – (B2-C5).

0532-11-ANTUNES (José Francisco Damas), *Restauro da igreja de Santo António de Campelos 10-07-94*, Torres Vedras, Gráfica Torriana-Luz & Progresso, [D.L. 1994], 8 p., il.

A propósito do restauro da actual igreja paroquial de Santo António, situada na freguesia de Campelos, concelho de Torres Vedras, é transcrita uma descrição de 1910 que menciona as imagens do titular e do Senhor Jesus. Numa cronologia da evolução religiosa de Campelos desde o século XVI é mencionada a capela de Nossa Senhora da Paz (1587). – (C2-H1).

0533-15-ANTUNES (Luís Pequito), “O património construído da Ordem de Santiago”, *Oceanos*, n.º 3, 1990, p. 97-101, il.; *O Castelo e a Ordem de Santiago na história de Palmela: catálogo da exposição*, coordenação de PEREIRA (Fernando António Baptista), aliás BAPTISTA (Fernando António), CONDEÇO (António Simão), PACHECO (Paulo), Palmela, Câmara Municipal, 1990, p. 169-170.

Nota introdutória e relação do património construído da Ordem de Santiago desde o século XII até à extinção das ordens religiosas em 1834, localizado no Sul de Portugal e particularmente no distrito de Setúbal, que compreende várias igrejas paroquiais e não paroquiais e conventos. Menção das visitas às várias igrejas da ordem nos séculos XV-XVI. – (A5-C2).

0534-11-ANTUNES (Nelson), “O culto do mártir [São Sebastião], *A freguesia de São Sebastião da Pedreira*, Lisboa, Junta de Freguesia de São Sebastião da Pedreira, 2001, p. 11-33 p., il.

Contribuição para a história da freguesia de São Sebastião da Pedreira em Lisboa. O culto de São Sebastião teve grande desenvolvimento no século XVI, nomeadamente em Lisboa, para o que contribuiu a chegada de relíquias do santo, em especial do braço oferecido por Carlos V a Dom João III. O facto de Lisboa ter sido assolada, no terceiro quartel do século XVI, por grandes epidemias de peste reforçou o pedido de intercessão do santo e levou à promessa de edificação de lugares de culto como a ermida de São Sebastião da Pedreira, depois igreja paroquial. Menção das imagens existentes e desaparecidas que representam Cristo Crucificado, o Menino Jesus, o Sagrado Coração de Jesus, Nossa Senhora da Soledade, da Piedade ou do Resgate, da Conceição, da Assunção, do Carmo, de Fátima, os santos Sebastião, José, Pedro, Brás, João Baptista, Amaro, Gonçalo de Amarante, Miguel Arcanjo, Catarina de Alexandria, Luzia, Rosa de Lima e Teresinha do Menino Jesus. Entre os objectos de culto pintados salienta-se um painel de azulejo representando Nossa Senhora do Carmo. Alusão à irmandade e à capela do Santíssimo Sacramento e à capela do Senhor Jesus dos Pecadores. – (C2-D4-H1-H2).

0535-11-ATAÍDE (M. Maia), *Monumentos de Lisboa*, Lisboa, Câmara Municipal, 1963, 190 [64], il.

Roteiro turístico em português, francês, inglês e alemão dos monumentos de Lisboa, datados do século XII a XX, contendo breves notas descritivas sobre algumas igrejas paroquiais e não paroquiais, ermidas, conventos e mosteiros. Os principais titulares são, nomeadamente, o Menino Jesus, a Madre de Deus, Santa Maria, Nossa Senhora da Conceição, do Desterro, de Fátima, da Graça, da Luz, da Penha de França e os santos Amaro, Antão, António, Domingos, Jerónimo, João de Brito, Paulo, Roque, Vicente, Catarina de Alexandria e Engrácia. – (C2).

0536-12-ATANÁZIO (M. Mendes), “A igreja matriz de Arronches (as abóbadas e o portal)”, *Cidade: Revista Cultural de Portalegre*, n.º 6, 1991, p. 89-96, il.

Estudo arquitectónico sobre a igreja matriz de Arronches, sede do concelho do mesmo nome, dedicada a Nossa Senhora da Assunção. Foi construída possivelmente no início do século XVI. Comparação desta igreja com as igrejas renascentistas de Nossa Senhora de Belém em Lisboa e a matriz de Freixo de Espada à Cinta (distrito de Bragança), entre outras.

0537-07-AURÉLIO (Carlos), “Uma capela com nome: capela do Santíssimo Nome de Jesus na igreja de Nossa Senhora da Conceição de Vila Viçosa, *Callipole: Revista de Cultura*, n.º 23, 2016, p. 189-206, il.

Estudo sobre a capela do Santíssimo Nome de Jesus, situada na igreja paroquial e santuário de Nossa Senhora da Conceição em Vila Viçosa, sede do concelho do mesmo nome. Análise do seu programa iconográfico, que compreende a reprodução em azulejo do Mistério da Encarnação, o Menino Jesus, telas com a representação do Nascimento de Jesus, de Cristo a ser Deposto da Cruz com São João Evangelista, da Virgem com Maria Madalena, das Chagas de Cristo, a barca escultórica da Dormição de Nossa Senhora ou da Senhora da Boa Morte e a imagem de São Nuno de Santa Maria. Tentativa de explicação do significado do título da capela do Santíssimo Nome de Jesus. Outras capelas da igreja contêm as imagens da Santíssima Trindade, do Santíssimo Sacramento, de Nossa Senhora da Conceição, do Carmo e de São Pedro. Estas capelas eram mantidas através de irmandades e confrarias, por exemplo a de São José por doze carpinteiros, a de São Pedro formada pelo clero local e a Régia Confraria dos Escravos. A actual igreja de Nossa Senhora da Conceição data do último quartel do século XVI. – (G1-G4-H1-H2).

0538-11-AZEVEDO (Carlos de), FERRÃO (Julieta), GUSMÃO (Adriano de), *Monumentos e edifícios notáveis do concelho de Loures*, Loures, Câmara Municipal, 1983, 71 [2] p., il. mapa.

Notícia histórica dos monumentos e edifícios notáveis das freguesias do concelho de Loures, nomeadamente as igrejas paroquiais e não paroquiais, capelas, conventos e cruzeiros (cruzeiro do Senhor Roubado) existentes ou já desaparecidos, que foram edificadas desde o século XIII e são dedicadas ao Espírito Santo, a Nossa Senhora da Assunção, da Conceição, dos Mártires, da Paz, da Purificação, da Saúde e aos santos Adrião, Amaro, Antão, António, Bernardo de Claraval, Dinis, João Baptista, Pedro, Saturnino, Silvestre, Tiago e Iria. São mencionadas imagens dos titulares de alguns lugares de culto e de outras entidades, nomeadamente a Santíssima Trindade, a Virgem, Nossa Senhora da Piedade e São Miguel Arcanjo, assim como algumas pinturas que representam a Anunciação, o Nascimento da Virgem, a Apresentação do Menino no Templo, São Francisco de Assis e o Êxtase de Santo António. – (C2-C6-H1-H2).

0539-12-AZEVEDO (Estevão da Gama de Moura e), *Notícias da antiguidade, aumento e estado presente da vila de Campo Maior*, Campo Maior, Edição da Câmara Municipal, 1993, 191 p., il.

Estudo monográfico de Campo Maior, sede do concelho do mesmo nome, contendo a transcrição de um manuscrito de um autor do século XVIII em que se dá notícia da construção da igreja de São João Baptista, matriz de Campo Maior. A ruína da igreja verificou-se com a explosão do paiol do castelo no cerco castelhano de 1712. Menção da igreja do convento de São João de Deus, do hospital da Misericórdia e da igreja do Senhor do Castelo.

Contém a transcrição de vários documentos. Organização, introdução, biografia, transcrição e notas de VIEIRA (Rui Rosado). – (C2).

0540-12-BALESTEROS (Carmen), OLIVEIRA (Jorge), “A judiaria e a sinagoga de Castelo de Vide”, *Ibn Maruán: Revista Cultural do Concelho de Marvão*, n.º 3, 1993, p. 123-152.

Identificação e descrição física da sinagoga medieval de Castelo de Vide, sede do concelho do mesmo nome, posteriormente ocupada como habitação. Delimitação provável da judiaria e localização das casas com ombreiras gravadas com símbolos cripto-judeus dos cristãos-novos. Menção de objectos de culto católicos, crucifixos e medalhas encontrados durante a escavação da cave da sinagoga. – (H4-H6).

0541-07-BALESTEROS (Carmen), “A sinagoga medieval de Évora”, *A Cidade de Évora: Boletim da Comissão Municipal de Turismo de Évora*, n.º 1, 1994-1995, p. 174-211, il., plantas.

Breve estudo sobre a sinagoga medieval de Évora até ao final do século XV. Análise da localização, datação e das suas características arquitectónicas com base na toponímia e em alguns vestígios materiais no arco da porta (Mezuzah). Dados sobre a origem e desenvolvimento da instituição sinagoga.

0542-07-BAPTISTA (Júlio César), “A Catedral de Évora: estudo histórico”, *A Cidade de Évora: Boletim da Comissão Municipal de Turismo de Évora*, n.º 57, 1974, p. 5-107, il.

Contribuição para o estudo da catedral de Évora em que é analisado o problema da sua fundação. Tradicionalmente datada do século XII, o autor conclui que a edificação da Sé em honra de Santa Maria se iniciou cerca de 1280 e a sagração ocorreu em 1308. Descrição dos seus altares, cujos titulares e número variaram consoante as épocas, dedicados ao Corpo de Deus, ao Espírito Santo, à Ressurreição do Senhor, à Ceia e Instituição do Santíssimo Sacramento, a Nossa Senhora da Graça e da Piedade, aos santos Manços, João Baptista, Julião, Bonifácio (mártir), Lourenço, Bartolomeu, Antão, Jerónimo, Martinho de Tours, Nicolau, Francisco de Assis, Bento, Amaro, Romão, Tiago, Brás, Sebastião, Miguel Arcanjo, António, Ana, Luzia, Catarina de Alexandria, Vicente, Sabrina e Cristeta (irmãos martirizados em Ávila, Espanha) e aos Reis Magos, entre outros. Nos altares encontram-se figurações dos titulares e ainda painéis representando a Natividade, a Imaculada Conceição, a Adoração dos Pastores e o Coroação da Virgem. Reprodução do relato de dois milagres de cura feitos por Nossa Senhora em Évora. Menção do culto a Santa Maria organizado pela confraria de Santa Maria da Sé. – (F3-G1-H1-H2).

0543-BARROS (Miguel Sérgio Ferreira de Monteiro de), *São José, bairro tridentino*, dissertação de doutoramento em Estudos Urbanos apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa em 2017, 332 p., il., plantas, gráficos. <https://run.unl.pt/bitstream/10362/28051/4/Tese%20S%C3%83O%20JOS%C3%89%20BAIRRO%20TRIDENTINO.pdf> (consultada em 02-01-2021)

Estudo sobre o bairro de São José, que deu origem à freguesia de São José em Lisboa, cuja igreja paroquial se tornou um centro difusor das doutrinas tridentinas entre 1567 e 1834. O papel assumido pela paróquia de São José e pelas paróquias em geral no período em análise foi primordial para a construção das identidades bairristas e para o desenvolvimento de representações colectivas. A sede paroquial teve origem na ermida de São José, construída em 1545 e destinada a albergar a confraria de Carpinteiros e Pedreiros de Lisboa. Na igreja encontram-se representações de São José em pinturas, azulejos pintados, no conjunto do altar-mor (em que está figurado com Nossa Senhora e o Menino) e num relevo da fachada. Dados sobre o culto a São José, antes e depois do Concílio de Trento. Na igreja estiveram sediadas a confraria dos Carpinteiros e Pedreiros e a irmandade do Santíssimo Sacramento, sobre as quais são analisados alguns aspectos da sua acção, as relações entre estas associações e o seu impacto na construção da identidade do bairro. Em 1712, nas capelas interiores da igreja dedicadas ao Santo Cristo, a Nossa Senhora da Conceição, a Nossa Senhora da Fé e às Almas, havia irmandades criadas em honra dos seus titulares. A freguesia teve outros lugares de culto, como o mosteiro de Nossa Senhora da Anunciada (dominicanas), o convento de Santa Marta (clarissas) e o convento de Santo António (capuchos). Notas sobre os baptismos e as visitas que dão a conhecer diversos aspectos da vida religiosa dos habitantes da freguesia de São José. – (A5-C2-G1-H2).

0544-12-BORGES (Artur Goulart de Melo), “A Igreja de Nossa Senhora da Assunção, antiga Sé de Elvas”, *Monumentos*, n.º 28, 2008, p. 102-113, il., planta.

Descrição da igreja de Nossa Senhora da Assunção, situada na freguesia de Assunção em Elvas, sede do concelho do mesmo nome, anteriormente designada por Santa Maria dos Açougues. Foi fundada no início do segundo quartel do século XIII e completamente reconstruída no século XVI. Passou a igreja matriz, com o nome de Nossa Senhora da Praça, no contexto da criação da cidade de Elvas em 1513. Depois foi a igreja catedral da diocese, instituída pelo papa Pio V em 1570. Só foi concluída no século XVIII, altura em que terminou a última remodelação da capela-mor e as respectivas campanhas decorativas. A igreja retomou a sua função paroquial na sequência da extinção da diocese de Elvas, integrada na de Évora em 1881. As capelas são dedicadas, entre outras invocações, ao Santíssimo Sacramento, ao Senhor dos Passos, a Nossa Senhora da Assunção, da Conceição, da Soledade, das Candeias, de

Guadalupe, a Santo António, a Santa Ana, a Santa Susana e às Almas. Nelas encontram-se imagens e telas pintadas, que representam, designadamente, o Pentecostes, Nossa Senhora de Guadalupe, Nossa Senhora de Fátima, Nossa Senhora da Conceição e Santo António. É mencionada a existência das irmandades das Chagas, de Nossa Senhora de Guadalupe e das Almas. – (G1-H1-H2).

0545-11-BRAZÃO (Eduardo), “A igreja matriz de Loures e os Templários”, *Papel das áreas regionais na formação histórica de Portugal: actas do colóquio*, Lisboa, Academia Portuguesa de História, 1975, p. 267-296, il.

Contributo para estudo monográfico da igreja paroquial dedicada a Santa Maria e do extinto cemitério da freguesia de Loures, sede do concelho do mesmo nome, que esteve sob a jurisdição dos Templários e depois da Ordem de Cristo. – (C7).

0546-12-BUCHO (Domingos Almeida), *Marvão: visita guiada/guide book*, Lisboa, Edições Colibri, 2015, 56 p., il., plantas.

Guia bilingue (português-inglês) para uma visita à cidade de Marvão, sede do concelho do mesmo nome, que contém dados sobre os lugares de culto. Notícia sobre a igreja matriz dedicada a São Tiago, as igrejas não paroquiais de Santa Maria (talvez do século XIII, sede de museu) e do Espírito Santo, hoje sede da irmandade da Misericórdia. Na capela de Nossa Senhora do Rosário há uma pintura mural que representa São Bartolomeu a dominar o diabo, ladeado por Santa Madalena e por Santa Margarida de Antioquia ou da Galiza. – (C2-H2).

0547-12-BUCHO (Domingos Almeida), *Portalegre: visita guiada/guide book*, Portalegre, Câmara Municipal, 2018, 56 p., il., plantas.

Guia bilingue (português-inglês) para uma visita à cidade de Portalegre, que contém notas sobre o antigo convento de São Francisco de Assis (século XIII-XIV) e a paroquial e Sé da diocese de Portalegre – Castelo Branco, dedicada a Nossa Senhora da Assunção (segunda metade do século XVI). No seu interior há um acervo de pintura e retábulos dedicados à titular, ao Santíssimo Sacramento, a Nossa Senhora do Carmo e a São Pedro, executados no final do século XVI e inícios do século XVII. – (H2).

0548-12-CABEÇAS (Mário Henriques), *A transfiguração barroca de um espaço arquitectónico: a obra setecentista na Sé de Elvas*, dissertação de mestrado em Arte, Património e Teoria do Restauro apresentada à Universidade de Lisboa em 2011, 2 vol., 232-196 p., il. <http://hdl.handle.net/10451/6789> (consultada em 14-11-2020).

Estudo sobre a construção e as alterações da organização do espaço do interior da igreja de Nossa Senhora da Praça, o principal lugar de culto de Elvas, sede do concelho do mesmo nome, erguida a partir de 1517 sobre

a anterior igreja medieval de Santa Maria dos Açougues. Em 1570, com a criação da diocese de Elvas, a igreja foi elevada à categoria de Sé. Então o edifício foi objecto de remodelações importantes, nomeadamente a construção de uma nova capela-mor, que continha um retábulo onde se destacavam as telas Assunção da Virgem, Encontro de Santa Ana e São Joaquim na Porta Dourada, Anunciação, Visitação, Apresentação no Templo, Adoração dos Magos, e da capela do Santíssimo Sacramento. Ainda antes da renovação do século XVIII e já sob a influência da Contar-Reforma, a Sé foi enriquecida com os retábulos de Nossa Senhora de Guadalupe e de São José. No século XVIII a igreja sofreu nova intervenção, já em estilo barroco, cuja análise constitui o principal objecto do presente estudo. Foi edificada uma nova capela-mor, onde se destaca a tela Assunção de Maria acompanhada de São Pedro e de São João Evangelista, as capelas do Santíssimo Sacramento, das Chagas de Jesus Cristo (hoje do Senhor dos Passos), de Nossa Senhora da Conceição e Santo António, de Nossa Senhora da Soledade, das Candeias ou da Purificação, de Santa Ana e das Almas. Na segunda metade do século XIX, a diocese de Elvas foi extinta e integrada na diocese de Évora, voltando a Sé à sua função de igreja matriz de Elvas. Entretanto, em finais dos anos trinta do século XX, houve um projecto de restauro que visava devolver a antiga Sé à sua traça quincentista, através da eliminação de parte da sua obra barroca, mas tais planos não chegaram a ser executados. O volume II contém os anexos documental e iconográfico. – (A5-H2).

0549-11-CALADO (Maria), FERREIRA (Vitor Matias), *Lisboa: freguesia da Encarnação (Bairro Alto)*, Lisboa, Contexto Editora, 1992, 77 p., il., mapas.

Apontamento histórico e guia do património arquitectónico e cultural da freguesia da Encarnação, no Bairro Alto em Lisboa, desde o século II a. C. até à actualidade. São descritos lugares de culto datados dos séculos XVI-XVII: a igreja paroquial de Nossa Senhora da Encarnação, as não paroquiais da Misericórdia ou de São Roque (foi a sede dos jesuítas mas passou para a irmandade da Misericórdia em 1762, após extinção da ordem), dos conventos de São Pedro de Alcântara, de Nossa Senhora da Piedade ou das Chagas (mandada construir pela irmandade das Chagas, formada por marítimos da carreira da Índia), do Loreto (pertenceu à comunidade italiana de Lisboa) e as antigas ermidas dedicadas aos santos António, Roque (advogado da peste) e Catarina de Alexandria. – (C2-G1-G4).

0550-11-CALADO (Maria), FERREIRA (Vitor Matias), *Lisboa: freguesia de Carnide*, Lisboa, Contexto Editorial, 1991, 61 p., il.

Breve história e descrição do património da freguesia de Carnide em Lisboa. Os lugares de culto: a igreja paroquial e santuário de Nossa Senhora da Luz (século XVI), contendo pinturas que representam cenas da vida da Virgem e

de Cristo; a antiga igreja paroquial de São Lourenço (século XIV, paroquial com interrupções até ao início do século XX); a antiga ermida do Espírito Santo, erigida no local onde mais tarde se construiu o Hospital da Luz, antigo local de onde partia o círio ao santuário de Nossa Senhora do Cabo (Espichel, freguesia do Castelo em Sesimbra) iniciado no século XV. Menção dos conventos de carmelitas descalços, o feminino, cuja padroeira é Santa Teresa de Ávila (século XVII) e o masculino, dedicado a São João da Cruz (século XVII), já desaparecido. Alusão à procissão e à romaria em honra de Nossa Senhora da Luz, cujo culto teve início em 1463. – (C2-D2-E3-H2).

0551-11-CALADO (Maria), FERREIRA (Vítor Matias), *Lisboa: freguesia de Santa Catarina (Bairro Alto)*, Lisboa, Contexto Editora, 1992, 69 p., il., mapas. Apontamento histórico e guia do património arquitectónico e cultural da freguesia de Santa Catarina, no Bairro Alto em Lisboa, desde o século II a. C. até à actualidade. Breves notas históricas dos lugares de culto datados dos séculos XVI-XVII: a igreja paroquial de Santa Catarina de Alexandria ou dos Paulistas; as ermidas dos Fiéis de Deus e da Ascensão de Cristo; os conventos de Jesus (hoje abriga diversas instituições de ensino e culturais), da Conceição dos Cardais, das Carmelitas Descalças e dos Inglesinhos (padres católicos ingleses). – (C2).

0552-11-CALADO (Maria), FERREIRA (Vítor Matias), *Lisboa: freguesia de Santo Estêvão (Alfama)*, Lisboa, Contexto Editora, 1992, 76 p., il., mapas. Apontamento histórico e guia do património arquitectónico e cultural da freguesia de Santo Estêvão (bairro de Alfama) em Lisboa, desde o século II a. C. até à actualidade. Breve descrição dos lugares de culto fundados na Idade Média e no século XVI: a igreja paroquial de Santo Estêvão, as ermidas do Espírito Santo e do Senhor Jesus da Boa Nova. A ermida do Espírito Santo veio a tomar a invocação de Nossa Senhora dos Remédios, padroeira de uma irmandade de homens do mar que tem o seu nome, depois de um milagre. Um marinheiro do bairro de Alfama que passava no local foi surpreendido pelo brilho que vinha de uma nascente, verificando ser uma imagem da Virgem, que ao ser retirada da água, estava completamente seca. – (C2-F2-G4).

0553-11-CALADO (Maria), FERREIRA (Vítor Matias), *Lisboa: freguesia de S. Miguel (Alfama)*, Lisboa, Contexto Editora, 1992, 76 p., il., mapas. Apontamento histórico e guia do património arquitectónico e cultural da freguesia de São Miguel (bairro de Alfama) em Lisboa, desde o século II a. C. até aos nossos dias. Notas sobre os lugares de culto dos séculos XII-XIV: a igreja paroquial de São Miguel Arcanjo, a igreja de Santa Luzia e o antigo convento dominicano feminino do Salvador, suprimido em 1884 com a morte da última freira. O convento teve origem numa ermida mandada construir em memória de um milagre (visão da Virgem com o menino junto de uma cruz). – (C2-F4).

0554-11-CALADO (Maria), FERREIRA (Vitor Matias), *Lisboa: freguesia de S. Sebastião da Pedreira*, Lisboa, Contexto Editora, 1991, 53 p., il., mapas, quadro.

Apontamento histórico e guia do património da freguesia de São Sebastião da Pedreira em Lisboa, desde o século II a. C. até aos nossos dias. Nota sobre a primitiva igreja do século XII e a actual igreja paroquial de São Sebastião datada do século XVII.

0555-11-CALADO (Maria), FERREIRA (Vitor Matias), *Lisboa: freguesia dos Mártires*, Lisboa, Contexto Editora, 1991, 61 p., il., mapas.

Apontamento histórico e guia do património da freguesia dos Mártires em Lisboa, desde o século II a. C. até aos nossos dias. Os lugares de culto: a igreja paroquial de Nossa Senhora dos Mártires (XVIII) e as igrejas já desaparecidas dos antigos conventos de São Francisco de Assis e da Boa-Hora (Ordem dos Agostinhos), extintos pelos liberais em 1834. – (C2-I3).

0556-11-CANAS (José Fernando), “A igreja de S. Domingos de Lisboa: o renascer das cinzas”, *Monumentos*, n.º 6, 1997, p. 68-72, il.

Nota sobre as obras de restauro no interior e na fachada da igreja paroquial de São Domingos, freguesia de Santa Justa na cidade de Lisboa. O edifício inicial data do século XIII, mas foi alvo de profundas alterações nos princípios do século XVI, na primeira metade do século XVIII, após o terramoto de 1755 e depois do incêndio de 1959. Dela saíam em procissão os condenados às fogueiras da Inquisição.

0557-11-CARDOSO (Guilherme), ENCARNAÇÃO (José da), “Arruda dos Vinhos: uma rota privilegiada”, *Boletim Cultural*, Assembleia Distrital de Lisboa, n.º 95, t. 2, 2009, p. 89-110, il.

Notas históricas sobre a freguesia de Arruda dos Vinhos, sede do concelho do mesmo nome. A sua igreja matriz, dedicada a Nossa Senhora da Salvação, foi restaurada no século XVI. A titular é festejada a 15 de Agosto. Possui painéis de azulejo que representam São Cristóvão com o Menino e São Miguel Arcanjo, assim como pinturas que narram o ciclo da vida de Nossa Senhora desde a anunciação à assunção aos céus. Contém um anexo fotográfico. – (H2).

0558-11-CARDOSO (Guilherme), “A igreja de S. Vicente de Alcabideche”, *AL-Qabdaq: Boletim Cultural da Junta de Freguesia de Alcabideche*, n.º 1, 1990, p. 43-92, il.

Estudo sobre a igreja paroquial de São Vicente situada na freguesia de Alcabideche, concelho de Cascais, que na sua forma actual é posterior a 1755. Menção das imagens existentes e já desaparecidas que representam Cristo Crucificado, Nossa Senhora da Assunção, do Cabo (Espichel, freguesia do Castelo em Sesimbra), das Candeias, de Fátima, da Rosa e os santos João

Baptista, Sebastião, Tiago e Vicente. Notícias históricas desde o século XVII sobre onze confrarias e irmandades estabelecidas na igreja. Eram dedicadas ao Senhor Jesus e ao Divino Espírito Santo, a Nossa Senhora da Assunção, do Rosário, da Rosa e aos santos João Baptista, Saturnino, Sebastião, Vicente e Catarina de Alexandria, assim como às Almas. Elas tinham como fins cuidar dos rituais fúnebres, mandar dizer missas e, na terceira oitava do Natal, promover a festa dos Santos Inocentes. Nota acerca das festas de Nossa Senhora da Assunção (15 Agosto), do Cabo, da Conceição, das Neves (5 Outubro) e de Santa Iria (13 Dezembro). Em 1910, após a implantação da República, a igreja foi assaltada, as imagens partidas e, em seguida, esta foi fechada ao culto, sendo parte das alfaias religiosas requisitadas pelo Museu Nacional de Arte Antiga em Lisboa. A igreja só reabriu ao culto em 1969, quando foi sagrado o altar-mor e nela colocadas as relíquias dos mártires Primo, Próspero, Justo e Beníguo. – (D2-G1-H7-I3).

0559-15-CARMONA (Rosalina), BORRACHA (Alexandra), *Igreja de Nossa Senhora da Graça: Palhais*, Barreiro, Câmara Municipal, 2000, 12 [2] p., il., planta.

Breve contribuição para a história da igreja paroquial de Nossa Senhora da Graça, freguesia de Palhais, concelho do Barreiro. A igreja foi fundada no século XV sob os auspícios da Ordem Militar de Santiago. Em 1910, com a implantação da República, foi encerrada ao público e utilizada para fins profanos até reabrir ao culto em 1959. Menção de duas capelas funerárias dedicadas ao Espírito Santo e a São Miguel Arcanjo. Alusão à imagem de Nossa Senhora da Graça. – (H1-I3).

0560-15-CARVALHO (António Rafael), “Elementos para a história da extinta igreja de Nossa Senhora da Consolação de Alcácer do Sal nos séculos XV a XVIII”, *Almadan online*, n.º 20, t. 1, 2015, il., mapa. [http://www.almadan.publ.pt/AdendaElectronica%20\(geral\).htm](http://www.almadan.publ.pt/AdendaElectronica%20(geral).htm) (consultada em 21-11-2021).

Contribuição para o estudo da igreja de Nossa Senhora da Consolação que foi inicialmente uma capela privada fundada em Alcácer do Sal, sede do concelho do mesmo nome, no século XV. Cerca de 1554 foi elevada a sede paroquial dedicada a Nossa Senhora da Consolação até à passagem da sede da paróquia para a igreja de São Tiago em 1644. A igreja é hoje uma habitação particular. – (I3).

0561-11-CARVALHO (Gabriela Pinto), “A igreja da Penha de França: património a preservar”, *Olisipo*, n.º 2, 1996, p. 115-119, il.

Descrição e origens da igreja paroquial de Nossa Senhora da Penha de França (1597), freguesia da Penha de França em Lisboa. A construção desta igreja está, segundo a tradição, ligada ao escultor António Simões. Uma das versões

diz que este, quando estava em Alcácer-Quibir (Marrocos), prometeu que se fosse salvo construiria várias imagens de Nossa Senhora e que lhes arranjaría lugar onde fossem expostas. Outra versão coloca António Simões em Lisboa, resolvido a mandar esculpir uma imagem da Virgem, pois este e a mulher eram muito devotos dela. Depressa escolheu a colina da Penha de França para albergar a dita imagem, mas isso só se concretizou após um milagre: o proprietário das terras onde seria erguida a igreja adoeceu sem decidir se as doava ou não. Mas, estando às portas da morte, a mulher e o padre invocaram Nossa Senhora da Penha de França e o proprietário apareceu curado no dia seguinte. A actual igreja e o convento são reconstruções setecentistas, que pertenceram à Ordem de Santo Agostinho. A igreja tem sete capelas com as imagens de Santo António, de Nossa Senhora do Rosário e do Monte Carmo, de São Pedro e de São Paulo, assim como um painel pintado representando Nossa Senhora da Penha de França com o Menino e o bastão, tendo aos pés um peregrino e um lagarto (o lagarto salvou o peregrino de ser mordido por uma cobra). Na igreja há quase duzentos ex-votos que se encontram na casa dos Navegantes (ou sala dos Milagres), sede da irmandade dos fidalgos e marítimos. Dela partia a procissão do Ferrolho, que se realizou até 1856, assim denominada porque era precedida por jovens que, batendo ao ferrolho, chamavam a população adormecida a acompanhar a procissão. Alusão à igreja das Chagas e à confraria das Chagas de Cristo. – (D2-E3-F3-H4).

0562-12-CARVALHO (Rosário Salema de), *Igreja matriz de Castelo de Vide de Santa Maria da Devesa*, Castelo de Vide, Câmara Municipal, 2006, [D.L. 2006], 77 p., il., plantas, quadros.

Estudo sobre a igreja matriz de Castelo de Vide, sede do concelho do mesmo nome, que remonta ao século XIII e é dedicada a Nossa Senhora da Devesa. Substituiu a primeira matriz que era dedicada ao Salvador do Mundo. A igreja pertenceu a várias entidades laicas e religiosas até ser demolida em 1749. Possuía diversos altares em honra do Santíssimo Sacramento, do Santo Cristo, de Nossa Senhora da Boa Morte, de Nossa Senhora do Carmo, do Rosário, de Santa Luzia, do Anjo da Guarda e o das Almas. A actual igreja só foi concluída no século XIX, sendo aberta ao culto em 1873, pelo que a igreja matriz foi, provisoriamente, a igreja da Misericórdia. Os seus altares são dedicados ao Senhor dos Passos, ao Coração de Jesus e ao Espírito Santo, a Nossa Senhora da Assunção, do Rosário, de Fátima e do Carmo, que estão representados em esculturas – (H1).

0563-11-CASTELO BRANCO (Fernando), “Subsídios para a história da igreja de Jesus”, *Olisipo*, n.º 137-138, 1974-1975, p. 44-47, il.

Subsídios para a história da igreja de Jesus, paroquial da freguesia das Mercês na cidade de Lisboa, fundada no início do século XVII, tendo sofrido diversas

modificações. Foi reconstruída por religiosos com as escolas que receberam pelos seus ofícios.

0564-11-CASTILHO (Júlio de), *A Ribeira de Lisboa: descrição histórica da margem do Tejo desde a Madre Deus até Santos-o-Velho*, Lisboa, Publicações Culturais da Câmara Municipal de Lisboa, vol. III-IV, 1960-1981, 291-335 p., il., planta.

Notícias históricas sobre a zona da Ribeira da Naus em Lisboa que descrevem lugares e objectos de culto, nomeadamente, a instituição da igreja Patriarcal (1716) dedicada a Nossa Senhora da Assunção, sediada no Paço do Rei (após o terramoto parte do terreno desta igreja foi ocupado pela igreja paroquial de São Julião) e os festejos realizados na ocasião. Menção de pinturas com as representações dos santos António, Dâmaso, João de Deus, Engrácia e Rainha Santa Isabel, bem como imagens que aludem aos mistérios de Cristo e Maria. Estava sediada naquela igreja a irmandade da Senhora das Sete Dores, erecta em 1723. A ermida, na Ribeira das Naus, a que se dá o nome de Corpo Santo, tem por orago São Telmo ou Pedro Gonçalves Telmo, santo dos mareantes que lhe davam esse nome e os castelhanos Santelmo. Daí a junção dos dois títulos referentes a um só santo. Realizava-se nesta ermida uma festa no dia de Nossa Senhora dos Prazeres. No mosteiro dedicado a Nossa Senhora da Piedade estabeleceu-se uma irmandade de pilotos e mestres de embarcações com o título de Nossa Senhora da Esperança, que acabou por se sobrepor ao nome da titular do mosteiro. Notas dispersas sobre o itinerário e procissão do Corpo de Deus em 1756. – (C2-G1-G4-H2).

0565-15-CLARO (Rogério), *Setúbal de há 100 anos: 1878*, Setúbal, Tipografia Rápida de Setúbal, 1978, 126 p.

Recolha de crónicas semanais publicadas em 1978 no jornal *Distrito de Setúbal*, nas quais se comentam vários aspectos da vida social e cultural de Setúbal em 1878. Nas actividades religiosas são referidas festas, procissões (em particular a do Corpo de Deus) e a acção das irmandades. Historial da igreja paroquial de Nossa Senhora da Anunciada: destruída pelo terramoto de 1755, foi reconstruída e nela foram colocadas as imagens do Senhor dos Passos e de Nossa Senhora da Anunciada. – (E3-G1-H1).

0566-11-CORDEIRO (Graça Índias), GARCIA (Joaquim), *Lisboa: freguesia de S. Paulo*, Lisboa, Contexto Editora, 1993, 55 p., il., mapas.

Guia turístico da freguesia de São Paulo em Lisboa, com informações desde o período romano até à actualidade. Os lugares de culto são as igrejas paroquiais, as não paroquiais e os conventos, datados dos séculos XV-XVIII, consagrados ao Corpo Santo ou Pedro Gonçalves Telmo, a São João Nepomuceno e a

São Paulo. São mencionadas as imagens de Nossa Senhora da Piedade e dos santos Domingos, Francisco de Assis, Paulo e Pedro, assim como painéis de azulejos figurando São Cristóvão. – (C2-H1-H2).

0567-12-COSTA (Alexandre de Carvalho), *Arronches, suas freguesias rurais: Esperança, Mosteiros*, Viseu, Tipografia Guerra, 1984, 41 [2] p., il.

Compilação do que se tem escrito a respeito da possível origem dos topónimos Arronches, Esperança e Mosteiros, todos do concelho de Arronches. Referência à igreja matriz de Arronches, fundada em 1242, e ao convento de São Pedro dos frades agostinhos calçados. A freguesia da Esperança tem por padroeira Nossa Senhora da Esperança (estar ou andar de esperanças) e a de Mosteiros, tinha inicialmente Nossa Senhora da Graça e atualmente é Nossa Senhora de Mosteiros. – (C2-D2).

0568-11-COSTA (Mário), “A igreja de S. Julião e o seu patrono: uma freguesia que Lisboa perdeu”, *Revista Municipal*, Câmara Municipal de Lisboa, n.º 88, 1961, p. 5-21, il.; n.º 89, 1961, p. 5-22, il.; separata da *Revista Municipal*, 88-89, 1961, 37 [16] p. il.

Contributo para o estudo da antiga freguesia de São Julião (suprimida em 1959) em Lisboa e da sua igreja paroquial (transferida para a ermida de Nossa Senhora da Oliveirinha; o edifício deu lugar ao Banco de Portugal), integrada na freguesia de São Nicolau. O culto aos mártires São Julião ou Gião (na designação popular, a quem se atribui a cura de doenças, sendo também patrono dos estalajadeiros) e Santa Basilissa, casados com promessa de virgindade eterna (naturais de Antioquia, século III). Referência às imagens do Senhor dos Passos, da Senhora da Boa Hora, das Dores, dos santos António, Sebastião, Julião, Bárbara, Catarina de Alexandria e Basilissa (actualmente expostas na igreja paroquial de São Nicolau). Menção de lugares que tomaram o santo por patrono, nomeadamente São Julião da Barra (freguesia de Oeiras e São Julião da Barra), concelho de Oeiras, e São Julião do Tojal, concelho de Loures, bem como igrejas votivas e paroquiais dos concelhos de Portalegre, Valença (distrito de Viana do Castelo), Chaves (distrito de Vila Real), Bragança, Figueira da Foz (distrito de Coimbra), Gouveia e Lamego (distrito de Viseu), Vila do Conde (distrito do Porto) e Seia (distrito da Guarda). Referência à irmandade de São Bartolomeu dos Alemães e à Arquiconfraria do Santíssimo Sacramento, sediada na igreja da freguesia. Relato da procissão de Corpus Christi efectuada em 1582 e reprodução do programa dos actos religiosos da Semana Santa de 1864. – (D4-E3-G1-H1).

0569-11-COSTA (Paulo Alexandre dos Santos), “A Igreja de Nossa Senhora de Fátima em Lisboa e a arte moderna em Portugal”, *Lusitania Sacra*, t. 12, 2000, p. 413-430, plantas.

Análise da polémica instaurada entre os sectores mais tradicionalistas da sociedade portuguesa e as respostas da Igreja Católica sobre a edificação da igreja paroquial de Nossa Senhora de Fátima, situada na freguesia do mesmo nome em Lisboa. Edificada em 1938, no contexto inicial do Estado Novo, a igreja foi construída segundo o estilo modernista, o que levou os setores mais conservadores da sociedade a defender a incompatibilidade da arte moderna com as obras religiosas e a reconhecer nesta obra uma abertura ao internacionalismo herético. A posição da hierarquia católica acabou por se impor, procurando reconciliar a arte com a fé e identificando a nova construção com a renovação marial cristã. Transcrição de um texto do cardeal Gonçalves Cerejeira em que este defende a igreja no plano artístico e religioso. – (A5).

0570-11-CUNHA (João Alves da), “Igreja de Santo António de Moscavide: história de um caminho não percorrido”, *Didaskalia*, vol. XL, fasc. 2, 2010, p. 167-191, il., planta.

Notas sobre a igreja paroquial de Moscavide, concelho de Loures, dedicada a Santo António, que se filia no estilo moderno e funcionalista, de que é um exemplo único em Portugal. Descrição do exterior e do espaço interior da igreja, marcado pela funcionalidade litúrgica e pela reduzida iconografia. Análise da polémica, pondo em confronto as posições dos defensores e dos opositores das soluções arquitectónicas escolhidas para concretizar objectivos litúrgicos.

0571-11-DELGADO (Ralph), “A antiga freguesia dos Olivais”, *Olisipo*, n.º 101, 1963, p. 32-40, il.

Nota história sobre a freguesia de Santa Maria dos Olivais em Lisboa, que descreve a igreja paroquial do mesmo nome. O nome deve-se ao facto de a imagem ter sido achada na cavidade de uma oliveira (talvez no século XVI). Na igreja paroquial existiam, no século XVIII, as irmandades de Nossa Senhora do Rosário e a do Santíssimo Sacramento (actualmente existe apenas esta) e os túmulos de uma família da nobreza. O cruzeiro do adro da igreja é datado de 1636. Notícias da capela de Nossa Senhora da Conceição, do convento de Santo Elói, do mosteiro do Salvador e do convento de São Cornélio. – (C2-C6-F2-G1).

0572-11-DIMBLA (Maria do Carmo Dias Monteiro de Barros de Lacerda, pseud. Mariac), “Uma igreja de linhas modernas com profundos alicerces na história: um lugar, duas hostes e uma ermida”, *Olisipo*, n.º 136, 1973, p. 161-162.

Nota sobre a igreja paroquial de São Jorge da freguesia de Arroios em Lisboa, que terá sido primitivamente erigida em 1148 ou em 1168 pelo bispo da diocese de Lisboa. Destruída pelo terramoto de 1755, foi em seu lugar construída uma igreja em 1829 que nunca chegou a ser sede paroquial. Em 1969 veio a

ser demolida para dar lugar à actual igreja paroquial de São Jorge. Em frente tem um cruzeiro com Cristo Crucificado e a imagem de São Vicente com os dois corvos que acompanharam as suas relíquias até Lisboa. – (C2-C6-H1).

0573-11-DUARTE (Maria José Guerreiro), “A igreja de Nossa Senhora do Rosário de Fátima: uma interpretação”, *Olisipo*, n.º 9, 1999, p. 89-95, il.

Proposta de interpretação da igreja paroquial de Nossa Senhora de Fátima (1938), situada na freguesia de Nossa Senhora de Fátima em Lisboa. Ela é o primeiro lugar de culto em Portugal a receber este orago e foi construída, segundo o autor, ao sabor do nacionalismo em voga na época. Análise do simbolismo dos vários espaços que constituem o conjunto e dos seus objectos de culto (imagens, pinturas, vitrais, baixo-relevo) que conduzem os fiéis a uma lógica de interligação entre a morte e a vida (a morte simbólica e a vida espiritual). Os objectos de culto representam Cristo, o Sagrado Coração de Jesus, o Calvário, Nossa Senhora do Carmo, das Dores, de Fátima, os quatro Evangelistas, a ressurreição de Lázaro e os santos António, João Baptista, João Evangelista, José, João de Brito, Nuno de Santa Maria, Pedro de Rates (distrito do Porto), considerado o primeiro bispo da diocese de Braga, Teotónio (primeiro prior de Santa Cruz de Coimbra), Beatriz da Silva, Joana Princesa, Rainha Santa Isabel e Teresinha do Menino Jesus. – (H1-H2).

0574-11-DUARTE (Maria José Guerreiro), “Penha de França: 400 anos do santuário – 80 da freguesia”, *Olisipo*, n.º 7, 1998, p. 47-51, il.

Apontamentos históricos sobre a ermida e hoje igreja paroquial (1937) de Nossa Senhora da Penha de França, fundada em 1598 na actual freguesia do mesmo nome em Lisboa. A ermida foi construída para nela ser exposta uma imagem de Nossa Senhora da Penha de França oferecida como promessa por um sobrevivente da batalha de Alcácer-Quibir (Marrocos). O edifício actual foi construído depois do terramoto de 1755. Menção de diversos milagres atribuídos à mesma imagem, razão pela qual foi escolhida como protectora da gente marítima e contra a peste. A procissão anual foi instituída pela câmara de Lisboa em 1599 e, no ano seguinte, foi estabelecida na ermida uma irmandade de “Fidalgos e Marítimos” ligada às naus da Índia, tendo como padroeira Nossa Senhora da Penha de França. O culto de Nossa Senhora da Penha de França difundiu-se em Timor e São Tomé e Príncipe. – (D2-E3-F3-H1).

0575-07-ESPANCA (Túlio), “A Comenda de Vera Cruz de Marmelar”, *A Cidade de Évora: Boletim da Comissão Municipal de Turismo de Évora*, n.º 57, 1974, p. 147-158 [4], il.

Notas sobre a comenda de Vera Cruz de Marmelar, que pertenceu à ordem militar do Hospital, cuja igreja dedicada a São Pedro é hoje a paroquial da actual freguesia de Vera Cruz, concelho de Portel. Descrição dos objectos

de culto, existentes ou desaparecidos, sobretudo da igreja paroquial: as pinturas do século XVI que representam a Ressureição de Cristo, a Invenção da Santa Cruz, Santa Helena e a Ressureição do Mancebo, santos e guerreiros da Ordem de São João de Jerusalém; os altares dedicados às Almas e a Nossa Senhora do Rosário com as respectivas irmandades, assim como a Nossa Senhora da Conceição. A igreja abriga ainda a relíquia da Vera Cruz, fragmentada em 1468 para ficar uma parte na Sé de Évora, e uma cruz processional. – (G1-H2-H3-H7).

0576-07-ESPANCA (Túlio), “Notícia de quatro igrejas comendatárias da Ordem de Avis”, *A Cidade de Évora: Boletim da Comissão Municipal de Turismo de Évora*, n.º 55, 1972, p. 173-238, il.

Notícia histórica e descrição das igrejas matrizes comendatárias da Ordem de Avis dedicadas a Santa Maria, em Estremoz, a São Salvador, na freguesia de Veiros, concelho de Estremoz, a Nossa da Senhora do Sobral (ou Nossa Senhora das Neves) em Borba, sede do concelho do mesmo nome, e de Nossa Senhora da Conceição em Vila Viçosa, sede do concelho do mesmo nome, datadas do século XVI. Os seus objectos de culto datam sobretudo dos séculos XVII-XVIII e compreendem imagens, pinturas, retábulos esculpidos e pintados, azulejaria, baixos-relevos e pinturas murais. Representam a vida e paixão de Cristo, o Menino Jesus, a Santíssima Trindade, a Descida do Espírito Santo, a Sagrada Família, o Cordeiro Pascal, a Virgem, Nossa Senhora do Sobral ou do Soveral, do Carmo, da Conceição, do Rosário, de Fátima, da Assunção, das Dores, das Neves, de Lurdes, da Boa Morte, do Calvário, a Degolação de São João Baptista por Salomé, São Francisco de Assis recebendo os estigmas; os santos Domingos, Bento, Pedro, José, Lourenço, Miguel Arcanjo e as alminhas do Purgatório, João Evangelista, João Baptista, Tiago, Jorge, Simão, Francisco de Borja, Luís, rei de França, Brás, Bartolomeu, Homembom, Pedro Gonçalves Telmo, Anjo Custódio de Portugal, André Apóstolo e António; as santas Rainha Santa Isabel, Ana, Clara de Assis, Luzia, Apolónia, Úrsula, Catarina de Alexandria e Catarina de Sena (Siena). A irmandade da Misericórdia de Borba foi fundada em 1516-1524. Outras confrarias e irmandades são dedicadas ao Santíssimo Sacramento, a Nosso Senhor Jesus dos Passos, a Nossa Senhora da Conceição, do Carmo, dos Escravos da Conceição e a das Almas, entre outras. – (G1-G2-H1-H2).

0577-ESPANCA (Túlio), “Visitação da Catedral de Évora em 1537”, *A Cidade de Évora: Boletim da Comissão Municipal de Turismo de Évora*, n.º 53-54, 1970-71, p. 149-184, il.

Transcrição da visitação da catedral de Évora pelo cardeal Dom Afonso em 1537, que se encontra no arquivo capitular da Sé de Évora. São descritas as suas capelas: a capela-mor ou de Nossa Senhora da Assunção e as capelas

laterais do Santíssimo Sacramento, de Jesus, de Nossa Senhora da Piedade, da Graça, de São Pedro e São Paulo, de São Lourenço, que apresentam retábulos pintados e imagens. São descritos os altares de Nossa Senhora (com a sua confraria), de São Brás, de São Miguel Arcanjo e de Santa Helena. Referem-se igualmente as relíquias, nomeadamente um pedaço do Santo Lenho e um espinho da coroa de Jesus. – (G1-H1-H2-H7).

0578-07-FALCÃO (José António), “Acerca das obras de reconstrução da igreja matriz de Santa Maria do Bispo, de Montemor-o-Novo, em 1693 e 1717”, *Almanson: Revista de Cultura*, n.º 8, 1990, p. 137-174, il.

Subsídio para o estudo das obras de reconstrução da igreja de Nossa Senhora do Bispo, paroquial da freguesia de Nossa Senhora do Bispo, em Montemor-o-Novo, sede do concelho do mesmo nome, em 1693 e 1717. Actualmente em ruínas, a igreja foi fundada no século XIV (1316) e deixou de ser paroquial em 1843, passando os seus bens móveis para a igreja do extinto convento e nova matriz dedicada a São João de Deus. As capelas interiores eram dedicadas aos santos António, Bartolomeu, Jorge (depois do Santo Cristo) e Catarina de Alexandria. A confraria do Santíssimo Sacramento estabeleceu-se nela no século XVII. Foi um dos santuários marianos mais concorridos do concelho, sendo a imagem de Nossa Senhora do Bispo chamada, por vezes, das Angústias e da Expectação, embora sem nunca perder o nome de Nossa Senhora do Bispo. Menção de pinturas com a representação de Cristo Crucificado, vulgarmente conhecido por Senhor dos Remédios, e do Mistério do Calvário, assim como das relíquias de São Brás. Contém um apêndice documental. – (D2-G1-H2-H7).

0579-11-FARIA (António Machado de), “A igreja de S. Sebastião da Pedreira”, *Revista Municipal*, Câmara Municipal de Lisboa, n.º 97, 1963, p. 7-25, il.; n.º 98, 1963, p. 5-23, il.

Contributo para a história da freguesia de São Sebastião da Pedreira em Lisboa e da sua igreja paroquial (primeiro foi ermida pertencente à freguesia de São Nicolau) datada do século XVI. Análise da sua origem e do período de maior expansão do culto ao mártir quando Carlos V enviou ao rei Dom João III uma relíquia do santo (um braço). Depositada na igreja dos cônegos de São Vicente de Fora, freguesia do mesmo nome, foi-lhe atribuída o fim de uma peste que assolou o reino. Data também dessa altura um voto feito pelos carpinteiros da freguesia, prometendo ir todos os domingos com um sacerdote celebrar missa na ermida e de nela festejarem, com procissão, o santo a 20 de Janeiro, dia do seu martírio. Menção de objectos de culto pertencentes à igreja: numerosas relíquias, algumas imagens em que figuram o Menino Jesus, Nossa Senhora da Piedade, do Resgate, da Saúde, da Soledade e os santos Amaro, António, Gonçalo de Amarante, João Baptista, José, Pedro,

Sebastião, Catarina de Alexandria, Luzia e Rosa de Lima. A igreja contém uma pintura de São Jerónimo e um painel de azulejos representando Nossa Senhora do Monte Carmo. Referência às irmandades nela sediadas no século XVIII, nomeadamente as do Santíssimo Sacramento, do Senhor Jesus da Via-Sacra, de São Sebastião e a das Almas. – (D4-G1-H1-H7).

0580-11-FERNANDES (Dora Maria dos Santos), “Igreja de São Pedro de Dois Portos: ensaio de caracterização artística, evolutiva e programática”, *Estudos de história da arte: novos contributos*, coordenação de SERRÃO (Vitor), Lisboa, Edição da Câmara Municipal, 2002, p. 41-56, il.

Estudo sobre a evolução artística da igreja matriz de São Pedro, freguesia de Dois Portos, concelho de Torres Vedras, construída no primeiro terço do século XVI, que terá pertencido à colegiada de Nossa Senhora do Castelo em Torres Vedras até 1834. O altar-mor teve quatro tábuas maneiristas (1570) representando cenas da vida de São Pedro, segundo os requisitos estéticos do Concílio de Trento: Quo Vadis, São Pedro a ser libertado da prisão por um anjo, a andar sobre as águas e a Pesca Milagrosa, que foram deslocadas e repintadas no final do século XVII. Notícia dos altares dedicados ao Corpo de Deus e a Nossa Senhora da Conceição, datados do século XVIII. Menção das imagens do Senhor dos Passos (século XVIII) e de São Pedro (século XV) vestido de Papa. Alusão aos azulejos do século XVIII na sacristia representando um Apóstolo e símbolos alusivos à paixão de Cristo. – (A5-H1-H2-I4).

0581-11-FERNANDES (Paulo Almeida), “Notas sobre o urbanismo da antiga vila de Cheleiros”, *Boletim Cultural*’08, Câmara Municipal de Mafra, p. 27-66, il., mapa.

Notas sobre o urbanismo da freguesia de Cheleiros, concelho de Mafra, que contém dados sobre a igreja paroquial erecta pelo menos no século XIII. A titular inicial era Santa Maria de Rocamador (Reclamador) e hoje é Nossa Senhora da Assunção. É provável que na zona se tenham estabelecido eremitas de Rocamador durante a Reconquista. Junto à igreja há um cruzeiro da primeira metade do século XVI e a capela do Espírito Santo (com albergaria), datável da primeira metade do século XVI, onde se realizava culto. Menção das desaparecidas ermidas de Nossa Senhora do Ó e de São Bento. – (C2-C6-D3).

0582-15-FERNANDES (Paulo Almeida), OLIVEIRA (Catarina), SIMÕES (João Miguel), *Património artístico-cultural do Montijo II*, Lisboa – Montijo, Colibri – Câmara Municipal do Montijo, 2012, 221 p., il.

Levantamento e estudo histórico do património artístico, religioso e civil das freguesias do concelho do Montijo, desde a sua fundação até ao século XX. Em Sarilhos Grandes existem a igreja paroquial de São Jorge e a capela de Nossa Senhora da Piedade. Na freguesia da Atalaia regista-se a igreja

paroquial e santuário de Nossa Senhora da Atalaia e o seu cruzeiro do século XVI. Em Canha há a igreja paroquial de Nossa Senhora da Oliveira e as não paroquiais de São Sebastião, que foi sede da Misericórdia, e de São Gabriel Arcanjo. Em Santo Isidro de Pegões é mencionada a igreja paroquial de Santo Isidro. Em Pegões é referida a igreja paroquial dedicada a Nossa Senhora de Fátima. Em Afonsoeiro a igreja matriz é dedicada a Nossa Senhora da Conceição. Nos lugares de culto são inventariados ou descritos a talha, a pintura, a azulejaria, a escultura e as bandeiras processionais, entre outros objectos de culto que representam o Baptismo de Cristo, o Sagrado Coração de Jesus, o Espírito Santo, Cristo Crucificado, Nossa Senhora de Fátima, da Piedade, da Atalaia, das Dores, do Rosário, da Conceição, cenas de temática mariana, São Jorge matando o dragão, cenas da vida de São Jorge e as Santas Madres, temas do Antigo Testamento, a Adoração dos Reis Magos, os santos Gregório Magno, André, João Evangelista, Martinho de Tours, Sebastião, Isidro, Maria Madalena, Margarida de Cortona e Catarina de Alexandria. Nota sobre os ex-votos de Nossa Senhora da Atalaia, sobretudo quadros pintados e fotografias. Dados sobre a origem do santuário de Nossa Senhora da Atalaia e os círios provenientes de várias freguesias, tendo sido vinte e seis e hoje são apenas seis. – (C2-D2-E3-H4).

0583-11-FERNANDES (Pedro Luís Gaurim), *A Igreja de São Martinho de Sintra: reconstrução pombalina de um templo evocativo de duas vitórias da cristandade?*, dissertação de mestrado em História da Arte Moderna apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas em 2012, 149 p., il. <http://hdl.handle.net/10362/7912> (consultada em 12-12-2020).

Estudo sobre a igreja paroquial da freguesia de São Martinho em Sintra, sede do concelho do mesmo nome, que parte do templo actual, resultado da reconstrução pombalina após o terramoto de 1755. O edifício é analisado no quadro dos períodos românico, gótico, renascentista, barroco e neoclássico. Descrição da actual igreja de São Martinho de Sintra que reflecte a reconstrução levada a cabo nos anos 1760-1770. A igreja de São Martinho de Tours guarda três representações do santo bem distintas entre si: uma pintura do século XVI e duas esculturas, provavelmente do século XVIII, em que o santo aparece de forma bastante hierática. A que está no altar-mor, do lado do Evangelho, ou seja, do lado direito na perspectiva do retábulo, como convém ao orago, terá sido encomendada para ser exposta nesse lugar. Já a que se guarda actualmente no Museu de Arte Sacra, de porte maior, é mais rica e terá sido executada com fins processionais. Esta imagem pode relacionar-se em termos de fabrico com as de Santo André e de Nossa Senhora da Conceição. Estas duas peças parecem saídas da mesma oficina e revelam uma expressão dolorosa caracteristicamente barroca, única no acervo da igreja. Outras imagens referidas representam o Senhor dos Passos e o Senhor Morto, Santo André, São Pedro

e Santa Catarina de Alexandria. Descrição da igreja segundo as memórias paroquiais de 1758. Menção das irmandades das Almas e de Santo André. A iconografia de São Martinho resume-se frequentemente a duas formas: a mais simples apresenta apenas um bispo, sendo a forma mais comum de representação, principalmente através de imagens barrocas adaptáveis aos nichos laterais dos retábulos. Outra forma de representação é uma imagem biográfica, através da captação de um dos momentos da vida de São Martinho. Em Portugal a representação mais frequente é a equestre, no momento em que o santo partilha a capa com um mendigo, que seria Jesus. A origem do culto a São Martinho terá começado durante a Reconquista, havendo em Portugal menos de cem paróquias dedicadas ao santo num país onde a maior parte das paróquias se dedicam a Maria e aos Apóstolos. Na zona centro e sul de Portugal são escassas as imagens e lugares de culto dedicados a São Martinho. – (D4-G1-H1-H2).

0584-11-FERREIRA (Carlos Henriques), “A arquitectura das ‘Novas Igrejas’”, *Na matriz da cidade: exposição comemorativa do 50.º aniversário da igreja de Nossa Senhora da Conceição da Amadora*, Amadora, Câmara Municipal, 2008, p. 5-6, il., plantas.

Caracterização do estilo arquitectónico das novas igrejas paroquiais construídas no terceiro quartel do século XX, que misturam elementos modernistas e elementos revivalistas e tradicionais de que são exemplo a igreja de São João de Deus (1949), do Santo Condestável (1946-1961), de São João de Brito (1951-1955) em Lisboa, e a igreja de Nossa Senhora da Conceição na Amadora, sede do concelho do mesmo nome, iniciada em 1957.

0585-11-FERREIRA (Helmer da Cruz), *Igreja de São Vicente de Fora*, Lisboa, Heliópolis, 1995, 7 p.

Notas sobre a igreja e convento de São Vicente de Fora dos Cónegos Regrantes de Santo Agostinho, edificadas na freguesia do mesmo nome em Lisboa, no ano de 1147. A igreja é hoje a paroquial da freguesia do mesmo nome e nela estão depositadas as relíquias do mártir São Vicente. Descrição da igreja que guarda as imagens dos santos Agostinho, Sebastião, Domingos, Norberto e Bruno de Colónia. Notícia sobre cada um deles. – (H1-H7).

0586-11-FERREIRA (Jorge M. Rodrigues), *São Domingos de Benfica: roteiro*, Lisboa, Junta de Freguesia de São Domingos de Benfica, 136 [4] p., il.

Roteiro do património da freguesia de São Domingos de Benfica em Lisboa, que compreende a igreja paroquial de Nossa Senhora do Rosário, antiga igreja do convento de São Domingos, da qual são referidos os seus altares e imagens principais, o convento dos capuchos de Santo António da Convalescença, a capela funerária dos Castros situada junto ao claustro do convento de São

Domingos, e um cruzeiro hoje implantado numa propriedade privada situada na freguesia do Campo Grande em Lisboa. – (C6-C7-H1).

0587-11-FERREIRA (Manuel Marques Ribeiro de), *A igreja matriz de Oeiras: 800 anos de vida*, Oeiras, Paróquia de Nossa Senhora da Purificação de Oeiras, 2004, 141 [1] p., il.

Nova edição actualizada da história e descrição da igreja matriz da freguesia de Oeiras e São Julião da Barra, concelho de Oeiras, fundada nos inícios do século XIII já com a invocação de Nossa Senhora da Purificação (ou Senhora da Apresentação, ou Senhora das Candeias). O actual edifício data da primeira metade do século XVIII. A igreja possui diversas imagens, nomeadamente, da titular da igreja e padroeira de Oeiras, assim como várias pinturas expostas ou que fazem parte do seu tesouro. Dados sobre a devoção e a festa da padroeira Nossa Senhora da Purificação. Notas sobre as confrarias sediadas na igreja, fundadas nos séculos XIV a XVII em honra do Santíssimo Sacramento (encarregada das festas da Semana Santa), do Corpo de Deus, do Senhor dos Passos (realizava a procissão com o mesmo nome), do Santo Nome de Jesus, de Nossa Senhora da Atalaia (ia em peregrinação ao santuário na freguesia do mesmo nome, concelho do Montijo), do Rosário, de São Vicente e a das Almas. Outros santos festejados em Oeiras eram São João Baptista, Sebastião, António, Amaro, Mamede, Brás, Vicente, Luzia e Catarina de Alexandria, – (E2-G1-H1-H2).

0588-11-FERREIRA (Sílvia), “Altars de talha deslocados: metamorfoses e conversões de sentido – o caso da igreja de S. João Baptista do Lumiar”, *Genius Loci: lugares e significados*, coordenação de ROSAS (Lúcia), SOUSA (Ana Cristina), BARREIRA (Hugo), Porto, Centro de Investigação Transdisciplinar “Cultura, Espaço, Memória”, 2017, vol. II, p. 189-202, il.

A deslocação de altares foi uma realidade frequente e geograficamente generalizada a partir da extinção das ordens religiosas (1834) e da Lei de Separação do Estado das Igrejas (1911), assim como com a restauração dos espaços sacros românicos e góticos nos anos 30 e 40 do século XX. É estudado o caso da igreja paroquial de São João Baptista, freguesia do Lumiar em Lisboa, que terá sido fundada em 1276 e foi reedificada a meados do século XVI. Notícia dos altares anteriores ao grande incêndio de 1932 e dos novos colocados durante a restauração da igreja, provenientes de outros lugares de culto. Menção do altar-mor, dos altares antigo e novo de Nossa Senhora do Rosário, do antigo de Nossa Senhora das Dores e de São João Baptista e de Santa Rita de Cássia. Menção da irmandade do Santíssimo Sacramento. – (G1).

0589-11-FERRO (Quadros), “Os monumentos de Lisboa”, *Revista Municipal*, Câmara Municipal de Lisboa, n.º 92-93, 1962, p. 16-22, il.

Breve inventário dos monumentos de Lisboa onde são referidos a Sé, a igreja da Madre de Deus, a Basílica da Estrela, a igreja dos Paulistas, o convento do Carmo e o mosteiro dos Jerónimos, entre outros. São titulares Nossa Senhora de Fátima, os santos Nuno de Santa Maria, João de Deus, Roque, Sebastião, Catarina de Alexandria e Engrácia. É também referida a estátua do Cristo-Rei em Almada, sede do concelho do mesmo nome. – (C2-H1).

0590-11-FIGUEIREDO (Ana Paula Valente), *O espólio artístico das capelas da Sé de Lisboa: abordagem cripto-histórica*, dissertação de mestrado em Arte, Património e Restauro apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa em 2000, 3 vol. 216-[303]-[352], dactilogr., il., plantas (consultável na Biblioteca Nacional de Portugal).

Estudo sobre as capelas da Sé de Lisboa situadas na igreja e no claustro, com a finalidade de determinar o seu número, as sua invocações, as alterações ao longo do tempo e o respectivo equipamento artístico num arco cronológico variável. No volume I, capítulo I, são tratados a instituição, a história e os aspectos iconológicos das capelas dos séculos XIII a XIV (cerca de 31), disseminadas pelo transepto, charola e claustro, todas criadas para fins funerários. Até ao século XVIII foram instituídas outras capelas com missas por sufrágio. Por acção das irmandades e confrarias essas capelas deram lugar a espaços de culto, alterando oragos, imagens e decoração. A Sé de Lisboa albergou um grande número de irmandades de carácter profissional criadas por calafates, correios e moedeiros, e devocional em honra do Senhor Jesus da Boa Sentença, do Santíssimo Sacramento, de Nossa Senhora a Grande, da Pombinha, da Quietação, da Luz, dos santos Lourenço, Brás, Amaro, António, Sebastião, Gertrudes Magna e Catarina de Alexandria, entre outras entidades. As capelas do transepto e da charola existentes entre os séculos XII a XX eram dedicadas a estas entidades religiosas: à Santíssima Trindade e aos santos Vicente, Gervásio, Tiago, Cosme e Damião, Ana, Eulália e Bartolomeu, situando-se esta noutra local da Sé. No claustro encontram-se as capelas de Nossa Senhora da Eucaristia, da Tocha, da Terra Solta e de Santo Estêvão, entre outras. Historial das modificações arquitectónicas do edifício. A iconologia, os mecenas e o espólio artístico, que é constituído por imagens e retábulos pintados. O volume II contém o apêndice documental e o volume III o apêndice figurativo. – (E4-G1-G4-H1).

0591-15-FONSECA (Jorge), “Novos elementos sobre a construção da igreja de Santa Maria de Setúbal”, *Artis*, n.º 7-8, 2009, p. 159-167, il.

A igreja paroquial de Santa Maria, freguesia de Santa Maria da Graça, em Setúbal, actual Sé da diocese de Setúbal, foi construída segundo o estilo chão, tendo sido concluídas as suas obras em 1570. Contém um apêndice documental.

0592-11-FREITAS (João Pedro de Sande), “A igreja de São Sebastião da Pedreira”, *Olisipo*, n.º 15, 2001, p. 91-95, il.

Notícia histórica sobre a igreja paroquial de São Sebastião da Pedreira, situada na freguesia do mesmo nome em Lisboa. Teve origem na ermida dedicada a São Sebastião que foi construída provavelmente no século XVI. A igreja actual foi erigida ao longo da primeira metade do século XVII. No seu interior existem várias telas do século XVIII que representam o baptismo de Cristo e a entrega das chaves a São Pedro, painéis de azulejo alusivos a vários episódios da vida de São Sebastião, telas que representam os Apóstolos e medalhões do tecto com São Sebastião subindo aos céus, os santos Tomás de Aquino, Agostinho e Jerónimo. As imagens figuram o Senhor Jesus do Bom Nome com Nossa Senhora da Piedade a seus pés, Nossa Senhora da Conceição, os santos José e Sebastião. Nela existiram irmandades dedicadas ao Santíssimo Sacramento, ao Senhor Jesus dos Pescadores, a Nossa Senhora das Dores, a São Sebastião e a São Miguel das Almas. – (C2-G1-H1-H2).

0593-11-GOMES (Jesué Pinharanda), *O Carmo em Loures: Camarate, Frielas, Santo António dos Cavaleiros*, Santo António dos Cavaleiros, Comunidade Paroquial, 1979, 57 p., il.

Notas históricas sobre a vida religiosa das freguesias de Camarate, Frielas e Santo António dos Cavaleiros, concelho de Loures, desde a ocupação romana até ao século XX. Notas sobre a igreja paroquial e a colegiada de São Julião, freguesia de Frielas, os preparativos para a construção da igreja paroquial de Santo António, freguesia de Santo António dos Cavaleiros, as ermidas de Nossa Senhora do Monte (1579), de Santa Catarina de Alexandria e de Santa Marta, assim como o extinto convento carmelita de Nossa Senhora do Socorro (século XV) na freguesia de Camarate. Notícia de diversas capelas desaparecidas dedicadas a Nossa Senhora do Carmo, situadas no concelho de Loures. Apontamentos referentes à Ordem do Carmo e aos círios e transcrição de “chacoinas”. Estas eram danças e cantares feitos pelas mulheres de Lisboa em honra do Santo Condestável (Nuno de Santa Maria), quando em procissão se deslocavam até ao convento do Carmo em Lisboa. – (C2-D4-E3-E6).

0594-11-GOMES (Jesué Pinharanda), *Os Tojais e a Casa do Gaiato: monografia histórica*, Loures, Casa do Gaiato de Santo Antão do Tojal, 1990, 25 p.

Opúsculo dedicado à celebração dos cinquenta anos da Casa do Gaiato (fundada em 1947), uma instituição da “Obra de Rua” criada pelo padre Américo (Américo Monteiro de Aguiar (Galegos, Penafiel, 1987 – Porto, 1956), objecto de devoção popular e com processo de beatificação) dedicada ao apoio de rapazes abandonados. Breves notas históricas sobre a freguesia de Santo Antão do Tojal, concelho de Loures: a igreja paroquial, edifício medieval dedicada à Imaculada Conceição (ampliada no século XVIII) e as capelas

privadas em honra do Espírito Santo, de Nossa Senhora da Apresentação, do Carmo e de São Roque. Alusão às imagens de Nossa Senhora da Conceição, de São Bruno de Colónia e da Rainha Santa Isabel, assim como a painéis de azulejos setecentistas que representam cenas da vida de Cristo. – (B6-H1-H2).

0595-11-GOMES (João José Fernandes), *Contribuição para um arquivo histórico de Alenquer (relação de documentos)*, Alenquer, Câmara Municipal, 1989, 187 p., il.

Contribuição para a inventariação do arquivo histórico dos concelhos de Alenquer, Cadaval e Arruda dos Vinhos através da relação de documentos ordenados cronologicamente desde século o XIII ao XX. Alguns desses documentos dizem respeito a lugares de culto, como as igrejas paroquiais de Nossa Senhora das Virtudes, do Patrocínio, da Purificação, da Assunção, de Santa Maria, dos santos Pedro, Sebastião, Francisco de Borja (protector contra os terramotos) e Tiago, assim como à capela de Nossa Senhora do Monte Carmo e aos conventos de São Francisco de Assis e de Santa Clara de Assis. Outros documentos dão informações sobre as confrarias do Espírito Santo, do Santíssimo Sacramento, de Nossa Senhora da Lapa, de São Brás e da Misericórdia. Vários documentos são testamentos. Menção dos milagres do Espírito Santo. Alusão à procissão de São Sebastião, bem como à provisão que impõe a presença da bandeira real em todas as procissões. – (C2-E4-G1-G2).

0596-15-GOMES (Paulo Alexandre), *Ermidas-Sado: história de uma povoação contemporânea*, Ermidas-Sado, Junta de Freguesia, 2000, 244 p., il., mapas, quadros, gráficos.

Estudo sobre a freguesia de Ermidas-Sado, concelho de Santiago do Cacém, desde 1530 ao século XX. A freguesia foi criada em 1953 e a igreja paroquial de Nossa Senhora da Conceição foi inaugurada em 1956, mas a participação religiosa é reduzida.

0597-07-GONÇALVES (José Pires), *A igreja velha de Santo António dos Reguengos*, Reguengos, Edição de *Palavra*, 1969, 31 p.

História da igreja paroquial de Santo António, situada em Reguengos de Monsaraz, sede do concelho do mesmo nome, desde a primitiva ermida do mesmo nome datada de antes de 1752. Nesta data a ermida era sede da nova paróquia e freguesia de Reguengos de Monsaraz, sendo depois ampliada para dar lugar à igreja com o mesmo nome, que foi demolida em 1915 por causa da abertura de uma rua. A igreja de Santo António (a velha) tinha as capelas da Santíssima Trindade, do Senhor dos Passos, de Nossa Senhora da Piedade e do Carmo, onde estavam expostas diversas imagens. Menção da igreja de Nossa Senhora da Caridade. Transcrição de documentos. – (C2-H1-I3).

0598-07-GONÇALVES (José Pires), “Monsaraz e seu termo: ensaio monográfico”, *Boletim Anual de Cultura*, Junta Distrital de Évora, n.º 2, 1961, p. 1-158, il., mapa, planta; n.º 3, 1962, p. 267-357 [13], il., mapa.

Contribuição para a história da freguesia de Monsaraz, concelho de Reguengos de Monsaraz, desde a Pré-história ao século XX, contendo informações sobre os lugares de culto da vila e arrabaldes, fundados nos séculos XIII-XIV. Dados sobre a igreja matriz de Nossa Senhora da Lagoa ou do Castelo, a de São Tiago, hoje arruinada, a de São Bartolomeu, a capela de São João Baptista e a ermida de São Lázaro (em ruínas). Notícia de diversos túmulos e capelas vinculadas na igreja matriz. Segundo a lenda, o nome Lagoa é alusivo a um milagre da Virgem que salvou um casal de camponeses da acometida do diabo disfarçado de touro criando entre eles uma lagoa. – (C2-C7-F1-F3).

0599-15-GRAÇA (Luís Maria dos Santos), *Edifícios e monumentos notáveis do concelho de Alcochete*, Lisboa, Edição ELO, 1998, 63 p., il.

Guia bilingue (inglês-português) dos edifícios e monumentos notáveis das freguesias do concelho de Alcochete, contendo breves descrições de lugares de culto, fundados no século XVI. As igrejas paroquiais e não paroquiais, um mosteiro, um convento e as ermidas que são dedicados a Nossa Senhora da Vida (antiga do Espírito Santo), da Conceição e do Socorro, aos santos António, Brás e João Baptista. Há ainda a igreja da Misericórdia. Menção das imagens de Nossa Senhora da Conceição, dos santos António, Brás, João Baptista, de um fresco, de pinturas e de painéis de azulejo com a representação de cenas da vida de Cristo e de Maria, assim como de São João Baptista. Na bandeira da Misericórdia estão representados Nossa Senhora da Piedade e Nossa Senhora da Misericórdia. Menção da irmandade de Nossa Senhora da Vida. – (C2-H1-H2-H3).

0600-15-GRAÇA (Luís Maria dos Santos), *Edifícios e monumentos notáveis do concelho de Montijo*, Montijo, Caixa de Crédito Agrícola Mútuo de Montijo, 1989, 153 p., il., mapa.

Notas históricas do património edificado do concelho do Montijo, contendo sobretudo dados relativos aos lugares de culto dos séculos XVI e XVII. As igrejas paroquiais e as capelas são dedicadas ao Espírito Santo, ao Senhor Jesus dos Aflitos, a Nossa Senhora de Oliveira, a Nossa Senhora da Piedade e aos santos Jorge, Sebastião e António. Há ainda a capela da Misericórdia. Dados sobre o santuário de Nossa Senhora da Atalaia. Nos lugares de culto encontram-se diversos objectos de culto: imagens, pinturas e azulejos pintados que representam cenas bíblicas, Cristo Crucificado, cenas da vida de Nossa Senhora e vários santos, por exemplo Martinho de Tours, Pedro e Margarida de Cortona. Notícia da romaria a Nossa Senhora da Atalaia,

concelho do Montijo, e transcrição de três testemunhos datados de 1934 e 1958. – (C2-D2-H1-H2).

0601-11-JORGE (Virgolino Ferreira), “Igreja do Salvador do Mundo”, *Concelho de Sobral de Monte Agraço: inventário artístico*, coordenação de SOARES (Maria Micaela), JORGE (Virgolino Ferreira), Sobral de Monte Agraço, Câmara Municipal, 1987, p. 41-63, il..

Estudo sobre a primitiva matriz do Salvador do Mundo (século XIV), situada na freguesia de Sobral de Monte Agraço, sede do concelho do mesmo nome. Descrição da igreja, já em estado de ruína, onde existiam cinco altares com imagens desaparecidas de Nossa Senhora da Conceição e dos santos Brás, Sebastião e Catarina de Alexandria. Referências ao hagiolégio do mártir São Sebastião, ligado ao medo da peste e à devoção das confrarias de arqueiros, de São Brás e de Santa Catarina, patronos de corporações de alguns ofícios. Dos milagres de São Brás é referido o de uma mulher a quem um lobo roubou um porco mas acabou por devolvê-lo por intercessão deste santo. – (D4-F1-G4-H1).

0602-11-JORGE (Virgolino Ferreira), “A igreja romano-gótica do Salvador do Mundo no Sobral de Monte Agraço (notícia preliminar)”, *Boletim Cultural*, Assembleia Distrital de Lisboa, n.º 85, 1979, p. 49-65 [7] il., mapa, quadro.

Notas sobre a igreja matriz do Salvador do Mundo na freguesia de Sobral de Monte Agraço, sede do concelho do mesmo nome, hoje em ruínas. Segundo as memórias paroquiais de 1758, a igreja possuía três altares: o altar-mor e os altares laterais de São Brás e de São Sebastião. Em 1817, uma irmandade do Santíssimo Sacramento estava nela sediada. Menção das ermidas de Nossa Senhora da Luz e de Nossa Senhora da Vida. As invasões francesas pilharam os bens da irmandade e provavelmente terão profanado a igreja. – (C2-G1-I1).

0603-07-LAVAJO (Joaquim Chorão), “Catedral de Évora revisitada”, *Eborensia: Revista do Instituto Superior de Teologia de Évora*, n.º 41-42, 2008, p. 3-50.

Descrição da Sé catedral de Évora, fundada no final do século XII, cuja titular é Nossa Senhora da Assunção. No seu interior contém sete grandes frescos do século XVIII, representando apóstolos e doutores da Igreja, a imagem de Nossa Senhora do Ó, também conhecida por Nossa Senhora da Expectação ou Nossa Senhora do Anjo, datada do século XV, assim como as imagens dos santos Filipe de Néri e Francisco Xavier. Na antiga capela-mor estiveram dezoito painéis que representam cenas da vida da Virgem, hoje no museu da cidade de Évora, substituídos na nova capela-mor, construída no século XVIII, por cinco telas igualmente dedicadas à vida da Virgem e por uma imagem de Cristo, entre outras. As capelas interiores: a capela-mor e as capelas colaterais dedicadas ao Santíssimo Sacramento, a Nossa Senhora da Boa Morte e da Piedade, aos santos Lourenço, Pedro e Paulo. Nas naves

laterais existiram diversos altares, alguns dos quais foram retirados no final do século XV. O coro alto continha também diversas imagens e o claustro capelas e imagens. Menção de diversas relíquias. – (H1-H2-H7).

0604-11-LÁZARO (João), “A evolução da igreja de São Lourenço de Carnide: um estudo de caso”, *Lusitania Sacra*, t. 29, 2014, p. 181-200, il., planta.

Recolha e análise da documentação histórica referente à antiga igreja paroquial de São Lourenço, freguesia de Carnide, em Lisboa, desde a época medieval até ao terceiro quartel do século XX. A emergência do culto a Nossa Senhora da Luz, no santuário situado na mesma freguesia, fez com que a importância da igreja paroquial fosse desvalorizada. Em 1769 possuía quatro altares em honra de Cristo Crucificado, de Nossa Senhora do Rosário, de São Miguel Arcanjo e de Jesus, Maria e José. Abrigava as irmandades do Senhor, de Nossa Senhora do Rosário e a das Almas. Possuiu azulejos que reproduzem aspectos da vida de São Vicente. Esteve para ser transformada em escola primária durante a I República e, a meados do século XIX, foi transformada em cinema pelo pároco local. Em 1999 voltou a servir para o culto religioso. – (G1-G2-H2-I3).

0605-11-LEAL (Joaquim José Mendes), *Admirável igreja matriz de Loures*, Loures, Fé & Cultura – Igreja Matriz de Loures, [D.L. 2017], XIII-305 p. il., quadros.

Nova edição fac-similada da primeira feita em 1909 da história analítica da igreja matriz de Santa Maria situada em Loures, sede do concelho do mesmo nome. A igreja foi fundada no século XII no local de um antigo cemitério e foi restaurada no final do século XVIII. Dados sobre o estado de conservação da igreja e sobre os principais celebrações religiosas realizadas na igreja paroquial e nas ermidas da freguesia durante o ano, as quais eram organizadas por irmandades e mordomias. Descrição do interior da igreja, em particular da capela-mor com as suas pinturas e imagens, entre 1600 e 1781 e no início do século XX. As várias obras levadas a cabo na igreja, em particular na capela-mor. Dados sobre a capela interior de Nossa Senhora do Socorro até ao início do século XIX. Notícia das irmandades do Santíssimo Sacramento, do Espírito Santo e das Almas, sediadas na igreja paroquial, assim como da Ordem Terceira de São Francisco estabelecida na igreja conventual franciscana na segunda metade do século XVI, onde também foi criada a confraria dos Escravos do Santíssimo em 1827. Em 1892 passou para a igreja paroquial. Notas sobre as ermidas e as procissões enfatizando a procissão das Cinzas, bem como a sobre o círio de Nossa Senhora do Cabo (Espichel, freguesia do Castelo em Sesimbra). Contém excertos de vários documentos. – (C2-E3-G2-H2).

0606-07-LOPES (Gonçalo), “A igreja de S. João Baptista de Montemor-o-Novo: uma arqueologia”, *Almansor: Revista de Cultura*, n.º 6, 2007, p. 59-90, il.

Estudo de cariz arqueológico sobre a antiga igreja paroquial de São João Baptista situada em Montemor-o-Novo, sede do concelho do mesmo nome, fundada no início do século XIV. A paróquia de São João Baptista foi extinta nos finais do século XVIII e anexada na primeira metade do século seguinte à de Nossa Senhora do Bispo. A igreja está hoje em ruínas. Possuía uma capela dedicada a Nossa Senhora do Rosário.

0607-11-LOURINHO (Manuel H.), “A igreja e o convento de São Domingos de Lisboa”, *Olisipo*, n.º 133, 1971, p. 115-123; n.º 134, 1972, p. 32-45; n.º 136, 1973, p. 38-47; n.º 137-138, 1974, p. 48-59.

A igreja do convento de São Domingos, fundada em Lisboa na segunda metade do século XIII, é a sede da paróquia de Santa Justa e Santa Rufina (mártires do século III, Sevilha), freguesia de Santa Justa. Em 1755 a igreja tinha dez imagens que representavam Jesus, Nossa Senhora das Virtudes, do Rosário, os santos Tomás de Aquino, André, Jorge, Catarina de Sena (Siena) e os Reis Magos, assim como painéis de azulejos que representavam cenas da vida de São Domingos. Foi destruída por um incêndio em 1959 e parcialmente restaurada. Nela se estabeleceram várias confrarias fundadas em honra do Santíssimo Sacramento (1432), de Nossa Senhora do Rosário (século XV), de São Jacinto e de São Gonçalo de Amarante. – (G1-H1-H2).

0608-12-LOURO (Henrique da Silva), *O morábito de Vila Fernando e a evolução histórica da igreja de Santa Maria da Conceição*, Évora, Gráfica Eborense, 1983, 7 p., il.

Nota sobre a evolução histórica da igreja paroquial de Nossa Senhora da Conceição, freguesia de Vila Fernando, concelho de Elvas, que teve origem num morabito, uma construção de reduzido tamanho em local deserto, onde vivia um muçulmano entregue à oração e à penitência.

0609-07-LOURO (Henrique da Silva), *A paróquia de São Pedro da cidade de Évora*, Évora, Gráfica Eborense, 1967, 32 p., il.

Dados sobre a paróquia de São Pedro da cidade de Évora, hoje integrada na paróquia e freguesia da Sé e São Pedro. A igreja de São Pedro, hoje salão paroquial, teve origem numa ermida do século XII e foi sede de paróquia. Desde 1862 esta passou para a igreja de São Francisco de Assis. Descrição da igreja no século XVII, nomeadamente das obras de restauro e melhoramento que incluíram pinturas de passos da vida de São Pedro e a nova imagem deste. Nas memórias paroquiais (1758), são mencionados os altares do Santíssimo Sacramento, de Nossa Senhora da Glória e de Santa Catarina de Alexandria.

Notícia da igreja da Misericórdia e dos seus objectos de culto. Menção das ermidas situadas no perímetro da freguesia. – (C2-H1-H2).

0610-11-LUCENA (Armando de), *Monografia de Mafra*, [Mafra], Edição da Câmara Municipal de Turismo, [D.L. 1987], 102 p., il.

Reedição do guia das freguesias do concelho de Mafra com destaque para os lugares de culto datados sobretudo do século XVIII. Em Mafra, a igreja paroquial de Santo André e o convento franciscano com as esculturas em pedra dos santos Domingos e Francisco de Assis, o retábulo representando a Virgem, o Menino e Santo António, os santos Bruno de Colónia, Vicente, Sebastião, Bento, João da Mata (trinitário, Faucon-de-Barcelonnette, 1160 – Roma, 1239), Bernardo de Claraval, Inácio de Loiola, João de Deus, Filipe de Néri, Pedro Nolasco, Francisco de Paula, Caetano e Teresa de Ávila. Em Igreja Nova, a igreja paroquial de São Miguel Arcanjo, a capela de Nossa Senhora do Socorro, a ermida de Santo António (século XVII); nelas há painéis de azulejos com cenas da vida de Santo António, esculturas da Virgem, do Menino e de Santa Catarina de Alexandria. Na Malveira, destaca-se a ermida de Nossa Senhora dos Remédios com painéis de azulejo representando São José, a Virgem, o casamento de Nossa Senhora, a Anunciação e a Assunção. Em Milharado, a igreja de Nossa Senhora da Assunção com o painel de azulejo setecentista alusivo a São Miguel Arcanjo e as imagens de Nossa Senhora da Conceição, da Piedade e de São Miguel Arcanjo. Em Enxara do Bispo, a igreja paroquial de Nossa Senhora da Assunção, que contém pinturas com representações marianas, a igreja do Socorro e a ermida de São Sebastião. Em Vila Franca do Rosário, há a igreja paroquial (século XVIII) com um painel pintado representando Nossa Senhora e a imagem de Santa Comba. No Gradil, a igreja de São Silvestre contém as imagens da Coroação de Jesus e de São Miguel Arcanjo; a capela de Santa Ana comporta as imagens de São Joaquim e de Santa Rosa e painéis de azulejos alusivos à vida de Santa Ana. Em Santo Isidoro, a igreja paroquial contém a imagem do seu orago e painéis pintados representando o Calvário e São Marcos. Na Ericeira, a igreja de São Pedro, as ermidas de São Sebastião e a de Santo António, que está revestida com azulejos do século XVIII e com as imagens de Nossa Senhora da Boa Viagem e de Santo António. Na Carvoeira, a ermida de Nossa Senhora do Ó. Em Sobral da Abelheira, a igreja de Nossa Senhora do Olival (século XVIII). Na Azueira, a igreja de Nossa Senhora do Livramento (século XVIII) contém uma pintura representando a Ressurreição de Cristo e a igreja de São Pedro imagens deste, portador da insígnia papal, do Menino Jesus e de Santa Luzia. Na freguesia da Encarnação, a igreja paroquial do século XVIII contém painéis e azulejos pintados relativos à Natividade e à Adoração dos Magos. Referem-se ainda a realização de círios ligados ao culto de Nossa Senhora da Nazaré, cuja imagem percorre as diferentes freguesias do concelho. – (C2-E3-H1-H2).

0611-07-MACHADO (José Alberto Gomes), “A Sé de Évora como património”, *Eborensia: Revista do Instituto Superior de Teologia de Évora*, n.º 44, 2010, p. 119-132.

Notas sobre a importância patrimonial da Sé de Évora como centro religioso da comunidade. Particular atenção é dada à imagem de Nossa Senhora do Ó (século XIV), transformada em Virgem por influência dos rigores tridentinos, à pintura da Descida da Cruz (século XVII) e à nova capela-mor da década de 1730. (H1-H2-I4).

0612-07-MARQUES (Fernandes), BORGES (Artur Goulart de Melo), *Roteiro de arte sacra: concelho de Mora*, Mora, Câmara Municipal, 2004, 48 p., il.

Roteiro da arte sacra do concelho de Mora que inventaria os lugares de culto construídos na Idade Média. Notas históricas sobre as igrejas matrizes de Nossa Senhora de Brotas, freguesia de Brotas, de Nossa Senhora da Purificação, freguesia de Cabeção, da Graça, freguesia de Mora, de São Paulo, freguesia de Pavia, da igreja da Misericórdia de Cabeção e da anta-capela de São Dinis, freguesia de Pavia. Fotografias dos objectos de culto que constam nas igrejas: imagens, pinturas, azulejos, cruzes e crucifixos. Outros lugares de culto inventariados são as igrejas da Misericórdia de Mora e de Pavia, as capelas de São Salvador do Mundo, de Nossa Senhora de Fátima, de Santo António e de São Francisco de Assis. Colaboração de MELO (Carlos Manuel Cardoso de). – (C2-H1-H2).

0613-11-MARTINS (José Eduardo Ferreira), “Património religioso da região de Alenquer”, *Actas do 1.º seminário do património religioso*, Caldas da Rainha, Património Histórico – Grupo de Amigos, 1996, p. 78-83.

Notas sobre o património religioso, público e privado, do concelho de Alenquer que mencionam diversas igrejas paroquiais, capelas e conventos dos séculos XVI-XVIII, consagrados ao Espírito Santo, à Visitação e aos santos João Baptista, Francisco de Assis, Catarina de Alexandria e Maria Madalena, entre outros. Alusão a retábulos que representam a Descida da Cruz e a Descida do Espírito Santo e a painéis de azulejos com a figuração de cenas da vida da Virgem. – (C2-H2).

0614-11-MATEUS (José), “A basílica de Santa Quitéria de Meca na história e na arte”, *Estudos de Alenquer*, n.º 1, 1997, p. 82-89, il., planta.

Nota sobre a igreja paroquial de Santa Quitéria na freguesia de Meca, concelho de Alenquer, cuja construção deve ter sido iniciada por volta de 1760 e terminada provavelmente em 1799. No interior da igreja encontram-se os altares do Santíssimo Sacramento e de São João Baptista, pinturas dos quatro Evangelistas, cenas da vida e martírio de Santa Quitéria, a Aparição de Santa Quitéria, a Última Ceia e a Pregação de São João Baptista. O culto a Santa

Quitéria teve origem no século XIII quando foi encontrada uma imagem na Quinta de São Brás, que reapareceu no mesmo local, após ter sido levada para a igreja de Nossa Senhora da Várzea em Alenquer. Este acontecimento foi interpretado como um desejo da santa aí continuar, sendo por isso construída uma capela, depois substituída pela igreja actual. Notícia sobre os milagres da santa, padroeira das causas contra a raiva e protectora do gado, que levaram a um enraizado culto popular. Este manifestam-se até hoje em peregrinações que culminam na romaria anual, onde se procede à benção do gado. Dados hagiográficos de Santa Quitéria que viveu, de acordo com a tradição, no século V, sendo perseguida e martirizada. Alusão à irmandade de Santa Quitéria conhecida desde 1716 e extinta aquando da implantação da República. Mais tarde foi restabelecida e hoje mantém alguma actividade. – (D4-F2-G1-H2).

0615-07-MATOS (Joaquim Pinto de), “Mora: um concelho de qualidade e com história”, *Memória Alentejana*, n.º 7, 2002, p. 11-14, il.

Nota sobre o património construído do concelho de Mora, que menciona igrejas matrizes, como por exemplo a de Nossa Senhora de Brotas, na freguesia de Brotas, e ermidas como as dos santos Paulo, Sebastião, António e a anta-ermida de São Dinis em Pavia. As Misericórdias de Mora e de Pavia foram fundadas no século XVI. – (C2-G2).

0616-12-MATOS (Jorge Manuel Marques de), *Igrejas e capelas de Campo Maior*, Campo Maior, Edição Paróquias de Campo Maior, 1995, 51 p., il.

Estudo sobre os monumentos religiosos da vila de Campo Maior, sede do concelho do mesmo nome. Descrição da igreja matriz, dedicada a Nossa Senhora da Expectação (séculos XVI-XVII), das igrejas de São João Baptista (séculos XVI e XVIII), da Misericórdia, da ermida de São João Baptista, do santuário de Nossa Senhora da Enxara e do convento da Imaculada Conceição. Levantamento das imagens, pinturas e azulejos pintados existentes nos lugares de culto que representam Cristo, o Santíssimo Sacramento, a Última Ceia, Nossa Senhora da Expectação, da Soledade, da Piedade, da Visitação, da Graça, os santos João Baptista, Sebastião, Diogo de Alcalá, Joaquim e Ana. Menção de ex-votos que se encontram na capela de São João Baptista. Referência à festa anual da Imaculada Conceição celebrada na igreja do convento franciscano com o mesmo nome e à da padroeira de Campo Maior, Santa Beatriz da Silva. Referem-se também as aparições milagrosas de Nossa Senhora e de São João Baptista, que estiveram na origem da construção de ermidas. Em áreas próximas da igreja matriz encontravam-se também as capelas do Calvário, das Almas do Purgatório e dos Ossos. Anexada à igreja de São João Baptista está a capela de Nossa Senhora do Carmo. – (C2-H1-H2-H4).

0617-11-MATOSO (Inês), “Um apontamento de tumulária medieval: o conjunto da igreja de São Cristóvão em Lisboa”, *Arqueologia e História*, vol. LII, 2000, p. 75-90, il., quadros.

Notas sobre a igreja paroquial de São Cristóvão, situada na freguesia de São Cristóvão e São Lourenço em Lisboa, que foi inicialmente dedicada a Santa Maria. A igreja possuía uma capela funerária com ossadas empilhadas. Menção da confraria do Santíssimo Sacramento. – (C7-G1).

0618-11-MELLO (Rui de Sampaio), “Nossa Senhora da Luz. padroeira de Curitiba – Brasil, padroeira de Carnide – Lisboa”, *Olisipo*, n.º 144-145, 1981-1982, p. 110-116, il.

Descrição da igreja paroquial de Nossa Senhora da Luz, freguesia de Carnide, em Lisboa, cuja imaginária compreende no altar-mor a imagem de Nossa Senhora da Luz, apóstolos e evangelistas, um retábulo representando a Circuncisão, oito quadros e túmulos. O culto a Nossa Senhora da Luz está relacionado com uma fonte, pois teria sido aí que a imagem da Virgem apareceu. Desde então, são atribuídas a estas águas propriedades milagrosas. – (C3-D2-F2-H2).

0619-07-MENDEIROS (José Filipe), “Ainda o VII centenário da Sé de Évora: a mensagem do simbolismo da catedral de Évora”, *Igreja Eborense: Boletim de Cultura e Vida da Arquidiocese de Évora*, n.º 10, 1986, p. 37-53.

Análise do simbolismo da arquitectura e dos elementos artísticos datados dos séculos XVI-XX da catedral de Évora. Os elementos artísticos compreendem imagens, pinturas e baixos-relevos que representam Cristo, Nossa Senhora com o Menino, Nossa Senhora do Ó, episódios da vida de Jesus e de Nossa Senhora, os doze Apóstolos, os santos André, Gabriel Arcanjo, João Baptista, Lucas, Marco, Mateus, Miguel Arcanjo, Paulo, Pedro, João Evangelista e as virtudes teológicas. – (H1-H2).

0620-07-MENDEIROS (José Filipe), “Das primeiras Sés de Évora à nova capela-mor joanina”, *Eborensia: Revista do Instituto Superior de Teologia de Évora*, n.º 11-12, 1993, p. 77-102.

Historial das catedrais de Évora desde a época romana até à construção da actual capela-mor na primeira metade do século XVIII. Dados sobre a capela-mor medieval e sobre a titular da catedral, Santa Maria. Os motivos da construção e descrição da nova capela-mor edificada na primeira metade do século XVIII. A catedral contém as imagens dos santos Pedro e Paulo, da Fé, da Caridade e da Eucaristia, assim como pinturas que representam a Assunção da Virgem, a Imaculada Conceição, a Natividade de Maria, a Adoração dos Pastores e a Coroação de Maria. – (H1-H2).

0621-07-MENDEIROS (José Filipe), *Património religioso de Estremoz*, Estremoz, Câmara Municipal, 2001, 173 p., il.

Inventário, nota histórica e descrição do património religioso do concelho de Estremoz composto por igrejas paroquiais e não paroquiais, ermidas e capelas afectas ao culto, profanadas ou demolidas, edificadas desde a Idade Média ao século XVIII, assim como pelo respectivo recheio e confrarias. Os seus titulares são o Santo Cristo, o Senhor dos Inocentes, São Salvador, Santa Maria, Nossa Senhora do Bom Sucesso, dos Mártires, das Relíquias, da Glória, do Mileu, dos Remédios, da Conceição, da Cabeça, os santos André, Tiago, Francisco de Assis, Brás (ou da Senhora do Socorro), Pedro (ou do Anjo da Guarda), Estêvão, António, Bento, João Baptista (ou São João da Penitência), Domingos, Lourenço, Lázaro, Domingos, Vitória e ainda as igrejas da Misericórdia. Alguns dos lugares de culto pertenceram a conventos suprimidos em 1834. Os objectos de culto são constituídos por imagens, pinturas, retábulos e azulejos pintados que representam os titulares dos lugares de culto e muitos outros santos. Menção de várias confrarias e irmandades. – (C2-G1-H1-H2).

0622-11-MIRANDA (Jorge), CARDOSO (Guilherme), TEIXEIRA (Carlos A.), *Registo fotográfico de Carcavelos e alguns apontamentos histórico-administrativos*, Cascais, Câmara Municipal, 1988, 208 p., il., planta.

Registo fotográfico e alguns apontamentos históricos sobre o património de Carcavelos, concelho de Cascais, nomeadamente sobre a igreja matriz de Nossa Senhora dos Remédios, as capelas privativas de algumas quintas e palacetes, o mosteiro de Santa Maria das Beneditinas Missionárias (1957) e os azulejos pintados por vezes com temas religiosos. – (C2-H2).

0623-11-MONTEIRO (Maria do Rosário Líbano), *A igreja de Santo António do Estoril: sua história, seu património*, Estoril, Edição do Autor, 2013, 318 p., il.

Contribuição para a história da igreja de Santo António do Estoril, concelho de Cascais, desde os seus primórdios até à actualidade, contendo dados sobre a acção sócio-caritativa da paróquia. A igreja foi construída após o terramoto de 1755 e reconstruída depois do incêndio de 1927. Nos seus altares e azulejos pintados estão representados o Santíssimo Sacramento, o Sagrado Coração de Jesus, Nossa Senhora da Conceição, das Dores, de Fátima, os santos António e Francisco de Assis, Domingos, José, Pedro, Teresinha do Menino Jesus, símbolos eucarísticos e trinitários, cenas da vida de Santo António, as catorze estações da Via-Sacra. Na sacristia está uma maquete com uma Descida da Cruz. Notas sobre a fundação da igreja de Nossa Senhora da Boa Nova, consagrada em 2009, que contém a imagem de Cristo Crucificado, os baixos-relevos do sacrário com Jesus ressuscitado e os Evangelistas, a imagem de Nossa Senhora da Conceição, as pinturas

com a Última Ceia e a representação da Anunciação e da Assunção de Nossa Senhora. – (C2-H1-H2).

0624-11-MORATO (Eduardo), *Ameixoeira, arrabalde de Lisboa: notas para a sua história*, 2.^a edição, Ameixoeira, Junta de Freguesia, 2010, 47 p., il., planta.

Nova edição da compilação de diferentes versões da história da freguesia da Ameixoeira em Lisboa, que contém dados sobre a igreja paroquial dedicada a Nossa Senhora da Encarnação, inicialmente chamada do Funchal devido à vegetação do local em que foi encontrada a sua imagem. Era considerada milagrosa, o que é atestado pelos ex-votos que existiram na igreja. Hoje os objectos de culto são compostos pelas pinturas da capela-mor, que representam a parábola do Pão da Vida, a Ceia do Senhor, o Descimento da Cruz e os santos Cristóvão e Bárbara, bem como pelas imagens de Nossa Senhora da Encarnação e do Rosário, dos santos José, António, Pedro e Catarina de Alexandria. No século XVIII são mencionadas as imagens e altares do Senhor Jesus Crucificado, de Nossa Senhora da Rosa (considerada milagrosa) e ainda de Nossa Senhora da Piedade. Notícia de várias sepulturas da igreja e do círio da Ameixoeira a Nossa Senhora da Purificação em Alcoentre, concelho de Azambuja, que foi chacinado pelas tropas francesas de Junot. – (E3-F2-H2-H4).

0625-11-MUCZNIK (Esther), “Sinagoga de Lisboa faz 100 anos”, *Olisipo*, n.º 16, 2002, p. 125-131, il.

A propósito da comemoração dos cem anos da sinagoga de Lisboa em 2002, é salientada a importância do lugar como ponto de encontro da comunidade judaica e para a realização do ciclo da vida. Menção dos principais rituais realizados durante a cerimónia de comemoração. – (E1).

0626-12-NOGUEIRA (Isabel Cruz), FOLGADO (Joaquim Fernando), “Freguesias rurais do concelho de Elvas”, *Caderno Cultural*, Câmara Municipal de Elvas, n.º 6, 1992, 7-57 p., il., mapa.

Notas históricas sobre as freguesias rurais do concelho de Elvas, contendo breves notícias dos lugares de culto: as igrejas paroquiais são dedicadas a Nossa Senhora da Graça, do Rosário, da Conceição, aos santos Brás, Vicente, Lourenço, António, João Baptista e Eulália; as capelas ao Senhor dos Passos, a Nossa Senhora do Paço, aos santos Francisco de Assis, António, João Baptista e Catarina de Alexandria. Menção de festas litúrgicas (principalmente no período da Páscoa) e de romarias, das práticas realizadas em honra do padroeiro e de outros santos, assim como das procissões do Senhor dos Passos, de Nossa Senhora da Lapa e dos santos António e Sebastião. – (C2-D4-E2-E3).

0627-11-OLIVEIRA (Artur Cruz), *Apontamentos sobre a freguesia de São Paulo*, Lisboa, Silvas – Cooperativa de Trabalhos Gráficos, 1983, 28 p.

Apontamentos sobre a freguesia de São Paulo em Lisboa, com notícias desde o século XVI, onde se faz menção a lugares de culto dos séculos XVII-XVIII. Notas sobre a igreja paroquial de São Paulo, que comporta as imagens da Divina Providência e dos santos Caetano, Paulo, Pedro e João Baptista, sobre o mosteiro e igreja do Corpo Santo ou Pedro Gonçalves Telmo, o convento de São João Nepomuceno (Ordem dos Carmelitas Descalços) e a igreja das Chagas. – (C2-H1).

0628-07-PAGARÁ (Ana), “Análise arquitectónica da igreja de São Pedro de Vera Cruz”, *Igreja Vera Cruz de Marmelar*, Portel, Câmara Municipal, 2006, p. 72-149, il., plantas.

Análise arquitectónica da igreja paroquial de São Pedro, freguesia de Vera Cruz, concelho de Portel, cuja edificação remonta ao período visigótico. A igreja pertenceu à Ordem de São João de Jerusalém ou do Hospital e é conhecida por nela se encontrar uma relíquia do Santo Lenho, a que se atribui a vitória dos cristãos na batalha do Salado (Espanha) em 1340. Descrição da igreja e evolução histórico-arquitectónica desde a época visigótica ao século XX. Menção dos altares de Nossa Senhora da Conceição, de Nossa Senhora do Rosário e das Almas. Contém um apêndice documental. – (H7).

0629-11-PAGARÁ (Ana), VILAR (Maria do Carmo), “Igreja de São Miguel de Alcainça: para uma abordagem histórico-arquitectónica e artística”, *Boletim Cultural'05*, Câmara Municipal de Mafra, p. 549-572, il.

Estudo histórico e arquitectónico da igreja paroquial da freguesia de Alcainça, concelho de Mafra, dedicada a São Miguel Arcanjo, fundada pelo menos no século XIII e posteriormente modificada. Descrição da igreja, que contém capelas dedicadas a Nossa Senhora do Rosário e a São Silvestre. Transcrição de documentos.

0630-12-PATRÃO (José Heitor), *Catedral de Portalegre: guia de visitação*, Lisboa, Edições Colibri, 2000, 140 p., il.

Guia para uma visita da catedral de Portalegre erecta na segunda metade do século XVI e dedicada a Nossa Senhora da Assunção. Descrição do edifício e sobretudo das capelas interiores: a capela-mor e as capelas laterais do Santíssimo Sacramento, das Chagas, do Nome de Jesus ou de Nossa Senhora do Rosário, de Nossa Senhora da Luz, do Carmo, dos santos Crispim e Crispiniano, Pedro, António, Amaro, Jorge (ou do Santo Cristo), Nicolau e de Catarina de Sena (Siena). Caracterização e descrição da iconografia das capelas, que inclui retábulos esculpturados e sobretudo retábulos pintados, assim como azulejos que datam dos séculos XVI-XVIII, representando cenas da vida de Jesus e de Nossa Senhora, apóstolos, evangelistas, doutores da Igreja (Agostinho, Jerónimo, Boaventura, Ambrósio, Gregório Magno, Basílio),

profetas, titulares das capelas e outros santos, como por exemplo Miguel Arcanjo, João Damasceno, Alberto de Jerusalém, Simão Stock, Ângelo de Jerusalém, João de Deus, João de Brito, Francisco de Assis, Bernardo de Claraval, João Evangelista, Lourenço, Catarina de Alexandria e Apolónia. Menção das confrarias do Santíssimo Sacramento, das Almas, dos Clérigos ou de São Pedro, de Santo António e de São Jorge. – (G1-G2-H1-H2).

0631-12-PATRÃO (José Heitor), *Portalegre, fundação da cidade e do bispado: levantamento e progresso da catedral*, Lisboa, Edições Colibri, 2002, 415 [16] p., il., mapas, planta.

História das origens da cidade de Portalegre até ao século XVI e da criação da diocese em 1549. Trata dos objectos de culto, da ornamentação e das festas realizadas na Sé nos séculos posteriores. A primeira Sé estabeleceu-se na igreja de Nossa Senhora do Castelo (provavelmente dos finais do século XIII) até à abertura ao culto da nova Sé em 1570. Notas sobre a nova catedral, dedicada a Nossa Senhora da Assunção, e as influências ideológicas que recebeu do Concílio de Trento, nomeadamente quanto à sua estrutura espacial e arte sacra. Descrição detalhada da capela-mor e das outras doze capelas interiores dedicadas à titular, ao Santíssimo Sacramento, ao Santo Cristo, ao Senhor das Chagas, ao Nome de Jesus (Nossa Senhora do Rosário), a Nossa Senhora da Luz, do Carmo, aos santos Pedro, Crispim e Crispiniano, Jacinto, Nicolau, António, Amaro, Jorge e Catarina de Alexandria. Dados sobre os seus titulares, fundações, retábulos (imagens, pinturas) e azulejos, identificando as representações, os aspectos iconográficos da imaginária e as confrarias. Os objectos de culto representam os titulares das capelas e outras entidades, nomeadamente episódios da vida de Jesus, Maria e José, de Nossa Senhora com o Menino, de Nossa Senhora da Conceição, apóstolos, evangelistas, profetas, doutores da Igreja, os santos Miguel, Domingos, João de Deus, João de Brito, Bento, Bernardo de Claraval, Lourenço, Nuno de Santa Maria, Clara de Assis, Luzia, Bárbara, Maria Madalena e Apolónia. Notas sobre as confrarias sediadas na catedral dedicadas ao Santíssimo Sacramento, ao Nome de Jesus, às Chagas, a Nossa Senhora do Carmo, da Conceição, da Luz, do Rosário, aos santos Pedro, Jorge, António, Amaro, Crispim e Crispiniano, Luzia e às Almas. Análise das celebrações associadas à Sé, existentes e já desaparecidas, que compreendem as festas e procissões da Circuncisão, da Epifania, dos Ramos, da Ressurreição de Cristo, do Pentecostes, da Ascensão de Cristo, da Invenção da Santa Cruz, da Transfiguração de Cristo e do Corpo de Deus. Outras festas eram realizadas em honra da Assunção de Maria, da Purificação de Nossa Senhora, da Visitação de Maria a sua prima Isabel, da Imaculada Conceição, de Nossa Senhora do Ó, dos Prazeres, do Castelo e do Patrocínio, assim como aos santos José, Marcos, João Baptista, António e a Todos os Santos. As relíquias da Sé eram cultuadas. Menção de disposições

relativas a enterramentos e sepulturas existentes na Sé. Notícias sobre alguns sínodos diocesanos que se realizaram entre 1549 e 1719. – (E1-E3-G1-H1).

0632-15-PAULO (Eulália de Medeiros), GUINOTE (Paulo), *A banda d'além do Tejo na história: roteiro histórico da margem sul do estuário do Tejo, das origens ao fim do Antigo Regime*, Lisboa, Grupo de Trabalho do Ministério da Educação para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses, 2000, 272 p., il., mapas, quadros.

Retrospectiva histórica da ocupação humana na margem sul do rio Tejo, a denominada “outra banda”, que corresponde à parte norte do distrito de Setúbal, desde as origens até ao século XVIII, seguindo-se a apresentação de pequenos roteiros do património dessa época que ainda existe nos nossos dias. A expressão “outra banda” compreende os concelhos do Montijo, Alcochete, Barreiro, Moita, Seixal, Almada e Palmela. Apresenta-se um itinerário sobre a vida religiosa e os lugares de culto, com uma breve notícia das igrejas matrizes dedicadas a Nossa Senhora da Vida, da Atalaia, do Bom Sucesso e aos santos Pedro, Tiago e Lourenço, assim como das igrejas da Misericórdia e de conventos. Menção de pinturas e de imagens que representam o Senhor do Monte, Nossa Senhora da Piedade, cenas da vida e paixão de Cristo e de Nossa Senhora, entre outras. No anexo documental são transcritas, por exemplo, as memórias paroquiais de 1758 das freguesias de Coina, Palhais e Lavradio, concelho do Barreiro, e do Samouco, concelho de Alcochete. – (C2-C5-H1-H2).

0633-11-PEREIRA (Isaías da Rosa), “Alguns documentos do cartório da antiga igreja de Santo André”, *Revista Municipal*, Câmara Municipal de Lisboa, n.º 103, 1964, p. 7-17, il.

A propósito da transcrição e estudo de alguns documentos do cartório da antiga igreja paroquial de Santo André em Lisboa, datados do século XIII, faz-se um breve comentário sobre a origem e o fim desta como sede paroquial em virtude da sua integração na paróquia de Santa Margarida de Antioquia ou da Galiza, no século XIX. O templo foi demolido em 1853 e o seu recheio transferido para a igreja de Nossa Senhora da Graça. Referência às capelas da igreja dedicadas ao Santíssimo Sacramento, a Nossa Senhora da Conceição, da Pobreza e da Vida. Menção da irmandade do Santíssimo Sacramento e de Nossa Senhora da Vida. – (G1-I3).

0634-11-PEREIRA (José Baptista), *Memórias da Pontinha*, selecção, organização e notas de MARTINS (Jorge), Pontinha, Junta de Freguesia, 1999, 266 p., il., mapa.

Compilação de artigos escritos em 1895 sob o título “Memórias de Carnide” e publicados entre 1914 e 1916 na revista *O Instituto*. Constituem uma memória sobre a freguesia de Carnide, situada na cidade de Lisboa, que incluía

uma boa parte da actual freguesia da Pontinha, que pertence ao concelho de Odivelas. Dados históricos e descrição de lugares de culto, existentes e suprimidos: a igreja paroquial de Carnide (século XIV), dedicada primeiro a Nossa Senhora da Assunção, depois a Santo Amaro e, finalmente, a São Lourenço; as igrejas de Nossa Senhora da Luz, paroquial desde o início do século XX, da Conceição e de São João da Cruz e as capelas ou ermidas do Espírito Santo, de Nossa Senhora da Assunção, das Mercês, dos Prazeres, de São José e de São Sebastião. A propósito destes lugares de culto referem-se os enterramentos efectuados em capelas instituídas por clérigos e nobres. Menção de diversos altares e confrarias da igreja paroquial. – (C2-C7-E4-G1).

0635-15-PINHO (David), “Igreja de Arrentela: notável repositório de arte”, *Movimento Cultural: Revista dos Municípios do Distrito de Setúbal*, n.º 3, 1986, p. 30-32., il.

Nota sobre a igreja paroquial de Nossa Senhora da Consolação, freguesia de Arrentela, concelho do Seixal, datada dos finais do século XV e princípios do século XVI. As pinturas a fresco no tecto representam Nossa Senhora da Consolação, os quatro Evangelistas, os santos Agostinho, Jerónimo, Basílio e Atanásio de Alexandria, assim como as virtudes. – (H2).

0636-11-RAMALHO (Filinto), *A nossa igreja matriz de Sacavém: memoração*, s. l., Edição do Autor, 1994, 207 p., il.

Estudo sobre a igreja matriz de Sacavém, freguesia do concelho de Loures, fundada em finais do século XVI, antiga igreja do convento com a dupla invocação de Nossa Senhora dos Mártires e da Conceição, pertencente às clarissas. A igreja foi reaberta ao culto em 1956, depois de estar integrada num quartel. Na igreja guardam-se imagens e vitrais (1961) que representam a Glória da Mãe de Deus, Nossa Senhora da Purificação e os santos José, Miguel Arcanjo, Ana e Clara de Assis. Menção das festas de Nossa Senhora da Conceição e dos santos Sebastião e Luzia celebradas no passado. A igreja teve azulejos pintados que representavam o tema da vida de José do Egípto. Transcrição parcial das *Notícias do convento de Nossa Senhora dos Mártires e da Conceição de Sacavém*, provavelmente compiladas por um autor franciscano no século XVI, que enumera as numerosas relíquias que então se guardavam no convento. – (H1-H2-H7-I3).

0637-15-RAMOS (Maria Regina Bronze), *As igrejas de Palmela nas visitas do século XVI: rituais e manifestações de culto*, Palmela, Câmara Municipal de Palmela – Gabinete de Estudos sobre a Ordem de Santiago, 2011, 198 p., quadros.

Estudo sobre as igrejas de Palmela, sede do concelho do mesmo nome, e sobre os rituais e manifestações de culto que nelas decorreram, com base nas visitas da Ordem de Santiago de 1510, 1534, 1552 e 1571. Notas

sobre a implantação das ordens militares na Península Ibérica (séculos XII a XV) e sobre a Ordem de Santiago no século XVI. Descrição das igrejas paroquiais de Nossa Senhora do Castelo e de São Pedro, assim como da capela da Misericórdia, com os seus altares e imagens esculpidos e pintados. Menção das confrarias de Nossa Senhora do Castelo, do Rosário dos Pretos, de Santo António. Dados sobre o culto do Santíssimo Sacramento, do Espírito Santo, de Nossa Senhora, de São Tiago e de São Pedro. As atitudes perante a morte: o cemitério, o cerimonial da morte, as regras a seguir (missas, orações, dádivas). Contém um apêndice documental com a transcrição das visitas. – (D2-D4-E4-H1).

0638-15-RIBEIRO (Elias Cação), “Acerca da controversa localização da igreja de Santa Maria do Castelo de Almada”, *1.ªs Jornadas de estudos sobre o concelho de Almada: actas*, Almada, Câmara Municipal, 1993, p. 121-123, mapa.

Nota sobre a localização da igreja paroquial de Nossa Senhora da Assunção ou do Castelo em Almada, sede do concelho do mesmo nome. Menção das irmandades de Nossa Senhora da Assunção (1583) e de Nossa Senhora do Rosário, estabelecidas na igreja de São Paulo em Almada, que terão estado originalmente na igreja de Nossa Senhora do Castelo. – (G1).

0639-15-RIBEIRO (João Reis), *Histórias e cantinhos da região de Palmela*, Palmela, Grupo dos Amigos do Concelho de Palmela, 2002, 175 p.

Compilação de crónicas do autor publicadas no *Jornal da Região – Setúbal/Palmela* entre 1998 e 2002, relativas ao concelho de Palmela. Algumas das crónicas dão uma breve descrição histórica das igrejas paroquiais e não paroquiais de São Pedro, de São Tiago, edificadas no século XV, e de São João Baptista, construída no século XVII, bem como da igreja da Misericórdia e do convento de São Tiago, sede da Ordem de Santiago e Espada desde o início do século XV. Na igreja de São Pedro são mencionadas a imagem de Nossa Senhora da Vitória e as pinturas que representam a vida de Jesus. A Misericórdia de Palmela foi fundada em 1529. A igreja de São João Baptista foi profanada em 1799 e para memorar esse facto foi erigido um cruzeiro que depois foi retirado, tendo os passantes perdido o hábito de se desbarretar em sinal de respeito pela evocação da cruz. Mas as juntas de bois que passavam naquele sítio interrompiam a marcha e fincavam os joelhos no chão, só depois retomando a marcha. Nota sobre Palmela no século XVIII a partir das memórias paroquiais. – (C2-C6-F1-I5).

0640-11-RODIL (João), CARVALHO (Sérgio Luís de), *Sintra: as pedras e o tempo (roteiro histórico de Sintra)*, [Lisboa], Grupo de Trabalho do Ministério da Educação para as Comemorações dos Descobrimientos, [D.L. 1995], fasc. 2, 24 p.; fasc. 3, 14 p.; fasc. 5, 27 p., il., mapas, plantas.

Roteiro histórico de Sintra, sede do concelho do mesmo nome, que dá breves informações sobre suas as igrejas paroquiais de São Pedro, na freguesia de São Pedro de Penaferrim, de Santa Maria e São Miguel Arcanjo, na freguesia do mesmo nome, a capela de São Lázaro e os conventos da Trindade (frades Trinitários), fundado na Idade Média, e dos Capuchos, instituído no século XVI. Transcrição das memórias paroquiais de 1758 das freguesias de São Pedro de Penaferrim, de Santa Maria e São Miguel e de São Martinho, que contém dados sobre os lugares de culto, altares e irmandades, entre outros aspectos. – (C2-C5-G1-H1).

0641-11-SÁ (Fernando Pereira), *Monte Redondo e seus encantos*, Lisboa, Ministério da Cultura – Inspecção-Geral das Actividades Culturais, 2000, 247 p., il., mapas.

Conjunto de pequenos textos e de fotografias sobre a freguesia de Monte Redondo, concelho de Torres Vedras, que contém breves notas e sobretudo fotografias do património edificado. Este compreende a igreja paroquial do Divino Espírito Santo, conhecida por igreja do Senhor Jesus do Bonfim (século XVI), a capela de Santo António, os cemitérios antigo de Nossa Senhora da Luz e o novo de São Miguel Arcanjo, assim como os cruzeiros. – (C2-C6-C7).

0642-11-SÁ (Fernando Pereira), *Património e história da freguesia de São Domingos de Carmões, Torres Vedras*, Lisboa, Edição do Autor, 2011, 617 p., il., mapa.

Notas e fotografias sobre a freguesia de Carmões, concelho de Torres Vedras, que contém breves informações dispersas sobre aspectos da vida religiosa: a igreja paroquial de São Domingos, que foi reedificada em 1750, as capelas de Nossa Senhora da Piedade e dos santos Sebastião e Gregório Magno, assim como as pequenas capelas dos Passos da Paixão. Menção de registos em azulejo e de várias imagens. – (C2-H1-H2).

0643-11-SANTANA (Daniel Henrique), “A igreja matriz do Turcifal e a arquitectura barroca da órbita de João Antunes”, *Estudos de história da arte: novos contributos*, coordenado por SERRÃO (Vitor), Lisboa, Câmara Municipal, 2002, p. 123-138, il.

Contribuição para o estudo da igreja matriz de Santa Maria Madalena, freguesia do Turcifal, concelho de Torres Vedras, que foi reconstruída na primeira metade do século XVIII no local da antiga ermida medieval da mesma invocação. Descrição da igreja, cujo programa decorativo barroco compreende retábulos pintados e imagens: na capela-mor uma tela figura a Ceia em Casa de Simão, executada cerca de 1702, nas capelas laterais contém pinturas não identificadas e a imagem de Nossa Senhora das Dores, assim como da titular, considerada milagrosa. – (H1-H2).

0644-11-SANTANA (Francisco), *Índice da Lisboa Antiga e da Ribeira de Lisboa de Júlio Castilho*, Lisboa, [Câmara Municipal], 1974, 644 p.

Índice das obras *Lisboa Antiga: Bairro Alto*, publicada entre 1935 e 1938, *Lisboa Antiga: Bairros Orientais*, ambas de Júlio Castilho, assim como das notas que lhes foram feitas por Augusto Vieira Silva, Gustavo de Matos Sequeira e Luís Pastor Macedo. O índice remete para numerosos lugares de culto de Lisboa: igrejas paroquiais e não paroquiais, conventos, capelas, ermidas, cruzeiros e cemitérios indicados pelo seu titular. Menção de procissões, cultos, confrarias e irmandades. São identificados lugares de culto dedicados ao Espírito Santo, ao Santo Cristo, ao Senhor Jesus da Boa Morte, ao Senhor dos Perdões, a Nossa Senhora, sob várias invocações, designadamente da Ajuda, do Cabo (Espichel, freguesia do Castelo em Sesimbra), da Caridade, do Carmo, da Estrela, da Glória, da Lapa, do Livramento, Mãe dos Homens, do Rosário, do Monte Agudo, da Pureza, da Saúde, do Paraíso, da Penha, da Misericórdia e aos santos Amaro, Ambrósio, André, António, Antão, Estêvão, Cristóvão, Domingos, João Baptista, Julião, Lázaro, Lourenço, Mamede, Pedro, Roque, Vicente, Ana, Bárbara, Brígida, Catarina de Alexandria, Clara de Assis, Engrácia, Joana, Justa, Luzia, Margarida de Antioquia ou da Galiza, Marta, Mónica, Rita de Cássia e Rosa, entre outros. Índices remissivos com entradas nomeadamente para as irmandades de ofícios: sapateiros, calafates, livreiros, pedreiros, oleiros e médicos, entre outras categorias. – (C2-G4).

0645-11-SANTANA (Francisco), *Lisboa na 2.^a metade do século XVIII (plantas e descrições das suas freguesias)*, Lisboa, Câmara Municipal, [D.L. 1976], 199 p., plantas.

Transcrição da descrição corográfica das paróquias da cidade de Lisboa antes do terramoto, das plantas e descrições das suas freguesias de acordo com a remodelação paroquial de 1770, assim como do plano da divisão e trasladação das paróquias de 1780, por nomes próprios e títulos, por arruamentos, edifícios e outros. – (C2-C5).

0646-07-SANTOS (Cláudia Valle), *Os homens e o poder: a elite de governança e a articulação de poderes em Montemor-o-Novo (século XVI)*, dissertação de mestrado em História Moderna apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa em 2001, 236 p., dactilogr., il., mapas, quadros, gráficos (consultável na Biblioteca Nacional de Portugal).

Estudo sobre a elite governativa e a articulação dos poderes locais na vila de Montemor-o-Novo, sede do concelho do mesmo nome, durante o século XVI, contendo informações dispersas sobre matérias religiosas. Menção de igrejas paroquiais e não paroquiais, assim como de ermidas existentes no concelho de Montemor-o-Novo no século XVI, dedicadas ao Senhor do Calvário, a

Santa Maria (fundada em 1330), a Nossa Senhora da Vila (fundada em 1234), da Visitação, da Luz, da Paz, das Necessidades, da Penha de França, aos santos André (já existente em 1316), Pedro, Sebastião, Lázaro, Simão, João Baptista, Tiago e António. Referência aos conventos de franciscanos (anterior a 1495), de dominicanas, sob invocação de Nossa Senhora da Saudação (criado em 1507), de dominicanos (fundado em 1559) e de Nossa Senhora da Luz (datado das últimas décadas do século XVI). Alusão às confrarias de Nossa Senhora da Luz instituída na ermida de Nossa Senhora da Paz em 1578, de Nossa Senhora da Misericórdia estabelecida na sua igreja e à dos Fiéis sediada na ermida de Santo António. O Hospital do Espírito Santo, criado por testamento em 1316, foi administrado desde 1518 pela Misericórdia, mas transitou em 1531 para os cônegos de São João Evangelista até voltar, definitivamente, para a Misericórdia em 1567. Alusão às festividades religiosas e profanas realizadas no século XVI, como a procissão do Corpus Christi e as festas dedicadas a São João Baptista e a Nossa Senhora. Dados sobre os irmãos, os provedores, as relações de poder e o funcionamento da Santa Casa da Misericórdia, fundada em 1499. – (C2-D2-E3-G2).

0647-11-SANTOS (Dóris Joana), *Património artístico religioso do concelho do Cadaval*, Cadaval, Câmara Municipal, 2005, 163 p., il., mapas.

Caracterização do inventário artístico religioso do concelho do Cadaval, que compreende os lugares de culto públicos e privados e o seu recheio artístico. Os lugares de culto inventariados são constituídos pelas igrejas paroquiais e pelas capelas, cujos titulares são o Salvador, o Espírito Santo, Nossa Senhora das Candeias, da Conceição, da Ajuda, da Graça, da Piedade, do Desterro, do Rosário, da Fortaleza, e os santos António, Vicente, João Baptista e Rita de Cássia. A imaginária é muito numerosa compreendendo várias imagens de Nossa Senhora das Candeias, das Neves, da Piedade, da Conceição, do Carril e dos santos Sebastião, Brás, João Baptista, Estêvão, Antão, Miguel Arcanjo e Luzia, entre outros. A pintura retabular, executada entre o final do século XV e o século XVIII, é marcada pela influência da Contra-Reforma, ilustrada pela evolução da humanização das formas e da natural movimentação dos corpos. Da pintura são salientados os retábulos representando o Baptismo de Cristo, o Calvário, São João Baptista, a Circuncisão, a Coroação da Virgem ou Nossa Senhora do Rosário, Nossa Senhora da Conceição e São Pedro. A pintura em azulejo é escassa, merecendo relevo o painel historiado de São Domingos. – (A5-C1-H1-H2)

0648-11-SANTOS (Rita Pereira dos), “A igreja de São Miguel de Alfama: renovação estética entre 1673 e 1728”, *Estudos de história da arte: novos contributos*, coordenação de SERRÃO (Vítor), Lisboa, Edição da Câmara Municipal, 2002, p. 109-122, il.

Notícia sobre as obras de renovação na igreja paroquial de São Miguel Arcanjo de Alfama, freguesia de São Miguel em Lisboa, levadas a cabo entre 1673 e 1728 por iniciativa da irmandade do Santíssimo Sacramento (1666). Descrição da igreja: as suas telas e pinturas do tecto representam temas eucarísticos do Antigo e do Novo Testamento, os temas cristológicos e uma Adoração dos Pastores, assim como os quatro doutores da Igreja Católica: Gregório Magno, Ambrósio, Agostinho e Jerónimo. Menção do culto do Santíssimo Sacramento e da festa do Corpo de Deus. – (D3-E1-G1-H2).

0649-11-SEQUEIRA (Clara), *O barroco em Santo Antão do Tojal: proposta para um percurso*, Santo Antão do Tojal, Junta de Freguesia, 1997, 57 p., il.

Notas sobre o barroco na freguesia de Santo Antão do Tojal, concelho de Loures, que faz uma breve descrição da igreja paroquial de Santo Antão, cuja fachada apresenta nichos do século XVIII com as imagens de Nossa Senhora da Conceição, da Rainha Santa Isabel e de São Bruno de Colónia. – (H1).

0650-07-SERRÃO (Vitor), “A igreja-salão de Monsaraz (1560-1561) e os seus artistas: da empreitada de Mateus Neto à traça de Manuel Pires, arquitecto das obras do cardeal D. Henrique”, *Artis*, n.º 5, 2006, p. 217-236, il.

A propósito do estudo da igreja matriz de Monsaraz, concelho de Reguengos de Monsaraz, e com o intuito de explicar o seu modelo arquitectónico, o autor esboça as tendências construtivas e decorativas das igrejas-salão edificadas em Portugal a partir de 1555-1560, sob o signo da Contra-Reforma. O modelo construtivo caracteriza-se, fundamentalmente, pelo seu espaço interior único, grandioso e austero, resultante quer da elevação à mesma altura das suas três naves com uma só abóbada, quer da iluminação uniforme, proveniente da fenestração dos seus alçados laterais, quer ainda da nudez da sua decoração interna e externa. São dados exemplos deste modelo de construção de igrejas situados nos distritos de Bragança, Leiria, Santarém, as igrejas matrizes do Sul de Portugal, umas com planta rectangular, outras com planta quadrada como a dedicada a Santa Maria em Estremoz, sede do concelho do mesmo nome, e a Nossa Senhora da Lagoa em Monsaraz. Contém um apêndice documental. – (A5).

0651-11-SERRÃO (Vitor), “Marcos de Magalhães, arquitecto e entalhador do ciclo da restauração (1647-1664)”, *Boletim Cultural*, Assembleia Distrital de Lisboa, t. 1, n.º 89, 1983, p. 271-330 [13], il.

Estudo da obra e do percurso artístico do arquitecto entalhador do século XVII, Marcos de Magalhães, baseado nos seus trabalhos para as igrejas paroquiais de Nossa Senhora do Loreto, de Santa Justa, da Penha de França e a sacristia do mosteiro de São Domingos em Lisboa, assim como para a igreja de Santa Maria em Olivença (cidade portuguesa até 1801 e hoje integrada

na Espanha) e o mosteiro de São Bento em Santarém. Alusão à ermida de Nossa Senhora do Alecrim. São mencionadas pinturas que representam Nossa Senhora de Guadalupe e a Apresentação do Menino no Templo. As imagens representam o Santo Cristo de Mont'Íraz, Cristo Flagelado, Cristo Ressuscitado, Nossa Senhora de Loreto e os santos Domingos, Paulo e Pedro; um baixo-relevo figura a Virgem, o Menino Jesus e dois Anjos. Referências às irmandades do Santíssimo Sacramento e de Nossa Senhora do Loreto. Transcrição de documentação referente a contratos das encomendas feitas ao artista. – (C2-G1-H1-H2).

0652-15-SERRÃO (Vitor), MECO (José), *Palmela histórico-artística: um inventário do património artístico concelhio*, Lisboa, Palmela, Edições Colibri – Câmara Municipal de Palmela, 2007, 507 p., il., plantas.

Inventário do património histórico-artístico de Palmela e das freguesias do concelho do mesmo nome, construído sob o patrocínio da Ordem Militar de Santiago e Espada. Notícia histórico-artística e descrição das igrejas paroquiais e não paroquiais, da igreja da Misericórdia, das capelas, ermidas e conventos existentes e destruídos. Os lugares de culto tinham por titulares Santa Maria, Nossa Senhora da Conceição, da Consolação, das Graças, da Redenção, de Brotas, os santos Tiago, Pedro, João Baptista, José, Gonçalo de Amarante, Sebastião, Brás, Ovídio, Luís, rei de França, António, Julião ou Gião, Romão, Susana e Ana. Menção do recheio artístico existente nesses lugares de culto ou deles deslocado, que compreende imagens, telas e azulejaria representando, por exemplo, Nossa Senhora da Vitória, São João Baptista, São Tiago Maior, a morte de São Bartolomeu, as virtudes cardeais e teologais. A irmandade da Misericórdia foi fundada provavelmente em 1512. – (C2-G2-H1-H2).

0653-15-SILVA (Ana Cristina Rana), NUNES (Maria Adelina), LUÍS (Marco), *Memórias do Seixal*, Seixal, Fábrica da Igreja de Nossa Senhora da Conceição do Seixal, 2013, 151 p., il., quadros.

Contribuição para a história da paróquia de Nossa Senhora da Conceição, no Seixal, sede do concelho do mesmo nome. Dados sobre a fundação da paróquia no século XVIII, a cerimónia de consagração da igreja paroquial e a criação das irmandades do Santíssimo Sacramento, do Senhor Jesus dos Mareantes e das Almas. Após o terramoto de 1755 foi criada a festa de Nossa Senhora das Dores, mais tarde substituída pela do Senhor dos Mareantes. O primeiro lugar de culto conhecido foi a ermida de Nossa Senhora da Conceição, fundada no início do século XVI e demolida nos anos trinta do século XX. Descrição da igreja paroquial antes e depois da remodelação feita em 1855: possuía até essa data um revestimento de azulejos com cenas da vida de Cristo e de São Pedro, o tecto pintado com a cena da Assunção da Virgem. Menção das diversas alterações que sofreram os cultos no interior da igreja. Nos finais do

século XVIII, em memória das origens religiosas do Seixal, foi encomendada nova imagem de Nossa Senhora da Conceição. Alusão a diversas imagens e pinturas existentes na igreja actual. Notas sobre as entidades cultuadas no Seixal: Jesus, Nossa Senhora da Boa Viagem, de Fátima, os santos Pedro, Sebastião, Miguel Arcanjo, João Baptista, António, José, Beatriz da Silva, Ana, Luzia e Teresa de Lisieux. Transcrição de orações dedicadas a Nossa Senhora e aos santos. – (D2-D3-D4-G1).

0654-15-SILVA (José Custódio Vieira da), *Setúbal*, Lisboa, Editorial Presença, 1990, 93 p., il.

Nota histórica e descrição do património histórico, artístico e urbanístico da cidade de Setúbal. Os lugares de culto construídos nos séculos XV-XVI e XVIII e os actuais: as igrejas paroquiais de São Julião (século XVI) e de São Sebastião (século XVI), a igreja e convento de Jesus (final do século XV), o mosteiro de São Domingos e a capela do Corpo Santo (século XVIII). Neles encontram-se altares, pinturas, imagens e azulejos que representam Nossa Senhora do Rosário, os santos Francisco de Assis, André, Julião, Ana e a Criação do Homem. Menção das irmandades do Santíssimo Sacramento, das Almas e do Corpo Santo (Pedro Gonçalves Telmo). – (C2-G1-H1-H2).

0655-12-SILVA (José Inácio Militão da), CUTILEIRO (Patrícia Boino de Azevedo), “Património arquitectónico religioso do concelho de Monforte”, *Memória Alentejana*, n.º 25-26, 2009, p. 39-41, il.

Notícia de alguns lugares de culto do concelho de Monforte, sede do concelho do mesmo nome, datados do século XIII, que compreendem a igreja matriz de Nossa Senhora da Graça (século XIII), as igrejas de Santa Maria Madalena e de São Pedro, todas em Monforte, assim como a igreja matriz de Nossa Senhora da Graça na freguesia de Assumar.

0656-07-SILVA (Madureira da), *A igreja de Santo Antão em Évora*, Évora, Diana – Litográfica do Alentejo, 1995, 67 p., il.

Guia turístico trilingue (português, francês, inglês) que descreve a igreja paroquial de Santo Antão (Egipto, século III), na freguesia do mesmo nome em Évora. A igreja foi aberta ao culto em 1563 no local onde tinha existido a albergaria do Corpo de Deus e a capela dedicada a Santo Antão. As capelas interiores são dedicadas ao Santíssimo Sacramento, ao Senhor dos Terramotos, a Nossa Senhora do Rosário, da Alegria, da Purificação, dos Remédios, da Saúde, aos santos Crispim e Crispiniano e às Almas. Nelas conservam-se imagens, pinturas e retábulos pintados e esculpidos, datados dos séculos XVI-XVIII e sobretudo dos séculos XVII-XVIII. Representam a Santíssima Trindade, a Matança dos Inocentes, a Apresentação do Menino no Templo, Jesus entre os Doutores, o Baptismo de Jesus, o Cordeiro Místico,

o Sagrado Coração de Jesus, o Senhor dos Terramotos, a Sagrada Família, Nossa Senhora de Fátima, do Rosário, dos Remédios, da Saúde e os santos Agostinho, Antão, António, Bento, Cristóvão, Francisco Xavier, João Baptista, João de Brito, João da Cruz, Miguel Arcanjo e as Almas, Nuno de Santa Maria, Pedro, Roque, Sebastião, Apolónia, Beatriz da Silva, Brízida (ou Brígida), Filomena, Luzia, Rita de Cássia, Teresinha do Menino Jesus e a Rainha Santa Isabel, entre outros. Notícias biográficas sobre os santos venerados na igreja. – (B2-H1-H2).

0657-SILVA (Vandeir José da), CONDE (Maria Antónia Fialho), MAGALHÃES (Olga), “Património religioso: memória e representação sobre a igreja de Santo Antão em Évora – Portugal”, *Cultura popular: história & memória em diferentes espaços sociais*, Goiânia – Goiás, Editora Espaço Económico, 2019, 378-400 p.

Contribuição para o estudo da igreja paroquial de Santo Antão localizada em Évora. O edifício foi construído em 1557 e passou por várias remodelações. Descrição dos elementos decorativos das capelas da igreja: a capela-mor dedicada a Santo Antão, as capelas do Santíssimo Sacramento, de Nossa Senhora da Alegria, dos Remédios, do Rosário, da Saúde, da Purificação, dos santos Crispim e Crispiniano, Ana e a das Almas, entre outras. Nelas havia os retábulos, imagens e pinturas que representavam a Matança dos Inocentes, o Baptismo de Jesus por João Baptista, Jesus entre os Doutores da Lei, a Anunciação do Salvador, a Adoração dos Reis Magos, Nossa Senhora da Saúde, os santos Antão, António, Agostinho, Miguel Arcanjo e as Almas, Joaquim, Francisco Xavier, João da Cruz, Ana, Luzia e Isabel, entre outros. – (H1-H2).

0658-11-SOARES (Clara Moura), FIGUEIREDO (Paula), *A igreja de São Pedro da Ericeira: memória histórica e artística*, Ericeira, Mar de Letras, 2002, 184 [21], il.

Estudo sobre a igreja paroquial de São Pedro da freguesia da Ericeira, concelho de Mafra, desde a sua fundação até ao século XX. A igreja foi edificada no século XV, no local onde se encontrava uma ermida dedicada a São Pedro. São abordados a evolução espacial e decorativa, a tipologia arquitectónica da igreja, o programa decorativo da capela-mor, o espólio artístico da nave, a pintura e escultura avulsas. Análise dos objectos de culto (retábulos pintados e esculpidos, azulejos, imagens, pinturas) datados dos séculos XVII a XX que reflectem a influência do Concílio de Trento. Eles representam os temas cristológicos da pesca milagrosa, Nossa Senhora da Conceição e do Rosário, assim como os santos José, João Baptista, Sebastião, João Evangelista, Inês, Luzia e Teresinha do Menino Jesus, entre outros. Menção das irmandades do Santíssimo Sacramento, de Nossa Senhora do Rosário, de São Pedro e de Santo António do Pão dos Pobres. O anexo contém documentos e ilustrações. – (A5-G1-H1-H2).

0659-15-SOARES (Maria Isabel de Mendonça), *A igreja de S. Lourenço de Alhos Vedros*, Alhos Vedros, Edição da Igreja Paroquial, 2014, 24 p., il.

Breve descrição muito ilustrada da igreja paroquial de Alhos Vedros, concelho da Moita, construída antes de 1533. Menção das suas imagens que figuram Nossa Senhora dos Anjos, das Dores, de Fátima e Nossa Senhora com o Menino Jesus ao colo, assim como os santos António, Pedro, Sebastião, Lourenço, Ana e Luzia. Os painéis de azulejos pintados representam Nossa Senhora, aspectos da vida de São Lourenço e de São Sebastião, Moisés a bater com a vara no rochedo para que dali jorrasse água, entre outros temas. – (H1-H2).

0660-11-SOLEDADE (Arnaldo Ferreira da), *De São Pedro de Arrifana a Manique do Intendente: subsídios para a sua história*, Manique do Intendente, Edição da Comissão de Festas, 1979, 41 [6] p., il.

Subsídio monográfico para a história da freguesia de Manique do Intendente, antiga freguesia de São Pedro da Arrifana, concelho da Azambuja, desde a Pré-história até meados do século XX. Segundo a memória paroquial de 1758, a igreja paroquial de São Pedro continha altares dedicados ao Divino Espírito Santo, a Nossa Senhora da Purificação, do Rosário e a São Pedro. Menção de ermidas erigidas em honra de São Miguel Arcanjo (com festa a 29 de Setembro) e dos santos Antão, António e Clara de Assis. Notícia das confrarias do Santíssimo Sacramento, do Divino Espírito Santo, do Menino Deus, de Nossa Senhora da Purificação, de Nossa Senhora do Rosário e das Almas. – (C2-G1-G2).

0661-07-SOROMENHO (Miguel), “A igreja de Nossa Senhora da Conceição de Vila Viçosa: o projecto quinhentista à luz da campanha de obras da Restauração” *Monumentos* n.º 27, 2007, p. 106-115, il.

Descrição da campanha de remodelação joanina da igreja de Nossa Senhora da Conceição em Vila Viçosa, sede do concelho do mesmo nome, provavelmente fundada no século XIV e hoje paroquial. As obras iniciadas em 1641 acabaram por se arrastar no tempo, beneficiando, no entanto, de uma legitimação devocional extraordinária, uma vez que foram evidenciadas as qualidades taumátúrgicas de Nossa Senhora da Conceição, padroeira do reino, mediante o milagre da recuperação da vista de Manuel Lopes. – (F3).

0662-11-SOTTOMAYOR (Appio), “São Tiago lisboeta ou a voz da singeleza”, *Olisipo*, n.º 11, p. 52-54.

Notas sobre a igreja paroquial de São Tiago, freguesia de Santiago, em Lisboa, fundada no século XIII. Nela estão expostas imagens próprias e outras provenientes da extinta igreja paroquial da freguesia de São Martinho também suprimida: Nossa Senhora da Franca, protectora dos cerieiros (produtores de círios ou velas de igreja), datada do século XVIII, Nossa Senhora

da Piedade, os santos Joaquim, Sebastião e Ana. No século XVI, estavam sediadas na igreja as confrarias do Santíssimo Sacramento, de São Tiago e de São Sebastião. – (G1-H1-H2).

0663-11-SOUSA (José Luiz de Saldanha Oliveira e), *As igrejas de Lisboa e as suas histórias*, Lisboa, António Rugeroni de Saldanha, 2028, 519 p., desdobrável.

Compilação dos relatos publicados em jornais de cento e setenta e seis visitas realizadas pelo autor, entre 1943 e 1944, a noventa e quatro lugares de culto edificadas sobretudo nos séculos XVI a XVIII, situados em Lisboa, nos quais estava exposto o Sagrado Lausperene. Para cada lugar de culto são destacados o fundamental da sua história, as causas e circunstâncias da sua criação, as descrições dos principis objectos, recheios e elementos decorativos, assim como são dadas informações das freguesias onde se localizam. Os lugares de culto compreendem igrejas paroquiais e não paroquiais e capelas cujos titulares são principalmente Nossa Senhora do Amparo, dos Anjos, da Ajuda, da Conceição, das Dores, de Fátima, da Graça, dos Milagres, do Monte Carmo, da Vitória e da Saúde. Quanto aos dedicados a santos, os seus titulares são António, Francisco de Assis, Jorge, José, Mamede, Lourenço, Nicolau, Pedro, Paulo, Sebastião, Domingos e a Rainha Santa Isabel, entre outros. – (C2).

0664-11-SOUSA (Teresa Maria Faria de), “Subsídios para o estudo das reconstruções efectuadas no igreja matriz da Lourinhã (igreja de Santa Maria do Castelo)”, *Actas do 1.º Seminário do património da região do Oeste*, Bombarral, 1995, Caldas da Rainha, Património Histórico – Grupo de Amigos, 1996, p. 159-172, il.

Subsídio para estudo da fundação e das reconstruções da igreja paroquial de Nossa Senhora do Castelo na freguesia da Lourinhã, sede do concelho do mesmo nome, desde a Época Medieval até aos nossos dias. A igreja sucedeu a uma antiga ermida datada do século XII e esteve fechada ao culto. – (C2).

0665-11-SOUTO (A. Meireles do), “A igreja paroquial de São Pedro em Alcântara: achegas para a sua história”, *Olisipo*, n.º 104, 1963, p. 13-21.

Contribuição para a história da igreja paroquial de São Pedro, freguesia de Alcântara em Lisboa, que já existia em 1344. Foi restaurada depois do terramoto de 1755. Alusão ao convento do Calvário e à estátua de São João Nepomuceno. – (C2-H1).

0666-11-SUCENA (Eduardo), “A capela de Nossa Senhora da Soledade anexa à primitiva igreja de São Jorge”, *Olisipo*, n.º 149, 1986, p. 65-73.

Descrição da igreja paroquial de São Jorge (destruída pelo terramoto de 1755) e da capela anexa denominada Nossa Senhora da Soledade, freguesia de São Jorge de Arroios em Lisboa. A igreja tinha capelas dedicadas ao Santíssimo Sacramento, ao Menino Jesus dos Cegos e às Almas. Em 1551 tinha duas

confrarias erigidas em honra do Santíssimo Sacramento e de São Jorge e as irmandades dos Cegos e das Almas. Alusão a outros lugares de culto em Lisboa construídos em honra do Senhor Jesus da Boa Sorte, da Santa Cruz, de Nossa Senhora dos Mártires, do Monte Olivete, dos santos Vicente, Bartolomeu, Martinho de Tours, Mamede e das santas Rosa de Lima e Justa. Notícia de imagens do Santíssimo Sacramento, do Senhor Crucificado, de Nossa Senhora da Soledade, da Conceição, de Jesus, Maria e José e de São Jorge. O culto de São Jorge foi, provavelmente, introduzido pelos cruzados ingleses ou pelo primeiro bispo da diocese de Lisboa, Dom Gilberto (inglês), em 1147. Notícia sobre a devoção a Nossa Senhora da Soledade, pouco frequente em Lisboa, e menção dos lugares onde se praticava essa devoção. – (D2-D4-G1-H1).

0667-15-TAPADINHAS (Joaquim Carreira), *Aldeia Galega no tempo dos descobrimentos*, [Montijo], Edição do Autor, [D.L. 2000], 88 p., il.

Estudo histórico sobre Aldeia Galega do Ribatejo, atualmente Montijo, sede do concelho do mesmo nome, nos séculos XV-XVI. Dados sobre lugares de culto: a igreja matriz do Divino Espírito Santo, a igreja não paroquial de Nossa Senhora de Sabonha, o santuário de Nossa Senhora da Atalaia e a ermida de São Sebastião. Menção da Misericórdia do Montijo fundada em 1520. – (C2-G2).

0668-11-TEIXEIRA (Carlos A.), CARDOSO (Guilherme), MIRANDA (Jorge), *Registo fotográfico da freguesia de São Domingos de Rana e alguns apontamentos histórico – administrativos*, São Domingos de Rana, Junta de Freguesia, 2003, 286 p., il.

Registo fotográfico e notas históricas sobre a freguesia de São Domingos de Rana, concelho de Cascais, contendo dados sobre diversos aspectos da vida religiosa, alguns dos quais já desaparecidos. Os lugares de culto: a primeira igreja paroquial de São Domingos de Rana fundada antes de 1588, que tinha três capelas dedicadas a Nossa Senhora do Rosário, a São Domingos e a São Sebastião. A lenda da fundação da igreja paroquial conta que a escolha do local onde se encontra se deveu ao fato da imagem de São Domingos aparecer durante vários dias naquele sítio. A igreja actual data do século XVIII e possui a imagem do Senhor morto e telas pintadas que representam a Ceia do Senhor, a Anunciação, o Pentecostes, São Sebastião e Santa Teresa de Jesus. Referência à ermida de Nossa Senhora da Conceição, às alminhas da localidade de Abóboda e às ruínas da capela de São Lourenço da Quenena, de cujo recheio artístico resta apenas uma imagem de São Lourenço sem a cabeça. Nota sobre os cemitérios com um breve comentário sobre a simbologia presente em algumas sepulturas. As festividades religiosas: a participação da freguesia no giro de Nossa Senhora do Cabo (Espichel, freguesia do Castelo em Sesimbra) de que são transcritas loas; o culto a Nossa Senhora da Atalaia

e a integração dos crentes de São Domingos de Rana no círio da romagem do povo de Oeiras e São Julião da Barra, concelho de Oeiras; as festas de São Sebastião e São Miguel Arcanjo em 1903. – (C2-C7-D2-H2).

0669-07-TORRINHA (Joaquim Francisco Soeiro), “As três igrejas ducentistas de Vila Viçosa”, *Callipole: Revista de Cultura*, n.º 2, 1994, p. 9-25, il.

Apontamentos históricos sobre as três igrejas de Vila Viçosa, sede do concelho do mesmo nome: a paroquial dedicada a Nossa Senhora da Conceição, doada à Ordem de Avis em 1297, as não paroquiais de São Tiago e de Santo Agostinho, esta última pertencente à ordem homónima. A construção das três igrejas situa-se entre 1267 e 1280. Apresentação e análise de documentos que permitem atribuir uma nova datação à igreja paroquial, que já existiria em 1279. Na atualidade, a igreja inclui capelas dedicadas ao Santíssimo Sacramento, ao Santo Nome de Jesus (ou capela das Almas) e aos santos José e Pedro. Nota sobre a catedral de Évora que, segundo o autor, datará apenas do final do século XIII e sobre a origem da crença na Imaculada Conceição. – (C2).

0670-12-TRINDADE (Diamantino Sanches), *Castelo de Vide, arquitectura religiosa: subsídios para o estudo das riquezas artísticas de Portugal*, Castelo de Vide, Câmara Municipal, 1981, vol. I, 233 p., il., plantas.

Arrolamento e descrição de trinta e quatro igrejas paroquiais e não paroquiais (33 destinadas ao culto católico e uma sinagoga) do concelho de Castelo de Vide, desaparecidas, em ruínas ou existentes, fundadas entre o século XIII e o século XVIII. Para cada lugar de culto é apresentada uma ficha histórico-descritiva, acompanhada de plantas e fotografias. Os seus titulares são o Salvador do Mundo, o Senhor do Bonfim, o Bom Jesus, Nossa Senhora das Virtudes, da Penha, da Alegria, da Vitória, dos Remédios, do Carmo, da Devesa, os santos Pedro, João Baptista, António, José, Amaro, Roque, Francisco de Assis, Vicente Ferrer e Miguel Arcanjo, entre outros. – (C2).

0671-11-VENÂNCIO (Luís Manuel Rocha), *Alenquer: concelho multissecular e monumental*, Alenquer, Edição do Sporting Clube de Alenquer, 1983, 48 p., il., mapas.

Contribuição para o estudo do património histórico de Alenquer e do concelho do mesmo nome, que contém dados sobre as igrejas paroquiais e não paroquiais. Na vila de Alenquer há as igrejas do Espírito Santo (associada ao milagre das rosas da Rainha Santa Isabel), de Nossa Senhora da Assunção, matriz da freguesia de Triana, da Misericórdia, de Nossa Senhora da Várzea (incendiada por judeus que depois a reergueram), o oratório e convento de Santa Catarina de Alexandria (fundado no século XIV, a sua igreja possuía as capelas de Santa Catarina de Alexandria e de São Jerónimo) e o convento e

igreja de São Francisco de Assis, fundado em 1222, que foi o primeiro convento franciscano em Portugal. São referidos ainda outros lugares de culto do concelho: as igrejas de Nossa Senhora da Piedade, de São Sebastião, de Santa Quitéria, onde existiu a capela de São Brás fundada pela confraria do mesmo nome, e o convento de carmelitas descalças, entre outros. Alusão à festa do Espírito Santo e à procissão do Rolo. Esta consistia numas madeixas de cera branca e benta, ficando uma das extremidades a arder no altar da igreja do Espírito Santo e o resto era levado por um homem que as estendia por todo o percurso da procissão até à igreja paroquial da freguesia de Triana, como que cingindo a vila; o rolo era tido por milagroso, pois dizia-se que livrara a povoação da peste uma vez. Menção da imagem de Nossa Senhora da Piedade. – (C2-D3-E3-F3).

0672-07-VERMELHO (Joaquim José), *Estremoz património*, Estremoz, Câmara Municipal de Estremoz, 1996, 52 p., il.

Notícia sobre o património edificado do concelho de Estremoz, nomeadamente dos lugares de culto datados dos séculos XIII-XVII. As igrejas matrizes e as ermidas eram dedicadas a Santa Maria, a Nossa Senhora da Conceição, a Nossa Senhora do Mileu (primeiro título Milhum), a São Sebastião e às santas Catarina de Alexandria e Margarida de Antioquia ou da Galiza. Fotografia de CORREIA (Paulo). – (C2).

0673-11-VILAR (Maria do Carmo), “Arquitectura e escultura monumental manuelina na região de Mafra”, *Boletim Cultural’00*, Câmara Municipal de Mafra, p. 65-82. il.

Contribuição para o estudo do património edificado e da escultura monumental existente no concelho de Mafra desde os finais do gótico ao dealbar do Renascimento. Breve descrição arquitectónica e da decoração das igrejas matrizes e outras, de capelas dedicadas ao Espírito Santo, a Nossa Senhora do Ó, da Oliveira, de Rocamador, da Assunção, do Socorro, da Encarnação, do Pópulo e aos santos Simão, Sebastião, Silvestre, Miguel Arcanjo, Estevão, Isidoro de Sevilha e Eulália. São também mencionados cruzeiros. – (C2-C6).

0674-11-VILLAVERDE (Manuel), “Breves notas sobre a igreja de Bucelas e o seu tesouro”, *Igreja matriz de Bucelas*, coordenação de FERNANDES (Carla Varela), s. l., Imprimatur, 2018, p. 11-19, il.

Notas sobre a igreja paroquial de Bucelas, concelho de Loures, dedicada a Nossa Senhora da Purificação, que foi fundada antes de 1314 e reedificada entre 1566 e 1573. Notícia da capela de Nossa Senhora da Encarnação, localizada na Quinta da Romeira, e da antiga capela do Espírito Santo, entretanto demolida. – (C2).

0675-15-*História e histórias de Palmela*, Palmela, Associação dos Idosos de Palmela, 2012, 95 p., il.

Notas sobre diversos aspectos da cidade de Palmela, sede do concelho do mesmo nome, que contém uma breve descrição da igreja matriz de São Pedro: os azulejos representam cenas da vida de São Pedro e do Antigo Testamento; o tecto contém pinturas alusivas a Nossa Senhora. – (H2).

0676-07-“Igreja de S. Domingos Sávio: aliança entre fé e pedagogia”, *Porta do Alentejo*, n.º 4, 2005, p. 38-39, il.

Notícia sobre a igreja de São Domingos Sávio do colégio dos salesianos, que foi construída em 1959 e é desde 1966 a paroquial da freguesia de Vendas Novas, sede do concelho do mesmo nome. Entre os seus objectos de culto destacam-se o fresco do altar-mor alusivo a santos salesianos e a Nossa Senhora Auxiliadora, um grande crucifixo, as imagens de Nossa Senhora Auxiliadora e dos santos Domingos Sávio e João Bosco. Nota sobre a obra educativa dos salesianos. – (B5-H1-H2).

0677-11-*A igreja paroquial de Nossa Senhora Rainha dos Apóstolos da Ramada*, Ramada, Paróquia de Nossa Senhora Rainha dos Apóstolos da Ramada, 2005, 191 p., il., plantas.

Contribuição para a história da paróquia da Ramada criada em 1997, freguesia do mesmo nome do concelho de Odivelas, cuja igreja foi dedicada a Nossa Senhora Rainha dos Apóstolos. A paróquia teve origem num grupo de oração mariano. Descrição dos momentos principais que rodearam a construção da igreja: a aprovação eclesiástica do projecto, o lançamento da primeira pedra em 1993 e a dedicação a Nossa Senhora em 2005. A nova igreja possui as imagens de Nossa Senhora, de Jesus e de São José, bem como uma pintura que representa Cristo Pantocrator. – (H1-H2).

0678-*Igreja de São João Baptista do Lumiar*, coordenação de LEMOS (Fernando Afonso de Andrade de), Lisboa, Centro cultural Eça de Queiroz Telheiras – Junta de Freguesia do Lumiar – Paróquia de São João Baptista do Lumiar – By The Book, 2017, 254, quadros.

Conjunto de estudos originais ou já publicados sobre a igreja paroquial de São João Baptista, situada na freguesia do Lumiar em Lisboa e fundada no século XIII. Historial da fundação da igreja com as suas sepulturas, altares e recheio. Caracterização dos aspetos artísticos e simbólicos dos oragos iniciais São Mateus e São João Baptista. Descrição do interior e do exterior da igreja. Dados sobre a imaginária sacra (séculos XVII e XVIII) que consta de inventários do século XVIII a 1970 e análise iconográfica das imagens hoje existentes. Alguns dados sobre a pintura do Anjo Custódio e a simbólica da pintura do tecto da sala do Despacho do Santíssimo Sacramento. Notas

sobre a extinta irmandade do Espírito Santo, a cruz de Cristo manuelina e a devoção das 40 horas que existiu na igreja. Contém uma parte documental constituída, nomeadamente, pelas respostas ao inquérito paroquial de 1755. Colaboraram na obra INÁCIO (Carlos Revez), CABRITA (Fernanda), SILVA (José António), BRANCO (Micaela), FERREIRA (Rosa Maria Trindade) e SERRÃO (Vitor). A fotografia é de SILVA (José António). – (C5-C7-H1-H2).

0679-11-*Igrejas de Lisboa*, s. l., s. ed., s.d., s. p., 29 p., dactilogr. (Consultável na Biblioteca Nacional de Portugal).

Lista de cerca de setenta igrejas paroquiais e não paroquiais, capelas e ermidas da cidade de Lisboa edificadas entre os séculos XII e XX, sobretudo nos séculos XVI a XVIII. Algumas notas sobre a sua fundação, características arquitectónicas e reconstruções. Os titulares são predominantemente Nossa Senhora e os santos Miguel, Vicente, Domingos, Tiago e José. – (C2).

0680-07-*Inauguração e dedicação da igreja da Sagrada Família: paróquias de Nossa Senhora da Conceição e de Nossa Senhora da Saúde*, Évora, Diana – Lit. do Alentejo, 1995, 16 p., il.

Notícia sobre a inauguração e a dedicação da igreja paroquial da Sagrada Família situada na cidade de Évora. A igreja, construída em 1995, serve as paróquias de Nossa Senhora da Conceição e de Nossa Senhora da Saúde. Contém as imagens de Cristo Ressuscitado, de Nossa Senhora de Fátima e de São João de Deus, assim como quatro vitrais representando Cristo, Nossa Senhora e motivos eucarísticos. Transcrição do plano da cerimónia de celebração e dos cânticos entoados para o efeito. – (B4-E1-H1-H2).

0681-12-“Património histórico de Elvas: igreja de Nossa Senhora da Conceição, antiga Sé de Elvas”, *Elvas, História Viva: Revista Municipal de Cultura e Património*, n.º 1, 2007, s. p. [2] p., il., planta.

Notícia histórica sobre a igreja paroquial de Nossa Senhora da Assunção, anteriormente denominada igreja de Nossa Senhora da Praça, situada em Elvas, sede do concelho do mesmo nome. Foi construída no século XVI e foi a Sé da antiga diocese de Elvas, entre 1570 e 1881. Desde esta data o seu território foi integrado na diocese de Évora. Funcionou desde sempre como sede de paróquia.

0682-12-“Património histórico de Elvas: igreja de Santa Maria de Alcáçova”, *Elvas, História Viva: Revista Municipal de Cultura e Património*, n.º 5, 2008, s.p. [1] p., il.

Notícia histórica sobre a igreja paroquial de Nossa Senhora de Alcáçova, na freguesia de Alcáçova em Elvas, sede do concelho do mesmo nome, construída no século XII e remodelada diversas vezes entre os séculos XVI e XIX. Menção

das suas capelas dedicadas ao Santíssimo Sacramento e a Santo António. Possui uma imagem de Nossa Senhora da Piedade (século XV). – (H1).

0683-11-*Património religioso edificado do concelho da Lourinhã*, coordenação de SOUSA (Teresa Maria Faria de), CIPRIANO (Rui Marques), Lourinhã, Escola E. B. 2/3 Dr. João das Regras – Centro de Estudos Históricos da Lourinhã, [2001], 88 [1] p., il., mapas.

Inventário do património religioso edificado do concelho da Lourinhã, contendo dados sobre as igrejas paroquiais e não paroquiais construídas entre os séculos XV a XVIII e na segunda metade do século XX. Os seus titulares são o Senhor Jesus dos Aflitos, o Espírito Santo, Nossa Senhora da Guia, da Anunciação, dos Anjos, da Graça, do Bom Sucesso, do Rosário, do Amparo, das Dores, da Penha de França, da Saúde, da Piedade, da Conceição, da Misericórdia, do Coração de Maria e de Monserrate, assim como os santos Sebastião, Lourenço, Bartolomeu, Brás, Domingos, António, João Baptista, Ana, Bento e Bárbara, entre outros. Menção de diversss imagens. – (C2-H1).

0684-11-*Rota religiosa do concelho de Loures: zona norte*, Loures, Câmara Municipal, 2001, [20 p.], il.

Percursos do património religioso da zona norte do concelho de Loures que contém uma breve notícia dos lugares de culto. Estes são dedicados a Nossa Senhora da Purificação, da Paz, da Conceição, da Saúde e aos santos Saturnino, Pedro, Antão e Julião. É apresentado o calendário das festas religiosas dedicadas a Nossa Senhora e a santos. – (C2-D2-D4).

0685-11-*Rotas de Loures*, Loures, Câmara Municipal, 1998, 38 [1] p., il. mapa. Breve roteiro do património arquitectónico do concelho de Loures edificado desde o século XII. As igrejas paroquiais e não paroquiais, ermidas, conventos e cruzeiros referidos são dedicados a Cristo Rei, ao Santíssimo Nome de Jesus, a Nossa Senhora da Assunção, dos Mártires, da Paciência, da Purificação, da Saúde e aos santos André, Julião, Basilissa, Antão, António, João Baptista, Adrião, Pedro, Saturnino (protector das crianças), Silvestre, Tiago e Iria. Menção do cruzeiro do Senhor Roubado que é um padrão expiatório de um roubo de objectos sagrados da igreja matriz de Odivelas, sede do concelho do mesmo nome, cometido em 1744. Alusão a imagens representando os santos António, Lucas e Marcos e a Rainha Santa Isabel. – (C2-C6-H1).

0686-11-*Roteialenquer: roteiro e guia comercial industrial e turístico do concelho de Alenquer*, Odivelas, Edições de Rotinveste, 1997, 100 p., il., mapas.

Roteiro do concelho de Alenquer com elementos dispersos sobre lugares de culto, objectos, usos e costumes dos séculos XIII a XIX: as igrejas paroquiais e não paroquiais do Divino Espírito Santo, da Misericórdia, de Nossa Senhora

dos Anjos, do Egipto, da Graça, da Encarnação, dos Prazeres, da Piedade, dos santos António, Francisco de Assis, Pedro, Sebastião, Maria Madalena e Quitéria. As capelas são dedicadas a Nossa Senhora da Luz, a Santo António, a São Pedro e a Santa Catarina de Alexandria. São mencionadas diversas imagens (algumas com vários exemplares) que representam o Ecce Homo, o Menino Jesus, Nossa Senhora de Todos os Bens (a padroeira da família), do Capítulo, da Conceição, da Encarnação, da Piedade, a Pietá, assim como os santos Antão, Brás, José, Pedro, Roque, Maria Madalena, Marta e Quitéria. As telas contêm representações de episódios do nascimento e vida de Cristo, da vida de Maria, de Nossa Senhora dos Anjos, do Rosário com o Menino Jesus, da Conceição e da Misericórdia, dos santos João Baptista, José, Miguel Arcanjo e Pedro, de Santa Ana com Nossa Senhora e de Santa Quitéria. Os painéis de azulejos setecentistas representam cenas da vida de Cristo e da Virgem, o Espírito Santo e cenas da vida mística dos franciscanos. Referência às confrarias de Nossa Senhora da Piedade (extinta em 1911) e de Santa Quitéria, assim como à irmandade da Misericórdia, instituída em 1527. Breve descrição da festa de Santa Quitéria na freguesia de Meca, advogada contra a raiva (a imagem milagrosa apareceu em 1238), que decorre no domingo seguinte ao dia 21 de Maio: os círios vinham da freguesia de Achete (distrito de Santarém), do concelho de Alhandra, de Vila Franca de Xira e de Atouguia da Baleia (distrito de Leiria); este ainda se realiza na segunda quinzena de Outubro. Nota sobre o círio que ia da igreja da Nossa Senhora da Encarnação em Alenquer até ao santuário de Nossa Senhora da Nazaré (distrito de Leiria) para cultuar Nossa Senhora da Nazaré. Menção de ex-votos relativos a curas existentes na capela de Santa Quitéria. – (C2-E3-H1-H2).

0687-11-Sintra: *património da humanidade*, coordenação de RIBEIRO (José Cardim), Sintra, Câmara Municipal, 1996, 294 p., il., mapas.

Subsídio para o estudo da recuperação e valorização do património histórico e natural de Sintra, sede do concelho do mesmo nome, que representa uma súmula da matéria contida na candidatura de Sintra a Património Mundial apresentada em 1995. No capítulo referente à arquitectura religiosa, encontram-se notas descritivas sobre lugares de culto, datados dos séculos XII-XVI: as igrejas paroquiais das freguesias de Santa Maria e São Miguel Arcanjo (trata-se da antiga paroquial), de São Martinho (no século XVIII teve acoplada uma capela dedicada a Nossa Senhora dos Desamparados), que tinham estes santos como titulares, a antiga paroquial da freguesia de São Pedro de Penaferrim, a igreja de Nossa Senhora da Misericórdia; a capela de Nossa Senhora da Piedade, os conventos da Trindade, de Santa Cruz dos Capuchos (com a capela do Senhor dos Passos), que terá sido abandonado em 1834, e um cruzeiro (“Cruz Mutilada”). Alusão à confraria da Santa Casa da Misericórdia fundada em 1545. São mencionados diversos objectos

de culto, designadamente, as imagens de São Pedro, o alto-relevo de Nossa Senhora com o Menino Jesus e as pinturas com a representação de Nossa Senhora com o Menino e dos santos António, Francisco de Assis, Joaquim e Ana, assim como azulejos com cenas da Flagelação de Cristo e da Coroação de Espinhos. Breve notícia da festa da Invenção da Cruz, durante a qual, particularmente no século XVI, eram concedidas as indulgências plenárias a quem, nesse dia, rezasse pela paz entre os reis cristãos, pelo fim das here-sias e pela exaltação da Igreja Católica. Transcrição epigráfica de inscrições tumulares. – (C2-E1-H1-H2).

0688-11-*Torres Vedras: roteiro histórico*, Torres Vedras, Associação para a Defesa e Divulgação do Património de Torres Vedras, s. d., 53 p., il. mapa.

Roteiro histórico da Torres Vedras, sede do concelho do mesmo nome, que dá informações sobre os lugares de culto datados dos séculos XII-XVII: as igrejas paroquiais de São Pedro e Santa Maria, a igreja e convento de Nossa Senhora da Graça dos Eremitas Calçados da Ordem de Santo Agostinho, onde se encontra o túmulo do taumaturgo São Gonçalo de Lagos (agostinho, nasceu em Lagos, distrito de Faro, em 1360, morreu em Torres Vedras, no ano de 1422), assim como a capela da irmandade da Misericórdia. Menção de objectos de culto dos séculos XVII-XVIII: as imagens de Cristo Crucificado, de Nossa Senhora da Graça, de Fátima, da Correia, dos santos José com o Menino, Agostinho, Antão, Gonçalo de Lagos, Joaquim, Judas Tadeu, Nicolau Tolentino, Sebastião, Catarina de Alexandria, Cecília, Francisca Romana, Gertrudes Magna, Mónica e Rita de Cássia; as pinturas e painéis de azulejo contêm as representações da Santíssima Trindade e episódios da vida de Cristo, designadamente, o Calvário, de Nossa Senhora da Boa Hora e da Conceição, assim como dos santos Pedro e Paulo. Alusão à irmandade da Misericórdia. – (C2-C7-H1-H2).

C2 – Capelas, santuários, conventos, mosteiros, oratórios, edículas

0689-11-ABEL (Marília), “Telheiras antiga”, *Olisipo*, n.º 12, 2000, p. 72-74.

Nota sobre as Telheiras, bairro da freguesia do Lumiar em Lisboa, que contém alguns dados sobre os conventos de São Vicente (século XIII) e de Nossa Senhora das Portas do Céu (1633). Menção da romaria de Santa Brígida com bênção do gado que, desde 1297, passou a ter uma procissão em honra de Nossa Senhora das Candeias. Em Telheiras havia a festa do Senhor Jesus da Boa Morte em acção de graças por aí não ter chegado a febre amarela. Em Maio realizava-se a festa de Nossa Senhora das Portas do Céu. – (D2-D4-E3-E6).

0690-11-AGUIAR (Manuel), “O convento dos Cardaes: o tempo e o modo”, *O convento dos Cardaes: veios da memória*, coordenação de VIEIRA (Ana Maria), RAPOSO (Teresa) Lisboa, Quetzal Editores, 2003, p. 27-67, il.

Estudo sobre a origem e a evolução do convento das carmelitas descalças denominado de Nossa Senhora da Conceição, fundado em 1681, na freguesia das Mercês em Lisboa num período de expansão da devoção carmelitana. O convento foi suprimido à morte da última freira em 1876 e hoje é um espaço destinado essencialmente ao ensino de cegas. – (I3).

0691-11-ALBUQUERQUE (Maria João), *Proposta de leitura integrada do convento de Nossa Senhora da Visitação de Vila Verde dos Francos*, dissertação de mestrado em Património e Restauro apresentada à Faculdade de Letras de Lisboa em 2001, 4 vol., 336-165[3]-256[3]-[8] p., dactilogr. (consultável na Biblioteca Nacional de Portugal).

Monografia artística do convento de Nossa Senhora da Visitação, pertencente à Ordem Terceira de São Francisco de Assis, fundado por um nobre em 1540 e localizado na freguesia de Vila Verde dos Francos, concelho de Alenquer,. No tomo I é elaborada uma proposta de leitura integrada do convento: a imagem de poder e de propaganda da família nobre que instituiu o convento e de outros meios funcionais como a Misericórdia e o seu hospital e a igreja matriz de Nossa Senhora dos Anjos. Análise do discurso arquitectónico como meio de persuasão. O tomo II incide sobre o projecto de conservação e restauro do convento. O tomo III compreende um apêndice fotográfico e documental. O tomo IV reproduz algumas plantas e alçados do convento.

0692-11-ALCOCHETE (Nuno Daupias de), “Igreja de São Luís dos Franciscanos de Lisboa”, *Panorama*, n.º 17, 1960, p. 36-42, il.

História da confraria do Bem-Aventurado São Luís de França, implementada em Portugal no reinado de Dom Duarte (século XV). Do seu compromisso datado do século XVI, releva-se como objetivo principal a caridade e a benemerência para com os franceses pobres e marinheiros naufragados na costa portuguesa. A construção da igreja da confraria de São Luís em Lisboa remonta ao século XVI. Anteriormente a mesma esteve instalada em várias igrejas e capelas, nomeadamente, nas ermidas de Nossa Senhora da Oliveira, de São Julião, de Santa Catarina de Alexandria e de Santa Maria da Vitória. Nos séculos XVII e XVIII, a igreja sofreu várias remodelações e alguns retábulos desapareceram, por exemplo, o de São Ivo, primitivamente instalado no altar com o mesmo nome. A partir de meados do século XVIII, a igreja passou a chamar-se igreja Real e Nacional de São Luís dos Franceses. Em 1841 torna-se propriedade do governo francês e em 1860 foi confiada à Congregação dos Padres Lazaristas. Do seu espólio salienta-se o altar de São Luís em talha dourada, um retábulo hoje desfeito e onze quadros com cenas

da vida de São Luís; outras pinturas representam o Senhor dos Passos, São Pedro na prisão, os santos Francisco de Assis, António pregando aos peixes, José, Jerónimo, Sebastião, Estêvão e Santa Rita de Cássia. Num ex-voto pintado e legendado do século XVII está representada Nossa Senhora do Porto Seguro. – (G1-H2-H4).

0693-07-ALMEIDA (Fernando António), *Portel, roteiro do concelho: história, património, paisagem*, Portel, Câmara Municipal, 2008, 156 p., il., mapa.

Roteiro do concelho de Portel que contém diversas informações sobre igrejas paroquiais e capelas, existentes e desaparecidas, abertas ou não ao culto. Os seus titulares são o Espírito Santo, a Vera Cruz, Nossa Senhora da Consolação, da Assunção, da Alagoa, da Serra, da Saúde, os santos Romão, Julião, Vicente, Paulo, Brás, Pedro, Lourenço, António, Faraústo e Catarina de Alexandria. Nota sobre a capela da Misericórdia. Notícia do milagre da Fonte Santa, na freguesia de Vera Cruz, cuja água brotou milagrosamente no local onde a mula que trazia uma relíquia da Sé de Évora se recusava a passar avante, até lhe tirarem a carga. Na mesma ocasião, quando o arrieiro meteu na terra a vara com que picava a mula, logo de seguida se viu um formoso pinheiro. – (C1-C3-F1-H7).

0694-07-ALMEIDA (Filipa Alexandre Cardoso), *Lugares sagrados: o caso específico das capelas junto a monumentos megalíticos*, dissertação de Mestrado Integrado de Arquitetura apresentada à Universidade de Évora em 2018, p. 154, il., planta. <http://www.rdp.uevora.pt/handle/10174/23246?mode=full> (consultada em 02-01-2021)

Estudo sobre os monumentos pré-históricos cristianizados (antas, grutas e menires), adaptados para funções de capelas, através dos exemplos das capelas de Nossa Senhora do Livramento em Montemor-o-Novo, sede do concelho do mesmo nome, de São Bento do Mato, concelho de Évora, de São Dinis em Pavia, concelho de Mora, de Nossa Senhora da Lapa em Besteiros, freguesia de Alegrete, concelho de Portalegre, e de Santa Maria Madalena, freguesia de Alcobertas (distrito de Santarém). Estas construções foram adaptadas para reforçar o seu simbolismo religioso. A investigação aborda a adaptação arquitectónica das capelas projetadas no mesmo espaço dos monumentos pré-históricos, o paralelismo dos diferentes espaços de culto relativamente ao processo de cristianização do lugar e o processo de reconhecimento, de preservação e valorização, no caso concreto do território e do seu edificado. O estudo visa integrar as capelas anexas aos monumentos pré-históricos no conjunto arquitectónico e urbano dos lugares, analisando a evolução temporal desta adaptação dos monumentos megalíticos em paralelo com as políticas urbanas, religiosas e arquitectónicas próprias do processo de cristianização.

0695-15-ÁLVARO (Alexandre Borges), *Santuário de Nossa Senhora do Cabo Espichel; sentido para um restauro*, dissertação de mestrado em Arquitectura apresentada à Faculdade de Arquitectura – Universidade Técnica de Lisboa em 2010, 195 p., il., plantas. <http://hdl.handle.net/10400.5/4694> (consultada em 2-2-2021).

Estudo que tem por objecto determinar se o santuário de Nossa Senhora do Cabo (Espichel), situado na freguesia do Castelo em Sesimbra, merece ser conservado e restaurado. Leitura histórica: a ocupação do Cabo Espichel desde a Pré-história, as lendas que contam a génese do culto a Nossa Senhora do Cabo, iniciado no dealbar do século XV, a sua evolução e expansão. Para esta contribuíram os círios que peregrinavam até ao santuário vindos das duas margens do Tejo e a Família Real, esta no que diz respeito à construção do santuário. A decadência do culto deu-se no século XIX, sobretudo desde 1887, quando os círios das áreas rurais a norte de Lisboa deixaram de ir ao santuário. Leitura formal do sítio e do edificado, nomeadamente da ermida da Memória e da igreja, que procura discernir o carácter físico do lugar natural e do lugar construído. Apresentação de um conjunto de orientações para um eventual restauro. Contém diversos anexos. – (C4-D2-E3-G1).

0696-15-ALVES (Andreia Luísa da Costa), *O complexo arqueológico de São Fausto do Torrão: memória e identidades*, dissertação de mestrado em Arqueologia e Ambiente apresentada à Universidade de Évora em 2018, 2 vol., 108-140 p., il., mapas, quadros. <http://hdl.handle.net/10174/23691> (consultada em 21-012-2020).

Contribuição para o estudo do lugar de São Fausto, na freguesia do Torrão, concelho de Alcácer do Sal, onde se situa a anta-capela dedicada ao mesmo santo. Notas sobre os lugares de culto da mesma freguesia activados, em ruínas ou secularizados, fundados desde a Idade Média: a igreja matriz de Nossa Senhora da Assunção, as igrejas de Nossa Senhora do Carmo, de Albergaria e do Bom Sucesso, as igrejas conventuais de São Francisco de Assis e de Nossa Senhora da Graça (clarissas), assim como as ermidas de Nossa Senhora do Torrão e de São João Nepomuceno, entre outras de que há conhecimento histórico. Em particular é analisada a ermida de São Fausto (mártir de Cordova) hoje em ruínas, situada junto a uma anta. Notícia de outras antas-capela situadas sobretudo no Alentejo (distritos de Portalegre, Évora, Beja e parte do distrito de Setúbal). O volume II contém índices e anexo com documentos e figuras. – (C1)

0697-11-ALVES (José da Felicidade), *O mosteiro de São Vicente de Fora*, Lisboa, Livros Horizonte, 2008, 85 [20] p., il., plantas.

Cronologia dos acontecimentos relativos à vida do mosteiro de São Vicente de Fora, freguesia do mesmo nome em Lisboa, desde 1147 ao século XX. Descrição da igreja, sede de paróquia, e do mosteiro que, na sua forma actual,

foi construído a partir de 1582 no mesmo lugar onde existia um mosteiro mandado erigir por Dom Afonso Henriques em 1147, com a denominação de Nossa Senhora da Enfermaria e São Vicente. A fachada da igreja contém nichos com as imagens dos santos Agostinho, Vicente, Sebastião, António, Domingos e Bruno de Colónia. O interior da igreja compreende diversas capelas e altares dedicadas ao Santíssimo Sacramento, a Nossa Senhora das Necessidades, da Conceição, da Enfermaria, do Pilar e a Santo António. Possui as imagens dos titulares das capelas e outras que representam nomeadamente o Senhor Jesus dos Aflitos, dos Passos, Nossa Senhora da Pureza, das Dores, os santos Joaquim, José com o Menino, João Evangelista, Brás e João Bosco, as santas Ana, Rita de Cássia, Úrsula, Catarina de Alexandria, e Teresinha do Menino Jesus. Transcrição das inscrições tumulares do mosteiro. – (H1-H7).

0698-11-ALVES (José da Felicidade), *O Mosteiro dos Jerónimos*, Lisboa, Livros Horizonte, 1989-1991-1993, 3 vol., 181-323-365 p., plantas.

Monografia do mosteiro e igreja de de Nossa Senhora de Belém dos frades jerónimos, situado em Lisboa, desde o século XV até à atualidade, e da antiga ermida de Nossa Senhora da Estrela, que se encontra na mesma freguesia de Santa Maria de Belém. No volume I são feitas considerações sobre a invocação de Nossa Senhora de Belém (celebrada a 6 de Janeiro, dia de Reis) e é descrito o edifício mandado construir por D. Manuel I como monumento votivo de ação de graças a Deus pelo êxito da expedição de Vasco da Gama à Índia. Os altares da igreja eram dedicados a Nossa Senhora de Belém, hoje denominado da Sagrada Família, a São Jerónimo, a Nossa Senhora da Estrela, atualmente do Carmo, a Nossa Senhora da Conceição, a Santo António (onde hoje está a imagem do Sagrado Coração de Jesus) e a Santa Paula (onde se encontra a imagem milagrosa de Nossa Senhora da Ajuda). No volume II é feita a narrativa histórica do mosteiro e são dados apontamentos monográficos relativos à freguesia de Santa Maria de Belém. No volume III é apresentado o inventário e classificado o espólio artístico e religioso pertencente ao mosteiro, nele exposto ou disperso por museus: estátuas (da fachada), escultura dos túmulos, imagens (cerca de 78), pintura (cerca de 190 obras), azulejos, vitrais, relíquias, alfaias religiosas (custódia, cruzes, processionais, cruzes relicários), livros pios (bíblia e livros de horas) e documentos. Análise dos elementos simbólicos e iconológicos patentes no mosteiro. – (H1-H2-H3-H7).

0699-11-ALVES (José da Felicidade), *Peregrinação pelas igrejas de Lisboa*, coordenação de RIBEIRO (João Salgado), CARDOSO (Abílio Tavares); t. 1 – Templos anteriores à conquista de Lisboa aos Mouros (1147); t. 2 – As igrejas Medievais de Lisboa (1147-1495); t. 3 – As igrejas do século XVI (1495-1580), Lisboa, Centro de Estudos de História Religiosa da Universidade Católica Portuguesa/Centro Nacional de Cultura Lisboa em 2020, 104-400-222 p., quadros, plantas.

Notas sobre as igrejas paroquiais e não paroquiais, ermidas e conventos de Lisboa, antes e depois da formação de Portugal até ao século XVI. No tomo I são dadas informações sobre os lugares de culto anteriores a 1147. No tomo II são apresentados dados sobre numerosos lugares de culto divididos em três períodos: 1147-1185, 1185-1325 e 1325-1495. No tomo III é feita a descrição das igrejas paroquiais e outros lugares de culto por reinado: Dom Manuel II, Dom João III, Dom Sebastião e o cardeal D. Henrique. A análise crítica do tomo 1 é de MATOS (José Luís de), do tomo 2 de FERNANDES (Paulo Almeida) e do tomo 3 de FLOR (Pedro). – (C1).

0700-11-AMARAL (João José da Silva), *Ofertas históricas relativas à povoação de Vila Franca de Xira para instrução dos vindouros*, Vila Franca de Xira, Câmara Municipal, [D.L. 1991-1997], 2 vol., 172-164 p., il.

Introdução e publicação de um manuscrito de 1856 que reúne artigos publicados em revistas do tempo, contendo dados para a história de Vila Franca de Xira, sede do concelho do mesmo nome. No volume I são referidas as igrejas e ermidas, existentes e desaparecidas, dedicadas ao Espírito Santo, a Nossa Senhora da Assunção, das Mercês, de Povos, da Salvação, aos santos Amaro, Sebastião e Sofia. Alusão às confrarias e irmandades do Santíssimo Sacramento, do Senhor Jesus dos Passos, de Nossa Senhora da Misericórdia, dos Terceiros de Nossa Senhora do Monte Carmo e de São Francisco de Assis. Breve notícia sobre o culto a Nossa Senhora de Povos e ao Senhor Jesus da Boa Morte, assim como sobre a procissão do Corpo de Deus. No volume II há dados históricos sobre os lugares de culto do concelho, existentes e arruinados pelas invasões francesas: igrejas, capelas, ermidas e conventos dedicados ao Espírito Santo, ao Senhor Jesus dos Incuráveis, a Nossa Senhora dos Anjos, da Barroquinha, da Conceição, do Desterro, da Esperança, das Mercês, da Misericórdia, do Monte Carmo, das Necessidades, do Rosário, dos Remédios, do Tojo, aos santos Amaro, Brás, Francisco de Assis, João Baptista, José, Romão, Sebastião, Vicente e Sofia. Menção das confrarias do Espírito Santo, de Nossa Senhora da Assunção, das Necessidades, de Santa Sofia e da irmandade da Misericórdia. Dados sobre a devoção aos titulares de diversos lugares de culto. Leitura actualizada, prefácio e índice de MARQUES (Maria Cristina). – (D2-D4-G1-I1).

0701-11-AMARO (Gonçalo de Carvalho), *Uma igreja, duas histórias: um percurso pela história e pelo património da antiga igreja manuelina da Misericórdia de Lisboa*, Lisboa, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, 2015, 123 p., il., plantas.

Estudo sobre a primeira igreja e casa da Misericórdia de Lisboa, construídas entre 1517 e 1534, e a sua evolução. A primeira igreja da Misericórdia foi reconstruída após o terramoto de 1755 e é hoje denominada igreja da Conceição Velha, situando-se nos terrenos da antiga sinagoga grande de Lisboa. A igreja

e casa da Misericórdia mudou-se para o complexo jesuítico de São Roque em 1768. A evolução da igreja e da casa da Misericórdia nos séculos XVI a XVII. A reconstrução parcial da igreja da Misericórdia e a transferência da igreja da Conceição Velha para aí em 1770. Em Lisboa havia igualmente uma igreja denominada Conceição Nova (1668), que foi reconstruída após o terramoto e perduraria até meados dos anos cinquenta do século XX, quando foi demolida para dar lugar a um edifício civil (banco). – (G2-I3).

0702-11-AMORIM (Maria Adelina), “O convento de Santo António de Lisboa: do temor da Peste Grande à fundação do *Templum Concordiae*”, *Lisboa e as ordens religiosas: actas. Colóquio de história e de história da arte*, coordenação de VALE (Teresa Leonor), COUTINHO (Maria João Pereira), Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa, 2010, p. 193-242, il.

Estudo baseado em fontes escritas sobre as principais etapas do convento de Santo António de Lisboa dos franciscanos observantes ou capuchos, casa-mãe da sua Província, fundado em Lisboa no ano de 1570 e extinto em 1834. A igreja está hoje desactivada. Descrição da fachada e das capelas da igreja conventual: a capela-mor onde eram expostos o Santíssimo Sacramento e provavelmente os santos Francisco de Assis, António, Pedro de Alcântara e Diogo de Alcalá; as capelas colaterais eram dedicadas aos santos António e Francisco de Assis (esta tinha inicialmente como titular Nossa Senhora da Piedade); as capelas do lado do Evangelho eram consagradas ao Espírito Santo, a Nossa Senhora da Conceição (duas) e a Nossa Senhora da Assunção, sendo lugar de sepultura dos seus patronos; as capelas do lado da epístola eram dedicadas ao Nome de Jesus, ao Descimento da Cruz, a Nossa Senhora da Conceição e a São Pedro, servindo igualmente de sepultura. Outras imagens figuram sobretudo Jesus Cristo, Nossa Senhora e santos franciscanos. As paredes eram revestidas de azulejo com cenas alusivas à vida de santos franciscanos. Na cerca havia as capelinhas de Santo António e da Paixão que pertenciam a várias irmandades e confrarias. – (E4-G1-H1-I3).

0703-11-ANACLETO (Pedro Garcia), “A freguesia de S. Jorge de Arroios da cidade de Lisboa”, *Revista Municipal*, Câmara Municipal de Lisboa, n.º 85, 1960, p. 15-42, il.; n.º 88, 1961, p. 69-72, il.

Estudo sobre a freguesia de São Jorge de Arroios em Lisboa, que trata da introdução e evolução do culto a São Jorge em Portugal, santo guerreiro, patrono dos que trabalham com ferro e fogo, a saber: barbeiros de barbear e de guarnecer espada, fundidores de cobre, ferreiros, douradores, espingardeiros. A igreja paroquial de São Jorge, fundada no século XII, foi transferida para a ermida de Santa Bárbara (já demolida), após o terramoto, mais tarde transitou para a capela do Senhor de Jesus da Boa Sorte e Santa Via-Sacra, em seguida para a ermida de Santa Rosa de Lima e, finalmente, em 1829,

para o local actual. A primeira participação da imagem de São Jorge a cavalo na procissão do Corpo de Deus deu-se no século XIV. Alusão à instituição de associações religiosas nos séculos XVI-XVIII: confraria de São Jorge, irmandades do Santíssimo Sacramento, do Arcanjo São Miguel e das Almas (antiga do Senhor Jesus da Pobreza e Almas) e dos Homens Cegos do Menino Jesus. Descrição da procissão de Nossa Senhora e menção das solenidades em honra do sagrado Lausperene. Outros lugares de culto da freguesia são a igreja conventual de Nossa Senhora da Conceição e a da Penha de França, bem como as capelas de Nossa Senhora das Graças ou Nossa Senhora da Medalha Milagrosa, do Monte Agudo, do Pópulo, de São João Baptista e de São Lourenço. O cruzeiro de Arroios tem a imagem de Nossa Senhora da Piedade com o Senhor Morto no regaço e São Vicente. – (C1-C6-E3-G1).

0704-11-ANCIÃES (Alfredo Ramos), *Alma e luz de Carnide*, Lisboa, Apenas Livros, 2013, 60 p., il.

Contribuição para o estudo da freguesia de Carnide, cidade de Lisboa, que contém dados sobre o seu património religioso. A igreja paroquial de São Lourenço foi fundada no século XIV e contém sepulturas. A ermida do Espírito Santo foi demolida na segunda metade do século XIX. Em sua substituição desenvolveu-se o complexo do santuário de Nossa Senhora da Luz, cuja igreja é hoje a matriz da freguesia. A lenda da sua fundação conta que um cativo obteve milagrosamente a liberdade com a indicação de ir a Carnide onde, junto a uma fonte, encontraria uma imagem para a qual deveria edificar uma capela. O complexo do santuário da Luz compreendeu durante séculos a fonte santa, a ermida (século XV) e a igreja actual dos finais do século XVI. Descrição das suas pinturas com temas marianos e o quadro da aparição de Nossa Senhora da Luz a uma multidão de peregrinos. Menção das estátuas dos Apóstolos dos nichos da capela-mor. Associado à ermida, estabeleceu-se um mosteiro cisterciense e, a meados do século XVII, um hospital. Hoje a obra assistencial é realizada por instituições seculares e religiosas, sendo estas representadas pela confraria de São Vicente de Paula e pelas Irmãs de Nossa Senhora do Bom Pastor. – (D2-F2-F3-H2).

0705-11-ANDRADE (Ferreira de), *Cascais*, Lisboa, Editorial Publicações Turísticas, 1966, 138 [33] p., il., mapa.

Roteiro de Cascais, sede do concelho do mesmo nome, em quatro línguas (português, francês, inglês e alemão), no qual se referem diversos lugares de culto. A igreja paroquial de Nossa Senhora da Assunção (1865) contém azulejos que descrevem cenas da vida de Nossa Senhora e do Apocalipse, telas representando o Menino Jesus, Nossa Senhora do Leite e Santa Teresa de Jesus. Na sua capela-mor encontram-se painéis quincentistas representando os Reis Magos, o nascimento de Cristo e a Anunciação, bem como as imagens

do Santíssimo Sacramento e de São Pedro. A igreja não paroquial de Nossa Senhora dos Navegantes contém painéis representando Nossa Senhora dos Prazeres e São Pedro Gonçalves Telmo, assim como cinco tábuas figurando santos e cenas bíblicas. A igreja da Misericórdia (1551) abriga as imagens de Nossa Senhora dos Anjos e de Nossa Senhora da Misericórdia. São também referidas as capelas e ermidas de Nossa Senhora de Porto Seguro (1691), de Nossa Senhora da Conceição e de São Sebastião. – (C1-H1-H2).

0706-11-ANTAS (Mário Nuno), “A capela de Nossa Senhora da Consolação de Agualva: uma breve caracterização”, *Lusíada: Arqueologia, História da Arte e Património*, n.º 1, 2001, p. 131-145, il., planta.

Notícia histórica sobre a capela de Nossa Senhora da Consolação em Agualva-Cacém, freguesia do concelho de Sintra, cuja origem é anterior a 1570. Nota sobre a irmandade de Nossa Senhora da Consolação (1595) até à sua extinção em 1910 com a implantação da República. A acção assistencial e religiosa da irmandade consistia em mandar dizer missas, socorrer os irmãos pobres, acompanhar os seus enterros, pagar as promessas dos familiares sem posses e a manutenção da albergaria e do hospital. Transcrição de um trecho do compromisso. Historial das obras de renovação da capela e menção das imagens de Nossa Senhora e de Santo António com o Menino. Refere-se igualmente uma cruz de prata (1607) já desaparecida. Notícia de outras imagens, algumas das quais encontram-se hoje noutros locais ou desapareceram: Cristo Crucificado, Nossa Senhora de Fátima, Nossa Senhora da Consolação (2) e Santo António com o Menino. – (G1-G2-H1).

0707-11-ARAÚJO (António de Sousa), *O santuário da Luz – glória de Carnide*, Lisboa, Paróquia de Carnide, 1971, 72 p., il.

História e descrição do santuário de Nossa Senhora da Luz, sede da paróquia desde o início do século XX, fundado a partir de uma ermida construída em 1463, na freguesia de Carnide em Lisboa,. Ela teve origem na aparição de Nossa Senhora a um cativo dos mouros que lhe indicou o lugar onde encontraria a sua imagem, junto a uma fonte em Carnide. No interior da igreja do santuário encontram-se o retábulo pintado do altar-mor dedicado a Nossa Senhora e imagens invocando Cristo, Nossa Senhora da Luz e os Evangelistas. Durante o reinado de Dom Afonso V (1438-1481) foi instituída a confraria de Nossa Senhora da Luz, que organiza a festa a 8 de Setembro. Breve resumo histórico de Carnide: a antiga igreja paroquial (1342-1913), cujo titular e padroeiro da freguesia é São Lourenço, as ermidas (públicas e privadas) do Espírito Santo, de Nossa Senhora da Conceição, das Necessidades, das Mercês e de São José. Outras confrarias da freguesia eram dedicadas ao Senhor dos Passos, ao Santíssimo Sacramento e a Nossa Senhora do Rosário. Inventário dos lugares de culto da freguesia: ermidas e

conventos dedicados ao Espírito Santo, ao Santíssimo Sacramento, a Nossa Senhora das Necessidades e das Mercês e aos santos Amaro, José, Sebastião e Teresa de Jesus. – (F2-F4-G1-H2).

0708-07-ARRUDA (Luísa), COELHO (Teresa Campos), *Convento de S. Paulo de Serra de Ossa*, Edições INAPA, [D.L. 2004], 111 p., il., planta.

História e descrição do convento de São Paulo de Serra de Ossa (concelho do Redondo), fundado na Idade Média. Na actualidade o convento corresponde à descrição feita numa corografia de 1708. A igreja contém azulejos representando os santos António, Agostinho e os Evangelistas; a capela do Bispo (Dom João de Castro que renunciou para se recolher ao convento da Serra de Ossa) possui azulejos que representam o Cântico dos Cânticos; na escadaria os azulejos figuram São João Baptista e São João Evangelista, Santa Teresa de Jesus e santos eremitas; na capela de Nossa Senhora da Conceição existem os símbolos crísticos; noutros espaços são representadas cenas do Antigo e do Novo Testamento, as figuras de santos e santas eremitas, Santa Maria Egípcíaca e Santo Onofre. – (H1-H2).

0709-11-ARRUDA (Luísa), “Hospital de Sant’ Ana, antigo Sanatório de Sant’ Ana na Parede”, *Monumentos*, n.º 31, 2011, p. 130-139, il.

A propósito do estudo do Hospital de Santa Ana, é descrita a capela de Santa Ana, freguesia de Parede, concelho de Cascais. A decoração da sua fachada é constituída por baixos-relevos de bronze, representando Santa Ana, a Virgem e Nossa Senhora da Misericórdia, e pela imagem de Nossa Senhora das Graças. Os objectos de culto situados no interior compreendem um friso de gesso patinado, figurando os bustos dos doze Apóstolos inscritos em meda-lhões circulares, e os vitrais que mostram o Espírito Santo, Santa Amélia e São Frederico, São Francisco de Assis, Santa Ana ensinando a Virgem a ler e São Fortunato. – (H1-H2).

0710-11-ATAÍDE (Marta), *Convento e hospital de Nossa Sr.ª da Luz da Ordem de Cristo*, Lisboa, 2016, 170 p., il., plantas.

Estudo sobre o convento e hospital de Nossa Senhora da Luz da Ordem de Cristo, que foi fundado na freguesia de Carnide, cidade de Lisboa, no século XVI, embora o culto à titular tenha surgido no século XV. Foi erigida uma capela e iniciado o culto revigorado depois de um milagre de Nossa Senhora: libertou um habitante de Carnide das mãos dos mouros e disse-lhe que quando regressasse a Carnide acharia uma imagem no local onde aparecia uma luz. Aí deveria erguer uma ermida substituída mais tarde por uma igreja, que se tornou lugar de sepultura de importantes membros da nobreza, e um hospital. – (C7-F2-F3).

0711-11-ATAÍDE (M. Maia), “A igreja de Santa Engrácia”, coordenação de MOITA (Irisalva), *O livro de Lisboa*, Lisboa, Livros Horizonte, 1994, p. 283-292, il.

Breve história e descrição da igreja de Santa Engrácia (mártir do século XI, natural de Braga, 3 de Abril), situada na freguesia de Santa Engrácia em Lisboa, fundada cerca de 1570, mas apenas concluída em 1966. Relato de um episódio referente ao roubo, em 1630, das hóstias do sacrário da igreja. Na sequência deste episódio instituiu-se a irmandade dos Escravos do Santíssimo Sacramento constituída por cem nobres, com o encargo de vingar o sacrilégio e de acompanhar todas as decisões referentes à construção do edifício. Menção da relíquia de Santa Engrácia que se encontra exposta na actual igreja paroquial de Nossa Senhora Porciúncula, antiga igreja conventual dos Barbadinhos, da Ordem dos Frades Menores Capuchinhos. Alusão às imagens de vulto dos santos António, João de Brito, João de Deus e Teotónio. Ela é desde 1916 o Panteão Nacional. – (G1-H1-H7-I5).

0712-11-ATAÍDE (M. Maia), “A igreja de São Roque”, coordenação de MOITA (Irisalva), *O livro de Lisboa*, Lisboa, Livros Horizonte, 1994, p. 227-238, il., plantas.

Breve história e descrição da igreja de São Roque em Lisboa, mandada construir pela Companhia de Jesus, no século XVI. Ela foi edificada no local onde existia já a ermida de São Roque pertencente à irmandade do mesmo santo. Na igreja foi construída uma capela onde ficou sediada a irmandade de São Roque. Outras capelas da igreja são dedicadas ao Santíssimo Sacramento, à Sagrada Família, a Nossa Senhora da Assunção, da Doutrina, da Piedade, a São João Baptista e a São Francisco Xavier. São mencionadas imagens e pinturas retabulares dedicadas aos titulares das capelas, assim como as imagens dos santos Roque, Tiago, Sebastião, Verónica e Longuinho. São Longuinho foi centurião romano que supervisionou a crucificação de Cristo e lhe cravou uma lança no peito, a fim de se assegurar que estava morto. Nessa altura o sangue jorrou da ferida e curou-o de um mal que lhe afligia os olhos. Após este episódio ter-se-á retirado para a Capadócia, onde pregou a fé de Cristo e foi decapitado. Alusão a dois altares onde se encontram relíquias de santos mártires e de virgens. – (B2-H1-H2-H7).

0713-11-ATAÍDE (M. Maia), “A igreja e a casa do capítulo do convento de S. Domingos em Lisboa”, *Boletim Cultural*, Junta Distrital de Lisboa, n.º 71-72, 1969, p. 20-45, il., planta.

Notas históricas e descritivas sobre as sucessivas reedificações e reaproveitamentos dos espaços da igreja e do convento de São Domingos em Lisboa, cujo espaço conventual desapareceu no incêndio originado pelo terramoto de 1755. Algumas interpretações referentes às reconstruções efetuadas na actual nave principal da igreja, que é ainda anterior ao terramoto, e na sala do capítulo do

convento. Menção das desaparecidas imagens do Senhor Jesus Crucificado, de Nossa Senhora do Rosário e de Nossa Senhora das Virtudes. – (H1).

0714-11-ATAÍDE (M. Maia), MECO (José), *A igreja de Nossa Senhora do Loreto*, Lisboa, Embaixada de Itália – Instituto Italiano de Cultura, 1986, 31 p., il. História da igreja de Nossa Senhora do Loreto, situada na freguesia do Sacramento em Lisboa, fundada no século XVI pela comunidade italiana residente na cidade da qual faziam parte principalmente mercadores. Foi várias vezes ampliada ou reconstruída até ao século XVIII. Dados artísticos datados do séculos XVII-XVIII relativos a uma imagem de Cristo Crucificado, à imagem e ao retábulo da titular, às estátuas dos Apóstolos, dos santos Pedro e Paulo, aos painéis que representam a Última Ceia, Nossa Senhora do Loreto e os santos Carlos Borromeu, Miguel Arcanjo, João Baptista, Francisco de Assis, Francisco de Paula, Joaquim, António, Ana e Catarina de Génova. Na sacristia há também diversos objectos de culto, com destaque para a escultura de Cristo Crucificado. Notícia da confraria de Nossa Senhora do Loreto e menção da confraria de Santo António. – (G1-G4-H1-H2).

0715-11-AVERINI (Ricardo), “I dipinti di Pompeo Batoni nella basilica del sacro cuore all’Estrela”, “As pinturas de Pompeo Batoni na basílica do Sagrado Coração de Jesus na Estrela”, *Estudos Italianos em Portugal*, n.º 36, 1973, 75-102, 103-128 [16] p., il.; versão resumida nas Actas do Congresso “A arte em Portugal no século XVIII”, *Bracara Augusta*, vol. XXVII, n.º 64, 1973, p. 465-494, il.

Texto bilingue (italiano e português) sobre a pintura realizada por Pompeo Batoni para a basílica do Sagrado Coração de Jesus da Estrela, na freguesia da Lapa em Lisboa, construída entre 1776 e 1790, a primeira grande igreja pública dedicada a este titular. A escolha do autor dos retábulos da basílica terá resultado da necessidade de encontrar um pintor aceite pela ortodoxia romana, já que a nova igreja propunha os modelos iconográficos de um novo rito e de um novo culto. As pinturas foram executadas em Roma e numa delas está representado, com a sua aprovação, o próprio papa a oferecer o Coração de Jesus à devoção dos homens. Para além do retábulo-mor, foram ainda pintados a Última Ceia, a Incredulidade de Tomé e Santa Teresa de Jesus a receber as ofertas da rainha de Portugal na presença de freiras carmelitas. Em apêndice são transcritos vários documentos. – (A5-H2).

0716-11-AZEVEDO (Carlos de), GUSMÃO (Adriano de), JORGE (Virgolino Ferreira), “Inventário Arquitectónico”, *Concelho de Sobral de Monte Agraço: inventário artístico*, coordenação SOARES (Maria Micaela), JORGE (Virgolino Ferreira), Sobral de Monte Agraço, Câmara Municipal, 1987, p. 21-40, il.

A propósito de um inventário artístico das freguesias do concelho de Sobral de Monte Agraço, sede do concelho do mesmo nome, são descritos os lugares de

culto públicos e privados: a igreja paroquial dedicada a São Quintino (século XVI) e a igreja de Nossa Senhora da Purificação; as capelas públicas e privadas dedicadas a Nossa Senhora da Assunção, do Desterro, da Fé, da Luz (antigo orago Nossa Senhora da Guia), das Necessidades, da Salvação, da Saúde, da Vida e aos santos Amaro, Gregório Magno, Martinho de Tours, Sebastião e Tomé. Referência às imagens que figuram Cristo, o Sagrado Coração de Jesus, Maria, a Virgem com o Menino, Nossa Senhora da Conceição, de Fátima, da Nazaré, da Salvação (várias imagens de vestir), do Vencimento, da Vida e os santos António, Francisco de Assis, João Baptista, José com o Menino, Pedro, Ana, Catarina de Alexandria, Eufémia e Teresinha do Menino Jesus. São ainda mencionados alguns painéis de azulejos que representam cenas da vida de Cristo, da vida de São José, do martírio de São Quintino e os santos Francisco de Assis e Marçal. Este terá sido, segundo uma lenda discípulo de Jesus e primo de São Pedro; segundo outra era um dos sete missionários evangelizadores da Gália no século III e bispo de Limoges. – (C1-H1-H2).

0717-11-AZEVEDO (Carlos de), HORMIGO (José Joaquim), CIMA (Fernando de), *Igreja de Nossa Senhora da Lapa da Falagueira*, [Frielas], [Dislazco], 2013, 87 p., il.

A invocação Nossa Senhora da Lapa teve origem no santuário de Sernancelhe (distrito de Viseu) durante a Idade Média. Quanto à igreja da mesma invocação na Falagueira, concelho da Amadora, só foi construída depois do terramoto de 1755. A irmandade com o mesmo nome foi instituída pouco depois. O seu espólio artístico compreende no tecto uma pintura com Nossa Senhora e vários emblemas com símbolos alusivos à Virgem, o retábulo da capela-mor, que inclui a imagem de Nossa Senhora, e as paredes laterais com os azulejos pintados que contêm as litánias de Nossa Senhora. Num inventário de 1810 são referidas três imagens de Cristo Crucificado, uma imagem de Nossa Senhora da Lapa e as imagens dos santos Sebastião, António e Francisco de Assis. Nota sobre as festividades em honra de Nossa Senhora e de São Sebastião. Esta última era organizada pela sua confraria já extinta. Nota sobre a beata Maria Clara do Menino Jesus (Libânia Albuquerque, Amadora, 1843 – Lisboa 1899), fundadora das Franciscanas Hospitaleiras da Imaculada Conceição, que foi venerável em 2008 e beatificada em 2011. Transcrição de documentos. – (B2-D2-H1-H2).

0718-11-AZEVEDO (José Alfredo da Costa), *Velharias de Sintra*, Sintra, Câmara Municipal de Sintra, 1980-1988, 4 vol. (I-IV-V-VI), 128-218-249-257 p., il., mapas.

Compilação de artigos publicados no *Jornal de Sintra* com notícias de âmbito histórico-cultural das freguesias do concelho de Sintra, desde o período romano até aos nossos dias, nomeadamente, sobre lugares de culto como igrejas, capelas e ermidas dedicadas ao Senhor dos Passos, a Nossa Senhora

dos Desamparados, de Monserrate, da Oliveira, da Penha, da Penha de França e da Praia, aos santos Amaro, Miguel, Lázaro, Lourenço e Saturnino. São ainda assinalados o convento dos Capuchos ou da Santa Cruz e o mosteiro da Santíssima Trindade, assim como os cruzeiros. Descrição de alguns objectos de culto: imagens de Cristo Crucificado, de Nossa Senhora de Monserrate (já desaparecida), da Penha de França e dos santos Agostinho, António, José, Pedro, Saturnino (desaparecida) e Rita de Cássia; dois registos de Nossa Senhora da Praia e painéis de azulejos que representam cenas do martírio de Cristo e passos da vida da Virgem. Notícia da irmandade das Almas e do hospital do Santo Espírito. Transcrição de documentos sobre a Misericórdia de Sintra e o convento da Trindade, assim como das memórias paroquiais do concelho e do compromisso da irmandade das Almas do Arcaño Miguel. – (C5-G2-H1-H2).

0719-11-AZEVINHEIRO (Conceição), *Ericeira*, [Santo Antão do Tojal], [Onda Grafe], [DL. 2013], 46 [2] p., il.

Descrição da Ericeira, concelho de Mafra, na actualidade, que contém uma nota sobre o parimónio histórico edificado. Este compreende a igreja paroquial de São Pedro anterior a 1578, a igreja da Misericórdia e as capelas de Santo António e Nossa Senhora da Boa Viagem, de São Sebastião e de Santa Marta que foram construídas desde o século XV. O cruzeiro da vila data de 1940. No museu da Santa Casa da Misericórdia há um conjunto de nove painéis de face dupla, datados do século XVII, que reproduzem Cenas da Paixão, e painéis votivos dos séculos XVIII-XIX. – (C1-C6-H2-H4).

0720-12-BALESTEROS (Carmen), “Apontamentos para história do convento de Nossa Senhora de Marvão”, *Ibn Maruán: Revista Cultural do Concelho de Marvão*, n.º 1, 1991, p. 27-57, il.

Estudo histórico sobre o convento franciscano de Nossa Senhora da Estrela, freguesia de Santa Maria de Marvão da cidade de Marvão, sede do concelho do mesmo nome, fundado cerca de 1448 e extinto em 1834. Em 1944 o edifício do convento passou a servir de hospital da Misericórdia e foi entregue ao cuidado da Congregação das Filhas de Maria Mãe da Igreja. Notícia das lendas relacionadas com Nossa Senhora da Estrela (a imagem foi encontrada numa gruta), nomeadamente, as lendas da edificação do convento e do local de realização da festa anual, assim como dos milagres de Nossa Senhora da Estrela. A devoção expressa-se sobretudo na festa que decorre a 7 e 8 de Setembro e nas promessas, sendo as mais frequentes pagas em trigo e denominadas o “pesar o trigo” (peso equivalente ao da pessoa que recebeu a graça). Eram feitas sobretudo por motivos do nascimento de um filho, de casamento e de protecção na vida militar. Análise da iconografia de Nossa Senhora da Estrela (séculos XVI a XX), baseada em quatro ex-votos pintados

e nas imagens, azulejos pintados e pagelas. Nossa Senhora é representada geralmente com os seguintes atributos: o manto azul, a túnica branca, o Menino Jesus no braço esquerdo, as flores nas mãos de ambos e, por vezes, a existência de uma estrela coroando Nossa Senhora. Inventário e breve descrição das imagens de Nossa Senhora da Estrela em Portugal nos princípios do século XVIII. – (D2-F2-H1-H4).

0721-15-BALINHA (Hélio), “Convento de Nossa Senhora da Rosa: anotações históricas”, *Anais de Almada: Revista Cultural*, n.º 4, 2001, p. 25-62.

Notas históricas sobre o convento dos frades paulistas chamado de Nossa Senhora da Rosa, situado na freguesia da Caparica, concelho de Almada, e fundado antes de 1413. O nome do convento deve-se a um quadro encontrado pelos eremitas junto a uma fonte situada na cerca do convento, que era proveniente de um navio genovês que havia naufragado. Nele estava representada Nossa Senhora segurando uma rosa. Desde então a água da fonte tornou-se santa. O convento tornou-se local de enterramento de pessoas das proximidades. Na igreja estava sediada a confraria de Santa Luzia, fundada pelo menos no século XVII: organização, objetivos e obrigações dos membros. Nota sobre outra confraria de Santa Luzia instituída na ermida do mesmo nome na freguesia de Cacilhas, com fins assistenciais e devocionais, talvez associada à gafaria de São Lázaro. Depois do terramoto de 1755, fixou-se na igreja de Nossa Senhora do Bom Sucesso. Contém um apêndice documental. – (C3-C7-F2-G1).

0722-11-BAPTISTA (J. Ramos), “A capela de S. Roque dos carpinteiros de machado”, *Olisipo*, n.º 13, 2000, p. 41-44, il.

Notas históricas sobre a capela de São Roque nas actuais instalações do Arsenal da Marinha em Lisboa. Dados biográficos do santo que se distinguiu na assistência aos doentes, em particular das vítimas de peste, sendo-lhe atribuídos numerosos milagres de cura. Quando Lisboa foi atingida por uma epidemia em 1505, o rei Dom Manuel solicitou o envio das relíquias do santo que foram levadas para a ermida de São Roque, edificada por carpinteiros das naus em 1506. Em 1553 a ermida foi entregue à Companhia de Jesus, que dela fez a sua sede em Portugal e iniciou a construção da igreja. Em 1570 é fundada a Real Irmandade do Glorioso São Roque dos Carpinteiros de Machado, que se instala no convento de Nossa Senhora do Carmo até ao terramoto de 1755. Em 1761 encontrará a sua sede definitiva na capela actual junto às instalações da Marinha. A irmandade perdeu carácter religioso em 1913 por efeito da instalação da República, passando a Associação de Socorros Mútuos. A capela foi desafecta ao culto e reaberta em 1955. Nela guardam-se pinturas, imagens e azulejos que representam a Trindade, a vida do santo e os quatro Evangelistas. – (G4-H2-H7-I3).

0723-07-BARBOSA (Ana Lúcia), “O mosteiro de Nossa Senhora da Saudação de Montemor-o-Novo: contributos para uma proposta de recuperação”, *Conversas à volta dos conventos*, coordenação de FRÓIS (Virgínia), Évora, Casa do Sul Editora, [D.L. 2002], p. 115-120, il., plantas.

Nota sobre o mosteiro feminino dominicano de Nossa Senhora da Saudação, hoje desactivado e em estado de degradação, que se situa em Montemor-o-Novo, sede do concelho do mesmo nome, fundado em 1502 e extinto em 1876 com a morte da última freira. – (I3).

0724-07-BARBOSA (Ana Lúcia), *Mosteiro de Nossa Senhora da Saudação de Montemor-o-Novo: contributos para uma proposta de recuperação*, dissertação de mestrado em Recuperação do Património Arquitectónico e Paisagístico apresentada à Universidade de Évora em 1998, IV-247 p., dactilogr., il., mapas, plantas (consultável na Biblioteca Nacional de Portugal).

Contribuição para uma proposta de recuperação do mosteiro dominicano de Nossa Senhora da Saudação, situado em Montemor-o-Novo, sede do concelho do mesmo nome, e fundado no início do século XVI. Notas históricas sobre a ordem dominicana e sobre a origem do convento, que foi adaptado a lar para a infância desvalida. Análise arquitectónica do edifício que está actualmente abandonado e em estado degradado. A igreja do convento contém um retábulo dedicado ao Santíssimo Sacramento, datado de meados do século XVII, e pinturas que representam, entre outros, o *Noli me tangere*. – (H2-I3).

0725-11-BARREIRA (José do Nascimento), *Origem e história do convento do Desagravo: o “conventinho” de Lisboa*, Braga, Editorial Franciscana, 1965, 39 p.

Contribuição para a história do convento do Desagravo situado junto à igreja de Santa Engrácia, na freguesia de Santa Engrácia em Lisboa. O convento tem origem no sacrilégio perpetrado em 1630 quando foi arrombada a igreja de Santa Engrácia e dum cofre foram levadas vinte e cinco partículas e uma hóstia consagradas, de um vaso, mais doze partículas e uma hóstia igualmente consagradas, além de vários objectos de culto. Nessa mesma ocasião fora de Lisboa na vila do Louriçal (distrito de Leiria), uma jovem donzela, Maria do Lado, terá pressentido este sacrilégio passando a dedicar-se ainda mais à oração e à penitência, aspirando a viver em rigoroso retiro, o que veio a concretizar-se com a fundação de um recolhimento franciscano no Louriçal (passaria a convento em 1708), onde viria a falecer em 1632. Transcrição dos estatutos por que se regia o convento do Louriçal e depois o “conventinho” do Desagravo do Santíssimo Sacramento de Lisboa fundado em 1782. Ao longo da sua existência foram conferidas indulgências pelo papa a quem rezasse diante do Santíssimo Sacramento do Desagravo, entre outros privilégios. As vias da vivência espiritual do convento após a exclausuração em 1844, desde esta até 1911 e durante o século XX até aos anos sessenta. – (D3-I3-I5).

0726-07-BARROCA (Mário Jorge), *Terena: o castelo e a ermida da Boa Nova*, Lisboa, Instituto Português do Património Arquitectónico, 2006, 283 p., il.,

Estudo sobre o castelo da freguesia de Terena (São Pedro), concelho de Alandroal, e da ermida que se encontra no seu interior dedicada a Nossa Senhora da Boa Nova. A primeira ermida em honra de Nossa Senhora foi edificada cerca de 1261-1262 e depois profundamente reformada a meados do século XIV. A ermida possui um retábulo pintado maneirista no altar-mor com um nicho que contém a imagem de Nossa Senhora. As pinturas representam a Assunção da Virgem, a Anunciação, a Adoração dos Pastores, a Ressureição de Cristo e a Descida do Pentecostes. A abóbada possui igualmente pinturas a fresco com iconografia religiosa inspirada no Apocalipse de São João Evangelista e nas paredes laterais estão representados santos, apóstolos e santas. Contém ainda dois altares dedicados a São Brás e a Santa Catarina de Alexandria datados do século XVIII. – (H1-H2).

0727-07-BEIRANTE (Maria Ângela), “A capela do Salvador do Mundo da vila de Cabeção”, *A Cidade de Évora: Boletim da Comissão Municipal de Turismo de Évora*, n.º 8, 2009, p. 371-402, il., quadros.

A capela do Salvador do Mundo foi fundada em época incerta por moradores da vila de Cabeção, concelho de Mora. Durante a Idade Média foi administrada pelo povo e tinha como ponto alto a realização da refeição comunitária do bodo. Na Época Moderna, ao ser integrada no padroado régio, o bodo foi abandonado. Hoje serve de capela do cemitério. A capela andava associada a uma confraria que tinha objectivos sufragantes e religiosos, assim como sociais e festivos que culminavam na refeição comunitária. Menção da pintura do Salvador do Mundo. – (G2-H2).

0728-07-BEIRANTE (Maria Ângela), “A gafaria de Évora”, *A Cidade de Évora: Boletim da Comissão Municipal de Turismo de Évora*, n.º 1, 1994-1995, p. 213-228, il.

Contribuição para o estudo da gafaria de Évora desde a sua fundação, em finais do século XIII, até meados do século XVI, quando foi integrada na irmandade da Misericórdia. Os seus patronos eram os santos Lázaro e André e os seus membros constituíam uma espécie de confraria vivendo em comunidade. No centro da gafaria estava a igreja de São Lázaro e Santo André e próximo a ermida de São Sebastião. Esta ainda hoje existe mas na forma da reconstrução efectuada nas últimas décadas do século XVII, após ter sido destruída durante a Guerra da Restauração. Junto da ermida existiu o convento de Nossa Senhora dos Remédios, fundado em 1601. – (G2-I1).

0729-07-BEIRANTE (Maria Ângela), “Um santuário de romaria no tempo da expansão: Nossa Senhora da Atalaia (Montijo)”, *Revista Portuguesa de História*,

t. 36, 2002-2003, p. 173-199, vol. I; *Territórios do sagrado: crenças e comportamentos na Idade Média em Portugal*, Lisboa, Edições Colibri, 2011, p. 145-172.

Estudo sobre o santuário de Nossa Senhora da Atalaia, situado na freguesia do mesmo nome, concelho do Montijo, conhecido desde 1462. Descrição do santuário a partir da visitação do mestre da Ordem de Santiago em 1512: os guardiões do santuário, o edifício, a luminária, a prataria, a paramentária, a especiaria (rendimento periódico recebido da Casa da Índia), a bula papal dos perdões. O incremento do culto deveu-se principalmente à confraria dos barqueiros de Alcochete, sede do concelho do mesmo nome, e de Aldeia Galega do Ribatejo (hoje Montijo), que faziam o transporte de pessoas e mercadorias entre as duas margens do Tejo, a que se teriam juntado outras. Entre as manifestações de culto mais importantes contavam-se as promessas e a oferta de círios votivos, dinheiro e animais. Transcrição da visitação da ermida de Nossa Senhora da Atalaia. – (D2-E3-G4-H4).

0730-15-BENTO (António Cunha), “Ermida do Senhor do Bonfim”, *Monografia da freguesia de S. Julião*, coordenação de QUINTAS (Maria da Conceição), Setúbal, Junta de Freguesia de S. Julião, 1993, 221-227.

Notas sobre a ermida do Senhor do Bonfim, situada na freguesia de São Julião em Setúbal, fundada na segunda metade do século XVII sob a invocação de Anjo da Guarda. Notícia da Via-Sacra instituída em 1680 e da grande devoção ao seu titular, a ele recorrendo as gentes locais nas ocasiões de maior aflição, como tempestades e terramotos, e romeiros provenientes de diversas partes. Transcrição de dois cânticos ao Senhor do Bonfim. A festa anual do Senhor do Bonfim teve origem num voto feito pela câmara municipal na sequência dos sismos ocorridos em 1755 e 1858. – (B4-D3).

0731-11-BERGER (Francisco José Gentil), *Lisboa e os arquitectos de D. João V: Manuel da Costa Negreiros no estudo sistemático do barroco na região de Lisboa*, Lisboa, Edições Cosmos, 1994, 327 [1] p., il., plantas.

Estudo sobre a arquitectura de Lisboa no reinado de Dom João V, primeira metade do século XVIII, incidindo na obra do arquitecto Manuel da Costa Negreiros. Análise arquitectónica das várias realizações deste em Lisboa: a igreja paroquial de Santo Estêvão, localizada na freguesia do mesmo nome, a igreja do palácio da Bemposta; as capelas do Senhor Jesus da Boa Nova e de Nossa Senhora da Conceição. Notícia da irmandade do Senhor Jesus da Boa Nova e de Nossa Senhora das Dores, existente desde a segunda década do século XVIII, que mandou edificar em 1748 a capela dedicada ao Senhor Jesus da Boa Nova. Referência a imagens, altares e capelas interiores dedicadas ao Santíssimo Sacramento, ao Senhor Jesus da Boa Nova, a Nossa Senhora da Conceição e aos santos Domingos, António e Francisco de Assis. Contém em anexo os edifícios notáveis construídos ou intervencionados nesse período

onde se destacam alguns lugares de culto dedicados ao Senhor da Boa Morte, ao Menino Deus, à Madre de Deus, a Nossa Senhora da Encarnação, da Rosa, da Estrela, da Luz e aos santos Alberto Magno, Antão, António, Camilo de Lellis, Cornélio, Domingos, Francisco de Paula, João Nepomuceno, Vicente de Paulo, Vicente, Pedro, Rita de Cássia, Joana Princesa, Teresa de Jesus e Apolónia, entre outros. – (C1-G1-H1).

0732-11-BIRG (Manuela), CALADO (Teresa Gil), *Igreja de Santa Engrácia, panteão nacional*, Lisboa, Instituto Português do Património Cultural, [D.L. 1988], 66 p., il., plantas.

Estudo sobre a igreja de Santa Engrácia em Lisboa, cuja construção foi iniciada em 1682 e só concluída em 1966, destinando-se a panteão nacional. Foi edificada por ordem da irmandade dos Escravos do Santíssimo Sacramento no lugar onde existiu uma igreja com a mesma invocação, que foi encerrada por causa da sua profanação em 1630. Esta foi atribuída a um cristão-novo, consistindo na violação do sacrário e roubo de um cofre que continha hóstias e partículas consagradas, além da mutilação de imagens. Notícia da realização das festas do Desagravo que decorriam todos os anos em Janeiro. – (C7-D3-I2).

0733-07-BORGES (Ana Maria), “A igreja da Santa Casa da Misericórdia de Montemor-o-Novo: alguns aspectos artísticos”, *A Misericórdia de Vila Real e as Misericórdias no mundo de expressão portuguesa*, coordenação de FERREIRA (Natália Marinho Ferreira), Porto, Centro de Estudos da População e Sociedade, [D.L. 2011], p. 99-109, il.

Estudo sobre a igreja da Misericórdia de Montemor-o-Novo, sede do concelho do mesmo nome, fundada entre 1499 e 1502, que trata da sua criação, alterações sofridas e objectos de culto. A irmandade da Misericórdia reunia-se inicialmente na ermida de Santo António, que pertencia à irmandade dos Fiéis de Deus, e depois na igreja da Misericórdia, construída no mesmo local. Menção de imagens e retábulos dedicados a Jesus, Maria e José, a Nossa Senhora da Soledade, à Visitação de Nossa Senhora a Santa Isabel, a Nossa Senhora da Piedade, à exaltação da Eucaristia, a São Pedro e a São Paulo. – (G2-H1-H2).

0734-07-BORGES (Ana Maria), MACHADO (José Alberto Gomes), “A igreja do Colégio do Espírito Santo de Évora”, *A Cidade de Évora: Boletim da Comissão Municipal de Turismo de Évora*, n.º 8, 2009, p. 481-494, il.

Descrição da igreja do Espírito Santo de Évora, construída na segunda metade do século XVI, uma das primeiras igrejas jesuítas. Trata-se de um espaço funcional adequado a um apostolado de inspiração tridentina marcado pela pregação. No nível superior da capela-mor encontram-se as imagens dos santos jesuítas Francisco Xavier e Francisco de Borja e no nível inferior as imagens de São Francisco de Assis e de São Domingos, entre outra estatuária

mendicante aí presente devido à entrega da igreja aos franciscanos após a expulsão dos jesuítas. Nas capelas laterais encontram-se retábulos dedicados ao Senhor Jesus Crucificado, ao Senhor da Cana Verde, a Nossa Senhora da Boa Morte e a Santo Inácio de Loiola. No tecto da sacristia nova há doze retábulos com passos da vida de Santo Inácio de Loiola. – (A5-H1-H2).

0735-07-BORGES (Artur Goulart de Melo), “O lugar e o culto”, *Convento do Espinheiro memória e património / memory and heritage*, coordenação de BILOU (Francisco), Évora, Convento do Espinheiro Heritage & SPA, 2006, p. 32-75 [4], il.

Estudo (português-inglês) sobre o mosteiro jerónimo de Nossa Senhora do Espinheiro situado na freguesia de Canaviais, concelho de Évora. Na sua origem esteve, segundo a lenda, a aparição de Nossa Senhora com o Menino em cima de um espinheiro a arder no século XIII, mas o mosteiro só foi construído no século XV. No centro da portada está Nossa Senhora do Espinheiro e nos medalhões laterais São João Baptista e São Jerónimo. O espaço interior da igreja espelha a iconografia da Ordem de São Jerónimo: a capela-mor comporta a imagem da titular e nos azulejos das paredes laterais cenas da vida de Nossa Senhora; a grande nave é dedicada a São Jerónimo através do seu revestimento azulejar, que representa uma sucessão de episódios da vida do santo. As capelas laterais são dedicadas ao Senhor Morto, contendo cenas da paixão de Cristo e a Ressurreição. Menção de uma imagem de Cristo Crucificado do século XVIII e de um Porta-Paz. As festas celebradas no mosteiro eram dedicadas a Nossa Senhora do Espinheiro na Quinta-Feira da Ascensão e ao patrono São Jerónimo a 30 de Setembro. – (D2-F4-H1-H2).

0736-11-BORGES (Maria de Lourdes Calvão), “A igreja de S. Francisco de Paula e a sua ligação com a família real portuguesa”, *Olisipo*, n.º 6, 1998, p. 63-75, il.

Historial das ligações entre a igreja de São Francisco de Paula, construída entre 1743 e 1765 na freguesia de Prazeres em Lisboa, e a família real portuguesa, em especial a rainha Dona Mariana Vitória, que patrocinou a sua edificação e está nela sepultada. A igreja foi entregue à Ordem dos Padres Mínimos e dedicada ao fundador da ordem. Em 1838 passou para as mãos da Ordem Terceira de São Francisco de Assis da Cidade.

0737-11-BOTA (Adelaide Maria de Almeida), *A igreja do convento de N. S. das Virtudes – Azambuja: base para uma proposta de recuperação e restauro*, dissertação de mestrado em Recuperação do Património Arquitectónico e Paisagístico apresentada à Universidade de Évora em 1998, 297 p., dactilogr., il., plantas (consultável na Biblioteca Nacional de Portugal).

O convento em ruínas de Nossa Senhora das Virtudes situado em Azambuja, sede do concelho do mesmo nome, teve origem numa ermida que pertenceu

ao padroado régio. Terá sido em 1403 que um pastor encontrou uma imagem da Virgem Maria, levando um conjunto de pastores e gentes da região a erguer uma pequena ermida que se tornou num local de peregrinação, alimentada pelos milagres atribuídos a Nossa Senhora da Adema (o nome tem origem nas valas onde se juntam as águas das chuvas que havia na região). O futuro rei Dom Duarte, devoto de Nossa Senhora, prometeu que se regressasse vivo da expedição a Ceuta (1415) lhe construiria uma capela, a que poucos anos depois se associou um espaço conventual doado aos franciscanos e suprimido em 1834. O nome foi alterado para Nossa Senhora das Virtudes por causa dos milagres desta. Descrição espacial da igreja, análise da construção e do seu estado de conservação e proposta de recuperação. – (F2-F3-H4).

0738-07-BRANCO (Manuel J. C.), *A construção da Graça de Évora: contexto cultural e artístico*, dissertação de mestrado em História de Arte apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa em 1990, 3 vol., 751 p., dactilogr., il., plantas, quadros (consultável na Biblioteca Nacional de Portugal).

Estudo de história da arte sobre as obras de construção, ampliação e reedificação da igreja e do convento dominicano de Nossa Senhora da Graça (1537-1540) em Évora. A primitiva igreja data do século XIII. São mencionados outros lugares de culto construídos na época, nomeadamente a capela sepulcral de Garcia de Resende, dentro da cerca do convento de Nossa Senhora do Espinheiro na freguesia de Canaviais, concelho de Évora, e a capela consagrada a Nossa Senhora da Piedade erguida na Sé de Évora. Alusão às desaparecidas imagens de Santo Agostinho e de Santa Mónica que se encontravam na fachada da porta da igreja. O volume II contém o apêndice documental e o volume III o apêndice iconográfico e a bibliografia. – (H1).

0739-07-BRANCO (Manuel J. C.), “O convento de Santa Maria do Espinheiro”, *Convento do Espinheiro memória e património / memory and heritage*, coordenação de BILOU (Francisco), Évora, Convento do Espinheiro Heritage & SPA, 2006, p. 81-125 [6], il.

Estudo bilingue (português-inglês) sobre o mosteiro de Nossa Senhora do Espinheiro da Ordem dos Jerónimos que seguia a regra de Santo Agostinho, situado na freguesia de Canaviais, concelho de Évora, Foi construído onde primeiro esteve uma ermida dedicada a Nossa Senhora, fundada no século XIII. O mosteiro só foi edificado no século XV. As ligações do mosteiro ao poder régio, à corte e à nobreza. As festas principais eram feitas em honra de Nossa Senhora e durante a Semana Santa. Outras festas eram realizadas em honra do Corpo de Deus, do Espírito Santo, de Nossa Senhora das Candeias, de São João Baptista, de São Martinho de Tours, de Todos os Santos e ainda as celebrações do Natal. Menção de alguns milagres. – (D2-D3-D4-E1).

0740-07-BRANCO (Manuel J. C.), “A fundação da igreja do Bom Jesus de Valverde e o tríptico de Gregório Lopes”, *A Cidade de Évora: Boletim da Comissão Municipal de Turismo de Évora*, n.º 71-76, 1988-1993, p. 39-71 [6], il., planta.

Proposta de datação do tríptico da igreja do convento do Bom Jesus de Valverde, freguesia de Nossa Senhora de Tourega, concelho de Évora. A igreja foi construída em 1543-1544. Análise comparativa do tríptico datado de 1544 que representa a Adoração dos Pastores, o Calvário e a Ressurreição. Menção de várias pinturas de temática religiosa do seu autor, o pintor Gregório Lopes, existentes em Tomar (distrito de Santarém), Lisboa, Sesimbra e Setúbal. – (H2).

0741-07-BRANCO (Manuel J. C.), “A igreja e a Sala do Despacho: três campanhas de obras”, *A Misericórdia de Montemor-o-Novo: história e património*, Montemor-o-Novo, Santa Casa da Misericórdia de Montemor-o-Novo, 2008, p. 115-132, il.

Estudo sobre várias intervenções nos edifícios da irmandade da Misericórdia de Montemor-o-Novo, sede do concelho do mesmo nome, a partir de 1532-1533. A igreja foi edificada a partir de 1532 no local onde existia uma capela dedicada a Santo António.

0742-07-BRANCO (Manuel J. C.), “O Manuelino em Montemor-o-Novo”, *Montemor-o-Novo quinhentista e o foral manuelino*, coordenação de FONSECA (Jorge), Montemor-o-Novo, Câmara Municipal, 2003, p. 85-106, il.

Notas sobre o manuelino (primeiras décadas do século XVI) em Montemor-o-Novo, sede do concelho do mesmo nome, que compreende alguns lugares de culto actuais e outros desactivados: a igreja paroquial de Nossa Senhora do Bispo, os conventos de Nossa Senhora da Saudação, de Nossa Senhora da Misericórdia e de São Francisco de Assis, as ermidas de Nossa Senhora da Visitação e de São Pedro. Análise das pinturas a fresco da ermida de São Pedro, que representam este santo. – (H2).

0743-07-BRANCO (Manuel J. C.), “Mosteiro do Espinheiro”, *Convento do Espinheiro memória e património / memory and heritage*, coordenação de BILOU (Francisco), Évora, Convento do Espinheiro Heritage & SPA, 2016, p. 133-179 [6], il.

Descrição bilingue (português-inglês) dos vários espaços do mosteiro jerónimo de Nossa Senhora do Espinheiro, situado na freguesia de Canaviais, concelho de Évora. A ermida de Nossa Senhora do Espinheiro foi fundada no século XIII e o mosteiro no século XV. Segundo a lenda, a capelinha do Horto marca o lugar onde apareceu Nossa Senhora. A construção da igreja e as alterações que sofreu ao longo dos séculos. Nota sobre a capela-sepulcro de Garcia de Resende. – (C7).

0744-07-BRANCO (Manuel J. C.), “Renascimento, Maneirismo e Estilo Chão”, *Do mundo antigo aos novos mundos: humanismo, classicismo e notícias dos descobrimentos em Évora (1516-1624)*, coordenação de CUNHA (Mafalda Soares da), Lisboa – Évora, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimientos – Câmara Municipal de Évora, 1998, p. 219-245, il.

Estudo com o propósito de destacar a evolução da arquitectura na cidade e concelho de Évora, desde o classicismo ao estilo chão. São mencionados diversos lugares de culto datados do século XVI: as igrejas paroquiais dedicadas, por exemplo, ao Espírito Santo e ao Calvário, os conventos do Bom Jesus de Valverde (freguesia de Nossa Senhora de Tourega), de Nossa Senhora da Graça, de Nossa Senhora dos Remédios, de Santo Antão e da Cartuxa. Menção de alguns túmulos do mesmo período. – (C1-C7).

0745-11-BRANCO (Ricardo Lucas), “A igreja do colégio de Santo Antão-o-Novo: estudo de um paradigma desaparecido”, *Revista de História da Arte*, n.º 9, 2012, p. 16-37, il., plantas.

Estudo sobre a igreja do colégio de Santo Antão da Companhia de Jesus, fundado em Lisboa na primeira metade do século XVII. A capela-mor tinha funções de panteão. – (C7).

0746-11-BRANCO (Ricardo Lucas), “A igreja dos Paulistas: do ocaso do maneirismo ao esplendor do barroco”, *Reabilitação urbana 2: intervenção de conservação e restauro – igreja dos Paulistas ou de Santa Catarina*, Lisboa, Câmara Municipal, 2005, p. 116-127, il.

A igreja conventual dos Paulistas ou de Santa Catarina de Alexandria foi construída em Lisboa entre 1654 e 1680, na Calçada do Combro, numa área onde se instalaram também outros conventos ao longo do século XVI. Foram os casos dos conventos dos Inglesinhos (padres católicos ingleses, 1632), dos Caetanos ou Teatinos ((1653) e das Carmelitas Descalças no convento dos Cardais (1681). O modelo arquitectónico da igreja dos Paulistas radica-se no maneirismo romano introduzido em Portugal sobretudo a partir da igreja de São Vicente de Fora, na freguesia do mesmo nome. À austeridade inicial, marcada pelos princípios da Contra-Reforma, sucede no século XVIII a cenografia teatral apelativa dos sentidos própria do barroco. – (A5).

0747-11-BRANCO (Ricardo Lucas), “A obra filipina do mosteiro de N.ª Senhora da Conceição do Desterro: processo construtivo e concepção arquitectónica”, *Mosteiros cistercienses: história, arte, espiritualidade e património*, Alcobça, Jorlis, 2013, 107-116 p., il.

Notas sobre o mosteiro cisterciense de Nossa Senhora do Desterro situado em Lisboa, hoje uma unidade hospitalar, que foi construído em 1591. A sua igreja foi parcialmente demolida e a parte que restou é hoje a entrada do hospital. – (I3).

0748-07-BRAVO (Fátima Ventura Toscano), “Convento de Nossa Senhora dos Remédios de Évora”, *Igreja Eborense: Boletim de Cultura e Vida da Arquidiocese de Évora*, n.º 18, 1994, p. 25-42, il.

Contribuição para o estudo do convento de Nossa Senhora dos Remédios situado em Évora, que pertenceu à Ordem dos Carmelitas Calçados, suprimida em 1834. A Ordem do Carmo foi reformada em meados do século XVI por Santa Teresa de Jesus, surgindo os carmelitas calçados e os carmelitas descalços com três vocações: a mística, a apostólica e a mariana. O estabelecimento dos carmelitas em Portugal realizou-se em Moura (distrito de Beja), no ano de 1251. Desde o final do século XVI, os Carmelitas Descalços fixaram-se em Évora. Notícia da ermida de Nossa Senhora dos Remédios, a primeira morada da ordem em Évora. Em 1606 mudou-se para o novo convento, construído de raiz com as esmolas da população. Dados sobre as várias ocupações do convento durante as guerras com Espanha, as Invasões Francesas e a revolução liberal, resultando em alguma destruição e na entrega do edifício à câmara municipal de Évora. É apresentado o enquadramento urbanístico e arquitetónico barroco do convento e indicadas algumas obras de arte contidas no seu interior, nomeadamente pinturas do século XVII, azulejaria dos séculos XVII e XVIII e imagens representando Nossa Senhora dos Remédios, da Conceição e do Carmo. Alusão ao culto alentejano a Nossa Senhora dos Remédios e aos seus milagres. – (D2-H1-H2-I1).

0749-11-BRÉE (M. M. de), *A igreja e convento de S. Domingos de Lisboa*, Lisboa, Impresso nas Oficinas de S. José, 1964, 104 p., il.

Cronologia da história da igreja e convento de São Domingos, fundado em 1251 na freguesia de Santa Justa em Lisboa. Notícia das imagens nele contidas, que representam Cristo Crucificado, Nossa Senhora das Virtudes, da Nazaré, da Purificação, da Escada, do Rosário, os santos Domingos, Francisco de Assis, Justa e Rufina. Nos azulejos do claustro figuram episódios da vida de São Domingos. As confrarias e irmandades que estiveram sediadas na igreja tinham como padroeiros a Santa Cruz, o Santíssimo Sacramento, Cristo Milagroso, Nossa Senhora do Rosário, da Escada, os santos André (burgueiros), Jorge (ingleses), Justa (oleiros), Marçal (pasteiros) e Santa Cecília (músicos). Indicação dos túmulos da igreja. – (G1-G4-H1-H2).

0750-11-BRITO (Maria Filomena), *Igreja de São Roque*, Lisboa, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, 2008, 91 [1] p., il., planta.

Roteiro da igreja de São Roque situada em Lisboa, que foi edificada no local da ermida do mesmo santo (sagrada em 1515), junto do cemitério dos pestíferos, e depois cedida, em 1533, pela irmandade de São Roque à Companhia de Jesus. A igreja consagra o modelo do estilo jesuítico, configurando o seu espaço interior único (igreja-salão) como auditório especialmente vocacionado

para a pregação. Após a expulsão dos jesuítas de Portugal, a igreja e a Casa Professa de São Roque foram entregues à Santa Casa da Misericórdia de Lisboa (1768). A igreja organiza-se, ao nível da cabeceira, em torno da capela-mor e de cinco altares laterais (dois de relicários e os restantes dedicados à Anunciação, à Pietá e ao Presépio) e, ao nível da nave, em oito capelas laterais dedicadas ao Santíssimo Sacramento, a Nossa Senhora da Doutrina, a Nossa Senhora da Piedade, aos santos Francisco Xavier, Roque (orago da igreja), João Baptista e António, assim como a Jesus, Maria e José. Na igreja estiveram sediadas as confrarias dos Irmãos Oficiais da Senhora da Doutrina, de São Roque e de Nossa Senhora da Piedade, nas capelas do mesmo nome, enquanto a irmandade de Nossa Senhora do Bom Sucesso dos Agonizantes e a Congregação de Amor e Graça dos Nobres funcionavam nas capelas dedicadas ao Santíssimo Sacramento e à Sagrada Família. A decoração da igreja e das suas capelas e altares, consubstanciada em pintura, escultura, talha dourada e mosaico, integra-se nos estilos maneirista, barroco e rococó, estando em consonância com as estratégias de educação religiosa definida pela Contra-Reforma e pela Companhia de Jesus. A sua iconografia é expressiva nos temas cristológicos (Nascimento de Cristo, Adoração dos Pastores, Adoração dos Reis Magos, Presépio, Baptismo de Cristo, Jesus entre os Doutores, Ecce Homo, Cristo Crucificado, Cristo Morto, Cristo Salvador do Mundo, cenas da vida de Jesus Cristo, Passos da Paixão de Cristo) e marianos (Anunciação do Anjo, Pietá, Nossa Senhora da Assunção, da Boa Morte, da Conceição, das Dores, da Doutrina, com o Menino e a Sagrada Família). Os temas hagiológicos compreendem os santos da Companhia de Jesus: Inácio de Loiola, Francisco Xavier, Francisco de Borja, Luís Gonzaga; Estanislau Kostka e três mártires jesuítas do Japão (Paulo Miki, João Soan de Goto, Diogo Kisai), entre outros santos e santas, nomeadamente António, Gregório Taumaturgo, João Baptista, Joaquim, Longuinho, Roque, Sebastião, Tiago Maior, Ana, Brígida e Verónica. Outros temas tratados estão relacionados com o Antigo e Novo Testamento (quadros alegóricos com passagens bíblicas, episódios do Novo Testamento, os Evangelistas) e com anjos (anjos adultos e anjos meninos). Refere-se ainda a procissão que conduziu a relíquia de São Roque, pedida a Veneza por Dom Manuel I, à colina onde se situava o cemitério dos pestíferos, no intuito de pedir através dela a protecção do santo para a cidade. – (G1-H1-H2-H7).

0751-12-BUCHO (Domingos Almeida), *Mosteiro de S. Bernardo de Portalegre: estudo histórico arquitectónico, propostas de recuperação e valorização do património edificado*, dissertação de mestrado em Recuperação do Património Arquitectónico e Paisagístico apresentada à Universidade de Évora em 1994, 250 p., dactilogr., il., plantas (consultável na Biblioteca Nacional de Portugal).

Estudo histórico-arquitectónico do mosteiro cisterciense feminino de Portalegre que incide nos aspectos de recuperação do património. O mosteiro foi fundado

cerca de 1530, em honra de Santa Maria, e extinto em 1878 por morte da última freira, como determinava o decreto de extinção das ordens religiosas de 1834. Descrição do edifício que contém alguns objectos de culto, nomeadamente, as imagens de Cristo Crucificado, uma Pietá, Nossa Senhora da Piedade, da Glória, os santos Joaquim, Miguel Arcanjo, Jorge, Simão, Bento, Bernardo de Claraval, Helena e Ana. – (H1-I3).

0752-15-CABAÇA (Ana Vanessa Jeremias), *Santuário de Nossa Senhora do Cabo Espichel: história, simbologia, arquitectura*, dissertação de doutoramento apresentada à Faculdade de Arquitectura e Artes da Universidade Lusíada em 2019, 274 p., dactilogr., il., mapas, plantas, quadros (consultável na Biblioteca Nacional de Portugal).

Estudo sobre o santuário de Nossa Senhora do Cabo (Espichel), freguesia do Castelo em Sesimbra, sede do concelho do mesmo nome. A genealogia barroca do santuário no contexto religioso, comparando-o com outros santuários barrocos, cuja localização, morfologia e relação com o santuário de Nossa Senhora do Cabo Espichel permitem perceber a sua magnitude e excelência arquitectónica. São eles os santuários de Nossa Senhora de Brotas, na freguesia do mesmo nome, concelho de Mora, de Nossa Senhora da Atalaia, no concelho do Montijo, e de Nossa Senhora da Nazaré, situado no promontório da cidade do mesmo nome, no distrito de Leiria. A vivência do religioso no espaço do Cabo Espichel, situado no extremo da majestosa Serra da Arrábida (concelho de Setúbal): a contextualização da evolução histórica do lugar; as origens e as vivências culturais centradas no santuário; a expressão histórica da devoção mariana e dos círios dos peregrinos, cujos itinerários são apresentados. Construção e evolução do espaço de peregrinação: o edificado ao longo dos tempos como expressão material da relação humana com os próprios cultos, veiculando através da arquitectura sentimentos de devoção. Análise da orientação, geometria e simbolismo no espaço de peregrinação através da ermida da Memória e da igreja do santuário. Construído num lugar inóspito, o santuário apresenta-se numa majestosa praça barroca. No seu género construtivo constitui um conjunto com uma arquitectura vernacular e espontânea, um espaço debuxado por uma axialidade e geometria quase perfeitas, onde a simetria se apresenta com um conceito morfológico diferente dos santuários da época. Finalmente, é analisada a importância da água – em particular da Casa da Água – numa arquitectura de sacralidade: a água como elemento unificador, onde a arquitectura evidencia a sua importância e iconologia do lugar. – (C3-D1-D2-E3).

0753-12-CABEÇAS (Mário Henriques), “O restauro da igreja do convento de São Domingos de Elvas (1937-1945): circunstâncias e critérios, *A Cidade: Revista Cultural de Portalegre*, n.º 8, 1993, p. 109-133, il., planta, quadro.

Descrição e discussão das intervenções de restauro na igreja do convento de São Domingos situado em Elvas, sede do concelho do mesmo nome, no período entre 1937 e 1945. Contém dados sobre a origem do convento, fundado no final do século XIII a partir da doação da ermida de Nossa Senhora dos Mártires. A seguir à extinção do convento em 1834, a igreja foi deixada ao abandono, espoliada e vandalizada. Transcrição do documento relativo à doação da ermida de Nossa Senhora dos Mártires e das suas terras aos dominicanos por Dom Afonso III em 1267. Menção das outras igrejas do concelho dedicadas a Nossa Senhora da Consolação, a São Pedro e a Santa Clara de Assis. – (I3).

0754-07-CAEIRO (Elsa), *Os conventos do termo de Évora*, dissertação de doutoramento apresentada na Escuela Técnica Superior de Arquitectura da Universidade de Sevilha em 2005, 2 vol., 448 p., dactilogr., il., quadros, plantas (consultável na Biblioteca Nacional de Portugal).

Estudo sobre os conventos do termo da cidade de Évora, desde o século XIII ao século XVII. Análise da instituição monástica em Portugal, da instalação de diversas ordens religiosas em Évora, e dados para a história da fundação e da implantação dos conventos em que foi relevante a contribuição régia. Estudo individualizado de cada um dos dezanove conventos do ponto de vista histórico, morfológico, arquitectural, estado de conservação e ocupação nos nossos dias. Os conventos fliavam-se nas seguintes ordens religiosas: São Francisco de Assis, São Domingos, Cister, Santo Agostinho, Santa Clara de Assis, São Jerónimo, São João Evangelista ou Lóios, Capuchos, Reformada Carmelita (padres descalços ou marianos), Santa Clara, Cartuxa, Agostinhos Descalços, Carmelitas Descalças e ainda a Ordem Terceira de São Francisco. O impacto das invasões francesas e da extinção das ordens religiosas sobre os conventos. – (A5-I1-I3).

0755-07-CAETANO (Joaquim de Oliveira), “A fundação do Convento das Chagas”, *Monumentos*, n.º 6, 1997, p. 44-47, il.

Nota histórica sobre o mosteiro das Chagas em Vila Viçosa, sede do concelho do mesmo nome, em particular sobre a data da fundação. Terá sido fundado em 1514 pela Casa de Bragança para acolher freiras agostinhas e, desde 1535, franciscanas.

0756-11-CAETANO (Joaquim Oliveira), *A igreja da memória*, Lisboa, Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, 1991, 83 [1] p., il., plantas.

Breve história e descrição da igreja de Nossa Senhora do Livramento e São José, hoje mais conhecida por igreja da Memória em Lisboa, desde a sua fundação na segunda metade do século XVIII até à actualidade. O início da devoção a Nossa Senhora do Livramento data do século XVI, mas foi reforçado

por ser considerada responsável pela salvação do monarca, o qual mandou erigir a igreja no sítio do atentado de que foi alvo. Descrição das cerimónias de sagração do lançamento da primeira pedra, bem como da medalha comemorativa onde figura a imagem da padroeira. – (D2-F3-H6).

0757-11-CALADO (Margarida), “O convento de S. Francisco da Cidade”, *Conversas à volta dos conventos*, coordenação de FRÓIS (Virgínia), Évora, Casa do Sul Editora, [D.L. 2002], p. 189-206, il.

Síntese de um estudo sobre o convento de observantes de São Francisco da Cidade em Lisboa, fundado em 1217. Dadas as dimensões do convento e da cerca, Filipe II chamou-lhe “cidade de São Francisco”. Descrição da igreja no início do século XVIII, que hoje integra o edifício da Faculdade de Belas Artes. Possuía então uma tela e paredes com azulejos representando São Francisco diante de Nossa Senhora da Porciúncula e azulejos com milagres do santo. As capelas pertenciam a confrarias, nomeadamente, à Venerável Ordem Terceira de São Francisco. Menção das imagens de Nossa Senhora dos Anjos e de São Francisco de Assis. Noutros espaços que chegaram até hoje podem observar-se azulejos com as imagens dos santos António, Francisco de Assis, Domingos e ainda de São Jerónimo, segundo alguns estudiosos, ou São Pedro de Alcântara, segundo a autora. – (G2-H1-H2-I3).

0758-11-CALADO (Margarida), *O convento de S. Francisco da Cidade: subsídios para uma monografia*, Lisboa, Faculdade de Belas Artes, 2000, 174 p., il.

Estudo histórico sobre o convento de São Francisco de Assis em Lisboa, desde a sua fundação em 1217 até à sua extinção em 1834 (no local foi instalada a Academia de Belas Artes e a Biblioteca Pública). São tratados aspectos relativos à construção e às várias reconstruções e ampliações do edifício, particularmente após incêndios e o terramoto de 1755. Descrição da igreja e das suas capelas no século XVIII, que menciona imagens de Cristo e da Virgem e pinturas com a representação de cenas da paixão de Cristo e de São Francisco de Assis diante de Nossa Senhora da Porciúncula. Nestas capelas estiveram sediadas as irmandades de Nossa Senhora das Angústias, do Amparo, dos Anjos, da Purificação, da Madre de Deus (fundada por ourives), das Chagas de São Francisco, dos Soldados da Guarda Real, dos Pretos (realizava uma procissão em honra a Nossa Senhora das Neves a 5 de Agosto), dos Escravos de Jesus, Maria e José, das Almas, dos santos Diogo de Alcalá, Pedro, Tiago, Catarina de Alexandria, Cecília, Maria Egípcíaca e ainda a Venerável Ordem Terceira de São Francisco de Assis. Notas sobre imagens, pinturas e painéis de azulejo pertencentes à igreja e ao convento, que se encontram actualmente no Museu Nacional de Arte Antiga em Lisboa, representando, designadamente, o nascimento de Jesus e os santos António, Domingos, Jerónimo, Paulo, Pedro e Clara de Assis. Registos com as imagens

de Cristo, de Nossa Senhora e de Santa Bárbara pertencentes ao convento, hoje integram no espólio da Biblioteca Nacional de Portugal. Levantamento iconográfico de estampas e fotografias relativas ao convento. Em anexo são transcritos documentos referentes ao convento e à igreja. – (G1-G4-H1-H5).

0759-07-CAMEIRÃO (Estela Maria), *A igreja do Salvador, em Évora: reutilização cultural do espaço litúrgico*, dissertação de mestrado em Património Cultural apresentada à Universidade Católica Portuguesa de Lisboa em 2008, 3 vol., 211-[237]-[217] p., dactilogr., il., plantas, quadros, gráficos (consultável na Biblioteca Nacional de Portugal).

Estudo sobre a reutilização cultural do convento franciscano do Salvador em Évora, que visa conhecer a natureza sagrada e litúrgica do espaço. História do convento do Salvador desde a fundação à extinção. A igreja foi entregue à confraria do Coração de Jesus e Maria, depois à confraria das Almas de Santa Marta e hoje pertence à irmandade de São Pedro e de Santa Marta do Clero da Arquidiocese de Évora, mas não está aberta ao culto. Notas sobre o património arquitectónico e os bens culturais móveis. A influência do Concílio de Trento no espaço litúrgico manifestou-se na forma e na funcionalidade litúrgica da igreja (nave, altar-mor, capelas), assim como o seu programa iconográfico eucarístico na obra de pintura, escultura e talha. A autora propõe a sua reutilização como espaço museológico. O tomo II contém um anexo documental e o tomo III um anexo iconográfico e documental. – (G1-G2-H1-H2).

0760-11-CAMPOS (Teresa), HENRIQUES (Paulo), “Entre a obra nova e a conservação da obra”, *Igreja da Madre de Deus: história, conservação e restauro*, Lisboa, Instituto Português de Museus, 2002, p. 105-115, il.

Notas sobre as diferentes obras de construção e conservação do convento de Nossa Senhora da Madre de Deus em Lisboa, desde a sua fundação em 1509 pela rainha Dona Leonor. A igreja foi decorada com obras de pintura, talha dourada e azulejaria em estilo barroco. Na altura da extinção das ordens religiosas em 1834, o convento foi reivindicado pela Casa Real e o seu espólio foi, num primeiro momento, recolhido no palácio das Necessidades e mais tarde integrado nas colecções do Museu Nacional de Arte Antiga. Nos séculos XIX e XX, foram levadas a cabo várias campanhas de recuperação e conservação do edifício, durante as quais houve intervenções em várias obras, sendo que algumas foram retiradas da igreja. Entre elas encontravam-se o painel de azulejos representando Moisés e a sarça ardente e os ciclos de pintura sobre as vidas de Cristo, da Virgem, dos santos Francisco Assis, Clara de Assis e Auta e uma Adoração dos Reis Magos. – (H2-I3).

0761-11-CANTO (Pedro Marujo), ÁGUA (Vera Borda de), “O convento de Nossa Senhora dos Poderes de Vialonga: a comunidade e o património (1562-1874)”, *Cira: Boletim Cultural*, n.º 10, 2010, p. 11-58, il., quadros.

Estudo centrado nos aspectos patrimoniais do convento de clarissas de Nossa Senhora dos Poderes fundado em 1562 na freguesia de Vialonga, concelho de Vila Franca de Xira, e extinto em 1874 com a morte da última religiosa, como determinava o decreto de extinção das ordens religiosas de 1834. Notícia sobre a sua igreja baseada nas memórias paroquiais de 1758: o altar da titular, as pinturas de santos e da Fuga para o Egipto. Em estatuária ou pintura havia representações de Nossa Senhora do Desterro, do Rosário e o presépio. – (H1-H2-I3).

0762-11-CARDOSO (Maria de Cabedo), “Uma preciosa capela desconhecida do grande público”, *Olisipo*, n.º 103, 1963, p. 142-147, il.

Descrição da capela privada dedicada a São João Baptista (século XVII) situada na freguesia de Barcarena, concelho de Oeiras, que contém as imagens de Nossa Senhora da Conceição, do titular e de Santo António, assim como um painel de azulejos representando São João Baptista a baptizar Jesus e a pregar a doutrina de Cristo. Menção de um presépio que teria existido na sacristia. – (H1-H2).

0763-11-CARDOSO (Rogério Seabra), “Arquitectura em espaços da Misericórdia: as antigas sedes da Santa Casa de Misericórdia de Lisboa – 1”, *Cidade Solidária*, n.º 14, 2005, p. 92-97, il.

Nota sobre as antigas sedes da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, que foram, desde 1498, a Sé de Lisboa, talvez depois da década de 1520, a igreja de Nossa Senhora da Misericórdia, destruída pelo terramoto de 1755 e, no mesmo local, a igreja de Nossa Senhora da Conceição Velha, que substituiu outra com a mesma invocação e igualmente destruída pelo terramoto. Na igreja de Nossa Senhora da Conceição encontra-se uma imagem de Nossa Senhora do Restelo com o Menino Jesus nos braços proveniente de uma igreja situada no promontório de Sagres (distrito de Faro) e inicialmente colocada na ermida do Restelo que pertenceu à Ordem de Cristo. – (G2-H1).

0764-15-CARMONA (Rosalina), BORRACHA (Alexandra), *Inventário do património imóvel do concelho do Barreiro*, Barreiro, Câmara Municipal, 1999, 88 [6] p., il., plantas.

Inventário do património imóvel do concelho do Barreiro, que contém alguns dados sobre as igrejas do Salvador do Mundo (datada do século XVI, encontra-se em ruínas), da Santa Cruz (matriz, datada do século XV), de Nossa Senhora da Graça (século XV) e de Nossa Senhora do Rosário (antiga ermida de São Roque), que foi designada ermida de São Pedro no século XVII, por

abrigar a irmandade homónoma dos pescadores. Desde 1736 acha-se à guarda da confraria de Nossa Senhora do Rosário. São ainda referidas as capelas de Nossa Senhora dos Remédios (actual igreja paroquial da freguesia de Coina, datada do século XVIII e restaurada em 1939) e da Misericórdia (edificada em 1569), o convento da Madre Deus na freguesia da Verderena (fundado em 1591, reedificado em 1707 e restaurado em 1996) e o portal da ermida de São Sebastião (século XVI), integrado na igreja de São Francisco de Assis. Menção de dois painéis alusivos à vida de São João Baptista. A obra é muito ilustrada. – (C1-H2-G1-G4).

0765-15-CARMONA (Rosalina), *Lavradio: igreja de Santa Margarida (1492-1569)*, Lavradio, Junta de Freguesia, 2004, 263-XXIV p., il.

Contribuição para o estudo da extinta ermida de Santa Margarida de Antioquia ou da Galiza, situada na freguesia do Lavradio, concelho do Barreiro, fundada em 1492. As visitas da Ordem de Santiago à ermida, a quem esta esteve subordinada eclesiasticamente entre 1492 e 1569, mostram que possuía as imagens de Santa Margarida, os retábulos dos Reis Magos, de Cristo Preso à Coluna e de Nossa Senhora do Pranto, entre outros objectos de culto. Inventário fotográfico dos objectos de culto da ermida que se encontram hoje na igreja paroquial de Santa Margarida no Lavradio e no Museu Nacional de Arte Antiga em Lisboa: as imagens da titular e do Senhor dos Passos, o retábulo do Santíssimo Sacramento, o relevo com a Lamentação de Cristo, hostensórios com pequenas pinturas de santos, uma maquineta com a imagem de Santa Margarida de Antioquia. Menção das confrarias de Nossa Senhora da Salvação, de Santa Margarida e de São Miguel. A lenda da origem da festa a Nossa Senhora dos Anjos, no Domingo de Ramos, relata como os habitantes do Lavradio, sendo atacados pelos mouros num Domingo de Ramos, pediram a protecção de Nossa Senhora dos Anjos e com os seus ramos de oliveira bentos conseguiram rechaçá-los. Transcrição das visitas. – (D2-F1-G1-H2).

0766-11-CARVALHO (Aires de), *A Basílica da Estrela, no segundo centenário da sua fundação*, Lisboa, Direcção-Geral do Património Cultural – Secretaria de Estado da Cultura, 1979, 33, [3] p., il., plantas.

Dados históricos sobre a fundação da basílica e convento de clarissas descalças dedicado ao Sagrado Coração de Jesus (a basílica da Estrela) em Lisboa, no século XVIII. Foi construída por voto da rainha Dona Maria I, por ter recebido a graça do nascimento de um sucessor ao trono. Descrição de objectos de culto: as imagens, em particular as da fachada do edifício, e um baixo-relevo com as representações da Adoração ao Santíssimo Coração de Jesus, da Fé, da Devoção e da Gratidão, assim como dos santos Elias, João da Cruz, José, Maria Madalena e Teresa de Ávila, entre outros. As pinturas representam o Coração de Jesus, Santa Ana e Nossa Senhora da Conceição. Notas sobre a

igreja de Nossa Senhora do Livramento, mais conhecida por igreja da Memória (em memória do atentado contra o rei José I). – (H1-H2-H4).

0767-11-CARVALHO (Gabriela Pinto), MELEIRO (Maria Lucília R.), *Na rota de São Domingos de Benfca: a história e a caracterização dos lugares*, São Domingos de Benfca, Junta de Freguesia, [D.L. 2005], 113 p., il., planta.

Percursos histórico-patrimoniais da freguesia de São Domingos de Benfca em Lisboa. Contém notas biográficas sobre São Domingos e dados sobre o convento e igreja de São Domingos, fundados no século XIV. A igreja foi reedificada no século XVII e, sob a invocação de Nossa Senhora do Rosário, é a igreja matriz desde 1959. No seu interior destaca-se a capela de São Gonçalo de Amarante. – (C1).

0768-15-CASAL (Milene Gil), “Ermida de São Sebastião: estudo preliminar a uma intervenção de conservação e restauro”, *Anais de Almada: Revista Cultural*, n.º 4, 2001, p. 63-65, il.

Estudo preliminar a uma intervenção de conservação e restauro da ermida de São Sebastião situada em Almada, sede do concelho do mesmo nome. Construída no século XVI e reconstruída no século XVIII, nela funcionou provisoriamente um hospital no século XIX e depois foi vendida a um particular em 1904, sendo-lhe dado o uso de habitação e taberna. – (I3).

0769-07-CASTELO BRANCO (Fernando), “Subsídios para a história de três edifícios alentejanos: o Paço Episcopal de Elvas, a Câmara Municipal de Elvas e o Convento das Servas de Borba”, *Belas Artes: Revista e Boletim da Academia Nacional de Belas Artes*, Lisboa, n.º 31, 1977, p. 77-82, il.

Notícia do convento das Servas de Cristo (clarissas), datado do século XVII, na vila de Borba, sede do concelho do mesmo nome. Depois de ter morrido a última freira em 1885, apenas a igreja foi poupada à dessacralização. Alusão à capelinha situada no dormitório pequeno e dedicada ao Menino Jesus. Os objectos de culto pertencentes à igreja do convento encontram-se hoje na igreja paroquial de Borba. – (I3).

0770-15-CEBOLA (José Manuel), *Capela de São José de Pinhal Novo*, Pinhal Novo, Junta de freguesia, 2007, 124 [4] p., il.

Estudo sobre a capela de São José situada na freguesia de Pinhal Novo, concelho de Palmela, fundada entre 1874 e 1913. O seu recheio compunha-se do retábulo do Menino Jesus, dos altares de Nossa Senhora do Livramento e das imagens dos santos José, João Baptista, Luzia e Brígida. Análise do compromisso da irmandade de São José e Nossa Senhora do Livramento datado de 1877. Notícia da procissão em honra de São João Baptista em 1878. A capela é hoje igreja paroquial. – (E3-G1-H1).

0771-15-CESÁRIO (Gentil José), “1755 – O terramoto de Todos os Santos em Santiago do Cacém”, *Musa: Museus, Arqueologia e Outros Patrimónios*, n.º 3, 2010, p. 279-294, il.

A propósito do impacto do terramoto de 1755 no concelho de Santiago do Cacém e especialmente nesta localidade, são mencionados diversos lugares de culto afectados ou não pelo cataclismo: igrejas paroquiais, da Misericórdia e capelas dedicadas aos santos Francisco de Assis, Sebastião, Pedro e às Almas.

0772-11-CHAVES (Luís), “Capelas, ermidas, oratórios e nichos dedicados ao culto dos santos, na Lisboa setecentista e seus arrabaldes”, *Boletim Cultural*, Junta Distrital de Lisboa, n.º 59-60, 1963, p. 11-50, il.

Toponímia santoral respeitante aos pequenos e médios lugares de culto da área de Lisboa, existentes ou já desaparecidos, com referência aos santuários danificados pelo terramoto de 1755. São dedicados aos santos Amaro (advogado das pernas partidas e acidentes osteológicos), António, Ambrósio, Camilo de Lellis, Crispim, Crispiniano, Santiago, Francisco de Borja, Gens (eremita francês do século XII, padroeiro dos agricultores, invocado contra a seca), João Baptista, Joaquim, José, Lázaro, Lourenço, Miguel, Mateus, Pedro, Pedro de Alcântara, Roque, Sebastião, Vicente Ferrer, Brás de Sebaste (origem arménia, bispo de Sebaste, séculos III-IV, protector contra as doenças da garganta). Outros são dedicados às santas Apolónia, Bárbara, Luzia, Brígida, Rita de Cássia, Rosa e Ana. É indicada extensa bibliografia sobre a toponímia santoral. – (D4).

0773-11-CHAVES (Luís), “O culto mariano em Lisboa: capelas, ermidas, oratórios e nichos na cidade de Lisboa, dedicados a Maria”, *Revista de Guimarães*, vol. LXXI, n.º 1-2, 1961, p. 115-134, il.

Inventário de ermidas, capelas e oratórios, públicos e privados, situados na actual área da cidade de Lisboa em 1961, dedicados a Nossa Senhora, onde a invocação mariana surge, por vezes, associada a um santo ou a Jesus. São disso exemplo as ermidas do Senhor Jesus da Boa Nova e Nossa Senhora das Dores, do Senhor Jesus dos Desamparados e Nossa Senhora do Rosário, do Senhor Jesus dos Navegantes e Nossa Senhora da Caridade, Nossa Senhora das Almas e São Pedro (Gonçalves Telmo), Nossa Senhora da Conceição e Santo António, Nossa Senhora das Dores e Nossa Senhora do Resgate. Lista e breve notícia de lugares de culto sob a invocação de Nossa Senhora dos Aflitos, da Ajuda, do Amparo, da Lapa, dos Anjos, da Anunciação, da Assunção, do Bom Sucesso, da Caridade, da Conceição (20), da Consolação, da Escada, da Glória, da Graça (5), da Guia, da Palma, de Belém, do Livramento, dos Mártires, do Paraíso, do Cabo (Espichel, freguesia do Castelo em Sesimbra), da Boa Morte, dos Remédios, do Rosário, da Saúde, da Vitória, do Monte, da Nazaré, das Necessidades, das Mercês, dos Milagres, Madre de Deus e

Mãe dos Homens. Breve menção de imagens de culto, da alteração do titular dos lugares de culto ou da irmandade encarregue da administração da capela. – (D2-H1-G1).

0774-11-CHAVES (Luís), “Mafra: o monumento”, *Revista de Guimarães*, n.º 73, 1963, p. 155-174 [XII estampas], il.

Contribuição para o estudo da importância do convento de Mafra, sede do concelho do mesmo nome, e dos artistas que nele trabalharam para a arquitectura e a escultura portuguesa, sobretudo em Lisboa. Segundo o autor, ao nível da construção religiosa a sua influência é visível no convento da Estrela, na igreja da Memória e na desaparecida capela-mor da igreja conventual de São Domingos, em cujo grupo escultórico figuravam a Nossa Senhora e os santos Domingos e Francisco de Assis. – (H1).

0775-07-CHICHORRO (Frederica Ressano-Garcia), “Espaço centrado na arquitectura do Renascimento – núcleo de Évora”, *A Cidade de Évora: Boletim da Comissão Municipal de Turismo de Évora*, n.º 2, 1996-1997, p. 323-352, il.

Notas sobre lugares de culto de espaço centrado edificadas no concelho de Évora no segundo quartel do século XVI: o oratório do palácio dos condes de Sortelha (distrito da Guarda) e a igreja do convento do Bom Jesus de Valverde, freguesia de Nossa Senhora de Tourega. Estes espaços são concebidos à medida da condição humana e expressam a vontade dos encomendantes em estabelecer um diálogo mais íntimo com o divino.

0776-11-CIPRIANO (Rui Marques), “A igreja e o convento de Santo António da Lourinhã: da fundação ao último restauro”, *Actas do 1.º Seminário do Património da Região do Oeste*, Bombarral, 1995, Caldas da Rainha, Património Histórico – Grupo de Amigos, 1996, p. 152-158, il.

Breve descrição da igreja e do convento de Santo António na freguesia da Lourinhã, sede do concelho do mesmo nome, desde a sua fundação no século XVII. Nas transformações que sofreu foram acrescentadas as capelas do Senhor do Cruzeiro e de Nossa Senhora de Fátima. Menção das imagens de Jesus, Maria e José e dos santos António, Domingos, Gertrudes Magna e Rita de Cássia. – (H1).

0777-11-COELHO (A. Vasconcelos Pinto), “A capela de Nossa Senhora da Assunção e Santo António do Vale: apontamentos para a história do templo e suas vizinhanças”, *Olisipo*, n.º 141, 1978, p. 34-43.

Descrição e origens da capela de Nossa Senhora da Assunção e Santo António do Vale (1780), freguesia de Santa Engrácia em Lisboa. Em 1758 o proprietário de um prédio colocou na frontaria deste um nicho com a imagem de Santo António, fazendo nascer a ideia da construção da capela. Nesta encontram-se

seis painéis alusivos à vida de Nossa Senhora e outros alusivos aos milagres de Santo António, assim como duas imagens de Santo António. A confraria de Nossa Senhora da Assunção e Santo António administrava esta capela. Alusão à festa em honra do nascimento de Santo António em 1895, que compreendeu a festividade religiosa na capela e a procissão de uma das imagens de Santo António do Vale até à igreja de São Francisco de Paula. – (D4-E3-G1-H2).

0778-11-COELHO (Carolina), GONÇALVES (José Lourenço), “A ermida do Espírito Santo (Sintra): intervenção arqueológica realizada em 2001”, *Revista Portuguesa de Arqueologia*, vol. 6, n.º 2, 2003, p. 521-544, il.

Apresentação dos resultados da intervenção arqueológica preventiva realizada na ermida quinhentista dedicada ao Divino Espírito Santo, edificada na freguesia de São João das Lampas no concelho de Sintra, na mesma ocasião da igreja matriz. As festividades ocorridas nesta localidade em honra do Divino Espírito Santo datam, provavelmente, dos finais do século XVI. As procissões em honra do Divino Espírito Santo percorriam o terreiro que separa a ermida do Espírito Santo da igreja matriz de São João Baptista, cabendo a cada um destes templos desempenhar um papel específico, ainda que complementar, na condução das festas. Na ermida desenvolviam-se as cerimónias religiosas em louvor do Divino Espírito Santo, enquanto na igreja paroquial se leiloavam os cargos e outras ofertas relacionadas com o evento. A época áurea das festividades do Divino Espírito Santo terá decorrido durante os séculos XVII e XVIII, sendo apenas nos inícios da centúria seguinte que começa a observar-se a sua decadência. Na segunda metade do século XIX já não existia a irmandade do Espírito Santo. – (D3-E3-G2).

0779-12-COELHO (Possidónio Mateus Laranjo), *Marvão: elucidário breve de uma visita a esta vila*, 2.ª edição, Águeda, Gráfica Ideal, 1972, 68 [3] p., il.

Nova edição (a primeira data de 1946) do elucidário para uma visita a Marvão, sede do concelho do mesmo nome, que contém dados sobre lugares de culto e devoções. Breve historial e descrição do convento franciscano de Nossa Senhora da Estrela (século XIII): a igreja possui a capela de Nossa Senhora da Estrela e diversas imagens dos santos Domingos, Francisco de Assis, António e Diogo de Alcalá. Segundo a lenda, esta capela teve origem na imagem de Nossa Senhora encontrada por um pastor numa gruta, que aí se dirigiu guiado pela luz de uma estrela. A devoção e romaria a Nossa Senhora da Estrela (8 de Setembro), padroeira de Marvão. Notas sobre as antigas romarias e práticas dos peregrinos que aqui faziam as suas promessas e deixavam ex-votos em sinal de graça concedida. Menção da irmandade de Nossa Senhora da Estrela. Alusão a diversas igrejas paroquiais e não paroquiais dedicadas, nomeadamente, a São Salvador, ao Espírito Santo, a Santa Maria e a Nossa Senhora da Penha. – (E2-F2-H1-H4).

0780-11-COELHO (Teresa Campos), “A igreja dos Navegantes, um notável exercício de geometria”, *Monumentos*, n.º 31, 2011, p. 76-83, il.

A igreja dos Navegantes dedicada à invocação de Nossa Senhora dos Prazeres e São Pedro Gonçalves Telmo, situada em Cascais, sede do concelho do mesmo nome, foi construída por iniciativa da irmandade do mesmo nome, que agrupava pescadores e mareantes daquela localidade, no início do século XVIII. Utilizada actualmente para serviço de culto religioso dos dominicanos ingleses, a igreja passou, no decurso da sua recente existência, por diferentes afectações sociais (Acção Católica e Escuteiros). A capela-mor está decorada com dois painéis de azulejos, representando respectivamente Nossa Senhora dos Prazeres e São Pedro Gonçalves Telmo. Nos altares laterais encontram-se imagens relacionadas com os santos nelas venerados. – (H1-H2-G4).

0781-11-CORREIA (Arlindo), “Telheiras e o seu convento”, *Cadernos Culturais de Telheiras*, n.º 3, 2010, p. 5-18.

Notas sobre o bairro de Telheiras, freguesia do Lumiar em Lisboa, e do seu convento franciscano fundado no século XVII por um príncipe do Ceilão convertido ao catolicismo. Em anexo, são transcritas, entre outros documentos, parte das memórias paroquiais de 1758, onde se referem o convento e as duas capelas particulares existentes em Telheiras, dedicadas a São Vicente e a Santo António.

0782-12-COSTA (Alexandre de Carvalho), *Nisa, vila concelhia do distrito de Portalegre*, Portalegre, Inrapol, 1982, 19 p.

Compilação de textos que se referem à origem do topónimo e à fundação de Nisa, sede do concelho do mesmo nome, onde são referidas a igreja de Nossa Senhora da Graça e as ermidas de Nossa Senhora dos Prazeres e dos Fiéis de Deus. Transcrição de algumas quadras dedicadas a Nossa Senhora da Graça. – (B1).

0783-11-COSTA (Ana Cristina Ferreira da), *O sacrário do convento do Bom Sucesso*, dissertação de mestrado em História de Arte apresentada à Universidade Lusíada de Lisboa em 1997, 2 vol., 87-119 p., dactilogr., il. (consultável na Biblioteca Nacional de Portugal).

Estudo no âmbito da história da arte sobre sobre o sacrário da igreja do convento do Bom Sucesso das freiras dominicanas irlandesas, fundado em Lisboa no ano de 1639. No volume I descreve-se a igreja do convento, terminada em finais do século XVII, as capelas interiores de Nossa Senhora do Rosário, do Bom Sucesso, das santas Brígida e Gonçalo de Amarante, as imagens de Cristo Crucificado, de Nossa Senhora do Bom Sucesso, do Rosário, da Ascensão e da Coroação da Virgem, dos santos Domingos, Tomás de Aquino, António e Francisco de Assis. Historial da utilização dos sacrários, a sua colocação

na igreja, a decoração e a sua relação com o culto do Corpo de Deus (festejado desde o século XIII). Análise iconográfica e interpretação da gramática decorativa do sacrário cujas pinturas representam doze cenas do Cântico dos Cânticos. A problemática da autoria e da datação da obra (1650 a 1670). No volume II encontram-se anexadas as fichas de inventário que destacam aspectos do sacrário, vários documentos e figuras – (D3-H1-H2).

0784-11-COSTA (Francisco dos Santos), *O santuário da Rocha – coração de Carnaxide*, Oeiras, Câmara Municipal, 1972, 285 p., il., mapa.

Contribuição para o estudo do santuário de Nossa Senhora da Conceição da Rocha, na freguesia de Carnaxide, concelho de Oeiras, construído em 1893. Notícia da lenda sobre a origem do culto. As festas do santuário celebram o aparecimento da imagem descoberta em 1822, nas margens do rio Jamor em Lisboa, por um grupo de rapazinhos. Relato de algumas das festividades e procissões que se realizaram desde o século XIX. A acção da Real Irmandade de Nossa Senhora da Rocha, que foi fundada em 1883. Notas monográficas sobre a paróquia de Carnaxide e sobre a igreja paroquial de São Romão (bispo de Ruão, século VII). Contém uma lista das povoações portuguesas com o nome deste santo. Dados biográficos sobre o santo padroeiro. Transcrição de alguns programas, documentos, entrevistas, notícias e correspondência que atestam a evolução do culto e retratam aspectos da vida paroquial. – (C5-D2-F2-G1).

0785-11-COSTA (Sandra Ferreira), “O convento do Santíssimo Coração de Jesus: observância e desvios à regra”, *Monumentos*, n.º 16, 2002, p. 21-27, il.

Estudo sobre o convento do Santíssimo Coração de Jesus situado no bairro da Estrela, freguesia da Lapa em Lisboa, pertencente à Ordem das Carmelitas Descalças, a qual procura atingir o total desprendimento dos valores materiais e a dedicação exclusiva a Deus. Neste contexto, a regra assume papel importante nos conventos das carmelitas descalças, a qual abordava todos os aspectos da comunidade conventual: clausura, pobreza, sobriedade, tarefas da vida diária (orações, meditação, contemplação, refeições e deveres) e a organização arquitectónica e funcional do convento. A distribuição espacial como reflexo da vida conventual evidencia a relação da forma e da função do espaço. O convento do Santíssimo Coração de Jesus foi fundado por Dona Maria I em 1790, como ex-voto pelo nascimento do filho herdeiro do trono, e doado às monjas de Carnide para a consagração do culto ao Coração de Jesus, assumindo-se como o edifício mais importante na reforma teresiana em Portugal. Abordagem aos conflitos criados pelo fausto inerente ao patrocínio régio em detrimento das normas de pobreza e clausura total da ordem, afastando o edifício da forma e da intenção da regra de Santa Teresa de Jesus. Nos espaços interiores do convento encontram-se azulejos, retábulos pintados,

pinturas parietais com representações de cenas de devoção ao Coração de Jesus, a Descida do Espírito Santo sobre os Apóstolos, a Transfixação de Santa Teresa de Jesus, um presépio inicialmente exposto em sala própria e presentemente guardado numa das sacristias. – (D3-H2-H4).

0786-11-COUTINHO (Maria João Pereira), “O convento de São Pedro de Alcântara, em Lisboa”, *Olisipo*, n.º 20-21, 2004, p. 73-84.

Estudo sobre o convento de São Pedro de Alcântara, freguesia de Alcântara em Lisboa, em particular sobre a capela dos santos mártires Veríssimo, Máxima e Júlia. A igreja conventual foi fundada no início do século XVIII. As superfícies murárias apresentam vinte painéis de azulejos com episódios da vida do titular e retábulos pintados que representam Cristo e a Virgem, Pedro de Alcântara e João Baptista. Quanto à imaginária, existem no altar-mor o titular e esculturas de Cristo Crucificado, de Nossa Senhora do Rosário, de Francisco de Assis e dos quatro Evangelistas. O coro alto está revestido de pintura que representa episódios relacionados com a vida e os milagres de São Pedro de Alcântara. O retábulo da capela dos santos mártires contee nichos com as imagens dos titulares. Actualmente apenas existe um Cristo Crucificado e imagens de santos franciscanos. – (H1-H2).

0787-11-DELGADO (Ralph), “O Mosteiro de Marvila”, *Olisipo*, n.º 109, 1965, p. 112-120, il.; n.º 111, 1965, p. 169.

História do convento de Nossa Senhora da Conceição da Ordem de Santa Brígida (1680), na freguesia de Marvila em Lisboa, cuja igreja é hoje paroquial. Em 1660 os frades fundadores foram viver para o mosteiro no dia seguinte ao dia de São José, sendo celebrada missa solene e colocado o Santíssimo Sacramento na capela-mor. Nesta capela havia três altares com as imagens de Nossa Senhora da Piedade e do Sagrado Coração de Jesus, uma imagem de Nossa Senhora da Conceição, quadros alusivos à Virgem, a Santo Agostinho e a Santa Brígida e as sepulturas de freiras e do fundador. Notícia do mosteiro de São Bento, na mesma freguesia, e do convento de São Francisco de Assis em Xabregas, assim como dos mosteiros de Nossa Senhora da Esperança e do Mocambo (freguesia de Santos-o-Velho) dos cônegos seculares de São João Evangelista ou Lóios. – (C1-C7-H1-H2).

0788-12-DINIS (Alberto Calderon), *Marvão, Castelo de Vide e Portalegre*, Lisboa, Publicações Turísticas, 1975, 75 [34] p., il., mapa.

Roteiro turístico dos concelhos de Marvão, Castelo de Vide e Portalegre, que contém breves informações sobre os lugares de culto. Menção de igrejas paroquiais, conventos (alguns dos quais já extintos), ermidas e capelas dos séculos XII-XVIII, cujos titulares são o Espírito Santo, o Salvador do Mundo, o Senhor do Bonfim, Nossa Senhora da Alegria, da Estrela, da Penha, os

santos Agostinho, Bernardo de Claraval (ou de Nossa Senhora da Conceição), Francisco de Assis, João Baptista, Lourenço, Pedro, Tiago Maior e Clara de Assis. É também referida a igreja e o hospital da Misericórdia. Notícia sobre a bênção dos cordeiros no sábado de Aleluia. No Museu Municipal de Portalegre, guardam-se obras de arte sacra, entre as quais uma escultura de Nossa Senhora da Piedade (século XVI). – (C1-H1).

0789-12-DINIS (Beatriz Susana Baptista), *Convento de Santo António de Portalegre: uma proposta de valorização*, dissertação de mestrado em Gestão e Valorização do Património Histórico e Cultural apresentada na Universidade de Évora em 2012, 176 p., il., mapa, quadro. <https://dspace.uevora.pt/rdpc/handle/10174/15290> (consultada em 14-07-2019).

O convento franciscano de Santo António de Portalegre foi fundado em 1522 e refundado noutra local em 1570, onde permaneceu até à extinção das ordens religiosas em 1834. História da fundação e permanência do cenóbio, bem como a sua relação com a cidade de Portalegre. Pretende-se também apresentar uma proposta de valorização e revitalização deste antigo espaço conventual. A igreja do convento teve três altares dedicados a Nossa Senhora da Piedade, do Carmo e a Santo António. Uma capela anexa é dedicada a Santo António onde existe um conjunto escultórico composto por frades que assistem à morte do santo. No convento estava sediada a arquiconfraria de Nossa Senhora da Conceição que englobava dez confrarias estabelecidas em lugares de culto de quatro concelhos do distrito de Portalegre. Na cidade de Portalegre havia ainda outros conventos franciscanos dedicados a São Francisco de Assis e a Santa Clara de Assis e ainda os de São Bernardo de Claraval e de Santo Agostinho, cujo papel na divulgação da religião é assinalada. – (A5-G1-H2-I3).

0790-11-DINIZ (Tânia Maria de Moura), *A igreja de Nossa Senhora do Bom Sucesso*, dissertação de mestrado em História da Arte apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa em 2004, 2 vol., 122-60 p., dactilogr., il., plantas (consultável na Biblioteca Nacional de Portugal).

Estudo sobre a igreja do convento dominicano feminino de Nossa Senhora do Bom Sucesso construído no ano de 1639 em Lisboa, para abrigar um grupo de freiras fugidas da Irlanda por motivos religiosos. Descrição da igreja que tem a forma octogonal e é influenciada pelas restrições da Contra-Reforma: a capela-mor, onde se encontram as imagens dos santos Tomás de Aquino, António, Domingos e Francisco de Assis, os retábulos da titular, de Nossa Senhora do Rosário, do Santo Cristo e de Santa Ana. Menção do relicário existente no altar do Santo Cristo e das pinturas do coro alto. Nossa Senhora do Bom Sucesso era invocada para protecção contra os perigos no mar, no parto, nas calamidades e no dia juízo do final. A lenda da denominação da

igreja: por ocasião da fundação, um homem deixou ficar uma imagem de Nossa Senhora com o Menino Jesus que foi encontrada por alguém que passeava à beira-mar; quando foi escolhido o nome, nenhuma das freiras escreveu nos bilhetes Bom Sucesso mas este saiu várias vezes. O volume II contém plantas, estampas de Nossa Senhora do Bom Sucesso e fotografias do convento e da igreja. – (A5-D2-F2-H1).

0791-11-DUARTE (Eduardo), “A arquitetura do convento dos Cardaes: uma caixa oferecida a Deus”, *O convento dos Cardaes: veios da memória*, coordenação de VIEIRA (Ana Maria), RAPOSO (Teresa), Lisboa, Quetzal Editores, 2003, p. 69-107, il., plantas.

Descrição arquitectónica do convento das carmelitas descalças denominado de Nossa Senhora da Conceição dos Cardais, localizado no Bairro Alto em Lisboa, fundado no final do século XVII. A sua concepção segue as determinações do Concílio de Trento e o gosto simplista e conservador local. Descrição da igreja cuja espacialidade reflecte a influência dos protótipos das igrejas jesuítas e apresenta um contraste entre a sobriedade exterior e a riqueza decorativa interior, assim como a forma de caixa para exposição de objectos de culto. – (A5).

0792-07-ESPANCA (Túlio), “Antiquilhas eborenses”, *A Cidade de Évora: Boletim da Comissão Municipal de Turismo de Évora*, n.º 69-70, 1986-1987, p. 77-120 [10], il.

Notícias históricas, artísticas e arquitectónicas de Évora que contém informações sobre lugares de culto fundados nos séculos XIII e XVI-XVIII. Breve descrição de dois conventos suprimidos depois de 1834: o da Cartuxa de Évora, que contém na fachada as imagens da Virgem, de São João Baptista e de São Bruno de Colónia, e o de Nossa Senhora dos Remédios, que conserva as imagens da Santíssima Trindade, de Cristo Salvador, da Virgem em Adoração, de Nossa Senhora dos Remédios e do Leite, dos santos José com o Menino, João Baptista, Francisco Xavier e Bruno de Colónia. Historial do convento de São Francisco de Assis no qual são conservadas imagens e pinturas que representam sobretudo a paixão de Cristo e a vida de Nossa Senhora, a Virgem com o Menino, Nossa Senhora da Piedade, os santos Bernardino de Sena (Siena), Jerónimo, Miguel Arcanjo, Paulo Eremita, Pedro, António pregando aos peixes, a degolação de São João Baptista, Rafael Arcanjo, António, Clara de Assis, Rainha Santa Isabel e Rosa de Viterbo, bem como episódios da vida de São Francisco, do beato Gualtério (bispo de Treviso) e as Alminhas do Purgatório. No espaço do primitivo dormitório existe uma capela revestida de ossos. Notas sobre a antiga igreja paroquial dedicada a São Jordão, cujos objectos de culto eram constituídos principalmente por pinturas que foram roubadas ou mutiladas e representavam cenas da paixão de Cristo,

a Anunciação da Virgem e a Visitação de Santa Isabel, o Repouso da Sagrada Família na fuga para o Egipto, o Casamento místico de Santa Catarina de Alexandria, os santos Barnabé, Gregório Magno, João Evangelista, Jorge, Miguel Arcanjo e Luzia. – (H1-H2-I3-I5).

0793-07-ESPANCA (Túlio), “O convento de Nossa Senhora do Paraíso de Évora”, *A Cidade de Évora: Boletim da Comissão Municipal de Turismo de Évora*, n.º 56, 1973, p. 15-91, il.

Nota histórica e inventário do convento feminino de Nossa Senhora do Paraíso, fundado em Évora, sede do concelho do mesmo nome, a meados do século XV, extinto em 1897 e destruído em 1902. Primeiro esteve debaixo da regência espiritual da Congregação de São João Evangelista (Ióios) e, desde o final do século XV, da Ordem de São Domingos. O título de Paraíso data de 1574. Transcrição do inventário do convento à data da sua supressão, que descreve sumariamente os objectos de culto dos altares da igreja, dos oratórios e das capelas do claustro, entre outras. As imagens e as pinturas representam cenas da Vida e Morte de Cristo, Nossa Senhora do Rosário, do Paraíso, da Conceição, das Dores, da Saúde, da Rosa, da Piedade, da Soledade, do Patrocínio e do Egipto; os santos António, Francisco de Assis, José, Domingos, João Evangelista, Vicente Ferrer, Bernardo de Claraval, Tomás de Aquino, Pedro Mártir, Mártires de Marrocos, Miguel Arcanjo, Francisco de Borja, João Baptista, Caetano, João Nepomuceno, Jacinto, Sebastião, Roque, Cristóvão, Luís Gonzaga, Raimundo; as santas Catarina de Sena (Siena), Joana, Doroteia, Rosa, Teresa de Jesus (hábito e escapulário), Ana, Bárbara, Apolónia, Rita de Cássia, Marta, Inês e Maria Madalena. – (H1-H2-I3).

0794-07-ESPANCA (Túlio), “Convento de S. Paulo de Serra de Ossa”, *A Cidade de Évora: Boletim da Comissão Municipal de Turismo de Évora*, n.º 56, 1973, p. 149-171 [4], il.

O convento de São Paulo da Serra de Ossa foi fundado antes de 1376 na Serra de Ossa (concelho do Redondo), suprimido em 1834 e posteriormente profanado. Pertenceu primeiro à congregação dos monges de Jesus Cristo da Pobre Vida (monges de São Paulo Eremita) e, em 1536, foi integrado na regra de Santo Agostinho. Descrição da igreja que tinha seis capelas parietais, hoje sem os seus retábulos, consagradas ao Santo Cristo, a Nossa Senhora da Assunção, aos santos Bento, Donato, Caetano e António. As paredes apresentam-se ainda revestidas de azulejos pintados representando Cristo coroando Santa Teresa no Monte Carmelo, pinturas e frescos que figuram, por exemplo, a cena da Fuga para o Egipto, Jesus Cristo com a Cruz às costas, os santos Paulo e Antão. Menção de outras imagens, pinturas e azulejos pintados de temática religiosa. – (H1-H2-I3).

0795-07-ESPANCA (Túlio), “Curiosidades de Évora”, *A Cidade de Évora: Boletim da Comissão Municipal de Turismo de Évora*, n.º 45-46, 1962-1963, p. 255-342 [15], il.; n.º 47, 1964, p. 43-162 [10], il., planta.

Conjunto de estudos sobre a cidade de Évora que contém notas históricas e a transcrição de documentos relativos a vários aspectos da vida religiosa. As capelas, oratórios e ermidas particulares e públicas existentes em Évora nos anos de 1591-1597 eram dedicados, nomeadamente, a Nossa Senhora da Ajuda, do Amparo, da Guia, aos santos Brás, Lázaro, José e Vicente. Menção de diversas imagens e pinturas neles contidas representando cenas da vida e paixão de Jesus, do Salvador, a Virgem Maria, a Virgem e o Menino, Nossa Senhora do Rosário, do Amparo, da Vitória, os santos Lourenço, João Baptista, Francisco de Assis, Gregório Magno, António e Neutel. Inventário dos bens do convento de Nossa Senhora do Espinheiro, instituído em 1457 e extinto em 1834, situado na freguesia de Canaviais, concelho de Évora. Nota sobre a capela de Nossa Senhora da Piedade (fundada cerca de 1778) que contém uma escultura do século XV. Notícia sobre as pinturas murais da ermida de Santa Catarina de Alexandria, fundada no século XVI, na freguesia de Nossa Senhora da Graça do Divor, concelho de Évora, que representam o Calvário, os santos Tiago, António e Catarina de Alexandria. Menção da confraria de Nossa Senhora da Vitória sediada na igreja de São Pedro em Évora desde 1745. Listas dos tumulados nas igrejas e conventos de Nossa Senhora do Espinheiro, de São Domingos e de São Francisco de Assis. Dados históricos sobre a procissão do Corpo de Deus, particularmente em Évora, transcrevendo-se o extrato da constituição das forças vivas presentes na procissão: corporações, irmandades, religiosos, clerezia. Calendário das festividades sagradas do corpo capitular da catedral de Évora (século XVIII). Nota introdutória e transcrição do relato dos acontecimentos vividos pela chamada beata de Évora, uma mulher que, em 1792, com a conivência de alguns religiosos, fingiu a própria morte e ressurreição, sendo desmascarada pelas autoridades que a condenaram à prisão pela Inquisição. Notícias sobre o Tribunal da Inquisição (em Évora foi instituído em 1536): documentos manuscritos e listas de membros do tribunal, relação dos autos-de-fé realizados em Évora entre 1542 e 1781. – (A5-E3-G1-H2).

0796-07-ESPANCA (Túlio), “Destroçar do mosteiro de Santa Mónica de Évora”, *A Cidade de Évora: Boletim da Comissão Municipal de Turismo de Évora*, n.º 57, 1974, p. 111-146, il.

Nota histórica e breve descrição do processo de supressão do mosteiro augustiniano feminino de Santa Mónica situado em Évora. Teve origem num beatério fundado cerca de 1380 e foi suprimido em 1881, com o falecimento da última freira. Transcrição do inventário dos bens do convento de Santa Mónica que menciona numerosas imagens e pinturas representando cenas da

vida e paixão de Cristo, Nossa Senhora da Conceição, do Rosário, da Penha de França, da Graça, do Loreto; os santos António, Sebastião, Roque, Brás, Luís Gonzaga, Nicolau Tolentino, Guilherme, Agostinho, João Baptista, Mártires de Marrocos, Miguel Arcanjo, Bernardo de Claraval, João Evangelista, Tiago, Tomás de Aquino e Pedro; as santas Gertrudes Magna, Bárbara, Teresa de Jesus, Catarina de Alexandria, Mónica e Rita de Cássia, entre outras. – (H1-H2-I3).

0797-07-ESPANCA (Túlio), “Estudos alentejanos”, *A Cidade de Évora: Boletim da Comissão Municipal de Turismo de Évora*, n.º 58, 1975, p. 145-240 [12], il.; n.º 59, 1976, p. 147-255 [12], il.; n.º 60, 1977, p. 169-300 [10], il.

Nota introdutória e transcrição de documentos relativos ao convento dominicano de Santa Catarina de Sena (Siena), fundado no ano de 1490 em Évora, extinto após a morte da última priora em 1882 e demolido pelas autoridades camarárias em 1902. Os tombos extratados contêm o inventário, a avaliação e a descrição dos bens do convento entre 1857 e 1883, nomeadamente dos objectos de culto: as imagens e pinturas representam o Espírito Santo, o Senhor dos Passos, da Paciência, Nossa Senhora com o Menino, Nossa Senhora da Piedade, das Horas, da Assunção, do Rosário, da Conceição, os santos Mártires de Marrocos, Domingos, Tomás, Lourenço, Jerónimo, Francisco de Assis, Sebastião e Rafael Arcanjo; as santas Catarina de Sena (Siena), Catarina de Alexandria, Margarida de Antioquia ou da Galiza, Marta, Joana, Rosa, Rosália, Teresinha do Menino Jesus, Bárbara, Rosa de Lima e Gertrudes Magna, entre outras. Nota histórica sobre o Hospital Real do Espírito Santo e a Santa Casa da Misericórdia de Vila Viçosa, sede do concelho do mesmo nome, que resultou da fusão de uma albergaria e da irmandade da Misericórdia, criada em 1508. A igreja da Misericórdia foi fundada na década de 1560, com capelas instituídas pelas confrarias do Santíssimo Sacramento, de Nossa Senhora do Loreto, do Rosário e das Almas Santas. A igreja contém estátuas, pinturas e azulejos que representam o Santíssimo Sacramento, o Cordeiro Místico, o Menino Jesus, Cristo Crucificado, a Virgem com o Menino, Nossa Senhora do Loreto, dos Prazeres, do Rosário, da Soledade, de Fátima, os santos João Evangelista, Joaquim, Miguel Arcanjo, Pedro e Ana, assim como o Purgatório. Historial e descrição da igreja de Nossa Senhora da Lapa em Vila Viçosa, sede do concelho do mesmo nome, fundada em 1756. O interior da igreja guarda imagens e pinturas que representam o Espírito Santo, o Nascimento do Redentor, a Adoração dos Reis Magos, Nossa Senhora e Jesus da Cana Verde, Nossa Senhora do Leite, Nossa Senhora da Lapa, dos Milagres e do Rosário, os santos Caetano, Francisco de Assis venerando a Virgem e Jesus Cristo, bem como Miguel Arcanjo. A irmandade foi igualmente fundada em 1756. Descrição histórico-artística da igreja paroquial de São Bartolomeu, da igreja da irmandade da Misericórdia e do convento franciscano das Servas de Cristo, fundados em Vila Viçosa no século XVI. Os três edifícios contêm

objectos de culto, como imagens e pinturas que representam cenas bíblicas, a Santíssima Trindade, o Padre Eterno, o Menino Jesus, o Senhor Jesus do Bom Sucesso, do Bom Despacho, dos Passos, da Prisão, a Paixão de Jesus, Cristo Crucificado, Cristo morto na Cruz, a Ressurreição de Cristo, a Última Ceia, a Via-Sacra, o Calvário, a Pietá, a Ceia de Emaús, a Virgem Imaculada, Nossa Senhora do Amparo, do Carmo, da Conceição, de Fátima, das Ervas, da Lapa, da Soledade, a Assunção da Virgem, a Aparição da Virgem e Jesus a São Francisco de Assis, a Aparição da Virgem a São Domingos, a Virgem com o Menino Jesus descansando à sombra do sobreiro, a Adoração da Virgem por Santa Clara de Assis e Santo António e São José com o Menino; os santos Agostinho, Amaro, Bartolomeu, Bento, Conrado de Placência (Piacenza), Henrique, Ivo, João Baptista, João Evangelista, João de Deus, Jerónimo, Joaquim, Lourenço, Lúcio, Luís, rei de França, Mateus, Ana, Bárbara, Bona, Clara de Assis, Delfina, Rainha Santa Isabel, Isabel da Hungria, Margarida de Antioquia ou da Galiza, Rosa, Teresinha do Menino Jesus e um baixo-relevo figurando as Alminhas do Purgatório. A irmandade da Misericórdia de Vila Viçosa foi fundada em 1516 e incorporou a confraria do Espírito Santo criada em 1417. Compilação de diversos estudos dedicados sobretudo a lugares de culto constituídos pelas igrejas de São Salvador, matriz de Alcáçovas, concelho de Viana do Alentejo, de Santa Maria ou Nossa Senhora da Lagoa, matriz de Monsaraz, concelho de Reguengos de Monsaraz, pelos conventos de Nossa Senhora do Socorro, em Portel, sede do concelho do mesmo nome, de São Bento de Cástris, freguesia de Malagueira, concelho de Évora, e dois oratórios. Nota histórica e descrição dos objectos de culto (imagens, pinturas) do extinto mosteiro de São Bento de Cástris (auto de avaliação e descrição de 1857), representando nomeadamente a vida, paixão e morte de Cristo, o Menino Jesus, temas marianos, Nossa Senhora do Socorro, da Piedade, das Mercês, da Graça, da Conceição, do Carmo, a Sagrada Família, os santos Bernardo de Claraval, Cornélio, Domingos, Bento, Luís, rei de França, Roque, Paulo, João Baptista, Francisco Xavier, Francisco de Assis, Judas Tadeu, António, André Avelino, Bruno de Colónia, Agostinho, José, Miguel Arcanjo, Joaquim, Gabriel Arcanjo, Dionísio, Jerónimo, Filipe (apóstolo), Tiago Menor, Simão, João Evangelista, Gregório Magno e Brás; as santas Escolástica, Umbelina, Teresa de Jesus, Bárbara, Rita de Cássia, Helena, Ana, Maria Madalena, Mónica, Genoveva, Inês, Margarida de Antioquia ou da Galiza, Apolónia e as Almas. Notícia das pedras tumulares com inscrições nas igrejas matrizes de Monsaraz e de Alcáçovas. Nesta última estão ainda presentes vários relicários, dos quais se destaca o do Santo Lenho. Menção das irmandades e confrarias do Santíssimo Sacramento, de Nossa Senhora da Assunção, das Dores, do Rosário, de Santo António, da Ordem Terceira de São Francisco e das Almas Santas. Nota histórica sobre o convento das carmelitas descalças, estabelecido na cidade de Évora em 1679 e extinto em

1886, depois da morte da última priora. Inventários do recheio do convento e da sua igreja, parte dos quais foram vendidos em leilão. Os objectos de culto permaneceram na posse da igreja ou foram redistribuídos pelas paróquias do concelho. Eram constituídos por imagens e sobretudo pinturas que representam a vida e paixão de Cristo, a Ceia do Senhor, o Calvário, o Senhor dos Passos, Nossa Senhora com o Menino e Nossa Senhora da Graça, os santos Agostinho, Ambrósio, Domingos, Elias, Francisco de Sales, Gregório Magno, Jerónimo, João da Cruz, João Evangelista, António, José, Lucas, Marcos, Francisco de Sales, Mateus, Miguel Arcanjo, Pedro, Elias, Enoque (personagem bíblica) e as santas Bárbara, Catarina de Sena (Siena), Rosa de Lima, Gertrudes Magna, Apolónia, Teresa de Jesus e Maria Madalena, entre outras. São mencionados vários relicários. Notas históricas e artísticas sobre lugares de culto e inventários de objectos de culto de Viana do Alentejo, sede do concelho do mesmo nome, e de Alcáçovas, freguesia do mesmo concelho. Descrição de lugares de culto fundados entre os séculos XVI-XVII: a igreja matriz de Nossa Senhora da Anunciação, a ermida de Nossa Senhora da Assunção, o mosteiro de Jesus da Regra de Santo Agostinho, o convento franciscano de Nossa Senhora da Piedade, o santuário de Nossa Senhora de Aires (Viana do Alentejo), a capela de Nossa Senhora da Conceição, a ermida de São Teotónio e a igreja da irmandade da Misericórdia. A irmandade da Misericórdia de Viana do Alentejo foi instituída em 1516. Os seus objectos de culto são provenientes sobretudo da igreja matriz e do extinto convento de Nossa Senhora da Piedade, compreendendo imagens e pinturas que representam a vida e morte de Jesus, Nossa Senhora de Aires, de Brotas, do Carmo, da Conceição, das Dores, de Fátima, das Misericórdias, das Mercês, das Neves, do Rosário, da Vida, do Leite, os santos Agostinho, Amaro, Ambrósio (papa), António, Bartolomeu, Benedito, Bento, Brás, Diogo Alcalá, Domingos, Eustáquio, Francisco de Borja, Francisco Xavier, Gregório Magno (papa), Hilário, Jerónimo, João Baptista, Joaquim, Jorge, Judas Tadeu, Lourenço, Luís Gonzaga, Luís, rei de França, Mamede, Miguel Arcanjo, Olaia, Onofre, Pancrácio, Pedro, Sebastião, Teotónio, Tiago, Tomé e Vicente Ferrer; as santas Ana, Bárbara, Clara de Assis, Comba, Helena, Inês, Rainha Santa Isabel, Luzia, Margarida de Cortona, Maria Madalena, Marta, Paula, Rita de Cássia, e Teresa de Ávila. Menção das irmandades do Santíssimo Sacramento, do Menino Jesus, de Nossa Senhora da Encarnação, do Rosário, de Santo António e das Almas. – (G1-G2-H1-H2).

0798-07-ESPANCA (Túlio), “Evocação histórica e artística de Montemor-o-Novo”, *Almansor: Revista de Cultura*, n.º 1, 1983, p. 49-57, il.

Nota histórica e artística sobre o património edificado, existente e desaparecido, da vila de Montemor-o-Novo, sede do concelho do mesmo nome. Contém dados sobre lugares de culto, nomeadamente, das igrejas paroquiais de

fundação medieval dedicadas a Nossa Senhora do Bispo, a São Tiago e a São João Baptista, dos conventos de Nossa Senhora da Saudação, da Conceição, dos santos António (também conhecido por convento de São Domingos, tendo pertencido à ordem dominicana), Francisco de Assis e João de Deus, assim como do santuário de Nossa Senhora da Visitação. A irmandade da Misericórdia foi fundada nas primeiras décadas do século XVI, datando a sua igreja de 1533. Nestes lugares de culto conservam-se pinturas, esculturas e azulejos pintados dos séculos XVI-XVII. – (C1-G2-H1-H2).

0799-07-ESPANCA (Túlio), *Évora: arte e história*, 2.^a edição, Évora, Câmara Municipal, 1987, 104-VI [46] p., il., mapas.

Guia de turismo de Évora (1.^a edição em 1980) que contém notícias históricas sobre a cidade e também do seu concelho, relativas ao património constituído sobretudo por lugares de culto. São descritos as igrejas paroquiais e não paroquiais, as capelas, os mosteiros e os conventos. Os seus titulares são o Espírito Santo, o Senhor Jesus da Pobreza, o Bom Jesus de Valverde na freguesia de Nossa Senhora de Tourega, o Salvador do Mundo, Santa Maria (sé), a Virgem (convento da Cartuxa), Nossa Senhora da Cabeça, da Graça, do Espinheiro, freguesia de Canaviais, das Mercês, dos Remédios e do Carmo. Outros titulares são os santos Antão, António, Bento, Brás, Domingos, Francisco de Assis, João Evangelista (dos lóios), José, Mamede, Manços, Sebastião, Tiago, Vicente e as santas Clara de Assis, Margarida de Antioquia ou da Galiza, Marta e Mónica. Neles encontram-se numerosos objectos de culto, nomeadamente, imagens, retábulos, pinturas, painéis de azulejos, alfaias religiosas e relíquias. Alusão a algumas irmandades. – (C1-G1-H1-H2).

0800-07-ESPANCA (Túlio), *Évora*, 2.^a edição, Lisboa, Editorial Presença, 1996, 122 p., il., planta.

Roteiro artístico bilingue (francês-inglês, 1.^a edição em 1971) da cidade e concelho de Évora com informações sobre o seu património arquitectónico e religioso. Historial e descrição dos seguintes lugares de culto: a Sé (século XII), a igreja paroquial de São Mamede, as não paroquiais e conventos dedicados ao Salvador, ao Bom Jesus do Valverde, na freguesia de Nossa Senhora de Tourega, a Nossa Senhora da Graça, dos Remédios, do Carmo, do Espinheiro, na freguesia de Canaviais, aos santos Francisco de Assis, Antão e Tiago, João Evangelista, Bento de Cástris, Brás e às santas Clara de Assis e Helena do Monte Calvário. Referem-se algumas imagens e principalmente pinturas como os retábulos de Vera Cruz e do Calvário, o Martírio das Virgens, Nossa Senhora da Boa Morte, as Almas do Purgatório, a Natividade, a Ressurreição, a Pregação, alguns santos franciscanos, o martírio de São Brás, entre outros, bem como azulejos e alfaias religiosas. A irmandade da Misericórdia de Évora

data de 1499, foi fundada na igreja de São Francisco de Assis, mas depois mudou a sede para a capela anexa desta igreja dedicada a São João Baptista e em 1554 instalou-se no templo actual. Nota sobre São Manços (mártir, bispo de Évora) e o seu culto, assim como sobre a primeira igreja dedicada a este santo que data, provavelmente, do século XIV. Menção de uma relíquia de São Manços que se encontra hoje na Sé. – (C1-H1-H2-H7).

0801-07-ESPANCA (Túlio), *Évora: encontro com a cidade*, Évora, Câmara Municipal, 1988, 140 p., il., planta.

Reedição revista da compilação de textos e gravuras destinados a servir de guia aos monumentos históricos e artísticos da cidade de Évora. Notas históricas e descritivas de lugares de culto dos séculos XIII a XVIII, nomeadamente, igrejas paroquiais e não paroquiais, capelas, ermidas, conventos e casas religiosas dedicados sobretudo a Nosso Senhor, a Nossa Senhora e aos santos Antão, António, Bento, Brás, Francisco de Assis, João Evangelista (dos lóios), Mamede, Manços, Paulo, Tiago, Vicente, Clara de Assis, Marta e Helena. Menção de objectos de culto: as imagens da Santíssima Trindade, do Senhor da Cana Verde, do Senhor Jesus das Misericórdias, de Nossa Senhora do Ó (várias) ou da Expectação, de Nossa Senhora das Candeias, do Paraíso, das Santas Mães, do Anjo da Anunciação, dos Apóstolos e dos Evangelistas, assim como dos santos André, João da Cruz, Sebastião, Bruno de Colónia, José, João Baptista, Simão Stock e Teresa de Ávila; as pinturas e painéis de azulejo representam cenas do nascimento, vida, paixão e morte de Cristo, as Almas do Purgatório, a Anunciação da Virgem, os santos Agostinho, António, Francisco de Assis, Inácio de Loiola, Jerónimo, Manços, Roque, Brás, Tiago e Clara de Assis, entre muitos outros objectos de culto. Alusão às irmandades do Santíssimo Sacramento, de Nossa Senhora da Vitória (batalha do Salado), de Nossa Senhora das Dores e de São Marcos. – (C1-G1-H1-H2).

0802-07-ESPANCA (Túlio), *Évora e o seu distrito*, Évora, Livraria Nazareth, 1967, 108 [48] p., il., mapa, planta.

Roteiro histórico-artístico da cidade de Évora e do distrito com o mesmo nome, contendo dados desde a Idade Média ao século XIX, organizado segundo vários itinerários. Nota sobre a catedral de Évora, as igrejas (paroquiais e não paroquiais), as igrejas da Misericórdia, santuários, capelas, ermidas, conventos e mosteiros, existentes e desaparecidos, datados dos séculos XII a XVIII. São dedicados ao Espírito Santo, ao Salvador do Mundo, ao Bom Jesus, às Chagas de Cristo, à Santa Cruz, a Maria, a Nossa Senhora da Graça, dos Remédios, do Amparo, da Cabeça, de Aires (Viana do Alentejo), da Misericórdia, do Carmo, do Espinheiro (freguesia de Canaviais), da Consolação, de Brotas, do Castelo, da Conceição, da Esperança, das Neves, dos Mártires; aos santos Francisco de Assis, Manços, Brás, João Evangelista, João Baptista, Antão,

Tiago e Vicente, João de Deus, Pedro, José, António, Bento, Bartolomeu, Paulo, Dinis, Agostinho, Mamede; e às santas Mónica, Helena, Marta, Clara de Assis e Rainha Santa Isabel, entre outras. Menção de objectos de culto representando os titulares dos lugares de culto e outros figurando episódios do Calvário, cenas da paixão de Cristo, a Natividade e a Ressurreição de Cristo, as Santas Mães, a Natividade e a Anunciação da Virgem, a Apoteose da Virgem e os santos Inácio de Loiola, Francisco de Assis, Miguel Arcanjo e Brás (a sua pregação e martírio), entre outros. Menção das confrarias do Santíssimo Sacramento, de Nossa Senhora do Rosário e da Vitória, entre outras. – (C1-G1-H1-H2).

0803-07-ESPANCA (Túlio), *Évora: nova história*, Évora, Comissão Municipal e Turismo, 1964-1969, 26 folhetos, il.

Compilação de vinte e seis folhetos que contém maioritariamente uma nota histórica e a descrição de igrejas e conventos de Évora e do seu concelho. Os seus titulares são o Senhor Jesus da Pobreza, o Bom Jesus de Valverde (freguesia de Nossa Senhora de Tourega), o Salvador do Mundo, Nossa Senhora do Carmo, dos Remédios, das Mercês, do Espinheiro (freguesia de Canaviais), da Graça, da Cabeça e os santos João Evangelista, Tiago, António, Bento, Domingos, Francisco de Assis, Mamede, Marcos, Brás, Sebastião, José, Vicente, Clara de Assis e Helena do Monte Calvário. Menção de diversas imagens e pinturas, confrarias e irmandades. – (G1-H1-H2).

0804-07-ESPANCA (Túlio), “Extinção do convento do Salvador de Évora”, *A Cidade de Évora: Boletim da Comissão Municipal de Turismo de Évora*, n.º 61-62, 1978-1979, p. 157-194 [6], il.

Sumário da história e transcrição de documentos relativos ao convento feminino do Salvador em Évora. O convento das clarissas foi fundado no ano de 1590 e extinto após a morte da última religiosa de hábito em 1886. Os autos de avaliação e os arrolamentos do recheio sagrado e profano, feitos entre 1856 e 1886, registam numerosos objectos de culto (imagens e pinturas), que representam cenas da vida e paixão de Cristo, da vida de Maria e Nossa Senhora das Dores, da Soledade, do Carmo, da Conceição, da Assunção, da Piedade, a Sagrada Família, os santos António, Domingos, Paulo, Jerónimo, Caetano, Diogo de Alcalá, Mateus, Carlos, Bento, João Baptista, Francisco de Assis, Cristóvão, os Mártires de Marrocos, assim como as santas Maria Madalena, Inês, Ana, Catarina de Alexandria, Clara de Assis, Bárbara, Teresa de Ávila e Rita de Cássia. – (G1-H1-H2-I3).

0805-07-ESPANCA (Túlio), “Miscelânea alentejana”, *A Cidade de Évora: Boletim da Comissão Municipal de Turismo de Évora*, n.º 48-50, 1965-67, p. 103-208, il.; n.º 51-52, 1968-69, p. 59-173 [12], il.

Conjunto de estudos sobre o património histórico edificado do distrito de Évora, incidindo nos concelhos de Arraiolos, Vimieiro, Estremoz, Montemor-o-Novo e Évora. No seu conjunto, os edifícios religiosos foram construídos nos séculos XIV a XVIII, tendo quase todos os que pertenceram a ordens religiosas sido suprimidos a partir de 1834. Os edifícios compreendem sobretudo conventos cujas igrejas passaram, por vezes, a matrizes de freguesias. São dedicados ao Bom Jesus de Valverde na freguesia de Nossa Senhora de Tourega, ao Senhor Jesus dos Passos, a Nossa Senhora Mãe dos Homens, da Conceição, da Consolação, dos Mártires, das Mercês, da Saudação, da Assunção, da Encarnação, aos santos João Baptista (ou João da Penitência), João de Deus, Pedro, Domingos, António, Francisco de Assis, José, Paulo e às santas Bárbara e Rainha Santa Isabel. Entre os seus objectos de culto (alguns dos quais estão atualmente em museus) contam-se imagens, pinturas e azulejos, retábulos esculpidos que representam, nomeadamente, cenas bíblicas, da vida e paixão de Jesus, o Espírito Santo, a Santíssima Trindade, o Santo Cristo, o Cristo Rei, cenas da vida da Virgem, os Sagrados Corações de Jesus e Maria, a Virgem com o Menino, Nossa Senhora da Anunciação, da Apresentação (ou dos Santíssimos Corações), das Dores, do Cacho, da Conceição, da Consolação, da Encarnação, de Fátima, dos Mareantes, dos Mártires, da Misericórdia, da Piedade, do Rosário, da Soledade, da Assunção, do Repouso, das Maravilhas, do Carmo, das Dores, Mãe dos Homens, Mãe dos Pecadores (ou das Misericórdias) e as Santas Mães; os santos Antão, André, António, Arsénio, Bernardino de Sena (Siena), Brás, Efreim (eremita de Cesareia na Capadócia), Elias, Filipe de Néri, Francisco de Paula (fundador da Ordem dos Mínimos, morreu em 1508), Francisco de Sales, Francisco Xavier, Jerónimo, João Evangelista, João Nepomuceno, Jorge, José, Lázaro, Lucas, Macário, Marcos, Mateus, Miguel Arcanjo, Onofre (anacoreta da Tebaida), Rafael Arcanjo, Romão, Sebastião, Judas Tadeu, Tiago, Tomás, Estevão, João Baptista, Lourenço, Máximo, Vicente, José, Simão Stock, Sebastião, Brás, Bernardo de Claraval, Inácio de Loiola, João Baptista, Francisco de Borja, Pedro de Alcântara, Agostinho e Aleixo; as santas Isabel, Úrsula, Vitória, Flora de Beaulieu, Toscana, Apolónia, Rita de Cássia, Margarida de Cortona, Bárbara, Inês, Maria Madalena, Salomé (discípula de Jesus), Águeda, Ana, Catarina de Alexandria, Escolástica, Maria Madalena, Marta, Rosa de Lima e Teresa de Jesus. Notas sobre a Misericórdia de Arraiolos (instituída em 1524) e a sua igreja, assim como sobre a igreja da irmandade da Misericórdia de Montemor-o-Novo, sede do concelho do mesmo nome (provavelmente instituída em 1499, datando a sua igreja do século XVI). Na igreja de Nossa Senhora dos Mártires em Arraiolos é conservada uma valiosa colecção de alfaias dos séculos XVI-XVIII, que compreende relicários, crucifixos e outros objectos. Nota sobre a construção das estações da Via-Sacra de Évora em 1720. Alusão a várias irmandades e confrarias nomeadamente as do Santíssimo

Sacramento, do Senhor Jesus dos Passos, da Imaculada Conceição, de Nossa Senhora do Rosário e de São Miguel Arcanjo. – (G2-H1-H2-H7).

0806-07-ESPANCA (Túlio), “Mosteiros de Vila Viçosa”, *A Cidade de Évora: Boletim da Comissão Municipal de Turismo de Évora*, n.º 53-54, 1970-1971, p. 15-147 [6], 16 p. de estampas il.; *Mosteiros de Vila Viçosa*, Évora, Gráfica Eborense, 1970, 135 [6] p., 16 p. de estampas, il.,

Notas históricas e descrição arquitectónica e artística dos mosteiros e conventos de Vila Viçosa, sede do concelho do mesmo nome, datados dos séculos XIII a XVI e pertencentes às ordens de Santo Agostinho, de São Paulo Eremita, de São Francisco de Assis e dos Capuchos, assim como à Companhia de Jesus. Os titulares dos mosteiros são a Santa Cruz, as Chagas de Cristo, Nossa Senhora da Esperança e os santos Agostinho, Paulo (também conhecido pelo nome de Nossa Senhora do Amparo), Francisco de Assis, João Evangelista. Estes lugares de culto contêm numerosos objectos de culto (imagens, pinturas e relicários), que figuram ou representam, por exemplo, o Santíssimo Sacramento, cenas da vida e paixão de Cristo, cenas da vida de Nossa Senhora, a Virgem com o Menino, Nossa Senhora do Amparo, dos Anjos, da Boa Morte, da Conceição, das Dores, da Graça, da Piedade, do Pilar, do Parto, dos Prazeres, do Rosário, do Socorro e a Árvore de Jessé; os santos Agostinho, Amaro, André, André Conti, António, Bartolomeu, Benedito, Bernardino de Sena (Siena), Boaventura, Brás, Caetano, Cosme, Crispim e Crispiniano, Crisanto (bispo), Cristóvão, Damião, Desidério, Domingos, Elias, Fabião, Félix, Filipe (apóstolo), cenas da vida e milagres de Francisco de Assis, os Mártires de Marrocos, Francisco de Borja, Francisco Solano, Francisco Xavier, Gabriel Arcanjo, Gonçalo de Amarante, Gonçalo de Lagos, Gregório Magno, Inácio de Loiola, Ivo, Jerónimo, João de Capistrano, João da Mata, João Evangelista, João Nepomuceno, Joaquim, José, Luís, bispo de Toulouse, Luís Gonzaga, Luís, rei de França, Mateus, Nicolau Tolentino, Paulo Eremita, Pedro, Pedro de Alcântara, Rafael Arcanjo, Roque, Sebastião, Sérgio, Tomás de Aquino e Vicente Ferrer; as santas Ângela de Foligno, Ana, Bárbara, Cristina, Domitila, Helena, Inês, Isabel de Hungria, Rainha Santa Isabel, Margarida de Cortona, Maria Madalena, Quitéria, Rita de Cássia, Rosa de Viterbo e Salomé. Menção das irmandades do Santíssimo Sacramento, do Senhor Jesus dos Passos, de Nossa Senhora do Socorro, dos santos Pedro, Bento, Quitéria e a das Almas, entre outras. – (G1-H1-H2-H7).

0807-07-ESPANCA (Túlio), “Nova miscelânea”, *A Cidade de Évora: Boletim da Comissão Municipal de Turismo de Évora*, n.º 67-68, 1984-1985, p. 69-158 [6], il.

Notas sobre diversos aspectos da história da cidade de Évora que inclui uma lista de lugares de culto do distrito do mesmo nome. Reproduz também os contratos celebrados nos séculos XVI a XVIII entre os responsáveis pela

encomenda e os técnicos e artistas das obras encomendadas, onde são mencionados diversos lugares de culto e irmandades. – (C1-C2-G1).

0808-07-ESPANCA (Túlio), “Real Convento de S. Francisco de Estremoz, actual sede de freguesia de Santo André (monumento nacional)”, *A Cidade de Évora: Boletim da Comissão Municipal de Turismo de Évora*, n.º 57, 1974, p. 159-200, il.

Contribuição para o estudo do convento feminino de São Francisco de Assis em Estremoz, sede do concelho do mesmo nome. Com origem na segunda metade do século XIII, foi suprimido em 1834, tendo a igreja passado para a posse da irmandade dos Terceiros de São Francisco e o convento foi ocupado para fins profanos. Descrição da igreja cujas capelas contêm vários objectos de culto. Estes são constituídos por imagens, pinturas, retábulos esculpturados e pintados, assim como azulejos que representam cenas ou figuram a vida de Jesus, Cristo Crucificado (localmente conhecido como Senhor Bom Jesus da Piedade), Cristo com a Virgem e João Evangelista, a Santíssima Trindade, a Árvore de Jessé, Nossa Senhora da Conceição com os padres do convento, Nossa Senhora Rainha dos Anjos, do Desterro, a vida de São Francisco de Assis, José com o Menino; os santos André, António, Pedro Mártir ou Pedro de Verona, Diogo de Alcalá, Benedito de Palermo, Miguel Arcanjo, João de Capistrano, João Evangelista e Nossa Senhora Dolorosa, a narrativa do milagre de Pedro Bom, os milagres da Rainha Santa Isabel e o Casamento Místico de Santa Catarina de Alexandria; as santas Rita de Cássia, Bárbara e Luzia. Menção de diversas campas situadas no corpo da igreja. Alusão à irmandade do Senhor Jesus dos Passos. Referência a objectos de culto pertencentes a altares de outros lugares de culto, que se encontram ou não na igreja de São Francisco de Assis, como o Senhor Jesus dos Perdões e Nossa Senhora da Coroa. – (G1-H1-H2-I3).

0809-07-ESPANCA (Túlio), “Subsídios para a história contemporânea da cidade”, *A Cidade de Évora: Boletim da Comissão Municipal de Turismo de Évora*, n.º 65-66, 1982-1983, p. 211-294, il., quadros.

Contribuição para o estudo da cidade de Évora na Época Contemporânea, que inclui o arrolamento de 1911 das igrejas paroquiais, capelas e ermidas do concelho de Évora, assim como dos seus objectos de culto. Alguns dos lugares de culto são dedicados a Nossa Senhora da Natividade, dos Remédios, da Cabeça, da Paz, do Espinheiro (freguesia de Canaviais), das Mercês, da Boa Fé, da Torre e aos santos Vicente, Sebastião, Francisco de Assis, Brás, Mamede, Jordão, Tiago, Marcos, Manços, Clara de Assis e Bárbara. Neles encontram-se numerosos altares contendo imagens e pinturas que representam a Paixão e Morte de Cristo, o Senhor dos Aflitos, dos Passos, da Piedade, da Cana Verde, o Salvador, a Santíssima Trindade, Nossa Senhora da Luz, da Conceição, do Carmo, dos Remédios, da Paz, do Espinheiro, do Amparo, da Boa Morte, da Guia, da Pobreza, Mãe dos Homens, do Pranto, da Soledade,

da Piedade, do Rosário, dos Anjos, das Necessidades, da Glória, da Saúde, da Encarnação, das Dores e da Assunção; os santos titulares dos lugares de culto e ainda outros como Bartolomeu, Amaro, Sebastião, João Baptista, José, Marçal, João de Cruz, Luís, Tadeu, Simão Stock, António, Jerónimo, Simão, Bento, Joaquim, João de Deus, Francisco de Borja, Domingos, Gabriel Arcanjo, Pedro, Gregório Magno, André, Bruno de Colónia e Romão; as santas Teresa de Jesus, Ana, Cecília, Rita de Cássia, Maria Madalena, Margarida de Antioquia ou da Galiza, Comba (mártir local), Catarina de Alexandria e Apolónia, entre outras. Outros objectos de culto mencionados são relíquias e relicários. – (C1-H1-H2-H7).

0810-07-ESPANCA (Túlio), “Supressão do mosteiro de Santa Clara de Assis”, *A Cidade de Évora: Boletim da Comissão Municipal de Turismo de Évora*, n.º 55, 1972, p. 115-147 [2], il.

Notícia histórica do convento feminino de Santa Clara de Assis em Évora, fundado em 1452-1459 e suprimido no ano de 1901, em cumprimento do estatuído pela lei de extinção das ordens religiosas de 1834. Transcrição do inventário dos bens móveis datado do início do século XX, contendo numerosas imagens e pinturas, retábulos esculpidos e pintados representando o Senhor da Cana Verde, a Ceia do Senhor, a Descida da Cruz, a Ascensão, o Senhor dos Passos, a Sagrada Família, Nossa Senhora da Soledade, das Mercês, da Saúde, dos Prazeres, de Belém, da Piedade, Mãe dos Homens, do Carmo, da Natividade, da Madre de Deus, os santos Francisco de Assis, António, João Baptista, Miguel Arcanjo, Marcos, João Evangelista, Domingos, Brás, Manços, Mártires de Marrocos, Francisco Xavier, Amaro, Lourenço, Francisco de Sales, Luís (bispo de Toulouse) e Caetano; as santas Apolónia, Rosa de Lima, Teresa de Jesus, Gertrudes Magna, Clara de Assis, Rita de Cássia e as Onze Mil Virgens, entre outras. Menção de vários relicários. Alusão à irmandade de Nossa Senhora da Ajuda. – (H1-H2-H7-I3).

0811-07-ESPANCA (Túlio), “Vida, morte e ressurreição do mosteiro de Santo António de Montemor-o-Novo”, *A Cidade de Évora: Boletim da Comissão Municipal de Turismo de Évora*, n.º 56, 1973, p. 137-149, il.

Apontamentos históricos e descrição do convento dominicano de Santo António em Montemor-o-Novo, sede do concelho do mesmo nome, fundado no século XVI. Suprimido em 1834, encontra-se hoje em ruínas. As suas capelas interiores eram dedicadas ao Santo Cristo, a Nossa Senhora do Rosário, aos santos Bento, Amaro, Paulo, João Baptista e Gonçalo de Amarante. A igreja possuía várias imagens, pinturas a fresco e painéis pintados. No convento estiveram sediadas as confrarias do Senhor Jesus, de Nossa Senhora do Rosário, dos santos Bento, Amaro e António. Indicação das fundações pias (capelas tumulares e capelas de missas) da igreja do convento. – (E4-G1-H2-I3).

0812-15-FALCÃO (José António), *A capela de Santo António em Santiago do Cacém*, Santiago do Cacém, Tipografia Vieira, 1980, 12 p., il.

Subsídio para o estudo da capela de Santo António, freguesia de Santiago do Cacém, sede do concelho do mesmo nome, construída no século XVII e demolida em 1931. A capela era local de paragem da procissão dos Passos e tinha numa das paredes exteriores um oratório com uma das cenas da paixão de Cristo. Alusão à igreja de Nossa Senhora do Monte, demolida durante a República (1910-1926) para dar lugar a uma escola. – (E3-H2-I3).

0813-15-FALCÃO (José António), “Fontes sobre o segundo retábulo da igreja de Nossa Senhora do Monte (Santiago do Cacém)”, *Boletim do Centro de Estudos Históricos e Etnológicos*, vol. I, 1986, p. 63-68.

Transcrição de fontes documentais constituídas por fragmentos de despachos emanados de três visitas à igreja de Nossa Senhora do Monte, anexa à igreja de São Tiago, paroquial de Santiago do Cacém, sede do concelho do mesmo nome, que comprovam a existência de um retábulo em talha dourada no altar da capela-mor destruído em 1922. – (H2-I3).

0814-07-FALCÃO (José António), PEREIRA (Ricardo Estevam), “A ermida de São Bartolomeu da Jarhoa, Sines”, *Boletim do Departamento Histórico e Artístico da Diocese de Beja*, n.º 1, 2001, p. 6-7, il.

Notícia da ermida de São Bartolomeu, situada na herdade da Jarhoa, em Ribeira de Moinhos, arredores de Sines, sede do concelho do mesmo nome, que remonta ao século XIV. A ermida pertenceu à Ordem de Santiago e hoje é privada, tendo sido restaurada após entrar em degradação com a extinção das ordens religiosas em 1834. – (I3).

0815-07-FALCÃO (José António), “Nossa Senhora da Ajuda”, *Inventário do Museu de Évora: colecção de ourivesaria 1993*, coordenação editorial de CORDEIRO (Isabel), SANTOS (Rui Afonso), SOROMENHO (Miguel), GARCIA (Isabel Penha), Lisboa, Presidência do Conselho de Ministros – Secretaria de Estado da Cultura, Instituto Português de Museus, 1993, p. 31-32.

Notícia da ermida de Nossa Senhora da Ajuda, situada em Évora, que foi construída em data desconhecida e demolida em 1867 no quadro de uma remodelação urbanística. Possuía uma imagem de Nossa Senhora da Ajuda e vários ex-votos. A sua irmandade, extinta com a implantação da República, organizou a festa litúrgica com procissão até ao início do século XX. – (D2-G1-H1-H4).

0816-11-FALCÃO (Pedro), “A capelinha de Nossa Senhora da Conceição do Porto Seguro em Cascais”, *Arquivo de Cascais: Boletim Cultural do Município*, n.º 4, 1982, p. 29-36, il.

Descrição da capela de Nossa Senhora da Conceição do Porto Seguro situada em Cascais, sede do concelho do mesmo nome, construída em 1691 e posteriormente restaurada. Os objectos de culto nela incorporados são constituídos por azulejos alusivos ao aparecimento de Nossa Senhora no mar, pela figuração da Coroação da Virgem, por vários ex-votos pintados representando Nossa Senhora do Porto Seguro e diversos milagres ligados à natureza, nomeadamente o salvamento de tempestades. Contém ainda as imagens de Nossa Senhora do Porto Seguro, de Santo António e de São José. – (F1-H1-H2-H4).

0817-15-FARIA (João), “Alcácer do Sal – história”, *Memória Alentejana*, n.º 5, 2002, p. 8-10, il.

Notícia do património construído de Alcácer do Sal, sede do concelho do mesmo nome, contendo breves informações sobre a igreja paroquial da freguesia de Santa Maria do Castelo (séculos (XII-XIII), o santuário do Senhor dos Mártires (século XIII), as igrejas de São Tiago, do Espírito Santo e da Misericórdia (1547), o convento de Santo António e a capela das Onze Mil Virgens. – (C1).

0818-07-FARRICA (Fátima), “Uma sacralização da capela do Santíssimo Sacramento de Viana do Alentejo”, *Callipole: Revista de Cultura*, n.º 19, 2011, p. 267-275, il.

Descrição da capela do Santíssimo Sacramento erigida em Viana do Alentejo, sede do concelho do mesmo nome, anexa à igreja matriz. Edificada em 1851 por disposição testamentária, foi demolida em 1942. Menção da confraria do Santíssimo Sacramento. – (G1-I3).

0819-11-FERNANDES (Paulo Almeida), VILAR (Maria do Carmo), “Ermida de Nossa Senhora do Socorro”, *Boletim Cultural '07*, Câmara Municipal de Mafra, p. 531-575, il., plantas.

Estudo sobre a ermida de Nossa Senhora do Socorro, situada na freguesia de Enxara do Bispo, concelho de Mafra. A ermida teve origem medieval mas o edifício actual é do século XVI, a que foram acrescentados outros elementos no século XIX. Descrição dos objectos de culto: o retábulo-mor composto pelas imagens de Nossa Senhora com o Menino e uma pomba acompanhada de São Joaquim e Santa Ana, azulejos que representam os Evangelistas e eremitas, uma tela representando a Sagrada Família Descansando na Fuga para o Egipto. Menção da igreja matriz de Nossa Senhora da Assunção. – (C1-H1-H2).

0820-11-FERRÃO (Leonor), “Desenvolvimento urbanístico: os palácios e os conventos”, *O livro de Lisboa*, coordenação de MOITA (Irisalva), Lisboa, Livros Horizonte, 1994, p. 239-282, il.

A propósito da análise do desenvolvimento urbanístico de Lisboa no período que medeia entre a Restauração (1640) e o terramoto de 1755, são assinaladas a fundação e as obras de restauro efectuadas em edifícios conventuais e em igrejas. Os seus titulares eram a Trindade, a Madre de Deus, Nossa Senhora da Conceição (de freiras de Santa Brígida), do Monte Olivete, do Bom Sucesso, do Carmo, da Encarnação, da Graça, do Livramento, da Nazaré (destruída no terramoto de 1755), das Necessidades, dos Mártires, da Soledade e os santos Domingos, Pedro, Sebastião, Clara de Assis e Engrácia. Este último lugar de culto foi erguido por encomenda da irmandade dos escravos do Santíssimo Sacramento, tendo sido iniciada em 1682 e concluída em 1966. Menção do costume de certas famílias adquirirem os padroados de algumas capelas, das igrejas paroquiais ou conventuais, destinando-os a mausoléus; estes espaços tornaram-se locais privilegiados para a promoção dos padroeiros das respectivas famílias (culto privado). – (E4-G1).

0821-11-FERRÃO (Leonor), *A real obra de Nossa Senhora das Necessidades*, Lisboa, Quetzal Editores, 1994, 350 p., il.

Estudo no âmbito da história da arte sobre a igreja, o palácio e o convento setecentista de Nossa Senhora das Necessidades, fundados em Lisboa, a meados do século XVIII, no local onde existia a ermida de Nossa Senhora das Necessidades. Aí funcionou também um colégio dirigido por padres da Congregação do Oratório até 1833. A história da imagem de Nossa Senhora das Necessidades, originalmente denominada Nossa Senhora da Saúde, que pertencia à ermida dessa invocação na freguesia de Ericeira, concelho de Mafra. Conta-se que um casal refugiado na Ericeira, por motivo de peste, atribuiu a graça de se livrarem da doença a uma imagem de Nossa Senhora da Saúde. Quando regressaram a Lisboa roubaram a imagem e mais tarde edificaram uma pequena ermida, que se tornou local de grande afluência de devotos, em recurso para as suas necessidades, nascendo assim a invocação “das Necessidades”. A ermida inicial foi sucessivamente melhorada por intervenção régia, principalmente no século XVIII. Referência às imagens de Carlos Borromeu, Camilo de Lellis, Filipe de Néri, Francisco de Sales, João Baptista, Rainha Santa Isabel e aos painéis com a representação da Assunção, da Coroação da Virgem e da Sagrada Família. Algumas notas sobre a evolução da devoção mariana em Portugal, em particular da invocação de Nossa Senhora das Necessidades. – (D2-F2-F3-H1).

0822-11-FERREIRA (Anabela), “Breve história do convento de São Romão”, *Cira: Boletim Cultural*, n.º 11, 2011-2013, p. 105-121, il.

Estudo sobre o convento masculino dos carmelitas calçados de São Romão (bispo de Ruão) situado na freguesia de Alverca do Ribatejo, concelho de Vila Franca de Xira, fundado antes de 1620. Descrição do convento que foi

extinto em 1834, sendo as suas imagens dispersas por outros lugares de culto, nomeadamente as que figuravam Nossa Senhora do Carmo e Santo Elias, que foram para a igreja paroquial de São Pedro. Junto ao convento foi edificada a ermida de Nossa Senhora do Bom Sucesso, hoje desaparecida, que terá tido na sua origem a descoberta de uma imagem. – (H1-I3).

0823-11-FERREIRA (Fernando Bandeira), “Nótulas acerca da ermida de São Mamede de Janas”, *Revista de Guimarães*, vol. LXXII, 1962, n.º 3-4, p. 337-364, il.

Dados sobre a ermida de São Mamede (pastor e mártir, nascido em Cesareia da Capadócia no século III), junto à aldeia de Janas, freguesia de São Martinho em Sintra, sede do concelho do mesmo nome, e sobre as suas raízes históricas. As práticas religiosas ali realizadas: a romaria em honra do titular, os ex-votos, o pagamento de promessas, as três voltas rituais dos animais à ermida no sentido inverso aos dos ponteiros do relógio e o arraial,. – (D4-D5-E3-H4).

0824-11-FERREIRA (Godofredo), *O convento de Santo António da Convalescença, padroeiro dos correios-mores do Reino*, separata do Guia Oficial dos CTT, Lisboa, Sociedade Astória, 1962, 97 p., il., plantas.

Recolha de documentos e notas referentes à história e administração do já desaparecido convento e igreja de Santo António da Convalescença ou da Cruz da Pedra (séculos XVII-XVIII) na freguesia de São Domingos de Benfica em Lisboa. O convento foi suprimido em 1834 e a capela desafecta ao culto depois de 1910. Inventário dos objectos de culto, alguns dos quais encontram-se no Museu Nacional de Arte Antiga em Lisboa: as imagens de Cristo, do Menino Jesus, do Senhor Morto, de Nossa Senhora com Santa Ana, de Nossa Senhora da Conceição, do Bom Despacho e dos santos António, Joaquim, José, Francisco de Assis, João Baptista e Rita de Cássia, bem como as pinturas com representações do Senhor Jesus da Paciência. – (H1-H2-I3).

0825-15-FERREIRA (Helmer da Cruz), *Santuário de Nossa Senhora do Cabo (Cabo Espichel)*, Lisboa, Edições Heliópolis, 1995, 6 p.

Nota sobre a origem do santuário de Nossa Senhora do Cabo (Espichel), freguesia do Castelo em Sesimbra, que está ligada à lenda da Pedra da Mua: Nossa Senhora terá saído do mar montada numa mula que deixou pegadas na falésia, mas que na realidade são de dinossáurio. Breve descrição da ermida da Memória do século XV e do santuário construído no século XVIII. Análise da simbologia religiosa dos azulejos da ermida primitiva e menção da imagens do Senhor do Bonfim, de Nossa Senhora da Soledade, dos santos Pedro, Lourenço, Joaquim, José, João Evangelista, Estêvão e Ana, assim como de telas representando cenas da vida de Nossa Senhora. – (F1-H1-H2).

0826-11-FERREIRA (J. Tomaz), “A igreja de São Roque: roteiro iconográfico e devocional”, *Roteiro iconográfico e devocional da igreja de São Roque*, coordenação de PINTO (Helena Gonçalves), Lisboa, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, [D.L. 2010], p. 11-69, il.

Roteiro iconográfico e devocional da igreja de São Roque, situada em Lisboa, que teve origem na ermida do mesmo nome cedida, a meados do século XVI, à Companhia de Jesus para aí estabelecer a sua sede em Portugal, ficando a irmandade de São Roque nela integrada. Descrição das capelas da igreja e da devoção aos seus titulares expostos nos altares em imagens e pinturas que representam o Senhor Morto, o Ecce Homo, Cristo Crucificado, o Senhor dos Passos, o Santíssimo Sacramento, o Sagrado Coração de Jesus, o mistério da vida de Cristo, a Anunciação do Anjo a Nossa Senhora, Nossa Senhora da Doutrina, da Conceição, da Piedade, das Dores, da Boa Morte, de Fátima; os santos Joaquim, Francisco Xavier, Roque, Tiago Maior, Sebastião, Inácio de Loiola, Francisco de Borja, Luís de Gonzaga, Gregório de Nissa (Arménia), Estanislau Kostka, Mártires do Japão, João Baptista, Longuinho, António, António com o Menino e os Evangelistas, assim como as santas Ana, Brígida da Irlanda, Verónica e diversas relíquias. – (G1-H1-H2-H7).

0827-11-FERREIRA (Maria João Pacheco), “A desaparecida igreja de Nossa Senhora da Divina Providência de Lisboa: contributos para uma memória visual do seu interior no ano de 1712”, *Cadernos do Arquivo Municipal*, n.º 9, 2018, p. 65-79, planta.

Em 1712 os padres teatinos organizaram na sua igreja em Lisboa um oitavário (festa religiosa que dura oito dias) para comemorar a canonização de um dos seus religiosos, Santo André Avelino, e publicaram um opúsculo relatando a efeméride. Partindo da análise desta fonte improvável, é revisitado o cenário em que decorreu a festividade e reconstituída, tanto quanto possível, a Igreja da Divina Providência em termos arquitetónicos, decorativos e até organizativos, à data da celebração. A igreja possuía as capelas do Santo Cristo da Agonia, de São Miguel Arcanjo, de São André Avelino, de São Caetano e de Santa Eufémia. – (D4).

0828-11-FERREIRA (Rosa Maria Trindade), *O Lumiar; história e arte: subsídios para o estudo do património artístico dos séculos XVI a XIX*, dissertação de doutoramento em Ciências da Arte apresentada à Faculdade de Belas Artes de Lisboa em 2003, 7 vol., 1169-[62]-[225]-[258], dactilogr., il., plantas, quadros (consultável na Biblioteca Nacional de Portugal).

Estudo do património artístico localizado na actual freguesia do Lumiar em Lisboa, desde a Idade Média aos nossos dias, centrado nos elementos patrimoniais das antigas quintas que compunham a freguesia. No volume I são dadas breves informações sobre a vida religiosa dos habitantes do Lumiar,

que girava em torno do culto do padroeiro e titular da igreja matriz, São João Baptista, e da irlandesa Santa Brígida, cujo crânio foi mandado vir pelo rei Dom Dinis. Também possuía várias ermidas públicas e privadas, das quais só permanecem hoje as de Nossa Senhora do Carmo, de São Sebastião, de São Vicente e o monumento do Senhor Roubado. Nelas existiram seis irmandades dedicadas ao Santíssimo Sacramento, ao Espírito Santo, a Nossa Senhora da Conceição e do Rosário, a Santa Brígida e às Almas do Purgatório. Nos volumes I a IV procede-se à caracterização das diversas quintas e palácios, assim como das respectivas capelas. Fundadas sobretudo nos séculos XVII a XIX, eram dedicadas a Nossa Senhora das Dores, do Carmo e a Santa Rita de Cássia, possuindo imagens, pinturas e azulejos pintados. No volume V são tratados o percurso histórico e os elementos estruturantes da igreja e convento franciscano de Nossa Senhora das Portas do Céu, da igreja matriz de São João Baptista e da ermida de São Sebastião, com os seus objectos de culto. O volume V a VII contém anexos com documentos diversos. – (C1-E2-G1-H2).

0829-11-FERRO (Quadros), “Os monumentos de Lisboa”, *Revista Municipal*, Câmara Municipal de Lisboa, n.º 92-93, 1962, p. 16-22, il.

Breve inventário dos monumentos de Lisboa entre os quais são referidos a Sé Catedral, as igrejas paroquiais da Madre de Deus e da Estrela, as não paroquiais dos Paulistas, dos carmelitas do convento do Carmo, do mosteiro dos Jerónimos e outras que têm por titulares Nossa Senhora de Fátima, os santos Condestável (Nuno de Santa Maria), João de Deus, Roque, Sebastião, Catarina de Alexandria e Engrácia. Menção da estátua do Cristo-Rei em Almada, sede do concelho do mesmo nome. – (C1-H1).

0830-07-FILIPPE (Carlos), *O Património edificado em Vila Viçosa no século XVIII: encomenda, financiamento e construção*, dissertação de mestrado em História Moderna e Contemporânea apresentada ao Instituto Universitário de Lisboa em 2015, 206 p., il., plantas. <https://repositorio.iscte-iul.pt/bitstream/10071/10401/1/disserta%C3%A7%C3%A3o%20Carlos%20Filipe.pdf> (consultada em 23-02-2021)

Ao longo do século XVIII, Vila Viçosa, sede do concelho do mesmo nome, voltou a conhecer um novo ciclo de intervenções no conjunto do seu património arquitectónico religioso e civil, provavelmente o mais importante depois do período áureo quinhentista. Quanto às obras dirigidas ao património religioso, o estudo concentra-se nos anos de 1753 a 1768 nas empreitadas da igreja do convento de Nossa Senhora da Graça e do convento de Santo Agostinho, que levaram à construção de uma balaustrada no coro alto e dos altares e retábulos da capela-mor e laterais do cruzeiro. Já a igreja romeira de Nossa Senhora da Lapa foi dotada do altar e retábulo da capela-mor. Nota

sobre a irmandade de Nossa Senhora da Lapa fundada em 1756. Transcrição de diversos anexos documentais e outros. – (G1).

0831-07-FITAS (Ana Paula), “A anta-capela de Pavia (Mora)”, *Memória Alentejana*, n.º 7, 2002, p. 25-26, il.

Breve nota sobre a anta-capela de Pavia, freguesia do concelho de Mora, dada como exemplo de articulação do património megalítico e religioso. A capela possui uma imagem da Rainha Santa Isabel. – (H1).

0832-15-FLORES (Alexandre M.), *Almada antiga e moderna: roteiro iconográfico*, Almada, Câmara Municipal, 1985, 3 vol., 189-249-318 p., il.

Roteiro iconográfico das freguesias de Almada, Cova da Piedade e Cacilhas, todas do concelho de Almada, que contém dados sobre aspectos religiosos do século XVIII aos nossos dias. No volume I contém dados sobre a freguesia de Almada, nomeadamente, reproduções de gravuras e notícias históricas de lugares de culto: igrejas matrizes de São Tiago, de Nossa Senhora da Assunção (destruída), o antigo convento de São Paulo e a respectiva igreja (século XVI); a igreja da Misericórdia (1555) e a ermida de São Sebastião. Notícia das procissões de São João Baptista (desde o século XVI) e do Domingo de Ramos (século XVIII) e da festa de São João Baptista (Junho). As imagens e azulejos, pinturas e retábulos referidos representam entre outros a Anunciação, a Visitação, a Sagrada Família, São Pedro e São Paulo. No volume II trata da freguesia de Cacilhas, referindo a igreja paroquial de Nossa Senhora do Bom Sucesso, a respectiva procissão (iniciada em 1755 após o terramoto) e a sua imagem, as capelas de São Lázaro e de Santa Luzia. No volume III são analisados aspectos da vida religiosa da freguesia da Cova da Piedade: a igreja de Nossa Senhora da Piedade (reconstruída no século XVIII), que teve origem na ermida de São Sebastião e é a sede da irmandade Nossa Senhora da Piedade, assim como a capela de Santo Antão que abriga a imagem de São João Baptista; a procissão de Nossa Senhora da Piedade (último domingo de Agosto) é estudada ao longo do século XX. Também são referidas imagens que representam o Coração de Jesus, Nossa Senhora da Piedade e da Conceição e os santos Francisco de Assis e Bárbara, entre outros, assim como pinturas e azulejos que figuram Nossa Senhora da Piedade e o Espírito Santo, a Natividade, a Adoração dos Pastores e a Apresentação da Virgem no Templo, entre outras. – (C1-E3-G1-H2).

0833-15-FORTUNA (António Matos), CASTRO (Bruno Osório de), *Palmela: sobre todas, mais alta e mais formosa*, Mafra, ELO, 123 [4] p., il.

Publicação bilingue (português-inglês) de divulgação histórica e cultural do concelho de Palmela, que contém notícias sobre diversas capelas situadas fora das portas da vila, pertencentes quase totalmente a particulares. Os seus

titulares são Nossa Senhora de Brotas, da Conceição e da Redenção (nome deriva do patrocínio de Nossa Senhora na restauração da independência de Portugal) e os santos Gonçalo [de Amarante] e António. Menção da festa de Nossa Senhora da Conceição. – (D2).

0834-11-FRANCISCO (Elisabete Correia Campos), *As capelas de S. Francisco Xavier e S. João Baptista na igreja de S. Roque: a arte ao serviço da fé*, Lisboa, Chiado Editora, 2012, 224 p.; *As capelas de S. Francisco Xavier e S. João Baptista na igreja de S. Roque: diferentes práticas de representação ao serviço da fé*, dissertação de mestrado em Património Cultural apresentada à Universidade Católica Portuguesa de Lisboa em 2007, 190 p., dactilogr., il., plantas (consultável na Biblioteca Nacional de Portugal).

Estudo sobre as capelas de São Francisco Xavier e de São João Baptista situadas na igreja de São Roque em Lisboa, que foi a sede da Companhia de Jesus em Portugal, e sobre o papel que esta atribuiu à arte como instrumento da fé. Análise do modo particular do uso da arte pelos jesuítas: adaptação ao tempo e valorização dos sentimentos e tradições nacionais. Notas sobre a ermida e depois igreja de São Roque: tipologia e plano arquitectónico, funcionalidade litúrgica, iconografia e decoração. Comparação entre as capelas de São Francisco Xavier e de São João Baptista, distintas quanto ao estilo, época, materiais e formas artísticas, para demonstrar o pragmatismo e a busca da funcionalidade dos jesuítas, que colocam a arte ao serviço de objetivos pastorais e catequéticos. Assim, a adequação aos tempos, característica dos procedimentos da Companhia de Jesus, traduziu-se na simplicidade e austeridade maneirista da capela de São Francisco Xavier (1623) que inspiravam os crentes a uma vida de sacrifício e abandono da vontade própria. Em contrapartida, a capela de São João Baptista, instituída na primeira metade do século XVIII pelo monarca Dom João V, é um exemplo de ostentação e grandeza barrocas, reflexo de novas ideias teológico-políticas que ligavam o poder absoluto do rei à religião. Descrição das capelas que contêm diversas imagens e pinturas. – (A5-H1-H2).

0835-11-FRANCISCO (João Luís Alves), “A capela de Nossa Senhora da Paz (Mafra): documentos essenciais para a sua história”, *Boletim Cultural’07*, Câmara Municipal de Mafra, p. 169-210, il.

Estudo sobre a capela de Nossa Senhora da Paz situada em Mafra, sede do concelho do mesmo nome, desde a sua edificação em 1765 até aos nossos dias. Contém um apêndice documental.

0836-11-FRIAS (Hilda Moreira de), *A arquitectura régia em Carnide / Luz*, Lisboa, Livros Horizonte, 1994, 110 p., il., mapas, plantas.

Estudo sobre a igreja conventual e hospital de Nossa Senhora da Luz, situados na freguesia de Carnide em Lisboa. Nota sobre a ermida primitiva fundada

em 1464 e dedicada a Nossa Senhora da Luz, de que restam alguns vestígios, construída no local onde terá sido encontrada a imagem milagrosa de Nossa Senhora. Para promover o culto estabeleceu-se uma confraria. A ermida atraiu muitos fiéis de todas as classes sociais e, no terceiro quartel do século XVI, a infanta Dona Maria ordenou a construção do actual santuário e do hospital da Luz. Descrição da igreja na actualidade (hoje é a paroquial), particularmente dos seus objectos de culto (pinturas, imagens) que representam Nossa Senhora da Luz, a cena da maternidade de Nossa Senhora, os santos Bento, António, João Baptista, Águeda, Luzia, os Apóstolos e os Evangelistas. O hospital da Luz possui uma capela com um retábulo pintado no altar-mor, que representa a infanta Dona Maria a oferecer a Nossa Senhora dos Prazeres, padroeira do hospital, a sua obra de caridade (o hospital). – (D2-F2-G1-H2).

0837-12-GAMA (Eurico), *Roteiro antigo de Elvas*, Elvas, Tipografia Casa Ibérica, 1963-1964, 2 vol., 86-89 p., il., mapa.

Roteiro de Elvas, sede do concelho do mesmo nome, contendo informações sobre lugares e objectos de culto, datados do século XIV a XVIII, na sua grande maioria desaparecidos ou que já não estão afectos ao culto. Notas históricas e descritivas de capelas e conventos (dominicanos, franciscanos, hospitalários, jesuítas, clarissas, paulistas) erigidos em honra do Espírito Santo, do Senhor Jesus da Boa Fé, de Nossa Senhora da Guia, de Nossa Senhora dos Casados e de São Francisco de Assis. Notícia de altares e de imagens dedicados, por exemplo, a Nossa Senhora do Bom Sucesso, aos santos Domingos, Francisco de Assis, Lourenço, Jorge, Caetano, Crispim e Crispiniano, José e Clara de Assis, entre outras entidades. Dados sobre as confrarias e irmandades do Senhor Jesus da Boa Fé, de Nossa Senhora dos Casados e de Nossa Senhora da Saúde. Nota sobre as festividades que honravam, nomeadamente, o Senhor Jesus da Boa Fé ou Festa dos Hortelãos (em Outubro, 15 dias após as festas do Senhor Jesus da Piedade), em cuja procissão participavam as confrarias do Senhor Jesus da Piedade e do Senhor Jesus da Boa Fé, Nossa Senhora dos Casados (domingo a seguir ao dia 8 de Setembro), São Brás e São Lourenço. Transcrição de quadras ao Espírito Santo e do hino do Senhor Jesus da Boa Fé. – (B4-D3-E3-G1).

0838-12-GAMA (Eurico), *O Senhor Jesus da Piedade de Elvas*, Elvas, Tipografia Casa Ibérica, 1965, 397 p., il.

História do santuário e da devoção ao Senhor Jesus da Piedade em Elvas, sede do concelho do mesmo nome. A fundação deve-se a um sacerdote que, em 1736, ao deslocar-se para uma propriedade sofreu várias quedas seguidas que o deixaram muito ferido, tendo prometido reparar e embelezar uma cruz que assinalava uma morte no Sítio da Saúde, junto da qual rezou e pediu protecção. A cruz com Cristo Crucificado foi colocada num nicho dando-se

início ao culto que tornou este local um importante centro de peregrinação e romaria. A fundação da primeira capela e a procissão (1737) da trasladação da imagem do Senhor Jesus da Piedade do nicho para a capela. Descrição da actual igreja, datada de 1779, que contém imagens e pinturas, e da Casa dos Milagres onde estão guardados cerca de setecentos ex-votos, alguns dos quais foram profanados por soldados franceses em 1808. Estudo de vinte e dois ex-votos quanto à técnica, assunto, localização, origem, época e evolução, datas e assinaturas, oferecidos em agradecimento de protecção contra acidentes, ataques de animais (lobo) e por cura de doenças. Descrição das festas que têm ainda lugar na igreja, dedicadas a Nossa Senhora da Graça (26 de Maio), a São Pedro (29 de Junho) e sobretudo ao Senhor Jesus da Pedra (círios, missas, procissão, feira, arraial). A festa anual decorre em 20-22 de Setembro, coincidindo com a feira de São Mateus, sendo relatadas várias romarias. Análise do compromisso da irmandade, que tem estatutos datados de 1739 e reformados em 1863, 1913 e 1953. Relação dos que serviram o santuário como membros da confraria, capelães e sacristães. Análise e reprodução do hino do Senhor Jesus da Piedade (século XIX). Transcrição de cânticos e quadras em honra do Senhor Jesus da Piedade e São Mateus. Antologia de textos sobre o santuário, o culto e outros aspectos. – (B4-D3-F2-H4).

0839-11-GANDRA (Manuel J.), “A basílica do monumento de Mafra: compêndio de salomonismo, pólo da Nova Jerusalém”, *Boletim Cultural* '97, Câmara Municipal de Mafra, p. 9-78, il.

Segundo o autor, a basílica de Mafra, sede do concelho do mesmo nome, teve origem num voto destinado a propiciar a cura da sífilis de Dom João V (outra versão defende que foi um voto feito para obter sucessor). Descrição das diferentes partes da basílica, na qual se encontram muitos retábulos esculpidos e pintados que representam cenas bíblicas, Cristo, Nossa Senhora e santos, como por exemplo Vicente, Bruno de Colónia (cartuxo), João da Mata, Félix de Valois (trinitários), Pedro Nolasco (Provença, 1189 – Valência, 1236), Francisco de Paula (mínimos), Pedro de Alcântara, Francisco de Borja (jesuíta 1510-1570), Carlos Borromeu, Mártires de Marrocos, Elias, Judas Tadeu, Anastácio, Vito, Policarpo, Rita de Cássia, Salomé e Úrsula, entre outros. Destacam-se ainda pinturas representando a Anunciação, Nossa Senhora da Conceição, simbolizando a fé e a religião, assim como um conjunto de quatro pinturas, sendo duas dedicadas a Santo António pregando aos peixes e livrando o pai da forca. Há ainda vinte e seis relíquias, nomeadamente dos santos Lourenço, Anastácio, Vito e Policarpo. – (H1-H2-H4-H7).

0840-11-GANDRA (Manuel J.), *Bibliografia impressa sobre a vila de Mafra*, http://www.academia.edu/13045982/Bibliografia_impressa_sobre_a_Vila_de_Mafra (consultada em 31-08-2017).

Repertório bibliográfico sobre a vila de Mafra, sede do concelho do mesmo nome, que contém secções que tratam de lugares de culto, da pintura, escultura, iconografia, desenho, gravura, religião, espiritualidade, piedade, devoção, confrarias, irmandades, tradições, crenças e “superstições”. – (E6-H1-H2-G1).

0841-11-GANDRA (Manuel J.), *O Monumento de Mafra de A a Z*, Mafra, Câmara Municipal, 2002-2018, 4 vol. (A a Z), 259-279-484-480 p., il., plantas, Catálogo-guia sobre o convento franciscano de Mafra, sede do concelho do mesmo nome, sob a forma de uma enciclopédia organizada alfabeticamente que abrange o espectro das vivências e actividades do convento: a intimidade, a corte e a governação, a religiosidade, a cultura e a instrução, as artes, o lazer e as diversões.

0842-11-GARCEZ (Costa), “Roteiro turístico de Alfama”, *Revista Municipal*, Câmara Municipal de Lisboa, n.º 97, 1963, p. 50-65, il.

A propósito de um roteiro turístico do bairro de Alfama em Lisboa, são mencionadas a igreja paroquial e as não paroquiais em honra dos santos Estêvão, Miguel Arcanjo e Vicente, a ermida do Espírito Santo ou dos Remédios e um cruzeiro do século XVII. Referência à imagem de Nossa Senhora dos Remédios, a azulejos com representações da Anunciação, da Virgem, de São Domingos e de Santa Catarina de Sena (Siena), assim como as pinturas que representam cenas do Novo Testamento e passos da Bíblia. – (C1-C6-H1-H2).

0843-11-GARCIA (José Manuel), “A representação dos conventos de Lisboa cerca de 1567 na primeira planta da cidade”, *Revista de História da Arte*, n.º 11, 2014, p. 35-49, il., planta.

A partir da primeira planta da cidade de Lisboa de 1567, são identificados os conventos da cidade denominados de São Francisco de Assis da Cidade dos Franciscanos, de Nossa Senhora do Carmo, da Ordem da Santíssima Trindade, de São Domingos, de Santo Elói ou da Ordem de São João Evangelista, dos Cónegos Regulares de Santo Agostinho, de Santa Maria da Graça, dos Agostinhos e os colégios da Companhia de Jesus (São Roque e Santo Antão).

0844-11-GASPAR (Jorge), “Espaços conventuais e o metabolismo da cidade”, *Conversas à volta dos conventos*, coordenação de FRÓIS (Virgínia), Évora, Casa do Sul, [D.L. 2002], p. 87-94.

Notas sobre a implantação dos conventos em meio urbano através dos casos das cidades de Lisboa, Évora e Montemor-o-Novo, sede do concelho do mesmo nome. Nestas localidades, os principais períodos de edificação de conventos são, respectivamente, o século XIII, os finais do século XV, o século XVI e da segunda metade do século XVII ao primeiro quartel do

século XVIII. Os conventos constituíram barreiras ou pólos dinâmicos da evolução citadina.

0845-11-GODINHO (Helena Campos), MACEDO (Silvana Costa), PEREIRA (Teresa Marçal), “Levantamento do património do concelho de Cascais. ‘1975 – herança do património arquitectónico europeu’”, *Arquivo de Cascais: Boletim Cultural do Município*, n.º 9, 1990, p. 87-235, il.

Levantamento do património arquitectónico do concelho de Cascais. Cada ficha considera os seguintes itens: localização, classificação oficial, tipologia, propriedade, enquadramento urbano, construção primitiva, campanhas de obras, descrição sucinta, recheio artístico, estado de conservação, documentação escrita. São inventariadas igrejas paroquiais, capelas e ermidas, dedicadas sobretudo a Nossa Senhora, e um cruzeiro. São referidas numerosas imagens e pinturas. – (C1-C6-H1-H2).

0846-15-GOMES (Agostinho), *Santuário de Nossa Senhora do Cabo Espichel*, [Sesimbra], Centro de Estudos Culturais e de Acção Social Raio de Luz, 2009, 22 p., il.

Reimpressão de uma breve descrição do santuário de Nossa Senhora do Cabo (Espichel) situado na freguesia do Castelo em Sesimbra, sede do concelho do mesmo nome. Notícia da lenda da origem do santuário que relata a aparição da Virgem a um idoso de Alcabideche, freguesia do concelho de Cascais. Nota descritiva da ermida da Memória, datada do início do século XV, e da actual igreja, que foi construída no início do século XVIII em substituição de outra mais pequena. Notícia dos círios dos saloios (habitantes do campo dos arredores de Lisboa, a norte do rio Tejo) e dos que provinham da margem sul do Tejo, que corresponde à parte norte do distrito de Setúbal. Resumo em francês, inglês e alemão. – (D2-E3-F4-G1).

0847-11-GOMES (Fernando), “A ermida de Nossa Senhora da Conceição da Abóboda (São Domingos de Rana – Cascais)”, *Arquivo de Cascais: Boletim Cultural do Município*, n.º 1, 1980, p. 11-72, il.

A ermida de Nossa Senhora da Abóboda, freguesia de São Domingos de Rana, concelho de Cascais, desde a sua fundação no século XVI até à actualidade. As duas lendas que deram origem à sua fundação relatam as aparições de Nossa Senhora a uma menina que chorava com fome e a um cavaleiro que escapou milagrosamente da morte quando caçava. É ainda referido um convento construído em 1673, durante o período de ampliação da ermida, ocupado pela Congregação dos Agostinhos Descalços. Menção de um ex-voto pintado que relata uma cura de doença, oferecido a Nossa Senhora da Conceição. Em apêndice são transcritos documentos relativos à história da ermida. – (F3-F4-H4).

0848-07-GOMES (Jesué Pinharanda), “A cartuxa de Portugal: D. Teotónio de Bragança e a fundação da Cartuxa de Évora”, *Igreja Eboresense: Boletim de Cultura e Vida da Arquidiocese de Évora*, n.º 9, 1985, p. 11-31, il.

Notas históricas sobre a origem da Ordem da Cartuxa ou dos Brunos, fundada por São Bruno de Colónia em 1084, cuja instalação em Portugal data de 1583, graças à intervenção do bispo da diocese de Évora, Dom Teotónio de Bragança. O primeiro mosteiro cartuxo de Portugal, *Scala Coeli* (Escada do Céu), foi construído em Évora em 1583-1598 e suprimido em 1834, sendo o seu património vendido ou disperso. Descrição do convento e da igreja, reabertos em 1960, que contêm as imagens do Senhor Jesus, de Nossa Senhora e dos santos António, Bruno, João Evangelista e Bárbara. Transcrição de documentos religiosos e laicos sobre a presença da ordem dos cartuxos em Portugal. – (H1-I3).

0849-11-GOMES (Jesué Pinharanda), ESCUDERO (Juan Mayo), *A Cartuxa de Lisboa, legado de contemplação*, Salzburg, Institut für Anglistik und Amerikanistik, 2001, 159 p., il., mapas, gráficos.

Contribuição para a história do convento dos frades cartuxos fundado nos finais do século XVI no Vale da Misericórdia em Laveiras, freguesia de Caxias, concelho de Oeiras. Desactivado desde o século XIX, dele restam a igreja aberta ao culto e os claustros. Notas sobre o estabelecimento e o percurso dos cartuxos do convento até à sua fuga em 1833, durante a guerra civil que opôs liberais e absolutistas. O convento foi ocupado por destacamentos militares até 1903 e depois instalou-se nele um reformatório. Transcrição da crónica de 1773 sobre a origem e fundação do convento da Cartuxa. Compilação dos cartuxos portugueses. O livro é muito ilustrado. – (I3).

0850-15-GOMES (João Seabra), “Intervenção na antiga capela e ‘esprital’ do Espírito Santo dos Mareantes em Sesimbra”, *Monumentos*, n.º 23, 2005, p. 156-163, il.

Descrição da intervenção realizada pela câmara municipal de Sesimbra, sede do concelho do mesmo nome, na capela do Espírito Santo dos Mareantes, que foi construída no final do século XV e destruída pelo terramoto de 1755. Descoberta na sequência de escavações levadas a cabo em 1979 e 1981, após a realização de obras de restauro e conservação foi reconvertida num espaço de arte sacra representativa do património de Sesimbra do tempo dos Descobrimientos.

0851-07-GONÇALVES (José Pires), “A ermida românica de Santa Catarina de Monsaraz”, *Boletim Anual de Cultura*, Junta Distrital de Évora, n.º 8, 1967, p. 125-156 [14], il., plantas.

Estudo sobre a ermida românica de Santa Catarina de Alexandria situada nos arrabaldes de Monsaraz, concelho de Reguengos de Monsaraz. A ermida data

do século XIII e está em ruínas desde o século XIX. O edifício pertenceu à Ordem dos Templários e o culto a Santa Catarina deve ter sido introduzido por cavaleiros cruzados pertencentes a ordens militares no seu regresso do Médio Oriente.

0852-15-GONÇALVES (Manuel Pereira), “História de alguns conventos da província de Arrábida”, I-II Seminário *O franciscanismo em Portugal: actas*, Lisboa, Fundação Oriente, 1996, 301-330 p.

Notas históricas sobre os conventos franciscanos Arrábidos (nome tem origem no mosteiro situado na Serra da Arrábida, concelho de Setúbal) de Nossa Senhora da Arrábida, de Santo António em Mafra e de São Pedro de Alcântara em Lisboa, fundados nos séculos XVI-XVIII e suprimidos em 1834. O convento de Mafra, sede do concelho do mesmo nome, foi edificado em cumprimento de um voto do rei João V. A igreja e convento de São Pedro de Alcântara foram danificados pelo terramoto de 1755 e em 1833, antes da extinção das ordens religiosas, foram entregues à Santa Casa da Misericórdia. Neles há imagens e pinturas que representam a Última Ceia, a Sagrada Família, a Virgem, o Menino e São José e Anjos, Nossa Senhora da Arrábida, da Conceição, os santos António, Boaventura, Domingos, Francisco de Assis, Pedro de Alcântara, Teresa de Ávila e numerosas relíquias. Transcrição do inventário do convento de São Pedro de Alcântara em 1834. – (H2-H4-H7-I3).

0853-11-GONÇALVES (Paulo Vaz), NUNES (Nuno Miguel), *Monografia da ermida de Nossa Senhora da Misericórdia da Moita dos Ferreiros*, Óbidos, Várzea da Rainha Impressores, [D.L. 2013], 86 p., il., planta.

Estudo sobre a capela de Nossa Senhora da Misericórdia da freguesia da Moita dos Ferreiros, concelho da Lourinhã, fundada na Idade Média, mas conhecida documentalmente desde 1555, num local que, segundo os autores, tinha tradição sacra. As lendas sobre a origem do nome Misericórdia: uma conta que um pastor escondeu dos mouros uma imagem de Nossa Senhora de que se perdeu a localização, o que originou a revolta popular contra outro pastor acusado de a ter roubado que, desesperado, apela à intercessão de Nossa Senhora, que lhe indica o local exacto onde se encontrava, salvando-o; outra atribui a fundação da capela a Nuno Álvares Pereira, que ali se apeou e pediu misericórdia para as suas tropas. Na capela há uma imagem da Virgem Orante que permite filiar a denominação da capela em Nossa Senhora do Manto. Descrição da planta da capela e do seu interior: o alta-mor em talha dourada e a sua iconografia; as imagens que representam o Menino Jesus, a Flagelação de Cristo, uma Nossa Senhora da Misericórdia recente (mas sem os seus atributos) e a Virgem Orante, os santos António e João Baptista. Ao longo do ano, a ermida era visitada por círios provenientes de diversas povoações, cujos romeiros ofereciam ex-votos pintados e imagens de cera. – (D2-F2-H1-H4).

0854-11-GORJÃO (Sérgio), “Ermida de São Sebastião da Ericeira: mais uma nota para a sua história”, *Boletim Cultural*’93, Câmara Municipal de Mafra, p. 89-96, il.

Descrição da ermida de São Sebastião edificada em data incerta (séculos XV-XVI) na freguesia de Ericeira, concelho de Mafra. Foi sede da confraria de São Sebastião, constituída por rapazes solteiros. No seu interior destacam-se os azulejos pintados e o retábulo do altar que apresenta uma imagem de São Sebastião datada do século XVIII. Segundo o autor, a ermida foi mais utilizada para abrigo de mendigos e, nos dias santos, para a confraternização do que para lugar de culto dos membros da confraria. Manteve a tradição até aos nossos dias de realizar um banquete no dia da festa do santo. Transcrição de um documento datado de 1567, que trata do pedido para se erguer um altar. – (D4-G1-H1-H2).

0855-12-GORJÃO (Sérgio), “Um apontamento documental para o estudo artístico do convento de Nossa Senhora da Estrela de Marvão”, *Ibn Maruán: Revista Cultural do Concelho de Marvão*, n.º 5, 1995, p. 43-49, il.

Transcrição de dois documentos manuscritos existentes no Arquivo Nacional da Torre do Tombo (Lisboa), datados do princípio do século XIX, relativos à edificação do actual retábulo da capela-mor da igreja do antigo convento de Nossa Senhora da Estrela, situada em Marvão, sede do concelho do mesmo nome. Trata-se das disposições contratuais para a execução da obra e da sua aceitação pelo contratado. – (H2).

0856-12-GRANCHINHO (Teresa Relvas), “Património arquitectónico do concelho de Nisa”, *Nisa Viva*, n.º 6, Set-Dez, 2004, p. 4-6, il.

Notícia do património arquitectónico do concelho de Nisa, que contém breves informações sobre as capelas de Nossa Senhora da Redonda em Alpalhão, de Nossa Senhora dos Prazeres em Nisa e da capela do Calvário, perto de Amieira do Tejo, assim como do cruzeiro do Calvário em Alpalhão. – (C6).

0857-12-GRANCHO (Nuno), “O convento de Nossa Senhora dos Remédios da Ordem de S. Paulo, em Elvas: diálogos fragmentados”, *Elvas Caia: Revista Internacional de Cultura e Ciência*, n.º 7, 2009, p. 61-86, il.

Estudo sobre o antigo convento da Ordem de São Paulo, dedicado a Nossa Senhora dos Remédios localizado em Elvas, sede do concelho do mesmo nome. Foi fundado no ano de 1418 mas instalado no edifício definitivo apenas em 1698. O convento foi extinto em 1834. A igreja possuía as imagens do Senhor dos Desamparados e dos Aflitos, de Nossa Senhora da Assunção, do Carmo, dos Aflitos, da Conceição e dos Remédios, assim como dos santos António, Brás, André, Jorge, Paulo, Antão, Agostinho, Gertrudes Magna, Quitéria e Rita de Cássia. Na igreja existiu até 1886 a irmandade da Ordem Terceira

de São Domingos, que organizava a festa de Nossa Senhora do Carmo e a procissão do Corpo de Deus. – (D2-E3-G2-H1).

0858-11-GSCHWEND (Annemarie Jordan), “A capela-mor: um panteão real para a dinastia de Avis.”, *Jerónimos: 4 séculos de pintura*, direcção de ALMEIDA (Isabel Cruz) e FRANCO (Anísio), Lisboa, Secretaria de Estado da Cultura – Instituto Português do Património Arquitectónico e Arqueológico – Mosteiro dos Jerónimos, [D.L. 1993], p. 74-90, il.

A propósito do estudo sobre a história da capela-mor da igreja do mosteiro dos Jerónimos em Lisboa, um panteão da dinastia de Avis datada do século XVI, são mencionadas pinturas com a representação de cenas da paixão de Cristo e da Adoração dos Magos, assim como são dadas algumas notas sobre o cerimonial fúnebre na corte portuguesa do século XVI. – (E4-H2).

0859-11-GUSMÃO (Marionela), “Igreja-casa de Santo António”, *Álbum comemorativo do 750.º aniversário da morte de Santo António*, Lisboa, Edição da Igreja – Casa de Santo António, 1981-1982, p. 57-260, il.

Estudo artístico sobre a igreja-casa de Santo António na freguesia da Madalena em Lisboa, a propósito das comemorações do 750.º aniversário da morte do santo. Pequena biografia e transcrição de uma oração comemorativa da sua morte. A fundação da igreja de Santo António (anterior ao século XV), as sucessivas transformações e a sua reconstrução iniciada em 1767. Nela encontram-se a capela-mor dedicada ao titular e um altar dedicado a Nossa Senhora das Dores, as capelas em honra do Santo Cristo e do Espírito Santo, de Nossa Senhora da Assunção e de Nossa Senhora da Conceição. Menção das imagens e painéis dos titulares das capelas e do altar-mor e ainda as imagens de Jesus Crucificado, da Virgem, da Virgem com o Menino, dos santos João Evangelista, Vicente, Sebastião, apóstolos, Justina (mártir, cujo corpo proveniente de Roma terá sido enviado pelo papa em 1777) e Maria Madalena. Alusão a relíquias de mártires. Do tesouro da igreja de Santo António são apresentados os vestidos do Menino Jesus, datados do século XVIII, e do museu um trono popular com altar, um grupo escultórico que representa um milagre do santo e dois pratos pintados com quadras. – (H1-H2-H7).

0860-11-HENRIQUES (Guilherme J. C.), *Subsídios para a história do concelho de Vila Franca de Xira*, Vila Franca de Xira, Câmara Municipal, 1997, 101 p., il. Compilação de artigos publicados no jornal *O Vilafranquense* no final do século XIX. Contém notas sobre a igreja paroquial de Alhandra, concelho de Vila Franca de Xira, dedicada a São João Baptista (século XVI), as capelas e ermidas erigidas em honra de Nossa Senhora da Barroquinha (depois de 1707), do Tojo, de São Sebastião e de São João Baptista, na freguesia da Castanheira do Ribatejo. A ermida da Barroquinha foi fundada num local onde

apareceu por duas vezes a Virgem Maria (século XVII), que aí fez brotar água com poderes curativos. A Nossa Senhora do Tojo iam dois círios de Lisboa por ano, um pelo Espírito Santo e outro no primeiro domingo de Outubro. Notícia sobre a Misericórdia de Alverca do Ribatejo, concelho de Vila Franca de Xira, fundada em 1583. Leitura actualizada, introdução e notas de SILVA (Garcez da). – (C3-D2-E3-F4).

0861-11-JACQUINET (Maria Luísa Gonçalves), *Em desagravo do Santíssimo Sacramento – o “conventinho novo”: devoção, memória e património religioso*, dissertação de mestrado em Estudos do Património apresentada à Universidade Aberta de Lisboa em 2008, 2 vol., 263-81 p., dactilogr., il. (consultável na Biblioteca Nacional de Portugal).

Estudo sobre o mosteiro feminino de religiosas capuchas do Desagravo do Santíssimo Sacramento, fundado cerca de 1778 em Lisboa, como memorial de desagravo ao Santíssimo Sacramento, ultrajado na noite de 15 de Janeiro de 1630 na igreja de Santa Engrácia. Foi edificado no local onde foram encontradas as partículas das hóstias profanadas do altar da igreja de Santa Engrácia (Braga, martirizada em Saragoça no século IV; uma dos dezoito mártires de Saragoça). No volume I, são analisados os antecedentes e motivações do desagravo de um acto de profanação que consistiu no arrombamento do sacrário, na subtracção da custódia, das hóstias e de partículas consagradas, bem como na vandalização de objectos litúrgicos e culturais. Dados sobre as cerimónias expiatórias realizadas e a condenação à morte do suposto culpado, um cristão-novo que se verificou mais tarde estar inocente, bem como a análise desta problemática no contexto da renovação da animosidade para com os cristãos-novos e da expansão do culto do milagre eucarístico verificado após o Concílio de Trento. O culto de Santa Engrácia foi introduzido em Portugal pela infanta Dona Maria no século XVI. Dados sobre a fundação dos conventos do Desagravo no Lourçal (distrito de Leiria), em Vila Pouca da Beira (distrito de Coimbra), do Recolhimento do Desagravo de Montemor-o-Novo, sede do concelho do mesmo nome, do mosteiro do Desagravo de Sanguedo (distrito de Aveiro), da Casa do Desagravo da Cova da Moura em Lisboa e sobretudo do “conventinho” do Desagravo também em Lisboa, edificados nas últimas décadas do século XVIII. Notas sobre a construção do “conventinho” e a sua fortuna histórica até à extinção em 1901, ainda em consequência do decreto de supressão das ordens religiosas de 1834. Descrição do que seria a igreja, hoje desafecta ao culto, e do claustro, bem como dos seus objectos de culto, por exemplo séries em azulejo e pinturas da paixão de Cristo e do descató de Santa Engrácia, estando hoje as da igreja desaparecidas ou deslocadas. A imaginária compreendia igualmente diversas imagens de Cristo, de Nossa Senhora sob várias invocações, de santos e santas. Nota sobre a irmandade das Escravas do Santíssimo Sacramento dos Nobres de Santa Engrácia, sediada

na igreja do Mosteiro das Comendadeiras de Avis em Lisboa, cujo primeiro compromisso data de 1651. O volume II contém o repertório iconográfico. – (A5-H2-I3-I5).

0862-12-JESUÍNO (Rui), *Elvas: histórias do património*, Lisboa, Booksfactory, 2016, p. 263, il.

Conjunto de estudos sobre o património de Elvas, sede do concelho do mesmo nome, desde o século XIII, que contém diversas informações sobre o património religioso edificado existente e desaparecido. Dados históricos sobre a antiga Sé de Elvas, as igrejas paroquiais e não paroquiais de Santa Maria, de Nossa Senhora da Nazaré, das Dores, de São Lourenço, de São João Baptista, de São Pedro, de São Domingos, das Dominicais (assim chamado porque foi a igreja do convento das dominicanas), as capelas de Nossa Senhora da Conceição e de Santo Amaro, os conventos de Santa Clara de Assis, de São Paulo Eremita, de São Francisco de Assis, o santuário do Senhor Jesus da Piedade, a igreja dos Terceiros e as capelas dos Passos da Via-Sacra. Notícia da destruição de património: a igreja de Nossa Senhora dos Casados, a igreja jesuíta do Salvador, a ermida de Nossa Senhora da Boa Fé. Menção de diversos lugares de culto situados na zona rural circundante à cidade de Elvas, também desaparecidos. Notícia histórica sobre a Misericórdia de Elvas, fundada provavelmente em 1501/1502, e sobre a presença dos jesuítas na cidade desde 1643. Menção de diversas imagens de culto e confrarias. – (C1-G1-G2-H1).

0863-12-JESUÍNO (Rui), “Elvas medieval”, *Elvas Caia: Revista Internacional de Cultura e Ciência*, n.º 2, 2004, p. 247-261, il.

Breve estudo sobre a cidade de Elvas, sede do concelho do mesmo nome, na Idade Média, que dá uma notícia sobre diversos lugares de culto (igrejas paroquiais e não paroquiais, convento), fundados no século XIII, ainda existentes ou já desaparecidos. Os seus titulares são o Salvador, Nossa Senhora dos Açougues, da Alcáçova, dos Casados e os santos Pedro, Tiago, Lourenço, Vicente e Domingos. A Misericórdia de Elvas foi fundada em 1502. – (C1-G2).

0864-15-LANDEIRO (José Manuel), *O mosteiro de Jesus de Setúbal: apontamentos para uma monografia*, Setúbal, Edição de “A Voz de Palmela”, 1961, 24 p., il.

Notas sobre o mosteiro de Jesus de Setúbal fundado em 1489, pertencente à Ordem das Carmelitas com a disciplina dos frades capuchos. Breve descrição da igreja e enumeração das pinturas, datadas do século XVI, que representam cenas da vida de Jesus, Santa Teresa de Ávila, São Francisco de Assis e outros santos. – (H2).

0865-15-LEAL (Ana de Sousa), *Freguesia de Santo André: sua história*, Santo André, Junta de Freguesia, 1991, 50 p., il., mapa, planta.

Pequeno historial da freguesia de Santo André, concelho do Barreiro, onde se menciona a extinta igreja de Santo André fundada no século XV. No século XVIII, a igreja atraía um número considerável de peregrinos em busca da protecção e da ajuda do Senhor dos Aflitos. No período da República, a pequena igreja de Santo André foi vendida a particulares e desactivada. Reprodução fac-similada das memórias paroquiais de 1758 e transcrição de um testamento de 1587. – (C5-D3-E4-I3).

0866-15-LEAL (Carlos Barradas), MENDES (Rui Mesquita), “A Quinta do Carmo em Murfacém: estudo histórico, patrimonial, económico e social”, *Anais de Almada: Revista Cultural*, n.º 17, 2014, p. 77-123, il.

A propósito do estudo da quinta do Carmo situada no lugar de Murfacém, freguesia da Trafaria, concelho de Almada, é dada uma notícia sobre a sua ermida (início do século XVI), primeiro dedicada à Vera Cruz e depois a Nossa Senhora do Carmo. A ermida foi um dos locais da procissão dos Passos do Senhor Jesus Cristo, que se realizou desde 1675. Menção das imagens da padroeira, de São Joaquim e de Santa Ana, datadas do século XVIII, e de um ex-voto. – (E3-H1-H4).

0867-11-LEITE (Ana Cristina), “O convento do Espírito Santo da Pedreira”, *Revista Municipal*, Câmara Municipal de Lisboa, n.º 25, 1988, p. 31-49, il., plantas.

Notas sobre uma capela medieval e um convento oratoriano denominado do Espírito Santo da Pedreira, situados em Lisboa. Nos finais do século XIII foi criada a irmandade do Espírito Santo, que possuía um hospital e capela. Em 1671 foi doada à congregação dos oratorianos de São Filipe Néri, ficando apenas a capela-mor da igreja, edificada em 1516, na posse da irmandade. Nota sobre as sucessivas alterações do espaço conventual antes e depois do terramoto de 1755. Após a supressão das ordens religiosas em 1834, o convento foi adaptado a palácio. A capela deixou de existir após o incêndio de 1880. – (G2-I3).

0868-11-LEMOS (Ana Sofia Andrade e), LEMOS (Rita Maria Andrade e), “Telheiras na segunda metade do século XVIII”, *Olisipo*, n.º 12, 2000, p. 66-71 [2], gráficos.

Breve descrição de Telheiras, povoação da freguesia do Lumiar em Lisboa, no início da segunda metade do século XVIII. Apontamentos sobre a capela de Nossa Senhora das Portas do Céu, provavelmente a reedificação de uma igreja conventual destruída pelo terramoto de 1755, levada a cabo pela irmandade de Nossa Senhora das Portas do Céu. – (G1).

0869-11-LEMOS (Fernando Afonso de Andrade e), “O convento de Nossa Senhora das Portas do Céu em Telheiras”, *Estudos de Lisboa, séculos XV a XIX: I colóquio temático*, 1998, *Arqueologia e História*, vol. LII, 2000, p. 121-130.

Notas históricas sobre a extinção do convento franciscano de Nossa Senhora das Portas do Céu em Telheiras, freguesia do Lumiar em Lisboa, determinada pelos liberais em 1834. Transcrição do inventário de bens, onde constam dezasseis imagens e um painel, situados na igreja e na sacristia, que representam o Santo Cristo, Nossa Senhora das Portas do Céu e os santos Francisco de Assis, Joaquim, Domingos, Luís (bispo de Toulouse), José, João de Capistrano, Amaro e Rita de Cássia, entre outros. – (H2-I3).

0870-11-LEMOS (Fernando Afonso de Andrade e), “O convento de Telheiras”, *Olisipo*, n.º 12, 2000, p., 47-56.

Nota sobre o convento franciscano de Telheiras, freguesia do Lumiar em Lisboa, fundado por volta de 1625, em cuja igreja foi estabelecida a irmandade de Nossa Senhora das Portas do Céu (1625). Após a morte do fundador foi transformado num convento de clausura e a sua igreja dedicada à Nossa Senhora das Portas do Céu. Destruído pelo terramoto de 1755 e pouco depois reconstruído, o convento foi ocupado e saqueado pelas tropas liberais em 1833 e suprimido em 1834. A igreja foi restaurada e reaberta ao culto em 1941. Menção de imagens expostas na igreja: o Senhor Jesus da Boa Morte, Nossa Senhora do Parto, das Portas do Céu, da Conceição e os santos Vicente e João Baptista, padroeiro da freguesia do Lumiar. Havia também a imagem de Nossa Senhora do Governo, que sustentava no braço esquerdo o Menino Jesus e na mão direita uma chave, que era depositada nas mãos dos moribundos devotos para que Nossa Senhora lhes abrisse as portas do céu. – (G1-H1-I1-I3).

0871-11-LEMOS (Fernando Afonso de Andrade e), “A igreja de Telheiras e o significado das suas devoções”, *Olisipo*, n.º 26, 2007, p. 63-68.

Notas sobre a igreja de Nossa Senhora das Portas do Céu e o significado das devoções que nela se realizavam. A igreja situa-se em Telheiras, que até há poucas décadas constituía uma zona rural da freguesia do Lumiar em Lisboa. Antigo oratório franciscano, a igreja tinha, em 1882, os altares da titular, do Senhor Jesus da Boa Morte, da Imaculada Conceição, de Nossa Senhora do Parto e de São João Baptista, cuja simbólica subjacente à sua distribuição é analisada através da oposição entre os altares femininos (triângulo da sombra) e os masculinos (zona de luz). – (D2-D3-D4).

0872-11-LINO (Artur da Silva), “Uma ermida histórica na praia de Santa Cruz”, *Boletim Cultural*, Junta Distrital de Lisboa, n.º 55-56, 1961, p. 137-142, il.

Nota sobre a ermida de Santa Helena situada na praia de Santa Cruz, freguesia da Silveira, concelho de Torres Vedras, cujo nome foi herdado da primitiva ermida que havia sido destruída pela força do mar. Referência ao extinto círio de Santa Helena. – (E3).

0873-11-LOPES (António Serôdio), *A capela da Misericórdia de Colares: uma capela palatina da família Mello de Castro*, 2.^a edição, Lisboa, Pearlbooks, 2011, 239 p., il.

Estudo sobre a capela da Misericórdia da freguesia de Colares, concelho de Sintra, que contempla a sua evolução histórica desde a fundação em 1631. Descrição da estrutura e do interior do edifício e análise das artes decorativas em presença, especialmente do retábulo pintado de Cristóvão Vaz, cujo programa iconográfico representa Nossa Senhora da Misericórdia a dar de comer a quem tem fome e de beber a quem tem sede, a Visitação da Virgem, a Última Ceia, Cristo com a cruz às costas, o Calvário. O retábulo foi originalmente feito para a igreja da Misericórdia de Sintra e depois transferido para a de Colares. Apresentação de dois inventários de 1817 e 1842. A II parte contém um anexo documental. – (G2-H2).

0874-07-LOPES (Inês Isabel Florindo), *O Real convento de Nossa Senhora da Esperança de Vila Viçosa, as pinturas murais: história, conservação e restauro*, dissertação de mestrado em Recuperação do Património Arquitectónico e Paisagístico apresentada à Universidade de Évora em 2008, 2 vol., 248-228 p., dactilogr., il., mapas, plantas, quadros (consultável na Biblioteca Nacional de Portugal).

Estudo que aborda a evolução histórica do convento feminino franciscano de Nossa Senhora da Esperança de Vila Viçosa, sede do concelho do mesmo nome, fundado a meados do século XVI, e, em particular, a sua iconografia, datada do mesmo século e sobretudo do século XVII. No volume I é dada uma nota sobre as capelas mais notáveis da igreja conventual, com as imagens e as relíquias que nelas se encontram, assim como de outros altares. Descrição iconográfica e estético-artística das pinturas murais com as representações da vida de Cristo, de cenas dos Evangelhos e de santos e santas franciscanas, conformes aos ditames da Contra-Reforma. No convento estiveram sediadas as confrarias do Diviníssimo Sacramento, de São Bento e da Ordem Terceira de Santa Clara de Assis. O volume II contém o anexo documental, principalmente fotográfico, e os esquemas dos programas iconográficos. – (A5-G1-G2-H2).

0875-07-LOPES (Maria Hortense Nunes Vieira), “O convento de Nossa Senhora do Espinheiro, em Évora: ensaio de interpretação histórica e artística”, *Boletim Anual de Cultura*, Junta distrital de Évora, n.º 6, 1965, p. 83-157 [27].

Estudo histórico e artístico do convento de Nossa Senhora do Espinheiro da Ordem dos Jerónimos, situado na freguesia de Canaviais, concelho de Évora, fundado em 1458 e extinto em 1834, quando foram suprimidas as ordens religiosas. A sua igreja contém altares e capelas com imagens, pinturas e azulejos pintados dos séculos XV a XIX que representam passos da vida de

Cristo, Nossa Senhora do Espinheiro e os santos António, Brás, Sebastião, Ana, Bárbara e Clara de Assis. Dados sobre a oficina de pintura do convento, onde se destacou frei Carlos, e sobre a pintura em Portugal no século XVI. Frei Carlos pintou temas como a Ascensão de Cristo, o Bom Pastor, a Verónica, a Ressurreição, a Natividade, a Aparição de Cristo à Virgem, a Anunciação, a Assunção da Virgem, Nossa Senhora do Leite, os santos António, Cristóvão, Francisco de Assis, Jerónimo, Martinho de Tours, Sebastião, Vicente e Catarina de Alexandria. Notícia histórica sobre a origem da ordem, o seu estabelecimento e os principais conventos em Portugal. Reprodução e transcrição de documentos. – (H1-H2-I3).

0876-11-LOURENÇO (Samuel da Silva), “Capela de S. Roque – Arsenal”, *Lisboa: Revista Municipal*, n.º 16, 1986, p. 47-53, il..

Estudo sobre a origem da capela de São Roque no antigo Arsenal da Marinha em Lisboa, que pertenceu aos carpinteiros de machado. O culto ao santo foi introduzido em Portugal no século XVI, durante o surto de peste que assolou a cidade de Lisboa, quando foram enviadas de Veneza relíquias do santo. Para acolhê-las foi erigida uma ermida em 1506, depois entregue à Companhia de Jesus em 1553. Quanto à capela do Arsenal da Marinha, foi destruída pelo terramoto em 1755 e substituída por outra para nela se instalar a irmandade de São Roque dos Carpinteiros de Machado e organizar o culto ao santo. Menção das pinturas dos santos João Evangelista, Lucas, Mateus, Marcos e de painéis de azulejos com representações da vida de São Roque, assim como das imagens de São Roque e de Nossa Senhora das Dores. Notícia biográfica sobre São Roque: nasceu em Montpellier no ano de 1322 com uma cruz impressa no peito, tornou-se peregrino muito jovem e durante um período de peste em Itália fez muitas curas, tornando-se advogado contra a peste e doenças contagiosas. – (G4-H1-H2-H7).

0877-..-LOURO (Henrique da Silva), *Capelas de ossos na arquidiocese de Évora*, Évora, Gráfica Eborense, 1981, 32 p., il.

Breve descrição das capelas de ossos (capelas com as paredes revestidas de ossos e caveiras) da arquidiocese de Évora. A capela de Évora é anexa ao convento de São Francisco de Assis, provavelmente do século XVII, contendo pinturas alusivas à paixão de Cristo nos tectos, enquanto as colunas e as paredes laterais são revestidas de ossos e caveiras, entre outros elementos. Notas sobre outras capelas similares situadas em Campo Maior, sede do concelho de mesmo nome, datadas da segunda metade do século XVIII; em Elvas, sede do concelho do mesmo nome, a chamada capela das Almas (1770); e, em Monforte, sede do concelho do mesmo nome, esta já desaparecida. Todas estas três estão situadas no distrito de Portalegre. – (H2).

0878-07-LOURO (Henrique da Silva), “Évoramonte”, *Boletim Anual de Cultura*, Junta Distrital de Évora, n.º 8, 1967, p. 163-176, il.

Notas e bibliografia sobre a freguesia de Évora Monte (Santa Maria), concelho de Estremoz. Breve descrição de vários lugares de culto datados dos séculos XIII, XIV e XVI: a igreja matriz de Nossa Senhora do Castelo, depois denominada de Nossa Senhora da Conceição, as não paroquiais de Nossa Senhora da Visitação (igreja da Misericórdia) e de São Pedro. Menção das ermidas dos santos Brás, Estêvão, Lourenço, Marcos, Sebastião, Margarida de Antioquia ou da Galiza, Rita de Cássia e Vitória. A igreja da Misericórdia contém as imagens de Nossa Senhora da Visitação, dos Pobres e de Santo Amaro, assim como azulejos pintados onde figuram as obras de Misericórdia, a Anunciação, a Fuga para o Egipto, a Visitação, a Decapitação de Holofernes e o Casamento de Ester. – (C1-H1-H2).

0879-07-LOURO (Henrique da Silva), *Freguesias e capelas curadas da arquidiocese de Évora (séculos XII a XX)*, Évora, Gráfica Eborense, 1974, 102 p.

Notícia histórica de cada uma das freguesias da diocese de Évora desde o século XII ao XX, apresentadas por ordem alfabética. Menção dos seus lugares de culto, alguns dos quais já desaparecidos, de festas e de irmandades dedicadas, nomeadamente, ao Espírito Santo, ao Senhor da Boa Fé, ao Menino Jesus, a Nossa Senhora sob as invocações de Nossa Senhora do Castelo, da Ajuda, da Assunção, de Brotas, das Angústias, das Candeias, da Conceição, de Fátima, da Graça, de Guadalupe, da Luz, do Monte, das Nascenças (depois Benafilé, actualmente da Boa Fé), das Neves, da Paz, da Purificação, do Rosário, da Saúde e aos santos Antão, António, Barnabé, Bartolomeu, Bento, Brás, Domingos, Estêvão, Geraldo, Isidro, Jordão, Lázaro, Lourenço, Mamede, Manços (bispo da diocese de Évora, mártir romano-cristão), Miguel Arcanjo, Pedro, Romão, Roque, Saturnino, Sebastião, Tiago, Torcato, Vicente, Ana, Catarina de Alexandria, Clara de Assis, Luzia, Maria Madalena, Marta, Sofia e Susana. – (C1-D2-D4-G1).

0880-07-LOURO (Henrique da Silva), “Roteiro arquivístico-histórico da arquidiocese de Évora”, *A Cidade de Évora: Boletim da Comissão Municipal de Turismo de Évora*, n.º 57, 1974, p. 283-330.

Notas bibliográficas coligidas nos arquivos paroquiais e bibliotecas públicas, principalmente no Arquivo Nacional da Torre do Tombo em Lisboa, para a história das freguesias da arquidiocese de Évora. As referências bibliográficas dizem respeito aos mais diversos assuntos, nomeadamente religiosos: visitasões, ordens religiosas militares, lugares de culto, irmandades, misericórdias, ordens terceiras, testamentos, informações paroquiais. – (A5-E4-G1-G2).

0881-15-LOURO (Henrique da Silva), “Uma relíquia histórica – S. João Baptista dos Azinhais: sua evolução desde o domínio romano até ao presente”, *Alvoradas*, Ano XXII, Out-Dez, 1960, p. 49-53, il.

Breve história da igreja dedicada a São João Baptista, hoje em ruínas, que se situa no lugar dos Azinhais, freguesia de Torrão, concelho de Alcácer do Sal. A igreja teve, durante os séculos XVII-XVIII, uma romaria em honra de Nossa Senhora do Bom Sucesso, organizada pela confraria do mesmo nome. A sua imagem milagrosa está actualmente guardada na capela com o seu nome. O lugar de culto que lhe antecedeu era uma igreja visigótica (século VII) dedicada aos mártires Justo e Pastor (crianças mártires, século IV, naturais de Alcalá de Henares em Espanha, festejados a 6 de Agosto). – (D2-G1-H1).

0882-15-LUCAS (Isabel Maria Mendes Oleiro), *As ermidas de Santiago nas visitas de Palmela do século XVI*, dissertação de mestrado em História Medieval e do Renascimento apresentada à Universidade do Porto em 2004, 143 p., dactilogr., quadros (consultável na Biblioteca Nacional de Portugal); *As ermidas da Ordem de Santiago nas visitas de Palmela do século XVI*, Palmela, Câmara Municipal, 2011, 126 p. il.,

Estudo sobre as ermidas da Ordem de Santiago a partir das visitas de 1510, 1534 e 1552 a Palmela, sede do concelho do mesmo nome. Notas sobre a Ordem Militar de Santiago, desde a sua fundação ao século XV. Descrição das ermidas de São Brás e de Santa Susana, cujas confrarias tinham funções assistenciais antes da fundação da Misericórdia em 1529, de São Sebastião, de São Luís, rei de França, de São Romão, de São Gião (Julião) e de Santa Ana. Menção dos objectos de culto: imagens, retábulos, alfaias litúrgicas e paramentos. Referência a outras confrarias cujos padroeiros eram o Espírito Santo, os santos Brás, Sebastião, Romão, Gião ou Julião e Susana. Apêndice documental com a transcrição das visitas. – (A5-G1-G2-H1).

0883-15-LUCAS (Isabel Maria Mendes Oleiro), *Subsídios para a história do concelho do Montijo: cronologia geral*, Montijo, Câmara Municipal, 1992, 101 p., il., mapas.

Cronologia geral do concelho do Montijo desde a Pré-história a 1989. Menção de lugares de culto: igrejas, capelas, misericórdias, romarias, festas e confrarias. – (C1-D2-D3-D4).

0884-12-MAÇÃS (Delmira), *A Senhora da Lapa: subsídio para uma monografia da povoação de Besteiros em Alegrete*, Lisboa, Edição da Autora, 1991, 157 p., il., plantas.

Subsídio para uma monografia do lugar de Besteiros, freguesia de Alegrete, concelho de Portalegre. História e descrição da ermida particular de Nossa

Senhora da Lapa que foi saqueada no período de implantação da República. Referência às imagens da Senhora da Lapa e dos santos António, João Baptista, José e Pedro. São ainda mencionadas a igreja matriz de Alegrete, dedicada a São João Baptista, e a capela de São Pedro, já em ruínas. – (C1-H1-I3).

0885-11-MACEDO (Lino de), *Antiguidades do moderno concelho de Vila Franca de Xira*, Vila Franca de Xira, Câmara Municipal, 1992, 411 p., il., planta.

Nova edição de uma compilação datada do final do século XIX, constituída por notas e apontamentos dispersos de interesse histórico, arqueológico e antropológico das freguesias do concelho de Vila Franca de Xira, desde o período romano até ao século XIX. A construção e reconstrução de igrejas paroquiais e não paroquiais, capelas, conventos e mosteiros consagrados ao Senhor Jesus da Boa Morte, a Maria, a Nossa Senhora da Conceição, dos Poderes e aos santos António, Bartolomeu, João, José, Martinho de Tours, Pedro, Sebastião, Severim, Clara de Assis e Sofia. Alusão a procissões e festas dedicadas, nomeadamente, a Nossa Senhora do Amparo e a Santa Isabel. A fundação da Misericórdia, das irmandades do Senhor dos Passos, da Ordem Terceira de Nossa Senhora do Monte Carmo e da Ordem Terceira de São Francisco de Assis. Notícia de profanações de templos e de destruição de imagens durante o período das invasões francesas. Transcrição de testamentos, de obrigações por alma dos defuntos, de resposos, sufrágios, orações e epígrafes sepulcrais. – (E3-E4-G2-I1).

0886-11-MACEDO (Luís Pastor de), “Da ermida de Santa Bárbara à ermida de Nossa Senhora do Resgate”, *Boletim Cultural*, Junta Distrital de Lisboa, n.º 63-64, 1965, p. 61-85.

Localização da desaparecida ermida de Santa Bárbara (século XIV) e da nova ermida de Nossa Senhora do Resgate, freguesia dos Anjos, em Lisboa. Referência à irmandade de Nossa Senhora do Resgate e às confrarias erectas na igreja paroquial dos Anjos em honra da titular da igreja, de Nossa Senhora da Conceição, dos santos Sebastião, António, Apolónia, Catarina de Alexandria e a das Almas. – (G1-G2).

0887-15-MANGUCCI (Celso), “A Quinta de Nossa Senhora da Piedade”, *Al-Madan*, n.º 3, 1994, p. 125-131, il., planta.

A propósito do estudo do património em azulejo da Quinta de Nossa Senhora da Piedade, freguesia de Póvoa de Santa Iria, concelho de Vila Franca de Xira, sede do concelho do mesmo nome, são mencionadas a velha (data de 1531) e a nova ermida (século XVIII) dedicadas a Nossa Senhora da Piedade. Esta última foi mandada construir na sequência de cumprimento de voto. Alusão à imagem de Nossa Senhora da Piedade. – (H1-H4).

0888-15-MANGUCCI (Celso), *A Quinta de Nossa Senhora da Piedade: história do seu palácio, jardins e azulejos*, Vila Franca de Xira, Câmara Municipal, 1998, 142 p., il.

Estudo sobre a Quinta de Nossa Senhora da Piedade na freguesia da Póvoa de Santa Iria, concelho de Vila Franca de Xira, nomeadamente, os seus lugares de culto e iconografia datada dos séculos XVI a XVIII. O oratório de Nossa Senhora da Piedade ou Lapa do Senhor Morto contém as imagens em tamanho natural da Virgem, de João Evangelista e de Maria Madalena lamentando a morte do Senhor. Outros lugares de culto são as duas ermidas de Nossa Senhora da Piedade, uma do século XVI e outra do século XVIII, e o oratório de São Jerónimo. Dados sobre os azulejos de temática profana e religiosa da Lapa do Senhor Morto e do oratório de São Jerónimo, narrando os milagres de Nossa Senhora da Piedade e acontecimentos bíblicos. – (H1-H2).

0889-07-MARQUES (António Fernando), *Mosteiro de Nossa Senhora do Espinheiro (Évora): bases para uma proposta de recuperação e valorização*, dissertação de mestrado apresentado à Universidade de Évora em 1998, 284 p., dactilogr., il., mapas, plantas, quadros (consultável na Biblioteca Nacional de Portugal).

Contribuição para a história do mosteiro de Nossa Senhora do Espinheiro, freguesia de Canaviais, concelho de Évora, pertencente à Ordem de São Jerónimo, desde a sua fundação em 1458 até ao século XX. O convento foi extinto pelos liberais em 1834. O nome do convento teve origem na aparição da Virgem com o menino nos braços a um pastor em cima de um espinheiro a arder. O pastor vendeu o rebanho, tornou-se ermitão e mandou fazer uma imagem de Nossa Senhora para a sua ermida. Descrição das capelas da igreja de Nossa Senhora do Espinheiro, erigidas em honra do Senhor dos Passos, do Senhor Morto (ou Santo Sepulcro), do Nascimento de Jesus, à Ressurreição e dedicadas aos santos Jerónimo e Sebastião, algumas das quais tiveram outras invocações. Nas capelas da igreja existem ou já existiram diversas imagens e pinturas que representam os titulares, Cristo Ecce Homo, os santos Bento, José, Paula e Eustáquio, entre outros. Referência aos motivos de decoração da igreja, existentes e já desaparecidos, nomeadamente, azulejos pintados que contam a história de Jesus e representam a Virgem Maria e São Jerónimo; medalhões de baixos-relevos com Nossa Senhora do Espinheiro, São Jerónimo e São João Baptista; placas com os símbolos dos martírios de Cristo. Notícia sobre a capela do laranjal (mandada erigir por Dom Sebastião e já em ruínas) e a capela com o túmulo de Garcia de Resende (fundada por este em 1520). Alusão à promessa feita por Dom Afonso V a Nossa Senhora do Espinheiro, no cumprimento da qual lhe ofereceu uma estátua equestre em prata. Nota sobre a vida de São Jerónimo, doutor da Igreja, e a Ordem de São Jerónimo, introduzida em Portugal antes de 1373. Transcrição de documentos, incluindo testamentos do século XVI. – (C7-F4-H1-H2).

0890-15-MARQUES (Maria Santos Fernandes), *Santuário de Nossa Senhora do Cabo Espichel: salvaguardar e revitalizar*, dissertação de mestrado em Conservação, Restauro e Revivificação de Monumentos Públicos apresentada à Universidade Lusófona de Lisboa em 2007, 144 p., dactilogr., il. (consultável na Biblioteca Nacional de Portugal).

Estudo sobre o santuário de Nossa Senhora do Cabo (Espichel) na freguesia do Castelo em Sesimbra, sede do concelho do mesmo nome, na perspectiva restauracionista e de conservação do património. Inclui uma descrição do conjunto arquitectónico: a cruz de pedra, a ermida da Memória do século XV, a igreja actual do início do século XVIII. Os altares da igreja são dedicados ao Senhor do Bonfim, a Nossa Senhora da Saudade, aos santos Estêvão, António, João Evangelista, José, Joaquim, Lourenço, Pedro e Ana. Contém um anexo documental.

0891-11-MARTINHO (Maria João Baptista), “A arquitectura do património da Companhia das Lezírias: ensaio de caracterização”, *Estudos de história da arte: novos contributos*, Lisboa, Edição da Câmara Municipal, 2002, p. 195-206, il.; “Património Arquitectónico da Companhia das Lezírias: ensaio de caracterização”, *Cira: Boletim Cultural*, n.º 13, 2015-2016, p. 48-69, il., planta

Estudo de sobre as ermidas de Nossa Senhora de Alcamé e de São José, situadas na lezíria da margem sul do Tejo, na freguesia de Vila Franca de Xira, sede do concelho do mesmo nome, ambas construídas no século XVIII. Descrição da sua estrutura arquitectónica e menção do retábulo da capela-mor da ermida de Nossa Senhora de Alcamé. Esta contém um baixo-relevo representando Nossa Senhora da Conceição a esmagar uma serpente que ostenta a maçã do pecado, rodeada de dezanove serafins. Notícia da lenda que relata o milagre de Nossa Senhora de Alcamé: Nossa Senhora salvou um pastor de uma serpente gigante. – (F1-F4-H2).

0892-11-MARTINHO (Maria João Baptista), MONTEIRO (Paula), “O património religioso de Vila Franca de Xira: igrejas, ermidas e hospitais da cidade – sua origem, funcionamento e extinção”, *Igreja do mártir santo S. Sebastião: núcleo museológico de arte sacra*, coordenação de NUNES (Graça Soares), Vila Franca de Xira, Câmara Municipal, 2001, p. 37-65.

Notas sobre o património religioso da cidade e termo de Vila Franca de Xira, sede do concelho do mesmo nome. A antiga igreja matriz foi fundada no século XII e a actual erigida em 1667, sob a invocação de São Vicente Mártir. A meados do século XVIII existiam na paróquia mais de vinte confrarias erectas, por exemplo, em honra do Senhor dos Passos, do Santíssimo Sacramento, de Nossa Senhora da Assunção, do Rosário e as ordens terceiras de São Francisco de Assis e de Nossa Senhora do Monte Carmo. Outras igrejas e ermidas, construídas até ao século XVIII, eram dedicadas ao Espírito Santo

(hoje da Misericórdia), ao Senhor Jesus dos Incuráveis, a Nossa Senhora das Necessidades, do Monte Carmo, aos santos Sebastião e Amaro. Notícia da confraria da Caridade, sediada no hospital do mesmo nome, das festas e das procissões realizadas em Vila Franca de Xira, sendo registadas sobretudo as que eram feitas em honra de Nossa Senhora. Das ermidas erguidas na lezíria são referidas as de Nossa Senhora da Esperança, de Alcamé ou Nossa Senhora da Conceição e de São José. – (C1-D2-G1-G2).

0893-11-MARTINS (Francisco de Assis de Oliveira), *O convento de São João da Cruz de Carmelitas Descalços, de Carnide, na historiografia portuguesa*, Lisboa, 1977, separata da Academia Portuguesa de História. A historiografia portuguesa anterior a Herculano, 1977, p. 331-379 [4], il.

Estudo sobre o convento-colégio masculino de São João da Cruz de Carmelitas descalços, freguesia de Carnide em Lisboa, fundado em 1681 por decisão testamentária da infanta Dona Maria. A igreja só foi sagrada em 1718, sendo descritos os seus festejos e cerimónias, bem como os que se realizaram a propósito da canonização de São João da Cruz em 1727. – (D4).

0894-11-MARTINS (João Madeira), *Odivelas, seu convento: relances históricos*, Odivelas, Oficina Particular João Madeira Martins, 2005, 64 p., il.

Compilação de textos que decrevem o convento feminino de monjas cistercienses de Odivelas, sede do concelho do mesmo nome, datados dos séculos XVII, XVIII e XIX. O convento foi fundado em 1294. Notícia da cabeça de Santa Brígida que se encontra na igreja paroquial de São João Baptista, freguesia do Lumiar em Lisboa. Cercam o relicário as imagens dos santos Bernado de Claraval, Dinis e Úrsula. – (H7).

0895-11-MARTINS (João Paulo), "A arquitectura: da fundação à reinvenção oitocentista", *A igreja da Madre de Deus: história, conservação e restauro*, Lisboa, Instituto Português dos Museus, 2002, p. 15-27, il.

Notas sobre a igreja do convento da Madre de Deus fundada em Lisboa no ano de 1509, pertencente à Ordem das Clarissas. O convento foi suprimido na sequência da extinção das ordens religiosas em 1834. – (I3).

0896-11-MARTINS (Leonel C.), *Vale Francas: benção e consagração da Igreja de Nossa Senhora do Rosário de Fátima*, Cadaval, Tipografia Santaires, 1994, 16 p., il., mapa.

Nota sobre a igreja de Nossa Senhora do Rosário de Fátima situada em Vale Francas, freguesia de Pêro Moniz, concelho do Cadaval, cuja bênção e consagração se efectuou em 1994. A igreja possui a imagem de Nossa Senhora de Fátima e quadros da Via-Sacra. – (H1-H2).

0897-11-MARTINS (Tiago Madeira), *História do Convento de São José de Ribamar*, Odivelas, Tipografia de José Madeira Martins, 1986, 8 p.

História do convento de São José situada na freguesia de Algés, concelho de Oeiras, desde a sua fundação em 1559, por doação de particulares aos franciscanos da Arrábida (serra do concelho de Setúbal). A primeira construção era frágil e ruiu rapidamente, sendo reconstruído e alargado em 1595. Com a expulsão das ordens religiosas em 1834, o edifício foi adquirido por particulares que profanaram as suas riquezas e até os túmulos dos fundadores. Nos finais do século XIX, o conjunto arquitectónico foi destinado a fins profanos. – (C7-I3).

0898-12-MATOS (Jorge Manuel Marques de), *Campo Maior*, Campo Maior, Paróquias de Campo Maior, 1995, 51 p., il., mapas.

Notas descritivas sobre os lugares de culto da cidade de Campo Maior, sede do concelho do mesmo nome, edificados nos séculos XVI a XIX e sobretudo no século XVIII. As igrejas matrizes e capelas são dedicadas ao Senhor do Castelo, ao Calvário, a Nossa Senhora da Expectação, do Carmo, da Graça, da Visitação (a capela da Misericórdia) e da Enxara, assim como a das Religiosas Concepcionistas de Santa Beatriz da Silva. A lenda de Nossa Senhora da Enxara conta que uma menina apareceu com um brinco de ouro dizendo que era de Nossa Senhora; quando voltou com a mãe ao local onde a menina encontrou Nossa Senhora, depararam-se com uma imagem desta sobre uma pedra redonda; a imagem está hoje no santuário construído nesse local ao qual se dirigiam romeiros. Em Campo Maior há uma capela revestida com os ossos dos seus habitantes que pereceram em 1732, na sequência da explosão do paiol do castelo. Menção dos altares, imagens e pinturas que representam Jesus Cristo, Nossa Senhora, a Última Ceia e cenas da vida de São Francisco de Assis, assim como diversos santos e santas, por exemplo, Beatriz da Silva, entre outros. – (C1-F2-H1-H2).

0899-11-MATOS (Venerando Aspra de), “Um roteiro histórico-cultural da história moderna torriense”, *Turres Veteras II – História moderna*, Torres Vedras – Lisboa, Câmara Municipal – Edições Colibri – Instituto de Estudos Regionais e do Municipalismo “Alexandre Herculano”, [D.L. 2000], p. 221-240, il.

Roteiro histórico-cultural da cidade de Torres Vedras, sede do concelho do mesmo nome, na Época Moderna. Fichas descritivas das igrejas paroquiais e não paroquiais, datadas dos séculos XII a XVII e dedicadas a Nossa Senhora do Castelo, da Graça (século XVI), do Ameal, aos santos Pedro e Tiago e ainda a da Misericórdia. Nelas encontram-se capelas, altares, imagens, pinturas, relevos e painéis de azulejo com cenas da Anunciação e do Casamento da Virgem, ou dedicados a Jesus Cristo, ao Sagrado Coração de Jesus, ao Menino Jesus do Bom Pastor, ao Senhor dos Passos, a Nossa Senhora das Dores, da

Correia, de Fátima, da Boa Hora, da Conceição, da Graça, de Rocamador e a Pietá, assim como aos santos António, Pedro de Alcântara, Judas Tadeu, Nicolau, Antão, Gonçalo de Lagos, Tiago, Lourenço, Pedro, Paulo, Nicolau Tolentino, João Evangelista, Sebastião, Catarina de Alexandria, Catarina com os doutores de Alexandria, Miguel, Gertrudes Magna, Francisca Romana, Rita de Cássia e Ana. Alusão à irmandade da Misericórdia, à confraria dos Sapateiros e à irmandade dos Clérigos Pobres. – (C1-G4-H1-H2).

0900-07-MENDEIROS (José Filipe), *Roteiro histórico dos jesuítas em Évora*, Braga, Apostolado da Oraçã, 1992, 65 p., il., mapa.

Roteiro da presença da Companhia de Jesus em Évora desde sua instalação, em meados do século XVI, no colégio do Espírito Santo erigido em universidade no ano de 1559 até ao encerramento desta em 1759. Depois da expulsão dos jesuítas neste ano, estes só regressaram a Évora em 1961. Notícia da passagem de São Francisco de Borja por Évora em 1556, 1559, 1560 e 1570. Nota sobre a capela de Nossa Senhora da Conceição, pertencente ao edifício da universidade, e as capelas do noviciado da Companhia dedicadas a Nossa Senhora da Modéstia e a Nossa Senhora dos Mártires. Descrição da igreja do Espírito Santo: concluída em 1574, ostenta nos seus altares as imagens do Senhor Jesus dos Queimados (que ouvia os últimos gemidos dos condenados pela Inquisição nos autos-de-fé), do Senhor Jesus dos Passos (vindo da igreja de Nossa Senhora da Graça, que ruiu), de Nossa Senhora da Assunção, da Conceição, da Boa Morte, do Socorro e dos santos Francisco de Borja, Luís Gonzaga, Domingos, Francisco de Assis, Estanislau Kostka e João Berchmans (Diest, Bélgica, 1599 – Roma, 1621, jesuíta). Nas paredes da igreja desdobram-se murais quinhentistas representando os doutores da Igreja e telas setecentistas com cenas da vida de Cristo e de São Vicente de Paulo, enquanto na sacristia o tecto contém frescos com cenas da vida de Inácio de Loiola. – (C2-H1-H2).

0901-15-MENDES (Isabel Alexandra Gomes Serrão), *Contributos para o estudo arquitectónico do Cabo Espichel: proposta de recuperação e valorização do património*, dissertação de mestrado em Recuperação do Património Arquitectónico e Paisagístico apresentada à Universidade de Évora em 2004, 3 vol., 135-[132]-[167] p., dactilogr., il., plantas (consultável na Biblioteca Nacional de Portugal).

Estudo sobre o conjunto arquitectónico do santuário de Nossa Senhora do Cabo Espichel, freguesia de Castelo em Sesimbra, sede do concelho do mesmo nome, com vista à sua recuperação arquitectónica e paisagística. Caracterização espaço-temporal do Cabo Espichel. A lenda da Pedra da Mua e a origem do santuário: no século XIII, um homem disse ter tido uma visão de uma grande luz que brilhava sobre o cabo e, uma vez lá chegado, teria visto Nossa Senhora subindo no dorso de uma mula pela rocha acima. As pegadas

correspondem, na realidade, a vários trilhos fossilizados deixados por dinossáurios do Jurássico. Descrição do estado actual do conjunto arquitectónico, das funções dos edifícios e espaços que compõem o santuário, das características estéticas e da história da construção. Identificação dos problemas arquitectónicos dos edifícios e proposta de recuperação e valorização do património edificado, nomeadamente, a sua adaptação a novas funções. Os volumes II e III contêm, respectivamente, os anexos fotográfico e documental. – (F4).

0902-15-MENDES (Rodrigo), *Nos setenta e cinco anos do Seminário de Almada: um roteiro histórico-artístico*, Almada, Seminário Maior de São Paulo, [D.L. 2011], 102 p., il.

Estudo comemorativo do seminário de São Paulo em Almada, sede do concelho do mesmo nome, estabelecido numa quinta onde esteve instalado o convento de São Paulo. Descrição da igreja conventual fundada em 1569, hoje capela do seminário: as imagens representam Cristo Crucificado, Nossa Senhora da Assunção, Nossa Senhora do Rosário, os santos Domingos, Francisco de Assis, Pedro e Paulo; o retábulo-mor pintado figura a Ceia de Emaús, os painéis da capela-mor representam São Tomás de Aquino, a vocação de São Domingos, São Tomás a Pregar, a aprovação papal do ramo feminino da Ordem de São Domingos; os painéis do corpo da capela figuram São Jacinto e Santa Catarina de Sena (Siena), entre outros temas; os azulejos contêm a legenda dominicana através dos seus símbolos. Em 1668 foi criada a irmandade de Nossa Senhora do Rosário. Na sacristia há painéis de azulejo com temas religiosos. – (G1-H1-H2).

0903-11-MENDES (Rui Mesquita), “A paróquia de Bucelas no século XVIII: quadros resumo, notas e apêndice documental”, coordenação de FERNANDES (Carla Varela), *Igreja matriz de Bucelas*, s. l., Imprimatur, 2018, p. 123-149, il., quadros.

Síntese histórica, artística e documental da paróquia de Nossa Senhora da Purificação de Bucelas, concelho de Loures, que contém dados sobre o património religioso edificado entre os séculos XVI e XVIII. Notícia dos altares da igreja dedicados ao Santíssimo Sacramento, à titular Nossa Senhora da Purificação, a Nossa Senhora do Carvalho, do Rosário, da Conceição, a São Pedro, a Santa Catarina de Sena (Siena), ao Anjo Custódio, aos Fiéis Defuntos e às Almas. Dados sobre as imagens de Nossa Senhora da Purificação, do Carvalho e do Rosário. Notas sobre as confrarias e irmandades de Nossa Senhora da Conceição, dos Fiéis Defuntos, de São Pedro e das Almas, entre outras que são mencionadas. As ermidas públicas de Bucelas eram dedicadas ao Espírito Santo e a São Sebastião, que tinham confrarias dedicadas aos seus titulares. Notícias históricas sobre as ermidas públicas localizadas fora da freguesia de Bucelas erigidas em honra de Nossa Senhora da Paz e

aos santos Vicente, Roque, Aleixo e Ana. As capelas particulares dentro da freguesia de Bucelas são dedicadas a Nossa Senhora da Paciência, a Nossa Senhora da Boa Morte e a Maria Madalena. As dez ermidas particulares fora da freguesia tinham por orago, quase exclusivamente, Nossa Senhora. No apêndice documental são transcritas a visitação de 1719 e as memórias paroquiais de 1758, entre outros elementos. – (C1-C5-G1-H1).

0904-15-MENDES (Rui Mesquita), “Património religioso de Almada e Seixal”, *Anais de Almada: Revista Cultural*, n.º 11-12, 2008-2009, p. 67-138, il., quadros.

Inventário do património religioso dos concelhos de Almada e do Seixal no século XVIII. Os lugares de culto compreendiam cento e cinquenta e três igrejas paroquiais e não paroquiais e capelas, das quais cento e catorze situavam-se no concelho de Almada e trinta e nove no do Seixal. Quanto às irmandades foram identificadas quarenta e cinco, sendo vinte e sete estabelecidas em lugares de culto no concelho de Almada e treze no concelho do Seixal. Mais de metade dos lugares de culto (76) eram dedicados a Nossa Senhora, como por exemplo, a Nossa Senhora da Conceição, da Madre de Deus, do Bom Sucesso e do Rosário. As restantes sessenta eram dedicadas aos santos com destaque para António, João Baptista, Pedro, Jerónimo, Lourenço, Sebastião e Ana. Nota sobre o papel dos conventos e das irmandades como destinatários e executantes das vontades testamentárias. Menção de procissões e das festas principais. Contém um anexo documental. – (C1-E3-E4-G1).

0905-11-MENDES (Vera), *O convento de Santo António da Convalescença*, São Domingos do Benfica, Junta de Freguesia, 1996, 38 p., il.

Nota histórica e descrição do convento dos padres capuchos de Santo António da Convalescença na freguesia de São Domingos de Benfica em Lisboa, que foi suprimido por ocasião da extinção das ordens religiosas em 1834. Fundado a meados do século XVII, destinava-se a servir de última morada aos membros da família do seu fundador e ainda a acolher os velhos e doentes de diversas casas franciscanas de Lisboa. A igreja data de 1754 e teve no seu recheio artístico as imagens do Senhor Jesus da Paciência e dos santos António, Francisco de Paula e Ana. – (C7-H1-I3).

0906-11-MENDES (Vera), *São Domingos de Benfica: história, arte e património*, São Domingos de Benfica, Junta de Freguesia, 2012, 122 p., il.

Estudo sobre o contexto geográfico e histórico e sobre o património da freguesia de São Domingos de Benfica em Lisboa. A arquitectura religiosa da freguesia: a antiga igreja conventual de São Domingos, hoje paroquial dedicada a Nossa Senhora do Rosário, que na sua configuração actual data do segundo quartel do século XVII; o convento capucho de Santo António da Convalescença deve o seu nome ao facto de ser o local onde convalesciam

frades franciscanos de diversas casas religiosas de Lisboa. No convento de São Domingos foi edificada a capela fúnebre dos Castros sob a invocação do Corpo de Cristo. Nesta há diversas imagens de Nossa Senhora e dos santos Gonçalo de Amarante, Domingos, Tomás de Aquino, Filipe, José, João de Deus, Pedro, Teresa de Ávila e Apolónia. Os painéis de azulejo representam Nossa Senhora, o Menino Jesus aparecendo a São Domingos, São Tomás de Aquino, São Boaventura e o êxtase de São Francisco de Assis. – (C1-C7-H1-H2).

0907-11-MIRANDA (Jorge), “Porto Salvo: a capela, a irmandade e a vontade do povo”, *Boletim Cultural*, Assembleia Distrital e Lisboa, n.º 95, t. 2, 2009, p. 79-88, il.

Notas sobre a capela, a irmandade e a festa de Nossa Senhora de Porto Salvo, freguesia de Porto Salvo, concelho de Oeiras. A capela foi fundada pouco depois de 1530 por voto da tripulação de uma nau da carreira da Índia. Aí passou a ter lugar uma concorrida romagem instituída nos dias 25 e 26 de Julho, mas a partir do século XVIII passou a realizar-se em data marcada ao sabor das circunstâncias nos meses de Agosto, Setembro, Outubro ou Dezembro. A irmandade surgiu em Lisboa por volta de 1536, mas só teve compromisso aprovado em 1637. Fundada em Lisboa por armadores, mareantes e mercadores, dela não fazia parte a população de Porto Salvo. O controlo da capela e do culto foi motivo de conflito entre a população e a irmandade. Com a transformação da irmandade em Associação de Beneficência e Assistência aos Indigentes de Porto Salvo em 1915, pela República, esta passou a integrar habitantes locais. Mais tarde a capela passou a sede da paróquia de Porto Salvo, que corresponde desde 1983 à freguesia do mesmo nome. – (D2-G4).

0908-11-MOITA (Irisalva), “O convento do Beato António de Enxobregas”, *Boletim Cultural*, Assembleia Distrital de Lisboa, n.º 95, t. 1, 2009, p. 81-88 [4], il., planta.

Notas históricas sobre o convento do Beato António de Enxobregas (Xabregas) dos Cónegos Regulares de São João Evangelista ou Lóios em Lisboa. No mesmo local existiu uma ermida dedicada a São Bento. O nome inicial do convento era São João Evangelista, mas depois foi construído um novo convento sob a direcção do cónego António da Conceição que morreu em 1602 com fama de santidade, pelo que o povo passou a designar o novo convento pelo nome de Beato António ainda antes da Igreja dar o seu veredicto, o que só aconteceu no século XVIII. A designação de beato António passou para a toponímia, dando origem ao nome da freguesia do Beato. Menção de outras pinturas que existiram na igreja, que representavam São João Evangelista entre Nossa Senhora e São João Baptista e um outro santo da ordem. – (B6-H2).

0909-07-MONTE (Gil do, pseud.), *Évora cidade de Luz... efemérides*, Évora, Gráfica Eborense, 1985, 3 vol., 142-128-111 [5], il.

Edição aumentada da 1.^a edição datada de 1946 dos fastos de Évora desde a Idade Média ao século XX, dos quais constam factos alusivos aos lugares de culto, às manifestações religiosas, à acção das ordens religiosas e do clero, às confrarias e às celebrações religiosas (festas e procissões). – (A5-D2-E3-G1).

0910-12-MONTEIRO (Ângelo), *Portalegre: a cidade e a serra*, Portalegre, Edição de “A Cidade: Revista Cultural de Portalegre”, 1982, 84 p., il.

Estudo monográfico sobre Portalegre e território circundante onde se descrevem lugares de culto: os conventos de Santo Agostinho, de São Bernardo de Claraval (da Ordem de Cister, século XVI) e de Santa Clara de Assis (século XVI); as capelas do Senhor do Bonfim e de Santa Ana, a Sé Catedral (século XVI), as igrejas de São Lourenço (século XVI, outrora padroado da Ordem de Santiago) e de São Cristóvão. Das freguesias rurais do concelho de Portalegre destacam-se as igrejas paroquiais dedicadas a São João Baptista em Alegrete, a São Domingos em Fortios, a São Gregório Magno em Reguengo, a São Tiago em Urra. – (C1).

0911-11-MONTEIRO (Patrícia Alexandra), “A capela de N. S. da Encarnação e o ‘Barroco Nacional’ em Santos-o-Novo – leitura iconográfica e iconológica”, *Monumentos*, n.º 15, 2001, p. 62-71, il.

Estudo sobre a capela barroca de Nossa Senhora da Encarnação no mosteiro de Santos-o-Novo, freguesia da Penha de França em Lisboa, que pretende fazer uma leitura global dos seus aspectos decorativos. Os azulejos representam figuras bíblicas (Santa Ana, São Joaquim e Jessé) e evocam a genealogia da Virgem Maria. O conjunto de pinturas que lhe dão sequência narrativa, representam a Descida da Imaculada Conceição, o Nascimento da Virgem, a Apresentação da Virgem ao Templo, o Casamento da Virgem, a Anunciação, a Visitação e a Adoração dos Pastores. Dados sobre os elementos simbólicos do retábulo em talha dourada que contém diversas representações marianas. No tecto as pinturas representam a Virgem com o Menino e um conjunto decorativo de simbólica mariana. – (H2).

0912-11-MONTEIRO (Patrícia Alexandra), “O convento de Santos-o-Novo: um marco filipino na Lisboa oriental”, *Estudos de história da arte: novos contributos*, coordenação de SERRÃO (Vitor), Lisboa, Edição da Câmara Municipal, 2002, p. 77-91, il.

Dados históricos sobre o convento de Santos-o-Novo (iniciado em 1609 e concluído em 1685) construído para albergar as comendadeiras (mulheres, filhas e viúvas) da Ordem Militar de Santiago, situado na freguesia da Penha de França em Lisboa. O nome do convento relaciona-se com a lenda

dos santos de origem romana Veríssimo, Máxima e Júlia: martirizados em Lisboa no século III, os seus corpos depois de lançados à água deram de novo à costa e foram sepultados no local conhecido por “Santos”. No claustro do convento existem um pequeno altar dedicado a Santa Isabel e as capelas do Senhor dos Passos e de Nossa Senhora da Encarnação (século XVII). Esta última está decorada com azulejos que representam a genealogia da Virgem, enquanto as telas do retábulo figuram a Anunciação, o Casamento da Virgem, a Apresentação da Virgem ao Templo, a Visitação, a Adoração dos Pastores, a Adoração dos Magos, o Nascimento, a Circuncisão e a Assunção da Virgem, datados do século XVII. Durante a República o claustro foi parcialmente ocupado para aí instalar uma escola primária. A igreja foi construída no princípio do século XVIII e contém azulejos que representam cenas da vida dos três santos mártires, assim como vinte e duas telas alusivas à vida de Cristo e dos mesmos santos. – (B2-H2-I3).

0913-12-MONTEIRO (Patrícia Alexandra), “Os conventos de Portalegre e a formação do Museu Municipal”, *ArtisOn*, n.º 3, 2016, p. 138-146, il. <http://artison.letras.ulisboa.pt/index.php/ao/article/view/166> (consultada em 23-09-2020).

A data da extinção das ordens religiosas (30 de Maio de 1834), a cidade de Portalegre contava com seis casas conventuais ou monásticas: o mosteiro de São Bernardo de Claraval (Ordem de Cister), os conventos de Santa Clara de Assis (da Ordem de São Francisco da Província dos Algarves), de São Francisco de Assis (de frades claustrais, convertidos em observantes a partir de 1542), de Santo António (de frades Capuchos), de Santa Maria (de Cónegos Regrantes de Santo Agostinho) e o de São Sebastião (de jesuítas). Menção de diversos objectos de culto, como imagens e pinturas que constam de inventários e de outros que se encontram actualmente no museu municipal, nomeadamente, uma Lamentação de Cristo (século XVII), uma Pietá (século XVI) e vários santos. – (H1-H2-I3).

0914-11-MONTEIRO (Patrícia Alexandra), “Efeitos do terramoto de 1755 nos conventos de Lisboa: os casos dos conventos de Santana e de N.ª Sr.ª da Conceição de Agostinhas Descalças (Grilas)”, *Olisipo*, n.º 22-23, 2005, p. 50-61, il.

Notas sobre os conventos franciscano feminino de Santa Ana (1562) e de Nossa Senhora da Conceição de Agostinhas Descalças (Grilas, 1660), ambos na cidade de Lisboa. São mencionados alguns objectos de culto: pinturas e imagens, que pertenceram sobretudo ao convento de Nossa Senhora da Conceição, dispersos após a supressão das ordens religiosas em 1834. – (H1-H2-I3).

0915-11-MONTEIRO (Patrícia Alexandra), “Estudos de ‘cripto-história da arte’ sobre um monumento da capital: o convento de Sant’Ana, em Lisboa”, *Boletim Cultural*, Assembleia Distrital de Lisboa, n.º 95, t. 2, 2009, p. 55-78, il.

Breve estudo no âmbito de cripto-história da arte do desaparecido convento feminino de Santa Ana da Ordem Terceira de São Francisco de Assis, edificado em 1521 e transferido para o Campo de Santa Ana (hoje Campo dos Mártires da Pátria) em Lisboa no ano de 1541. Algumas décadas depois, foi edificado um novo convento no bairro de Santa Ana, ficando à sua guarda a ermida do mesmo nome. Menção da confraria da Paixão de Cristo, da irmandade do Santíssimo Sacramento, que também tinha direitos sobre a referida ermida, e da irmandade dos Escravos do Santíssimo. A igreja do convento foi paroquial da freguesia de Santa Ana até 1705 e depois da freguesia da Pena. O altar da capela-mor tinha as imagens de Nossa Senhora da Conceição, dos santos Francisco de Assis, Domingos e Ana, assim como um conjunto de pinturas sobre a vida da Virgem. A igreja paroquial de Nossa Senhora da Pena contém pinturas que representam a Adoração dos Pastores e a Adoração dos Reis Magos, a Expulsão do Demónio, a Ascensão de Cristo e São Bruno de Colónia. Contém anexo documental e fotográfico. – (C1-G1-H1-H2).

0916-11-MONTEIRO (Pedro), “O convento de Santa Ana de Colares”, *Carmelo Lusitano*, n.º 11, 1993, p. 137-143.

Breve história da fundação do convento masculino de Santa Ana situado em Colares, no concelho de Sintra, habitado por membros da Ordem do Carmo. Fundado por decisão testamentária na segunda metade do século XV, pertence hoje a um particular. Descrição da igreja dedicada a Santa Ana e do convento: o retábulo da capela-mor contém as estátuas em tamanho natural de Nossa Senhora do Carmo com o Menino Jesus, de Santa Ana e de São Joaquim, as estátuas dos profetas Elias e Eliseu e as imagens das virgens carmelitas Teresinha do Menino Jesus e Maria Madalena de Pazzi (Florença, 1566-1669). No claustro do convento há duas capelas dedicadas a Jesus Cristo Crucificado e a Nossa Senhora da Conceição. – (H1).

0917-11-MOREIRA (Rafael), *Jerónimos*, Lisboa, Editorial Verbo, 1987, 48 p., il., plantas.

Descrição do mosteiro da Ordem de São Jerónimo, localizado na cidade de Lisboa, desde o início da sua fundação em 1501. Na igreja encontram-se as imagens da Virgem com o Menino, de Nossa Senhora da Nazaré, do profeta Isaías e dos santos António, Bernardo de Claraval, Jerónimo, José, Leandro, Catarina de Alexandria, Lúcia e Margarida de Antioquia ou da Galiza. – (H1).

0918-12-MORGADO (Amílcar F.), “Capelas dos Passos: Elvas”, *Caderno de Cultura* (Câmara Municipal de Elvas, n.º 1, 1990, p. 11-41, il.

Notícia sobre as cinco capelas dos Passos de Elvas, sede do concelho do mesmo nome, edificadas entre 1724 e 1734, para permitir a realização da procissão do Senhor dos Passos, o que já se acontecia desde 1613. A sua

construção e a organização da procissão estiveram a cargo da confraria das Divinas Chagas fundada em 1507, que passou a designar-se por Senhor Jesus dos Passos desde o início do século XIX. Desde 1715-1716, a confraria passou a ter capela própria na Sé e já possuía a ermida do Calvário, hoje denominada Nossa Senhora da Nazaré. Destruída por ocasião das invasões francesas, foi depois reconstruída. Descrição sumária das pinturas e painéis de azulejos das capelas que representam cenas do caminho para o Calvário. – (E3-G1-H2-I1).

0919-11-MORNA (Teresa Freitas), “A ermida de S. Roque: testemunhos históricos e artísticos”, *A ermida manuelina de São Roque*, coordenação de BRANDÃO (Elvira), Lisboa, Museu de S. Roque, 1999, p. 9-15, il.

Historial do culto ao mártir São Roque (protecção contra a peste) e da ermida que lhe é consagrada em Lisboa (1506) para guardar uma relíquia sua. A meadados do século XVI foi demolida para em seu lugar ser construída a actual igreja de São Roque, primeira sede dos padres da Companhia de Jesus. Do recheio da antiga ermida fazem parte quatro pinturas representando cenas da vida do titular e uma imagem quinhentista. Descrição da actual igreja que tem uma capela dedicada ao santo com uma pintura da Aparição do Anjo a São Roque. Menção da sua confraria, fundada no século XVI, sediada na capela. – (G1-H1-H2).

0920-11-MOURA (Carlos), “A capela de S. Gonçalo de Amarante em São Domingos de Benfica e o barroco seiscentista”, *Portugal e Espanha entre a Europa e além-mar: IV simpósio luso-espanhol de história da arte*, Coimbra, Instituto de História da Arte da Universidade de Coimbra, 1988, p. 285-302, il.

Notas históricas sobre a capela votiva dedicada a São Gonçalo de Amarante (distrito do Porto), construída no final do século XVII na igreja do convento de São Domingos situado na freguesia de São Domingos de Benfica em Lisboa. A imagem de São Gonçalo de Amarante está acompanhada por várias outras que representam Nossa Senhora do Rosário, os santos Bento, Domingos, João de Deus, José, Tomás de Aquino, Apolónia e Teresa de Ávila. Notícia sobre o poliformismo do culto a São Gonçalo de Amarante (dominicano, século XIII) e a sua influência na iconografia. Nesta capela São Gonçalo tem aos pés um chapéu, parcialmente envolvido por um manto. Enquadramento da arquitectura e da decoração da capela de inspiração italiana e influenciada pela Contra-Reforma. – (D4-H1-H4).

0921-12-NANQUES (Edgar), “Igreja de S. Domingos: arquitectura gótica mendicante e os painéis maneiristas que outrora decoravam as suas frestas góticas”, *Elvas Caia. Revista Internacional de Cultura e Ciência*, n.º 8, 2012, p. 11-23, il.

Estudo sobre o convento dominicano de São Domingos fundado em Elvas, sede do concelho do mesmo nome, no ano de 1267, e sobre a sua igreja.

Quando foi remodelada foram subtraídos da igreja parte dos seus objectos de culto. Da estatuária é mencionada a imagem de Nossa Senhora dos Mártires; da azulejaria, as cenas da vida de São Domingos; das pinturas são analisados oito painéis do antigo retábulo de São Domingos executado nos finais do século XVI. Neles estão representados a Virgem, o Anjo Gabriel, os santos João Baptista, João Evangelista, Pedro, Paulo e ainda a Adoração dos Pastores. – (H1-H2).

0922-11-NEVES (Vitor M. L. Pereira), *O convento dos capuchos: o que é e o que foi*, Sintra, Edição de Autor, 1997, 175 p., il.

História do convento franciscano de Santa Cruz dos Capuchos na Serra de Sintra, concelho do mesmo nome, construído em 1560 e extinto em 1834. Dados sobre a implantação da ordem dos frades capuchinhos denominados “Arrábidos” (nome tem origem no mosteiro situado na Serra da Arrábida, concelho de Setúbal). Descrição do convento, da capela do Senhor dos Passos, que possui azulejos representando cenas da Paixão de Cristo, e da igreja do convento onde terão existido as imagens de São Francisco de Assis e de Santo António. – (H1-H2-I3).

0923-11-OLIVEIRA (Cristóvão Rodrigues de), *Lisboa em 1551: sumário*, Lisboa, Livros Horizonte, 1987, 151 p., il., quadros.

Descrição topográfica e informações sobre alguns aspectos da vida da cidade de Lisboa datados de 1551. Os lugares de culto são, fundamentalmente, igrejas paroquiais (24), igrejas não paroquiais (11), mosteiros e ermidas (20) dedicados ao Espírito Santo, a Nossa Senhora da Ajuda, da Conceição, da Porta do Ferro, da Escada, do Loreto, da Luz, do Monte, da Oliveira, da Palma, do Paraíso, aos santos António, Brás, Mateus, Sebastião, Tomé, André, Ana, Apolónia e Bárbara, entre outros. Referência à organização, actividade e financiamento das capelas pias e confrarias existentes nas igrejas, ermidas, hospitais, colégios e mosteiros que invocam, nomeadamente, o Santíssimo Sacramento, o Salvador, Nossa Senhora da Pombinha e da Conceição, os santos Pedro, Miguel Arcanjo, Estêvão, Valentim, o Corpo Santo ou Pedro Gonçalves Telmo, Ana e Justa. Menção das confrarias do Santíssimo Sacramento, do Salvador, do Espírito Santo, de Nossa Senhora dos Remédios, do Loreto, da Conceição, da Purificação, da Enfermaria, da Luz, da Escada, dos santos André, Miguel Arcanjo, Vicente, Pedro, Sebastião, João Baptista, Valentim, Tiago, Mamede, Gregório Magno, Simão, Bartolomeu e Roque. Outras confrarias eram dedicadas às santas Justa, Catarina de Alexandria, Ana, Margarida de Antioquia ou da Galiza e Maria Madalena. Havia ainda as das Almas, dos clérigos ricos e dos clérigos pobres, entre outras. Apresentação e notas de ALVES (José da Felicidade). – (C1-C5-E4-G1).

0924--OLIVEIRA (Jorge de), SARANTOPOULOS (Panagiotis), BALESTEROS (Carmen), “Antas-capelas e capelas junto a antas no território português: elementos para o seu inventário”, *A Cidade de Évora: Boletim da Comissão Municipal de Turismo de Évora*, n.º 1, 1994-1995, p. 287-329, il., mapas, plantas.

Inventário e descrição de antas-capelas, de capelas junto a antas e de outras reutilizações de antas com fins religiosos localizadas sobretudo nos distritos de Portalegre e Évora. Algumas localizam-se em Oliveira de Frades e Penela da Beira (distrito de Viseu), Alcobertas (distrito de Santarém), Vila Velha de Ródão (distrito de Castelo Branco). Em geral, estes lugares de culto têm utilização cristã a partir da Idade Média e dos séculos XVI-XVIII. Os seus titulares são Nossa Senhora do Livramento, do Monte, da Conceição, de Guadalupe, da Alagada e os santos Dionísio ou Dinis (século XVII), Fausto, Bento, Brissos, Gens e Torpes. Este santo foi martirizado e o corpo decapitado foi posto num barco na foz do rio Arno, junto a Pisa, acompanhado de um gato e de um galo, mas a barca previamente furada não se afundou nem os animais comeram o santo; passados alguns dias o barco chegou às imediações de Sines, sede do concelho do mesmo nome, num local onde mais tarde Santa Celarina e São Manços edificaram uma capela. As relíquias foram escondidas dos muçulmanos e recuperadas com a Reconquista. Alguns dos lugares de culto referidos possuem ainda objectos de culto (imagens, ex-votos). Outros foram lugares de romagem e de procissões, como ainda hoje acontece com a anta de Nossa Senhora da Conceição em Estremoz, sede do concelho do mesmo nome. Os autores atribuem a reutilização das antas às conotações mágico-religiosas destes espaços, já anteriormente sagrados para os cristãos. – (B2-D2-E3-H4).

0925-12-OLIVENÇA (João de), “A capela da Ajuda na estrada de Elvas a Olivença”, *Olivença: Boletim do Grupo de “Amigos de Olivença”*, n.º 9-10, 1966, il.

Nota sobre a capela de Nossa Senhora da Ajuda fundada no século XVI, desafectada ao culto em 1859 e restaurada em 1966. A capela pertenceu a uma freguesia extinta que foi adstrita à freguesia da Ajuda, Salvador e Santo Ildefonso em Elvas, sede do concelho do mesmo nome, em 1859. A imagem de Nossa Senhora da Ajuda está exposta na igreja paroquial de Nossa Senhora da Conceição da freguesia de Vila Fernando, concelho de Elvas. – (H1-I3).

0926-07-PADEIRA (Manuel Pedro), PADEIRA (Francisco), *Memória do património de Portel Villa*, Portel, Junta de Freguesia, [D.L. 2005], 160 p., il., mapa.

Contribuição para a história de Portel, sede do concelho do mesmo nome, que incide sobre o património religioso edificado desde o século XIII e principalmente nos séculos XVI a XVIII. A igreja matriz possuía altares onde figuram, esculpidas ou pintadas em tela e azulejo, o Santíssimo Sacramento, Cristo Crucificado, a Sagrada Família, o Menino Jesus, São José e o Menino, o Senhor Morto, o Calvário de Jesus, Nossa Senhora da Lagoa, da Consolação,

da Conceição, do Rosário e a Virgem, os santos Sebastião e José, assim como o beato Nuno de Santa Maria. A igreja da Misericórdia está sediada na antiga ermida de São Romão Abade e contém as representações de Cristo morto no túmulo, do Ecce Homo, do Senhor dos Passos, da Visitação de Santa Isabel, de Nossa Senhora das Misericórdias e do Sagrado Coração de Jesus, dos santos Pedro, Lourenço, António e Luzia. A igreja do antigo hospital do Espírito Santo, que foi anexado à Misericórdia com a irmandade do Corpo de Deus no terceiro quartel do século XVI, possui as imagens do Senhor da Cana Verde, do Senhor da Coluna, a Descida do Espírito Santo, o Senhor dos Passos, Nossa Senhora da Boa Morte, do Rosário, os santos José, João de Deus, Pedro, Paulo, João (apóstolo), Lucas e Bárbara. Os conventos de São Paulo eremita e dos Capuchos de São Francisco de Assis contêm capelas dedicadas ao Senhor do Bonfim, ao Santo Cristo, a Nossa Senhora do Carmo, da Conceição, do Socorro, aos santos Luís, rei de França, António e Francisco Xavier, onde estão expostas diversas imagens e pinturas. São descritas as estações do Calvário, as igrejas de Santo António e de São João Baptista, as ermidas de Nossa Senhora da Saúde, da Serra, da Conceição, dos santos Lázaro, Pedro, Brás, Sebastião, Estêvão, Lourenço, Bento e Catarina de Alexandria. – (C1-G1-H1-H2).

0927-11-PAGARÁ (Ana), “Notas preliminares à arquitectura das ermidas do Espírito Santo (concelho de Mafra)”, *Boletim Cultural* '04, Câmara Municipal de Mafra, p. 436-464, il., plantas.

Notas históricas sobre seis das nove ermidas remanescentes do Espírito Santo localizadas no concelho de Mafra, nomeadamente nas freguesias da Asseiceira Grande, hoje Venda do Pinheiro, Azueira, Cheleiros, Enxara do Bispo, Igreja Nova e Alcainça. Foram edificadas entre o século XIII e os princípios do século XVI junto a albergarias. Hoje estas ermidas servem de capela mortuária ou para o culto.

0928-11-PARREIRA (Rui), “Inventário do património arqueológico e construído do concelho de Vila Franca de Xira”, *Cira: Boletim Cultural*, n.º 1, 1985, p. 107-119 [9], il., mapa; n.º 2, 1986, p. 73-81 [8], il., mapa; n.º 3, 1987-1988, p. 95-104 [2], il., mapa; n.º 4, 1989-1990, p. 75-91 [7], il., mapa.

Inventário do património arqueológico e construído do concelho de Vila Franca de Xira com dados sobre igrejas, capelas e conventos de frades capuchos, de carmelitas descalços e de clarissas, datados dos séculos XV a XVIII, de que restam hoje apenas vestígios ou estão muito deteriorados. Os seus titulares eram o Senhor da Boa Morte, Nossa Senhora dos Anjos, do Bom Sucesso, da Piedade, do Tojo, da Barroquinha, os santos António, Clemente, Romão, João Baptista, Sebastião e Eulália.

0929-11-PATO (Heitor Baptista), “Cabo da Roca: o santuário-sentinela do extremo Ocidente”, LOUÇÃO (Paulo Alexandre), *Lugares inesquecíveis de Portugal: viagens com alma*, Lisboa, Eranos, D.L. 2011, p. 204-219, il.

Descrição do Cabo da Roca situado na freguesia de Colares, concelho de Sintra, como espaço finisterra e propiciatório a hierofanias e a peregrinações desde tempos remotos. Nesse espaço foram edificados lugares de culto a São Saturnino no século XII e, num período de fomes no século XVI, deu-se a aparição de Nossa Senhora a uma pastora muda que falou com a Virgem e encontrou uma imagem escondida numa fraga, recuperando em seguida a voz que nunca tivera. No local foi erigido o santuário dedicado a Nossa Senhora da Peninha. – (C4-F2-F3-F4).

0930-07-PATO (Heitor Baptista), *Um mito (mal) sentado: a cadeira de São Gens*, Colóquio *Conversas da Mouraria: história, sociedade, arte*, Lisboa, 2014, 25 p., il. <https://www.academia.edu/37648332/> (consultada em 25-11-2020).

Na ermida de Nossa Senhora do Monte, situada na freguesia da Graça em Lisboa, existe um artefacto pétreo conhecido como cadeira de São Gens. Foi associado desde épocas indeterminadas e expresso na tradição literária a partir de, pelo menos, o século XVII, à figura de um lendário bispo olisiponense chamado Gens, martirizado no ano de 284. Sobre esse suposto vestígio arqueológico-memorial sedimentaram-se práticas religiosas de cariz popular em que o bispo mártir surge como facilitador dos trabalhos de parto: as grávidas que se sentarem na cadeira de pedra terão um bom parto. A capela foi confiada aos frades agostinhos e estes trouxeram para ali a cadeira de pedra que pertencera ao santo. Em 1291 os frades agostinhos mudaram-se para o novo convento de Nossa Senhora da Graça, que fora erguido no monte vizinho e, até 1306, a capela e a cadeira ficaram a cargo da irmandade de São Gens e Nossa Senhora do Monte, constituída para esse efeito. Os frades recuperaram mais tarde a posse da ermida e, gradualmente, o culto mariano acabou por suplantar a importância atribuída ao mártir. Ponto da situação dos dados lendário-históricos sobre São Gens de Lisboa e as sucessivas edificações da ermida a ele consagrada em Lisboa. A capela actual foi edificada após o terramoto de 1755. No interior, pode encontrar-se o retábulo barroco com a imagem de Nossa Senhora do Monte, painéis de azulejos com cenas da vida de Maria, um Cristo em marfim indo-português e um presépio do século XVIII, além da cadeira de São Gens. O autor defende uma possível cronologia pré-cristã do artefacto e a sua primitiva sacralização, à qual teria sucedido posteriormente a cristianização. – (B2-E4-G1).

0931-12-PATRÃO (José Heitor), “Casas de Deus”, *Marvão: obra única do homem e da natureza*, coordenação de BUCHO (Domingos Almeida), Marvão, Câmara Municipal, 1999, p. 75-88, il.

Caracterização do conjunto arquitectónico religioso de Marvão, sede do concelho do mesmo nome, que descreve sumariamente as igrejas paroquiais e não paroquiais fundadas entre os séculos XIV e XIX. Os seus titulares são o Espírito Santo, Santa Maria, Nossa Senhora da Estrela e São Tiago. Alusão às imagens da Virgem, de Nossa Senhora com o Menino e de São João Baptista. Alusão à romaria de Nossa Senhora da Estrela. – (C1-D2-H1).

0932-11-PEREIRA (Célia Nunes), “Notas sobre a capela e arquivo da Venerável Ordem Terceira de Lisboa (1756-1834), guardiães do património carmelita”, *Arqueologia e História*, vol. LXII-LXIII, 2010-2011, p. 205-214, il.

Notas sobre a capela da Venerável Ordem Terceira do Carmo de Lisboa (1756-1834), fundada no claustro do convento de Nossa Senhora do Carmo de Lisboa no século XVII e destruída pelo terramoto de 1755. Tinha pintada no tecto momentos da vida do santo Elias e nas paredes passos de santos da ordem carmelita. Uma nova capela e um novo hospital foram erigidos em 1780. A irmandade organizava diversas festas, como a procissão do Triunfo da Paixão de Nosso Senhor Jesus Cristo, onde seguiam oito esculturas em tamanho natural. Foram igualmente destruídas pelo terramoto e posteriormente substituídas por outras que ainda hoje são cultuadas. – (E3-G2-H1-H2).

0933-07-PEREIRA (Félix Alves), *Sintra do pretérito*, Sintra, Câmara Municipal, 1975, 218 [2] p., il.

Reedição (1.ª em 1957) de uma colectânea de artigos publicados entre 1930 e 1935 no jornal *Diário de Notícias* sobre Sintra, sede do concelho do mesmo nome. Nota histórica e descrição das igrejas de São Martinho de Tours, das ermidas de Santo Amaro, de São Romão e de São Lázaro, assim como de um cruzeiro, construídos desde a Idade Média ao século XVII. É dada uma notícia da imagem de São Pedro e sobre a marca de uma pegada atribuída a Santa Eufémia. A capela de Santa Eufémia tinha uma fonte considerada milagrosa e até ela acorria, ainda no século XVIII, um círio anual proveniente de Lisboa. O autor rejeita a lenda apócrifa da titular da capela, que a considera uma das 9 irmãs gémeas, e defende que se trata de Santa Eufémia da Calcedónia, virgem e mártir. – (B2-C3-C6-E3).

0934-15-PEREIRA (Fernando António Baptista), aliás BAPTISTA (Fernando António), “O santuário do Cabo Espichel: a lenda, o espírito do lugar e o modo de os dar-a-ver, *Revista Santuários: Cultura, Arte, Romarias, Peregrinações, Paisagens*, n.º 1, 2014, p. 116-125., il.

Breve estudo sobre o santuário de Nossa Senhora do Cabo (Espichel), situado no promontório do mesmo nome, na freguesia do Castelo em Sesimbra, sede do concelho do mesmo nome. Descrição das versões da lenda do milagre que está na origem da devoção e do santuário. Análise dos painéis historiados

do interior da ermida da Memória. O culto terá sido incrementado sobretudo a partir do século XV, levando à construção de um primeiro santuário. O santuário teve o seu auge no século XVIII graças ao patrocínio régio, que ofereceu importantes obras de arte. As construções corporizam o espírito do lugar que se dá a ver. O santuário tem exercido larga influência nas populações entre as duas margens do Tejo, renovada anualmente pelos romeiros que o frequentam. Para os outros visitantes atraídos pelo lugar, o autor propõe a criação de um museu do Cabo Espichel. – (C4-H2).

0935-15-PEREIRA (Fernando António Baptista), aliás BAPTISTA (Fernando António), “Sobre o manuelino de Setúbal”, *Movimento Cultural: Revista dos Municípios do Distrito de Setúbal*, n.º 6, 1989, p. 31-39.

Contribuição para um inventário do património monumental manuelino (final do século XV e primeiras décadas do século XVI) da cidade de Setúbal. Notas sobre a igreja paroquial de São Julião, reconstruída a partir de 1513, sobre o convento feminino dominicano de São João Baptista (1529) e, em particular, sobre o convento das clarissas com o nome de Jesus. – (C1)

0936-11-PEREIRA (José Fernandes), *Arquitectura e escultura de Mafra: retórica da perfeição*, Lisboa, Editorial Presença, 1994, 395 p., il.

Estudo de história da arte sobre o palácio-convento de Mafra, sede do concelho do mesmo nome, destinado aos frades arrábidos (ramo franciscano desde 1560, cujo nome deriva do convento fundado em 1539 na Serra da Arrábida (concelho de Setúbal), no quadro da arte portuguesa dos séculos XVII e XVIII. Descrição do edifício: a basílica, o convento, as capelas interiores dedicadas ao Santo Cristo, à Sagrada Família, a Santos Bispos, a Confessores, a Virgens, a Mártires e a São Pedro de Alcântara. Análise iconológica das imagens da fachada, da igreja e das capelas interiores, onde estão expostas as imagens dos santos Agostinho, Ambrósio, André, Barnabé, Bartolomeu, Caetano, Carlos Borromeu, Domingos, Filipe (apóstolo), Francisco de Assis, Francisco de Borja, Francisco de Paula, Francisco Xavier, Jerónimo, João de Deus, Joaquim, José, Lucas Evangelista, Marcos, Paulo Eremita, Roque, Sebastião, Simão, Tiago Menor, Tomás de Aquino, Tomé, Vicente, Pedro Nolasco, Filipe de Néri, Félix de Valois, João de Deus, Bruno de Colónia, Pedro de Alcântara, João da Mata (co-fundador dos trinitários com Félix de Valois), Bernardo de Claraval, Rita de Cássia, Bárbara, Clara de Assis, Isabel (rainha da Hungria), Rainha Santa Isabel, Salomé e Teresa de Ávila, entre outras entidades. As pinturas representam a Santíssima Trindade Coroando a Virgem, a Sagrada Família, Cristo Irado, a Virgem, São Domingos e São Francisco de Assis, assim como os mártires franciscanos adorando a Virgem e Santo António recebendo o Menino Jesus. Um baixo-relevo representa o orago da basílica, Santo António aos pés da Virgem com o Menino ao colo

(figuras do tímpano). Apontamentos sobre os vários ciclos da expansão da Ordem dos Arrábidos em Portugal, a acção de São Pedro de Alcântara e a construção de outros conventos, nomeadamente, os que são dedicados a Nossa Senhora da Arrábida e à Santa Cruz, na Serra de Sintra, concelho do mesmo nome. – (H1-H2).

0937-15-PEREIRA (Maria Teresa Lopes), “O santuário de Santa Maria dos Mártires de Alcácer do Sal (séculos XIII e XVI)”, *As ordens militares e as ordens de cavalaria entre o Ocidente e o Oriente: actas do V encontro sobre ordens militares*, Palmela, Câmara Municipal, 2009, p. 635-676, il., quadro.

Estudo sobre o santuário de Nossa Senhora dos Mártires, hoje denominado Senhor dos Mártires em Alcácer do Sal, sede do concelho do mesmo nome, nos séculos XIII a XVI, que incide no espaço construído inicialmente para sepultura dos mártires cristãos que morreram para conquistar a cidade de Alcácer do Sal. Descrição de capelas funerárias ligadas sobretudo ao mestrado da Ordem de São Tiago. A devoção a Nossa Senhora: descrição de um milagre da aparição de Nossa Senhora a uma mulher. Menção do culto e descrição das imagens de Nossa Senhora da Cinta e de Nossa Senhora das Dores. Descrição das práticas dos romeiros no santuário. A confraria de Nossa Senhora dos Mártires é conhecida desde o início do século XVI. – (D2-D5-F4-G1).

0938-15-PEREIRA (Paulo), BENITO (Paula), *Convento da Arrábida: a porta do céu*, Lisboa, Fundação Oriente, [D.L. 2006], 217 p., il.

Estudo sobre o convento franciscano da Arrábida situado na freguesia de São Lourenço, concelho de Setúbal, na parte da Serra da Arrábida (concelho de Setúbal). Num promontório pertencente ao conjunto montanhoso foi edificado o santuário de Nossa Senhora do Cabo (Espichel, freguesia do Castelo em Sesimbra), exemplo do carácter sagrado das finisterras. A sacralidade do lugar é atestada pelos vestígios de cenóbios muçulmanos, pela fundação de um eremitério, o chamado convento Velho, e pela capela da Memória. A refundação do convento deu-se por acção dos Franciscanos Observantes da província da Arrábida cerca de 1540, mas ganhou a sua configuração actual apenas no início do século XVII. Descrição da arquitectura do convento Velho e caracterização do lugar como “sacromonte”, onde foram edificadas várias ermidas. Descrição da fachada e do interior da igreja do convento Novo, que contém as imagens do fundador, de Nossa Senhora da Arrábida e de São Pedro de Alcântara, entre outras, assim como de várias capelas dispostas ao longo da encosta. Descrição do círio de Nossa Senhora da Arrábida, fomentado por populações de diversas localidades de Setúbal, de Vila Nogueira de Azeitão (freguesias de São Lourenço e São Simão) e de Lisboa, hoje reduzido à população de Vila Nogueira de Azeitão. Fotografia de BENITO (Paula). – (C4-D2-E3-H1).

0939-11-PEREIRA (Paulo), “A igreja e convento do Carmo: do gótico ao revivalismo”, *Comemoração dos 600 anos da fundação do Convento do Carmo: actas do colóquio comemorativo*, Lisboa, Associação dos Arqueólogos Portugueses, 1989, p. 87-112 [4], il.

Descrição da igreja e do convento de Nossa Senhora do Carmo em Lisboa, desde o século XIV até à actualidade. Posteriormente, por imposição popular, foi nomeado com a invocação de Nossa Senhora do Vencimento. Relato de episódios heróicos e lendários associados à Ordem do Carmo, ao Santo Condestável (Nuno de Santa Maria) e a São João Baptista, que teriam sido determinantes para a escolha do local de edificação do templo.

0940-11-PERLOIRO (Paulo), “O Jardim do Carmelo: sobre o Convento do Carmo em Lisboa”, *Carmelo Lusitano*, n.º 7, 1989, p. 35-38.

Descrição sumária do convento de Nossa Senhora do Vencimento em Lisboa, construído entre 1389 e 1422, focando aspectos da sua construção, nomeadamente a localização e a doação à Ordem da Virgem Maria do Monte Carmo pelo seu fundador Nuno Álvares Pereira (Nuno de Santa Maria), que habitou o convento desde 1392. – (G1).

0941-07-PESTANA (Manuel Inácio), *Os documentos & a história – apontamentos sobre a história local: Monsaraz*, Évora, Edição “Epral”, 1997, 237 p., il., quadros.

Compilação de artigos publicados no jornal *A Palavra* sobre a vila de Monsaraz, concelho de Reguengos de Monsaraz. Alguns artigos dão notícia de lugares de culto nos séculos XVII-XVIII: o convento de Nossa Senhora da Orada dos agostinhos descalços, as ermidas de São Sebastião e de Santa Catarina de Alexandria. Alusão às actividades profanas relacionadas com as festas do Corpo de Deus e de São João Baptista em 1716. – (D4-E1-E6).

0942-11-PIMENTEL (António Filipe), “Uma jóia em forma de templo: a capela de São João Baptista”, *Oceanos*, n.º 43, 2000, p. 146-164, il., plantas.

A história da capela de São João Baptista, primeiro chamada do Espírito Santo e São João Baptista, erigida por ordem e patrocínio directo de Dom João V na igreja de São Roque em Lisboa, no século XVIII. A capela foi encomendada em Roma e no seu retábulo devia figurar o Baptismo de Cristo, que devia incluir, além do Salvador, São João Baptista, o Espírito Santo e a Virgem Maria. As pinturas situadas por cima das duas portas laterais são representações da Anunciação e do Pentecostes. – (H2).

0943-15-PIMENTEL (José Cortez), *Arrábida: história de uma região privilegiada*, Lisboa, Edições Inapa, [D.L. 1992], 192 p., il., mapas.

História da região da Serra da Arrábida (concelho de Setúbal), em particular a área de Vila Nogueira de Azeitão (freguesias de São Lourenço e São Simão),

concelho de Setúbal, desde o século XII ao século XX, que contém descrições sobre alguns lugares de culto. Notas sobre a ermida de Nossa Senhora da Arrábida e a sua lenda (século XII), o convento dominicano masculino de Nossa Senhora da Piedade, freguesia de São Lourenço, datado do século XIV, a ermida de Nossa Senhora del Carmen e o convento franciscano masculino da Arrábida (que engloba vários lugares de culto), fundados no século XVI. Menção de outros lugares de culto, como as igrejas paroquiais de São Simão e de São Lourenço, as dedicadas a Nossa Senhora dos Remédios, aos santos Pedro, Sebastião e Marcos, a lapa de Santa Margarida de Antioquia ou da Galiza e a igreja da Misericórdia (século XVI), entre outros, nomeadamente capelas privadas de quintas. Referência a objectos de culto: as imagens dos titulares dos lugares de culto e de outras entidades representam o Senhor dos Passos, o Senhor Crucificado, Nossa Senhora do Rosário, das Necessidades, da Pinha, del Carmen, os santos Gonçalo de Amarante, Miguel Arcanjo, José, Domingos Soriano, Brás e Margarida de Antioquia ou da Galiza; os painéis de azulejo figuram personagens santas e não santas da Ordem de São Francisco de Assis. Menção de algumas festividades em honra de Nossa Senhora da Saúde, da Piedade, de São Sebastião, de São Marcos. Nota sobre os círios a Nossa Senhora da Arrábida. Muito ilustrado, em parte com fotografias de GUERRA (Jorge). – (C1-D2-E3-H1).

0944-07-PINA (Fernando Correia), “O convento de São Paulo de Elvas: breve notícia histórica”, *Callipole: Revista de Cultura*, n.º 2, 1994, p. 51-54.

Notícia histórica do convento masculino da Ordem de São Paulo em Elvas, sede do concelho do mesmo nome, datado do século XVI, sob a invocação de Nossa Senhora dos Remédios, que foi destruído em 1658 durante a Guerra da Restauração (1640-1668). O novo convento, que só ficou concluído em 1721, foi abandonado após a supressão das ordens religiosas em 1834, acabando por ser destruído por um incêndio. A igreja do convento ficou na posse da irmandade da Ordem Terceira de São Domingos até 1886, sendo posteriormente dedicada a usos civis. Transcrição de documentos relativos à fundação e à gestão do convento, datados dos séculos XVI-XVII. – (G2-I1-I3).

0945-11-PINHO (Joana Balsa de), “A capela do Monte de Francisco de Holanda em Camarões (Almargem do Bispo) – novos elementos”, *Artis*, n.º 9-10, 2010-2011, p. 225-240, il.

Breves notas a respeito da capela de Nossa Senhora dos Enfermos, integrada numa quinta situada no lugar de Camarões, freguesia de Almargem do Bispo, concelho de Sintra, cuja autorização para nela se realizar o culto divino data de 1576. Na capela subsiste ainda um retábulo de estilo renascentista, mas a sua decoração interior é composta por azulejos monocromáticos com a representação de cenas da vida da Virgem, já ao gosto setecentista. É feita

alusão à devoção a Nossa Senhora dos Enfermos e à romaria que lhe era associada. – (D2-H2).

0946-15-PINTO (Rui Miguel Costa), “A igreja de Santiago de Almada: alguns contributos para o seu estudo”, *As ordens militares e as ordens de cavalaria na construção do mundo ocidental: actas do IV encontro sobre ordens militares*, FERNANDES (Isabel Cristina Ferreira), Lisboa – Palmela, Edições Colibri – Câmara Municipal de Palmela, 2005, p. 951-980, il.

Contribuição para o estudo da igreja de São Tiago em Almada, sede do concelho do mesmo nome, datada de final do século XII e princípios do século XIII. Descrição da igreja na actualidade e segundo as visitas da Ordem de Santiago de 1478 a 1570. A igreja possui as imagens do Sagrado Coração de Jesus, da Imaculada Conceição, de Nossa Senhora da Assunção, do Rosário, de São Tiago e de São Miguel Arcanjo. Quanto às pinturas representam o Agnus Dei, os símbolos da Paixão, cenas da Paixão e a Última Ceia. As memórias paroquiais de 1758 e as visitas registam ainda imagens e pinturas que figuram Cristo Crucificado, Nossa Senhora da Conceição, da Oliveira, os santos Sebastião, Cristóvão, Brás, Francisco Xavier, Ana e Catarina de Alexandria, assim como capelas instituídas por decisão testamentária e sepulturas. Menção das irmandades dos Escravos do Senhor, do Santíssimo Sacramento, de São Roque, de São Sebastião e das Almas. Em apêndice contém extractos das visitas. – (E4-G1-H1-H2).

0947-07-POCARIÇO (Diogo Nunes), *Roteiro histórico: São Pedro de Penaferrim e tudo o que o vento levou*, São Pedro de Penaferrim, Junta de Freguesia de Sintra (São Pedro e Penaferrim) – Comissão de Festas de Nossa Senhora do Cabo Espichel, 2013, 98 p., il., mapa.

Roteiro histórico da freguesia de São Pedro de Penaferrim em Sintra, sede do concelho do mesmo nome, contendo notas sobre a igreja paroquial de São Pedro, o convento da Trindade, a capelas de São Lázaro e de São Pedro e a ermida de Santa Eufémia, edificados nos séculos XII a XVI. Notícia sobre o círio de Nossa Senhora do Cabo (Espichel, freguesia do Castelo em Sesimbra), que decorre na mesma freguesia. – (C1-D2-E3).

0948-07-POMBINHO (Miriam Raquel Barbeiro), *Redescoberta do convento de Santa Mónica de Évora – Proposta de salvaguarda e valorização do património conventual agostinho*, dissertação de mestrado em Gestão e Valorização do Património Histórico e Cultural apresentada à Universidade de Évora em 2014, 114-XXXIII p., il., quadros, planta. <http://hdl.handle.net/10174/12152> (consultada em 14-09-2019).

Estudo sobre o convento feminino de Santa Mónica da Ordem de Santo Agostinho situado em Évora, a primeira casa feminina desta ordem a surgir

em Portugal. Em 1380 fundou-se um recolhimento de beatas, que viria a ser transformado em espaço conventual em 1421. História do convento desde a sua fundação à sua extinção em 1881. Análise do antigo espaço conventual a partir dos espaços que subsistem do primitivo cenóbio, procurando entender as profundas alterações e adaptações que o edifício conheceu até aos dias de hoje. A igreja foi demolida em 1916, restando apenas o recheio constituído por objectos sagrados e mobiliário. Numa das alas do claustro estava a capela de Nossa Senhora do Rosário. Junto à cerca do convento estava a capela tumular do Jordão (rio na fronteira entre Israel e a Jordânia), que tinha no seu interior uma pintura com a representação do tema da Anunciação e uma escultura do Baptismo de Jesus, que foi transferida para o antigo convento de São Francisco de Assis em Évora. Breve análise dos objectos de culto que estiveram na igreja do convento, hoje dispersos por museus e igrejas locais e regionais: esculturas que representam o Menino Jesus Sorridente, Santo Agostinho e pinturas que figuram Nossa Senhora, a Virgem coroada por anjos que, com São Tiago e Santo António, formam um tríptico, Nossa Senhora da Piedade, a Adoração dos Reis Magos, Pedro atormentado contempla Cristo na coluna, a Descida da Cruz, Agostinho e Nicolau de Tolentino. Em anexo contém um mapa com a distribuição dos conventos e mosteiros da Ordem de Santo Agostinho em território português e uma lista dos mesmos. – (H1-H2-I3).

0949-07-POMBO (Hugo Agostinho Baptista), CORTE (Izelina Andrade da), CUNHA (João Pedro Ferreira Alves da), *O convento de São Bento de Avis*, Lisboa, Estar, 2001, 141 [2]., il. plantas.

Estudo sobre o convento de São Bento da Ordem Militar de Avis, situado na sede do concelho do mesmo nome, fundado em 1211. Descrição da igreja, que possui as capelas dedicadas ao Senhor dos Passos, ao Sagrado Coração de Jesus, ao Santo Cristo, a Nossa Senhora da Orada e aos santos António, Pedro e Bento. Do seu património móvel constam as imagens de Cristo na Cruz, de Nossa Senhora, de diversos santos e santas, como Martinho de Tours, Antão, Francisco Xavier, Brás, Teresinha do Menino Jesus e Escolástica. A obras de pintura representam sobretudo Santo António. A igreja comporta ainda numerosos túmulos. – (C7-H1-H2).

0950-07-QUEIMADO (José Manuel), *Alentejo glorioso: Évora, suas ruas e seus conventos*, Évora, Edição do Autor, 1975, 163 p., il.

Estudo histórico-toponímico e descrição histórica dos conventos (18) da cidade de Évora e do seu concelho, que datam dos séculos XIII a XVI. Os conventos masculinos e femininos pertenceram às ordens de São Bento, dos Cónegos de Santo Agostinho, dos Agostinhos Descalços, de São Jerónimo, de São João Evangelista ou dos Lóios, de São Francisco de Assis, de Santa Clara de Assis, de São Domingos, dos Carmelitas Calçados, dos Carmelitas

Descalços, dos Capuchos, da Cartuxa e à Companhia de Jesus. Os seus titulares são o Salvador, Bom Jesus de Valverde na freguesia de Nossa Senhora da Tourega, a Virgem, Nossa Senhora da Luz, do Carmo, da Graça, das Mercês, do Paraíso, do Espinheiro na freguesia de Canaviais, e os santos António, Bento de Cástris (a invocação tem origem no local onde existiu um castelo ou castro) na freguesia da Malagueira, Domingos, Francisco de Assis, João Evangelista, Catarina de Sena (Siena), Clara de Assis, Mónica e Helena. A invocação Paraíso foi atribuída por uma senhora vizinha do convento que, quando comprou uma imagem de Nossa Senhora de rara beleza a uns peregrinos, acreditou serem estes dois anjos. A invocação Espinheiro teve origem numa lenda que conta como um pastor viu, entre as chamas de um espinheiro que ardia sem se apagar, a imagem de Nossa Senhora com o Menino, mandando fazer depois uma imagem e construir uma ermida. – (A5-F1-F2-H1).

0951-07-QUEIROZ (Jorge), FONSECA (Jorge), *A ermida de Nossa Senhora da Visitação de Montemor-o-Novo e os seus ex-votos*, Montemor-o-Novo, Edição da paróquia de Nossa Senhora da Vila, 1999, 45 p., il.

O culto de Nossa Senhora da Visitação foi adoptado em Portugal por ordem do rei Dom Manuel. Na vila de Montemor-o-Novo, sede do concelho do mesmo nome, o culto terá começado em 1518, sendo por essa data construída uma ermida, que é descrita. O culto compreende missa e procissão desde o século XVII e é organizado pela confraria de Escravos de Nossa Senhora da Visitação. Estudo dos ex-votos da ermida, datando o mais antigo do final do século XVIII. São constituídos por retábulos pintados, fotografias, ceras, animais embalsamados e até um presépio. Análise das tábuas votivas (140), que contêm dados sobre a data, a dimensão, as características das representações, a proveniência dos ofertantes (geografia do culto), as causas dos milagres (sobretudo doenças) e o estado de conservação. Relato das lendas sobre a localização da ermida e a sua fundação, uma das quais conta que Santa Ana teve sete filhas que se davam mal, mas que ela queria que fossem santas, construindo-lhes capelas que se avistam umas das outras: Nossa Senhora de Entre-Águas (Benavila, concelho de Avis), Mãe dos Homens (Alcórrego, concelho de Avis), de Arrabaça (Galveias, concelho de Ponte de Sor), do Ó (Pavia, concelho de Mora), de Brotas (concelho de Mora), da Visitação (Montemor-o-Novo) e do Castelo (Coruche, distrito de Santarém). – (D2-F3-G1-H4).

0952-15-QUINTAS (Maria da Conceição), “Arquitetura religiosa”, *Monografia da freguesia de S. Julião*, coordenação de QUINTAS (Maria da Conceição), Setúbal, Junta de Freguesia de S. Julião, 1993, p. 62-71.

Contributo para a monografia da freguesia de São Julião em Setúbal. Dados sobre a arquitectura religiosa, com descrição de lugares de culto antigos e

actuais: a igreja paroquial de São Julião, as igrejas e ermidas do Senhor Jesus do Bonfim (anteriormente do Anjo da Guarda, século XVII), de Nossa Senhora dos Anjos, do Socorro, do Livramento, os conventos de São Francisco de Assis (1410), de Jesus (1490) de uma comunidade de freiras capuchas de Santa Clara de Assis, de Nossa Senhora do Carmo (século XVI) e de Santa Teresa de Jesus. – (C1).

0953-11-RAIMUNDO (Orlando), *Vila Franca de Xira – Saber mais sobre... Património da Castanheira do Ribatejo e Vila Franca de Xira*, Vila Franca de Xira, Edição da Câmara Municipal, 2011, 63 [2] p., il.

Notas sobre o património edificado das freguesias da Castanheira do Ribatejo e de Vila Franca de Xira, sede do concelho do mesmo nome, contendo informações sobre o património edificado das freguesias e da cidade, nomeadamente igrejas paroquiais, não paroquiais e capelas construídas nos séculos XVI a XVIII e XX. Sobre a freguesia de Castanheira do Ribatejo é dada uma notícia da igreja de São Bartolomeu e da capela de São João Baptista (1956), que substituiu outra da mesma invocação datada de 1554; é também mencionada a antiga ermida de Nossa Senhora do Tojo. Da freguesia de Vila Franca de Xira são destacadas a igrejas de São Vicente, da Misericórdia e de São Sebastião, as capelas e ermidas do Senhor da Boa Morte, de Nossa Senhora da Esperança, hoje em ruínas, de Nossa Senhora de Alcamé, o convento de Santo António e a fonte de Santa Sofia, edificada próximo do local onde existiu uma capela da mesma invocação. A ermida de Nossa Senhora de Alcamé foi fundada na sequência do milagre em que um campino foi salvo de ser mordido por uma serpente ao invocar a Virgem. – (C1-C2-C3-F3).

0954-11-RAIMUNDO (Orlando), *Vila Franca de Xira – Saber mais sobre... Património de Alhandra, Cachoeiras, São João dos Montes e Sobralinho*, Vila Franca de Xira, Edição da Câmara Municipal, 2011, 69 p., il.

Notas sobre o património edificado das freguesias de Alhandra, Cachoeiras, São João dos Montes e Sobralinho, concelho de Vila Franca de Xira, contendo informações sobre o património edificado, nomeadamente das igrejas paroquiais, não paroquiais e capelas construídas nos séculos XIV a XVIII. Na freguesia de Alhandra é destacada a igreja de São João Baptista. Na freguesia de Cachoeiras é referida a igreja de Nossa Senhora da Purificação. Na freguesia de São João dos Montes é realçada a ermida de São Romão que, segundo a lenda, foi construída por ordem de alguns cavaleiros que estiveram prestes a morrer de sede no local onde encontraram uma pequena fonte. Menção da capela privada de São José. Na freguesia do Sobralinho são mencionadas as ruínas do convento de Santo António (de Capuchos), fundado no século XVII e dedicado a Nossa Senhora dos Anjos. – (C1-C3-F1).

0955-11-RAIMUNDO (Orlando), *Vila Franca de Xira – Saber mais sobre... Património de Alverca do Ribatejo e Calhandriz*, Vila Franca de Xira, Edição da Câmara Municipal, 2011, 57 p., il.

Notas sobre o património edificado das freguesias de Alverca do Ribatejo e do Calhandriz, concelho de Vila Franca de Xira, contendo informações sobre as igrejas paroquiais, não paroquiais e capelas construídas nos séculos XV a XVIII e XX. Na freguesia de Alverca do Ribatejo são destacadas as igrejas de São Pedro, dos Pastorinhos de Fátima (único lugar de culto dedicado aos pastorinhos de Nossa Senhora de Fátima desde 2005), da Misericórdia e as ermidas de Nossa Senhora da Piedade e de São Clemente (provavelmente o quarto papa da Igreja de Roma). Na freguesia de Calhandriz é referida a igreja de São Marcos e o cruzeiro. Os pastorinhos Francisco Marto e Jacinta Marto foram beatificados em 2000 e canonizados em 2017. – (C1-C6).

0956-11-RAIMUNDO (Orlando), *Vila Franca de Xira – Saber mais sobre... Património de Forte da Casa, Póvoa de Santa Iria e Vialonga*, Vila Franca de Xira, Edição da Câmara Municipal, 2011, 63 [2] p., il.

Notas sobre o património edificado das freguesias de Forte da Casa, Póvoa de Santa Iria e Vialonga, concelho de Vila Franca de Xira, contendo informações sobre igrejas paroquiais, não paroquiais e capelas construídas nos séculos XIII a XVII e XX. Na freguesia da Póvoa de Santa Iria são destacadas a igreja de Nossa Senhora da Piedade, a ermida de Nossa Senhora da Piedade, o oratório de São Jerónimo e a lapa do Senhor Morto, recriação do sepultamento de Jesus na gruta de pedra tosca em Jerusalém. Na mesma freguesia há ainda as igrejas de Nossa Senhora de Fátima (1956) e de Nossa Senhora da Paz (2004). Na freguesia da Vialonga são realçadas as igrejas de Nossa Senhora da Assunção e de São Sebastião, assim como as capelas de Santa Eulália, construída no local onde, segundo a lenda, a santa terá aparecido, de São Francisco Xavier, de Santo António e o convento de Nossa Senhora do Amparo. A crença popular atribui à imagem de Santa Eulália poderes curativos, tendo sido feito um unguento com pó extraído da pedra de que é feita a imagem para aplicar nos sítios doridos. – (C1-D4-F2-H1).

0957-11-REAL (Manuel Luís), “O convento românico de São Vicente de Fora”, *Monumentos*, n.º 2, 1995, p. 14-23, il.

Contributo para estudo da origem e evolução do convento românico dos Cónegos Regrantes de Santo Agostinho, também conhecido por São Vicente de Fora, freguesia do mesmo nome em Lisboa, desde o século XII até à sua demolição e reconstrução nos séculos XVI-XVII. O convento remonta, segundo o autor, ao período da reconquista de Lisboa em 1147, tendo na sua origem uma ermida edificada junto ao cemitério construído para sepultar os mortos em combate. Entre as várias doações régias é referido o altar à

Virgem Maria, com a imagem que passa a ser venerada sob a invocação de Senhora da Enfermaria. Possuía uma confraria e capela próprias. Menção das relíquias do convento de São Vicente: fragmento da caveira, dos santos Tude, João de Sahagún e Santa Cristina. Análise comparativa do convento de São Vicente de Fora com a casa-mãe, o mosteiro de Santa Cruz de Coimbra. – (G1-H1-H7).

0958-11-REAL (Mário Guedes), “O Senhor roubado”, *Boletim Cultural*, Junta Distrital de Lisboa, n.º 53-54, 1960, p. 65-94, il; separata do *Boletim Cultural*, n.º 53-54, 1960, Lisboa, Oficinas Gráficas Ramos, Afonso & Moita, 1960, 32 p., il. Notas sobre o oratório que evoca a memória do Senhor Roubado situado na freguesia de Odivelas, sede do concelho do mesmo nome, edificado em 1744 no local onde foram encontrados os objectos sagrados que haviam sido roubados na igreja paroquial de Odivelas. Descrição arquitectónica, artística e epigráfica dos doze painéis historiados e transcrição das respectivas legendas, que narram o roubo de objectos sagrados. – (H2-I5).

0959-12-REGO (Francisco Xavier do), “Descrição geográfica, cronológica, histórica e crítica da Vila e Real Ordem de Avis”, *Avis: Cadernos de Divulgação Cultural*, n.º 1, 1985, p. 5-106.

Estudo e publicação de um manuscrito inédito do século XVIII sobre a ordem militar e convento de São Bento de Avis, freguesia de Avis, sede do concelho do mesmo nome, onde se mencionam igrejas paroquiais e não paroquiais, ermidas e conventos, cujos principais titulares são Nossa Senhora da Assunção, da Graça e da Orada, assim como os santos Barnabé, Brás, Mateus, Miguel Arcanjo e Ana. – (C1).

0960-..-REIS (Humberto), CHICÓ (Mário Tavares), *A arquitectura religiosa do Alto Alentejo na segunda metade do século XVI e nos séculos XVII e XVIII*, Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1983, [347] p., mapa, plantas.

Nota de apresentação e lista de lugares de culto representativos da arquitectura religiosa do Alto Alentejo (distritos de Portalegre e de Évora) na segunda metade do século XVI e nos séculos XVII e XVIII. As cinquenta igrejas mencionadas (paroquiais e não paroquiais) são dedicadas, por exemplo, a Nossa Senhora da Estrela, da Assunção, da Cabeça e de Aires (Viana do Alentejo), assim como aos santos Domingos, Tiago, João Baptista, Mamede, Bartolomeu, entre outros. Reprodução das plantas e da documentação fotográfica dos lugares de culto. Estes situam-se nos concelhos de Arraiolos, Borba, Estremoz, Évora, Montemor-o-Novo, Viana do Alentejo, Vila Viçosa, Avis, Marvão, Crato, Elvas e Arronches. Fotografias de NOVAIS (Mário). – (C1).

0961-11-REMA (Henrique Pinto), “O convento de São Francisco da cidade de Lisboa na contingência do terramoto de 1755: testemunho de testemunha presencial”, *Olisipo*, n.º 22-23, 2005, p. 44-49.

Notas sobre o convento de São Francisco de Assis fundado no ano de 1217 em Lisboa, que sofreu um incêndio em 1741 e foi destruído pelo terramoto de 1755. Foi reconstruído e continuou a abrigar a comunidade franciscana de Lisboa até à supressão das ordens religiosas em 1834. – (I3).

0962-11-REMA (Henrique Pinto), “A igreja-casa de Santo António em Lisboa: no 75.º aniversário da presença efectiva da OFM”, *Olisipo*, n.º 18, 2003, p. 81-86.

A fortuna histórica da igreja-casa de Santo António em Lisboa construída no século XV a partir da primitiva capela. A igreja foi encerrada ao culto em 1911 e transformada em armazém durante a República. Em 1926 foi entregue ao patriarcado e à ordem franciscana. A igreja possui a imagem e um retábulo do titular e a imagem de Nossa Senhora das Dores, em cujo altar estão os restos mortais de Santa Justina (mártir, cujo corpo proveniente de Roma terá sido enviado pelo papa em 1777). O número de missas celebradas diariamente era muito elevado até ao século XIX. Nos princípios do século XX, a festa do santo, considerado o padroeiro popular da cidade de Lisboa, no dia 13 de Junho era muito concorrida e compreendia uma parte religiosa e uma tourada. – (E2-H1-H7-I3).

0963-12-REPENICADO (António Vicente Raposo), *Da notável Vila de Castelo de Vide: apontamentos*, separata do Jornal “Terra Alta”, Castelo de Vide, Tip. Castelovidense, 1969, p. 112, il

Coletânea de artigos de jornal, um dos quais dá notícia da fundação do convento da Ordem de São Francisco de Assis situado em Castelo de Vide, sede do concelho do mesmo nome. Na igreja encontram-se cinco altares com as imagens de Cristo, de Nossa Senhora da Conceição, dos santos Francisco de Assis, Domingos, José, Caetano, André, Jorge, Brás e Isabel. O convento é hoje o asilo de cegos de Nossa Senhora da Esperança. Referência às igrejas de Nossa Senhora da Alegria e de Santa Maria, assim como às ermidas Nossa Senhora da Conceição e de Santo Amaro. – (H1).

0964-11-RIBEIRO (Bartolomeu), *O Convento de Santo António do Varatojo*, Braga, Oficinas Gráficas da Editorial Franciscana, 1990, 61 p., il.

Reedição acrescentada de um opúsculo editado em 1956 sobre o convento de Santo António no Varatojo, freguesia de Santa Maria do Castelo e São Miguel em Torres Vedras, sede do concelho do mesmo nome. Foi mandado construir no século XV, em cumprimento de um voto feito por Dom Afonso V a Santo António por este o ter auxiliado nas conquistas de África. Suprimido em 1834, foi de novo ocupado por uma comunidade de franciscanos no

século XX. Descrição da igreja conventual e dos seu altares dedicados ao Coração de Jesus, a Nossa Senhora da Conceição, de Lurdes e das Dores. Sob este altar encontra-se uma urna com as relíquias de São Benedito. Menção de outros lugares de culto: a ermida de Nossa Senhora do Sobreiro (deve o nome a uma pequena imagem encontrada numa fenda de um sobreiro), cuja devoção e festa desapareceram após a implantação da República em 1910, a gruta do Ecce Homo, o nicho de Santo António situado no alto do monte, à entrada do Varatojo, onde se realiza a trezena que precede a festa do seu padroeiro, se fazem promessas e se acendem lâmpadas durante toda a noite. Os objectos de culto referidos pertencentes aos vários lugares de culto são constituídos por imagens, pinturas e azulejos pintados, nomeadamente dos séculos XVI-XVII, que representam cenas da vida de Cristo e de Nossa Senhora, Santo António e os titulares dos altares. – (D2-D4-F2-H2).

0965-11-RIBEIRO (Bartolomeu), *O Menino de Deus, sua igreja e obra social*, [Lisboa], Edição da Paróquia, s.d., 24 p., il.

Breves notas históricas acerca da igreja, hospital e asilo do Menino de Deus, na freguesia do Castelo em Lisboa. São relatados episódios referentes à sua construção pela Ordem Terceira de Xabregas no século XVIII. Parte do edifício sofreu um incêndio no período das invasões francesas e foi posteriormente reparado. Em 1910 deu-se o saque da igreja e o roubo da imagem do Menino de Deus, sendo fechada ao culto. Finalmente, em 1946, a igreja e o hospital foram entregues às irmãs de São José de Cluny e foi aberto o Centro Social do Menino de Deus. Nota sobre a história e culto da milagrosa imagem do Menino de Deus. Alusão à confraria dos Escravos do Menino de Deus e do Senhor do Penedo e à instituição da Ordem Terceira de Santo António de Lisboa. – (D3-G2-H1-I1).

0966-11-RIBEIRO (José Alberto), “A capela do Senhor Jesus da Boa Morte”, *Senhor da Boa Morte: mito, história e devoção*, Vila Franca de Xira, Câmara Municipal, 2000, p. 67-76, il.

Estudo sobre a capela do Senhor Jesus da Boa Morte em Povos, freguesia de Vila Franca de Xira, sede do concelho do mesmo nome. Fundada em data desconhecida, a capela foi dedicada a Nossa Senhora de Povos até meados do século XVIII. A sua substituição pelo culto ao Senhor da Boa Morte está relacionada com a piedade barroca que, seguindo uma nova orientação da Igreja Católica, exaltou o culto da morte de Cristo, entre outros aspectos da sua Paixão. A meados do século XVIII, a renovação da capela levou à incorporação das imagens do Senhor Jesus da Boa Morte, de São Cristóvão e de Santa Bárbara, assim como das pinturas que representam o Sagrado Coração de Jesus e o Sagrado Coração de Maria. O Senhor da Boa Morte é uma imagem jacente com a figura de Cristo, sangrando das chagas, que traduz a

encenação barroca de uma boa morte. O desejo colectivo de uma boa morte levou ao aparecimento dos temas do Senhor do Bom Fim e da Senhora da Boa Morte. – (A5-D3-H1-H2).

0967-11-RIBEIRO (Tiago), “Estudo de reabilitação estrutural da capela de Santa Catarina em Frielas”, *Pedra & Cal*, n.º 40, 2008, p. 38-39, il.

Estudo de reabilitação arquitectónica da capela de Santa Catarina de Alexandria em Frielas, concelho de Loures, datada provavelmente de antes de 1313 e reconstruída no século XVII. A capela está desafecta ao culto.

0968-11-ROCHA (Elisabete), “O convento do Espírito Santo da Pedreira”, *Cadernos Culturais de Telheiras*, n.º 2, 2009, p. 91-93, il.

Nota histórica sobre o convento do Espírito Santo da Pedreira fundado antes de 1279, assim chamado por assentar sobre a pedreira que descia para a Baixa Pombalina em Lisboa. A sua fundação remonta à irmandade com o mesmo nome que possuía uma ermida e hospital. Foi reedificada em 1516 e doada à congregação do Oratório de S. Filipe de Néri em 1671. Depois de arruinado pelo terramoto de 1755, o convento foi reconstruído mas os padres oratorianos só regressaram em 1833, até que no ano seguinte a extinção das ordens religiosas fez com que o convento fosse dessacralizado e vendido a um particular, sendo hoje um centro comercial. – (G1-I3).

0969-11-RODRIGUES (Arminda Mendes), *A igreja de Nossa Senhora da Vitória: irmandade e hospício (1530-1862)*, dissertação de mestrado em Estudos do Património apresentada à Universidade Aberta de Lisboa em 2008, 2 vol., 324-65 p., dactilogr., il., mapas, plantas (consultável na Biblioteca Nacional de Portugal).

A igreja de Nossa Senhora da Vitória, situada na Baixa Pombalina em Lisboa, foi edificada em 1556, agregando a si um hospício que se encontrava adstrito ao Hospital de Todos os Santos, por vontade expressa da irmandade dos Caldeireiros (1530) e de alguns devotos de Nossa Senhora da Vitória. O conjunto patrimonial foi destruído pelo terramoto de 1755 e reedificado entre 1765 e 1824. Estudo da irmandade numa perspectiva cronológica e atendendo à contextualização da fundação e evolução histórica, como materialização das obras de misericórdia, da devoção e do culto marianos. Procura-se através de um estudo comparativo evidenciar a importância da igreja e do hospício como locais de assistência, espaços de sociabilidade e prática devocional. Estudo da nova igreja e do hospício edificados após o terramoto e da sua implantação na renovada malha urbana. Notas sobre o culto a São Jorge e a Nossa Senhora da Vitória, assim como sobre a organização da irmandade. Inventário dos espaços religiosos da Baixa de Lisboa antes e depois do terramoto. Descrição da nova igreja e do seu programa iconográfico composto por pintura, escultura e

azulejos que representam Cristo Crucificado, a Sagrada Família, a Ascensão da Virgem, Nossa Senhora da Vitória, da Piedade, os santos António, Pedro, Agostinho, Gregório Magno, Jerónimo, Ambrósio, Elói, Luzia, Teresinha do Menino Jesus e diversas representações marianas. O volume I contém ainda um apêndice documental e o volume II o apêndice iconográfico. – (G1-G4-H1-H2).

0970-12-RODRIGUES (Jorge), “Arte monumental na diocese de Portalegre no século XVI”, *1.ªs Jornadas de arqueologia do nordeste alentejano, 85: actas*, Coimbra, Gráfica de Coimbra, 1985, p. 171-181 [7], il.

Notas sobre alguns edifícios religiosos da antiga diocese de Portalegre, hoje integrada na diocese de Portalegre-Castelo Branco, nomeadamente, o convento da Ordem de Santo Agostinho fundado em 1570 no local onde existia uma ermida dedicada a Nossa Senhora da Luz em Portalegre; a igreja matriz do Crato, sede do concelho do mesmo nome, erguida talvez no século XIII, possuía pinturas com as representações dos quatro Evangelistas; a igreja do Espírito Santo em Fronteira, sede do concelho do mesmo nome, que foi parcialmente destruída por ordem da autoridade municipal. – (C1-H2-I3).

0971-12-RODRIGUES (Jorge), PEREIRA (Mário), *Elvas*, Lisboa, Editorial Presença, 1996, 94 p., il.

Notas sobre as origens da cidade de Elvas, sede do concelho do mesmo nome, e descrição do património urbano, principalmente dos lugares de culto edificados entre a Idade Média e o século XVIII ainda existentes ou desaparecidos. Dados sobre as igrejas paroquiais e não paroquiais de São Salvador, do Senhor Jesus da Piedade, de Nossa Senhora da Alcáçova, de Nossa Senhora da Praça ou da Assunção, da Consolação ou das Domínicas (por ter sido construída para freiras da Ordem de São Domingos), dos Terceiros de São Francisco de Assis, dos santos Pedro, Paulo e Lourenço. São também descritos os conventos de São Domingos ou de Nossa Senhora dos Mártires, de São Francisco de Assis, dos Hospitaleiros de São João de Deus, a igreja da Misericórdia e as capelas dedicadas a Nossa Senhora dos Bem Casados e a São João Baptista. Dados históricos sobre os objectos de culto que se encontram neles: imagens, pinturas, azulejos pintados que representam cenas da vida de Cristo e de Nossa Senhora, assim como santos. Os conventos foram suprimidos em 1834. – (C1-H1-H2-I3).

0972-12-RODRIGUES (Jorge), PEREIRA (Paulo), “Alguns elementos medievais encontrados em Flor da Rosa (concelho do Crato)”, *1.ªs Jornadas de Arqueologia do nordeste Alentejano 85: actas*, 1985, p. 183-191, il.

Notícia sobre o achado de elementos arquitectónicos supostamente pertencentes ao convento e capela de São Bento, freguesia de Flor da Rosa, concelho do Crato. De origem medieval, foram provavelmente erigidos no local

de um primitivo cenóbio beneditino destruído em 1716. O convento foi a sede dos hospitalários e destruído em 1897. A ele está associada uma lenda sobre a imagem de Nossa Senhora da Flor da Rosa a qual, teimando sempre regressar ao local onde foi encontrada, escolheu dessa forma o lugar para aí ser erigido o seu templo. – (F2).

0973-12-RODRIGUES (Jorge), PEREIRA (Paulo), *Guia artístico do Crato*, Crato, Câmara Municipal, 1989, 79 p., il., plantas.

Guia do espólio artístico do concelho do Crato que menciona diversos lugares de culto (igrejas paroquiais, capelas e conventos), em actividade ou desaparecidos, que datam dos séculos XV a XVIII. Os seus titulares são nomeadamente o Espírito Santo e os santos Pedro, André, Gregório Magno, Amaro e António. As imagens figuram Cristo, o Senhor dos Passos, Nossa Senhora da Piedade, da Conceição, da Flor da Rosa, a Virgem com o Menino, os santos Sebastião, António, Bartolomeu, João Baptista, Marcos, Francisco de Assis, Jorge, Miguel Arcanjo e Catarina de Alexandria. As pinturas representam cenas da vida de Jesus e da vida da Virgem, assim como Nossa Senhora dos Mártires, entre outras representações. Menção da procissão do Senhor dos Passos. A capela da Misericórdia possui uma bandeira do século XVII. – (C1-H1-H2-H3).

0974-11-RODRIGUES (Maria João Madeira), *A capela de São João Baptista e as suas colecções: na igreja de São Roque em Lisboa*, [Lisboa], Edições Inapa, 1988, 253 p., il.

Estudo de âmbito arquitectónico e artístico da capela de São João Baptista (século XVIII) localizada na igreja de São Roque, freguesia do Sacramento, em Lisboa, em que a celebração do titular se encontra em todos os elementos decorativos. Análise iconográfica de objectos de culto: imagens, baixos-relevos, pinturas e painéis de azulejo retratando episódios bíblicos referentes ao nascimento, ao baptismo de Cristo e à vida de São João Baptista, nomeadamente, o retiro no deserto. Notas sobre os relicários da igreja de São Roque, dos quais são referidos os dos santos Félix, Próspero, Urbano e Valentim (mártir, bispo, século IV). Inventário das colecções de alfaias religiosas e relicários onde se encontram representações dos santos João Baptista, Agostinho, Ambrósio, Tomás de Aquino, Boaventura, Leão Magno, Valentim e Próspero. – (H1-H2-H7).

0975-11-RODRIGUES (Maria João Madeira), “A igreja de São Roque de Lisboa: proposta de interpretação”, *Boletim Cultural*, Junta Distrital de Lisboa, n.º 73-74, 1970, p. 5-25 [18], il., plantas; *A igreja de São Roque*, Lisboa, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, 1980, 28 [1] p.

Breve historial e descrição da igreja de São Roque (1565-1573) em Lisboa, que foi a primeira casa professa da Companhia de Jesus em Portugal. A doutrina

preconizada pela Companhia de Jesus originou a emergência do tipo ideal de igreja da Companhia, conforme ao ditames do Concílio de Trento, que se expressa também na arquitectura das igrejas do Espírito Santo, situada em Évora, e de São Paulo, localizada em Braga, datadas da segunda metade do século XVI, entre outras. O retábulo esculpado da capela-mor representa os santos Francisco Xavier, Luiz Gonzaga, Francisco de Borja e Inácio de Loyola. A igreja foi construída no local onde já existia a ermida de São Roque, hoje integrada na igreja. Nela foi criada a irmandade de São Roque (1525-1527). – (A5-G1-H1-H2).

0976-RODRIGUES (Rute Andreia Massano), *O convento de Nossa Senhora dos Mártires e da Conceição – entre a secularização e as propostas de reutilização cultural*, dissertação de mestrado em Arte, Património e Restauro apresentada à Faculdade de Letras de Lisboa em 2010, 467 p., il., plantas. <http://hdl.handle.net/10451/4083> (consultada em 26-08-2020).

Estudo sobre o convento feminino de clarissas de Nossa Senhora dos Mártires e da Conceição fundado em Sacavém, concelho de Loures, nas últimas décadas do século XVI. Após a extinção do convento em 1834, a igreja passou a sede paroquial no ano de 1863 e, depois de um interregno, voltou a ser matriz de Sacavém em 1956. A fundação da ermida de Nossa Senhora dos Mártires (século XVI) deu origem a uma festa motivada por cura de doença e, mais tarde ao mosteiro, cuja igreja viria a ser construída em 1596. No convento existiram numerosas relíquias. Menção das imagens de Santa Clara de Assis, na cabeceira do edifício, de Santa Ana mestra, de São José e de São Miguel Arcanjo, que estiveram na capela do santuário de Nossa Senhora da Saúde também em Sacavém, da padroeira Nossa Senhora da Purificação e do trono do Santíssimo Sacramento. São ainda referidos azulejos com a representação da vida de José do Egipto e um vitral com a Mãe de Deus. – (C1-H1-H2-I3).

0977-15-ROQUE (Maria Isabel), FORTE (Maria João), “Senhora do Cabo: santuário, culto e turismo entre a tradição e a transformação”, *Gaudi Sciendi*, n.º 14, 2018, p. 51-84, il. <https://revistas.ucp.pt/index.php/gaudiumsciendi/article/view/2989> (consultada em 26-08-2020).

Contribuição para o estudo do santuário de Nossa Senhora do Cabo (Espichel) na freguesia do Castelo em Sesimbra, sede do concelho do mesmo nome, numa perspectiva história e na atualidade. São analisados as lendas e a origem do culto; a evolução do edificado do santuário (ermida da Memória, a igreja, as hospedarias) e os seus objectos de culto (painéis de azulejo, pinturas e imagens); os círios da região saloia (área rural dos arredores de Lisboa, a norte do rio Tejo) em particular o de Loures, sede do concelho do mesmo nome, do ano de 2017. Este, contrariamente ao habitual, deslocou-se ao santuário no Cabo Espichel. O círio a Nossa Senhora do Cabo dos saloios

foi uma peregrinação feita anualmente entre a região saloia nos arredores de Lisboa e o santuário do Cabo Espichel, até ser interrompida em 1887. É abordada a forma como esta prática religiosa, a que se associam actividades profanas, evoluiu e como é vivida na actualidade, identificando as motivações de quem procura o santuário, que misturam devoção e lazer. Procura-se ainda compreender os efeitos do turismo no sentido do lugar, considerando a projectada reconversão das antigas hospedarias de peregrinos em unidade hoteleira. Os giros ao Cabo tiveram início apenas com as freguesias do concelho de Almada, alargando-se depois à zona norte de Lisboa. São referidos oito círios: os de Nossa Senhora do Monte da Caparica (freguesia da Caparica), do Termo ou dos Saloios, de Arrentela e Seixal, de Almada, de Lisboa, de Palmela, de Vila Nogueira de Azeitão (freguesias de São Lourenço e São Simão) e de Sesimbra. O círio do Termo ou dos Saloios conheceu várias oscilações na sua composição até se fixar em vinte e seis freguesias: Alcabideche, Carnaxide, São Pedro de Penaferrim, Belas, Loures, Carnide, Barcarena, Lousa, Santo Antão do Tojal, Oeiras e São Julião da Barra, Benfica, São Domingos de Rana, São João das Lampas, Montelavar, Rio de Mouro, Belém, Cascais, Odivelas, São Martinho, Almargem do Bispo, Santo Estêvão das Galés, Igreja Nova, Terrugem, Fanhões, Santa Maria e São Miguel de Sintra. O estudo, de carácter qualitativo e descritivo, baseia-se numa revisão das publicações sobre o tema à luz das fontes históricas, complementada com entrevistas não estruturadas e observações participantes. Na sequência da constatação da revitalização do culto, recuperando tradições abandonadas enquanto outras se perdem ou são modificadas, conclui-se que a transformação do culto pode ser entendida como um factor que contribui para a sua continuidade. – (C4-D2-E3-G1).

0978-11-SÁ (Fernando Pereira), *Freguesia de Dois Portos e seu património*, Lisboa, Ministério da Cultura – Inspecção Geral das Actividades Culturais, 2006, 731 p., il., mapa.

Conjunto de textos e de fotografias sobre a freguesia de Dois Portos, concelho de Torres Vedras, que contém breves notas e sobretudo fotografias do património edificado da freguesia, nomeadamente, a igreja paroquial de São Pedro (século XVI), as igrejas não paroquiais e capelas públicas e privadas, que datam dos séculos XVI a XVIII, de 1806 e de 1940. São dedicadas ao Espírito Santo, a Nossa Senhora dos Anjos, dos Prazeres, de Fátima, da Esperança, da Purificação, da Conceição, das Necessidades, da Luz, da Guia e a São José. Dados sobre o santuário de Nossa Senhora dos Milagres com a sua fonte santa, junto da qual Nossa Senhora apareceu a um pastor que sofria com a sede. Outros lugares de culto referidos são o cruzeiro, as pequenas capelas dos Passos da Paixão e os oratórios portáteis com o Senhor Jesus Crucificado. Em honra dos titulares destes lugares de culto fizeram-se ou ainda se fazem festas. – (C1-C3-D2-F4).

0979-11-SALDANHA (Nuno), “A Basílica da Estrela”, *O livro de Lisboa*, coordenação de MOITA (Irisalva), Lisboa, Livros Horizonte, 1994, p. 389-400, il.

Breve estudo sobre a basílica da Estrela, freguesia da Lapa em Lisboa, primeira igreja consagrada ao Santíssimo Coração de Jesus, erigida no século XVIII na sequência de voto expresso pela futura rainha Dona Maria I no dia do seu casamento: mandaria construir uma igreja e um convento para louvar o Santíssimo Coração de Jesus que seria entregue às religiosas reformadas da Regra de Santa Teresa como ex-voto pela concessão da graça de dar um herdeiro varão. Notas sobre a origem e evolução da devoção ao Santíssimo Coração de Jesus, particularmente nos séculos XVII-XVIII, onde se relatam as visões e os episódios mais relevantes da devoção de Santa Margarida Maria Alacoque (Borgonha, 1647-1690) ao Coração Santíssimo de Jesus, assim como o seu contributo para a propagação do culto. Em Portugal, a expulsão da Companhia de Jesus, que apoiava o culto, e a forte oposição da Congregação do Oratório, de inspiração jansenista (consideravam o culto uma idolatria, por ser um culto por via carnal e denunciaram-no como errado e perigoso), conduziram a uma tardia consolidação da devoção. A autorização papal da dedicação da basílica ao Sagrado Jesus só veio a ser concretizada a partir de 1777. São mencionadas imagens, pinturas e um baixo-relevo com representações do Santíssimo Coração de Jesus, de Nossa Senhora da Conceição com São José e dos santos António, Domingos, Elias (considerado pelos carmelitas como seu patrono e fundador), João da Cruz, José, Maria Madalena de Pazzi e Teresa de Ávila. – (D3-H1-H2-H4).

0980-11-SALDANHA (Sandra Costa), *A Basílica da Estrela: real fábrica do Santíssimo Coração de Jesus*, Lisboa, Livros Horizonte, 2008, 192 p., il., quadros, plantas.

Estudo sobre o convento ou basílica da Estrela de carmelitas descalças, uma encomenda régia, dedicado ao Santíssimo Coração de Jesus, situado na freguesia da Lapa em Lisboa, que se materializou como ex-voto da Infanta Dona Maria (futura rainha Dona Maria I), caso esta concebesse um filho varão. O livro trata das etapas fulcrais da encomenda e da construção, das características arquitectónicas no âmbito da orgânica religiosa intrínseca. O monumento edificado desde 1779, tem sido muito criticado desde a época da sua construção por razões económicas e também de âmbito artístico e historiográfico. As pinturas da igreja e convento podem, basicamente, dividir-se em quatro tipos: temática alusiva à ordem carmelita, onde se incluem sobretudo passos da vida de Santa Teresa de Ávila; temas relacionados com a devoção e encomenda do templo e convento, com representações da Rainha, do Santíssimo Coração de Jesus e de religiosos carmelitas; e outros assuntos de cariz religioso, onde se integram temas que não cabem no propósito essencial da construção, como a vida de Cristo, da Virgem e santos.

Quanto à azulejaria, encontram-se na Sala de Santa Teresa os painéis representando cenas da vida de Santa Teresa de Ávila. Semelhantes a estes, são os da primitiva Sala do Presépio, com passos da vida da Virgem, temática apropriada à primitiva função do local em que se encontram. Na escultura são representados os santos Elias, João da Cruz, Teresa de Ávila e Maria Madalena de Pazzi, assim como a Fé, a Devoção a Gratidão e a Liberalidade. – (H1-H2-H4).

0981-07-SALGUEIRO (Tiago Passão), *A adaptação da igreja de Santa Cruz a Museu de Arte Sacra de Vila Viçosa*, dissertação de mestrado em Museologia apresentada à Universidade de Évora em 2006, [4] 158 [36] p., dactilogr., il., plantas, quadros (consultável na Biblioteca Nacional de Portugal).

Estudo sobre a evolução da igreja do convento de Santa Cruz de religiosas da Ordem dos Eremitas Calçados de Santo Agostinho em Vila Viçosa, sede do concelho do mesmo nome, desde a sua edificação no século XVI até à sua adaptação para museu de arte sacra. Breve caracterização da presença da Ordem dos Agostinhos em Portugal. Outros conventos que se foram instalando em Vila Viçosa pertenciam às Ordens de Santo Agostinho (1267), dos Franciscanos Capuchos (1500), de Santa Clara de Assis (1533 e 1548) e à Companhia de Jesus (1604). No período moderno houve trinta e seis confrarias nos lugares de culto de Vila Viçosa, predominando as de devoção. Descrição do convento e da igreja de Santa Cruz. Menção de diversas imagens e pinturas da igreja de Santa Cruz e do museu de arte sacra. Contém anexos e apêndice documental. – (G1-G2-H1-H2).

0982-11-SANTOS (Eugénio dos), “Monografia da paróquia de Santa Engrácia de Lisboa”, *Olisipo*, n.º 141, 1978, p. 80-85.

História da paróquia de Santa Engrácia, freguesia do mesmo nome em Lisboa. Descrição da antiga igreja paroquial e da actual dedicada a Nossa Senhora Porciúncula, que foi inicialmente a igreja conventual dos Barbadinhos, membros da Ordem dos Frades Menores Capuchinhos de Santa Engrácia, fundada em 1742. Alusão à capela de Nossa Senhora do Paraíso e à igreja de Santa Marta. Nestes lugares de culto estiveram ou estão expostas as imagens de Santo Cristo, de Nossa Senhora da Esperança, dos santos António (desaparecida), Frutuoso, Engrácia, Lupércio, Gonçalo de Amarante e de Santa Senhorinha (desaparecida), assim como baixos-relevos representando a cena da Ressurreição, a Ceia, a Queda de Maná e a Adoração do Cordeiro, dois quadros que figuram a Apresentação de Jesus no Templo e o Casamento de Nossa Senhora. São referidas as irmandades do Santíssimo Sacramento (fidalgos), dos Cem Escravos e das Almas e o relicário de Santa Engrácia, doado pela infanta Dona Maria (1595). – (D4-G1-H1-H7).

0983-11-SANTOS (Maria Helena Carvalho dos), “Ameixoeira Velha e Ameixoeira Nova: alguns aspectos actuais”, *Olisipo*, n.º 3, 1996, p. 89-91, il.

Brevíssima história da freguesia da Ameixoeira (paróquia desde 1541) em Lisboa. A sede da paróquia foi instalada na ermida conhecida por Nossa Senhora do Funchal (de funcho), mais tarde denominada Nossa Senhora da Encarnação.

0984-11-SANTOS (Maria Teresa Pires dos), FONSECA (Jorge M. Rodrigues), “O convento de Nossa Senhora da Nazaré (Bernardas Descalças)”, *Olisipo*, n.º 2, 1996, p. 121-126, il.

História da criação e descrição do convento de Nossa Senhora da Nazaré de freiras bernardas descalças desde a fundação em Lisboa, no ano de 1654, até à extinção da ordem em 1834. Actualmente é um armazém de móveis. Na igreja havia a imagem de Nossa Senhora da Nazaré e da Virgem. Alusão aos conventos de Nossa Senhora da Esperança, das Trinas, de São Bento de Xabregas (1429) e de Nossa Senhora do Desterro (1591). Notícia histórica da Ordem de Cister em Portugal e em Lisboa: o primeiro estabelecimento em Portugal foi em São João de Tarouca (distrito de Viseu), a partir de 1143-1145. – (H1-I3).

0985-15-SEIXAS (José Joaquim Rita), “A ermida de S. Gonçalo de Palmela”, *I Colóquio Gonçalino*, Lagos, Câmara Municipal, 1962, p. 89-97.

Notícia sobre a capela de São Gonçalo de Lagos em Palmela, sede do concelho do mesmo nome, provavelmente construída no século XVII. O problema da identificação do padroeiro da ermida que se confunde com São Gonçalo de Amarante (distrito do Porto). O culto de São Gonçalo de Lagos (distrito de Faro) está associado às famílias nobres que habitaram a região e terão construído a capela. A iconografia existente na ermida identifica o santo, que aparece representado em azulejos e numa imagem com as vestes de Santo Agostinho, em tudo semelhante aos azulejos existentes na igreja de Nossa Senhora da Graça em Torres Vedras, sede do concelho do mesmo nome, onde se encontra o seu túmulo. A imagem é objecto de veneração popular no dia da festa do santo. – (C7-D4-H1-H2).

0986-07-SEIXAS (Raquel Alexandra do Rosário), *O santuário de Nossa Senhora de Aires: arquitectura e devoção (1743-1792)*, dissertação de mestrado em História da Arte Moderna apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa em 2013, 227 [p. 2], il., plantas. <http://hdl.handle.net/10362/11915> (consultada em 2-1-2021).

Estudo sobre o santuário de Nossa Senhora de Aires em Viana do Alentejo, sede do concelho do mesmo nome. Historial da origem e da difusão do culto a Nossa Senhora de Aires: a construção da lenda (a sacralização do espaço

e do tempo; origens e incremento da devoção); o princípio da devoção, que data pelo menos do século XVI, e a sua expansão graças ao contributo da confraria de Nossa Senhora de Aires. Fundada em 1730, passou a ter a responsabilidade de promover a devoção e de organizar a festa no quarto domingo de Setembro, de sábado a segunda-feira, que compreendia celebrações religiosas, com destaque para a procissão, e manifestações profanas censuradas pelo poder eclesiástico. Uma das versões da origem do culto aponta para o achamento de uma imagem de Nossa Senhora por um lavrador; a outra para a aparição de Nossa Senhora a um lavrador dizendo que queria que no lugar onde apareceu fosse erigida uma capela. A crescente afluência de peregrinos justificou a substituição da primitiva ermida pelo novo santuário construído entre 1743 e 1792, fazendo recrudescer o culto, expresso no número de peregrinos, oriundos sobretudo do Alentejo (distritos de Portalegre, Évora, Beja e parte do distrito de Setúbal) e nos ex-votos. Os numerosos ex-votos são sumariamente analisados: tábuas pintadas, fotografias, vestidos de criança e de noiva, tranças, ceras de vários formatos e quadros com bordados, assim como animais embalsamados que simbolizam o agradecimento pela cura e a protecção atribuídas a Nossa Senhora de Aires. Descrição pormenorizada da igreja: as características da organização do espaço sagrado e a relação entre a arquitectura e a devoção; os objectos de culto compostos por pinturas dos santos Francisco de Assis, Jerónimo, Gregório Magno, Ambrósio e Agostinho; bustos-relicários; imagens de Nossa Senhora de Aires, de Santa Ana com Nossa Senhora, de São José com o Menino, dos santos Joaquim, Amaro, Luís Gonzaga e dos Evangelistas. No espaço circundante ao santuário foi construída, nos finais do século XVIII e inícios do século XIX, a capela do Senhor Jesus do Cruzeiro. Para a sua construção muito contribuiu a Congregação dos Oratorianos de São Filipe de Néri sediados em Estremoz, sede do concelho do mesmo nome. O estudo procura compreender as intenções subjacentes à obra, enquadrando-a no contexto histórico e artístico do seu tempo. A formação mística e filosófica do projectista oratoriano é também tida em consideração na análise arquitectónica. Contém uma lista de imagens e anexos com documentos. – (D2-F2-G1-H4).

0987-07-SEQUEIRA (Gustavo Adriano de Matos), *O Castelo de Vila Viçosa*, Lisboa, Fundação da Casa de Bragança, 1961, 38 p., il.

A propósito do estudo do castelo de Vila Viçosa, sede do concelho do mesmo nome, é feita uma breve descrição da igreja medieval denominada Santa Maria do Castelo e mais tarde Nossa Senhora da Conceição. Nas capelas interiores guardam-se uma cruz-relicário, azulejos pintados, pinturas e imagens que representam o Menino Jesus, a Aparição de Cristo (século XVI), a Ressurreição e Nossa Senhora da Conceição. – (H1-H2-H7).

0988-SEQUEIRA (Gustavo Adriano de Matos), *Igrejas e mosteiros de Lisboa*, Lisboa, Edição da Câmara de Lisboa, [D.L. 1961], 107 p. il.

Guia bilingue (português-francês) com breves apontamentos descritivos das igrejas paroquiais e não paroquiais, bem como de mosteiros e conventos da cidade de Lisboa. Alguns dos lugares de culto, que foram construídos entre a Idade Média e o século XVIII, já desapareceram, estão em ruínas ou foram desafectados, em parte por causa da supressão das ordens religiosas em 1834. Disso são exemplo os conventos do Espírito Santo, da Trindade, de Nossa Senhora do Carmo, de Nossa Senhora da Graça, dos Lóios, da Esperança e os que tem por patronos os santos Antão, Francisco de Assis, Domingos e Clara de Assis. – (I3).

0989-15-SERRÃO (Eduardo da Cunha), SERRÃO (Vitor), *Sesimbra monumental e artística*, 2.^a edição, Sesimbra, Câmara Municipal, 1997, 196 p., il., mapas, plantas.

Edição revista e aumentada (1.^a edição data de 1986) do estudo sobre os mais destacados monumentos e valores artísticos de Sesimbra, sede do concelho do mesmo nome, que em grande parte são lugares de culto fundados entre os séculos XIII e XVIII, nomeadamente sobre o seu significado e evolução. As igrejas paroquiais e não paroquiais (5), as capelas (cerca de 15), os cruzeiros e um santuário cujos titulares são o Senhor Jesus dos Navegantes, o Espírito Santo dos Mareantes, Nossa Senhora do Castelo, Nossa Senhora do Cabo (Espichel, freguesia de Castelo), da Conceição, da Consolação, os santos João Baptista, Tiago, Sebastião e Ana, assim como a capela da Misericórdia e a da Memória, esta também no Cabo Espichel. Nos lugares de culto e no Museu Arqueológico Municipal encontram-se imagens dos titulares e ainda da Santíssima Trindade, de Nosso Senhor das Chagas, da Virgem com o Menino, Mãe dos Homens, da Piedade, do Rosário e dos santos Ivo, Pedro Gonçalves Telmo e Clara de Assis. As pinturas datam dos séculos XVI-XVII e representam o Pentecostes, a Adoração dos Magos, os Pastores, episódios da Vida da Virgem, Nossa Senhora da Piedade e do Rosário, os santos António e Brás; os painéis de azulejo figuram cenas da Vida de Maria. Há ainda 4 pendões e cruzeiros com as representações dos Passos da Paixão, de Cristo Crucificado, de Nossa Senhora da Misericórdia e da Piedade. O culto a Nossa Senhora do Cabo no santuário situado na freguesia do Castelo remonta a 1410, após aparição de Nossa Senhora a dois velhotes da Caparica, concelho de Almada, indicando-lhes o local onde se encontrava a imagem de Nossa Senhora e onde depois foi edificada a ermida da Memória. A confraria do Corpo Santo ou Pedro Gonçalves Telmo (uma das primeiras corporações de mareantes) e depois a do Espírito Santo dos Pescadores e Mareantes tiveram a seu cargo a capela e o hospital (hospício, destruído na década de 40 do século XX), prestando auxílio mútuo, espiritual e financeiro aos

pescadores. Notas sobre a Santa Casa da Misericórdia fundada no século XVI. – (C1-G4-H1-H2).

0990-12-SERRÃO (Vítor), “Património histórico e artístico de Alpalhão: alguns acervos a descobrir”, *Alpalhão: património histórico e artístico*, [Alpalhão], [Liga de Amigos de Alpalhão], 2015, p. 15-72, il.

Reprodução de uma conferência proferida em 2006 pelo autor sobre o património histórico e artístico da vila de Alpalhão, concelho de Nisa. São destacadas a igreja paroquial de Nossa Senhora da Graça, datada do fim do século XVII, a capela do Calvário, da segunda metade do século XVI, a igreja da Misericórdia, cuja capela-mor pertenceu à capela do Espírito Santo, e as capelas de São Sebastião (século XVI) e de Nossa Senhora da Redonda. É também referido um cruzeiro com a figuração de Cristo Crucificado e Nossa Senhora da Piedade. Nossa Senhora da Redonda é famosa pela sua romaria na segunda-feira a seguir ao Domingo de Páscoa. Menção de várias imagens, pinturas, azulejos pintados e bandeiras da Misericórdia existentes nos lugares de culto. – (D2-H1-H2-H3).

0991-11-SILVA (André Duarte Martins da), *A basílica patriarcal de D. João V*, dissertação de mestrado em História das Artes apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas de Lisboa em 1918, 206 p., il., plantas. <http://hdl.handle.net/10362/70202> (consultada em 02-01-2021).

Ao subir ao trono em 1707 o rei Dom João V incrementou consideravelmente o investimento que desde a Restauração se vinha fazendo na Capela Real, edificada em 1640 na cidade de Lisboa, sobre a qual é dada uma nota histórica. A empreitada foi dividida em duas fases – 1707-1712 e 1712-1719 –, incidindo na cabeceira e no corpo do templo, respectivamente. Ao mesmo tempo, a capela Real foi elevada a paróquia e a colegiada e, em 1716, a Basílica Patriarcal. Em troca de apoio militar, o Rei conseguira do papado a divisão de Lisboa e a criação de um patriarca para capelão régio, à semelhança dos reis de Espanha que já o tinham desde o século XVI. Em 1739 materializou-se a longamente esperada renovação da patriarcal com a ampliação da capela do Santíssimo Sacramento e a encomenda em Roma de uma estátua de Nossa Senhora da Conceição em tamanho natural. Os trabalhos nunca se concluíram, pois o terramoto de 1755 ditou o desaparecimento do complexo. Contém anexos iconográfico e documental. – (H1).

0992-11-SILVA (Augusto Vieira da), *Dispersos*, Lisboa, Câmara Municipal, 1960-1968, 3 vol., p. 464-408-388, il., plantas.

Compilação de artigos ou simples anotações publicadas na *Revista Municipal* e em outras revistas, boletins e jornais de Lisboa na primeira metade do século XX. No volume I é tratada a temática religiosa presente nos textos sobre a

evolução paroquial de Lisboa e nas notícias históricas das freguesias da cidade que mencionam diversos lugares de culto, como igrejas paroquiais, capelas e o mosteiro chamado da Esperança. O mosteiro foi fundado em 1527 e na sua igreja estabeleceu-se uma confraria de marítimos e pescadores, cuja padroeira era Nossa Senhora da Esperança, invocação que o povo passou a dar ao mosteiro. Devido ao terramoto de 1755, os irmãos da confraria levaram as imagens do Senhor dos Navegantes e de Nossa Senhora da Caridade para uma capela sob a invocação de Senhor dos Navegantes. Descrição do mosteiro e da sua igreja, demolidos após a extinção em 1888 com a morte da última freira, para dar lugar a ruas e a um quartel dos bombeiros. A igreja possuía capelas e altares dedicados ao Amor Divino, a Nossa Senhora da Piedade, da Esperança, da Boa Morte, da Soledade e aos santos Domingos, Francisco de Assis, Jerónimo, João Evangelista, José, António, Miguel Arcanjo e Clara de Assis. Inventário com a indicação da distribuição dos bens do convento. No volume II é dada uma nota descritiva sobre a ermida de Santo Amaro, que foi construída em 1538 e posteriormente profanada e roubada durante a vigência do regime republicano (1910-1926). O culto foi restabelecido em 1927. – (C1-G4-H1-I3).

0993-11-SILVA (Carlos Guardado da), “O Mosteiro de Penafirme”, *Turres Veteras II – História moderna*, Torres Vedras – Lisboa, Câmara Municipal – Edições Colibri – Instituto de Estudos Regionais e do Municipalismo “Alexandre Herculano” [D.L. 2000], p. 81-95, mapa, quadros.

História do mosteiro beneditino masculino de Nossa Senhora da Graça em Póvoa de Penafirme, freguesia de A dos Cunhados, concelho de Torres Vedras. A sua fundação deve-se, possivelmente, à fixação de uma comunidade da ordem dos Eremitas de Santo Agostinho. Inicialmente foi construído junto à praia de Santa Rita, mas em 1597 foi edificado novo mosteiro em Póvoa de Penafirme, que na sua forma actual data do século XVIII.

0994-11-SILVA (Carlos Manique), *A capela de São Lázaro e a Gafaria de Sintra*, Sintra, Santa Casa da Misericórdia, 1999, 47 p., il.

Estudo sobre a capela, a gafaria e o hospital de São Lázaro situados na freguesia de São Pedro de Penaferrim em Sintra, sede do concelho do mesmo nome. A instituição tinha como finalidade recolher os que padeciam de lepra. Exerceu esta função entre os séculos XIV e XVI. Após 1545 ficou sob a administração da Santa Casa da Misericórdia de Sintra. Transcrição de descrições pertencentes ao Tombo das Heranças e propriedades do Hospital do Santo Espírito da Vila de Sintra. – (G2).

0995-11-SILVA (J. Gomes da), “Sobre a igreja de São Sebastião que começou a ser edificada no Terreiro do Paço pelo rei D. Sebastião no ano de 1571”, *Olisipo*, n.º 18, 2003, p. 55-63, il.

Notícia sobre a igreja de São Sebastião que começou a ser edificada em 1571 no Terreiro do Paço em Lisboa, na sequência de um voto do rei Dom Sebastião (morreu em 1578) por ocasião de uma peste que assolou Lisboa, e que foi mandada arrasar por Filipe I. Desta igreja ter-se-á feito aproveitamento de cantarias e de ornamentos alusivos ao santo que integram a igreja de São Vicente de Fora, freguesia do mesmo nome, porque o rei a destinou ao culto dos dois mártires. O culto de São Sebastião em Lisboa acentuou-se a partir do século XVI por causa das pestes e por acção do rei Dom Sebastião, que tinha muita devoção ao santo. Este rei obteve do papa indulgências iguais às concedidas aos romeiros de Roma para os que cultuassem as relíquias do santo no dia da sua festa e recebeu do papa uma das setas com que o santo foi martirizado em Roma. As mortes provocadas pelo grande número de pestes e por fenómenos naturais são apontadas como as razões da devoção e culto. – (D4-H4-H7).

0996-15-SILVA (José Custódio Vieira da), “A igreja de Santiago do Castelo de Palmela”, *O Castelo e a Ordem de Santiago na história de Palmela: catálogo da exposição*, coordenação de PEREIRA (Fernando António Baptista), aliás BAPTISTA (Fernando António), CONDEÇO (António Simão), PACHECO (Paulo), Palmela, Câmara Municipal, 1990, p. 171-176.

Notas sobre a igreja tardo-gótica de São Tiago situada no castelo de Palmela, que foi sede da Ordem Militar de Santiago da Espada. Fundada no terceiro quartel do século XV, caracteriza-se pelo despojamento decorativo. Foi utilizada pelo povo de Palmela, sede do concelho do mesmo nome, durante o período da Quaresma, apesar da paroquial ser a igreja de Santa Maria.

0997-07-SILVA (José Custódio Vieira da), “A reconstrução da igreja do convento de São Francisco de Évora”, *Francisco Henriques: um pintor em Évora no tempo de D. Manuel*, coordenação GOUVEIA (António Camões), Évora, Comissão Nacional Para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses – Câmara Municipal de Évora, 1997, p. 17-33, il.

Breve historial da igreja do convento de São Francisco de Assis em Évora, fundada no século XIII e reconstruída no final do século XV e princípios do século XVI.

0998-12-SILVA (José Inácio Militão da), “O centro histórico da vila de Monforte: evolução histórica, problemáticas de conservação e vias de animação cultural”, *Lusíada: Arqueologia, História da Arte e Património*, n.º 1, 2001, p. 213-253, il.

Estudo do centro histórico da vila de Monforte, sede do concelho do mesmo nome, à luz da história, da conservação e da animação cultural. Nele são enumerados e caracterizados, entre outros, os edifícios que constituem o seu património religioso, agrupados cronológica e estilisticamente. Integra

o núcleo medieval a igreja de Santa Maria Madalena, que foi edificada no início do século XIV, mas a sua traça actual remonta ao século XVIII. No seu interior destacam-se, no altar do Rosário, as figuras seiscentistas esculpidas de Nossa Senhora do Rosário e dos santos Domingos, Brás e Catarina de Sena (Siena). Pertencem ao núcleo barroco a igreja matriz de Santa Maria da Graça (de origem medieval, foi remodelada no século XVIII), à qual está anexa uma capelinha dos Ossos (construída no século XVIII), a igreja da Ordem Terceira de São Francisco de Assis (edificada em 1735), o convento do Bom Jesus (remodelado no século XVIII, mas actualmente em ruínas) e o antigo Hospital da Santa Casa da Misericórdia (do século XVI, altura em que a Albergaria de Santo Estêvão foi nela integrada). Outras igrejas são dedicadas a Nossa Senhora da Conceição, datável do século XVI, a São João Baptista, ao Calvário, edificada no início do século XX. As capelas têm por oragos o Senhor das Chagas, construída no século XVIII, e o Senhor dos Passos. É ainda referida a decoração do interior das igrejas de Nossa Senhora da Conceição e do Calvário, encontrando-se naquela frescos com os Apóstolos, os Doutores da Igreja e Anjos e nesta imaginária que figura o Senhor Crucificado, Nossa Senhora de ao Pé da Cruz e São João Evangelista. – (C1-H1-H2).

0999-12-SILVA (Luísa Lopes da), *Roteiro e subsídios para a história da cidade de Portalegre*, Lisboa, Orbis Edições Ilustradas, 1981, 177 [10] p., il.

Roteiro da cidade de Portalegre contendo informações sobre os lugares de culto, construídos sobretudo nos séculos XVI a XVIII, e as festas. Notícia de igrejas paroquiais e não paroquiais, capelas e ermidas, conventos e mosteiros cujos titulares são o Espírito Santo, o Senhor do Bonfim, Nossa Senhora do Socorro, da Penha, da Conceição, da Assunção, os santos Cristóvão, Lourenço, António e João Baptista, assim como a da Misericórdia. Menção de algumas imagens e alusão às festas realizadas em honra do Senhor do Bonfim (segundo domingo de Setembro), de Nossa Senhora da Penha (segundo domingo depois da Páscoa), de São Cristóvão (último domingo de Julho) e de Santa Ana (primeiro domingo de Agosto). – (C1-D2-D3-D4).

1000-11-SILVA (Maria de Lurdes Ribeiro da), “Alguns aspectos da metodologia de reedificação da igreja de Santo António à Sé”, *Cadernos de História da Arte*, n.º 1, 1991, p. 167-183.

Descrição da reconstrução da igreja de Santo António (arruinada pelo terramoto de 1755), freguesia da Sé em Lisboa, cerca de 1779. Está erigida no local onde se considera que se situava a casa natal do santo. Referências à sua importância arquitectónica, alegórica e à piedade popular, que contribuiu com esmolas para a sua reedificação.

1001-11-SILVA (Nuno Vassalo e), “O convento de S. Pedro de Alcântara, um monumental ‘ex-voto’ da Restauração: alguns aspectos artísticos”, *Convento de São Pedro de Alcântara*, Lisboa, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, 1997, p. 7-18, il. (Centro de Documentação da Misericórdia de Lisboa).

Breve historial do convento franciscano de São Pedro de Alcântara (1680) situado em Lisboa, construído na sequência de uma promessa feita por um nobre nas vésperas da batalha de Montes Claros durante a Guerra da Restauração (1640-1668). Pertence à Santa Casa da Misericórdia de Lisboa desde 1833. Descrição do interior do convento, que contém pinturas e azulejos representando o titular e cenas da sua vida, assim como Nossa Senhora da Conceição, a Coroação de Nossa Senhora pela Santíssima Trindade e um conjunto escultórico de treze figuras representando a Morte de São Francisco de Assis. No Museu de São Roque estão hoje uma imagem do Cristo Crucificado, relicários com as relíquias de São Francisco de Assis, de São Basileus e de Santa Ana, entre outros, e pinturas representando os Mártires de Calábria (franciscanos, século XIII), Francisco Xavier e Pedro de Alcântara com Jesus Cristo, assim como Teresa de Ávila. – (H1-H2-H4-H7).

1002-11-SILVA (Paula Correia da), *O convento da Graça de Torres Vedras: a comunidade eremítica e o património*, Torres Vedras, Câmara Municipal – Livraria LIVRODODIA, 2007, 171 p., planta, quadro.

Estudo sobre o convento de Nossa Senhora da Graça localizado na freguesia de São Pedro e São Tiago em Torres Vedras, sede do concelho do mesmo nome, que pertenceu aos Eremitas de Santo Agostinho, cuja igreja é hoje sede de paróquia. Notas sobre o estabelecimento da ordem em Portugal e sobre a fundação do convento de Torres Vedras na segunda metade do século XIV. Dados sobre a mudança para as instalações do hospital municipal de São Lázaro em 1544, situado também em Torres Vedras. Desde o século XVII, o convento teve um papel relevante no ensino. Após a extinção das ordens religiosas em 1834, as alfaias religiosas foram entregues à irmandade dos Passos. Posteriormente, os edifícios conventuais alojaram a junta de freguesia e serviram de quartel à guarda republicana. Em 1983, a parte religiosa foi entregue à paróquia. – (G1-I3).

1003-11-SILVA (Raquel Henriques da), “A ermida de Nossa Senhora de Janas”, *Mundo da Arte*, Jan-Mar, 1990, p. 3-20, il.

Estudo arquitectónico sobre a ermida de São Mamede situada no lugar de Janas, freguesia de São Martinho em Sintra, sede do concelho do mesmo nome, fundada no século XVI, que procura elucidar sobre o que é popular e erudito na capela. Caracterização das capelas rurais situadas na zona centro de Portugal e no distrito de Évora, que apresentam características rurais e eruditas vistas como réplicas, transformadas pela criatividade local, de modelos que

circulavam na época. No caso da capela estudada, alguns consideram que a forma circular é uma influência erudita ou a influência de um templo circular dedicado a Diana (donde viria o nome Janas), que terá existido no mesmo local. Segundo a autora, a planta circular da capela, mais do que uma marca erudita de moda arquitectónica, é talvez sintoma de uma arquitectura orgânica exprimindo o discurso imemorial da cultura popular. A capela expressa uma forma simbólica do sagrado situado fora dos percursos mais institucionalizados da prática religiosa, lugar forte da piedade popular que utiliza formas essenciais como o círculo. À capela acorriam peregrinações de lavradores que com o seu gado efectuavam voltas rituais em torno da ermida durante a festa do orago. – (C4-D4-D5).

1004-15-SILVA (Victor Manuel Dias da), *Contributos para a história local do concelho da Moita (séculos XIII-XX)*, Moita, Edição do Autor, 2005, 2 vol., 277-373, il., quadros.

Notas e recolha documental para a história da Moita e do concelho do mesmo nome desde a Idade Média até à actualidade. No volume I parte dos documentos reunidos tem por objecto a igreja paroquial da Moita, freguesia do mesmo nome, dedicada a Nossa Senhora da Boa Viagem, a igreja de São Lourenço em Alhos Vedros, as capelas de São Sebastião e de São José Operário na Baixa da Banheira, de Nossa Senhora do Rosário e de Nossa Senhora da Atalainha em Alhos Vedros, da Santíssima Trindade e da Graça em Sarilhos Pequenos, assim como a capela da Misericórdia. Transcrição das memórias paroquiais de 1758. No volume II contém notas sobre as visitas, a milagrosa imagem de Nossa Senhora do Rosário da Moita e a origem da Real Irmandade dos Escravos de Nossa Senhora do Rosário do Barreiro, sede do concelho do mesmo nome. – (C1-C5-G1).

1005-11-SIMÕES (A. Martinho), *A ermida da Falagueira: efemérides do seu historial*, separata do *Jornal da Amadora*, Lisboa, Tipografia Rosial, 1986, 75 [4] p., il.

Monografia da ermida de Nossa Senhora da Lapa fundada em 1760, na freguesia da Falagueira concelho da Amadora, com base em crónicas publicadas no *Jornal da Amadora*. Notas referentes à origem da ermida, ao abandono depois da fundação da igreja paroquial em 1958 e à recuperação para o culto nos anos oitenta do século XX. A irmandade aí sediada deu origem em 1911 à Associação Solidariedade com os Pobres, por efeito da legislação republicana, sendo restaurada em 1936. Inventário das imagens, contando-se entre elas as do Senhor Crucificado, do Sagrado Coração de Jesus, de Nossa Senhora da Conceição, de Fátima e as dos santos António, Francisco de Assis e Sebastião. Na ermida realizavam-se anualmente festividades em honra da titular Nossa Senhora da Lapa (primeiro domingo de Agosto), de São Sebastião e de Santo

António, ambas também em Agosto. Em adenda contém a transcrição de uma parte do capítulo onze da obra *Benfica através dos tempos* de Álvaro Proença. – (D4-G1-H1).

1006-11-SIMÕES (João Miguel), “Arte e espiritualidade no convento das Flamengas ao Calvário, em Lisboa”, *Conversas à volta dos conventos*, coordenação de FRÓIS (Virgínia), Évora, Casa do Sul Editora, [D.L. 2002], p. 35-50.

Estudo sobre a fundação e evolução do convento das Flamengas, freguesia de Alcântara em Lisboa, fundado nos finais do século XVI, para abrigar uma comunidade de freiras que fugiu às perseguições religiosas e políticas dos Países Baixos. O seu orago era Nossa Senhora da Quietação. Um novo convento foi edificado cerca de 1620-1630, provavelmente por corresponder melhor ao modelo arquitectónico da Contra-Reforma para os conventos femininos: igreja sem decoração exterior, entrada por uma porta lateral, freiras separadas dos fiéis por grades, interior muito decorado. Descrição do programa iconológico das pinturas da sala de oração das freiras e de uma capela da igreja com a figuração dos Mistérios do Rosário, do tema Caminho da Perfeição, assim como dos azulejos que representam a fuga das freiras flamengas. – (A5-H2).

1007-11-SIMÕES (João Miguel), *O convento das Trinas do Mocambo: estudo histórico-artístico*, Lisboa, Instituto Hidrográfico, 2004, 290 p., il., plantas.

Estudo histórico-artístico do convento feminino de Nossa Senhora da Soledade das Trinas do Mocambo (Ordem da Santíssima Trindade, fundada por São João da Mata e por São Félix de Valois) situado no bairro do Mocambo, que integra principalmente a freguesia de Santos-o-Velho em Lisboa, desde a sua fundação em 1760 até à actualidade. O convento foi suprimido na sequência da extinção das ordens religiosas em 1834 e teve várias reutilizações. Reconstituição do recheio artístico do convento que se encontra hoje no convento de Cristo e no convento de São Francisco de Assis, ambos em Tomar (distrito de Santarém), no Museu Nacional de Arte Antiga e no Museu do Azulejo, ambos em Lisboa, no Palácio Nacional de Mafra, no Museu de Grão Vasco em Viseu, na igreja matriz de Pombal (distrito de Leiria), numa capela de Agualva-Cacém, concelho de Sintra, no Palácio Nacional de Queluz e no Museu de Machado de Castro em Coimbra. Descrição da igreja e análise iconográfica dos diversos conjuntos pictóricos do convento datados do século XVIII: o conjunto do retábulo-mor pintado e esculpado representa a cena do Calvário e a coroação da Virgem pela Santíssima Trindade e está ladeado por pinturas com cenas da vida da Virgem, os ciclos dedicados à vida de São João da Mata e de São Félix de Valois e os santos doutores das Igrejas latina e grega como Gregório Magno, Jerónimo, Ambrósio, Agostinho, Basílio, João Crisóstomo, Atanásio de Alexandria, Gregório Nazianzeno, João Baptista e João Evangelista; conjuntos pictóricos que compreendem a vida da Virgem

antes do nascimento de Jesus Cristo, a infância de Jesus, a vida de São José e o Trânsito da Virgem; o convento possuía ainda azulejos pintados, alguns dos quais representam o Lava-Pés e o emblema da Ordem da Trindade. Menção de algumas imagens. O apêndice documental é composto, nomeadamente, por inventários que registam objectos de culto. – (H1-H2-I5).

1008-11-SIMÕES (João Miguel), *Odivelas: o monumento do Senhor Roubado*, Odivelas, Comissão Instaladora do Município de Odivelas, 2000, 62 p., il.

História do monumento ao Senhor Roubado, freguesia de Odivelas, sede do concelho do mesmo nome. Em 1671 a igreja matriz de Odivelas foi roubada e profanada, o que originou a revolta da população, convencida de que o crime fora cometido por hereges (protestantes, judeus ou muçulmanos). Contudo, o culpado encontrado foi António Ferreira, cristão de nascimento. Na primeira metade do século XVIII dá-se o ressurgimento da memória do roubo de Odivelas, o que conduziu à construção do monumento do Senhor Roubado, entre 1744 e 1747, que é em parte um ex-voto de desagravo. O monumento expressa uma mensagem iconográfica em que se destacam doze painéis de azulejos que relatam o pecado e o castigo de António Ferreira. A localização geográfica do Senhor Roubado, na bifurcação de duas estradas, terá sido decisiva para a concepção da mensagem do monumento (estando o crente numa encruzilhada, competia-lhe escolher entre a via do pecado e a via da fé na Igreja e no trabalho). – (H2-I5).

1009-11-SOARES (Margarida Maria Gonçalves), *A igreja de Santa Maria do Monte do Carmo de Lisboa: memória e ruína*, dissertação de mestrado em Arte Património e Restauro apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa em 2001, 2 vol., 199-397 [1] p., dactilogr., il., plantas, quadros (consultável na Biblioteca Nacional de Portugal).

No volume I é apresentada a origem e contextualização artística do convento do Carmo em Lisboa mandado construir por Nuno Álvares Pereira no final do século XV. O polo dinamizador da igreja, que foi reforçado pela presença do primeiro túmulo do fundador, era a capela-mor. Em 1522 fez-se a trasladação para o novo túmulo no presbitério, na parte do Evangelho que foi destruído durante o terramoto de 1755. Dados sobre a organização do espaço e a distribuição histórica das capelas que eram dedicadas ao Senhor da Boa Morte, depois aos Fiéis de Deus, ao Santíssimo Sacramento, ao Espírito Santo, depois a Santo Cristo Cativo, a Nossa Senhora dos Prazeres, depois a Santa Ana e São Joaquim, a Nossa Senhora do Pranto, depois a Nossa Senhora da Piedade, aos Reis Magos, a Nossa Senhora da Encarnação, da Conceição, da Cruz, da Vida, a Jesus, Maria e José, aos santos João Baptista, Simão Stock, Roque, António, Catarina de Alexandria e Ana. Outras eram dedicadas a Nossa Senhora do Socorro, aos santos Ângelo de Jersusalém (carmelita), João

Baptista, Miguel Arcanjo, Alberto Magno, Maria Madalena, Luzia e às Almas. Esta capela era afectada à irmandade dos Carpinteiros de Machado da Ribeira das Naus. Menção da confraria de Nossa Senhora do Carmo. Referência a diversas pinturas e imagens que representam Cristo Crucificado acompanhado por Nossa Senhora e São João Evangelista, Nossa Senhora do Monte Carmo, Nossa Senhora com o Menino, São Tiago e São Jorge. Análise de quatro pinturas que representam o Julgamento de Santa Catarina, a Comunhão de Nossa Senhora, o Menino entre os Doutores e Santa Rosa de Lima, hoje no Museu Nacional de Arte Antiga em Lisboa. O convento ficou arruinado na sequência do terramoto de 1755. No volume II contém os apêndice documental, gráfico e fotográfico, assim como anexos. – (C7-G1-H1-H2).

1010-11-SOARES (Maria Micaela), “As ermidas de Nossa Senhora da Guia, no lugar de Serreira”, *Boletim Cultural*, Assembleia Distrital de Lisboa, n.º 93, t.1, 1999, p. 167-179 [7], il.

Estudo sobre as ermidas dedicadas a Nossa Senhora da Guia e situadas no lugar de Serreira, freguesia da Sapataria, concelho de Sobral de Monte Agraço. Uma delas, atualmente inexistente, foi construída no local onde se teria dado a aparição milagrosa duma imagem da Virgem encontrada por um correio (1610). A outra com a mesma invocação foi erigida em 1616, mas actualmente é dedicada a Nossa Senhora da Luz. Esta possui as imagens de Nossa Senhora da Luz e do Menino Jesus de Praga, de Nossa Senhora do Vencimento, da Nazaré, de Fátima, de Santo António e de Santa Teresa. Descrição de um conjunto de azulejos representando possivelmente Nossa Senhora da Guia com o Menino, única representação existente da imagem. Na ermida celebrava-se anualmente festa a 8 de Setembro com a participação de círios provenientes do concelho de Alenquer. – (D2-F2-G1-H1).

1011-15-SOBRAL (Carlos), MATIAS (José), *Património edificado de Santiago do Cacém: breve inventário*, Lisboa – Santiago do Cacém, Edições Colibri – Câmara Municipal de Santiago do Cacém, 2001, 133 p., il., mapa.

Inventário do património edificado da freguesia de Santiago do Cacém, sede do concelho do mesmo nome, que inclui lugares de culto existentes e desaparecidos. A igreja matriz (século XIII) é dedicada a São Tiago, contendo um alto-relevo gótico que representa este santo combatendo os mouros. As outras igrejas e capelas, datadas do século XIV ao século XVII, são consagradas ao Espírito Santo, a Nossa Senhora do Monte, às Almas e aos santos Pedro e António. Outros lugares de culto são a igreja da Misericórdia e dois oratórios que faziam parte dos Passos da Paixão. Nos lugares de culto referidos encontram-se diversos objectos de culto: imagens, pinturas e azulejos representando a Última Ceia, o Senhor dos Passos, Cristo Crucificado, o Santíssimo Sacramento, Nossa Senhora da Conceição, do Carmo, das Dores

e os santos Estêvão, João Baptista, Bárbara e Helena. Menção das confrarias do Santíssimo Sacramento, do Santo Lenho e de Nossa Senhora do Rosário. – (C1-H1-H2-G1).

1012-11-SOROMENHO (Miguel), SALDANHA (Nuno), “O Mosteiro e Igreja de São Vicente de Fora”, coordenação de MOITA (Irisalva), *O livro de Lisboa*, Lisboa, Livros Horizonte, 1994, p. 207-218, il.

Breve estudo sobre a edificação e sucessivas ampliações e alterações do mosteiro (o edifício primitivo remonta ao século XII) e da igreja (finais do século XVI) de São Vicente de Fora situada na freguesia do mesmo nome em Lisboa. Referem-se alguns objectos de culto dos séculos XVI-XVIII, que se encontram na sua quase totalidade no Museu Nacional de Arte Antiga. Trata-se de pinturas com as representações da Sagrada Família, do Pentecostes, da Virgem com o Arcanjo Gabriel, de Nossa Senhora com o Menino, de Nossa Senhora da Conceição e dos santos Bartolomeu, Francisco de Assis, Judas Tadeu, Filipe, Pedro, Roque, Sebastião, Simão, Tomé e Tiago. – (H2).

1013-11-SOUSA (Ana Catarina de), MIRANDA (Marta), *A igreja de Santo André*, Mafra, Câmara Municipal, 2001, 21 p., il.

Notas históricas e arqueológicas sobre a igreja de Santo André, situada na vila de Mafra, sede do concelho do mesmo nome. Fundada no século XIV, entrou em ruínas no século XIX e foi retaurada em 1940. Menção da irmandade do Santíssimo Sacramento. As escavações arqueológicas à necrópole evidenciaram algumas práticas funerárias: a orientação oeste-este das sepulturas e o espólio votivo (moedas, rosários, anéis). Ilustrações de CARVALHO (Jorge de Almeida). – (C7-E4-G1).

1014-11-SOUSA (J. M. Cordeiro de), “O oratório de Telheiras (breves notas para a sua história), *Cadernos Culturais de Telheiras*, n.º 1, 1991, p. 19-24, il.

Reprodução de uma nota histórica sobre a fundação do oratório de Telheiras, freguesia do Lumiar em Lisboa, edificado por um príncipe do Ceilão convertido ao cristianismo e depois tornado franciscano. Tinha a invocação de Nossa Senhora das Portas do Céu por estar destinado à convalescença de frades da ordem. Reconstruído após o terramoto de 1755, tinha quatro altares dedicados a Nossa Senhora das Portas do Céu, da Boa Morte (anteriormente de São Vicente), da Conceição, do Parto e a São João Baptista. O local foi muito visitado por devotos, contando-se que uma mulher endemoinhada aí viu o diabo saltar-lhe da boca. O oratório sofreu a ocupação e o saque das tropas liberais e, após a implantação da República, chegou a ser oficina de ferreiro, habitação e taberna. Em 1942 foi de novo reconstruído e afectado ao culto. – (E5-I1-I3).

1015-15-SOUSA (Raúl Pereira de), “Igreja de S. Sebastião”, *Al-madan*, n.º 1, 1983, p. 31-32, il.

Notícia sobre a igreja de São Sebastião edificada no século XVI na freguesia da Cova da Piedade, concelho de Almada. Após a implantação do liberalismo (1834) a igreja foi encerrada e transformada em taberna. Menção da imagem de Nossa Senhora dos Prazeres e de um medalhão da fachada, que representa um feixe de setas esculpido, símbolo do martírio de São Sebastião. – (H1-H2-I3).

1016-11-SOUTO (A. Meireles do), “Uma relíquia setecentista em vias de desaparecer” *Olisipo*, n.º 102, 1963, p. 78-93, il.

Notas sobre a igreja paroquial de São Pedro de Alcântara (1680), as igrejas não paroquiais de Nossa Senhora das Dores (1787) e de Nossa Senhora da Visitação (1782), assim como as capelas particulares e públicas cujos titulares são Nossa Senhora do Monte Carmo, os santos Roque, Amaro, Joaquim e Ana; os conventos do Bom Sucesso (1626), da Boa-Hora e de Nossa Senhora da Quietação. Nestes lugares de culto situados em Lisboa encontram-se as imagens de Nossa Senhora do Carmo e de São João Nepomuceno, o retábulo da Anunciação, o retrato de Nossa Senhora da Oliveira (1649), o combate de Constantino contra Maxêncio e a Invenção da Santa Cruz por Santa Helena, entre muitos outros. Notícia da romaria à capela de Santo Amaro a 15 de Janeiro, para pedir ou agradecer o auxílio para curar lesões ósseas dos braços e das pernas. – (C1-D4-H1-H2).

1017-07-SPÍNOLA (Ismael Joaquim), “Preciosidades ignoradas no ex-convento dominicano de Montemor-o-Novo que fôra da invocação a Santo António de Pádua”, *Etnos Revista do Instituto Português de Arqueologia História e Etnografia*, vol. IV, 1965, p. 83-94.

Notícia sobre o convento dominicano de Santo António (séculos XVI-XVII) em Montemor-o-Novo, sede do concelho do mesmo nome, actualmente em ruínas. A iconografia dos seus painéis de azulejo representa temas profanos que foram considerados obscenos e que é interpretada no contexto da arte religiosa da época, caracterizada pela transição entre o estilo jesuítico e o barroco. Análise de alguns aspectos das figuras representadas nos painéis. – (A5-H2).

1018-STOOP (Anne de), “A Casa Pintéus. Solar dos Vaz de Carvalho”, *Mundo da Arte*, n.º 11, 1982, p. 21-25, il.

Nota sobre a capela dedicada a Nossa Senhora da Apresentação existente na casa Pintéus em Santo Antão do Tojal, concelho de Loures. Construída no século XVIII, possui as imagens de São Domingos e de Santo António. – (H1)

1019-11-STOOP (Anne de), “Le Palais de Santos” – Ambassade de France à Lisbonne”, *Mundo da Arte*, n.º 13, 1983, p. 18-30, il.

Historial e descrição do palácio de Santos na freguesia de Santos-o-Velho em Lisboa, originalmente uma igreja fundada no ano de 1194 em honra dos mártires Veríssimo, Máximo e Júlia, que foi doada à Ordem Militar de Santiago da Espada. Referência à capela do palácio onde se encontram pinturas representando etapas da vida de Cristo e da Virgem (Anunciação, Visitação), os mistérios (Ressurreição, Ascensão) e diversos santos. Os azulejos representam a fuga para o Egipto e outros aspectos relacionados com a Virgem, entre outros motivos. – (H2).

1020-.-STOOP (Anne de), *Quintas e palácios nos arredores de Lisboa*, Barcelos, Livraria Civilização, 1999, 418 [1] p., mapas.

Roteiro das quintas e palácios dos concelhos de Loures, Amadora, Oeiras, Cascais, Sintra, Sesimbra, Setúbal e na cidade de Lisboa, compreendendo oitenta casos comentados e cinquenta brevemente referidos, datados dos séculos XVI a XIX. Cada casa é apresentada com a sua história, arquitectura e os seus jardins. No que toca à matéria religiosa são assinaladas as capelas que contêm imagens, frescos, azulejos, tectos pintados e relevos representando motivos bíblicos, a Ascensão de Cristo, a vida da Virgem, Nossa Senhora do Rosário, as virtudes teológicas, a vida de São João Baptista, entre outras representações. Fotografias de ABREU (Maurício). – (H1-H2).

1021-11-SUCENA (Eduardo), “De Santo Antão-o-Velho ao hospital de S. José”, *Olisipo*, n.º 9, 1999, p. 19-33, il.

Notas históricas sobre o colégio de Santo Antão situado em Lisboa, pertencente aos jesuítas desde 1542, que faz parte hoje das instalações do hospital de São José. Dados sobre a antiga igreja fundada em 1613, que ruiu quase completamente no terramoto de 1755: na antiga igreja e na sacristia (hoje convertida na capela do hospital) guardavam-se imagens, pinturas e azulejos que representavam Cristo, símbolos da paixão de Cristo, Nossa Senhora, cenas bíblicas, os Apóstolos, os santos Antão, Francisco de Borja, Francisco Xavier, Inácio de Loiola e João Baptista, bem como as virtudes cardeais e teológicas. Notícia biográfica de Santo Antão (ou António abade), eremita nascido cerca do ano 250 no Egipto. Em 1297 foi instituída em França a ordem hospitalar de Santo António (ou Antão), que se dedicou à assistência e tratamento dos doentes do «mal dos ardentes» ou «fogo de Santo António». Em 1774, a Ordem de Santo Antão foi absorvida pela Ordem de Malta. – (B2-H1-H2).

1022-11-SYNEK (Manuela O.), “A igreja do Menino-Deus: peça importante do barroco olisiponense que resistiu ao terramoto de 1755 e cuja autoria é discutível”, *Lisboa: Revista Municipal*, n.º 20, 1987, p. 15-28, il.

Contributo para estudo da autoria do projecto da igreja do Menino Deus em Lisboa, datado de 1737. Das cerimónias de inauguração fez parte a

procissão nocturna conduzindo à igreja a imagem do Menino Deus, patrono da Ordem Terceira de São Francisco de Xabregas. Referência às imagens de São Francisco de Assis e de São Domingos, aos painéis representando a Assunção da Virgem, os santos José, Miguel Arcanjo, Ana e Isabel, assim como São Francisco recebendo os estigmas e a sua morte. – (E3-H1-H2).

1023-11-TADEU (António Luís), “O Santuário da Luz”, *Olisipo*, n.º 144-145, 1981-1982, p. 102-109, il., planta.

História resumida da igreja conventual de Nossa Senhora da Luz (1575), freguesia de Carnide em Lisboa, e hoje paroquial. Nela encontra-se um retábulo composto por oito quadros que representam Nossa Senhora da Luz, a Adoração dos Magos, a Coroação de Nossa Senhora no Céu, a Circuncisão, a Visitação a Santa Isabel, a Aparição a Pêro Martins, o Nascimento de Jesus, a Apresentação de Jesus no Templo e a Anunciação. Outro retábulo contém a Circuncisão e a fuga para o Egipto e um painel de São Bento dando a regra aos monges e freiras da sua ordem. As imagens figuram Cristo Crucificado (século XVI), o Senhor dos Passos, (século XVII), Nossa Senhora das Dores ou dos Aflitos, dos Remédios (século XVII), da Luz, os apóstolos Pedro, Filipe, Tiago Maior, Tomé, André, João, Bartolomeu, Tiago, Judas Tadeu, Barnabé, Simão, João, Marcos, Lucas e Mateus. A lenda da fundação diz que Pêro Martins, depois de ser libertado do seu cativo em África, fez o voto de construir uma capela a Nossa Senhora da Luz em 1463. É neste ano que encontra a imagem da Virgem escondida (o santuário propriamente dito foi construído de 1575 a 1596). Alusão à antiga igreja paroquial de Carnide dedicada a São Lourenço e ao mosteiro de Carnide. Notícia da confraria de Nossa Senhora da Luz (1464). – (F2-F3-G1-H1).

1024-11-TEAGUE (Michael), “Convento de Santos-o-Novo”, *Panorama*, n.º 22, 1961, s.p., il.

Notas sobre o mosteiro de Santos-o-Novo do século XVIII, localizado na freguesia da Penha de França na cidade de Lisboa. Pertenceu à Ordem de Santiago e substituiu um mosteiro erigido no século XII, situado na freguesia de Santos-o-Velho. Foi construído em louvor dos santos mártires Veríssimo, Júlia e Máxima. A capela que lhes é dedicada data do século XVIII e contém azulejos apresentando a chegada a Lisboa dos referidos santos mártires e esculturas dos mesmos. – (H1-H2).

1025-07-TERENO (Maria do Céu Simões), “A igreja e convento de São Francisco de Évora: a sua conservação”, *A Cidade de Évora: Boletim da Comissão Municipal de Turismo de Évora*, n.º 6, 2002-2006, p. 113-139, il., plantas.

Descrição da igreja conventual de São Francisco de Assis fundada na cidade de Évora na primeira metade do século XIII. O edifício actual data dos finais

do século XIV. Menção das capelas do Senhor Jesus dos Passos e dos Ossos (revestida com ossos humanos).

1026-11-TIÇÃO (Álvaro Manuel Parreira da Rocha), *O antigo convento de Santo Crucifixo ou das francesinhas em Lisboa: história, arte e memória*, dissertação de mestrado em Arte, Património e Restauro apresentada à Faculdade de Letras de Lisboa em 2007, 2 vol., 160-266 p., dactilogr., il., quadros (consultável na Biblioteca Nacional de Portugal).

Estudo do âmbito da cripto-história da arte sobre o desaparecido convento do Crucifixo das Capuchinhas Francesas (instituto de religiosas contemplativas da segunda Ordem de São Francisco de Assis) situado em Lisboa, desde a sua fundação em 1677 até à sua extinção em 1890 e posterior demolição a partir de 1910. O convento deve o seu nome à origem francesa das freiras. Reconstituição espacial do convento e dos principais programas iconográficos e decorativos do mesmo: retábulos pintados com cenas da Paixão, imagens de Cristo Crucificado, do Sagrado Coração de Jesus e do Senhor Morto, cenas dos passos da Via-Sacra, o Sagrado Coração de Maria, o ciclo da vida da Virgem, São João Evangelista, o discípulo amado, Cristo e São João Baptista, a Sagrada Família, os santos António, Francisco de Assis, João de Capistrano, Luís, rei de França, Onofre, Miguel Arcanjo, Pedro, os ciclos da vida de São Bento, Bernardo de Claraval e as santas Catarina de Bolonha, Engrácia, cenas da vida de Clara de Assis, Teresa de Jesus e Maria Madalena. O seu património móvel foi disperso por vários lugares de culto e museus. No volume II contém os anexos documental e iconográfico. – (H1-H2-I3).

1027-11-TOMÉ (Manuela Maria Justino), *Odivelas: um mosteiro cisterciense*, Odivelas, Comissão Instaladora do Município de Odivelas, 2001, 66 p., il., plantas.

Resenha histórica e estudo das características arquitectónicas do mosteiro cisterciense feminino de São Dinis em Odivelas, sede do concelho do mesmo nome. A fundação data de 1294 e invoca a devoção ao seu patrono São Dinis e o reconhecimento a São Luís, bispo de Toulouse. Segundo a lenda São Luís salvou o rei Dom Dinis do ataque de um urso. Foi extinto em 1834, mas só encerrou em 1909 quando morreu a última freira. – (F3-H4-I3).

1028-07-URBANO (Luís), “A propósito de Évora: ideologia religiosa e arquitectura nos conventos femininos”, *Monumentos*, n.º 26, 2007, p. 38-45, il.

Interpretação da arquitectura dos conventos femininos de Évora como representação espacial da ideologia da clausura conventual em linha com os decretos do Concílio de Trento. Análise dos conventos femininos do Salvador, de Santa Clara de Assis, do Paraíso (século XV), de Santa Catarina de Alexandria, de Santa Mónica, de Santa Helena do Monte Calvário (século XVI), de São José da Esperança ou Convento Novo (século XVIII). Salienta, por um lado,

como a organização dos seus espaços (paredes altas, barreiras, grades, rodas, parlatórios, comungatórios, confessionários e coros) traduz o simbolismo do isolamento do mundo através duma retórica da fortificação da castidade e, por outro lado, como a presença maciça das suas construções exprime o efeito de controlo sobre a cidade, designadamente, através dos mirantes, verdadeiros dispositivos de dominação visual.

1029-15-VALENTIM (Carlos Manuel), “Os dominicanos no convento de São Paulo em Almada: formas de sociabilidade e expansão patrimonial”, *Anais de Almada: Revista Cultural*, n.º 11-12, 2008-2009, p. 11-37.

Estudo sobre o extinto convento dominicano de São Paulo fundado em Almada, sede do concelho do mesmo nome, em 1570, centrado na sua influência sobre o meio social e na expansão patrimonial. O convento atraiu muitas doações em troca de missas rezadas pelas almas dos defuntos e tornou-se local privilegiado para sepultura das elites de Almada. A meados do século XVII ergueu-se no convento a irmandade de Nossa Senhora do Rosário. – (C7-E4-G1).

1030-12-VALÉRIO (Ângela Maria Tavares), *Doações de D. Jorge de Melo e D. Helena de Mesquita ao Mosteiro de São Bernardo de Portalegre*, dissertação de mestrado de Paleografia e Diplomática apresentada à Faculdade de Letras de Lisboa em 1994, 3 vol., 133-120-11 p., dactilogr., mapas, plantas, quadros (consultável na Biblioteca Nacional de Portugal).

No volume I é apresentado o panorama socio-histórico, a recolha e edição de um conjunto de manuscritos da primeira metade do século XVI (excepto um do século XIX) relacionados com os bens deixados por uma família nobre ao mosteiro de São Bernardo de Claraval situado em Portalegre. O mosteiro foi fundado em 1518 para aí se recolherem fidalgas sem dote. A sua igreja tem vários painéis de azulejos que representam a Última Ceia, a Ascensão de Cristo, cenas da vida de São Bernardo e alegorias religiosas com anjos. Reprodução da legenda alusiva à sagração, em 1572, e de extractos da vida de Nossa Senhora. O volume II contém elementos documentais complementares e o volume III fotografias e outros documentos. – (H2).

1031-15-VARGAS (José Manuel), *Sabonha e S. Francisco*, Alcochete, Câmara Municipal, 2005, 181 p., il., mapas.

O estudo da extinta ermida de Nossa Senhora de Sabonha que pertencia ao domínio da Ordem de Santiago, hoje na freguesia de São Francisco, concelho de Alcochete. A ermida já extinta continha os altares de São Pedro e de São Brás, assim como a imagem de Nossa Senhora. Vários dos seus objectos religiosos encontram-se hoje em outros lugares de culto e no Museu Municipal de Alcochete. Dados sobre o convento franciscano de Nossa Senhora do Socorro: foi construído no local onde estavam as ruínas

da ermida de Nossa Senhora de Sabonha e extinto em 1834. Contém um apêndice documental. – (H1-I3).

1032-15-VAZ (Artur), *Cantinhos e memórias do concelho de Almada*, Costa da Caparica, Junta de Freguesia, 2005, 260 p.

Compilação de artigos sobre o concelho de Almada publicados durante os anos de 1999 e 2000 no *Jornal da Região – Almada*. São dadas breves informações sobre o convento dominicano masculino de São Paulo edificado em Almada, cuja igreja actual foi construída depois do terramoto de 1755. Possui as imagens da Virgem com o Menino, de São Pedro e de São Brás, bem como um conjunto de azulejos representando cenas que envolvem os beatos Alano de Rupe (Alain de La Roche, Plouër-sur-Rance, 1428 – Zwolle, 1475) e Reginaldo, entre outros. Notícia do convento dos Capuchos da Caparica: foi construído em 1558, reconstruído após o terramoto de 1755 e depois de estar em ruínas foi restaurado cerca de 1950; contém as imagens de Nossa Senhora da Conceição, de São Francisco de Assis e de São Domingos. Notícia sobre a igreja de Nossa Senhora do Castelo ou Nossa Senhora da Assunção em Almada. Também no Monte da Caparica foi erigida uma ermida consagrada a Santa Maria em 1482. Nela existiu uma pintura representando a Última Ceia e outra Nossa Senhora da Conceição, onde aparecem Tomás de Aquino e João Duns Escoto com dizeres que saíam das suas bocas e ofendiam a ortodoxia religiosa. A Inquisição ordenou que estas figuras e dizeres fossem apagados. A localidade de Porto Brandão, freguesia da Caparica, era o ponto de passagem dos peregrinos da zona norte de Lisboa que demandavam o santuário de Nossa Senhora do Cabo (Espichel), situado na freguesia do Castelo em Sesimbra. Nela foram construídas duas ermidas dedicadas a Nossa Senhora do Bom Sucesso, uma das quais ainda existe. – (A5-H1-H2-I4).

1033-11-VENTURA (Margarida Garcez), OLIVEIRA (Carlos), PEREIRA (Raúl), “A igreja de Santa Maria das Virtudes: diversas temporalidades de um local de devoção”, *Via Spiritus: Revista de História da Espiritualidade e do Sentimento Religioso*, Ano 7, 2000, p. 77-97, plantas.

Contributo para o estudo da evolução da igreja de Nossa Senhora das Virtudes situada na actual freguesia de Aveiras de Baixo, concelho de Azambuja, desde a primeira referência documental em 1418 até à intervenção arqueológica de 1995. Nota sobre a evolução da igreja que foi antecedida de uma ermida edificada por pastores em 1403. Esta teve origem na descoberta de uma imagem da Virgem, chamada inicialmente de Santa Maria da Adema, que regressou ao local onde foi encontrada quando os devotos quiseram transferi-la. A afluência de peregrinos levou posteriormente à construção de um hospital, bem como à melhoria das condições materiais que permitiram levar a cabo uma boa assistência aos peregrinos. Isso foi possível porque o infante Dom

Duarte se interessou pela preservação da ermida, entregando-o à Ordem de São Francisco de Assis a quem concedeu todas as rendas, doações e esmolas entregues pelos fiéis e mandando ampliar e ornamentar o edifício. Dom Duarte conseguiu a autorização para que os frades pudessem confessar, administrar outros sacramentos e fazer enterramentos no cemitério do hospital que aí havia sido edificado. No século XV acorriam ao santuário muitos romeiros (porventura o mais frequentado do reino) no dia 8 de Setembro. No século XVI o santuário entrou em declínio. – (C7-D2-F2-H1).

1034-07-VERMELHO (Joaquim José), “*Nas lavras do tempo... sementes e raízes*”, Estremoz, Câmara Municipal, 2003, 265 p., il.

Colectânea de um conjunto de crónicas sobre o património arquitectónico, artístico, histórico e sociocultural do concelho de Estremoz que, sob o pseudónimo de Joaquim d’Estremoz, o autor escreveu para o jornal *Brados do Alentejo* nas décadas de 1980 e 1990. Algumas crónicas contêm informações sobre os seguintes aspectos religiosos: descrição de episódios milagrosos, instituições de cariz religioso (Misericórdia), património, personagens ilustres (Rainha Santa Isabel), usos e costumes. Dados sobre a instalação dos franciscanos em Estremoz (século XIII) no convento de São Francisco de Assis, a importância da Rainha Santa Isabel na história na cidade, o milagre de conversão de um rico avarento ocorrido no convento franciscano, a procissão realizada depois da tempestade de 1808. Breve notícia de alguns lugares de culto (igrejas, ermidas e capelas) edificados entre os séculos XIII e XVIII e dedicadas ao Santo Cristo (a capela teve origem na transformação do cruzeiro quinhentista e data de 1758), a Nossa Senhora dos Mártires, do Carmo, da Conceição e aos santos Sebastião, Brissos, Lázaro, João Baptista, José e Ana. Referência a imagens representando o Senhor dos Passos e São Sebastião. Menção da irmandade do Senhor dos Passos sediada do convento de São Francisco. Roteiro das devoções principais. – (E3-F3-G1-H1).

1035-07-VERMELHO (Joaquim José), “Percurso arquitectónico”, *500 anos – Santa Casa da Misericórdia de Estremoz*, coordenação de RUAS (João), Estremoz, Santa Casa da Misericórdia de Estremoz, 2002, p. 59-95, il.

Contribuição para o estudo do património edificado da Misericórdia de Estremoz, sede do concelho do mesmo nome, construído nos séculos XIV e XVI. Breve historial e descrição da igreja de São Pedro ou do Anjo da Guarda e do convento de São João Baptista (conhecido por São João da Penitência). Notícia sobre a ermida da Nossa Senhora dos Mártires e menção de um cruzeiro, de retábulos esculpturados dedicados a Nossa Senhora da Misericórdia, aos santos Crispim e Crispiniano, João Baptista e Anjo da Guarda, entre outros. A igreja de São Pedro foi inicialmente dedicada a São Miguel Arcanjo e serve actualmente de capela funerária da igreja paroquial de Santo André.

Alusão às irmandades de Nossa Senhora dos Mártires, de São João Baptista, do Anjo da Guarda e do Clero. – (C6-G1-H2).

1036-11-VIDAL (Angelina), *Lisboa antiga e Lisboa moderna: elementos históricos da sua evolução*, 2.^a edição, Lisboa, Vega, 1994, 413 [5] p., il.

Reedição de uma obra editada em 1900 que contribui para o estudo da história de Lisboa, através da descrição daqueles que, na passagem do século XIX para o XX, eram os seus edifícios mais importantes (os palácios reais, as principais igrejas e conventos). Os lugares de culto mencionados são igrejas, capelas e conventos, existentes ou desaparecidos, construídos até ao século XVIII, dedicados ao Espírito Santo, a Jesus, ao Corpo Santo ou Pedro Gonçalves Telmo, ao Santíssimo Coração de Jesus, à Santa Cruz, a Nossa Senhora da Assunção, da Caridade, da Conceição, da Esperança, da Estrela, de Jesus, do Monte, da Penha de França, da Piedade, do Resgate, dos Remédios, da Saúde, da Terra Solta e da Madre de Deus; aos santos André, Antão, António, Bartolomeu, Brás, Cristóvão, Domingos, Estêvão, Francisco de Assis, Francisco Xavier, Gens, João Baptista, João Evangelista, José, Lourenço, Mamede, Martinho de Tours, Miguel Arcanjo, Paulo, Pedro, Roque, Sebastião, Tiago, Tomé, Vicente, Ana, Catarina de Alexandria, Clara de Assis, Engrácia, Isabel, Joana, Justa, Luzia, Maria Madalena, Margarida de Antioquia ou da Galiza, Marta e Rufina. Menção das irmandades do Espírito Santo, da Misericórdia, dos santos José, Marçal, Valentim e Cecília. Dados sobre a irmandade e o culto do Senhor dos Passos. Nota sobre a capela da Senhora do Monte, onde as mulheres estéreis tinham o costume de se sentarem na cadeira dita de São Gens, lendariamente martirizado no local. Menção de várias procissões, práticas e milagres ligados aos templos mencionados ou a imagens neles conservadas. Levantamento dos cemitérios da cidade de Lisboa. – (C7-E3-G1-F3).

1037-12-VIEIRA (Rui Rosado), *Campo Maior, vila quase cidade, entre os séculos XVI-XVII*, Campo Maior, Edição da Câmara Municipal, 1987, 47 p., il.

Breve estudo monográfico da vila de Campo Maior, sede do concelho do mesmo nome, nos séculos XV a XVII. Nele faz-se referência ao já desaparecido convento de Santo António (século XV), à primeira igreja de São João Baptista (século XVII), às igrejas de Nossa Senhora da Assunção, actual matriz datada do século XVI, e da Misericórdia. – (C1).

1038-11-VILAR (Maria do Carmo), “Lavabos de sacristia”, *Boletim Cultural* '97, Câmara Municipal de Mafra, p. 371-396, il.

A propósito do levantamento dos cerca de cinquenta lavabos de sacristia, são referenciados diversos lugares de culto repartidos por dezassete igrejas paroquiais e não paroquiais do concelho de Mafra (séculos XVI a XVIII),

cujos titulares são Nossa Senhora do Livramento, do Ó, da Encarnação, da Assunção e São Pedro. Menção de vinte e sete capelas e ermidas dedicadas, ao Espírito Santo, a Nossa Senhora da Luz, do Rosário, aos santos Silvestre, António, Sebastião, Isidoro de Sevilha, Julião, Miguel Arcanjo, Eulália e Marta, entre outros. – (C1).

1039-11-VILAR (Maria do Carmo), “Património artístico-religioso do Sobral da Abelheira”, *Boletim Cultural’95*, Câmara Municipal de Mafra, p. 217-227, il. Levantamento do património artístico-religioso da freguesia do Sobral da Abelheira, concelho de Mafra. São referidas a igreja paroquial de Nossa Senhora da Oliveira, as capelas e ermidas existentes e já desaparecidas, públicas e privadas, dedicadas a Nossa Senhora do Desterro, aos santos Sebastião e Pedro, construídas nos séculos XVII a XIX, e os cruzeiros. Alusão às confrarias do Santíssimo Sacramento, do Nome de Jesus, de Nossa Senhora da Oliveira, do Rosário, da Piedade, dos santos Sebastião, André e das Almas. Menção das imagens de Nossa Senhora da Oliveira, das santas Luzia e Isabel, assim como de retábulos pintados representando episódios do Novo Testamento. A lenda de Nossa Senhora da Oliveira diz que a construção da igreja teve origem no voto de um nobre que foi atacado por uma fera e salvo por intercepção da Virgem, que lhe apareceu numa oliveira. – (C1-F4-G1-H4).

1040-15-VINAGRE (Helena), *O santuário de Nossa Senhora de Brotas*, Mora, Câmara Municipal, 2005, 100 p., il., mapas.

Estudo sobre o santuário de Nossa Senhora de Brotas situado na freguesia de Brotas, concelho de Mora, fundado antes de 1424. A lenda da aparição de Nossa Senhora a um pastor de vacas, a quem disse para construir uma ermida no local onde lhe tinha morrido uma vaca, mas quando esta já estava a ser esfolada e tinha uma mão cortada verificou-se que voltou a ficar viva e sem lesão. A fama milagrosa da imagem da Virgem atraía romeiros de várias partes, sobretudo dos distritos de Évora e Setúbal. A ermida foi ampliada e passou a ser sede de paróquia. Caracterização do santuário: a arquitectura da igreja, o retábulo-mor com as imagens de Cristo Crucificado, de Nossa Senhora de Brotas e dos santos Pedro e António, os retábulos colaterais do Santíssimo Sacramento, de Nossa Senhora de Fátima e o das Almas. A azulejaria compreende alguns painéis figurativos do século XVII com a cena do milagre, Nossa Senhora do Rosário e episódios bíblicos. A pintura dos séculos XVI-XVII é constituída por quadro e frescos que representam o milagre, o Calvário e as Almas do Purgatório. Contém um apêndice fotográfico. – (C1-D2-F1-H2).

1041-11-VITERBO (Sousa), ALMEIDA (R. Vicente de), *A capela de São João Baptista: erecta na igreja de S. Roque*, Lisboa, Livros Horizonte, 1997, 200 p., il.

Edição fac-similada da edição de 1902, que segue o original de 1898, com um breve actualização bibliográfica da história da capela de São João Baptista (primitivamente do Espírito Santo) da igreja de São Roque em Lisboa, bem como do chamado “tesouro da capela São João Baptista”. Fundada em meados do século XVIII, sendo na sua totalidade obra de artistas e artífices italianos, recebe a invocação de São João Baptista, fazendo honras ao seu fundador, o rei João V. Descrição da capela onde se mencionam vários objectos de culto: uma Cruz e três quadros de mosaico com representações do Baptismo de Cristo, do Pentecostes e da Anunciação da Virgem. Do tesouro da capela fazem parte, designadamente, várias cruzes de altar (numa constam as imagens da Fé, Esperança e Caridade), uma cruz peitoral, quatro relicários. Dois contêm os crânios e os queixos de São Próspero (Aquitânia, teólogo, cerca de 390 – cerca de 465) e de São Valentim (mártir, bispo, século IV) e os outros dois um braço de Santo Urbano (papa, século III) e uma perna de São Félix (mártir). – (H1-H2-H7).

1042-11-“Almagem do Bispo, freguesia com história”, *Nossa Senhora do Cabo: festas de Almagem do Bispo. Giro saloio 575 anos*, Almagem do Bispo, Comissão de Festas de Nossa Senhora do Cabo Espichel, 2005, p. 6-15, il.

Notas históricas sobre a freguesia de Almagem do Bispo, concelho de Sintra, que contém dados sobre os lugares de culto fundados nos séculos XV-XVIII: a igreja paroquial de São Pedro, as capelas do Espírito Santo e de Nossa Senhora dos Enfermos, a ermida de Nossa Senhora do Monte Carmo e o santuário de Nossa Senhora da Piedade. As romarias de Nossa Senhora dos Enfermos e da Piedade são muito concorridas. – (C1-D2).

1043-11-*Alverca, uma cidade com história e memória*, Alverca do Ribatejo – Sobralinho, Junta de Freguesia, 2015, 45 p., il.

Notícia histórica da freguesia de Alverca do Ribatejo, concelho de Vila Franca de Xira, que contém dados sobre os lugares de culto edificadas entre os séculos XV e XX. A igreja matriz de São Pedro, as igrejas não paroquiais da Misericórdia e dos Pastorinhos de Nossa Senhora de Fátima, assim como as ermidas do Senhor Jesus Cristo Crucificado (em ruínas), de Nossa Senhora da Piedade e de São Clemente. – (C1).

1044-07-*Breve roteiro histórico-monumental de Montemor-o-Novo*, Évora, Gráfica Eborense, [12] p., il.

Breve roteiro histórico-monumental das freguesias do concelho de Montemor-o-Novo contendo uma relação dos lugares de culto construídos entre os séculos XIII e XVIII. As igrejas paroquiais e não paroquiais, santuários, ermidas, capelas, conventos e cruzeiros são dedicados ao Senhor do Calvário, a Nossa Senhora do Bispo (a antiga em ruínas e a actual, que lhe sucedeu a partir

de 1843, tomou esta designação por ser privativa do bispo), do Castelo, da Conceição, da Paz, da Saudação, da Visitação e a da Misericórdia. Outros lugares de culto têm por titulares os santos António, Francisco de Assis, João, João de Deus, Lázaro, Paulo, Pedro, Sebastião, Tiago e Vicente. São João de Deus nasceu e foi baptizado em Montemor-o-Novo em 1495; faleceu em Granada (Espanha), no ano de 1550. – (B2-C1-C6).

1045-11-*Capela da Quinta da Carcereira*, Lisboa, Serviço Gráfico da Liga dos Combatentes, [D.L. 1987], 7 p.

Breve descrição da capela da Quinta da Carcereira dedicada aos santos Carlos Borromeu e António, freguesia de Sobreda, concelho de Almada. Ela contém as imagens do Menino Jesus, dos santos António e Francisco de Assis. Possui também painéis de azulejos que representam Nossa Senhora da Conceição, Santo António com o Menino, São Carlos Borromeu e as Almas do Purgatório, assim como pinturas que figuram cenas da vida de Cristo. – (H1-H2).

1046-07-“Capela de Nossa Senhora da Ajuda: pequeno templo com presença cativante e sobranceira”, *Porta do Alentejo*, n.º 15, 2009, p. 46-47, il.

Nota sobre a capela de Nossa Senhora da Ajuda situada no Monte Velho da Ajuda, propriedade privada próxima de Vendas Novas, sede do concelho do mesmo nome. Edificada no século XVII e restaurada recentemente, a capela possui as imagens de Nossa Senhora com o Menino, datada do século XVII, e de Cristo Crucificado. – (H1).

1047-07-“Capela de Nossa Senhora de Fátima dos Campos da Rainha: o sino voltou a tocar”, *Porta do Alentejo*, n.º 12, 2008, p. 46-47, il.

Notícia sobre a capela de Nossa Senhora de Fátima fundada no lugar de Campos da Rainha em Vendas Novas, sede do concelho do mesmo nome, em 1955. Possui as imagens de Nossa Senhora de Fátima e de Santo António, entre outras. – (H1).

1048-07-“Capela do Real Palácio das Passagens: herança de história e fé”, *Porta do Alentejo*, n.º 6, 2006, p. 44-45, il.

Nota sobre a capela do palácio real das Passagens situado em Vendas Novas, sede do concelho do mesmo nome, que foi posteriormente matriz de Vendas Novas (1853-1969), dedicada Santo António, e hoje é a capela da Escola Prática de Artilharia, sob invocação de Nossa Senhora da Conceição. Os objectos de culto do altar-mor compreendem a pintura da Assunção da Virgem venerada pelos santos António, Martinho de Dume e João de Deus, assim como as imagens de Nossa Senhora da Conceição e de Santa Bárbara. Nas paredes encontram-se painéis de azulejos que representam diversos santos e sobretudo os mistérios gozosos e dolorosos de Nossa Senhora. – (C1-H1-H2).

1049-07-“Capela Marconi: passado encerrado entre portas”, *Porta do Alentejo*, n.º 8, 2006, p. 44-45, il.

Notas sobre a capela dedicada a São Gabriel Arcanjo situada no complexo da estação emissora de ondas curtas denominada Marconi, próximo de Vendas Novas, sede do concelho do mesmo nome. Possui apenas o crucifixo, a imagem de Nossa Senhora de Fátima e vitrais que representam a Anunciação de São Gabriel Arcanjo à Virgem. – (H1-H2)

1050-07-“Caracterização socio-económica do concelho do Alandroal”, *Memória Alentejana*, n.º 19-20, 2006, p. 8-13, il.

Menção dos lugares de culto da freguesia de Nossa Senhora da Conceição no Alandroal, sede do concelho do mesmo nome: a igreja matriz de Nossa Senhora da Conceição, a igreja de Nossa Senhora da Consolação e o santuário de Nossa Senhora da Boa Nova em Terena (São Pedro). – (C1).

1051-11-*Cascais percursos e memórias*, coordenação de GOMES (Paulino), Vermoim – Maia, Ferraz & Azevedo, [D.L 2003], 330 p., il., mapa, plantas.

Percursos para o conhecimento do património do concelho de Cascais, um dos quais trata do património edificado, artístico e cultural organizado por freguesias. Notas históricas e descritivas sobre as igrejas paroquiais, capelas, ermidas e cruzeiros dedicados a Nossa Senhora da Assunção, dos Navegantes, da Vitória, da Conceição, dos Inocentes, do Porto Seguro, da Nazaré, da Guia, das Neves, do Livramento, dos Remédios, das Graças, da Abóboda (São Domingos de Rana), dos santos Sebastião, Brás, José, Vicente, António, Domingos e a da Misericórdia. Dos seus objectos de culto destacam-se as imagens de Cristo Crucificado, de Nossa Senhora do Ó, dos santos Tiago, João Baptista e Lourenço, assim como as pinturas e azulejos pintados com a representação da Natividade e da Adoração dos Reis Magos, da Ascensão de Cristo, de São João Baptista e de São João Evangelista, entre outras cenas e entidades religiosas. – (C1-H1-H2).

1052-11-“Da antiga ermida à igreja e casa professa de S. Roque: alguns vestígios arqueológicos e antropológicos”, *A Ermida manuelina de São Roque*, coordenação de BRANDÃO (Elvira), Lisboa, Museu de S. Roque, 1999, p. 17-35, il.

A propósito de uma intervenção arqueológica na igreja de São Roque em Lisboa, mencionam-se as capelas de Nossa Senhora da Doutrina (1634), da Piedade, de São Francisco Xavier (1623), de Santo António e do Menino Perdido ou da Sagrada Família. Alguns dados históricos da primitiva ermida de São Roque: construída em 1506, foi entregue aos jesuítas em 1553 e ampliada a partir de 1555. Os autores do texto são RAMALHO (Maria de Magalhães), SOROMENHO (Miguel), NUNES (Ana), SERPA (Catarina), SANTOS (Ana Luísa) e UMBELINO (Cláudia).

1053-15-“Descrição histórica da vila e termo de Almada, em 1712”, *Almada Histórica: Boletim de Fontes Documentais*, n.º 1, 2001, p. 23-34.

Descrição histórica da vila e termo de Almada, sede do concelho do mesmo nome, em 1712. Menção da igreja de Nossa Senhora da Piedade, cuja imagem é considerada milagrosa, e das ermidas do Espírito Santo, dos santos Sebastião e Luzia. Próximo de Almada havia o convento de Nossa Senhora da Rosa dos Religiosos de São Paulo, cuja imagem tinha muitos devotos. Na cerca do convento havia uma fonte de água considerada milagrosa para curar a lepra. – (C3-D2-H1).

1054-15-“Igreja da Misericórdia de Almada”, *Al-madan*, n.º 2, 1983-1984, p. 79-83, il.

Nota sobre os trabalhos de intervenção arqueológica na igreja da Misericórdia de Almada, sede do concelho do mesmo nome, que menciona factos da sua história: a fundação em 1555 e a anexação do hospital de Santa Maria e da albergaria/gafaria de São Lázaro. – (G2).

1055-11-*Igreja de Nossa Senhora Auxiliadora de Bicesse: história breve*, Oeiras, Tipografia ADFA, [D.L. 1996], 28 [2] p., il.

Notícia e descrição da igreja não paroquial de Bicesse, freguesia de Alcabideche, concelho de Cascais, fundada em 1996, cuja titular é Nossa Senhora Auxiliadora. Junto à igreja foi igualmente construída uma capela dedicada também a Nossa Senhora em 1987.

1056-07-“Igreja de Nossa Senhora da Nazaré – Landeira: lugar de culto e património secular”, *Porta do Alentejo*, n.º 2, 2004, p. 38-39, il.

Notas sobre a igreja de Nossa Senhora da Nazaré na freguesia de Landeira, concelho de Vendas Novas, que pertenceu à Ordem de Santiago, fundada antes de 1520. Possui as imagens da titular, de Cristo Crucificado, de Nossa Senhora de Fátima, e dos santos Bento, Sebastião e António. Nossa Senhora da Nazaré é a padroeira da localidade. – (H1).

1057-11-*Igreja de Santa Engrácia*, [Lisboa], Mirandela & C.^a Lda, [D.L 1982], 16 p., il.

Breve história bilingue (português-inglês) da igreja de Santa Engrácia em Lisboa, actualmente panteão nacional, cuja construção se iniciou nos finais do século XVI. A invocação escolhida poderá ter origem no paralelismo da vida da infanta Dona Maria, que a mandou construir, e a da mártir do século IV. A profanação (roubo da hóstia) da igreja em 1630 deu origem à criação da confraria dos Escravos do Santíssimo, presidida pelo rei, que decidiu arrasar a igreja primitiva e construir uma nova, cujas obras se vão arrastar por três séculos. Todos os anos, por altura da profanação, era realizada uma cerimónia que celebrava o Santíssimo Sacramento. – (D3-G1-I5).

1058-Monumentos e edifícios notáveis do distrito de Lisboa, Lisboa, Junta Distrital, vol. I, Alenquer, Arruda-dos-Vinhos, Azambuja, Cadaval, 1962, 63 [1], [37] p., il.; vol. II, Sintra, Oeiras e Cascais, 1963, 95 [81] p., il.; vol. III, 101 p., il.; vol. IV, 1963, 100 [3] p., il.; vol. V, t. 1 Lisboa, 1973, 147 p., il.; vol. V, t. 2, Lisboa, 1976, 196 p., il.; t. 3; concelho de Lisboa, coordenação de ATAÍDE (M. Maia), colaboração de GONÇALVES (António Manuel), 1988, 196 p., il.; t. 4, 1.^a parte, concelho de Lisboa, 2000, 157 [78] p., il.; t. 4, 2.^a parte, concelho de Lisboa, 2000, [5] 167-353 [52], XLIII p., il.; t. 5, concelho de Lisboa, 2007, 223 [86], LXXVIII p., il.

Inventariação dos principais monumentos e edifícios do distrito de Lisboa, que compreende a cidade de Lisboa e os concelhos de Cascais, Oeiras, Sintra, Loures, Mafra, Vila Franca de Xira, Torres Vedras, Lourinhã, Sobral de Monte Agraço, Alenquer, Cadaval, Arruda dos Vinhos e Azambuja. Breve descrição histórica de numerosos lugares de culto, alguns em ruínas ou já desaparecidos: igrejas paroquiais e não paroquiais, capelas públicas e privadas, ermidas, mosteiros, conventos, cruzeiros, nichos, oratórios e fontes. Os seus titulares são, designadamente, o Espírito Santo, o Menino de Deus, o Corpus Christi, o Senhor da Boa Morte, o Senhor Jesus da Boa Nova, do Bonfim, a Santa Cruz, Santa Maria, Nossa Senhora Madre de Deus, Nossa Senhora do Resgate e Senhor Jesus dos Perdidos (invocação conjunta), Nossa Senhora da Cátela (corrupção de Cátedra), do Egipto, do Ó, da Oliveira, da Pena, do Pópulo, da Porciúncula, de Porto Seguro, da Quietação, de Rocamador, da Rosa, do Sobreiro, da Subserra, da Vida, assim como os santos Adrião, Bruno de Colónia, Crispim e Crispiniano, Dinis e Bernardo de Claraval, Domingos, Estêvão, Francisco de Assis, Isidoro de Sevilha, Jerónimo, João, Julião (Gião), José, Lázaro, Lucas, Luís, rei de França, Mamede, Miguel, Nicolau, Quintino, Catarina de Alexandria, Cristina, Engrácia, Helena, Iria, Isabel, Joana, Maria Madalena, Marta, Quitéria, Sofia e Susana. Referem-se irmandades e confrarias, como por exemplo as irmandades do Santíssimo Sacramento e de São José dos Carpinteiros e a confraria do Senhor dos Passos, responsável pela procissão do Senhor dos Passos da freguesia da Graça, com os seus sete passos, dos quais só restam dois oratórios. Ao longo da descrição dos lugares de culto são mencionadas imagens, pinturas, retábulos, painéis de azulejo com as representações da vida de Cristo, da Virgem, de Nossa Senhora da Pérsia e da Pureza, de santos frei Gil de Santarém, Bernardino de Sena (Siena), Cristóvão, Joaquim, Jorge, Julião, Basilissa, Pedro Gonçalves Telmo, Gertrudes Magna e Sofia, entre outros. – (C1-C6-H1-H2).

1059-15-*Património artístico-cultural do Montijo I*, Lisboa – Montijo, Edições Colibri – Câmara Municipal do Montijo, 2009, 231 p., il., mapa.

Levantamento e estudo histórico do património artístico, religioso e civil do Montijo, sede do concelho do mesmo nome, desde a sua fundação até ao século

XX, datado sobretudo dos séculos XIV a XVIII. O património religioso descrito compreende a igreja matriz do Espírito Santo, a igreja da Misericórdia, anterior a 1568, o convento agostinho de Nossa Senhora da Graça e o recolhimento de Nossa Senhora da Conceição, a igreja de São Sebastião, as capelas do Senhor dos Aflitos, de Santo António e de São Tiago, assim como os cemitérios do Montijo. Os objectos de culto neles existentes compreendem imagens, retábulos e azulejos pintados, pendões e uma bandeira da Misericórdia, que representam o Senhor dos Passos, cenas do ciclo da Paixão, a Visitação, a Adoração dos Pastores, a Eucaristia e o Espírito Santo, o Pentecostes, temas do Antigo Testamento, figurações que ligam Nossa Senhora e o Espírito Santo, o ciclo da Fuga para o Egipto e a Sagrada Família, Nossa Senhora das Dores, do Rosário, da Purificação, da Piedade, os santos Pedro e Tiago Maior, cenas da vida e milagres de Santo António. Os autores são CARVALHO (Rosário Salema de), FERNANDES (Paulo Almeida), OLIVEIRA (Catarina) e FERNANDES (Carla Varela). – (C1-H1-H2-H3).

1060-12-“Património histórico de Elvas”, *Elvas, História Viva: Revista Municipal de Cultura e Património*, n.º 1, 2007, p. 4-5, il.; n.º 2, 2007, p. 5, il.; n.º 3, 2007, p. 5-6, il.; n.º 4, 2007, p. 5-6, il.; n.º 5, 2008, p. 5, il.; n.º 6, 2008, p. 5, il.; n.º 7, 2008, p. 5-6, il.

Notas sobre o património histórico de Elvas, sede do concelho do mesmo nome, que dá breves informações sobre a igreja paroquial de Nossa Senhora da Praça (1517), construída no mesmo local onde existiu a igreja de Nossa Senhora dos Açougues, antiga sede de bispado até 1881, as igrejas de Nossa Senhora de Alcáçova, da Ordem de Avis (século XIII), de São Domingos, da Misericórdia (século XVI), dos Jesuítas, a capela dos antigos Paços do Concelho dedicada a Nossa Senhora da Conceição. Menção de diversos altares e imagens, nomeadamente do retábulo pintado com temas da vida de Nossa Senhora e de Cristo. Notícia sobre a Santa Casa da Misericórdia, fundada provavelmente em 1501-1502. – (C1-G2-H1-H2).

1061-15-*Patrimónios: centro histórico da vila de Palmela – roteiro exposição*, coordenação (ROSENDO (Maria Teresa), Palmela, Câmara Municipal – Museu Municipal, 2010, 77 [8] p., il., plantas.

Roteiro da exposição sobre o centro histórico da vila de Palmela, sede do concelho do mesmo nome, que contém uma breve notícia sobre a igreja paroquial de São Pedro, as não paroquiais de São João Baptista, de São Tiago e a da Misericórdia, assim como sobre as ermidas de São Sebastião e de Santa Ana, fundadas nos séculos XV e XVI. – (C1).

1062-07-*Portel: terra de encantos e tradições, onde a terra finda e a planície recomença*, Portel, Junta de Freguesia, [D.L. 2011], 9 p., il.

Brochura de divulgação do património da freguesia de Portel, sede do concelho do mesmo nome, que contém uma breve notícia dos lugares de culto edificadas entre os séculos XVI e XVIII: a igreja matriz consagrada a Nossa Senhora da Lagoa, as igrejas da Misericórdia, do Espírito Santo e a antiga dos eremitas de São Paulo dedicada a Nossa Senhora do Socorro. – (C1).

1063-11-*Roteiro turístico de Lisboa do Castelo por Alfama à Mouraria*, coordenação de CARVALHO (Gabriela Pinto), Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa, [D.L. 1994], 57 p., il., mapas.

Roteiro turístico dos bairros do Castelo, de Alfama e da Mouraria na cidade de Lisboa, que assinala diversos lugares de culto. São referidas a igreja de Santa Cruz (século XVIII), do Menino de Deus (inicialmente uma pequena ermida, mandada ampliar no século XVIII), a igreja da Madalena (a construção actual data do século XVIII), de Santa Luzia (século XVI), também conhecida por ermida de São Brás, as de São Tiago (século XIII), de São Martinho de Tours, de São João Baptista, esta edificada no local de uma antiga ermida em honra de São João Degolado, de Santo Estêvão (século XIV, várias vezes ampliada e remodelada), de Santo António, sede da ordem Terceira de São Francisco de Assis, de Santa Maria Maior (século XII, ao longo dos séculos foi remodelada e ampliada) e a de São Lourenço (século XIII, reconstruída posteriormente). Outras capelas foram erigidas em honra do Santíssimo Sacramento (Sé de Lisboa), do Senhor Jesus da Boa Nova, que substituiu a antiga ermida de Nossa Senhora do Rosário, do Espírito Santo, mais tarde de Nossa Senhora dos Remédios (o seu compromisso data de 1606), a de São Crispim e de São Bartolomeu. Alusão a várias esculturas e painéis esculpidos e pintados de invocação ao Menino Deus, a Nosso Senhor Jesus dos Perdões, a Nossa Senhora da Boa Viagem, aos santos António, Miguel Arcanjo, José e às santas Maria Madalena e Marta. Menção da confraria de Santo António. O texto é de SANTOS (Ana Luísa), CARVALHO (Gabriela Pinto), LEITÃO (João) e OLAIO (Rosário). – (G1-H1-H2).

1064-07-*Roteiro turístico do município de Borba*, Borba, Câmara Municipal, 2004, 60 p., il., mapas.

Roteiro turístico do concelho de Borba que contém breves notas sobre as igrejas paroquiais e não paroquiais, as capelas e os conventos, assim como apresenta uma lista das principais tradições. Os lugares de culto foram edificadas em honra de Nossa Senhora da Vitória, da Luz, da Orada, dos santos Tiago, António, Gregório Magno, Bartolomeu e Bárbara. As festas e romarias do concelho são dedicadas sobretudo ao Senhor Jesus dos Aflitos, a Nossa Senhora da Vitória e da Orada, aos santos Gregório Magno, Tiago, Lourenço e a Santa Bárbara. – (C1-D2-D3-D4).

1065-15-*Santo António da Charneca: apontamentos históricos*, coordenação de PALMA (Ana Paula Nogueira), Santo António da Charneca, Junta de Freguesia, 1989, 39 p., il., mapa.

Notas sobre a freguesia de Santo António da Charneca, concelho do Barreiro, cuja origem está relacionada com a fundação de uma ermida dedicada a Santo António. Esta foi erigida provavelmente em finais do século XVI, para abrigar uma imagem do santo que voltava sempre ao local onde foi encontrada. Alusão à existência de uma festa anual no século XVIII. A capela foi desactivada logo a seguir à implantação da República e deu lugar em 1935 a uma escola primária. Transcrição de duas visitas do século XVI, entre outros documentos. – (D4-F2-H1-I3).

1066-*Santo Isidro de Pegões: contrastes de um património a preservar*, Lisboa – Montijo, Edições Colibri – Câmara Municipal de Montijo, 2009, 199 p., il., plantas.

Estudo arquitectónico e cultural sobre a colónia agrícola de Pegões, situada na freguesia de Santo Isidro de Pegões, concelho do Montijo. O pequeno conjunto habitacional data de meados do século XX e tem uma igreja dedicada a Santo Isidro, cujo altar-mor possui uma pintura mural representando o santo. O trabalho foi executado por PEREIRA (Nuno Teotónio), COELHO (Hélder Paiva), LOPES (Isabel Costa) e BUARQUE (Irene). – (H2).

1067-07-*São Bruno de Colónia na Cartuxa de Évora*, Évora, Fundação Eugénio de Almeida, 2001, 106 p., il.

Breve estudo sobre a fundação da ordem da Cartuxa e o seu fundador São Bruno de Colónia (1030-1101). Notas históricas sobre a fundação (1587), a supressão (1834) e a restauração da Cartuxa de Évora, denominada Scala Coeli, em 1960. Breve descrição do mosteiro, onde se encontram vários objectos de culto, designadamente imagens e pinturas com a representação de Cristo e de São Bruno. – (H1-H2).

1068-11-“Seiscentos anos da fundação do convento do Carmo de Lisboa (1389-1989) – textos”, *Carmelo Lusitano*, n.º 7, 1989, p. 103-126

Transcrição de documentos sobre a fundação do convento do Carmo em Lisboa, que datam de 1389 a 1834. Descrição da igreja do convento do Carmo e das suas capelas, dedicadas ao Santo Cristo, ao Santíssimo Sacramento, a Nossa Senhora da Piedade, da Conceição, da Encarnação e da Boa Morte. Outras foram erigidas em honra do Espírito Santo, de Santa Teresa, dos santos Alberto Magno, Roque, António e Jesus, Maria e José. Descrição da capela da irmandade dos Terceiros do Carmo. Notícias das irmandades do Bentrinho, do Senhor, de Nossa Senhora do Vencimento, da Piedade, da Encarnação, da Boa Morte, de Santo Alberto Magno e da Ordem Terceira do Carmo. Menção da festa da Encarnação e da Cruz (ambas a 3 de Abril), das imagens

do Senhor do Monte, do Senhor do Bentinho, da Virgem, dos santos Elias e Eliseu. – (D3-G1-G2-H1).

1069-..-“Os templos de Nossa Senhora do Cabo”, *Nossa Senhora do Cabo: festas de Almargem do Bispo. Giro saloio 575 anos*, Almargem do Bispo, Comissão de Festas de Nossa Senhora do Cabo Espichel, 2005, p. 75-76, il.

Lista das igrejas, capelas e ermidas erigidas em honra de Nossa Senhora do Cabo (Espichel), freguesia do Castelo em Sesimbra, sede do concelho do mesmo nome, ou que contêm iconografia desta invocação, situadas no distrito de Lisboa e no concelho de Almada, bem como em outros lugares de culto no Brasil e na Índia.

1070-15-“Vila e termo de Almada no *Dicionário Geográfico* organizado pelo padre Luís Cardoso”, *Almada na História: Boletim de Fontes Documentais*, n.º 7-8, 2005, p. 9-24.

Transcrição de parte do Dicionário Geográfico do padre Luís Cardoso, datado de 1747-1751, que descreve as freguesias de Amora, Arrentela, Corroios e Aldeia de Paio Pires, concelho do Seixal, e da Caparica, de Cacilhas e Almada, todas do concelho de Almada. Menção de lugares de culto, igrejas, capelas e ermidas, públicas e particulares, assim como de imagens de culto nelas contidas, das confrarias e das festas, romarias e círios realizados em honra de Cristo, de Nossa Senhora e de diversos santos e santas. – (C1-D2-D3-D4).

1071-11-“600 anos da fundação do Convento do Carmo de Lisboa (1389-1989): textos”, *Carmelo Lusitano*, n.º 7, 1989. p. 103-126.

Panorâmica histórica do convento de Nossa Senhora do Carmo, desde a sua fundação em 1389 em Lisboa até à actualidade, através de textos relacionados com o tema. Dados sobre a fundação o convento e descrição da igreja no início do século XVIII. Possuía então capelas dedicadas ao Santíssimo Sacramento, a Jesus, Maria e José, a Cristo, a Nossa Senhora da Piedade, da Conceição, da Boa Morte, da Encarnação, aos santos Alberto Magno, António e Roque e às santas Teresa de Ávila e Maria Madalena de Pazzi. A igreja continha retábulos pintados e imagens representando Cristo, Nossa Senhora do Monte Carmo, da Piedade, do Bentinho, os santos Eliseu, João da Cruz e as santas Teresa, Febronia (jovem religiosa, mártir no tempo de Diocleciano, em 304). Notícia das festas que decorriam na igreja e das irmandades nelas sediadas, cujos padroeiros eram o Santíssimo Sacramento, Nossa Senhora do Vencimento, da Piedade, da Encarnação, da Conceição, da Boa Morte, os santos Alberto Magno e Roque, assim como as santas Febronia e Maria Madalena de Pazzi. Outras duas associações eram as irmandades dos Terceiros do Carmo e dos Escravos de Nossa Senhora. Descrição da ruína causada pelo terramoto de 1755, das obras de reconstrução parcial e da ocupação do convento desde

1834. Menção do túmulo de Nuno Álvares Pereira (beato Nuno de Santa Maria), fundador do convento. – (C7-D2-G1-H1).

C3 – Fontes

1072-11-AMARAL (Abílio Mendes do), “A Fonte Santa – na lenda e na sua história”, *Olisipo*, n.º 134, 1972, p. 46-64, il.

Artigo de defesa do património relativo a uma fonte santa situada próximo da Tapada das Necessidades em Lisboa, construída no século XVI. O carácter sagrado deriva do facto de, antes de 1599, ter aparecido a imagem de Nossa Senhora dos Prazeres sobre a fonte dando às suas águas o poder de curar todas as doenças. Esta imagem, que tinha sido levada para o oratório dos donos do terreno da fonte, desapareceu e voltou a aparecer num poço perto do local, onde pediu a uma menina que aí lhe edificassem uma ermida e lhe dessem a invocação de Senhora dos Prazeres. Em honra de Nossa Senhora realizava-se uma romaria na segunda feira depois do Domingo de Páscoa, que saía da igreja paroquial da freguesia de Santos-o-Velho para a ermida de Nossa Senhora dos Prazeres. – (C2-D2-F2).

1073-11-DINIZ (Sebastião), “Uma história de águas, crenças e ciências: no centenário das águas minero-medicinais de Santa Marta (Ericeira)”, *Boletim Cultural '96*, Câmara Municipal de Mafra, p. 221-232, il.

A propósito da comemoração do centenário das águas minero-medicinais de Santa Marta na Ericeira, concelho de Mafra, cuja fonte se situa próximo da ermida de Santa Marta ou da Senhora da Saúde, mais tarde denominada Senhora das Necessidades. Em honra desta entidade era feita uma romaria para implorar a intercessão e pedir a cura por meio da água. Notícia hagiográfica de Santa Marta e relato de milagres que associam Santa Marta à água: ressurreição de um jovem afogado, cura através das águas de um poço que surgiu junto do seu túmulo. Referência à iconografia religiosa de Santa Marta com um dragão amansado a seus pés, segurando uma cadeirinha e um molho de chaves, entre outros. – (B2-D2-D4).

1074-11-RIBEIRO (José Cardim), “Contributos para o conhecimento de cultos e devoções de cariz aquático relativos ao território do município olisiponense” *Boletim Cultural*, Assembleia Distrital de Lisboa, n.º 89, t. 1, 1983, p. 331-365 [13], il., mapas, plantas.

Contributo cronológico e geográfico para o estudo do culto e das devoções cristãs de cariz aquático (“culto das águas”), em particular das fontes, detetados no distrito de Lisboa, desde o período romano até à actualidade. São referidas as fontes de Santa Marta na Ericeira, concelho de Mafra, localizada

perto de uma ermida com a mesma invocação (em 1599 tinha dupla invocação, Santa Marta e Nossa Senhora da Saúde, passando depois a ter o nome de Nossa Senhora das Necessidades), junto à qual se encontra uma pequena depressão que é popularmente designada por “Pezinho de Nossa Senhora”; a fonte de Santa Eufémia em Sintra, pertencente à ermida da mesma invocação, que teve origem na pegada de Nossa Senhora que indicava o local onde rebentara uma fonte de água milagrosa (até à ermida ia em romaria um círio de Lisboa no século XVIII); a fonte de Nossa Senhora da Guia em Cascais, junto da qual se encontra uma pedra com uma pegada da santa. Menção de outras fontes milagrosas, por exemplo, as de Nossa Senhora dos Prazeres, dos Banhos de São Paulo em Lisboa, de São Julião em Mafra, do Poço dos Santos Mártires e a da Triana (segundo a lenda aí se lavava a Rainha Santa Isabel), ambas em Alenquer, entre várias outras. Algumas práticas associadas a “superstições” antigas, como as que se efetuavam nas fontes da Ericeira no primeiro domingo de Maio, onde a população costumava, segundo o visitador, em 1659, fazer ofertas de pão, trigo e outros frutos da terra. A Igreja proibiu estes costumes por os considerar estranhos ao culto cristão. – (A5-D2-D4-E6).

C4 – Espaço sagrado

1075-12-BALESTEROS (Carmen), OLIVEIRA (Jorge de), “Muros religiosos de Castelo de Vide”, *Ibn Maruán: Revista Cultural do Concelho de Marvão*, n.º 5, 1995, p. 97-111, il., mapa.

Contribuição para o estudo da problemática relacionada com a demarcação na malha urbana actual de Castelo de Vide, sede do concelho do mesmo nome, da comuna judaica medieval. Tentativa de identificação da área espacial da comunidade judaica de Castelo de Vide a partir de mapas antigos e de vestígios arquitectónicos. A presença judaica em Castelo de Vide está documentada desde o século XIV. O seu número aumentou quando os judeus foram expulsos da Espanha em 1492.

1076-11-LUCAS (Maria Miguel), “Para uma arqueologia da paisagem: o alto do Senhor da Boa Morte, um espaço vivido”, *Senhor da Boa Morte: morte, mitos e devoção*, Vila Franca de Xira, Câmara Municipal, 2000, p. 13-28, il.

Memória do lugar do Senhor da Boa Morte em Povos, Vila Franca de Xira, sede do concelho do mesmo nome, enquanto espaço sagrado. Menção da ermida do Senhor da Boa Morte (tem esta invocação apenas a partir do século XIX, após a sua reconstrução) no lugar onde teria sido edificada a primitiva igreja matriz de Nossa Senhora de Povos (século XII). A festa anual em sua honra realizava-se na segunda-feira a seguir ao Domingo de Pascoela, mas foi transferida para junto da povoação e dedicada a Nossa Senhora da

Ascensão, na época dos Descobrimentos. A simbólica do espaço é reforçada no século XIX com o seu progressivo isolamento, a fundação da irmandade do Senhor da Boa Morte e a construção de alojamentos para peregrinos. A ermida era um lugar de romagem predilecto no tempo das celebrações da Paixão, nomeadamente na Quinta-Feira da Ascensão. – (C2-D2-D3-G1).

1077-15-PATO (Heitor Baptista), “A sacralização da Arrábida”, Casas religiosas de Setúbal e Azeitão, coordenação científica COSTA (Albérico Afonso), BENTO (António Cunha), PINHO (Inês Gato de), COUTINHO (Maria João Pereira), LASA – Liga dos Amigos de Setúbal e Azeitão – Estuário, 2016, 183-205 p., il.

A Serra da Arrábida (concelho de Setúbal), que termina no promontório do Cabo Espichel, freguesia do Castelo em Sesimbra, sede do concelho do mesmo nome, teve desde tempos remotos um destaque único no panorama geral das finisterras sacralizadas, isto é, dos altos lugares simbólicos e hierofânicos onde os deuses sempre se fizeram presentes (ou apercebidos) e onde a sucessiva sobreposição de cultos e de mitos sedimentou uma estratigrafia religiosa que continuamente acumulou, reinterpretou e reactualizou antiquíssimas crenças. Arrábida é um macrotopónimo de uma serra erguida em local de fortíssima personalidade paisagística: uma raia, um limite, uma (de)marcação. É este isolamento e aridez que caracteriza a sua condição de fronteira geográfica, humana e espiritual e fixa indissolivelmente o espírito do lugar. Apesar da proximidade do mar, o culto de Nossa Senhora do Cabo não está relacionado com a vida do mar, tal como a maior parte dos cultos da população de Sesimbra. Das cerca de doze festividades religiosas anuais promovidas pelos habitantes de Sesimbra, apenas duas se relacionam ou relacionaram directamente com o mar, a do Senhor Jesus das Chagas e, antigamente, a da Senhora da Boa Viagem. Em Setúbal só as festas do Senhor do Bonfim e de Nossa Senhora de Tróia, freguesia de Carvalhal, concelho de Grândola, têm o mar como protagonista, de primeiro plano naquela e apenas como meio de transporte nesta última. Acrescente-se que a porta da ermida dedicada a Nossa Senhora de Tróia na península fronteira a Setúbal volta-se directamente para os contrafortes da serra; pela serra passa o círio marítimo que todos os anos transporta a imagem de Nossa Senhora de Tróia no regresso à igreja de São Sebastião em Setúbal; tanto a ermida medieval como a igreja setecentista do santuário do Espichel voltam as costas a quem delas se aproximar pelo oceano e a igreja do convento da Senhora da Arrábida parece querer esconder-se do mar; a capela de São Luís, situada na Serra de São Luís, concelho de Setúbal, recebe no domingo de Pascoela uma vetusta romaria primaveril de pastores de Palmela e de Vila Nogueira de Azeitão (freguesias de São Lourenço e São Simão) em honra do santo bispo de Toulouse. A Serra da Arrábida foi cristianizada, depois com a conquista muçulmana viu instalarem-se cenóbios muçulmanos para voltar a ser cristianizada a partir do século XII. Nos séculos

seguintes desenvolveram-se na zona da Arrábida diversos cultos: a Nossa Senhora da Arrábida, do Cabo, del Carmen e da Conceição, a São Pedro, a São Luís (bispo de Toulouse), a Santa Margarida de Antioquia ou da Galiza. À Senhora da Arrábida dirigiam-se os círios dos habitantes de Alcântara, proveniente de Lisboa, bem como os círios de Setúbal – o Antigo ou dos Ricos e o Novo ou dos Pobres – e o de Vila Nogueira de Azeitão, com origem no século XIX. Ao santuário de Nossa Senhora do Cabo no promontório do Espichel (de existência documentalmente comprovada em 1366, mas de origem anterior e totalmente renovado nos primeiros anos de 1700) acorriam, no século XVIII, os peregrinos de trinta freguesias da margem norte do Tejo organizados desde 1430 no círio saloio (dos habitantes do campo dos arredores de Lisboa, a norte do rio Tejo), bem como os círios de Caparica, Almada, Seixal/Arrentela, Coia/Alhos Vedros, Setúbal, Palmela, Vila Nogueira de Azeitão e Azóia (freguesia do Castelo), assim como de algumas populações dos termos destas localidades, que na sua época áurea terão somado um total próximo da meia centena. À Senhora del Carmen afluíam círios provenientes de Setúbal, de Vila Nogueira de Azeitão e de Pedreiras, aldeia da freguesia do Castelo), este ao som de gaitas de foles. Aí se venera igualmente Nossa Senhora da Pinha, assim chamada por impedir que um homem assassinasse uma mulher arremessando-lhe uma pinha. À lapa de Santa Margarida iam anualmente os pescadores do Seixal e Arrentela agradecer à mártir cuja imagem ali haviam achado ao serem salvos de um naufrágio, honrando também Nossa Senhora da Salvação ou da Galé, que protegera outros marinheiros e pescadores contra corsários mouros. – (D2-D4-E3-G1).

1078-15-VENTURA (Rui), *O eixo e a árvore: notas sobre a sacralização do território arrábido*, Lisboa, Apenas Livros, 2014, 40 p., il., mapa.

Tentativa de caracterização do território da Serra da Arrábida (concelho de Setúbal) como espaço simbólico-religioso centrado no convento da Arrábida, no santuário de Nossa Senhora do Cabo (Espichel, freguesia do Castelo em Sesimbra), na imagem do Senhor das Chagas da igreja da Misericórdia de Sesimbra e na capela de Santa Ana. – (C2-H1).

C5 – Vida paroquial

1079-15-ALVES (Carlos F. Póvoa), *Subsídios para a história de Alhos Vedros: informações paroquiais de Alhos Vedros e Moita*, Alhos Vedros, Igreja Paroquial de Alhos Vedros, 1992, 87 p., il.

Contribuição para a história da freguesia de Alhos Vedros, concelho da Moita, com base nas informações paroquiais de 1747 e de 1758 e nas visitas de Ordem de Santiago. Nelas se referem a igreja matriz, fundada em 1320, cujo

titular é São Lourenço, com altares e imagens de Nossa Senhora da Piedade, dos Anjos (romagem e festa no Domingo de Ramos), do Rosário e dos santos Pedro e João Baptista. As suas irmandades eram dedicadas ao Santíssimo Sacramento, a Nossa Senhora dos Anjos e às Almas, além de outras que já desapareceram erigidas em honra de São Lourenço e de Nossa Senhora do Rosário. Referem-se ainda a igreja da Misericórdia, as ermidas do Senhor Jesus, de Nossa Senhora da Vitória, da Saúde e de São Pedro. Transcrição das informações paroquiais da Moita (1758), sede do concelho do mesmo nome: a igreja matriz é dedicada a Nossa Senhora da Boa Viagem, com festa em Setembro. Nela encontram-se as irmandades do Santíssimo Sacramento, do Senhor dos Passos e das Almas. Referem-se também as ermidas de Santo António, as capelas da Santíssima Trindade, de Nossa Senhora do Rosário, da Piedade, dos santos Pedro e João Evangelista, (lugar de romagem no mês de Julho, no dia de São Tiago) e de Santa Ana, assim como diversas imagens. Transcrição das memórias paroquiais de Alhos Vedros publicadas em 1747 e das memórias paroquiais de Alhos Vedros e Moita de 1758. – (C2-D2-G1-H1).

1080-07-ANTUNES (José Francisco Damas), *Memórias e história da paróquia de Campelos*, Campelos, Fábrica da Igreja de Santo António de Campelos, [D.L. 2006], 183 p., il.

Contribuição para o estudo da freguesia de Campelos, concelho de Torres Vedras, antes e depois da sua elevação a freguesia em 1945. Para efeitos religiosos, a freguesia manteve-se integrada na paróquia e freguesia de Santa Maria do Castelo e São Miguel de Torres Vedras. A paróquia de Campelos só foi criada em 1964. A primeira igreja paroquial foi dedicada a Santo António e foi construída entre 1905 e 1910. A nova igreja paroquial foi inaugurada em 1976. Outros lugares de culto referidos são a ermida de Nossa Senhora da Paz e as capelas privadas do Lar de Idosos, dedicadas a Nossa Senhora da Piedade e a Santo António. As celebrações mais importantes desenrolam-se no período da Quaresma, da Páscoa e do Natal. Notícia das visitas da imagem peregrina de Nossa Senhora de Fátima e de um conjunto escultórico constituído por Santo António e pelo Menino Jesus. As irmandades e confrarias da freguesia são dedicadas ao Santíssimo Sacramento, ao Coração de Jesus, a Nossa Senhora de Fátima, a Nossa Senhora do Carmo e a Santo António. Notas sobre a igreja de Nossa Senhora de Fátima da Cabeça Gorda (freguesia de Campelos) e as suas irmandades, erigidas em honra de São Sebastião e de São José. Dados sobre a vida paroquial. Os seus habitantes realizam um círio ao Senhor Jesus do Carvalhal (distrito de Leiria), que terá começado no século XIX como promessa feita por ocasião de um surto de cólera. Transcrição de loas cantadas por uma criança à saída de Campelos, à chegada e à saída do Carvalhal e à chegada a Campelos. – (C1-E1-E3-G1).

1081-11-ARAÚJO (António de Sousa), “A Pontinha: aspectos da história ou a memória e a alma”, *Itinerarium*, n.º 158, 1997, p. 361-385.

Subsídio para monografia da freguesia da Pontinha (freguesia desde 1984), que pertenceu à de Carnide em Lisboa, e hoje integra o concelho de Odivelas, sede do concelho do mesmo nome. Descrição sumária da instituição da paróquia da Sagrada Família da Pontinha, criada por Decreto de 28 de Junho de 1971, passando a antiga capela a igreja paroquial dedicada à Sagrada Família. A devoção a Nossa Senhora da Luz em Carnide data já do século XV, quando começaram as romagens à ermida desta invocação. São mencionadas as capelas particulares dedicadas a Nossa Senhora da Assunção e a São José, onde funcionou até 1834 uma casa de repouso dos lazaristas ou vicentinos, mais conhecidos por frades da Congregação da Missão. – (C1-C2-D2).

1082-11-ARAÚJO (António de Sousa), “A propósito dos 400 anos do santuário da Luz, em Carnide”, *Anais*, vol. XLII, 2008, p. 301-353.

A propósito da comemoração dos 400 anos do santuário da Nossa Senhora da Luz ou da Natividade, freguesia de Carnide em Lisboa, são dadas informações sobre diversos aspectos da vida religiosa na freguesia desde o século XVI. Contextualização geográfica e demográfica de Carnide, que menciona a importância de uma fonte na cura de doenças, sobre a qual foi edificada a capela do santuário. O apogeu do santuário deu-se nos séculos XVI e XVII, a julgar pela análise das visitas à paróquia de São Lourenço de Carnide entre 1600 e 1740, que fornecem dados sobre a vida religiosa e paroquial, assim como sobre as medidas correctivas determinadas pela autoridade religiosa. As confrarias da freguesia tinham por padroeiros o Santíssimo Sacramento, o Espírito Santo, o Senhor dos Passos, o Nome de Jesus, Nossa Senhora do Rosário, da Luz, os santos Sebastião, Amaro e Valentim. Havia ainda as irmandades das Almas e da Via-Sacra. Notas sobre a prática dominical da missa, as festas e santos de devoção local, as procissões, os dias santos e de jejum, assim como sobre os legados pios. Em apêndice são referidos os indivíduos mencionados nas visitas, o rol cronológico dos irmãos da irmandade do Santíssimo Sacramento e o rol alfabético elaborado a partir da Tábua dos Irmãos da Irmandade do Santíssimo, entre outros dados. – (A5-C3-D2-G1).

1083-11-ARAÚJO (António de Sousa), “Vida cristã em Carnide no período áureo do santuário da Luz – 1600-1740 (na perspectiva dos visitantes diocesanos)”, *Itinerarium*, n.º 170, 2001, p. 281-320.

Estudo sobre alguns aspectos da vida religiosa da paróquia de Carnide, freguesia do mesmo nome em Lisboa, no período entre 1600 e 1740, a partir de um livro de visitas. Nota sobre as confrarias e irmandades em honra do Santíssimo Sacramento, do Espírito Santo, do Senhor dos Passos, da Via-Sacra, de Nossa Senhora do Rosário e da Luz, dos santos Amaro, Sebastião,

Valentim e a das Almas, entre outras. As devoções e festas são dedicadas ao titular da matriz, São Lourenço (10 Agosto), a Nossa Senhora da Luz (8 Setembro) no seu santuário e a outros santos como Sebastião, Roque, Valentim, Amaro, Ana e Catarina de Alexandria. Menção das procissões em honra de Nossa Senhora da Luz, dos Passos ou das Endoenças (Semana Santa), da Ressurreição, de São Marcos ou das Ladainhas (clamores ou rogações) e do Corpo de Deus, assim como do Senhor fora (transporte do Senhor aos doentes e moribundos). Dados sobre a prática religiosa dominical, que era baixa, contentando-se o visitador com exigir aos fiéis a frequência da missa paroquial de pelo menos uma pessoa por cada casa. Indicações das situações a corrigir relativamente à imposição dos jejuns e dos dias santos de guarda. Outras disposições diziam respeito à falta de cumprimento dos legados ou encargos de missas por alma e ao culto da Santíssima Trindade instituído em 1612. Breve notícia do santuário de Nossa Senhora da Luz, nomeadamente, de uma fonte milagrosa datada do século XIV, presentemente dividida em duas partes uma das quais situa-se dentro da igreja, cujo culto se expandiu atribuindo-se poderes curativos não só à água da fonte, mas também aos objectos pertencentes a Nossa Senhora da Luz (coroa, cinto, manto e azeite da lâmpada). – (A5-C3-D2-G1).

1084-11-CARDOSO (Guilherme), “Arquivo Paroquial de S. Vicente de Alcabideche”, *AL-Qaabda: Boletim Cultural da Junta de Freguesia de Alcabideche*, Alcabideche, n.º 1, 1990, p. 93-108, il.

Relação de documentos datados de 1646 a 1921 do arquivo da paróquia de São Vicente, freguesia de Alcabideche, concelho de Cascais. O tomo compreende róis de confessados, testamentos, livros de registo das visitas paroquiais e de missas, o compromisso das irmandades das Almas e de São Vicente, documentos das confrarias do Santíssimo Sacramento, do Senhor Jesus e da irmandade do Espírito Santo. – (A5-E4-G1-G2).

1085-07-CATALÃO (Duarte Nuno), *Descrição da vila do Redondo em meados do século XVIII, segundo as memórias paroquiais de 1758*, Redondo, Santa Casa da Misericórdia, 2014, 117 p., il.

Descrição da vila do Redondo, sede do concelho do mesmo nome, segundo as memórias paroquiais de 1758. A primitiva igreja matriz, já existente no século XIV, situava-se no local onde mais tarde foi construído o convento de Santo António da Piedade, tendo sofrido ruína parcial em 1571. Descrição da nova igreja paroquial dedicada a Nossa Senhora da Anunciação: as capelas e altares eram dedicados à titular, ao Santíssimo Sacramento, ao Senhor do Descendimento, à Senhora do Monte Carmo e à Senhora do Rosário. Outros lugares de culto do Redondo eram a igreja da Misericórdia e as capelas dedicadas a Nossa Senhora da Saúde, dos Anjos, aos santos Sebastião,

Bartolomeu, Aleixo, Margarida de Antioquia ou da Galiza e ainda a capela do Calvário. Próximo da vila localizavam-se os conventos dos capuchos e, na Serra de Ossa (concelho do Redondo), o dos religiosos eremitas de São Paulo, sede da Ordem de São Paulo, o Primeiro Eremita. Na área da assistência destacavam-se a irmandade da Misericórdia conhecida desde 1521, além de outras cinco irmandades, três confrarias e as ordens terceiras carmelita e franciscana. Menção da romagem à ermida de Nossa Senhora da Saúde. Breves notas sobre a acção da Inquisição na vila do Redondo. Transcrição paleográfica das memórias paroquiais de 1758. – (C1-C2-G1-G2).

1086-11-CLEMENTE (Manuel), “As paróquias de Lisboa em tempo de liberalismo”, *Didaskalia*, vol. XXV, fasc. 1-2, 1995, p. 391-410.

Estudo sobre a evolução das transformações sócio-religiosas das paróquias da diocese de Lisboa no período de 1820 a 1974, para os quais concorreram várias razões, designadamente, o rápido crescimento e mobilidade da população urbana. Na evolução da organização paroquial o autor identifica três momentos: o da tentativa de recuperação do quadro paroquial pré-liberal; o da constatação da impossibilidade de tal desiderato a partir do pós-concílio e, finalmente, o da consideração de paróquia no quadro da Igreja Católica e da (nova) evangelização. Reflexões sobre a revitalização da vida paroquial nos vários aspectos da formação, do apostolado, da beneficência e da liturgia (passagem da liturgia do espectador para a liturgia do participante). É preconizada a redefinição do papel e da acção do pároco, a recuperação e reconstrução do espaço paroquial: a igreja paroquial mais do que lugar de culto é uma célula viva da comunidade cristã. O novo conceito de paróquia propõe que esta chame o praticante a uma vivência católica para que ultrapasse as formalidades administrativas do baptismo, do casamento e do óbito na família. – (A5).

1087-07-COSTA (Mário Alberto Nunes), “Estremoz e o seu concelho nas “memórias paroquiais de 1758”, *Boletim da Biblioteca da Universidade de Coimbra*, vol. XXV, 1962, p. 188-350; *Estremoz e o seu concelho nas memórias paroquiais de 1758*, separata do Boletim da Biblioteca da Universidade de Coimbra, vol. XXV, Coimbra, Coimbra Editora, 1961, 163 p.

Introdução e transcrição das memórias paroquiais de 1758 do concelho de Estremoz, que dão informações históricas sobre Estremoz e ao seu concelho: as igrejas paroquiais e os seus altares, as capelas, as ermidas e os conventos, as imagens, as confrarias e as irmandades, estabelecidas sobretudo nas igrejas paroquiais, assim como as principais romagens. – (C1-C2-G1).

1088-15-FALCÃO (José António), *Memória paroquial do concelho de Sines em 1758*, Santiago do Cacém, Real Sociedade Arqueológica Lusitana, 1987, 41 p.

Nótula introdutória e transcrição da memória paroquial do concelho de Sines, datada de 1758. Os lugares de culto compreendem a igreja paroquial, as igrejas não paroquiais, as ermidas e os conventos dedicados ao Salvador, ao Espírito Santo, a Nossa Senhora das Salas ou Salvas e dos Remédios, aos santos António, Marcos, Sebastião, Geraldo, Pedro, Bartolomeu e Catarina de Alexandria, entre outros. Alusão aos altares e imagens de Cristo, de Nossa Senhora da Conceição, da Graça, do Rosário, das Salas, de São João Baptista e das Almas, entre outros. Na capela da Misericórdia há relíquias do Santo Lenho e dos santos Torpes, Silvestre e Úrsula. Menção das confrarias e irmandades do Santíssimo Sacramento, de Nossa Senhora do Rosário, de São Luís (bispo de Toulouse), de São João Baptista, de São Pedro Gonçalves Telmo e a da Misericórdia, entre outras. Alusão a festas e procissões do Senhor dos Passos, de Nossa Senhora da Soledade e da Assunção. Notícia sobre as lendas de Santa Celarina (que teria nascido ou padecido martírio na vila de Sines) e São Torpes. Este foi martirizado em Pisa (Itália), terá depois chegado à foz da ribeira de Junqueira onde Santa Celarina, avisada por um Anjo, o encontrou, construiu-lhe um sepulcro e eventualmente um templo. – (B2-C2-G1-H1).

1089-15-FLORES (Alexandre M.), “Os livros de registos paroquiais e o distrito de Setúbal: sua importância para a história económica, social e religiosa (séculos XVI-XIX)”, *Movimento Cultural: Revista dos Municípios do Distrito de Setúbal*, n.º 3, 1986, p. 21-29, il.; n.º 4, 1988, p. 69-77, il.

Nota introdutória sobre a importância dos arquivos paroquiais para reconstruir, entre outros aspectos, a vida religiosa do distrito de Setúbal. Listagem dos livros de registo paroquial datados dos séculos XVI-XIX, conservados no Arquivo Distrital de Setúbal. Os registos fornecem informações sobre os santos que apadrinharam o baptismo ou que são nomeados nos testamentos, sobre os sacramentos, os locais de sepultura e os hábitos religiosos dos defuntos. – (E4).

1090-15-FLORES (Alexandre M.), “Vila e termo de Almada nas memórias paroquiais de 1758”, *Anais de Almada: Revista Cultural*, n.º 5-6, 2002-2003, p. 23-76.

Nota introdutória e transcrição das memórias paroquiais de 1758 de Almada e seu termo, sede do concelho do mesmo nome, incluindo as paróquias e freguesias da Caparica, de Amora, de Arrentela, de Corroios e ainda a do Seixal, hoje integrada no concelho do Seixal. São mencionados numerosas igrejas, paroquiais e não paroquiais, capelas e ermidas (públicas e privadas), assim como os conventos com os seus altares e imagens. São referidas igualmente as irmandades e confrarias sediadas nos lugares de culto e algumas procissões. – (C1-C2-E3-G1).

1091-15-FORTUNA (António Matos), *Monografia de Palmela: memórias paroquiais de 1758*, Palmela, Grupo de Amigos do Concelho de Palmela, 1982, 73 p.

Prólogo, selecção e anotações das memórias paroquiais de 1758 das freguesias de Santa Maria e de São Pedro, hoje freguesia de Palmela, sede do concelho do mesmo nome. Os lugares de culto são as igrejas paroquiais de Santa Maria e de São Pedro, as ermidas de Nossa Senhora da Purificação, da Redenção, de Brotas, dos santos Sebastião, João Baptista, António, Romão, Luís, rei de França, Brás, Julião, Gonçalo de Amarante, Ovídio, Ana e a igreja da Misericórdia. Referência aos conventos da Ordem de Santiago e da Ordem de São Paulo. Neles encontram-se altares e imagens dos titulares e de outras entidades religiosas como Nossa Senhora do Castelo e da Conceição, assim como os santos Jerónimo, Nicolau, Benedito, Luzia e Susana. As irmandades são dedicadas ao Santíssimo Sacramento, ao Senhor dos Passos, a Jesus, Maria e José, a Nossa Senhora do Rosário, da Vitória e a São Nicolau, assim como a das Almas. Alusão às relíquias de São Fabião, de São Sebastião e de São Brás. Menção de festas e romagens feitas em honra de alguns santos titulares das ermidas. – (C2-D4-G1-H1).

1092-07-FRANCISCO (João Luís Alves), “Três *Memórias Paroquiais*, do século XVIII, referentes à Azueira e Encarnação”, *Boletim Cultural* '03, Câmara Municipal de Mafra, p. 557-570.

Transcrição de três memórias paroquiais, duas referentes à freguesia de Azueira, datadas de 1725 e 1758, e uma à freguesia da Encarnação, datada de 1758, situadas no concelho de Mafra. Breve notícia das igrejas e capelas com destaque para a igreja paroquial de São Pedro dos Grillhões e a ermida de Nossa Senhora do Livramento na Azueira. Menção dos seus altares e dos objectos de culto que neles se encontravam. Notícia das romagens à ermida de Nossa Senhora do Livramento onde iam círios de várias freguesias devido à fama dos seus milagres. – (C1-C2-D2-E3).

1093-07-GABRIEL (Adriano), *Das gentes e terras do concelho de Vila Franca de Xira: o corpo e a alma da freguesia de Alverca do Ribatejo*, Santarém, Semanário Vida Ribatejana, [D.L. 2003], 2 vol, 351-285 p., il.

Caracterização muito ilustrada da freguesia de Alverca do Ribatejo, concelho de Vila Franca de Xira, sobretudo na actualidade. O volume I contém algumas informações sobre a importância da paróquia de São Pedro como núcleo aglutinador da população através dos espaços de culto que gere, nomeadamente a igreja matriz, e pelas suas iniciativas religiosas: as festas de São Pedro, as procissões do santo padroeiro, de Nossa Senhora de Fátima, do Domingo de Ramos e do Senhor dos Passos. Menção de uma procissão de velas em honra de Nossa Senhora de Fátima. Notas sobre a acção da Conferência de São Vicente de Paulo e a irmandade da Misericórdia, assim como sobre a

catequese. A construção da nova igreja dos Pastorinhos (de Fátima) foi iniciada em 2002, com a presença da imagem peregrina de Nossa Senhora de Fátima. Notícia da capela em honra de Nossa Senhora da Piedade, no lugar do Adarce, conhecida desde o século XV, que havia sido profanada e abandonada no período da República (1901-1926) e foi restaurada nas últimas décadas do século XX. À capela dirigiam-se romagens até ao início do século XX, principalmente nas sextas-feiras da Quaresma e também aos domingos e dias santos. – (C1-D2-D4-I3).

1094-12-GAMA (Eurico), *Catálogo dos livros paroquiais da Biblioteca Municipal de Elvas*, Lisboa, Academia Portuguesa de História, 1980, 277 p., il.

Catálogo dos livros paroquiais dos séculos XVI-XVII que se encontram na Biblioteca Municipal de Elvas, pertencentes às antigas paróquias da extinta diocese de Elvas, fundada em 1570 e reintegrada na diocese de Évora em 1881. Hoje constituem freguesias dos concelhos do Alandroal e de Estremoz do distrito de Évora, de Alter do Chão, Campo Maior, Elvas, Fronteira e Monforte do distrito de Portalegre. Inclui ainda os livros da freguesia de Olivença, cidade portuguesa até 1801 e depois integrada em Espanha. O catálogo compreende essencialmente registos de baptismo, casamento, óbito e visitas. Notícia sobre as igrejas paroquiais, capelas e cruzeiros das freguesias a que pertenciam os livros paroquiais. Os seus titulares eram o Senhor Jesus da Piedade, o Salvador, Nossa Senhora sob várias invocações e os santos Aleixo, Amaro, António, Bartolomeu, Bento, Brás, Domingos, João Baptista, Ildefonso, Saturnino e Vicente. – (C1-C2-C6-E4).

1095-11-GORJÃO (Sérgio), “Memórias paroquiais”, *Boletim Cultural '96*, Câmara Municipal de Mafra, p. 307-344, il., quadros.

Apresentação das memórias paroquiais de 1758 referentes às paróquias pertencentes ao actual concelho de Mafra. Os lugares de culto: as igrejas paroquiais cujos titulares e padroeiros das freguesias eram Nossa Senhora da Expectação, da Conceição, da Assunção, da Encarnação, da Oliveira, assim como os santos Domingos, Pedro, Silvestre, Miguel Arcanjo, André e Estêvão. Existiam quarenta e oito capelas ou ermidas, sendo cinco dedicadas ao Espírito Santo e catorze a Nossa Senhora, algumas das quais eram lugar de romagem, assim como duas Casas da Misericórdia. Menção de trinta e sete irmandades e confrarias, sendo sete das Almas e quatro do Santíssimo Sacramento. Alusão aos altares e imagens que se encontravam nos lugares de culto. – (C1-G1-G2-H1).

1096-11-GRAÇA (Júlio), *Origens da vila de Alhandra: memórias*, Alhandra, Edição de Freguesia de Alhandra e Museu de Alhandra – Casa Dr. Sousa Martins, 2003, 56 p.

Nota introdutória e recolha de um conjunto de memórias da freguesia de Alhandra, concelho de Vila Franca de Xira, uma das quais foi extraída de um dicionário corográfico do século XX. A igreja paroquial é dedicada a São João Baptista e datada de 1558; as ermidas existentes e desaparecidas têm como titulares Nossa Senhora da Piedade, hoje sede da irmandade da Misericórdia, Nossa Senhora da Graça, anteriormente sob a invocação de São Sebastião, da Guia, da Ajuda e de Santa Catarina de Alexandria. A devoção à imagem de Cristo Crucificado da Misericórdia, a quem são atribuídos dois milagres: um por acabar com uma seca e outro por salvar diversas pessoas de serem atingidas por um penedo, ambos em 1595. As procissões são as da Páscoa da Ressurreição, do Corpo de Deus, das Ladainhas de Abril, do dia de São João Baptista e a da Quinta-Feira das Endoenças. – (C2-E3-F1-F3).

1097-07-GRILLO (Maria Ludovina), “O concelho de Évora nas memórias paroquiais de 1758”, *A Cidade de Évora: Boletim da Comissão Municipal de Turismo de Évora*, n.º 71-76, 1988-1993, p. 187-212.; n.º 1, 1994-1995, p. 89-156.

Introdução e transcrição das memórias paroquiais de 1758 do concelho de Évora. Contém informações sobre lugares de culto como igrejas, ermidas, capelas e conventos dedicados ao Espírito Santo, à Santa Cruz, ao Bom Jesus, ao Senhor da Pobreza, à Madre de Deus, a Nossa Senhora da Boa Fé (ou das Nascenças ou da Benafilé), da Assunção, da Natividade, da Nazaré, dos Remédios, da Ajuda, de Brotas, da Cabeça, do Carmo, da Conceição, do Espinheiro, da Esperança, da Expectação, da Graça, de Guadalupe, das Mercês, de Monserrate, de ao Pé da Cruz, da Piedade, da Purificação, do Rosário, aos santos Antão, António, Bartolomeu, Bento, Brás, Caetano, Cornélio, Domingos, Francisco de Assis, Francisco Xavier, Inácio de Loiola, João Baptista, João de Deus, João Evangelista, José, Mamede, Manços, Matias, Miguel Arcanjo, Paulo, Pedro, Roque, Sebastião, Tiago, Bárbara, Catarina de Alexandria, Clara de Assis, Comba, Maria Madalena, Margarida de Antioquia ou da Galiza, Marta e Mónica. Estes contêm obras de pintura e escultura que representam o Santíssimo Sacramento, o Santíssimo Nome de Jesus, o Menino Jesus, Cristo Crucificado, o Bom Jesus, o Senhor dos Aflitos, dos Terços, o Menino Jesus, o Baptismo de Cristo, a Adoração dos Reis, a Ceia do Senhor, a Ressurreição, o Santo Cristo, Nossa Senhora da Ajuda, da Assunção, da Boa Fé (ou das Nascenças), da Conceição, da Luz, das Neves, do Rosário, da Alegria, da Anunciada, das Candeias, das Dores, da Encarnação, da Esperança, da Glória, de Guadalupe, de Monserrate, das Neves, da Piedade, dos Prazeres, dos Remédios, da Saúde e da Vitória; os santos Agostinho, Amaro, Bento, Crispim e Crispiniano, Cristóvão, Elói, Gregório Magno, Ivo, Jacinto, João Baptista, João de Deus, João Nepomuceno, Jordão (bispo da diocese de Évora), José, Lourenço, Manços, Mateus, Matias, Mauro, Miguel Arcanjo, Pedro, Plácido, Romão, Roque, Teotónio, Tiago, António,

Bento, Francisco Xavier, Marcos, Miguel Arcanjo, Pedro, Sebastião, as santas Luzia, Ana, Bárbara, Catarina de Alexandria, Comba, Inonimata (irmã do bispo de Évora São Jordão), Rosa de Lima, Vicente, Sabina e Cristeta, as Almas do Purgatório. Notícia de imagens que milagrosamente curaram homens e animais. Menção das irmandades do Santíssimo Sacramento, do Senhor Jesus, de Nossa Senhora dos Prazeres, do Rosário e das Almas. Alusão a diversas romarias e a relíquias. – (C2-F3-H1-H2).

1098-12-INÁCIO (Ana Calado), “O actual concelho de Alter do Chão nas Memórias Paroquiais de 1758”, *A Cidade: Revista Cultural de Portalegre*, n.º 7, 1992, p. 9-34, il., mapa, planta.

Nota introdutória e transcrição de documentos que constam das memórias paroquiais de 1758 do concelho de Alter do Chão. Na matriz de Alter do Chão, cujo orago é Nossa Senhora da Assunção, encontravam-se altares erguidos em honra do Santíssimo Sacramento, do Senhor das Chagas, de Nossa Senhora da Assunção, da Piedade, do Rosário, dos santos João Evangelista, Crispim, Sebastião e Tiago, de Santa Catarina de Sena (Siena) e do Anjo da Guarda. Menção das ermidas do Senhor do Outeiro, do Espírito Santo, à qual se realizavam romagens, da Misericórdia, dos santos Miguel Arcanjo, Francisco de Assis (dos Terceiros), Sebastião, Brás e Luzia. Na igreja da freguesia de São Bartolomeu do Reguengo (depois integrada na freguesia de Alter do Chão), cujo orago é o apóstolo São Bartolomeu, havia os altares dedicados a Nossa Senhora das Candeias e ao Menino Deus. Na igreja de Alter Pedroso, que pertence à freguesia de Alter do Chão, localizavam-se as imagens de Nossa Senhora das Neves, da Conceição, do Carmo, do Rosário e de São João Baptista, entre outras. O orago da freguesia de Chancelaria é Santo Estevão e o da freguesia de Seda é Nossa Senhora do Espinheiro. Referência às confrarias e irmandades do Santíssimo Sacramento, de Nossa Senhora do Rosário, da Conceição, do Carmo, da Misericórdia, do Anjo da Guarda, de São Marcos e das Almas do Purgatório. – (C2-D3-D4-G1).

1099-12-MACHADO (João Liberata), GORJÃO (Sérgio), “O actual concelho de Marvão nas memórias paroquiais de 1758”, *Ibn Maruán: Revista Cultural do Concelho de Marvão*, n.º 3, 1993, p. 51-83, il.

Introdução e transcrição das memórias paroquiais de 1758 das freguesias do actual concelho de Marvão. Os lugares de culto: as igrejas paroquiais e não paroquiais, capelas e ermidas eram dedicados ao Espírito Santo, ao Senhor Jesus, a Nossa Senhora da Esperança, da Estrela, aos santos Simão, Domingos, André, Brás, Tiago, António, Marcos, Pedro e Silvestre. Neles encontram-se retábulos esculpidos, azulejos, quadros pintados e, sobretudo, imagens representando Cristo Crucificado, o Senhor do Bonfim, dos Passos, o Menino Jesus, Ecce Homo, Nossa Senhora do Amparo, da Orada, da Esperança, da Graça, do

Rosário, dos Remédios, do Socorro, a Virgem Maria e a Visitação de Nossa Senhora a Santa Isabel; os santos Sebastião, João Baptista, Estêvão, Gregório Magno, Francisco Xavier, Bento, José, Simão, António e Miguel Arcanjo, assim como as santas Marta, Bárbara e Maria Madalena. Menção das irmandades e das confrarias e as das Chagas de Cristo, da Cruz, do Santíssimo Sacramento, de Nossa Senhora de ao Pé da Cruz, da Estrela, da Conceição, dos santos Francisco de Assis e Pedro, do Anjo Custódio, das Almas e da Misericórdia. Descrição dos milagres de Nossa Senhora da Estrela: o da sua aparição a um pastor numa gruta, a quem disse que queria que lhe fosse erguido um lugar de culto, que viria a ser um mosteiro, onde mais tarde se estabeleceria uma comunidade de franciscanos; o da protecção das tropas portuguesas durante as guerras entre Portugal e Espanha. Notícia de romagens a Nossa Senhora da Estrela (na gruta onde foi encontrada a imagem e na sua capela, nos meses de Setembro e Outubro) e a Santa Marta, bem como da procissão de Nosso Senhor dos Passos. – (C1-D2-F4-G1).

1100-07-MARTINS (José Eduardo Ferreira), *Alenquer 1758: o actual concelho nas memórias paroquiais*, Arruda dos Vinhos, Arruda Editora, [D.L. 2008], 138 p., il.

Apresentação e transcrição das memórias paroquiais do concelho de Alenquer, sede do concelho do mesmo nome, datadas de 1758. Os lugares de culto: igrejas paroquiais e não paroquiais, capelas, ermidas, públicas e privadas, eram dedicados ao Bom Jesus, ao Espírito Santo, ao Senhor Jesus, a Nossa Senhora dos Prazeres, dos Anjos, da Piedade, da Conceição, da Ameixoeira, da Nazaré, da Penha de França, da Luz, da Graça, da Natividade, da Salvação, da Glória, da Redonda, do Testinho, da Assunção, da Encarnação, da Purificação, das Virtudes, do Egipto, do Ó, do Azambujeiro, do Bom Sucesso, do Livramento e dos Favores; aos santos Estêvão, Gregório Magno, Lourenço, Roque, Miguel Arcanjo, Aleixo, André, Caetano, Brás, Tiago, António, João Baptista, Marcos, Pedro, Martinho de Tours, Paio, Amaro, Luís, rei de França, Catarina de Alexandria, Quitéria, Ana, Bárbara e Maria Madalena. Menção dos conventos de franciscanos, masculinos e femininos, de dominicanos, de capuchos e de carmelitas descalços. Menção de diversos altares e de confrarias dedicadas ao Santíssimo Sacramento, ao Espírito Santo, ao Menino Jesus, às Almas e a da Misericórdia. Notícia dos santos Mártires de Marrocos, de círios, dos rituais do Império do Espírito Santo e de romagens. – (C1-D4-E3-G2).

1101-11-MARUJO (Alfredo), “Calhandriz: um olhar sobre o seu passado setecentista”, *Cira: Boletim Cultural*, n.º 10, 2010, p. 59-81.

Breve estudo sobre a freguesia de Calhandriz, concelho de Vila Franca de Xira, no século XVIII, baseado nas memórias paroquiais de 1758. Contém uma notícia sobre a igreja paroquial de São Marcos, as ermidas dedicadas a Nossa Senhora da Graça, a Nossa Senhora da Conceição e a Nossa Senhora

dos Anjos (estas duas hoje inexistentes) e sobre os cruzeiros. Na igreja havia representações de São Marcos esculpido e pintado. Notícia da vivência religiosa da população: a participação regular nos actos de culto aos domingos e dias santificados, a prática sacramental, a festa do santo padroeiro e a organização das irmandades do Santíssimo Sacramento e de São Marcos. Em anexo contém a transcrição da memória paroquial. – (C1-C6-E2-G1).

1102-15-MATA (José Silva Ferreira), “A religião e a espiritualidade da comenda de Sesimbra, 1516”, *Estudos em homenagem ao Professor Doutor José Marques*, Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2006, vol., II, 375-386 p.

Estudo sobre a religião e a espiritualidade do povo de Sesimbra, sede do concelho do mesmo nome, comunidade de pescadores cuja vida era marcada pela incerteza do regresso e da perda provocada pelo mar, a partir da visita realizada pelo mestre da Ordem de Santiago em 1516. Notas sobre as ermidas de Santa Maria do Carmo, de Nossa Senhora do Cabo (Espichel, freguesia do Castelo em Sesimbra), lugar de peregrinação, de São Sebastião e de Santa Ana. Dados sobre as relações entre o prior e o povo (cumprir as suas obrigações eclesiais e ensinar a religião). As devoções principais realizavam-se em honra de Nossa Senhora da Consolação e de Nossa Senhora dos Anjos. Entre as confrarias destaca-se as dos pescadores denominada de Corpo Santo (Pedro Gonçalves Telmo). O povo de Sesimbra revela pouco cuidado no cumprimento das obrigações da confissão e na participação da missa domingueira. Notas sobre as suas atitudes perante a morte e o casamento. Em Vila Nogueira de Azeitão (freguesias de São Lourenço e São Simão) foram visitadas as ermidas de São Simão, de São Pedro e de São Lourenço. – (A5-C2-D2-G4).

1103-11-MIGUEL (Anabela S.), ROIS (Luísa M. V.), “Uma pequena comunidade rural saloia: o Carvalhal”, *Etnografia da região saloia: a diversidade do quotidiano*, I Colóquio de etnografia da região saloia, 1987, Sintra, Instituto de Sintra, 1999, vol. II, p. 57-118 [4], il.

Estudo da comunidade do Carvalhal, freguesia de Cheleiros, concelho de Mafra, que descreve sumariamente diversos aspectos da vida religiosa. A igreja do Carvalhal data provavelmente do século XVIII. Os santos padroeiros são Nossa Senhora do Ó (com festa a 28 de Outubro) e São Simão (com festa e procissão a 18 de Dezembro). Outros cultos eram feitos em honra de Nossa Senhora da Nazaré e de São Mamede. A festa litúrgica mais importante é a Páscoa. Alguns usos e costumes: as práticas relacionadas com a morte, o Pão por Deus e as crenças próprias do fabrico do pão (gestos, rezas). Dados sobre a participação na missa dominical, sobre a catequese e a comunhão solene. Recolha de rezas, mezinhas e histórias de bruxas, lobisomens e histórias romanceadas da Rainha Santa Isabel, entre outras. – (B3-E1-E2-E6).

1104-07-MOREIRA (Isabel Alves), *Memórias paroquiais da vila do Alandroal e seu termo (1758)*, Lisboa – Alandroal, Edições Colibri – Câmara Municipal, 2013, 104 p.

Nota introdutória sobre os inquéritos estatais setecentistas, nomeadamente sobre as memórias paroquiais de 1758 da freguesia do Alandroal, sede do concelho do mesmo nome. Transcrição dos questionários e das respostas ao inquérito de 1758 referentes às actuais freguesias de Nossa Senhora da Conceição, de Terena (São Pedro), de Juromenha (Nossa Senhora do Loreto) e de Capelins (Santo António) do concelho do Alandroal. Contém dados sobre os lugares de culto com os seus altares, as confrarias e irmandades. Menção de festas, procissões e romagens. – (C1-C2-D2-G1).

1105-11-PEREIRA (Isaías da Rosa), “Os róis dos confessados, seu interesse histórico e alguns problemas que suscitam a sua utilização”, *Primeiras jornadas de história moderna*, Lisboa, Centro de História da Universidade de Lisboa, 1989, vol. I, p. 57-69.

Notas sobre a importância dos róis de confessados (obrigatórios a partir do século XV) relativos às diferentes freguesias da diocese de Lisboa. Neles se inclui informações sobre o número de habitantes, de fogos, sobre cargos públicos e honoríficos, as profissões, o número de confissões e comunhões na Páscoa. A título de exemplo é feita a transcrição do rol de confessados de 1740 da freguesia de Santa Justa em Lisboa, conhecida também por freguesia de São Domingos, por causa da paróquia ter sede na igreja do convento de São Domingos. A utilização deste tipo de fontes levanta os seguintes problemas: não registam as crianças com menos de sete anos; havia párocos que não cumpriam a obrigação de escriturar os livros; havia pessoas que se ausentavam da paróquia para não se confessarem; e, finalmente, a dificuldade em definir o que é um fogo. – (A2-A5).

1106-11-PORTUGAL (Fernando), MATOS (Alfredo de), *Lisboa em 1758: memórias paroquiais de Lisboa*, Lisboa, Publicações Culturais da Câmara Municipal de Lisboa, 1974, 442 p., il.

Memórias paroquiais de Lisboa de 1758 referentes às trinta freguesias da cidade, com dados sobre igrejas paroquiais e não paroquiais, ermidas, capelas e conventos. Os seus titulares são, designadamente, o Santo Cristo, o Rei Salvador, o Santíssimo Sacramento, a Santíssima Trindade, Nossa Senhora sob várias invocações (cerca de 65), santos e santas (mais de 100) como António, Cristóvão, Estêvão, Gonçalo Amarante, Jorge, José, Lourenço, Luís, rei de França, Mamede, Martinho de Tours, Miguel Arcanjo, Nicolau, Onofre, Sebastião, Tomé, Catarina de Alexandria, Engrácia, Justa e Isabel. Menção de objectos de culto, que se encontram nos lugares de culto, e das confrarias e irmandades (mais de 100) neles sediadas, em particular as que

tem por titulares o Divino Espírito Santo, a Ascensão do Senhor, o Senhor da Boa Morte, o Menino Jesus, a Santa Via-Sacra, os Santos Mártires, Nossa Senhora Mãe dos Homens, entre outras invocações de Nossa Senhora, os santos António, André, Brígida, Justa, Rufina e Luzia, assim como a das Almas e a da Misericórdia, entre outras. São assinaladas as romarias, os círios e as procissões do Corpo de Deus, da Ressurreição (na Páscoa) e dos Passos da Luz (Nossa Senhora da Luz). – (C2-D2-E3-G1).

1107-11-RAMOS (Marina Mendes de Ortigão), *A comunidade israelita de Lisboa: o passado e o presente na construção da etnicidade dos judeus de Lisboa*, Lisboa, dissertação de mestrado em Ciências Antropológicas apresentada na Universidade Técnica de Lisboa – Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas de Lisboa em 1999, 235 [43] p. dactilgr., il., quadros (consultável na Biblioteca Nacional de Portugal).

Análise histórico-antropológica da construção da etnicidade da comunidade israelita de Lisboa, desde a Idade Média e particularmente na atualidade. As etapas da presença judaica em Lisboa: a construção da comunidade, a tolerância dos primeiros reis, as perseguições e a sua expulsão, a sua relação com a Inquisição, a reconstituição da comunidade no início do século XIX, quando um pequeno núcleo de sefarditas com passaporte britânico se estabeleceu em Lisboa. Descrição e interpretação das práticas religiosas do ciclo da vida, das festas litúrgicas e do culto doméstico: o nascimento (circuncisão e “nomeação”), chegada à maioridade (Bar Mitzvah), o casamento (Kiddushin), a morte e o luto; o Shabat, o Rosh Hashanah (Ano Novo), o Yom Kippur (dia da Expição ou do Grande Perdão), o Pesah (Páscoa), o Shavuot (Pentecostes), o Sukot (marca as colheitas do Outono). Breves notas descritivas sobre a sinagoga e o serviço religioso que nela se realiza. – (A5-C1-E1).

1108-15-RODRIGUES (Henrique), CONCEIÇÃO (Cristina Rosa Costa da), “Memórias paroquiais (interrogatório respeitante a Sesimbra)”, *Akra Barbarion: Sesimbra, Cultura e Património*, n.º 2, 2017, p. 199-213.

Transcrição das memórias paroquiais de Sesimbra, sede do concelho do mesmo nome, datadas de 1758. Breve notícia da igreja matriz de São Tiago com os seus altares. Menção dos conventos franciscano e dominicano e da ermida do Espírito Santo pertencente à irmandade dos marítimos de Sesimbra, assim como da capela de São Sebastião, na qual se acha estabelecida a Venerável Ordem Terceira da Penitência. – (C1-C2-G2-G4).

1109-11-SANTA BÁRBARA (Artur), *Benfca e a sua igreja: narrativa, antologia (1955-1979)*, Lisboa, Livraria Ferin, 1979, 135 p., il. mapa.

Notas do autor e antologia de textos da autoria do padre Álvaro Proença que narram vários episódios relativos à paróquia de Nossa Senhora do Amparo,

freguesia de Benfica em Lisboa, entre 1955 e 1979. Dados dispersos, organizados cronologicamente, sobre a paróquia, a igreja paroquial, as acções de catequese e apoio social desenvolvidos ao longo deste período. Alguns apontamentos relativos às celebrações religiosas da freguesia durante a Quaresma e nas festas em honra da padroeira, Nossa Senhora do Amparo, e de Nossa Senhora de Fátima (a procissão das velas com a imagem peregrina de Nossa Senhora e as peregrinações a Fátima). Notas sobre a irmandade de Nossa Senhora do Amparo, fundada em 1586, e sobre o culto à titular. Transcrição de uma oração a São Francisco de Assis. – (C1-D2-E2-G1).

1110-12-SENA (António M. F. de), “Memórias paroquiais de Amieira e Vila Flor 1758-1759”, *Ibn Maruán: Revista Cultural do Concelho de Marvão*, n.º 9-10, 1999-2000, p. 417-440, il.

Introdução e transcrição das memórias paroquiais de 1758 de Amieira, concelho de Nisa, e de Vila Flor, povoações que integram hoje a freguesia de Amieira do Tejo. Os lugares de culto: as igrejas paroquiais e não paroquiais, ermidas e capelas eram dedicadas ao Espírito Santo, ao Senhor da Cruz, a Nossa Senhora da Assunção, da Sanguinheira, da Flor, aos santos Tiago, João Baptista, André, Pedro, João Evangelista, Domingos, Simão, Sebastião, António, Bartolomeu e ainda a igreja da Misericórdia. Nestes lugares de culto encontram-se as imagens dos titulares e outras que representam o Santíssimo Sacramento, o Salvador do Mundo e Nossa Senhora do Rosário, assim como os santos João Baptista e Caetano, entre outras. Menção das irmandades e confrarias do Senhor dos Passos, do Santíssimo Sacramento, de Nossa Senhora do Rosário, da Graça, dos santos Pedro e António, assim como a das Almas. Notícia sobre as romagens em honra do Salvador do Mundo (principalmente na Quaresma), de Nossa Senhora da Sanguinheira (protectora dos partos), da Flor e dos santos Gregório Magno, Domingos e António. – (C2-D3-E1-G1).

1111-07-SILVA (Augusto da), “Os sacramentos da iniciação cristã na arquidiocese de Évora”, *Igreja Eborense: Boletim de Cultura e Vida da Arquidiocese de Évora*, n.º 9, 1985, p. 53-77, quadros, gráficos.

Análise dos resultados de um inquérito sobre a prática dos sacramentos da iniciação cristã (baptismo, primeira comunhão, confirmação) na arquidiocese de Évora entre 1972 e 1982, contendo informações quantitativas sobre a celebração destes sacramentos e a preparação doutrinária de quem os recebe, dos seus pais e padrinhos. No período analisado os baptismos diminuíram significativamente, as primeiras comunhões baixaram, atingindo o mínimo em 1975, para a seguir voltar a subir, superando em 1982 o número de 1972. Quanto à confirmação, o número de crismados é muito reduzido e a larga maioria não mantém a prática religiosa após o crisma. As características socio-religiosas da diocese: a irreligiosidade confessada no censo de 1981 é muito superior

à média nacional; a prática dos que dizem ter religião é reduzida (diminuição dos casamentos religiosos, baixa participação na eucaristia dominical); o ambiente sociocultural apresenta traços que dificultam a iniciação cristã (baixa densidade demográfica, elevado analfabetismo e o peso de ideologias defensoras do laicismo). Referência aos problemas da prática e doutrina pastorais baseados nos resultados do inquérito. – (A5-E4).

1112-11-SILVA (José António), “Memórias paroquiais do Lumiar”, *Cadernos Culturais de Telheiras*, n.º 1, 2008, p. 59-67; n.º 2, 2009, p. 95-105, il.

Resumo e transcrição das memórias paroquiais de 1758 da freguesia do Lumiar em Lisboa, que integrava os provoados que hoje correspondem às freguesias de Odivelas e de Póvoa de Santo Adrião, no concelho de Odivelas. Na freguesia do Lumiar são referidos a igreja paroquial de São João Baptista e os seus altares, imagens, pinturas e irmandades. Nesta freguesia havia ainda duas ermidas e um convento franciscano, onde estava exposta a imagem de Nossa Senhora da Porta do Céu. Menção da romagem a Santa Brígida da qual há uma relíquia na igreja do Lumiar. Alusão a várias ermidas, ao convento das religiosas de São Bernardo de Claraval, ao padrão do Senhor Roubado e à igreja de Santo Adrião. São referidos os seus altares e imagens, as irmandades e as celebrações religiosas. – (C1-C2-G1-H1).

1113-11-SILVA (Luís Gonçalves da), *Breve história da paróquia de Nossa Senhora da Ajuda: um escorço histórico para rememorar a existência oficial da freguesia da Ajuda, no ano da comemoração do seu 4.º centenário*, [Lisboa], Edição da Igreja paroquial de Nossa Senhora da Ajuda, 1987, 61 p., il.

Breve monografia histórica sobre a origem e evolução da paróquia de Nossa Senhora da Ajuda, freguesia da Ajuda em Lisboa, e dos seus principais lugares de culto, desde o século XVI até 1987. A lenda da ermida de Nossa Senhora da Ajuda, sede da primitiva igreja paroquial, conta que esta teve origem no aparecimento de uma imagem da Virgem Maria com o Menino encontrada por dois pastores numa gruta do Alto de Monsanto ou no Alto da Ajuda. Foram dois frades franciscanos que promoveram a devoção e fizeram o voto de erigir a ermida. Esta teve como primeira invocação Nossa Senhora Aparecida e posteriormente Nossa Senhora da Ajuda, em virtude das numerosas graças concedidas. No século XIX, a igreja paroquial foi transferida para o templo anexo ao convento de Nossa Senhora da Boa Hora (a igreja passa a ter o nome da padroeira da freguesia e abandona o antigo duplo orago Nossa Senhora da Boa Hora e Santa Rita de Cássia). São mencionados outros lugares de culto do século XVIII: a capela real e a igreja patriarcal, demolida em 1843, a igreja de Nossa Senhora do Livramento e de São José, mais conhecida por “igreja da Memória” (mandada construir pelo rei Dom José I por se ter salvo dum atentado). São mencionados objectos de culto: a imagem de Nossa Senhora

da Ajuda e painéis de azulejos com a representação de episódios da vida de Santo Agostinho. Notas sobre as actividades paroquiais de apoio social e de evangelização. – (C1-D2-F2-H1).

1114-11-SOARES (Maria Micaela), “O concelho de Azambuja nas memórias paroquiais de 1758”, *Boletim Cultural*, Assembleia Distrital de Lisboa, t. 2, 1989, p. 273-351, il.

Estudo e transcrição das memórias paroquiais de 1758 do concelho de Azambuja. As igrejas paroquiais e não paroquiais, ermidas e capelas públicas e privadas eram dedicadas principalmente ao Menino Jesus, ao Divino Espírito Santo, a Nossa Senhora da Assunção, da Conceição, da Purificação, do Rosário e aos santos Antão, António, Pedro, Estêvão, Clara de Assis, Maria Madalena, Marta e Salomé. Neles encontram-se diversas imagens dos titulares e de outros santos, como por exemplo Roque, Sebastião, Benedito, José e Luzia. Nos lugares de culto estão sediadas as irmandades e confrarias do Menino de Deus, do Divino Espírito Santo, do Santíssimo Sacramento, do Senhor dos Passos, de Nossa Senhora do Rosário, das Almas e a da Misericórdia. Alguns apontamentos relativos às romagens ao santuário de Nossa Senhora das Virtudes, considerada milagrosa. – (C2-D2-G1-H1).

1115-11-SOARES (Maria Micaela), “A Granja de Alpriate nas memórias paroquiais de 1758”, *Cira: Boletim Cultural*, n.º 3, 1987-1988, p. 49-72, il.

Breve análise e transcrição das memórias paroquiais de 1758 da Granja de Alpriate, hoje pertencente à freguesia de Vialonga, concelho de Vila Franca de Xira. Os lugares de culto são a igreja paroquial de São Sebastião e as ermidas, hoje inexistentes, de Nossa Senhora da Nazaré e de São João Baptista. As confrarias eram dedicadas ao Santíssimo Sacramento, a Nossa Senhora do Rosário, a São Sebastião e a Santa Ana. – (C1-C2-G1).

1116-11-SOARES (Maria Micaela), “Vialonga nas memórias paroquiais de 1758”, *Boletim Cultural*, Assembleia Distrital de Lisboa, n.º 94, t. 1, 2000-2002, p. 107-170 [40], il.; “Vialonga nas memórias paroquiais”, *Boletim da Vialonga*, 1992, p. 21-67., il.

Estudo sobre a freguesia de Vialonga, concelho de Vila Franca de Xira, com base nas memórias paroquiais de 1758. Os lugares de culto eram a igreja paroquial de Nossa Senhora da Assunção, as ermidas públicas e privadas do Divino Espírito Santo, de Nossa Senhora da Conceição, da Penha de França, da Graça, do Rosário, dos Prazeres, dos santos João Baptista, António, Sebastião, Eulália (Mérida) e Maria Madalena. À capela de Santa Eulália ocorriam romagens duas vezes por ano, tendo a de Dezembro um bodo. Menção dos conventos de capuchos, dedicado a Nossa Senhora do Amparo, e de clarissas, cuja padroeira era Nossa Senhora dos Poderes. Na

igreja paroquial havia vários altares dedicados à padroeira, a Nossa Senhora do Rosário, aos santos Miguel Arcanjo, José e Ana, assim como uma capela pertencente à Ordem Terceira de São Francisco de Assis. Na paroquial estavam sediadas as confrarias e irmandades do Santíssimo Sacramento, dos santos José, António e Ana, bem como a das Almas e a da Ordem Terceira de São Francisco. Notícia das potencialidades curativas das águas de uma fonte e das limalhas da escultura de Santa Eulália. Notas sobre algumas das principais manifestações da vivência cristã da população: a prática sacramental, as festas e as romagens. Entre as atitudes perante a morte destacam-se a preocupação com o local de sepultura, os legados e o vestuário do morto, que reflectiam a categoria social a que pertencia. Contém apêndice documental e iconográfico. – (C2-D4-E4-G1).

1117-15-SOUSA (Manuel Frango), *Azeitão, a nossa terra*, Azeitão, Jornal de Azeitão, 2013, 178 p., il.

Recolha de textos escritos pelo padre de Vila Nogueira de Azeitão, freguesias de São Lourenço e de São Simão, concelho de Setúbal, para um pequeno jornal redigido por ele, e de outros textos que tratam de aspectos da história da localidade. São dadas informações sobre os lugares de culto, clérigos e religiosos nascidos na freguesia de São Lourenço. A história e a decoração da igreja paroquial de São Lourenço, em particular dos painéis de azulejo que representam temas bíblicos. A fundação da paróquia de São Simão em 1570 e notícia dos seus lugares de culto (igrejas e capelas). Estudo histórico-crítico da lenda de Nossa Senhora da Arrábida (serra do concelho de Setúbal). Transcrição de vários documentos, nomeadamente da memória paroquial de 1758 da freguesia de São Simão. – (C1-C2-C5-H2).

1118-11-VARGAS (José Manuel), “Memórias paroquiais de Vila Franca de Xira”, *Cira: Boletim Cultural*, n.º 4, 1989-1990, p. 63-74 [4], il.

Notas e transcrição das memórias paroquiais de 1758 de Vila Franca de Xira, sede do concelho do mesmo nome, que dão notícia da igreja paroquial de São Vicente, das ermidas do Senhor Jesus dos Incuráveis, de Nossa Senhora das Mercês e dos Remédios, dos santos Sebastião, Amaro, Francisco de Assis e Sofia. Nos seus altares há imagens do Senhor do Bonfim, do Menino Jesus, de Nossa Senhora da Conceição, da Assunção, das Candeias, do Carmo, dos santos Brás, Pedro, João Baptista e Francisco Xavier. Nos lugares de culto estavam sediadas as confrarias e irmandades do Santíssimo Sacramento, do Senhor do Bonfim, de Nossa Senhora da Purificação, do Rosário, do Carmo, dos santos Pedro, João Baptista, Miguel Arcanjo, Sofia e a das Almas. – (C1-C2-G1-H1).

1119-12-VENTURA (Rui), “As memórias paroquiais de 1758 do actual concelho de Portalegre”, *A Cidade: Revista Cultural de Portalegre*, n.º 10, 1995, p. 93-135.

Introdução e transcrição das memórias paroquiais de 1758 relativas ao concelho de Portalegre. Os lugares de culto: igrejas paroquiais, capelas da Misericórdia, ermidas e conventos dedicados ao Espírito Santo, ao Senhor do Bonfim, ao Calvário, à Sagrada Família, a Nossa Senhora de Belém, da Conceição, da Esperança, da Lapa, da Penha, do Socorro; aos santos André apóstolo, Bernardo de Claraval, Brás, Cristóvão, Domingos, Francisco de Assis, Gregório Magno, Jerónimo, Julião, João Baptista, Lourenço, Mamede, Martinho de Tours, Mateus, Miguel Arcanjo, Pedro, Sebastião, Tiago e Tomé, assim como às santas Ana, Clara de Assis, Maria Madalena e Marta. Nos lugares conservam-se as imagens do Espírito Santo, do Senhor do Bonfim, da Paciência, de Santo Cristo, do Cristo Crucificado, do Salvador do Mundo, das Chagas de Cristo, da Vera Cruz, de Nossa Senhora da Alegria, do Amparo, da Assunção, de Belém, do Bom Sucesso, das Candeias, da Conceição, da Consolação, do Carmo, da Esperança ou da Expectação, da Glória, da Graça, de Loreto, da Luz, das Mercês, da Penha, do ao Pé da Cruz, dos Prazeres, dos Remédios, do Rosário, do Socorro e dos santos André apóstolo, António, Brás, Crispim, Crispiniano, Estêvão, Francisco de Assis, Gregório Magno, João Baptista, João Evangelista, Julião, Macário, Marcos, Mateus, Miguel Arcanjo, Paulo, Pedro, Simão, Tiago Maior, Tiago Menor, Catarina de Sena (Siena), Maria Madalena e Marta. Menção das qualidades milagrosas das imagens de Nossa Senhora de Belém, de ao Pé da Cruz, dos santos Tiago, Pedro e das relíquias do Santo Lenho e de Santo Inocência. Os padroeiros das confrarias e irmandades eram o Santo Cristo, as Chagas de Cristo, o Espírito Santo, o Santíssimo Sacramento, Nossa Senhora das Candeias, do Carmo, da Conceição, da Luz, dos Prazeres, dos Remédios, do Rosário, do Socorro e os santos António, Crispim e Crispiniano, José, Miguel Arcanjo, Pedro, Sebastião e Tiago, assim como as da Misericórdia e das Almas. Referência às festas da Exaltação da Cruz, da Invenção da Cruz, de Nossa Senhora de ao Pé da Cruz, da Esperança, dos santos António, João, Macário, Mamede e Sebastião, assim como às romagens do Senhor do Bonfim e de Nossa Senhora da Esperança, da Penha e do Socorro. – (C1-C2-G1-H1).

1120-11-VILAR (Maria do Carmo), “A Ericeira de outros tempos de A a Z”, *Boletim Cultural* '95, Câmara Municipal de Mafra, p. 258-287, il.

Compilação de informações sobre vários aspectos da vida socio-económica e cultural da freguesia da Ericeira, concelho de Mafra, através da reprodução de excertos de textos de vários autores organizados por ordem alfabética. Os aspectos religiosos tratados são a igreja paroquial de São Pedro e as ermidas do Espírito Santo, de Nossa Senhora da Boa Viagem, dos santos Sebastião, António e Marta, que comportam objectos de culto representando os titulares, entre outros. As celebrações religiosas são constituídas pelas procissões dos Fogaréus (Quinta-Feira Santa) e do Santíssimo Sacramento, assim como

pelas festas de São João Baptista e de São Pedro. Notícia da irmandade da Misericórdia, fundada em 1678-1679, e do costume do peditório do Pão por Deus realizado pelas crianças no dia de Finados ou dos Fiéis Defuntos (2 de Novembro). – (C1-E3-E6-G2).

1121-07-“O concelho de Montemor-o-Novo nas memórias paroquiais de 1758”, *Almansor: Revista de Cultura*, n.º 3, 1985, p. 121-177, il.; n.º 5, 1987, p. 147-187, il.

Transcrição das memórias paroquiais de 1758 relativas ao concelho de Montemor-o-Novo. Os lugares de culto: igrejas paroquiais, ermidas e conventos dedicados ao Calvário, à Santa Cruz, a Nossa Senhora do Bispo, do Castelo, da Boa Fé (das Nascenças ou da Benafilé), da Conceição, das Graças, da Luz, da Natividade, da Paz, da Purificação, da Represa, do Rosário (ou de São Geraldo), da Saudação, da Safira, da Vila, da Visitação e do Livramento; aos santos Agostinho, Aleixo, André, António, Brissos, Cristóvão, Domingos, Francisco de Assis, Gens, João Baptista, João de Deus, Lázaro, Mateus, Pedro, Romão, Tiago, Sebastião, Simão, Vicente, Comba e Sofia. Nos lugares de culto conservam-se as imagens do Santo Cristo, de Jesus Crucificado, do Senhor das Chagas, dos Passos, das Necessidades, dos Aflitos, do Santíssimo Sacramento, da Sagrada Família, de Nossa Senhora dos Aleijados, da Assunção, da Boa Fé, da Boa Morte, de Brotas, da Conceição, do Carmo, da Esperança, da Graça, dos Milagres, das Neves, do Ó, da Paz, da Penha de França, da Piedade, do Pilar, do Rosário, dos Remédios e da Soledade; dos santos António, Bartolomeu, Bento, Brás, Crispim, Cristóvão, Francisco de Assis, Francisco Bórgia, Francisco Xavier, Gregório Magno (papa), Inácio de Loiola, Ivo, João Baptista, João de Deus, João Evangelista, Jorge, Lázaro, Mateus, Miguel Arcanjo, Pedro, Santiago, Sebastião, Simão, Ana, Bárbara, Catarina de Alexandria, Comba e Teresa de Jesus. Menção das relíquias do Santo Lenho e dos santos André, Filipe, Lourenço, Máximo (mártir), Vicente, Úrsula e Vitória. Menção das irmandades do Senhor dos Passos, do Santíssimo Sacramento, do Senhor Crucificado, do Senhor Jesus, de Nossa Senhora da Assunção, da Luz, dos Prazeres, da Purificação, do Rosário, da Visitação, de Santa Ana, da Ordem Terceira da Penitência, das Almas, dos Clérigos e da Misericórdia. Alusão às romagens de devoção ao Senhor Jesus dos Terços, a Nossa Senhora da Boa Fé, da Visitação, a São Filipe e a São João de Deus. – (C2-G1-H1-H7).

1122-.-*As freguesias dos distritos de Lisboa e de Setúbal nas memórias paroquiais de 1758, memórias, história e património*, coordenação de CAPELA (José Viriato), Braga, Casa Museu de Monção – Universidade do Minho, 2016, 965 p.

Estudos introdutórios e transcrição das memórias paroquiais de 1758 das freguesias dos distritos de Lisboa e Setúbal. Os estudos introdutórios tratam de aspectos eclesiais, administrativos, económicos e sociais, assim como

dos religiosos. Quanto aos aspectos religiosos, são tratados as igrejas matrizas com os seus altares, as ermidas e as capelas, as igrejas da Misericórdia, os padroeiros, as devoções e invocações dos lugares de culto e das irmandades, as irmandades e a acção paroquial, as romagens históricas, as festas, os bodos do Espírito Santo, a cronologia, a geografia e o raio de acção do movimento romeiro, a cristalização e renovação do devocionário português, entre outros temas. O protocolo da nova procissão do Corpo de Deus de 1717-1719. Os estudos introdutórios, a leitura e fixação de texto das memórias, a recolha documental e bibliográfica, a elaboração de índices e roteiros são de CAPELA (José Viriato), MATOS (Henrique) e CASTRO (Sandra). – (C1-C2-D2-D4).

1123-11-*Paróquia de S. João da Talha*, São João da Talha, Paróquia de São João da Talha, 2004, 171 p., il. quadros.

Contribuição para a história da paróquia de São João da Talha, freguesia do mesmo nome, concelho de Loures, com dados desde o século XVI. A igreja foi fundada no século XVI, sofrendo posteriormente várias alterações. A evolução da paróquia desde o século XVIII aos nossos dias. A acção pastoral no último quartel do século XX: movimentos, grupos e organismos, administração dos sacramentos e catequese. As festas e procissões em honra de São João Baptista. Descrição da freguesia no século XVIII, que dá conta da existência das ermidas de São Sebastião, depois denominada de Nossa Senhora dos Remédios, fundada em 1505, hoje na freguesia da Bobadela, e de Nossa Senhora dos Anjos, ambas desactivadas. A pedaços do pé da imagem de São Sebastião eram atribuídos poderes miraculosos. Na mesma capela existiam as imagens de Nossa Senhora dos Remédios e de São Roque, igualmente consideradas milagrosas. Estudo epigráfico das pedras tumulares. Transcrição de documentos. O texto foi elaborado por FORTES (Ildo), CAPOCO (Zeferino), QUELHA (Manuel), DANIEL (Maria do Céu) e OLIVEIRA (Vasco). – (C1-C2-D2-D4).

1124-11-*50 Anos da igreja paroquial de S. José do Algueirão*, [Mem Martins], Clio Artes Gráficas, 2010, 191 [16] p., il., plantas, quadros.

A construção da igreja paroquial da nova paróquia e freguesia de Algueirão-Mem Martins, concelho de Sintra, inaugurada em 1960, cujo titular é São José. A evolução da paróquia, que trata principalmente da catequese, da criação e acção de grupos e movimentos de espiritualidade e de iniciativas de formação e acção pastoral. O movimento dos clérigos (padres e religiosos) na freguesia. Transcrição de um hino e de uma oração a São José, padroeiro de Algueirão – Mem Martins. – (B3-B4-B5-C1).

C6 – Cruzes, calvários, colunas sagradas

1125-07-AURÉLIO (Carlos), “Dois cruzeiros de pedra na terra da tarde”, *Callipole: Revista de Cultura*, n.º 15, 2007, p. 295-305, il.

Notas sobre dois cruzeiros localizados em Vila Viçosa e em Viana do Alentejo, sedes dos concelhos do mesmo nome, datados do século XVI. O primeiro é proveniente do antigo convento de Santo Agostinho (depois quartel) e a sua localização actual data de 1850. Neste cruzeiro Cristo Crucificado está representado por uma serpente inspirada em episódios do Antigo Testamento. O segundo contém esculpidas na cruz as imagens de Cristo e de Nossa Senhora do Leite. – (H2).

1126-11-LIBÓRIO (Ana), MONTEIRO (Paula), “Intervenções de recuperação patrimonial nos cruzeiros do concelho”, *Cira: Boletim Cultural*, n.º 11, 2011-2013, p. 7-20, il.

Notas sobre diversos cruzeiros do concelho de Vila Franca de Xira, que foram objecto de intervenção patrimonial e que se encontram nas freguesias de Castanheira do Ribatejo, São João dos Montes e Sobralinho. Os cruzeiros datam, respectivamente, de 1667, 1755 e 1862.

1127-07-MONCADA (Miguel Cabral), “Topo de cruzeiro manuelino (c. 1500-1530)”, *Invenire: Revista de Bens Culturais da Igreja*, n.º 2, 2011, p. 22-25, il.

Notícia de um topo de cruzeiro proveniente, segundo o autor, de um outro situado em Montemor-o-Novo, sede do concelho do mesmo nome, e datado das primeiras décadas do século XVI. É composto pela cruz com a escultura de Cristo tendo a seus pés, de um dos lados São Jerónimo com o leão e do outro a representação da Pietá, apresentando ainda outras características próprias das cruzes da Ordem Militar de Avis. – (H2).

1128-11-NASCIMENTO (Alfredo Ferreira do), “Do cruzeiro de Santo Estêvão”, *Olisipo*, n.º 102, 1963, p. 99-101, il.

Comparação entre o actual cruzeiro de Santo Estêvão (1669), na freguesia de Santo Estêvão em Lisboa, e a sua representação numa estampa de 1906. Notícias de vários cruzeiros desaparecidos e de outros existentes situados fora da sua localização inicial.

1129-11-PÓVOAS (Helena Godinho C.), VAZ (Luís Gonçalves), *História do património escultórico em Arroios*, Lisboa, Lisboa, Junta de Freguesia de São Jorge de Arroios, 1992, 110 p., il.

Notas sobre o património escultórico da freguesia de São Jorge de Arroios em Lisboa, que inclui duas obras de temática religiosa. Localização e breve história do cruzeiro da freguesia, que foi erigido para comemorar a beatificação

da Rainha Santa Isabel em 1516. Contém a representação de Nossa Senhora da Piedade e de São Vicente, padroeiro da cidade de Lisboa. Notícia da imagem do Coração de Maria, datada de 1978. – (H1).

1130-11-*Património religioso edificado do concelho da Lourinhã: cruces, cruzeiros, nichos e capelas*, coordenação de SOUSA (Teresa Maria Faria de), CIPRIANO (Rui Marques), Lourinhã, Escola E. B. 2, 3 Dr. João das Regras – Centro de Estudos Históricos da Lourinhã, [D.L. 2003], 107 p., il., mapas.

Inventário do património religioso edificado das freguesias do concelho da Lourinhã, que compreende cruces, cruzeiros, nichos e capelas. Os nichos e as capelas são dedicados a Nossa Senhora de Fátima, do Carmo, das Graças, da Piedade, dos Caminhos e a São Ivo. – (C2).

C7 – Cemitérios

1131-11-ANACLETO (Regina), “A casa romântica dos que já morreram”, *Património arquitectónico. Santa Casa da Misericórdia 2*, Lisboa, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa – Museu de São Roque, 2010, vol. IX, t.1, p. 134-153, il.

Estudo dos jazigos que pertencem à Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, que se situam maioritariamente nos cemitérios de Lisboa. Em particular são estudados quatro localizados no cemitério dos Prazeres e no cemitério do Alto de São João. Breve percurso histórico sobre as práticas funerárias antes e depois do triunfo do cristianismo até ao século XVIII. As transformações verificadas na passagem do século XVIII para o século XIX relacionadas com a ascensão da burguesia e o triunfo do liberalismo, expresso nos espaços cemiteriais concretizados com a lógica da cidade dos vivos, onde a Igreja já não tem o domínio exclusivo. A contestação dos enterramentos nas igrejas e a emergência da morte romântica, mais tensa e dramática, materializou-se no século XIX nos préstitos fúnebres, no vestuário de luto, nas visitas aos túmulos e aos cemitérios, no culto da recordação que culmina no dia de Todos os Santos. A lenta implementação dos cemitérios públicos e a resistência do país rural no século XIX. A aceitação das necrópoles urbanas e o desejo de possuir um espaço para si e para a família. Os cemitérios como espaço de um rico e diversificado simbolismo, com as suas avenidas, habitações, estatuária e hierarquização. Nos cemitérios vão surgindo estratégias de dissimulação da morte e de reconciliação desta com a vida: os jazigos como casa de habitação familiar e perpetuação do nome da família. Descrição de quatro jazigos, construídos entre a segunda metade do século XIX e princípios do século XX, que reflectem as influências do ecletismo arquitectónico da época. – (A5-E4-I3).

1132-11-ANDRÉ (Paula), “Conhecer e revelar o espaço e as construções do cemitério dos Prazeres do século XIX”, *Pedra & Cal*, n.º 40, 2008, p. 17-20, Mapa, planta.

O cemitério dos Prazeres em Lisboa teve a sua origem no ano de 1834 e foi implantado no local onde existia uma ermida dedicada a Nossa Senhora dos Prazeres. O cemitério foi ampliado em 1856-1858 e 1863. Na construção dos jazigos destaca-se o da família Palmela, datado de 1847.

1133-11-AVELAR (Ana Filipa Gomes de), “Espólio epigráfico do património arquitectónico religioso da Misericórdia de Lisboa”, *Património Arquitectónico. Santa Casa da Misericórdia de Lisboa*, Lisboa, Santa Casa da Misericórdia – Museu de São Roque, 2006, vol. I, p. 162-212, il., plantas.

Estudo das inscrições de lápides e tampas sepulcrais das igrejas de São Roque e de São Pedro de Alcântara em Lisboa, realizadas entre os séculos XVI e XIX, que visa assinalar a importância deste tipo de fonte histórica para o conhecimento da vivência religiosa da morte, organizada pelas irmandades sediadas naquelas igrejas. A autora transcreve parcialmente alguns contratos inéditos referentes aos espaços funerários concedidos pelos padres jesuítas à irmandade dos Oficiais Mecânicos de Nossa Senhora da Doutrina. O seu conteúdo esclarece aspectos importantes relacionados com a construção, a localização e a gestão daqueles espaços (carneiros e sepulturas com as respectivas plantas); práticas de enterramento e manutenção das sepulturas, controlo dos maus cheiros decorrentes da decomposição dos corpos, aludindo ainda aos conflitos que se originaram no decurso da sua concretização. São transcritos documentos referentes à matéria em análise. – (C2-E4-G4).

1134-12-BALESTEROS (Carmen), “Menorot em cabeceiras de sepulturas de Marvão”, *Ibn Maruán: Revista Cultural do Concelho de Marvão*, n.º 2, 1992, p. 113-120, il.

Estudo sobre uma colecção de vinte e quatro cabeceiras de sepulturas medievais existentes no Museu Municipal de Marvão, encontradas em locais de enterramento próximos da igreja de Santa Maria, da igreja de Nossa Senhora da Estrela e, possivelmente, da igreja do Espírito Santo, situadas na freguesia de Santa Maria de Marvão, cidade de Marvão, sede do concelho do mesmo nome. – (C1-C2).

1135-11-BAPTISTA (Nuno Miguel), “Subsídios para o estudo da morte em S. Miguel de Torres Vedras”, *Turres Veteras VI – História da morte*, Torres Vedras – Lisboa, Câmara Municipal – Instituto de Estudos Regionais e do Municipalismo “Alexandre Herculano”, 2004, p. 153-171, gráficos.

Estudo demográfico sobre a morte na actual freguesia de Santa Maria do Castelo e São Miguel em Torres Vedras, sede do concelho do mesmo nome,

no século XIX, que contém uma notícia sobre a criação de cemitérios públicos em Portugal, nomeadamente em Torres Vedras. Em Torres Vedras, o cemitério de São João Baptista foi entregue à administração da Ordem Terceira de São Francisco de Assis em 1849, ano em que foi efectuado o primeiro enterramento. – (G2).

1136-.-CARDOSO (Carlos Lopes), “Símbolos profissionais em algumas sepulturas de ciganos (Alto Alentejo)”, *Revista Lusitana*, n.º 1, 1981, p. 27-35 [9], il. Contribuição para o estudo dos símbolos profissionais em algumas sepulturas de ciganos no Alto Alentejo (distritos de Portalegre e de Évora), contendo dados compreendidos entre os séculos XVI e XX. As Constituições Sinodais (finais do século XVI e século XVII) regulamentaram o uso dos enterramentos no interior dos lugares de culto, acabando com a colocação sobre as sepulturas de estelas com os símbolos profissionais, mas nos séculos XIX e XX este costume foi revitalizado. – (E4).

1137-11-CARVALHO (José Alberto Seabra), aliás SEABRA (José Alberto), FIDALGO (Maria Helena), MATEUS (Rui), CAETANO (Joaquim Oliveira), “A necrópole romântica como museu da morte”, *História*, n.º 124, 1990, p. 36-57, il. Notas sobre a arquitectura funerária e a simbologia tumular oitocentista em Lisboa, nos cemitérios do Alto de São João, dos Prazeres e dos Ingleses (1725). O programa estético e celebrativo do culto aos mortos nos cemitérios públicos instituídos pelos liberais após 1835 é expresso na construção da necrópole romântica. Análise e identificação de processos de mudança nas atitudes perante a morte ao longo do século XIX. A edificação do jazigo e a passagem do túmulo-urna ao túmulo-capela ou túmulo-casa e os reflexos dos movimentos artísticos. Entre os principais motivos iconográficos da tumulária oitocentista destacam-se o Anjo da Morte, a barca, a caveira, a cruz, o fogo. – (E4).

1138-07-COUTINHO (António Vasco Borges), “A capela de Santa Isabel na matriz de Veiros, panteão de Diogo Galvão Pegado Coutinho”, *Lusíada: Arqueologia, História da Arte e Património*, n.º 2-4, 2004, p. 119-138, il.

Na igreja matriz da freguesia de Veiros, concelho de Estremoz, há uma capela de Santa Isabel com um nicho-tribuna da primeira metade do século XVIII em que figura esta santa no momento do milagre das rosas e, nas ilhargas, duas tábuas pintadas que representam Nossa Senhora e São Diogo de Alcalá. A capela serve de panteão da família do coudel-mor Diogo Coutinho, estando sepultados os seus antepassados e o próprio fundador. – (C1-H1-H2).

1139-15-CUNHA (Mário), “O espaço eclesial como local de sepultura. As visitas quinzentistas às igrejas da ordem de Santiago”, *Genius Loci: lugares e significados*, coordenação de ROSAS (Lúcia), SOUSA (Ana Cristina),

BARREIRA (Hugo), Porto, Centro de Investigação Transdisciplinar “Cultura, Espaço, Memória”, 2017, vol. I, p. 71-83.

O estudo visa analisar a prática das inumações no interior das igrejas do território pertencente à Ordem Militar de Santiago no decurso do século XVI, com base nas visitas da ordem às igrejas situadas no distrito de Setúbal. Pretende-se captar as tendências e os comportamentos desta prática, que era reservada às elites e teve a resistência da Igreja. A inumação dos defuntos era acompanhada de fórmulas e celebrações. – (A5-E4).

1140-11-FLORES (Francisco Moita), *Cemitérios de Lisboa: entre o real e o imaginário*, Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa, 1993, 167 p., il.

Estudo sobre as atitudes perante a morte nos séculos XVIII a XX, tomando por base os cemitérios do Alto de São João e dos Prazeres em Lisboa. A secularização da morte expressou-se no enterramento fora dos lugares sagrados e a consequente resistência popular, no contexto da afirmação do Estado liberal e laico. As várias vivências da morte: o cemitério romântico expressa uma forma dramática de sentir a morte, a perpetuação da vida na memória dos mortos e a rejeição da corrupção do corpo. Exemplos da simbólica funerária, presentes na estatuária e nos epitáfios: os crucifixos, os Anjos da Morte, os símbolos das profissões, a simbólica tumular maçónica, a influência da egiptologia, a simbólica do Estado Novo e a do antifascismo, a dessacralização do cadáver, a cremação, os cemitérios vistos como museus da morte e da vida, assim como um lugar onde a arte se expressa. Análise de alguns jazigos e sepulturas. Notícia sobre os recentes estudos feitos às pretensas relíquias dos santos mártires de Lisboa, guardadas na igreja de Santos-o-Novo, freguesia da Penha de França em Lisboa. Esta obra teve a colaboração de CATROGA (Fernando), COSTA (Felícia), REAL (Troufa) e VALENTE (Anabela). – (E4-H7-I3).

1141-FLORES (Francisco Moita), “Cemitério-jardim de Carnide”, *Turres Veteras VI – História da morte*, Torres Vedras – Lisboa, Câmara Municipal – Instituto de Estudos Regionais e do Municipalismo “Alexandre Herculano”, 2004, p. 179-188, quadro.

Estudo sobre a construção do cemitério-jardim de Carnide, freguesia da cidade de Lisboa no final do século XX, no qual não se podem comprar terrenos nem construir jazigos. Segundo o autor, constitui o reflexo de uma nova atitude perante a morte causada pela revolução demo-urbana que se verificou desde 1960, com o enfraquecimento da socialização religiosa e o desenvolvimento da secularização dos comportamentos com a transformação da cidade numa metrópole. Pelas suas características de cemitério-jardim (ausência de túmulos, uniformização dos terrenos, limitação dos símbolos iconográficos), expressa não tanto a democratização (uniformidade dos sepultamentos) mas a massificação da sociedade moderna (sepultura temporária, cremação), que apaga a

memória e a solidariedade entre os vivos e os mortos. Apesar disso, nos outros cemitérios de Lisboa perdura a procura de sepulturas perpétuas, persistem os símbolos religiosos, os epitáfios afectuosos e as fotografias dos mortos que revelam a continuidade das características do cemitério romântico no qual se estabelece uma relação dramática entre os vivos e os mortos. – (E4-I3).

1142-12-GASPAR (Diogo) “A encomenda do túmulo de D. Jorge de Melo”, *A Cidade: Revista Cultural de Portalegre*, n.º 12, 1998, p. 7-18, il.

Descrição do túmulo do bispo da diocese de Portalegre Dom Jorge de Melo, hoje integrada na diocese de Portalegre – Castelo Branco, datado do século XVI, que se encontra na igreja do convento de São Bernardo de Claraval em Portalegre. O túmulo inclui baixos-relevos e imagens que representam a Virgem Maria em Glória, os santos Joaquim, Jorge, Miguel Arcanjo, Paulo, Pedro, Ana e provavelmente Bernardo e Bento. O corpo central representa o Encontro na Porta Dourada composta pelas figuras dos santos Joaquim e Ana e simboliza a concepção da Virgem Maria pelos seus pais, crença que remonta ao século IX-X mas que só é reconhecida como dogma em 1854. Nota sobre a posição da Ordem de Cister em relação ao culto de Nossa Senhora da Conceição. – (A5-H1-H2).

1143-11-JESUS (Artur Jorge Vieira de), “A caminho do Céu: reflexões em torno da morte e de um monumento funerário no Cemitério dos Prazeres”, *Cidade Solidária*, n.º 27-28, 2012, p. 164-173, il.

A partir do estudo do jazigo cento e noventa e nove do cemitério dos Prazeres em Lisboa, considerado um notável exemplar do património funerário contemporâneo, são dadas breves notas sobre as práticas funerárias e a fundação de cemitérios no contexto liberal e republicano de secularização dos cemitérios. O novo quadro político-cultural reflectiu-se na vivência da morte e na arte funerária. No referido jazigo, destaca-se uma escultura de 1964, que representa uma nuvem, um anjo e uma jovem mulher, provavelmente a alma a ser apresentada a Deus. – (E4-H1-I3).

1144-08-LINO (Artur da Silva) “O túmulo de S. Gonçalo de Lagos de Torres Vedras”, *Grupo de Estudos Gonçalinos: Boletim*, n.º 2, 1965, p. 15-18, il.

Notas sobre o túmulo de São Gonçalo de Lagos existente no convento agostinho da cidade de Torres Vedras, sede do concelho do mesmo nome. Os restos mortais foram primeiramente inumados em campa rasa no presbitério da capela do convento. Os peregrinos das romarias feitas pelos populares à campa de São Gonçalo de Lagos retiravam porções da terra milagrosa da sua sepultura, motivo da primeira trasladação das suas ossadas para outro lugar dentro da capela-mor em 1492. Em 1544, por causa das cheias, houve necessidade de mudar o convento para o Hospital dos Gafos sob a invocação

de Santo André. Em 1559, foram trasladadas para a nova igreja conventual de Nossa Senhora da Graça e colocadas numa arca tumular com a estátua de São Gonçalo de Lagos. Menção de um painel de azulejos representando a trasladação de São Gonçalo de Lagos (distrito de Faro). – (C2-D4-H2-H7).

1145-11-LOPES (Célia), CARDOSO (Francisca Alves), “Necrópole de Santo André: breves dados sobre a antropologia funerária”, *Boletim Cultural*’98, Câmara Municipal de Mafra, p. 420-426, il.

Apresentação dos resultados obtidos durante a intervenção arqueológica e antropológica efectuada em 1997, no adro da igreja de Santo André em Mafra, sede do concelho do mesmo nome, conhecida desde o século XIV e actualmente fechada ao culto. Identificação das sepulturas e de formas de enterramento. Observação da prática de orientação dos corpos com a cabeça virada para leste, de acordo com a crença na ressurreição. – (E4).

1146-07-LOURO (Henrique da Silva), “Sepulturas da Sé de Évora dos séculos XIII a XV”, *A Cidade de Évora: Boletim da Comissão Municipal de Turismo de Évora*, n.º 48-50, 1965-1967, p. 65-92.

Levantamento das sepulturas dos séculos XIII-XV localizadas na Sé de Évora, com base no terceiro volume do Livro dos Aniversários, ou seja das missas e ofícios celebrados pelos benfeitores. Transcrição (português e latim) de um testamento medieval que institui uma capela na Sé. – (E4).

1147-11-MATOS (Venerando Aspra de), “Elementos para o estudo da saúde pública e da criação dos cemitérios públicos em Torres Vedras no século XIX”, *Turres Veteras VI – História da morte*, Torres Vedras – Lisboa, Câmara Municipal – Instituto de Estudos Regionais e do Municipalismo “Alexandre Herculano”, 2004, p. 133-151, quadro.

Notas sobre a saúde pública em Torres Vedras, sede do concelho do mesmo nome, principalmente na primeira metade do século XIX, e a relação da mortalidade provocada por doenças endémicas e epidémicas com a criação dos cemitérios públicos. No concelho de Torres Vedras a questão dos enterramentos fora dos adros das igrejas (habitualmente na sequência de epidemias) foi pacífica, à excepção da freguesia de Ponte de Rol (1795). No entanto, o processo de construção do cemitério público da cidade de Torres Vedras, junto à ermida de São João Baptista, arrastou-se até 1848. No início da segunda metade do século XIX já não se executavam enterramentos fora de cemitérios públicos em todo o concelho. – (I3).

1148-11-NETO (Maria Cristina), “Pequena nota sobre uma rebelião tardia contra os enterramentos em cemitérios no concelho de Alcácer do Sal”, *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*, n.º 1-12, 2001, p. 167-170.

Nota sobre uma rebelião popular verificada em 1858 na freguesia de Santa Susana, concelho de Alcácer do Sal, contra os enterramentos fora da igreja como era tradicional. – (I3).

1149-11-NOBRE (Antero), aliás PORTUGAL (Hermínios, pseud.), *O túmulo de São Gonçalo de Lagos descoberto em Torres Vedras*, Faro, separata dos n.ºs 2235-2238 do jornal *Correio do Sul* (Tipografia União), 1961, 30 p., il.

Notas sobre a descoberta em 1960 da arca tumular que conteve os restos mortais de São Gonçalo de Lagos entre 1640 e 1784, que ostenta a sua imagem jacente. São Gonçalo de Lagos (distrito de Faro) foi um religioso agostinho nascido em Lagos no ano de 1370 e falecido em Torres Vedras, sede do concelho do mesmo nome, em 1422. A grande afluência de peregrinos ao primeiro túmulo no século XVI, devido sobretudo aos inúmeros milagres (curas) obtidos pela terra da primeira sepultura, levou a confraria de São Gonçalo (fundada pela nobreza de Torres Vedras, logo após a sua morte) a promover a trasladação dos restos mortais para local mais apropriado dentro da igreja do chamado convento velho dos Eremitas de Santo Agostinho. Em 1554, a mudança da comunidade para o novo convento também em Torres Vedras fez com que os seus restos mortais fossem transferidos para a igreja de Santo André e depois para a nova igreja conventual, actual igreja de Nossa Senhora da Graça onde hoje se encontra. Nesta foi feita uma última trasladação da arca tumular para o altar-túmulo dentro da mesma igreja em 1784. – (F3-G1-H7).

1150-07-PORTELA (Ana Margarida), QUEIROZ (Francisco), “Contributos para a história da arquitetura e do urbanismo em Montemor-o-Novo, do século XVI ao século XIX: I – O convento de Nossa Senhora da Saudação; II – O cemitério de S. Francisco”, *Almensor: Revista de Cultura*, n.º 1, 2002, p. 55-143, il., mapas, plantas.

Contribuição para a história do urbanismo e da arquitectura de Montemor-o-Novo, sede do concelho do mesmo nome, do século XVI ao século XIX. Análise da evolução do convento de Nossa Senhora da Saudação ou da Anunciação até ao século XIX. Abordagem sumária do estabelecimento do cemitério público na cerca do convento de São Francisco de Assis, com destaque para a descrição da ocupação do cemitério e para a originalidade de alguns dos seus aspectos artísticos face aos modelos dos cemitérios do Porto e de Lisboa de inspiração internacional. Quanto à organização da ocupação do solo, primeiro predominou a colocação das capelas-monumentos nos lados do cemitério junto aos muros e no centro as campas e estelas. Mais tarde as capelas e mausoléus foram colocados ao longo das ruas centrais. Análise de alguns jazigos-capelas. Menção da ermida de São Vicente. – (C2-I3).

1151-11-QUEIROZ (J. Francisco Ferreira), “Canteiros de Lisboa: construtores do cemitério romântico”, *Olisipo*, n.º 13, 2000, p. 55-70, il.

Contribuição para o estudo da arte funerária nos cemitérios românticos de Lisboa do século XIX, incidindo na produção dos canteiros e das suas oficinas. Nota sobre os materiais pétreos utilizados, tendo o mármore sido difundido na segunda metade do século XIX.

1152-12-QUEIROZ (J. Francisco Ferreira), PORTELA (Ana Margarida), *Especificidade da arte funerária oitocentista na Serra de São Mamede: os cemitérios de Portalegre, Castelo de Vide e Nisa*, Lisboa, Programa Nacional de Bolsas de Investigação para Jovens Historiadores e Antropólogos da Fundação da Juventude, 1998, 2 vol. 70-[84], il., plantas. http://www.cm-nisa.pt/site_biblioteca/historialocal/arte/especificidadesartefunerariaoitocentista.pdf (consultado em 25-09-2018).

Estudo sobre a arte funerária dos cemitérios de Portalegre, Castelo de Vide e Nisa desde a década de trinta do século XIX às primeiras décadas do século XX. A origem dos cemitérios públicos portugueses e a sua relação com a epidemia de cólera de 1833-1834 e a implantação do liberalismo em 1834. A fundação do novo cemitério de Portalegre, cerca de 1837, e a evolução do espaço cemiterial quanto à sua dimensão e às construções que nele se realizaram. As sepulturas podiam ser térreas com placas tumulares, jazigos, mausoléus e até capelas funerárias. As construções monumentais iniciaram-se em 1855 e reflectem o poder económico das famílias influentes da cidade. O primeiro cemitério público de Castelo de Vide, sede do concelho do mesmo nome, foi o cemitério provisório do Pangaio, onde foram enterrados os mortos da epidemia de cólera de 1834. Este cemitério foi depois desmantelado e substituído pelo cemitério dos Remédios inaugurado em 1886. Caracterização dos monumentos funerários do cemitério de Nisa, sede do concelho do mesmo nome. O novo cemitério de Nisa, começou a ser construído em 1838, substituindo o anterior desmantelado em 1842. Caracterização dos monumentos relevantes de Nisa. Na Serra de São Mamede (concelhos de Arronches, Castelo de Vide, Marvão e Portalegre) as autoridades responderam com celeridade à legislação que determinava a criação de cemitérios públicos ao contrário das populações do norte de Portugal que, numa primeira fase, construíram o cemitério nos adros das igrejas. Outro fator foi a falta de espaço junto dos lugares de culto devido à concentração urbana e ainda devido ao clima mais quente, o que tornou necessário construir novos cemitérios mais afastados. A organização espacial dos cemitérios analisados seguiu o modelo dos cemitérios de Lisboa, sobretudo no caso do cemitério de Nisa. – (E4).

1153-12-QUEIROZ (J. Francisco Ferreira), PORTELA (Ana Margarida), “Morte e especificidade: o cemitério de Portalegre no século XIX”, *A Cidade: Revista Cultural de Portalegre*, n.º 13-14, 1999, p. 161-182, il., planta.

Estudo sobre o cemitério de Portalegre, criado poucos meses depois do decreto que estabeleceu os cemitérios públicos em 1835, numa perspectiva da história local e como fonte de informação sociológica, artística e histórica. A concepção urbanística do cemitério, os primeiros jazigos-capela e os monumentos mais relevantes (capelas monumentais, placas tumulares, mausoléus). A capelas-tumulares, embora de pequenas dimensões, generalizaram-se na segunda metade do século XIX. Descrição de outros jazigos com interesse artístico. A arte funerária do cemitério apresenta elementos iconográficos ligados à actividade agrícola. – (E4).

1154-07-QUEIROZ (J. Francisco Ferreira), “Túmulos nos cemitérios de Lisboa ligados a artistas de Vila Nova de Gaia”, *Boletim da Associação Cultural Amigos de Gaia*, n.º 57, Dez., 2003, p. 27-29, il.

Notícia sobre três túmulos românticos existentes em cemitérios de Lisboa executados por artistas de Vila Nova de Gaia (distrito do Porto). Um é o túmulo de Oliveira Martins no cemitério dos Prazeres; os outros são os jazigos-capela do visconde de Valmor e da Misericórdia de Lisboa no cemitério do Alto de São João.

1155-07-RAMALHO (José Filipe Cardoso), “Capela tumular de Garcia de Resende na cerca do convento do Espinheiro, em Évora”, *Monumentos*, n.º 9, 1998, p. 89-93, il.

Contributo para o estudo da capela tumular (1520) de Garcia de Resende situada na cerca do convento de Nossa Senhora do Espinheiro, freguesia de Canaviais, concelho de Évora. Breve descrição arquitectónica da capela que foi primeiramente dedicada a Nossa Senhora do Egipto e posteriormente a Nossa Senhora da Conceição.

1156-11-RIBEIRO (José Alberto), “A capela sepulcral dos Ataíde no convento de Santo António”, *Cira: Boletim Cultural*, n.º 6, 1993-1994, p. 31-48, il., planta; n.º 8, 1998-1999, p. 7-18,

O convento franciscano de Santo António da freguesia de Castanheira do Ribatejo, concelho de Vila Franca de Xira, fundado em 1402, foi objecto de protecção de uma família nobre, sobretudo até ao século XVI. Depois o convento entrou em declínio, que se acentuou após a supressão das ordens religiosas em 1834. Na igreja do convento foi edificada uma capela sepulcral construída na segunda metade do século XVI, cuja decoração representa uma caveira, símbolo da morte, e um baixo-relevo de São Miguel Arcanjo com o dragão e com a balança da pesagem das almas. Menção da igreja paroquial de São Bartolomeu em Castanheira do Ribatejo. Apêndice documental com transcrição de um testamento de 1608. – (C2-E4-H2-I3).

1157-11-RODRIGUES (Nuno), “Descrição e análise do jazigo da família Carvalho Monteiro no Cemitério dos Prazeres”, *Lusíada: Arqueologia, História da Arte e Património*, n.º 2-4, 2004, p. 297-308, il.

Estudo sobre os aspectos artístico, iconográfico e simbólico do jazigo da família de António Augusto de Carvalho Monteiro, situado no cemitério dos Prazeres em Lisboa, construído entre 1908 e 1913. O jazigo estrutura-se em dois espaços distintos: a capela, cujo acesso se localiza na fachada principal, e a cripta para a qual se acede pela porta situada na fachada posterior. A sua decoração exterior profusa relaciona-se com a temática da morte e inclui os seguintes símbolos: dormideiras, flores, fachos em posição normal e invertida, ampulheta, borboleta nocturna, corujas, caveira sobre ossos cruzados em aspa, caras de anjos, figuras femininas, vieiras, letra ómega, cruz com rosa estilizada e anjo. Utilizados numa perspectiva eclética, os símbolos podem significar o sono da morte, a fugacidade da vida, a purificação pelo fogo e a vida que se extingue, o tempo que se esgota, a morte e a noite, a morte e a passividade, a caducidade da existência, o ciclo iniciático, a expressão da alegria e da desolação, o Graal e o martírio, o peregrino ou o iniciado, o fim da vida, a organização Rosa-Cruz, São Miguel Arcanjo, entre outros. – (E4).

1158-11-SANTANA (Francisco), “O cemitério da Ajuda”, *Olisipo*, n.º 31, 2010, p. 77-85, il.

Notas sobre a origem do cemitério da Ajuda em Lisboa, mandado construir em 1766 destinando-se, em parte, aos criados da Casa Real. Nessa época era ainda habitual muitos enterramentos serem feitos em conventos, igrejas e locais adstritos. Quanto às crianças eram de preferência sepultadas “ad sanctos”.

1159-11-SOARES (Maria Micaela), “Epigrafia tumular moderna no concelho de Azambuja”, *Boletim Cultural*, Assembleia Distrital de Lisboa, n.º 92, t. 1, 1990-1998, p. 155-200 [6], il.

Recolha e análise da epigrafia tumular nos cemitérios do concelho da Azambuja. Análise semântica da epigrafia e do tipo de sepultura com apreciações sobre os conceitos de vida, do tempo e da morte dos habitantes de Azambuja, assim como sobre as crenças onde se reflecte exclusivamente a vivência católica. Transcrição de mensagens das lápides com invocações de Deus, da Santíssima Trindade, de Jesus, da Virgem Maria, do Anjo da Guarda ou Anjo da Luz. O culto da morte e a sua expressão no tipo de construção tumular. – (D2-D3-E4).

1160-07-SOROMENHO (Miguel); “Uma miragem real: o panteão para os duques de Bragança na igreja de Nossa Senhora da Graça do Convento de Santo Agostinho”, *Monumentos*, n.º 6, 1997, p. 38-43.

Nota sobre o panteão da Casa de Bragança situado na igreja de Nossa Senhora da Graça do convento de Santo Agostinho em Vila Viçosa, sede do concelho

do mesmo nome. A família real encarregou-se da reconstrução do templo a partir do ano de 1635.

1161-11-SOUSA (Ana Catarina de), “O adro da igreja de Santo André (Mafra): a necrópole medieval e moderna nos trabalhos arqueológicos de 1998”, *Boletim Cultural '98*, Câmara Municipal de Mafra, p. 359-419, il., plantas.

Descrição da campanha de escavações levada a cabo no adro da igreja de Santo André na freguesia de Mafra, sede do concelho do mesmo nome, em 1998. As evidências documentais indicam que a igreja de Santo André foi edificada no século XIV, tendo sofrido alterações ao longo dos tempos. Durante as escavações foram identificadas vários tipos de enterramentos datados dos séculos XVI a XVIII. Alguns comportamentos perante a morte concretizaram-se na presença de objectos junto do corpo, por exemplo, rosários que só aparecem nas sepulturas mais tardias, enquanto a colocação de uma moeda para pagar a entrada no Purgatório é uma prática ininterrupta. – (C2-E4).

1162-11-TELLES (Gonçalo Ribeiro), “A ruralidade urbana e o cemitério”, *Pedra & Cal*, n.º 40 (Out-Dez), 2008, p. 4-8, il., plantas.

A partir dos cemitérios de Lisboa o autor defende a configuração tradicional do cemitério concebido com uma alameda central que conduz à capela do cemitério; perpendicularmente a este eixo, os caminhos conduzem aos campos de enterramento. A partir do final do século XIX, foram-se alinhando os jazigos e os ciprestes como marcas dos novos cemitérios públicos.

1163-11-TRINDADE (Laura), DIOGO (A. M. Dias), “Elementos sobre o cemitério do adro da igreja de São Domingos”, *Arqueologia e História*, vol. LII, 2000, p. 59-71, il., plantas.

Breve nota sobre uma intervenção arqueológica efectuada no adro da igreja do antigo convento de São Domingos em Lisboa. Foram encontradas doze sepulturas com vinte e um enterramentos pertencentes a um cemitério do início do século XVI, quando a igreja foi destruída por um terramoto. Uma prática pouco comum para a época foi o enterramento de um negro no adro da igreja.

1164-11-VALE (Teresa Leonor), “A tumulária régia do mosteiro de Santa Maria de Belém e a tumulária da capela dos Castros do convento de São Domingos de Benfica – uma análise paralela”, *Lusíada: Arqueologia, História da Arte e Património*, n.º 1, 2001, p. 113-129, il.

Estudo comparativo da tumulária da igreja do mosteiro jerónimo de Nossa Senhora de Belém, situado na freguesia de Santa Maria de Belém em Lisboa, com a tumulária da família nobre dos Castros, que se encontra na capela do Corpus Christi do convento dominicano de São Domingos de Benfica, edificada entre 1644 e 1648. A tumulária da igreja de Nossa Senhora de Belém

inaugurou em Portugal o modelo régio de sepultura, majestático e sumptuoso, organizado em estrutura piramidal, sendo a essa suportada por elefantes. A origem do modelo ter-se-á inspirado, quanto à disposição da essa, na arte efémera, especialmente nas construções em degraus usadas nas exéquias da família real portuguesa e, quanto aos suportes, nas celebrações da pompa imperial romana adoptada entre nós por Dom Manuel I. A capela-mor e as capelas do transepto transformaram-se, nos séculos XVI e XVII, no panteão da família real dos últimos monarcas da dinastia de Avis. Comparando a tumulária real com a tumulária dos Castros verifica-se que, por iniciativa de Dom Francisco de Castro, inquisidor-geral, esta imita o modelo régio de sepultura, transformando a capela do Corpus Christi num espaço funerário destinado à sua sepultura e à dos seus antepassados.

1165-07-VELOSO (Carlos), “A Casa dos Ossos”, *Monumentos*, n.º 17, 2002, p. 37-41, il., planta.

Nota sobre a chamada capela dos Ossos ou do Desengano (século XVII) localizada na igreja do antigo convento de São Francisco de Assis em Évora. Descrição da arquitectura da capela dos Ossos, que deve o seu nome ao facto das paredes estarem revestidas de ossos humanos. Breve inventário deste tipo de capelas, existentes e desaparecidas. Tiveram o seu início no século XVI, no contexto da Contra-Reforma. e as que hoje existem localizam-se na regiões do Alentejo (distritos de Portalegre, Évora, Beja e parte do distrito de Setúbal) e do Algarve (distrito de Faro). Alusão às orações pelas Almas do Purgatório, ao culto das alminhas e às respectivas confrarias. Contribuição para o estudo da mentalidade e do imaginário cristão perante a morte. – (A5-C2-E4-G2).

1166-11-VIEIRA (Paula Cristina Pinto), *Os cemitérios de Lisboa no século XIX: pensar e construir o novo palco da memória*, dissertação de mestrado de História da Arte Contemporânea (século XVIII-XX) apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa em 1999, 3 vol., [10]-XX-301-169-180 p., dactilogr., il., plantas, quadros (consultável na Biblioteca Nacional de Portugal).

No volume I estuda-se os cemitérios públicos de Lisboa no século XIX que tiveram como modelo de referência o cemitério Père-Lachaise de Paris. Análise da criação dos cemitérios municipais e dos seus ensaios anteriores: a passagem de cento e trinta necrópoles para dois grandes cemitérios em 1833 na periferia da cidade. Criação e organização de um espaço e de uma arquitectura funerária no cemitério dos Prazeres: ordenamento do espaço da morte, regulamentos e tipo de construções, assim como a sua expansão na segunda metade do século XIX. Descrição de alguns túmulos, particularmente de jazigos familiares e individuais. Algumas manifestações das atitudes perante a morte na sociedade oitocentista, visíveis na análise da encenação romântica

do espaço cemiterial enquanto espaço-memória dessacralizado e laicizado. O caso do cemitério do Alto de São João: a sua construção, alargamento e particularidades. Notas sobre a historiografia dedicada ao tema. O volume II é constituído pelo apêndice documental: certidões de óbito (1813), regimento dos cemitérios de 1840 e levantamento de alguns jazigos do cemitério dos Prazeres. O volume III contém um apêndice gráfico dos cemitérios de Lisboa e de Père-Lachaise de Paris. – (E4-I3).

1167-12-*Regulamento do cemitério municipal de Campo Maior*, Estremoz, Tipografia de José António Ferreira, 1969, 18 p.

Regulamento de 1969 do cemitério municipal de Campo Maior, sede do concelho do mesmo nome. Disposições relativas à organização e funcionamento; inumações, cremações e trasladações; sepulturas, jazigos e construções funerárias.

1168-11-*Regulamento dos cemitérios municipais*, Lisboa, Câmara Municipal, 1969, 38 [6] p., plantas.

Reedição do *Regulamento dos cemitérios municipais* (1969) da cidade de Lisboa, aprovado em 1940. Ele contém disposições relativas às inumações, à construção funerária, às trasladações, às incinerações e à armação das capelas dos cemitérios. Nas disposições gerais são referidas algumas normas quanto à inscrição de epitáfios, proibindo-se, nomeadamente, textos em que se exaltam ideias políticas ou religiosas ou que, pela sua redacção, possam considerar-se desrespeitosos. Em dois anexos são indicadas as taxas e licenças dos serviços do cemitério e as normas para a construção de sepulturas.

1169-11-*Regulamento dos cemitérios municipais*, Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa, 1984, 35 p.

Regulamento dos cemitérios municipais da cidade de Lisboa, que substitui o que estava em vigor desde 1940. Ele contém disposições relativas às inumações, exumações, trasladações, concessões de terrenos, transmissão de jazigos e sepulturas perpétuas, sepulturas e jazigos abandonados, incinerações ou cremações de restos mortais, os sinais funerários, o embelezamento das sepulturas e a actividade das agências funerárias. São estas que transportam os restos mortais em carros funerários até ao local da inumação.

1170-11-*Regulamento dos cemitérios municipais*, Sintra, Câmara Municipal de Sintra, 1991, 34 p.

Regulamento dos cemitérios municipais do concelho de Sintra, aprovado em 1991, contendo disposições relativas às inumações, às exumações, às trasladações, à concessão de terrenos, à transmissão de jazigos e de sepulturas perpétuas, às sepulturas e jazigos abandonados, às construções funerárias,

por exemplo os sinais funerários e o embelezamento dos jazigos, compartimentos e sepulturas.

1171-11-“Tumulária – catálogo”, *Da vida, da morte e do além: aspectos do sagrado na região de Mafra – roteiro monográfico*, coordenação de GANDRA (Manuel J.), Mafra, Câmara Municipal, 1996, p. 93-151, il.

Listagem e características da tumulária nos cemitérios e igrejas das freguesias do concelho de Mafra desde a Pré-história até à actualidade, onde são analisadas as cabeceiras das sepulturas, brazões, inscrições epigráficas e, mais recentemente, da anaglífica moderna. Considerações históricas sobre os enterramentos nas igrejas (séculos XII-XIV) e em cemitérios. A partir dos séculos XII-XIII torna-se prática das instituições eclesiásticas venderem a nobres e fidalgos as sepulturas no interior dos templos. A sua sumptuosidade e localização dependia das posses dos titulares. Os enterramentos no exterior dos templos era destinado às pessoas com menos recursos ou quando o espaço interior se esgotava. Era importante para obter a protecção divina estar próximo da capela ou da igreja. A legislação (séculos XVIII-XIX) que pôs termo aos enterramentos nas igrejas e determina a construção de cemitérios, nomeadamente as leis de 1835, provocou oposição popular e eclesiástica. Transcrição do código de posturas municipais de 1986 relativo às normas de funcionamento dos cemitérios. O catálogo foi elaborado por SOUSA (Ana Catarino Bravo), GANDRA (Manuel J.) e VILAR (Maria do Carmo). – (E4-I3).

D – PEREGRINAÇÕES E CULTOS

D1 – Caminhos de peregrinação (sobretudo locais)

1172-11-CONSIGLIERI (Carlos), “Viagem de Lisboa a Santiago de Compostela em 1594”, *Olisipo*, n.º 11, 1999, p. 66-70.

Descrição do caminho seguido por uma peregrinação de Lisboa a Santiago de Compostela (Espanha) efectuada por dois religiosos em 1594. Descrição da peregrinação e enumeração de várias outras de que há notícia ao longo dos tempos. Referência ao culto do santo em Portugal, festejado a 25 de Julho, cujo jubileu foi pela primeira vez consagrado em 1211, aos traçados habituais desta peregrinação e ao significado espiritual da mesma. – (D4).

1173-07-CORREIA (João Rosado), “Monsaraz nos caminhos de Santiago”, *I Congresso Internacional dos Caminhos Portugueses de Santiago de Compostela*, Lisboa, Távola Redonda, 1992, p. 239-244.

Contribuição para ao estudo dos caminhos portugueses para o santuário de Santiago de Compostela (Espanha), nomeadamente, dos que ligam

desde o século XIII Lisboa a Coimbra (por Alcobaça), Viseu e Lamego a Braga e às cidades da região de Trás-os-Montes. Inseridos nos caminhos de São Tiago estão as antigas vias romanas, a capela de Nossa Senhora da Orada na freguesia da Orada (século XIV), concelho de Borba, e a ermida de Santa Catarina de Alexandria na freguesia de Monsaraz, concelho de Reguengos de Monsaraz, construída pelos Templários ainda no século XII. Esta ermida serviria de apoio aos peregrinos que se dirigiam a Santiago de Compostela, como se pode concluir pela toponímia local que se refere a São Tiago. – (C2).

1174-11-DUARTE (Maria José Guerreiro), “Caminhos de Santiago – caminhos de Lisboa”, *Olisipo*, n.º 11, 1999, p. 25-36, il.

Historial do culto e peregrinação a Santiago de Compostela (Espanha), que se universalizou no século XII. Descrição da lenda que situa a sua origem em Portugal e explica o uso da vieira como avatar do apóstolo. Os objectivos das peregrinações: busca da verdade, bom sucesso no amor, penitência pelos pecados de luxúria, ganhar indulgências e demonstrar arrependimento. A festa celebra-se a 25 de Julho. O traçado de um caminho a partir de Lisboa até Santiago de Compostela através dos topónimos que existem com o nome do santo e de fontes históricas: os hospitais e hospedarias que serviam de apoio aos peregrinos; relatos de peregrinos que fizeram a romagem até Santiago de Compostela. Nota sobre as peregrinações a Santiago de Compostela de algumas figuras ilustres da história de Portugal, nomeadamente a Rainha Santa Isabel e o rei Dom Manuel I. – (D4).

1175-12-LOPES (João Francisco), “Pelos caminhos de Santiago: 1 – do rio Sor a Alpalhão”, *Nisa Viva*, n.º 6, Set-Dez, 2004, p. 12, il.; Pelos caminhos de Santiago: 2 – do rio Sor ao Tejo, *Nisa Viva*, n.º 7, Jan-Abr, 2005, p. 10, il.

Notícia sobre o caminhos de peregrinação a Santiago de Compostela (Espanha) no concelho de Nisa que integram o chamado caminho português do interior.

D2 – Peregrinações e culto mariano

1176-07-AGUIÃ (Simão Pedro de), *Manual do peregrino de Vila Viçosa*, Vila Viçosa, Régia Confraria dos Escravos de Nossa Senhora da Conceição, 2020, 169 p., il., mapa.

Manual de devoção e guia do peregrino ao santuário da Imaculada Conceição em Vila Viçosa, sede do concelho do mesmo nome, onde foi proclamada padroeira de Portugal. O livro destaca o papel de Maria na história da salvação e as suas aparições, assim como transcreve orações, cânticos e uma novena. Notas sobre o santuário de Vila Viçosa criado no século XIV e as suas

confrarias: a Régia Confraria de Nossa Senhora da Conceição e a confraria dos Escravos de Nossa Senhora da Conceição. – (B3-B4-G1).

1177-11-ALBERTO (Edite), “O culto de Nossa Senhora da Luz e o resgate de cativos”, *Piedade Popular – sociabilidades, representações, espiritualidade: actas do colóquio internacional*, Lisboa, Terramar, 1999, p. 105-109.

Notas sobre o culto a Nossa Senhora da Luz no seu santuário na freguesia de Carnide em Lisboa, fundado em 1463 por um cativo natural desse lugar que foi salvo milagrosamente por Nossa Senhora. Esta disse-lhe que encontraria em Carnide uma imagem em cujo local deveria ser erguida uma ermida. O culto foi administrado por uma confraria de que fazia parte o próprio monarca. O santuário tornou-se lugar de romaria para os homens do mar. Menção de alguns milagres de salvação dos perigos do mar que deram origem a ex-votos. – (F1-F2-F3-H4).

1178-12-ALEXANDRE (Maria do Guadalupe Transmontano), “Uma romaria ignorada”, *Actas do 1.º Encontro da história regional e local*, Portalegre, Centro de Recursos e Animação Pedagógica da Escola Superior de Educação de Portalegre, 1987, p. 471-479.

Descrição da romaria de Nossa Senhora dos Prazeres (8 de Setembro) na ermida do mesmo nome em Ponte de Sor, sede do concelho do mesmo nome, em que participam sobretudo lavradores de Castelo de Vide, sede do concelho do mesmo nome. A romaria chegou a durar vários dias mas no final do século XX apenas um. A romaria compreendia missa, procissão, rezas e diversas manifestações profanas. A ermida possui três altares com as imagens de Nossa Senhora e do Sagrado Coração de Jesus. Transcrição de quadras em honra de Nossa Senhora dos Prazeres e de duas lendas explicativas da origem da romaria: uma lenda refere que Nossa Senhora apareceu a um pastorinho negro e lhe disse para ir a Castelo de Vide dizer aos lavradores para lhe erguerem uma capela e lhe celebrarem uma festa; outra refere que um pastor encontrou uma imagem de Nossa Senhora e levou-a para a igreja paroquial mas a imagem regressava sempre ao mesmo local, onde viria a ser erigida a capela. Menção de outra festa a Nossa Senhora dos Prazeres feita pelos paroquianos de Ponte de Sor. – (C2-F2-F4).

1179-15-ALMEIDA (Manuel Tavares de), *Da Nossa Senhora da Penha de França, a protectora dos grandolenses: subsídios para uma monografia II*, Grândola, Câmara Municipal, 1997, 65 p., il.

Contribuição para o estudo da devoção e da festa de Nossa Senhora da Penha de França em Grândola, sede do concelho com o mesmo nome. Nota sobre o surgimento da ermida de Nossa Senhora da Penha (1664), onde se venera a sua imagem, que contém azulejos historiados e painéis com cenas da vida de Nossa

Senhora, de São Joaquim e de Santa Ana. Alusão à igreja da Misericórdia. Breve análise da festa a Nossa Senhora, celebrada entre 17 e 25 de Maio de 1997. Das celebrações ressaltam a procissão das velas, encabeçada pela imagem de Nossa Senhora da Penha de França, a missa (cantada) e a visita aos doentes das instalações da Santa Casa da Misericórdia (acredita-se que a imagem atenua o sofrimento dos internados) e o leilão. Nossa Senhora da Penha de França é identificada como padroeira dos grandolenses, mas a padroeira oficial é Nossa Senhora da Assunção, titular da igreja matriz. As solenidades religiosas em honra da protectora dos habitantes de Grândola decorrem no dia 15 de Agosto, nas quais se destacava uma procissão de consagração que há muito deixou de ser feita. Nossa Senhora da Penha não é padroeira, apenas protectora do povo. Apontamento sobre as virtudes milagrosas de Nossa Senhora da Penha de França, figuradas nos ex-votos datados dos séculos XVIII e XIX, onde se representam milagres de curas. Outros milagres relacionam-se com partos, crianças, noivas, pragas (pulgão), entre outros. Contém anexo documental com a provisão dos moradores para a construção da ermida de Nossa Senhora da Penha de França, a provisão do ermitão em 1673 e os milagres de Nossa Senhora relatados pelo pároco. A obra é muito ilustrada. – (C2-E2-F3-H4).

1180-07-ANDRADE (António Alberto Banha de), *Festas e feiras em Montemor-o-Novo*, Lisboa, Grupo dos Amigos de Montemor-o-Novo – Academia Portuguesa de História, 1984, 61 p.; *Anais da Academia Portuguesa de História*, vol. XXIX, 1984, p. 57-117.

Estudo sobre a origem e evolução da vida religiosa do concelho de Montemor-o-Novo, desde a reconquista aos mouros até ao século XVI, que dá particular atenção às festas do calendário litúrgico e populares. Inventariação das festas dedicadas a diversas invocações de Nossa Senhora, a vários apóstolos e aos Evangelistas, assim como a outros santos, por exemplo Vicente (diácono de Saragoça, século IV), Gens (notário convertido ao cristianismo, Arles), Cristóvão, Lourenço, Aleixo e Brissos. Dados sobre as festas e procissões organizadas pelas autoridades locais: as principais eram feitas em honra do Corpo de Deus, de Nossa Senhora de Agosto, de Nossa Senhora da Visitação de Santa Luzia e do Anjo Custódio. Outras festas da iniciativa da câmara municipal eram dedicadas a Nossa Senhora da Purificação, à Anunciação do Anjo a Nossa Senhora, aos santos Sebastião, Vicente, Simão, Filipe, Francisco de Assis e à Rainha Santa Isabel, entre outras. – (D3-D4-E1-E3).

1181-12-ANDRADE (Manuela), “Panfletos de festas populares”, *Ibn Maruán: Revista Cultural do Concelho de Marvão*, n.º 2, 1992, p. 305-310, il.; n.º 3, 1993, p. 201-205, il.; n.º 4, 1994, p. 211-216, il.

Recolha de programas de várias festas do concelho de Marvão, por exemplo das festas de Nossa Senhora do Amparo (1965) na freguesia de São

Salvador da Aramenha, de Nossa Senhora da Estrela (1965) na freguesia de Santa Maria de Marvão, de Santo António (1956) em Escusa, na freguesia de São Salvador da Aramenha, e de São Marcos (1954) na freguesia de Santo António das Areias, cujos eventos religiosos são principalmente as missas e as procissões. – (D4-E3).

1182-11-ÂNGELO (Frei), “Nossa Senhora do Carmo de Lisboa e seus cultos no século XVIII”, *Carmelo Lusitano*, n.º 2, 1984, p. 137-142

O culto de Nossa Senhora do Carmo durante o século XVIII na igreja do convento com a mesma denominação situada em Lisboa. Dados históricos e características do edifício construído no século XIV e em ruínas desde o terramoto de 1755. Do seu recheio salvou-se apenas a imagem de Nossa Senhora do Carmo com o Menino, tendo no braço o escapulário. As festas em honra de Nossa Senhora eram celebradas a 2 de Fevereiro (aniversário da entronização) e a 16 de Julho (solene comemoração do Carmo). A novena do Carmo foi criada em 1722 e a confraria em 1731, sendo esta constituída por dezoito religiosos sacerdotes e dois irmãos leigos para tratarem dos aspectos materiais relacionados com a novena. – (A5-C2-G1-H1).

1183-11-ARAÚJO (António de Sousa), “Nossa Senhora da Luz: origem e perspectivas de expansão da sua devoção”, *Itinerarium*, n.º 213, 2015, p. 501-538.

Notas sobre o culto a Nossa Senhora da Luz na freguesia de Carnide em Lisboa. Procura-se dilucidar a sua origem com a fundação em 1467 de uma ermida da mesma invocação, junto a uma fonte, por iniciativa de um homem que terá sido libertado do cativo no norte de África graças à intercessão de Nossa Senhora. Para a expansão do seu culto muito contribuiu a infanta Dona Maria (século XVI) que, após visitar o santuário, investiu no desenvolvimento do mesmo, dotando-o de uma igreja. A confraria de Nossa Senhora da Luz esteve sediada na ermida mas, depois de 1467, foi anexada à igreja paroquial de São Lourenço. Alguns exemplos de imagens, altares, lugares de culto e procissões dedicados a Nossa Senhora da Luz em Portugal, cuja expansão se deve em parte à Ordem de Cristo. Notícia sobre a expansão do culto nos territórios ultramarinos portugueses. – (C2-C3-F3-G1).

1184-15-ARSÉNIO (José), *Imagens de fé: gentes do concelho de Sesimbra*, Sesimbra, José Arsénio, [D.L. 2005], 86 [16], il.

Conjunto de oitenta e seis fotografias que pretende retratar a vivência religiosa das romarias, festas e procissões das populações do concelho de Sesimbra na actualidade, especialmente dos pescadores e agricultores: a procissão do Senhor das Chagas em Sesimbra a 4 de Maio; a romaria a Nossa Senhora del Carmen em Agosto no flanco oeste da Serra da Arrábida (concelho de Setúbal); o círio da Azóia (freguesia do Castelo) a Nossa Senhora da Atalaia

(concelho do Montijo); a festa de Nossa Senhora da Consolação a 1 de Setembro na igreja de Nossa Senhora do Castelo em Sesimbra; a festa de Nossa Senhora da Luz na capela do palácio de Sampaio no segundo fim de semana de Setembro; o círio a Nossa Senhora do Cabo (Espichel, freguesia do Castelo em Sesimbra) no último fim de semana de Setembro; a festa de Nossa Senhora da Conceição a 26 de Dezembro na localidade de Alfarim, freguesia do Castelo. Os textos que acompanham as fotografias descrevem as manifestações religiosas e profanas: a origem dos cultos, os cortejos, os lugares e espaços sagrados, os objectos de culto, em particular as imagens, entre outros aspectos. Os textos que acompanham os vários núcleos de fotografias são de MADEIRA (António José). – (C2-E3-G1-H1).

1185-07-BRAGA (Isabel Mendes Drumond), “Para o estudo da religiosidade alentejana no século XVI: as peregrinações a Guadalupe”, *Congresso de História no IV centenário do Seminário de Évora: actas*, Évora, Instituto Superior de Teologia, 1994, vol. I., p. 309-316.

Contributo para o estudo da religiosidade alentejana, nomeadamente as peregrinações ao santuário de Santa Maria de Guadalupe (Espanha) no século XVI. Abordam-se o itinerário da peregrinação (Évora, Estremoz, Elvas) e os motivos: enfermidades, epidemias, cativo em terras islâmicas, problemas com a justiça e tempestades marítimas. São também objecto de estudo os ex-votos, as condições da peregrinação exigidas em promessa (fazê-la descalço ou com roupas humildes, servir no santuário), os milagres e as visões. – (D1-D5-F3-H4).

1186-12-BRANCO (Jorge), *Comenda com alma: ainda há vida na Charneca!*, Lisboa, Edições Colibri, 2015, 345 p., il.,

Crónicas da freguesia da Comenda, concelho de Gavião, algumas das quais tratam das memórias do autor sobre manifestações religiosas da freguesia. Notas sobre a festa de Nossa Senhora das Necessidades, que decorre no fim da primeira semana de Setembro. A sua capela data do século XVIII e foi igreja paroquial até 1943. A peregrinação atraía muitos devotos do Alto Alentejo (distritos de Portalegre e de Évora) e Beira Baixa (distrito de Castelo Branco), que ofereciam a Nossa Senhora diversas dávidas, nomeadamente animais em cera. A procissão compreendia vários andores, mas o de Nossa Senhora era o mais imponente, sendo habitual os crentes colocarem dinheiro no manto que cobre a imagem. Notas sobre os aspectos profanos da festa, em particular da que decorreu em 1974 com a participação do autor na sua organização. – (C1-C2-D5-E3).

1187-11-CAMACHO (Clara Frayão), “De Alverca à Castanheira: cinco vilas da Estremadura através das corografias setecentistas”, *Cira: Boletim Cultural*,

n.º 1, 1985, p. 97-105 [3]; separata de *Cira: Boletim Cultural*, Câmara Municipal de Vila Franca de Xira, 1985, p. 97-105 [3], il.

Notas sobre várias freguesias do actual concelho de Vila Franca de Xira através de corografias do século XVIII. Menção de aspectos do culto: romarias e outras formas de devoção ilustradas pelos ex-votos oferecidos a Nossa Senhora do Bom Sucesso em Alverca do Ribatejo e ainda a alguns santos padroeiros e titulares de lugares de culto. As entidades cultuadas são Nossa Senhora do Carmo, do Tojo, da Assunção, da Barroquinha, do Bom Sucesso, da Encarnação, os santos António, Bartolomeu, João Baptista, Pedro, Romão e Vicente. – (D4-E2-H4).

1188-07-CAMPOS (João Pires de), “Nossa Senhora da Conceição de Vila Viçosa e a sua projecção devocional e lendária em Espanha”, *Arqueologia e História*, vol. III, 1971, p. 183-204.

Contribuição para o estudo do culto a Nossa Senhora da Conceição em Vila Viçosa, sede do concelho do mesmo nome. Notícia descritiva dos lugares de culto, alguns dos quais estão já destruídos: a igreja matriz, o convento dos agostinhos calçados, de Santa Cruz das religiosas de Santo Agostinho, das clarissas, da Ordem Terceira de São Francisco de Assis, dos capuchos e o colégio jesuíta, dedicados a Nossa Senhora da Conceição (padroeira de Portugal), da Esperança e do Amparo, aos santos João Evangelista e Clara de Assis. Dados sobre a origem lendária do culto a Nossa Senhora da Conceição e breve descrição da imagem, datada dos finais do século XIV ou princípios do século XV. Nota sobre a instituição régia da Ordem de Nossa Senhora da Conceição de Vila Viçosa em 1818. Aspectos lendários e históricos do culto de Nossa Senhora da Conceição em Espanha, nomeadamente em Córdova. – (C1-C2-E2-H1).

1189-12-CARDOSO (Maria Miguel dos Santos), *Festa de Nossa Senhora do Rosário de Tróia: estudo de um tempo “liminar”*, dissertação de mestrado em Antropologia – Culturas Visuais apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas de Lisboa em 2012, 129 p., il. <http://hdl.handle.net/10362/8683> (consultada em 11-10-2019).

A festa de Nossa Senhora de Tróia, freguesia do Carvalhal, concelho de Grândola, é uma celebração religiosa anual que ocorre a meados do mês de Agosto, sem data certa no calendário, pois depende inteiramente das marés do rio Sado. A sua organização e realização é da responsabilidade da paróquia da freguesia de São Sebastião em Setúbal, em particular dos pescadores da mesma cidade, que desde sempre encararam o território da margem esquerda do rio como seu. A caldeira de Tróia é o lugar da capela de Nossa Senhora de Tróia, para onde segue a procissão fluvial que leva a sua imagem e donde regressa três dias depois. À festa acorrem em romagem os pescadores e famílias setubalenses. que acampam junto à capela. As componentes religiosas

da festividade e o seu incremento, bem como a aposta dos média e do museu municipal na divulgação e legitimação da componente patrimonial, contrastam com um passado de características mais apagadas e cujo ímpeto primordial se revestiria de contornos mais próximos do profano. O recente recrudescimento da festa parece ir contra um futuro que ameaça descaracterizá-la, por causa das seguintes razões: a escassez de pescadores e o crescimento de um empreendimento turístico no seu território. – (E3).

1190-15-CARMONA (Rosalina), “Barreiro: as tradições religiosas”, *Navegando no Tejo*, Lisboa, Comissão de Coordenação da Região de Lisboa e Vale do Tejo, 1995, p. 42-43, il.

Notícia sobre a romaria de Nossa Senhora do Rosário no Barreiro, sede do concelho do mesmo nome, no século XVIII, que teve provavelmente origem numa confraria de escravos. A sua imagem foi colocada na antiga ermida de São Pedro, assim designada por aí estar instalada a irmandade dos pescadores, e que mais tarde ganharia o nome de Nossa Senhora do Rosário. Os romeiros afluíam das vizinhanças e, em grande parte, de Lisboa. A procissão era o ponto alto da romaria e o grande número de ex-votos comprovam a abundância de milagres até meados do século XIX. Os romeiros de Lisboa levavam em procissão uma imagem desde a igreja de São Domingos, atravessando o Tejo num escaler até ao Barreiro. Referência à irmandade de São Pedro dos Homens do Mar dos pescadores e marítimos. – (E3-G4-H1-H4).

1191-11-CHAVES (Luís), “A gente do Tejo & a gente do mar”, *Boletim Cultural*, Junta Distrital de Lisboa, n.º 71-72, 1969, p. 47-81, il.

Aspectos da vida religiosa das gentes do mar (marinheiros, pescadores, carpinteiros, calafates) da costa marítima compreendida entre Lisboa/Cascais, Cascais/Ericeira e da Ericeira até Peniche/Nazaré, no distrito de Leiria. Os lugares de culto com elas relacionados são o mosteiro de Nossa Senhora da Esperança (já desaparecido), as capelas e ermidas do Senhor Jesus dos Navegantes, de Nossa Senhora das Necessidades, da Boa Viagem, de Porto Salvo, da Graça, da Guia, da Memória, dos Remédios, dos Anjos, dos Aflitos, dos Inocentes e dos santos Sebastião, Pedro de Alcântara, Brás, Pedro Gonçalves Telmo e António. As festas e romarias principais eram o círio Real de Alcântara (Lisboa) a Meleças, freguesia de Belas, concelho de Sintra, em honra de Nossa Senhora das Mercês (século XVIII) e de Nossa Senhora da Boa Viagem. Notícia sobre as irmandades dos carpinteiros e calafates (Lisboa), dos marítimos (Cascais) e dos Homens do Mar da Ericeira. As diferentes invocações utilizadas pelas gentes do mar para sua protecção são: Nossa Senhora da Boa Viagem, de Porto Salvo, da Guia, da Graça, dos Navegantes e do Mar. Transcrição de algumas quadras populares e referência a algumas lendas que justificam a religiosidade destas gentes. – (B1-C2-E3-G4).

1192-12-COELHO (Possidónio Mateus Laranjo), *Cristianização do Alto Alentejo e o culto mariano: nas lendas, na história, nas artes e na poesia*, Lisboa, Oficina Gráfica de Ramos, Afonso & Moita, 1963, 56 p.

Conferência proferida em 1954 que faz a história da introdução do culto mariano no distrito de Portalegre durante a Reconquista por acção das ordens militares religiosas, em particular dos Templários. A Virgem é venerada em diversos lugares de culto do Alto Alentejo (distritos de Portalegre e de Évora), nomeadamente como Santa Maria, Nossa Senhora dos Anjos, da Assunção, de Belém, da Cabeça, da Conceição, da Consolação, da Esperança, da Estrela, da Flor, da Graça, da Luz, das Neves, do Ó, da Orada, da Penha, da Redonda, dos Remédios, do Rosário e da Sanguinheira. Breve relato de algumas lendas relativas ao aparecimento de imagens que estiveram na origem da fundação de conventos e dos milagres atribuídos a certas imagens de Nossa Senhora, nomeadamente, às de Nossa Senhora da Piedade da vila do Crato, sede do concelho do mesmo nome, dos Milagres, da Estrela (que protegeu os portugueses dos ataques castelhanos em várias ocasiões) e da Livração ou do Livramento de Castelo de Vide, sede do concelho do mesmo. Transcrição de versos, redondilhas e de um poema onde se invocam os padroeiros das igrejas, ermidas e capelas de Castelo de Vide. – (B1-F2-F3).

1193-11-CORTE-REAL (Manuel Henrique), “O Palácio das Necessidades”, *Revista Municipal*, Câmara Municipal de Lisboa, n.º 136-137, 1973, p. 7-30, il., mapas; n.º 138-139, 1973, p. 56-83, il., mapas; *Lisboa: Revista Municipal*, n.º 3, 1983, p. 5-44, il., plantas.

Estudo sobre a edificação e designação do palácio das Necessidades em Lisboa, que deu origem à instituição da capela com o mesmo nome no século XVII e ao convento da congregação do Oratório no século XVIII. A lenda que esteve na origem da capela de Nossa Senhora das Necessidades relata que durante o surto de peste em Lisboa no ano de 1580, um casal se refugiou na Ericeira, concelho de Mafra, e aí manteve o culto a Nossa Senhora da Saúde, mas quando regressou a Lisboa roubou a imagem e mais tarde ordenou a construção da capela. Devido a graças concedidas, a devoção foi crescendo sendo mudado o nome para Senhora das Necessidades (por atender às aflições e necessidades dos que a ela acorrem). Na capela tinha lugar uma festa em memória de um milagre atribuído à Virgem: o azeite que ardia numa lamparina defronte de um altar derramara-se até à porta sem pegar fogo à capela. Descrição da imagem de Nossa Senhora das Necessidades e alusão às imagens de São Filipe de Néri e de São Francisco de Sales, assim como a pinturas com a representação de episódios da vida de Nossa Senhora e dos santos Carlos Borromeu e Filipe de Néri. – (F1-F3-H1-H2).

1194-11-COSTA (Américo da), *História encantadora de Nossa Senhora do Livramento*, Torres Vedras, Gráfica Torriana, 1973, [5 p.], il.

Breve apontamento sobre a génese do culto e a edificação da igreja de Nossa Senhora do Livramento, freguesia de Azueira, concelho de Mafra. O culto iniciou-se no século XVII, quando uma imagem de Nossa Senhora com o Menino nos braços e tendo na mão esquerda grilhões de prata foi dada a guardar ao pároco da freguesia de Azueira. A imagem foi primeiro colocada na igreja paroquial e depois numa ermida em 1656. Os favores e mercês concedidos por Nossa Senhora deram origem a um círio constituído por dezanove freguesias da região saloia (área rural dos arredores de Lisboa, a norte do rio Tejo). Transcrição de preces cantadas na novena anual. – (B4-C2-E3-G1).

1195-15-DIAS (Mário Balseiro), “O culto a Nossa Senhora da Atalaia (Montijo)”, *Piedade Popular – sociabilidades, representações, espiritualidade: actas do colóquio internacional*, Lisboa, Terramar, 1999, p. 517-535.

Estudo sobre o culto a Nossa Senhora da Atalaia na freguesia do mesmo nome, concelho do Montijo. A lenda da aparição de Nossa Senhora relata que uma imagem foi achada por um frade agostinho junto a uma fonte, mas ao ser levada para um lugar de culto regressava sempre ao local onde foi encontrada. Aí foi erigida uma ermida antes de 1475. Os milagres atribuídos a Nossa Senhora expandiram o culto organizando-se os devotos em confrarias denominadas círios, que foram depois substituídos por bandeiras. Em 1507, na sequência de uma epidemia que assolou Lisboa, deslocou-se ao santuário a confraria da Alfândega que passou a organizar a festa financiada pela fazenda régia até 1833. Dezenas de círios realizavam romaria a Nossa Senhora da Atalaia provenientes sobretudo do distrito de Setúbal durante um período que ia da Primavera ao Outono. No final da Monarquia e durante a República (1910-1926) as festividades diminuíram, só voltando a recuperar depois de 1926. A partir de 1974 as festas sofreram a interferência da junta de freguesia da Atalaia, que introduziu no seu programa várias manifestações profanas. Notícia sobre algumas personalidades históricas que estiveram no santuário. Descrição de práticas levadas a cabo pelo povo anónimo, nomeadamente, o pagamento da promessa fazendo um percurso de joelhos e a oferta de ex-votos. Chegaram a existir cerca de duzentos quadros votivos nos finais do século XIX, mas restam apenas sessenta e sete um século depois. Diversas naus tiveram o nome de Nossa Senhora da Atalaia nos séculos XVII e XVIII. – (D5-E3-G1-H4).

1196-15-DUARTE (Ana), PEREIRA (Fernando António Baptista), aliás BAPTISTA (Fernando António), GONÇALVES (Luís Jorge), *Feasts, fairs and pilgrimages: routes on the Costa Azul*, Setúbal, Região de Turismo de Setúbal – Costa Azul, 1997, 164 p., il., mapa.

Edição em língua inglesa de uma resenha dos aspectos religiosos e profanos de várias festas do distrito de Setúbal. Descrição histórica, nomeadamente do lugar de culto e da imagem, bem como da forma actual de cada festa: a organização (autoridades locais e confrarias em que destacam os pescadores e marítimos), os círios, as procissões (marítimas e nocturnas) e outras celebrações e práticas (missas campais, novenas, benção de barcos, ofertas votivas, por exemplo dinheiro exposto nos andores), leilões de bandeiras e medalhas, banho em fonte sagrada. Notícia das lendas da origem das festas: aparecimento da imagem e desastres naturais. As festas contempladas são, na sua maioria, dedicadas a Santa Maria, a Nossa Senhora do Cabo (Espichel, freguesia do Castelo em Sesimbra), de Tróia, freguesia do Carvalhal, da Arrábida (serra do concelho de Setúbal), da Atalaia (concelho do Montijo), da Penha de França, das Salvas ou Salas, do Monte Sião, da Boa Viagem, do Rosário, da Soledade, da Oliveira, do Bom Sucesso, dos Anjos e da Escudeira, assim como a Cristo e aos Santos Populares. – (D5-E3-G4-H4).

1197-07-ESPÍRITO SANTO (Moisés), “A festa da Senhora das Boas Novas ou dos Prazeres, de Terena, e o antigo culto da Lua: relações com o Endovélico Atégina”, *Cadernos do Endovélico*, n.º 2, 2016, p. 99-120, il.

Estudo sobre a festa de Nossa Senhora da Boa Nova que se realiza em Terena (São Pedro), concelho de Alandroal, no domingo da Pascoela (uma semana depois da Páscoa) também conhecida por festa de Nossa Senhora dos Prazeres. Esta invocação de origem popular já existia no século XIV e é exclusivamente portuguesa. Foi oficializada em 1747 a pedido do rei João V. Tentativa de ligação entre a festa de Nossa Senhora e outros cultos antigos como o culto da Lua e os ciclos da vegetação. A festa foi muito defendida e divulgada pelos cristãos-novos porque esta decorre no domingo em que se encerra a Páscoa judaica.

1198-07-ESPÍRITO SANTO (Moisés), “Senhora de Brotas: um símbolo da tradição em mudança para a continuidade”, *Santuário de Nossa Senhora de Brotas: religiosidade popular no Alentejo*, Lisboa – Centro de Estudos Documentais do Alentejo, Colibri, 2003, p. 11-16.

A propósito do exemplo do culto de Nossa Senhora de Brotas, cujo santuário se situa na freguesia de Brotas, concelho de Mora, o autor explica a devoção mariana em Portugal como uma manifestação da natureza matriarcal da cultura portuguesa. O caso de Nossa Senhora de Brotas seria, portanto, um exemplo de sobrevivência dos cultos femininos da antiguidade, centrados na Grande Deusa, como o comprovariam a sua simbólica (a vaca, a fonte) e a lenda que esteve na sua origem: Nossa Senhora aparece ao pastor no momento em que este começa a esfolar a vaca, pede-lhe para construir um santuário e, milagrosamente, faz uma pequena imagem com o osso do animal, que entretanto ressuscitou. – (F1-F4).

1199-11-FAVINHA (Marília Evangelina Sota), PEREIRA (Sara Maria de Azevedo Marques), “Comemorações religioso-políticas do culto de Nossa Senhora da Conceição da Rocha na imprensa periódica portuguesa (1822-1922), *Cultura: Revista de História e Teoria das Ideias*, vol. IX, 1997, p. 388-407.

Contribuição para o estudo do culto a Nossa Senhora da Conceição da Rocha na freguesia de Carnaxide, concelho de Oeiras, e o seu aproveitamento político por parte de liberais e absolutistas, então em litígio, a partir da imprensa periódica. Narração do episódio ligado ao aparecimento da imagem de Nossa Senhora numa gruta, local onde se construiu uma igreja em sua honra, à qual a imagem voltou após estada temporária na Sé de Lisboa (1883). A constituição (1872) e extinção (1883) da irmandade de Nossa Senhora da Rocha, situada na igreja da freguesia da Sé em Lisboa. A polémica em torno do desaparecimento da imagem de Nossa Senhora e a sua restituição ao local do aparecimento em 1922. – (C2-F2-G1-H1).

1200-15-FÉRIA (Lurdes), CARVALHO (Ana Paula), *Alcochete*, Lisboa, Estar-Editora, 1999, 125 p., il.

Caracterização muito ilustrada da vila de Alcochete, sede do concelho do mesmo nome, que dá uma notícia sobre a igreja matriz de São João Baptista e a capela de Nossa Senhora da Vila (século XVI), cuja imagem é muito venerada pelos pescadores e marítimos. O círio dos marítimos de Alcochete vai todos os anos ao santuário de Nossa Senhora da Atalaia, concelho do Montijo. – (C1-D2-E3-G1).

1201-11-FERREIRA (J. V.), *Nossa Senhora da Luz: história da aparição e culto*, Braga, Editorial Franciscana, 1960, 36 p., il.

Esboço histórico sobre o culto de Nossa Senhora da Luz na freguesia de Carnide em Lisboa. A imagem da Virgem foi encontrada numa fonte, provavelmente proveniente de uma ermida que aí existira e que teria sido destruída. No século XV, em cumprimento de um voto por salvamento de cativo, Pedro Martins mandou construir uma ermida, ficando a sua administração a cargo da confraria de Nossa Senhora da Luz. Descrição do santuário iniciado em 1575, cujo retábulo-mor pintado representa a titular e cenas da vida de Nossa Senhora, assim como as imagens que figuram a Virgem com o Menino, os Evangelistas, os Apóstolos, entre outros objectos de culto. Menção da festa de Nossa Senhora da Luz que era celebrada a 8 de Setembro. São ainda referidos outros lugares de culto, nomeadamente a igreja paroquial de São Lourenço, que remonta ao século XIV, as ermidas de Nossa Senhora dos Prazeres ou das Necessidades e a de São José, entre outras. Os padroeiros de Carnide foram sucessivamente Nossa Senhora da Assunção, Santo Amaro e São Lourenço. – (C2-F3-H2-H4).

1202-11-FERREIRA (Manuel Marques Ribeiro de), *A Senhora que é Porto Salvo: história do santuário (c. 1530-2008)*, Oeiras, Paróquia de Nossa Senhora da Purificação – Irmandade de Nossa Senhora de Porto Salvo, 2008, 310 p., il.

Estudo sobre o santuário e a devoção a Nossa Senhora de Porto Salvo, hoje na freguesia do mesmo nome do concelho de Oeiras, desde a sua origem, cerca de 1530, a 2008. A devoção começou entre os marinheiros da armada que demandavam o Império Português do Oriente nas primeiras décadas do século XVI e o nome significa porto de abrigo ou porto seguro. A ermida dedicada a Nossa Senhora de Porto Salvo é que veio a dar o nome ao local. A pequena ermida inicial tornou-se lugar de romagem sobretudo dos mareantes, embora secundarizado face aos grandes santuários de Nossa Senhora do Cabo (Espichel, freguesia do Castelo em Sesimbra) e de Nossa Senhora da Atalaia, nos séculos XVII a XIX. A partir do início do século XVII passou a ter capelão próprio. Notas sobre os conflitos entre os romeiros e os que frequentavam a missa dominical na ermida com o pároco de Oeiras e São Julião da Barra e com o visitador. A actual ermida foi construída nos finais do século XVII e o cruzeiro do adro, chamado da Boa Sentença, foi erigido em 1759. A confraria foi fundada em 1675 e os primeiros estatutos datam de 1678. O conflito que opôs a irmandade a um padre apoiado pela população, que dizia missa na ermida em 1749, por causa deste ter ocupado uma das casas da irmandade sem pagar renda e ter recusado despejá-las durante os quatro dias da romagem. Análise dos objectos de culto: a imagem de Nossa Senhora no seu trono, as pinturas de azulejo e os painéis com cenas da vida de Nossa Senhora. Alguns dados sobre os lugares de culto da paróquia na actualidade: a igreja paroquial de Nossa Senhora do Rosário, as capelas da Senhora da Piedade e de Nossa Senhora do Socorro. – (A5-C2-G1-H2).

1203-12-FIGUEIREDO (Carlos Veríssimo), “Tradições religiosas do povo de Sesimbra”, *Sesimbra Cultural*, n.º 4, 1994, p. 30-38, il., mapa.

Conferência sobre as tradições religiosas, actuais e desaparecidas, do povo de Sesimbra, sede do concelho do mesmo nome, em especial dos pescadores. O santuário de Nossa Senhora do Cabo (Espichel, freguesia do Castelo): a origem devido à aparição de Nossa Senhora, os círios, a procissão e as loas de 1891, as festas do Senhor das Chagas (4 de Maio). As festas de Nossa Senhora da Luz (segundo domingo de Setembro), de Nossa Senhora da Consolação (primeiro domingo de Setembro), de Nossa Senhora da Arrábida, em que participavam círios feitos por mar e terra, de Nossa Senhora do Carmo, no último domingo de Agosto, na sua capela situada nos contrafortes da Serra da Arrábida (concelho de Setúbal), de Nossa Senhora da Boa Viagem e de Nossa Senhora da Atalaia. Breve descrição da igreja paroquial da freguesia do Castelo em Sesimbra, dedicada a São Tiago, que contém as imagens de

Nossa Senhora da Conceição e do titular, e das cerimónias da primeira comunhão e da comunhão solene. – (E3-F4-G1-H1).

1204-07-FIGUEIREDO (Filipe Marques de), “O culto mariano: I. A piedade popular na arquidiocese de Évora”, *Actas das Jornadas mariológicas, Eborensia: Revista do Instituto Superior de Teologia de Évora*, n.º 17-18, 1996, p. 169-186.

Contribuição para o estudo da piedade popular na diocese de Évora onde teve impacto o processo de descristianização. As causas da descristianização do Alentejo (distritos de Portalegre, Évora, Beja e parte do distrito de Setúbal): geográficas (foi das últimas regiões a ser cristianizada), históricas (a expulsão dos jesuítas em 1759, a expulsão das ordens religiosas em 1834 e a nova expulsão das ordens religiosas em 1910) e sociológicas (tradição familiar de baptizar os filhos sem prática dominical). Delimitação do conceito de piedade popular. Nota sobre a piedade popular nos santuários, lugar onde decorrem regularmente celebrações. Transcrição e análise de orações dedicadas a Nossa Senhora da Encarnação, da Conceição e do Carmo, da oração da noite e para quando se apagava a candeia antes de adormecer. É costume haver em casa pequenos quadros figurativos de Nossa Senhora e alguns crentes trazerem na carteira estampas de Nossa Senhora. – (B3-H2-H5-I3).

1205-07-FIGUEIREDO (Filipe Marques de), “Santuários marianos e devoções marianas na missão evangelizadora da igreja diocesana”, *Igreja Eborensis: Boletim de Cultura e Vida da Arquidiocese de Évora*, n.º 12, 1988, p. 181-198.

Notas sobre os mais conhecidos santuários marianos da diocese de Évora dedicados a Nossa Senhora da Conceição (Vila Viçosa), da Boa Nova em Terena (São Pedro), concelho do Alandroal, da Visitação (Montemor o Novo), de Aires (Viana do Alentejo), de Brotas (concelho de Mora), dos Olivais (concelho de Estremoz), de ao Pé da Cruz (Redondo), das Candeias (concelho de Mourão), de Entre-Águas (Benavila, concelho de Avis), do Castelo (Coruche, distrito de Santarém) e da Paz (Benavente, distrito de Santarém). As notícias centram-se nas actividades e nas celebrações que incluem: missas, festas, devoções, procissões, oração do rosário, peregrinações. Menção de confrarias marianas e de ex-votos. Breves dados históricos sobre alguns santuários. Alusão a outros santuários e igrejas marianas da diocese. – (C2-E3-G1-H4).

1206-11-FIGUEIREDO (Ricardo), “A devoção às sete dores de Nossa Senhora: história, piedade e teologia”, *Mafra Sacra: memória e património*, coordenação de HENRIQUES (Tiago), Sintra – Mafra, Zéfiro – Real e Venerável Irmandade do Santíssimo Sacramento da Paróquia de Santo André de Mafra, 2017, p. 393-407, il.

Contribuição para o estudo da devoção às sete dores de Nossa Senhora em Mafra, sede do concelho do mesmo nome: origem histórica da festa, aspectos da devoção, a irmandade de Nossa Senhora das Dores fundada em 1779, o

septenário das Dores de Nossa Senhora, a procissão em sua honra, a representação iconográfica, a relevância teológica da devoção. – (E3-G1).

1207-07-FILIFE (Carlos), CABEÇAS (Mário Henriques), “A Senhora da Boa Morte de Vila Viçosa: da devoção à arte”, *Callipole: Revista de Cultura*, n.º 20, 2012, p. 263-281, il.

Estudo sobre a importância devocional e artística do conjunto escultórico de Nossa Senhora da Boa Morte (Dormição de Nossa Senhora), datado dos séculos XVII ou XVIII, que se encontra na igreja matriz de Nossa Senhora da Conceição em Vila Viçosa, sede do concelho do mesmo nome, mas proveniente do extinto convento das Chagas (convento feminino agostinho). Notas sobre a origem e divulgação do culto de Nossa Senhora da Boa Morte. O culto popularizou-se a partir do século XIII e foi renovado no século XVII. A sua divulgação em Portugal deve-se sobretudo aos jesuítas e insere-se na estratégia de reafirmação do culto de Nossa Senhora e como preparação de uma morte serena (viver bem para bem morrer). O conjunto escultórico, que representa Nossa Senhora deitada num carro e rodeada de anjos, não só glorifica a Assunção de Nossa Senhora mas também a Imaculada Conceição. Descrição da procissão de Nossa Senhora da Assunção de Vila Viçosa nos finais do século XIX. – (A5-E3-H1-H2).

1208-07-FITAS (Ana Paula), “A construção social do simbólico e o culto mariano no Alentejo: o caso de Nossa Senhora de Brotas (Mora)”, *Santuário de Nossa Senhora de Brotas: religiosidade popular no Alentejo*, Lisboa, Colibri – Centro de Estudos Documentais do Alentejo, 2003, p. 59-79.

Estudo antropológico sobre o culto mariano no Alentejo (distritos de Portalegre, Évora, Beja e parte do distrito de Setúbal) a partir do exemplo do culto de Nossa Senhora de Brotas, cujo santuário se situa na freguesia de Brotas, concelho de Mora. O culto mariano é estruturante na área do Mediterrâneo (Deusa-Mãe) e próprio das sociedades rurais e agrícolas. O culto de Nossa Senhora de Brotas é um culto local e protector, uma antropomorfização dos sentimentos, como outras invocações de Nossa Senhora existentes no Alentejo. Por exemplo, representam a dor, Nossa Senhora das Dores; o parto, Nossa Senhora do Ó e do Livramento; a cura, Nossa Senhora dos Milagres, da Graça, dos Remédios, da Esperança; a alegria, Nossa Senhora dos Prazeres, da Represa e das Flores. Considerações sobre a articulação da piedade popular, marcadamente feminina, com a religião instituída. – (A5).

1209-11-FRAGA (Henrique Teles), *Nossa Senhora das Alfândegas (1507-1968)*, Porto, Biblioteca da Alfândega do Porto, 1969, 17 p.

A propósito de um encontro de confraternização dos funcionários aduaneiros realizado em Lisboa no ano de 1968, é referido que a reposição da imagem

de Nossa Senhora das Alfândegas na igreja da Conceição Velha em Lisboa, como protectora das casas fiscais, permitiu a veneração dos funcionários aduaneiros desse encontro. A imagem integrava um círio que ia ao santuário de Nossa Senhora da Atalaia, concelho do Montijo, cujo culto teve origem numa graça recebida contra a peste em 1507. – (C2-E3-F3-H1).

1210-11-FRANCO (Joaquim), “A padroeira e o brasão”, *A matriz da cidade: exposição comemorativa do 50.º aniversário da igreja de Nossa Senhora da Conceição da Amadora*, Amadora, Câmara Municipal, p. 21-22, il.

Notícia sobre a devoção a Nossa Senhora da Conceição na Amadora, sede do concelho do mesmo nome. Na igreja matriz há imagens de Nossa Senhora da Conceição no interior e no exterior. Na fachada há ainda um brasão, um escudo com as iniciais das palavras Ave-Maria encimadas por doze estrelas e a cruz patriarcal. – (C1-H1-H2).

1211-11-GOMES (Jesué Pinharanda), *Povo e religião no termo de Loures*, Loures, Câmara Municipal, 1982, 181 p., il.

Contributo para um inventário do património religioso e festivo do concelho de Loures. São mencionados lugares de culto como as igrejas paroquiais e não paroquiais, capelas, ermidas e santuários, erigidos nos séculos XIV a XVIII, em honra de Nossa Senhora do Carmo, do Monte, da Saúde e dos santos Julião, Marta, Catarina de Alexandria. Outros lugares de culto são o memorial do Senhor Roubado (relicário com uma cruz onde está o Senhor Crucificado), em Odivelas, sede do concelho do mesmo nome, e o cruzeiro ou “Memória de Odivelas”. As procissões, romagens e círios nas festas a Nossa Senhora da Saúde de Vila de Rei (lugar da freguesia de Bucelas), do Cabo (Espichel, freguesia do Castelo em Sesimbra) e do Carmo com as *chacóinas*, uma espécie de círio ou dança de mulheres a propósito do culto do santo Condestável (Nuno de Santa Maria), que passou a integrar a procissão do Corpo de Deus em Lisboa desde o século XIV. Transcrição de quatro loas de meados do século XIX recitadas e cantadas durante os círios de Nossa Senhora do Cabo. Nota sobre o culto de Nossa Senhora do Carmo nas freguesias de Frielas e de Camarate. Notas sobre aspectos eclesiais e populares da piedade. – (B4-C2-D2-E3).

1212-07-GUERRA (Manuel Vicente Teles), “Breve resenha histórica de Brotas”, *Memória Alentejana*, n.º 7, 2002, p. 18-19, il.

Apontamento histórico sobre o santuário de Nossa Senhora de Brotas e igreja matriz da freguesia de Brotas, concelho de Mora. A origem do culto remonta ao século XV e estendeu-se por outras áreas do país (Chaves, Barcelos, Funchal) e no estrangeiro. Segundo a lenda, Nossa Senhora terá aparecido a um pastor que se encontrava a esfolar uma vaca; após ter desaparecido a Virgem deixou

uma imagem do animal feita de um osso da vaca que miraculosamente voltou à vida. A capela foi erigida no mesmo sítio onde terá ocorrido o milagre, passou a matriz em 1535 e transformou-se num centro de peregrinações em finais do século XVII. Estas eram organizadas por confrarias de diversas partes, sobretudo do Alentejo (distritos de Portalegre, Évora, Beja e parte do distrito de Setúbal). – (C1-E3-F1-F4).

1213-11-GUERREIRO (Manuel Viegas), “São João das Lampas, freguesia salaioia do concelho de Sintra”, *Finisterra*, vol. XI, n.º 17, 1974, p. 139-160, il.

Estudo etnológico da freguesia de São João das Lampas, concelho de Sintra, contendo notas sobre a vida religiosa: as festas e círios aos santuários de Nossa Senhora da Nazaré (distrito de Leiria), do Cabo (Espichel, freguesia do Castelo em Sesimbra) e da Saúde, assim como ao Santo Cristo. As práticas e costumes do baptismo, do casamento e do funeral. – (D3-E3-E4-G1).

1214-.-INFANTE (António Franco), *Culto marial na diocese de Portalegre-Castelo Branco*, [Portalegre] Editorial SPES, 1985, 392 [46] p., il.

Apresentação, notas e inventário das expressões de culto mariano na diocese de Portalegre-Castelo Branco, que corresponde aos concelhos de Castelo Branco, de Idanha-a-Nova, Oleiros, Proença-a-Nova, Sertã, Vila de Rei, Vila Velha de Ródão (distrito de Castelo Branco), de Alter do Chão, Arronches, Castelo de Vide, Crato, Gavião, Marvão, Nisa, Ponte de Sor, Portalegre (distrito de Portalegre), de Abrantes, Constância, Mação, Sardoal (distrito de Santarém). O inventário compreende igrejas paroquiais, capelas, altares, imagens, pinturas, azulejos pintados, festas, quadras, cânticos, lendas, associações (confrarias, irmandades) dedicadas a Nossa Senhora e ainda uma lista dos casos em que é padroeira de freguesia. Entre as mais raras invocações na diocese contam-se Nossa Senhora dos Altos Céus, da Caridade, do Egipto, das Cabeças, do Fastio, da Gargantada (nome advém da situação geográfica da capela edificada na garganta de duas serras), da Tocha, da Redonda, da Sanguinheira (uma epidemia vitimara muitas pessoas, com derramamento de sangue), das Sete Fontes, da Azenha, dos Matos (lugar ermo), de Valverde (nome tirado do local apazível onde se diz ter aparecido Nossa Senhora sobre umas rochas, na freguesia de Nossa Senhora da Tourega), de Rodes, do Espinheiro (freguesia de Canaviais), do Tojo (arbusto), do Terço, da Granja (imagem foi encontrada numa granja), da Fé, do Miradouro e da Alagada. A obra contém um apêndice fotográfico. – (B4-C2-G1-H2).

1215-11-INSO (Jayme do), “Nossa Senhora da Penha de França na evocação marítima”, *Olisipo*, n.º 108, 1964, p. 167-174, il.

O culto a Nossa Senhora da Penha de França, freguesia do mesmo nome em Lisboa, é uma invocação da Virgem que está associada às descobertas

marítimas e à protecção das gentes do mar. Uma lenda sobre a origem da imagem e da devoção relata que está relacionada com um voto de um militar recrutado para Alcácer-Quibir (Marrocos). Este prometeu que, no caso de regressar são e salvo, dedicaria à virgem nove imagens de diferentes títulos e invocações. Na sequência deste voto foi erguida a primeira igreja em Lisboa em sua honra em 1598, cujo nome foi sugestão de um padre francês. A outra versão da lenda está ligada à revelação de uma imagem no cume de uma serra chamada Penha de França a um padre francês, perto de Cidade Rodrigo (Espanha), que mandou construir uma capela em sua honra à qual se dirigiram muitos portugueses em peregrinação. Esta imagem teria sido dada ao rei Dom João II, que a entregou aos monges do convento de São Domingos em Lisboa, numa época em que a peste grassava na capital. O povo recorreu à intervenção desta imagem realizando a procissão do Ferrolho (chamava-se assim porque durante o percurso batiam nos ferrolhos das portas, de forma a chamar os fiéis), fazendo desaparecer a epidemia. A fama de protectora dos marinheiros e milagreira chegou além fronteiras por votos de marinheiros e capitães de armada, tendo sido criada uma irmandade no Cabo da Boa Esperança (África do Sul) em 1609, cujos estatutos são referidos. A igreja da Penha de França está ligada a outra lenda que se refere à salvação de um devoto prestes a ser atacado por um lagarto gigante. A pele do lagarto esteve durante muitos anos guardada na igreja, mas foi substituída por um lagarto de madeira pintado devido ao seu estado de degradação. Referência a alguns ex-votos pintados que ilustram a protecção dada a marinheiros. Breve alusão ao culto da Virgem em Ceuta (Marrocos), também conhecida por Nossa Senhora de África, padroeira da cidade. – (F3-G4-H4).

1216-07-LAVAJO (Joaquim Chorão) “Maria e os santos na espiritualidade alentejana e eborense” *Tesouros de arte e devoção: exposição de arte sacra*, coordenação de BORGES (Artur Goulart de Melo), [Évora], Fundação Eugénio de Almeida, [D.L. 2004], p. 27-40.

Breve estudo sobre a importância de Maria e dos santos na vida religiosa das populações do Alentejo (distritos de Portalegre, Évora, Beja e parte do distrito de Setúbal) e do concelho de Évora em particular, contendo dados cronologicamente compreendidos entre os séculos XV e XX. Os calendários litúrgicos portugueses do século XIII registam cinco festas marianas: Purificação (2 de Fevereiro), Anunciação (25 de Março), Assunção ou Dormição (15 de Agosto), Natividade (8 de Setembro) e Expectação (18 de Dezembro). No século XIV foi instituída a festa de Nossa Senhora das Neves e, no XV, as de Nossa Senhora da Visitação e da Conceição. Nessa altura a invocação Santa Maria correspondia normalmente a Nossa Senhora da Assunção, cuja festa era a mais importante até à proclamação de Nossa Senhora da Conceição como padroeira de Portugal (1646), com santuário em Vila Viçosa, sede o concelho

do mesmo nome, passando a ter um relevante protagonismo. Uma devoção particular da diocese de Évora era o culto celebrado todos os sábados do ano a Santa Maria, exceptuando-se o período do Natal e da Páscoa. A devoção oficial da diocese a Santa Maria está também expressa na criação da confraria de Santa Maria sediada na Sé (1320). O culto dos santos expandiu-se com a descoberta e a crescente circulação de relíquias, assim como com o registo escrito da legenda dos santos. Notícia das principais intervenções do papa para controlar e regulamentar as beatificações e as canonizações desde os século XI a 1983. Nota sobre as características da religiosidade do povo alentejano: pouco conhecimento religioso, fidelidade às manifestações externas da fé, como por exemplo, procissões, peregrinações, festas a Nossa Senhora e aos santos padroeiros, vivência do Natal e da Páscoa, filiação em irmandades e confrarias, oferta de ex-votos e culto dos mortos. A influência religiosa dos franciscanos, dominicanos, paulistas da Serra de Ossa (concelho do Redondo) e da Companhia de Jesus. A evolução dos oragos das igrejas e paróquias desde o século XIV: em 1321, num catálogo das igrejas da diocese, cerca de 60% dos lugares de culto eram dedicados a Nossa Senhora, mas em 1534 eram 55%, 7% a São Pedro e entre 2 a 3% aos santos Brás, Bartolomeu, Domingos, Estêvão, Brissos e Catarina de Alexandria. Nos séculos XIX-XX, 42% dos lugares de culto eram dedicados a Santa Maria. Listas dos santuários erigidos em honra de Nossa Senhora, das ermidas marianas das portas da muralha de Évora e de outros lugares de culto que lhe são igualmente dedicados. Menção de conventos e de nichos que invocam Nossa Senhora e do santoral da Sé nos séculos XIV-XVI e XVII-XX. – (A5-C2-D4-E3).

1217-11-LIMA (Tomás Machado), “Memória aduaneira: na festa da Senhora protectora das alfândegas portuguesas”, *Olisipo*, n.º 13, 2000, p. 93-95, il.

Notas sobre a devoção a Nossa Senhora das Alfândegas, nome dado à imagem de Nossa Senhora da Atalaia, concelho do Montijo, pelas alfândegas de Lisboa, conservada na igreja da Conceição Velha nesta cidade. O culto começou por ocasião da peste de 1507, quando membros da alfândega de Lisboa decidiram ir em romaria a Nossa Senhora da Atalaia. Em 1753, Nossa Senhora da Atalaia foi declarada protectora das alfândegas de Portugal. A festa realiza-se na igreja de Conceição Velha desde 1755. – (E3).

1218-15-LOPES (Paula Ferreira), The ‘Giro’ pilgrimage walk of Our Lady of the Cape: a synopsis”, *O Giro de N. Snra. do Cabo e as berlindas processionais do Museu Nacional dos Coches*, coordenação e guião de BESSONE (Silvana), 2007, p. 50-58, il.

Sinopse dos principais factos da evolução do culto a Nossa Senhora do Cabo situado no santuário do mesmo nome, no Cabo Espichel, freguesia de Castelo em Sesimbra, sede do concelho do mesmo nome.

1219-07-LOURO (Henrique da Silva), *O culto de Nossa Senhora e dos santos na arquidiocese de Évora*, Évora, Gráfica Eborense, 1967, 25 p.

Inventário das invocações de Nossa Senhora e dos santos titulares de igrejas e ermidas no território atual do arquidiocese de Évora, desde o século XII ao século XX. Das cento e cinquenta e três invocações de Nossa Senhora as mais recorrentes são Nossa Senhora da Assunção, do Carmo, do Castelo, da Conceição, de Fátima e da Graça. Das cento e trinta invocações dos santos destacam-se os nomes António, Pedro, Sebastião, Bento, Brás, Francisco de Assis, João Baptista, José, Lourenço, Tiago e Ana. Há ainda vinte e seis invocações de Cristo. – (D3-D4).

1220-15-MACEDO (Ana Carolina Pereira Martins), *Guia de Festas da Península de Setúbal / Festivities guide of Setúbal Peninsula*, dissertação de mestrado em Práticas Culturais para Municípios apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas de Lisboa em 2017, 84 p., il., quadro. <https://run.unl.pt/bitstream/10362/30156/2/Trabalho%20Final.pdf> (consultada em 9-09-2020).

Contribuição para o estudo das características das festas na Península de Setúbal (parte norte do distrito de Setúbal), tendo em vista a sua divulgação entre a comunidade do espaço geográfico em que decorrem e as pessoas vindas de fora. Em primeiro lugar são tratados os conceitos de festa, romaria e círio, assim como a metodologia utilizada – observação participante. Para cada festa foram analisadas as celebrações, a história, as datas da sua realização entre outros factores. São descritas algumas das festas existentes em nove regiões da Península de Setúbal, sendo abordadas as que parecem ser as mais importantes dos concelhos de Alcochete, Almada, Barreiro, Moita, Montijo Seixal, Setúbal e Sesimbra em honra do Senhor dos Aflitos, Jesus das Chagas, Jesus do Bonfim, o Círio dos Marítimos de Alcochete a Nossa Senhora da Atalaia, do Bom Sucesso e São João Baptista, do Rosário, da Boa Viagem, dos Anjos, da Oliveira, da Anunciada, do Monte Sião, da Soledade, do Cabo (Espichel, freguesia do Castelo em Sesimbra), da Arrábida (serra do concelho de Setúbal), dos santos Pedro, Luís da da Serra (Serra de São Luís, concelho de Setúbal). Finalmente, é especificado o modo como o roteiro online foi construído, a sua estrutura, os seus conteúdos e de que forma as festas podem beneficiar as Câmaras Municipais e o público interessado na região da Península de Setúbal. Os anexos são constituídos pela síntese das festas na Península de Setúbal, pelas listagens das festas por culto e por região, assim como a sua datação e calendarização. – (D3-D4-E3-G1).

1221-15-MARQUES (António Reis), *Coisas de Sesimbra*, Sesimbra, Câmara Municipal, 2015, 358 p., il.

Compilação de textos do autor escritos inicialmente para periódicos de Sesimbra, sede do concelho do mesmo nome, entre 1990 e 2013, alguns

dos quais tratam de temas da piedade popular: a festa de Nossa Senhora da Conceição em Alfarim, freguesia do Castelo, no dia 26 de Dezembro, os registos em papel e pano, o hino ao Senhor Jesus das Chagas, a confraria do Espírito Santo dos Mareantes (passou a Associação de Socorros Mútuos em 1897), os costumes da Quinta-Feira da Ascensão, da Queima de Judas e do São João Baptista, as crenças dos homens do mar em Nossa Senhora da Arrábida (serra do concelho de Setúbal), do Cabo (Espichel, freguesia do Castelo), no Senhor Jesus das Chagas e em Santo António, assim como a bênção dos barcos. – (D3-D4-E6-G4).

1222-15-MARQUES (Luís), *Arrábida e a sua religiosidade popular*, Lisboa, Assírio e Alvim, 2009, 398 p., il., mapa.

Estudo sobre os cultos que se desenvolvem na Serra da Arrábida (concelho de Setúbal), em particular na área do convento da Arrábida, concelho de Setúbal, desde o século XV ao século XX. Descrição dos lugares de culto: os conventos franciscanos velho e novo (algumas celas estão espalhadas e circunscritas por um muro), as ermidas da Memória, de São João Baptista, de São Paulo e a capela de Santa Catarina de Alexandria (mártir) datada do século XVII. Na área do convento novo são descritas a capela principal de Nossa Senhora da Arrábida com as imagens da titular, dos santos Francisco de Assis e Domingos, assim como dos painéis de azulejo que representam santos e frades. Outras capelas eram dedicadas ao Senhor dos Passos, ao Senhor da Cana Verde, da Flagelação, do Bom Jesus, a Nossa Senhora da Conceição, da Piedade e da Penha. Há também as chamadas “capelas imperfeitas” (incompletas) e a fonte da Samaritana. A lapa de Santa Margarida de Antioquia ou da Galiza possui as imagens de Nossa Senhora da Salvação, da titular e de santo António. Segundo o autor, os círios em geral começaram a realizar-se em Portugal na Idade Média e os que iam à Arrábida desde o século XVI: a bandeira, as medalhas e os registos, as caixas dos círios (hoje não fazem parte das práticas religiosas) onde se guardavam as velas e ao mesmo tempo constituíam um padrão que assinalava a presença do círio; os ex-votos (em cera, quadros, fotografias, registos, barcos). Análise do círio de Vila Nogueira de Azeitão (freguesias de São Lourenço e de São Simão) em 1845, que se realizava no período do Pentecostes e passou para o primeiro domingo de Julho: composição do cortejo, rituais, percurso, duração (eram quatro dias e hoje dois), missa e procissão, baile e leilão. Análise do Antigo Círio de Setúbal (1839) efectuado por mar e terra: percurso e duração, medalhas e autocolantes. Em 2001, surge o Novo Círio de Nossa Senhora da Arrábida com uma nova imagem, que realiza uma procissão em Setúbal e um cortejo de barco e de automóvel até à Arrábida. O culto a Nossa Senhora do Carmo ou del Carmen na sua ermida, construída na segunda metade do século XV, tem o seu ponto alto na festa anual que decorre em data variável e que compreende: círios,

celebrações religiosas, ex-votos, registos e baile. A festa de São Pedro na Quinta de Alcube, freguesia de São Simão, concelho de Setúbal, decorre em Julho com a participação de círios que deixam ex-votos. Na mesma quinta há a capela das Necessidades que foi construída em 1750 para abrigar um cruzeiro. Na área do Parque Natural da Arrábida ergue-se a ermida de Nossa Senhora da Escudeira (1750), cuja festa poderá estar relacionada com os jovens aprendizes de escudeiro: realiza-se a meados de Agosto, teve a participação de círios e hoje é composta por uma procissão e pela cavalhada. A festa de São Luís (Abril) desenrola-se na capela de São Luís (bispo), situada na Serra de São Luís, freguesia de Nossa Senhora da Anunciada em Setúbal, e compreende missa, procissão, cavalhada e quermesse. A obra é muito ilustrada e contém um anexo com fotografias. – (C4-E3-H4-H5).

1223-15-MARQUES (Luís), *O paraíso no “fim do mundo”: o culto de Nossa Senhora do Cabo*, Lisboa, Sextante, 2007, 328 p., il., mapa, plantas.

Estudo sobre o culto de Nossa Senhora do Cabo (Espichel) na freguesia do Castelo em Sesimbra, sede do concelho do mesmo nome, que teve origem no século XV e se desenvolveu sobretudo nos séculos XVII-XVIII, em parte devido à intervenção régia. Caracterização do espaço do promontório do Cabo Espichel, uma finisterra propiciatória à manifestação do sagrado. Breve exposição das lendas sobre a imagem que deu origem ao culto e ao santuário. Descrição dos lugares de culto do santuário: a ermida da Memória com painéis de azulejo que relatam a lenda que lhe está associada, segundo a qual a imagem de Nossa Senhora foi trazida do mar por uma mula que deixou marcas na arriba (na verdade pegadas de dinossáurio); a edificação da igreja, que foi iniciada em 1701 por iniciativa régia, e os cruzeiros. Os objectos de culto: imagens, pinturas e ex-votos (pintados, em cera, miniaturas de embarcações, inscrições), registos (gravuras ou imagens impressas), medalhas e bandeiras. Análise da organização, itinerário e práticas do círio de Palmela, sede do concelho do mesmo nome, que se realiza a 15 de Agosto e que é conhecido pelo menos desde o século XVIII; do círio de Sesimbra, que tem lugar no último fim de semana de Setembro e que compreende voltas rituais, lavagem da cara no chafariz de duas bicas, peditórios, rezas, missa e procissão; a festa dos Agricultores ou da Penitência, cujos participantes são provenientes de diversos lugares das redondezas de Sesimbra, decorre em Maio e tem por objectivo o cumprimento de uma promessa antiga para que não haja seca, assim como a bênção dos campos. Outros círios são provenientes da margem sul do Tejo: Arrentela, concelho do Seixal, Seixal, Vila Nogueira de Azeitão (freguesias de São Lourenço e São Simão), Setúbal e Caparica, concelho de Almada, o denominado círio Caparicano. Este possuía uma organização idêntica ao do círio saloio e foi extinto a meados do século XX. São também referidos os círios já extintos de Lisboa e de Coina, concelho do Barreiro. Análise do Círio

Salioio (dos habitantes do campo dos arredores de Lisboa, a norte do rio Tejo) organizado nos termos de um compromisso do século XVII ou XVIII que estabelecia um giro da imagem entre vinte freguesias (actualmente 26) e que hoje se faz entre as freguesias que o compõem, as quais só se deslocam ao santuário no término do giro: o percurso e as práticas no santuário, aspectos organizacionais, os procedimentos realizados em cada freguesia que guarda a bandeira e a imagem, nomeadamente algumas práticas processionais e a entoação de loas. Os aspectos profanos dos círios envolvem a feira, petiscos, divertimentos, baile e, em tempos antigos, a tourada. Dados sobre o tesouro de Nossa Senhora do Cabo. Em anexo são transcritos vários documentos. O livro é muito ilustrado. – (C2-D5-E3-G1).

1224-15-MARQUES (Luís), *Tradições religiosas entre o Tejo e o Sado: os círios do Santuário da Atalaia*, 3.^a edição, Lisboa, Assírio & Alvim, 2005, [36 p.] 326 p., il., mapas; *Tradições religiosas entre o Tejo e o Sado: os círios do Santuário da Atalaia*, 1.^a edição, Lisboa, Universidade Nova de Lisboa (Instituto de Sociologia e Etnologia das Religiões), [D.L. 1996], 246 p., il., mapas.

Nova edição (1.^o edição em 1996) ampliada de um estudo antropológico sobre as formas de expressão da piedade popular na área compreendida entre os rios Tejo e Sado, tomando por base o exemplo dos círios a Nossa Senhora da Atalaia, concelho do Montijo, que remontam ao século XVI. Actualmente, deslocam-se ao santuário seis círios: o dos Marítimos de Alcochete (na Páscoa) e os provenientes da Azóia, freguesia de Castelo em Sesimbra, da Carregueira e dos Olhos de Água (freguesia de Pinhal Novo, concelho de Palmela), da Quinta do Anjo (concelho de Palmela) e o Círio Novo fundado na sequência de uma cisão do círio da Carregueira (em Agosto). Ao culto de Nossa Senhora da Atalaia estavam inicialmente associadas todas as pessoas ligadas à actividade marítima: marujos, armadores, pescadores, calafates, carpinteiros e serventes, mas hoje conta essencialmente com a participação de pescadores. O espaço sagrado envolve a igreja, a fonte santa, as casas dos círios (por vezes com altar próprio), os cruzeiros e todos os terrenos nas imediações. O actual edifício data de 1623, com alterações do século XVIII, atribuindo-se a sua construção ao aparecimento de uma pequena imagem de Nossa Senhora junto da fonte, cujas águas eram consideradas milagrosas. Descrição dos percursos realizados pelos vários círios e das cedrimónias e práticas, por exemplo, a procissão, os cortejos, a lavagem do rosto na fonte santa, o leilão das bandeiras e das fogaças, os peditórios. Entre os objectos de culto destacam-se as imagens do andor da Senhora da Atalaia e as da igreja. Os ex-votos encontram-se na igreja, na “sala das promessas”, com predominância das pinturas (tábuas votivas) e fotografias, que representam situações ligadas à vida marítima, a pessoas acamadas e a combatentes da Guerra Colonial. Menção de registos, bandeiras e medalhas (feitas em papel,

tecido, missangas), contendo na parte central a figura da Senhora da Atalaia. O culto manifesta-se também nos painéis de azulejos das fachadas dos edifícios e nas imagens pintadas nos barcos. Ao longo da obra procura-se distinguir e esclarecer alguns conceitos relativamente à piedade popular: religião eclesial / religião popular, lugares de culto institucionais / lugares de culto populares, santuário e círio. Menção de documentos que revelam alguns conflitos entre o povo e clero, relativamente à celebrações religiosas e à parte da festa considerada profana. São referidos outros círios da zona sul do Tejo em honra de Nossa Senhora do Cabo (Espichel, freguesia do Castelo em Sesimbra) vindos de Palmela (15 de Agosto) e de Sesimbra (último fim-de-semana de Setembro); de Nossa Senhora da Conceição (em Alfarim, Sesimbra), de Nossa Senhora de Tróia, na freguesia do Carvalhal (concelho de Grândola) e o círio de Vila Nogueira de Azeitão (freguesias de São Lourenço e São Simão) a 8 Julho, ao convento da Arrábida, assim como os círios de Setúbal (15 de Julho) e das Pedreiras, aldeia da freguesia do Castelo, à ermida de Nossa Senhora del Carmen (último domingo de Agosto) na Serra da Arrábida (concelho de Setúbal). Em anexo, é publicado o programa da romaria de 1994 e a planta do percurso da procissão de Nossa Senhora da Atalaia. – (D5-E3-G1-H4).

1225-11-MATOS (Venerando Aspra de), “Festas da Igreja / Festas republicanas: uma década de conflitos em Torres Vedras (1910-1920)”, *Turres Veteras VIII – História das festas*, Torres Vedras – Lisboa, Câmara Municipal – Edições Colibri – Instituto de Estudos Regionais e do Municipalismo “Alexandre Herculano”, 2006, p. 257-274, quadros.

Estudo sobre o impacto do anticlericalismo republicano nas festas populares religiosas do concelho de Torres Vedras, nomeadamente sobre os efeitos do controle do culto externo previsto por lei, bem como a resistência da população católica. As festas de cariz religioso referenciadas são noventa: havia quarenta com procissão, quatro círios e duas romarias; cerca de um terço tinham lugar nos meses de Agosto e Setembro e outro terço nos meses de Abril, Maio e Junho; vinte e cinco festas realizavam-se nas freguesias da cidade de Torres Vedras (treze procissões, um círio), na freguesia de Dois Portos ocorriam oito festas e quatro procissões e na freguesia de Turcifal decorriam seis festas e cinco procissões. Quanto ao tipo de festividades, o culto de Nossa Senhora era maioritário, no total de dezassete casos, seguindo-se a invocação do Santíssimo Sacramento / Coração de Jesus com quinze, os Santos Populares com sete casos, São Sebastião com seis, as celebrações da Semana Santa com cinco, Santa Catarina de Alexandria com quatro e o Senhor dos Passos (procissões) com três. Com a implantação da República desaparecem vinte festas, dez foram sujeitas a um qualquer tipo de proibição, seis só aparecem referidas em 1911, sete são referidas a partir de 1918. As festas mais atingidas eram dedicadas ao Coração de Jesus e a Nossa Senhora. Dados sobre as

chamadas festas de substituição republicanas no período de 1910 a 1920. Os republicanos procuraram substituir muitas festividades religiosas pela festa da árvore, pelas comemorações dos feriados laicos, por vezes encerradas com um bodo aos pobres. Contém uma tabela com as festas e procissões do concelho de Torres Vedras documentadas na imprensa e noutras fontes (1909-1921). – (D3-D4-E1-E3).

1226-07-MENDEIROS (José Filipe), “O culto mariano: II oragos marianos das paróquias da arquidiocese de Évora”, *Actas das jornadas mariológicas, Eborensia: Revista do Instituto Superior de Teologia de Évora*, n.º 17-18, 1996, p. 187-222.

Contribuição para o estudo dos oragos marianos da diocese de Évora que incide nos santuários fundados desde a Idade Média ao século XVIII. Dados estatísticos sobre a percentagem de igrejas dedicadas a Nossa Senhora em Portugal no ano de 1890 e das paróquias da diocese de que é padroeira. Levantamento dos lugares de culto existentes e desaparecidos da cidade de Évora com o nome de Nossa Senhora. Nota sobre o conteúdo específico do título Santa Maria. Inventário dos primeiros santuários marianos da diocese após a Reconquista cristã e breve notícia sobre cada um dos santuários mais recentes (20) sob a invocação de Nossa Senhora de Aires (Viana do Alentejo), da Alabaça ou Arrabaça (freguesia de Galveias, concelho de Ponte de Sor), nome derivado de uma planta, da Boa Fé (da Benafilé ou das Nascentes), do Bom Sucesso, de Brotas, do Carmo, do Castelo, da Conceição, dos Olivais, de Entre-Águas (perto de Benavila, concelho de Avis), da Enxara, da Esperança, de Guadalupe, da Luz, do Monte Virgem, dos Mártires, do Mileu (para mil um, para mil eu), da Orada, do Rosário, da Visitação e Mãe dos Homens. – (C2-E2).

1227-15-MENDES (Rui Mesquita), “Fenómenos de religiosidade popular na Caparica dos séculos XVIII e XIX”, *Anais de Almada: Revista Cultural*, n.º 15-16, 2012-2013, p. 215-262, il., mapa.

Estudo sobre a piedade popular na área das freguesias de Caparica, Charneca da Caparica e Sobreda, concelho de Almada, manifestada pelas comunidades agrícolas e piscatórias nos séculos XVIII e XIX. Incide nas características dos santuários, altares, imagens e relíquias, lugares de devoção e romaria datados dos séculos XVIII e XIX. Os santuários e imagens milagrosas que atraíam a população da Caparica eram: Nossa Senhora da Rosa do convento dos padres paulistas, Nossa Senhora da Assunção no Vale do Rosal, freguesia da Charneca da Caparica, e Nossa Senhora do Cabo (Espichel, freguesia do Castelo em Sesimbra). Outros altares, imagens e relíquias a quem se rezava ou faziam romagens eram dedicados ao Senhor Jesus da Boa Morte, a Nossa Senhora da Rosa, de Monserrate, da Piedade e aos santos Miguel Arcanjo, Macário Egípcio, Clemente, Francisco de Assis e Rita de Cássia. Na segunda

metade do século XVIII e no século XIX, desenvolvem-se as romagens a São Macário e a São Francisco de Assis na Quinta do Lazarim, freguesia da Caparica. Em 1878, deu-se um fenómeno singular de religiosidade em que três “santas vivas” exibidas em celebrações públicas originaram a revolta popular contra o pároco que impediu a realização de uma missa com a sua presença, até que as autoridades as prenderam tal como ao promotor desta devoção. Calendário anual das festividades da Caparica antiga. – (A5-D3-D4-E3).

1228-11-MOITA (Irisalva), “Culto e iconografia de Nossa Senhora da Penha de França, em Lisboa”, *Boletim Cultural*, Assembleia Distrital de Lisboa, n.º 92, t. 1, 1990-1998, p. 9-17 [7], il.

Esboço sobre a origem e evolução do culto a Nossa Senhora da Penha de França, freguesia do mesmo nome em Lisboa, que remonta ao século XVI, em cumprimento do voto de um dourador de profissão que, por ter sobrevivido ao desastre de Alcácer-Quibir (1578, Marrocos), mandou fazer uma imagem da Virgem com aquela invocação num lugar chamado “Cabeça do Alperche”, que será depois colocada numa ermida com a mesma titulatura. A devoção a Nossa Senhora da Penha de França desenvolveu-se no século XVI, época em que Lisboa foi assolada por sucessivos surtos de peste, tornando-se a protectora privilegiada contra os flagelos da cidade (terramotos, incêndios, raios). Paralelamente desenvolveram-se outros cultos associados à saúde como o de Nossa Senhora da Saúde e de São Sebastião. Relato da lenda do “Lagarto da Penha”, associada à iconografia de Nossa Senhora da Penha de França (o lagarto é atributo desta invocação), sendo a sua origem explicada pelo fato de um pastor adormecido entre as rochas, no lugar onde se encontra a igreja, ter sido salvo por um lagarto da mordedura de uma cobra. Referência a objectos de culto com a sua representação, nomeadamente ex-votos, quadrinhos e painéis de azulejo, imagens e vários registos de azulejo espalhados pela cidade de Lisboa. – (F1-H1-H2-H4).

1229-12-MURTA (José Dinis), “Um passeio à Senhora da Graça (Nisa)”, *Ibn Maruán: Revista Cultural do Concelho de Marvão*, n.º 7, 1997, p. 219-246, il.

Informações sobre uma romagem a Nossa Senhora da Graça, cuja capela se situa na freguesia de Nisa, concelho do mesmo nome. Descrição da romaria que decorre na segunda-feira de Páscoa: o percurso (menção de cinco ermidas, recitação do rosário) e alusão às celebrações religiosas que compreendem missa, sermão e procissão. Os devotos vão aí orar, solicitar graças, agradecer ajudas e pagar promessas. Em casos de aflição colectiva, nomeadamente seca prolongada, a imagem é transportada para a igreja matriz de Nisa. Menção de outros lugares de culto (igrejas, capelas, cruzeiro), alguns dos quais já em ruínas, que são dedicados ao Espírito Santo, a Nossa Senhora dos Prazeres, aos santos Isidro, Lourenço e Tiago, assim como aos Fiéis de Deus. Notas sobre

a desaparecida irmandade do Espírito Santo, sediada na ermida do mesmo nome na freguesia do Espírito Santo, concelho de Nisa. – (C2-E3-F1-G2).

1230-15-NOGUEIRA (Lénia), MARTINS (Patrícia), “História e memória” [Paróquia de São Sebastião], *Paróquia e igreja de São Sebastião de Setúbal: história e arte*, Setúbal, Paróquia de São Sebastião, [D.L. 2004], p. 15-49, il., mapas.

Génese e evolução da paróquia de São Sebastião, freguesia do mesmo nome, em Setúbal, desde a sua fundação em 1553 até às últimas décadas do século XX, quando foi desmembrada para dar origem a novas paróquias. A vida religiosa da freguesia sobretudo no século XX: a acção dos claretianos, a obra das Conferências Vicentinas e a catequese. Notas sobre as festas do Senhor do Bonfim, que remontam ao século XVIII, de Nossa Senhora de Tróia na freguesia do Carvalhal, concelho de Grândola, com procissão marítima e cultuada principalmente pelos homens do mar, de Nossa Senhora do Cais e a do padroeiro São Sebastião. Actualmente o nicho com a imagem de Nossa Senhora do Cais encontra-se na freguesia de São Julião. Colaboração de TEIXEIRA (Álvaro) e PINTO (Vitor), fotografia de CARVALHO (A.) e outros. – (C5-D3-E2-E3).

1231-11-OLIVEIRA (Sandra Cacilhas de), *Sobral de Monte Agraço: um olhar sobre as suas gentes e memórias*, Sobral de Monte Agraço, Câmara Municipal, [D.L. 2005], 116 p., il.

Conjunto de textos e fotografias sobre Sobral de Monte Agraço, sede do concelho do mesmo nome, com uma pequena parte que ilustra os aspectos sagrados e profanos das festas em honra do Senhor dos Passos e de Nossa Senhora da Purificação, na freguesia de Sapataria, do Desterro em Pêro Negro, lugar dividido entre as freguesias de Sapataria, concelho de Sobral de Monte Agraço, e de Enxara do Bispo, concelho de Mafra, e a procissão de Nossa Senhora das Necessidades em Sabugos, freguesia de São Quintino, concelho de Sobral de Monte Agraço. – (D2-D3-E3).

1232-15-PATO (Heitor Baptista), “O culto a N. Senhora do Cabo: seis séculos de devoção e festa”, *O giro de N. Snra. do Cabo e as berlindas processionais do Museu Nacional dos Coches*, coordenação e guião de BESSONE (Silvana), Lisboa, Instituto de Museus e Conservação, 2007, p. 12-39, il.

Estudo de síntese sobre o culto a Nossa Senhora do Cabo (Espichel) na freguesia do Castelo em Sesimbra, sede do concelho do mesmo nome: as lendas da sua origem, a construção da ermida no início do século XV e da igreja actual datada do princípio do século XVIII. A igreja possui dez altares. Dados sobre o círio dos saloios (habitantes do campo dos arredores de Lisboa, a norte do rio Tejo), as suas confrarias, as grandes festas tradicionais e a passagem de testemunho entre os festeiros que era feita por uma bandeira,

acompanhada da imagem peregrina de Nossa Senhora a partir de 1751. Esta ainda hoje figura nos círios saloios, mas estes não vão ao santuário desde o final do século XIX, passando a imagem a circular em cada ano directamente entre as freguesias. – (C2-E3-G1-H1).

1233-PATO (Heitor Baptista), “O culto à Senhora do Cabo na margem sul do Tejo”, *Cabo Espichel: em terras de um mundo perdido*, s. l., Carlos Sargedas, 2014, p. 161-182, il.

Contribuição para o estudo das devoções das populações situadas na margem sul do Tejo, concelhos de Almada, Setúbal, Palmela, Sesimbra, Seixal e Montijo, em particular do culto em honra de Nossa Senhora do Cabo (Espichel), freguesia do Castelo em Sesimbra. Aí decorriam celebrações religiosas, como a procissão, missas e actividades de lazer que variaram ao longo do tempo. A devoção à Senhora do Cabo cristalizou-se em torno de romarias cíclicas anuais – os círios – oriundas das duas margens do Tejo, que terão atingido a meia centena. Na margem sul do Tejo conhecem-se os da Caparica que, com as suas varas, equivale a quatro, do Seixal, de Arrentela, de Almada, de Palmela, de Vila Nogueira de Azeitão (São Lourenço e São Simão), de Sesimbra, de Setúbal, de Coina, de Alhos Vedros e de Azóia (freguesia do Castelo em Sesimbra). Já o círio dos saloios (habitantes do campo dos arredores de Lisboa, a norte do rio Tejo) atingiu as trinta freguesias e passou depois a vinte e seis. Notas históricas sobre o círio da Caparica, concelho de Almada, que terminou em 1948, do qual são de realçar as loas nacionalistas de 1811, no contexto das invasões francesas. O círio dos pescadores de Sesimbra continua a decorrer hoje e permanece vários dias no santuário onde decorrem celebrações religiosas, como por exemplo a procissão, as missas, para além de actividades profanas (bailes, teatro, garraizada, almoço colectivo). Os outros círios que ainda se mantêm são os de Azóia e de Palmela. Este tem uma cerimónia ritual de iniciação dos romeiros neófitos e, tal como outros círios, realiza voltas rituais e o leilão das bandeiras. Análise dos percursos dos círios. Descrição dos caminhos de romagem ao santuário, em especial do círio da Caparica. – (D1-D5-E3-G1).

1234-15-PATO (Heitor Baptista), “O culto de Nossa Senhora do Cabo no santuário de Espichel”, direcção de LOUÇÃO (Paulo Alexandre), *Lugares inesquecíveis de Portugal: viagens com alma*, Lisboa, Eranos, [D.L. 2011], p. 179-193, il.

Síntese de um estudo sobre o culto de Nossa Senhora do Cabo e o seu santuário situado no Cabo Espichel, freguesia do Castelo em Sesimbra, sede do concelho do mesmo nome. Caracterização do espaço do promontório do Cabo Espichel, uma finisterra propiciatória à manifestação do sagrado desde a Pré-história ao domínio muçulmano. A origem do culto a Nossa Senhora do Cabo: mito, lenda, deturpações e história. O desenvolvimento do culto

e a sua relação com a protecção contra as epidemias. Características gerais das romarias ou círios da Estremadura (parte do distrito de Leiria, distrito de Lisboa, parte do distrito de Setúbal) como prática religiosa colectiva, em particular dos círios do sul do Tejo. Dados sobre as confrarias de 1432 e de 1672: o bodo aos pobres, o culto do Espírito Santo e as festas no século XVII, a imagem peregrina, as etapas da romaria e a complexidade do cerimonial. O período áureo ocorreu no século XVIII, do qual é feita uma breve descrição dos momentos principais, com destaque para as grandes festas com a participação real de 1770 e de 1784, que envolveram a realeza. Descrição dos vários espaços do santuário, em particular da sua igreja. – (C2-C4-E3-G1).

1235-15-PATO (Heitor Baptista), “O culto saloio à Senhora do Cabo”, *Nossa Senhora do Cabo: festas de Almargem do Bispo. Giro saloio 575 anos*, Almargem do Bispo, Comissão de Festas de Nossa Senhora do Cabo Espichel, 2005, p. 26-68, il.

Estudo sobre o culto a Nossa Senhora do Cabo na freguesia de Almargem do Bispo, concelho de Sintra, que trata dos seguintes temas: as origens (mito, lenda, confusões e história); o começo do círio no início do século XV ligado à protecção contra as epidemias; os círios estremenhos (organização, calendário, as relações entre o povo e o clero); o giro saloio (a confraria de 1432 e de 1672), o cerimonial da imagem peregrina, o apogeu no século XVIII, o tesouro de Nossa Senhora, as festas no santuário situado do Cabo Espichel, freguesia do Castelo em Sesimbra, o fim das idas ao santuário em 1887 e o interregno de 1910-1926, durante a República. Segundo o autor, os círios têm um futuro incerto. Notas sobre o santuário que compreende a ermida da Memória, a igreja e as hospedarias. Saloio é o nome dado aos habitantes do campo dos arredores de Lisboa, a norte do rio Tejo. – (A5-C2-E3-G1).

1236-15-PATO (Heitor Baptista), *Nossa Senhora do Cabo: um culto nas terras do fim*, Lisboa, Artemágica, 2008, 323-[XXII] p., il., mapa.

Estudo sobre o culto de Nossa Senhora do Cabo e o seu santuário situado no Cabo Espichel, freguesia do Castelo em Sesimbra, sede do concelho do mesmo nome. Caracterização do espaço do promontório do Cabo Espichel, uma finisterra propiciatória à manifestação do sagrado desde a Pré-história ao domínio muçulmano. A origem do culto a Nossa Senhora do Cabo: mito, lenda, deturpações e história. O desenvolvimento do culto e a sua relação com a protecção contra as epidemias. Características gerais das romarias ou círios da Estremadura (parte do distrito de Leiria, distrito de Lisboa, parte do distrito de Setúbal), uma prática religiosa colectiva. Os círios do sul do Tejo: o círio da Caparica e as suas quatro varas, o círio dos pescadores de Sesimbra e o de Palmela. O giro saloio feito pelos habitantes do campo dos arredores de Lisboa, a norte do rio Tejo: as confrarias de 1432 e de 1672, o bodo aos

pobres e o culto do Espírito Santo, as festas no século XVII; a imagem peregrina, as etapas da romaria e a complexidade do cerimonial. O período áureo no século XVIII: os momentos principais, em particular as celebrações de 1770 e de 1784 que contaram com a presença régia; descrição do itinerário do círio de 1784, em que participou a família real (aparato efêmero, festa e respresentação do poder, manifestações profanas). Os círios no século XIX: o princípio da decadência através da descrição do círio da freguesia de São Domingos de Benfica, situada em Lisboa, nos anos de 1816 e 1894; o fim das idas anuais da imagem peregrina ao santuário (1887), deslocando-se apenas no fim do giro, marcando presença todas as freguesias. O impacto das lutas políticas entre liberais e absolutistas e a emergência de um novo tipo de peregrinações segundo o modelo das que são feitas a Nossa Senhora de Lurdes. Dados sobre o culto da Senhora do Cabo no início do século XX, no período republicano, durante o Estado Novo e após o 25 de Abril de 1974. Descrição do santuário: a ermida, a igreja e outros edifícios. Objectos e iconografia da Senhora do Cabo: as berlindas processionais, o tesouro antigo e actual, as representações da Virgem (imagens, registos, ex-votos). Os templos dedicados a Nossa Senhora do Cabo em Portugal, Angola, Brasil e Índia. Notas sobre o futuro dos círios: a clericalização das festas populares (criação em 1980 de uma confraria de Nossa Senhora do Cabo Espichel pelo pároco da Corredoura, sem integrar nenhum dos círios históricos), a necessidade de restauro e de revitalização do santuário. Contém uma cronologia de Nossa Senhora do Cabo desde 1366 a 2007 e anexos com documentos. – (C2-E3-G1-H4).

1237-15-PATO (Heitor Baptista), “Santa Maria da Pedra da Mua: um ‘mito de origem tardo-medieval’”, *II Encontros de Nossa Senhora do Cabo*, Almargem do Bispo, Comissão de Festas de Nossa Senhora do Cabo Espichel, 2006, p. 1-10.

Notas sobre a origem do culto a Nossa Senhora do Cabo no santuário situado no promontório do Cabo Espichel, freguesia de Castelo em Sesimbra, sede do concelho do mesmo nome. Descrição das lendas da descoberta da imagem: uma atribuiu-a a homens da freguesia da Caparica, concelho de Almada, a outra a habitantes da Caparica e de Alcabideche, concelho de Cascais. Paralelamente existe ainda uma outra tradição que conta ter a imagem de Nossa Senhora sido trazida por uma mula que subiu a arriba onde teria deixado as suas pegadas (na verdade pegadas de dinossáurio). Nota sobre outros santuários onde o culto cristão aparece associado a cavidades e petróglifos. A origem do culto data do final do século XIV e as primeiras notícias dele do início do século seguinte. O autor contesta que o nome Pedra da Mua seja anterior a Nossa Senhora do Cabo, mas que o povo associou o aparecimento da imagem aos rastros existentes na arriba, identificados como sendo de muar porque é nele que a Virgem sempre se desloca. Só então terá surgido o microtopónimo Pedra da Mua. – (F1-F2).

1238-12-PATRÃO (José Heitor), “Achegas sobre a devoção a Nossa Senhora da Conceição em Portalegre”, *Callipole: Revista de Cultura*, n.º 7-8, 1999-2000, p. 117-123.

Notas sobre a devoção a Nossa Senhora da Conceição em Portalegre do século XVI ao princípio do século XX. O culto teve a sua expressão em altares na igreja de Nossa Senhora do Castelo e na Sé, em imagens e oratórios, nas confrarias das Chagas de Nosso Senhor Jesus Cristo e de Nossa Senhora da Conceição da Sé, na de Nossa Senhora da Conceição (provavelmente anterior ao século XVI), na igreja de Nossa Senhora do Castelo, de Nossa Senhora da Conceição, na igreja de São Martinho de Tours, passando depois para a Sé e, finalmente, para a igreja do extinto convento de São Bernardo de Claraval. O culto manifesta-se também através de doações testamentárias e em missas. Breve análise das disposições do compromisso da confraria de 1912-1914 relativas ao culto. – (C2-E4-G1-H1).

1239-15-PEREIRA (Maria Teresa Lopes), “O culto de Nossa Senhora dos Mártires em Alcácer do Sal, a Senhora da Cinta e as Cantigas de Santa Maria”, *Medievalista*, n.º 6, 2009, <https://medievalista.iem.fcsh.unl.pt/index.php/medievalista/article/view/362/353> (consultada em 21-08-2017).

O culto de Nossa Senhora dos Mártires em Alcácer do Sal, sede do concelho do mesmo nome, conhecida também por Nossa Senhora da Cinta por causa do cinto que prende o seu vestido. Segundo a autora, existe nas Cantigas de Santa Maria de Afonso X de Castela referência a um milagre ocorrido no santuário de Nossa Senhora dos Mártires, situado extramuros, quando uma mulher que aí foi rezar se atrasou e ao voltar encontrou as portas fechadas, tendo sido salva por intercessão de Nossa Senhora. O santuário é hoje conhecido pela invocação de Senhor dos Mártires. Descrição da imagem da Virgem venerada como Nossa Senhora dos Mártires. O santuário foi um importante centro de peregrinação. Menção da confraria que organizava o culto e a festa que se realizava em 15 de Agosto ou 8 de Setembro. – (D3-F3-G1-H1).

1240-11-PEREIRA (Maria Teresa Lopes), “Festas de Nossa Senhora da Luz de Carnide: da ermida ao santuário (séculos XV-XVI)”, *Turres Veteras VIII – História das festas*, Torres Vedras – Lisboa, Câmara Municipal – Edições Colibri – Instituto de Estudos Regionais e do Municipalismo “Alexandre Herculano”, 2006, p. 113-134, il.

Estudo sobre a festa de Nossa Senhora da Luz, freguesia de Carnide em Lisboa, nos séculos XV-XVI. Descrição da lenda que relata o aparecimento de Nossa Senhora a um prisioneiro português cativo dos mouros em África ordenando-lhe a construção de uma ermida em Carnide, sua terra natal, no local onde os seus conterrâneos já costumavam ver sinais luminosos. Uma vez liberto, o cativo cumpre parte da promessa: foi procurar a imagem junto a uma fonte e ergueu

desde logo um altar para que fosse venerada a imagem, iniciando-se a devoção e romagem a Nossa Senhora da Luz. A festa da inauguração da ermida ocorreu em 1464, com a presença do rei e do bispo da diocese de Lisboa. A criação da confraria favoreceu o crescimento do culto no qual participavam vários círios, entre eles um que anteriormente ia à ermida do Espírito Santo também em Carnide. Nota sobre a devoção de alguns membros da coroa a Nossa Senhora da Luz, nomeadamente da infanta Dona Maria curada com água da fonte, o que a levou a construir um novo santuário iniciado em 1575, onde esta viria a ser sepultada. Descrição da festa de inauguração do santuário da Luz em 1596, em particular da procissão e dos aspectos profanos. O impacto local do crescimento dos romeiros que demandavam o santuário por devoção, para agradecerem os dons recebidos ou para pedirem protecção, nomeadamente marinheiros que percorriam as rotas oceânicas e os saloios (os habitantes do campo dos arredores de Lisboa, a norte do rio Tejo). Os milagres obtidos são ilustrados pelos numerosos ex-votos existentes no santuário. Descrição das imagens de Nossa Senhora da Luz no século XVII e das que se encontram actualmente no santuário. – (E3-F3-H1-H4).

1241-15-QUINTAS (Maria da Conceição), “O culto mariano na Península de Setúbal: círios a Nossa Senhora da Arrábida”, *Cultura: Revista de História e Teoria das Ideias*, vol. VIII, 1996, p. 249-256.

Notas sobre os círios ao santuário de Nossa Senhora da Arrábida (serra do concelho de Setúbal). O culto teve origem medieval com o achamento de uma imagem e foi incrementado por acção dos franciscanos que se instalaram na serra, tendo atingido o seu apogeu nos séculos XVIII e XIX. No culto destacavam-se os círios provenientes de Setúbal, de Vila Nogueira de Azeitão (freguesias de São Lourenço e de São Simão) e de Lisboa. Hoje resta apenas o Círio Novo de Setúbal criado em 1892. Em Setúbal, o culto mariano manifestava-se também nas festas em honra Nossa Senhora da Anunciada e de Tróia na freguesia do Carvalhal, concelho de Grândola. – (C2-E3-G1).

1242-11-RAIMUNDO (Orlando), *Vila Franca de Xira – Saber mais sobre... Feiras, festas e romarias*, Vila Franca de Xira, Edição da Câmara Municipal, 2011, 65 p., il.; *Vila Franca de Xira – Saber mais sobre... Feiras, festas e romarias*, Vila Franca de Xira, Edição da Câmara Municipal, 2009, 65 p., il. <https://www.cm-vfxira.pt/cmvmfxira/uploads/document/file/766/1.pdf> (consultada em 13-09-2020)

Notícia das romarias e festas do concelho de Vila Franca de Xira dedicadas a padroeiros e a protectores. São tratadas as romarias do Senhor da Boa Morte e de Nossa Senhora de Alcamé em Vila Franca de Xira, e de São Romão. São Romão foi um eremita francês do século V, mas localmente persiste a lenda de que o santo foi um guerreiro que deixou cair a espada no local,

permanecendo junto dela para sempre. Outras festas sobre as quais são dadas notícias realizam-se em honra do Divino Espírito Santo, do Sagrado Coração de Jesus, de Nossa Senhora das Neves, da Piedade, da Saúde, da Assunção, da Purificação, dos santos Pedro, João Baptista, José, Clemente, Romão, Marcos, Sebastião e Eulália. Algumas celebrações e práticas das romarias e das festas são as procissões, nomeadamente, fluviais, diurnas e de velas, a bênção dos campos e dos barcos. – (D3-D4-E2-E3).

1243-11-SALDANHA (Sandra Costa), “Santa Maria, Mãe dos Homens, difusão do culto pela imagem: arte e iconografia”, *Invenire: Revista de Bens Culturais da Igreja*, n.º 3, 2011, p. 11-15, il.

Nota sobre a origem da devoção a Nossa Senhora Mãe dos Homens surgida no convento de Santa Maria de Jesus de Xabregas em Lisboa, cuja propagação se deve ao franciscano Fr. João de Nossa Senhora. Este tinha o hábito de pregar nas ruas de Lisboa com uma imagem da Virgem a que chamava “a Pequeninina”, dizendo que se Maria era mãe de Deus também era mãe de todos os homens. O mesmo franciscano encomendou uma imagem e empenhou-se na construção de uma capela na igreja do convento que foi concluída em 1747. O frade, dado a excessos místicos, foi proibido de levar a imagem de Nossa Senhora (a Pequeninina) quando pregava, consentindo-se-lhe apenas que a trouxesse pintada no relicário que segurava na mão. Frei João de Nossa Senhora idealizou a representação de Nossa Senhora com a mão direita erguida, como se estivesse a abençoar, e o Menino sobre o braço esquerdo apontando para a mãe. A difusão inicial do culto fez-se através da distribuição de estampas distribuídas durante a pregação e de estátuas por vários conventos. Menção de algumas imagens que existiram em Lisboa e Santarém. – (A5-B5-H1-H5).

1244-07-SALGADO (Abílio José), “O culto de Nossa Senhora de Brotas”, *Santuário de Nossa Senhora de Brotas: religiosidade popular no Alentejo*, Lisboa, Colibri – Centro de Estudos Documentais do Alentejo, 2003, p. 17-33.

Notas sobre o culto de Nossa Senhora de Brotas e o seu santuário situado na freguesia de Brotas, concelho de Mora, e sobre a sua expansão em Portugal e no mundo. Relato da lenda sobre a origem miraculosa da imagem: uma vaca morreu ao cair numa barroqueira e quando o pastor estava a esfolá-la, tendo já cortado uma mão, apareceu Nossa Senhora e lhe disse que fizesse uma ermida naquele sítio, tendo surgido miraculosamente uma imagem feita do osso da mão cortada, enquanto a vaca ficou viva e sem lesões no membro. A relação entre o culto iniciado na primeira metade do século XV e as origens da freguesia de Brotas. O culto irradiou para Évora, Chaves, Barcelos, Madeira, Índia e Brasil. – (F1-F4).

1245-07-SALGADO (Anastásia Mestrinho), SALGADO (Abílio José), “O culto de Nossa Senhora de Brotas e a Universidade de Évora”, *Universidade(s) história, memória e perspectivas, actas 4*, Coimbra, Comissão Organizadora do C.H.U., 1991, p. 245-254, il.

Estudo com base nas dedicatórias inscritas nos quatro véus de cálice existentes na igreja santuário da freguesia de Brotas, concelho de Mora, que documentam, simultaneamente, o culto a Nossa Senhora de Brotas, protectora dos estudantes, e o ensino jesuítico até à extinção da Universidade de Évora (1759). Alusão à origem do culto (século XV) com base na lenda da ressurreição de uma vaca morta. – (D2-F1).

1246-07-SALGADO (Anastásia Mestrinho), SANTOS (Margarida Almeida), SALGADO (Abílio José), *O culto de Nossa Senhora de Brotas e a respectiva igreja: sua relação com o povoado*, Mora, Edição da Câmara Municipal, 1987, 71 p., il.

A génese e o desenvolvimento do culto de Nossa Senhora de Brotas no santuário situado na freguesia de Brotas, concelho de Mora, cuja romaria decorre a 8 de Setembro. O culto surgiu provavelmente no século XV, na sequência da aparição de Nossa Senhora a um pastor que acabara de perder uma vaca caída num buraco, dizendo-lhe que lhe fizessem uma capela naquele lugar; em seguida a vaca curou-se e apareceu uma imagem em osso da Virgem. A partir do século XVI, deu-se a irradiação do culto de Nossa Senhora de Brotas em Évora, Chaves, Barcelos, Ilha da Madeira e Brasil, como padroeira dos animais doentes. Nossa Senhora de Brotas é igualmente representada como Nossa Senhora da Conceição sem o menino, colocada entre os ramos de um pinheiro e tendo a seus pés uma vaca morta. – (F1-F4-H1).

1247-07-SANTOS (António Salvador dos), *Principais santuários marianos da arquidiocese de Évora*, Évora, Gráfica Eborense, 1992, 146 p., il.

Estudo sobre o culto de Nossa Senhora na arquidiocese de Évora. Breve historial do culto e dos santuários de Nossa Senhora da Conceição, da Boa Nova, do Rosário, de Brotas, das Candeias, da Orada, da Visitação, da Boa Fé, da Esperança, do Monte Virgem, dos Mártires, entre outros: origem do culto, descrição dos lugares de culto, celebrações e práticas. Referência a ex-votos que existiram ou existem nesses santuários. Notas sobre os santuários desaparecidos dedicados a Nossa Senhora de Guadalupe em Samora Correia e das Preces em Benavente (ambos no distrito de Santarém). Breve caracterização das representações iconográficas de Nossa Senhora. Lista das imagens mais conhecidas de Nossa Senhora na arquidiocese no século XVIII. – (C2-D5-H1-H4).

1248-15-SANTOS (Carlos Fernando Russo), *Nossa Senhora da Anunciada: devoção e história de Setúbal*, Prior Velho, Edições Paulinas, 2008, 141 p., il., gráfico.

Estudo sobre o culto a Nossa Senhora da Anunciada em Setúbal desde a Idade Média aos nossos dias. O culto teve origem no aparecimento de uma pequena imagem de Nossa Senhora e foi concretizado na construção da ermida, assim como na formação da confraria de Nossa Senhora da Anunciada. Em 1553, foi criada a paróquia de Nossa Senhora da Anunciada e a sua igreja foi elevada à categoria de paroquial. O terramoto de 1755 arruinou a igreja, tendo passado a sede da paróquia para a igreja de Nossa Senhora da Saúde. Dados sobre os conflitos entre o pároco e a confraria. Os jesuítas que regressaram a Setúbal em 1880 compraram as ruínas da igreja de Nossa Senhora da Anunciada e iniciaram a sua reedificação, agora dedicada ao Sagrado Coração de Jesus. Tornou-se num centro de espiritualidade, principalmente no período da Quaresma, até à nova expulsão dos jesuítas em 1910. A confraria tinha hospital em actividade até 1869, data em que foi incorporada na Misericórdia. Com a concordata de 1940, o edifício foi novamente entregue à Igreja que o transformou em residência paroquial e a utilizou sucessivamente para o serviço das obras sociais, secretaria e residência episcopal. Em apêndice são apresentados os resultados da intervenção arqueológica feita no antigo hospital da confraria e da análise da antropologia funerária das ossadas exumadas no interior da igreja. – (A5-C1-F2-G1).

1249-11-SANTOS (Célia), SANTOS (Aurélio), *Devoção à Virgem de Nazaré: o passado e o presente da paróquia de São Pedro da Cadeira*, São Pedro da Cadeira, Fábrica da Igreja Paroquial de São Pedro da Cadeira – Comissão de Festas de Nossa Senhora de Nazaré, 2014, 165 p., il., mapa.

Compilação na forma de registo fotográfico e informações sobre alguns momentos das festividades a Nossa Senhora de Nazaré na freguesia de São Pedro da Cadeira, concelho de Torres Vedras. Notas sobre a igreja matriz dedicada a São Pedro (século XIV ou XV), que contém pinturas que representam cenas da vida de Jesus. As capelas da freguesia são dedicadas a Nossa Senhora da Cátedra, da Esperança, da Conceição, da Saúde e aos santos António, João Baptista e Nuno de Santa Maria. A actual freguesia da Silveira, que esteve integrada na de São Pedro da Cadeira, possui uma igreja paroquial dedicada a Nossa Senhora do Amparo desde 1955. Em Santa Cruz, freguesia da Silveira, situa-se a capela de Santa Helena (século XVIII). A devoção a Nossa Senhora de Nazaré: a lenda de Nossa Senhora que apareceu na Nazaré (distrito de Leiria), os círios que se deslocavam ao santuário até ao princípio do século XX, em particular o Círio da Prata Grande que era composto por um giro de dezassete freguesias, uma das quais ia em cada ano ao santuário. Hoje, a imagem passa um ano em cada freguesia do antigo giro, não se deslocando ao santuário. Inventário e notas sobre as igrejas matrizes das freguesias que compunham o Círio da Prata Grande. Descrição da imagem de Nossa Senhora da Nazaré, que se encontra no santuário situado no promontório da Nazaré

(distrito de Leiria). Notas sobre os festividades realizadas desde 1930 aos anos oitenta do século XX. – (C1-C2-E3-G1).

1250-15-SAYAGO (Marla), “As gentes da Fonte da Telha”, *Anais de Almada: Revista Cultural*, n.º 7-8, 2004-2005, p. 97-111, il.

Notas sobre a população da Fonte da Telha, freguesia do concelho de Almada, que dão informações sobre as práticas festivas dos seus habitantes, muitos deles pescadores. Notícia sobre a festa de Nossa Senhora dos Navegantes: compreende a vigília e a procissão das velas, o enfeite dos barcos e o transporte do andor de Nossa Senhora até à praia para a cerimónia da benção dos barcos, a missa e a procissão diurna. Outra festa era dedicada a São João Baptista. – (D4-D5-E3-E6).

1251-11-SILVA (Branca Ribeiro), “A festa em Oeiras na viragem do século (XIX-XX)”, *III-IV Encontros de história local do concelho de Oeiras: actas*, Oeiras, Câmara Municipal, 2000, p. 149-163.

Considerações histórico-culturais sobre as principais festividades do concelho de Oeiras na viragem do século XIX para o século XX, nomeadamente as festas da Semana Santa e do Senhor dos Passos, de Nossa Senhora da Conceição (Dezembro), de São Sebastião (no final do Verão) e os círios de Nossa Senhora da Atalaia, de Nossa Senhora do Cabo (Espichel, freguesia de Castelo em Sesimbra) e de Nossa Senhora das Mercês. Em geral, estas festividades tinham missa, sermão, procissão, baile e quermesse. Menção das festas do Senhor Jesus dos Navegantes, que ocorria anualmente na freguesia de Paço de Arcos, concelho de Oeiras, e dos santos António, João Baptista e Pedro. – (D3-D4-E1-E3).

1252-SILVA (Rita Andreia Carapinha da), *Igreja de Nossa Senhora Mãe dos Homens (Avis): da história e memória do lugar à sua salvaguarda e valorização*, dissertação de mestrado em Gestão e Valorização do Património Histórico Cultural apresentada à Universidade de Évora em 2016, 2 vol. 104-CDLXV p., il., mapas, plantas, quadros. <http://hdl.handle.net/10174/19913> (consultada em 12-11-2020).

Contribuição para o estudo da igreja de Nossa Senhora Mãe dos Homens situada na freguesia de Alcórrego, concelho de Avis, principal centro de romaria e peregrinação do concelho ainda hoje activo. O concelho de Avis possui vinte e oito edifícios religiosos, entre eles dezoito igrejas matrizes e igrejas não matrizes, assim como doze capelas e ermidas. Alguns edifícios estão em ruínas ou abandonados. O culto a Nossa Senhora Mãe dos Homens iniciou-se na ermida de São Miguel cerca de 1750, que foi aumentada e depois reconstruída após o terramoto de 1755. A dimensão popular do culto: a origem lendária, os ex-votos constituídos por pinturas, objectos de cera

e fitas sacramentais, as festividades e práticas romeiras que se realizam no último domingo de Agosto desde as origens aos nossos dias. Aquelas eram constituídas por vésperas solenes, pregação e procissões em volta da igreja, acompanhada de todos os irmãos da confraria com as suas opas brancas. A romaria começou no século XVIII, época em que se terá formado a confraria de Nossa Senhora Mãe dos Homens, cujos estatutos foram confirmados em 1778. A confraria assumia o culto festivo da padroeira e a animação do local, dando às celebrações um novo panorama, com muitas actividades aquando das festividades, que atraíam mais peregrinos, que procuravam o santuário devido à fama de milagreira da imagem de Nossa Senhora. Dados sobre a confraria de Nossa Senhora Mãe dos Homens, nomeadamente sobre os seus quatro estatutos e os seus bens. A confraria estava sediada na igreja matriz de Avis e foi extinta nos anos setenta do século XX. A crescente dimensão romeira do santuário fez-se sentir em jornais locais e distritais, que chegaram a atribuir honras de primeira página às festas. Nos anos noventa a organização das festividades ficou a cargo de um grupo de famílias que se desfez no início do século XX. Hoje, a festa em honra de Nossa Senhora Mãe dos Homens é constituída pela romaria, pelas celebrações religiosas e por um singelo almoço, onde se encontram algumas famílias cuja persistência, fé, devoção e, sobretudo, tradição fazem permanecer o culto. A diminuição da afluência dos romeiros é, em parte, devida ao isolamento do local e à dificuldade de acesso por causa da construção de uma barragem. A autora apresenta um proposta integrada de salvaguarda e valorização do património religioso do santuário e do património religioso do concelho de Avis. – (C2-D5-G1-H4).

1253-SOARES (Nuno Paulo Guerreiro), *Festa de Nossa Senhora do Rosário de Tróia: percepções sobre importância da salvaguarda de uma tradição da comunidade marítima de Setúbal*, dissertação de mestrado na área de Educação Social e Intervenção Comunitária apresentada à Escola Superior de Educação de Santarém em 2020, 523 p., il., quadros. <http://hdl.handle.net/10400.15/3609> (consultada em 1-05-2019).

Contribuição para o estudo das festas de Nossa Senhora do Rosário de Tróia na freguesia do Carvalhal, concelho de Grândola, padroeira dos pescadores de Setúbal e, em particular, das estratégias de salvaguarda e valorização deste património cultural imaterial da comunidade piscatória de Setúbal. O estudo apresenta a fundamentação teórica, a metodologia, as técnicas e os procedimentos da pesquisa, assim como a revisão da literatura mais relevante sobre a festa. O trabalho baseia-se sobretudo em testemunhos orais e na fotografia para proceder à caracterização geral da festa nas dimensões histórica, religiosa, identitária e performativa. A festa compreende as celebrações realizadas em Setúbal e sobretudo os rituais que decorrem no percurso até à capela de Nossa Senhora em Tróia: o círio, a procissão das velas, a

procissão fluvial, a missa campal e as práticas dos crentes, nomeadamente as promessas. Cento e quarenta e uma fotografias permitem visualizar diversos aspectos sagrados e profanos da festa. O anexo contém poemas e orações dedicadas a Nossa Senhora de Tróia, numerosas fotografias, a ligação da internet para um documentário sobre a festa de Nossa Senhora do Rosário feito pelo autor (<https://youtu.be/w2TiFq4is1Y>), entre outros anexos e apêndices. – (B3-D5-E3-G1).

1254-11-SOUSA (Élvio Melim), “As romarias ao santuário de Nossa Senhora da Peninha (freguesia de Colares, concelho de Sintra)”, *Boletim Cultural*, Assembleia Distrital de Lisboa, n.º 92, t. 1, 1990-1998, p. 19-26, il.

O culto e romaria a Nossa Senhora da Conceição ou Nossa Senhora da Peninha na freguesia de Colares, concelho de Sintra, cuja lenda atribui a sua origem (século XVI) a um milagre de Nossa Senhora que pôs uma pastorinha muda a falar. A imagem de Nossa Senhora foi encontrada no local do milagre e inicialmente colocada na capela de São Saturnino (mártir, século IV) donde desapareceu por três vezes, regressando ao local de origem (a Peninha), o que levou a população a construir aí uma ermida. Descrição da romaria de 1986 feita pela freguesia da Malveira, concelho de Mafra: a romaria, o pagamento das promessas, nomeadamente objectos de ourivesaria, o “cargó” (armação de madeira revestida com papel multicolor e ornamentada com flores coloridas e papel, tendo no cimo pão ou biscoitos), a missa, a procissão e o arraial. Alusão a outros cultos deste santuário dedicados aos santos Miguel Arcanjo, Saturnino e Rita de Cássia. – (D5-E3-F2-F3).

1255-07-VAZ (Francisco Lourenço), “A festa e feira de Nossa Senhora de Aires em Viana do Alentejo”, *Cultura: Revista de História e Teoria das Ideias*, vol. IX, 1997, p. 378-387.

Breve estudo sobre a festa de Nossa Senhora de Aires em Viana do Alentejo, sede do concelho do mesmo nome. Notícia histórica desde o século XVIII que trata da origem lendária do culto: uma lenda diz que uns bois que abandonaram o curral para pastar de noite regressaram depois ao estábulo sem estragarem as searas; outra afirma que Nossa Senhora apareceu a um lavrador dizendo que queria que lhe construíssem no local uma capela, dando sinais que esta deveria ser erigida no espaço do curral. As peregrinações são provenientes de várias partes do Alentejo (distritos de Portalegre, Évora, Beja e parte do distrito de Setúbal) e decorrem entre Setembro e Outubro, principalmente no quarto sábado e domingo de Setembro, dias em que se realiza uma feira. O edifício do santuário foi construído na segunda metade do século XVIII. Descrição da festa e da feira do gado baseada na informação recolhida no *Jornal de Viana do Alentejo* nos anos sessenta do século XX: a procissão, a reza do terço, a missa de encerramento, os ex-votos e a função da fonte.

Menção de alguns testemunhos que apontam a decadência do culto em relação ao que vivenciaram na infância. – (D5-F1-F4-H4).

1256-12-“Dossiê: turismo na região de S. Mamede”, *A Cidade: Revista Cultural de Portalegre*, n.º 4, 1982, XXIX p., il., mapas, quadros.

Dossiê sobre o turismo no distrito de Portalegre que menciona alguns lugares de culto e inventaria as festas e romarias. Estas são dedicadas a Jesus, ao Senhor dos Aflitos, do Bonfim, dos Passos, a Nossa Senhora da Alegria, do Amparo, das Areias, da Conceição, do Carmo, das Dores, da Enxara (charneca, matagal), da Esperança, da Estrela, da Graça, da Lapa, da Luz, das Mercês, do Parto, dos Prazeres, da Redonda, dos Remédios e da Sanguinheira. Quanto aos santos António, Bento, Cristóvão, Gregório Magno, Isidoro de Sevilha, João Baptista, Mamede, Marcos, Miguel Arcanjo, Pedro, Sebastião, Beatriz da Silva e Margarida de Antioquia ou da Galiza eram igualmente honrados com festas e romarias. – (D3-D4).

1257-11-“Epifanias da Virgem no concelho de Mafra”, *O eterno feminino no aro de Mafra*, coordenação de GANDRA (Manuel), Mafra, Câmara Municipal, 1994, p. 50-127, il., mapas.

Contributo para o estudo das epifanias da Virgem nas freguesias do concelho de Mafra desde a Época Medieval até a actualidade. A devoção à Virgem Maria em igrejas paroquiais e não paroquiais, capelas, santuários e alminhas através das lendas da sua origem. Menção de festas, círios, procissões, cânticos e orações, assim como de objectos de culto, como imagens, pinturas, painéis de azulejos e ex-votos, que expressam a devoção a Nossa Senhora. As invocações de Nossa Senhora são cerca de quarenta: dos Aflitos, das Almas, da Assunção, da Boa Morte, da Boa Viagem, do Bom Sucesso, do Bonfim, da Cabeça, do Cabo (Espichel, freguesia do Castelo em Sesimbra), da Cadeira, dos Caminhantes, das Candeias, da Conceição, do Desterro, dos Dores, da Encarnação, da Expectação ou Ó, de Fátima, da Graça, do Coração de Maria, do Livramento, de Lurdes, da Luz, da Misericórdia, do Monte Carmo, da Nazaré, das Necessidades, do Socorro, das Neves, da Oliveira, da Paz, da Piedade, da Purificação, dos Remédios, do Rocamador (ou Reclamador), do Rosário, da Salvação, da Saúde, da Soledade, das Virtudes e da Vitória. Transcrição de algumas orações e de legendas de ex-votos, referindo o milagre de cura de doenças ou salvamento de tempestades. Inventário das loas cantadas nas festas em louvor a Nossa Senhora da Nazaré pelos crentes de várias freguesias do concelho de Mafra, que são datadas dos séculos XIX-XX. – (B4-E3-H1-H4).

1258-15-*Entre urzes e camarinhas: as festas da Arrábida e de Tróia*, 2.ª edição, coordenação de PINHO (Jaime), Setúbal, Estuário Publicações, 1993, 152 [13] p., il., mapa.

Nova edição (primeira em 1992) do estudo sobre duas festas da zona de Setúbal em honra de Nossa Senhora da Arrábida (serra do concelho de Setúbal), protagonizada em especial pelos pescadores do bairro do Tróino, situado na freguesia de Nossa Senhora da Anunciada em Setúbal, e a Nossa Senhora de Tróia, freguesia do Carvalhal, concelho de Grândola, também dinamizada por pescadores, sobretudo durante o século XX. Contém notas históricas e descrição dos seus aspectos religiosos e profanos. Notícia sobre a lenda da imagem de Nossa Senhora da Arrábida datada do século XIII. Durante séculos realizaram-se romagens ao convento da Arrábida, ainda que com interrupções. Dados sobre os círios: o Círio Antigo ou dos Ricos de Setúbal, iniciado em 1839 (após a supressão das ordens religiosas em 1834) e que se realizou pela última vez em 1919; o Círio Novo de Setúbal, iniciado em 1892; o círio de Vila Nogueira de Azeitão (freguesias de São Lourenço e São Simão), que começou a meados do século XIX, com grande participação dos pescadores (muitos originários do Algarve, distrito de Faro), que realizava uma procissão marítima até ao convento da Arrábida. Análise dos aspectos religiosos e profanos da romaria, hoje em declínio, não se efectuando o círio desde 1974, em parte devido à recusa do padre da freguesia de Nossa Senhora da Anunciada, que alegava falta de respeito e abusos. Em sua substituição, a imagem é transportada numa carrinha até ao santuário. As primeiras notícias relativas à ermida de Nossa Senhora de Tróia, situada na margem sul do rio Sado, em frente a Setúbal, remontam ao século XV. Porém, a romaria só ganhou expressão a partir dos finais do século XIX, devido à fixação em Setúbal de uma comunidade de varinos (naturais de Ovar, distrito de Aveiro). A romaria compreende a procissão por mar, a missa e a procissão na praia, a bênção dos barcos e a refeição comunitária. Outras festas e romarias do distrito de Setúbal são dedicadas ao Senhor do Bonfim na cidade de Setúbal, ao Senhor Jesus das Chagas em Sesimbra, sede do concelho do mesmo nome, a Nossa Senhora da Atalaia no concelho do Montijo, da Boa Viagem na Moita, sede do concelho do mesmo nome, a Nossa Senhora do Cais na cidade de Setúbal, a Nossa Senhora del Carmen na Serra da Arrábida (concelho de Setúbal), mais concretamente na freguesia de São Lourenço, concelho de Setúbal, e aos santos Pedro e Luís, rei de França. Os textos são de PINHO (Jaime), MARQUES (Ligia Penim) e ALHO (Albérico Afonso Costa), aliás COSTA (Albérico Afonso), as fotografias de SILVA (Carlos da) e de GONÇALVES (Fernanda). – (D3-D5-E3-G1).

1259-07-“Nossa Senhora da Conceição de Vila Viçosa: o desenrolar da mensagem ao longo da história”, *Callipole: Revista de Cultura*, n.º 17, 2009, p. 255-263, il. Notas sobre o culto a Nossa Senhora da Conceição em Portugal e sobretudo no santuário de Vila Viçosa, sede do concelho do mesmo nome. A igreja actual data do século XVI e substituiu a igreja de Nossa Senhora do

Castelo, que foi reedificada e modificada no final do século XV pelo senhor da vila Nuno Álvares Pereira. A imagem gótica, que ainda hoje se venera, terá sido igualmente oferecida por este, que foi beato e é santo desde 2009, com o nome de Nuno de Santa Maria. O culto em Vila Viçosa estava ligado à família da Casa Ducal de Bragança, mas era também uma devoção popular devido às graças e milagres atribuídos à sua intercessão. O desenvolvimento do culto em Portugal levou o rei Dom João IV (duque de Bragança) a obter das Cortes a proclamação de Nossa Senhora do Rosário como padroeira e rainha de Portugal em 1654. Na igreja, que é matriz, existiram duas confrarias sob a mesma invocação: uma de homens brancos e outra de homens negros. Transcrição da letra do hino de Nossa Senhora da Conceição de Vila Viçosa. – (B4-C1-G1-H1).

1260-12-“Romarias populares no concelho de Nisa”, *Nisa Viva*, n.º 13, Jan-Abr, 2007, p. 3-5, il.

Notícia sobre as romarias do concelho de Nisa em honra de Nossa Senhora da Graça, feita pela população de Nisa, e de Nossa Senhora da Redonda, pelos habitantes da freguesia de Alpalhão. Menção das romarias de Santo Amaro e de Santo António. Transcrição de quadras em honra de Nossa Senhora da Graça e de Nossa Senhora da Redonda. – (B3-D4).

1261-11-*Roteiro*, Lisboa, Gráfica Monumental, s.d., 56 p., il.

Roteiro da peregrinação realizada ao santuário de Fátima (distrito de Leiria) pelos paroquianos da freguesia da Penha de França, situada na cidade de Lisboa, que compreende rezas, a pregação do cariz essencialmente religioso da viagem, recomendações sobre as regras dos peregrinos no santuário, o programa da peregrinação. Este consistia nos seguintes momentos: saudação a Nossa Senhora na capelinha, procissão de velas e terço meditado, missa na basílica, cumprimento das promessas e da Via-Sacra, terço junto à capelinha, coro falado (rezas e cânticos) no espaço da colunata do santuário, procissão do adeus. Transcrição de diversos cânticos. – (B3-B4-D5-E1).

1262-15-*Roteiro sociocultural do concelho da Moita*, Baixa da Banheira, Escola Secundária, 1988, 19 p.

Roteiro da Moita e do seu concelho que contém dados históricos sobre o património religioso e as festas. Alusão às igrejas paroquiais, à igreja de São João Evangelista e à capela de São Sebastião, datadas sobretudo dos séculos XVII e XVIII. As festas da Moita em honra de Nossa Senhora da Boa Viagem compreendem a procissão e a bênção dos barcos. – (C1-C2-D5-E6).

1263-11-*Santa missão: visita de Nossa Senhora de Fátima à paróquia de Santo António de Moscavide*, s. e., [D.L. 1960], 15 p.

Brochura do pároco da freguesia de Moscovide, concelho de Loures, a propósito da vinda da imagem peregrina de Fátima à localidade, onde apresenta o programa e os objectivos da iniciativa, exortando a uma vivência verdadeiramente cristã e à participação dos paroquianos na confissão, nas missas, pregações e procissões que se iriam realizar. – (A5-E3).

1264-15-*O santuário da Senhora do Cabo no Espichel*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1964, 47 p., il., mapa, plantas.

Notas históricas e descrição do santuário de Nossa Senhora do Cabo (Espichel), freguesia do Castelo em Sesimbra, sede do concelho do mesmo nome, de que é conhecido o culto desde o século XV. A sua origem está ligada ao aparecimento de uma imagem milagrosa da Virgem a dois velhos, o que originou a construção da primitiva ermida da Memória. A actual igreja e as instalações dos romeiros foram construídas no século XVIII. As festividades atingiram o ponto culminante neste século graças à contribuição da corte, mas foram os saloios (habitantes do campo dos arredores de Lisboa, a norte do rio Tejo) que organizaram o denominado círio saloio e quem mais contribuiu para a edificação do santuário. Descrição da ermida da Memória com os azulejos pintados que contam a história da capela, do círio que levava a imagem desde Lisboa, das danças e das touradas. Hoje são os pescadores de Sesimbra que acorrem em maior número ao santuário. – (C2-E3-F2-H2).

1265-11-*Santuário de Nossa Senhora da Piedade da Merceana*, Cartaxo, Tipografia Pimenta, [D.L. 1981], 8 p., il.

Notas históricas sobre o santuário de Nossa Senhora da Piedade na freguesia de Aldeia Galega da Merceana, concelho de Alenquer. Segundo a lenda, o santuário e o nome Merceana tiveram origem quando um pastor da freguesia encontrou o seu boi, chamado “Marciano”, ajoelhado perto de um carvalho em cuja ramagem se encontrava uma pequena imagem de Nossa Senhora da Piedade. No local foi então construída a ermida para abrigar a imagem e, no século XVI, foi mandada erguer uma igreja, sobre a qual são dadas breves informações. Notas sobre a confraria da Real Casa de Nossa Senhora da Piedade (anterior ao século XVI), que organizava a festa a 25 de Março e no domingo da Santíssima Trindade com a presença de quatro círios. O apogeu da confraria deu-se na segunda metade do século XVIII, havendo hoje apenas um círio. Alusão à fundação em 1431 da irmandade de Nossa Senhora das Mercês na igreja paroquial de São Nicolau em Lisboa, depois dos romeiros terem sido impedidos de entrar em Alenquer por causa da peste de 1431. Esteve em actividade até ao século XIX. – (C2-E3-F2-G1).

1266-07-“Santuários marianos e outros”, *Igreja Eborense: Boletim de Cultura e Vida da Arquidiocese de Évora*, n.º 1-4, 1983, p. 437-445.

Inventário dos santuários marianos da diocese de Évora fundados entre o século XIII e o século XVIII. Notícia histórica sobre os santuários de Nossa Senhora da Boa Nova em Terena (São Pedro), concelho do Alandroal, Nossa Senhora de Aires em Viana do Alentejo, sede do concelho do mesmo nome, Nossa Senhora da Conceição em Vila Viçosa, sede do concelho do mesmo nome, Nossa Senhora do Castelo em Coruche (distrito de Santarém), Nossa Senhora da Visitação em Montemor-o-Novo, sede do concelho do mesmo nome, Nossa Senhora da Vila Velha em Fronteira, sede do concelho do mesmo nome, Nossa Senhora da Orada em Sousel, sede do concelho do mesmo nome, e Nossa Senhora das Candeias em Mourão, sede do concelho do mesmo nome. Descrição das festas realizadas habitualmente em cada um dos santuários entre Junho e Setembro: missas, procissões, novenas e confissões. Notícia da irmandade de Nossa Senhora do Castelo, do santuário do Senhor Jesus da Piedade em Elvas, concelho do mesmo nome, e da actividade da confraria do Senhor Jesus da Piedade em 1981-1982. – (C2-E3-G1).

1267-11-*O trabalho e as tradições religiosas no distrito de Lisboa: exposição etnográfica*. coordenação de SOARES (Maria Micaela), SANTOS (Francisco Hermínio Pires dos), Lisboa, Governo Civil de Lisboa, 1991, p. 464 [31], il., mapas.

Catálogo de exposição etnográfica sobre o trabalho e as tradições religiosas no distrito de Lisboa, que contém fotografias e notas sobre ritos e cultos, nomeadamente, círios, romarias, procissões, benções de gado e de embarcações. As invocações mais comuns são o Espírito Santo, o Senhor dos Passos, o Senhor Jesus dos Navegantes, Nossa Senhora da Conceição, da Boa Viagem, dos Navegantes, da Nazaré, do Porto Seguro, dos Prazeres, dos Remédios, da Saúde e das Virtudes, assim como os santos Antão, António, Isidoro de Sevilha, Lourenço, Mamede, Brígida, Quitéria e Cristina, entre outros. Notas sobre outros usos e costumes, como a Serração da Velha, o Dia da Bela Cruz e o cantar os Reis no concelho de Alenquer, com transcrição de letras e música. – (D3-D4-E3-E6).

1268-11-*Visita da imagem peregrina de Nossa Senhora de Fátima e Santa Missão: igreja de S. Domingos, 19 a 26 de Junho de 1960*, Lisboa, Gráfica Monumental, 1960, s. p., [4 p].

Programa das celebrações realizadas por ocasião da visita da imagem peregrina de Nossa Senhora de Fátima à igreja de São Domingos, freguesia de São Domingos de Benfica em Lisboa, no ano de 1960, que engloba missas e uma procissão de velas, entre outras manifestações religiosas. – (E3-H1).

D3 – Outras peregrinações e cultos

1269-12-BERNARDO (Bonifácio dos Santos), “Devoção ao Senhor Jesus dos Aflitos em Fortios: subsídios para a história e cultura religiosas na região de Portalegre”, *A Cidade: Revista Cultural de Portalegre*, n.º 8, 1993, p. 221-255.

Historial das manifestações de devoção ao Senhor dos Aflitos no santuário situado na freguesia de Fortios, concelho de Portalegre. Segundo a tradição, este foi precedido por uma ermida dedicada ao Senhor da Pobreza, edificada no lugar da aparição milagrosa de uma imagem de Cristo. Notas sobre a construção da nova igreja, que decorreu ao longo das primeiras décadas do século XIX. Descrição das duas festas anuais: a festa principal decorria no final de Maio e princípio de Junho e, depois dos anos sessenta do século XX, no primeiro domingo de Maio; desde 1841-1842 até 1914 realizou-se também a festa de Setembro. A organização das festas cabe à irmandade (primeiros estatutos datam de 1779), que se encarregou igualmente da construção da igreja. Na igreja são conservadas várias dezenas de ex-votos. – (C2-F2-G1-H4).

1270-12-BERNARDO (Bonifácio dos Santos), *Senhor Jesus dos Aflitos, actas da confraria; Senhor Jesus dos Aflitos: origens (1713-1845)*, Portalegre-Lisboa, Edição do Autor – Edições Colibri, 1995-2000, 2 vol., 286-250 p., il., quadros.

Monografia sobre a origem e a evolução do culto ao Senhor Jesus dos Aflitos na freguesia de Fortios, concelho de Portalegre, entre 1713 e 1845. Segundo uma lenda, o culto teve origem no aparecimento duma imagem do Cristo Crucificado numa azinheira, à qual regressava sempre até aí construírem um oratório e depois uma ermida em 1774-1775. No local viria a ser edificada a actual igreja e santuário entre 1814 e 1831. As fontes do santuário foram erigidas em 1884-1885. Os factos, porém, falam de uma cruz colocada em memória de alguém assassinado, que foi mais tarde substituída por outra cruz com a imagem pintada do Senhor, origem da devoção. Esta poderá ter resultado da pregação dos religiosos do convento de São Francisco de Assis de Portalegre, com os quais os membros da confraria estabeleceram estreitas ligações. A confraria já existia na prática antes da aprovação dos primeiros estatutos (1779), que são transcritos. Dados sobre a composição da mesa gerente e os seus membros entre 1779 e 1845. Origem e descrição da festa organizada pela confraria, que se realizava (entre 1791 e 1943) na terça-feira a seguir ao domingo de Pentecostes. Descrição e explicação de quatro dos mais antigos ex-votos existentes no santuário, datados de 1720 a 1904. Notícia dos conflitos entre as autoridades eclesiásticas e os que organizaram o culto inicial ao Senhor dos Aflitos, a propósito da construção da ermida. Em apêndice são transcritos diversos documentos e o hino ao Senhor dos Aflitos. Transcrição e publicação das actas das reuniões (da primeira, em 1827, a 1994) da confraria do Senhor Jesus dos Aflitos, fundada em 1779

com o propósito de promover o culto e a devoção de Cristo Crucificado. As actas contêm informações sobre a história e acção da irmandade, a fundação da igreja e do santuário (edificado em 1815), a celebração da festa e a procissão (em 1944 passou para o quinto domingo após a Páscoa e desde 1973 no primeiro domingo de Maio), os estatutos e a renovação dos mesmos (1911-1918), os locais de reunião, a relação das receitas e despesas. É referida uma pintura com a representação de Cristo sob a invocação de Senhor da Pobreza. Transcrição da letra e da música de um cântico ao Senhor dos Aflitos criado pelo autor. – (B4-F2-G1-H4).

1271-11-CABRAL (Maria Elizabeth Figueiredo), NUNES (Maria Luísa Abreu), “Contributos para o estudo das festividades populares em louvor do Divino Espírito Santo, no lugar do Penedo (Colares – Sintra)”, *Sintria*, vol. I-II, t. 1, 1982-1983, p. 803-1027, il., mapas, plantas, quadros.

Contributo para o estudo das festividades populares de cariz votivo em louvor do Divino Espírito Santo no lugar do Penedo, freguesia de Colares, concelho de Sintra, desde 1850 a 1985. Dados relativas à origem (cerca do século XIII), ao significado e à evolução destas festividades em Portugal e, sobretudo, nos concelhos de Sintra e Cascais, assim como de outras festas dos mesmos concelhos. Relato e descrição pormenorizada das cerimónias de Junho de 1984 no referido lugar do Penedo: o cortejo da coroação do imperador, a imolação do boi, o bodo (refeição) aos pobres. Considerações sobre os tempos e os espaços da festa em anos anteriores a 1984. Referência a objectos de culto, nomeadamente, a imagem de Nossa Senhora das Mercês e alfaias de procissão, constituídas por bandeiras do Império, estandartes, coroa imperial, ceptro e medalhas. Apêndices documentais constituídos por quadros sinópticos de análise aos tempos e espaços das celebrações, por citações de notícias da imprensa relativas aos festejos de 1888 a 1985 e por fotografias, desenhos, objectos, periódicos e cartazes. – (E3-E6-H1-H3).

1272-15-CONCEIÇÃO (Cristina Rosa Costa da), *Contributo para uma perspectiva histórica das confrarias / irmandades e devoções marítimas em Sesimbra: o culto às Chagas de Cristo*, dissertação de mestrado em História da Náutica e Arqueologia Naval apresentada na Universidade Autónoma de Lisboa em 2013, 261 p., dactilogr., il., quadros. <http://hdl.handle.net/11144/638> (consultada em 1-04-2019).

Estudo sobre as confrarias, irmandades e devoções dos homens do mar em Sesimbra, sede do concelho do mesmo nome, desde a Idade Média até aos nossos dias. Na vila foi sempre maioritário o culto mariano, mas a partir do século XVI cresce o culto de Cristo. Este concretizou-se nas devoções ao Senhor Jesus das Chagas, ao Senhor Jesus dos Navegantes e ao Senhor Jesus dos Passos da Cruz praticadas pela comunidade piscatória. As devoções

marianas dirigem-se a Nossa Senhora do Castelo, a Nossa Senhora do Cabo (Espichel, freguesia do Castelo em Sesimbra), das Candeias, da Luz, del Carmen e da Atalaia. Outras devoções eram prestadas ao Espírito Santo, a Nossa Senhora da Misericórdia, aos santos Francisco de Assis, José, Sebastião, João Baptista, António, Tiago e às santas Rosa e Ana. Notas históricas sobre a Ordem da Santíssima Trindade da Redenção dos Cativos e sobre as confrarias e irmandades do Espírito Santo, do Corpo de Deus, do Santíssimo Sacramento, do Nome de Jesus e do Senhor dos Passos, de Nossa Senhora da Vitória, da Boa Viagem, do Carmo, de Guadalupe, da Misericórdia, dos santos Tiago, Miguel Arcanjo, do Corpo Santo ou Pedro Gonçalves Telmo e a das Almas do Purgatório. Análise histórica do culto das Chagas do Senhor: a sua origem e evolução, a confraria do Senhor das Chagas, o seu compromisso e actividade, a festa e as celebrações na igreja, a procissão. – (D2-D4-G1-G4).

1273-11-COSTA (José), *Vila Franca de Xira: cronologia do século XX (1900/2000)*, Vila Franca de Xira, Edição da Câmara Municipal, 2001, 120 p., il.

Cronologia de diversos acontecimentos nacionais e do concelho de Vila Franca de Xira no século XX. Menção de lugares de culto, por exemplo a igreja matriz de Vila Franca de Xira, a igreja da Misericórdia, as capelas do Bom Retiro e de Nossa Senhora de Alcamé. Alusão a festas actuais e passadas em honra do Santíssimo Sacramento, do Senhor da Boa Morte, do Coração de Jesus, de Nossa Senhora da Assunção, da Purificação, do Monte Carmo, das Necessidades e do Rosário, dos santos Francisco de Assis, Sebastião e Ana. – (C1-C2-D2-D4).

1274-15-COUTO (A. Sílvio), *Senhor Jesus das Chagas, descoberta contínua de vida, história, novena e poemas*, Santiago – Sesimbra, Paróquia, 2005, 111 [3], p., il.

Nota histórica sobre o início do culto ao Senhor Jesus das Chagas em Sesimbra, sede do concelho do mesmo nome, originado pelo achamento de uma imagem de Cristo morto, primeiro depositada na capela da Misericórdia e depois na capela do Espírito Santo, retornando posteriormente à Misericórdia. Na capela do Espírito Santo foi criada a primeira irmandade, extinta pouco depois e só recentemente recriada. Durante séculos, predominou em Sesimbra o culto ao Espírito Santo, praticado sobretudo pela corporação dos pescadores, mas, no século XX, quando este desapareceu, ganhou força o culto ao Senhor das Chagas, que teve a primeira procissão em 1895. A primeira novena, conhecida e seguida até meados do século XX, foi escrita em 1798. A meados do século XX, a novena foi despojada dos cânticos e, depois do Concílio Vaticano II, foi modificada. Outras festas importantes eram dedicadas a Nossa Senhora do Monte Carmo e a Santa Cecília. Transcrição de um hino e da novena litúrgica ao Senhor Jesus das Chagas, da ladainha do Santíssimo Sacramento

e de poemas de autores de Sesimbra ao Senhor Jesus das Chagas feitos ao longo do século XX. A notícia histórica é de MARQUES (António Reis). – (B1-B4-F2-G4).

1275-07-GAMA (Eurico), “A romaria ao Senhor Jesus da Piedade”, *Revista Alentejana*, n.º 341, 1965, p. 12-13, il.

Notícia sobre a festa e romaria do Senhor Jesus da Piedade que decorre todos os anos em Elvas, sede do concelho do mesmo nome, no mês de Setembro. A devoção ao Senhor Jesus da Piedade teve origem numa cruz colocada em 1736 no Sítio da Saúde onde depois se erigiu uma capela e, em 1753, um santuário. A festa, com sermão e missa cantada, celebra-se na igreja do Senhor Jesus da Piedade, assim como as festas de Nossa Senhora da Graça (26 de Maio) e de São Pedro (21 de Junho). – (C2-D2-D4).

1276-11-MACHADO (João Falcão), “O Senhor da Boa Morte: um local de culto tauromáquico”, *Tertúlias e outros lugares da tauromaquia*, Vila Franca de Xira, Edição da Câmara Municipal, 1999, p. 47-58, il.

Breve estudo antropológico sobre a devoção ao Senhor da Boa Morte em Povos, Vila Franca de Xira, sede do concelho do mesmo nome, pelos toureiros que enfrentam a possibilidade de serem mortos nas suas actuações. Análise das dádivas feitas por toureiros (capotes, pares de bandarilhas, uma imagem de Nossa Senhora de Fátima), do seu discurso sobre a morte e descrição das suas manifestações religiosas antes das corridas. A extensão da simbólica da morte a outras camadas da população ribeirinha do Tejo, que enfrentam as cheias do rio e vivem ligados ao gado bravo, é atestada pela popularidade da romaria anual ao santuário na Quinta-Feira da Ascensão, já de si invocadora da Ressurreição de Cristo e da sua vitória sobre a morte. – (E4-H1-H4).

1277-15-MONTEIRO (Rafael), *A festa das Chagas, os painéis de Nuno Gonçalves e outros temas*, Sesimbra, Câmara Municipal, 2002, 193 p., il.

Compilação de ensaios e artigos publicados entre 1944 e 1985 na imprensa, com preponderância do acervo recolhido em *O Sesimbrense*, cuja parte mais relevante é dedicada à festa do Senhor Jesus das Chagas em Sesimbra, sede do concelho do mesmo nome. Notas sobre o culto e a procissão do Senhor Jesus das Chagas: a imagem do padroeiro dos pescadores apareceu junto à praia e data de 1534, altura em que os grandes cultos da população de Sesimbra eram Nossa Senhora do Cabo (Espichel, freguesia do Castelo), da Arrábida (serra do concelho de Setúbal) e da Luz, enquanto o culto ao Senhor Crucificado se limitava ao Senhor Jesus dos Navegantes. Na segunda metade do século XVIII, provavelmente no último quartel, desenvolveu-se o culto ao Senhor Jesus das Chagas e a procissão. Em 1881, a Corporação dos Marítimos criou uma irmandade, sendo a imagem levada da capela da

Misericórdia para a do Espírito Santo, aí permanecendo até 1895, data em que regressou à Misericórdia, donde foi transferida para a matriz em 1896. Dados sobre a organização, o itinerário da procissão e a festa em honra do Senhor Jesus das Chagas (3 de Maio), que está associada à festa da Invenção ou Exaltação da Santa Cruz: possui novena própria, com meditação, ladainha, hino e, desde 1908, arraial. Nota sobre os cultos dos pescadores e mareantes de Sesimbra e o seu simbolismo: o culto ao Espírito Santo (vento), a Nossa Senhora da Guadalupe (água) e a São Telmo (fogo) ou Pedro Gonçalves Telmo. A capela e o culto do Espírito Santo, já existentes em Sesimbra no século XV, estavam dependentes da Corporação do Espírito Santo, à qual se juntou a confraria do Corpo Santo ou Pedro Gonçalves Telmo. Alguns dados sobre a extinta festa em honra de Nossa Senhora do Monte Carmo iniciada em 1840. Apontamentos sobre a construção da igreja matriz (1534) e sobre a ermida de São Sebastião pertencente à Ordem Terceira de São Francisco de Assis, encerrada em 1876 (altura em que foi extinta a irmandade). Nota e transcrição de documentos sobre a imagem do Senhor Jesus dos Navegantes e o seu culto. Apresentação de elementos sobre a fundação da Misericórdia de Sesimbra, conhecida desde 1555. Os painéis de Nuno Gonçalves que se encontram no Museu de Arte Antiga em Lisboa: a simbologia de alguns dos seus elementos e a identificação da dupla figura central com São Tomás Becket, bispo da Cantuária, nascido em 1117. – (E3-F2-G4-H1).

1278-11-MOTA (Álvaro Emanuel Coutinho), “Reflexão teológica sobre o Senhor da Boa Morte”, *Senhor da Boa Morte: mitos história e devoção*, Vila Franca de Xira, Câmara Municipal, 2000, p. 95-98, il.

Breve reflexão sobre o sentido religioso da devoção (supostamente de origem pagã) ao Senhor da Boa Morte em Povos, Vila Franca de Xira, sede do concelho do mesmo nome. O significado da localização geográfica do santuário (num monte sobranceiro ao rio Tejo e à lezíria) e a sua ligação com a morte e a salvação da alma, representando a romagem a catarse de tudo o que pode estar mal. – (C4).

1279-12-PATRÃO (José Heitor), *Igreja do Senhor do Bonfim*, Portalegre, Instituto Politécnico de Portalegre, 2012, 252 p., il.

História da igreja não paroquial do Senhor do Bonfim em Portalegre, construída em 1721-1723 nos terrenos de uma quinta onde não existiam, que se saiba, sinais religiosos, a que se seguiu a edificação das hospedarias, casas anexas e residência do capelão. Descrição da igreja: o retábulo-mor com a imagem do Senhor do Bonfim proveniente da Quinta do Bispo, os altares laterais dedicados a Nossa Senhora do Amparo e do Loreto. Os azulejos pintados com fins catequéticos datam da segunda metade do século XVIII, cuja iconografia representa a entrada de Jesus em Jerusalém, Jesus a expulsar os

vendilhões do Templo, a Última Ceia, o Lava-pés, profetas e outras figuras bíblicas. A pintura representa cenas da paixão e da vida de Jesus. Análise do significado e das características dos ex-votos compostos por quadros pintados, objectos em cera e fotografias que se encontram na Casa dos Milagres. Análise dos estatutos da confraria aprovados em 1727 e várias vezes revistos, sobretudo em 1912, por iniciativa do regime republicano, visando o seu controlo, e por determinação eclesiástica em 1943. As diligências da confraria para alcançar graças, indulgências e imunidades das autoridades religiosas. O culto e a devoção ao Senhor do Bonfim: o sentido da invocação, a devoção, as afinidades das imagens do Senhor do Bonfim e do Senhor da Paciência, a romaria e a festa. A acção económica da confraria do século XVIII ao XX. Transcrição dos inventários dos bens móveis da confraria de 1766, 1776, 1820, 1910, 1917, 1930 e 1982. – (C2-G1-H2-H4).

1280-12-PATRÃO (José Heitor), “Igreja do Senhor do Bonfim de Portalegre (século XVIII): memórias adormecidas da sua história e *guarnecimentos*”, *A Cidade: Revista Cultural de Portalegre*, n.º 7, 1992, p. 185-210, il.

Contribuição para a história e descrição da igreja não paroquial do Senhor do Bonfim fundada em 1723 na cidade de Portalegre. Notas sobre a devoção ao Senhor do Bonfim: uma devoção popular provavelmente de inspiração franciscana e cisterciense, cuja iconografia singular da imagem do titular tem na região outras expressões, nomeadamente o Senhor da Paciência e o Senhor dos Aflitos na freguesia de Fortios, concelho de Portalegre. Os objectos de culto compreendem as imagens e as pinturas retabular e mural, assim como os azulejos pintados que representam o titular, a vida e a paixão de Cristo, a Santíssima Trindade, Nossa Senhora do Amparo, do Loreto, os santos António, Pedro, Paulo, José, João Baptista e Pedro de Alcântara. Dados sobre a festa anual (quarto domingo de Setembro), organizada pela confraria: a recolha de ofertas, a missa cantada, o sermão, a procissão, as promessas e os ex-votos pintados (séculos XVIII-XX). – (C2-D5-G1-H4).

1281-15-PINHO (Inês Gato), COUTINHO (Maria João Pereira), FERREIRA (Sílvia), “A devoção ao Senhor Jesus do Bonfim: origem, culto, disseminações”, *Revista Santuários: Cultura, Arte, Romarias, Peregrinações, Paisagens e Pessoas*, n.º 1, 2014, p. 160-167, il.

Estudo sobre a devoção ao Senhor do Bonfim que teve início nos finais do século XVII na ermida do Anjo da Guarda localizada extramuros da cidade de Setúbal. Associada à crença salvífica da Boa Morte ou Bom Fim, esta manifestação de piedade popular ergueu-se e materializou-se na construção do seu santuário e na realização de uma *via crucis*, que se disseminou por outros lugares de Portugal. A origem da imagem é incerta, mas acabou por atrair muitos devotos sobrepondo-se ao culto do titular da capela. O culto

reflecte a preocupação com os fins últimos que conduziram ao culto mariano de Nossa Senhora da Boa Morte. Menção de diversos círios dos romeiros de Aldeia Galega do Ribatejo (hoje Montijo), no concelho do Montijo, de Aldeia de Paio Pires, Arrentela e Seixal, no concelho do Seixal, de Alcochete e Samouco, no concelho de Alcochete e de Alfama (bairro de Lisboa), que deixaram numerosos ex-votos. Menção da irmandade que se empenhou em dotar a capela de importante decoração. O culto disseminou-se em Portugal, com destaque para o santuário do Senhor do Bonfim fundado no ano de 1721 em Portalegre. – (C2-E3-G1-H4).

1282-15-QUINTAS (Maria da Conceição), “A festa do Senhor do Bonfim, no aglomerado urbano de Setúbal”, *Cultura: Revista de História e Teoria das Ideias*, vol. IX, 1997, p. 411-420, il., planta.

Breve estudo sobre a festa em honra do Senhor do Bonfim em Setúbal nos séculos XVII a XIX, que foi a maior devoção dos habitantes de Setúbal. Inicialmente era constituída por gentes ligadas às actividades marítimas, até que na segunda metade do século XIX foi ultrapassada pelo culto a Nossa Senhora da Arrábida (serra do concelho de Setúbal). A ermida foi construída em honra do Anjo da Guarda cerca de 1669, passando depois a ter por titular Jesus Cristo, ainda antes de 1711. Notas sobre a festa e os milagres (acalmia de tempestade e protecção contra terramotos) e sobre a peregrinação que o rei Dom João V realizou ao santuário. Transcrição de cânticos dedicados ao Senhor do Bonfim. – (B4-C2-F1-F3).

1283-11-RAMALHO (João Alves), “Apontamentos para o estudo da devoção ao Senhor da Boa Morte – Povos”, *Senhor da Boa Morte: mitos, história e devoção*, Vila Franca de Xira, Câmara Municipal, 2000, p. 99-117, il.

Estudo histórico e descrição do culto ao Senhor da Boa Morte no santuário de Povos, Vila Franca de Xira, sede do concelho do mesmo nome, que foi até meados do século XVIII dedicado a Nossa Senhora de Povos. O significado da Boa Morte, como uma preparação de toda a vida, e os primeiros sinais da devoção ao Senhor Jesus da Boa Morte no século XVIII, nomeadamente de seis ex-votos datados do fim desse século. A origem e o significado cristão e judaico da festa da Quinta-Feira da Ascensão, dia em que se realiza também a romaria ao Senhor da Boa Morte e que é o feriado municipal de Vila Franca de Xira. As manifestações oficiais e populares da romaria: a missa, a procissão, as promessas e o seu pagamento (as novenas, fogaças, géneros, ex-votos) e a benção de Vila Franca de Xira, nomeadamente dos lugares de Povos e da Lezíria Grande. Notícia de algumas romarias desde o final do século XIX e das alterações que sofreram na década de 80 do século XX: a vigília da imagem, a mudança da procissão, o prolongamento do horário do arraial. – (D5-E3-H4).

1284-11-REY (Alberto Pereira), *Breve notícia das festas do Imperador e vôdo do Divino Espírito Santo*, Lisboa, Edição de Jesué Pinharanda Gomes, 1998, 38 p., il..

Edição de uma obra datada de 1753 sobre as festas do Imperador e Bodo do Divino Espírito Santo celebradas em Alenquer, sede do concelho do mesmo nome, e em Lisboa. Este livro permite chegar à conclusão de que, já em meados do século XVIII, os Impérios estavam em decadência em Portugal e que eram já desconhecidos e até combatidos em Lisboa, nomeadamente pelo poder eclesiástico. Em 1753, os açoreanos residentes no continente pediram autorização para realizar as festas em honra do Divino Espírito Santo celebradas entre a Páscoa e o Pentecostes, sob a forma de Império e onde era dado o *vôdo* (bodo) de pão, carne e vinho aos pobres. O texto é um panegírico desta manifestação da piedade popular e procura apoiar a renovação do culto. Alusão à introdução do culto do Espírito Santo em Portugal na qual se destacou a Rainha Santa Isabel. Fixação do texto, prefácio e notas de GOMES (Jesué Pinharanda). – (A5-E1).

1285-12-RICO (Tânia Morais), *Senhor Jesus da Piedade de Elvas: história de uma devoção*, Lisboa, Booksfactory, 2018, 139 p., il.

História da devoção ao Senhor Jesus da Piedade em Elvas, sede do concelho do mesmo nome, desde o milagre que lhe deu origem. Cerca de 1737 o padre Manuel Antunes foi atirado ao chão duas vezes por uma mula e pensou que ia morrer, pedindo então auxílio ao divino junto a uma cruz que estava no local. Em agradecimento, instalou uma nova cruz com a imagem de Cristo e deu-lhe o nome de Senhor Jesus da Piedade, passando a afluir ao local vários devotos. A primeira ermida do santuário foi erigida em 1737, tendo provavelmente tomado como modelo a capela local dedicada a Nossa Senhora da Nazaré (1592) e, em 1753, foram construídas a igreja e outras dependências, nomeadamente a casa dos milagres onde se encontram os ex-votos. Dados sobre a organização interna da confraria criada em 1738 e sobre a gestão do santuário. A romaria ao Senhor Jesus da Piedade foi aumentando a sua importância à medida que se espalhava a fama milagrosa da imagem, evidenciada nos numerosos ex-votos (atualmente mais de 6000), sobretudo em cera e fotografias que retratam assuntos de doença, problemas decorrentes dos trabalhos agrícolas, deflagração de incidências, furtos, crimes, ataques de animais, problemas financeiros, entre outros incidentes. Muitos ex-votos são fotografias de combatentes da Guerra Colonial. Hoje a romaria tem início em 20 de Setembro, começando com a procissão dos Pendões que sai da igreja de Nossa Senhora das Dores para o santuário e termina oito dias depois com a procissão do regresso. Transcrição do hino do Senhor Jesus da Piedade. – (B4-F3-G1-H4).

1286-11-SALVADO (Maria Adelaide Neto), *A devoção ao Senhor da Boa Morte da antiga vila de Povos (Vila Franca de Xira)*, s. l., [Edição da Autora], s. d., s. p., desdobrável.

Pequena brochura que dá notícia da devoção ao Senhor Jesus da Boa Morte na ermida da mesma invocação em Povos, Vila Franca de Xira, sede do concelho do mesmo nome, fundada pelos Templários. A capela-mor da ermida é o que resta da igreja original que tinha a invocação de Nossa Senhora de Povos, cuja festa era celebrada anualmente na segunda-feira seguinte ao domingo de Pascoela. Antes do século XVIII, foi trazida para a capela uma imagem de Cristo morto que se tornou milagrosa e foi apelidada de Senhor Jesus da Boa Morte. No século XIX, quando a capela foi reconstruída, passou a ser designada pelo mesmo nome. A devoção é atestada pelos ex-votos que existiram na sacristia. A memória dessa devoção perdura no cancionero da região do Ribatejo (distrito de Santarém) de onde são transcritas quadras cantadas em Vila Franca de Xira. – (B4-C2-H1).

1287-11-SOARES (Maria Micaela), “Os impérios populares”, *Boletim Cultural*, Assembleia Distrital de Lisboa, n.º 88, t. 2, 1982, p. 251-347 [15] p., il.

Apresentação de algumas versões da origem e evolução das festas do Espírito Santo criadas pela Rainha Santa Isabel, apontando-se Alenquer ou Sintra, sedes dos concelhos do mesmo nome, como local de nascimento. Nas festas integrava-se o ritual medieval de coroação de um imperador, seguido da distribuição de um bodo aos pobres. Uma visão sobre as cerimónias destas festividades e as características próprias de cada lugar estabelecendo-se, em alguns casos, uma comparação entre as práticas destas festas e as do Corpo de Deus, nomeadamente em relação à cerimónia de coroação de imperadores. Relato de algumas festas em honra do Espírito Santo na região de Lisboa, nomeadamente as da freguesia de Alcabideche, concelho de Cascais, do lugar de Penedo, freguesia de Colares, concelho de Sintra, de Lisboa e de Sintra. Notas sobre as festas do Espírito Santo e do Corpo de Deus em vários pontos do País, incluindo o arquipélago dos Açores: as suas procissões, a cerimónia da morte do boi e os bodos. Em Lisboa, as procissões do Espírito Santo eram promovidas pelas irmandades de Nossa Senhora dos Remédios e Hospital do Divino Espírito Santo dos Pescadores e Navegantes (bairro de Alfama), dos Mareantes e Pescadores do Alto, situada na igreja de São Miguel Arcanjo, na freguesia do mesmo nome, também no bairro de Alfama. Alusão a outras venerações do touro, por exemplo, o boi bento de São Marcos em Alter do Chão, sede do concelho do mesmo nome, e o boi bento do São João Baptista em Braga. Transcrição de quadras cantadas em louvor do Espírito Santo. – (E1-E3-G1-G4).

1288-11-VENTURA (Margarida Garcez), “Reflexões sobre a Majestade: o culto do Santíssimo Sacramento nos livros de visitações e pastorais da igreja de São Pedro da Ericeira”, *Didaskalia*, vol. XXVIII, 1998, p. 167-197.

Estudo sobre o culto do Santíssimo Sacramento (festejado, desde 1781, a 24 de Março) e outros aspectos da vida religiosa na freguesia da Ericeira, concelho de Mafra, através das visitações realizadas entre 1609 e 1752 à igreja paroquial de São Pedro. As visitações realizam-se dentro do espírito do Concílio de Trento para certificação do cumprimento das disposições religiosas da Igreja e da diocese, tratando os seguintes aspectos: a localização das imagens dos santos na igreja, as regras de utilização dos espaços sagrados, por exemplo leilões de objectos de devoção e actos profanos. Nota sobre a igreja paroquial de São Pedro e a ermida do Espírito Santo, assim como sobre os cuidados a ter com o cofre do Santíssimo Sacramento. Sobre o culto do Santíssimo Sacramento são focados vários aspectos: a introdução em Portugal (finais do século XIII) e a intensificação do culto no período pós-Concílio de Trento, sobretudo durante na Semana Santa, na festa do Corpo de Deus e em ocasiões especiais de acção de graças ou de reparação por ofensas públicas. A forma de exposição do Santíssimo Sacramento era feita num trono acompanhada de incenso e velas que rodeavam a custódia, nunca menos de trinta e sempre acesas por ordem do visitador. Notícia sobre as procissões que tinham a presença do Santíssimo Sacramento, nas quais os visitantes proibiam manifestações profanas: a do Santíssimo Sacramento era realizada nos terceiros domingos de cada mês (não se conhecem dados sobre o percurso) e na Quinta-Feira Santa. Dados sobre a confraria do Santíssimo Sacramento (conhecida em Portugal desde finais do século XV), que já estava instituída no terceiro quartel do século XVIII e foi extinta em data incerta. Menção da irmandade da Santa Casa da Misericórdia e de Nosso Senhor Jesus dos Passos (existente ainda em 1912). – (A5-C1-E3-G1).

1289-15-VENTURA (Rui), “A lenda do Senhor das Chagas e a ‘construção’ do santuário de Sesimbra”, *Revista Santuários: Cultura, Arte, Romagens, Peregrinações, Paisagens, Pessoas*, vol. 2, 2014, p. 209-222, il.

Análise da lenda do Senhor Jesus das Chagas, cultuado no santuário do mesmo nome em Sesimbra, sede do concelho do mesmo nome, no quadro da sacralização da região da Serra da Arrábida (concelho de Setúbal) que decorreu no século XVI e que apresenta algumas diferenças relativamente ao padrão da devoção a Cristo Crucificado ao longo da costa portuguesa. Segundo a lenda, a imagem à qual faltava um braço, foi encontrada na praia de Sesimbra pelos pescadores a 3 de Maio de 1534, depois de ter sido lançada ao mar em Inglaterra para não ser profanada. A construção histórica do santuário verificou-se num tempo em que a centralidade da vila passava de dentro das muralhas para o arrabalde marítimo e piscatório. Esta mudança

foi impulsionada pelo Grão Mestre da Ordem de Santiago e pelos seus filhos, em particular Dom Jaime de Lencastre, que publicou uma obra sobre a paixão de Cristo e incentivou a edificação de um convento de franciscanos observantes na Serra da Arrábida. É provável que o culto já existisse antes do aparecimento da imagem. Descrição da imagem do Senhor das Chagas que foi colocada na igreja da Misericórdia. Notícia da irmandade dos homens do mar denominada do Corpo Santo (ou de São Pedro Gonçalves Telmo). – (A5-F2-G4-H1).

1290-11-“Catálogo”, *Senhor da Boa Morte: mitos, história e devoção*, Vila Franca de Xira, Câmara Municipal, 2000, 173 [6] p., il.

Nas páginas 148-166 do catálogo da exposição realizada em 2000 no Museu Municipal de Vila Franca de Xira, sede do concelho do mesmo nome, apresentam-se os seguintes aspectos sobre o Senhor da Boa Morte: caminhos de acesso, ermida, história, devoção, espaço natural do monte e romaria. Da exposição constavam crucifixos, rosários, medalhas, uma cabeceira de sepultura, ex-votos e pinturas dos séculos XVII e XVIII que representam cenas da paixão de Cristo, o Senhor da Boa Morte, Nossa Senhora das Dores e da Conceição, assim como reproduções fotográficas da ermida do Senhor da Boa Morte, da sua imagem e da romaria. – (C2-H2-H4-H6).

1291-11-“Entrevistas”, *Senhor da Boa Morte: mitos, história e devoção*, Vila Franca de Xira, Câmara Municipal, 2000, p. 137-148.

Transcrição de excertos de entrevistas a populares sobre a festa e romaria anual do Senhor da Boa Morte, que se realiza na Quinta-Feira da Ascensão em Povos, Vila Franca de Xira, sede do concelho do mesmo nome. Abordam-se os aspectos da organização, o significado e objectivo da romaria, o simbolismo do ramo de espiga, as imagens que saem em procissão, o seu percurso e preparativos, a bênção dos campos e dos animais, as promessas (pagamento de curas), o significado da invocação Boa Morte no dia da Ascensão de Cristo, a relação das comunidades de pescadores e de campinos com o Senhor da Boa Morte, assim como as manifestações profanas. – (D5-E3-E6).

1292-07-“A religiosidade popular do Alentejo sobre o mistério da Cruz”, *Igreja Eborense: Boletim de Cultura e Vida da Arquidiocese de Évora*, n.º 5-8, 1984, p. 245-302; n.º 9, 1985, p. 185-209.

Recolha de expressões de piedade popular sobre o mistério da Cruz de cada vigararia da diocese de Évora. Menção do santuário do Senhor Jesus em Elvas, sede do concelho do mesmo nome, de capelas e cruzeiros, de crucifixos, confrarias e irmandades com o nome de Jesus, do Santíssimo Sacramento, do Salvador, dos Passos, de Nossa Senhora do Rosário, das Almas e dos santos António, Brás e Sebastião. As devoções e celebrações realizavam-se

sobretudo durante a Quaresma, nomeadamente na Semana Santa: festas e procissões, orações e cânticos, usos e costumes. Compilação de diversas orações, cânticos e orações-narrativas ditos durante a Quaresma, o Natal e em vários momentos do dia, para quando se frequenta a igreja e para a hora da morte, onde se invoca Jesus, Nossa Senhora e diversos santos. Notícia sobre algumas paróquias. – (B3-B4-E1-G1).

1293-11-“Senhor da Boa Morte. Exposição”, *Senhor da Boa Morte: mitos, história e devoção*, Vila Franca de Xira, Câmara Municipal, 2000, p. 150-173, il.

Apresentação da exposição subordinada o tema O Senhor da Boa Morte: mitos, história e devoção, que contém dados sobre diversos aspectos do santuário e sobre a devoção ao Senhor da Boa Morte em Povos, Vila Franca de Xira, sede do concelho do mesmo nome, que compreendem os caminhos de acesso ao santuário, a ermida, a devoção e a romaria. – (C2)

D4 – Peregrinações e culto dos santos

1294-12-ABAFA (Carlos), “São Marcos na religiosidade dum povo”, *Ibn Maruán: Revista Cultural do Concelho de Marvão*, n.º 7, 1997 p. 325-328, il.

Notas sobre a reactivação de um costume na festa de São Marcos (25 de Abril) na freguesia de Santo António das Areias, concelho de Marvão: um bezerro é levado para dentro da igreja, sendo benzido pelo pároco junto à imagem de São Marcos e, em seguida, leiloado. A última bênção efectuou-se em 1992 junto à porta da igreja. – (E6).

1295-11-ABEL (Marília), “Romaria de Santo Amaro”, *Olisipo*, n.º 11, 1999, p. 59-65, il.

Breve descrição da ermida e da romaria a Santo Amaro em Lisboa, que se efectuava anualmente a 15 de Janeiro pela comunidade galega fixada na freguesia de Alcântara. A ermida foi construída no local de um templo primitivo datável do século XV. A irmandade do bem-aventurado Santo Amaro, já então existente, era constituída apenas por nobres, mas foi enfraquecendo com a extinção das ordens religiosas e a implantação da Primeira República. Biografia do santo que é protector contra os membros partidos: as suas origens, vida e milagres, por exemplo de um em que salvou São Plácido. A romaria e a festa duravam até ao dia 2 de Fevereiro, dia da Apresentação de Jesus no Templo. Menção das capelas e santuários dedicados ao santo em Portugal e na Galiza. – (B2-C2-G1).

1296-12-ARIMATEIA (Rui), “A festa de São Marcos e a religiosidade popular”, *Ibn Maruán: Revista Cultural do Concelho de Marvão*, n.º 2, 1992, p. 15-49, il.

Descrição das romarias em honra de São Marcos (25 de Abril) no Alentejo (distritos de Portalegre, Évora, Beja e parte do distrito de Setúbal), nomeadamente, na freguesia de Santo António das Areias, concelho de Marvão, em Alter do Chão, sede do concelho do mesmo nome, e Gáfete, concelho do Crato. Nas práticas existentes e desaparecidas destacam-se as promessas ao santo, as ofertas, a bênção de um bezerro no interior da igreja, o leilão do bezerro, a procissão, as orações, o beijar da imagem do bezerro que está junto da imagem de São Marcos. Em Santo António das Areias a festa foi em parte revitalizada: fazem-se promessas ao santo na igreja paroquial, é doado e benzido um bezerro, realiza-se a missa e a procissão. Resumo das notícias sobre a romaria de São Marcos em Santo António das Areias recolhidas em várias obras etnográficas. Em Alter do Chão apenas se realiza hoje a feira e em Gáfete compreende somente a missa e a procissão. Notícia da festa em Serpa (distrito de Beja), em Arcozelo (distrito da Guarda) e em Espanha. A romaria foi proibida pelo bispo da diocese de Portalegre – Castelo Branco em 1924, perdendo grande parte da sua dimensão popular e de factor de coesão social. Breve hagiografia do apóstolo São Marcos, fundador da Igreja de Alexandria, onde foi martirizado no dia 25 de Abril, coincidindo com a paixão de Cristo. O seu corpo foi trasladado para Veneza, tornando-se o santo patrono desta cidade. – (A5-B2-D5-E6).

1297-12-ARIMATEIA (Rui), *A festa de São Marcos em Santo António das Areias: história e tradições*, Santo António das Areias, Junta de Freguesia, 2016, 51 p., il., plantas.

Contribuição para a história da freguesia de Santo António das Areias, concelho de Marvão, e sobretudo da festa em honra de São Marcos que se realiza na freguesia. Notas sobre a ermida de São Marcos e sobre a igreja paroquial dedicada a Santo António, particularmente no século XVIII. Descrição da festa de São Marcos, com dados desde o início do século XX. A festa realiza-se na igreja paroquial, mas além da missa e da procissão, caracterizava-se pelo ritual da bênção do gado e pela entrada no templo de um bezerro que era amansado pela água benta lançada pelo padre. Em seguida, ia lamber o andor do santo junto do qual ouvia uma prédica e era benzido, posto o que era levado para fora da igreja e leiloado. A intervenção eclesiástica, levada a cabo pela diocese desde os anos trinta do século XX, reduziu a festa à bênção do gado e à bênção dos bezerros fora da igreja, como aconteceu em 1992. Em 1997 o bezerro entrou por uma última vez na igreja. Notícia de algumas referências literárias à festa. – (A5-C1-E3-E6).

1298-12-ARIMATEIA (Rui), “A geografia possível do antigo ritual da entrada do boizinho de São Marcos nas igrejas e nas ermidas do Alentejo no dia da sua devoção – 25 de Abril”, *Cadernos do Endovélico*, n.º 3, 2017, p. 165-187, il.

Estudo sobre a distribuição geográfica das festas de São Marcos no Alentejo (distritos de Portalegre, Évora, Beja e parte do distrito de Setúbal), no passado e no presente, em especial no distrito de Portalegre, área de criadores de gado e de transumância. Nas festas destacava-se a entrada de um boi na igreja matriz, recentemente reintroduzido nas celebrações ao santo, como é o caso da freguesia de Santo António das Areias, concelho de Marvão. Neste ritual incentivava-se o animal bravo a entrar na igreja chamado pelo sacerdote que o benze, acabando por acalmá-lo. No passado eram feitas promessas ao santo que consistiam em animais leiloados. Notícia sobre as proibições eclesiásticas iniciadas no século XVI, sobre as origens, os atributos e as virtudes do santo e sobre a simbologia do touro nas culturas da área mediterrânica. – (A5-E6).

1299-12-ARIMATEIA (Rui), “O mito de São Marcos”, *Ibn Maruán: Revista Cultural do Concelho de Marvão*, n.º 3, 1993, p. 111-119.

Conferência sobre a festas em honra de São Marcos (25 de Abril) em Santo António das Areias, concelho de Marvão, em Alter do Chão, sede do concelho do mesmo nome, e em Gáfete no concelho do Crato, com o objectivo de proteger o gado e amansar as crianças travessas e os animais. Destacam-se as promessas ao santo e a oferta de um bezerro, que depois era benzido no interior da igreja pelo pároco, seguindo-se a missa e a romaria. É habitual fazer-se o toque da cabeça das crianças na imagem do bezerro de São Marcos e uma feira. Em Alter do Chão a particularidade da festa residia no fato da Bíblia ser encostada às hastas do bezerro. Em Gáfete as celebrações distinguiram-se pela especificidade de dois costumes: o pároco batia com uma cruz de madeira na cabeça do animal e depois na cabeça das crianças com o intuito de as “amansar”; abertura de um rego feito na véspera da missa por um arado e que partia da capela. Menção de várias localidades do país onde também se pratica o culto a São Marcos. Análise da festa de São Marcos como explicação cosmogónica e factor de coesão social de uma comunidade agrária tradicional, onde o sagrado e o profano se fundem, e como reminiscência e substituição de festas agrárias a divindades pagãs. – (D5-F3-E6).

1300-11-CARDOSO (Carlos Lopes), “D. Francisco Manuel de Melo, ‘A Visita das Fontes’ e a ermida de São Mamede de Janas”, *Sintria*, vol. I-II, t.1, 1982-1983, p. 1029-1065, il., mapa; “D. Francisco Manuel de Melo, ‘A Visita das Fontes’ e a ermida de São Mamede de Janas” (versão mais reduzida), *Boletim Cultural*, Assembleia Distrital de Lisboa, t. 1, n.º 86, 1980, p. 45-56, il.

Contributo para estudo das festividades que têm lugar em Agosto na ermida de São Mamede em Janas, freguesia de São Martinho, na vila de Sintra, sede do concelho do mesmo nome: a bênção do gado que era levado a dar três voltas à capela, os ex-votos por motivo de cura de pessoas e de animais. Notas

sobre o culto a São Mamede em Portugal com uma lista das igrejas paroquiais dedicadas ao santo. Segundo o autor, será esta a ermida referida por Dom Francisco Manuel de Melo, escritor do século XVI, na sua obra *A Visita das Fontes* e não a igreja de São Mamede em Évora. – (D5-E6-F3-H4).

1301-11-CHAVES (Luís), *Lisboa nas auras do povo e da sua história: ensaios de etnografia*, Lisboa, Câmara Municipal, 1961-1969, 4 vol., 233-230-373-298 p., il.

Colectânea de artigos de âmbito etnográfico sobre a cidade Lisboa com notas de carácter histórico-religioso que remontam até à Pré-história. Neles encontram-se elementos hagiográficos sobre os santos António, Crispim, Francisco Xavier, Vicente, Nuno de Santa Maria e São Telmo ou Santelmo (São Pedro Gonçalves Telmo, patrono dos homens do mar). Inventário de igrejas, paroquiais e não paroquiais, capelas, ermidas, conventos, nichos, oratórios e cruzeiros. Alguns desapareceram com o terramoto de 1755 e os seus titulares eram, principalmente, Jesus (18) e Maria (98). Referência a tradições do Natal nos séculos XVI-XVIII: os presépios no mosteiro dos Jerónimos, nos conventos de Nossa Senhora da Graça, na freguesia do mesmo nome, e de Carnide; as representações de autos de Gil Vicente (século XVI) nas matinas de Natal, que de forma direta ou indireta abordavam o nascimento do Menino Jesus. Algumas notícias acerca dos costumes populares na procissão do Corpo de Deus e nas festas de Santo António. Notícia de instituições de caridade e de devoção: confrarias, irmandades, misericórdias e hospitais. Análise sobre a função dos registos de santos (estampa ou azulejo com a efigie de um santo) na devoção popular. – (C2-G1-G2-H5).

1302-11-CHAVES (Luís), “Santa Catarina de Lisboa no culto e na toponímia cidadina: singelo apontamento”, *Olisipo*, n.º 115-116, 1966, p. 117-127, il.

O culto de Santa Catarina de Alexandria em Lisboa teve origem na ermida do mesmo nome, construída antes de 1373-1375 no Bairro Alto, que foi depois reedificada e integrada no convento da Santíssima Trindade. Numa capela da igreja do convento estabeleceu-se a confraria dos livreiros (extinta em 1856) que se dedicava ao culto de Santa Catarina e que depois passou para a igreja de Santa Catarina, antiga paroquial (1557), na qual estavam sediadas mais cinco irmandades (não mencionadas). Esta confraria tornou-se padroeira perpétua da dita igreja, que foi reconstruída à sua custa após o terramoto de 1755. A igreja foi vendida em hasta pública no ano de 1856, ficando o nome de Santa Catarina confinado ao topónimo Alto de Santa Catarina. Notícias das igrejas de Nossa Senhora do Loreto, de Nossa Senhora da Encarnação e da Lapa (1764) e do convento dos Paulistas da Serra de Ossa (concelho do Redondo), datado de 1647, assim como das imagens de Santa Catarina e de Nossa Senhora do Loreto (ambas posteriores ao século XIV), que estavam em nichos nas igrejas. – (C1-C2-G4-H1).

1303-12-COSTA (Alexandre de Carvalho), “Aldeia do Alto Alentejo: Alagoa (concelho de Portalegre): subsídios para a sua monografia”, *O Distrito de Braga*, vol. IV, fasc. 3-4, 1968, p. 357-560, il.; separata de *O Distrito de Braga*, Braga, Pax, 1961, 213 [3] p., il.

Subsídio para uma monografia da freguesia de Alagoa, concelho de Portalegre. Menção dos lugares de culto no século XVIII: a igreja paroquial dedicada a São Miguel Arcanjo (século XVI) possuía os altares do titular, de Nossa Senhora da Conceição, do Rosário, dos santos João Baptista, Tiago e António; as imagens dos titulares dos altares e as de Cristo Crucificado, de Nossa Senhora de ao Pé da Cruz; as irmandades de Nossa Senhora dos Rosário e a das Almas estavam nela sediadas. Notas sobre usos, costumes e festividades: a festa de São João (Baptista) realizava-se no dia 24 de Junho (os festejos em sua honra prolongavam-se por todo mês de Julho) e englovava algumas cerimónias, como o cortejo em que três raparigas novas, madrinhas da bandeira, percorriam as ruas da aldeia, levando a do meio a bandeira de São João, acompanhadas de três mulheres mais idosas, e todas seguiam cantando a São João; a bandeira era depois colocada na igreja até ao dia seguinte (dia em que seria entregue ao responsável das festas do próximo ano); durante a noite eram suspensas lanternas na porta da igreja e as ruas eram iluminadas por archotes. No domingo seguia-se a festa religiosa com missa cantada e procissão. As celebrações no dia três de Maio (dia da Santa Cruz): as raparigas solteiras colhiam no campo malmequeres que, depois de enfiados em linhas formando grandes cordões, serviam para enfeitar o cruzeiro da aldeia; os frequentadores da festa passavam o resto do dia a cantar e a dançar em redor da cruz. Outras festas eram realizadas em honra de Nossa Senhora de ao Pé da Cruz (1 de Junho) e de Nossa Senhora do Rosário (primeiro domingo de Outubro): São ainda mencionadas algumas práticas do Carnaval, do dia de Todos os Santos e do Natal. As atitudes perante o luto, no namoro e nas celebrações do casamento. Transcrição de algumas saudações e cumprimentos entre os aldeãos, em que se invoca Deus, Nosso Senhor e Jesus Cristo. – (C1-E3-E4-E6).

1304-11-DUARTE (Maria José Guerreiro), *O termo de Lisboa “vivido”: cultos e sociabilidade do Antigo Regime à modernidade*, dissertação de mestrado em Economia e Sociologia Históricas apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa em 1997, [D.L. 1997], 141 p., dactilogr., il., plantas, quadros (consultável na Biblioteca Nacional de Portugal).

Estudo histórico e sociológico sobre manifestações e comportamentos religiosos ou sacro-profanos, desde o século XVII à actualidade, através de três cultos localizados em três freguesias pertencentes à área do antigo termo de Lisboa: a Santa Brígida, na freguesia do Lumiar, a São Cornélio, na freguesia de Santa Maria dos Olivais, e ao Senhor Roubado, na freguesia de Odivelas. Os dois primeiros são de implantação rural, inserem-se na continuidade do

ciclo agrícola enquanto o terceiro segue a ordem inversa, parece vir da cidade para o campo, sendo criado artificialmente, e nasceu entre as elites sociais do Antigo Regime. A devoção a Santa Brígida era associada ao tempo das sementeiras, materializada na festa a 1 e 2 de Fevereiro (dia de Nossa Senhora das Candeias ou da Purificação, confundindo-se as duas festas) que compreendia a feira e as festividades, nomeadamente, a bênção do gado, a realização de três voltas à igreja e o beijo da relíquia, entre outras. Notas para uma hagiografia de Santa Brígida (1 de Fevereiro), o culto, a relíquia e os milagres que envolvem o sol, a luz e o fogo. Conhecida desde o século V ou VI, a santa é natural da Irlanda e surge representada com vestes de abadessa, segurando na mão direita a palma do martírio e na esquerda um livro, tendo uma vaca leiteira deitada aos seus pés. Notícia da igreja (já desaparecida) bem como da imagem e do culto dedicados a São Cornélio (16 de Setembro), protector dos animais, a que estava associado o culto de Nossa Senhora da Estrela (Nossa Senhora da Assunção) na freguesia de Santa Maria dos Olivais. Menção das imagens dos santos expostos na igreja matriz de Nossa Senhora dos Olivais. Relato do caso do Senhor Roubado (furto das hóstias atribuído primeiro a cristãos-novos e depois a um rural que agiu por iniciativa própria) ocorrido na igreja paroquial dedicada ao Santíssimo Nome de Jesus em Odivelas, sede do concelho do mesmo nome: os culpados, as manifestações de pesar, o luto nacional e as posteriores celebrações religiosas para reposição da ordem. – (B2-D5-H7-I5).

1305-11-FALCÃO (José António), FERREIRA (Jorge Rodrigues), “Nota sobre um documento da Biblioteca Nacional de Lisboa referente ao culto de São Crispim e de São Crispiniano”, *Jornadas sobre Portugal medieval, Leiria, 1983*, Leiria, Câmara Municipal, 1986, 117-124.

Nota sobre um documento da Biblioteca Nacional de Portugal, situada em Lisboa, que se refere ao culto dos santos mártires Crispim e Crispiniano, padroeiros de todos os ofícios de trabalhos em couro (sobretudo sapateiros, curtidores de pele, luveiros e fabricantes de selas). A esta devoção estava associado o costume de oferecer aos rapazes de Lisboa um saco de castanhas e uma alfofa de maçãs, na véspera do dia da festa (25 de Outubro). Segundo alguns autores, esta tradição remonta já ao século XII (após 1147, data da conquista de Lisboa) e parece ter origem num legado testamentário feito por uma mulher desse tempo. Daí a relação do culto destes santos com a conquista de Lisboa aos mouros, que terá perdurado até meados do século XIX. Menção da confraria dos Sapateiros de Lisboa, cujos patronos e advogados eram São Crispim e Crispiniano, com funções simultaneamente religiosas, assistenciais e profissionais. Outras confrarias com os mesmos patronos existiam em outras localidades do país, designadamente, Guimarães (distrito de Braga), Braga, Porto, Vila Viçosa, Alcácer do Sal e em Moura (distrito de Beja). Análise crítica das fontes documentais e o seu cotejo com cópias

posteriores que poderão conter informações possivelmente forjadas sobre o culto destes santos. – (A2-E6-G4).

1306-11-FALCATO (João), “São Cristóvão padroeiro dos viajantes”, *Revista Municipal*, Câmara Municipal de Lisboa, n.º 122-123, 1969, p. 105-106, il.

A propósito de um apontamento sobre a inauguração da estátua de São Cristóvão (mártir do século III, patrono dos viajantes, festejado a 25 de Julho), na freguesia de São Cristóvão e São Lourenço em Lisboa, é feita uma alusão a alguns passos da sua legenda. Esta refere um passador de viajantes num rio e a sua morte: certa noite aparece-lhe um menino pedindo-lhe que o transportasse para a outra margem, ao longo do percurso o santo sente as forças faltarem-lhe e compreende que o menino era Jesus que viera buscá-lo, daí o seu nome significar porta-Cristo”. – (B2-H1).

1307-11-FERNANDES (Lídia), “O culto vicentino na formação do reino português”, *Arqueologia Medieval*, n.º 3, [1994], p. 221-231, il.

Origens e evolução do culto a São Vicente associado ao movimento de Reconquista, particularmente à tomada de Lisboa em 1147. Neste contexto, o santo encarnava a figura do salvador da fé cristã, através do qual se recuperavam para o cristianismo territórios em poder dos muçulmanos. A devoção ao santo, padroeiro da cidade de Lisboa, propaga-se a partir da trasladação das relíquias, conhecendo dois momentos distintos: o primeiro consistiu na trasladação do corpo de Valência para o Promontório de Sagres (*Promontorium Sacrum*) na freguesia do mesmo nome, no distrito de Faro; o segundo, de Sagres para Lisboa. A partir do século XIV, o culto é progressivamente abandonado por parte da classe popular. Análise de alguns aspectos da iconografia, onde se entrelaçam factos e mitos da legenda de São Vicente. Os atributos, embora semelhantes, diferem consoante o local de culto, destacando-se os corvos e a barca. São mencionados outros elementos da iconografia portuguesa, como a corda, a roda, o livro e a grelha do martírio, sendo esta omitida a maior parte das vezes, sobretudo a partir dos séculos XIV-XV. Breve relação crítica de fontes, de autores portuguesas e estrangeiros, para o estudo da vida e da trasladação das relíquias do santo, designadamente, a mais recente descoberta de uma nova colecção de milagres existente na Biblioteca Nacional de Portugal em Lisboa. – (A2-B2-E2-H7).

1308-11-GAMEIRO (Odília Alves), “Sociologia e geografia do culto medieval dos santos mártires de Lisboa”, *Lisboa medieval: os rostos da cidade – actas*, coordenação de KRUS (Luís), OLIVEIRA (Luís Filipe), FONTES (João Luís), Lisboa, Livros Horizonte, 2007, p. 371-387.

Estudo sobre a sociologia e a geografia do culto aos santos mártires de Lisboa, Veríssimo, Máxima e Júlia. Os santos são mencionados na documentação e

na toponímia do norte e centro de Portugal, pelo menos desde 875, e eram cultuados pelos moçárabes, sendo-lhes erigida uma igreja nesta cidade depois da conquista de Lisboa. A redacção de um novo texto no século XIII, depois do achamento das relíquias, pode estar relacionada com a instalação do mosteiro feminino de Santos-o-Velho em Lisboa, no local onde se construiu a igreja, para afirmar o mosteiro como um local digno de graças, idênticas às conferidas ao santuário do padroeiro da cidade na igreja de São Vicente de Fora, freguesia do mesmo nome. A vida e os milagres destes santos são conhecidos através de manuscritos, nomeadamente um de finais do século XV e inícios do século XVI, que se encontra na Biblioteca Pública de Évora. Redigido com base num texto mais antigo, socorre-se frequentemente dos modelos literários vulgarizados pelas actas dos mártires, em especial da vida de São Vicente. Esse texto é a fonte de outros redigidos nos finais do século XV e inícios do século XVI, produzidos num contexto de reanimação do culto destes mártires. Relatam um milagre recente, coincidindo com a renovação quatrocentista do interesse pela vida dos mártires e pela recuperação do ideal de cruzada e da ideia de martírio, no contexto da expansão portuguesa. Também a emergência do culto a Nuno Álvares Pereira (Nuno de Santa Maria) pode ter suscitado a actualização dos milagres dos santos mártires de Lisboa pelas monjas que se haviam transferido para o convento de Santos-o-Novo, freguesia da Penha de França, nos finais do século XV, e que pretendiam salvaguardar o papel do mosteiro nos primórdios da Lisboa cristã. Os que iam ao santuário eram oriundos de freguesias próximas, mas não das proximidades do mosteiro de São Vicente de Fora. São sobretudo assinalados os milagres de curas, de protecção de tempestades, de pragas e da fome. – (B2-F1-F3-H7).

1309-11-GANDRA (Manuel J.), “Em torno do anjo Custódio de Portugal e de outras epifanias da hierarquia celeste no monumento de Mafra”, *Boletim Cultural*’04, Câmara Municipal de Mafra, p. 203-242, il., quadro.

Estudo preliminar que visa contribuir para o conhecimento do culto ao Anjo Custódio de Portugal no convento de Mafra, sede do concelho do mesmo nome. Descrição dos nove coros, ordens ou dignidades angélicas, nomeadamente dos arcanjos Gabriel, Miguel e Rafael e dos anjos custódios (privativos e colectivos, como o Anjo Custódio de Portugal). Levantamento de alguns exemplos de âmbito privativo e colectivo. O Anjo Custódio de Portugal é oficialmente comemorado em Portugal desde o início do século XVI, após pedido de Dom Manuel ao Papa, mas a devoção deverá ser mais antiga. A festa litúrgica foi marcada para o terceiro domingo de Julho (actualmente é no dia 10 de Junho) mas poucas localidades a instituíram. Roteiro dos itinerários do Anjo Custódio de Portugal composto por exemplos actuais e desaparecidos: igrejas, capelas e altares de igrejas, que lhe são ou foram dedicados, a prática

do culto, as imagens, pinturas, irmandades e procissões em vários lugares do país. – (C2-E3-H1-H2).

1310-11-GOMES (Jesué Pinharanda), “O convento do Carmo de Lisboa (miscelânea de histórias), *Comemoração dos 600 anos da fundação do Convento do Carmo: actas do colóquio comemorativo*, Lisboa, Associação dos Arqueólogos Portugueses, 1989, p. 37-57.

Notas sobre o culto ao Santo Condestável, beato Nuno de Santa Maria, em Lisboa, no decurso do ano e que começaram no ano da sua morte, estando entre elas a romaria no dia 24 de Junho em comemoração do nascimento. Transcrição de “chacoinas” (cânticos e dança mourisca executadas pelas mulheres com intenção apologética) dedicadas ao Condestável e representadas no cortejo da procissão do Corpo de Deus de Lisboa, em particular da chacoína de Frielas, concelho de Loures. Apontamentos sobre a passagem de São João da Cruz pelo convento do Carmo em 1585 e sobre as cerimónias e festejos verificados no convento a propósito da canonização de Santa Maria Madalena de Pazzi (Florença, 1566-1669) e de São João da Cruz (1727). – (B2-E3-E6).

1311-11-GONÇALVES (Vitor), “A devoção ao mártir São Sebastião: um olhar sobre a santidade, o martírio e a arte”, *Igreja do mártir santo S. Sebastião: núcleo museológico de arte sacra*, coordenação de NUNES (Graça Soares), Vila Franca de Xira, Câmara Municipal, 2001, p. 73-80.

A propósito da transformação da igreja de São Sebastião em Vila Franca de Xira, sede do concelho do mesmo nome, num museu de arte sacra, é dada uma nota sobre a origem do culto do santo, sobre a sua hagiografia e sobre o papel evangelizador da arte. – (B2-I3).

1312-11-HENRIQUES (António Meira Marques), “O culto das Onze Mil Virgens na igreja de São Roque”, *Cidade Solidária*, n.º 26, 2011, p. 124-133, il.

Notícia sobre a origem popular e histórica do culto das Onze Mil Virgens que seriam originalmente onze, transformado em onze mil por erro de um copista. O seu culto foi retirado do calendário litúrgico em 1969, embora se tenha mantido na lista oficial do martirólogo. O culto expandiu-se na Idade Moderna por acção da ordem das Ursulinas que provavelmente influenciaram a Companhia de Jesus quando esta se estabeleceu em Colónia (Alemanha), onde as santas foram martirizadas. Em Portugal, as primeiras relíquias foram oferecidas pelo imperador Maximiliano à rainha em 1517 e, mais tarde, um embaixador português junto de Carlos V trouxe para Portugal a cabeça de Santa Responsa e outras relíquias para as quais se construiu a capela das Onze Mil Virgens, adossada à igreja do convento de Santo António em Alcácer do Sal, sede do concelho do mesmo nome. Os colégios jesuítas em Portugal

começaram a receber relíquias a partir de 1544. O colégio jesuíta de São Roque em Lisboa, recebeu relíquias em 1568 e 1578-1587. Em 1588 realizou a denominada procissão do Recebimento para transportar as relíquias entre a Sé e a igreja de São Roque. Em reconhecimento da importância das relíquias localizadas na igreja de São Roque, o papa concedeu um jubileu no dia comemorativo das relíquias das Onze Mil Virgens (21 de Outubro). – (A5-C2-H7).

1313-07-LAVAJO (Joaquim Chorão), “João Cidade regressa a Montemor como S. João de Deus”, *Almansor: Revista de Cultura*, n.º 5, 2006, p. 53-72, il.

Notas sobre as manifestações de devoção a São João de Deus em Montemor-o-Novo, sede do concelho do mesmo nome, cidade de onde era natural. As origens do culto em Granada (Espanha) onde terá começado espontaneamente logo na apoteose que acompanhou o seu funeral em 1550. Em Montemor-o-Novo, a casa onde nasceu foi transformada em oratório no início do século XVII e, posteriormente, integrou a igreja erigida em sua honra. O processo de beatificação de João Cidade (São João de Deus) foi acelerado quando se detectou a incorruptibilidade do seu corpo, vindo a ser declarado beato em 1630. Ainda no século XVII foi construído um convento e um hospital. Menção de procissões em sua honra, de relíquias do santo e de ex-votos (mortilhas e muletas). Relatos das celebrações realizadas em Montemor-o-Novo a propósito da canonização (1691), que compreenderam uma parte de cortejo (Igreja Militante e Igreja Triunfante) e uma parte de procissão. – (C2-E3-H4-H7).

1314-07-LOURO (Henrique da Silva), *O culto do Anjo da Guarda de Portugal na arquidiocese de Évora*, Évora, Imprensa Moderna, 1974, 48 p., il.

Notas sobre várias manifestações do culto ao Anjo Custódio ou da Guarda de Portugal em Évora, Borba, Elvas, Fronteira, Estremoz, Redondo, Vila Viçosa, Vimieiro (concelho de Arraiolos) e Veiros (concelho de Estremoz) desde o século XVI. O culto manifesta-se em capelas próprias, em altares e capelas situadas em igrejas matrizes, na festa e procissão solene, nas imagens, nas pinturas e azulejos pintados, assim como em confrarias, nomeadamente na de Estremoz, cujos estatutos datados de 1625 são publicados. O culto do Anjo de Portugal foi incentivado pelos reis de Portugal, por exemplo o rei Dom Manuel I, que fixou o terceiro domingo de Julho para a comemoração do Anjo Custódio, com a mesma solenidade com que era feita a procissão do Corpo de Deus. – (C2-G1-H1-H2).

1315-11-MACHADO (José Pedro), *Ensaio sobre toponímia do concelho de Oeiras*, Oeiras, Câmara Municipal, 1980, 89 p., il.

Ensaio sobre a toponímia do concelho de Oeiras, com base no manuscrito inédito do século XIX intitulado *Memorial Histórico ou Colleção de Memórias sobre Oeiras*. Nele salientam-se diversas referências toponímicas

religiosas que reflectem o culto e devoção a Nossa Senhora da Boa Viagem, da Conceição, da Graça, da Piedade, da Purificação, de Porto Seguro e aos santos Amaro, António, Bruno de Colónia, Elói, Filipe, Gião (Julião), João Baptista, José, Lourenço, Marcos, Miguel Arcanjo, Pedro, Romão, Sebastião, Marta e Susana. Alusão a lugares de culto: os conventos da Cartuxa, fundado no século XVI e extinto em 1834, e de Santa Catarina de Alexandria; os cruzeiros que deram origem ao nome de localidades como Cruz de Oeiras, freguesia de Oeiras e São Julião da Barra, e Cruz Quebrada, na freguesia de Cruz Quebrada-Dafundo. – (C2-C6-D2).

1316-.-MARTINS (Fausto S.), “Devoção e culto a Santo António ‘lusitano’ na Companhia de Jesus: sécs. XVI-XVIII” p. 41-49. <https://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/3198.pdf>

Contribuição para o estudo da devoção a Santo António em lugares de culto afetos à Companhia de Jesus. Os colégios da Companhia de Jesus estavam situados em Coimbra, Lisboa, Évora, Elvas e Faro e promoveram o culto a Santo António nestas localidades, tendo como dinamizadores principais homónimos do santo. – (A5).

1317-07-MILHEIRO (Maria Manuela), “A festa da canonização de S. João de Deus”, *Almansor: Revista de Cultura*, n.º 5, 2006, p. 119-126, il.

Notas sobre a festa da canonização de São João de Deus em Roma e notícia das celebrações realizadas em Montemor-o-Novo, sede do concelho do mesmo nome, no ano de 1691. Nesta localidade, as manifestações processionais compreenderam elementos religiosos, profanos e mitológicos. – (E3).

1318-11-MOITA (Irisalva), “O culto de Santo António na região de Lisboa: subsídios para um inventário”, *O culto de Santo António na região de Lisboa*, responsável pelo catálogo e pela organização da exposição MOITA (Irisalva), Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa – Direcção dos Serviços Centrais e Culturais, 1981, 17-71, il.

Estudo do culto a Santo António através do inventário de igrejas paroquiais e não paroquiais, capelas e ermidas que lhe são dedicadas. São mencionados objectos de culto (imagens, pinturas) que representam o santo, datados sobretudo dos séculos XVII e XVIII, assim como algumas confrarias que o tem como padroeiro. Os lugares e os objectos de culto inventariados encontram-se localizados no distrito de Lisboa e nos concelhos do Barreiro, de Almada e do Seixal no distrito de Setúbal. – (C2-G1-H1-H2).

1319-11-MOITA (Irisalva), “Introdução”, *Catálogo da exposição iconográfica e bibliográfica comemorativa do VIII centenário da chegada das relíquias de São Vicente a Lisboa*, Lisboa, Câmara Municipal, 1973, 15-108 [122] p., il.

Estudo sobre São Vicente, padroeiro de Lisboa, e a expansão do seu culto em Portugal, que desenvolve os tópicos seguintes: São Vicente, o mártir de Valência, o significado da transladação das relíquias e o culto de São Vicente em Portugal; os reflexos do culto a São Vicente na arte e as diversas representações iconográficas do santo; as insígnias da transladação nas armas de Lisboa. Em quadros sinópticos é apresentada a irradiação do culto de São Vicente em Portugal: as paróquias de que é orago, os lugares de culto onde existe ou existiu culto, onde existem ou existiram relíquias, bem como os concelhos e as dioceses onde se localizam. A expansão do culto a São Vicente teve maior adesão entre os membros da aristocracia. – (C2-H1-H2-H7).

1320-11-MORAIS (Gabriela), *Lisboa guarda segredos milenares: Santa Brígida, uma deusa céltica no Lumiar*, Lisboa, Apenas Livros, 2011, 76 p., il.

Estudo sobre os culto a Santa Brígida na área de Lisboa que, segundo a autora, é uma cristianização de um culto celta legado pela cultura medieval. A construção das suas faculdades de milagreira: a relação de Santa Brígida com o mundo celta, como regeneradora e taumaturga, como protectora da agricultura, da pastorícia e das construções. Os vestígios de Santa Brígida em Lisboa, nomeadamente na igreja paroquial de São João Baptista, freguesia do Lumiar, onde existe a cabeça da santa trazida para Portugal em 1293 a pedido do rei Dom Dinis, que a mandou guardar no convento de Odivelas, sede do concelho do mesmo nome. Porém, quando foi levada para o convento desapareceu, só voltando a ser encontrada junto à igreja de São João Baptista, o que foi interpretado como sendo vontade divina que a relíquia ficasse nesta igreja. Hoje há na igreja um relicário datado de meados do século XVIII com um pedaço de osso de crânio. O culto desenvolveu-se e foi criada uma irmandade conhecida desde o século XVI. O caso de Santa Brígida é visto como um exemplo do culto das cabeças. Nota sobre o papel de Dom Dinis e da Rainha Santa Isabel sua mulher no fomento das festas do Espírito Santo e de Santa Brígida. No Lumiar, a festa realizava-se a 2 de Fevereiro com muita afluência de camponeses com os seus animais para os protegerem das doenças e do mau-olhado. Interpretação do retábulo pintado de Santa Brígida. – (B2-G1-H2-H7).

1321-11-NOBRE (Antero), aliás PORTUGAL (Hermínios, pseud.), *Breves apontamentos sobre S. Gonçalo de Lagos e o seu culto*, Faro, Tipografia “União”, 1962, 33 [2] p.

Breves apontamentos sobre São Gonçalo de Lagos (distrito de Faro) e o seu culto, que tratam dos seguintes aspectos: as principais fontes para o estudos gonçalinos, as características gerais e o valor da iconografia do santo, cujo túmulo se encontra em Torres Vedras, sede do concelho do mesmo nome, os diplomas pontifícios que o autorizam, o seu papel precursor como pedagogo, a

confusão entre os cultos de São Gonçalo de Lagos e de São Pedro Gonçalves Telmo. – (B2).

1322-07-NUNES (Natália Maria Lopes), “O santuário de S. Pedro em Portel: um exemplo de sincretismo religioso?”, *Revista Santuários: Cultura, Arte, Romarias, Peregrinações; Paisagens, Pessoas*, vol. 2, 2014, p. 145-149.

Estudo do santuário de São Pedro em Portel, sede do concelho do mesmo nome, onde a continuidade do espaço sagrado se terá perpetuado no tempo. Com base numa relação histórica datada do século XVIII, é dada uma notícia sobre duas ermidas e a confraria. Conhecidas desde o século XVI, constituem o santuário que teve a sua origem numa imagem milagrosa de São Pedro a quem são atribuídas várias curas. Os devotos retiravam pedaços da imagem levados como relíquias. A ermida possui uma fonte santa. Tentativa de explicação do culto como cristianização de outros cultos realizados no mesmo espaço sagrado, sendo por isso um exemplo de sincretismo religioso. O significado simbólico e místico de São Pedro. – (C3-F2-F3-G1).

1323-12-PEREIRA (Maria de Fátima Salgueiro), *Escusa: tradições, usos e costumes*, suplemento da *Ibn Maruán*, Lisboa – Marvão, Edições Colibri – Câmara Municipal de Marvão, 2011, 272 p., il.

Estudo sobre as tradições, usos e costumes das gentes da aldeia de Escusa, freguesia de São Salvador da Aramenha, concelho de Marvão. Descrição da igreja dedicada a Nossa Senhora da Estrela, que contém altares e nichos com as imagens do Menino Jesus, do Coração de Jesus, do Senhor dos Perseguidos, de Nossa Senhora da Estrela, da Conceição e das Dores, dos santos António, José e Domingos, Camilo de Lellis e Francisco de Assis. O ciclo festivo anual: as festas da padroeira Nossa Senhora da Esperança e de Santo António, o pedir no dia de Todos os Santos, o Natal, os Santos Populares, o serrar a velha e as maias. Descrição dos aspectos sagrados e profanos da festa de Santo António: a procissão, os leilões feitos com produtos das promessas, a trezena composta pela reza do terço; as rezas ao santo para encontrar coisas perdidas e os cânticos, nomeadamente hinos. Havia o costume de levar os recém-nascidos à capela de São João Baptista, onde as mães pediam protecção no altar da imagem de Santa Luzia. Transcrição de cânticos e jaculatórias a Nossa Senhora da Estrela, a Santa Luzia e a Santa Bárbara, entre outras. Notas sobre os usos e costumes do casamento e do enterro, assim como sobre a prática de encomendar as almas durante a Quaresma, sendo transcritos alguns cânticos. A festa do mês de Maria e da primeira comunhão em que eram oferecidas flores a Nossa Senhora e entoados cânticos. – (B4-D2-E4-E6).

1324-15-PEREIRA (Maria Teresa Lopes), “Feira e festas em Alcácer nos tempos tardo-medievais”, *Ordens militares: guerra, religião, poder e cultura*, Actas

do III Encontro sobre ordens militares, coordenação de FERNANDES (Isabel Cristina Ferreira), Lisboa – Palmela, Edições Colibri – Câmara Municipal de Palmela, 1999, vol. I, 193-200.

Notas sobre a feira e as festas de Alcácer do Sal, sede do concelho do mesmo nome, no século XV e inícios do século XVI. As festas principais eram realizadas em honra de São Tiago, patrono da vila que pertencia à Ordem de Santiago, e do Corpo de Deus. Compreendiam procissões, missas e manifestações profanas (touradas). Outras festas religiosas eram organizadas por confrarias em honra de São Pedro (dos pescadores), de São Vicente e de São Sebastião, esta organizada por uma confraria mista composta por homens e mulheres. – (E1-E3-G1-G4).

1325-15-PEREIRA (Maria Teresa Lopes). “Memórias e espaços de uma devoção urbana: o culto a S. Sebastião em Alcácer do Sal (séculos XV-XVI)”, *Lusitania Sacra*, vol. XXXV, 2017, p. 217-240, il.

Contribuição para o estudo da devoção a São Sebastião nos séculos XV e XVI em Alcácer do Sal, sede do concelho do mesmo nome, localidade que pertencia à Ordem de Santiago. Procura-se traçar os caminhos do culto nesta cidade e a sua relação particular, quer com os vestígios iconográficos que sobreviveram, em particular uma imagem de São Sebastião do início do século XVI, quer com um documento manuscrito alusivo a um surto de peste que grassou em Portugal em 1569. Nesse documento relaciona-se o surto da peste directamente com a devoção ao santo em Alcácer do Sal. Notícia das capelas em honra de São Lázaro, de São Roque e de São Sebastião. Esta remonta ao século XV e possuía uma irmandade que organizava o culto. A devoção ao santo fortaleceu o sentido de pertença e traduziu-se em gestos de fé, orações e rogos, pelos quais se procura captar e potencializar as virtudes taumatúrgicas da imagem do santo e das gotas de água que dela escorriam. Alguns testemunhos evocam ainda as memórias de anteriores surtos de peste, que também propiciaram o poder taumatúrgico e protector de São Sebastião, tal como os procedimentos comuns na defesa da vila face à possibilidade de novos contágios. Descrição dos rituais realizados em Alcácer do Sal por ocasião da peste de 1569. Notícia de que a imagem suou, tendo a água libertada curado vários doentes. Analisa-se também a eficácia com que as autoridades eclesiásticas controlaram e capitalizaram a fama da intervenção do santo, registaram os testemunhos e desenvolveram os rituais colectivos que enquadraram os acontecimentos, reafirmando a importância da mediação eclesial, apaziguando e unindo a colectividade pela sinalização do fim da peste. Nota sobre a inquirição eclesiástica do milagre colectivo e o controlo da memória do poder sobrenatural da imagem de São Sebastião, que foi narrado em autos (representações teatrais). A imagem do santo, hoje guardada com muita probabilidade na igreja paroquial de São Tiago, passaria

a segundo plano à medida que a sua funcionalidade deixou de ser socialmente reconhecida, pela rarefação e definitivo desaparecimento dos surtos de peste. A sua comemoração seria mantida nos festejos populares, mas alheada das aflições dos tempos em que a morte por peste grassava e ceifava muitas vidas. Contém um anexo documental com a transcrição da inquirição sobre os milagres atribuídos à intercessão de São Sebastião, ocorridos em Alcácer do Sal nos dias 22 e 23 de de Agosto de 1569. – (A5-C2-F3-H1).

1326-11-PORTUGAL (Hermínios, pseud.) aliás NOBRE (Antero), “Altars de S. Gonçalo de Lagos”, *Boletim do Grupo de Estudos Gonçalinos*, n.º 2, 1965, p. 7-8, il.

Notícia sobre o culto de São Gonçalo de Lagos, padroeiro de Lagos (distrito de Faro) e de Torres Vedras, sede do concelho do mesmo nome, onde faleceu em 1422. Um século depois da morte há notícia da existência das primeiras imagens do santo, mas é no último quartel do século XVIII que se erguem os primeiros altares, sobretudo depois de decretada a beatificação em 1778. Descrição do altar-túmulo do santo que está na igreja do antigo convento de Nossa Senhora da Graça em Torres Vedras, erecto em 1784 na sequência de um voto feito pelo príncipe Dom Pedro, após cura de uma chaga atribuída à intercessão de São Gonçalo de Lagos. O altar é o centro do culto da vila e região de Torres Vedras: celebração de missas, visita de numerosos fiéis ao túmulo que contém o cofre com os restos mortais de São Gonçalo. Menção da imagem de São Gonçalo. – (C7-F3-H1-H7).

1327-15-QUINTAS (Maria da Conceição), “Um santo, uma freguesia”, *Monografia da freguesia de S. Julião*, coordenação de QUINTAS (Maria da Conceição), Setúbal, Junta de Freguesia de S. Julião, 1993, p. 109-118,

Alguns dados sobre diversos aspectos da freguesia de São Julião, a mais antiga da cidade de Setúbal. Notícias sobre São Julião (mártir de Antioquia, casou com Bazilissa, mas ambos decidiram conservar a virgindade) e a irmandade das Almas fundada em 1589. Lista do santoral da paróquia e das festas em sua honra, desde Janeiro a Dezembro. Esta inclui sobretudo invocações de Nossa Senhora, como por exemplo Nossa Senhora do Parto, e de Jesus, assim como santos e santas, nomeadamente Santa Bazilissa. – (D2-D3-G2-H1).

1328-11-REMA (Henrique Pinto), “A piedade popular e Santo António”, *Cultura: Revista de História e Teoria das Ideias*, vol. X, 1998, p. 15-42.

Origem e desenvolvimento do culto e devoção a Santo António (advogado das coisas perdidas e dos casamentos), dito de Lisboa, onde terá nascido, ou de Pádua (Itália), onde morreu. As manifestações populares anteriores e posteriores à sua canonização (30 Maio de 1232), que incluem pregações e milagres, nomeadamente o do Santíssimo Sacramento e o da distribuição dos

pães aos pobres. O costume do pão de Santo António teve origem no episódio em que uma mãe aflita com a morte do filho promete dar uma porção de trigo igual ao peso do menino a determinado número de pobres no caso do santo o ressuscitar, vindo a cumprir a sua promessa. O pão bento é distribuído em algumas igrejas como a de Santo António em Lisboa, durante a trezena preparatória da festa de 13 de Junho. Durante a festa é ainda costume benzer as crianças e os lírios. Menção de elementos da iconografia antoniana: o hábito de franciscano, o livro na mão direita, a chama, o coração e o Menino Jesus na mão esquerda, o lírio, a açucena e a cruz. Refere-se que Lisboa, de que é padroeiro, tem três igrejas, trinta altares, vinte capelas, vinte e três ermidas, doze confrarias e irmandades, um hospício, três nichos e dois conventos dedicados a Santo António. – (C2-E2-F3-H1).

1329-11-ROLIM (José Assunção), *Casa de Santo António de Lisboa*, Braga, Editorial Franciscana, 1978, 64 p., il.

Obra de divulgação sobre o culto a Santo António, em particular na igreja da sua invocação em Lisboa desde o século XII ao século XX. Nela celebram-se em sua honra duas festas anuais: no aniversário da sua morte, a 13 de Junho, outra no dia da comemoração da sua trasladação, a 15 de Fevereiro. Santo António é visto pela população de Lisboa como padroeiro. Notas descritivas sobre a igreja e as sucessivas transformações. Ignora-se o ano em que a casa de Santo António foi convertida em igreja, contudo, um documento do século XV refere a existência de uma capela e de uma confraria em honra do santo, bem como a ocorrência de muitos milagres. O edifício actual remonta ao século XVIII por ter sido destruído o anterior pelo terramoto de 1755. A igreja foi fechada ao culto após proclamação da República e só reabriu em 1926. No interior há diversos altares do Santíssimo Sacramento, do Santo Cristo, do Espírito Santo, de Nossa Senhora da Conceição, das Dores e o retábulo pintado com a Vera-Efigie de Santo António. Menção da confraria de Nossa Senhora das Neves. Na cidadela de Cascais encontra-se uma imagem de Santo António com a patente de tenente-coronel. Lista de batalhas a que assistiu como padroeiro do Regimento 19 de Infantaria durante a Guerra Peninsular (1640-1668). A Casa de Santo António é administrada pela câmara de Lisboa e desenvolve acções de beneficência, essencialmente ligadas ao ensino e à assistência aos pobres, por exemplo a doação de um dote de casamento a uma órfã. Beneficiou também de alguns privilégios pontifícios e régios. – (E2-G1-H1-I3).

1330-11-SANTANA (Francisco), “Santo António na toponímia”, *Olisipo*, n.º 13, 2000, p. 138.

Reprodução de um texto do jornal *Correio Nacional* datado de 1895 que atesta a devoção a Santo António expressa na toponímia em Lisboa: uma

alameda, dois becos, uma calçadinha, uma estrada, um largo, um páteo, seis ruas, cinco travessas.

1331-11-SILVA (Álvaro da Cruz), “Religiosidade popular e suas práticas em torno de Santo António de Lisboa”, *Itinerarium*, n.º 213, 2015, p. 577-601.

Estudo sobre algumas práticas de piedade popular em honra de Santo António, padroeiro popular de Lisboa, na sua igreja nesta cidade. Descrição das práticas devocionais que compreendem a festa anual, os ritos e gestos individuais dos crentes, as peregrinações e visitas. Análise do livro de visitas com depoimentos analisados entre Setembro de 2008 e Setembro de 2009: as formas de tratar o santo, o predomínio das visitas individuais e com familiares, os pedidos (seguro de vida, objectos perdidos e achados, expressão de fé, de intercessão, pela irradicação de todos os males, a vida sentimental). Nos pedidos está reflectida uma economia da crença que instrumentaliza a fé como veículo de obtenção de favores.

1332-11-SILVA (Jaime de Oliveira Lobo e), *Anais da Vila da Ericeira (registo cronológico de acontecimentos referentes à mesma vila, desde 1229 até 1943)*, Mafra, Elo-Mafra, 1985, 155 p., il.

Notícia de acontecimentos referentes à vila da Ericeira, concelho de Mafra, desde 1229 até 1943, com informações sobre o culto a São Pedro, titular da igreja paroquial e padroeiro da freguesia, cujo círio (enorme vela de quatro a cinco arrobas) era acendido na igreja durante os actos do culto. Menção de outros lugares de culto: igrejas, capelas e cemitérios que invocam os santos André, António e Marta. Dados sobre a fundação da Santa Casa da Misericórdia e da sua irmandade em 1697, sediada na ermida do Espírito Santo, as confrarias de Nossa Senhora do Rosário, dos Homens do Mar e de São Sebastião. Alusão às procissões do Corpo de Cristo e do Santo Anjo (São Miguel Arcanjo). – (E3-G1-G2).

1333-11-SOTTOMAYOR (Appio), “Os 1700 anos do martírio de S. Vicente”, *Olisipo*, n.º 20-21, 2004, p. 124-131, il.

Nota sobre a comemoração dos 1700 anos do martírio de São Vicente, cultuado na cidade de Lisboa por influência do rei Afonso Henriques após a conquista da cidade aos mouros em 1147. Notícia hagiográfica do santo cujas relíquias vieram ter ao cabo de São Vicente na freguesia de Sagres (distrito de Faro) donde foram trazidas, em Setembro de 1173, para Lisboa por ordem do mesmo rei, ficando inicialmente na antiga igreja de Santa Justa e depois no novo mosteiro de São Vicente de Fora dos Cónegos Regrantes de Santo Agostinho, reedificado na freguesia do mesmo nome, nos princípios do século XVII. O santo é padroeiro da cidade e os símbolos que o acompanham (corvos) estão presentes na heráldica da cidade, nos estabelecimentos comerciais,

na freguesia com o seu nome, na toponímia, numa torre militar, nas festas (em Janeiro e em Setembro), no culto real e na iconografia. – (B2-E2-H7).

1334-11-SOTTOMAYOR (Appio), “Lisboa venera os seus mártires há 1700 anos”, *Olisipo*, n.º 19, 2003, p. 27-28.

Nota sobre a veneração do povo de Lisboa aos primeiros mártires da cidade, os jovens irmãos Veríssimo, Máxima e Júlia, cujo sangue foi vertido em 303 no tempo do governador romano Angelano. Os mártires chegaram a ter uma igreja em Santos-o-Velho, freguesia do mesmo nome, mas hoje tem apenas uma pequena capela na igreja do antigo convento de Santos-o-Novo, freguesia da Penha de França em Lisboa. – (C2).

1335-11-SOTTOMAYOR (Appio), *O poço da cidade: crónicas lisboetas*, Lisboa, Editorial Notícias, 1993, 2 vol., 225-229 p., il.

Crónicas soltas sobre as freguesias da cidade de Lisboa, desde a época clássica até aos nossos dias. Apontamentos sobre manifestações de culto dos seus habitantes expressos na toponímia das ruas, nas procissões, nas romagens e lugares de culto (igrejas paroquiais e não paroquiais, ermidas, capelas, mosteiros e conventos) dedicados ao Espírito Santo, ao Menino de Deus, à Santa Cruz, às Almas do Purgatório, aos santos Domingos, João Baptista, Francisco de Paula e Julião. O culto a Nossa Senhora em que se destacam as invocações Santa Maria Maior, Madre de Deus, da Assunção, da Bonança, da Caridade, do Monte, da Oliveira e dos Remédios. Outros cultos eram dedicados ao Corpo de Deus, aos santos Antão, Bartolomeu, Elói (padroeiro dos ourives), José, Martinho de Tours, Sebastião, Vicente, António, João Baptista, Pedro, Miguel Arcanjo e Santa Joana. Breve descrição de costumes associados ao culto dos mortos no dia de Todos os Santos. Nota sobre os cemitérios de Lisboa pertencentes a judeus, a católicos, a protestantes (inglês e alemão) e a muçulmanos. – (C2-C7-D2-D3).

1336-11-TEDIM (José Manuel), “Festas de S. Camilo de Lélis na igreja do hospital de Todos os Santos em 1747”, *Lisboa e a festa: celebrações religiosas e civis na cidade medieval e moderna: actas*, coordenação de VALE (Teresa Leonor), PEREIRA (Maria João Pacheco), FERREIRA (Sílvia), Lisboa, Câmara Municipal, 2009, p. 293-299, il.

Notas sobre as festas que se realizaram na igreja do hospital de Todos os Santos em Lisboa no ano de 1747, a propósito da santificação de São Camilo de Lellis, fundador da Congregação dos Clérigos Regulares, Ministros dos Enfermos, Ordem dos Camilos ou Padres da Boa Morte. Na igreja e sob o patrocínio do rei decorreu um oitavário cujas celebrações e aparato são descritos. Menção de outras celebrações da canonização realizadas em Lisboa na primeira metade do século XVIII.

1337-11-*A caminho de Santiago: peregrinação de jovens a Santiago de Compostela, 21 a 27 de Agosto de 1984 – diocese de Lisboa*, Lisboa, Cáritas Portuguesa, [D.L. 1984], 80 p.

O programa, o percurso e os preceitos diários a cumprir na peregrinação de jovens a Santiago de Compostela organizada pela diocese de Lisboa em 1984. São indicados os temas de reflexão para durante a peregrinação e transcritas as leituras da bíblia, as laudes, as orações, os responsórios e os cânticos da mesma. Transcrição de um discurso do papa em Santiago de Compostela (Espanha) pronunciado em 1984, no final da sua peregrinação. – (B3-B4-B5-D1).

1338-11-*Dom Nuno de Santa Maria: o santo*, coordenação de DUARTE PIO (duque de Bragança) [Lisboa], ACD, Editores, 2005, 51 [5] p., il.

Apologia do beato Nuno de Santa Maria visando a sua canonização. Nuno Álvares Pereira, nobre e fundador do convento do Carmo em Lisboa, é apresentado como modelo de misericórdia e de generosidade e como donato carmelita. O culto ao Santo Condestável traduziu-se em graças obtidas (curas, aparições com graças espirituais). Nuno Álvares Pereira foi beatificado em 1918, com festa litúrgica a 6 de Novembro. O culto das suas relíquias que percorreram Portugal em 1961. Em 2003 foi reaberto o processo de canonização. – (B2-F3-H7).

1339-11-*Exposição bibliográfica antoniana*, Estoril, Junta de Turismo da Costa do Sol, 1960, 31 p. il.

Catálogo de uma exposição bibliográfica antoniana realizada pela Junta de Turismo da Costa do Sol, freguesia do Estoril, concelho de Cascais, em 1960. Selecção e inventário de obras antonianas, portuguesas e estrangeiras, desde o século XVI até 1960, que compreendem obras de Santo António, bibliografia portuguesa e estrangeira, teatro e cinema. – (B1-B2).

D5 – Práticas nas peregrinações

1340-11-CASTELO BRANCO (Fernando), “D. Francisco Manuel de Melo e as festividades de São Mamede em Janas (Colares)”, *Boletim Cultural*, Junta Distrital de Lisboa, n.º 81, 1975, p. 85-98.

Referências histórico-culturais sobre as festividades que se realizavam desde o século XV até cerca de 1955, no dia 17 de Agosto, na ermida de São Mamede em Janas, freguesia de São Martinho em Sintra, sede do concelho do mesmo nome. Nelas destacavam-se o ritual do gado (bois, vacas, ovelhas, burros) que dava três voltas à ermida, sempre em sentido contrário ao dos ponteiros do relógio e que já se efectuava no século XV. A origem da romaria talvez tenha sido um culto pagão em honra da deusa Diana, que provavelmente aí

teria um templo sobre o qual foi erigida a ermida de São Mamede. O autor rejeita a tese de que a ermida de São Mamede, referida na obra do século XVII intitulada “A Visita das Fontes”, se localiza em Évora, considerando tratar-se da ermida de Janas. – (C2-D4).

E – FESTAS POPULARES E LINGUAGEM GESTUAL

E1 – Festas litúrgicas (Páscoa, Natal...)

1341-11-ALVES (Joana Lopes), *A linguagem dos pescadores da Ericeira*, Lisboa, Edição da Junta Distrital, 1993, 258 p., il., mapa.

Edição fac-similada de 1965 de um estudo etnográfico-dialectal sobre os pescadores da Ericeira, concelho de Mafra, com dados sobre as manifestações da piedade popular. São referidas as igrejas e capelas de Nossa Senhora da Boa Viagem e Santo António (antigamente foi a sede da corporação dos Homens do Mar), de São Sebastião e de Santa Marta. As festas litúrgicas compreendiam os dias de Todos os Santos e de Fiéis Defuntos, o Natal e a Páscoa, esta com as procissões de Domingo de Ramos, do Encontro e do Enterro na Quinta-Feira Santa, a visita do Santíssimo Sacramento aos doentes na Quinta-Feira de Ascensão. Outras festas realizavam-se em louvor de Nossa Senhora da Nazaré (de 17 em 17 anos), de Nossa Senhora da Boa Viagem (no terceiro domingo de Agosto), com procissão e bênção do mar, do Santíssimo Sacramento, de Nossa Senhora da Conceição (8 de Dezembro) e as dos santos Vicente e Sebastião (22 de Janeiro). – (C2-D2-D4-E3).

1342-11-AMARO (Ana Maria), “Do Natal ao São João’ em Janes da Malveira”, *Arquivo de Cascais: Boletim Cultural do Município*, n.º 9, 1990, p. 237-261.

Notas sobre práticas religiosas e profanas diversas das festividades que decorrem na freguesia da Malveira, concelho de Mafra, correspondentes ao período que vai de Dezembro a Junho. O ciclo do Natal comporta as festas de Nossa Senhora do Ó, a festa de Santo Estêvão, o Natal e os Reis. A Quaresma constitui um período intercalar que antecede o ciclo da renovação composto pelo Domingo de Ramos, Páscoa, Quinta-Feira da Ascensão e o Pentecostes. Finalmente, o ciclo joanino, que compreende os Santos Populares. Os costumes das janeiras, do enterro do Entrudo, a bênção dos palmitos no Domingo de Ramos, o ramo da espiga, o saltar da fogueira na noite de São João Baptista, entre outros. Transcrição de orações a Santa Bárbara. – (B3-D3-D4-E6).

1343-12-BARATA (José Pedro Martins), “Tradições religiosas em Montalvão e em Póvoa e Medas”, *Ethnos*, vol. VI, 1969, p. 49-157, il.; separata da revista *Ethnos*, vol. VI, Lisboa, 1970, 111 p.; *Nordeste Alentejano: etnografia, literatura*,

oralidades, arqueologia, história – Montalvão, Póvoa e Meadas, organização e coordenação de MORÃO (Ana Maria Paiva), Lisboa – Montalvão, Edições Colibri – Associação Cultural de Montalvão Vamos à Vila, 2017, p. 115-233, il.

Reedição do estudo sobre as tradições religiosas nas freguesias de Montalvão, concelho de Nisa, e de Nossa Senhora da Graça de Póvoa e Meadas, concelho de Castelo de Vide, com base na recolha de depoimentos orais que veiculam memórias do final do século XIX e início do XX. O autor atribui a decadência das tradições à implantação do regime republicano (1910), que proibiu as manifestações religiosas externas. Descrição das cerimónias e práticas da Quaresma, especialmente das procissões da Semana Santa (composição, itinerário), assim como das festas do Espírito Santo, do Corpo de Deus, do Santíssimo Sacramento, da Anunciação de Nossa Senhora, de Nossa Senhora da Conceição, e das celebrações do dia de Todos os Santos e do Dia de Finados. Notas sobre diversos cultos (a capela, as festas e suas práticas, nomeadamente procissões e voltas rituais) dedicados a Nossa Senhora dos Remédios e das Mercês, aos santos José, Silvestre, Marcos, aos Santos Populares (António, João Baptista e Pedro) e a Santa Margarida de Antioquia ou da Galiza (terceiro domingo de Setembro). Notícia sobre as extintas irmandades do Santíssimo Sacramento, de Nossa Senhora das Mercês, das Almas, de São Marcos e a da Misericórdia (a única que subsiste e que tem um papel importante nas cerimónias da Semana Santa), assim como da Venerável Ordem Terceira de São Francisco de Assis. Menção de imagens, designadamente, das imagens de roca que participam na procissão de São José e que representavam o Senhor Salvador do Mundo, o Senhor dos Passos e os santos Francisco de Assis, Ivo, Roque, Margarida de Cortona, Isabel, Rosa, Lúcio e Bona. Dados sobre as festas e práticas da vida religiosa individual e familiar: o tempo da oração, o baptismo, o casamento e a morte, descrevendo os ritos que acompanhavam a cerimónia de visita ao enfermo e a administração da extrema-unção, em que participavam a irmandade do Santíssimo Sacramento, o padre e elementos da população. Transcrição de diversos cânticos (letra e música) da Quaresma (por exemplo, o Terço Cantado, a Encomendação das Almas e as Alvíssaras) e das romarias, de quadras, de orações e das xácolas, romances de origem espanhola de temática sacra e profana compatíveis com a Quaresma. – (B4-D4-E3-E4).

1344-...-CID (Manuel), *Bibliografia de Etnografia Alentejana*, Évora, Presidência do Conselho de Ministros – Delegação Regional do Alentejo da Secretaria de Estado da Cultura, 1994, 183 p.

Bibliografia de etnografia do Alentejo (distritos de Portalegre, Évora, Beja e parte do distrito de Setúbal), publicada sobretudo até aos anos sessenta do século XX. A bibliografia reúne trabalhos sobre as festas cíclicas (Espírito Santo, Natal, Reis, Semana Santa, Santos Populares), os usos e costumes,

os ritos de passagem (casamento, nascimento, morte), os cânticos e orações, as romarias, as “superstições”, as crenças e os ex-votos. – (B3-B4-D2-E4).

1345-11-CLEMENTE (Manuel), “A festa do ‘Corpo de Deus’ no passado Nacional e Torriense”, *Turres Veteras VIII – História das festas*, Torres Vedras – Lisboa, Câmara Municipal – Edições Colibri, Instituto de Estudos Regionais e do Municipalismo “Alexandre Herculano”, 2006, p. 223-228.

Notas sobre a festa do Corpo de Deus, que compreendem a fundamentação bíblico-litúrgica, uma notícia da festa no passado nacional e de Torres Vedras, sede do concelho do mesmo nome, e a diferença do sentimento sócio-religioso que levou à reconsideração da festa até aos nossos dias. Notícia sobre a organização da procissão na Idade Moderna, onde era fundamental a participação de representações dos ofícios. O impacto das alterações socio-religiosas da Época Contemporânea na evolução da festa. – (D3-E3).

1346-11-COUTINHO (Maria João Pereira), FERREIRA (Sílvia), “Devoção e recreação: celebrações na igreja inaciana de S. Roque”, *Lisboa e a festa: celebrações religiosas e civis na cidade medieval e moderna: actas*, coordenação de VALE (Teresa Leonor), PEREIRA (Maria João Pacheco), FERREIRA (Sílvia), Lisboa, Câmara Municipal, 2009, p. 269-291, quadros.

Notas sobre as festas litúrgicas, fixas e móveis, que decorriam ao longo do ano na igreja jesuíta de São Roque em Lisboa. É realçada a importância e o papel das artes ao serviço dos ritos diários na referida igreja: os objectos artísticos envolvidos e o significado e relevância que acolhiam no seio da comunidade. Nas festas fixas, distinguem-se as de natureza mariana, as dos santos da Companhia de Jesus, dos santos mártires e as de natureza cristológica, assim como as dos santos padroeiros de vários ofícios. Nas festas móveis, destacam-se as festividades relacionadas com a Quaresma, a Páscoa, o Corpo de Deus e a Ascensão de Cristo. – (D2-D3-D4).

1347-11-GANDRA (Manuel J.), “Festividades e eventos cíclicos tradicionais do concelho de Mafra: o Pentecostes e o Império do Divino Espírito Santo”, *Boletim Cultural* 96, 1997, p. 85-104, il.

Estudos das festividades e eventos cíclicos tradicionais do concelho de Mafra com incidência no simbolismo do Pentecostes e no culto do Império do Divino Espírito Santo. No final do século XVI, eram muitos os hospitais e albergarias, conventos e capelas cujo orago era o Espírito Santo. Notícia sobre lugares de culto, como ermidas e igrejas, assim como sobre objectos de culto (imagens, tábuas, retábulos pintados) representando o Pentecostes, o Paraclito ou dedicados ao Espírito Santo, a Santo Amaro e a São José. Menção de diversas confrarias dedicadas ao Divino Espírito Santo, situadas em Sobral da Abelheira, concelho de Mafra, e Benavente (distrito de Santarém). Menção

de vários irmandades do Espírito Santo e da Misericórdia, assim como de outras em honra do Santíssimo Sacramento, do Divino Espírito Santo e de Nossa Senhora das Dores. – (C2-G2-H1-H2).

1348-11-GANDRA (Manuel J.), “Festividades e eventos cíclicos tradicionais do concelho de Mafra: Quaresma e Páscoa”, *Boletim Cultural* '95, Câmara Municipal de Mafra, p. 95-120, il.

Contribuição para um inventário das festividades e eventos cíclicos tradicionais, extintos ou ainda em vigor, do concelho de Mafra, no período da Quaresma e sobretudo durante a Semana Santa. Notas sobre as práticas e cerimónias seguintes: sermões, cânticos, procissões do Encontro, da Cinza, da Penitência, do Senhor dos Passos, dos Fogaréus, do Enterro, da Ressurreição, das Sete Dores de Nossa Senhora e dos Santos Terceiros Franciscanos. Os costumes da imposição de cinzas, do jejum, de benzer-se a casa atrás da porta com os ramos. As festividades litúrgicas eram acompanhadas de vários eventos, alguns dos quais profanos, como jogos e festas com origem pagã, por exemplo, a Serração da Velha, com cortejo realizado na noite de quarta-feira da terceira semana da Quaresma, onde se “mata a velha” (Inverno) para dar lugar à menina (Primavera), a dos Merendeiros no dia de Santo Isidoro de Sevilha (domingo mais próximo de 11 de abril e, hoje, no domingo de Pascoela) e as maias. Outras festas e procissões anuais eram dedicadas a Nossa Senhora da Lapa, do Cabo (Espichel, freguesia do Castelo em Sesimbra), aos santos José (19 de Março), Joaquim (20 de Março), Bento (21 de Março), Simão (24 de Março) e às santas Eulália (12 de Fevereiro), Eufémia, Quitéria (em Meca, concelho de Alenquer) e Rita de Cássia (ambas a 22 de Maio). Em Maio ocorriam a festa da Invenção da Santa Cruz e a procissão das Ladainhas ou das Rogações, a implorar a bênção dos campos. A Ordem Terceira de São Francisco de Assis ou da Penitência foi restabelecida sob protecção real em 1736 e extinta em 1866. Lista dos membros da Ordem Terceira que faziam parte da procissão. Esta integrava as imagens do Salvador do Mundo, do Senhor Morto, de Nossa Senhora da Soledade, dos santos Francisco de Assis, Roque, Ivo, Luís, rei de França e das santas Margarida de Cortona, Rosa de Viterbo e Rainha Santa Isabel. – (D4-E3-E6-G2).

1349-12-RALO (José António Carrilho), *Recordações da aldeia*, Castelo de Vide, Câmara Municipal, 1995, 145 [3] p.

Memórias do autor sobre a freguesia de Nossa Senhora da Graça de Póvoa e Meadas, concelho de Castelo de Vide. Notas sobre as cerimónias, os usos e costumes das festas da freguesia em que participou: as litúrgicas (Páscoa e Natal), as de São Marcos (25 de Abril), de Santa Margarida de Antioquia ou da Galiza (terceiro domingo de Setembro), de Nossa Senhora da Conceição (Dezembro), de São Silvestre (domingo de Pascoela), de São Martinho

de Tours, de São Pedro e de São João Baptista. Alusão às irmandades do Santíssimo Sacramento, de São Marcos e de Santa Margarida de Antioquia ou da Galiza. – (D2-D3-D4-G1).

1350-11-SILVEIRA (João), “Esplendor e luz: a piedade mafrense na noite da ceia do Senhor”, *Mafra Sacra: memória e património*, coordenação de HENRIQUES (Tiago), Sintra – Mafra, Zéfiro – Real e Venerável Irmandade do Santíssimo Sacramento da Paróquia de Santo André de Mafra, 2017, p. 409-420, il.

Notas sobre as práticas de piedade da Semana Santa em Mafra, sede do concelho do mesmo nome, nomeadamente a exposição do Santíssimo Sacramento na Quinta-Feira Santa, a missa e a procissão, assim como a visita dos fiéis à igreja paroquial. – (D3-E3).

1351-11-SANTOS (Piedade Braga), RODRIGUES (Teresa), NOGUEIRA (Margarida Sá), *Lisboa setecentista vista por estrangeiros*, Lisboa, Livros Horizonte, 1996, 102 p., il.

Caracterização da cidade de Lisboa a partir dos relatos de viagens de autores estrangeiros, que contém uma breve nota sobre as práticas da vida religiosa: a festa litúrgica do Natal e as procissões da Quaresma (8). Estas eram as procissões de Quarta-feira de Cinzas, as que se realizavam todas as sextas-feiras da Quaresma até à Páscoa, a festa do Espírito Santo e a procissão do Corpo de Deus; os usos e costumes associados à vivência e encenação da morte. – (E3-E4).

1352-11-TELES (Jorge de Campos), *A Paixão de Cristo na devoção popular lisboeta*, Lisboa, Editora Rei dos Livros, 1999, 160 p., il.

A paixão de Cristo na devoção popular dos habitantes de Lisboa tem-se expressado em imagens e nas procissões do Senhor dos Passos e da Semana Santa. Notas históricas e descrição da procissão do Senhor dos Passos (iniciada pelos franciscanos), que se realizava em diversos domingos da Quaresma: os percursos, as paragens em cada um dos sete momentos da paixão de Cristo, onde tinham sido armadas estruturas temporárias que se destinavam à devoção quaresmal. Elementos históricos sobre as procissões da Semana Santa em Lisboa: as procissões dos Ramos, do convento da Madre de Deus, do Triunfo ou dos santos nus (no Domingo de Ramos, nome deriva da nudez dos santos), do Mandato (Quinta-Feira Santa, dia da reconciliação dos penitentes públicos), da Via-Sacra (14 estações), do Enterro do Senhor (8 exemplos) e a do Regresso de Nossa Senhora. Dados sobre as várias procissões do Enterro do Senhor em Lisboa, que começaram nos finais do século XV ou inícios do XVI. Os lugares de culto da cidade de Lisboa onde há imagens, pinturas e vitrais com a representação do Senhor dos Passos, do Calvário (Cristo, Virgem, São João Evangelista e Maria Madalena), do Senhor Morto, de Nossa Senhora

das Dores e Nossa Senhora da Piedade. Os costumes da Queima de Judas e do Enterro do Bacalhau são também referidos. A influência do liberalismo (extinção das ordens religiosas em 1834) e da República (proibições e restrições de uso do espaço público para fins religiosos entre 1910 e 1926) nos percursos e na evolução da procissão do Senhor dos Passos. – (D3-E3-H1-I3).

1353-11-*Do que ainda ouvi falar (contributos para a memória da aldeia de Terrugem – Elvas)*, Terrugem, Junta de Freguesia, [D.L. 2013], 245 [2] p., il., mapas.

Recolha de testemunhos sobre a freguesia de Terrugem, concelho de Elvas, que dão informações sobre acontecimentos e práticas da vida religiosa passada ou em vias de cair no esquecimento. Notas sobre os principais momentos da Semana Santa, a festa de Santo António, a romaria ao Senhor Jesus da Piedade em Elvas e algumas práticas do Natal. O costume das aleluias consistia num grupo de jovens ir tocar o sino e depois percorrer vários espaços da freguesia, recebendo guloseimas e alimentos. Havia também os costumes da Serração da Velha e do toque das Trindades. Transcrição de cânticos e rezas praticados na Semana Santa e de uma oração a Santa Bárbara. Autor do projecto MAGARREIRO (César), recolha de INFANTE (Luís). – (B3-B4-D3-E6).

1354-11-*Solenidade do Corpo de Deus: guia litúrgico da missa e procissão*, Lisboa, Patriarcado de Lisboa – Paróquia de N. S.^a do Carmo, 2001, 20 [1] p., il.

Guia litúrgico da missa e procissão do Corpo de Deus de Lisboa, que no ano de 1961 decorreu na freguesia do Lumiar. Compilação de leituras, orações e cânticos da eucaristia e dos cânticos da procissão. Menção de alguns locais do itinerário da procissão. – (B3-B4-E3).

E2 – Festas do padroeiro

1355-11-BOTURÃO (Júlio de Oliveira), “São Vicente o padroeiro da cidade de Lisboa”, *Revista Municipal*, Câmara Municipal de Lisboa, n.º 95, 1962, p. 11-24, il.; n.º 98, 1963, p. 51-86, il.; n.º 101-102, 1964, p. 17-44, il.; n.º 108-109, 1966, p. 67-74, il.; n.º 110-111, 1966, p. 31-40, il.; n.º 114-115, 1967, p. 7-19, il.; n.º 116-117, 1968, p. 21-32, il.; n.º 118-119, 1968, p. 23-38, il.

Contribuição para o estudo da origem e evolução do culto a São Vicente, mártir do século III, natural de Saragoça, padroeiro de Lisboa, festejado a 22 de Janeiro, e a sua divulgação na Península Ibérica, França e Itália. Descrição de vários episódios da vida e morte do santo, nomeadamente a prisão, o mártirio em Valência, o milagre da cura na prisão após aparição de luz celeste, a conversão dos guardas e ainda as lendas associadas à preservação do corpo do mártir, principalmente a que se refere aos corvos. Relato da trasladação das relíquias do Cabo de São Vicente, freguesia de Sagres (distrito de Faro)

para a igreja de Santa Justa em Lisboa e depois para a Sé de Lisboa, no século XII. Estudo sobre as relíquias e relicários do santo, com referência a um auto de exame das relíquias e aos pergaminhos que as autenticam e que haviam desaparecido durante o terramoto de 1755. Notícia de festas e manifestações populares em honra do santo padroeiro por ocasião da trasladação das relíquias e do achamento das mesmas, entre outras. Transcrição de algumas orações que invocam São Vicente, utilizadas quando se amassa o pão. Referência a elementos iconográficos do santo mais frequentes em Espanha, França e Portugal. São mencionadas gravuras, painéis e imagens alusivas a passos da vida do santo, nomeadamente a sua ordenação como diácono por São Valeriano. A propósito da missa celebrada por altura da chegada das relíquias, faz-se análise ao rito da missa moçárabe (estabelecido no 4.º Concílio de Toledo em 633, que se manteve na Península em certos casos até cerca do século XI). – (B2-D4-H1-H7).

1356-11-BRITO (António Fialho de), *Lisboa de Santo António*, Lisboa, ICEP-IPM, 1996, 83 p., il.

A devoção a Santo António, padroeiro de Lisboa, nesta cidade e nos seus arredores, concretizou-se em lugares, objectos e celebrações ligados à vida de Santo António e ao seu culto, datados dos séculos XII a XX. Notícia de igrejas, ermidas, conventos e mosteiros relacionados com o santo e dedicados ao Menino Deus, à Santa Cruz, a Santa Maria Maior, a Nossa Senhora de Belém, à Madre de Deus, a Nossa Senhora do Loreto, aos santos Estêvão, João Baptista, Miguel Arcanjo, Roque, Vicente, Catarina de Alexandria e ao próprio Santo António. Menção de imagens, pinturas e azulejaria que representam o santo e os seus milagres, assim como de relíquias. Nota sobre a evolução e variedade da iconografia de Santo António. Descrição das tradições sagradas e profanas que caracterizam as festas de Santo António nos dias 12 e 13 de Junho em Lisboa, nomeadamente as marchas e os tronos. Breve biografia de Santo António. – (C2-E6-H1-H2).

1357-.-CABRAL (Elizabeth), “Santo António Popular: devoção e festa”, *O Santo do Menino Jesus: Santo António, devoção e festa – catálogo*, Lisboa, Instituto Português de Museus – Instituto de Comércio Externo Português, 1995, p. 19-21.

Nota introdutória do catálogo da exposição intitulada Santo António, devoção e festa realizada em Lisboa em 1995 que, através de diversos objectos de culto, ilustra a riqueza das práticas devocionais a Santo António considerado pelo povo o padroeiro da cidade. Estas exprimem-se através das imagens, das alminhas, dos tronos, dos ex-votos, do uso de medalhas, de imagens em papel, como por exemplo folhetos e rótulos, assim como de manifestações festivas. Referência a uma imagem do santo encontrada num pinhal próximo da freguesia de Valezim (distrito da Guarda) que, conforme a tradição local, foi atirada

fora por uma rapariga descontente por não ter sido ouvida nas suas preces. Alusão ao pão de Santo António que pode ter uma forma antropomórfica em Vila Nova de Gaia (distrito do Porto) ou de pequenas bolas embrulhadas em papel de seda com a figura do santo em Lisboa. – (H1-H4-H5-H6).

1358-11-CAMACHO (Clara Frayão), “Festas, romarias e arraiais”, *Festas, romarias e arraiais*, Vila Franca de Xira, Museu Municipal, 1993, p. 11-45, il., quadros. Apresentação da exposição Festas, romarias e arraiais organizada pelo Museu Municipal de Vila Franca de Xira em 1993 e dividida em três módulos: as festas cíclicas, as festas locais, a festa e a vida moderna (com informações sobre as festas a partir dos anos 60). Memória das festas no passado e o seu lugar na actualidade. Entre outras, referem-se as festas litúrgicas e romarias em honra ou não do padroeiro e procissões do Senhor Jesus Cristo, freguesia de Alhandra, do Senhor Jesus da Boa Morte (em Povos, Vila Franca de Xira), do Corpo de Deus, de Nossa Senhora da Piedade e do Bom Sucesso (Alverca do Ribatejo), dos Remédios, do Rosário (Vila Franca de Xira), do Tojo e da Barroquinha (Castanheira do Ribatejo). São mencionadas as confrarias e irmandades do Senhor dos Passos, do Santíssimo Sacramento, de Nossa Senhora do Monte Carmo, da Assunção e de São Pedro. Transcrição do calendário festivo religioso do concelho no ano de 1993 e de um quadro com as festas religiosas do concelho de Vila Franca de Xira de 1888 a 1907. Os costumes populares do Enterro do Bacalhau, do dia da espiga (Quinta-Feira da Ascensão) e do Enterro do Chouriço (Entrudo). – (E1-E3-E6-G1).

1359-12-CEBOLAS (Manuel Nunes), “Nossa Senhora das Dores e os três devotos”, *Ibn Maruán: Revista Cultural do Concelho de Marvão*, n.º 3, 1993, p. 85-88, il. Nota sobre o culto a Nossa Senhora das Dores, padroeira de Porto da Espada, freguesia de São Salvador da Aramenha, concelho de Marvão, que substituiu, desde 1836, a tradicional padroeira Nossa Senhora da Orada, o que provocou grande polémica entre o povo. As festividades mantiveram-se na data antiga, último domingo de Agosto, com grande brilho e participação sobretudo durante as décadas de quarenta e cinquenta do século XX. Na festa de 1946, três devotos com o mesmo nome (Manuel) e a mesma idade (dezoito) conheceram-se e ficaram amigos, não conseguindo porém transportar o andor de Nossa Senhora na procissão como era sua intenção. Um dos três, o autor, transcreve uma poesia dedicada a Nossa Senhora e fornece pormenores de práticas desta romaria. – (A5-B1-D2).

1360-11-CORREIA (Eugénia), FERREIRA (Miguel de Sousa), “Apontamentos para o estudo das festividades em Loures”, *Aspectos religiosos e profanos das festas populares em Loures, exposição de etnografia 23 de Julho a 18 de Outubro*, Loures, Câmara Municipal de Loures, 1993, p. 47-80, il.

Apontamentos para o estudo das procissões de diversas localidades das freguesias de Loures, de Unhos, da Bobadela e de Sacavém, todas do concelho de Loures, em honra dos padroeiros: o Senhor Jesus dos Desamparados (Agosto), Nossa Senhora da Apresentação (1.^a semana, Setembro, já foi em Novembro), da Paz (3.^a semana de Janeiro), dos Remédios e Santa Petronilha (virgem e mártir romana, século I) ou “Petronila” (31 Maio, actualmente a festa realiza-se em Agosto). São referidas outras procissões em honra de Nossa Senhora de Fátima, do Rosário, da Saúde e a da Profissão de Fé das crianças da freguesia de Unhos que se faz no dia do Corpo de Deus. Descrição de aspectos da organização processional, da missa campal, do percurso, das visitas e da festa profana. Referência aos guiões, estandartes e andores que levam imagens dos padroeiros ou que figuram, por exemplo, o Menino Jesus, o Coração de Jesus, Nossa Senhora da Ajuda, da Conceição, de Fátima, de Lurdes, da Saúde, dos Remédios e do Rosário, assim como os santos António, João Baptista, Joaquim, José, Pedro, Sebastião, Silvestre, Ana, Filomena e Teresinha do Menino Jesus. Em anexo, contém programas e cartazes de festividades. – (D2-D3-D4-E3).

1361-11-COUTINHO (Joaquim), “O lazer em Paço de Arcos: apontamentos sobre o rio e as regatas para o seu conhecimento”, *III-IV Encontros de história local do concelho de Oeiras*, Oeiras, Câmara Municipal, 2000, p. 59-83.

Apontamentos sobre o lazer na freguesia de Paço de Arcos, concelho de Oeiras, com dados sobre a vida religiosa desde o século XIX até à actualidade. Notícia sobre a ermida do Senhor Jesus dos Navegantes (1670), padroeiro da freguesia, e sobre as origens do culto, provavelmente iniciado pelos pescadores oriundos de Ílhavo (distrito de Aveiro). A capela é desde o século passado o centro das festas do titular (final de Agosto, início de Setembro) e de São Sebastião (início de Outubro). Na procissão de São Sebastião ia um andor com a imagem de Nossa Senhora das Ondas. A festa do Senhor Jesus dos Mareantes engloba a missa, a procissão, a bênção das medalhas e dos barcos, o bodo e jogos. Os andores da procissão levam o padroeiro, o Menino Jesus, Nossa Senhora da Bonança, de Fátima e São Sebastião. No início do século XX, integravam-se na procissão as irmandades do Santíssimo Sacramento, de Nossa Senhora das Dores e de São Sebastião, assim como o círio de Nossa Senhora do Cabo (Espichel, freguesia do Castelo em Sesimbra). Com o advento da República (1910-1926), a festa foi interrompida até 1928. Neste ano surgiu um conflito entre os paroquianos e o pároco, que recusava autorizar a procissão. – (A5-D4-E3-G1).

1362-15-DIAS (Francisco de Almeida), GRAÇA (Luís Maria dos Santos), *Montijo: festas populares do concelho / Montijo: popular festival*, Montijo, Câmara Municipal, 2000, 132 p., il.,

Edição bilingue (português-ínglês) de umas notas e reportagem fotográfica sobre as principais festas do concelho do Montijo. A festa de São Pedro, padroeiro da cidade do Montijo e em particular da comunidade de pescadores, remonta a 1856 e foi relançada a meados do século XX: primeiro consistia na procissão e no costume de lavar a cara junto à capela do Senhor dos Aflitos e depois foram acrescentadas a procissão nocturna e a procissão fluvial com a imagem do santo, assim como o arraial profusamente decorado. A romaria de Nossa da Senhora da Atalaia (último domingo de Agosto) realiza-se na freguesia do mesmo nome. É a mais antiga do concelho, nela participando romeiros de Palmela e Sesimbra, sedes dos concelhos do mesmo nome. Os círios dão três voltas ao cruzeiro do santuário com a imagem e a bandeira, que é leiloadada na segunda-feira seguinte, e participam na procissão geral. A festa em honra de Nossa Senhora da Oliveira (início Setembro), na freguesia de Canha, em que se destaca a procissão. – (D2-D4-D5-E3).

1363-11-DIAS (M. Isabel Rosa), *Culto e memória textual de S. Vicente*, dissertação de doutoramento em Literatura e Cultura Portuguesa apresentada à Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade do Algarve em 2003, 293 p., dactilogr. (consultável na Biblioteca Nacional de Portugal); versão revista com o título *Culto e memória textual de S. Vicente em Portugal (da Idade Média ao século XVI)*. <http://hdl.handle.net/10400.1/1701> (consultada em 18-07-2018).

Estudo sobre o culto de São Vicente, padroeiro de Lisboa, em Portugal, através de textos muito variados: hagiografias para uso litúrgico e reflexão piedosa, textos hagiográficos de proveniência régia e eclesiástica. A Sé de Lisboa constitui o principal foco de irradiação e de institucionalização do culto ao longo da Idade Média baseado nos *Miracula S. Vicentii* de mestre Estêvão, datados de finais do século XII. A consolidação da memória histórica e simbólica deveu-se à acção dos monarcas da primeira e segunda dinastias. O culto a São Vicente enfraqueceu no decurso do século XVI e o seu túmulo deixou de ser associado a milagres e destino de peregrinações, sendo substituído por Santo António na atenção popular. Em contrapartida, a historiografia insistia na retransmissão da memória da estreita ligação de São Vicente a acontecimentos emblemáticos da história nacional. Em anexo são reproduzidos textos hagiográficos e históricos sobre São Vicente. – (A2-B1-B2-D4).

1364-11-FERNANDES (Joaquim dos Santos), *Memórias de Linda-a-Velha*, 2.^a edição, Lisboa, Pena Longa Editores, 2009, 112 p., il.

Nova edição (primeira data de 1998) aumentada das memórias do autor sobre a freguesia de Linda-a-Velha, concelho de Oeiras, na segunda metade do século XIX, algumas das quais tratam de temas de piedade popular. Descrição das festas de Nossa Senhora do Cabo (Espichel, freguesia do Castelo em Sesimbra): os aspectos religiosos compreendiam missas, procissão, bodo aos

pobres. Notícia sobre a origem do culto a Nossa Senhora do Cabo, padroeira de Linda-a-Velha, e a Nossa Senhora do Amparo. O culto a Nossa Senhora do Amparo ganhou importância a partir do terramoto de 1755 quando, perante a iminência do desabar do tecto sobre as pessoas que assistiam à missa, estas apelaram à protecção de Nossa Senhora do Amparo, que evitou o desastre. Em sinal de gratidão foi feito o voto de transportar a imagem em procissão todos os domingos de Pascoela. Menção de outro milagre de Nossa Senhora do Amparo que salvou um homem de morrer afogado. – (D2-F3-E3).

1365-.-FALCÃO (José da Costa Oliveira), *O mártir São Vicente e a sua liturgia: resumo histórico, exame de textos litúrgicos*, Lisboa, Serviços Gráficos da Liga dos Combatentes, 1974, 57 [3] p., quadros.

Segunda edição (primeira em 1957) do estudo analítico e comparativo sobre a evolução dos textos litúrgicos relativos ao culto de São Vicente, padroeiro de Lisboa, desde o século VIII, referindo as mudanças verificadas nas missas, officios religiosos, orações, responsórios e hinos das celebrações dedicadas ao santo, nomeadamente na festa (22 de Janeiro) e nas comemorações da trasladação das relíquias (15 Setembro), que se realizavam nas dioceses do Algarve e de Lisboa. Na reforma litúrgica que resultou do Concílio Vaticano II, São Vicente volta a ter celebração exclusiva depois de a ter partilhado com Santo Anastácio. Dados para uma hagiografia do santo. O culto em África e a sua propagação no Ocidente cristão nos séculos V-VI. A trasladação do corpo ao longo dos séculos VIII a XII, num percurso iniciado em Valência (Espanha), passando por Sagres (distrito de Faro) e depois até Lisboa. – (B2-B3-B4-H7).

1366-11-GUAPO (Ana Isabel dos Santos Rodrigues), “Romaria de Santa Quitéria de Meca”, *Boletim Cultural*, Assembleia Distrital de Lisboa, n.º 91, t. 1, 1989, p. 83-124, il.

A romaria de Santa Quitéria, padroeira da freguesia de Meca, concelho de Alenquer, realiza-se no primeiro domingo depois do dia da santa (22 de Maio). Compreende as seguintes celebrações e práticas: missa celebrada na igreja por três padres e procissão; após a procissão, já dentro da igreja, e depois de encerrada a cerimónia, são depositados ex-votos pintados, de cera e velas, junto do andor com a imagem milagrosa; no dia seguinte, procede-se à cerimónia de bênção do gado enfeitando-se, conforme o costume, pessoas e gado com um nastro cor-de-rosa. Transcrição de cânticos habitualmente executados pelos círios à santa. No concelho de Alenquer há diversas práticas populares, nomeadamente, o pintar e cantar dos “Reizes”: um grupo de rapazes vai pintando de porta em porta, a vermelho e a azul, os símbolos de votos de felicidade para o novo ano, ao mesmo tempo que são entoados os tradicionais cantares alusivos à visita dos Reis Magos; em Maio, no dia da Bela Cruz, são enfeitados os cruzeiros, portões, currais, cancelas de hortas,

portas e janelas com cruces de flores. Alusão às imagens de altar de Nossa Senhora da Conceição, das Dores, dos santos Domingos, Miguel Arcanjo e Sebastião. – (B4-D5-E3-E6).

1367-12-HEITOR (Laureano Durão), MATA (Maria de Jesus da), PEREIRA (Fernanda Maria), *Gavião antigo: no tempo dos nossos avós*, Lisboa – Gavião, Instituto de Inovação Educacional – Escola C+S de Gavião, 1995, 62 p., il.

Notas sobre a freguesia do Gavião, sede do concelho do mesmo nome, que contém breves informações sobre o culto à padroeira Nossa Senhora dos Remédios, com festa e procissão que se realizam em Setembro. A sua capela foi construída em 1716. Outras procissões mencionadas são dedicadas às Santas Relíquias e a São Marcos, levando esta última alguns bois. Transcrição de um Pai Nosso Pequenino e de uma oração a São Gregório Magno rezada em dia de trovoadas. – (B3-D2-E3).

1368-11-KRUS (Luís), CALDEIRA (Arlindo), *8.º Centenário do Nascimento de Santo António*, coordenação de MATTOSO (José), Lisboa, Clube Coleccionador dos Correios, 1995, 106 p., il.

A propósito do oitavo centenário de Santo António, são tratados e profusamente ilustrados os aspectos seguintes: a pessoa, o frade, o culto em Portugal e particularmente em Lisboa, assim como a transfiguração do culto eclesial pela piedade popular, conferindo-lhe atributos que o individualizam. Dados sobre o santo como pessoa e como frade. Notas sobre o culto do santo na cidade de Lisboa, de que é padroeiro, a sua vida histórica, a legitimação, construção e evolução do culto religioso, quer pelas autoridades religiosas e políticas, quer pela devoção popular. Referência a episódios identificadores do carácter nacional e popular da devoção antoniana como o “milagre dos sinos” da cidade que tocaram em unísono quando foi recebida a notícia da canonização do santo; o sinal miraculoso na procissão de acção de Graças pelo 1.º de Dezembro de 1640 (Restauração da Independência), em que um dos braços da imagem de Cristo se desprende no momento em que passa junto da igreja dedicada ao santo. Transfigurações e sincronias associadas à imagem do santo: a imagem austera do frade pregador que se vai, ao longo do tempo, contrapondo à imagem, mais humanizada, do padre bonacheirão ou do Sant’Antoninho, o miraculoso com poder para recuperar as coisas perdidas e a quem se reza o responso ou responsório (oração laudatória e invocatória, dita ou cantada por um e repetida pelos acompanhantes), assim como o santo casamenteiro invocado nas práticas divinatórias e propiciatórias relacionadas com o casamento. A narrativa é ilustrada com vários objectos de culto representativos de passos da vida, obra, milagres, atributos e função propiciadora do santo, designadamente, imagens, pinturas, painéis de azulejo, tronos, gravuras, cartazes, bilhetes de lotaria, selos, bem como algumas

estatuetas que atestam complexos processos de aculturação, que se traduzem em curiosas representações do santo. – (F2-H1-H2-H5).

1369-LUÍS (Marco), *Com São Pedro no Seixal: a razão da festa*, Seixal, Paróquia de Nossa Senhora da Conceição, 2011, 71 p., il.

Nota sobre o significado da festa de São Pedro, padroeiro do Seixal, sede do concelho do mesmo nome. Conjunto de escritos sobre São Pedro elaborados pelo papa Bento XVI, pelo pároco e por alguns paroquianos com fins catequéticos. Transcrição de uma ladainha e de uma oração de São Pedro. – (B3-B5).

1370-11-MOITA (Irisalva) “Do culto e das festas de Santo António em Lisboa”, *O Santo do Menino Jesus: Santo António, devoção e festa – catálogo*, Lisboa, Instituto Português de Museus – Instituto de Comércio Externo Português, 1995, p. 23-34, il.

Origem e evolução do culto a Santo António na cidade de Lisboa desde o século XIII. A devoção da família real, a acção da câmara municipal e a contribuição do povo de Lisboa para a consolidação do culto ao santo, considerando-o seu padroeiro. Análise de alguns dos principais atributos conferidos pela devoção popular: o santo protector do amor e do casamento, das casas, das famílias e da cidade, como o comprovam os oratórios e nichos junto de portas ou escavados nas paredes de entradas e saídas da cidade; o medianeiro das Almas do Purgatório; o santo com poderes mágicos auxiliador dos devotos na procura de objectos perdidos. Descrição das festas com procissão em sua honra que se realizam em Lisboa duas vezes por ano: em Fevereiro, data da trasladação do corpo do santo para a catedral de Pádua, e a 12 e 13 de Junho, nas festas da cidade. Alguns costumes e tradições: os arraiais, o armar dos tronos de Santo António, a venda dos vasos de manjerico com um cravo de papel e uns versinhos, o concurso das “Noivas de Santo António”. Alguns dados sobre a iconografia antoniana. Alusão à superstição de roubar o Menino Jesus que o santo traz ao colo, para dar sorte. Enumeração de alguns acontecimentos decisivos para a consolidação do culto, nomeadamente, o milagre ocorrido no momento da canonização em Spoleto (Itália), quando os sinos das igrejas de Lisboa tocaram em unísono. – (E3-E6-F2-H1).

1371-11-MOITA (Irisalva), “São Vicente padroeiro”, *São Vicente, diácono e mártir: padroeiro de Lisboa: 1700 anos do martírio de São Vicente*, Lisboa, Centro Cultural de Lisboa Pedro Hispano – Cabido da Sé Metropolitana de Lisboa, 2005, p. 263-285, il.

Estudo sobre o culto a São Vicente, primeiro padroeiro de Lisboa, desde a primeira fase da instauração do culto em torno das suas relíquias até ao século XX. A criação das festas comemorativas da sua morte (22 de Fevereiro) e da trasladação do corpo (1173) desde o promontório de Sagres (distrito de

Faro) para Lisboa, nos dias 15 e 16 de Setembro, realizadas sobretudo na Sé, onde foram depositadas as relíquias, e também na igreja de São Vicente de Fora, situada na freguesia do mesmo nome. Nesta igreja o culto de maior devoção popular era dedicado a Nossa Senhora da Enfermaria. O culto a São Vicente beneficiou de grande adesão da população moçárabe e foi confirmado padroeiro de Lisboa no foral de 1179. A barca e os corvos que acompanharam o mártir durante a trasladação passaram a fazer parte do emblema da cidade e tornou-se um dos elementos de identificação do santo. Análise da evolução do culto de São Vicente comparativamente à evolução da monarquia portuguesa, interligando a realeza, a Igreja e o senado da câmara de Lisboa. As primeiras imagens esculpidas em pedra que se conhecem datam do século XIV, mas é a dinastia de Avis (1385-1580) que dá forte impulso ao culto do santo, cuja expressão plástica atingirá o maior relevo nos Painéis São Vicente, atualmente no Museu de Arte Antiga em Lisboa. O declínio do culto a São Vicente teve origem nos seguintes fatores: a procura de outros santos de maior poder milagreiro contra as pestes e a perda da independência em 1580. O culto ressurgiu temporariamente quando, em 1614 e em 1692, as relíquias foram redescobertas algures nas paredes da capela-mor da igreja de São Vicente de Fora. Mas após a Restauração de 1640, em consonância com a mentalidade da Contra-Reforma, a nova dinastia optou por fazer de Nossa Senhora da Conceição a padroeira de Portugal. Nota sobre o túmulo e sobre os painéis da capela onde este se encontrava até ao terramoto de 1755, quando as relíquias que foi possível identificar foram guardadas no cofre colocado na primeira capela do deambulatório, onde ainda hoje se encontram. Mesmo como padroeiro oficial da cidade de Lisboa, São Vicente foi perdendo lugar a favor de Santo António. – (A5-D4-H2-H7).

1372-07-PARDAL (Francisco José Pegacha); *Uma devoção de grandes e pequenos: Nossa Senhora da Conceição de Vila Viçosa nos séculos XVII e XVIII*, dissertação de mestrado em História Moderna e Contemporânea apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa em 2018, 407 p., il., mapas, quadros, gráficos. <http://hdl.handle.net/10451/37300> (consultada em 2-03-2021).

Estudo da gênese da devoção imaculista em Portugal e sobretudo em Vila Viçosa, sede do concelho com o mesmo nome, onde é patente a influência das directrizes do Concílio de Trento. Nas cortes de 1646, Dom João IV declarou Nossa Senhora da Conceição como padroeira de Portugal e de Vila Viçosa. Na mesma ocasião foi criada uma esmola para custear a construção da igreja matriz de Vila Viçosa, sede do concelho do mesmo nome, considerado o primeiro templo dedicado àquela invocação na Península Ibérica. Consolidava-se assim uma devoção que já era muito estimada pela casa ducal de Bragança que, ao chegar ao trono, se empenhou em promovê-la. À semelhança da família real, também a Corte se devotou à padroeira de Portugal,

tanto nos seus oratórios e capelas particulares, como em Vila Viçosa. Nos séculos XVII e XVIII, a igreja matriz de Vila Viçosa manteve a devoção à padroeira através das duas confrarias concepcionistas sediadas no templo. Este facto espelhou-se no rico património da Régia Confraria de Nossa Senhora da Conceição e na Real Confraria dos Escravos de Nossa Senhora da Conceição, sendo comum a ambas as irmandades o empenho nas grandiosas festas que dedicavam à padroeira de Portugal. A imagem de Nossa Senhora da Conceição de Vila Viçosa, considerada milagrosa ao longo da Época Moderna, colheu a simpatia de grandes e de pequenos. Isso sucedeu com a família real, com a Corte portuguesa e com as elites de Vila Viçosa. Também os grupos sociais mais baixos, como os camponeses alentejanos, se devotaram à Imaculada Conceição. Muitas gentes de várias partes de Portugal, com particular incidência do Alentejo (distritos de Portalegre, Évora, Beja e parte do distrito de Setúbal), procuraram a sua protecção por motivos de doença ou para oferecer a Nossa Senhora legados em testamento ou contribuições para a festa da padroeira, esmolas que podiam ser jóias, vestuário, ramos de flores ou géneros (azeite, cereais, gado, fruta e legumes). Contém anexos e um apêndice documental. – (A5-D2-G1-H4).

1373-07-PESTANA (Manuel Inácio), FILIPE (Carlos), *Vila Viçosa: história, arte e tradição*, 2.^a edição, Lisboa, Edições Colibri – MEC Momentos & Eventos Culturais, 2009, 125 p., il.

Notas históricas e roteiro de Vila Viçosa e do concelho de que é sede. Os lugares de culto de Vila Viçosa: igrejas paroquiais e não paroquiais, as capelas, os conventos, o santuário de Nossa Senhora da Conceição, padroeira de Vila Viçosa e de Portugal, e o cruzeiro, construídos sobretudo nos séculos XVI e XVII. As festas do Corpo de Deus, de Nossa Senhora da Conceição, da Assunção, da Lapa, da Piedade, dos santos Tiago, Luís, rei de França e dos Santos Populares. Notícia sobre as freguesias rurais de Bencatel, de Pardais e de Ciladas: os lugares de culto, as festas e as romarias. – (C1-D2-D4-E1).

1374-07-RALO (Rosa Maria Martins), *Devoção mariana e religiosidade popular: a Festa de Nossa Senhora das Candeias em Mourão: aproximação teológico-prática*, dissertação de mestrado em Ciências Religiosas apresentada à Universidade Católica de Lisboa em 2010, 194 p., il., quadros. <http://hdl.handle.net/10400.14/3725> (consultada em 10-03-2017).

Estudo sobre a festa de Nossa Senhora das Candeias padroeira de Mourão, sede do concelho do mesmo nome, fenómeno socialmente construído como recurso de protecção e de alívio face às adversidades da vida humana. Análise da piedade popular em geral, numa perspectiva antropológica e teológica, e da devoção mariana em particular numa perspectiva histórica. O culto mariano em Mourão teve origem numa imagem que voltava miraculosamente ao

mesmo local onde apareceu a primeira vez. Aí foi construída uma capela em honra de Nossa Senhora do Tojal, assim denominada por causa da imagem ter sido encontrada entre as moitas de um tojo. O seu culto remonta ao século XIV, o que levou a população fixar-se junto da capela, dando assim origem à vila. Descrição da imagem de Nossa Senhora e notícia da igreja-santuário refeita no século XVII. O nome Candeias foi atribuído à imagem apenas a partir de meados do século XVIII. Notas sobre a organização da festa e a necessidade do envolvimento de entidades públicas locais para a sua prossecução. Descrição da festa de Nossa Senhora das Candeias, que decorre nos dias 1 e 2 de Fevereiro: estruturas organizativas e participação comunitária, patente na ornamentação da igreja e nos adornos especiais da imagem para a novena e para o dia da festa; a novena de Nossa Senhora das Candeias, que é essencialmente um acto de louvor a Nossa Senhora e de reflexão, durante a qual há promessas, esmolos e medalhas, ornamentação, leituras e pregação catequética; a missa e procissão. Notas sobre os aspectos profanos da festa. Contributo para uma leitura da devoção e da espiritualidade marianas numa perspectiva teológico-prática: a evangelização da devoção e da espiritualidade mariana; a oração e a intercessão como motivos intrínsecos à festa de Nossa Senhora das Candeias. Finalmente, é apresentado o contributo da autora para o modelo de leitura teológico-prático, como base de um ante-projecto da pastoral mariana na diocese de Évora. Os anexos contêm um modelo de fichas para estudar as festas; um guião de entrevista semi-estruturada; a informação da realização de um filme documental sobre a festa da Nossa Senhora das Candeias. – (D2-E3-F2-H1).

1375-15-QUINTAS (Maria da Conceição), “A festa e os setubalenses na segunda metade do século XVIII”, *A festa: comunicações apresentadas no VIII congresso internacional*, Lisboa, 1992, organizado pela Sociedade Portuguesa de Estudos do Século XVIII, Lisboa, Sociedade Portuguesa de Estudos do Século XVIII – Universitária Editora, vol. II, 1992, p. 569-577.

Contribuição para o estudo das festas em honra do padroeiro e de outros santos nas freguesias de Nossa Senhora da Anunciada, Santa Maria da Graça, São Sebastião e São Julião todas da cidade de Setúbal no século XVIII. Notas sobre as devoções ao Senhor Jesus do Bonfim (a invocação primitiva era o Anjo da Guarda) e a Nossa Senhora da Arrábida (serra do concelho de Setúbal). Menção de outras festas, por exemplo as de Nossa Senhora da Penha de França, de Santa Catarina de Alexandria e de São Brás. São referidas diversas igrejas e ermidas, cujos titulares são Nossa Senhora dos Prazeres, de Tróia, na freguesia do Carvalhal, concelho de Grândola, dos Anjos, da Assunção, da Conceição, da Graça, da Saúde e os santos João Baptista, Julião e Ovídio, entre outros. Transcrição de cânticos ao Senhor do Bonfim. – (B4-C2-D2-D3).

1376-07-SERRADOR (Ana M.), “A festa do santo padroeiro numa comunidade rural”, *Studium Generale: Estudos Contemporâneos*, n.º 5, 1983, p. 205-240.

Estudo histórico e antropológico da festa de padroeira Nossa Senhora da Boa Nova, padroeira da freguesia de Terena (São Pedro), concelho do Alandroal. Notícia histórica sobre a festa e notas sobre a evolução da comissão de festas e das suas relações com o pároco ao longo do século XX. Descrição da romaria no início do anos oitenta: a organização e as actividades da comissão de festas, as tarefas da população, o programa da festa, que decorre entre o primeiro sábado depois da Páscoa e a terça-feira seguinte, com destaque para a missa e a procissão entre a igreja matriz e o santuário. As relações entre a comissão de festas e o poder instituído (eclesiástico e civil) e entre aquela e a população. Análise das promessas à Senhora da Boa Nova, que variaram consoante as dificuldades do momento histórico (como a guerra colonial); muitos ex-votos oferecidos em cumprimento de promessas atestam os seus milagres, nomeadamente cura de doença de familiares ou de animais. O andor é levado na procissão por quem tem promessas a pagar. Outras formas de pagamento são: dinheiro pendurado nas fitas do andor, a entrega de azeite para as lamparinas, de ouro e prata, vestir os filhos de anjinho ou de Nossa Senhora e levá-los na procissão, fazer parte da comissão de festas ou oferecer tranças de cabelos. Há deslocações ao santuário durante todo o ano para pagamento de promessas. A romaria é considerada como uma ritualização do tempo histórico entrelaçado no tempo cíclico da natureza próprio das sociedades rurais e um momento de identidade colectiva. A sua evolução recente apresenta um reforço do profano em detrimento do sagrado. – (D2-D5-E3-H4).

1377-11-SOARES (Maria Micaela), *A freguesia de Santo Quintino no século XVIII*, Sobral de Monte Agraço, Câmara Municipal, 1986, 48 [8] p., il.

Contributo para estudo monográfico da freguesia de Santo Quintino, concelho de Sobral de Monte Agraço, no século XVIII. Descrição da igreja matriz, cujo titular é São Quintino, em parceria com Nossa Senhora da Piedade. Referência às ermidas do Espírito Santo, de Nossa Senhora da Saúde, dos Prazeres, da Fé e dos santos António, José, Sebastião, Tomé e Vicente. Alusão às imagens dos santos Huberto e Quintino. O culto ao santo padroeiro realizava-se a 31 de Outubro, buscando os crentes a cura de doenças dos ouvidos e a protecção dos celeiros. O culto era também celebrado no domingo antes do dia de São João Baptista, com a realização de um bodo. Menção da irmandade de São Quintino. Transcrição da memória paroquial de 1758 e de outros documentos. – (C1-C2-G1-H1).

1378-15-VIEIRA (Teresa), “A comunidade dos pescadores da Costa da Caparica”, *Anais de Almada: Revista Cultural*, n.º 4, 2001, p. 97-137, il.

Estudo sobre a comunidade de pescadores da freguesia da Costa da Caparica, concelho de Almada, que dá informações sobre as suas festas ao Senhor dos Passos e Nossa Senhora da Conceição, a Nossa Senhora do Rosário e a São Pedro. A festa da padroeira, Nossa Senhora da Conceição, tem lugar em Setembro na sua capela (1880) e nela havia o costume de levar à noite, de porta em porta, a sua imagem e um andor com a forma de um barco em miniatura, contendo as imagens dos Apóstolos, e que integrava a procissão que ia benzer o mar e as embarcações. O culto de Nossa Senhora do Rosário terá sido introduzido por pescadores provenientes de outros locais onde já existia o culto, ou na sequência de um naufrágio em que os pescadores rogaram a Nossa Senhora do Rosário que os salvasse. A festa do Senhor dos Passos tinha uma procissão muito concorrida. Também Nossa Senhora do Cabo foi durante algum tempo objecto de culto dos habitantes da Costa da Caparica, incentivados pela passagem do círio dos saloios, isto é, dos habitantes do campo das freguesias da região saloia nos arredores de Lisboa, a norte do rio Tejo, que se dirigia ao santuário no Cabo Espichel, freguesia do Castelo em Sesimbra. Finalmente, merece destaque a festa em honra de São Pedro. – (D2-D3-D4-E3).

1379-11-“Catálogo”, *Festas, romarias e arraiais*, Museu Municipal de Vila Franca de Xira, Vila Franca de Xira, 1993, p. 47-59.

Catálogo da exposição Festas, romarias e arraiais do concelho de Vila Franca de Xira, sede do concelho do mesmo nome, organizada pelo Museu Municipal de Vila Franca de Xira. Da exposição constam ampliações fotográficas e objectos que representam ou evocam festas litúrgicas dedicadas a santos, nomeadamente aos padroeiros, romarias, imagens, procissões, ex-votos, costumes e rituais populares. São evocados o Senhor da Boa Morte, Nossa Senhora da Conceição, de Alcamé, da Ajuda, os Santos Populares, os santos Sebastião, Marcos, Romão, Isidro e Quitéria. – (D2-D3-D4-E3).

1380-15-*Cidade de Amora em festa 14-15 de Agosto de 1996: espectáculos, divertimentos, feira tradicional: actos religiosos, exposições*, Amora, Edição da Junta de Freguesia, 1996, 35 p., il.

Boletim das festas da freguesia da Amora, concelho do Seixal, dedicadas à padroeira Nossa Senhora do Monte Sião em 15 de Agosto de 1996. Breves notas sobre a imagem milagrosa de Nossa Senhora, a lenda e a festa. A lenda diz que a invocação se deve ao pedido feito por uma mulher que queria saber novas do seu filho emigrante, solicitando o envio de uma imagem sagrada. Algum tempo depois surge a notícia de que estava no Sião (Ásia) e o pedido foi satisfeito com uma imagem de Nossa Senhora. A capela onde foi colocada a imagem foi reedificada depois do terramoto de 1755. O momento alto da festa é a procissão e a bênção do mar. – (C2-E3-F2-H1).

1381-11-*O concelho em que vivemos*, Vila Franca de Xira, Câmara Municipal, 1998, 227, il., mapas, quadros, gráficos.

Caracterização das onze freguesias do concelho de Vila Franca de Xira, com base na análise de dados estatísticos desde meados da década a 1997. Notícia histórica de lugares de culto públicos e privados desde o período medieval até ao século XVIII: igrejas paroquiais e não paroquiais, capelas, ermidas e conventos cujos titulares principais são o Senhor da Boa Morte, Nossa Senhora da Assunção, dos Anjos, da Piedade, da Purificação e os santos António, Bartolomeu, Clemente, Marcos, Romão, Eulália e a da Misericórdia. Relação das principais festas do concelho, designadamente, em honra dos padroeiros, do Sagrado Coração de Jesus, de Nossa Senhora de Fátima, da Purificação e dos santos João, Pedro, Romão, Marcos e Sebastião. – (C1-C2-D2-D4).

1382-11-“Festa de São Vicente, padroeiro do Patriarcado da Cidade de Lisboa”, *Revista Municipal*, Câmara Municipal de Lisboa, n.º 132-133, 1972, p. 75-77, il.

Transcrição da homilia proferida na Sé pelo cardeal-patriarca e bispo de Lisboa no dia 22 de Janeiro de 1973, dia da celebração da festa de São Vicente, padroeiro do Patriarcado e da cidade de Lisboa. Menção das relíquias do santo expostas sobre o altar para veneração dos fiéis. – (B5-H7).

1383-12-*As festas, as flores e os trajes de Campo Maior, Março 1996*, coordenação de TEIXEIRA (Madalena Brás), Lisboa, Instituto Português dos Museus, 1996, 39 [1] p., il.

Folheto evocativo das festas populares em Campo Maior, sede do concelho do mesmo nome, em honra do padroeiro São João Baptista, que ocorrem durante dez dias a partir de 1 de Setembro em anos não consecutivos. A primeira festa de que há notícia ocorreu em 1847.

1384-15-*Moita, festas de N.ª Sr.ª da Boa Viagem: tradição e modernidade – exposição*, Moita, Câmara Municipal, 2005, [24] p., il.

Catálogo da exposição sobre as festas de Nossa Senhora da Boa Viagem, padroeira da Moita, sede do concelho do mesmo nome, constituída por cartazes e programas feitos desde 1930, que contêm informações sobre as actividades profanas e sagradas.

E3 – Procissões, itinerários processionais, representações sagradas

1385-11-ABEL (Marília), “O círio dos saloios em Benfica (1817)”, *A festa: comunicações apresentadas no VIII congresso internacional*, organizado pela Sociedade Portuguesa de Estudos do Século XVIII, Lisboa, 1992, Lisboa,

Sociedade Portuguesa de Estudos do Século XVIII – Universitária Editora, 1992, vol. II, p. 559-568.

Descrição do círio saloio (dos habitantes do campo dos arredores de Lisboa, a norte do rio Tejo) a Nossa Senhora do Cabo no santuário do Cabo Espichel, freguesia do Castelo em Sesimbra, sede do concelho do mesmo nome, realizado pela freguesia de São Domingos de Benfica, cidade de Lisboa, uma das vinte e seis freguesias saloias que fazia parte deste círio em 1817. O texto baseia-se nas descrições que constam da obra *Memória da prodigiosa imagem da Senhora do Cabo*, da autoria de Frei Cláudio da Conceição impressa em 1817. O círio caracteriza-se por ligar um grande número de freguesias das duas margens do Tejo, cumprindo promessas colectivas relacionadas com os flagelos da agricultura. – (D2-G1).

1386-11-ABEL (Marília), “A procissão da Senhora da Saúde”, *Olisipo*, n.º 8, 1999, p. 88-94, il.

Nota histórica e descrição da procissão de Nossa Senhora da Saúde que decorre em Lisboa. A capela de Nossa Senhora da Saúde foi edificada pela irmandade dos Artilheiros do Castelo de São Jorge em honra de Sebastião e, em 1569, foi dedicada a Nossa Senhora da Saúde. A partir de 1570, a câmara de Lisboa deliberou realizar a procissão de Nossa Senhora da Saúde e São Sebastião. A procissão realizou-se sem interrupção até 1910 e foi retomada em 1940. Dados sobre o itinerário actual e sobre a composição da procissão organizada em cinco secções, que correspondem aos santos que nela participam: São Jorge a cavalo, Nossa Senhora da Saúde e os santos António, Sebastião, Ana e Bárbara. – (C2-D2-G4-H1).

1387-07-ALMEIDA (Maria Antónia Pires de), *Família e poder no Alentejo: elites de Avis (1886-1941)*, Lisboa, Edições Colibri, 1997, 262 p., il., quadros, gráficos.

Estudo sobre as elites da vila de Avis, sede do concelho do mesmo nome, nos finais do século XIX e primeira metade do século XX, que contém breves notas sobre a vida religiosa: a procissão do Senhor dos Passos, a festa de Nossa Senhora Mãe dos Homens (último domingo de Agosto), as festas e práticas da vida religiosa individual e familiar, assim como os cemitérios. – (C7-D2-E4).

1388-11-ARAÚJO (Renata de), *Lisboa: a cidade e o espectáculo na época dos Descobrimentos*, Lisboa, Livros Horizonte, 1990, 79 [16] p., il., mapas, quadros.

Caracterização da cidade de Lisboa nos séculos XV e XVI, contendo alguns dados sobre diversos espectáculos que decorreram no espaço citadino. Descrição das procissões do Corpo de Deus, considerada o modelo máximo de festa, e da que se realiza na noite de Quinta-Feira Santa, assim como é analisada da sua importância. Notas sobre um baptismo e um funeral régios e sobre a procissão da chegada das relíquias de Santa Auta no século XVI. Contém

representações cartográficas de alguns percursos processionais dos séculos XIV e XVI e quadros com a lista das procissões anuais realizadas em Lisboa na segunda metade do século XV e primeira do século XVI. – (D3-D4-E1).

1389-11-ASSUNÇÃO (Guilherme José Ferreira de), BATALHA (Rogério Miranda), *Mafra: efemérides do concelho*, Mafra, Câmara Municipal, 1998, 489-CCVIII p. Reprodução fac-similada (primeira edição em 1967) da compilação das efemérides do concelho de Mafra desde 999 até 1965, actualizada desde o século XVIII a 1998, contendo factos sobre diversos aspectos da vida religiosa: casas religiosas, ordens religiosas, Misericórdias, exéquias, círios de Nossa Senhora da Nazaré, procissões, missas, festas religiosas, visitas pastorais, bênçãos, movimentos associativos católicos. – (A5-D2-D4-G2).

1390-07-AURÉLIO (Carlos), “O cântico do Horto das Oliveiras na festa da Santa Cruz da Aldeia da Venda”, *Callipole: Revista de Cultura*, n.º 24, 2017, p. 173-195, il.

Estudo sobre a representação do cântico do Horto das Oliveiras na localidade de Aldeia da Venda, freguesia de Santiago Maior, concelho do Alandroal, que se realiza no segundo sábado de Maio e que está relacionada com a festa da Santa Cruz. A descrição baseia-se na representação de 2016 que foi protagonizada por catorze raparigas e doze rapazes de fato escuro e espingardas. Os dois grupos partem de pontos diferentes da freguesia, levando um a cruz e outro o sudário. Transcrição de parte dos cânticos entoados por cada grupo antes do encontro e para quando o grupo da cruz se encontra com o grupo do sudário, junto ao Calvário da aldeia. No fim, os dois grupos regressam juntos à Casa da Cruz cantando, na sua parte final, os Martírios e os cânticos finais, a que se seguem os folguedos profanos. O autor ensaia breves interpretações: rejeita a ancestralidade neolítica do ritual e a origem na festa judaica dos Tabernáculos e nas maias, sustentando que a origem provável não será anterior ao século XVII-XVIII, quando se disseminaram as festas da Invenção e da Exaltação da Cruz, que entroncam na linha dos mistérios medievais religiosos e em costumes pagãos, numa região historicamente pouco cristianizada. – (B4-D3-E6).

1391-07-AURÉLIO (Carlos), “Procissões e simbólica no enterro do Senhor”, *Callipole: Revista de Cultura*, n.º 16, 2008, p. 263-270, il.

Descrição da procissão do Enterro do Senhor que se realiza anualmente na noite de Sexta-Feira Santa em Vila Viçosa, sede do concelho do mesmo nome. Análise da dimensão narrativa e histórica da procissão e a sua interpretação meta-histórica. Notas sobre a origem e significado das procissões como expressão de peregrinação. – (E1).

1392-07-BARATA (Filipe Themudo), “Organizar a procissão nos finais do século XV: o lugar de cada um e do grupo na cidade”, *Categorias sociais e mobilidade urbana na Baixa Idade Média*, direcção de VILAR (Hermínia Vasconcelos), BARROS (Maria Filomena Lopes de), Évora, Publicações do Cidehus, 2012, p. 187-194. <https://books.openedition.org/cidehus/4433> (consultada em 20-02-2020).

Análise do regimento das procissões de Évora feito cerca de 1482. Segundo este documento, em Évora, nos finais da Idade Média, tinham lugar alguns acontecimentos processionais de relevo. O primeiro ocorria no dia que honrava o Corpo de Deus, através do qual os cristãos reafirmavam publicamente a sua fé, com a celebração do mistério da Eucaristia. Tinha lugar na quinta-feira, depois da oitava da Páscoa e fora instaurada em 1264 pelo papa Urbano IV. O segundo momento processional acontecia no primeiro domingo depois da oitava do Corpus Christi e celebrava o chamado “milagre da cera”. O festejo dedicado à Virgem terão iniciado em 1372 e comemoravam o milagre atribuído à intercessão de Nossa Senhora que conseguira de Deus o fim das chuvas copiosas que, durante dias, ameaçaram os campos de trigo; em troca, os habitantes da cidade dobravam o peso da cera que ardia diante da imagem da Virgem, durante o tempo que durasse a missa cantada, na qual o bispo pregava e dava a benção. A última procissão solene celebrava-se a 14 de Agosto, em honra de Santa Maria. Neste dia, além dos louvores à Virgem, a cidade reconhecia o carisma e a legitimidade da dinastia de Avis e da Coroa, celebrando a vitória nacional na batalha de Aljubarrota (distrito de Leiria). Além destas festas, os habitantes ainda comemoravam a vitória da fé cristã sobre o islão na batalha do Salado no dia 30 de Outubro e, já com Dom Manuel, a festa do Anjo Custódio de Portugal, instituída pelo Papa Leão X a pedido deste rei, que era composta também por procissão solene segundo o modelo da procissão do Corpo de Deus. Durante alguns anos realizou-se ainda uma procissão solene comemorativa da batalha de Toro (Espanha), devendo fazer-se sob a invocação de São Jorge e São Cristóvão. – (D2-D3-E1-F1).

1393-15-BESSONE (Silvana), “As romarias a Nossa Senhora do Cabo Espichel e o fausto processional das berlindas reais”, *Cabo Espichel: em terras de um mundo perdido*, s. l., Carlos Sargedas, 2014, p. 133-139, il.

A romaria a Nossa Senhora do Cabo (Espichel) na freguesia do Castelo em Sesimbra, sede do concelho do mesmo nome, era organizada em cada ano por uma das freguesias do giro saloio (dos habitantes do campo dos arredores de Lisboa, a norte do rio Tejo). Tinha uma primeira paragem na ermida de Nossa Senhora das Dores ou no mosteiro dos Jerónimos em Lisboa. Depois eram embarcados objectos de arte efémera, animais, pessoas, viaturas, bagagens e mantimentos até Porto Brandão, freguesia da Caparica, concelho de Almada. Em seguida o cortejo processional seguia pelos areais e pelos campos do litoral até ao santuário. Em 1740, Dom João V ofereceu uma berlinda para

transportar a imagem de Nossa Senhora, que era utilizada quando se realizavam festas reais no Cabo Espichel na segunda metade do século XVIII. Em 1778-1780 foi construída uma segunda berlinda. – (D2-G1-H1).

1394-15-BOBONE (Maria Ana), “As berlindas processionais de Nossa Senhora do Cabo Espichel/ The processional berlins of the Our lady of the Espichel Cap”, *O giro de N. Snra. do Cabo e as berlindas processionais do Museu Nacional dos Coches*, coordenação e guião de BESSONE (Silvana), Lisboa, Instituto de Museus e Conservação, 2007, p. 41-58, il.

Nota bilingue (português-inglês) sobre as duas berlindas datadas de 1740 e de 1778-1780, utilizadas para transportar em procissão a imagem de Nossa Senhora do Cabo entre as freguesias do giro saloio (dos habitantes do campo dos arredores de Lisboa, a norte do rio Tejo). Anteriormente eram utilizadas com a mesma função no percurso entre a margem sul do Tejo e o santuário situado no Cabo Espichel, freguesia de Castelo em Sesimbra, sede do concelho do mesmo nome. – (D2-G1-H1).

1395-07-BORGES (José), *Arraiolos revisitada a preto e branco*, Lisboa – Arraiolos, Livros Horizonte – Câmara Municipal, 2005, 263 [1], il.

Álbum fotográfico da vila de Arraiolos, sede do concelho do mesmo nome, que inclui breves notas e fotografias sobre o convento dos Lóios, a festa de São Sebastião e sobre a procissão do Senhor dos Passos. – (C2-D4).

1396-11-CALADO (Maria), FERREIRA (Vitor Matias), *Lisboa: a freguesia da Graça*, Lisboa, Contexto Editora, 1991, 49 p., il., mapas.

Guia do património histórico da freguesia da Graça em Lisboa, com notas desde o século II a. C. até aos nossos dias. Notícia dos lugares de culto edificadas nos séculos XIII a XVIII: o convento e igreja paroquial de Nossa Senhora da Graça e as capelas dedicadas à Senhora do Monte (Monte de São Gens) e Nossa Senhora da Glória. Descrição da cerimónia e procissão do Senhor dos Passos da Graça com raízes históricas que remontam ao século XVI e se baseiam numa lenda, que expressa a rivalidade entre as ordens dos agostinhos e dos jesuítas: um mendigo, a quem fora recusada esmola pelos jesuítas da igreja de São Roque, dirigiu-se ao convento da Graça onde foi de imediato recolhido e se revela como sendo o próprio Jesus Cristo, transformando-se na sua imagem. Os agostinhos acolheram a sede da irmandade e ficaram depositários da imagem, mas as duas ordens participavam no ritual da procissão, animada pela irmandade dos Homens Pretos. – (C2-D3-F4-G1).

1397-12-CARAPINHA (Rui), “O culto da fé / The cult of faith”, *O município de Ponte de Sor: encontro de memórias / Municipality of Ponte de Sor. Meeting of memories*, Lisboa, SCRIBE, [D.L. 2012], p. 74-103, il.

Nota introdutória de um conjunto de fotografias que representam a igreja matriz e as celebrações religiosas em Ponte de Sor, sede do concelho do mesmo nome, nomeadamente o casamento, os funerais e as procissões. A vivência da fé ligada à cultura do trabalho e da ruralidade, em que o sagrado se confunde com o profano e a religião é ainda um factor estruturante das relações sociais em Ponte de Sor, sobretudo até à década de 1970. – (E4).

1398-11-CASTELO BRANCO (Fernando), *Lisboa seiscentista*, Lisboa, Livros Horizonte, 1990, 1990, 262 p., il., plantas.

Contributo para o estudo dos ambientes sociais da Lisboa no século XVII, contendo dados referentes a lugares de culto, festas e procissões. As igrejas, capelas e conventos foram construídos ou reconstruídos no século XVII, nos quais se generalizou o uso dos presépios: igrejas de São Vicente de Fora (única do século XVI), situada na freguesia do mesmo nome, de Nossa Senhora do Loreto, dos santos Mamede, Martinho de Tours, Miguel Arcanjo e Nicolau. Numa relação de 1620, é apontada a existência de vinte e quatro conventos masculinos e dezoito femininos, assim como quatro recolhimentos para órfãos. Alusões ao comportamento dos fiéis na igreja, principal centro da vida religiosa, social e mundana: a par das mais profundas manifestações de fé e piedade efectuavam inúmeros actos profanos, por exemplo danças, cantos e representações teatrais ou simples conversação, que foram sujeitas a várias proibições. São referidas para este período cerca de 40 procissões, sem mencionar as que se realizam esporadicamente devido a qualquer acontecimento (por exemplo, a comemoração da canonização de Santo Inácio de Loiola e São Francisco Xavier). A mais solene era a de Corpo de Deus e a mais concorrida a do Senhor dos Passos da freguesia da Graça. Os autos-de-fé eram as cerimónias mais imponentes e decorriam, normalmente, nas maiores praças da cidade: Rossio, Terreiro do Paço e Ribeira das Naus. No período que medeia entre 1600 e 1698, realizaram-se nestes espaços trinta e nove autos-de-fé dos quais um é reconstituído. Breve apontamento sobre o teatro religioso. – (A5-B1-C2-E1).

1399-11-CASTRO (Tiago de Martinho Machado de), “Obrigação e vontade na procissão do Corpo de Deus: relação entre ofícios civis e militares à luz de uma resposta régia à Câmara de Lisboa”, *Cadernos do Arquivo Municipal*, n.º 2, 2014, p. 39-53, il.

Os problemas da coexistência de funções de carácter militar e de oficiais mecânicos de Lisboa nos mesmos indivíduos levaram o rei a intervir para evitar a colisão de um conjunto de privilégios por ele concedidos, com a obrigação municipal de participar na procissão do Corpo de Deus, no quadro da regulamentação dos ofícios mecânicos.

1400-11-CATARINO (Maria Manuela), “O Círio da Prata Grande em S. Pedro da Cadeira”, *Torres Cultural*, n.º 6, 1994, p. 65-71, il., mapa.

A origem e descrição do percurso do Círio da Prata Grande realizado por dezassete freguesias dos concelhos de Mafra, Sintra e Torres Vedras, datando provavelmente dos séculos XV-XVI, entre as quais se encontra a freguesia de São Pedro da Cadeira, concelho de Torres Vedras. Em 1732 é estabelecido um compromisso entre a confraria de Nossa Senhora da Nazaré, sediada no santuário do mesmo nome, no distrito de Leiria, e as dezassete freguesias integrantes para a organização do círio. Actualmente o giro da imagem de Nossa Senhora da Nazaré é feito entre as freguesias (a imagem permanece um ano em cada uma), não sendo levada ao santuário da Nazaré. Nota sobre o santuário de Nossa Senhora da Nazaré: os edifícios, a imagem e a lenda do salvamento milagroso de Dom Fuas Roupinho no século XII. Transcrição de algumas loas entoadas ao longo da romagem. – (B4-C2-G1-H1).

1401-11-CHAVES (Duarte Nuno), “A procissão de Penitência da Venerável Ordem Terceira e as suas imagens de vestir: memórias franciscanas da sacra e real basílica de Nossa Senhora e Santo António”, *Mafra Sacra: memória e património*, coordenação de HENRIQUES (Tiago), Sintra – Mafra, Zéfiro – Real e Venerável Irmandade do Santíssimo Sacramento da Paróquia de Santo André de Mafra, 2017, p. 305-325, il.

Contribuição para o estudo da procissão da Penitência da Ordem Terceira de São Francisco de Assis, que se realizava em Mafra, sede do concelho do mesmo nome, no quarto domingo da Quaresma. A sua origem histórica e características básicas das ordens terceiras, foram potenciadas pelo movimento associativo de leigos no seio da Igreja após o Concílio de Trento. A Ordem Terceira de São Francisco de Mafra foi fundada no segundo quartel do século XVIII. A importância da Ordem Terceira e da irmandade do Santíssimo Sacramento na dinâmica processional que dramatizava a liturgia e utilizava um programa iconográfico composto maioritariamente por imagens de vestir. Descrição do acervo da imaginária de vestir, constituída principalmente por representantes da santidade terciária franciscana, e do protocolo sobre a ordem das precedências na procissão. O declínio do movimento processional das ordens terceiras deu-se com a extinção das ordens religiosas em 1834, o que se verificou com a de Mafra em 1867. Os seus bens foram entregues à irmandade do Santíssimo Sacramento, que ficou também com o encargo de realizar a procissão. – (G1-G2-H1-I3).

1402-07-CORREIA (Carlos Manuel Pires), “*Auto da Criação do Mundo*”: *espectáculo de teatro popular pelos bonecos de Santo Aleixo*, dissertação de mestrado em Literatura e Cultura Portuguesa apresentada à Faculdade de Ciências Sociais

e Humanas da Universidade Nova de Lisboa em Lisboa, 2 vol. 164-86 p., dactilogr., mapa (consultável na Biblioteca Nacional de Portugal).

Análise crítica do texto do *Auto da Criação do Mundo* representado desde há cerca de duzentos anos. O grupo itinerante dos Bonecos de Santo Aleixo, freguesia de Santo Aleixo do concelho de Monforte, representou o auto nas zonas rurais dos concelhos de Borba, Estremoz e Évora até à década de 1970. As personagens bíblicas da peça são: o Padre Eterno, Adão e Eva, Abel e Caim. Comparação entre os processos de representação nos anos sessenta, em que intervêm os manipuladores que faziam itinerância, e a representação dos manipuladores do Centro Cultural de Évora no final dos anos oitenta. A peça tinha um marcado carácter de crítica social, atacando através do cómico os poderes civil e religioso, que reagiram proibindo a sua representação em numerosas ocasiões ou destruindo alguns bonecos/personagens. O volume II contém a transcrição do auto na versão encenada pelos actores profissionais do Centro Cultural Évora, baseada no texto ditado pelo bonecreiro mestre Talhinhos. – (A5-B1-I4).

1403-CORREIA (Diogo Pedro Maleitas), *Os círios; análise de uma peculiar forma de peregrinar na Estremadura portuguesa*, dissertação de mestrado em Teologia apresentada à Universidade Católica Portuguesa de Lisboa em 2013, 107 p., quadros. <http://hdl.handle.net/10400.14/15928> (consultada em 20-01-2021).

Estudo sobre a origem e evolução das peregrinações cristãs em geral, desde as suas origens aos séculos XIX-XX, e em particular sobre as peregrinações colectivas na Estremadura (distrito de Lisboa, parte sul do distrito de Leiria e parte norte do distrito de Setúbal) denominadas círios. São estudados os círios que se deslocavam aos santuários de Nossa Senhora da Nazaré (distrito de Leiria), situado na localidade com o mesmo nome no distrito de Leiria, de Nossa Senhora do Cabo (Espichel) na freguesia do Castelo em Sesimbra, sede do concelho do mesmo nome, e de Nossa Senhora da Atalaia, concelho do Montijo. Análise das suas motivações (um voto colectivo), as práticas (o cortejo, processional e a sua estrutura, as voltas rituais, os banhos e purificações, o pagamento da promessa através dos ex-votos), os edifícios para albergar os peregrinos e os elementos identificadores (bandeira, loas, música). Dados sobre a evolução dos círios desde a Idade Média aos nossos dias: as raízes medievais, o desenvolvimento nos séculos XVI e XVII, o apogeu barroco, a resiliência perante as dificuldades nos séculos XIX e XX, a ruptura da República e o ressurgimento durante o Estado Novo. Elenco de sessenta e cinco círios que ainda se realizam na diocese de Lisboa. – (D2-D5-G1).

1404-11-COSTA (Alexandre), FELGUEIRAS (António), “Paixão e morte do Senhor Jesus: expressões de piedade na vila de Mafra”, *Mafra Sacra: memória e património*, coordenação de HENRIQUES (Tiago), Sintra – Mafra, Zéfiro – Real

e Venerável Irmandade do Santíssimo Sacramento da Paróquia de Santo André de Mafra, 2017, p. 371-390, il.

Contribuição para o estudo do culto e da procissão do Senhor dos Passos em Mafra, sede do concelho do mesmo nome, conhecida desde a segunda metade do século XIX. A irmandade do Senhor dos Passos foi instituída na igreja de Santo André em 1885 com a finalidade de cultuar o patrono e de realizar diversas celebrações em sua honra, nomeadamente a procissão. Notas sobre a procissão do Senhor dos Passos até à actualidade. Dados sobre a procissão do Enterro do Senhor organizada pela Ordem Terceira da Penitência e depois pela irmandade do Santíssimo Sacramento até aos nossos dias. – (D3-G1-G2).

1405-07-COSTA (Salvador da), “Memórias de Salvador da Costa”, *Almansor: Revista de Cultura*, n.º 10, 1992, p. 3-135, il.

Memórias do autor no período compreendido entre 1870 a 1919 com breves notícias de festas e procissões que se realizavam em Montemor-o-Novo, sede do concelho do mesmo nome. Decorriam durante a Semana Santa, a Páscoa, ou para honrar o Corpo de Deus, Nossa Senhora da Visitação (nos 4 domingos de Julho), da Conceição (segundo domingo de Setembro) e os santos João Baptista, João de Deus, Luís, rei de França (25 de Agosto), Paulo, Pedro (8 de Março). Alusão a lugares de culto: os conventos de Nossa Senhora do Castelo, da Saudação e de São João de Deus, assim como a capela da Ordem Terceira de São Francisco de Assis. Leitura, transcrição do texto original e introdução de FONSECA (Jorge). – (C2-D2-D4-E1).

1406-15-DIAS (Mário Balseiro), *Círio dos marítimos de Alcochete*, Alcochete, Câmara Municipal, 2002, 158 p., il., quadros.

Estudo sobre o círio dos marítimos da freguesia de Alcochete, sede do concelho do mesmo nome, dedicado a Nossa Senhora da Atalaia, freguesia do mesmo nome, concelho do Montijo, que se realiza no período da Páscoa. Nota sobre o culto a Nossa Senhora da Atalaia com origem no aparecimento de uma imagem junto a uma fonte. O santuário tem um âmbito regional e já era visitado por treze confrarias em 1553. Em 1627 já eram vinte e três e em 1823 eram trinta e quatro, decorrendo os círios entre a primeira oitava da Páscoa e Outubro. O círio dos Marítimos de Alcochete (pescadores e homens que se dedicavam ao transporte fluvial e descarga de mercadorias no Tejo) teve origem na promessa feita por ocasião de um salvamento de tempestade no Tejo. A confraria dos barqueiros de Alcochete já existia em 1512. A evolução do círio desde o século XVI ao século XX: os objectos (cruz, guião, bandeiras), a casa para acomodação dos romeiros (casa arrendada), os membros, a organização dos festejos, as receitas e as despesas. Descrição dos festejos que decorrem entre sábado de Aleluia e a terça-feira seguinte: no sábado de Aleluia, é oferecido o almoço e o jantar aos organizadores e, durante a tarde

e noite desse dia, o chininá (grupo musical destinado a entreter os festeiros) anuncia a festa. No Domingo de Páscoa, depois do pequeno-almoço tomado em Alcochete, o chininá tocava pelas ruas da vila, entrando e bebendo nos cafés e, posteriormente, ia chamar as raparigas que participavam no desfile da tarde. Por volta das dezoito horas, o cortejo saía de casa do Círio, dava duas voltas pelas ruas da vila e encaminhava-se para a estrada que conduz à Atalaia. Aí, na casa arrendada do círio, cozinhavam-se os alimentos, seguindo-se o baile até tarde. Actualmente com a facilidade de transportes, parte das tradições foram perdidas voltando os romeiros para casa com mais facilidade. Na segunda-feira de Páscoa realiza-se a missa cantada e a procissão com a imagem de Nossa Senhora da Atalaia, são arrematados o guião, as bandeiras e as fogaças junto da igreja, após o que o círio regressa ao local de partida. Por fim, na terça-feira de Páscoa à tarde, o cortejo visita as casas dos marítimos, terminando os festejos com um jantar na casa do Círio. Actualmente a romaria de Nossa Senhora da Atalaia compreende os festejos do Círio dos Marítimos de Alcochete, pela Páscoa, e a Festa Grande (final de Agosto), na qual participam cinco círios: da Azóia, freguesia do Castelo em Sesimbra, da Carregueira Antigo e Novo, freguesia de Pinhal Novo, dos Olhos de Água, lugar que se reparte pelas freguesias de Pinhal Novo e da Quinta do Anjo, e o da Quinta do Anjo, concelho de Palmela. Em apêndice, contém inscrições das bandeiras presentes na festa em 2000, quadros com referência aos membros da Confraria dos Marítimos entre 1657 e 1722, nomes dos organizadores dos festejos (1969-2001), géneros consumidos na festa (1988, 1999 e 2001), arrematação das prendas (2000), poemas dedicados a Nossa Senhora da Atalaia e dezasseis quadros votivos e sua descrição iconográfica, relativos a curas e a salvamentos no mar. Contém ainda um anexo documental. A obra é muito ilustrada. – (D2-D5-F1-G1).

1407-15-DIAS (Mário Balseiro), *Círios de Caramelos*, Pinhal Novo, Junta de Freguesia, 2000, 224 p., il., mapas, quadros.

Estudo sobre os círios de Caramelos oriundos da Carregueira, lugar da freguesia de Pinhal Novo, de Olhos de Água, lugar que se reparte pelas freguesias de Pinhal Novo e da Quinta do Anjo, e o Círio Novo, todas do concelho de Palmela, criados em honra de Nossa Senhora da Atalaia, freguesia do mesmo nome, concelho do Montijo, contendo informações desde o século XIX. São chamados círios de caramelos aos realizados pelos habitantes das freguesias referidas, originários dos concelhos de Cantanhede, Figueira da Foz e Mira (distrito de Coimbra) de onde vieram a meados do século XIX. Definição dos conceitos de romaria, círio, santuário e festa. Breve descrição da lenda do aparecimento da imagem de Nossa Senhora da Atalaia e do aumento da afluência de devotos à sua ermida, que esteve na origem da organização destes em confrarias para disciplinar o culto. O número de confrarias e círios

aumentou até ao século XX, mas nos últimos anos deste século verificou-se uma redução do seu número. Presentemente, a romaria abrange os festejos do Círio dos Marítimos de Alcochete (sede do concelho do mesmo nome), pela Páscoa, e a Festa Grande (final de Agosto), na qual participam cinco círios: Azóia, Quinta do Anjo, Carregueira, Olhos de Água e o Círio Novo. A religiosidade dos caramelos manifestava-se através da sua presença nas romarias da região, especialmente na Festa Grande da Atalaia, distribuindo-se pelos círios da Carregueira, Olhos de Água e Novo. Análise destes círios nos seguintes aspectos principais: a origem, objectos, organização e festejos no presente e no passado (na Quinta-Feira da Ascensão e a Festa Grande no último domingo de Agosto). O círio da Carregueira nasceu em 1833 fruto de uma promessa feita a Nossa Senhora da Atalaia pelos habitantes deste lugar para que a Virgem acabasse com uma epidemia de cólera. Em 1944, a cisão entre membros deste círio resultou na criação do Círio Novo. O círio possui casa própria e constituiu-se como associação em 1987, muito embora não tenha ainda um estatuto formal. Tem uma imagem de Nossa Senhora e diversos emblemas que podem ser arrematados, recaindo sobre o arrematante da bandeira principal várias obrigações. Descrição da “Festa Grande” no final do século XIX e no presente. Na Carregueira, realiza-se um baile na Quinta-Feira da Ascensão (desde 1974) e, nos meses seguintes, vários peditórios para angariar fundos para o círio; no último domingo de Agosto e segunda-feira seguinte o círio vai ao santuário de Nossa Senhora da Atalaia. Aí participa na procissão de cumprimento das promessas, na procissão organizada pela Igreja, nos bailes e no leilão; os romeiros lavam-se na fonte da santa e vão visitar a casa dos outros círios para apresentação dos cumprimentos, seguindo-se a participação na missa em conjunto com os outros círios; por fim, regressa à Carregueira onde dá três voltas em redor da capela de São José, terminando junto da casa do arrematante da bandeira. O círio dos Olhos de Água tem a sua origem numa promessa feita a Nossa Senhora da Atalaia por um habitante deste lugar para que a Virgem acabasse com a epidemia de cólera-morbo ocorrida entre 1852 e 1856. Este círio foi fundado em 1854, possui os mesmos emblemas que o da Carregueira e os seus estatutos datam de 1963. Tem duas categorias de sócios: os de obrigação (existem desde a formação do círio e têm como obrigação pagar a quota, ajudar na festa, emprestar dinheiro em caso de emergência, entre outros aspectos) e os de quota (são mais recentes e limitam-se a pagar a quota). O círio começou a festejar a Quinta-Feira da Ascensão em 1976 (na sequência da iniciativa do Círio Novo), dia em que os associados se juntam para almoçar. Em Agosto organizam o cortejo do círio que passa pelo Pinhal Novo a caminho do santuário, onde o cortejo dá três voltas à igreja, integrando-se depois na procissão organizada pela Igreja, finda a qual se realiza o baile. O Círio Novo surgiu em 1945 na sequência de uma cisão no círio da Carregueira, não tendo por isso a sua origem em promessas. Os

festejos do Círio Novo ocorrem por altura da passagem de ano, no Domingo de Pascoela (altura em que era oferecido um almoço anual) e no dia da Festa Grande (onde apresenta características semelhantes aos anteriores). Descrição de outros aspectos da Festa Grande vivida por cada círio na segunda metade do século XIX e no presente, destacando-se o peditório que antecede a festa e as celebrações que decorrem entre sábado e segunda-feira. Em apêndice encontram-se quadros com os nomes dos ofertantes das bandeiras dos círios da Carregueira, Olhos de Água e Novo em 1999, bem como dos ofertantes das prendas do Círio Novo em 1945. – (D2-D5-F3-G1).

1408-11-ENCARNAÇÃO (José da), *Cascais: festas de tradição no concelho*, [Mafra], Elo, Publicidade Artes Gráficas, 2004, 117 [3] p., il.

São descritas as festas e procissões de Cascais e do concelho do mesmo nome em 2003. A procissão de Santo António a 13 de Junho da qual fazia parte a imagem de Nossa Senhora do Cabo (Espichel, freguesia de Castelo em Sesimbra, concelho do mesmo nome), que pertencia ao giro saloio (dos habitantes do campo dos arredores de Lisboa, a norte do rio Tejo). Iniciou-se em 1959 e homenageia Santo António militar do exército português. A procissão de Nossa Senhora dos Navegantes (final de Agosto) com a imagem de Nossa Senhora do Cabo, em que participam pescadores, varinas e as suas famílias e inclui um percurso marítimo. Na festa de São Mamede (17 de Agosto), que se realizava em Murches, freguesia de Alcabideche, e hoje interrompida, havia a prática da bênção dos animais. O culto e a procissão de Nossa Senhora da Assunção (Agosto) na Malveira da Serra, freguesia de Alcabideche. O culto e a procissão de Nossa Senhora da Conceição (8 de Dezembro) na freguesia de São Domingos de Rana foram originado pela aparição de Nossa Senhora a uma menina na localidade de Abóboda. Notas sobre a igreja matriz de Cascais dedicada a Nossa Senhora da Assunção, padroeira da cidade, a igreja de Nossa Senhora dos Navegantes e a capela de Nossa Senhora da Conceição. – (C2-D2-D4-F4).

1409-07-ESPANCA (Joaquim José da Rocha), “Memórias de Vila Viçosa”, *A Cidade de Évora: Boletim da Comissão Municipal de Turismo*, n.º 55, 1972, p. 277-334 [2], il.;

Transcrição de parte das memórias de Vila Viçosa (volume IV, capítulo XXXVIII-XLVII), sede do concelho do mesmo nome, que tratam da vida religiosa nos séculos XVII a XIX. Anuário do culto religioso público com dados sobre as festas e as práticas que nelas ocorrem, principalmente durante a Quaresma. Descrição das procissões da Cinza, dos Passos de Cristo, do Enterro do Senhor, da Ressurreição do Senhor, do Corpo de Deus e de Nossa Senhora da Boa Morte: a preparação, o itinerário e as cerimónias. Menção de confrarias e irmandades dedicadas ao Santíssimo Sacramento, ao Senhor dos

Passos, a Nossa Senhora do Carmo, a São Crispim e a São Paulo, assim como as das Almas e da Misericórdia. Notas etnográficas sobre o baptizado, o casamento, os viáticos, as unções e os enterros em Vila Viçosa. – (D3-E1-E4-G1).

1410-07-ESPÍRITO SANTO (Moisés), “‘Cântico da Ordem das Oliveiras’ na Aldeia da Venda, freguesia de São Tiago Maior, Alandroal: ostentação e procissão de ouro – outros casos e possíveis explicações”, *Cadernos do Endovélico*, n.º 3, 2017, p. 257-270.

Conferência sobre o Cântico à Ordem das Oliveiras que se realiza na Aldeia da Venda, freguesia de Santiago Maior, concelho de Alandroal. Decorre no domingo mais próximo do dia 3 de Maio em que tem lugar a festa católica da Santa Cruz. Sob a orientação de uma mestra, os rapazes e as raparigas solteiros e núbeis organizam-se em duas equipas, uma de cada ponto da povoação (os de “Cima” e os de “Baixo”); um grupo tem como figura central uma rapariga chamada Mordoma e outro uma jovem denominada Madanela (Maria Madalena). Nos dias precedentes, os grupos vão pedir aos vizinhos que lhes emprestem peças de ouro que ficam à guarda da mordoma. No sábado antes da festa os dois grupos vão em procissão à casa da Mordoma buscar o ouro; a mordoma sai à frente do desfile para ir depositar o ouro numa casinha, onde fica exposto. No domingo às quinze horas os dois grupos vão buscar o ouro que é transportado numa cruz e organizam novo cortejo até à casa da mordoma, onde é nomeada uma nova mordoma. A Madanela ostenta nas mãos a efigie chamada do Ecce Homo, as raparigas entoavam o cântico chamado Martírios do Senhor. Notas sobre as festas das cruzes realizadas no Guardão (Serra do Caramulo, distrito de Viseu) e em Lagos (distrito de Faro). Tentativa de ligação deste ritual com a festa católica da descoberta da verdadeira cruz e com celebrações pagãs da bacia do Mediterrâneo. – (B4-D3-E6).

1411-12-FALCATO (João), “A procissão de Quinta-Feira Santa em Elvas”, *Panorama*, n.º 5, 1963, p.[30-33], il.

Descrição da procissão de Quinta-Feira Santa em Elvas, sede do concelho do mesmo nome, também conhecida por procissão dos Homens ou procissão da visita. O desfile realiza-se à noite e é constituído só por homens que levam círios acesos, tendo na dianteira o painel (estandarte com Cristo) e um crucifixo. Parte da igreja da Misericórdia e passa por todas as igrejas da cidade. Alusão ainda às procissões dos Passos em Vila Boim, concelho de Elvas, e do Enterro em Vila Viçosa, sede do concelho do mesmo nome. – (D3-E1).

1412-11-FELGUEIRAS (Guilherme), “Ensaio para um índice-roteiro da bibliografia sobre o *salioio*”, *Etnografia da região saloia: a terra e o homem*, I Colóquio de etnografia da região saloia, 1987, Sintra, Instituto de Sintra, 1993, vol. I, p. 345-359 [3], il.

Breve nota sobre os hábitos tradicionais do saloio (habitante do campo dos arredores de Lisboa, a norte do rio Tejo), em especial dos usos e costumes religiosos. Das manifestações religiosas mantidas até hoje são destacados os círio da Prata Grande (17 freguesias), que se dirigia ao santuário de Nossa Senhora da Nazaré (distrito de Leiria), e de Nossa Senhora do Cabo (Espichel, freguesia de Castelo em Sesimbra), as festas do Espírito Santo na freguesia de Colares, concelho de Sintra, e de Santa Quitéria na freguesia de Meca, concelho de Alenquer, assim como o cantar dos Reis em várias povoações. Compilação de bibliografia sobre o saloio datada principalmente da primeira metade do século XX, que trata de temas como romarias, festas, círios, loas, crenças e “superstições”. – (B4-D2-D3-G1).

1413-FIGUEIREDO (Hernâni de Lemos), *O Círio da freguesia de Olhalvo a Nossa Senhora da Nazaré, tradição com mais de 500 anos*, 2006, 15 p., il. <https://saladainquietacao.files.wordpress.com/2012/02/hlf-cirio-de-olhalvo-a-senhora-da-nazare.pdf> (consultada em 17-09-2017).

Contribuição apra o estudo do círio da freguesia de Olhalvo, concelho de Alenquer, ao santuário de Nossa Senhora da Nazaré no distrito de Leiria. O círio teve origem em 1502 numa promessa feita por motivos desconhecidos pelos habitantes de uma parte da freguesia de Aldeia Gavinha que viria a dar origem à freguesia de Olhalvo em 1612, onde existe uma confraria dedicada a Nossa Senhora da Nazaré. Desde data desconhecida é organizado rotativamente por três lugares da freguesia. Inicialmente realizava-se no dia 5 de Agosto, depois passou para 8 de Setembro e, mais recentemente, o calendário das desclocações teve novas alterações no mês e nos dias da semana em que decorre o círio. Descrição do cortejo até ao santuário e das celebrações aí realizadas: voltas rituais, missa e procissão. No regresso a Olhalvo o círio realiza de novo voltas rituais e dirige-se para a igreja paroquial onde decorrem mais celebrações. Desde 1972 que a ida ao santuário passou a ser feita em tractor e até por ciclistas, encabeçando o cortejo três cavaleiros com a bandeira do círio. – (D2-D5-G1).

1414-07-FITAS (Ana Paula), “Factores sócio-culturais da definição significante de um facto religioso – o caso da Aldeia da Venda”, *Forum Sociológico*, n.º 3, 1993, p. 61-76.

Contribuição para o estudo do ritual religioso rural centrado na festa da Cruz, também designado por Cântico à Ordem das Oliveiras, que decorre na Aldeia da Venda, freguesia da Santiago Maior, concelho do Alandroal. Realiza-se no mês de Maio como um rito de passagem, dada a participação exclusiva de rapazes e raparigas em idade de casar. Comparação desta tradição popular com os rituais católicos: oração da cruz e origem da festa das cruces. Transcrição de uma descrição toponímica da região estudada, com o

objectivo de fundamentar a apropriação pelo cristianismo de antigas manifestações rituais pagãs. – (B4-D3-E6).

1415-07-FITAS (Ana Paula), “A festa da Aldeia da Venda (Alandroal – (Alentejo) – património cultural imaterial e religiosidade popular na raia alentejana-estremenha”, *Cadernos do Endovélico*, n.º 3, 2017, p. 257-270.

Contribuição para o estudo da festa denominada Cântico à Ordem das Oliveiras em Aldeia da Venda, freguesia de Santiago Maior, concelho do Alandroal, que reflecte heranças etno-históricas e da festa da Santa Cruz. Trata-se de uma ritualização sincrética, cuja função social é identitária e de reprodução da ordem social local. Descrição do ritual: envolve dois grupos, um de rapazes e outro de raparigas, importa conteúdos da Paixão (evocação da Cruz, da Verónica, da Madanela/Maria Madalena, entre outros aspectos) e evoca as procissões que substituíram as manifestações das maias. – (B4-D3-E6).

1416-07-FONSECA (Teresa), *Triste e alegre cidade de Évora: testemunho de um anónimo do século XVIII*, Évora, Câmara Municipal, 2001, 104 [3] p., il.

Apresentação, transcrição e notas de um manuscrito anónimo do século XVIII (1729-1764) redigido provavelmente por um clérigo, que fornece dados sobre a cidade e concelho de Évora e também de âmbito nacional e internacional, com ênfase para os eventos de natureza religiosa. Referem-se as procissões de penitentes motivadas por fenómenos de secas, tempestades, nevões e pragas de gafanhotos, assim como missas, novenas e outros actos religiosos. São também abordados a sagração de lugares de culto, os conflitos entre clérigos, os religiosos com fama de santidade, os milagres relacionados com a natureza (seca, tempestades), a expulsão dos jesuítas e as festas religiosas dedicadas a Nossa Senhora e a santos. – (D2-D4-F1).

1417-12-GAMA (Eurico), “Procissões de outrora – Elvas”, *Arqueologia e História*, vol. II, 1970, p. 235-301; vol. III, 1971, p. 249-312; vol. IV, 1972, p. 289-347, il; vol. V, 1974, p. 279-332.

Estudo sobre as quarenta e seis procissões de Elvas, sede do concelho do mesmo nome, das quais apenas se realizavam cinco nos anos sessenta do século XX. A implantação do liberalismo (1834) e depois da República (1910-1926) contribuiu para o fim de várias procissões. Notas sobre o significado do termo procissão, os tipos (ordinárias e extraordinárias), as públicas (celebradas por todo o clero de uma povoação) e as privadas (celebradas por uma confraria), as solenes e não solenes; a regulamentação das procissões através das normas sinodais e das determinações do poder civil, assim como sobre a importância do financiamento municipal até ao século XIX. Lista das procissões a cargo da câmara municipal. Dados históricos e descrição das procissões (origem, entidade organizadora, composição, despesas, itinerários, orações, cânticos).

Estas são apresentadas por ordem cronológica: *Procissão das Linhas de Elvas* (14 de Janeiro), instituída em memória da vitória sobre os Castelhanos a 29 de Novembro; *Procissão de São Sebastião* (20 de Janeiro), *Procissão da Purificação de Nossa Senhora ou da Candelária*, (2 de Fevereiro), *Procissão da Batalha de Toro* (2 de Março); procissões da Quaresma (carácter penitencial e data móvel) e outras celebrações realizadas principalmente na Semana Santa: *Procissão da Cinza* (4.ª feira de Cinza), *Procissão do Senhor Jesus dos Passos* (terceiro domingo da Quaresma), *Procissão do Sagrado Viático aos enfermos e encarcerados* (Quinta-Feira Santa), *Procissão do Mandato* (Quinta-Feira Santa), também conhecida por *Visitação às Igrejas*, realiza-se à noite e era integrada apenas por homens, *Procissão do Enterro do Senhor* (Sexta-feira Santa), em que participavam as carpideiras, *Procissão da Ressurreição* (Domingo de Páscoa); *Procissão de Nossa Senhora da Soledade* (Domingo dos Prazeres logo a seguir ao da Páscoa, mas o dia próprio da festividade é um dia de Nossa Senhora dos Prazeres, na primeira segunda-feira depois das oitavas da Páscoa); *Procissão de São Marcos* (25 de Abril); *Procissão das Rogações ou Ladainhas Menores* (no mês de Maio), sendo utilizado o mesmo itinerário da procissão de São Marcos; *Procissão de Nossa Senhora de Fátima* (13 de Maio e 13 de Outubro), *Procissão de São João de Deus da Lagosta* (17 de Maio), para pedir protecção das pragas de gafanhotos; *Procissão da Ascensão* (festa móvel na Quinta-Feira da Ascensão); *Procissão do Corpo de Deus* (Maio ou Junho); *Procissão de Santo António* (13 de Junho); *Procissão de São João Baptista* (24 de Junho); *Procissão da Visitação a Santa Isabel* (2 de Julho); *Procissão de Nossa Senhora do Carmo* (16 de Julho); *Procissão do Anjo Custódio* (terceiro domingo de Julho); *Procissão de São Lourenço* (10 de Agosto); *Procissão do Senhor Jesus dos Aflitos* (penúltimo domingo de Agosto), *Procissão de Nossa Senhora da Paz* (15 de Agosto); *Procissão do Senhor Jesus das Necessidades* (último domingo de Agosto); *Procissão de Aljubarrota* (15 de Agosto), também conhecida posteriormente por Santa Maria de Agosto, realizava-se em comemoração da vitória da batalha de Aljubarrota; *Procissão de Nossa Senhora das Dores ou da Mulinha* (primeiro domingo de Setembro), que tem a particularidade da Nossa Senhora sair na procissão montada numa mula de madeira; *Procissão de Nossa Senhora da Graça* (8 de Setembro); *Procissão de Nossa Senhora de Nazaré* (8 de Setembro); *Procissão dos Pendões* (20 de Setembro), que integra o programa das celebrações em honra do Senhor Jesus da Piedade; *Procissão dos Pendões da Boa Fé* (primeiro ou segundo domingo de Outubro); *Procissão de Nossa Senhora do Rosário* (primeiro domingo de Outubro); *Procissão de São Francisco de Borja* (10 de Outubro); *Procissão dos Finados* (1 de Novembro, embora comemore o dia dos mortos a 2 de Novembro); *Procissão de Nossa Senhora da Guia* (11 de Novembro); *Procissão da Aclamação* (1 de Dezembro); *Procissão de Nossa Senhora da Conceição* (8 de Dezembro); *Bula da Cruzada* (sem data certa);

Procissão “De Petendam Pluviam” (para pedir chuva, sem data certa); *Procissão Pelas Vitórias na Índia* (apenas em 1506 e 1509) e *Procissão de Dedicção da Igreja de Santiago*, que pertencia à Companhia de Jesus (apenas em 1692). Dados sobre lugares e objectos de culto, sobre Ordens Terceiras, confrarias e irmandades, com destaque para a irmandade da Misericórdia, assim como sobre práticas relacionadas com as procissões. Transcrição de vários documentos relativos às procissões anteriormente descritas. – (A5-D3-G1-G2).

1418-15-GANDRA (Manuel J.), *Círio de Nossa Senhora do Cabo Espichel: aspectos mítico-simbólicos*, São Martinho, Comissão de Festas de Nossa Senhora do Cabo Espichel – São Martinho, 2004, 64 p., il., mapas; “Aspectos mítico-simbólicos do círio do Cabo”, *Boletim Cultural’05*, Câmara Municipal de Mafra, p. 225-296, il., mapas.

Estudo sobre as relações simbólicas entre os círios e os cabos finisterra ocidentais e entre estes e o mito atlante, a partir do caso do santuário de Nossa Senhora do Cabo (Espichel) na freguesia do Castelo em Sesimbra, sede do concelho do mesmo nome, e do círio dos saloios (habitantes do campo dos arredores de Lisboa, a norte do rio Tejo), de que faz parte a freguesia de São Martinho em Sintra, sede do concelho do mesmo nome. As duas versões das origens do culto: uma conta que o santuário teve origem no salvamento de naufrágio atribuída a uma imagem que vinha numa embarcação e que depois apareceu no alto de um monte próximo, que se sinalizou com uma luz; outra relata que um velho de Alcabideche, concelho de Cascais, e uma velha da Caparica, concelho de Almada, partilharam um sonho em que admiravam uma luz esplendorosa sobre o Cabo Espichel, convergindo para lá sem conhecimento mútuo, acabando por se encontrar no local que se viria a tornar o destino do círio anual a Nossa Senhora do Cabo ou da Pedra da Mua (nome tem origem na mula ou muar que, galgando o precipício, conduziu a imagem no dorso, deixando impressas as suas pegadas nas rochas sedimentares da encosta a pique, na verdade pegadas de dinossáurio). Descrição do espaço do santuário, com destaque para a ermida da Memória (anterior a 1428) e a igreja (século XVIII). Os objectos de culto compreendem a imagem de Nossa Senhora, o tesouro, os azulejos pintados da ermida da Memória e os registos em papel (água-forte). O círio de Nossa Senhora do Cabo terá iniciado em 1430 e a sua fama deve-se sobretudo à protecção que a Coroa lhe deu, tendo passado a ostentar o título de Real Círio em 1849. O círio tinha a sua cabeça em Belas, concelho de Sintra, e inicialmente compunha-se por trinta freguesias do termo de Lisboa e depois vinte e seis, estando abrangidas pelo compromisso do século XVII, número que se mantém até hoje. Esteve interrompido entre 1910-1926 e 1976-1979. Houve localidades que não são abrangidas pelo referido compromisso que também organizavam círios: Lisboa, Seixal, Arrentela, Almada, Palmela, Sesimbra, Vila Nogueira de Azeitão (freguesias

de São Lourenço e de São Simão. Os círios da Costa da Caparica tinham uma estrutura semelhante à do giro das freguesias do termo de Lisboa. Até finais do século XIX, o círio durava cinco dias: descrição do percurso do círio até ao santuário, dos procedimentos e das celebrações que nele se realizavam. Depois de 1887, a transmissão da imagem passou a fazer-se de freguesia para freguesia, só indo ao Cabo Espichel quando o giro se completava. Hoje a ida ao santuário é esporádica. Transcrição de loas de louvor cantadas a Nossa Senhora. – (B4-D2-H1-H5).

1419-11-GARCEZ (Costa), “Campanários e cata-ventos”, *Revista Municipal*, Câmara Municipal de Lisboa, n.º 114-115, 1967, p. 20-25,il.

A propósito de um breve inventário dos campanários e cata-ventos da cidade de Lisboa, são mencionadas as procissões do Corpo de Deus, de Nossa Senhora da Saúde, no último domingo de Abril ou no primeiro de Maio, e do Senhor dos Passos, que sai em diversas freguesias da cidade. Menção de lugares de culto: a Sé Catedral, as igrejas paroquiais e não paroquiais erigidas em honra do Santíssimo Sacramento, da Santa Cruz, de Nossa Senhora da Estrela, da Graça, de Monserrate, dos santos Cristóvão, Estêvão, Lourenço, Miguel Arcanjo, Vicente, Amaro e Catarina de Alexandria, assim como da capela de Santo Amaro. – (C1-C2-D2-D3).

1420-11-GARCEZ (Costa), “Duas procissões tradicionais em Lisboa”, *Revista Municipal*, Câmara Municipal de Lisboa, n.º 95, 1962, p. 41-51, il.; n.º 96, 1963, p. 53-66,il.

Contributo para estudo do culto ao Senhor dos Passos em Lisboa, iniciado no século XVI quando um jovem, perante a impossibilidade de fundar na igreja de São Roque uma confraria de devoção à Santa Cruz de Cristo, obteve autorização dos religiosos do convento dos Eremitas de Santo Agostinho dedicado a Nossa Senhora da Graça, freguesia da Graça, para ali dar início à obra, denominando-se mais tarde irmandade de Vera Cruz e Passos de Cristo. A procissão realiza-se no segundo domingo da Quaresma: a imagem sai da igreja paroquial da freguesia da Graça, encontrando-se depois com a de Nossa Senhora da Soledade, seguindo depois um percurso de sete passos. A irmandade de Nossa Senhora da Saúde está sediada na ermida do Hospital dos Meninos dedicada a Nossa Senhora do Monserrate. No século XVII, fundiu-se com a dos Artilheiros, passando a denominar-se irmandade de Nossa Senhora da Saúde e São Sebastião. Relato de algumas procissões em honra de Nossa Senhora da Saúde. São referidas as imagens do Senhor Jesus dos Passos, de Nossa Senhora da Saúde, da Soledade e de Santo António. Edição fac-similada de uma das folhas volantes com versos distribuídas nos dias da procissão da Senhora da Saúde e da provisão que aprovou o compromisso da irmandade de Santo António. – (D2-D3-E1-G1).

1421-11-GOMES (Maria Eugénia Reis), *Contribuição para estudo da festa em Lisboa no Antigo Regime*, Lisboa, Instituto Português de Ensino à Distância, 1985, 81 p., il.

Reflexões sobre a evolução e transformações das grandes festividades tradicionais do Antigo Regime no meio urbano, particularmente na cidade de Lisboa. Análise do tempo e espaços festivos eclesiásticos e populares. Com base em relatos da época, é descrita a procissão do Corpo de Deus, a mais importante de Lisboa, que se realizava na primeira quinta-feira depois do Pentecostes, seguindo-se um percurso habitual que ia da igreja da freguesia da Sé até à igreja de São Domingos. Notas sobre as procissões de São Sebastião e Nossa Senhora da Saúde (inicia-se no século XVI, por esta ter livrado a cidade de mal de peste), de Nossa Senhora da Pena e do Senhor dos Passos da freguesia da Graça, assim como as cerimónias da festividade da beatificação de São Francisco Xavier em 1621. Referência às cerimónias religiosas e festejos dos Santos Populares. – (D2-D3-D4-F3).

1422-11-HENRIQUES (Tiago), “A casa da Via-Sacra da basílica de Mafra e o crucifixo que deu sua majestade”, *Mafra Sacra: memória e património*, coordenação de HENRIQUES (Tiago), Sintra – Mafra, Zéfiro – Real e Venerável Irmandade do Santíssimo Sacramento da Paróquia de Santo André de Mafra, 2017, p. 287-293 il.

Nota sobre o estabelecimento da via-sacra na basílica de Mafra, sede do concelho do mesmo nome, em 1736. A sua organização ficou a cargo da Real e Venerável Ordem Terceira da Penitência de São Francisco de Assis, extinta em 1866, sendo os seus bens incorporados na irmandade do Santíssimo Sacramento. – (G1-G2).

1423-11-JANEIRO (Helena Pinto), “A procissão do Corpo de Deus na Lisboa Barroca – o espaço e o poder”, *Arqueologia do Estado. 1.ª jornadas sobre formas de organização e exercício dos poderes na Europa do Sul, séculos XIII-XVIII*, Lisboa, História & Crítica, 1998, vol. II, 1988, p. 723-742.

Estudo sobre a procissão do Corpo de Deus em Lisboa, analisada como instrumento de poder da edilidade e do poder régio nos séculos XVII e XVIII. A festa iniciou-se no século XIII e popularizou-se com Dom Manuel e Dom João III, no século XVI. Descrição da festa: aspectos materiais e financeiros, a decoração da cidade para a procissão, a ostentação do sagrado (o Santíssimo Sacramento, a estátua de São Jorge) e do profano, a hierarquia processional; a deslocação do itinerário da procissão do castelo para a zona ribeirinha do Tejo. Alusão à irmandade do Santíssimo Sacramento. – (E1-G1).

1424-11-LANDEIRO (José Manuel), “As corporações através dos tempos: as procissões dos Passos”, *Mensário das Casas do Povo*, n.º 167, 1960, p. 18-19.

Nota sobre a procissão dos Senhor dos Passos que saía da igreja de Nossa Senhora da Graça, freguesia da Graça em Lisboa. Ela teve origem na imagem do Senhor dos Passos, encontrada no lugar onde deveria estar um mendigo alimentado pelos agostinhos graciosos, que desapareceu. Os frades concluíram que o mendigo era Cristo disfarçado. A procissão do Senhor dos Passos da Graça é a mais antiga de que há notícia em Portugal. Ela teve o seu início em 1687 por iniciativa das corporações de artistas, que nela exibiam as suas danças, músicas e obras, mas com o tempo a aristocracia, o rei e o alto clero passaram a dominá-la. Notícia da procissão de 1953. – (D3-F2-E6).

1425-11-NETO (André Filipe), “Interceder pelo monarca: a Venerável Ordem Terceira da Penitência de São Francisco”, *Maфра Sacra: memória e património*, coordenação de HENRIQUES (Tiago), Sintra – Maфра, Zéfiro – Real e Venerável Irmandade do Santíssimo Sacramento da Paróquia de Santo André de Maфра, 2017, p. 295-302, il.

Notas sobre a procissão dos santos da ordem terceira franciscana em Maфра, sede do concelho do mesmo nome, organizada pela Venerável Ordem Terceira da Penitência e composta por dez andores. Iniciada em 1740 por causa da doença do monarca Dom João V, a procissão realizou-se também pelo mesmo motivo no reinado de Dom José I. A procissão é um acontecimento extraordinário que persegue objetivos sociopolíticos e um ritual que materializa formas de sensibilidade religiosa. As procissões em análise medeiam a relação do homem com a morte no contexto da piedade barroca. Menção de outras procissões com o mesmo fim realizadas, por exemplo, em Lisboa. – (D3-G2).

1426-11-MARQUES (João Francisco), “Lisboa religiosa na segunda metade do século XVII”, *Bento Coelho (1620-1708) e a cultura do seu tempo*, Lisboa, Instituto Português do Património Arquitectónico, 1998, p. 139-169, il.

Estudo sobre a piedade em Lisboa na segunda metade do século XVII, que analisa o domínio do clero sobre o povo e a vida religiosa. Notas sobre a piedade popular e as suas práticas. Dados sobre os numerosos lugares de culto (igrejas paroquiais, capelas, conventos) e os seus objectos de culto, as pregações, as confrarias, os funerais de pessoas com odor de santidade, as procissões obrigatórias, como a do Senhor dos Passos, e as extraordinárias (seca, calamidades, peste, guerra, trasladação de imagens sacras, relíquias), as doações para a edificação de lugares de culto e a edificação de capelas para sepultura (obrigação de missas perpétuas), as festas de canonização de santos. Esta vida religiosa contrastava com uma certa dissolução de costumes que a Igreja procurava contrariar. Inventário das obras de cultura religiosa editadas em Lisboa, relativas a Portugal e às colónias. – (A5-C2-E4-G1).

1427-.-MARTINS (Maria Fernanda Catarino), *Roteiro monográfico dos círios a Nossa Senhora do Cabo*, Lisboa, IADE – Instituto de Artes Visuais, Design e Marketing, 2007, 115 p., il., mapa, plantas.

Estudo sobre o santuário e a lenda de Nossa Senhora do Cabo situado no Cabo Espichel, freguesia do Castelo em Sesimbra, sede do concelho do mesmo nome. Centra-se nos factores que contribuíram para a origem da lenda, do culto e dos círios, assim como no estado de conservação do espaço físico do local, com vista a alertar para o avançado estado de degradação dos edifícios. Foram tratados o enquadramento natural e histórico, as estruturas arquitectónicas, a lenda, os círios e o culto. Análise dos rituais da organização dos giros entre as freguesias da zona saloia. Nota sobre outras devoções marianas do concelho de Sesimbra dedicadas a Nossa Senhora del Carmen, da Consolação e da Luz, que têm em comum a protecção das gentes do mar. Contém um anexo com as freguesias actuais do giro saloio (dos habitantes do campo dos arredores de Lisboa, a norte do rio Tejo) e um anexo iconográfico. – (C2-D2-E3-G1).

1428-15-MARTINS (Salvador Félix), *Caparica doutros tempos*, s. l., Socingraf, 2004, 153 p., il.

Notas sobre a freguesia da Costa da Caparica, concelho de Almada, contendo breves informações sobre o giro do círio do saloios (habitantes do campo dos arredores de Lisboa, a norte do rio Tejo) e dos círios de outras localidades da margem sul do Tejo, nomeadamente o da Costa da Caparica que ia ao santuário de Nossa Senhora do Cabo, freguesia do Castelo em Sesimbra. – (D2-G1).

1429-11-MIGUEL (António Dias), “Entremezes e representações na procissão do Corpo de Deus, no reinado de D. Manuel (1509-1514)”, *Colóquio: Revista de Artes e Letras*, n.º 43, 1967, p. 65-67.

Notícia sobre as representações encenadas durante a procissão do Corpo de Deus em Lisboa, nos anos de 1509 a 1514, e os seus autores.

1430-12-MONTALVO (António M. Rebordão), *Retratos de Nisa com gente da terra: memórias do Portugal rural dos anos 1950 e 60*, Nisa, Associação Nisa Viva, 2007, 216 [5] p., il.

Memórias pessoais, familiares e históricas de Nisa, sede do concelho do mesmo nome, do terceiro quartel do século XX, que dedicam breves páginas à sociabilidade religiosa. A prática da missa dominical e os costumes sociais associados. Descrição da procissão do Senhor dos Passos, feita na noite da Semana Santa, e da procissão do Corpo de Deus. Outras festas eram dedicadas a São Sebastião e a Santo António. Notícia sobre a romaria a Nossa Senhora da Graça, protectora de Nisa, que se realizava na segunda-feira da Páscoa e compreendia aspectos religiosos e profanos. Nota sobre os usos e costumes do casamento. – (D2-D3-D4-E6).

1431-07-MORAIS (J. A. David de), “A festa da Santa Cruz da Aldeia da Venda”, *Oralidades: ao encontro de Giacometti*, coordenação de ARIMATEIA (Rui), Lisboa, Edições Colibri, 2011, p. 71-78, il.

Breve descrição da festa da Santa Cruz da Aldeia da Venda, freguesia de Santiago Maior, concelho do Alandroal, que se realiza no início do mês de Maio e que compreende fundamentalmente a ritualização do “Cântico à Ordem (ao Horto) das Oliveiras”, no sábado, e a “Entrega da Santa Cruz”, no domingo, executados por catorze raparigas e doze rapazes adolescentes. A festa decorre no espaço da aldeia e é considerada profana pela Igreja, que tem mantido uma atitude de hostilidade contida perante a sua realização. – (A5-B4-E3-E6).

1432-07-MORAIS (J. A. David de), *Religiosidade popular no Alentejo: a festa da Santa Cruz da Aldeia da Venda e a sua dialéctica com o sagrado*, Lisboa, Edições Colibri, 2010, 352 p., il., mapas.

Estudo sobre a festa da Santa Cruz na Aldeia da Venda, freguesia de Santiago Maior, concelho do Alandroal, ao longo de três décadas. Descrição da festa, datável do século XVII-XVIII, que se realiza sempre num dos sábados seguintes à que decorria no primeiro sábado de Maio na localidade de Cabeça do Carneiro, na mesma freguesia, e que não comporta celebrações na igreja. A sua característica mais marcante é a celebração paralitúrgica do Cântico à Ordem das Oliveiras, mas desde a década de 60, a solenidade alargou-se ao domingo e passou a incluir também elementos profanos. Hoje decorre no sábado da segunda semana de Maio e compreende a mestra e a ajudante, que dirigem os ensaios e que no dia da festa orientam o grupo das raparigas (14), liderado pela Madanela (Maria Madalena) vestida de negro, e dos rapazes (12). Descrição da disposição do cortejo, do vestuário e adereços, bem como do percurso do séquito, do lugar do encontro e do regresso. O esboço interpretativo da festa compreende os seguintes aspectos: o domínio espacial que envolvia outrora quinze aldeias do Alentejo (distritos de Portalegre, Évora, Beja e parte do distrito de Setúbal), mas hoje está confinado à Aldeia da Venda, em parte devido à acção eclesiástica; a sua origem e originalidade, inseridas parcialmente em práticas ancestrais alentejanas; o significado da personagem de Maria Madalena ou Madanela nos Evangelhos, na lenda, na pintura, na escultura, no pseudocientificismo (livros de esoterismo) e no imaginário colectivo. Análise da festa à luz da história das religiões (a festa integra-se no ciclo de festividades da Primavera, a mitificação da história bíblica de Jesus), do simbólico (a Santa Cruz, o Santo Sudário, a profusão de prata e ouro, as cores, os pandeiros das cantadeiras, as espingardas dos atiradores, o largo do encontro, os elementos vegetalistas, o acto de pentear e descalçar, a numeralogia da festa) e do antro-po-psicanalítico (uma catarse colectiva, sobretudo para as mulheres que tinham sido mães e frequentemente

abandonavam os filhos devido aos trabalhos agrícolas, um rito de passagem das jovens participantes ao estatuto de casadoiras, as espingardas dos jovens simbolizando a virilidade diante das jovens, as funções societárias). Transcrição de diferentes versões do Cântico à Ordem das Oliveiras. – (A5-B4-D3-E6).

1433-11-NUNES (J. Lúcio), “História da procissão de Nossa Senhora da Saúde”, *Ocidente*, vol. LXIX, n.º 330, Julho, 1965, p. 133-144.

História da procissão de Nossa Senhora da Saúde, também conhecida por procissão dos artilheiros, e dos seus itinerários processionais na cidade de Lisboa. Esta procissão realizou-se sem interrupção entre 1570 e 1910 e de novo desde 1940. Hoje é feita em honra de Nossa Senhora da Saúde e de São Sebastião, mas inicialmente era dedicada unicamente ao santo. A capela foi mandada construir em 1662 pelos artilheiros, junto às antigas portas do bairro da Mouraria. Origem das irmandades de Nossa Senhora da Saúde e de São Sebastião, unidas desde o ano de 1662. A irmandade de São Sebastião foi instituída no século XVI por iniciativa dos artilheiros do 1.º Regimento de Lisboa, durante um surto de cólera-morbo que assolou a capital. Alusão à irmandade de Santo António também aqui sediada. Relação de ex-votos oferecidos a Nossa Senhora da Saúde. São mencionados São Cristóvão e São Roque, escolhidos para protectores contra a peste no século XVI, assim como outras entidades religiosas tais como Nossa Senhora da Saúde, a Imaculada Conceição e a Mãe de Deus, vulgarmente designada com o título de Nossa Senhora da Rocha. São mencionados São Cristóvão e São Roque, escolhidos para protectores contra a peste no século XVI, assim como outras entidades religiosas tais como Nossa Senhora da Saúde, a Imaculada Conceição e a Mãe de Deus, vulgarmente designada com o título de Nossa Senhora da Rocha. Nota para hagiografia do mártir São Sebastião. – (D2-F3-G4-H4).

1434-07-PAGARÁ (Ana), “O convento da Ordem de São Paulo em Portel”, *Conversas à volta dos conventos*, coordenação de FRÓIS (Virgínia), Évora, Casa do Sul Editora, [D.L. 2002], p. 207-228, il.

Dados sobre o convento da Ordem de São Paulo (primeiro eremita) em Portel, sede do concelho do mesmo nome, fundado provavelmente no início do século XV e extinto em 1834. A sua igreja serve muito esporadicamente ao culto, apenas quando se realiza a procissão do Senhor dos Passos, na Quaresma. – (C2-I3).

1435-15-PATO (Heitor Baptista), “O círio de Lisboa a Nossa Senhora do Cabo: devoção e aparato no século XVIII”, *Lisboa e a festa: celebrações religiosas e civis na cidade medieval e moderna: actas*, coordenação de VALE (Teresa Leonor), PEREIRA (Maria João Pacheco), FERREIRA (Sílvia), Lisboa, Câmara Municipal, 2009, p. 105-122, mapa, quadros.

Estudo sobre o círio de Lisboa a Nossa Senhora do Cabo efectuado pela confraria do mesmo nome que desta cidade ia todos os anos ao santuário situado no Cabo Espichel, freguesia do Castelo em Sesimbra, sede do concelho do mesmo nome. Descrição do círio de 1701, feita por um viajante estrangeiro, e dos círios de 1770 e de 1784, que contaram com a presença da família real. O itinerário do círio de 1784, as celebrações religiosas e o aparato: cortejos, aparato efêmero, festa e representação do poder, manifestações profanas. – (D1-D2-G1).

1436-15-PATO (Heitor Baptista), “Os *círios* de Nossa Senhora do Cabo Espichel na relação de Thomas Cox em 1701”, *Olisipo*, n.º 29-30, 2008-2009, p. 68-89, il. Estudo sobre os círios que se deslocavam ao santuário de Nossa Senhora do Cabo Espichel, situado no promontório do Cabo Espichel, freguesia do Castelo em Sesimbra, concelho do mesmo nome, baseado na *Relação do Reino de Portugal*, escrita por Thomas Cox em 1701. Notícia das três versões do achamento da imagem que representa Nossa Senhora com o Menino ao colo. O culto remonta pelo menos a meados do século XIV. Há notícia de peregrinações desde 1366; a partir de 1430, organizou-se desde Lisboa e da zona saloia uma estrutura complexa, um giro integrado por trinta freguesias (actualmente 26), em que cada comunidade sucede à vez e durante um ano na posse da bandeira da Senhora e também da sua imagem. Durante esse ano, o culto é da responsabilidade da freguesia escalada na ordem do giro. Os círios dos saloios (habitantes do campo dos arredores de Lisboa, a norte do rio Tejo) deslocavam-se anualmente ao Cabo Espichel até 1887-1888. Desde então, a transmissão da imagem e da bandeira efectua-se directamente de freguesia para freguesia, sem deslocação ao santuário. Os lugares de culto do santuário são a ermida da Memória, já existente em 1414, e a igreja erecta no século XVIII em substituição de uma outra mais pequena construída no século XV. Os círios realizavam-se anualmente em data escolhida pelas comunidades de romeiros. As festividades decorriam em geral entre Junho e Setembro/Octubre. Na descrição de 1701, incluíam a procissão (imagens de Nossa Senhora, a berlinda, a presença da família real e da corte), teatro, tourada, música, bodo e fogo-de-artifício. Era obrigatório o uso de uma medalha e muitos adquiriam medidas, isto é, fitas com a mesma medida do tamanho da imagem de Nossa Senhora do Cabo, por vezes apresentando as suas iniciais e ao centro um pequeno registo. Menção da confraria de Nossa Senhora do Cabo. – (D2-D5-G1-H5).

1437-..-PENTEADO (Pedro), *A Senhora da Berlinda: devoção e aparato do Círio da Prata Grande à Virgem da Nazaré*, Ericeira, Mar de Letras – Editora, 1999, 139 p., il., quadros, gráficos.

Contribuição para a história da confraria de Nossa Senhora da Nazaré ou Círio da Prata Grande desde a sua génese aos nossos dias. O círio teve a sua

origem num voto feito no final do século XVII, mas o giro das peregrinações das dezassete freguesias que o compunham terá começado apenas em 1732. Redefinição do giro e das práticas festivas no final do século XVIII, quando já se denominava círio da Prata Grande. O círio atingiu o seu maior protagonismo no santuário durante o século XIX e princípios do século XX. A implantação da República em 1910 conduziu à interrupção das idas ao santuário da Nazaré (distrito de Leiria) e ao reforço do culto no território das freguesias que compõem o giro. Em cada ano realiza-se a procissão e o cortejo que acompanha a entrega da imagem a uma das dezassete confrarias do giro. A queda da República permitiu a retoma da peregrinação ao santuário da Nazaré, mas sem o esplendor doutrora. O círio e as festas de Nossa Senhora da Nazaré na Ericeira, concelho de Mafra, do século XVIII aos nossos dias: o papel das elites e a participação dos pescadores e dos saloios (habitantes do campo dos arredores de Lisboa, a norte do rio Tejo). Apêndice documental com a transcrição do compromisso da confraria de Nossa Senhora da Nazaré de 1732, o inventário dos bens do Círio da Prata Grande feito em 1830 e 1870, assim como de excertos de dois textos relativos ao Círio da Prata Grande de meados do século XIX. – (D2-E3-G1-I3).

1438-11-PEREIRA (Paulo), LEITE (Ana Cristina), “Espiritualidade e religiosidade na Lisboa de Quinhentos”, *Lisboa quinhentista: a imagem e a vida da cidade*, coordenação de MOITA (Irisalva), Lisboa, Direcção dos Serviços Culturais da Câmara Municipal, 1983, p. 31-41.

Notas sobre a vida religiosa na cidade de Lisboa no século XVI, onde se destaca a penetração da espiritualidade da *devotio moderna*, a influência da renovação religiosa desenvolvida por jesuítas, capuchos e jerónimos, assim como através dos recolhimentos (círculos de devotos, constituídos principalmente por mulheres); a devoção a Santa Maria e a importância do culto mariano atestado pelas numerosas igrejas, ermidas e conventos de que é titular. Notícia da festa da Visitação criada por Dom Manuel e da procissão anual que se realizava a 2 de Julho. Os cultos aos santos António, Vicente (culto real mais, do que popular), Roque e Sebastião, sendo estes dois últimos invocados para os males pestíferos que assolavam a cidade. A chegada de relíquias dos dois santos aumenta a devoção, mas São Sebastião acaba por se tornar no maior advogado contra as pestes. Em seu louvor são edificadas ou dedicadas várias ermidas e capelas, das quais se menciona a de São Sebastião da Pedreira, freguesia do mesmo nome, que tinha confraria dedicada ao mártir e onde se guardava uma relíquia. Outras devoções tiveram a sua origem em graças concedidas por ocasião de epidemias: a procissão de Nossa da Senhora da Penha de França e as peregrinações a Nossa Senhora da Atalaia, concelho do Montijo (padroeira das alfândegas), que originou uma confraria denominada Círio da Atalaia e de Nossa Senhora do Cabo (Espichel, freguesia do Castelo

em Sesimbra). Notas descritivas relativas às manifestações religiosas organizadas pela câmara municipal e apoiadas pela população, como acção de graças ou em resultado de devoções régias: as procissões do Corpo de Deus (origem no século XIII, no primeiro domingo logo a seguir à Ascensão) e do Anjo Custódio (terceiro domingo de Julho) e a festa do Espírito Santo. As procissões do dia de Todos os Santos e da Quinta-Feira Santa eram organizadas pela irmandade da Misericórdia. – (A5-D2-D4-F3).

1439-12-PINA (Fernando Correia), “O regimento das procissões da vila de Fronteira em 1633”, *A Cidade: Revista Cultural de Portalegre*, n.º 8, 1993, p. 167-172.

Transcrição do regimento das procissões de 1633 organizadas pelo município da vila de Fronteira, sede do concelho do mesmo nome. As procissões eram realizadas em honra do Corpo de Deus, do Anjo Custódio e da Rainha Santa Isabel. Breve notícia histórica sobre as procissões em Portugal: as procissões instituídas pela Igreja (Corpo de Deus), por monarcas (São Jorge, Visitação, Anjo Custódio e Rainha Santa Isabel) e municípios (por exemplo, Nossa Senhora da Saúde em Lisboa) ou por simples particulares (Endoenças, Todos os Santos). O regimento da procissão do Corpo de Deus constituía o paradigma dos regimentos das procissões.

1440-15-QUINTAS (Maria da Conceição), “Expressões da vivência religiosa no aglomerado urbano de Setúbal”, *Cultura: Revista de História e Teoria das Ideias*, vol. X, 1998, p. 189-215, il.

Estudo sobre as vivências religiosas da população da cidade de Setúbal, nos séculos XVIII a XX, em particular da comunidade das gentes ligadas à actividade marítima. São destacadas as festas e romarias que se realizavam em honra do Senhor do Bonfim, de Nossa Senhora de Tróia, na freguesia do Carvalhal, concelho de Grândola, da Anunciada, do Cais, de São Julião e de São Luís da Serra. No século XIX, ganhou força o culto a Nossa Senhora da Arrábida (serra do concelho de Setúbal), organizando-se anualmente círios ao santuário. Notícia da romaria de São Luís da Serra (bispo de Toulouse), na Serra de São Luís, freguesia de Nossa Senhora da Anunciada. Descrição das festividades religiosas, sobretudo procissões, que decorriam na Semana Santa e as que são próprias do Natal. – (D2-D3-D4-E1).

1441-11-RAGGI (Giuseppina), “A formosa maquina do Ceo e da terra”: a procissão do *Corpus Domini* de 1719 e o papel dos arquitectos Filippo Juvarra e João Frederico Ludovice”, *Cadernos do Arquivo Municipal*, n.º 1, 2014, p. 107-129, il.

No dia 8 de Junho de 1719, a cidade de Lisboa foi transformada num espaço sagrado onde a sociedade portuguesa, ordenada hierarquicamente, obsequiou o Santíssimo Sacramento. Este evento, tradicionalmente interpretado como

testemunho da devoção de Dom João V, insere-se num contexto político mais complexo, capaz de visualizar, através das artes, o poder de Dom João V e da monarquia lusitana face à Santa Sé e às outras coroas europeias. As arquitecturas efémeras construídas em vários pontos do percurso da procissão do Corpo de Deus são tradicionalmente atribuídas ao arquitecto de origem alemã João Frederico Ludovice. Este ensaio problematiza a relação da arte com os poderes e a sua instrumentalização para fins políticos, focando-se no papel do arquitecto italiano Filippo Juvarra. – (E1).

1442-15-RIBEIRO (Américo), MARTINS (Manuel da Silva) *Setúbal: imagens da história religiosa no século XX*, Setúbal, Diocese de Setúbal, 1995, 95 [1] p., il. mapa.

Álbum fotográfico comemorativo da criação da diocese de Setúbal (1975-1995). Na primeira parte, as fotografias ilustram diversas manifestações da vida religiosa entre 1939 e 1975, antes da criação da diocese: missas campais, procissões da Paixão, do Enterro do Senhor, do Corpo de Deus, do Santíssimo Sacramento, de Nossa Senhora do Cais, assim como a visita da imagem peregrina de Nossa Senhora de Fátima, a festa do Senhor do Bonfim (todas em Setúbal) e a procissão do Senhor dos Passos em Vila Nogueira de Azeitão, (freguesias de São Lourenço e São Simão). Na segunda parte, as fotografias representam sobretudo as cerimónias da criação da diocese. – (D2-D3-E1).

1443-11-RIBEIRO (Maria Isabel), “O saloio de A a Z”, *Boletim Cultural’93*, Câmara Municipal de Mafra, p. 274-312, il.

Compilação de costumes da população da região saloia (área rural dos arredores de Lisboa, a norte do rio Tejo), organizada em forma de glossário, que reúne excertos tirados sobretudo da obra *O saloio, sua origem e seu carácter: fisiologia, psicologia, etnografia*, publicada em 1948. Notícia sobre os círios dos saloios a Nossa Senhora do Cabo (Espichel, freguesia do Castelo em Sesimbra), que começou em 1430, tendo feito parte dele trinta freguesias, mas hoje são vinte e seis; o círio que se realiza desde meados do século XVIII à ermida de Santa Cristina situada na freguesia de Azueira, concelho de Mafra, e à capela de São Julião situada entre as freguesias da Ericeira e da Carvoeira, no mesmo concelho. Outras manifestações religiosas da população saloia são os círios dos santos, no dia de Todos os Santos, que ia de Mafra à freguesia de Azueira homenagear Nossa Senhora do Livramento, de Nossa Senhora da Nazaré (distrito de Leiria) e a Nossa Senhora da Atalaia (concelho do Montijo). Menção das festas em honra de Santa Cristina (no seu dia, a 12 de Julho), em que os devotos se faziam acompanhar dos rebanhos, a Santo Isidoro de Sevilha (com bênção do pão) e a Santa Quitéria, esta já extinta. Apontamentos sobre as práticas relativas à morte: o bodo no dia do enterro, abandonado no século XIX, o anúncio do dia de enterro feito por um vizinho

que percorria a aldeia com uma opa vestida, as encomendações e toque dos sinos, o silêncio dos acompanhantes. – (D4-E4-E6-G1).

1444-11-ROQUE (Mário da Costa), “A ‘peste grande’ de 1569 em Lisboa”, *Anais*, Academia Portuguesa de História, vol. XXVIII, 1982, p. 71-90.

Análise da peste que assolou a cidade de Lisboa em 1569 e das atitudes que originou. A epidemia foi atribuída a várias causas, destacando-se os castigos de Deus pelos seguintes motivos: má pregação, vaidade dos homens, gastos feitos com dinheiro necessário para a reconstrução da capela de São Sebastião. O medo da morte provocada pela peste esteve na origem da realização da procissão de Nossa Senhora da Saúde em 1570, que ainda hoje se efectua, e de sermões.

1445-11-SANTANA (Francisco), “A Lisboa setecentista nos processos inquisitoriais”, *Olisipo*, n.º 4, 1997, p. 55-61, planta.

Através dos processos inquisitoriais, o autor procura identificar os espaços de sociabilidade da cidade de Lisboa no século XVIII, referindo nomeadamente a igreja paroquial de São Nicolau, onde foram baptizados muitos cristãos-novos, as procissões do Senhor dos Passos e do Corpo de Deus. Notícia de algumas práticas e objectos mágicos. – (C1-E1-E6).

1446-.-SANTOS (Beatriz Catão Santos), “A procissão de Corpus Christi e os ourives: Lisboa e Porto, séculos XVII e XVIII”, *Lusitania Sacra*, vol. XXXII, 2015, p. 241-263.

O artigo analisa documentos do Arquivo da Câmara Municipal de Lisboa e do Arquivo Municipal do Porto sobre as corporações de ourives, ofício que constitui uma espécie de pomo de discórdia entre diversos grupos na procissão de Corpus Christi. A documentação de Lisboa data da segunda metade do século XVII e a do Porto antecede a Restauração, coincidindo com o governo de Felipe III (1621-1640). A partir dessa documentação, é possível ampliar a reflexão sobre o ritual do Corpo de Deus e a relação entre os ourives e a procissão, considerando-se que os rituais são sistemas elaborados de negociação entre diferentes grupos sociais. Menção de outras confrarias que disputavam as preeminências na procissão, como a confraria de São Pedro em Miragaia, cidade do Porto. Da posição na procissão dependia a possibilidade dos representantes dos ofícios entrarem ou não na capela-mor.

1447-11-SERAFIM (Paula Leal), “Finanças e religiosidade na procissão do Corpo de Deus de Lisboa”, *Cadernos do Arquivo Municipal*, Câmara Municipal de Lisboa, n.º 8, 2005, p. 18-37, il.

Estudo sobre o esforço financeiro e social da Câmara Municipal de Lisboa para a realização da procissão do Corpo de Deus. A afirmação da divindade de

Cristo surge como oposição ao arianismo, sendo representado com uma coroa real, com que assume a sua condição divina. O culto popular da eucaristia surge no século XI, tendo a Igreja instituído a festa em 1264. Nos séculos XIV e XV, a consagração da hóstia e a índole sacramental fizeram aparecer a irmandade do Santíssimo Sacramento. Por fim, o Concílio de Trento instituiu oficialmente a procissão do Corpo de Deus, já efectuada em algumas regiões da cristandade. A procissão como festa é um mecanismo inspirador de piedade e devoção e, ao mesmo tempo, uma manifestação lúdica e de sociabilidade. Em Portugal, esta solenidade teve o seu começo na segunda metade do século XIII, mas o aparato que a viria a caracterizar começou nos inícios do século XVI, tornando-se um encargo oneroso para a cidade de Lisboa. Uma das principais obrigações era a decoração e arranjo das ruas por onde passava, assim como a participação de determinadas entidades e grupos socioprofissionais. Notas sobre as despesas, autorizações e proibições camarárias ou régias relativas à procissão. A Câmara Municipal de Lisboa procurou fixar um padrão para a realização da festa. A procissão teve diversos itinerários ao longo dos séculos. – (A5-D3-E1-G1).

1448-11-SOARES (Maria Micaela), “Salaios”, *Boletim Cultural*, Assembleia Distrital de Lisboa, n.º 91, t. 1, 1989, p. 141-233 [38] il.

Estudo de âmbito etnográfico sobre os salaios (habitantes do campo dos arredores de Lisboa, a norte do rio Tejo), que analisa algumas das suas práticas religiosas desde o século XV. A origem, evolução e descrição dos círios salaios aos santuários de Nossa Senhora do Cabo (Espichel) na freguesia do Castelo em Sesimbra, sede do concelho do mesmo nome, da Atalaia no concelho do Montijo, da Nazaré no santuário situado nesta localidade (distrito de Leiria), dos Remédios em Peniche (distrito de Leiria) e ao Senhor Jesus do Carvalhal (distrito de Leiria). As procissões e romarias nas festas dos oragos em honra de Nossa Senhora da Luz, dos Prazeres, da Saúde e dos santos Antão (17 de Janeiro), Isidoro de Sevilha, Mamede, Pedro, Anjo Custódio de Portugal, Brígida, Cristina e Quitéria. Apontamentos relativos à cerimónia de bênção do gado, nomeadamente ao costume de dar ao gado pedaços de pão benzidos e embebidos no azeite da lâmpada do Santíssimo Sacramento para protecção de doenças. Outros pedaços do pão eram guardados nas arcas do cereal para o preservar do gorgulho. Alusão à benção do pão e dos animais e à oferta de ex-votos (quadros pintados, figuras de cera e medalhas), assim como a aspectos relacionados com o nascimento e a morte, as crenças e “superstições” (bruxas, curandeiras, espíritos). – (D2-D4-E6-H4).

1449-11-SOARES (Maria Micaela), “Varinos em Lisboa”, *Boletim Cultural*, Assembleia Distrital de Lisboa, n.º 95, t. 1, 2009, p. 187-254, il.; *Olisipo*, n.º 3, 1996, p. 63-72.

Reformulação de um estudo publicado no ano de 1996 sobre os varinos de Lisboa, pescadores da zona lagunar de Aveiro que vieram para junto do rio Tejo, em Lisboa, talvez a partir do século XVIII. Contém uma notícia sobre as suas diversões, normalmente associadas aos festejos religiosos em honra dos Santos Populares, à participação nos círios a Nossa Senhora da Atalaia, concelho do Montijo, e à romagem ao Senhor da Serra em Belas, concelho de Sintra. Anualmente podiam deslocar-se ao território de origem para cultuar São Paio ou Pelágio na freguesia da Torreira (distrito de Aveiro). Transcrição de cantares dedicados ao Senhor da Serra e ao Senhor da Pedra. – (B4-D2-D3-D4).

1450-11-SOUSA (Francisco), “O círio dos saloios a Nossa Senhora do Cabo”, *Aspectos religiosos e profanos das festas populares em Loures, exposição de etnografia 23 de Julho a 18 de Outubro*, Loures, Câmara Municipal, 1993, p. 29-45, il.

Notas sobre o círio a Nossa Senhora do Cabo como manifestação da piedade popular e descrição histórica do círio dos saloios (habitantes do campo dos arredores de Lisboa, a norte do rio Tejo) ao santuário situado no Cabo Espichel, freguesia do Castelo em Sesimbra, sede do concelho do mesmo nome. Participavam no círio trinta freguesias, mas hoje são vinte e seis as que fazem o giro da imagem entre si em cada ano, não se deslocando ao santuário. Este círio deve-se ao cumprimento de uma promessa formulada pela comunidade saloia, com a finalidade de afastar a epidemia de peste que assolou a região. Origem do culto a Nossa Senhora do Cabo através das três versões da lenda que explicam a fundação do santuário, nomeadamente da que deu origem ao círio dos saloios no século XV: uma estrela brilhante indicou o Cabo Espichel a um saloio de Alcabideche, concelho de Cascais, como sendo o lugar revelado em sonhos por Nossa Senhora, onde ele encontraria a sua imagem que deveria ser cultuada. Nota sobre a criação da confraria (século XV) e o seu compromisso datado de 1672. Breve notícia de algumas práticas dos romeiros no santuário. – (D2-D5-F2-G1).

1451-.-TEIXEIRA (Vasco A. Valadares), “Círios da Estremadura”, *Portugal moderno: tradições*, coordenação de BRITO (Joaquim Pais de), Lisboa, Pomo, 1991, p. 103-113, il., mapa.

Notas históricas sobre os círios da Estremadura (parte do distrito de Leiria, distrito de Lisboa, parte do distrito de Setúbal) na actualidade. Os círios mais importantes até ao princípio do século XX dirigiam-se a Nossa Senhora da Penha de França em Lisboa; a Nossa Senhora da Atalaia no concelho do Montijo, celebrada em finais de Agosto, encontra-se ligada a uma fonte com poderes curativos, junto da qual teria aparecido Nossa Senhora e onde foi edificada uma igreja em 1623; a Nossa Senhora da Nazaré no santuário situado na Nazaré (distrito de Leiria), desde o século XIV, e a Nossa Senhora do Cabo

(Espichel) na freguesia do Castelo em Sesimbra, sede do concelho do mesmo nome, local onde teria aparecido a imagem da Virgem no século XIV. Sobre este círio de Nossa Senhora do Cabo são analisados o santuário, a constituição do culto anual e do giro das freguesias no século XV, a formação da confraria, a proveniência e caracterização dos participantes, as prescrições do compromisso, os ex-votos e referenciados aspectos lendários do culto. Sobre o Círio da Prata Grande, que cultuava Nossa Senhora da Nazaré, é referida a origem lendária da imagem, a origem do culto no século XII, a fundação do giro (17 freguesias da área noroeste da cidade de Lisboa) e da confraria na primeira metade do século XVIII. Descrição de um círio do princípio do século XX. Identificação dos aspectos rituais específicos: loas, quadras cantadas de intenção laudativa compostas por cada freguesia e comuns à generalidade das romarias e festas de santos de Portugal. – (B4-C2-D2-G1).

1452-15-VAZ (Maria Máxima), *O círio dos saloios a Nossa Senhora do Cabo*, Odivelas, Centro de Estudos Sociais D. Dinis, 2003, 29 [2] p.

Notas sobre o círio dos saloios (habitantes do campo dos arredores de Lisboa a norte do rio Tejo) ao santuário de Nossa Senhora do Cabo, situado no Cabo Espichel, freguesia do Castelo em Sesimbra, sede do concelho do mesmo nome, de cujo giro fazia parte a freguesia de Odivelas, sede do concelho do mesmo nome. O giro era composto inicialmente por trinta freguesias e desde o início do século XVIII por vinte e seis. A bandeira, que simbolicamente o juiz da comissão cessante passava ao da paróquia seguinte, foi substituída pela imagem peregrina de Nossa Senhora. Em 1887 a imagem deixou de ser levada ao santuário e a passagem do testemunho passou a fazer-se directamente de uma freguesia para outra. No final do ciclo de vinte e seis anos, as freguesias deveriam visitar o santuário o que, presentemente, não é cumprido. Notícia sobre a origem da devoção. – (D2-G1).

1453-15-VIEIRA (Ana Franco), *Nossa Senhora do Cabo Espichel: “o círio saloio”*, Belas, Edição da Autora, [D.L. 2016], 48 p., il.

Contribuição para o estudo do santuário e culto a Nossa Senhora do Cabo (Espichel) na freguesia do Castelo em Sesimbra, sede do concelho do mesmo nome, em particular do círio saloio (dos habitantes do campo dos arredores de Lisboa, a norte do rio Tejo) que compreendia diversas freguesias, no qual se integra a freguesia de Belas, concelho de Sintra. São abordados os seguintes aspectos: o espaço de culto no Cabo Espichel e a devoção popular e festa organizada pela confraria de Nossa Senhora do Cabo. Referência à importância da participação de Belas no giro saloio, que agrupava trinta freguesias e depois passou a vinte e seis. Desde 1887 o giro passou a ser feito entre as vinte e seis freguesias, ficando uma em cada ano de organizar a festa. Menção das confrarias que existiram na igreja matriz de Nossa Senhora da Misericórdia

em Belas, concelho de Sintra, erigidas em honra do Santíssimo Sacramento, de Santo António e de Nossa Senhora da Conceição. – (C2-D2-G1).

1454-11-*Aspectos religiosos e profanos das festas populares em Loures, exposição de etnografia 23 de Julho a 18 de Outubro*, Loures, Museu Nacional de Loures – Câmara Municipal de Loures, 1993, 88 p., il.

Catálogo da exposição etnográfica sobre Aspectos religiosos e profanos das festas populares em Loures, que se realizou no Museu Municipal de Loures em 1993, incidindo no estudo dos hábitos religiosos dos saloios no concelho de Loures. São estudados o círio e a devoção dos saloios (habitantes do campo dos arredores de Lisboa, a norte do rio Tejo) a Nossa Senhora do Cabo (Espichel, freguesia do Castelo em Sesimbra), assim como as procissões e itinerários processionais em honra dos padroeiros das freguesias. Investigação e textos de ASSUNÇÃO (Ana Paula), SOUSA (Francisco), CORREIA (Eugénia) e FERREIRA (Miguel de Sousa). – (D2-D4-E2).

1455-11-“Os círios em Almargem do Bispo”, *Nossa Senhora do Cabo: festas de Almargem do Bispo. Giro saloio 575 anos*, Almargem do Bispo, Comissão de Festas de Nossa Senhora do Cabo Espichel, 2005, p. 77-80, il.

Nota sobre os círios da freguesia de Almargem do Bispo, concelho de Sintra, a Nossa Senhora do Cabo, iniciados no século XV. Até 1887, o círio dirigia-se ao santuário do Cabo Espichel, freguesia de Castelo em Sesimbra, sede do concelho do mesmo nome, mas desde então a imagem peregrina é passada entre as vinte e seis freguesias do giro saloio (dos habitantes do campo dos arredores de Lisboa, a norte do rio Tejo), do qual fazia parte a freguesia de Almargem do Bispo. Notícia das festas em Almargem do Bispo em 1903, 1954 e 1980. – (D2-G1).

1456-11-“O Giro de N. Snra do Cabo: as freguesias / The ‘Giro’ of Our lady of the Cape: the villages”, *O giro de N. Snra. do Cabo e as berlindas processionais do Museu Nacional dos Coches*, coordenação e guião de BESSONE (Silvana), Lisboa, Instituto de Museus e Conservação, 2007, [p. 68-83], il., mapa.

Nota sobre as datas em que cada freguesia do giro saloio (dos habitantes do campo dos arredores de Lisboa, a norte do rio Tejo) organizava a peregrinação ao santuário de Nossa Senhora do Cabo (Espichel), freguesia de Castelo em Sesimbra, sede do concelho do mesmo nome, depois de 1430. Na actualidade, o giro da imagem passa em cada ano para uma das freguesias que o compõem, hoje reduzidas a vinte e seis. – (D2-G1).

1457-11-“Imagens de cortejos do ‘círio’ de Nossa Senhora do Cabo utilizando as berlindas processionais do Museu Nacional dos Coches / Images from the cortèges of Our Lady of the Cape ‘Círio’ using the National Coach Museum

processional berlins”, *O giro de N. Snra. do Cabo e as berlindas processionais do Museu Nacional dos Coches*, coordenação e guião de BESSONE (Silvana), Lisboa, Instituto de Museus e Conservação, 2007, [p. 59-65]., il.

Conjunto de fotografias de cortejos do círio dos saloios (dos habitantes do campo dos arredores de Lisboa, a norte do rio Tejo) em honra de Nossa Senhora do Cabo (Espichel) na freguesia do Castelo em Sesimbra, sede do concelho do mesmo nome, datadas de 1950 a 2003. As fotografias foram tiradas aos cortejos das freguesias da Ajuda em Lisboa, de Odivelas, sede do concelho do mesmo nome, e de São Pedro de Penaferrim em Sintra, sede do concelho do mesmo nome. – (D2-G1).

1458-.-*Nossa Senhora da Nazaré, círio da Prata Grande: história e lenda*, Mafra, Alta Gráfica, 1984, [14 p.], il.

O círio da Prata Grande em honra de Nossa Senhora da Nazaré começou no século XVII e teve origem no voto de um habitante da chamada região saloia (área rural dos arredores de Lisboa, a norte do rio Tejo). Este círio acabou por envolver dezassete freguesias da mesma região. A ida ao santuário na Nazaré (distrito de Leiria) foi substituída pela organização em cada ano numa das freguesias de uma festa em honra de Nossa Senhora da Nazaré, em que participa o círio. A lenda da imagem de Nossa Senhora da Nazaré conta que ela remonta a tempos antigos tendo sido encontrada onde viria a ser construído o santuário da Nazaré. O desenvolvimento do culto deu-se a partir do século XII com o milagre de Dom Fuas Roupinho, salvo duma queda num precipício por intercessão de Nossa Senhora da Nazaré. Transcrição de loas a Nossa Senhora. Coleta do texto e das fotografias de PINTO (Maria José Passos). – (B4-D2-F2-G1).

1459-10-11-*Nossa Senhora da Nazaré do círio da Prata Grande: história e lenda*, Mafra, Tip. da Cooperativa Agrícola dos Produtores de Leite do Concelho de Mafra, 1959-1960, 31 p., il., mapa.

Narrativa da lenda da origem e do culto a Nossa Senhora da Nazaré na igreja do santuário da Nazaré (distrito de Leiria). Breves apontamentos sobre a organização do Círio da Prata Grande, cujo compromisso data de 1732, de que faziam parte dez e depois dezassete freguesias dos concelhos de Mafra, Torres Vedras e Sintra. Hoje a imagem de Nossa Senhora da Nazaré (século XVIII) faz o giro pelas freguesias, permanecendo durante um ano em cada uma. Transcrição de loas a Nossa Senhora da Nazaré. Contém ainda o programa dos festejos populares. – (B4-D2-G1).

1460-11-*O povo de Lisboa: tipos, ambiente, modos de vida, mercados e feiras, divertimentos, mentalidade: exposição iconográfica*, Lisboa, Câmara Municipal, [D.L. 1979], 298 [1] p., il.

Catálogo da exposição iconográfica representativa do povo de Lisboa que pretende evidenciar as características e os modos de vida, de pensar e de sentir dos estratos mais baixos da sociedade (artesãos, trabalhadores servís, camponeses e pescadores, vendilhões), considerados os guardiões das tradições e costumes do povo. A exposição abrange o período de meados do século XVII ao primeiro quartel do século XX e inclui uma parte sobre a mentalidade e a religião, ilustrada por cerimónias religiosas, romarias e círios, arraiais e procissões, costumes e tradições, onde o sagrado se mistura com o profano. As romarias assinaladas eram feitas ao Senhor da Serra em Belas, concelho de Sintra, a Nossa Senhora da Conceição da Rocha em Carnaxide, concelho de Oeiras, sede do concelho do mesmo nome, ao Senhor Roubado em Odivelas, sede do concelho do mesmo nome, a Santo Amaro e a Nossa Senhora dos Prazeres, ambas em Lisboa. Os círios são um misto de romaria e procissão organizados por uma confraria a santuários distantes, especialmente aos santuários de Nossa Senhora da Atalaia no concelho do Montijo, e de Nossa Senhora do Cabo (Espichel) na freguesia do Castelo em Sesimbra sede do concelho do mesmo nome. Outro momento festivo ocorria com os arraiais dedicados aos Santos Populares. Lisboa tinha numerosas procissões, nomeadamente as do Senhor dos Passos da Graça, de Nossa Senhora da Saúde, do Terço de Jesus, do Enterro, do Corpo de Deus, de Santo António e do Ferrolho. Entre os costumes e tradições salientam-se a reza do terço, os andadores das almas (pedir esmola, dando a beijar o Menino e Santo António) e os relativos às atitudes perante a morte (viático, enterro). – (D2-D3-D4-E4).

1461-15-*Procissão do Corpo de Deus*, Setúbal, Tipografia A. C. Guerreiro, 1967, 18 p.

Guia litúrgico da procissão do Corpo de Deus em Setúbal. Transcrição das orações, invocações e cânticos proferidas durante a procissão. – (B3-B4-E1).

1462-11-*Procissão do Senhor dos Passos – 19 de Março de 1961*, Torres Vedras, Gráfica Torres Vedras, [D.L. 1961], [s. p., 4 p.].

Folheto contendo informações sobre a procissão do Senhor dos Passos na freguesia de Dois Portos, concelho de Torres Vedras, em 1961. A procissão que se realiza na Quaresma, recorda a caminhada de Jesus desde a cidade de Jerusalém até ao lugar da crucificação. Transcrição de uma parte dos Passos da Paixão contida no Evangelho de São João Evangelista, que é dita durante a cerimónia religiosa. Transcrição dos cânticos. – (B4-D3-E1).

1463-15-“Uma abordagem à pesca da traineira em Sesimbra”, *Actas do colóquio «Santos Graça» de etnografia marítima: III. Povoamento. Administração. Aspectos sociais*, coordenação de MARQUES (João), Póvoa do Varzim, Câmara Municipal, 1985, p. 289-308, il.

A propósito de uma abordagem à pesca da traineira em Sesimbra, sede do concelho do mesmo nome, são brevemente analisadas algumas expressões místico-religiosas dos pescadores que se manifestam em práticas e na vivência quotidiana. A celebração dos Santos Populares e a festa do Senhor das Chagas, que se realiza anualmente em Sesimbra desde há quatro séculos: é composta por uma procissão que se forma junto da igreja matriz, donde sai a imagem transportada num andor decorado com flores e levado por pescadores até ao mar, para aí ser realizada a cerimónia de bênção do mar. Algumas notas sobre as crenças associadas à intercessão do divino nas situações de perigo durante as actividades marítimas, sendo invocados o Jesus das Chagas, Pedro Gonçalves Telmo ou Corpo Santo e Nossa Senhora do Cabo (Espichel, freguesia do Castelo em Sesimbra). É costume dar um litro de azeite ao Senhor das Chagas quando acontecem perigos no mar. Transcrição de um extrato de um fado onde se invoca o Senhor das Chagas que se cantava nas lides marítimas. Notícia sobre as festas dos Santos Populares. O texto foi redigido por ROSA (Maria Teresa Serôdio), FORTE (Maria João), MARTINS (Eduardo Vaz de Campos), RIBEIRO (Manuel João Morais) e VICTOR (Isabel Maria Duarte). – (D2-D3-D5-E6).

E4 – Festas e práticas da vida religiosa individual e familiar (baptismo, casamento, morte, testamentos...)

1464-11-AMBRÓSIO (António), *O arquivo paroquial de São João das Lampas (Sintra): algumas fontes para a sua história*, Sintra, Câmara Municipal, 2000, 302 p., il., mapa.

Publicação de documentos históricos sobre a freguesia de São João das Lampas, concelho de Sintra, que se encontram no seu arquivo paroquial, na Torre do Tombo e no Arquivo Municipal de Sintra, respeitantes aos séculos XVI a XIX, nomeadamente as memórias paroquiais de 1758. São transcritos livros das irmandades do Santíssimo Nome de Jesus, de Nossa Senhora do Rosário, de Nossa Senhora do Cabo (Espichel, freguesia do Castelo em Sesimbra), de São Sebastião, das Almas e da Misericórdia, assim como testamentos e relatos das visitas. – (A5-C5-G1-G2).

1465-11-AMBRÓSIO (António), “Dona Simoa de S. Tomé em Lisboa: o seu testamento e a sua capela”, *Lisboa: Revista Municipal*, n.º 21, 1987, p. 3-22, il., planta; n.º 22, 1987, p. 25-40, il.

Análise e transcrição do testamento de Dona Simoa, uma mulher negra da nobreza que foi sepultada na capela do Espírito Santo, que havia mandado construir na igreja da Misericórdia de Lisboa em 1594. Essa capela é hoje a capela-mor da igreja conhecida por Conceição Velha. Descrição da capela

e das disposições religiosas do testamento, nomeadamente o pagamento às merceiras para rezarem pela sua alma (mulheres viúvas que rezavam pela alma a modo de confraria paga). – (C2).

1466-11-ARAÚJO (Ana Cristina), *A morte em Lisboa: atitudes e representações 1700-1830*, Lisboa, Editorial Notícias, 1997, 534 p., il., gráficos.

Estudo das atitudes e representações da morte no século XVIII e primeiras décadas do século XIX em Lisboa. Análise da forma como evoluiu o meio social que tornou possível a produção testamentária através de 1273 testamentos feitos em Lisboa, recolhidos de um universo de cerca de trinta e cinco mil: as categorias de testamentos, o discurso testamentário, os contrastes sociais, o recrutamento eclesiástico dos testadores, as transformações legais do testamento provocadas pelo governo do marquês de Pombal. São também analisadas as características do cerimonial do velório, do funeral e do luto; a encenação barroca da morte; a entrada em cena da família. São ainda tratados os cuidados com a preparação para o encontro com a morte, através dos manuais de bem morrer e as instituições intercessoras da salvação (irmandades, igrejas e conventos); o sucesso e o declínio da sociabilidade confraternal, as irmandades e ordens terceiras (estratégias de recrutamento). A preocupação com o enterramento: a escolha do local de sepultura, os pedidos de missas e as fundações perpétuas. – (A5-B1-G1-H4).

1467-11-ARAÚJO (Ana Cristina), “Morte, memória e piedade barroca”, *Revista de História das Ideias*, vol. XI, 1989, p. 129-173, il.

Estudo da morte, memória e piedade barroca durante o reinado de Dom João V (1707-1750). Análise dos símbolos, rituais e liturgias do cerimonial e vivência da morte no quadro da mundividência barroca da cidade de Lisboa. Explicação da encenação colectiva do fausto fúnebre barroco marcada pela visão do martírio e pela expressão de dor de inspiração tridentina, por manifestações da iconografia tumular, pelo recurso aos sermões e ao macabro (caveira), entre outros. Aspectos do mecenato escatológico e da piedade de Dom João V que corporiza um modelo de piedade que, ao inflacionar o gesto, valoriza o excesso retórico, revelados de vários modos: no patrocínio de consagrações de mortos memoráveis, mártires e santos em sucessivas festas de canonização, de grande número de livros de devoção e preparação para a morte; no culto das relíquias, nas indulgências concedidas pelo papa e na conta corrente aberta pelo rei para missas pelas Almas do Purgatório. Notícia sobre a sua expectativa messiânica e martiriológica estabelecida pela transposição simbólica do rei para a figura de São João Baptista, sobretudo quando foi acometido de grave doença (entre 1742 e 1750, ano da sua morte). O monarca configura o modelo de agonia sofrida e prolongada característica dos heróis da Contra-Reforma. Descrição das pompas fúnebres de Dom João V: o uso,

como mortalha, do hábito da Ordem Terceira de São Francisco de Assis, as exéquias régias, as missas de corpo presente, o cortejo fúnebre, os mausoléus e a imposição ao povo de dois anos de luto pesado. Menção da devoção de Dom João V a Nossa Senhora da Conceição. Nota sobre as representações da morte no quotidiano, nas touradas e nos autos-de-fé (entre 1707 e 1750, realizaram-se em Lisboa 341 autos de fé particulares e 28 públicos). Informação sobre o milagre de Ourique (distrito de Beja) e o processo de canonização de Dom Afonso Henriques: foi instruído primeiro em 1556, com o apoio de Dom João III, e retomado após a Restauração e nos reinados de Dom João V e Dom José I já no século XVIII. Alusão a igrejas, paroquiais e não paroquiais, capelas e conventos dedicados nomeadamente ao Senhor dos Passos, a Nossa Senhora da Graça, dos Anjos, do Monte Carmo, das Necessidades, aos santos João Baptista, Roque e Nicolau. Referência a congregações, confrarias e irmandades orientadas para a penitência e criadas em honra do Santíssimo Sacramento, do Senhor Jesus da Boa Morte e Caridade, do Senhor dos Passos e de São João Evangelista, entre outros. – (A5-C1-C2-G1).

1468-11-ARAÚJO (Ana Cristina), “Necrológios e elogios fúnebres no século XVIII em Portugal”, *Turres Veteras VI – História da morte*, Torres Vedras – Lisboa, Câmara Municipal – Instituto de Estudos Regionais e do Municipalismo “Alexandre Herculano”, 2004, p. 109-119.

Estudo que aborda a evolução do culto dos mortos do século XVIII para o XIX em Portugal e, especialmente, em Lisboa. Os mecanismos que deslocaram uma liturgia redentora, exclusiva dos privilegiados, em favor de outra que privilegia o mérito e a razão, o que se reflectiu no declínio da oração e do elogio fúnebres, assim como no investimento em capelas e outros legados pios.

1469-11-ARAÚJO (Ana Cristina), “Ruína e morte em Portugal no século XVIII: a propósito do terramoto”, *Revista de História das Ideias*, vol. IX, 1987, p. 327-365, gráficos.

O terramoto de 1755 que abalou Portugal e destruiu grande parte da cidade de Lisboa desencadeou comportamentos religiosos face à morte e à ruína (física e moral). Foram então produzidos e publicados diversos tratados religiosos e morais, almanaques, poesias, orações e sermões, entre outra literatura de piedade, onde estão referenciadas as atitudes analisadas. Estas são visíveis nos inúmeros comportamentos de piedade associados ao medo, ao pecado e à morte, que vão desde o culto das relíquias (espinho da Coroa de Cristo, cabeça de São Teotónio) às evocações da Virgem (preponderantes) e dos santos protectores das catástrofes naturais como Roque, António, Emídio, Águeda e Bárbara, assim como aos ofícios religiosos e às penitências. – (B1-D2-D4-H7).

1470-11-ARAÚJO (Ana Cristina), “Vínculos de ‘eterna memória’ esgotamento e quebra de fundações perpétuas na cidade de Lisboa”, *Actas do colóquio internacional piedade popular – sociabilidades, representações, espiritualidades*, Lisboa, Terramar, 1999, p. 433-442.

A crença no Purgatório conduziu, na Época Moderna, ao movimento da pré- via aquisição por tempo indeterminado de missas e outro tipo de sufrágios como garantia da vida eterna e como forma de comemoração da morte. Esta prática está bem expressa nos testamentos dos habitantes da cidade de Lisboa do século XVIII e assumiu um carácter interclassista. A sua decadência deu-se a partir da segunda metade do século XVIII, pelos motivos seguintes: o progressivo aparecimento de um intimismo confessional, a degradação dos vínculos entre fundadores e administradores, a deterioração dos patrimónios e as leis secularizadoras da segunda metade do século XVIII. O excesso de ofícios incapacitava os clérigos de satisfazerem celebrações condignas.

1471-11-ARAÚJO (Maria Benedita), “O ritual da morte: as exéquias celebradas na defunção de el-Rei D. João V”, *A festa: comunicações apresentadas no VIII Congresso Internacional*, Lisboa, 1992, organizado pela Sociedade Portuguesa de Estudos do Século XVIII, Lisboa, Sociedade Portuguesa de Estudos do Século XVIII – Universitária Editora, 1992, vol. II, p. 795-822.

Descrição dos rituais das exéquias efetuadas na defunção de el-Rei Dom João V, em Lisboa no ano de 1750: a preparação do corpo e o cortejo fúnebre. A evolução do estado de saúde e a morte do rei desencadearam também diversas manifestações públicas de piedade um pouco por todo o país: orações especiais, procissões que percorriam as ruas entoando ladainhas a Nossa Senhora e a oferta de relíquias por parte de irmandades e confrarias. – (B3-E3-G1-H7).

1472-07-ARAÚJO (Maria Marta Lobo de), “Alcançar o céu através da dádiva de roupa: a distribuição de roupa nos testamentos da Misericórdia de Vila Viçosa (séculos XVI-XVII)”, *Cadernos do Noroeste*, vol. XIII, n.º 2, 2000, (série Sociologia: Sociedade e Cultura 2), p. 229-250.

Breve estudo sobre a função social da dádiva de roupa expressa nos testamentos dos séculos XVI e XVII existentes no arquivo da Misericórdia de Vila Viçosa, sede do concelho do mesmo nome. Nos testamentos os ricos, preocupados com a salvação da sua alma, servem-se da dádiva de roupa para a alcançar. A roupa, sujeita a uma repartição semelhante à restante herança, era legada ou repartida pelos receptores de acordo com o seu estatuto e os favores que se desejavam pagar. Os principais beneficiados com a distribuição de roupa eram os pobres, o Hospital Real do Espírito Santo, os familiares, amigos, criados e escravos, em reconhecimento de serviços e fidelidades. A roupa ou a receita da venda era oferecida a instituições e pessoas religiosas (a roupa servia para pagar serviços religiosos, determinando-se a

entrega de panos para hábitos dos padres que celebrassem missas por alma do defunto), nomeadamente confrarias ou conventos e mosteiros, entre outros fins. A instituição que mais roupas recebia e distribuía era a irmandade da Misericórdia. – (G2).

1473-07-BAIÔA (Manuel), “Estudo demográfico sobre S. Bento do Cortiço (1651-1700)”, *2º Encontro de história regional e local do distrito de Portalegre: actas*, 1996, p. 240-253, mapa, gráficos.

Estudo demográfico da freguesia de São Bento do Cortiço, concelho de Estremoz, que inclui um breve apontamento sobre as atitudes perante a morte: a preocupação com a boa morte e com o cerimonial.

1474-07-BEIRANTE (Maria Ângela), “Capelas de Évora”, *A Cidade de Évora: Boletim de Cultura da Câmara Municipal*, n.º 65-66, 1982-1983, p. 21-50, quadros, gráficos; *Territórios do sagrado: crenças e comportamentos na Idade Média em Portugal*, Lisboa, Edições Colibri, 2011, p. 35-60, quadros, gráficos.

Estudo sobre capelas instituídas para sepultura, datadas do século XIV ao XVI e situadas em várias localidades do distrito de Évora, com base no Tombo das Capelas de Évora que se encontra no Arquivo Nacional da Torre do Tombo em Lisboa. As capelas foram instituídas por testamento, principalmente em lugares de culto pertencentes às ordens mendicantes. São analisados a origem social dos instituidores, os tipos de bens vinculados e os objectivos espirituais das capelas. Estes últimos consistiam em orações e missas destinadas ao bem da alma: aniversários, trinitários e anuais perpétuos. As cerimónias religiosas a favor dos defuntos ocorriam principalmente no dia de Todos os Santos, seguido dos oitavários da Páscoa e do Natal, das festas de Nossa Senhora da Conceição, de Agosto e da Anunciação, assim como nos dias dos santos Francisco de Assis, António, João Baptista e Catarina de Alexandria. O apêndice contém a lista das capelas situadas em igrejas paroquiais, nos conventos de São Francisco de Assis e de São Domingos, bem como no mosteiro de São João Evangelista (lórios). – (C7).

1475-07-BEIRANTE (Maria Ângela), “As ‘heranças das almas’ na diocese de Évora no início do século XVI”, *Congresso de História no IV centenário do seminário de Évora: actas*, Évora, Instituto Superior de Teologia, 1994, vol. I, p. 105-117; *Territórios do sagrado: crenças e comportamentos na Idade Média em Portugal*, Lisboa, Edições Colibri, 2011, p. 61-73.

Análise de quarenta e quatro capelas ou “herança das almas” (a celebração perpétua de missas e sufrágios por alma do instituidor), fundadas no século XVI na diocese de Évora. As capelas comportam maioritariamente disposições de natureza religiosa (missas quotidianas, em ocasiões especiais como no dia de Finados ou festas dedicadas a Nossa Senhora e saimentos com círios e

tochas), em vez das disposições de natureza caritativa, exercida através das irmandades da Misericórdia, geralmente herdeiras dos bens do instituidor.

1476-07-BEIRANTE (Maria Ângela), “A propósito da romaria de Santo André”, *Almanson: Revista de Cultura*, n.º 8, 2009, p. 21-28, il.

A ermida de Santo André fazia parte de um conjunto de ermidas e oratórios que rodeavam Montemor-o-Novo, sede do concelho do mesmo nome, que tinham como finalidade proteger a vila de todos os perigos, tendo o seu número aumentado nos séculos XVII e XVIII. Pelo menos durante o século XVII, a ermida foi o termo de romarias de carácter sufragante, isto é, peregrinações ordenadas por testamento cumpridas por alguém que, mediante esmola, devia executar esta forma de sufrágio por alma do instituidor. A escolha desta ermida está relacionada com a biografia do santo, supliciado na cruz e cujo martírio é comemorado a 30 de Novembro, último dia do mês das almas. Todas as sextas-feiras as gentes de Montemor-o-Novo deslocavam-se à ermida para comemorarem a morte de Cristo e também a de Santo André. Num dos testamentos determinava-se que a penitência deveria ser constituída por missa, seguida de novena e terminar com nova missa ao nono dia. – (C2-D4-E3).

1477-11-BERNARDINO (Teresa Maria Leitão), *As inscrições da igreja da Graça de Lisboa*, dissertação de licenciatura em História apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa em 1973, 387 p., dactilogr., planta, quadros (consultável na Biblioteca Nacional de Portugal).

Subsídio para o estudo das inscrições funerárias dos séculos XV a XVIII, que se encontram na igreja e convento de Nossa Senhora da Graça dos Eremitas de Santo Agostinho ou Gracianos, hoje igreja paroquial da freguesia da Graça em Lisboa. Breves notas históricas relativas à fundação da ordem e convento dos frades de Santo Agostinho em Portugal, desde o século XII-XIII até à data da sua extinção em 1834, quando a igreja foi entregue à irmandade do Senhor dos Passos. Em alguns tipos de inscrições podem-se encontrar referências à instituição de cerimónias litúrgicas, às obrigações dos religiosos (rezar missas e responsos sobre as sepulturas) ou à fundação de instituições pias. Menção de algumas irmandades sediadas na igreja, fundadas nos séculos XVI-XVII em honra da Santa Cruz e Passos, do Santíssimo Sacramento, de Nossa Senhora da Conceição, do Rosário dos Homens Pretos, da Pérsia, dos Escravos do Menino Jesus, do Senhor do Penedo, de São Nicolau de Tolentino, dos Foreiros da Senhora das Dores e dos Foreiros de São Marçal. – (C1-C7-G1).

1478-07-BILOU (Francisco), “Garcia de Resende (1475?-1536): algumas notas biográficas a propósito do 5.º Centenário da publicação do Cancioneiro Geral”, *Património artístico no Alentejo Central: obras, mestres, mecenas, 1516-1604*, Lisboa, Edições Colibri, 2016, p. 15-89, il.

Notas biográficas do poeta e cronista Garcia de Resende (1475?-1536), que incluem a transcrição do seu testamento e uma notícia da sua capela tumular em Évora. – (C7).

1479-11-BRAGA (Paulo Drumond), “Exéquias por alma de D. João I em algumas instituições lisboetas do século XVI”, *Revista de Ciências Históricas*, vol. X, 1995, p. 235-244.

No século XVI, celebravam-se anualmente em muitas igrejas e conventos de Lisboa várias exéquias com missas de sufrágio e saimentos ou cortejos fúnebres (estes todas as semanas) em honra de Dom João I (faleceu em 1433), fundador da dinastia de Avis. O facto ficou a dever-se à mitificação da figura do rei pelas gerações posteriores. – (E3).

1480-11-BRITO (Maria Filomena), MORNA (Teresa Freitas), “A capela dos Lencastres no convento de S. Pedro de Alcântara”, *Convento de São Pedro de Alcântara*, Lisboa, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, 1997, p. 19-28, il. (Centro de Documentação da Misericórdia de Lisboa).

Descrição da capela funerária de uma família nobre instituída, por decisão testamentária, na igreja do convento franciscano de São Pedro de Alcântara em Lisboa no final do século XVII. A capela é dedicada aos santos Veríssimo, Máxima e Júlia, padroeiros da freguesia de Santos-o-Velho, e possui um retábulo que contém Cristo Crucificado no nicho central. – (C7-H2).

1481-11-CAETANO (Amélia), “A gravidez, o parto e o pós-parto na região de Mafra” *O eterno feminino no aro de Mafra*, coordenação de GANDRA (Manuel), Mafra, Câmara Municipal, 1994, p. 29-43, il.

Estudo de âmbito etnográfico que aborda práticas, ritos, costumes e “superstições” relacionadas com a gravidez, o parto, o pós-parto e a infância nas freguesias do concelho de Mafra. Recolha e transcrição da tradição oral de alguns ritos, rezas, orações e cantigas associados a momentos do quotidiano da mãe, ao feto e à criança. Durante o período de gravidez era interdito o uso de certos adornos como colares, fios e medalhinhas, a ingestão de alguns alimentos como polvo, coelho e lebre. Devia-se ter cuidado com a influência maléfica da noite, mantendo sempre o quarto da criança iluminado até ser baptizada. Também era de evitar o mau-olhado, o quebranto e os bocejos, fazendo-se o sinal da cruz acompanhado de uma reza. Embora não se conheçam práticas de cariz mágico-religioso, para proporcionar um bom parto invocam-se habitualmente Nossa Senhora do Parto, das Dores, da Ajuda e Santa Margarida de Antioquia ou da Galiza. – (B3-D2-E5-E6).

1482-11-CÂMARA (João Luiz Bettencourt da), “Terras e tradições: Fanhões – notas sobre uma aldeia estremenha”, *Comunidades Portuguesas*, 1973, n.º 29, p. 29-48, il.

Breve estudo de âmbito etnográfico sobre a freguesia de Fanhões, concelho de Loures, que inclui uma notícia das práticas da vida religiosa relativas ao casamento, ao baptismo e à morte, assim como às “superstições”. Transcrição de uma reza para a cura da erisipela. – (B3-E6).

1483-11-CARVALHO (David Augusto Luna de), MOREIRA (Francisco Manuel de Matos), ROSA (Maria Luísa Castanho), “Atitudes perante a morte e níveis de religiosidade em Sintra, nos meados do século XVIII”, *Boletim Cultural*, Assembleia Distrital de Lisboa, n.º 88, t. 1, 1982, p. 63-126, quadros, gráficos.

Estudo das atitudes perante a morte em Sintra, sede do concelho do mesmo nome, com base numa selecção de testamentos e de compromissos de irmandades no período de 1740-1750. O significado e a importância dos testamentos como fonte histórica, assim como a sua classificação na perspectiva cristã da “boa morte”. As atitudes perante o corpo e o além: o funeral, os lugares de sepultura, a visão e destino da alma, os intercessores (Virgem Maria, santos, Anjo da Guarda, eclesiásticos e laicos), as doações, as missas e as preces. Transcrição de testamentos e de compromissos das irmandades das Almas e do Santíssimo Sacramento. O Purgatório é considerado como “Inferno transitório” (a visão difundida pela irmandade das Almas). Transcrição dos compromissos da irmandade das Almas e da irmandade do Santíssimo Sacramento, assim como dos formulários gerais de testamentos. – (G1-G2).

1484-11-COELHO (Luís Pedro), “O *Registo Paroquial* dos baptismos, casamentos e óbitos da freguesia de Santo Isidoro (concelho de Mafra) entre 1640 e 1699: resultados preliminares”, *Boletim Cultural* '06, Câmara Municipal de Mafra, p. 233-267, il.

Apresentação dos resultados preliminares de um estudo demográfico da população da freguesia de Santo Isidoro, concelho de Mafra, no período de 1640 a 1699. Notas sobre os lugares preferidos de sepultura, as preocupações manifestadas através de últimas vontades expressas em testamentos e legados, assim como sobre algumas práticas: missas, resposos, ementa, esmolos, oblata e doações a irmandades ou à Igreja. A ementa era uma cerimónia, repetida ao longo do ano, que consistia na oferta de pão e vinho e outros géneros que eram depositados em cima da sepultura do defunto e entregues ao sacerdote que pronunciava uma oração.

1485-11-COSTA (Felicía), *Fogo e imortalidade*, Lisboa, Câmara Municipal, 1997, 125 p., il., quadros, gráficos.

Contribuição para o estudo e divulgação da cremação em Portugal, nomeadamente em Lisboa nos finais do século XX. O mito do fogo e a sua utilização como rito de passagem. A tradição inumista é vista como elemento de identificação da morte cristã e traduz a fé na ressurreição da carne.

No século XVIII, desenvolveu-se a ideia dos perigos para a saúde pública originados pelos enterramentos *ad sanctus*, que conduziu a um novo modelo de cemitério que separa as actividades profanas do repouso dos mortos, consagrando uma atitude de respeitoso distanciamento, como a melhor forma de venerar a memória dos mortos. O impacto das campanhas iluministas em Portugal desde finais do século XVIII e a resistência das populações rurais e da Igreja. A posterior apropriação do cemitério romântico pela Igreja tornou-o palco de rituais funerários marcados pela soteriologia judaico-cristã, onde a projecção do devir era conotada com a presença de gestos e signos. Os primórdios do fenómeno cremacionista em Portugal situam-se nas últimas décadas do século XIX e princípios do século XX, fundado em razões higienistas e como forma de subtrair as novas necrópoles ao ancestral controlo da Igreja, transformando o cemitério num espaço social e cívico. As novas atitudes perante a morte: a morte do outro, o desejo de imortalidade e de negação da morte, a morte interdita através da sobriedade da manifestação da dor e do luto que conduz à sua dissimulação e ocultação. A primeira incineração em Portugal, ocorreu em 1925 no cemitério do Alto de São João em Lisboa, mas até 1936 apenas se realizaram vinte e uma cremações, a maioria de cidadãos estrangeiros. Depois desta data funcionou apenas para não nacionais, voltando a funcionar para nacionais em 1985. A cremação implica uma ruptura com o antigo modelo de ritualização da morte, constituindo-se como a morte da própria morte. A prática cremacionista continua ainda a ter pouca expressão em Portugal permanecendo a forte tradição inumista. Segundo a autora, a razão da rejeição está no facto de ao eliminar a identidade, pela destruição do corpo e a ausência de referências identificadoras, a cremação apresenta-se como um silêncio, um vazio que se revela traumatizante e insuportável para os sobreviventes. A cremação em Portugal incide ainda nas classes socioprofissionais de nível médio-alto e em grupos etários mais avançados: no primeiro caso significa a assunção de modernidade e de racionalidade e, no segundo caso, uma fuga ao culto funerário de indivíduos que foram perdendo gradualmente o valor da família e o sentimento de pertença à comunidade. A autora propõe que o acto cremacionista seja efectuado num espaço que permita a recepção das cinzas, acompanhado de cerimónias de carácter laico ou religioso que, com a concepção arquitectónica do edifício, do mobiliário e as representações iconográficas dotadas de carga simbólica e sagrada, proporcionem um espaço de introspecção e meditação. Além disso, considera que se devia rodear a recuperação e manuseamento das cinzas das cerimónias de modo a associá-las às tradicionais inumações, assim como a constituição de talhões individualizados para sepultamento das urnas. Em anexo contém quadros e gráficos com a evolução da cremação em Portugal desde 1985.

1486-11-COSTA (Maria Laura), “O casamento saloio algures no concelho de Mafra (1940-1960)”, *Boletim Cultural*’05, Câmara Municipal de Mafra, p. 573-583, il.

Nota sobre o casamento saloio (do habitante do campo dos arredores de Lisboa, a norte do rio Tejo, rio, norte) no concelho de Mafra entre 1940 e 1960, desde o pedido de casamento ao nascimento dos filhos. Os preparativos religiosos eram menos complexos do que hoje: os noivos iam falar com o padre, que preparava os banhos e os afixava na porta da igreja e ouvia-os em confissão próximo do dia do casamento. A noiva ia vestida com um fato e não com o vestido especial que se começou a usar nos anos sessenta.

1487-11-COSTA (Maria Laura), “A morte entre os saloios da região de Mafra”, *Da vida, da morte e do além: aspectos do sagrado na região de Mafra – roteiro monográfico*, coordenação GANDRA (Manuel J.), Mafra, Câmara Municipal de Mafra, 1996, p. 77-80, il.

Notas sobre rituais e os usos e costumes relativos ao culto dos mortos dos saloios (habitantes do campo dos arredores de Lisboa, a norte do rio Tejo), que em parte ainda estão em vigor. As práticas de amortilhar o corpo, a preparação do local do velório feito em casa (retiravam-se todas as cortinas das janelas e montava-se o cavalete que suportava o caixão), o esquife (caixão onde era transportado o corpo embrulhado num lençol), o funeral, o luto e o culto dos mortos. Transcrição de algumas “superstições” e ditos relativos à morte. – (E6).

1488-11-COSTA (Teresa), CALVÃO (Filipe), “Fundação de capelas na Lisboa quatrocentista”, *Lusitania Sacra*, t. 13-14, 2001-2002, p. 337-368.

Estudo sobre as atitudes perante a morte através da fundação de capelas fúnebres por decisão testamentária de habitantes da cidade de Lisboa no século XV. Análise das disposições testamentárias nos seguintes aspectos: os testadores, a fundação de capelas numa lógica concorrencial entre as paróquias e as ordens mendicantes, o testamento como preparação da morte (receios, rogos, atributos divinos), as práticas que decorriam desde a morte de um indivíduo até ao sepultamento, a fundação de capelas e os encargos a ela adstritos como forma de evitar o esquecimento e garantir a permanência da alma no céu.

1489-11-DELGADO (António), “Lisboa: estética da morte num cenário de peste em quinhentos”, *Forum Sociológico*, nºs 1-2, 1999, p. 95-105.

Reconstituição da vivência da peste e da morte em Lisboa no século XVI. Descrição da imagem desoladora da cidade: a fuga das populações, as medidas sanitárias, os mecanismos sociais de defesa contra as epidemias que assolavam a capital e a crenças e “superstições” que povoaram as manifestações de piedade. Menção da vinda das relíquias do mártir São Roque para Lisboa e da promessa de organização de um círio a Nossa Senhora da Atalaia no

concelho do Montijo (localidade denominada na época por Aldeia Galega do Ribatejo). É proibida a realização de procissões, como a do Corpo de Deus, com a finalidade de evitar contágios entre pessoas de diferentes freguesias. – (E3-G1-H7).

1490-11-DUARTE (Armando), “O correio em Viana do Castelo: dos primórdios a 1938: (algumas notas como subsídio para a sua história)”, *Cadernos Vianenses*, t. 14, 1990, p. 67-120.

Contribuição para o estudo do correio em Viana do Castelo que contém, no anexo documental, a transcrição de um testamento do correio-mor do reino feito em Lisboa no ano de 1607. Nele são referidas as doações e o pedido da construção de uma capela onde deverá ser dita diariamente uma missa.

1491-11-FERNANDES (Hermenegildo Goinhas), CAMELO (Francisco Gomes), “A morte em Lisboa (1745-1770): uma primeira abordagem”, *Da Pré-história à História: homenagem a Octávio da Veiga Ferreira*, organização de SERRÃO (Joel), MARQUES (A. H. Oliveira), RODRIGUES (M. Conceição Monteiro), Lisboa, Delta, 1987, p. 411-465, quadros, gráficos.

Subsídio para a identificação e interpretação do sistema de representações mentais que orientam o quotidiano da população de Lisboa na sua relação com a morte, particularmente no período que medeia entre 1745-1770. O estudo baseia-se em testamentos e procura reconstituir o modelo de morte barroca urbana através da análise interpretativa do discurso do testador: perscrutar rotinas mentais que presidiam e qualificavam a passagem da alma para o Além, onde parece ser ainda grande o peso da hora da morte em relação à vivência e à preparação quotidiana da morte futura. O modelo devocional eleito na relação com a divindade intercessora: predominam as invocações à Santíssima Trindade e aos santos do nome do defunto, mas a devoção mariana cresce progressivamente e toma o lugar de modelo. As práticas relacionadas com o corpo: o amortalhamento (difusão do uso de hábito de ordens religiosas, predominando os hábitos franciscano e carmelita), a escolha do caixão, os gestos fúnebres, o cortejo (a presença de clérigos e pobres) e o lugar de sepultura (distribuem-se pelas igrejas, conventos, igrejas das irmandades). Assiste-se a uma forte quebra no número de pedidos de missas que se poderá explicar pela perda de poder do padre como intercessor. Na encomenda de missas, a presença e a crença no Purgatório é ainda obsessiva, pois são inúmeros os pedidos pelas Almas do Purgatório. Relação das irmandades e confrarias de que fazem parte os testadores. – (A5-D2-D3-G1).

1492-11-FERREIRA (João Rosa), TABORDA (Maria da Piedade), SOTTOMAYOR (Pedro José), “Contribuição para o estudo das atitudes perante a morte nos testamentos da região de Lisboa no século XVII: análise quantitativa de dados para

o período de 1650 a 1660”, *Boletim Cultural*, Assembleia Distrital de Lisboa, n.º 88, t. 1, 1982, p. 33-61, quadros, gráficos.

Contribuição para o estudo das atitudes perante a morte na região de Lisboa no século XVII, com base na análise quantitativa de dados coligidos a partir de testamentos que se encontram no Arquivo Nacional da Torre do Tombo em Lisboa, referentes ao período de 1650 a 1660. A distribuição social dos testadores mostra o predomínio dos membros do Terceiro Estado, na maioria artífices e comerciantes, seguindo-se a nobreza e o clero. A importância dos laços de afectividade na escolha dos executantes do testamento. A escolha dos nomes próprios dos testadores caía na adopção de nomes de santos tradicionais e medievais, aos quais estava ligado forte culto popular, como Francisco de Assis, João Baptista, António, Domingos e Pedro. O culto a São Francisco era manifestado através da integração dos testadores da Ordem Terceira e do pedido para ser amortalhado com o hábito franciscano. Quanto aos intercessores, em duzentos e vinte e cinco testamentos o nome de Maria surge em sessenta e quatro, o de Catarina de Sena (Siena) em vinte e seis e o de Isabel (talvez por influência da Rainha Santa Isabel) em dezoito. Os mosteiros ou conventos são os locais preferidos para a escolha da sepultura. – (D2-D4).

1493-11-FERREIRA (Olegário Alberto Vieira), *As crises de mortalidade nas antigas Vilas de Alenquer: Aldeia Galega de Merceana e seus termos nos séculos XVI-XVII*, Lisboa, dissertação de mestrado em Demografia Histórica apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa em 1989, 363 p., dactilogr., mapas (consultável na Biblioteca Nacional de Portugal).

A propósito do estudo das crises de mortalidade no concelho de Alenquer nos séculos XVI-XVII, são analisados os registos paroquiais de assento de baptismo, casamento e óbito. Interpretação dos elementos constantes no registo de assento de óbito do século XVI: inicialmente de tipo irregular, mas na segunda metade do século XVII seguem o modelo prescrito pelas constituições diocesanas, contendo informações sobre o nome do defunto, data da cerimónia, às vezes o local de sepultura e, em alguns casos, as obrigações religiosas e disposições pias. Na análise das disposições testamentárias, salientam-se as que asseguram as necessidades espirituais, as respeitantes a cultos a celebrar em seu nome e as doações que deixava em esmolas, obras pias e fundações. Referência aos ofícios religiosos ministrados às crianças: a extrema-unção e a confissão só se aplicavam aos maiores de sete anos e a comunhão aos que tinham 12-14 anos.

1494-11-FIGUEIREDO (Fernando Augusto), *A morte na região de Lisboa de 1900 a 1918*, dissertação de mestrado em História Contemporânea (Secção do Século XX) apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade

Nova de Lisboa em 1994, 315 p., dactilogr., il., quadros, gráficos (consultável na Biblioteca Nacional de Portugal).

Estudo sobre as atitudes perante a doença e a morte como expressão da organização real e simbólica da sociedade no período de 1900-1918, a partir de testamentos dos concelhos de Lisboa, Oeiras, Cascais e Sintra, no contexto do final da monarquia e primeiros anos da República (1910-1926). Considerações sobre as concepções da morte: a definição biológica e o discurso da morte na literatura e nos testemunhos orais. A preparação para a morte nos testamentos: os cuidados com o corpo e a alma e as disposições para obter a salvação. Outros aspectos tratados são o local da morte e a assistência ao moribundo, as solidariedades para com a família (anúncio da morte, preparação do cadáver, exposição do defunto, o velório) e o luto. Dados sobre as cerimónias dos funerais religioso e civil, o culto dos mortos e a religiosidade cívica. O espaço do cemitério e a sua transformação no quadro do processo de secularização: a cremação dos cadáveres (o forno crematório do cemitério do Alto de São João entra em funcionamento apenas em 1925), a diversidade dos cemitérios e os tipos de sepultura. – (C7).

1495-07-FONSECA (Jorge), *Arquivo histórico municipal de Arraiolos: inventário*, Arraiolos, Edição da Câmara Municipal, 1999, 103 p.

Inventário do arquivo histórico do concelho de Arraiolos que contém testamentos, livros de testamentos e das irmandades do Santíssimo Sacramento, de Nossa Senhora do Rosário e de São José e das Almas, assim como documentos das visitas pastorais. – (A5-G1-G2).

1496-07-FONSECA (Teresa), “A morte no século XVII em Montemor-o-Novo”, *Almazor: Revista de Cultura*, n.º 8, 1990, p. 175-225, il., quadros.

Estudo sobre as atitudes perante a morte no concelho de Montemor-o-Novo no século XVII, com base em testamentos (37) que se encontram, na sua quase totalidade, no Arquivo da Santa Casa da Misericórdia e no Arquivo Histórico de Montemor-o-Novo. Caracterização dos testadores: distribuição por sexo, por área de residência e idades, por situação sócio-profissional, familiar e por nível de instrução. Notícia sobre os intercessores divinos: Cristo, a Virgem, os santos Miguel Arcanjo, André, Domingos, Filipe, João Baptista, Pedro e Simão. Análise das disposições referentes ao corpo: a mortalha (salientando-se a preferência pelo hábito de São Francisco de Assis), o local de sepultura e as cerimónias fúnebres, nas quais participavam as confrarias e irmandades de Nossa Senhora da Luz, de Nossa Senhora do Rosário e a das Almas. As determinações religiosas e caritativas consistiam em ofícios e missas a celebrar, cujo número aumenta significativamente na segunda metade do século XVII, na instituição de capelas através de legados pios, na prescrição de peregrinações a realizar por familiares e de esmolas.

Nota sobre os testamenteiros e sobre a intervenção do clero nos testamentos. – (D2-D3-D4-G1).

1497-15-FREITAS (Eugénio de Andrade da Cunha e), “O testamento de Justa Rodrigues, ama de El Rei D. Manuel e fundadora do Mosteiro de Jesus em Setúbal”, *Armas e Troféus*, t. 12, 1971, p. 135-140.

Transcrição do testamento de Justa Rodrigues datado de princípios do século XVI, fundadora do mosteiro franciscano feminino de Jesus (1489-1490) em Setúbal. A testamenteira, que professou no convento e se encontra sepultada na Casa do Capítulo, preocupou-se quase exclusivamente com as disposições de carácter religioso.

1498-12-GAMA (Eurico), “O testamento do padre Gil Eanes Pereira de Elvas, missionário na Índia de 1570 a 1614”, *Anais*, Academia Portuguesa da História, vol. XXIII, t. 1, 1975, p. 203-256, il.

Estudo e transcrição do testamento do padre Gil Eanes Pereira, missionário na Índia de 1570 a 1614, que cuida do modo como o deviam sepultar, da repartição dos seus bens e das obras pias. Estas compreendem missas por sua intenção e dos seus familiares, assim como a maneira de honrar Santa Ana na igreja matriz de Nossa Senhora da Assunção em Elvas, sede do concelho do mesmo nome. A capela é um voto feito a Santa Ana por esta ter salvo o referido padre de um cativo na Índia. As imagens actuais da capela representam Santa Ana com Nossa Senhora nos braços. Outras imagens da igreja figuram Nossa Senhora das Graças, os santos Joaquim e Sebastião. Notícia de uma relíquia de Santa Ana, cujo paradeiro é desconhecido, e menção da confraria de Santa Ana fundada em 1711. – (C1-F3-G1-H4).

1499-11-GOMES (Célia Maria Alemão), *Cenas da vida de Torres Vedras (1900-1930)*, dissertação de mestrado em História dos séculos XIX e XX apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa em 1992, 361 p., dactilogr., il., plantas, quadros, gráficos (consultável na Biblioteca Nacional de Portugal).

Monografia histórica sobre a vida quotidiana no concelho de Torres Vedras entre 1900 e 1930. Descrição e evolução das práticas relativas ao baptismo, ao casamento e à morte, cuja secularização foi acelerada pelos republicanos. Estes impuseram a obrigatoriedade do registo civil, criaram dificuldades ou proibiram as manifestações religiosas públicas e diminuíram a intervenção da Igreja. Apesar disso, predominava a vivência do baptismo, do casamento e da morte no seio do catolicismo. Era frequente ser escolhida Nossa Senhora como madrinha de baptismo. Dados sobre a administração dos sacramentos, o funeral (a missa, o cortejo fúnebre), o enterramento sem caixão e os cemitérios. Depois da implantação da República, a celebração do funeral católico

passou a necessitar de uma autorização específica por parte das autoridades civis. Características das festas populares que foram muito prejudicadas pelas interdições dos republicanos: a geografia dos arraiais, a descrição dos principais momentos religiosos e profanos. As principais festas eram dedicadas à Vera Cruz (3 de Maio), ao Senhor dos Aflitos (Quinta-Feira da Ascensão), a a Nossa Senhora da Luz (8 de Setembro), a Nossa Senhora da Conceição, a São Vicente (22 de Janeiro), aos Santos Populares (em particular, Santo António e São João Baptista), a São Mamede (17 de Agosto) e a Santo Isidro. Os habitantes de Torres Vedras participavam em arraiais e nos círios que se realizavam fora do território concelhio, como por exemplo, nos círios a Nossa Senhora da Nazaré (integrado no círio da Prata Grande, que ia ao santuário da Nazaré) e a Nossa Senhora dos Remédios em Peniche, ambos no distrito de Leiria. A crença na origem sobrenatural de todas as doenças levava as populações a fazer pedidos de cura a Santa Quitéria e a recorrer às benzeduras do padre, das bruxas e dos curandeiros. Levantamento dos arraiais realizados no concelho nos anos de 1900 e 1905. – (D2-D4-E3-I3).

1500-07-LOURO (Henrique da Silva), “Um testamento do século XVI”, *Alvoradas: Revista do Seminário de Évora*, Ano XXIII, Jan-Mar, 1962, p. 102-110.

Transcrição de um testamento do século XVI do Arquivo da Santa Casa da Misericórdia de Borba, sede do concelho do mesmo nome, que contém diversas disposições relativas à salvação da alma após a morte: as missas por alma, as esmolas aos pobres, as confrarias envolvidas, a construção da capela dedicada à Madre de Deus na igreja de Nossa Senhora do Sobral, o local da sepultura e a indicação da Santa Casa da Misericórdia como responsável pela repartição dos bens e executora da última vontade do testamentário. Indicação dos santos intercessores.

1501-11-MILHEIRO (Maria Manuela), “Subsídios para o estudo da festa barroca: a festa fúnebre”, *Cadernos do Noroeste*, vol. IV, n.º 6-7, 1991, p. 369-380, il.

Subsídios para o estudo da festa fúnebre na época barroca em Portugal a partir da descrição das exéquias do rei Dom João V (1750-1751), realizadas sobretudo em Lisboa. Para além das cerimónias efectuadas em Lisboa (missa com música, sermão, orações, responsos) e da decoração de ruas e lugares de culto, realizaram-se por todo o reino celebrações, ergueram-se mausoléus e foram ditas orações fúnebres. Outras festas barrocas eram as procissões, a comemoração de canonizações e de beatificações, a trasladação de relíquias por parte das ordens religiosas, as festas cíclicas da Igreja, as romarias e as festas ligadas à família real. – (D4-E1-E3-H7).

1502-...-MOURATO (Casimiro), “A morte no Alto Alentejo”, *Revista Alentejana*, 1962, p. 31 e 38.

Contributo para o estudo das atitudes perante a morte no Alto Alentejo (distritos de Portalegre e de Évora). A atitude do indivíduo perante a doença: admite com dificuldade a doença mas recorre ao médico em detrimento dos curandeiros e bruxos. Algumas manifestações da natureza são vistas como sinais da morte, por exemplo o piar de uma coruja à noite ou o uivar de um cão. Descrição das práticas do velório e do enterro: preparação do cadáver pelos vizinhos, colocação de uma mesa junto ao corpo, onde consta um crucifixo ladeado por candeeiros de azeite e uma caneca de água benta com ramo de alecrim para aspergir o morto. Cada vez que o morto é visitado, a família que vigia o corpo durante toda a noite rompe em gritos para evidenciar as qualidades do defunto. Este costume é considerado pelo autor uma reminiscência das carpideiras (mulheres pagas para fazer o pranto ao morto onde apontavam as suas qualidades). O caixão era conduzido por amigos ou parentes e podiam juntar-se mendigos ao cortejo para receberem esmolas; durante o enterro, os sinos da igreja deviam tocar e no regresso a casa eram apagados os candeeiros e despejados os cântaros de água que estavam cheios. No enterro de uma criança, o corpo era coberto de flores de papel e poderia ser levado para o cemitério num tabuleiro de cozer o pão. Na primeira sexta-feira após a morte de um familiar era rezada uma missa de sufrágio e o luto era rigoroso. – (E6).

1503-11-NOGUEIRA (Paulo), “O preço do céu”, *Oceanos*, n.º 3, 1990, p. 111-112, il.

Notas sobre o testamento de Bartolomeu Joanes, que determinava a edificação da capela onde seria sepultado na Sé de Lisboa, as oferendas caritativas e a edificação de um hospital.

1504-11-PEREIRA (Fernando António Baptista), aliás BAPTISTA (Fernando António), “Atitudes e mentalidades (algumas reflexões)”, *Lisboa quinhentista: a imagem e a vida da cidade*, coordenação de MOITA (Irisalva), Lisboa, Direcção dos Serviços Culturais da Câmara Municipal, 1983, p. 23-29.

Algumas reflexões sobre modelos de comportamento e o quotidiano na Lisboa do século XVI, sendo os modelos sagrados os que maior impacto exerciam sobre a população. Estes englobam velhas práticas e renovações ético-religiosas (por exemplo a *devotio moderna*) que o esforço da Contra-Reforma enquadró e disciplinou. Os modelos sagrados do comportamento valorizavam a paixão de Cristo, cuja apropriação popular a Igreja tentou controlar (por exemplo no caso da evolução da procissão do Corpo de Cristo). Ela exprime a vitória sobre a morte, que aparece de forma mitigada na implantação do Purgatório, destino imediato no Além, comprovado pelas numerosas confrarias das Almas do Purgatório. Os santos e a Virgem eram os modelos privilegiados de uma boa morte, registando-se a crescente importância da morte

individualizada, sinalizada por exemplo na escolha da sepultura. As cenas da vida da Virgem e a infância de Jesus ilustravam os modelos de mulher e mãe a seguir, concretizando-se no culto da Imaculada Conceição e nas devoções e práticas relacionadas com a maternidade. Notícia da “superstição” associada à cadeira de São Gens e a devoção às imagens de Nossa Senhora do Ó e do Parto. Finalmente, são destacados o culto dos santos e das suas relíquias ligados à resolução de necessidades vitais da população, como por exemplo a luta contra as pestes: as procissões e devoções a São Roque e a São Sebastião, considerados protectores contra esta doença, assim como a Santo António e a São Vicente, entre outras entidades. – (D2-D4-E3-G2).

1505-11-PEREIRA (Fernando António Baptista), aliás BAPTISTA (Fernando António), “A vida e a mentalidade: do espaço, do tempo e da morte”, *O livro de Lisboa*, Lisboa, Livros Horizonte, 1994, p. 343-362, il.

Estudo sobre a mentalidade e o imaginário barroco que dominou entre os habitantes de Lisboa, na segunda metade do século XVII e primeira do século XVIII. As celebrações do calendário litúrgico, como a procissão do Corpo de Cristo (e outras cerimónias religiosas), e os autos-de-fé realizados no Terreiro do Paço assumiam um marcado sentido teatral, que se reflectia no espaço urbano através da criação de uma elaborada cenografia religiosa cuidadosamente codificada. Análise interpretativa da vivência da morte enquanto espectáculo e cerimonial vivido colectivamente, expressa numa simbologia que revela o novo gosto pelo macabro (morte seca), ilustrado nas descrições das exéquias e nas expressões artísticas e arquitectónicas da época. São disso exemplo a exibição de cadáveres em Dia de Finados no convento de São João de Deus, as cerimónias de desenterramento dos ossos, a voga dos relicários e, em particular no sul do país, a edificação de inúmeras capelas dos ossos. A leitura iconológica das representações da morte na arte e no quotidiano da época mostra que são temas recorrentes: a morte redentora de Cristo, proliferando os crucifixos e calvários, a visão dolorista da morte, a morte edificante dos santos, como a escultura que representa a morte de São Francisco de Assis no convento de São Pedro de Alcântara, os painéis de azulejos com a representação de alminhas e as devoções ao Senhor do Bonfim, ao Senhor ou Senhora da Boa Hora e a Nossa Senhora da Boa Morte. Menção do ex-voto de Nossa Senhora do Porto Seguro da igreja de São Luís, rei de França, originado pelo salvamento de um naufrágio. – (E3-H1-H2-H7).

1506-11-PEREIRA (Isaiás da Rosa), “Livro de aniversários da igreja de Santa Marinha de Lisboa”, *Revista Municipal*, Câmara Municipal de Lisboa, n.º 100, 1964, p. 15-27, il.

Transcrição e estudo de um livro de aniversários (calendário onde se registam as obrigações provenientes de legados pios a igrejas e mosteiros) da igreja

de Santa Margarida de Antioquia ou da Galiza em Lisboa, erigida no século XIII e demolida em 1853. Referência datas de óbito, listas de livros, objectos de culto, legados e missas por alma de finados. Menção das confrarias do Santíssimo Sacramento e de Santa Marinha. Registo de visitas paroquiais do século XVII, descrição das cerimónias pertencentes à visitação e alusão ao desleixo que os clérigos manifestavam no culto divino. – (A5-G1).

1507-11-PEREIRA (Maria da Conceição Gomes), “O concelho de Maфра e as capelas de D. Afonso IV e D. Beatriz: desde a sua instituição ao reinado de D. João II”, *Boletim Cultural* '94, Câmara Municipal de Maфра, 1995, p. 95-135.

Introdução e transcrição de documentos existentes no Arquivo Nacional da Torre do Tombo em Lisboa, referentes às capelas instituídas por Dom Afonso IV e Dona Beatriz no ano de 1342 na Sé de Lisboa. Fundadas por determinação testamentária aí devia orar e cantar pelas almas dos instituidores um colégio de capelães. Paralelamente, prescrevia-se a edificação de um hospital na freguesia da Sé em Lisboa para doze mulheres e doze homens pobres, os quais seriam alimentados e mantidos com a finalidade de participar diariamente nas cerimónias religiosas realizadas na capela. Capela é uma instituição pia que tinha a função de prestar serviços religiosos (sufrágios por alma dos instituidores), à qual estavam vinculados certos domínios, rendas e outros bens, capazes de suportarem esses serviços após a morte dos fundadores. Os locais escolhidos para a construção das capelas eram sobretudo o interior dos lugares de culto, onde normalmente os instituidores se faziam sepultar. O património vinculado à capela era indivisível e inalienável, sendo administrado pelos sucessores dos instituidores ou por outrém escolhido para o cargo, por vezes através de testamento. As capelas com rendimentos líquidos inferiores a 200 mil réis foram abolidas por Mouzinho da Silveira em 1833. – (C2-C7).

1508-11-PEREIRA (Maria da Conceição Meireles), *Casamento e sociedade na 2.ª metade do séc. XVIII: o exemplo da paróquia do Socorro*, dissertação de mestrado em História Moderna apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto em 1987, 295 p., dactilogr., quadros (consultável na Biblioteca Nacional de Portugal).

Estudo analítico sobre o casamento no âmbito da história da família em Portugal nos finais do Antigo Regime, privilegiando a problemática da formação do casal e a legitimação da união conjugal. Baseia-se em processos matrimoniais e no livro de impedimentos referentes à freguesia do Socorro em Lisboa, datados da segunda metade do século XVIII. Aí se atesta o reforço da autoridade eclesiástica sobre a população, no empenho que demonstra na esconjuração do perigo da clandestinidade dos casamentos, evitando a concretização de situações proibitivas, ou denunciando transgressões às normas matrimoniais para evitar gravosas consequências sociais e espirituais.

As competências da Igreja em matéria matrimonial (particularmente as disposições tridentinas) conferem-lhe a jurisdição plena sobre o casamento, não só no plano doutrinário, mas também na própria execução ritual da cerimónia e na condução de todo o processo. Referência a casamentos de jovens, expostas ou órfãs dotadas pela Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, e à relevância do papel desempenhado por esta instituição na promoção do casamento. A celebração eclesial e popular: a imposição da prática eclesial, silenciosa e austera, assim como a sua incompatibilidade com as tradicionais práticas populares assentes no valor simbólico de gestos, objectos e música, levaram à separação da festa do recinto sagrado. Enumeração de impedimentos que anulavam o matrimónio, bem como de casos de concessão de dispensa matrimonial. – (A5-G2).

1509-12-PESTANA (Manuel Inácio), “Testamentos do concelho de Marvão existentes no arquivo distrital de Portalegre (sécs. XVII-XIX), *Ibn Maruan: Revista Cultural do Concelho de Marvão*, n.º 6, 1996, p. 75-107.

Nota introdutória e levantamento dos testamentos pertencentes, na sua quase totalidade, a habitantes do concelho de Marvão, conservados no Arquivo Distrital de Portalegre, datados de 1636 a 1861, mas na sua maior parte feitos no século XVIII. A importância destes documentos para a história demográfica, socioeconómica e o estudo da genealogia. – (A2).

1510-12-PICÃO (José da Silva), *Através dos campos: usos e costumes agrícola-alentejanos (concelho de Elvas)*, Lisboa, Publicações Dom Quixote, 1983, 425 p., il.

Reedição (baseada na edição de 1947) da obra publicada originalmente em 1903, que compreende artigos escritos no jornal *Elvense*, sobre os usos e costumes rurais do concelho de Elvas no século XIX, nomeadamente dos costumes relacionados com o baptismo, o casamento e principalmente o enterro. Quanto ao baptismo, costumava realizar-se nas tardes de domingo ou dias santos na igreja, onde era feito o rito e legalizado o assento. No que respeita ao casamento o noivo ia confessar-se no próprio dia e em seguida formavam-se os cortejos até à igreja onde se realizava a cerimónia. Quanto aos funerais, ao dar-se o falecimento de um adulto, a vizinhança associava-se ao pranto e à organização dos preparativos do corpo, assim como ao acender dos candeeiros com azeite que só eram apagados quando regressavam do cemitério as pessoas que acompanharam o defunto. Segundo uma crença local, toda a água que havia em casa dentro de recipientes devia ser mandada à rua, pois ficou empestada pela morte. Os velórios são marcados por um misto de desgosto e de conversas sobre os mais diversos aspectos da vida. O enterro realizava-se a pé e com o cadáver descoberto, estando os sinos constantemente a repicar. Depois de concluído o funeral eram distribuídas

escolas pelos pobres que compareceram no mesmo. Os funerais de gente abastada eram acompanhados por vários eclesiásticos e irmandades, parando o cortejo de quando em vez para a leitura dos responsos que a família encomendou. No caso da morte de crianças (anjinhos), o seu transporte era feito por rapazes da vizinhança, indo o corpo à vista mas guarnecido de flores e fitas, sendo escassas as demonstrações de pesar. Notas sobre os aspectos religiosos das festas, compostas por missa, sermão e procissão, e sobre os aspectos profanos. Os dias feriados religiosos que se guardavam com rigor eram: os Reis, a Ascensão, o Corpo de Deus, o dia de São João Baptista, o dia de Todos os Santos, de Nossa Senhora da Conceição e o dia de Natal. Os dias que se guardavam com irregularidade são os de Nossa Senhora das Candeias, de São Pedro, do Coração de Jesus e de Nossa Senhora de Agosto. Os dias que nunca se guardavam eram os de Nossa Senhora da Encarnação e de São José. – (E1-E6).

1511-12-PORTUGAL (Fernando), “A capela do claveiro Luís e Sousa”, *A Cidade: Revista Cultural de Portalegre*, n.º 6, 1991, p. 75-83.

A propósito da genealogia de Luís de Sousa, claveiro da Ordem de Cristo (século XV-XVI), é referida a sua capela tumular, que se situava na igreja matriz de Nisa, sede do concelho do mesmo nome. É também transcrito o seu testamento, datado de 1510, que indica o local de sepultura e as missas a rezar. – (C1-C7).

1512-11-REIS (Célia), “Para o estudo das atitudes perante a morte nos testamentos torrienses do primeiro quartel do século XVII”, *Turres veteras VI – História da morte*, Torres Vedras – Lisboa, Câmara Municipal – Instituto de Estudos Regionais e do Municipalismo “Alexandre Herculano”, 2014, p. 93-101, quadros.

Análise das atitudes perante a morte no concelho de Torres Vedras, baseada em testamentos datados de 1601 a 1627. São abordados os seguintes aspectos: o local de feitura do testamento e a situação do testador, a profissão dos testadores, as encomendações da alma, o enterro e o local de sepultura, o luto, os legados e o papel das confrarias. – (G1).

1513-11-RIJO (Delminda Maria Miguéns), “A envolvente da morte no contexto das crises de mortalidade em Lisboa (2.ª metade do séc. XVI – inícios do séc. XVII)”, *História*, Faculdade de Letras do Porto, vol. VII, n.º 1, 2017, p. 98-119, il., gráficos. <https://ojs.letras.up.pt/index.php/historia/article/view/2635/2425> (consultada em 22-12-2019).

Contribuição para o estudo da morte em Lisboa na segunda metade do século XVI e inícios do século XVII. A morte é analisada como fenómeno integrado no quotidiano, com incidência na preparação para o Além, nas disposições testamentárias, nos agentes envolvidos, na escolha do lugar de sepultura, nas

confrarias que acompanhavam o defunto e nas práticas funerárias. Nota sobre a passagem do lugar da sepultura da esfera do lugar de culto sacramentado para as necrópoles públicas. Por outro lado, é feita a análise de dois momentos de morte extraordinária em Lisboa provocados pelas pestes de 1569 e de 1698.

1514-11-RODRIGUES (Teresa), *Cinco séculos de quotidiano: a vida em Lisboa do século XV aos nossos dias*, Lisboa, Edições Cosmos, 1997, 223 p.

Caracterização da vida quotidiana na cidade de Lisboa desde o século XV ao século XX, com realce para a sua dimensão religiosa. A igreja era o principal centro da vida social e mundana, sendo as manifestações religiosas muito concorridas no Natal, nas procissões da Quaresma e do Corpo de Deus, assim como nas festas dos Santos Populares. A falta de outros momentos de lazer tornava as cerimónias religiosas um misto de fé e de divertimento. Algumas características das atitudes perante a morte, em particular como reacção às epidemias: missas, procissões em honra de São Sebastião, as preocupações com a sepultura, os rituais do enterro, os legados pios e as missas de sufrágio. – (D3-E1-E3).

1515-11-ROSA (Maria de Lurdes), “Contributos para o estudo da reforma dos ‘corpos pios’ no reinado de D. Manuel: a história institucional do *juízo das capelas de Lisboa*”, *III Congresso Histórico de Guimarães. D. Manuel e a sua época*, Guimarães, Câmara Municipal, 2004, p. 519-539, quadros, gráfico.

Contribuição para o estudo das instituições pias de Lisboa no final do século XV e primeiras décadas do século XVI. Caracterização do esforço reformador de Dom Manuel no plano organizacional (procedimentos administrativos, funcionários, legislação) e da entidade oficial que superentendia as administrações privadas das capelas pias criadas por testamento, às quais estavam afectados determinados rendimentos, direitos e deveres.

1516-12-SÃO JOÃO (João José Romão), *Os ritos funerários numa comunidade rural do Alto Alentejo*, dissertação de licenciatura apresentada ao Centro de Estudos de Sociologia da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas em 1991, 61 p., planta.

Estudo sobre os ritos funerários na freguesia de Fortios, concelho de Portalegre, baseada nas metodologias de Durkheim, Mauss e Arnold Van Gennep actualizadas com as técnicas da observação e da participação, assim como da entrevista. Os rituais funerários em casa do falecido compreendem a comunicação, a solidariedade à família, os preparativos para o funeral (o corpo lavado, vestido e exposto em casa pelas viúvas da aldeia). O velório caracteriza-se pela ausência do padre e pela discriminação sexual: as mulheres no interior em pranto e oração, os homens no exterior a conversar e a negociar. O funeral é dominado pelo padre, mas a família pretende que seja lento e extenso.

O luto implica vestuário próprio, actividades sociais e laborais reduzidas. A primeira missa pela alma do defunto inclui a distribuição de pão fresco pela viúva às outras viúvas, enquanto o viúvo delega na parente mais próxima essa função. Nota sobre o costume de oferecer as roupas do defunto ao parente mais próximo, de pagar a mortalha, da peregrinação e deposição das flores no cemitério do Alto do Talefe, em Fortios.

1517-11-SARDINHA (José Alberto), “O culto das Almas do Purgatório em terras estremenhas”, *Turres Veteras VI – História da morte*, Torres Vedras – Lisboa, Câmara Municipal – Instituto de Estudos Regionais e do Municipalismo “Alexandre Herculano”, 2004, p. 189-203.

Notas sobre algumas manifestações do culto das almas na região da Estremadura (parte do distrito de Leiria, distrito de Lisboa, parte do distrito de Setúbal). O culto dos mortos marca o início dos ritos do círculo de Inverno com os peditórios cerimoniais das crianças no dia 1 ou 2 de Novembro (o Pão Por Deus), sendo o mês de Novembro dedicado às Almas do Purgatório. É feita referência às irmandades e confrarias das Almas, associadas a este culto e à sua origem: a lenda que conta o aparecimento de Cristo a São Gregório Magno, dizendo-lhe que as Almas do Purgatório podiam ser salvas através da oração. – (G2).

1518-15-SILVA (Victor Manuel Dias da), *Compromisso de Pero Vicente, (o Velho), e de Catarina ou Lope Bulhooa (sécs. XV-XVI): visitasões à Ermida de Santa Maria da Vitória e da Capela de São Sebastião que se encontra no interior da Igreja de S. Lourenço em Alhos Vedros, realizadas pela Ordem de Santiago: Irmandade do Santíssimo Sacramento da Freguesia de S. Lourenço da vila de Alhos Vedros*, Alhos Vedros, Junta de Freguesia, 2010, 112 p., il.

Análise, transcrição e reprodução paleográfica do documento que funda uma capela em honra de São Sebastião na igreja matriz de São Lourenço, freguesia de Alhos Vedros, concelho da Moita, destinada a lugar de sepultura dos instituidores e de seu filho. Foi igualmente fundada a ermida de Nossa Senhora da Vitória, hoje desaparecida. Nesta devia ser dita missa de segunda a quarta e na capela da matriz de quinta a domingo. Transcrição das visitasões da Ordem de Santiago a Alhos Vedros em 1492, 1523, 1534 e 1553. Inventário do património da igreja de São Lourenço, fundada no século XIV, que contém as capelas de Nossa Senhora do Rosário, dos Anjos, de São Sebastião e de Santo António, sepulturas e azulejos pintados representando a pregação e o martírio de São Sebastião. Nota sobre a imagem de Nossa Senhora da Vitória datada do século XVIII. – (A5-C1-H1-H2).

1519-11-SIMÕES (João Miguel), *Arte e sociedade na Lisboa de D. Pedro II: ambientes de trabalho e prática do mecenato*, dissertação de mestrado em Arte,

Património e Restauro apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa em 2002, 2 vol., 327-233 p., dactilogr., il. (consultável na Biblioteca Nacional de Portugal).

Estudo sobre os ambientes de trabalho e o mecenato artístico na cidade de Lisboa, nos finais do século XVII e inícios do século XVIII, com base em testamentos. São mencionadas diversos lugares de culto, pinturas e outros objectos artísticos de temática religiosa. Os encomendantes eram o rei, as ordens religiosas, as irmandades e as confrarias. As ordens religiosas utilizaram as encomendas de arte como meio de afirmação da sua especificidade ideológica. As irmandades que mais se destacavam eram as do Santíssimo Sacramento. No volume II são transcritos setenta e oito testamentos. – (A5-G1).

1520-11-SIMÕES (João Miguel), “Azulejaria lisboeta no reinado de D. Pedro II: ambientes de trabalho e estatuto social dos artífices”, *Boletim Cultural*, Assembleia Distrital de Lisboa, n.º 93, 1999, t. 1, p. 81-101.

A propósito do estudo dos ambientes de trabalho e do estatuto social dos artífices de azulejo na cidade de Lisboa, são transcritos três testamentos, datados de 1684, 1686 e 1701, feitos por um mestre oleiro, um ladrilhador e um azulejador.

1521-..-SOARES (Maria Micaela), “Mulheres da Estremadura”, *Boletim Cultural*, Assembleia Distrital de Lisboa, n.º 83, 1977, p. 295-337 [44] p., il.

Apontamentos de carácter etnográfico sobre costumes e vivências do quotidiano das mulheres pescadoras e peixeiras (avieiras e varinas), assim como das camponesas da lezíria estremenho-ribatejana nas margens do rio Tejo, integradas no distrito de Lisboa e no distrito de Santarém. Contém algumas notas sobre os festejos e as cerimónias do baptizado, do casamento e dos funerais. Outras práticas mencionadas eram as benzeduras e as orações que se diziam em vários momentos do dia: ao levantar, ao deitar, quando trovejava, quando se saía em passeio, quando havia necessidade de resolver males do corpo ou da alma, como os esconjuros, a erisipela e o cobranto. Nas benzeduras e esconjuros são pedidos o auxílio de Deus, do Espírito Santo, da Virgem Maria, do Anjo da Guarda e diversos santos. Transcrição de quadras entoadas durante a pesca onde são invocados Santa Margarida de Antioquia ou da Galiza e São Paio. Alusão à romaria do Senhor da Boa Morte. – (B3-B4-D2).

1522-11-SOARES (Maria Micaela), “Saloios da Granja de Alpriate”, *Etnografia da região saloia: a terra e o homem*, I Colóquio de etnografia da região saloia, 1987, Sintra, Instituto de Sintra, 1993, vol. I, p. 199-252 [9], il., quadros.

Estudo sobre a população da Granja de Alpriate, freguesia de Vialonga, concelho de Vila Franca de Xira, desde a Época Medieval até ao século XIX,

que refere algumas práticas religiosas relacionadas com a morte (testamentos, funerais, sepulturas). Menção da edificação da igreja de São Sebastião (século XVII), padroeiro da Granja de Alpriate. Transcrição de um Padre-Nosso Pequeninino e de uma oração para o deitar. – (B3-C2).

1523-07-URBANO (Luís), “Na vida e na morte: políticas familiares nos conventos femininos de Vila Viçosa”, *Monumentos*, n.º 27, 2007, p. 100-105, il.

Uma interpretação das relações entre os conventos femininos de Vila Viçosa, sede do concelho do mesmo nome, e as famílias aristocráticas. Aquelas configuram uma teia de afinidades institucionais e religiosas, beneficiando os conventos das vantagens provenientes dos dotes das filhas nobres segundas, ao passo que os aristocratas usufruíam do prestígio de nela poderem ser sepultados. Alude-se ao cenóbio feminino da Ordem de Santo Agostinho, aos conventos de Santa Cruz e da Esperança (clarissas) e ao mosteiro das Chagas de Cristo (ordem dos frades menores) fundados no século XVI, como exemplos dessa política. – (A5).

1524-11-VALE (Teresa Leonor), “Um convento dentro do convento: a intervenção do inquisidor geral D. Francisco de Castro no convento de S. Domingos de Benfca à luz do seu testamento e outras fontes”, *Arquivo Municipal de Lisboa: um acervo para a história*, Lisboa, Arquivo Municipal – Câmara Municipal, 2015, p. 111-123, il.

Estudo sobre a capela da família nobre dos Castros fundada por um dos seus membros e Inquisidor Geral, no convento de São Domingos, situado na freguesia de São Domingos de Benfca em Lisboa no ano de 1644. A capela é uma instituição pia criada por decisão testamentária e foi construída para nela serem reunidos os túmulos de vários membros da família, perpetuando desse modo o seu nome. O fundador determinou que seria dedicada ao Santíssimo Sacramento e em louvor da Virgem Maria e que devia possuir um retábulo do titular, assim como especificou o tipo de sepulturas, as missas a rezar e o estabelecimento das rendas e obrigações. A capela e dependências anexas é ornamentada com pinturas de São Domingos, de São Pedro Mártir e de Santa Catarina de Sena (Siena). – (C7-H2).

1525-12-VENTURA (António), *Portalegre: o passado hoje – exposição bibliográfica e documental (séculos XVI a XX)*, Portalegre, Câmara Municipal, 1989, 12 p., il.

Catálogo de obras manuscritas e impressas, que se referem à história e à vida do concelho de Portalegre, entre os séculos XVI a XX, e incluem assentos de baptismo, casamentos, óbitos, livros da irmandade da Misericórdia e tombos de conventos. – (C2-G2).

1526-12-VIDAL (João Nunes), “Ritos de passagem no nordeste de São Mamede, concelho de Marvão”, *Ibn Maruán: Revista Cultural do Concelho de Marvão*, n.º 1, 1991, p. 67-80, il.

Descrição de práticas e costumes religiosos, quase todos desaparecidos, relacionados com a gravidez, o parto, o baptismo e os primeiros anos de vida das crianças no nordeste da Serra de São Mamede (concelhos de Marvão, Arronches, Castelo de Vide e Portalegre), que têm como finalidade a protecção da criança e o seu perfeito desenvolvimento. Menção de objectos, de rezas e benzeduras nas quais se invocam os nomes de Deus, do Espírito Santo, da Virgem Maria, de santos e santas, que visam tirar o quebranto, evitar os males provocados pela exposição da criança ao luar e pelas lombrias, entre outros fins. – (E5-E6).

1527-12-VIEIRA (Rui Rosado), *Castelo de Vide, alguns números sobre uma época de guerra (1800-1812)*, Lisboa, Edições Colibri, 1993, 68 p., mapas, gráficos.

Estudo demográfico sobre Castelo de Vide, sede do concelho do mesmo nome, no período de 1800-1812, relativamente ao nascimento, ao casamento e à morte, com base nos registos paroquiais. Conclui-se que, à excepção dos nascimentos, que diminuíram no período da invasão francesa, os casamentos e os óbitos não sofreram alterações que possam ser imputáveis a este acontecimento histórico. Os locais de sepultura eram principalmente a igreja paroquial de Nossa Senhora da Devesa e os conventos de São Francisco de Assis e de São João de Deus. – (C7).

1528-11-XISTO (Brenda Orvalho de Oliveira), “*Assunto encerrado*”? *Atitudes contemporâneas perante a morte e a cremação em Lisboa*, dissertação de mestrado em Antropologia Social e Cultural apresentada ao Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa em 2012, 149 p. <http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/7984/1/Tese%20-%20Brenda%20Xisto.pdf> (consultada em 23-01-2021)

A prática da cremação em Lisboa teve uma primeira fase entre 1920 e 1936 e só foi retomada em 1985, passando de uma prática residual a primeira escolha em 2011, ano em que atingiu 51,3% do total dos funerais realizados. Análise da história da cremação na cidade de Lisboa e das razões do seu crescimento recente: as motivações e os interesses dos promotores da cremação, os enquadramentos legais, as variações do posicionamento da Igreja Católica, a maneira como é concebida por quem hoje a ela recorre. É ainda considerada a influência do cinema e da televisão para banalizar a cremação e para apresentar um novo formato de cerimónias fúnebres centradas na personalidade do falecido e na celebração da vida. Os testemunhos utilizados evidenciam que a cremação é encarada hoje como uma escolha que visa simplificar e encerrar rapidamente o processo ocasionado pela morte,

afasta da imaginação a ideia da decomposição do corpo inumado (as cinzas são um elemento limpo e inócuo) e permite uma relação com os restos mortais menos focada nestes e mais na memória idealizada da pessoa falecida. Contém diversos anexos com o guião das entrevistas, a lista dos entrevistados, a lista dos familiares e amigos cremados e o destino das cinzas, a evolução do binómio cremações/funerais no período de 1997-2011 e a evolução da cremação entre 1985 e 2011. – (A5).

1529-15-“Testamento da Dona Madalena Bruna de Castro, condessa dos Arcos, em 1729”, *Almada na História: Boletim de Fontes Documentais*, n.º 17-18, 2010, p. 25-32.

Transcrição do testamento de uma mulher da nobreza datado de 1729, que se encontra no Arquivo Histórico Municipal de Almada. A testadora designa as entidades divinas a que se encomenda, a forma de amortalhamento, o local de enterramento e as numerosas missas por alma.

E5 – Práticas marginais (feitiçaria, malefícios...)

1530-.-ARAÚJO (Maria Benedita), *A medicina popular e a magia no sul de Portugal: contribuição para o estudo das correntes mentais e espirituais (fins do século XVII e meados do século XVIII)*, dissertação de doutoramento apresentada à Faculdades de Letras da Universidade de Lisboa em 1988, 3 vol., 478-437-383 p., dactilogr., il., mapas, gráficos (consultável na Biblioteca Nacional de Portugal).

Estudo sobre as práticas de medicina popular e de magia na área do território de Portugal a sul do rio Tejo no período entre finais do século XVII e meados do século XVIII. No volume I são tratados o quadro geográfico e humano, a magia maléfica e a sua relação com o Demónio. No volume II são analisadas as técnicas ofensivas ou maléficas e as técnicas defensivas ou curativas, a cura natural e a cura prenatural. Nota sobre a devoção aos santos Cipriano, Marcos e Manços, assim como das almas. No volume III contém o anexo documental e os índices. Segundo a autora, na área estudada a economia da salvação proposta pela religião positiva apresentava-se insuficiente e não era incompatível com o recurso às técnicas populares de prever o futuro ou de restabelecer a saúde. Para sobreviver num mundo perigoso apelava-se ao Demónio e a Deus, não existindo uma verdadeira demarcação entre a acção da Igreja ao nível transcendente e a visão mágica do mundo veiculada por bruxas e feitiçeiros. As suas práticas eram vistas como ilícitas e carregadas de um potencial demoníaco devendo, por isso, ser combatidas pelo poder espiritual e secular. O rigor repressivo coube sobretudo ao Tribunal do Santo Ofício. – (A5-E6).

1531-15-FALCÃO (José António), *Varia Qvaedam*, Santiago do Cacém, Gabinete de Estudos Históricos, 1981, 10 p.

Notas e recolha de “superstições” e crenças relacionadas com o assobiar de noite, não sendo bom assobiar porque se chama pelo Diabo, se atraem as coisas más e se chama pelo inimigo coligidos na freguesia de Alvalade, de um ensalmo colectado na freguesia do Cercal, ambas do concelho de Santiago do Cacém, e de um cântico das janelas de Vila de Rei (distrito de Castelo Branco). – (B4).

1532-07-MORENO (Humberto Baquero), “Um possesso do demónio no século XV”, *Bracara Augusta*, vol. XXXIV, t. 2, n.º 78, 1980, p. 577-581

Contributo para o estudo das atitudes sobre práticas demonológicas do homem português na transição da Idade Média para a Idade Moderna, nomeadamente a possessão por parte do demónio ou apenas enquanto processo de descrença ou de desvio às práticas religiosas cristãs. Análise e transcrição de um documento, que se encontra no Arquivo Nacional da Torre do Tombo em Lisboa, relativo a um possesso da cidade de Évora no século XV. Segundo o autor, este tipo de casos parecem revelar um certo desconhecimento das regras litúrgicas e das orações, assim como dos meios para combater o demónio.

1533-11-PAIVA (Maria Cesaltina Nabais), “Loures: crenças e mezinhas: tentativa de explicação antropológica”, *Etnografia da região saloia: a diversidade do quotidiano*, I Colóquio de etnografia da região saloia, 1987, Sintra, Instituto de Sintra, 1999, vol. II, p. 45-56.

Recolha etnográfica de crenças, “superstições” e mezinhas praticadas pela população rural do concelho de Loures, através de vinte e cinco entrevistas realizadas em 1987. Para a gente saloia (habitantes do campo dos arredores de Lisboa, a norte do rio Tejo) existem dois tipos de doenças: as de carácter natural, curáveis pelo recurso a mezinhas, quase sempre com rezas; as de carácter sobrenatural, curáveis com base na magia e com diagnósticos feitos por benzedeiros, adivinhos e curandeiros. Estas práticas são acompanhadas de rezas e de orações como o Pai-Nosso e a Ave-Maria. Transcrição de algumas rezas. – (B3-E6).

1534-11-SANTANA (Francisco), *Bruxas e curandeiros na Lisboa joanina*, Lisboa, Academia Portuguesa de História, 1996, 147 p.

Estudo sobre bruxas e curandeiros na Lisboa do tempo de Dom João V, primeira metade do século XVIII, com base na análise de quinze processos de “superstição” (10 mulheres e 5 homens) da Inquisição de Lisboa, datados de 1689 a 1750. São analisadas as motivações que comandam a prática de feitiçaria e de bruxaria, assim como o perfil social e psicológico de cada bruxo ou curandeiro. Descrição das práticas e ritos (rezas, defumações, sopros e

soluções); dos espaços (os adros das igrejas, lugares de execução, as janelas no lar). Estas práticas eram executadas em tempos considerados “mágicos”, como por exemplo a sexta-feira, a noite (entre as dez e a meia-noite) e a noite de São João Baptista. Nos processos de cura salienta-se o facto de os curandeiros, na sua quase totalidade, serem homens: o caso de “São Joãozinho” (João Baptista de São Miguel) tido por santo e virtuoso, que prestava culto a São João Baptista diante de quem rezava, enquanto efetuava as suas práticas curativas ou pedia a sua intercessão para obter graças. Referência a vários aspectos assumidos pelo demónio. Apresentação de sumários dos processos. – (A5).

1535-07-TEIXEIRA (E.), FEIO (Mariano), “Um possesso numa aldeia do Alentejo nos anos 80”, *Revista Lusitana*, n.º 6, 1985, p. 125-171.

Acompanhamento e relato etnológico do caso dum possesso numa aldeia do distrito de Évora na década de 1980. O possesso, que tinha 16/17 anos, na verdade sofria de ataques epilépticos, mas foi visto como estando possuído por uma alma do outro mundo. Por isso, foi submetido a diversas práticas supersticiosas (beijar a cruz, esconjuro, exorcismo, penitência, mezinhas, benzeduras, rezas), realizadas por diversos agentes (familiares, padres, virtuosas, bruxas, bruxos, exorcistas, feiticeiras). Tentativas de descoberta, identificação e combate à alma que se apoderou do possesso. Esta foi identificada como sendo Custódia, uma mulher que se suicidara dois anos antes destes acontecimentos, afogando-se num poço, e que tinha fama de bruxa. Entre as intervenções a que o possesso foi sujeito estão as visitas ao Santo Lenho, a execução de penitências, por exemplo ir de joelhos de casa à igreja e dar duas voltas à igreja. Além disso uma tia do possesso tocou-lhe com algodão embebido no ouvido e no nariz, exortando-o a que falasse (porque se falasse, sofreria menos e a alma através dele poderia dizer o que queria); uma bruxa recomendou que arrematassem a alma para a obrigarem a calar-se, que pagassem uma penitência e que trouxessem uma cruz ao pescoço; uma virtuosa identificou a alma que dominava o possesso e rezou para que a alma passasse para ela, indo, em seguida, deitar fora a alma; finalmente, um padre com a estola benzeu a casa do possesso, enquanto um exorcista fez o mesmo ao possesso e procurou extrair-lhe o espírito que incorporou nele, acabando por se afastar. Descrição sumária de um esconjuro ocorrido na igreja do Santo Lenho de Vera Cruz, freguesia de Vera Cruz, concelho do Alandroal. – (A5).

1536-11-“Tradições: histórias da vida e do além no concelho de Mafra”, *Boletim Cultural '97*, Câmara Municipal de Mafra, p. 463-475.

Recolha de tradições relativas a práticas de bruxaria, curandeirismo, feitiçaria e manifestações de espíritos, de lobisomens e pós-mortem, assim como de casos de possessão do concelho de Mafra. Registo dos gestos, fórmulas e orações para afugentar os espíritos, com as invocações de Deus, de Jesus, da

Santíssima Trindade e de Nossa Senhora. Transcrição de dois contos extraídos da obra *Tia Maria Àsquinha e outras histórias da Ericeira*, relativos a uma bruxa e à aparição de um fantasma. Recolha de BATALHA (Daniela), CAETANO (Joana), QUINTAS (Joana), SANTOS (Joana), SOUSA (Joana) e FARIA (Sandra). – (B3-D2-D3-E6).

E6 – Outras práticas (ditas folclóricas)

1537-07-BELO (António), *O Alentejo onde nasci: Reguengos de Monsaraz nos anos 60*, Lisboa, Edições Colibri, 2005, 111 p.

Memórias do autor sobre como se vivia na área de Reguengos de Monsaraz, sede do concelho do mesmo nome, entre os anos cinquenta e setenta. São referidos ou é dada uma notícia de alguns usos e costumes: as preces por ocasião das trovoadas, as atitudes perante a morte (o velório, o luto, o vestuário), as práticas perante a doença e próprias da Páscoa, nomeadamente o costume do pedido de dádivas feito à meia-noite por jovens ao som de chocalhos, o Pão por Deus no dia de Todos os Santos, a missa do galo, os cantares de Reis, o costume de na Quinta-Feira das Endoenças as raparigas “prenderem” os seus pretendentes com um raminho de alecrim. – (E4).

1538-11-CAETANO (Amélia), “Herbário tradicional da região de Mafra: plantas de virtude”, *Da vida, da morte e do além: aspectos do sagrado na região de Mafra – roteiro monográfico*, 1996, p. 47-70, il.

Seleção de plantas medicinais utilizadas no concelho de Mafra e tradicionalmente consideradas sagradas devido aos seus atributos mágicos. São usadas frequentemente em receitas e mezinhas populares, utilizando-se nas benzeduras, defumações (casa, roupa e bebês), no esconjuro de feitiços e espíritos, ou ainda na limpeza espiritual das crianças perfumando-se o seu banho com alecrim. Afastam-se, assim, os espíritos malignos, o mal da lua e as bruxas. São referidas as de uso mais comum: a alfazema, o alecrim, a arruda e o ramo de oliveira e ainda o açafraão, o alho, a avenca, a losna, a mostarda-branca e o rábano. Os ritos são normalmente acompanhados de rezas com invocação da Santíssima Trindade. Menção da crença popular de que o bolor de pão benzido por sacerdotes em ocasiões sagradas cura as infeções. Transcrição de algumas receitas de bruxas para os namorados. – (B3-E5).

1539-11-CAETANO (Amélia), “Medicina popular na região de Mafra”, *Boletim Cultural '94*, Câmara Municipal de Mafra, p. 217-242.

Introdução e levantamento de mezinhas, orações e outros processos de cura da medicina popular praticados pela população rural da freguesia de Mafra, sede do concelho do mesmo nome, no século XX. Os métodos de cura de

cariz empírico e religioso. Os tratamentos de cariz religioso são baseados essencialmente na prática gestual do sinal da cruz, com a mão ou com ervas, e no toque, juntamente com orações que invocam Jesus Cristo, a Virgem Maria, o Santíssimo Sacramento e algum santo padroeiro, terminando com o Pai-Nosso ou a Ave-Maria. Algumas das doenças tratadas com produtos naturais e rezas são a erisipela (doença de pele), a íngua (infecções), o mal de inveja, o mal de lua, o mau-olhado, as mordeduras de bicho, o quebranto, a entorse e a possessão, entre outras. – (D2-D3-E5).

1540-11-CAETANO (Amélia), *Práticas da medicina tradicional e plantas de virtude da região de Mafra*, Mafra, Câmara Municipal, 2002, 147 p., il.

Introdução e levantamento dos processos de cura da medicina popular praticados pela população rural do concelho de Mafra no século XX. Os métodos de cura de cariz empírico e religioso, com recurso a mezinhas e orações. Os tratamentos de cariz religioso são baseados essencialmente na prática gestual do sinal da cruz, com a mão ou com ervas, e no toque acompanhados de orações que invocam Jesus Cristo, a Virgem Maria, o Santíssimo Sacramento e algum santo padroeiro, terminando com o Pai-Nosso ou a Ave-Maria. Recolha das doenças e das formas de tratamento segundo as práticas da medicina tradicional. Seleção de plantas e as rezas para curar a erisipela (doença de pele), a íngua (infecções), o mal de inveja, o mal de lua, o mau-olhado, as mordeduras de bicho, o quebranto, a entorse e a possessão, entre outras. As plantas medicinais utilizadas no concelho de Mafra e tradicionalmente consideradas sagradas devido aos seus atributos mágicos, para afastar os espíritos malignos, o mal da lua e as bruxas. Os ritos são normalmente acompanhados de rezas com a invocação da Santíssima Trindade. Menção da crença popular de que o bolor de pão benzido por sacerdotes em ocasiões sagradas cura as infecções. – (B3-D2-D3-E5).

1541-11-CASEIRO (Carlos), *A marcha é linda!: Lisboa, o culto a Santo António, as marchas populares da cidade*, Lisboa, Ideias & Rumos, 2003, 175 p. il.

Notas históricas sobre alguns costumes da festa de Santo António, considerado padroeiro pelo povo de Lisboa, nomeadamente sobre a origem e a evolução das marchas populares, que comemoram o santo na noite de véspera do dia 13 de Junho. Sobre Santo António são sumariamente relatados a sua acção como pregador e diversos milagres, a origem do culto e algumas práticas e costumes populares (“pãezinhos” de Santo António, “um tostãozinho para Santo António”). As marchas populares surgiram em 1932 e envolvem participantes de diversos bairros da cidade que rivalizam com as suas danças e cantares, desfilaro pelas ruas de Lisboa (hoje sobretudo pela avenida da Liberdade) e em salas de espectáculo. Notas sobre a criação e evolução dos diversos grupos de marchas. – (D4-E2-F3).

1542-11-CHAVES (Luís), “O Natal na Estremadura”, *Panorama*, n.º 24, 1961, s. p. [6 p.].

O Natal na região da Estremadura (parte do distrito de Leiria, distrito de Lisboa e parte do distrito de Setúbal) foi vivido ao longo dos tempos segundo a tradição portuguesa de festa da família, com novenas ao Menino Jesus, consoada e fogueira. A originalidade da região verificou-se sobretudo na execução e difusão de presépios esculpidos em barro por influência da chamada Escola de Mafra (século XVIII). Transcrição de fragmentos de canções de Natal de Óbidos (distrito de Leiria). – (B4-H2).

1543-11-CORDEIRO (Graça Índias), “Entre a cidade e a rua: associação e festa num velho bairro de Lisboa”, *Ethnologie du Portugal: unité et diversité: actes du colloque*, Paris, 1992, publiés sur la direction de CALLIER-BOISVERT (Colette), Paris, Centre Culturel Calouste Gulbenkian, 1994, p. 59-79, il., mapas.

A propósito de uma pesquisa sobre a construção sociocultural do antigo bairro da Bica, freguesia de São Paulo em Lisboa, são apresentadas notas descritivas sobre o ciclo festivo de Junho em torno do culto popular aos santos António, reconhecido pelo povo de Lisboa como padroeiro, João Baptista e Pedro, desde os finais do século passado até à actualidade. Dados sobre as iluminações festivas, desfiles, marchas e arraiais populares, bailes públicos e fogueiras. – (E2).

1544-11-CORDEIRO (Graça Índias), *Um lugar na cidade: quotidiano, memória e representação no bairro da Bica*, Lisboa, Publicações Dom Quixote, 1997, 414 p., il., mapas, quadros.

Contributo para uma monografia de antropologia urbana sobre o bairro da Bica, freguesia de São Paulo em Lisboa, no século XX, com dados que reportam à Época Medieval. Análise das festas/marchas dos Santos Populares (António, Pedro e João Baptista) em Junho, como estratégia para a pesquisa e definição da noção de bairro popular. A prática festiva espontânea das décadas dos anos 1910-20 foi institucionalizada nas décadas de 1930-40. Os rituais festivos compreendiam a marcha, os cortejos, os arraiais, os bailes, as fogueiras, o fazer do trono, a queima das alcachofras, os manjericos. Origem do culto a Santo António, padroeiro da cidade, enquanto expressão do poder urbano: num primeiro momento, a relação com o culto ao Império do Espírito Santo e, posteriormente, a sua introdução no ciclo de São João Baptista. O culto a São João Baptista e a sua ligação a certas práticas mágicas. Menção da igreja paroquial de São Paulo, da igreja do convento do Corpo Santo ou Pedro Gonçalves Telmo e da capela das Chagas da igreja da Trindade. – (C1-C2-D4-E2).

1545-11-COSTA (Maria Laura), “‘Superstições’ da região de Mafra”, *Da vida, da morte e do além: aspectos do sagrado na região de Mafra – roteiro monográfico*, coordenação GANDRA (Manuel J.), Mafra, Câmara Municipal, 1996, p. 41-46.

Notas sobre as qualidades de diversas plantas utilizadas para fins mágicos, terapêuticos e benzeduras no concelho de Mafra. Elas são empregadas para benzer as casas, para proteger as crianças e para curar doenças. Recolha da tradição oral de alguns ditos da sabedoria popular. Transcrição de duas receitas destinadas a livrar os pacientes do feitiço feito pelas namoradas e de uma para enfeitiçar os namorados.

1546-11-COSTA (Paulo Ferreira da), *Montejunto: imaginários e celebrações de uma serra*, Cadaval, Leader Oeste, [D.L. 1999], 125 [16] p., il.

Estudo de cariz antropológico sobre as festas e práticas da vida religiosa das comunidades da área da Serra de Montejunto nos concelhos de Alenquer e Cadaval. As práticas populares do ciclo festivo do Inverno iniciam-se com as cerimónias do dia de Todos os Santos (1 de Novembro) e do dia de São Martinho de Tours (11 de Novembro) e prolongam-se nos seis meses seguintes: as fogueiras, os peditórios (dia de Todos os Santos), as janeiras, com o peditório para a Nossa Senhora da Soledade, e o cantar dos Reis. O ciclo de Verão inicia-se com a chegada da Primavera: os rituais religiosos, marcadamente agrários, como por exemplo a bênção dos Ramos (domingo anterior à Páscoa), as ladainhas de São Marcos (25 de Abril) ou ladainha maior e as Rogações ou ladainhas menores, que decorrem entre a Páscoa e a Ascensão. Também são assinalados as maias (1 de Maio), o Dia da Santa Cruz ou da Bela Cruz (3 de Maio) e a Quinta-Feira da Ascensão, designada dia da espiga ou dia de folga (no campo). Integra-se ainda neste ciclo agrícola a festa de Santa Quitéria em Meca (primeiro domingo depois de 22 de Maio), concelho de Alenquer, da qual constam a missa, a procissão e a bênção do gado. Relação de várias práticas divinatórias das festas de São João Baptista associadas ao amor e ao casamento. Notas descritivas sobre as capelas, cultos e festas dedicadas principalmente a Nossa Senhora das Neves (5 de Agosto), frequentada por romeiros de vários concelhos, da qual é descrita a procissão, e a São João Baptista. As práticas marginais e outras do folclore tradicional associadas a crenças e a “superstições”: as lendas das mouras encantadas, dos lobisomens e das bruxas, em que se crê nascer com esse destino a última de sete filhas consecutivas, devendo-se contrariar esse destino chamando-a de Maria. Afirma-se mesmo que a sétima de sete filhas “ou é bruxa ou é benta”. – (D2-E1-E3-E5).

1547-11-CUNHA (Delfina), *Recordando a nossa gente: conhecer e reviver outros tempos*, [Sobral de Monte Agraço], Gráfica Sobralense, [D.L. 2009], 146 p., il.

Contribuição muito ilustrada sobre usos, costumes e tradições da população de Sobral de Monte Agraço, sede do concelho do mesmo nome. As práticas nas festividades cíclicas anuais próprias do dia de Reis, do dia dos Fiéis Defuntos, da Páscoa, da Quinta-Feira da Espiga e do dia de Todos os Santos

(havia o hábito de pedir o Pão por Deus), assim como da romaria em honra de Nossa Senhora da Saúde. As práticas de medicina popular e da benzedura do pão. Transcrição de orações dedicadas a Santo António. O imaginário popular compreendia a crença no lobisomem e nas bruxas. – (B3-D2-E1-E5).

1548-07-FALCATO (João), “Natal no Alentejo”, *Revista Alentejo*, n.º 380, 1968, p. 2-4, il.

Apontamento sobre o Natal na região do Alentejo (distritos de Portalegre, Évora, Beja e parte do distrito de Setúbal) e transcrição de quadras e loas cantadas durante a noite de Natal, após a Missa do Galo, e dedicadas ao Menino Jesus e a Nossa Senhora, quando eram distribuídos alimentos confeccionados nas noites anteriores, práticas em que se cruzam o profano e o sagrado. – (B4-E1).

1549-11-GANDRA (Manuel J.), “Feriado municipal do concelho de Mafra. Quinta-Feira da Ascensão: história e simbolismo”, *Boletim Cultural '94*, Câmara Municipal de Mafra, p. 366-367.

Notícia sobre o feriado municipal do concelho de Mafra que foi instituído em 1973. Ocorre na Quinta-Feira da Ascensão ou da espiga, dia que marca o fim da quarentena da Páscoa, no dia seguinte à última das Rogações ou Ladainhas Menores, destinadas a obter a protecção dos campos. Hoje caracteriza-se pela tradicional merenda no campo e pela apanha da espiga.

1550-11-GANDRA (Manuel J.), “Mafra mítica, hermética e simbólica (de A a Z)”, *Da vida, da morte e do além: aspectos do sagrado na região de Mafra – Roteiro monográfico*, Mafra, Câmara Municipal, 1996, p. 153-223, il.

Glossário de expressões, palavras, objectos, figuras e rituais religiosos, plantas e símbolos relacionados com práticas de carácter religioso ou profano do concelho de Mafra. Algumas situações em que se verificam essas práticas: afastar ou atrair espíritos (bons ou maus), sorte e azar, vida e morte, funerais, nascimentos, doenças, curas, promessas, salvação, profecias. Transcrição de alguns versos e orações relacionados com as práticas atrás referidas: Agnus Dei, água benta, bruxaria, almas penadas e do Purgatório, alminhas, santos, Anjo Custódio, cruz, Encomendação das Almas, Espírito Santo, Pentecostes. – (B3-E4-E5).

1551-11-JANELA (Ilídia Franco Pedro), “O pão saloio: apontamentos para um ensaio socio-religioso da antropologia saloia”, *Boletim Cultural '92*, Câmara Municipal de Mafra, p. 43-78.

Estudo sobre o fabrico caseiro do pão na região saloia (área rural dos arredores de Lisboa, a norte do rio Tejo). Aborda aspectos da piedade popular ainda hoje praticados, associados ao cultivo do trigo e ao fabrico do pão: a bênção

dos campos, as cerimónias dos ciclos festivos da germinação, da floração e das colheitas. O pão é um alimento simbólico da liturgia cristã (transformado em sacramento, a eucaristia é o pão da alma): gestos praticados durante a preparação do pão, nomeadamente a impressão de três cruzeiras e a invocação do auxílio divino (Deus e santos como Mamede, Gonçalo de Amarante e Vicente); orações ditas desde a fermentação à cozedura para favorecer o crescimento da massa e a abundância, que são transcritas. O Pão por Deus é um peditório realizado de porta em porta pelas crianças no dia de Todos os Santos (dia de visita aos cemitérios), que recebem doces, pão e dinheiro, estabelecendo simbolicamente a relação do pão com a alma dos mortos. Nas festas saloias, o pão e os doces como as fogaças e o bolo de Natal distinguem-se em quantidade e qualidade do pão quotidiano. O pão e o azeite são associados às orações nas práticas em que a magia e a piedade popular se fundem para curar a erisipela e o bucho tombado nas crianças. – (D3-D4).

1552-12-MARINHO (Alberto de Oliveira), “Natal de Elvas”, Elvas, Câmara Municipal, *Caderno Cultural*, Elvas, Câmara Municipal, 1991, 39 p., il.

Nota histórica sobre a festa do Natal e a representação do presépio que se tornou popular com São Francisco de Assis. Descrição de usos e costumes do Natal em Elvas, sede do concelho do mesmo nome: a consoada, a queima do madeiro, a visita aos presépios armados em algumas casas, as loas cantadas ao Menino Jesus, a missa do Galo e o beijo do Menino. Breve apresentação da composição dos presépios. Transcrição de ditados e provérbios, de quadras, de cânticos e de um romance popular que tem por tema o Natal em Elvas e ainda em outras terras de Portugal. Fotografias de CARPINTEIRO (João). – (B1-B3-B4-H2).

1553-11-MIRANDA (António), “Ai! Vai Lisboa!... com as marchas populares”, *O Santo do Menino Jesus: Santo António, devoção e festa – catálogo*, Lisboa, Instituto Português de Museus e Instituto de Comércio Externo Português, 1995, p. 35-44, il.

Notícias sobre as marchas que se realizam na véspera da festa em honra de Santo António, padroeiro da cidade de Lisboa, desde a década de 1930 à de 1990. Alusão à origem das marchas populares que, segundo o autor, se reportam aos ritos do solstício. Transcrição de algumas quadras. – (B1).

1554-11-MARRÃO JÚNIOR (Joaquim de Almeida), “Usos e costumes na Ericeira: Quinta-Feira da Ascensão” *Boletim Cultural’00*, Câmara Municipal de Mafra, p. 299-300, il.

Notícia sobre usos e costumes realizados na Quinta-Feira da Ascensão ou da Espiga na freguesia da Ericeira, concelho de Mafra: a população acorre à foz do rio Lizandro e aí confraterniza.

1555-12-PESTANA (Manuel Inácio), *Etnologia do Natal alentejano: enquadramento histórico-cultural, breve interpretação antropológica*, 2.^a edição, Portalegre, Edição da Assembleia Distrital, 1983, 107 p., il.

Reedição (1.^a edição em 1978) do estudo sobre as tradições e práticas do Natal no Alentejo (distritos de Portalegre, Évora, Beja e parte do distrito de Setúbal), sobretudo no norte alentejano, a partir de uma interpretação antropológica (funcionalismo, difusionismo, estruturalismo) e da sua integração no Natal português e europeu. Notas sobre as tradições europeias e portuguesas, entre as quais se destacam as novenas, os autos pastoris, a missa do galo e as searinhas do Menino. Descrição, baseada principalmente em fontes impressas dos séculos XIX e XX, das formas específicas de participação dos alentejanos na celebração do Natal, no presente e no passado, e o seu enquadramento na vida familiar, religiosa, social e económica da região. Entre elas apontam-se a novena, a tradição do madeiro, a consoada, os autos, os cantares ao Menino. Introdução e transcrição do texto de uma versão do presépio de Alpalhão, concelho de Nisa, recolhido em 1981, que era recitado e cantado junto ao presépio da casa visitada. O presépio é uma representação declamada e cantada de porta em porta na noite de Natal. – (B1-B4-E3).

1556-12-PESTANA (Manuel Inácio), “A propósito do Natal Alentejano: breve análise etno-antropológica”, *Aprender: Revista da Escola Superior de Educação de Portalegre*, n.º 7, 1989, p. 61-68, il.

Breve contributo para uma análise etno-antropológica do Natal, nomeadamente no concelho de Portalegre, tendo por base as perspectivas funcionalista, difusionista-culturalista e estruturalista. As celebrações populares do Natal são vistas como actos públicos, compostos pela queima do madeiro na noite do Menino, pelo cantar de loas, pelo presépio e pela recolha de oferendas. Transcrição da letra de um guinaldo (pedido de comida e bebida) cantado pelos homens e rapazes enquanto iam de porta em porta pedir comida e bebida, após a missa do galo. – (B1-B4).

1557-.-RIBEIRO (Margarida), “Bênção de Gados”, *Revista de Etnografia*, n.º 30, vol. XV, t. 2, 1971, p. 333-341, il.

Notas sobre o costume da bênção de gados na zona do Alto Alentejo (distritos de Portalegre e de Évora), particularmente nos concelhos de Estremoz e de Castelo de Vide, durante a época pascal. Ao costume de benzer o gado, até ao Pentecostes, associavam-se os de benzer as searas, fazer uma procição com os animais decorados e invocar o Salvador do Mundo através da missa.

1558-14-RIJO (Maria José), *Conversas soltas, rezas e benzeduras: crónicas do jornal Linhas de Elvas*, Elvas, Jornal “Linhas de Elvas”, [D.L. 2000], [70] p., il.

Compilação de crónicas publicadas no jornal *Linhas de Elvas*, compostas por memórias da autora, que relatam práticas da medicina popular em Elvas, sede do concelho do mesmo nome: curar o cobro, o quebranto, coser o torcido ou obter protecção em diversas situações. Inclui algumas das rezas utilizadas. – (B3).

1559-12-*Arronches... pelo S. João*, Lisboa – Arronches, Colibri – Câmara Municipal de Arronches, 2001, 168 p., il.

Recolha muito ilustrada das tradições, lendas e credices, assim como de manifestações próprias das festas de São João Baptista no concelho de Arronches. As crenças e as lendas nascidas em torno de São João Baptista. A construção de mastros, constituídos por postes de madeira revestidos de plantas aromáticas e flores e encimados por uma boneca de trapo ou papel, que eram queimados na noite de São João Baptista; os altares, pequenos troncos com a imagem do santo e decorados com flores; a recolha de água benta, ou seja, de água das fontes que na madrugada de 24 de Junho tinha propriedades milagrosas. Compilação de quadras dedicadas a São João, recolhidas em 1991, e reprodução de cantares em torno de São João e da sua festa, expressões da diversão popular sem componente religiosa.

1560-15-*Mezinhas: Rezas e Benzeduras*, Palmela, Câmara Municipal, 2018, 46, 30 p., il.

Recolha de rezas e benzeduras do concelho de Palmela para diversos fins, onde se recorre a invocações religiosas: para encontrar pessoas ou objectos perdidos, para as trovoadas, contra o mau-olhado, para tirar a dor de cabeça, cozer o torcido, curar a erisipela, entre outras. – (E5).

1561-12-*Vila Fernando: uma aldeia com histórias*, Vila Fernando, AGIR-Produções Gráficas, 2016, 143 p., il.

Recolha de testemunhos memorialistas sobre a freguesia de Vila Fernando, concelho de Elvas. Contém breves informações sobre as vivências religiosas da Quaresma: as rezas convocadas pelo toque das trindades, o hábito de se colocar um ramo de alecrim, benzido no Domingo de Ramos, na seara ou no batatal para obter melhores colheitas, a aleluia no sábado de Páscoa em que os participantes, munidos de chocalhos, davam doze voltas à igreja paroquial, seguindo depois para os montes com as sacolas para que os donos lhes dessem produtos locais, que eram consumidos na Sociedade Recreativa da freguesia. Nota sobre a devoção a Nossa Senhora da Piedade e a Nossa Senhora da Conceição, padroeira da freguesia. No Natal, era costume realizarem-se os cantares ao Menino, dando as boas festas às famílias que permitem a entrada nas suas casas do grupo de jovens que os executavam. Transcrição de quadras. – (B4-D2-E2).

F – MILAGRES

F1 – Ligados ao sagrado (elementos naturais, animais...)

1562-15-BARBOFF (Mouette), *O milagre das águas: o terramoto, Arrentela e Nossa Senhora da Soledade*, Seixal – Arrentela, Câmara Municipal do Seixal – Junta de Freguesia de Arrentela, 2005, 133 p. il.

Estudo sobre o milagre de Nossa Senhora da Soledade na freguesia de Arrentela, concelho do Seixal, ocorrido no dia 1 de Novembro de 1755, na sequência do terramoto verificado no mesmo dia. Conta-se que as águas do rio Tejo haviam galgado as margens na sequência do tsunami e que acalmaram e tornaram ao seu leito graças à intervenção de Nossa Senhora, não havendo naquele dia nenhuma vítima. Em sinal de agradecimento, os habitantes de Arrentela prometeram celebrar uma festa anual em honra de Nossa Senhora da Soledade. A igreja paroquial foi fundada no período medieval e destruída pelo terramoto, sendo reconstruída em honra de Nossa Senhora da Consolação, padroeira da freguesia. Em 1758, possuía ainda as irmandades do Santíssimo Sacramento, do Senhor Jesus, de Nossa Senhora do Rosário e de São Pedro. No mesmo ano, tinha imagens que representavam o Senhor Jesus, Nossa Senhora do Rosário, os santos Brás, Pedro, André, Amaro, João Evangelista, Miguel Arcanjo, António, Sebastião, Bento, Roque, Catarina de Alexandria e Maria Madalena. Os painéis de azulejo figuravam cenas da vida de Nossa Senhora. A devoção popular a Nossa Senhora da Soledade tem sido contrariada pelo pároco, que pretende dar à festa uma feição mais eclesial. Análise da festa: organização inicial a cargo da irmandade do Santíssimo Sacramento e hoje por uma comissão eleita anualmente: os peditórios, os andores, a música da festa, a procissão e o seu percurso; as promessas (actos de penitência, missas, sermões, reza de responsos, oferta de objectos e de géneros); as proibições e as mudanças a que esteve sujeita a procissão e a festa. Crónicas da festa extraídas de jornais desde 1900 a 1987. – (A5-C1-D2-H1).

1563-11-GALHOZ (Maria Aliete), “Santo Estêvão das Galés, lenda do patrono e cerimonial dos ‘Pãezinhos de Santo Estêvão’”, *Etnografia da região saloia: a diversidade do quotidiano*, I Colóquio de etnografia da região saloia, 1987, Sintra, Instituto de Sintra, 1999, vol. II, p. 9-15.

Breve análise da lenda de Santo Estêvão, recolhida em 1980 e 1987 na freguesia de Santo Estêvão das Galés, concelho de Mafra, de que o santo é padroeiro. Relato das aparições de Santo Estêvão e das Cruzinhas (por causa de uma cruz que o povo fez na oliveira onde Santo Estêvão aparecia), assim como dos milagres feitos nessas ocasiões (transformação das pedras que os camponeses lhe atiravam em pãezinhos, que depois davam aos animais em

caso de epidemia). Por ocasião de festa em sua honra, era costume o padre benzer pães ázimos, que assim adquiriam propriedades protectoras, para os paroquianos levarem para casa. A lenda alude à multiplicação que o santo fazia dos pães e às pedras com que foi delapidado. A igreja paroquial em honra do santo data, provavelmente, do século XVII-XVIII. Menção da vida e martírio de Santo Estêvão. – (C1-E2-F1).

1564-07-MENDONÇA (Manuela), “S. Cristóvão – uma aldeia alentejana: apontamentos para a sua história”, *Cidades, vilas e aldeias de Portugal: estudos e história regional portuguesa*, Lisboa, Edições Colibri, 1995, vol. 1, p. 219-233.

A propósito do estudo sobre a freguesia de São Cristóvão, concelho de Montemor-o-Novo, regista-se a lenda que deu origem à igreja paroquial de São Cristóvão no século XIV. Após a escolha do lugar para a construção da igreja foram iniciados os trabalhos, tendo no fim do primeiro dia os trabalhadores deixado no local as suas ferramentas, mas estas apareceram noutro sítio na manhã seguinte. O episódio repetiu-se e tomou-se a ocorrência como um sinal divino para que a igreja fosse construída no local onde apareciam as ferramentas. Por se atribuir a São Cristóvão o transporte das ferramentas deu-se à freguesia o nome do santo. Alusão à criação das confrarias do Santíssimo Sacramento, de Nossa Senhora do Rosário e das Almas no século XVII. Referência às imagens da Virgem com o Menino, de Nossa Senhora da Natividade e de Nossa Senhora do Rosário, assim como dos santos Cristóvão e João Baptista. Menção de três nichos, os que restam da Via-Sacra, situados em locais distintos da freguesia. – (C1-G1-G2-H1).

F2 – Ligados ao sagrado (sacramentos, objectos sagrados...)

1565-11-ROCHA (Ilídio), “Descoberta de uma imagem na ribeira do Jamor em 1822: o momento, o prodígio e o seu cronista”, *História*, n.º 117, 1989, p. 25-40, il.

Breve estudo sobre o aparecimento de uma imagem numa gruta junto à ribeira do Jamor, freguesia de Carnaxide, concelho de Oeiras, em 1822. Foi considerada milagrosa e veio a ter a denominação de Nossa Senhora da Conceição da Rocha. Os absolutistas exploraram politicamente o culto, utilizando a imagem para mobilizar a opinião pública contra os liberais. Segundo a opinião dos liberais, o aparecimento da imagem teria sido forjado. Por determinação régia, realizou-se uma procissão com a finalidade de trasladar a imagem para a Sé de Lisboa. – (D2-E3).

F3 – Ligados ao homem (curas...)

1566-11-BEIRANTE (Maria Ângela), *O livro dos milagres de Nossa Senhora das Virtudes: estudo histórico*, Azambuja, Câmara Municipal, 2004, 62 p.

Análise do livro compilado em 1497 que reúne milagres de Nossa Senhora das Virtudes, titular do santuário com o seu nome situado na freguesia de Aveiras de Baixo, concelho de Azambuja. Notícia sobre o santuário, hoje em ruínas, fundado nos primeiros anos do século XV, após um pastor ter encontrado uma imagem de Nossa Senhora num monte de silvas. O nome inicial era Nossa Senhora da Adema por causa da imagem ter sido encontrada numa adema ou encosta. Foi o rei Dom Duarte que mudou o nome devido à grande multiplicação dos seus milagres (*virtus* – força). A análise incide nos seguintes pontos: a forma e o conteúdo dos relatos milagrosos (68% são milagres de cura); os momentos e circunstâncias dos factos milagrosos, nomeadamente invocação-promessa, o milagre propriamente dito, a peregrinação ou romaria para pagar a promessa, os ex-votos motivado por curas. Em anexo é transcrito o livro de milagres. – (C2-D2-F2).

1567-12-BILOU (Francisco), “Francisco de Loreto e a obra renascentista da igreja de Nossa Senhora da Luz de Arronches, *Património artístico no Alentejo Central: obras, mestres, mecenas, 1516-1604*, Lisboa, Edições Colibri, 2016, p. 165-188, il.

A propósito da obra de um artista francês em Arronches, sede do concelho do mesmo nome, datada do século XVI, são dadas várias informações sobre a sua intervenção na ermida de Nossa Senhora da Luz. Relato do milagre da recuperação da visão por um cego após untar os olhos com azeite da lâmpada de Nossa Senhora da Luz. Esta ermida deu origem ao mosteiro de Santo Agostinho em 1570. Menção da confraria de Nossa Senhora da Luz. – (C2-D2-G1).

1568-12-DÍAZ TENA (Maria Eugenia), “Intervenciones milagrosas de la Virgen de Guadalupe en Elvas (segunda mitad del siglo XV)”, *A Cidade: Revista Cultural de Portalegre*, n.º 15, 2008, p. 33-41.

Descrição de duas intervenções milagrosas de Nossa Senhora de Guadalupe em Elvas, sede do concelho do mesmo nome, nas últimas décadas do século XV. Uma ocorreu em 1482 e consistiu em livrar Elvas da peste, tendo a população prometido ir em romaria ao seu santuário para lhe oferecer um círio de cera com sete arrobas. A outra foi a ressuscitação de um jovem doente que foi dado como morto em 1495, satisfazendo o pedido de sua mãe, que prometeu ir em peregrinação ao santuário de Nossa Senhora de Guadalupe. Transcrição da descrição dos milagres extraída do códice *Milagros de Nuestra Señora de Guadalupe*. – (D2).

1569-11-DÍAZ TENA (Maria Eugénia), “Los ‘milagros do Bom Jesus’ de las Laudes e Cantigas de André Dias”, *Via Spiritus: Revista de História da Espiritualidade e do Sentimento Religioso*, n.º 22, 2015, p. 71-96, il., quadros.

Análise do livro escrito no século XV intitulado Livro dos Milagres do Bom Jesus da igreja de São Domingos em Lisboa, que faz parte da obra Laudes e Cantigas de André Dias. Menção da confraria do Bom Jesus da igreja de São Domingos. É apresentada a geografia lisboeta dos milagres do Bom Jesus, a datação, os beneficiários, as curas, os ex-votos. Em anexo contém dados sobre os milagres referidos no livro. – (D3-G1-H4).

1570-11-GOMES (Saúl António), NASCIMENTO (Aires A.), *São Vicente de Lisboa e seus milagres medievais*, Lisboa, Edições Didaskalia, 1988, 95 p., il.; *Didaskalia*, vol. XI, fasc. 1, 1981, p. 113-219.

Introdução e publicação de uma nova colecção de documentos na Biblioteca Nacional de Portugal que tratam da difusão do culto e dos milagres do mártir São Vicente, padroeiro de Lisboa. Este foi escolhido para padroeiro de Lisboa no século XII. As suas relíquias provenientes do Cabo de São Vicente em Sagres (distrito de Faro) foram depositadas na Sé de Lisboa. Notas relativas à simbólica associada ao santo: o(s) corvo(s) e a barca. O culto e a descrição de milagres e rituais junto ao túmulo, nomeadamente o toque com as mãos no sarcófago, a aproximação às relíquias (referência ao perfume suave que emanam). Notícia da entrega de velas, de oferendas e de ex-votos. Nas duas narrativas encontra-se o relato de vinte e quatro milagres atribuídos à intervenção do santo, sobretudo em Lisboa: cura de doenças (paralisias, casos neurológicos, traumatismos, febres infecciosas, cegueira, surdez, mudez), recuperação de objectos perdidos ou roubados, salvar pessoas do demónio e possuídas pelo demónio. A narrativa das duas expedições destinadas a trasladar as relíquias do santo (cinzas do corpo, as tábuas do túmulo e parte do crânio) refere dois outros milagres: um monge que roubou uma das relíquias e ficou imediatamente cego, só recuperou a vista após a sua devolução; o estado do mar que, normalmente agitado, se manteve sempre invulgarmente calmo quando as relíquias vieram para Lisboa. Alusão a outros santos venerados em Lisboa no século XII: Justa, Gens, Anastácio, Plácido, Manços, Veríssimo, Máxima, Júlia, Félix, Adrião, Natália, todos mártires de tradição hispânica. – (D4-F1-H4-H7).

1571-11-ROCHA (Ilídio), “Um milagre na cadeia do Limoeiro”, *História*, Ano XIII, n.º 145, 1991, p. 90-94, il.

Breves considerações sobre uma *Memória* de Frei Cláudio da Conceição que relata um milagre de conversão que aconteceu na cadeia do Limoeiro em Lisboa, a 20 de Junho de 1828, quando um estudante, que havia sido preso, clama pelo baptismo um dia depois de ter recebido um registo de Nossa

Senhora da Conceição da Rocha. O registo representa em papel a imagem milagrosa de Nossa Senhora descoberta a 31 de Maio de 1822 nas margens do rio Jamor, freguesia de Carnaxide, concelho de Oeiras. – (D2-H5).

1572-11-RODRIGUES (Francisco José), *Milagres e graças de São Frei Nuno de Santa Maria*, [Lisboa], Real Confraria do Santo Condestável, 2011, 229 p.

Nota introdutória e compilação dos milagres de São Nuno de Santa Maria que compreende o capítulo XXI da Crónica dos Carmelitas (1745), onde são descritos duzentos milagres do fundador do convento do Carmo em Lisboa. Outros milagres compilados ocorreram nas décadas de 1940, 1950 e 1960. São referidas situações de possíveis milagres entre 1999 e 2011, durante o período em que decorreu o processo de canonização e mesmo depois. As graças alcançadas publicadas na folha *O Santo Condestável* (1961-1965) e as graças identificadas entre 1999 e 2008 perfazem cento e oitenta e nove. Os milagres e graças abrangem aspectos físicos, psíquicos e espirituais. Transcrição de uma novena a São Nuno de Santa Maria. – (B3).

F4 – Videntes e “profetas”

1573-11-CAETANO (Maria Teresa), “Contributos para o estudo das lendas de Nossa Senhora da Peninha”, *Etnografia da região saloia: diversidade do quotidiano*, I Colóquio de etnografia da região saloia, 1987, Sintra, Instituto de Sintra, 1999, vol. II, p. 17-44 [2], il.

Compilação de artigos publicados no *Jornal de Sintra* em 1990 que reportam diversas versões da lenda de Nossa Senhora da Peninha, freguesia de Colares, concelho de Sintra. A lenda relata a aparição de Nossa Senhora a uma pastora surda e muda, a quem disse para ir pedir pão à mãe, garantindo-lhe que iria encontrá-lo na arca do pão em sua casa, ao contrário do que ela pensava. A ermida de Nossa Senhora da Peninha foi fundada no século XVI. Este santuário foi um centro regional de romagem. Referência sumária à igreja de São Saturninho situada perto da ermida. – (C2-D2-F4).

G – CONFRARIAS, IRMANDADES, ASSOCIAÇÕES E SEUS COSTUMES

G1 – De devoção

1574-11-ABREU (Jorge de Brito e), “A irmandade do Senhor dos Passos”, *Monumentos*, n.º 15, 2001, p. 78-79, il.

Notícia sobre a irmandade do Senhor dos Passos, sediada no claustro do mosteiro de Santos-o-Novo das Comendadeiras da Ordem de Santiago, freguesia

da Penha de França em Lisboa, desde 1705. Análise do compromisso da irmandade e referência à capela de Nosso Senhor dos Passos, que contém a imagem do mesmo e azulejos representando cenas da vida de Cristo. – (C2-H1-H2).

1575-15-ABREU (Laurinda), “Confrarias e irmandades: a santificação do quotidiano”, *A Festa: comunicações apresentadas no VIII Congresso Internacional*, Lisboa, 1992, organização da Sociedade Portuguesa de Estudos do Século XVIII, Lisboa, Sociedade Portuguesa de Estudos do Século XVIII – Universitária Editora, 1992, vol. II, p. 429-440.

Notas sobre as confrarias e irmandades de Setúbal no período entre meados do século XVII e finais do século XVIII, em particular sobre as suas funções devocionais e sociais. Elas eram dedicadas ao Santíssimo Sacramento, a Nossa Senhora do Monte Carmo, a Nossa Senhora da Conceição e a São Crispim. Notícia de rivalidades entre as confrarias e entre estas e o clero que representava a preocupação normativa e hegemónica da Igreja. – (A5).

1576-15-ABREU (Laurinda), “Confrarias e irmandades de Setúbal: redes de sociabilidade e poder”, *I Congresso Internacional do Barroco: actas*, Porto, Reitoria da Universidade do Porto – Governo Civil do Porto, 1991, vol. I, p. 3-15, quadro.

Notas sobre as confrarias e irmandades do Santíssimo Sacramento, de Nossa Senhora do Monte Carmo e da Misericórdia, sediadas em lugares de culto de Setúbal entre a segunda metade do século XVII e meados do século XVIII. Em particular, são tratados os aspectos relativos ao poder e à composição social e de género. A análise evidencia a atenuação das segregações sociais e de género dos seus membros, embora na confraria do Santíssimo Sacramento fosse visível a importância da elite local e na de Nossa Senhora do Monte Carmo houvesse grande número de mulheres. – (G2).

1577-11-ALBINI (Giuliana), “Para a história dos italianos em Portugal: o arquivo de Nossa Senhora do Loreto”, *Estudos Italianos em Portugal*, n.º 43-44, 1980-1981, p. 239-250.

O arquivo da igreja de Nossa Senhora do Loreto, pertencente à comunidade italiana de Lisboa, constitui a principal fonte de informação para o seu estudo na Época Moderna. Os documentos compreendem testamentos, doações e processos, entre outros, que testemunham a vida da confraria de Nossa Senhora do Loreto e dos seus membros. A igreja do Loreto foi edificada no princípio do século XVI, modificada em 1573, destruída e restaurada no século XVIII. – (C2).

1578-07-ARAÚJO (Maria Marta Lobo de), “Servir a dois senhores: a real confraria de Nossa Senhora da Conceição de Vila Viçosa através dos seus estatutos de 1696”, *Callipole: Revista de Cultura.*, n.º 9, 2001, p. 127-139, il.

Estudo sobre a Real Confraria de Nossa Senhora da Conceição erecta na igreja matriz de Nossa Senhora da Conceição em Vila Viçosa, sede do concelho do mesmo nome. É desconhecida a data de fundação da confraria mas sabe-se que remonta ao período medieval. Caracterização da confraria através da análise dos seus estatutos de 1696: o processo de eleição da direcção, os órgãos administrativos, a base económica constituída por heranças, rendas, foros, esmolas, peditórios e pela venda de mortaldas e hábitos. As obrigações dos confrades: a solidariedade entre os seus membros, mandar celebrar missas rezadas, cantadas e ofícios. Descrição da festa de Nossa Senhora da Conceição, padroeira de Portugal desde 1646: as cerimónias religiosas (procissão, missa cantada, sermão) e as manifestações profanas. Na igreja de Nossa Senhora da Conceição encontravam-se ainda sediadas as confrarias do Santo Nome de Deus, da Santíssima Trindade, do Santíssimo Sacramento, dos Escravos de Nossa Senhora, de Santa Maria, de Nossa Senhora do Carmo, dos oficiais carpinteiros de São José e a dos clérigos de São Pedro. – (D2-E2-E3-G4).

1579-07-ARAÚJO (Maria Marta Lobo de), “As traves mestras da confraria do Santíssimo Sacramento da igreja da Misericórdia de Vila Viçosa: o compromisso de 1612”, *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, vol. XLI, fasc. 3-4, 2001, p. 137-150.

Descrição da confraria do Santíssimo Sacramento erecta inicialmente na antiga igreja paroquial de São Bartolomeu e depois na igreja do Espírito Santo ou igreja da Misericórdia de Vila Viçosa, sede do concelho do mesmo nome, através da análise do seu compromisso de 1612. Dados sobre a organização da confraria e a sua base económica: esmolas, peditórios e doações de benfeitores, entre outros. A assistência da alma e do corpo era prestada sobretudo aos seus membros: acompanhamento do confrade ou da sua mulher à sepultura, celebração de um ou meio ofício com missa cantada e um responso pela sua alma. A confraria tinha relações privilegiadas com a Casa de Bragança, o que originou uma convivência por vezes difícil com a irmandade da Misericórdia de Vila Viçosa. Por exemplo, em 1637 a Casa ducal ofereceu à confraria do Santíssimo Sacramento a capela-mor da igreja do Espírito Santo, apesar desta igreja pertencer à Misericórdia. O compromisso da confraria do Santíssimo Sacramento inspirava-se no da Misericórdia, a maior confraria da vila, que era patrocinada pelos duques. Alguns irmãos pertenciam às duas confrarias. Menção de outras confrarias de Vila Viçosa dedicadas aos Fiéis de Deus, ao Nome de Jesus, a Nossa Senhora do Loreto, a Nossa Senhora do Rosário e às Almas,. – (G2).

1580-15-AVELAR (Ana Filipa Gomes de), *Compromisso de confraria de Nossa Senhora da Anunciada de Setúbal (1330)*, dissertação de mestrado em Paleografia

e Diplomática apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa em 1996, 109 p., dactilogr. (consultável na Biblioteca Nacional de Portugal).

Introdução, descrição codicológica, análise paleográfica e ortográfica e transcrição do primeiro compromisso da confraria de Nossa Senhora da Anunciada, estabelecida na igreja paroquial da freguesia de Nossa Senhora da Anunciada em Setúbal. O códice terá sido utilizado até ao século XVI, quando serviu de arquétipo ao primeiro treslado, que ainda hoje se encontra no núcleo da confraria existente no Arquivo da Misericórdia de Setúbal. A confraria tem por finalidade desenvolver as virtudes da humildade, da justiça, da paciência e da caridade, assim como assistir os confrades na doença e na morte.

1581-07-BEIRANTE (Maria Ângela), *As antigas confrarias de Cabeção: espelho da sua vida social e religiosa*, s. l., Edição de Autor, 2011, 116 [2] p., il., quadros.

Estudo sobre as confrarias da freguesia de Cabeção, concelho de Mora, no período entre os séculos XVII a XIX, quase todas estabelecidas na igreja matriz. Em Cabeção existiram duas confrarias de origem medieval, que irmanavam vários objectivos religiosos e sociais: uma era denominada São Salvador do Mundo, que chegou até ao início do século XIX, e outra chamada de Santa Cruz, que terá sido anexada à Misericórdia nos finais do século XVI. As outras confrarias foram criadas nos séculos XVII e XVIII e estavam principalmente vocacionadas para o culto do Santíssimo Sacramento, do Senhor dos Passos, de Nossa Senhora do Rosário, da Purificação, de Brotas, de Santo António e das Benditas Almas. Ainda no século XVIII foi criada a Ordem Terceira de São Francisco de Assis. Estas associações apresentam uma composição social heterogénea, embora dirigidas pelas elites locais masculinas, com excepção da confraria de Nossa Senhora da Purificação que, nos finais do século XIX, era predominantemente feminina. A principal finalidade era o culto mas, como as suas antecessoras medievais, davam grande importância ao sufrágio das almas dos mortos e à sociabilidade festiva, como por exemplo: a exposição do presépio, as velas de Nossa Senhora das Candeias, o Trono do Santíssimo Sacramento, a exposição do Senhor Morto, a solenidade das Endoenças, a procissão do Senhor dos Passos e a encomendação das almas, desenvolvendo uma dinâmica social e religiosa que envolvia toda a população de Cabeção. – (D2-D3-E3-G2).

1582-11-BRAGA (Isabel Mendes Drumond), “A irmandade do Santíssimo Sacramento de Santo Estêvão de Alfama e a assistência à pobreza (1806–1820)”, *Tempo*, n.º 20, 2014, p. 1-19, il. http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_serial&pid=1413-7704&lng=pt&nrm=iso (consultada em 27-10-2019).

Estudo baseado em fontes manuscritas inéditas produzidas pela irmandade do Santíssimo Sacramento da igreja de Santo Estêvão, freguesia do mesmo nome em Lisboa, dedicada sobretudo ao culto, embora também desenvolva

relevante acção assistencial. É avaliado o papel da instituição na assistência à pobreza, analisando os regimentos e a prática quotidiana da atribuição de esmolas a determinados grupos de desvalidos. Indaga-se qual o peso da actividade assistencial aos pobres nas contas da instituição, visto que as confrarias se destacaram pelas actividades ligadas ao culto e à assistência às almas dos confrades. São ainda apercebidos quem eram os assistidos e quais os motivos que os tinham levado à categoria de pobres. A irmandade preocupava-se, ou pelo menos investia mais, no culto e no apoio espiritual do que no apoio material. As festas celebradas na Semana Santa e no dia do Corpo de Deus, a par do acompanhamento dos defuntos e das missas por alma dos confrades falecidos e de suas esposas eram, a avaliar pelos gastos, os verdadeiros fundamentos da irmandade. – (E1-G2).

1583-11-BRÁS (Nuno), “A espiritualidade eucarística da Real e Venerável Irmandade do Santíssimo Sacramento da paróquia de Santo André de Mafra, *Mafra Sacra: memória e património*, coordenação de HENRIQUES (Tiago), Sintra – Mafra, Zéfiro – Real e Venerável Irmandade do Santíssimo Sacramento da Paróquia de Santo André de Mafra, 2017, p. 179-195, il.

Nota sobre as confrarias como realidade histórica social e eclesial. Análise das várias versões dos compromissos da confraria do Santíssimo Sacramento, sediada na igreja paroquial de Santo André em Mafra, sede do concelho do mesmo nome, desde 1725. Procura compreender as linhas condutoras da sua espiritualidade, nomeadamente o culto ao Santíssimo Sacramento e à paixão de Nosso Senhor, o sufrágio das almas dos irmãos e a ajuda mútua na vida cristã. – (D3).

1584-11-CLÁUDIO (Ana Sofia), *São as confrarias refúgio dos humildes? Contributo para o estudo das elites eborenses no final da Idade Média*”, dissertação de mestrado em Estudos Históricos Europeus apresentada à Universidade de Évora em 2002, 196 p., quadros, gráficos. <http://dspace.uevora.pt/rdpc/handle/10174/14681> (consultada em 23-12-2020).

Dissertação sobre as confrarias em Évora enquanto pólos de poder, de modo a compreender quão importantes foram para a consolidação da elite local nos finais da Idade Média. A maioria das análises abordam-nas como instituições de assistência e auxílio religioso e material, que triunfaram num período em que o indivíduo não era reconhecido socialmente sem estar inserido num corpo social. Porém, pela sua implantação e difusão no meio social e pela importância que lhes era conferida ao longo da Idade Média, deduz-se que estas instituições desempenhassem um papel preponderante no sistema de relações sociais e económicas locais, cujo controle pelas elites lhes podia conferir um elevado grau de influência, para orientar e influenciar a opinião e o comportamento de sectores importantes de vida local.

1585-11-CASTRO (Maria da Conceição Cyrne de), *Inventário [do] Arquivo Histórico da paróquia de Nossa Senhora da Purificação de Oeiras*, Oeiras, Câmara Municipal, [D.L. 2002], 117 p.

Inventário dos fundos do arquivo histórico da paróquia de Nossa Senhora da Purificação, freguesia de Oeiras e São Julião da Barra, concelho de Oeiras, correspondentes aos séculos XVI a XX. Os fundos contêm documentos sobre a acção pastoral (documentos diocesanos), róis dos confessados, assentos de baptismos, casamentos e óbitos, instituições pias, festas e procissões dedicadas ao Divino Espírito Santo, ao Coração de Jesus, ao Corpo de Deus, a Nossa Senhora de Fátima, da Atalaia, da Purificação, do Monte Carmo, de Porto Seguro e aos santos António, Sebastião, João Baptista, Francisco de Paula e Luzia, entre outros. Notícia histórica e roteiro dos fundos das irmandades e confrarias instituídas entre o século XVI e 1918. São dedicadas ao Santíssimo Sacramento, à Santa Cruz e Passos de Nosso Senhor Jesus Cristo (dupla invocação), ao Senhor Jesus dos Passos (sediada na igreja do mosteiro dos Jerónimos, freguesia de Santa Maria de Belém, em Lisboa), a Nossa Senhora da Atalaia, do Cabo (Espichel, freguesia do Castelo em Sesimbra), das Dores, da Conceição, de Porto Salvo (concelho de Oeiras), aos santos Amaro, Ana e às Almas, entre outras associações de fiéis. Em anexo contêm algumas informações sobre a reedificação da igreja paroquial no século XVIII. – (A5-C5-E4-G2).

1586-15-COSTA (Francisco dos Santos), *A real irmandade de Nossa Senhora do Rosário e a sua capela: subsídios para a história integral do Barreiro*, Torres Novas, Gráfica Almondina, 1966, 95 p., il.

Estudo sobre a irmandade de Nossa Senhora do Rosário fundada cerca de 1736 na sua capela situada no Barreiro, sede do concelho do mesmo nome. O primeiro compromisso data de 1781. Historial e descrição da capela (1532), onde foi entronizada a imagem do círio que os devotos de Lisboa organizavam. Ela contém ainda imagens de Nossa Senhora da Saúde, dos santos Roque, Pedro e Rita de Cássia, assim como pinturas que representam a entrega do Rosário a São Domingos e provavelmente Simão Stock a rezar a Nossa Senhora. Notas sobre a festa que decorre em meados de Agosto e transcrição dos programas de 1845 a 1965. Dados sobre a origem e a evolução do Santo Rosário. Reprodução de um devocionário para uso individual e comunitário. – (C2-D2-H1-H2).

1587-11-CRESPO (Hugo Miguel), “O compromisso da confraria do bem-aventurado santo Eloy dos ourives de Lisboa”, *Rossio: Estudos de Lisboa*, n.º 8, 2019, p. 70-75, il. https://issuu.com/camara_municipal_lisboa/docs/rossio_estudos_de_lisboa_n8 (consultada em 10-01-2020).

Nota sobre a confraria de Santo Elói fundada na igreja matriz da freguesia da Madalena em Lisboa, cerca de 1551. A confraria teve ainda a sua sede na

igreja de Nossa Senhora de Belém entre 1608 e 1674, e desde 1681 os seus confrades passaram a reunir-se na ermida de São Sebastião. Como a confraria tinha igualmente um altar na igreja de Santa Maria Madalena, passou a ter duas sedes. A reforma do compromisso da confraria foi assinada em 1750. Em 1755, um terramoto destruiu as duas sedes, obrigando a confraria a instalar-se na igreja de São Martinho de Tours. Em 1793 a confraria teve novo compromisso, que é sumariamente analisado.

1588-11-FARELO (Mário), “A rede confraternal na cidade de Lisboa (séculos XIII – primeira metade séc. XVI)”, *Espaços e poderes na Europa urbana medieval*, Lisboa – Castelo de Vide, IEM – Instituto de Estudos Medievais – Câmara Municipal, 2018, p. 465-492, quadros. file:///C:/Users/ELITEDESK/Downloads/JornadasCV2_RUN.pdf (consultada em 13-11-2020).

Estudo sobre a evolução histórica da rede confraternal na cidade de Lisboa desde o século XIII à primeira metade do século XVII. As limitações heurísticas do estudo das confrarias medievais de Lisboa. Algumas considerações sobre a sua caracterização, nomeadamente ao nível da cronologia da fundação ou da primeira referência, da tipologia das confrarias e das suas relações com outras instituições assistenciais no período considerado. A diferença mais significativa da rede confraternal de Lisboa em relação a outros centros urbanos situava-se na maior variedade e no maior número: existiam em Lisboa mais confrarias de mesteres, mais confrarias eclesiásticas, mais confrarias devocionais e mais confrarias de comunidades estrangeiras. No século XVI, havia em Lisboa vinte e três confrarias dedicadas ao Santíssimo Sacramento, dezoito aos titulares das igrejas onde estavam sediadas, catorze a Santa Maria e catorze a São Sebastião. A fundação da irmandade da Misericórdia em Lisboa em 1498 teve um grande impacto no conjunto confraternal, nomeadamente nas confrarias do Espírito Santo, que desapareceram ou foram reorientadas. Também se assistiu à criação das confrarias dedicadas ao Santíssimo Sacramento, a Nossa Senhora do Rosário e às Almas do Purgatório. Quadros com as confrarias entre os séculos XIII e XVI.

1589-11-FERREIRA (Sílvia), COUTINHO (Maria João Pereira), “As irmandades da igreja de São Roque: tempo, propósito e legado”, *Revista Lusófona de Ciências das Religiões*, n.º 5-6, 2004, p. 201-215, il., planta.

Estudo sobre as fontes documentais referentes às irmandades sediadas na igreja de São Roque em Lisboa, nos séculos XVII e XVIII. Partindo do conceito de irmandade ou confraria que especifica as suas funções principais (social e espiritual), são analisadas as irmandades de Nossa Senhora da Doutrina, da Piedade, do Bom Sucesso dos Agonizantes, de Jesus, Maria e José, como sendo as mais relevantes em termos da documentação. Referem-se também as irmandades dos Inocentes, de São Roque, de Santa Quitéria e das Onze

Mil Virgens, assim como a de Santa Cecília. Os diferentes tipos de documentos permitem inferir os direitos e deveres dos seus membros (estatutos), os seus espaços funerários (livros de sepultura), a sua contabilidade (livros de receitas e de despesas) e os seus bens (tombo de bens, inventários de bens), elementos essenciais da sua existência e da sua evolução.

1590-07-FONSECA (Jorge), “Elementos para a história do associativismo dos negros em Portugal: a confraria de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Negros de Elvas”, *Callipole: Revista de Cultura*, n.º 17, 2009, il., quadros.

Estudo sobre a confraria de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos fundada no século XVI em Elvas, sede do concelho do mesmo nome, no convento de São Domingos. Na confraria os negros escravos e forros eram uma minoria, sendo tutelada por brancos apesar de haver na cidade a confraria de Nossa Senhora do Rosário dos Brancos. Análise da sua composição social e da sua organização. A confraria promovia anualmente as festas do Jubileu, de Nossa Senhora, da Insígnia, do Espírito Santo e de São Domingos, que compreendiam missas, procissões e danças. A confraria mandava também celebrar ofícios pelos irmãos defuntos e providenciava ajuda monetária aos irmãos necessitados, assim como o pagamento de apoio judicial. Os breves pontifícios (1772) determinaram a fusão das duas irmandades. Menção de imagens de Nossa Senhora e de São Benedito de Palermo, um santo particularmente venerado por negros. – (A5-D2-D3-D4).

1591-11-FONSECA (Jorge), *Escravos e senhores na Lisboa quinhentista*, dissertação de doutoramento em Estudos Portugueses na especialidade de Cultura Portuguesa apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade de Lisboa em 2008, 682 p., dactilogr., il., quadros (consultável na Biblioteca Nacional de Portugal).

Estudo sobre os negros na cidade de Lisboa no século XVI, que contém informações sobre a atitude da Igreja para com os cativos no que concerne ao baptismo, ao crisma e ao casamento, assim como sobre a sua relação com a Inquisição. As formas e práticas de associativismo religioso, nomeadamente através da confraria de Nossa Senhora do Rosário, conhecida desde 1496 na igreja de São Domingos. Menção de outras confrarias de negros sediadas em lugares de culto de Lisboa. Menção de uma pintura, datada do século XVI ou XVII, que representa Nossa Senhora do Rosário com um casal de negros em oração e que pertenceu, provavelmente, a uma confraria, podendo também ser um ex-voto de um casal de membros dessa comunidade. Notas sobre algumas das práticas realizadas no âmbito das confrarias, nomeadamente a participação de círios de negros na romaria a Nossa Senhora da Atalaia, concelho do Montijo. – (A5-E3-H2-H4).

1592-07-FONSECA (Jorge), “Para a história dos escravos e negros no Alentejo: a irmandade de Nossa Senhora do Rosário de Arraiolos (séculos XVII-XVIII)”, *Almonsor: Revista de Cultura*, n.º 3, 2004, p. 245-263, il.

Contribuição para o estudo da irmandade de Nossa Senhora do Rosário, fundada em 1654 na igreja matriz de Arraiolos, sede do concelho do mesmo nome. Estas confrarias eram compostas por escravos negros e libertos ou mistas, compreendendo também elementos de raça branca e de diversas categorias sociais; habitualmente estavam subordinadas ao convento dominicano mais próximo. Análise do compromisso que estabelecia os deveres da irmandade: orações, procissões mensais, procissão e festa anual em honra de Nossa Senhora do Rosário. Até 1860 inscreveram-se na irmandade mais de duas mil pessoas.

1593-11-GOMES (Maria Teresa de Moura Benedito), *A confraria de Nossa Senhora da Encarnação da Ameixoeira nos séculos XVI e XVII e os poderes locais*, dissertação de mestrado em História Moderna apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa em 2007, 162-CXIII, dactilogr., il., mapas, quadros, gráficos (consultável na Biblioteca Nacional de Portugal).

Estudo sobre a confraria de Nossa Senhora da Encarnação nos séculos XVI e XVII, situada na igreja paroquial de Nossa Senhora da Encarnação, freguesia da Ameixoeira, hoje integrada na cidade de Lisboa. Análise do estado da questão e problematização do papel das confrarias a nível local, da origem e evolução das confrarias, do movimento de renovação confraternal na Idade Moderna, da tipologia e do carácter institucional das confrarias. Análise da confraria de Nossa Senhora da Encarnação: origem, estrutura, natureza e poder, composição social e organizacional. Notas sobre a freguesia da Ameixoeira nos séculos XVIII e XIX e sobre as versões da história da imagem de Nossa Senhora da Encarnação. Descrição da igreja e alguns dados sobre as confrarias erigidas no século XVIII em honra do Santíssimo Sacramento, do Nome de Jesus, de Nossa Senhora do Funchal ou da Encarnação, de Nossa Senhora do Rosário e a das Almas. Em meados do século XVIII, as ermidas da freguesia, públicas e privadas, eram dedicadas ao Espírito Santo, aos santos Gonçalo de Amarante, André, Bento, António e a Jesus, Maria e José. Notícia das festas principais, com destaque para a participação da confraria de Nossa Senhora da Encarnação na festa da padroeira e nas festas litúrgicas. – (C1-C2-D2-E2).

1594-11-HENRIQUES (Tiago), “A Real e Venerável Irmandade do Santíssimo Sacramento da paróquia de Santo André de Mafra: a antiga e nobre colegiada de Santo André de Mafra e a instituição da irmandade do Santíssimo Sacramento”, *Mafra Sacra: memória e património*, coordenação de HENRIQUES (Tiago), Sintra – Mafra, Zéfiro – Real e Venerável Irmandade do Santíssimo Sacramento da Paróquia de Santo André de Mafra, 2017, p. 167-177, il.

Notas sobre a irmandade do Santíssimo Sacramento estabelecida na igreja paroquial de Santo André em Mafra, sede do concelho do mesmo nome, fundada provavelmente no último quartel do século XVI. Em 1725 foi confirmado o novo compromisso. No século XIX, incorporou os bens de outras irmandades que se extinguíram. A irmandade foi transferida para a basílica de Mafra em 1835, quando esta se tornou a sede da paróquia da freguesia de Mafra, após a extinção das ordens religiosas. As suas imagens foram transferidas em procissão, mas continuou a haver culto na igreja de Santo André até ao início do século XX. – (D4-E3).

1595-11-LAHON (Didier), “Eslavage, confréries noires, sainteté noire et pureté de sang au Portugal (XVIe et XVIIIe siècles)”, *Lusitania Sacra*, t. 15, 2003, p. 119-162, il., gráfico.

Notas sobre a história das confrarias negras em Portugal e mais especificamente em Lisboa nos séculos XVI a XVIII. A evolução da atitude do poder político e religioso em relação às irmandades católicas de negros (os seus membros, homens e mulheres, são maioritariamente escravos, sendo os restantes alforriados, mulatos ou brancos). Estas associações perseguem objetivos semelhantes às outras, misturando o profano e o sagrado: enquadrar religiosamente os membros, ensinar a doutrina, prestar assistência mútua na vida e na preparação para uma boa morte, facultar uma sepultura digna e acompanhar o defunto, assim como mandar dizer missas e orações por alma. Descrição da evolução e das actividades da confraria de Nossa Senhora do Rosário instalada no mosteiro de São Domingos de Lisboa, que teve um corpo social multiétnico desde 1505 a meados do século XVI, quando a ala dos membros negros se autonomizou até à consumação da ruptura em 1565, mantendo por padroeira Nossa Senhora do Rosário. A confraria foi expulsa do convento no princípio do século XVII, encontrando refúgio nas confrarias de Nossa Senhora da Guadalupe, estabelecida no convento de São Francisco de Assis, e na de Jesus, Maria e José, sediada no convento do Carmo, ambas criadas no último quartel do século XVI, mas com menos privilégios do que tinha quando estava em São Domingos. A confraria de Nossa Senhora do Rosário viria a ser reintegrada neste convento de São Domingos em 1646 com os mesmos privilégios, salvo o de libertar os irmãos sem o consentimento dos proprietários. No final do século XVII, as confrarias de negros obtiveram pouco a pouco privilégios e liberdades, podendo nomeadamente apelar para o rei quando eram infligidas violências aos escravos membros. A partir de 1740, as relações entre as confrarias e as autoridades começam a deteriorar-se, diminuindo os privilégios de liberdade. Nota sobre a presença de elementos profanos nas práticas religiosas, nomeadamente nas procissões. Notícia sobre a existência de sepulturas de negros e de imagens de santos negros na igreja de Nossa Senhora da Graça. Dados sobre a hagiografia e culto

de beatos e de santos negros e mestiços: Benedito de Palermo (franciscano, nasceu em Palermo no ano de 1526, filho de escravos, sendo libertado muito novo, faleceu em 1589), cujo culto se expandiu após a sua morte, apesar de ser reconhecido oficialmente apenas em 1743; Elesbão (imperador da Etiópia) e Efigénia (princesa da Núbia). Outros santos referidos mas que não foram cultuados são os mestiços Martinho de Lima (nasceu no Perú em 1597, foi beatificado em 1832 e canonizado em 1962) e Gonçalo Garcia (franciscano, mártir do Japão em 1597, foi beatificado em 1627). – (A5-B2-D2-H1).

1596-07-LAHON (Didier), *O negro no coração do império: uma memória a resgatar – séculos XV-XIX*, Lisboa, Secretariado Coordenador dos Programas de Educação Multicultural do Ministério da Educação – Casa do Brasil de Lisboa, 1999, 103 p., il.

Estudo sobre a presença dos negros na cidade de Lisboa nos séculos XV a XIX. Um capítulo é dedicado à religião, à cultura e à sociabilidade: as confrarias, com destaque para o seu papel integrador e de defesa da identidade étnica; as festas religiosas que realizavam. A escolha da confraria de Nossa Senhora do Rosário deve-se ao facto desta se destinar a venerar a Virgem através da recitação do Rosário, bastando ser bom cristão e cumprir a moral da época para dela fazer parte, não sendo ainda exigido direito de entrada. As tensões no seio da confraria sediada na igreja do convento de São Domingos em Lisboa levaram à divisão da confraria em duas no ano de 1565, tendo a dos negros obtido o compromisso e a aprovação régia. No último terço do século XVI, surgiram também em Lisboa as confrarias de Nossa Senhora de Guadalupe e de Jesus, Maria e José dos Homens Pretos, situadas respectivamente nos conventos de São Francisco da Cidade e do Carmo. No século XVII, surge também uma confraria na igreja do convento das freiras dominicanas do Salvador. No início do século XVIII, havia em Lisboa seis confrarias de homens negros orientadas por quatro ordens religiosas diferentes, com mais ou menos privilégios concedidos pelos monarcas. Algumas possuíam o privilégio da liberdade. A partir do início do século XVIII, uma das irmandades adopta o duplo título de Nossa Senhora de Guadalupe e de São Benedito de Palermo, santo negro que foi escravo, morto no século XVI e cultuado pelo povo antes de ser reconhecido oficialmente em 1743. Desde a segunda metade do século XVI, foram criadas várias confrarias similares de Norte a Sul de Portugal, sobretudo em lugares da margem sul do Tejo, como Almada, Sesimbra, Setúbal e Alcácer do Sal, todas do distrito de Setúbal. Lista de algumas cidades com confrarias negras. Menção das festas religiosas e peregrinações a Nossa Senhora da Atalaia, concelho do Montijo, e a Nossa Senhora do Cabo Espichel, freguesia do Castelo em Sesimbra. – (A5-D2-E3).

1597-11-LOUSADA (Maria Alexandre), *Espaços de sociabilidade em Lisboa: finais do século XVIII a 1834*, dissertação de doutoramento em Geografia Humana apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa em 1995, 2 vol., 439-174 p., dactilogr., mapas, quadros (consultável na Biblioteca Nacional de Portugal).

Estudo de geografia histórica sobre espaços, tempos e práticas de sociabilidade em Lisboa, entre o último quartel do século XVIII e os primeiros trinta anos do século XIX, a partir das confrarias e irmandades. Análise, classificação e distinção de algumas categorias de confraria: a autora designa por confraria-associação as confrarias de ofício, que têm vocação devocional e de solidariedade profissional e mantêm relações próximas com as corporações de ofícios mecânicos, sendo conhecidas pelo nome do seu santo padroeiro (raramente ultrapassam o quadro da paróquia); por confraria-instituição as de *altar principal* (fábricas, fábricas), que estão normalmente ligadas à administração de hospitais, à organização e gestão do culto ou obra religiosa, como por exemplo as do Santíssimo Sacramento, e as de *altar* instituídas em capelas laterais, como as do Espírito Santo, do Corpus-Christi, de invocação mariana ou de um santo; finalmente, as confrarias de ermida: por um lado, aproximam-se mais das de altar, mas por outro, têm um cariz mais espontâneo, organizando-se em torno de manifestações populares, em especial organizando festividades que celebram o santo padroeiro. As Misericórdias são um tipo particular de irmandade: possuem carácter associativo e ao mesmo tempo uma dimensão institucional. Análise da distribuição, quantificação e identificação das confrarias e irmandades a partir dos testamentos, das tabelas de procissão e das memórias paroquiais. Na primeira metade do século XVIII havia mais de 200 confrarias, na segunda passavam de cem e nas primeiras décadas do século XIX atingiam cerca de sessenta, localizadas em igrejas paroquiais, conventos e ermidas. Notícia do calendário religioso no século XVIII e início do século XIX (1822), assim como de algumas medidas tomadas pela Igreja em 1785 para reduzir o elevado número de feriados religiosos. A contribuição das confrarias para a sociabilidade festiva. Notas sobre a reorganização paroquial de 1780. O volume II contém uma base de dados. – (A5-G2-G4).

1598-11-LOUSADA (Maria Alexandre), “Espaço urbano, sociabilidades e confrarias: Lisboa nos finais do Antigo Regime”, *Piedade Popular – sociabilidades, representações, espiritualidade: actas do colóquio internacional*, Lisboa, Terramar, 1999, p. 537-558, il., planta, quadros.

Estudo exploratório sobre a função das confrarias no espaço urbano de Lisboa nos finais do Antigo Regime. O impacto do terramoto de 1755 na mudança dos padrões de piedade e na emergência de novos espaços de sociabilidade terá provocado uma diminuição das confrarias: eram duzentos e catorze em 1700-1730 e sessenta em 1820-1831. Propõe para guia de investigação

a seguinte classificação das confrarias: a confraria-instituição, as de altar principal, frequentemente dedicadas ao Santíssimo Sacramento, e as de altar instituídas em capelas laterais, como as do Espírito Santo, do Corpus-Christi, de invocação mariana ou de um santo; a confraria-associação, que incluía as confrarias de ofícios, as irmandades dos negros, de flagelantes, de caridade e as de resgate (libertação dos negros), as das Almas, as Misericórdias e as Ordens Terceiras; as confrarias de ermidas. As confrarias representavam uma necessidade de protecção e permitiam desenvolver formas de convivência, nomeadamente através da organização de festividades religiosas que incluíam também uma componente profana. – (G2-G4).

1599-11-MENDES (Manuel), “Irmandade de Nossa Senhora da Porta do Céu e do Glorioso São João Baptista”, *Revista Municipal*, Câmara Municipal de Lisboa, n.º 99, 1963, p. 34-57, il.

Contributo para o estudo da origem da irmandade de Nossa Senhora (da Chave) da Porta do Céu e do Glorioso São João Baptista, fundada na igreja do convento franciscano de Telheiras, freguesia do Lumiar em Lisboa, nos princípios do século XVII. Referência ao costume de fazer circular pelas casas a chave de prata que Nossa Senhora segurava na mão pois, segundo a crença popular, esta ajudava a aliviar os seus padecimentos. Relato do episódio da viúva que se dizia possuída pelo diabo e que, após recitar uma oração no oratório de Telheiras, o mafarrico lhe saltou pela boca. Transcrição dos estatutos da irmandade, que referem os seguintes aspectos: as obrigações, as festas a realizar (duas por ano), o auxílio aos pobres, os enterramentos e as missas por alma dos falecidos. São mencionadas as imagens do Senhor Jesus da Boa Morte, de Nossa Senhora da Conceição, do Parto, da Porta do Céu e dos santos João Baptista e Vicente. – (F2-F3-H1).

1600-11-MORGADO (Fátima Cristina Castelo), *A irmandade do Santíssimo Sacramento de Caneças na transição da monarquia constitucional para a república: impacte da revolução republicana nas sociabilidades religiosas*, dissertação de mestrado em História Contemporânea apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa em 2013, 143 p. https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/8817/1/ulfl070509_tm.pdf (consultada em 16-02-2020).

Estudo sobre o impacto provocado pela implantação da República na acção desempenhada pela irmandade do Santíssimo Sacramento de Caneças, hoje freguesia do concelho de Odivelas, no que concerne à salvaguarda e manutenção das sociabilidades religiosas da comunidade rural. A irmandade foi fundada na capela de São Pedro, que pertencia em 1910 à freguesia de Loures, sede do concelho do mesmo nome. Análise da influência da legislação, designadamente da Lei da Separação do Estado das Igrejas de 20 de Abril de 1911, na vitalidade da irmandade: a importância da lei no reconhecimento legal

da irmandade e no encerramento da capela de São Pedro; a mobilização dos confrades e habitantes da povoação na defesa do livre exercício do culto público, num momento da história nacional em que se defendia a laicização da sociedade por se considerar que o catolicismo era um dos factores responsáveis pelo atraso do povo português. A expressão colectiva das sociabilidades religiosas ressurgiu após 1918 e prevaleceu até aos nossos dias. Este ressurgimento demonstra também que a separação das esferas religiosa e temporal não constituiu a “questão religiosa”, mas o modo como a separação foi preconizada na Lei da Separação: foram criadas associações cultuais constituídas por leigos e com poderes de organização e gestão do culto, o que originou o confronto religioso entre os poderes temporal e religioso. O decreto-lei de 22 de Fevereiro de 1918 atenuou as divergências causadas pela Lei da Separação ao atribuir às irmandades a sustentação do culto público e ao reconhecer aos ministros da religião o direito de participarem nas corporações, conforme o disposto nos princípios religiosos. A irmandade do Santíssimo Sacramento era composta por homens e mulheres (fazendeiros, foreiros, trabalhadores braçais, lavadeiras), mas apenas os homens faziam parte das mesas administrativas. A irmandade visava incrementar e assegurar o culto público, levar o viático aos doentes e promover os actos solenes (missas, procissões, enterro digno), assim como a caridade, zelando pelos mais carenciados. Em 1909, na igreja paroquial de Loures existiam somente as irmandades do Santíssimo Sacramento, do Santo Nome de Jesus, de Nossa Senhora da Conceição e a das Almas, assim como a Ordem dos Terceiros de São Francisco de Assis. No período da República (1910-1926), vários lugares de culto foram objecto de abusos por oposição ideológica. – (C1-C2-G2-I3).

1601-15-NETO (Maria Cristina), “O compromisso da confraria de Nossa Senhora do Rosário de Palma (Alcácer do Sal)”, *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*, n.º 1-12, 2004, p. 89-93.

Nota introdutória e transcrição da cópia do compromisso de 1671 da confraria de Nossa Senhora do Rosário, sediada no lugar da Palma, freguesia de Santa Maria do Castelo em Alcácer do Sal, sede do concelho do mesmo nome, que não admitia mulatos e negros.

1602-15-NETO (Maria Cristina), “Nótula sobre a irmandade de Nossa Senhora do Rosário: freguesia de S. Romão”, *Memória Alentejana*, n.º 5, 2002, p. 22, il. Notícia da irmandade de Nossa Senhora do Rosário, fundada antes de 1817, na igreja paroquial da antiga freguesia de São Romão do Sado, que hoje pertence à freguesia do Torrão, concelho de Alcácer do Sal. No início do século XIX, estaria desactivada pois os seus membros tentam a confirmação do compromisso para a poderem restaurar.

1603-11-NUNES (Graça Soares), “A irmandade do Senhor Jesus da Boa Morte (1892-1911)”, *Senhor da Boa Morte: mitos, história e devoção*, Vila Franca de Xira, Câmara Municipal, 2000, p. 77-94, il., quadros, gráficos.

Estudo sobre a irmandade do Senhor Jesus da Boa Morte sediada na capela do mesmo nome na localidade de Povos em Vila Franca de Xira, sede do concelho do mesmo nome, desde a sua fundação em 1892 até à sua supressão em 1911. A génese, os bens em 1892, a composição social e as actividades da irmandade. O culto ao Senhor Jesus da Boa Morte, que teve festa anual na Quinta-Feira da Ascensão, substituiu o culto de Nossa Senhora de Povos no século XVIII (tinha festa anual na segunda-feira a seguir ao domingo de Pascoela). A sua imagem operou vários milagres de curas, comprovados por ex-votos. São ainda mencionadas as ermidas e capelas do Espírito Santo, do Santo Cristo, do Senhor Jesus da Piedade e de Nossa Senhora do Carmo, as irmandades do Santíssimo Sacramento, do Senhor Jesus da Via-Sacra e da Misericórdia (fundada em 1563). – (C2-D3-F3-H4).

1604-07-OLIVEIRA (Ricardo Pessa de), “A irmandade do Santíssimo Sacramento de Veiros, nos finais do Antigo Regime”, *Lusitania Sacra*, t. 33, 2016, p. 255-268, quadros, gráficos.

As confrarias sob invocação do Santíssimo Sacramento, à semelhança do sucedido com as das Almas e de Nossa Senhora do Rosário, conheceram enorme difusão após o Concílio de Trento. Através de documentos inéditos, é estudada a confraria do Santíssimo Sacramento, sediada na igreja matriz de Veiros, concelho de Esremoz, no período de 1795 a 1802, para o qual existem dados. A análise centra-se nos indivíduos que dirigiram a irmandade e nas fontes de rendimento, na despesa geral e nas percentagens despendidas com as festividades religiosas. As verbas despendidas pela confraria são quase exclusivamente destinadas ao culto do Santíssimo Sacramento, sobretudo com a festa da Adoração das Quarenta horas. – (D3).

1605-11-PEREIRA (Alda), “As confrarias/associações religiosas em Oeiras na viragem do século”, *III-IV Encontros de história do concelho de Oeiras: actas*, Oeiras, Câmara Municipal, 2000, p. 133-148.

Notas sobre as irmandades e confrarias da freguesia de Oeiras e São Julião da Barra, concelho de Oeiras, nos finais do século XIX, com destaque para a irmandade do Santíssimo Sacramento fundada em 1588. Análise do compromisso reformado em 1782 e 1896, cujos fins eram o culto e a festa do Santíssimo Sacramento, sufragar as almas dos irmãos, proteger os irmãos enfermos, as viúvas pobres e os indigentes. Breves informações sobre as irmandades e confrarias de Santa Cruz de Nosso Senhor Jesus Cristo (Santos Passos), de Nossa Senhora da Conceição, da Atalaia, das Dores e das Almas, que perseguem fins religiosos e de assistência, a partir

das actas das Sessões da Câmara (1887-1915) e de um jornal local (1893-1896). – (G2).

1606-11-PEREIRA (Isaías da Rosa), “Dois compromissos de irmandades de homens pretos”, *Arqueologia e História*, vol. IV, 1972, p. 9-47.

Análise de dois compromissos de duas irmandades de Nossa Senhora do Rosário de Homens Pretos, sediadas em lugares de culto de Lisboa: um é o compromisso inicial da irmandade fundada no século XVI no mosteiro de São Domingos; outra é fundada em 1732 no convento das religiosas de Santa Joana (Princesa), sendo analisado o compromisso de 1853 que reabilitava a irmandade. Estas irmandades destinavam-se a organizar a vida cristã dos negros, a socorrer os pobres, os irmãos doentes e a cuidar das cerimónias fúnebres dos membros pobres. A padroeira da irmandade era Nossa Senhora do Rosário à qual se associava por vezes o santo negro Benedito de Palermo. A festa principal das duas confrarias em honra de Nossa Senhora do Rosário fazia-se no mês de Julho. Referência à festa de Nossa Senhora da Purificação (2 de Fevereiro), durante a qual se benziam círios para ofertar aos navios que partiam do Reino. As irmandades de homens pretos datam já do século XV. – (D2).

1607-11-PEREIRA (Maria Teresa Lopes), “A irmandade dos Fiéis de Deus e os leilões velhos do Braçal”, *Turres Veteras IX – História da alimentação*, Torres Vedras – Lisboa, Câmara Municipal de Torres Vedras – Edições Colibri – Instituto de Estudos Regionais e do Municipalismo “Alexandre Herculano”, 2007, p. 135-185, il., mapas.

Estudo sobre a aldeia do Braçal situada na freguesia de Carmões, concelho de Torres Vedras. É abordada principalmente a festa dos leilões da confraria dos Fiéis de Deus sediada na igreja matriz da freguesia a partir de 1814. Até 1967 foram leiloados bolos destinados a angariar fundos para fins de solidariedade social, para pagar a cera e as missas pelas almas. Menção da antiga confraria de São Gregório Magno sediada numa capela com o mesmo nome, hoje desaparecida. Transcrição do livro de receita e despesa da irmandade dos Fiéis de Deus entre 1814 e 1960. – (E6).

1608-11-REGINALDO (Lucilene), “África em Portugal: devoções, irmandades e escravidão no reino de Portugal, século XVIII”, *História* (São Paulo), n.º 28, 2009. http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-90742009000100011 (consultada em 24-09-2020)

Contribuição para a história das irmandades que congregaram escravos, libertos africanos e seus descendentes em Portugal no século XVIII. O artigo busca compreender o contexto de surgimento e as singularidades das irmandades de negros no cenário das confrarias leigas portuguesas, através de exemplos de

confrarias fundadas em Lisboa na segunda metade do século XVI. Menção de outras confrarias em diversas localidades de Portugal. Para além da importância destas organizações na configuração da vida comunitária e na defesa dos interesses das populações liberta e escrava, também tinha objetivos religiosos participando, por exemplo, na festa do Corpo de Deus. Notícia do culto a Nossa Senhora do Rosário e ao santo preto Benedito de Palermo, cuja primeira confraria foi instituída em Lisboa no ano de 1609. – (D2-D4-E1).

1609-11-REMÍGIO (André Varela), “Concertos, arranjos, limpezas e conservação em irmandades de Mafra”, *Mafra Sacra: memória e património*, coordenação de HENRIQUES (Tiago), Sintra – Mafra, Zéfiro – Real e Venerável Irmandade do Santíssimo Sacramento da Paróquia de Santo André de Mafra, 2017, p. 263-283, il.

Estudo sobre os concertos e restauros feitos em objectos de culto de diversas irmandades da freguesia de Mafra, sede do concelho do mesmo nome, a partir dos seus livros de receitas e despesas. São mencionadas as irmandades do Santíssimo Sacramento, de Nossa Senhora do Rosário, da Ordem Terceira da Penitência de São Francisco de Assis e a das Almas. – (G2).

1610-11-RODRIGUES (Maria de Lurdes), *Inventário da Junta de Freguesia de Santo Isidoro*, Mafra, Câmara Municipal, 2008, 78 p.

Inventário do acervo documental da junta de freguesia de Santo Isidoro, concelho de Mafra, correspondente aos séculos XVII e XVIII, que identifica os fundos da irmandade do Santíssimo Sacramento (1740-1837), da Ordem Terceira de São Francisco de Assis (1736-1817), as visitas de 1622-1623 e testamentos (1744, 1752 e 1816). – (A5-E4-G2).

1611-15-RODRIGUES (Maria Manuela Saraiva), *A irmandade de Nossa Senhora do Rosário na Vila do Barreiro*, Lisboa, Impressão Silvas, 2000, 57 p.

Breve estudo sobre a irmandade de Nossa Senhora do Rosário, sediada na igreja matriz de Santa Cruz no Barreiro, sede do concelho do mesmo nome. Análise do livro de termos de 1822 a 1864: a instabilidade interna, as relações com o poder político e administrativo, as dificuldades financeiras. O caso estudado confirma a hipótese de que nesta instituição o aspecto espiritual e assistencial era suplantado pela utilização dos bens na resolução dos problemas materiais particulares dos membros, considerando que a facilidade de acesso ao crédito constituía o motivo principal da adesão à irmandade. Contém um anexo documental.

1612-07-SÃO PAIO (Marquês de), “As históricas confrarias concepcionistas de Vila Viçosa: A Real Corporação dos Escravos de Nossa Senhora da Conceição, precursora, filiada e relíquia da extinta Ordem Militar da mesma invocação”, *Armas e Troféus*, t. 5, n.º 1, 1964, p. 135-142 [4], il.

Estudo sobre a Real Corporação dos Escravos de Nossa Senhora da Conceição sediada na igreja matriz de Vila Viçosa, sede do concelho do mesmo nome. Desde os princípios do século XV, havia na mesma igreja uma confraria não canónica dos Oficiais de Nossa Senhora da Conceição instituída, segundo a tradição, por Dom Nuno Álvares Pereira (beato Nuno de Santa Maria). Era constituída por três elementos de nomeação régia e vitalícia, que administravam a fazenda e o culto de Nossa Senhora. A primeira confraria canónica de Nossa Senhora da Conceição só foi instituída em 1683 denominando-se Escravos de Nossa Senhora da Conceição, cuja festa da padroeira se realizava a 15 de Agosto. Análise dos estatutos e da composição da confraria da qual faziam parte os membros da casa real. Em 1818, foi criada a Ordem Militar honorífica, cujos membros deviam inscrever-se na confraria dos Escravos de Nossa Senhora da Conceição. A confraria ainda hoje existe e manda dizer missa em honra de Nossa Senhora todos os sábados, com a respetiva recolha das esmolas. – (D2).

1613-11-SOUTO (A. Meireles do), *Livro dos irmãos da confraria do bem-aventurado Santo Amaro*, Lisboa, Imprensa Municipal de Lisboa, 1971, XXI, 244 [1] p., Apresentação e edição fac-similada do livro de assentos da confraria de Santo Amaro (1586-1798), sediada na ermida de Santo Amaro, freguesia de Alcântara em Lisboa. Notícia sobre a ermida construída em 1549 e alusão a um brasão da irmandade de São João de Latrão, à qual pertenceram as catorze pessoas que a mandaram construir. Menção das festividades em honra de Santo Amaro (15 de Janeiro) e de São João Baptista, ambos venerados na capela. – (C2-D4).

1614-11-TELES (Jorge de Campos), “A igreja de São Roque e as suas irmandades: breves anotações acerca da evolução do culto popular na primitiva ermida até às grandes devoções”, *Roteiro iconográfico e devocional da igreja de São Roque*, coordenação de PINTO (Helena Gonçalves), Lisboa, Santa Casa da Misericórdia, [D.L. 2010], p. 71-120, il.

Notas sobre a evolução do culto a São Roque na sua ermida em Lisboa, até às grandes manifestações de devoção na igreja do mesmo nome pertencente à Companhia de Jesus: as celebrações em honra das grandes figuras da espiritualidade jesuítica e os jubileus das relíquias, a procissão do Senhor dos Passos e os cultos organizados por associações de fiéis. Ao longo do século XVI, as associações de fiéis sediadas na igreja de São Roque eram dedicadas a Nossa Senhora da Doutrina (século XVI), a Jesus, Maria e José (1617), a Nossa Senhora do Bom Sucesso dos Agonizantes, a Nossa Senhora da Piedade (século XVII) e a São Francisco Xavier. – (D2-D3-D4-E3).

1615-07-TORRINHA (Joaquim Francisco Soeiro), “Um precioso cimélio do século XIV da Régia Confraria de Nossa Senhora da Conceição”, *Callipole: Revista de Cultura*, n.º 7-8, 1999-2000, p. 301-302.

Nota sobre o tombo da confraria de Nossa Senhora da Conceição sediada na igreja com a mesmo nome em Vila Viçosa, sede do concelho do mesmo nome, que cobre o período dos séculos XIV-XVII. É apresentado um documento que dá notícia sobre a existência da confraria sediada na igreja onde ainda hoje se encontra.

1616-15-VALENTIM (Carlos Manuel), “Formas de assistência social em Almada e seu termo: confraria de Nossa Senhora do Rosário do convento de S. Paulo: nascimento, composição e gestão patrimonial”, *Anais de Almada: Revista Cultural*, n.º 13-14, 2010-2011, p. 11-44, quadros.

Estudo sobre a confraria de Nossa Senhora do Rosário erecta no convento dominicano de São Paulo em Almada, sede do concelho do mesmo nome. Nota sobre o convento de São Paulo (1569-1775/1776), a devoção a Nossa Senhora do Rosário nele realizada e o movimento confraternal em Almada. A confraria de Nossa Senhora do Rosário foi fundada em 1668 e exerceu a sua actividade até ao século XX, desenvolvendo também uma componente caritativa e solidária. Os seus membros trabalhavam sobretudo na construção e reparação de navios. Contém apêndice documental. – (C2).

1617-11-VALE (Teresa Leonor), “A custódia da Real e Venerável Irmandade do Santíssimo Sacramento de Mafra e a cerimónia da exposição no âmbito da piedade barroca”, *Mafra Sacra: memória e património*, coordenação de HENRIQUES (Tiago), Sintra – Mafra, Zéfiro – Real e Venerável Irmandade do Santíssimo Sacramento da Paróquia de Santo André de Mafra, 2017, p. 197-215, il.

A propósito do estudo da custódia da irmandade do Santíssimo Sacramento, datada da segunda metade do século XVIII, é dada uma nota sobre esta. A irmandade esteve sediada na igreja paroquial de Santo André e, em 1835, mudou-se para a basílica de Mafra, sede de freguesia e do concelho do mesmo nome. A custódia é o suporte para a exposição do Santíssimo Sacramento. A irmandade absorveu as irmandades do Senhor dos Passos, de Nossa Senhora do Rosário, das Dores e a Ordem Terceira de São Francisco de Assis. Nota sobre a exposição do Santíssimo Sacramento e sobre a importância das custódias nas procissões. – (D3-G2).

1618-15-VENTURA (Margarida Garcez), “Subsídios para a história da vivência religiosa na Ericeira durante a I República: a propósito de um projecto de estatutos de mestre Jaime Lobo e Silva para a irmandade de Santo António”, *Santo António na Ericeira: actas do VIII centenário de Santo António*, Ericeira, Mar de Letras, 1997, p. 35-74.

Análise de um projecto de estatutos para a irmandade de Santo António na freguesia da Ericeira, concelho de Mafra, que procura compatibilizar a renovação do culto de Santo António com as exigências do poder político durante

o período da República (1910-1926), marcadamente anticlerical. Algumas reflexões sobre a anterioridade de uma confraria antoniana e o culto a Santo António na Ericeira. A tradição oral sugere que existiu uma confraria na capela de Nossa Senhora da Boa Viagem, mas essa hipótese não está confirmada documentalmente. Segundo a autora, o que houve foi um culto cristalizado em torno de uma imagem do santo que, desde 1681, é pertença da irmandade da Misericórdia responsável pela sua organização. Menção de outras confrarias dedicadas ao Santíssimo Sacramento, ao Nome de Jesus, a Nossa Senhora do Rosário, da Conceição, aos santos Pedro e Sebastião, assim como a das Almas. O contexto político-religioso dos primeiros anos da República é marcado pelas dificuldades da prática religiosa pública ligada ao calendário litúrgico (por exemplo, a Semana Santa), mas esta situação começou a mudar depois de 1914. Notícia do assalto à capela de Nossa Senhora da Boa Viagem, tendo a sua imagem e a de Santo António sido atiradas ao mar. O projecto de estatutos apresentava os objectivos tradicionais das irmandades, propondo uma filantropia que obrigava ao financiamento de actos de beneficência, de estabelecimentos de assistência e de escolas primárias, secundarizando os objectivos religiosos e devocionais, o que se explica pelo contexto de laicização republicana. Transcrição do projecto de estatutos. – (C2-D4-G2-I3).

1619-11-*Breve resenha histórica sobre a irmandade, igreja e hospício de Nossa Senhora da Vitória*, Lisboa, Oficina Gráfica, 1965, 20 p.

Breve resenha histórica da irmandade (1530), do hospício (1536) e da igreja de Nossa Senhora da Vitória (1556), situada na freguesia de São Nicolau em Lisboa. A origem do culto e da invocação está numa imagem a quem foram atribuídos vários milagres. Esta foi colocada na capela do hospital de Santa Ana por uma cega internada que era devota de Nossa Senhora. A irmandade foi extinta em 1862 e todos os seus bens ficaram sob a administração da irmandade do Santíssimo Sacramento, estabelecida na igreja de Nossa Senhora da Conceição desde 1621. O compromisso da irmandade determinava a realização das festas de Nossa Senhora da Vitória (8 de Setembro) e da festa da Purificação (2 de Fevereiro, data da fundação). Notas sobre a igreja de Nossa Senhora da Conceição. – (C2-F2-F3).

1620-15-“Descrição histórica sobre Almada, da autoria de Luís de Queirós, em 1899”, *Almada na História: Boletim de Fontes Documentais*, n.º 21-22, 2012, p. 45-56, il.

Transcrição de uma descrição histórica sobre Almada, sede do concelho do mesmo nome, que data de 1899. Contém notas sobre a igreja paroquial de São Tiago reedificada em 1714, onde havia um altar dedicado a Nossa Senhora da Conceição, sobre as irmandades do Santíssimo Sacramento (1615) e dos Escravos (1601). Dados sobre a igreja conventual dos frades de São Domingos

erigida em honra de Nossa Senhora do Rosário: era decorada com azulejos representando diversas fases da vida de São Domingos e continha as irmandades de Nossa Senhora da Assunção (1583) e de Nossa Senhora do Rosário. Dentro do castelo existiu uma igreja sob a invocação de Santa Maria destruída pelo terramoto de 1755. Menção da ermida do Espírito Santo, de uma pequena imagem de Nossa Senhora do Castelo, datada do século XII, e das festas em honra de São João Baptista, padroeiro de Almada. – (C1-E2-H1-H2).

1621-07-“Documentos oficiais – decretos e nomeações: 3 – erecção canónica da confraria de Nossa Senhora da Boa Nova de Terena e seus estatutos”, *Igreja Eborense: Boletim de Cultura e Vida da Arquidiocese de Évora*, n.º 15, 1991, p. 70-84.

Compromisso da confraria de Nossa Senhora da Boa Nova sediada na capela do mesmo nome da freguesia de Terena (São Pedro), concelho de Alandroal, cujos fins são a promoção do culto mariano, o sufrágio das almas dos confrades, o auxílio material aos irmãos indigentes, bem como a promoção de obras de apoio social. Entre as obrigações religiosas da confraria contam-se a celebração de missas anuais pelas almas dos irmãos defuntos (Novembro e Janeiro), a missa rezada no dia da Natividade de Nossa Senhora (8 de Setembro) e a organização das festas de Pascoela em honra de Nossa Senhora da Boa Nova. – (C2-D2-E4).

1622-07-*Estatutos da confraria do Senhor Jesus dos Aflitos de Borba*, Évora, Gráfica Eborense, 1962, 15 p.

Transcrição dos estatutos na confraria do Senhor Jesus dos Aflitos, sediada na capela do mesmo nome, freguesia de São Bartolomeu em Borba, sede do concelho do mesmo nome, que tem por fim fomentar a devoção e organizar o culto ao seu padroeiro. Indicam-se os deveres e os direitos dos membros da associação, a festa e a procissão anual (terceiro domingo de Agosto), as missas e os sufrágios. – (D3-E3).

1623-11-*Estatutos da irmandade de Nossa Senhora de Porto Salvo*, Cucujães, Escola Tipográfica das Missões, 1970, 15 p.

Estatutos da irmandade de Nossa Senhora de Porto Salvo, sediada na capela da mesma invocação na freguesia de Porto Salvo, concelho de Oeiras. Ela tinha as seguintes finalidades principais: promover, subsidiar e desenvolver o culto a Nossa Senhora de Porto Salvo; promover a devoção às almas; assistir às exéquias e sufragar as almas dos irmãos falecidos; socorrer os irmãos necessitados e os pobres da freguesia. Todos os irmãos devem participar nas festas em honra de Nossa Senhora e do Corpo de Deus, na comunhão e em todas as procissões que se realizem na freguesia. – (D2-E3).

1624-11-*Estatutos da irmandade de Nossa Senhora do Amparo de Benfica*, Lisboa, Irmandade de Nossa Senhora do Amparo, 1991, 31 p., il.

Edição dos estatutos da irmandade de Nossa Senhora do Amparo, sediada na igreja paroquial do mesmo nome na freguesia de Benfica em Lisboa. Datam de 1991 e têm como fins principais promover o culto de Nossa Senhora, sob qualquer invocação, embora preservando as manifestações tradicionais, nomeadamente as procissões em honra de Nossa Senhora do Amparo, festejada a 18 de Dezembro. Outros fins são apoiar as carências e as necessidades da população paroquial através de uma acção sociocaritativa; promover o fortalecimento da fé e da consciência cristã; sufragar as almas dos irmãos falecidos. Breves apontamentos sobre as imagens de Nossa Senhora do Amparo: a actual, que data do início do século XIX e sai no andor da procissão, e a mais antiga, que é conhecida desde 1717. Notícia do culto realizado na antiga igreja, destruída em 1846 para a ampliação do cemitério. – (D2-H1-I3).

1625-11-*Estatutos da irmandade do Santíssimo Sacramento e de Nossa Senhora da Conceição da Lapa da Amadora*, Amadora, [Irmandade do Santíssimo Sacramento e de Nossa Senhora da Conceição da Lapa], 1964, 13 p.

Estatutos de 1964 da irmandade do Santíssimo Sacramento e de Nossa Senhora da Conceição, sediada na igreja paroquial de Nossa Senhora da Conceição, que substituiu a irmandade de Nossa Senhora da Lapa na Amadora, sede do concelho do mesmo nome. Os seus fins são: promover e subsidiar os cultos do Santíssimo Sacramento e de Nossa Senhora da Conceição, sufragar as almas dos falecidos e promover a formação cristã dos irmãos; rezar ao Santíssimo Sacramento; participar nas festas do Corpo de Deus, da Imaculada Conceição, no Sagrado Lausperene, na Comunhão Solene e nas procissões da freguesia, assim como acompanhar os defuntos às sepulturas. – (D2-D3-E1-E3).

1626-07-*Estatutos da irmandade do Senhor Jesus dos Passos de Arraiolos*, Évora, Gráfica Eborense, 1961, 11 p., il.

Estatutos de 1961 da irmandade do Senhor Jesus dos Passos sediada na igreja de Nossa Senhora do Castelo em Arraiolos, sede do concelho do mesmo nome. Os seus fins estabelecem a devoção ao seu patrono, para a qual a irmandade contribui com a organização das festas do Senhor dos Passos (terceiro domingo da Quaresma) e da Exaltação de Santa Cruz (terceiro domingo de Maio), assim como a assistência religiosa aos seus membros, nomeadamente a missa de sufrágio por cada irmão falecido. – (E1).

1627-11-*Estatutos provisórios da irmandade do SS. Sacramento da freguesia de S. Mamede da Ventosa*, Torres Vedras, Gráfica Torriana, [1963], 4 p.

Estatutos provisórios da irmandade do Santíssimo Sacramento, sediada na igreja paroquial, freguesia de Ventosa, concelho de Torres Vedras. Datam de

1963 e determinam que o seu fim é organizar e desenvolver o culto eucarístico. A irmandade tem a seu cargo a organização das cerimónias da Quinta-Feira Santa, da festa do Corpo de Deus e a devoção ao Sagrado Lausperene. – (E1).

1628-11-*Guia do Arquivo Histórico Municipal de Cascais*, Cascais, Câmara Municipal, 1993, 95 p., il.

Guia do Arquivo Histórico Municipal de Cascais que contém uma nota histórica e documentos sobre as confrarias da Ordem Terceira da Penitência de São Francisco de Assis, freguesia de Cascais, sede do concelho do mesmo nome, de São Vicente, de Nossa Senhora do Rosário e da Assunção, freguesia de Alcabideche. Refere também o livro de registo de missas de mareantes, que se reuniam provavelmente na igreja dos Navegantes em Cascais. – (G2).

1629-11-*Guia do Arquivo Municipal de Sintra*, Sintra, Divisão Cultural da Câmara Municipal, 1989, 56 p., il.

Guia e regulamento do Arquivo Municipal de Sintra constituído por cerca de sessenta mil espécies documentais das freguesias do concelho do mesmo nome, desde o século XIV à actualidade. Nelas há informação sobre instituições públicas, privadas e semi-públicas. Os documentos do arquivo eclesiástico dizem respeito a igrejas paroquiais e não paroquiais, a mosteiros e conventos, cujos titulares são a Santíssima Trindade, Nossa Senhora da Assunção, do Carmo, da Pena, os santos Miguel Arcanjo, João (apóstolo), Martinho de Tours e Ana, entre outros. Outro acervo importante é constituído por documentação relativa às misericórdias, irmandades e confrarias do Santíssimo Sacramento, do Senhor Jesus dos Passos, de Nossa Senhora da Conceição, da Consolação, da Piedade, do Rosário, das Mercês e das Almas, entre outras. – (C1-C2-G2).

1630-15-*Inventário do Arquivo Histórico da Irmandade de N.ª S.ª do Rosário do Barreiro*, Barreiro, Câmara Municipal, 2007, 62 p., il.

Guia e inventário do arquivo histórico da irmandade de Nossa Senhora do Rosário estabelecida na igreja de Nossa Senhora do Rosário no Barreiro, sede do concelho do mesmo nome. É apresentada uma breve história da igreja e da irmandade. Esta foi fundada em Lisboa no século XVII com a obrigação dos seus membros se deslocarem à ermida do Rosarinho, no actual concelho do Montijo, depois substituída pela ida à ermida de São Roque no Barreiro. Nos finais do século XVIII, esta foi ampliada para dar lugar à actual igreja de Nossa Senhora do Rosário. Os primeiros estatutos datam de 1780 e a sua importância cresceu com os favores régios e com os milagres atribuídos a Nossa Senhora, sobretudo a cura de males físicos e de possessões demoníacas. Nota sobre a organização da irmandade e sobre as festas em honra de Nossa Senhora do Rosário. – (C2-D2-F3).

1631-11-*Irmandade de Nossa Senhora das Dores*, Laveiras – Caxias, [Irmandade de Nossa Senhora das Dores], [D.L. 1992], 54 p., il.

Notas sobre o culto a Nossa Senhora das Dores em Laveiras, freguesia de Caxias, concelho de Oeiras, desde a fundação de uma ermida em sua honra no século XVII. Em 1812 foi criada uma irmandade. Os seus estatutos estabeleciam as seguintes obrigações: promover o culto de Nossa Senhora, fomentar a fé, a esperança e a caridade, ajudar os mais carenciados, acompanhar os membros e pobres à sepultura. Entre outras realizações, a irmandade fundou uma escola e, depois de 1942, o jardim de infância, a creche e o posto médico, que ficou ao cuidado da Congregação das Escravas da Santíssima Eucaristia. Os compromissos de 1914 e de 1942 estabelecem como fins o culto a Nossa Senhora das Dores, padroeira de Laveiras, a promoção da vocação cristã dos seus membros e o sufrágio das almas. Referência à festa dedicada a Nossa Senhora das Dores que decorre em Setembro. Menção de lugares de culto, nomeadamente da igreja paroquial de Nossa Senhora das Dores na freguesia de Paço de Arcos, concelho de Oeiras. Transcrição do primeiro compromisso da irmandade (1812). – (C1-D2-E2-G2).

1632-11-*Livro de bolso do confrade: confraria de Nossa Senhora do Carmo*, Loures, Confraria de Nossa Senhora do Carmo, 1994, 52 p.

História da origem e difusão da Ordem do Carmo que remonta aos finais do século XII na Palestina. A tomada de Jerusalém pelos muçulmanos obrigou ao exílio dos monges, que vieram para a Europa e se instalaram primeiro em Inglaterra. Tornada mendicante em 1238, esta ordem chegou a Portugal em 1251 e fixou-se em Moura (distrito de Beja). Em seguida foram criadas novas casas noutros locais, nomeadamente em Lisboa, com a fundação do convento do Carmo por Nuno Álvares Pereira. No século XVI, embora obedecendo à mesma regra do Carmelo, deu-se uma dissidência com a criação da Ordem dos Carmelitas Descalços. A origem da confraria de Nossa Senhora do Carmo em Santo António dos Cavaleiros, concelho de Loures, remonta a Julho de 1984. O funcionamento da confraria e os seus estatutos, o papel dos confrades, os direitos e os deveres. A regra e os seus princípios: obediência, fervor religioso, caridade, oração, abstinência e penitência. Apresentação do calendário das devoções carmelitas. Transcrição da regra das Carmelitas Eremitas, de orações e de cânticos. – (B3-B4).

1633-15-“Reunião dos irmãos da irmandade de N.^a Senhora da Assunção do Castelo, em 1800”, *Almada na História: Boletim de Fontes Documentais*, n.º 19-20, 2011, p. 25-28.

Transcrição de um acórdão datado de 1800 referente a uma reunião da irmandade de Nossa Senhora da Assunção na igreja do mesmo nome em Almada, sede do concelho do mesmo nome, para fazer o inventário da prata que a irmandade possuía.

G2 – De caridade

1634-07-ABREU (Laurinda), “O hospício e irmandade de Nossa Senhora da Piedade, em Évora: uma experiência de reclusão e controlo dos pobres em Portugal”, *Estudos em homenagem ao Professor Doutor José Marques*, Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2006, vol. III, p. 7-36.

Breve análise e publicação dos estatutos do hospício e irmandade de Nossa Senhora da Piedade, um albergue para mendigos e vagabundos instituído na sede da diocese de Évora no ano de 1587. Os objectivos basilares desta instituição eram a moralização dos costumes, a formação religiosa e o incentivo ao trabalho.

1635-07-ABREU (Laurinda), “A Misericórdia de Évora no contexto da reforma quinhentista da assistência pública portuguesa”, *A Cidade de Évora: Boletim da Comissão Municipal de Turismo de Évora*, n.º 6, 2002-2006, p. 235-245.

Notas sobre a irmandade da Misericórdia de Évora, desde a sua fundação em 1499 até às alterações estatutárias de 1618, que a inserem no quadro do movimento de concentração da assistência social e moral aos pobres, doentes e presos desenvolvido por Dom Manuel I. Em 1564 a Misericórdia de Évora recebeu o hospital do Espírito Santo. A progressiva posição dominante da Misericórdia no domínio da assistência e na organização de algumas celebrações religiosas conduziu ao esvaziamento de outras associações confraternais.

1636-15-ABREU (Laurinda), *A Santa Casa da Misericórdia de Setúbal de 1500 a 1755: aspectos de sociabilidade e poder*, Setúbal, Santa Casa da Misericórdia de Setúbal, 1990, 228 [1] p., quadros, gráficos.

História da Santa Casa da Misericórdia de Setúbal desde 1500 até 1755. Notícia das confrarias de ofícios e de devoção, fundadas entre os séculos XIV e XVIII, cujos padroeiros eram principalmente o Santíssimo Sacramento e Nossa Senhora. Outras associações confraternais (de ofícios) eram dedicadas aos santos Pedro Gonçalves Telmo (Corpo Santo) e Crispim, entre outros. Descrição das fontes de receita e dos bens da Misericórdia, assim como das suas actividades de assistência social: cuidar de crianças enjeitadas, curar os doentes, prestar assistência aos presos, às viúvas e a outras mulheres em situação de pobreza, assim como fornecer dotes às órfãs desprovidas. Análise da interacção da Santa Casa da Misericórdia com os poderes locais (representantes da Coroa, da Ordem de Santiago e da Câmara Municipal). Em anexo são transcritos diversos documentos. – (G1-G4).

1637-15-ABREU (Laurinda), *A Santa Casa da Misericórdia de Setúbal de 1660 a 1755: aspectos de sociabilidade e poder*, dissertação de mestrado apresentada

na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra em 1989, 178 p., dactilogr., plantas, quadros, gráficos (consultável na Biblioteca Nacional de Portugal).

Estudo sobre a Santa Casa da Misericórdia de Setúbal entre 1660 e 1755. Fazia parte de um número significativo de associações de tipo assistencial e religioso que havia na cidade influenciadas pela Igreja e pela vida marítima, a que se dedicava grande parte da população de Setúbal. Dados sobre a sua criação, os seus fins e base material, composta por legados de origem testamentária destinados ao sufrágio das almas e às obras sociais. Análise da assistência praticada pela Misericórdia. O seu prestígio e influência deu origem à disputa dos cargos da instituição, sobretudo entre 1710 e 1726, até se tornarem vitalícios nesta última data. Inventário das confrarias profissionais e de devoção. As confrarias profissionais eram as de São José, dos carpinteiros e pedreiros, a de São Crispim, dos sapateiros, a do Senhor da Boa Viagem, dos pescadores e homens do mar, a do Senhor do Bonfim, dos hortelãos, a do Corpo Santo ou Pedro Gonçalves Telmo, dos pescadores e mareantes, a de Nossa Senhora da Guia, dos marroteiros. As trinta e três confrarias de devoção criadas entre 1368 e o século XVIII eram dedicadas ao Santíssimo Sacramento, a Nossa Senhora e a diversos santos, como Benedito de Palermo, António, Francisco de Assis, Jorge, Amaro, Luzia e Rita de Cássia, entre outras entidades religiosas. Em anexo são transcritos diversos documentos. – (G1-G4).

1638-15-ABREU (Laurinda), *Setúbal na modernidade: memórias da alma e do corpo*, dissertação de doutoramento em História Moderna apresentada na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra em 1998, 786 p., dactilogr., il., mapas, gráficos (consultável na Biblioteca Nacional de Portugal); *Memória da alma e do corpo: a Misericórdia de Setúbal na modernidade*, Viseu, Palimage Editores, 1999, 493 [2] p.

Estudo sobre a evolução das atitudes e comportamentos relativos à salvação das almas e ao socorro do corpo em Setúbal, na Época Moderna, que recorre a uma metodologia quantitativa e qualitativa. Caracterização humana, material, política e religiosa de Setúbal: as ordens mendicantes, a reorganização paroquial, o culto das relíquias, a explosão confraternal e a expansão do culto das Almas do Purgatório. Quantificação das obras pias, a sua localização, com destaque para os conventos, os intermediários terrestres, os intercessores do Além, sobretudo Cristo e Nossa Senhora, os instituidores, os tipos de contacto com o Além, as formas de solidariedade relacionadas com a morte. Análise da importância das obrigações e dos deveres dos vivos para guardar a memória dos mortos. As práticas religiosas veiculadas pelas confrarias e o tipo de relação que os crentes estabelecem com elas: o movimento associativo confraternal e o estado das confrarias, as mutações, a persistência, o sentir religioso. Análise do nexos de causalidade entre as atitudes religiosas e os comportamentos assistenciais: os bens da alma ao serviço da assistência

pública. Inventário das confrarias fundadas até ao século XVIII: cinco até 1500 e trinta e cinco até ao século XVIII, sendo várias dedicadas ao Santíssimo Sacramento. Os anexos contêm diversos gráficos sobre as fundações perpétuas (capelas e aniversários) e sobre o movimento económico das confrarias e conventos no quadro da igreja tridentina. – (A5-C2-E4-G1).

1639-15-ABREU (Laurinda), “Uma outra visão do Purgatório: uma primeira abordagem aos breves de redução e de perdão”, *Revista Portuguesa de História*, t. 33, vol. 2, 1999, p. 713-736.

A catequização dos habitantes de Setúbal para a ideia do Purgatório levou a que fossem instituídas mais de quarenta mil missas perpétuas no século XVII e XVIII. Análise do papel económico das doações feitas em nome das Almas do Purgatório como suporte de hospitais, conventos, colegiadas e confrarias. Para além das Misericórdias, outras irmandades e confrarias obtiveram o mesmo direito de se financiarem à custa dos bens destinados ao pagamento dos sufrágios, nomeadamente a das Almas, a da Boa Morte e a da Boa Sentença, as irmandades marianas, sobretudo as dedicadas a Nossa Senhora do Rosário, e as do Santíssimo Sacramento. Análise dos breves de redução e de perdão dos sufrágios não celebrados. As leis do Marquês de Pombal de 1766, 1768 e 1769 reduziram a instituição de obras pias e permitiram a anulação de testamentos em favor da Igreja que prejudicavam as famílias. – (E4-G1).

1640-11-ALBUQUERQUE (Maria João), “A irmandade e confraria da Misericórdia de Vila Verde dos Francos”, *Oceanos*, 1998, n.º 35, p. 100-109, il.

Análise da instituição da irmandade da Misericórdia da freguesia de Vila Verde dos Francos, concelho de Alenquer, datada provavelmente de 1525, que procura analisar o papel das casas senhoriais na sua fundação. Breve descrição da organização da estrutura assistencial da Misericórdia de Vila Verde dos Francos e da organização interna da irmandade da Misericórdia de Lisboa.

1641-07-ALMEIDA (Carlos Manuel Calixto), “A estrutura assistencial do Colégio da Purificação e da Universidade Henriquina”, *Congresso de história no IV centenário do Seminário de Évora: actas*, Évora, Instituto Superior de Teologia, 1994, vol. II, p. 361-366.

Estudo sobre o Real Colégio da Purificação em Évora, fundado pelo cardeal Dom Henrique em 1559, que integrava a rede de instituições assistenciais anexas à Universidade de Évora. A tutela da Companhia de Jesus sobre o Colégio durante dois séculos não se limitou ao plano intelectual e espiritual dos colegiais, mas cobria também o plano assistencial, de solidariedade para com os pobres, os doentes e os encarcerados, nomeadamente com a construção de um hospital-cadeia.

1642-15-ALMEIDA (Fátima Contramestre de), “Contributo para um guia do Arquivo Histórico Municipal do Montijo”, *Musa: Museus, Arqueologia & outros Patrimónios*, vol. I, 2004, p. 193-199., il.

Apresentação dos fundos documentais do Arquivo Histórico Municipal do Montijo, sede do concelho do mesmo nome. A documentação compreende fundos das irmandades da Misericórdia de Lisboa e do Montijo, assim como da irmandade do Bem-Aventurado Mártir São Sebastião, também desta localidade. A irmandade da Misericórdia do Montijo teve a sua origem numa albergaria fundada no século XV, mas a data da sua fundação é desconhecida. A sua igreja e o seu hospital foram edificados no final do século XVI. A irmandade de São Sebastião foi instituída em 1614 pelos mancebos solteiros de Aldeia Galega do Ribatejo, hoje Montijo – (C2-G1).

1643-07-ANDRADE (António Alberto Banha de), “Roteiro do Arquivo Histórico da Misericórdia de Montemor-o-Novo (A.H.M.M.N.), com a história da fundação e primeiros anos da Santa Casa”, *Revista Portuguesa de História*, t. 17 (vol. II – Homenagem ao doutor Torquato de Sousa Soares), 1977, p. 137-176, quadros.

Roteiro do arquivo histórico da irmandade da Misericórdia de Montemor-o-Novo, sede do concelho do mesmo nome, que inclui documentação dos séculos XVI a XX. A história da fundação (1500) e os primeiros anos da Santa Casa: a administração de outras instituições de assistência e hospitalares da vila, a primeira sede na capela de Santo António que pertencia à irmandade de Fiéis de Deus, os primeiros irmãos e benfeitores, a construção da capela própria (1533), os peditórios para angariar fundos, as celebrações eucarísticas e as procissões nos dias de festa, nomeadamente a Nossa Senhora, a contabilidade. – (C2-D2-E3-G1).

1644-07-ARAÚJO (Maria Marta Lobo de), “A confraria de S. Pedro da Gafanhoeira entre a aurora e o entardecer”, *Cadernos do Noroeste* (série História 1), vol. XV, n.º 1-2, 2001, p. 359-378.

Breve estudo sobre a confraria de São Pedro situada na freguesia de Gafanhoeira (São Pedro), concelho de Arraiolos, centrando-se no período compreendido entre 1473, ano em que obteve os seus estatutos, e 1817, data em que foi integrada na Misericórdia de Arraiolos. A confraria de São Pedro foi fundada em honra do Espírito Santo, da Virgem Maria e de São Pedro e era detentora de uma albergaria, destinada a recolher viajantes pobres. Análise do compromisso da confraria de São Pedro que define as suas funções: promover a solidariedade entre os membros, enterrar os defuntos, assistir a alma (missas) e ajudar os mais necessitados (pobres e enfermos) para os quais realizava bodos (distribuição de pão e carne) por altura da festa da confraria em honra do Espírito Santo. Descrição das iniciativas da confraria destinadas aos seus membros. Na segunda metade do século XVIII, com poucos irmãos e a passar

por um período de crise interna originada pela negligência de alguns dos seus membros (má gestão de fundos, não distribuição do bodo aos pobres, entre outros aspectos), a confraria começou a sofrer pressões para ser integrada na Misericórdia de Arraiolos, o que acabou por acontecer em 1817. Transcrição do compromisso de 1473 e do acórdão de 1776 relativo às obrigações dos confrades.

1645-.-ARAÚJO (Maria Marta Lobo de), *Dar aos pobres e emprestar a Deus: as Misericórdias de Vila Viçosa e Ponte de Lima (séculos XVI-XVIII)*, Vila Viçosa – Ponte de Lima, Santa Casa da Misericórdia, 2000, 784 p., il., mapa, quadros, gráficos; *Dar aos pobres e emprestar a Deus: as Misericórdias de Vila Viçosa e Ponte de Lima*, tese de doutoramento apresentada na Universidade do Minho, Braga, 1999, 3 vol., 764-236 p., dactilogr., il., mapa, plantas, quadros, gráficos (consultável na Biblioteca Nacional e Portugal).

Monografia histórica sobre as irmandades e a acção assistencial da Misericórdia de Ponte de Lima (distrito de Viana do Castelo) e de Vila Viçosa, sede do concelho do mesmo nome, nos séculos XVI-XVIII. Sobre a Misericórdia de Vila Viçosa, fundada na primeira década do século XVI, são tratados os seguintes aspectos: o contexto confraternal da vila, a administração e composição social da confraria, as relações com o poder local e central, a acção assistencial a doentes, pobres, presos, crianças e órfãos; a assistência às almas, que compreendem o acompanhamento e financiamento de enterros para os quais passou a dispor de cemitério e casa mortuária em 1748; a instituição de obras pias e a celebração de missas de sufrágio, assim como a participação nas celebrações religiosas da Quaresma, em que se destacam as procissões de Quinta-Feira Santa ou das Endoenças, que integrava penitentes que se auto-flagelavam, e de Sexta-Feira Santa. Lista das confrarias de Vila Viçosa na Época Moderna. Sobre a Misericórdia de Ponte de Lima, fundada cerca de 1530, são analisados os seguintes aspectos: a organização e o funcionamento interno, as relações com o poder central, local e eclesiástico, as relações com outras Misericórdias, a assistência aos doentes, peregrinos, viajantes e presos, o resgate de cativos, a constituição de dotes para órfãos indigentes, a assistência às almas (organização e pagamento de enterros e sufrágios). – (E1-E3-E4-G1).

1646-07-ARAÚJO (Maria Marta Lobo de), “O Hospital do Espírito Santo de Portel na época moderna”, *Cadernos do Noroeste* (série História 3), vol. XX, n.º 1-2, 2003, p. 341-409.

Estudo sobre o hospital do Espírito Santo, que pertencia à confraria de “homens bons”, situado em Portel, sede do concelho do mesmo nome, no decurso da Época Moderna. Foi fundado em 1301 com a finalidade de intervir no tratamento de doentes, de acolher viajantes e peregrinos, de acompanhar os presos e os enfeitados. As informações mais relevantes referem-se às festas

realizadas em honra do Espírito Santo e à “cura de almas”. As primeiras festejavam-se em todo o país: começavam no domingo de Páscoa, terminavam no dia do Espírito Santo e incluíam danças, jogos e folguedos. No domingo de Páscoa era celebrada uma missa cantada e oferecido um jantar aos viajantes pobres, aos oficiais da confraria e aos pobres da vila. Além disso, era coroado o “imperador”, que desfilava pelas ruas enquanto a sua comitiva dançava e distribuía dinheiro; no fim do percurso voltava à igreja para ser novamente coroado. A “cura de almas”, por seu turno, era assegurada por um “capelão”, que administrava os sacramentos (comunhão e extrema-unção), celebrava as missas e realizava as acções litúrgicas relacionadas com os enterros, em estreita colaboração com a Misericórdia, uma vez que não possuía mobiliário fúnebre. – (D3-E3-E6).

1647-07-ARAÚJO (Maria Marta Lobo de), *A Misericórdia de Vila Viçosa: de finais do Antigo Regime à República*, Vila Viçosa, Santa Casa da Misericórdia de Vila Viçosa, 2010, 366 p., il., quadros.

Estudo sobre a Misericórdia de Vila Viçosa, sede do concelho do mesmo nome, no século XIX e princípios do século XX, período em que a sua existência foi dominada por dificuldades financeiras resultantes das alterações do contexto político e social. Dados sobre as regras estatutárias de 1806 e de 1881, alteradas em 1889, a composição social, a organização financeira e a assistência hospitalar. Outros mecanismos de beneficência eram evidenciados, nomeadamente durante as festividades da Semana Santa, por ocasião da procissão da quinta-feira, e a celebração do dia de Rainha Santa Isabel. Dados sobre a assistência espiritual originada por legados, as celebrações e as festas que a irmandade promovia ou realizava na sua igreja. O relacionamento com outras confrarias da vila, nomeadamente com as irmandades de Nossa Senhora do Rosário e das Almas. – (C2-E3-G1).

1648-07-ARAÚJO (Maria Marta Lobo de), “A Misericórdia de Vila Viçosa entre 1510 e 1910”, *Callipole: Revista de Cultura*, n.º 18, 2010, p. 13-25.

Notas sobre a irmandade da Misericórdia de Vila Viçosa, sede do concelho do mesmo nome, desde a fundação a 1910. Não se sabe a data exacta da sua fundação, mas já estava erecta em 1510. A sua igreja foi construída em 1565. São destacadas as suas funções assistenciais e as suas relações com a Casa de Bragança. – (C2).

1649-.-ARAÚJO (Maria Marta Lobo de), “Pobres nas malhas da lei: a assistência aos presos nas Misericórdias de Vila Viçosa e Ponte de Lima” *Cadernos do Noroeste*, vol. 11, n.º 2, 1998, p. 83-114, gráficos.

Contribuição para a análise comparativa das formas de assistência referentes a situações específicas de pobreza e aos presos levadas a cabo pelas

Misericórdias de Vila Viçosa, sede do concelho do mesmo nome, e de Ponte de Lima (distrito de Viana do Castelo) nos séculos XVI-XVIII. São mencionadas algumas medidas tendentes ao apuramento da pobreza do preso, à averiguação das condições necessárias para a obtenção de provimento pela irmandade da Misericórdia, dos que não podiam pagar o seu sustento na prisão e as despesas de justiça. Descrição de rituais das Misericórdias e de manifestações simbólicas da assistência, como o jantar do preso, servido na Quinta-Feira Santa, e a procissão dos ossos (recolha das ossadas em dia de Todo os Santos). – (E3-E4).

1650-07-ARAÚJO (Maria Marta Lobo de), “A pobreza e os meandros da assistência: a Misericórdia de Vila Viçosa (séculos XVI-XVIII)”, *Callipole: Revista de Cultura*, n.º 20, 2012, p. 45-64.

Análise das práticas de caridade da Misericórdia de Vila Viçosa, sede do concelho do mesmo nome, nos séculos XVI a XVIII. Estas contemplavam os doentes, os militares enfermos (a localização de Vila Viçosa junto à fronteira com a Espanha tornou esta actividade relevante), os presos, os órfãos e os defuntos. A rivalidade entre a Misericórdia e a irmandade da Ordem Terceira de São Francisco de Assis a propósito da prestação de serviços fúnebres. Ambas possuíam lugares próprios para os enterramentos. A irmandade da Misericórdia fazia todos os anos uma procissão à força para recolher as ossadas, enterrá-las e celebrar missa pela sua alma. As esmolas de comida e roupa eram distribuídas aos pobres principalmente na Semana Santa. – (E3).

1651-07-ARAÚJO (Maria Marta Lobo de), “Vestidos de cinzento: os irmãos terceiros franciscanos de Vila Viçosa através dos estatutos de 1686”, *Callipole: Revista de Cultura*, n.º 12, 2004, p. 47-60.

A Ordem Terceira de São Francisco de Assis de Vila Viçosa, sede do concelho do mesmo nome, fundada antes de 1673, era uma ordem secular e estava instalada numa capela do convento de Nossa Senhora da Esperança da Ordem de Santa Clara de Assis (1548). Estas associações eram procuradas por aqueles que se viam impedidos de integrar as Misericórdias. A análise dos estatutos de 1686, cópia dos estatutos de 1675: os critérios de entrada, a organização interna e as obrigações dos irmãos. Os membros tinham como principal objetivo atingir um elevado nível de pureza e integridade para melhor servir a Deus. Uma das suas funções prioritárias concretizavam-se nas práticas realizadas durante a Quaresma: pregações, Via-Sacra, procissões de Sexta-Feira Santa e de Quarta-Feira de Cinzas. Outra função, menos relevante mas de importância crescente ao longo do século XVIII, era a obrigação dos seus membros prestarem assistência aos mais necessitados, aos doentes e aos presos. A caridade para com os irmãos mortos manifestava-se através de sufrágios e do incentivo à oração. Em 1797 a ordem decidiu construir

um cemitério privado para os seus membros. Nota sobre a rivalidade entre a Ordem Terceira e a irmandade da Misericórdia de Vila Viçosa. – (E1-E3).

1652-11-BRANDÃO (Elvira), MORNA (Teresa Freitas), “A Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, cinco séculos de bem-fazer”, *Cidade Solidária*, n.º 10, 2003, p. 84-100, il.

Notas sobre a evolução da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa desde a sua fundação em 1498 até ao presente: a sua origem e missão, a acção hospitalar e assistencial, a crise do século XIX (directão de nomeação governamental e perda da superintendência dos hospitais), o ressurgimento no século XX (recebeu doações e legados, os lucros do jogo, a integração de outras instituições de saúde e de assistência), as novas dificuldades após o 25 de Abril de 1974, recuperando de novo depois de 1990. Actualmente a irmandade rege-se pelos estatutos de 1991.

1653-15-CARMONA (Rosalina), *Misericórdia do Barreiro: séculos XVI a XIX*, Barreiro, Cenáculo do Barreiro, 2014, 194 p., il.

Estudo sobre a irmandade da Misericórdia do Barreiro, sede do concelho do mesmo nome, nos séculos XVI a XIX. A irmandade é conhecida desde 1569, mas a tradição oral situa a sua criação em 1560. Dados sobre a igreja datada de 1569 e o seu património artístico e iconográfico, com destaque para os painéis de azulejos e as imagens sacras. Antecedentes da Misericórdia do Barreiro: a problemática da sua fundação e o quotidiano da irmandade através dos documentos do seu arquivo (séculos XVIII-XIX). Inventário dos livros e de outros documentos do arquivo da Misericórdia. – (C2-H1-H2).

1654-11-CATARINO (Maria Manuela), “Esmolas e sapatos de defuntos... o hospital e a confraria do Espírito Santo, do Maxial, em 1506”, *Turres Veteras VI – História da morte*, Torres Vedras – Lisboa, Câmara Municipal – Instituto de Estudos Regionais e do Municipalismo “Alexandre Herculano”, 2004, p. 73-81, mapa.

Notas sobre a obra assistencial e espiritual do hospital e confraria do Espírito Santo situado na freguesia de Maxial, concelho do Torres Vedras. A acção assistencial destinava-se aos pobres, aos doentes, aos irmãos vivos e aos defuntos. Neste caso recorriam à oração e à esmola dada aos pobres por alma do confrade morto.

1655-15-CORREIA (Francisco), *A Santa Casa da Misericórdia de Canha através dos tempos*, Canha, Edição da Santa Casa da Misericórdia, 2008, 127 p., il., quadros.

História da Misericórdia de Canha, concelho do Montijo, desde a sua fundação em 1616 a 2008. Inicialmente regeu-se pelo compromisso de Lisboa e, desde

1676, por compromisso próprio. Foi estabelecida na ermida de São Sebastião, fundada em 1571 e posteriormente remodelada. A igreja actual possui capelas pias instituídas por testamento, bandeiras que representam Nossa Senhora da Misericórdia e Nossa Senhora da Piedade, uma pintura que figura São Martinho de Tours (França) e Santa Margarida de Cortona. As associações de fiéis existentes na igreja paroquial de Nossa Senhora da Oliveira eram dedicadas ao Santíssimo Sacramento, a Nossa Senhora do Rosário dos Casados, do Rosário dos Pretos, da Oliveira e às Almas. Esta foi fundada em 1648 e viria a ser anexada à da Misericórdia em 1858. Análise dos bens patrimoniais da irmandade da Misericórdia e da sua obra social e assistencial. – (C2-G1-H2-H3).

1656-07-CORREIA (Joaquim Manuel Lopes), *A Santa Casa da Misericórdia de Mora*, Figueira da Foz, Oficinas da Impressora Económica, 1964, XIV-249-XXVI p., il.

História da Santa Casa da Misericórdia da Mora, sede do concelho do mesmo nome, desde a sua fundação em 1575. Descrição da igreja onde se encontram as imagens do Senhor dos Passos e de Cristo Crucificado, assim como pinturas com a representação de episódios da vida de Maria e da paixão de Cristo e as bandeiras da irmandade. Análise da organização, do património e das funções da Misericórdia: a assistência aos pobres e enfermos, enterrar os mortos e a caridade. As obrigações religiosas: a participação na procissão do dia de Todos os Santos e a organização das celebrações da Semana Santa, nomeadamente da procissão do Senhor Morto na Quinta-Feira Santa. Rol de provedores desde a fundação. Transcrição dos compromissos de 1883 e de 1913 e de um testamento. – (C2-E1-E3-H2).

1657-07-COSTA (Elisa Maria Lopes da), “Meio século do pulsar quotidiano da Santa Casa da Misericórdia de Évora (1541-1598)”, *Congresso de História no IV centenário do Seminário de Évora: actas*, Évora, Instituto Superior de Teologia, vol. I, 1994, p. 193-308.

Contribuição para a história da vida quotidiana da Santa Casa da Misericórdia de Évora de 1541 a 1598. São abordados os aspectos da assistência aos doentes, a participação feminina na assistência (nomeadamente no hospital), a admissão, demissão e readmissão de confrades e as repreensões por desrespeito ou conduta moralmente reprovável. Em anexo, é apresentada uma lista dos provedores de 1541 a 1598.

1658-07-FARRICA (Fátima), “Inventário do Arquivo da Santa Casa da Misericórdia de Viana do Alentejo”, *A Cidade de Évora: Boletim da Comissão Municipal de Turismo de Évora*, n.º 8, 2009, p. 601-635.

Inventário da documentação existente no arquivo da Santa Casa da Misericórdia de Viana do Alentejo, sede do concelho do mesmo nome, criada em 1516.

Breve análise das funções da irmandade a partir do compromisso de 1876: sustentar o hospital, prestar socorros domiciliários aos doentes pobres, organizar festividades religiosas, nomeadamente as procissões durante a Quaresma, a festa da Visitação e de Nossa Senhora da Graça, ordenar os sufrágios por alma dos irmãos falecidos, subsidiar o ensino primário dos pobres, coadjuvar os asilos de orfãos e inválidos, entre outros. O fundo compreende documentos desde 1688. – (D2-E1-E3).

1659-07-FARRICA (Fátima), *No espaço e no tempo: contributos para a história das instituições de Viana do Alentejo*, Casal de Cambra, Caleidoscópio, 2015, 165 p., il., quadros, gráfico.

Contribuição para a história das instituições de Viana do Alentejo, sede do concelho do mesmo nome, a partir da análise da confraria dos Homens Bons Ovelheiros, que foi fundada em 1318 e integrada na irmandade da Misericórdia no século XVI. Ela tinha o culto dos mortos como uma das suas principais obrigações determinadas por testamento (assistência e acompanhamento na morte, realização de missas) e o culto de Nossa Senhora. Notícia sobre a fundação da Misericórdia em 1513, que se orienta por fins assistenciais. Outra instituição importante foi o mosteiro feminino do Bom Jesus da Ordem de São Jerónimo, fundado no ano de 1548. Descrição da capela do Santíssimo Sacramento, fundada em 1851 e demolida em 1942. – (C2-D2-E4-I3).

1660-11-FERRÃO (Isabel Reimão), “A confraria, a obra e a fé: Santa Casa da Misericórdia de Cascais”, *Património Histórico da Santa Casa da Misericórdia de Cascais*, coordenação de LUCAS (Pedro Galvão), Cascais, Câmara Municipal – Santa Casa da Misericórdia, [D.L. 1998], p. 7-23.

Notas históricas sobre a irmandade da Misericórdia de Cascais, sede do concelho do mesmo nome, fundada em 1551. São analisados os seus objectivos espirituais e corporais. O compromisso de 1895 referia Nossa Senhora dos Anjos como padroeira, a simbologia da irmandade (a bandeira, o escudo) e as determinações assistenciais. Inicialmente esteve sediada na capela de Santo André, mas já possuía capela própria em 1575. As principais manifestações religiosas realizadas pela irmandade decorriam durante a Quaresma, em especial na Semana Santa, nomeadamente a procissão das Endoenças na Quinta-Feira Santa que se efectuava ao anoitecer. – (C2-E1-E3).

1661-07-FERRÃO (Isabel Reimão), HENRIQUES (João Miguel), “O hospital da Santa Casa da Misericórdia de Cascais: da anexação do hospital dos Mareantes Pescadores à inauguração do hospital dos condes de Castro Guimarães (1587-1941)”, *Arquivo de Cascais: história, memória, património*, coordenação de HENRIQUES (João Miguel), SANTOS (Maria da Conceição), Cascais, Câmara Municipal de Cascais, 2015, p. 47-96, il., mapa, gráficos.

A acção humanitária e assistencial da irmandade da Misericórdia de Cascais, sede do concelho do mesmo nome, foi reforçada com a anexação do hospital dos Mareantes e Pescadores no final do século XVI. A irmandade da Misericórdia de Cascais foi instituída em 1551 na capela de Santo André, regendo-se pelo compromisso da Misericórdia de Lisboa de 1516. De 1698 a 1806 a irmandade teve compromisso próprio. – (C2).

1662-11-FERREIRA (Anabela), *Fragments de Alverca: história e património*, Alverca do Ribatejo, Junta de Freguesia, 2009, 78 p., il

Contribuição para a história de Alverca do Ribatejo, concelho de Vila Franca de Xira. Notas sobre a igreja matriz de São Pedro, anterior a 1449, e a igreja da Misericórdia datada de finais do século XVI. Notícia histórica sobre a irmandade da Misericórdia: a fundação, provavelmente em 1583, o compromisso de 1745 e as relíquias que possuía. Elementos para a história da morte em Alverca: o cemitério, o enterro no qual se destaca o papel da irmandade da Misericórdia, as sepulturas e a sua iconografia. – (C1-C2-E4-H7).

1663-12-FERREIRA (António Manuel Brazão), “A Misericórdia de Alter do Chão (1524-1994): breve sumário da sua história”, *2.º Encontro de história regional e local do distrito de Portalegre: actas*, Portalegre-Nisa, 1994, Lisboa, Associação dos Professores de História, 1996, p. 189-200.

Resenha histórica sobre a irmandade da Misericórdia de Alter do Chão, sede do concelho do mesmo nome, desde a sua fundação em 1524 até à actualidade. Referência à Albergaria do Espírito Santo, ao culto do Espírito Santo e ao Hospital de São Domingos, anexados pela Misericórdia no século XVI. Menção da procissão das Endoenças na Quinta-Feira Santa, organizada pela Misericórdia. – (D3-E3).

1664-11-FIGUEIREDO (José Vale), *Para a história da Misericórdia de Oeiras*, Oeiras, Santa Casa da Misericórdia, 2001, 99 p., il.

Contribuição para a história da irmandade da Misericórdia de Oeiras e São Julião da Barra, concelho de Oeiras, fundada em 1926 na ermida de Nossa Senhora da Conceição e Santo Amaro, onde estava sediada uma irmandade com esta dupla denominação, que se fundiu com a da Misericórdia em 1929. Menção da confraria de Nossa Senhora da Conceição dos Mareantes da Carreira da Índia, fundada cerca de 1500 na referida ermida, e da confraria de Nossa Senhora dos Lavradores. A irmandade de Nossa Senhora da Conceição e Santo Amaro foi extinta em 1866 e renasceu em 1869. Transcrição do compromisso da Misericórdia de 1926, aprovado oficialmente em 1927. – (C2-G4).

1665-12-FILIFE (Carlos), *A Misericórdia de Elvas: memórias do século XX*, Elvas, Santa Casa da Misericórdia, 2016, 540 p., il., quadros, gráficos.

Estudo sobre a irmandade da Misericórdia de Elvas, sede do concelho do mesmo nome, centrado no século XX. Enquadramento histórico da Misericórdia de Elvas fundada no final de 1501 ou início de 1502: o compromisso e as suas alterações até 1981 e alguns aspectos da sua organização. Análise da acção da irmandade ao serviço da assistência e descrição da igreja e da bandeira. Dados sobre a relação entre a Igreja e a Misericórdia no que diz respeito aos limites da intervenção episcopal, ao ofício do culto religioso prestado pelos capelães e às celebrações religiosas estatutárias. Estas compreendiam as celebrações da Visitação de Nossa Senhora a Santa Isabel e de Nossa Senhora do Amparo, a festa de Santa Luzia, cuja confraria tinha a sua sede na igreja da Misericórdia, e as celebrações da Semana Santa. Notas históricas sobre as confrarias de Nossa Senhora do Amparo, criada em 1589, e de Santa Luzia, fundada em 1673. Contém diversos anexos com notas biográficas sobre os provedores do século XX, com iconografia e com notícias de Misericórdia na imprensa local, entre outros assuntos. – (C2-D2-E1-G1).

1666-15-FLORES (Alexandre M.), COSTA (Paula Freitas), *Misericórdia de Almada: das origens à Restauração*, Almada, Santa Casa da Misericórdia, 2006, 297 p., il.

Estudo sobre a irmandade da Misericórdia de Almada, sede do concelho do mesmo nome, desde a fundação da Gafaria de São Lázaro (XIV) até meados do século XVII. Análise do compromisso da Gafaria de São Lázaro de 1504 e dos compromissos do Hospital de Santa Maria e da Gafaria de São Lázaro de 1511. O Hospital de Santa Maria da Gafaria de São Lázaro foi anexado à Misericórdia. Análise das funções da irmandade da Misericórdia de Almada, fundada em 1555, que trata da sua organização e fins, nomeadamente as obras de misericórdia concretizadas na assistência hospitalar, na visita aos pobres, doentes, presos, órfãos e meninos desamparados, assim como na participação da irmandade nos enterros. Descrição da igreja implantada no local onde se situava a capela de apoio à albergaria de Santa Maria, que contém um retábulo pintado representando cenas da vida de Nossa Senhora, entre outros objectos de culto. As devoções, as festas e as procissões: a procissão anual da Visitação de Santa Isabel, a do Senhor dos Passos e a das Endoenças na Quinta-Feira Santa. Contém um apêndice documental. – (C2-D2-E1-E3).

1667-07-FONSECA (Jorge), “O Arquivo Histórico da Misericórdia”, *A Misericórdia de Montemor-o-Novo: história e património*, Montemor-o-Novo, Santa Casa da Misericórdia de Montemor-o-Novo, 2008, p. 321-328, il.

Nota sobre o Arquivo Histórico da Misericórdia de Montemor-o-Novo, sede do concelho do mesmo nome, referindo alguns dos seus documentos e fundos mais relevantes, nomeadamente o compromisso de 1516, o Tombo do Hospital do Espírito Santo, iniciado em 1531, e o livro das Capelas Administradas pela Misericórdia de 1720.

1668-07-FONSECA (Jorge), *Arquivo histórico municipal de Montemor-o-Novo: inventário*, Montemor-o-Novo, Câmara Municipal, 1996, 221 p., il.

Inventário do Arquivo Histórico Municipal do concelho de Montemor-o-Novo, que inclui diversos documentos relativos à vida religiosa. Estes contêm informações sobre a administração de capelas (XV-XIX), os testamentos e livros do registo de testamentos (séculos XVII-XX), os conventos, irmandades e confrarias, sobretudo de caridade, fundadas em honra do Santíssimo Sacramento, de Nossa Senhora do Rosário e das Almas. Os fundos incluem ainda documentação das irmandades da Misericórdia, da Caridade e da Ordem Terceira da Penitência (séculos XVI-XX). – (C2-E4-G1).

1669-15-FONSECA (Jorge), *Os hospitais de Montemor-o-Novo entre os séculos XIII e XVI*, Montemor-o-Novo, Santa Casa da Misericórdia de Montemor-o-Novo, 2004, 126 p., il.

Estudo sobre a assistência hospitalar aos pobres, doentes e viajantes em Montemor-o-Novo, sede do concelho do mesmo nome, desde o século XIII ao século XVI. As primeiras casas destinadas a estes fins pertenciam à confraria de Santo André, cujo compromisso data de 1316. Este determinava os seguintes fins principais: o culto, a fraternidade exercida entre os irmãos e externamente aos doentes, pobres, cativos, presos e peregrinos, nomeadamente a realização de um banquete anual dos confrades e a distribuição de carne e pão aos pobres, assim como a criação e manutenção de uma albergaria. No século XIV há notícia da albergaria de São Lázaro, instituída pela confraria do mesmo nome. Ainda no mesmo século, a confraria do Espírito Santo fundou o Hospital do Espírito Santo, que se viria a unir à albergaria de Santo André. Nos princípios do século XVI surge a irmandade da Misericórdia (conhecida desde 1502), à qual se viria a juntar com interrupções o hospital de Santo André e do Espírito Santo. Estas instituições tinham o encargo de mandar dizer missas determinadas por obrigação testamentária. Transcrição de documentos, nomeadamente de testamentos do século XIV a XVI. – (E4).

1670-07-FONSECA (Jorge), “Para a história do associativismo no Alentejo medieval: a confraria e albergaria do Espírito Santo do Vimieiro – 1282”, *A Cidade de Évora: Boletim da Comissão Municipal de Turismo de Évora*: n.º 3, 1998-1999, p. 37-46, il.

Nota introdutória sobre o compromisso da confraria do Espírito Santo da freguesia do Vimieiro, concelho de Arraiolos, datado de 1282 e transcrito do original para o tombo da Misericórdia da vila no século XVI. A confraria tinha os objectivos seguintes: o auxílio ao próximo (criar e manter uma albergaria, distribuir pão e carne aos pobres no dia dos Espírito Santo, dar esmola aos enfermos e ajudar aos enjeitados); ajudar os seus membros, como por exemplo mandar dizer orações e missas pelos mortos; participar no enterro

e visitar a campa; apoiar os confrades que quisessem ir em peregrinação a Jerusalém, a Santa Maria de Rocamadour, a Santiago de Compostela ou participar na folia do Espírito Santo. No século XVI, a albergaria foi absorvida pela Misericórdia. Menção de outras confrarias medievais da região do Alentejo (distritos de Portalegre, Évora, Beja e parte do distrito de Setúbal). Transcrição do compromisso. – (E4-G1).

1671-07-FONSECA (Teresa), FONSECA (Jorge), “Provedores da Misericórdia”, *A Misericórdia de Montemor-o-Novo: história e património*, coordenação FONSECA (Jorge), Montemor-o-Novo, Santa Casa da Misericórdia – Tribuna da História, 2008, p. 347-353.

Lista dos Provedores da irmandade da Misericórdia de Montemor-o-Novo, sede do concelho do mesmo nome, desde 1502 a 2008.

1672-07-FONSECA (Teresa), “A Misericórdia de Montemor-o-Novo no Antigo Regime: uma breve caracterização”, *A Misericórdia de Montemor-o-Novo: história e património*, coordenação de (FONSECA (Jorge), Montemor-o-Novo, Santa Casa da Misericórdia – Tribuna da História, 2008, p. 45-78, il.

Breve estudo sobre a Misericórdia de Montemor-o-Novo, sede do concelho do mesmo nome, fundada numa ermida cedida pela confraria dos Fiéis de Deus em 1499 ou 1502. O apoio régio e a valorização tridentina do Purgatório desencadeou a doação testamentária de bens de raiz, vinculados a encargos pios, o que lhe assegurou a independência financeira. A direcção da irmandade era disputada pelas elites burguesa e nobre. – (A5-E4).

1673-15-FORTUNA (António Matos), *Misericórdia de Palmela: vida e factos*, Palmela, Santa Casa da Misericórdia, 1990, 311 p., il., quadros.

História da irmandade da Misericórdia de Palmela, sede do concelho do mesmo nome, desde a fundação em 1529 até 1989. A irmandade sucedeu à confraria do Espírito Santo (1471), que se dedicava igualmente à caridade. Dados sobre a organização interna e a acção assistencial e caritativa da Misericórdia: o hospital, o apoio aos pobres, o enterro dos mortos, a atribuição de dotes a noivas com dificuldades económicas, a assistência aos presos e aos peregrinos. Notas sobre a igreja construída no lugar onde estava a ermida do Espírito Santo, que foi ampliada no século XVII. Alusão às relíquias dos santos Sebastião, Fabião e Brás. O culto organizado pela Misericórdia: a festa da Visitação de Nossa Senhora a sua prima Santa Isabel (2 de Julho); as procissões de Quinta e Sexta-Feira Santa, do dia de Finados, de São Sebastião e a denominada *Ad Petendam Pluviam* com a finalidade de pedir a graça da chuva (terminou no século XX). A procissão do Senhor dos Passos era organizada pela sua irmandade, mas a maior parte dos passos que se armavam eram da Misericórdia. O seu compromisso segue o de Lisboa até 1880, data em que foram aprovados

estatutos próprios alterados várias vezes até 1982. As relações entre o Estado e a administração das Misericórdias durante o período liberal. Apêndice com a reprodução fac-similada de vários documentos. – (C2-E1-E3-H7).

1674-15-FORTUNA (António Matos), *Priores mores... provedores da Misericórdia de Palmela*, Palmela, Santa Casa da Misericórdia, 1994, 136 p., il., planta.

Contribuição para a história da Misericórdia de Palmela, sede do concelho do mesmo nome, e da sua ligação com o priorado-mor da ordem militar de Santiago (século XVI-XIX). Catálogo biográfico dos priores-mores da Ordem de São Tiago, alguns dos quais foram provedores da Misericórdia de Palmela, entre o princípio do século XVI e 1834.

1675-15-FRANCO (Gonçalo Lyster), SERRÃO (Eduardo da Cunha), GUERREIRO (Marília), AFONSO (Aniceto), “Escavações no antigo hospital da confraria do Espírito Santo dos Pescadores e Mareantes de Sesimbra”, *Arqueologia e História*, vol. I-II (I), 1984-1988, p. 157-186 [26], il., plantas.

A propósito das escavações efectuadas no antigo hospital da confraria do Espírito Santo dos Pescadores e Mareantes estabelecida na sua ermida em Sesimbra, sede do concelho do mesmo nome, são reportados elementos sobre a confraria, o seu hospital e a ermida no século XVI. O funcionamento da confraria compreendia as obrigações dos membros rezarem missas todos os domingos e, depois de 1553, à segunda-feira para cultuar o Corpo Santo ou Pedro Gonçalves Telmo e à quinta-feira o Espírito Santo, assim como nos dias de Corpo de Deus e do Espírito Santo. Deviam também participar nas procissões do Corpus Christi e nas outras, assim como acompanhar o enterro dos irmãos da confraria. Notícia sobre o hospital, a ermida e a sua decoração: painéis pintados e as imagens do Santíssimo Sacramento, do Espírito Santo e de Nossa Senhora do Rosário. Nota histórica sobre a igreja matriz de São Tiago, mandada construir em 1553, e menção de outros lugares de culto de Sesimbra. Alusão a diversas imagens, altares e retábulos representando Nossa Senhora do Cabo (Espichel, freguesia do Castelo), dos Anjos, do Rosário e os santos Reis Magos, Catarina de Alexandria e Luzia. Referência a outras confrarias existentes em Sesimbra em 1516 e 1565, que são dedicadas ao Santíssimo Sacramento e aos santos Pedro, Sebastião e Ana. Transcrição das visitas feitas pela Ordem de Santiago à capela da confraria do Espírito Santo dos Mareantes e ao seu hospital nos anos de 1516 e 1553. – (A5-G4-H1-H2).

1676-07-GODINHO (Silva), “Temas oitocentistas eborenses”, *A Cidade de Évora: Boletim da Comissão Municipal de Turismo de Évora*, n.º 65-66, 1982-1983, p. 165-188.

Notas sobre diversos temas da vida da cidade de Évora, que inclui uma descrição do bodo aos presos, que era um jantar servido desde 1778 na sexta-feira

do Senhor dos Passos pela irmandade da Misericórdia. O bodo era antecedido pela comunhão dos presos e de um cortejo com os caldeirões contendo os alimentos. Menção de diversas festas populares que, por vezes, tinham procissão, dentro e fora da cidade, dedicadas a Nossa Senhora da Vitória, do Rosário, da Conceição, do Ó ou da Expectação, da Piedade, de Aires (Viana do Alentejo), aos santos Marcos e Bartolomeu, António, Sebastião, José e Bárbara. Alusão às confrarias de Nossa Senhora da Conceição e de Nossa Senhora da Saúde. – (D2-D4-G1).

1677-11-GORJÃO (Sérgio), MACHADO (João Liberata), “Índice do núcleo antigo do Arquivo da Santa Casa da Misericórdia da vila de Ericeira”, *Boletim Cultural '93*, Câmara Municipal de Mafra, 1994, p. 355-362.

Notícia do arquivo conservado na Misericórdia da Ericeira, concelho de Mafra, constituído por documentos e bibliografia. A sua organização obedeceu aos seguintes critérios: divisão por núcleos temáticos com divisão cronológica crescente, com relevo para a documentação da Misericórdia, das igrejas paroquiais de São Pedro e de Santo Isidoro de Sevilha, finalizando com um núcleo iconográfico. – (C1).

1678-12-GORJÃO (Sérgio), MACHADO (João Liberata), “Núcleo documental do Museu de Amieira do Tejo (Nisa)”, *A Cidade: Revista Cultural de Portalegre*, n.º 10, 1995, p. 57-70; *Ibn Maruán: Revista do Cultural do Concelho de Marvão*, n.º 6, 1996, p. 153-161.

Breve nota introdutória e inventário do núcleo documental do Museu de Amieira do Tejo, freguesia do concelho de Nisa, constituído por documentação das irmandades da Misericórdia de Amieira do Tejo (1611-1963) e de Arez (1714-1856), assim como da confraria de São João Baptista da freguesia de São Matias (1758-1888). – (G1).

1679-07-GUERREIRO (Jerónimo de Alcântara), “Achegas para a história da Irmandade do Clero de Évora”, *Alvoradas*, Out-Dez, 1962, p. 81-86; Jan-Mar, 1963, p. 42-56; Abr-Jun, 1963, p. 65-77; Abr-Jun, 1964, p. 114-115; *Achegas para a história da irmandade do Clero de Évora*, Évora, separata da revista *Alvoradas*, 1963, 34 p.

Contribuição para a história da irmandade de São Pedro e de Santa Marta do Clero da Arquidiocese de Évora, estabelecida na igreja de Santa Marta, que tem como padroeiro principal São Pedro. O estudo incide sobre as duas associações eclesíásticas que estiveram na sua origem. A confraria das Almas de Évora, conhecida desde o século XVII, esteve sediada na igreja de Santo Antão e mais tarde na de Santa Marta. Esta mudou de nome para São Miguel, por este ser o padroeiro das Almas. O altar-mor desta igreja é ainda dedicado ao arcanjo, estando a sua imagem ladeada pelas imagens de Santa Marta e de

São Pedro. A irmandade dos Clérigos Pobres de São Pedro (século XVI) da vila de Estremoz, sede do concelho do mesmo nome, esteve instalada na igreja paroquial de Nossa Senhora do Castelo, mas no século XVIII foi transferida para a igreja do Anjo da Guarda. A principal finalidade destas confrarias era a assistência aos clérigos pobres, doentes ou inválidos que precisassem de auxílio material ou moral, através da esmola, da oração e do conselho, assim como orar pelos benfeitores vivos e defuntos e sufragar as almas dos irmãos falecidos. Alusão a três outras irmandades dos séculos XVII-XVIII, que estiveram sediadas na igreja de São Miguel Arcanjo em Évora: a do Anjo da Guarda (dos cardadores), a de São Crispim e Crispiniano (dos sapateiros) e a de Nossa Senhora de Brotas. Inventários dos arquivos das irmandades de São Pedro (1681-1854) e das Almas (1654-1873). – (C2-G1-G4-H1)

1680-11-IVO (Júlio da Conceição), “Hospital de Nossa Senhora das Dores”, *Boletim Cultural*’96, Câmara Municipal de Mafra, p. 71-84, il.

Reimpressão de um artigo publicado em vários números do jornal *Concelho de Mafra* durante o ano de 1943, que faz o historial do hospital de Nossa Senhora das Dores em Mafra, sede do concelho do mesmo nome, desde a entrega da sua administração à irmandade de Nossa Senhora das Dores em 1787 até 1915. A irmandade foi fundada em 1779, tendo entre as suas funções a distribuição de esmolos aos irmãos pobres e o tratamento dos doentes. A irmandade foi extinta em 1833 na sequência da implantação do regime liberal e restabelecida em 1845, retomando desde então a administração do hospital. Na segunda metade do século XIX, a confraria recebeu os bens das irmandades do Espírito Santo, de Nossa Senhora do Rosário e das Almas, que foram extintas em várias freguesias do concelho. Transcrição parcial do testamento de Domingos Dias Machado, benfeitor da irmandade falecido em 1912. – (E4-G1).

1681-07-LAVAJO (Joaquim Chorão), *A Misericórdia de Évora no último quartel do segundo milénio*, Évora, Santa Casa da Misericórdia, 2000, 270 p., il., quadros, gráficos.

História da Santa Casa da Misericórdia de Évora desde a sua fundação em 1499 ao final do século XX. São analisados a génese, a natureza e a estrutura, o seu papel na saúde e na assistência, as receitas e as despesas, o impacto das ingerências estatais, sobretudo a partir de 1974, e a sua acção espiritual e cultural. Os lugares de culto ao serviço da Misericórdia foram a igreja de São João Baptista, entre 1499 e 1577 e, desde esta data, a igreja actual; possui ainda a capela privativa do Recolhimento da Misericórdia e geriu também a igreja do Espírito Santo afecta ao culto do hospital com o mesmo nome. Descrição da igreja da Misericórdia que contém imagens, pinturas e azulejos pintados representando Nossa Senhora da Misericórdia, Nossa Senhora

da Visitação e as obras de misericórdia. A capela do Recolhimento possui azulejos pintados consagrados à vida de São Francisco de Assis. A actividade cultural promovida pela irmandade: a procissão da Quinta-Feira Santa ao sepulcro do Senhor, a procissão do dia de Todos os Santos para recolher e enterrar os ossos dos justicados na forca de São Sebastião, a confissão, o acompanhamento dos condenados à forca, o enterro dos irmãos. A partir de 1579, passou também a promover a missa solene do Espírito Santo na véspera do dia de Nossa Senhora da Visitação. Hoje, além das cerimónias da Semana Santa, tem o encargo de promover a festa anual de Nossa Senhora da Visitação, mandar dizer três missas por cada irmão falecido e a missa verpertina aos sábados à tarde. Contêm apêndices que reproduzem diversos documentos. – (C2-E1-E3-H2).

1682-11-LEÃO (Francisco Cunha), “As edições quinhentistas dos compromissos da Misericórdia de Lisboa”, *Mater Misericordiae, simbolismo e representação da Virgem da Misericórdia*, coordenação de SILVA (Nuno Vassalo e), Lisboa, Museu de S. Roque – Livros Horizonte, 1995, p. 52-67, il.

Análise comparativa das duas edições quinhentistas impressas dos compromissos da Misericórdia de Lisboa (1516 e após 1539), baseada nos aspectos tipográficos de modo a identificar os elementos comuns e diferenciadores nas duas edições. Comparação do blocos xilográficos que representam Nossa Senhora da Misericórdia e os Apóstolos na edição de 1516 com a iluminura do códice manuscrito do compromisso de 1520. O carácter de contrafacção da segunda edição foi motivado por razões de ordem política e religiosa relacionados com a perda de privilégios atribuídos à confraria.

1683-15-LOPES (José Manuel da Silveira), *A Misericórdia do Barreiro (1900-2012)*, Barreiro, Cenáculo do Barreiro, 2014, 124 p., il.

Estudo sobre a irmandade da Misericórdia do Barreiro, sede do concelho do mesmo nome, no século XX, que caracteriza as obras de misericórdia, os recursos financeiros e as relações entre a política e a religião. São também inventariadas as mesas da irmandade e as comissões administrativas que dirigiram a instituição.

1684-11-LOURENÇO (Maria Paula Marçal), “A Casa das Rainhas e a confraria do Espírito Santo de Alenquer (1645-1653): poderes senhoriais e patrocínio religioso”, *Arquipélago: Revista da Universidade dos Açores. História*, vol. V, 2001, p. 651-668.

Estudo sobre a Casa das Rainhas e as várias instituições religiosas pertencentes ao seu domínio senhorial, nomeadamente a confraria do Espírito Santo de Alenquer, sede do concelho do mesmo nome, entre 1645 e 1653. As rainhas protegiam mosteiros, conventos, misericórdias, confrarias, irmandades

e hospitais, assim como davam esmolas a pessoas e instituições. A fundação da albergaria do Espírito Santo de Alenquer é geralmente atribuída à Rainha Santa Isabel em 1321. No início do século XVI a política de controlo régio levou à anexação do hospital do Espírito Santo pela irmandade da Misericórdia. A confraria do Espírito Santo manteve-se até ao século XVIII celebrando os ritos do bodo (oferta de alimentos aos pobres) e as festas da coroação e do império. Após a Restauração de 1640, no período de 1645-1653, a Casa das Rainhas recuperou as prerrogativas que lhe permitiam interferir na organização e funcionamento da Casa do Espírito Santo de Alenquer, nomeadamente no que diz respeito à confirmação da eleição dos provedores, mordomos e confrades, assim como à supervisão dos órgãos da confraria. A relação entre os provedores da Casa do Espírito Santo de Alenquer e da Casa da Rainha eram conflituosas, dado que esta última procurava exercer o seu poder junto das populações e das instituições. O Concílio de Trento determinou a reorientação das irmandades do Espírito Santo, tendo muitas sido integradas nas Misericórdias. Mas outras irmandades continuaram a celebrar os ritos dos bodos e as festas da coroação até ao século XVIII, como aconteceu com a de Alenquer. – (A5).

1685-..-LOURENÇO (Maria Paula Marçal), “Identidade e especificidade no universo confraternal: as confrarias do Espírito Santo da Casa das Rainhas na Época Moderna”, *Em nome do Espírito Santo: história de um culto*, coordenação por SERRÃO (José Vicente), Lisboa, Edição do Instituto dos Arquivos Nacionais / Torre do Tombo, 2004, p. 69-78, il.

Levantamento das principais confrarias do Espírito Santo na Época Moderna sob a alçada jurisdicional da Casa das Rainhas que se encontravam no distrito de Lisboa (Alenquer, Aldeia Galega da Merceana, Sintra e Torres Vedras), no distrito de Leiria (Caldas da Rainha e Óbidos) e em Silves (distrito de Faro). Contém algumas informações sobre o seu funcionamento, os meios de assistência caritativa e as celebrações festivas. Muitas irmandades foram integradas nas Misericórdias durante o século XVI, mas outras continuaram a celebrar os bodos e as festas da coroação e do Império. Breve análise da confraria de Alenquer, sede do concelho do mesmo nome, e da intervenção das rainhas na sua organização e funcionamento. – (D3).

1686-11-MACIEL (Saúl Julião), *Piedade, instrução e apostolado da rua na 2.^a metade do século XVIII: o itinerário do fundador do Seminário de Caridade dos Órfãos Desamparados de Lisboa*, dissertação de mestrado em História Moderna e Contemporânea apresentada à Faculdade de Letras do Porto em 1991, 170 p., dactilogr., il. (consultável na Biblioteca Nacional de Portugal).

Estudo sobre a caridade educativa e o Apostolado da Rua em Portugal na segunda metade do século XVIII, nomeadamente da acção do padre

António Luís de Carvalho, fundador do Seminário da Caridade dos Órfãos Desamparados em Lisboa, no ano de 1778. Na segunda metade do século XVIII, o exercício da piedade caritativa transformou-se em caridade educativa (alimentação, vestuário, ensino) dos meninos da rua. A relação entre a preocupação preventiva e educativa do Seminário da Caridade dos Órfãos desamparados de Lisboa (apoiada pelos oratorianos pioneiros de uma adaptação coerente entre o pensamento religioso e a dinâmica social) e o modo como a instrução se tornou uma preocupação nacional. Notícia da decadência do Seminário da Caridade causada pela falta de obras pias. A educação como meio de prevenir a delinquência e a preocupação com a reinserção do delinquente tida pelo Apostolado da Rua. Notícia sobre a influência das escolas pias na sua fundação. Contém um apêndice documental. – (A5).

1687-11-MANOEL (Francisco d'Orey), ANTÃO (Nelson Moreira), “Para além dos silêncios do arquivo: o acervo da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa e a investigação historiográfica”, *Actas das II jornadas sobre as misericórdias: as misericórdias quinhentistas*, Penafiel, Câmara Municipal, 2009, p. 73-120, il.

Notas sobre o estado do arquivo da Misericórdia de Lisboa e a importância dos arquivos de instituições multisseculares para o estudo de vários temas do passado: as novas formas de espiritualidade dos leigos, a caracterização dos equilíbrios sociais do poder no Antigo Regime, o processo de afirmação do poder régio, o estudo da pobreza, da doença, assim como das práticas assistenciais, das atitudes perante a morte, das práticas de culto religioso, da pompa, das precedências e das solenidades religiosas públicas, entre outros. A sua limitada utilização deve-se à falta de tratamento arquivístico do acervo de muitas Misericórdias. No caso do arquivo da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, as dificuldades da sua utilização prendem-se com os efeitos devastadores do terramoto de 1755 e do incêndio que se lhe seguiu, bem como da diversidade de critérios que serviram de base à sua organização. Entre outras séries documentais, possui as que dizem respeito a entradas, baptismos e óbitos, aos expostos e a testamentos. – (E4).

1688-07-MARCOS (Francisco Sanches), *História da Misericórdia do Alandroal*, Évora, Tipografia Diana, 1982, 271 [4] p., il., mapa, plantas, quadros.

História da Misericórdia do Alandroal, sede do concelho do mesmo nome, desde a sua fundação na primeira década do século XVI até aos nossos dias. A importância dos legados pios (fundação de capelas) na constituição do património da Misericórdia. O património artístico é constituído pela capela do século XV, que contém pinturas a fresco dos santos José, João Baptista, Gregório Magno, Francisco de Assis, Isabel e os restos de um altar dedicado a Nossa Senhora da Visitação. A actual igreja da Misericórdia, fundada no

século XVII, comporta ainda azulejos pintados com cenas da última ceia e do lava-pés, altares consagrados a São Francisco de Assis e a Santa Ana, uma tela a óleo do século XVIII conhecida como Painele da Visitação, catorze telas a óleo representando cenas da Paixão e sete bandeiras. Estas saíam na procissão das Bandeiras na noite da Quinta-Feira Santa, cujo itinerário é assinalado. Quadro sinóptico e cronológico de documentos, datados de 1580 a 1913, actualmente guardados no arquivo da instituição. Transcrição parcial de vários documentos. – (C2-E3-H2-H3).

1689-11-MARQUES (José Alberto), *Arquivo histórico da Santa Casa da Misericórdia da Ericeira: sete séculos de memória – guia*, Ericeira, Mar de Letras, 1998, XVI-290 p.

Guia dos fundos do arquivo histórico da Santa Casa da Misericórdia da Ericeira, concelho de Mafra, contendo documentos datados dos séculos XV a XX agrupados nas seguintes secções: constituição e regulamentação, órgãos de governo, gestão financeira, gestão patrimonial, justiça, saúde e assistência social. O arquivo integra ainda outros fundos relativos às paróquias de São Pedro, freguesia da Ericeira, e de Santo Isidoro, freguesia do mesmo nome, ambas do concelho de Mafra, às confrarias do Santíssimo Sacramento, de Nossa Senhora do Rosário e de Nossa Senhora da Conceição, entre outras. A Santa Casa da Misericórdia da Ericeira foi fundada em 1678. – (G1).

1690-07-MENDES (Isilda de Carvalho Pires), *O património da Misericórdia de Évora*, dissertação de mestrado em Recuperação do Património Arquitectónico e Paisagístico apresentada na Universidade de Évora em 1995, 2 vol., 122-313 p., dactilogr., il., plantas, gráficos (consultável na Biblioteca Nacional de Portugal).

Estudo sobre o património da irmandade da Misericórdia de Évora desde 1499 à actualidade. O volume I compreende notas sobre a vivência e o papel assistencial desempenhado pela irmandade da Misericórdia no século XVI. Aborda também a composição tipológica e numérica do património construído, as formas de aquisição e gestão e os seus fins, a importância do património para a Misericórdia e o que ele representou para a cidade de Évora. O volume II é composto por anexos, que contêm a relação dos primeiros irmãos da Misericórdia, a localização do património urbano do Hospital do Espírito Santo e da Santa Casa da Misericórdia de Évora, assim como uma relação dos provedores da irmandade, plantas e fotografias.

1691-07-PARDAL (Rute), “A assistência praticada pela Misericórdia de Montemor-o-Novo na segunda metade do século XVII através da análise dos seus movimentos económicos”, *A Misericórdia de Montemor-o-Novo: história e património*, coordenação de FONSECA (Jorge), Montemor-o-Novo, Santa Casa da Misericórdia de Montemor-o-Novo, 2008, p. 79-98, il., quadros, gráficos.

Notas sobre a assistência praticada pela irmandade da Misericórdia de Montemor-o-Novo, sede do concelho do mesmo nome, na segunda metade do século XVII, com base na evolução das receitas e despesas. No período analisado, a principal tranche das despesas ia para fins culturais (capelas, missas, capelães, música e cera), como forma de zelar pela alma dos pobres e de fazer cumprir os legados testamentários deixados à instituição, assim como para a assistência domiciliária. Contém anexos com quadros e um gráfico. – (E4)

1692-07-PARDAL (Rute), “Práticas de caridade e assistência em Évora (1650-1750): do percurso ao conteúdo”, *Callipole: Revista de Cultura*, n.º 22, p. 149-159.

Apresentação sintética da dissertação de doutoramento da autora, subordinada ao tema práticas da caridade e assistência em Évora entre 1650 e 1750. O estudo parte da perspectiva dos pobres para salientar o protagonismo da Misericórdia, as razões que levaram os pobres a recorrer à assistência e a sua quantificação, assim como para ensaiar a comparação possível entre a realidade nacional e europeia.

1693-07-PARDAL (Rute), *Práticas de caridade e assistência em Évora (1650-1750)*, Lisboa, Edições Colibri, 2015, 498 [5] p., il.

Esta obra apresenta-se como um estudo em torno das práticas de caridade e assistência em Évora entre 1650 e 1750. Segue duas perspectivas de análise: uma diz respeito às instituições de assistência e à sua administração; outra aborda a comunidade considerada pobre, ou seja, pessoas ou famílias que receberam apoio formal por parte das instituições. O estudo sobre Évora é realizado em comparação com o panorama nacional e europeu. A primeira parte trata do património e das opções de assistência nos séculos XVII e XVIII. É avaliada a estrutura patrimonial da Misericórdia de Évora, como esta cresceu, as dificuldades que encontrou nas diferentes conjunturas políticas e económicas e as respostas a esses desafios. A aplicação dos recursos da confraria foi a análise preferencial, comparada com a realizada a nível nacional. Questiona-se a oposição entre a assistência domiciliária e institucionalizada no quadro europeu. São também comparadas as medidas de apoio aos forasteiros com as ajudas aos naturais de Évora, tentando encontrar variáveis explicativas para as opções realizadas. A segunda parte pretende quantificar a pobreza e os pobres assistidos no seu domicílio, acompanhando a intervenção da assistência da Misericórdia. Este conhecimento resultou da avaliação das lógicas distributivas da confraria, mas também da comparação com situações idênticas noutros pontos da Europa nos séculos XVII e XVIII. É também analisado o universo da assistência providenciada pelo Cabido da Sé de Évora e pelo legado do cônego Diogo Vieira Velho, igualmente administrado pela Misericórdia. Por fim, é feita a distinção entre os dois grandes grupos de pobres: um que corresponde aos normais padrões de pobreza e outro

associado às elites empobrecidas. A terceira parte centra-se nos pobres e na pobreza, avaliando as relações destes com os administradores das instituições e as estruturas de assistência. É identificada a centralidade da esmola formal nas suas vidas e a importância de outros meios que se terão implementado para além da assistência institucional. É abordada ainda a questão das estratégias informais de sobrevivência. Na quarta e última parte, o estudo aprofunda a análise dos grupos de pobreza, procurando diferentes formas de representação e reprodução social dos indivíduos e das famílias, tentando saber qual a razão da necessidade de assistência. Este jogo entre as escalas individual e familiar permite entender se o recurso à assistência foi motivado por um único factor ou por um conjunto de condicionalismos que terão interagido.

1694-15-PATRÍCIO (Sandra), *Santa Casa da Misericórdia de Sines: 500 anos de história de uma instituição, 1516-2016*, Sines, Santa Casa da Misericórdia, 2016, 431 p., il., quadros, gráficos.

Estudo sobre a Misericórdia de Sines, sede do concelho do mesmo nome, desde a sua fundação em 1516 ao início do século XXI, centrando-se nos séculos XIX e XX. Notas sobre as confrarias de Sines no século XVI fundadas em honra do Santíssimo Sacramento, do Espírito Santo, de Nossa Senhora do Rosário, das Salas ou Salvas, dos santos Bartolomeu, Pedro, Sebastião, assim como do Corpo Santo ou Pedro Gonçalves Telmo (dos pescadores). Em 1758 permaneciam as do Santíssimo Sacramento, do Corpo Santo e de São Sebastião, a que juntaram as de São João Baptista, de São Luís, bispo de Toulouse, e a das Almas. É ainda mencionada a Ordem Terceira de São Francisco de Assis. Notícia sobre os actos de culto da iniciativa da Misericórdia. A igreja da Misericórdia data do início do século XVII e o inventário do seu património artístico assinala o altar do Senhor dos Passos, hoje desmantelado, as imagens de Cristo Crucificado, do Senhor Jesus dos Passos, de Nossa Senhora da Graça e de Nossa Senhora da Soledade, as bandeiras processionais pintadas, os relicários do Santo Lenho, de Santa Justa e de São Silvestre. Em anexo são identificados os irmãos desde 1715, sendo dada uma breve referência biográfica de alguns, entre outras informações. Colaboração de FALCÃO (José António) e PEREIRA (Ricardo Estevam). – (G1-G4-H3-H7).

1695-11-PEREIRA (José A. Machado), *Ecos da confraternidade: hospital do Espírito Santo, irmandade do Espírito Santo, irmandade do Senhor Jesus da Misericórdia, Santa Casa da Misericórdia*, Azambuja, Santa Casa da Misericórdia, 2002, 664 p. il.

Estudo sobre as associações de assistência na cidade de Azambuja, sede do concelho do mesmo nome, desde o século XIV ao século XX. Antes da fundação da Misericórdia em 1542, havia o hospital e a irmandade do Espírito Santo, tendo sido na sua capela que foi instalada pela primeira vez a irmandade

da Misericórdia. A igreja da Misericórdia data dos finais do século XVII ou início do século XVIII. Análise dos compromissos desde o século XVI a 1983. A devoção ao Senhor Jesus da Misericórdia realizou-se até 1966. Contém um apêndice documental. – (C2-D3).

1696-07-PESTANA (Manuel Inácio), “Notícias históricas”, *500 anos – Santa Casa da Misericórdia de Estremoz*, coordenação de RUAS (João), Estremoz, Santa Casa da Misericórdia de Estremoz, 2002, p. 17-57, il.

Contribuição para o estudo da irmandade da Misericórdia de Estremoz, sede do concelho do mesmo nome, desde a sua fundação até ao século XX. Análise da questão da fundação que se efectuou provavelmente em 1502 ou em data anterior. Inicialmente instalou-se na igreja de São Miguel Arcanjo e depois transferiu-se para a nova igreja em 1610, junto ao hospital de Nossa Senhora dos Mártires, que foi anexado à Misericórdia em 1578. Breve análise dos compromissos de 1640, de 1915, 1959 e 1984. É apresentado o rol dos provedores desde 1514 à actualidade, traçado o seu perfil e referidas as obras dos primeiros provedores. – (C2).

1697-12-PESTANA (Manuel Inácio), “A Santa Casa da Misericórdia de Portalegre: subsídios documentais para a sua história”, *A Cidade: Revista Cultural de Portalegre*, n.º 12, 1998, p. 71-102, il.

Apresentação e inventário dos fundos documentais da Santa Casa da Misericórdia de Portalegre, fundada no início do século XVI, que compreende um rol dos livros e títulos (1502-1804), num total de 717 documentos, o último dos quais data de 1804, contendo uma enumeração dos sumários, com ênfase nas doações e nos testamentos. Dados históricos sobre a Misericórdia fundada em 1500-1501. O compromisso da Misericórdia de 1613 designa as seguintes obrigações religiosas: a participação na missa no dia da Visitação de Nossa Senhora (2 de Julho) e nas procissões de Todos os Santos e de Quinta-Feira das Endoenças, cujo percurso é também estabelecido pelo mesmo compromisso. – (D2-E3-E4).

1698-07-PESTANA (Manuel Inácio), “Tombo Antigos da Misericórdia de Vila Viçosa (1504-1651)”, *Callipole: Revista de Cultura*, n.º 5-6, 1998, p. 51-75, quadros.

Apresentação e transcrição do tombo da Misericórdia de Vila Viçosa, sede do concelho do mesmo nome, datado de 1504 a 1651. O tombo compreende documentos sobre a instituição de capelas através de legados pios, doações e testamentos, entre outros. – (E4).

1699-12-PINA (Fernando Correia), “Cristãos-Novos na Misericórdia de Fronteira: alguns elementos para o seu estudo”, *A Cidade: Revista Cultural de Portalegre*, n.º 6, 1991, p. 97-102.

Breve estudo sobre as relações entre cristãos-novos e a irmandade da Misericórdia de Fronteira, sede do concelho do mesmo nome. Em 1573 foram expulsos da irmandade vários cristãos-novos acusados de judaísmo. A fundação da Misericórdia deu-se entre 1516 e 1555.

1700-07-PIRIZ (Luís Afonso Limpo), “O passado e o presente da Santa Casa de Olivença”, *As Misericórdias: ontem, hoje e amanhã*, II Congresso Internacional: notícias, comunicações, imagens, Lisboa – Caldas da Rainha, Edição da União das Misericórdias Portuguesas, 1985, p. 283-298.

Subsídio para o estudo da Santa Casa da Misericórdia de Olivença, cidade portuguesa até 1801 e desde então integrada na Espanha. A sua fundação deu-se em 1501. Era da responsabilidade da Santa Casa a organização das procissões da Semana Santa. Descrição da capela do Espírito Santo, pertencente à Misericórdia, que possui no seu interior pinturas e azulejos pintados representando passagens do Antigo e do Novo Testamento. – (C2-E1-E3-H2)

1701-11-PITA (Isabel), PIMENTA (Ana Sofia), “O Arquivo Histórico da Santa Casa da Misericórdia de Cascais e sua documentação.”, *Arquivo de Cascais: Boletim Cultural do Município*, n.º 10, 1991, p. 73-80 [12], il.

Relação do espólio do arquivo histórico da irmandade da Misericórdia de Cascais, sede do concelho do mesmo nome, desde a sua fundação em 1551 até 1940, que lista documentos relativos à sua génese e à vida económica, social e administrativa, bem como testamentos e outros documentos. Alguns livros do arquivo dizem respeito à irmandade de Nossa Senhora dos Anjos. – (E4-G1).

1702-11-PITA (Isabel), PIMENTA (Ana Sofia), “Arquivo histórico da Santa Casa da Misericórdia de Cascais”, *Um olhar sobre Cascais através do património*, Cascais, Câmara Municipal – Associação Cultural de Cascais, 1989, vol. II (fontes documentais e arte sacra), p. 33-40.

O espólio documental do arquivo da Santa Casa da Misericórdia de Cascais, sede do concelho do mesmo nome, fundada em 1551 na capela de Santo André, hoje a sacristia da actual igreja. O primeiro compromisso data de 1698. Do espólio constam documentos redigidos entre 1499 e 1866: testamentos, registos de óbitos e documentos relacionados com a igreja nova, as procissões e as missas, assim como os diversos compromissos da Misericórdia. Alguns livros do arquivo dizem respeito à irmandade de Nossa Senhora dos Anjos. – (C2-E3-E4-G1).

1703-15-QUINTAS (Maria da Conceição), “Misericórdia de Setúbal”, *Monografia da freguesia de S. Julião*, coordenação de QUINTAS (Maria da Conceição), Setúbal, Junta de freguesia de S. Julião, 1993, p. 287-325.

Contribuição para o estudo da irmandade da Misericórdia de Setúbal fundada em 1500. A análise dos estatutos desde 1868 permitem constatar a redução da interferência eclesiástica relativamente aos anteriores datados de 1618. Dados sobre a organização interna e o novo hospital. – (A5).

1704-15-QUINTAS (Maria da Conceição), “As Misericórdias na sociedade portuguesa dos séculos XIX-XX: estudo de um caso (Setúbal)”, *Piedade popular – sociabilidades, representações, espiritualidades: actas do colóquio internacional*, Lisboa, Terramar, 1999, p. 571-589.

Breve estudo sobre o papel assistencial da irmandade da Misericórdia de Setúbal, fundada em 1500. No século XVI, anexou os hospitais do Espírito Santo e do Corpo Santo ou Pedro Gonçalves Telmo e, no século XIX, o de Nossa Senhora da Anunciada. Análise dos estatutos da irmandade desde o século XVI ao século XX. Descrição da dinâmica caritativa da Misericórdia de Setúbal no século XX.

1705-11-REGO (Rogério de Figueiroa), “A Casa do Espírito Santo de Alenquer: relação de alguns confrades”, *Boletim da Academia Portuguesa de Ex-Libris*, n.º 43, 1968, p. 26-31, il.

Lista de alguns membros da confraria do Espírito Santo de Alenquer, sede do concelho do mesmo nome, de 1460 a 1580. A casa do Espírito Santo de Alenquer foi fundada pela Rainha Santa Isabel em 1283.

1706-07-REIS (Célia), *A Misericórdia de Torres Vedras (1520-1975)*, Torres Vedras, Santa Casa da Misericórdia, 2016, 177 [2] p., il., quadros, gráficos.

Estudo sobre a Santa Casa da Misericórdia de Torres Vedras, sede do concelho do mesmo nome, desde 1520 a 1975. Levantamento das instituições de assistência no concelho de Torres Vedras no século XVI, algumas das quais foram integradas na Misericórdia. O papel religioso e assistencial da festa do Espírito Santo e do hospital do Espírito Santo. Menção da confraria das Ovelhas dos Pobres. A história da Misericórdia através dos seguintes temas: a evolução da Santa Casa, os irmãos (entrada, obrigações, privilégios, exclusão e reintegração), o governo e os poderes internos, a relação com outros poderes locais (Igreja, elites locais), as actividades de culto, a ajuda aos necessitados, os servidores, o suporte económico. Os momentos principais do culto eram as cerimónias da Visitação e as dedicadas a São Lourenço, as celebrações de Quinta-Feira Santa e do dia do Espírito Santo. A Misericórdia tinha missas de obrigação, denominadas capelas, instituídas por testamento. Possuía como lugares de culto a capela do Espírito Santo e a igreja da Misericórdia construída nas últimas décadas do século XVII. – (C2-D4-E1-E4).

1707-11-11-REIS (Maria de Fátima), “Caridade e filantropia. As associações paroquiais de Lisboa: das irmandades e confrarias às comissões de beneficência”, *Turres Veteras X – História do sagrado e do profano*, Torres Vedras – Lisboa, Câmara Municipal – Edições Colibri – Instituto de Estudos Regionais e do Municipalismo “Alexandre Herculano”, 2008, p. 219-223.

Nota sobre a evolução das associações paroquiais (irmandades, confrarias, comissões de beneficência) da cidade de Lisboa, no final do século XIX e princípios do século XX, quando o benfeitor cede o lugar ao filantropo. Estas mudanças traduziram-se no desenvolvimento do mutualismo substituindo as extintas corporações de ofícios e as confrarias que lhes estavam ligadas. Notícia de alguns exemplos.

1708-11-REMA (Henrique Pinto), “Cooperação entre a Misericórdia de Lisboa e a Congregação das Hospitaleiras Portuguesas”, *V Centenário das Misericórdias portuguesas*, coordenação de OLIVEIRA (Isabel Maria Mota de), Lisboa, Academia Portuguesa da História – Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, 2000, p. 123-150.

Contribuição para o estudo da cooperação existente entre a Misericórdia de Lisboa e a Congregação das Hospitaleiras Portuguesas nos séculos XIX e XX. Referência ao papel assistencial da Igreja no início do século XIX, visível na construção de hospitais pelas ordens religiosas e na distribuição de alimentos aos pobres pelos frades dos conventos. Após 1834 a laicização liberal atinge a própria Santa Casa da Misericórdia, que se mostra incapaz de satisfazer as carências da população, tornando necessária a fundação de obras sociais. Entre elas destacam-se as obras da Congregação das Hospitaleiras Portuguesas em cooperação com a Santa Casa. Segundo os estatutos datados de 1874, as irmãs comprometiam-se a tratar dos enfermos, pobres ou não, nos hospitais e casas particulares, a ensinar crianças pobres e pensionistas e a prestar serviços em creches.

1709-11-REMA (Henrique Pinto), *A fraternidade da Venerável Ordem Terceira franciscana secular de Nossa Senhora de Jesus, Lisboa, 1631-2014*, Lisboa, By The Book, 2015, 137 [1] p.

Contribuição para o estudo da Ordem Terceira de São Francisco de Assis de Nossa Senhora de Jesus, formada em 1631 com irmãos vindos da Fraternidade de São Francisco da Cidade. Chegou a contar com muitos irmãos, a distribuir muitas esmolas aos seus membros e a mandar dizer inúmeras missas pelos irmãos falecidos. Dados sobre a fraternidade de Nossa Senhora de Jesus nos séculos XVII a XX e, em particular, sobre o impacto do poder político e das mudanças de regime na vida da fraternidade. Historial da capela (1640-2014) da Ordem Terceira instituída no convento de Nossa Senhora de Jesus em Lisboa, com referência aos seus altares e imagens. Actualmente os objectos

de culto são compostos pelas imagens de Nossa Senhora da Assunção, de São Domingos, de São Francisco de Assis e de Santo António. Descrição das suas obras sociais até hoje. – (C2-H1).

1710-11-RIBEIRO (Victor), *A Santa Casa da Misericórdia de Lisboa: subsídios para a sua história*, Lisboa, Academia das Ciências, 1998, 21-XIII-563 p., il., plantas.

Reprodução fac-similada da edição de 1902 da monografia da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa desde 1498 até ao final do século XIX. Os aspectos abordados são os seguintes: a instituição e a sua vida histórica, onde trata do contexto da sua criação, dos fundadores, dos compromissos, das bandeiras, das relações com a Câmara Municipal de Lisboa e com os monarcas, da administração no período liberal, do património móvel e imóvel e a sua localização. Descrição dos lugares de culto, particularmente da igreja de São Roque e do seu recheio, onde avultam imagens e pinturas, dos privilégios e das comemorações do quarto centenário. São igualmente tratados os fundos e as receitas, as iniciativas de beneficência no século XIX (socorro dos meninos enjeitados, protecção da velhice, recolhimento de órfãos, socorro aos presos, enterramentos, esmolos diversas, assistência na doença, sopa da caridade) e o futuro da beneficência. – (C2-H1-H2).

1711-07-SÁ (Isabel dos Guimarães), “A fundação das Misericórdias e a rainha D. Leonor (1458-1525): uma reavaliação”, *Actas das II Jornadas de Estudo sobre as Misericórdias*, Penafiel, Câmara Municipal, 2009, p. 15-33, quadros.

Reavaliação do papel da rainha Dona Leonor como fundadora das Misericórdias. Segundo a autora, a rainha só fundou a Misericórdia de Lisboa em 1498, sendo poucas as Misericórdias fundadas durante a sua vida. Apesar disso, considera que foi a grande influência que teve sobre o rei que fez deste o grande difusor da confraria como modelo para todo o reino e territórios ultramarinos.

1712-11-SÃO PAIO (Marquês de), “A Ordem Terceira Carmelita em Lisboa”, *Carmelo Lusitano*, n.º 4, 1986, p. 135-141.

Subsídios para a história da Ordem Terceira Carmelita, fundada no convento do Carmo em Lisboa por iniciativa do Santo Condestável (Nuno de Santa Maria). Em 1407 foi instituída em Lisboa a confraria do Escapulário ou do Bentinho (por causa da insígnia ou escapulário que os frades, ao ingressarem nela, recebiam), que se transformou ou desdobrou em Ordem Terceira Carmelita cerca de 1629. Nota sobre os estatutos da ordem datados de 1665 e 1714. Notícia da capela da ordem na igreja do Carmo em Lisboa, na qual foram expostos um crucifixo e as imagens de Nossa Senhora do Carmo, do santo Simão Stock e do papa João XII. As festas mais importantes celebradas pela ordem eram dedicadas à Purificação de Nossa Senhora (2 de Fevereiro) e a Nossa Senhora do Carmo (23 de Julho). Quanto às iniciativas processionais,

salientam-se a Via-Sacra (nas sextas-feiras da Quaresma) e a procissão do Triunfo da Paixão do Nosso Senhor Jesus Cristo (na sexta-feira de Ramos). Nota sobre a provável origem da procissão do Triunfo. – (D2-D3-E3-H1).

1713-11-SERRÃO (Joaquim Veríssimo), *A Misericórdia de Lisboa: quinhentos anos de história*, Lisboa, Livros Horizonte – Misericórdia de Lisboa, 1998, 685 p., il., quadros, gráficos.

História da Misericórdia de Lisboa de 1498 até 1997, principalmente desde a segunda metade do século XVIII. A irmandade foi fundada em 1498 na capela de Nossa Senhora da Piedade, situada no claustro da Sé de Lisboa, pela rainha Dona Leonor, tendo como objectivo a prática das catorze obras materiais e espirituais de caridade. A sede da irmandade estabeleceu-se depois na igreja da Conceição Velha (1534) e na igreja de São Roque (1768), onde se encontra ainda hoje. O autor segue a linha cronológica da gestão das diversas provedorias, optando pela reconstituição da vida administrativa, religiosa e assistencial da Misericórdia. Outros aspectos tratados compreendem a análise dos compromissos de 1500, 1502, 1516 e 1618, que são transcritos em apêndice, as iniciativas de protecção régia, as relações da Misericórdia com o poder central e o impacto da evolução política do País na Misericórdia, assim como as medidas legislativas a seu favor e as listas de provedores. – (C2).

1714-11-SERRÃO (Joaquim Veríssimo), “Nos cinco séculos da Misericórdia de Lisboa: um percurso na história”, *Oceanos*, n.º 35, 1998, p. 8-22, il.

História da Misericórdia de Lisboa desde a sua fundação em 1498 pela rainha Dona Leonor até ao século XX. As bases da organização interna e a definição dos objectivos foram estabelecidas pelos compromissos de 1500, 1502 e 1516. A rápida expansão da instituição concretizou-se na fundação de sessenta e uma misericórdias até 1525, ano em que faleceu a fundadora, e de mais cinquenta até 1599. A primeira sede foi na capela de Nossa Senhora da Piedade situada no claustro da Sé de Lisboa em 1534; depois foi transferida para a capela de Nossa Senhora da Conceição Velha e, em 1768, para a igreja de São Roque, onde permanece. Em 1564 o hospital Real de Todos os Santos foi integrado na Misericórdia. Os dias solenes instituídos eram o 2 de Julho, dia da Visitação de Nossa Senhora, a Quinta-Feira das Endoenças e o dia de Todos os Santos. Nota sobre a acção da Santa Casa da Misericórdia ao longo dos tempos até à actualidade e sobre a sua relação com os poderes públicos. – (C2-D2-E1-E3).

1715-11-SERRÃO (Joaquim Veríssimo), “A origem da Misericórdia como irmandade”, *Cidade Solidária*, n.º 1, 1998, p. 48-51, il.

Nota sobre a origem da irmandade da Misericórdia fundada em Lisboa no ano de 1498. A irmandade da Misericórdia deve ser compreendida no contexto

de uma nova política de centralização dos serviços de assistência. Segundo o autor, é uma criação nacional, pois não se destina principalmente a acompanhar os condenados à morte, como em Roma e Florença, mas a perseguir finalidades mais amplas baseadas num conceito de piedade a todos os níveis de espiritualidade: a assistência compreendia a caridade para com a pobreza, a doença, os presos, os condenados à morte e o sofrimento em geral, devendo os irmãos exercer uma espécie de laicado de forte inspiração religiosa.

1716-12-SILVA (Ana Isabel Pires da), *O Hospital da confraria de S. Francisco/Santa Casa da Misericórdia de Ponte de Sor: das origens a 1850*, Ponte de Sor, Santa Casa da Misericórdia, 2005, 69 p., quadros, gráficos.

Estudo sobre o hospital da confraria de São Francisco de Assis /Santa Casa da Misericórdia de Ponte de Sor, sede do concelho do mesmo nome, desde as suas origens antes do século XVIII até 1850. A instituição manteve sempre o duplo estatuto, de que se serviu para melhor se defender das decisões régias.

1717-12-SILVA (Ana Isabel Pires da), *Inventário do fundo documental da Santa Casa da Misericórdia de Ponte de Sor*, Ponte de Sor, Santa Casa da Misericórdia, 2004, 28 p.

Inventário do fundo documental da Santa Casa da Misericórdia de Ponte de Sor, sede do concelho do mesmo nome, que contém um núcleo que dá informações sobre a documentação relativa à administração e funcionamento interno (compromissos) e às diversas áreas em que intervém a Misericórdia.

1718-11-SILVA (Carlos Guardado da), MELÍCIAS (André Filipe Vítor), *A Misericórdia do Cadaval*, Cadaval, Santa Casa da Misericórdia, 2005, 127 p., il., quadros.

História da Misericórdia do Cadaval, sede do concelho do mesmo nome, fundada em 1930. Notas sobre a origem, os fins e a evolução das Misericórdias em Portugal. Notícia da fundação do hospital de Nossa Senhora da Conceição em 1924, criado por disposição e doação testamentária. Análise do seu compromisso. São abordadas a anexação do hospital à Misericórdia, as relações entre a irmandade e a administração do hospital e a evolução da Misericórdia até ao princípio do século XXI. Transcrição de parte do testamento do instituidor do hospital de Nossa Senhora da Conceição. – (E4).

1719-15-SILVA (Germesindo), *A fundação da Santa Casa da Misericórdia de Grândola*, Vila Real de Santo António, Empresa Litográfica do Sul, 1988, 77 [3] p., il.

Historial da Santa Casa da Misericórdia de Grândola, sede do concelho do mesmo nome, fundada em 1568. Descrição da sua fundação, organização, objectivos, fontes de receitas e das suas práticas assistenciais e caritativas

dirigidas aos doentes, aos presos, aos pobres e aos mortos. Reprodução fac-similada e transcrição de documentos, incluindo a parte conhecida do compromisso da Misericórdia.

1720-11-SILVA (Manuel Ferreira da), “O desaparecimento da Irmandade da Misericórdia de Lisboa: factores que o determinaram”, *As Misericórdias: ontem, hoje e amanhã*, II Congresso Internacional: notícias, comunicações, imagens, Lisboa – Caldas da Rainha, Edição da União das Misericórdias Portuguesas, 1985, p. 151-173, il.

Contribuição para o estudo do desaparecimento da irmandade da Misericórdia de Lisboa no século XIX. Fundada pela Rainha Dona Leonor, a então confraria de Nossa Senhora da Piedade, sediada na capela do mesmo nome no claustro da Sé de Lisboa e dedicada à acção caritativa e religiosa, foi transformada em irmandade da Misericórdia de Lisboa. Foi extinta pelo decreto liberal de Agosto de 1834, mas a natureza e bens da Misericórdia já haviam sido alterados por um decreto em 1800, segundo o qual os bens doados por particulares passaram a ser incorporados na Coroa. Em 1835 um outro decreto dos liberais retirava às Misericórdias os hospitais e as albergarias. A partir dessa data, a Misericórdia de Lisboa, nascida para o serviço evangélico do mundo, foi aproveitada politicamente sob o pretexto de praticar solidariedade, deixando de ser uma irmandade da Misericórdia para se tornar um instituto público chamado Santa Casa de Lisboa. – (I3).

1721-11-SILVA (Nuno Vassalo e), “Os quinhentos anos da Misericórdia de Lisboa”, *Olisipo*, n.º 7, 1998, p. 37-46.

Notas sobre a história e o papel social da irmandade da Misericórdia de Lisboa, desde a sua fundação em 1498 ao final do século XX. Esta representa o término de um movimento de caridade em Portugal, que teve o seu início no século XIII com as ordens mendicantes e se expandiu por acção da ordem da Santíssima Trindade. Ao mesmo tempo, outras irmandades e confrarias possuíram durante a Idade Média os seus lugares de assistência (albergarias, hospitais, gafarias). A fundação deu-se em 1498, pela irmã do rei Dom Manuel I, Dona Leonor, ficando sediada na capela de Nossa Senhora da Terra Solta na Sé Patriarcal de Lisboa. Aí já tinha existido uma irmandade intitulada Nossa Senhora da Piedade, da qual permanece o rasto, figurando no verso da bandeira da Misericórdia. O compromisso da Misericórdia na forma impressa em 1516 foi o modelo das Misericórdias espalhadas por Portugal e pelo Império e teve a primeira alteração em 1616. A segunda sede da irmandade foi, desde 1534, a igreja da Conceição Velha, destruída pelo terramoto de 1755. Em 1768, o rei doou perpetuamente à irmandade para nova sede a igreja de São Roque, que pertenceu à Companhia de Jesus expulsa de Portugal no ano de 1759, e entregou-lhe a administração do novo hospital de Todos os Santos.

Em 1833, foi entregue à Misericórdia o edifício do convento de São Pedro de Alcântara e, em 1851, perdeu as características de irmandade. Menção de diversas iniciativas de tipo assistencial. – (C2).

1722-07-SIMÕES (João Miguel), *História da Santa Casa da Misericórdia de Borba*, Borba, Santa Casa da Misericórdia, 2006, 318 p., il.

História da Misericórdia de Borba, sede do concelho do mesmo nome desde a fundação da irmandade do Espírito Santo em 1379, que foi convertida em irmandade da Misericórdia no ano de 1524. As relações da irmandade da Misericórdia com o poder régio, a Igreja e as instituições locais. Análise das principais doações recebidas pela irmandade feitas por declaração testamentária. A evolução da administração desde o século XVI a 2005. A problemática da construção da igreja da Misericórdia edificada entre 1511 e 1526, assim como as transformações que sofreu ao longo dos séculos. Os objectos de culto: a tela representando São Tiago Matamouros e o retábulo com a imagem de Nossa Senhora do Amparo. – (C2-E4-H1-H2).

1723-07-SIMÕES (João Miguel), *Índice do Arquivo Histórico da Santa Casa da Misericórdia de Borba*, Borba, Santa Casa da Misericórdia, 2006, 146 [12] p.

Índice do Arquivo Histórico da Misericórdia de Borba, sede do concelho do mesmo nome, que abrange o período de 1513 a 2002, cujas entradas principais são: constituição e regulamentação, administração patrimonial (por exemplo, testamentos, gestão de legados pios), expediente, gestão de pessoal, assistência social, colegiada e hospital. – (E4).

1724-07-SOUSA (Bernardo Vasconcelos e), “Pobreza, assistência e acção da Igreja na Évora dos séculos XIV e XV”, *Eborensia: Revista do Instituto Superior de Teologia de Évora*, n.º 39-40, 2007, p. 37-52.

Estudo sobre a acção da Igreja na assistência aos pobres em Évora nos séculos XIV e XV. As casas de assistência estavam em muitos casos situadas nas proximidades ou mesmo nas instalações de lugares de culto. A iniciativa privada expressou-se sobretudo através das confrarias, de que é exemplo a de Santa Maria, sediada na Sé. A reforma das albergarias e hospitais levou à fundação das Misericórdias, segundo o modelo da Misericórdia de Lisboa (1498), sendo a de Évora criada no ano seguinte.

1725-11-SOUSA (Ivo Carneiro de), “O compromisso primitivo das Misericórdias portuguesas (1498-1500)”, *Revista da Faculdade de Letras (Porto)*, História, vol. XIII, 1996, p. 259-307.

Estudo sobre o primitivo compromisso das misericórdias portuguesas datado de 1498-1500. A primeira irmandade dedicada a Nossa Senhora da Misericórdia nasceu numa capela do claustro da Sé de Lisboa em 1498, sob o impulso e

patrocínio da rainha Dona Leonor. Da sua dimensão social, moral e espiritual salientam-se como funções principais: desenvolver actividades de apoio aos doentes, pobres, indigentes, órfãos e desprotegidos; gerir hospitais e albergarias e recolher esmolas; promover funerais e garantir o enterro dos restos mortais dos condenados queimados; ajudar presos e condenados; organizar saídas processionais e manifestações religiosas impressionantes na sua dimensão penitencial e disciplinante. Alguns aspectos fundamentais da renovação introduzida pela Misericórdia, em particular na sua funcionalidade sócio-religiosa, que se apresenta claramente marcada pela penitência e pela espiritualidade. A adesão à espiritualidade da Paixão e à meditação protectora e intercessora de Maria expressa-se numa continuada prática penitencial que se concretiza na dimensão espiritual individual das obras de misericórdia e, principalmente, na organização de manifestações processionais penitenciais que incluíam a flagelação. Na prática colectiva de penitência corporal destaca-se a procissão de Quinta-Feira das Endoenças, uma das três obrigações anuais a cumprir pelos confrades. Transcrição do primeiro compromisso da Misericórdia de Lisboa, datado de 1500. – (E1-E3).

1726-11-SOUSA (Ivo Carneiro de), “Da fundação e da originalidade das Misericórdias Portuguesas (1498-1500), *Oceanos*, n.º 35, 1998, p. 24-39, il.

Contribuição do estudo sobre a irmandade da Misericórdia, fundada em Lisboa no ano de 1498 pela rainha Dona Leonor e a sua originalidade, actividades e funções, a partir de uma fonte documental que se pensa ser o exemplar manuscrito do regulamento original da confraria. As normas confraternais: os princípios gerais do cumprimento das obras da misericórdia e da mobilização dos confrades, as manifestações processionais e a assistência funerária aos confrades. As actividades confraternais de assistência a pobres, doentes, condenados e presos, assim como a sua interligação com as obrigações religiosas. O carácter penitencial manifesta-se nas actividades processionais (Quinta-Feira Santa, dia de Todos os Santos e procissão das Endoenças). Caracterização da organização original das misericórdias. Segundo o autor, no cerne da actividade da Misericórdia está a adesão à espiritualidade da Paixão e à mediação da dimensão protectora e intercessora de Maria, expressando-se numa prática penitencial e na organização de manifestações processionais penitenciais que incluíam frequentemente a flagelação. – (D2-D3-E3).

1727-11-TAVARES (Maria José Ferro), “D. Leonor e a fundação das Misericórdias”, *Oceanos*, n.º 8, 1991, p. 89-95, il.

Breves notas sobre a instituição da irmandade de Nossa Senhora da Misericórdia, fundada sob o patrocínio da rainha Dona Leonor em Lisboa no ano de 1498. A sua acção norteou-se pela necessidade de solucionar o aumento da mendicidade urbana: o auxílio caritativo privado não bastava para dar resposta às

necessidades cada vez maiores dos pobres da cidade, tornando-se imperativo centralizar os esforços numa única instituição. A irmandade da Misericórdia congregava os donativos para remissão dos pecados, mas consubstanciava em si o objectivo de actuar junto dos pobres, doentes e enjeitados, assim como de intervir junto dos presos. Menção da confraria de Nossa Senhora da Piedade sediada na Sé de Lisboa, em cuja capela foi fundada a irmandade da Misericórdia. – (G1).

1728-.-TAVARES (Maria José Ferro); “Para o estudo das confrarias medievais portuguesas: os compromissos de três confrarias de homens bons alentejanos”, *Estudos Medievais*, n.º 8, 1987, p. 55-72.

Subsídios para o estudo da confraria denominada por Santo Sepulcro ou dos Homens Bons de Évora, devido a ser constituída por homens bons (ovelheiros) oriundos de Viana do Alentejo que tinham ido a Jerusalém e que tinham Santa Maria como patrona. Outra confraria de Homens Bons era composta por mercadores de Beja. Ambas foram fundadas nos séculos XII-XIV. Os fins principais destas confrarias: praticar a caridade através da doação de alimentos e ajudar os seus membros ou os seus familiares na pobreza, na doença, na prisão e na morte (enterro, missas por alma). Previam também a peregrinação a Jerusalém e a Santiago do Compostela como expressão de devoção e penitência. Também era significativo o culto mariano, celebrando-se várias festividades, e o número das missas rezadas por alma dos confrades falecidos. Transcrição dos compromissos das confrarias de Beja e de Viana do Alentejo, ambos do século XIV. – (D2-E3-G1).

1729-11-TELLES (João Bernardo Galvão), “As armas da Santa Casa da Misericórdia de Alenquer: devoção e milagre numa composição heráldica de mestre Bénard Guedes”, *Armas e Troféus*, 2013, p. 89-116, il.

A propósito da homenagem ao mestre de heráldica Bénard Guedes, o autor estuda a heráldica da Santa Casa da Misericórdia de Alenquer, fundada provavelmente em 1527. Na moderna heráldica concebida por aquele sobressai a coroa de Nossa Senhora e as rosas que rodeiam o escudo das armas nacionais, provavelmente uma alusão ao milagre das rosas da Rainha Santa Isabel, que ofereceu uma rosa a cada um dos trabalhadores da capela do Espírito Santo de Alenquer, sede do concelho do mesmo nome, que acabaria por se transformar em dinheiro. – (F1).

1730-.-VALLECILLO TEODORO (Miguel Angel), *Historia de la Santa Casa de Misericordia de Olivenza (1501-1970)*, 1993, 151 [21] p., il., planta.

História da Santa Casa da Misericórdia de Olivença, cidade portuguesa até 1801 e hoje integrada em Espanha, desde a sua fundação em 1501 até 1970. Origem e evolução da Misericórdia no século XVI, os seus regulamentos e

a administração. Análise das obrigações da Santa Casa (curar os enfermos civis e militares, cuidar dos presos e enterrar os mortos). O património da Misericórdia compreendia o hospital e a ermida do Espírito Santo (anterior a 1500). Na ermida conservam-se imagens, altos-relevos, azulejaria e pinturas entre as quais oito bandeiras de procissão. Nestes objectos de culto estão representadas cenas do Antigo Testamento, da vida e paixão de Cristo, a vinda do Espírito Santo, Nossa Senhora da Misericórdia, os santos João Baptista e Susana. Notícia sobre as procissões de Quinta-Feira Santa e de Sexta-Feira Santa. Menção das confrarias das Chagas (1519), do Santíssimo Sacramento e do Espírito Santo, fundada antes do século XVI, entre outras. Transcrição da relação das sepulturas da igreja da Misericórdia, do regulamento dos enterros e cemitérios e de um testamento. – (E3-G1-H2-H3).

1731-...-VALLECILLO TEODORO (Miguel Angel), “La Santa Casa de Misericordia de Olivenza y sus privilegios”, *Callipole: Revista de Cultura*, n.º 2, 1994, p. 55-61.

Notas sobre a Santa Casa da Misericórdia de Olivença (cidade portuguesa até 1801 e desde então integrada em Espanha), desde a sua fundação aos princípios do século XVIII. A Misericórdia de Olivença foi fundada em 1501, esteve sediada primeiro na igreja de Santa Maria do Castelo e, depois de 1520, na ermida do Espírito Santo. As suas finalidades consistiam em socorrer os enfermos e os presos pobres. Relação dos privilégios outorgados às Misericórdias em geral e à Misericórdia de Olivença em particular, entre 1498 e 1716.

1732-07-*Arquivo da Misericórdia de Monsaraz: inventário*, coordenação de MARIZ (José), Reguengos de Monsaraz, Câmara Municipal, 2001, 62 [2] p., il.

Nota introdutória e edição do corpus documental do Arquivo da Santa Casa da Misericórdia de Reguengos de Monsaraz, sede do concelho do mesmo nome, de 1521 até 1992. O arquivo contém documentos sobre a sua constituição e regulamentação (compromissos), órgãos de governo, administração patrimonial (por exemplo, instituição de capelas por decisão testamentária) incluindo peditórios, esmolas e testamentos a favor da Misericórdia, entre muitos outros. A Santa Casa da Misericórdia de Reguengos de Monsaraz foi fundada por volta de 1528, anexando a antiga confraria do Espírito Santo. A Misericórdia organizava anualmente a procissão em honra de Nosso Senhor dos Passos. Na sua igreja encontram-se painéis que representam Cristo Descido da Cruz e a Visitação (século XVI), a imagem do Senhor dos Passos (século XVII) e uma colecção de bandeiras dos Santos Passos (séculos XVII-XVIII). Colaboraram na obra GALHÓS (Duarte), SERRÃO (Vitor) e FONSECA (Hélder), entre outros. – (E3-E4-H2-H3).

1733-11-*Catálogo das obras impressas no século XVII: a colecção da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa*, Lisboa, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa – Arquivo Histórico/Biblioteca, 1994, XLVIII-543, il. (Centro de Documentação da Misericórdia de Lisboa).

Catálogo das obras impressas no século XVII que pertencem à colecção da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa das quais trezentos e quatro são de tipografia portuguesa e seiscentos e quarenta e dois de tipografia estrangeira. A colecção inclui livros directamente relacionados com a Misericórdia, nomeadamente a edição dos compromissos de 1619 e de 1674. Apresentação de MARTINS (José Vitorino de Pina). Introdução, organização, bibliografia, catalogação e índices de VELLOSO (Júlio Caio), com a colaboração de NASCIMENTO (Paulo Manuel Coelho do) e SILVA (Rosa Carolina Serrão e).

1734-11-*Catálogo das obras impressas no século XVIII: a colecção da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa*, Lisboa, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, 1999, 2 vol., LXII-1141 p. (Centro de Documentação da Misericórdia de Lisboa).

Catálogo das obras impressas no século XVIII que pertencem à colecção da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, das quais mil trezentos e dezoito são de tipografia portuguesa e seiscentos e onze de tipografia estrangeira. A colecção contém livros directamente relacionados com a Misericórdia, nomeadamente três impressões distintas do compromisso da irmandade da Misericórdia, os estatutos da irmandade dos Clérigos Pobres, o compromisso da Congregação de Nossa Senhora da Conceição, os livros de assentos dos irmãos da confraria de São Roque, normas e estatutos de ordens religiosas, por exemplo da Ordem Terceira do Carmo e da Ordem dos Frades Menores, sermões, crónicas de ordens religiosas. A documentação iconográfica que interessa à Misericórdia inclui o rosto de alguns compromissos. Apresentação de MARTINS (José Vitorino de Pina). Introdução, organização, bibliografia, catalogação e índices de VELLOSO (Júlio Caio). – (B5-G1).

1735-11-*Catálogo das obras impressas nos séculos XV e XVI: a colecção da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa*, segunda edição revista e aumentada, Lisboa, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, 1994, LXIV-124 p. (Centro de Documentação da Misericórdia de Lisboa).

Catálogo das obras impressas nos séculos XV e XVI que pertencem ao fundo bibliográfico antigo da colecção da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, que é composto por três incunábulos, dezoito impressos de tipografia portuguesa e cento e doze estrangeira. O cimélio mais importante entre as edições portuguesas do século XVI é o compromisso da irmandade da Misericórdia de 1516. Apresentação de MARTINS (José Vitorino de Pina). Introdução, organização, bibliografia, catalogação e índices de VELLOSO (Júlio Caio).

1736-*Colectânea legislativa da Misericórdia da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa (1498-1998)*, coordenação de CARDOSO (Rogério Seabra), Lisboa, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, 1998, 220 p., il.

Compilação da legislação sobre a Santa Casa da Misericórdia de Lisboa e sobre as Misericórdias em geral entre 1498 e 1998, que reúne exclusivamente as fontes impressas. O estudo introdutório arruma a produção legislativa em três grandes campos: definição estatutária e regulamentação do funcionamento dos seus órgãos, do pessoal e dos meios financeiros; definição económica da instituição quer mediante propostas de melhor administração do património, quer através da regulamentação dos meios financeiros e fiscais, de bens imobiliários ou mobiliários provenientes de doações do Estado e de particulares; definição e delimitação das actividades e do modo como estas são executadas a favor das populações carenciadas.

1737-15-*Compromisso da irmandade da Santa Casa da Misericórdia de Alcácer do Sal (1530-1982)*, Alcácer do Sal, Santa Casa da Misericórdia, 1982, 19 p.

Compromisso de 1982 da irmandade da Misericórdia de Alcácer do Sal, sede do concelho do mesmo nome, fundada em 1530 com o objetivo de satisfazer carências sociais e praticar actos de culto católico. Estes consistem na missa mensal, na festa anual da Visitação em honra da padroeira, nas cerimónias litúrgicas da Semana Santa, na missa de sufrágio por alma de cada irmão falecido, nas exéquias anuais do mês de Novembro por alma de irmãos e benfeitores. – (D2-E1-E4).

1738-07-*Compromisso da Irmandade da Santa Casa da Misericórdia de Borba 1524-1982*, Borba, Irmandade da Santa Casa da Misericórdia, 1982, 17 [5] p.

Estatutos de 1982 da irmandade de Nossa Senhora da Misericórdia de Borba, sede do concelho do mesmo nome, fundada em 1524 com o fim de praticar a caridade por meio da assistência e da beneficência. As obrigações de culto são as festas da Visitação, as cerimónias litúrgicas da Semana Santa, as missas de sufrágio e pelos irmãos falecidos, as exéquias anuais realizadas no mês de Novembro pelos irmãos e benfeitores falecidos, assim como as missas dominicais. – (D2-E1-E4).

1739-12-*Compromisso da irmandade da Santa Casa da Misericórdia de Castelo de Vide*, Castelo de Vide, Santa Casa da Misericórdia, 1983, 27 [3] p.

Compromisso de 1983 da irmandade da Misericórdia de Castelo de Vide, sede do concelho do mesmo nome, fundada em 1633, que se constitui como uma associação de fiéis que visa a prática das obras de misericórdia, de assistência espiritual e de actos de culto.

1740-07-*Compromisso da irmandade da Santa Casa da Misericórdia de Estremoz: 1554-1985*, Estremoz, Tipografia Progresso, 1985, 25 p.

Estatutos de 1984 da irmandade da Misericórdia de Estremoz, sede do concelho do mesmo nome, fundada em 1554. A irmandade tem o objetivo de praticar as obras de misericórdia e realizar actos do culto católico: assistência religiosa, a festa anual da Visitação, a missa de sufrágio pela alma de cada irmão falecido, as exéquias anuais de Novembro por alma dos irmãos e benfeitores falecidos. – (D2-E4).

1741-12-*Compromisso da irmandade da Santa Casa da Misericórdia de Fronteira*, 1983, Fronteira, Irmandade da Santa Casa da Misericórdia, 1983, 32 p.

Compromisso da irmandade da Misericórdia de Fronteira, sede do concelho do mesmo nome, fundada em 1890, que estabelece como objectivos a prática de actos de solidariedade social e de culto cristão. O culto e a assistência espiritual compreendem a missa dominical na capela da Misericórdia, a festa anual da Visitação em honra da sua padroeira, missas de sufrágio pelos irmãos falecidos e anuais (Novembro) por todos os beneméritos falecidos. – (D2-E1-E4).

1742-07-*Compromisso da Santa Casa da Misericórdia de Évora*, Évora, Gráfica Eborense, 1967, 35 p.

Estatutos de 1967 da irmandade de Nossa Senhora da Misericórdia de Évora, fundada em 1499, cujo fim é praticar a caridade por meio da assistência e da beneficência. As obrigações de culto são as festas da Visitação (2 de Julho) e do Pentecostes, as cerimónias litúrgicas de quinta e da sexta-feira da Semana Santa, o funeral, a missa do sétimo dia, o ofício pelos irmãos falecidos em Novembro, assim como as missas dominicais e em dias santificados. – (D2-E1-E4).

1743-07-*Compromisso da Santa Casa da Misericórdia de Évora*, Évora, Gráfica Eborense, 1982, 27 p.

Compromisso de 1982 da irmandade da Misericórdia de Évora fundada em 1499, que tem por fim praticar a virtude da caridade por meio da assistência e da beneficência. As obrigações de culto são a festa da Visitação (2 de Julho), padroeira da Misericórdia, as cerimónias litúrgicas da quinta e sexta-feira da Semana Santa, o funeral, a missa do sétimo dia e as nove missas pelos irmãos falecidos em Novembro, assim como as missas dominicais e em dias santificados. – (D2-E1-E4).

1744-11-*O Compromisso da Santa Casa da Misericórdia de Oeiras*, Oeiras, Tipografia Vieira, 1963, 22 [3] p.

Novo compromisso de 1963 da Santa Casa da Misericórdia de Oeiras e São Julião da Barra, concelho de Oeiras, fundada em 1926, e da irmandade de Nossa

Senhora da Conceição e Santo Amaro, sediada na sua capela. Compreende disposições relativas à organização interna e aos fins da Misericórdia, bem como às obrigações religiosas da irmandade da Imaculada Conceição e Santo Amaro: assistência religiosa e moral aos doentes, missa mensal pelos irmãos falecidos, festas anuais em honra dos padroeiros (15 de Janeiro e 8 de Dezembro). – (D2-D4-E4-G1).

1745-11-*Compromisso da Santa Casa da Misericórdia de Torres Vedras*, Torres Vedras, Irmandade da Santa Casa da Misericórdia, [D.L. 1960], 14 p.

Estatutos de 1960 da Santa Casa da Misericórdia de Torres Vedras, sede do concelho do mesmo nome, estabelecendo como objectivos principais a caridade e o enterramento dos pobres e indigentes sem meios para o funeral, assim como velar pelos legados pios. – (E4).

1746-12-*Compromisso da Santa Casa da Misericórdia do concelho de Marvão*, Marvão, Irmandade da Santa Casa da Misericórdia, 1983, 22 p.

Compromisso de 1983 da irmandade da Misericórdia de Marvão, sede do concelho do mesmo nome, fundada em 1582 com o fim de praticar as obras de misericórdia e realizar celebrações religiosas. Estas consistem na assistência espiritual a todos os que frequentam as obras sociais da irmandade, na missa dominical, na festa anual da Visitação, nas cerimónias litúrgicas da Semana Santa, nas missas de sufrágio por alma dos irmãos falecidos e nas exéquias do mês de Novembro. – (D2-E1-E4).

1747-07-*Compromisso [Santa Casa da Misericórdia de Estremoz]*, Estremoz, Santa Casa da Misericórdia de Estremoz, [D.L. 1962], 18 p.

Estatutos aprovados em 1962 da irmandade da Santa Casa da Misericórdia de Estremoz, sede do concelho do mesmo nome, que substituem os de 1915. A irmandade tem como objectivos prestar assistência aos pobres e indigentes do concelho de Estremoz com o espírito próprio de uma instituição que visa a prática cristã. À irmandade compete promover o enterramento dos pobres e indigentes sem família ou sem meios, assegurar o culto na capela privativa e velar pelo cumprimento dos legados pios. – (E4).

1748-11-*Confraria de São Vicente de Paulo: estatuto*, Torres Vedras, Gráfica Torriana, 1960, 7 p.

Estatutos da confraria de São Vicente de Paulo, antigo Asilo das Velhinhas, freguesia de Carnide em Lisboa, datados de 1960, cujos fins consistiam em promover, subsidiar e intensificar o culto a São Vicente São Paulo, zelar pelas almas dos irmãos falecidos, gerir o asilo, dar assistência a crianças e pessoas idosas. – (D4-E4).

1749-07-*Estatutos da irmandade de S. Pedro e de Santa Marta do Clero da Arquidiocese de Évora*, Évora, Gráfica Eborense, 1961, 20 p.

Estatutos da fundação da irmandade de São Pedro e de Santa Marta do Clero da diocese de Évora, que resulta da fusão da irmandade dos Clérigos Pobres de São Pedro da vila de Estremoz, sede do concelho do mesmo nome, e da confraria das Almas de Santa Marta de Évora. A sua sede situa-se na igreja de Santa Marta e o padroeiro principal é São Pedro. Os seus fins são prestar o socorro espiritual e material aos irmãos (oração, conselho, apoio financeiro, sufrágio das almas dos falecidos) e orar pelos benfeitores vivos e defuntos. As obrigações de culto consistem na celebração anual da festa do padroeiro e nas missas pelos irmãos e benfeitores falecidos. – (D4-E4).

1750-11-*Fraternidade da Ordem Terceira de Varatojo: um ciclo da sua história*, Torres Vedras, Gráfica Torriana, 1975, 34 p.

Notas sobre a história da Ordem Terceira Franciscana do Varatojo, freguesia de Santa Maria do Castelo e São Miguel em Torres Vedras, sede do concelho do mesmo nome. Notas sobre a evolução, os períodos de decadência, o seu desmembramento, a colaboração com outras instituições religiosas (Acção Católica), a sua acção missionária, as outras comunidades franciscanas subsidiárias, a devoção a São Francisco de Assis (celebrado no dia de Reis) e as obras de caridade. Notícia da restauração da ordem em 1920 e da tentativa da elaboração dos estatutos gerais (1957) com a promulgação das Constituições Gerais da Ordem Terceira. – (D4).

1751-12-*Inventário do Arquivo Histórico Municipal de Avis*, Avis, Câmara Municipal, 1985, 112 p. dactilogr.

Inventário do Arquivo Histórico Municipal da vila de Avis, sede do concelho do mesmo nome, que é composto por documentos divididos em dois núcleos: um, datado de 1521 até à década de 60 do século XX; outro, do século XVII à actualidade. Parte da documentação é composta por livros da Santa Casa da Misericórdia de Avis, testamentos e livros das confrarias e irmandades do Santíssimo Sacramento, do Senhor dos Passos, de Nossa Senhora de Entre-Águas, do Rosário, Mãe dos Homens, da Orada e das Almas. – (E4-G1).

1752-15-“A ornamentação da igreja da Misericórdia de Almada para a ‘Festa da Visitação’, em 1574”, *Almada na História: Boletim de Fontes Documentais*, n.º 17-18, 2010, p. 17-18.

Transcrição de uma decisão da mesa da irmandade da Misericórdia de Almada, sede do concelho do mesmo nome, datada de 1574, que determina a obrigatoriedade do provedor ordenar a ornamentação da capela no dia da festa da Visitação.

1753-12-“Património Histórico de Elvas: Santa Casa da Misericórdia Elvas”, *Elvas, História Viva: Revista Municipal de Cultura e Património*, n.º 3, 2007, p. 5-6, il., planta.

Notícia sobre a Santa Casa da Misericórdia de Elvas, sede do concelho do mesmo nome, fundada provavelmente em 1501-1502. Inicialmente esteve sediada na igreja de Santa Maria Madalena, mas desde 1566 passou a ter igreja própria de que é dada uma breve nota. – (C2).

1754-11-*Provedores da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa desde 1851*, sistematização, coordenação e textos de CARDOSO (Rogério Seabra), Lisboa, Arquivo Histórico/Biblioteca da Misericórdia de Lisboa, 1995, 440 p., il.

Contribuição para a história da Misericórdia de Lisboa através da súmula da acção desenvolvida por cada provedor desde 1851 até 1995, perfazendo um total de vinte administrações. Para cada provedor são tratados os seguintes aspectos: o enquadramento histórico de cada mandato, a beneficência, a assistência social, a saúde, a organização e a regulamentação, o património, os recursos humanos, a cultura e a organização de jogos de sorte e azar.

1755-07-*Recenseamento dos arquivos locais, câmaras municipais e misericórdias*, coordenação geral de MARIZ (José), vol. I, distrito de Lisboa, 237 p.; vol. IV, distrito de Portalegre, 259 p.; vol. XII, distrito de Évora, 303 p., vol. XI, distrito de Setúbal, 146 p., Lisboa, Arquivos Nacionais/Torre do Tombo, 1995-2000.

Recenseamento dos arquivos das câmaras municipais e das Misericórdias dos distritos de Évora, Lisboa, Portalegre e Setúbal organizados por concelho. Do acervo documental constam a descrição dos fundos de várias confrarias e irmandades, assim como de testamentos. Destaca-se a documentação relativa aos órgãos de governo, à gestão financeira e patrimonial e à obra assistencial das irmandades da Misericórdia. – (E4-G1).

1756-15-“Santa Casa da Misericórdia de Almada: 450 anos a fazer o bem”, *Boletim da Santa Casa da Misericórdia de Almada*, 2005, p. 3, il.

Breve notícia da irmandade da Misericórdia de Almada, sede do concelho do mesmo nome, desde a sua fundação em 1555 até à sua completa autonomia administrativa em 1611. A Misericórdia absorveu outras instituições de ajuda ao próximo que existiam em Almada.

1757-07-*Subsídios para a história da Santa Casa da Misericórdia de Évora*, Évora, Tipografia Diana – Gráfica Eborense, 1958 (parte I)-1969,1979,1981, 4 vol., 391 (209, 182)-176-147 p., il., planta.

História da Santa Casa da Misericórdia de Évora desde a sua fundação em 1499 até ao século XX. No volume I são analisadas as instituições de assistência de Évora até 1567, data em que a Misericórdia assume a administração dos

hospitais do Espírito Santo e de São Lázaro. A irmandade da Misericórdia esteve sediada primitivamente na capela de São Joãozinho (João Baptista), passando depois para a igreja de São Francisco de Assis até à construção de uma igreja própria. Segundo o compromisso de 1516, a acção assistencial passava por visitar presos, curar os enfermos, providenciar refeições, abrigar e dar roupa aos pobres, enterrar os mortos e dar pousada a peregrinos. Transcrição de diversos documentos. No volume II são tratados os acontecimentos mais relevantes da Misericórdia e dos seus dois hospitais no período entre 1567 a 1667: o compromisso e a sua evolução nos séculos XVI-XVII, em particular o alargamento da acção das misericórdias, a construção da actual igreja (1577) e as obras realizadas no hospital do Espírito Santo. O volume III tem por objecto o período de 1667 a 1910, sendo abordados os aspectos seguintes: o compromisso do século XVII e o regimento do hospital no século XVIII, a vida interna e material, os tombos da Santa Casa e os arrolamentos do século XIX, bem como a sua evolução no contexto do liberalismo (1834-1910). No volume IV há uma resenha de factos do período de 1910 a 1975: a acção das diferentes administrações (aquisições, instalações, novos regulamentos); as relações com a República, a separação da irmandade da Misericórdia e do hospital em 1975, regressando a Misericórdia ao seu primitivo espírito caritativo, O autor do volume I, parte I (1499-1567) e parte II (1567-1667) é GUSMÃO (Armando). O autor dos volumes III (1667-1910) e IV (1910-1975) é GUERREIRO (Jerónimo de Alcântara) e a numeração de cada volume é feita a partir da primeira página. – (C2-I3).

1758-11-*Um instrumento português de solidariedade social no século XVI: o compromisso da Misericórdia de Lisboa*, reedição fac-similada, introdução, comentários e notas de SERRÃO (Joaquim Veríssimo), [Lisboa], Chaves Ferreira – Publicações, 1992, 43 p. [56 p. fac-similada].

Introdução, comentários e notas, transcrição e reedição fac-similada do texto de 1520 do compromisso da irmandade da Misericórdia de Lisboa, cujo original terá desaparecido com o terramoto de 1755. Notas sobre a fundação da primeira irmandade da Misericórdia em 1498 numa capela da Sé de Lisboa dedicada a Nossa Senhora da Piedade, por iniciativa da rainha Dona Leonor. Menção de anteriores confrarias de caridade, que funcionavam desde o século XII, dedicadas principalmente ao Espírito Santo. O compromisso era o instrumento onde se fixam os objectivos e as obrigações da instituição, nomeadamente as sete obras ligadas à vida material: curar os enfermos, vestir os nus e alimentar os famintos; dar de beber a quem tem sede e habitação aos pobres e peregrinos, assim como enterrar os mortos. Para cumprimento destes propósitos a confraria dispunha de cem homens. Consideravam-se como dias solenes o da Visitação de Santa Isabel (2 de Julho), a Quinta-Feira das Endoenças, para se participar na procissão dos Penitentes, e o dia

de Todos os Santos. O poder de irradiação das Misericórdias em Portugal e nas colónias, com indicação de algumas Misericórdias fundadas até 1600. – (D2-E1-E3)

1759-11-*Venerável Ordem Terceira de Nossa Senhora do Monte do Carmo de Lisboa: estatutos*, Lisboa, Ordem Terceira de Nossa Senhora do Carmo de Lisboa, 2019, 20 p.

Estatutos de 2013 da Ordem Terceira de Nossa Senhora do Monte Carmo, fundada em 1609 no convento do Carmo em Lisboa. Hoje, a sua sede está no edifício da ordem situado no Largo do Carmo em Lisboa. Nota de apresentação de PARDAL (Maria Manuela dos Santos).

G4 – De ofícios

1760-11-AMARAL (Cristina), “Os dias das gentes: Alhandra na segunda metade do século XIX”, *Cira: Boletim Cultural*, n.º 10, 2010, p. 107-144.

Estudo sobre a vila de Alhandra, sede do concelho do mesmo nome, que contém dados sobre a sua vida religiosa na segunda metade do século XIX. As festas religiosas eram organizadas sobretudo por associações profissionais, sediadas em lugares de culto, ligadas aos marítimos, aos trabalhadores de telhais, aos ofícios agrícolas e ao comércio/artesanato. A irmandade da Misericórdia era constituída sobretudo por marítimos e realizava algumas das principais celebrações religiosas de Alhandra; a denominada Congregação da Ajuda era constituída pelos trabalhadores dos telhais, possuía a capela de Nossa Senhora da Ajuda, outrora chamada de São Sebastião, e realizava as suas festas no mês de Agosto; a irmandade da Ordem Terceira de São Francisco de Assis e pertencia aos artesãos e comerciantes; a irmandade do Santíssimo Sacramento compunha-se de lavradores e proprietários de terras. A igreja matriz foi destruída por um incêndio provocado pelo fogo-de-artifício em 1887, passando a igreja da Misericórdia a matriz até 1924. – (C2-D2-G1-G2).

1761-11-BALSA (Francisco), *Da irmandade de Santa Cecília ao Sindicato dos Músicos*, Lisboa, Edição do Sindicato dos Músicos, 1999, 33 p.

A irmandade de Santa Cecília foi fundada em 1603 na cidade de Lisboa. Tinha como funções principais o culto da padroeira, defender os músicos, promover e dignificar a música. Em 1603 estava sediada no convento do Espírito Santo da Congregação dos Oratorianos de São Filipe de Néri e em 1688 instalou-se na igreja de Santa Justa. Com o terramoto de 1755 foi obrigada a estabelecer-se na igreja de São Roque, onde permaneceu até 1776, passou depois para a igreja de Santa Isabel e encontra-se, desde 1789, na igreja de Nossa

Senhora dos Mártires. Até 1834, com a criação do Montepio Filarmónico, o seu papel era duplo: prestar assistência (apoio médico, monetário e participar nos funerais de irmãos) e controlar o exercício da profissão. Notícia da festa da padroeira, que se realizava no dia 22 de Novembro até ao final do século XIX. Era um acontecimento religioso, social e artístico relevante na vida da cidade. A irmandade como associação profissional chegou praticamente ao fim em 1834, com a criação da Associação de Socorros Mútuos Montepio Filarmónico, e extinguiu-se em 1933 com a criação do sindicato dos músicos. Menção da imagem de Santa Cecília. – (C2-D4-I3).

1762-11-CRESPO (Hugo Miguel), “O compromisso da confraria do bem-aventurado Santo Eloy dos ourives de Lisboa”, *Rossio: Estudos de Lisboa*, n.º 8, 2019, p. 70-75, il.

Nota sobre a confraria de Santo Elói fundada cerca de 1551 na igreja de Santa Maria Madalena em Lisboa. Entre 1608 e 1674, esteve sediada na igreja de Nossa Senhora de Belém e, a partir de 1681, passou a reunir-se na ermida de São Sebastião, para além de ter um altar na igreja de Santa Maria Madalena em 1691, possuindo assim duas sedes. A reforma do compromisso foi assinada na sede da confraria de São Sebastião em 1750. Em 1755 o terramoto destruiu as duas sedes e a confraria passou para a igreja de São Martinho de Tours. Em 1793 foi dotada de um novo compromisso que estabelecia as regras de funcionamento da mesma.

1763-11-GUEDES (Fernando), *A confraria de Santa Catarina do Monte Sinai da corporação dos livreiros: subsídios para sua história*, Lisboa, Associação Portuguesa de Editores e Livreiros, 2003, 44 p., il.

Conferência proferida em 2003 na igreja paroquial de Santa Catarina de Alexandria em Lisboa, por ocasião do regresso a esta igreja da imagem de Santa Catarina do Monte Sinai, padroeira da confraria dos Livreiros. Segundo o autor, a confraria foi fundada em 1460 pelo condestável Dom Pedro e por alguns nobres e livreiros num lugar de culto onde hoje existe a Quinta de Santa Catarina, na freguesia da Cruz Quebrada-Dafundo, concelho de Oeiras, mudando depois para Lisboa. Análise do compromisso de 1567 que reproduz na íntegra o compromisso inicial, onde foi reforçada a importância dos livreiros. As obrigações eram a assistência na doença e na morte. Em 1557 instalou-se numa igreja mandada construir pela rainha Dona Catarina, cabendo à confraria organizar e financiar boa parte das actividades religiosas que nela se realizaram nos três séculos seguintes. A igreja foi destruída pelo terramoto de 1755 e reconstruída a expensas da irmandade até que, em 1835, um incêndio a derrubou para sempre. Então a sede da paróquia foi transferida para a igreja que fora dos paulistas até 1834. O novo compromisso, aprovado em 1869, determinava a separação entre os livreiros e a fidalguia,

acentuando o pendor assistencialista. Em 1890 a confraria mudou-se com a imagem de Santa Catarina de Alexandria para a igreja de Nossa Senhora da Lapa, situada na freguesia da Lapa em Lisboa. As condicionantes impostas pela República contribuem para o definhamento da confraria, cujo espólio ficou nesta igreja, entretanto encerrada ao culto, obrigando a confraria a regressar à igreja de Santa Catarina de Alexandria em 2003.

1764-11-FLOR (Susana Varela), FLOR (Pedro), *Pintores de Lisboa, séculos XVII-XVIII: a Irmandade de S. Lucas*, Lisboa, Scribe, [D.L. 2016], 206 p., quadros.

Contribuição para a história da irmandade de São Lucas dos pintores de Lisboa, sediada na igreja do convento dominicano de Nossa Senhora da Anunciada desde a sua criação em 1609, salientando os principais momentos, intervenientes e dinâmicas. Em anexo, são apresentados os vários corpos directivos da irmandade (as Mesas), a lista de assentos dos irmãos e notas sobre alguns pintores mais relevantes, entre outros elementos. Dados sobre o convento feminino dominicano da Anunciada dedicado à Anunciação da Virgem e, em particular, sobre a capela da irmandade. Descrição da organização e do funcionamento da irmandade: as preocupações assistencialistas e o seu papel de controlo artístico.

1765-11-REIS (Maria de Fátima), “Resistências e sentidos do culto do Espírito Santo em Lisboa na Época Moderna”, *Em nome do Espírito Santo: história de um culto*, coordenado por SERRÃO (José Vicente), Lisboa, Edição do Instituto dos Arquivos Nacionais/Torre do Tombo, 2004, p. 61-67, il.

Breve estudo sobre o culto do Espírito Santo em Lisboa no século XVII através do caso da irmandade do Espírito Santo dos Pescadores e Mareantes do Alto de Alfama. A irmandade foi instituída em 1390 na igreja paroquial da freguesia de São Miguel, mas a partir de 1651 ou 1652 instalou-se na ermida do Espírito Santo, também conhecida pelo nome de Nossa Senhora dos Remédios. Esta invocação deve-se ao fato de ter sido encontrada uma imagem da Virgem num poço cujas águas se tornaram milagrosas. Possuía um hospital e um cemitério. Análise das manifestações de culto determinadas pelo compromisso: as festas do Espírito Santo e de São Pedro Gonçalves Telmo, que era celebrada no dia de Nossa Senhora dos Prazeres. – (C3-D3-D4-F2).

1766-11-SANTOS (Georgina Silva dos), *Ofício de sangue: a irmandade de São Jorge e a Inquisição na Lisboa moderna*, Lisboa, Edições Colibri – Instituto de Cultura Ibero-Atlântico, 2005, 315 p., il., quadros, planta.

Estudo sobre a irmandade dos mesterais de ferro e fogo de São Jorge fundada em Lisboa no ano de 1558, teve na sua génese a devoção a São Jorge pelos reis de Portugal. Transformou-se num ícone de culto para os monarcas

e depois uma entidade popular. Dados sobre as variantes medievais do mito de São Jorge e sobre os regimentos das procissões do Corpo de Deus em diversas cidades portuguesas e, particularmente, em Lisboa. Dados sobre as vivências profissionais dos mesterais (31 profissões) e a organização confraternal formada em redor de São Jorge. Análise da importância do culto do mártir, com relevo para a variante do mito de São Jorge evocada pelos irmãos e as festas em sua honra, assim como para as ligações dos oficiais de ferro e fogo à Inquisição. – (A5-D4-E3).

1767-11-SOARES (Maria Micaela), “A irmandade do Senhor dos Passos e a confraria de São Pedro dos Homens do Mar de Vila Franca de Xira”, *Cira: Boletim Cultural*, n.º 6, 1993-1994, p. 49-70.

Notas sobre a irmandade do Senhor dos Passos e a confraria de São Pedro dos Homens do Mar de Vila Franca de Xira, sede do concelho do mesmo nome. A primeira foi fundada antes de 1601 na igreja da Misericórdia (1561) e promovia a procissão do Senhor dos Passos. A segunda foi criada antes do século XVIII na igreja paroquial e devia dar assistência aos mareantes e seus familiares. – (C2-E3-G1).

1768-11-VELOSO (Carlos), “Garcez Teixeira – o historiador”, *Boletim Cultural*, Câmara Municipal de Tomar, n.º 16, 1992, p. 151-168 [138, 4 p.], p. il.

Apontamento biográfico e bibliografia do historiador Garcez Teixeira e nota introdutória ao seu estudo intitulado *A irmandade de S. Lucas, corporação de artistas: estudo do seu arquivo*, datado de 1931 e reproduzido em fac-símile. A irmandade de São Lucas da corporação dos pintores de Lisboa é o germen das actuais Escolas de Belas Artes, Conselhos de Arte e associações de artistas. Foi fundada em 1602 e extinta em 1808. Esteve sediada na igreja do convento feminino dominicano da Anunciada, onde adquiriu uma capela para o culto do seu patrono. A ruína parcial provocada pelo terramoto de 1755 fez passar a irmandade, com a imagem e o retábulo de São Lucas retratando a Virgem, para a igreja do convento de Santa Joana, aí permanecendo até à extinção da irmandade em 1808, por acção das invasões francesas. A análise do compromisso e de outros documentos em anexo que dão informações sobre a origem da irmandade, nomeadamente a sua desvinculação da corporação de São Jorge, em torno da qual se agrupavam os artesãos mecânicos. São transcritos ainda o livro do Compromisso de 1611, o Livro dos Assentos dos Irmãos de 1712 e o Livro das Entradas de 1791. – (C2-H1-H2).

H – OBJECTOS DE CULTO

H1 – Imagens

1769-11-ALMEIDA (António José de), “El escultor Manuel Pereira y un milagro de Fray João de Vasconcelos, O. P., predicator de Filipe IV”, *Reales Sítios*, n.º 157, 2003, p. 20-32, il.

Notas sobre a obra do escultor Manuel Pereira, a quem são atribuídas as imagens de São Domingos e de São Pedro Mártir expostas no arco triunfal da igreja do convento de São Domingos, freguesia de São Domingos de Benfica em Lisboa. Descrição das imagens que foram encomendadas cerca de 1637. Segundo a lenda, a largura das imagens era maior do que o nicho onde estão actualmente, mas quando foram colocadas acabaram por caber graças à intercessão milagrosa do prior Frei João de Vasconcelos. – (F2).

1770-10-ALMEIDA (António José de), *Imagines Sacrae no convento de São Domingos de Benfica – a encomenda de Fr. João de Vasconcelos*, dissertação de mestrado em História da Arte apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa em 1998, 2 vol., 213-37 [79] p., dactilogr., il., plantas (consultável na Biblioteca Nacional de Portugal).

Descrição da igreja do antigo mosteiro de São Domingos, hoje igreja paroquial da freguesia de São Domingos de Benfica na cidade de Lisboa, fundado no século XIV e reconstruído no século XVII. Análise das suas imagens sacras datadas do século XVII, que se integram no contexto da evolução simbólica espacial e da teoria da imagem religiosa e que patenteiam a doutrina tradicional sobre o culto das imagens formulada por São Tomás de Aquino e por São Boaventura, bem como pelas disposições do Concílio de Trento. As imagens e as pinturas estão sobretudo relacionadas com o culto eucarístico. Descrição de objectos de culto: sacrários, pinturas, baixos-relevos e imagens com representações da Natividade, do Presépio, da Adoração do Deus Menino, de Cristo descendo ao Limbo, do Ecce Homo, da Última Ceia, das Virtudes Teológicas (Fé, Esperança e Caridade), de Nossa Senhora do Rosário com o Menino, da Assunção e dos santos Evangelistas, de santos auxiliares (santos intercessores ou santos protectores) e de outros santos, como Agostinho, Ambrósio, Antonino Pierozzi (século XV, arcebispo de Florença), Gonçalo de Amarante, Gregório Magno, Jacinto de Cracóvia (santo dominicano, mais conhecido como São Jacinto da Polónia, século XIII). O volume II contém os apêndices com documentos, plantas e figuras. – (A5-C1-H2).

1771-11-ALMEIDA (Mónica Duarte de), “Esculturas de vulto maneiristas em Nossa Senhora da Luz de Carnide”, *Artis*, n.º 4, 2009, p. 137-173, il.

Estudo sobre as esculturas de vulto maneiristas feitas entre 1575-1601 que ornamentam a igreja de Nossa Senhora da Luz, freguesia de Carnide em Lisboa. A igreja resultou da ampliação de uma ermida mariana do século XVI determinada por ordem da infanta Dona Maria, filha do rei Dom Manuel I, para instituir o seu panteão na capela-mor. Análise plástica e compositiva das dezoito esculturas de vulto que representam, na fachada sul do templo, a Virgem com o Menino e, na parede lateral do lado da Epístola da capela-mor, os evangelistas Mateus e João (no registo inferior ladeando um retábulo pictórico), Lucas e Marcos (no registo superior). Nos pilares dos seus arcos torais figuram os apóstolos Pedro, João, Tiago Maior, André, Filipe, Tomé, Bartolomeu, Mateus, Tiago Menor, Simão, Judas Tadeu e Matias. É feita uma breve referência ao retábulo maneirista do altar-mor em talha dourada, que contém pinturas que representam temas marianos como a Apresentação da Virgem no Templo, a Anunciação, a Visitação, a Adoração dos Pastores, a Adoração dos Magos, a Purificação da Virgem, uma Alegoria da Imaculada Conceição e a Coroação da Virgem. Quanto aos retábulos laterais figuram a Circuncisão e a Sagrada Família. Alusão aos baixos-relevos que integram a estrutura de apoio do altar-mor e que representam a Temperança, a Prudência, a Ciência, a Fé, a Justiça e a Fortaleza, virtudes com que a Infanta Dona Maria exornou a sua vida. Alinhados em relação ao seu túmulo, eles reforçam a coerência temática do espaço funerário evocativo da sua memória. – (C2-C7-H2).

1772-11-AVIZ (Laura de), “A influência de São Tude na tomada de Lisboa aos Mouros”, *Olisipo*, n.º 113-114, 1966, p. 47-53, il.

História da imagem de São Tude ou Antídio trazida para Lisboa pelos cruzados no século XII. Depois da tomada de Lisboa aos mouros, quando a imagem do santo foi colocada numa capela para aí ser venerada, rebentou um veio de água (local que passou a ser denominado Cova de São Tude) que curava tosses e febres. Em Lisboa, quando as crianças tossiam muito, batia-se-lhes nas costas e dizia-se “São Tude, São Tude bem-aventurado te ajude”. Aquela imagem passou depois para a igreja de São Vicente de Fora, situada na freguesia do mesmo nome em Lisboa. Esta igreja, consagrada à Virgem e a São Vicente (cujos restos mortais tinham sido encontrados no Cabo de São Vicente em Sagres, no distrito de Faro), foi construída no século XII e reconstruída na segunda metade do século XVI por Filipe I de Portugal. São Tude está ligado à recuperação da independência de Portugal, pois o dia 17 de Junho de 1668, data da última batalha vitoriosa da Guerra da Restauração contra Espanha, é também o dia de São Tude, atribuindo-se-lhe intervenção milagrosa. Notícias sobre outras duas imagens expostas nas igrejas paroquiais das freguesias da Madalena e de Santos-o-Velho em Lisboa e de uma outra na igreja da Trindade no Porto. Biografia de São Tude: foi cónego da regra

de Santo Agostinho, bispo e acabou com a cabeça cortada por Crocus, que combatia o cristianismo. – (B2-C3-F1-F3).

1773-07-BORGES (Artur Goulart de Melo), “A fundação do Museu de arte sacra de Vila Viçosa, raro exemplo de cooperação”, *Callipole: Revista de Cultura*, n.º 21, 2014, p. 81-94.

Nota introdutória sobre a fundação do Museu de Arte Sacra de Vila Viçosa, sede do concelho do mesmo nome, em 1955, cujo acervo é constituído por peças que pertencem a igrejas e a particulares, cedidas a título de depósito. Transcrição em anexo do inventário inicial, do qual constam numerosas imagens e pinturas que representam Cristo, Nossa Senhora e santos, relicários e bandeiras, entre outros objectos de culto provenientes das igrejas da Santa Cruz, de Nossa Senhora da Conceição, da Lapa, da Esperança, dos santos Romão, Bartolomeu, António, Tiago e Catarina de Alexandria, entre outras. – (C2-H2-H3-H7).

1774-07-BORGES (Augusto Moutinho), “A iconografia de S. João de Deus no Alentejo, séculos XVII-XX”, *Almensor: Revista de Cultura*, n.º 6, 2007, p. 323-375, il., mapas, gráficos.

Notas e inventário da iconografia de São João de Deus no Alentejo (distritos de Portalegre, Évora, Beja e parte do distrito de Setúbal), que se encontra sobretudo em lugares de culto do distrito de Évora. Executada em tela, madeira, azulejo, fresco e vitral datam dos séculos XVII a XX. A maior parte das quarenta e duas representações inventariadas são esculturas e concentram-se em Montemor-o-Novo, sede do concelho do mesmo nome. A sua iconografia representa o santo, cenas da sua vida, como por exemplo o nascimento, a lavar os pés a um pobre, a vestir o Menino, a lavar um doente, a dar pão e como patriarca. Notícia sobre o culto em sua honra. Inventário de mais de cem representações (localização, datação, material de suporte) de São João de Deus em Portugal executadas nos séculos XVII a XX. – (D4-H2).

1775-11-BRITO (Maria Filomena), “Escultura retabular e imaginária em Portugal do Maneirismo ao Barroco”, *Escultura: colecção de escultura da Misericórdia de Lisboa, século XVI a XX*, coordenação de BRITO (Maria Filomena), MORNA (Teresa Freitas), Lisboa, Santa Casa da Misericórdia, 2000, p. 17-23, il.

Estudo introdutório ao catálogo da colecção de escultura do Museu de São Roque, património da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, que analisa a escultura retabular e a imaginária dos períodos maneirista e barroco, da segunda metade do século XVI à primeira metade do século XVIII. A tipologia e morfologia características das peças dos dois períodos e a evolução do gosto artístico da época são analisadas através da gramática decorativa (imagens e pinturas) de algumas das capelas da igreja de São Roque: a capela-mor e

as do Santíssimo Sacramento, de Nossa Senhora da Piedade, da Doutrina e de São João Baptista. Menção das imagens dos quatro santos principais da Ordem de Jesus e ainda de Nossa Senhora da Piedade. A influência das normas do Concílio de Trento na decoração interior dos lugares de culto. Nota sobre as oficinas e as tecnologias utilizadas. – (A5-H2).

1776-07-CÂMARA (Maria Teresa Sousa da), “Como se veste a padroeira de Portugal” *Callipole: Revista de Cultura*, n.º 3-4, 1995-1996, p. 71-73, il.

Nota sobre a indumentária da imagem gótica de Nossa Senhora da Conceição que se conserva na igreja do castelo de Vila Viçosa, sede do concelho do mesmo nome. Esta imagem foi coroada padroeira do reino de Portugal em 1646 por proposta de Dom João IV. Os milagres associados à imagem tornaram-na alvo de grande devoção popular: salvamento de naufrágios e vitória militar sobre os espanhóis (Guerra de Restauração). A indumentária e as jóias da imagem foram doados pela Casa Real no século XVII, por nobres, clérigos e outros particulares. Descrição da preparação e arranjo da imagem em dia de festa. – (D2-E2-F1-F3).

1777-07-CAMPOS (João Pires de), “Expressões da devoção mariana no Alentejo: III na estatuária”, Actas das jornadas mariológicas, *Eborensia: Revista do Instituto Superior de Teologia de Évora*, n.º 17-18, 1996, p. 91-122.

Contribuição para o estudo da devoção mariana na estatuária exposta em ermidas, igrejas, capelas, conventos e santuários, existentes e desaparecidos da diocese de Évora. Os tipos iconográficos fundamentais de Nossa Senhora: a Virgem apocalíptica, a mulher com os ornamentos astrais que lhe dão um aspecto glorificado e de divindade, a mulher com os ornamentos astrais de estrelas, a mulher sem os ornamentos astrais. Nota sobre a evolução da representação de Nossa Senhora desde o século XI. Inventário e breve descrição das imagens datadas dos séculos XV a XVIII, representando Nossa Senhora do Ó, da Encarnação, de Entre-Águas, da Orada, das Candeias, da Luz, do Socorro, da Piedade, da Assunção, da Albergaria, da Boa Viagem, do Bom Sucesso, dos Remédios, do Rosário, do Pilar, da Anunciação, da Conceição, das Necessidades, das Dores, de Aires (Viana do Alentejo), dos Mártires, da Boa Nova, do Amparo, do Carmo, de Brotas, da Luz, dos Mareantes, Mãe dos Homens, da Natividade, da Purificação, das Almas, da Rabaça, da Graça, dos Milagres, da Paz, da Vitória, de Guadalupe, da Aroeira, da Enxara, da Sentença, da Purificação, dos Bem Casados, da Consolação, dos Prazeres, das Neves, das Relíquias, da Visitação, do Pópulo, da Atalaia, da Vila Velha (Fronteira), do Repouso, do Mileu, da Boa Morte, dos Alegria, da Saúde, da Oliveira, da Scala Coeli, das Mercês, do Espinheiro, da Natividade, de Machede, da Guia, da Boa Fé, da Nazaré, do Livramento, da Lagoa, das Candeias, do Alcance, de Lurdes, das Ervas, dos Montes Claros, do Loreto, da Boa Nova,

de ao Pé da Cruz, da Lapa e do Monte Virgem. A extinção das ordens religiosas em 1834 e a implantação da República em 1910 estiveram na origem da destruição, venda ou deposição em museus de numerosas imagens. Alusão a festas marianas que se realizam presentemente em Benavente (distrito de Santarém), a Nossa Senhora da Paz e em várias freguesias do concelho de Évora. Menção das confrarias de Nossa Senhora dos Bem Casados, da Paz e do Rosário, assim como de ordens religiosas. – (D2-G1-I3).

1778-11-CARVALHO (Ayres de), *Obra mafrense*, Mafra, Câmara Municipal, 1992, 206 p., il.

Colectânea de artigos e comunicações do autor publicadas depois de 1948 sobre o palácio e convento de Mafra, assim como sobre a vila, sede do concelho do mesmo nome. Alguns contêm dados sobre a piedade popular desde o século XVIII. Relação descritiva da estatuária da basílica, onde se encontram imagens, escultura retabular e baixos-relevos com representações de Cristo Crucificado, da Virgem, da Sagrada Família, da Anunciação, de Nossa Senhora do Rosário e dos santos Barnabé, Bento, Bernardo de Claraval, Bruno de Colónia, Caetano, Domingos, Félix, Filipe, Francisco de Assis, Paulo, Pedro, Roque, Sebastião, Tiago, Tomé, Ana, Bárbara, Rita de Cássia e Rainha Santa Isabel, entre outros. As irmandades da vila de Mafra eram dedicadas ao Santíssimo Sacramento, a Nossa Senhora do Rosário (já extinta) e a Nossa Senhora das Dores. Em 1780 esta estava sediada na igreja paroquial de Santo André e tinha a obrigação de realizar a procissão das Sete Dores de Nossa Senhora. Esta passou a ser conhecida na tradição popular como “Procissão da Burrinha” devido à representação de um dos seus passos, “a Fuga para o Egipto”, que se realizou pela primeira vez em 1793. Outra irmandade importante era a Venerável Ordem Terceira da Penitência (franciscanos) fundada em 1736, que teve como principais funções a realização da procissão da Penitência e a prestação de auxílio material e espiritual aos pobres e doentes. Nota sobre as festas de carácter religioso e popular, nomeadamente as festas a Santo António, com alusão aos peregrinos que se deslocavam a Lisboa e a Mafra, e a procissão em honra de Nossa Senhora da Nazaré. – (E3-G1-G2-H2).

1779-11-CARVALHO (Carmina Montezuma), “Os bens do extinto convento de S. João de Deus em Lisboa”, *ArtisOn*, n.º 3, 2016, p. 95-103, il. <http://artison.letras.ulisboa.pt/index.php/ao/article/view/64/57> (consultada em 23-09-2020).

O convento de São João de Deus de Lisboa foi fundado em 1629 pela Ordem Hospitaleira de São João de Deus. Durante duzentos anos garantiu a assistência a religiosos, militares e civis. Com a extinção do convento em 1834, grande parte dos seus bens foram incorporados na Fazenda Nacional. Desconhece-se o seu actual paradeiro, à excepção de alguns objectos que são analisados: as esculturas de São João de Deus e de São Rafael Arcanjo, assim como uma

gravura representando o mesmo anjo. Menção de diversas imagens que se encontravam na igreja do convento no início do século XVIII. – (C2-H2-I3).

1780-11-CARVALHO (Maria João Vilhena de), “Imagens milagrosas e obra dourada: a escultura e a talha”, *Igreja da Madre de Deus: história, conservação e restauro*, Lisboa, Instituto Português de Museus, 2002, p. 63-81, il.

Notas sobre o programa decorativo do convento franciscano da Madre de Deus em Lisboa, datado da segunda década do século XVI. Notícia da devoção popular e das monjas do convento à imagem milagrosa de Nossa Senhora Madre de Deus conservada na igreja. Na igreja e em outros lugares do convento, estão expostas imagens e pinturas dos séculos XVI-XVIII que figuram a Sagrada Família e os santos Amaro, Benedito de Palermo, Bento, Brás, Francisco de Assis, Marçal e Onofre. Um busto relicário de Santo António contém a sua relíquia e a de Santa Auta. Descrição do grupo escultórico dito da Sagrada Família que terá sido originalmente uma Santa Parentela pelo que as imagens de Nossa Senhora e de São José são na realidade Santa Ana e São Joaquim. Menção de outras imagens representando Cristo, Nossa Senhora das Necessidades, das Dores e Consoladora dos Aflitos, assim como São Miguel Arcanjo. – (C2-D2-H2-H7).

1781-11-CARVALHO (Maria João Vilhena de), “O património escultórico, leitura de um rol de inventário”, *Monumentos*, n.º 15, 2001, p. 56-61, il.

Estudo sobre o património escultórico do Mosteiro de Santos-o-Novo das Comendadeiras da Ordem de Santiago situado na freguesia da Penha de França em Lisboa, composto por cinquenta imagens de um total de centena e meia que constava de um inventário feito em 1894. As mais antigas (séculos XV e XVI) figuram São Sebastião e São Tiago Menor, as restantes representam a Sagrada Família, o Senhor Morto, o Menino Jesus do Silêncio, Nossa Senhora sob as invocações de Conceição, Rosário, Saúde, Soledade, Mercês, Salvação, Piedade, Graça, Encarnação, Monte Carmo, Penha, Luz, Amparo e Dores, assim como os santos Pedro, Tiago, Joaquim, Sebastião, António, José, João Baptista, Domingos, Ana, Rita de Cássia, Gertrudes Magna, Luzia e os mártires de Lisboa, Veríssimo, Máxima e Júlia, entre outros.

1782-11-DUARTE (António), “Esculturas de pedra existentes em espaço do antigo convento de S. Francisco da Cidade: hipóteses de integração”, *Belas Artes: Revista e Boletim da Academia Nacional de Belas Artes*, n.º 4-6, 1984, p. 149-161, il.

Estudo iconográfico de quatro imagens que figuram os santos Paulo, Pedro, Clara de Assis e Maria Madalena datadas da primeira metade do século XVI. O autor adianta duas hipóteses em relação à sua proveniência merecendo a sua preferência o convento de São Francisco de Assis em Lisboa, onde hoje está a Escola Superior de Belas-Artes. Comparação do estilo das imagens

com outras que se encontram na igreja do mosteiro dos Jerónimos e na igreja da Conceição Velha. – (C2).

1783-15-FALCÃO (José António), PEREIRA (Fernando António Baptista), aliás BAPTISTA (Fernando António), *A imagem gótica da igreja de São Bartolomeu da Serra (Santiago do Cacém)*, Beja, Edição do Departamento do Património Histórico e Artístico da Diocese, 1996, 59 [6] p., il.

Estudo sobre a imagem gótica da igreja paroquial de São Bartolomeu da freguesia de São Bartolomeu da Serra, concelho de Santiago do Cacém, actualmente no museu de arte sacra da cidade, datada de meados do século XIV. São tratados os aspectos iconográficos, iconológicos e feita a leitura histórica da imagem. Notas sobre a vida e o martírio do apóstolo, patrono das doenças do foro neurológico e dos ofícios ligados à preparação de peles (tecelões, cardadores, sapateiros, talhantes). São Bartolomeu é representado com um livro na mão e com o demónio acorrentado aos pés, sendo esta figuração a que teve maior repercussão no conjunto da arte peninsular. – (B2).

1784-11-FLOR (Pedro), “Esculturas Della Robbia em Portugal: o brilho da Fé no tempo do Renascimento”, *Invenire: Revista de Bens Culturais da Igreja*, n.º 4, 2012, p. 6-9, il.

Notícia sobre duas obras da oficina italiana dos Della Robbia: uma existente na igreja paroquial de Nossa Senhora de Belém, freguesia de Santa Maria de Belém em Lisboa, representa São Jerónimo; outra na igreja paroquial de São Lourenço, freguesia do mesmo nome em Vila Nogueira de Azeitão (freguesias de São Lourenço e São Simão), concelho de Setúbal, figura Nossa Senhora do Rosário. Ambas são datáveis da segunda metade o século XV e inícios do século XVI. – (C1)

1785-11-FLOR (Pedro), “A ordem de S. Jerónimo e a escultura do Renascimento em Lisboa”, *Lisboa e as ordens religiosas: actas. Colóquio de história e de história da arte*, coordenação de VALE (Teresa Leonor), COUTINHO (Maria João Pereira), Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa, 2010, p. 27-40, il.

Análise crítica de um Cristo Crucificado em madeira existente no coro-alto da igreja do mosteiro de Nossa Senhora de Belém, freguesia de Santa Maria de Belém em Lisboa, datado de 1551. A análise procura relacionar a plasticidade escultórica da peça e a espiritualidade própria da Ordem de São Jerónimo, bem como problematizar alguns aspectos relativos à autoria da obra.

1786-11-GANDRA (Manuel J.), “Acheegas para o recenseamento da tradição e património antonianos no concelho de Mafra”, *Santo António na Ericeira: actas do VIII centenário do nascimento de Santo António*, Ericeira, Mar de Letras-Editora, 1997, p. 89-98, il.

Contributo para o levantamento do património antoniano do concelho de Mafra. Santo António é o santo de maior culto no concelho desde o século XVIII. Era padroeiro das jovens casaduras e titular de capelas e ermidas dos séculos XV a XIX situadas nos lugares de Aboboreira, já demolida, e de Antas, na freguesia de Azueira, no lugar da Carrasqueira, freguesia da Malveira, e nas freguesias da Carvoeira e da Ericeira. Inventário de quarenta e uma imagens de altar de Santo António que se encontram em igrejas paroquiais e capelas, algumas das quais têm o santo como titular. Alusão aos painéis de azulejos representando o Sermão aos Peixes, o Milagre da Mula, a Aparição de Nossa Senhora ao santo e a Conversão dos Judeus (milagre de Santo António). Segundo a tradição, num dia de festa do santo, uns assaltantes roubaram as imagens da capela e lançaram-nas ao mar, que as devolveu a terra no dia seguinte. Transcrição de uma quadra da fonte da Aboboreira e da música sacra alusiva a Santo António composta para a real basílica de Mafra. – (B4-C2-F2-H2).

1787-12-GONÇALVES (Carla Alexandra), “Uma obra do escultor Gaspar Coelho: o retábulo-mor da Sé de Portalegre”, *A Cidade: Revista Cultural de Portalegre*, n.º 12, 1998, p. 19-44, il.

Análise do retábulo-mor esculpado e pintado da catedral de Portalegre, que denota o espírito de catequização dos fiéis saído do Concílio de Trento. Foi executado a partir de 1590 pelo escultor Gaspar Coelho e completado pelos pintores Simão Rodrigues e Fernão Gomes. Caracterização da imaginária do retábulo composta pelas figuras de Nossa Senhora com o Menino ao colo, por seis profetas, pelos santos Jerónimo, Agostinho, Ambrósio e Gregório Magno, assim como por baixos-relevos, representando os santos Marcos, Mateus, Pedro, Paulo, João Evangelista e Lucas. O retábulo é composto por nove painéis com as representações da Anunciação da Virgem, da Adoração dos Pastores, da Adoração dos Magos, do Repouso na fuga para o Egipto, do Menino entre os Doutores, da Ressurreição, da Assunção da Virgem, do Pentecostes e da Transfiguração de Cristo. – (A5-C1-H2).

1788-11-GORJÃO (Sérgio), “A imagem de Santo António da Igreja da Misericórdia da Ericeira”, *Santo António na Ericeira: actas do VIII centenário do nascimento de Santo António*, Ericeira, Mar de Letras, 1997, p. 75-88, il.

Estudo iconográfico da imagem de Santo António com o Menino da igreja da Misericórdia da freguesia da Ericeira, concelho de Mafra, datada da segunda metade do século XVII, que pertenceu anteriormente à capela de Nossa Senhora da Boa Viagem. Alguns apontamentos biográficos e interpretações sobre a origem e percurso da devoção a Santo António em Portugal, quer a nível régio e estatal, quer popular desde o século XV, quando Dom Pedro traz para o reino uma relíquia vinda de Pádua (Itália). Referência ao milagre da

pregação aos peixes e às práticas populares, relativas ao mar e à pesca, como por exemplo mergulhar uma pequena imagem do santo presa à embarcação para a proteger e atrair os cardumes. Análise sobre a origem e a função do uso de imagens nos templos cristãos, que têm o objectivo de alcançar a salvação através de exemplos de vida. – (F1-F2-H7).

1789-12-GORJÃO (Sérgio), “Rol e avaliação das peças com que se mandou fazer um afogador para a imagem de Nossa Senhora da Estrela do convento de Marvão, no ano de 1756”, *Ibn Maruán: Revista Cultural do Concelho de Marvão*, n.º 4, 1994, p. 13-14, il.

Reprodução de um documento de 1756 que contém a lista e o valor das jóias empregues para executar um colar para a imagem de Nossa Senhora. As jóias foram oferecidas como pagamento de promessas a Nossa Senhora da Estrela, padroeira do convento com o mesmo nome, situado em Marvão, sede do concelho com o mesmo nome. – (C2).

1790-11-GRILLO (Fernando Jorge), “O exercício da fê”, *O convento dos Cardais: veios da memória*, coordenação de VIEIRA (Ana Maria), RAPOSO (Teresa) Lisboa, Quetzal Editores, 2003, p. 235-293, il.

Estudo sobre a escultura de vulto datada dos séculos XVII-XVIII, pertencente ao convento das carmelitas descalças, dedicado a Nossa Senhora da Conceição dos Cardais e localizado no Bairro Alto em Lisboa. Contribuição metodológica para a abordagem da escultura barroca em Portugal: a função cultural e catequética das imagens, a forma da composição, os valores plásticos caracterizados pela tipificação de atitudes e expressões, a influência da espiritualidade carmelita. Análise dos conjuntos retabulares e das imagens que se encontram nos altares e nos oratórios, assim como das esculturas avulsas e das obras luso-orientais, que representam o Calvário (Cristo, a Virgem e São João Evangelista), Nossa Senhora da Conceição, Nossa Senhora do Carmo, a Virgem com o Menino, Nossa Senhora da Boa Morte, os santos José com o Menino, Joaquim, João Evangelista, Teresa de Jesus e Ana. – (A5-B5-H2).

1791-11-HAMM (Sabina), “As capelas do dormitório do mosteiro de Belém.”, *Jerónimos 4 séculos de pintura*, coordenação de ALMEIDA (Isabel Cruz), FRANCO (Anísio), MÂNTUA (Ana Anjos), PAIS (Ana Cristina), VERÍSSIMO (Ana Maria), [Lisboa], Secretaria de Estado da Cultura – Instituto Português do Património Arquitectónico e Arqueológico – Mosteiro dos Jerónimos, [D.L. 1993], vol. II, p. 228-238, il., plantas.

As desaparecidas capelas do dormitório do mosteiro jerónimo de Lisboa eram dedicadas ao Santíssimo Sacramento e a Nossa Senhora das Dores e foram construídas, respectivamente, nos séculos XVI e XVIII. Possuíam diversos objectos de culto: as imagens do Bom Pastor (2), de Cristo, de Nossa Senhora

e dos santos João Baptista e Maria Madalena; as pinturas da Ubiquidade de Santo António, Cristo chamando São Mateus, de Nossa Senhora das Dores, do Rosário e dos santos Domingos e Maria Madalena, bem como as relíquias dos santos Cândido (mártir) e a Vera Efigie de São Filipe de Néri. – (H7).

1792-11-LIBÓRIO (Ana), CÓPIO (Sílvia), “Alguns exemplos de intervenção de conservação”, *Arte e devoção, formas e olhares: desvelar património... velar pelo património*, Vila Franca de Xira, Câmara Municipal, Museu Municipal, 2009, p. 77-93, il.

Inventário das obras restauradas de arte sacra do concelho de Vila Franca de Xira, que integraram a exposição Arte e devoção – formas e olhares que decorreu em Vila Franca de Xira. Nos quatro ciclos expositivos foram exibidas diversas pinturas que representam temas da vida e paixão de Jesus, uma bandeira processional e várias esculturas que figuram Cristo, Nossa Senhora do Bom Parto, da Conceição e da Piedade, os santos Elias, António, Sebastião, Amaro, Luzia e Maria Madalena. – (H2-H3).

1793-11-MACEDO (Diogo de), “Notas sobre o imaginário Manuel Pereira”, *Belas Artes: Revista e Boletim da Academia Nacional de Belas Artes*, n.º 11-13, 1988-1991, p. 23-32 [1], il.

Transcrição de um artigo publicado no *Boletim da Academia Nacional de Belas Artes* de 1956 sobre o imaginário Manuel Pereira que executou trabalhos na primeira metade do século XVII. Da sua obra realizada em Portugal fazem parte as imagens de Cristo Crucificado, de Nossa Senhora do Rosário e dos santos Pedro, Jacinto e Domingos, todas da igreja de São Domingos, freguesia de São Domingos de Benfica em Lisboa, e de São Bruno de Colónia na Cartuxa de Évora. Referência ao testamento de Manuel Pereira onde se fica a saber que o artista legou algum dinheiro para a realização de missas por sua alma, de seus pais e de seu filho, bem como para instituições de caridade. – (E4).

1794-07-MACHADO (José Alberto Gomes), “Évora sacra: manifestações artísticas”, *Tesouros de arte e devoção: exposição de arte sacra*, coordenação de BORGES (Artur Goulart de Melo), [Évora], Fundação Eugénio de Almeida, [D.L. 2003], p. 21-25.

Nota sobre a evolução do património artístico de Évora para o qual contribuíram reis e alguns bispos, sobretudo depois de meados do século XVI. Menção de imagens e relicários que invocam Nossa Senhora da Boa Morte e Nossa Senhora do Rosário, a Sagrada Família, os Reis Magos e os santos Miguel Arcanjo (associado às irmandades das Almas), Domingos, Manços, André Avelino, Lourenço Giustiniani, Francisco de Assis e Clara de Assis, Catarina de Alexandria, Rita de Cássia e Bárbara. – (H7).

1795-11-MANGUCCI (Celso), “Ornamento e decência: o retábulo e a escultura de São Sebastião”, *Igreja do mártir santo S. Sebastião: núcleo museológico de arte sacra*, coordenação de NUNES (Graça Soares), Vila Franca de Xira, Câmara Municipal, 2001, p. 67-72, il.

Nota sobre a escultura de São Sebastião existente na igreja da mesma invocação em Vila Franca de Xira, sede do concelho do mesmo nome, executada a meados do século XVIII. A imagem representa o santo como expressão do ideal apolíneo (um jovem imberbe e nu), que fora preterido no século XVII pela representação naturalista do homem robusto e maduro. A Igreja Católica procurava exercer sobre as imagens uma vigilância restritiva. – (A5-C2-I4).

1796-12-MARIANO (Sara), *Estudo e intervenção de esculturas em terracota policromada da Casa-Museu José Régio, em Portalegre*, relatório de estágio apresentado ao Instituto Politécnico de Tomar para obtenção do mestrado em Conservação e Restauro, s.d., 119 p., il., quadros.

A propósito da intervenção e restauro de seis esculturas representativas dos “Barros de Portalegre”, que se encontram na Casa-Museu José Régio em Portalegre é feito o seu estudo histórico, artístico e iconográfico, assim como a caracterização material. As imagens representam Cristo da Paciência, a Pietá, a Piétá rodeada de Anjos, o Anjo Tocheiro, São João Baptista e São João Evangelista.

1797-11-MARTINS (Ana Cristina), GOMES (João José Fernandes), “A imagem de S. Roque no Museu Arqueológico do Carmo: um percurso entre duas instituições seculares”, *Olisipo*, n.º 18, 2003, p. 33-54, il.

Estudo sobre a imagem de São Roque que se encontra no Museu de Arte Sacra da Igreja de São Roque em Lisboa, proveniente do Museu Arqueológico do Carmo. A imagem esteve inicialmente num nicho no cimo da antiga porta da cerca fernandina, depois foi trasladada para o claustro da igreja de São Roque, em 1835, passando em seguida para outros lugares, nomeadamente o Museu Arqueológico do Carmo. A imagem tem a particularidade de apresentar de forma notória os atributos e características físicas do santo, em particular a chaga pestífera acima do joelho esquerdo e outros elementos que fazem dirigir o olhar do observador para esse local. Apresenta ainda elementos que remetem para São Tiago, como o bordão e a bolsa. Notícia da ermida de São Roque fundada no século XVI e sobre a vida de São Roque. – (B2-C2).

1798-15-MARTINS (Patrícia), “Arte na igreja” [igreja de São Sebastião], *Paróquia e igreja de São Sebastião de Setúbal: história e arte*, Setúbal, Paróquia de São Sebastião, [D.L. 2004], p. 51-109, il.

Estudo sobre o património artístico da paróquia de São Sebastião, freguesia do mesmo nome em Setúbal. Notas sobre a ermida de São Sebastião erguida

cerca de 1490, que foi a primeira sede da paróquia, demolida a meados do século XIX. As origens do convento dominicano de São Sebastião remontam a 1566-1568. A sua igreja é a sede da paróquia desde 1835. Descrição do recheio da igreja datado dos séculos XVII a XIX: o altar-mor dedicado a São Sebastião possui a sua imagem, ladeada pelas dos santos Domingos e Francisco de Assis, e a pintura da Coroação da Virgem; o retábulo pintado e esculpido do Calvário, é composto por Cristo ladeado por Nossa Senhora e por Maria Madalena, assim como pelas imagens de São João Baptista e de São Pedro; o retábulo de Nossa Senhora do Rosário apresenta-a com Santo António e São José. Nas capelas laterais há pinturas que representam os mistérios gozosos de Nossa Senhora. O tecto do altar-mor e da nave da igreja contém cenas e símbolos da morte e ressurreição de Cristo. Breve análise do valor cultural dos objectos de culto. – (C1-H2).

1799-11-MECO (José), “A azulejaria e a cerâmica escultórica nos Jerónimos”, *Jerónimos 4 séculos de pintura: 1992 /Mosteiro dos Jerónimos*, coordenação de ALMEIDA (Isabel Cruz), FRANCO (Anísio), MÂNTUA (Ana Anjos), PAIS (Ana Cristina), VERÍSSIMO (Ana Maria), Lisboa, Mosteiro dos Jerónimos, [D.L. 1993], vol. I, p. 108-123, il.

Estudo sobre a azulejaria e a cerâmica escultórica datada dos séculos XVI, existente e desaparecida, da igreja e das capelas da antiga cerca do mosteiro dos Jerónimos, situado em Lisboa. As imagens representam Nossa Senhora das Estrelas, os santos António, Jerónimo, Basílio, Bernardo de Claraval, Leonardo. Os azulejos pintados figuram o Milagre da Multiplicação dos Pães, cenas da vida de São José, de São Jerónimo e santos da Ordem dos Jerónimos. – (H2).

1800-11-MENDES (Rui Mesquita), “Novos contributos para a história da escultura religiosa em Lisboa (séculos XVI, XVII e XVIII)”, *Invenire: Revista de Bens Culturais da Igreja*, n.º 14, 2017, p. 6-22, il.

Notas sobre a escultura religiosa dos séculos XVI a XVIII que se encontra em lugares de culto de Lisboa, a partir das fontes notariais. Notícia da imagem de Nossa Senhora do Resgate, encomendada pela irmandade e destinada à nova ermida erigida com o seu nome na freguesia dos Anjos. Menção dos painéis de azulejo desta ermida que representam os instrumentos do martírio de Jesus. Antes da construção da capela, a imagem esteve exposta na ermida de Santa Bárbara e depois na igreja paroquial da freguesia dos Anjos. – (H2).

1801-11-MOITA (Irisalva), *V Centenário do Hospital Real de Todos os Santos*, Lisboa, Edição Clube do Coleccionador dos Correios, 1992, 55 p., il.

Estudo sobre o Hospital Real de Todos os Santos, freguesia de Santa Justa em Lisboa, datado do início do século XVI. Depois do terramoto de 1755, foi

transferido para o antigo colégio jesuíta de Santo Antão-o-Novo na freguesia da Penha de França. Alusão a duas imagens da fachada da igreja do hospital: uma representa São Cosme e outra São Damião, patronos do hospital. Algumas notas referentes ao convento de São Domingos e à ermida de Nossa Senhora do Amparo, edifícios contíguos ao hospital. – (C2).

1802-07-MONGE (Maria de Jesus), “O património móvel”, *500 anos – Santa Casa da Misericórdia de Estremoz*, coordenação de RUAS (João), Estremoz, Santa Casa da Misericórdia, 2002, p. 155-178, il.

Levantamento do património móvel da Misericórdia de Estremoz, sede do concelho do mesmo nome, registado em inventários efectuados nos séculos XIX e XX. O espólio é composto sobretudo por peças do século XVIII, nomeadamente imagens que representam Nossa Senhora da Conceição e Nossa Senhora dos Mártires, os santos João Baptista, Francisco de Paula e Margarida de Antioquia ou da Galiza, assim como um presépio. As pinturas figuram o Baptismo de Cristo, os santos da Ordem de Malta denominados Toscana, Flora de Beaulieu e Gilando da Alemanha, assim como uma *Fons Vitae*. A Misericórdia possui ainda uma bandeira e um cruzeiro. – (C6-H2-H3).

1803-12-MONIZ (Manuel Carvalho), “José Régio e a olaria típica da região de Portalegre”, *A Cidade: Revista Cultural de Portalegre*, número especial, 1984, p. 125-126, il.

Menção de imagens de barro executadas por oleiros do distrito de Portalegre que estiveram presentes na exposição Barristas do Alentejo (1962) em Évora. Pertenciam ao escritor José Régio e datam provavelmente do século XVIII. As imagens representam o Menino Jesus Adormecido, o Senhor da Coluna, o Senhor da Paciência e o Ecce Homo, a Virgem, Nossa Senhora do Rosário consolada pelos Anjos, Nossa Senhora da Piedade, Santa Ana e os santos Pedro, João Baptista, Miguel Arcanjo, Maria Madalena, Bárbara, Marta, Clara de Assis e a Samaritana.

1804-11-MORNA (Teresa Freitas), “A colecção de escultura da Misericórdia de Lisboa: um percurso artístico com cerca de quinhentos anos”, *Escultura: colecção de escultura da Misericórdia de Lisboa, século XVI a XX*, coordenação de BRITO (Maria Filomena), MORNA (Teresa Freitas), Lisboa, Santa Casa da Misericórdia, 2000, p. 7-15, il.

Estudo sobre a colecção de escultura do Museu de São Roque em Lisboa, que se divide em dois períodos: da época manuelina ao final do barroco português (meados do século XVIII) e o tardo-barroco. As imagens mencionadas representam Cristo Crucificado, a Pietá e santos mártires, reflectindo o rigor iconográfico que exigia o culto tridentino, sendo predominantes os temas da morte. – (A5).

1805-11-MORNA (Teresa Freitas), “A imaginária escultórica da igreja e Museu de São Roque”, *Actas da jornada sobre pintura e escultura em igrejas e palácios de Lisboa*, *Olisipo*, n.º 27, 2007, p. 25-34, il.

Apresentação da colecção de escultura em madeira e marfim do Museu de São Roque, que pertenceu à Companhia de Jesus e hoje é propriedade da irmandade da Misericórdia de Lisboa. A igreja de São Roque é representativa das igrejas tridentinas, com a organização do espaço vocacionado para a pregação e a propagação dos novos dogmas da Contra-Reforma. Nela surgem representados os santos fundadores da ordem, as figuras de Cristo (Ecce Homo, Cristo Crucificado, Cristo morto), da Virgem, em especial a invocação de Imaculada Conceição, apóstolos e doutores da Igreja. Outras imagens representam Nossa Senhora do Pópulo e os santos Gregório Taumaturgo, António e Brígida. A colecção do museu é representativa do rigor iconográfico exigido pelo Concílio de Trento: são dominantes os temas da morte ou do martirólogo, exemplificados pelas cenas da paixão de Cristo, da Pietá e pelos relicários. – (A5-H7).

1806-11-OLIVEIRA (António Pedro Boto de), “O património móvel da igreja dos Paulistas”, *Reabilitação urbana 2: Intervenção de conservação e restauro – igreja dos Paulistas ou de Santa Catarina*, Lisboa, Câmara Municipal, 2005, p. 155-162, il.

O património móvel da igreja de Santa Catarina de Alexandria (paulistas) situada em Lisboa compreende diversas imagens dos titulares dos retábulos e ainda um crucifixo, a Virgem com o Menino, Nossa Senhora do Carmo, os santos António e Santa Luzia, entre outros.

1807-12-OLIVEIRA (Jorge de), “Arrolamento dos bens das igrejas do concelho de Marvão em 1911”, *Ibn Maruán: Revista Cultural do Concelho de Marvão*, n.º 7, 1997, p. 137-162, il.

Nota introdutória e transcrição do arrolamento dos bens das igrejas do concelho de Marvão feito em 1911, na sequência da implantação da República, e conservado no Arquivo Municipal. As igrejas paroquiais e não paroquiais arroladas são dedicadas a São Salvador, a Santa Maria, a Nossa Senhora das Dores, da Esperança, da Estrela, da Rocha, aos santos Brás, Sebastião e Tiago. Estas contêm objectos de culto (quase exclusivamente imagens e algumas pinturas) que representam os titulares e a Santíssima Trindade, o Menino Jesus, o Senhor dos Passos, Nossa Senhora do Amparo, do Carmo, da Piedade, da Conceição, da Graça, de Lurdes, da Orada, de ao Pé da Cruz e do Rosário, os santos Amaro, António, Bartolomeu, Camilo de Lellis, Domingos, Francisco de Assis, Francisco Xavier, Gregório Magno, Inácio de Loiola, João Baptista, João Evangelista, José, Martinho de Tours, Miguel Arcanjo, Pedro, Silvestre, Simão, Ana, Bárbara, Catarina de Alexandria, Maria Madalena e o Anjo Custódio. Menção da irmandade das Chagas. – (C1-C2-G1-H2).

1808-12-PABA (Francesca), MARIANO (Sara), MAÇÃS (Maria José), FALCÃO (Cláudia), TRIÃES (Ricardo), “‘Barros de Portalegre’ características identitárias e intervenções posteriores à produção: uma contribuição para a história do restauro”, *ArtisOn*, n.º 3, 2016, p. 253-269, il. <http://artison.letras.ulisboa.pt/index.php/ao/article/view/166> (consultada em 23-09-2020).

Os “Barros de Portalegre” formam um conjunto de peças de arte sacra dispersas pelo distrito de Portalegre. Estas peças encontravam-se em algumas igrejas e ermidas e terão sido recolhidas pelo colecionador José Régio. As imagens representam Cristo da Paciência, Cristo da Cana Verde, a Pietá, os santos José, João Baptista e Paulo. Não há informação precisa acerca da produção dos “Barros de Portalegre”, embora seja quase certa a origem no referido distrito. Estudos feitos no passado apenas tiveram em consideração as características estéticas e estilísticas das referidas peças, mas observações recentes demonstraram que a caracterização feita anteriormente se baseava num aspecto que afinal não é o original, pois, quase todas as imagens estão repintadas.

1809-12-PATRÃO (José Heitor), “Barros de Portalegre: do deslumbramento ao esquecimento”, *José Régio e a arte popular*, coordenação VENTURA (António), Portalegre – Vila do Conde, Câmara Municipal, [D.L. 2001], p. 37-47, il.

Análise da iconografia religiosa das imagens em barro produzidas no distrito de Portalegre e arredores, sobretudo até ao século XVIII. As imagens representam o Menino Jesus, Cristo doloroso nas expressões de Jesus Preso à Coluna, do Senhor da Cana Verde, do Senhor do Bonfim, do Ecce Homo e, principalmente, do Senhor da Paciência. Outros exemplares figuram Nossa Senhora das Dores, da Conceição, da Lapa e os santos João Baptista, António, José, Francisco de Assis, Pedro de Alcântara, Ana, Maria Madalena, Bárbara, Marta e Clara de Assis. A representação dos temas dolorosos tem origem numa espiritualidade difundida pelas ordens religiosas, em particular pelos franciscanos, e pela arte erudita. A imagem mais emblemática dos barros de Portalegre é o Senhor da Paciência, que representa Cristo sentado numa espécie de rocha e com a coroa de espinhos, em tronco nu e o corpo cheio de feridas. – (A5).

1810-12-PATRÃO (José Heitor), “Os ‘barros’ de Portalegre: reflexões à memória de um esquecimento”, *A Cidade: Revista Cultural de Portalegre*, n.º 8-9, 1983, p. 57-60 e 68, il.

O trabalho do barro no distrito de Portalegre expressou-se essencialmente em imagens do Senhor da Paciência, do Ecce Homo e de Nossa Senhora. Entre elas destaca-se a figura milagrosa do Senhor da Paciência (século XVII), que representa Cristo sentado com o cotovelo apoiado no joelho e com uma mão

segurando a cabeça numa atitude de pensador. Descrição dos seus aspectos artístico, religioso e devocional: as características humanizadas da imagem revelam a convergência da espiritualidade franciscana e cisterciense com a piedade popular. – (A5).

1811-15-PEREIRA (Fernando António Baptista), aliás BAPTISTA (Fernando António), “A imagem gótica de Nossa Senhora dos Anjos da igreja matriz de São Lourenço de Alhos Vedros”, *Actas das I Jornadas de história e património local*, Moita, Câmara Municipal da Moita, 2004, p. 74-86, il.

Análise da imagem de Nossa Senhora dos Anjos que se encontra na igreja matriz de São Lourenço da freguesia de Alhos Vedros, concelho da Moita, datada dos finais do século XV e inícios do XVI. A imagem está exposta numa capela da igreja com decoração do século XVI. Notícia da imagem nas visitas da Ordem de Santiago e Espada até meados do século XVI e nas memórias paroquiais de 1758. Estas referem uma festa em honra de Nossa Senhora dos Anjos, que teve origem na sua intervenção ao lado da população cristã, ajudando-a a repelir um ataque mouro. Caracterização estilística e considerações sobre o valor formal e iconográfico da imagem: a Virgem é figurada como filha, mãe e esposa de Deus. – (C1-D2-F3).

1812-11-PEREIRA (Fernando António Baptista), aliás BAPTISTA (Fernando António), “Obras de arte importadas na região de Mafra nos finais da Idade Média e no Renascimento”, *Boletim Cultural'00*, Câmara Municipal de Mafra, p. 15-31, il.

Análise de objectos de culto expostos em lugares de culto do concelho de Mafra, provenientes, nomeadamente, de França, da Flandres e do Norte de Europa durante os séculos XIV-XV e primeira metade do século XVI, que integraram a exposição *Do Gótico ao Maneirismo: a arte na região de Mafra na época dos Descobrimentos*. As obras analisadas são uma cruz processional com um relicário, um fragmento de um baixo-relevo com a representação do Pentecostes e as imagens de Cristo Crucificado, do Menino Jesus de Malines (Bélgica), de Nossa Senhora com o Menino, conhecida por Nossa Senhora do Carmo, de Nossa Senhora do Socorro, dos santos João Baptista e Eulália. No domínio da pintura, faz-se a análise de uma representação da cena do Calvário. – (H2-H3-H7).

1813-15-PEREIRA (Fernando António Baptista), aliás BAPTISTA (Fernando António), “Três obras de arte do distrito de Setúbal pouco conhecidas do público”, *Movimento Cultural: Revista dos Municípios do Distrito de Setúbal*, n.º 3, 1986, p. 58-65.

Contribuição para o estudo de três objectos de culto do património artístico do distrito de Setúbal. Análise da imagem de Cristo Crucificado (finais do século

XVII e inícios do século XVIII) da ermida de Nossa Senhora dos Aflitos, antigamente denominada Nossa Senhora das Dores, no Montijo, sede do concelho do mesmo nome; e de dois Calvários, um pintado (século XVI) e outro indo-europeu, dito de pousar, dos séculos XVII-XVIII, da igreja de Nossa Senhora da Saúde em Setúbal. A peanha do crucifixo apresenta seis edículas destinadas a figuras representando os passos da Paixão de Cristo. – (H2).

1814-15-PEREIRA (Fernando António Baptista), aliás BAPTISTA (Fernando António), “Três obras-primas do património artístico de Sesimbra”, ARSÊNIO (José), *Sesimbra: a essência dos lugares/ The essence of the places*, Sesimbra, Câmara Municipal, 2010, p. 46-57, il.

Notas sobre três exemplos relevantes do património artístico de Sesimbra, sede do concelho do mesmo nome: as imagens de Nossa Senhora do Castelo (século XIV ou XV) e de São Sebastião (finais do século XV, exposta na capela dedicada ao mesmo santo), assim como o retábulo pintado com o tema de Nossa Senhora das Misericórdias, que se encontra na igreja da Misericórdia e data de 1530. – (H2).

1815-11-PEREIRA (José Fernandes), *A escultura de Mafra*, Lisboa, Instituto Português do Património Arquitectónico, 2003, 237 p., il., planta.

Estudo sobre a escultura religiosa do convento franciscano de Mafra, sede do concelho do mesmo nome, fundado no segundo quartel do século XVIII. Foi executada principalmente por italianos no segundo e terceiro quartel do século XVIII e teve importantes repercussões na escultura portuguesa da segunda metade do século XVIII. Elenco de oitenta e seis fichas analítico-descritivas de medalhões, imagens, retábulos e lunetas em relevo que representam imagens avulsas e cenas que figuram Cristo, Nossa Senhora e os santos Ambrósio, André, Barnabé, Bartolomeu, Caetano, Carlos Borromeu, Domingos, Filipe Apóstolo, Francisco de Assis, Francisco de Borja, Francisco de Paula, Francisco Xavier, Jerónimo, João de Deus, Joaquim, José, Lucas Evangelista, Marcos, Paulo Eremita, Roque, Sebastião, Simão, Tiago Menor, Tomás de Aquino, Tomé, Vicente, Pedro Nolasco, Filipe de Néri, Félix de Valois, Bruno de Colónia, Judas Tadeu, Pedro de Alcântara, João da Mata (co-fundador dos trinitários com Félix de Valois), Bernardo de Claraval, Rita de Cássia, Bárbara, Clara de Assis, Isabel (rainha da Hungria), Rainha Santa Isabel, Teresa de Ávila e Salomé, entre outros. – (C2-H2).

1816-11-PEREIRA (José Fernandes), “A escultura”, *Monumentos*, n.º 16, 2002, p. 38-45, il.

Estudo sobre a escultura do convento carmelita do Santíssimo Coração de Jesus ou basílica da Estrela, fundado no último quartel do século XVIII, na cidade de Lisboa. O convento foi mandado construir pela rainha Dona Maria I

por ter recebido a graça de dar à luz um filho varão. O convento destinou-se à Ordem das Carmelitas Descalças de Santa Teresa, que tinham um convento em Carnide desde 1642. A ordem tinha grande devoção ao Sagrado Coração de Jesus, que simboliza o amor deste pela Humanidade. Santa Teresa de Ávila (1515-1582) foi reformadora da ordem, fundadora de mais de trinta e seis conventos em Espanha e tem notável obra escrita, sendo canonizada 40 anos após a sua morte e considerada uma das Doutoradas da Igreja. A escultura do convento de Mafra, sede do concelho do mesmo nome, foi toda realizada em Itália, mas a estatuária do convento da Estrela foi executada por Machado de Casto e seus colaboradores. A escultura consiste em dez peças, quase todas para o átrio e o frontispício. Neste último, encontram-se um painel em relevo com um grande Coração de Jesus rodeado do anjo tutelar do Reino, o Anjo Custódio (protector da rainha), e por outro que simboliza o culto do rei ao Sagrado Coração de Jesus, assim como as figuras da Fé, da Devoção, da Liberdade e da Gratidão. Outras imagens representam os santos Elias (profeta do Livro dos Reis, considerado o fundador da Ordem do Carmo) e João de Deus (1495-1550, santo português, fundador da Congregação dos Irmãos Hospitalares em Granada, Espanha), as santas Teresa de Ávila (com a simbologia alusiva ao seu estatuto de Doutora da Igreja) e Maria Madalena de Pazzi. Menção das imagens de Cristo num resplendor e de São João Evangelista. Notas sobre os dois túmulos existentes na sacristia da basílica. – (A5-C2-H2-H4).

1817-11-RIBEIRO (Margarida), *Estojo de prata do século XVII com a imagem de Nossa Senhora da Conceição de Vila Viçosa*, Lisboa, Editorial Minerva, 1972, 68 p. il.

Estudo sobre o estojo de prata do século XVII, na posse de um particular, que incorpora a imagem de barro de Nossa Senhora da Conceição de Vila Viçosa, sede do concelho do mesmo nome. O estojo possui uma “senha” militar escrita, provavelmente ligada à conjuração de 1640. Alusão ao culto de Nossa Senhora da Conceição em Portugal. – (D2).

1818-07-RODRIGUES (Ana Duarte), “A imaginária da Misericórdia de Montemor-o-Novo”, *A Misericórdia de Montemor-o-Novo: história e património*, coordenação de FONSECA (Jorge), Montemor-o-Novo, Santa Casa da Misericórdia, 2008, p. 209-230, il.

Estudo da imaginária que se encontra na igreja e em outros espaços da Misericórdia de Montemor-o-Novo, sede do concelho do mesmo nome, datada dos finais do século XV ao século XVIII. Algumas imagens pertenceram desde sempre à Misericórdia e outras são incorporações vindas de outros lugares de culto. Representam Cristo Crucificado, o Senhor Morto, Cristo Ressuscitado, Nossa Senhora da Piedade, da Conceição, São Francisco Xavier e Santa Ana ensinando a Virgem a ler.

1819-12-ROMÃO (Laura Portugal), “A colecção Sequeira: do armazém à reserva”, *Colecção Sequeira / Sequeira collection*, Portalegre, Fundação Robinson, 2008, p. 10-17, il.

Apresentação dos objectos religiosos de uma colecção privada situada em Portalegre constituída por milhares de imagens de Cristo Crucificado, abandonadas ou substituídas por outras novas, recolhidas no Alto Alentejo (distritos de Portalegre e de Évora) e Beira Baixa (distrito de Castelo Branco). O coleccionador obteve-as através de particulares, de párocos e de proprietários de capelas particulares, salvando-as do desleixo e da profanação. Os exemplares reunidos datam dos séculos XIV a XX e representam Cristo, de quem o coleccionador era particularmente devoto. Outro conjunto numeroso é composto por cem imagens, que representam São João Evangelista e foram retiradas de Calvários.

1820-11-SALDANHA (Sandra Costa), “A arte de inventar ou o talento de bem furta: os arquétipos romanos na escultura portuguesa de setecentos”, *Lisboa barroca e barroco em Lisboa: colóquio de história e arte*, coordenação de VALE (Teresa Leonor), Lisboa, Livros Horizonte, 2007, p. 61-76, il.

Estudo sobre a influência dos arquétipos das doze estátuas do apostolado da basílica de São João de Latrão em Roma, sobretudo as de São Pedro e São Paulo, na escultura portuguesa do século XVIII. Essa influência é sobretudo visível nas esculturas da capela do palácio das Necessidades de Lisboa, consideradas modelo pelos artistas desta cidade. Apresentação de algumas obras subsidiárias das estátuas da capela de Nossa Senhora das Necessidades, que existem nas igrejas de Nossa Senhora da Penha de França, da Conceição Velha e de São Paulo, todas em Lisboa. – (C2).

1821-11-SALDANHA (Sandra Costa), “A escultura em São Vicente de Fora: projecto, campanhas, autores”, *Mosteiro de São Vicente de Fora: arte e história*, coordenação de SALDANHA (Sandra Costa), Lisboa, Centro Cultural do Patriarcado de Lisboa, 2010, p. 189-207, il.

Análise da obra de escultura da igreja conventual de São Vicente de Fora dos cônegos de Santo Agostinho, situada na freguesia do mesmo nome em Lisboa, que data dos séculos XVII e XVIII. As esculturas da fachada representam os santos António, Domingos, Bruno de Colónia, Norberto, Vicente, Agostinho e Sebastião. Outras estátuas são dedicadas aos santos Pedro, Paulo e Lucas, entre outros. Na capela dedicada a Santa Úrsula e às Onze Mil Virgens encontra-se a imagem de Santo António. – (C2).

1822-11-SALDANHA (Sandra Costa), “Iconografia carmelita no convento do SS. Coração de Jesus à Estrela: imagens e paradigmas escultóricos setecentistas”, *Lisboa e as ordens religiosas: actas. Colóquio de história e de história da*

arte, coordenação de VALE (Teresa Leonor), COUTINHO (Maria João Pereira), Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa, 2010, p. 41-49, il.

Notas sobre o programa iconográfico da fachada da basílica da Estrela que pertenceu ao convento das carmelitas descalças em Lisboa. Data dos finais do século XVIII e é composto por estátuas alusivas à ordem carmelita e à devoção ao Santíssimo Coração de Jesus, titular da igreja. Análise do programa carmelita que é composto pelas imagens de vulto e um baixo-relevo que representam os santos Elias e João da Cruz e as santas Teresa de Ávila e Maria Madalena de Pazzi. – (C2-H2).

1823-11-SALDANHA (Sandra Costa), “A série de santos fundadores da Basílica Vaticana na escultura de Lisboa do século XVIII”, Actas da jornada sobre pintura e escultura em igrejas e palácios de Lisboa, *Olisipo*, n.º 27, 2007, p. 65-74, il., quadro.

Estudo sobre a influência da escultura da basílica do Vaticano na estatuária religiosa de Lisboa do século XVIII. São apresentados como exemplos as esculturas de São Domingos da igreja do Menino Deus, de São Filipe de Néri da capela do palácio das Necessidades e de Santa Teresa de Ávila da basílica da Estrela. – (C2).

1824-11-SALDANHA (Sandra Costa), “Um crucifixo de Anton Maria Maragliano em Mafra: oferta do genovês Domenico Massa à Ordem Terceira da Penitência, *Invenire: Revista de Bens Culturais da Igreja*, n.º 7, 2013, p. 44-47, il.

Estudo de um crucifixo de origem genovesa que evidencia o martírio e a agonia de Cristo. Pertenceu à Ordem Terceira da Penitência estabelecida em 1736 na basílica franciscana de Mafra, sede do concelho do mesmo nome.

1825-07-SALDANHA (Sandra Costa), “Variações de um São João Baptista: obras inéditas de Joaquim José Barros Laborão (1762-1820)”, *Invenire: Revista de Bens Culturais da Igreja*, n.º 12, p. 50-54, il.

Notícia sobre a obra do escultor Barros Laborão que descreve as variações da imagem de São João Baptista, nomeadamente uma que se encontra na capela do Paço Ducal de Vila Viçosa, sede do concelho do mesmo nome.

1826-11-SILVA (Nuno Vassalo e), “No caminho do Japão (arte oriental nas colecções da Misericórdia de Lisboa)”, *Artes & Leilões*, n.º 20, 1993, p. 10-15, il.

Notícias referentes à realização de uma exposição sobre objectos de culto da chamada arte oriental, que pertencem à Misericórdia de Lisboa. As esculturas representam Cristo e datam dos séculos XVI e XVIII. São ainda mencionadas pinturas que retratam a vida de São Francisco Xavier, expostas na sacristia da igreja de São Roque em Lisboa. – (H2).

1827-11-TÁVORA (Bernardo Ferrão de Tavares e), “Imagens de Malines”, *Estudos sobre escultura e escultores do Norte da Europa em Portugal: época manuelina*, coordenação de DIAS (Pedro), Lisboa, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1997, p. 106-192, il., quadro; *Imagens de Malines: catálogo – Museu Nacional de Arte Antiga*, Lisboa, Ministério da Comunicação Social, 1976, 58 [2] p., il., quadro.

Breve estudo sobre as denominadas “imagens de Malines” (Bélgica) no contexto artístico, histórico e social da Flandres, assim como a sua difusão em Portugal nos séculos XV e XVI. As imagens analisadas constam do acervo do Museu Nacional de Arte Antiga e são caracterizadas quanto à sua variedade e qualidade, formato e dimensão, iconografia, indumentária e datação. Num inventário internacional, cerca de 36% representam Nossa Senhora sob várias formas, 10% Santa Ana, 7% Santa Bárbara, 6% Santa Catarina de Alexandria e 4% o Menino Jesus, assim como alguns santos, sobretudo Roque, Miguel Arcanjo, Agostinho, Cristóvão. No inventário nacional mantém-se a predominância de Nossa Senhora com o Menino (47%), logo seguida da representação do Menino Jesus (21%), de Santa Ana e de Santa Bárbara (6% cada). O catálogo das imagens de Malines do Museu Nacional de Arte Antiga apresenta um conjunto de vinte constituído apenas por figuras femininas: Nossa Senhora com o Menino, as santas Margarida de Antioquia ou da Galiza, Catarina de Alexandria e Bárbara.

1828-11-VALE (Teresa Leonor), “Abordagem da componente escultórica da capela de São João Baptista: estatuto e função da escultura na globalidade da obra”, *A capela de São João Baptista da igreja de São Roque: a encomenda, a obra as colecções*, coordenação de VALE (Teresa Leonor), Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2015, p. 129-169, il.

Análise da escultura do segundo quartel do século XVIII da capela de São João Baptista situada na igreja de São Roque em Lisboa, que compreende querubins, o relevo de São João Baptista pregando no deserto, a Visitação da Virgem e anjos. – (C2-H2).

1829-11-VALE (Teresa Leonor), “A capela de São Gonçalo de Amarante da igreja do antigo convento de São Domingos de Benfica (Lisboa) e a importação de escultura italiana no século XVII”, *I Congresso Internacional do Barroco: actas*, Porto, Reitoria da Universidade do Porto – Governo Civil do Porto, 1991, vol. II, p. 535-549, il., planta.

Análise da capela de São Gonçalo de Amarante da igreja do antigo convento de São Domingos situado na freguesia de São Domingos de Benfica em Lisboa, hoje igreja paroquial da freguesia com o mesmo nome. O convento foi erigido no ano de 1685. Notas sobre a escultura proveniente de Itália que representa o titular e santos venerados pela Ordem dos Pregadores e pelo doador, como por

exemplo Nossa Senhora do Rosário, os santos Domingos, Tomás de Aquino, José, João de Deus, Bento, Teresa de Ávila e Apolónia. – (C1).

1830-11-VALE (Teresa Leonor), *A capela de S. Gonçalo de Amarante na igreja do antigo convento de S. Domingos de Benfca: um exemplo de importação de escultura italiana no século XVII*, dissertação de mestrado em História da Arte apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa em 1994, 3 vol., 310-140-273 p., dactilogr., il., plantas, quadros (consultável na Biblioteca Nacional de Portugal).

Monografia da capela de São Gonçalo de Amarante fundada no século XVII, situada na igreja do antigo convento de São Domingos, fundado em 1399, hoje igreja paroquial da freguesia de São Domingos de Benfca em Lisboa. No volume I é tratada a edificação da capela, que tem origem na grande devoção ao santo pelo fundador. Este publicou a biografia do santo, distribuiu registos com o intuito de difundir o culto por todo o país e encomendou em testamento a sua alma a São Gonçalo de Amarante. A capela possui oito imagens das quais é feito o estudo iconográfico e artístico no contexto do barroco romano do século XVII, marcado pela pastoral ditada pelo Concílio de Trento. Notas sobre outra capela do convento, dedicada ao Corpus Christi ou dos Castros, fundada em 1648. Apontamentos biográfico e sobre a difusão do culto a São Gonçalo de Amarante (Tagilde, princípio século XIII – Amarante, 1260): estudou e foi ordenado em Braga, ingressou na ordem dominicana após uma visão da Virgem, dedicou-se a peregrinar e à pregação, sendo-lhe atribuídos vários milagres; foi beatificado no século XVI mas nunca foi canonizado. São Gonçalo de Amarante é festejado a 10 de Janeiro e invocado como advogado contra as dores das pernas e enfermidades testiculares, assim como protector dos males da vida matrimonial e casamenteiro das mulheres de avançada idade. O volume II contém um anexo documental e o volume III plantas, desenhos e gravuras fotografias e outros anexos. – (A5-B2-C1).

1831-11-VALE (Teresa Leonor), “Contributo para o catálogo de obras do escultor José de Almeida (1708-1770): a imagem de Nossa Senhora da Real Irmandade do Santíssimo Rosário de Mafra”, *ArtisOn* (Endereço Electrónico), n.º 5, 2017, p. 203-208, il. <http://artison.letras.ulisboa.pt/index.php/ao/article/view/166> (consultado em 06-07-2018).

Breve estudo sobre uma imagem de Nossa Senhora do Rosário que se conserva na Santa Casa da Misericórdia de Mafra, sede do concelho do mesmo nome, datada de 1745.

1832-11-VALE (Teresa Leonor), “Contributos italianos para o barroco de Lisboa: a componente escultórica da capela de São João Baptista da igreja de São Roque, a última grande encomenda joanina”, *Lisboa barroca e barroco em Lisboa*.

Colóquio de história e arte, coordenação de VALE (Teresa Leonor), Lisboa, Livros Horizonte, 2007, p. 49-60, il., quadros.

Notas sobre a escultura da capela de São João Baptista da igreja de São Roque em Lisboa, datada de meados do século XVIII, que compreende querubins, anjos, arcanjos, o Cordeiro Místico, São João Baptista pregando no deserto, a Visitação de Nossa Senhora a Santa Isabel. – (C2).

1833-11-VALE (Teresa Leonor), *Escultura barroca italiana em Portugal: obras dos séculos XVII e XVIII em coleções públicas e particulares*, Lisboa, Livros Horizonte, 2005, 159 p., il.

Estudo sobre a escultura barroca de origem italiana em Portugal composta por estátuas de tema religioso e profano realizadas nos séculos XVII e XVIII, com exceção do conjunto do convento de Mafra, sede do concelho do mesmo nome, e da capela de São João Baptista da igreja de São Roque em Lisboa. As imagens de tema religioso encontram-se em lugares de culto de Lisboa e na Casa-Museu da Fundação Medeiros de Almeida na mesma cidade, compreendendo o busto da Virgem da igreja de Nossa Senhora do Loreto, as estátuas da capela de São Gonçalo de Amarante da igreja do antigo convento de São Domingos, em São Domingos de Benfica, onde estão representados Nossa Senhora do Rosário e os santos Gonçalo de Amarante, Domingos, José, Bento, Teresa de Ávila e Apolónia. Na igreja do antigo Colégio Jesuíta de Santo Antão-o-Novo havia um retábulo, hoje desaparecido, estátuas de apóstolos e de evangelistas. Na Casa-Museu da Fundação Medeiros de Almeida está ainda uma imagem que figura São Filipe de Néri ou, como sustenta a autora, São Vicente de Paulo. – (C2).

1834-11-VALE (Teresa Leonor), *A escultura italiana de Mafra*, Lisboa, Livros Horizonte, 2002, 158 p., il., quadros, plantas.

Estudo sobre a escultura do convento franciscano de Mafra, também chamado de basílica de Nossa Senhora e Santo António de Mafra, sede do concelho do mesmo nome, executada por escultores italianos na década de 30 do século XVIII. O conjunto escultórico é uma encomenda régia constituída por cinquenta e oito estátuas, dois relevos e um crucifixo, cuja dimensão, concepção global e coerência do programa iconográfico é comparável apenas com aquele que se encontra na basílica do Vaticano. A integração das imagens no contexto da produção escultórica italiana da primeira metade do século XVIII. Análise escultórica das obras, que representam vários santos provenientes das ordens religiosas, apóstolos, os Evangelistas, personagens bíblicas da família de Jesus e outras, como a Virgem com o Menino, os santos António e Elias, as santas Rita de Cássia, Bárbara, Isabel da Hungria e a Rainha Santa Isabel. – (C2).

1835-11-VALE (Teresa Leonor), *Escultura italiana em Portugal no século XVII*, Lisboa, Caleidoscópio, 2004, 467 p., il., mapas, plantas, quadros,; *Importação de escultura italiana no contexto das relações artístico-culturais entre Portugal e Itália no século XVII*, dissertação de doutoramento em História da Arte apresentada na Faculdade de Letras da Universidade do Porto em 1999, 3 vol. 486-1209 [43]-11 [102], dactilogr., il., mapa, plantas, quadros (consultável na Biblioteca Nacional de Portugal).

Estudo sobre a escultura de produção italiana em Portugal no século XVII, que compreende alguns exemplares de temática religiosa encomendados para lugares de culto de Lisboa. São analisados o busto da Virgem da igreja de Nossa Senhora do Loreto, única sobrevivência de um conjunto de escultura barroca que foi destruído pelo terramoto de 1755; a estatuária italiana da capela de São Gonçalo de Amarante na igreja do antigo convento de São Domingos na freguesia de São Domingos de Benfica, que é constituída pelas imagens de Nossa Senhora do Rosário, dos santos Gonçalo de Amarante, Domingos, Tomás de Aquino, João de Deus, Bento, Teresa de Ávila e Apolónia, nas quais se reflectem certos aspectos da doutrina pós-tridentina, como por exemplo a importância dos santos fundadores ou reformadores das ordens religiosas, o significado da prática das boas obras e a valorização do martírio; a escultura da igreja do colégio dos jesuítas de Santo Antão-o-Novo é composta por Apóstolos e Evangelistas. Contém um anexo documental, quadros, plantas, gravuras, desenhos e fotografias. – (A5).

1836-11-VALE (Teresa Leonor), “A estátua de Nossa Senhora da Conceição de Lisboa e a eleição de modelos pictóricos para obras de escultura, num texto de João Frederico Ludovice”, *Artis*, n.º 7-8, 2009, p. 317-332, il.

Estudo que visa determinar qual das pinturas e desenhos sugeridos no documento da encomenda da estátua de Nossa Senhora da Conceição, destinada à capela da Patriarcal em Lisboa, mais se aproxima do que teria sido a escultura original, perdida na sequência do terramoto de 1755. A estátua, em prata dourada e à escala natural, foi encomendada por Dom João V a uma oficina de Roma entre 1744 e 1749, tendo sido enviadas de Portugal quer as sugestões sobre os modelos iconográficos que o artista deveria seguir para a sua realização, quer as instruções relativas à sua execução técnica num documento atribuído a João Frederico Ludovice. A autora analisa notícias e descrições relativas à estátua feitas por contemporâneos nacionais e estrangeiros, os modelos iconográficos e compositivos, indicados no documento da encomenda, bem como outras esculturas semelhantes, para chegar à conclusão que são os desenhos de Giovanni Battista Maini ou de Giuseppe Gagliardi que mais se aproximam da estátua desaparecida, em razão dos seus atributos caracterizadores (diadema de estrelas, meia lua, serpente sob os pés, grupo de querubins).

1837-11-VALE (Teresa Leonor), “As estátuas de Santo Antão do Tojal: contributo para um panorama da importação da escultura barroca genovesa para Portugal”, *Artis*, n.º 5, 2006, p. 237-270, il.

Referência a esculturas barrocas de origem genovesa, datadas dos séculos XVII e XVIII, que figuravam os santos Filipe, André, Tiago, Pedro, Paulo, Bartolomeu e Mateus expostas na igreja do Loreto em Lisboa, antes do terramoto de 1755. Outras esculturas representavam os Apóstolos e os Evangelistas e integravam o retábulo do altar-mor da igreja do Colégio de Santo Antão-o-Novo. Destas, as de São Pedro e São Paulo estão actualmente colocadas na fachada sul do Hospital de São José em Lisboa e as de Nossa Senhora da Conceição, da Rainha Santa Isabel e de São João de Deus ornamentam a fachada da igreja paroquial de Santo Antão, freguesia de Santo Antão do Tojal, concelho de Loures. O estudo das suas encomendas permite aprofundar a visão geral acerca da importação da escultura genovesa para a Lisboa barroca e, simultaneamente, revelar a existência de uma estratégia de procura definida em relação aos centros de produção artísticos de Génova, para satisfazer o gosto artístico português de então. – (C1-C2).

1838-11-VALE (Teresa Leonor), “José de Almeida (c. 1700-1769): sobrevivência de um escultor e da sua obra ao terramoto de 1755”, *Olisipo*, n.º 22-23, 2005, p. 34-43, il., quadro.

Estudo sobre o escultor José de Almeida com estatuária e imaginária datada do século XVIII, localizada em Lisboa. Inventário das obras que lhe são atribuídas indiscutivelmente e que sobreviveram ao terramoto de 1755, com indicação da sua localização inicial e da actual. Estas obras representam Cristo, Nossa Senhora e os santos António, João Baptista, Onofre, Paulo e Camilo de Lellis.

1839-11-VALE (Teresa Leonor), “A obra de três escultores maiores do *settecento* em Mafra: Bracci, Maini e Della Valle”, *Actas do II Congresso Internacional do Barroco*, Porto, Edição da Faculdade de Letra do Porto, 2003, p. 679-690, il.

Estudo sobre o conjunto de esculturas italianas do convento de Nossa Senhora e Santo António em Mafra, sede do concelho do mesmo nome, executado entre 1729 e 1734, com destaque para as que foram realizadas por obra dos escultores Bracci, Maini e Della Valle. Estes são os autores das estátuas dos santos Pedro Nolasco, Félix de Valois, João da Mata, Jerónimo, Clara de Assis e Isabel da Hungria, assim como dos arcanjos Gabriel e Miguel. – (C2).

1840-11-VALE (Teresa Leonor), “Sete estátuas e um relevo: as obras de Carlo Monaldi na Basílica de Nossa Senhora e Santo António de Mafra”, *Monumentos*, n.º 35, 2017, p. 84-93, il.

Breve estudo sobre o conjunto das esculturas italianas de Carlo Monaldi para o convento de Nossa Senhora e Santo António em Mafra, sede do concelho

do mesmo nome, datadas do segundo quartel do século XVIII. Este autor terá esculpido um relevo representando a Virgem com o Menino e Santo António colocado na fachada do edifício, assim como sete estátuas que figuram os fundadores das ordens mendicantes: São Domingos de Gusmão, São Francisco de Assis, igualmente para a fachada da basílica; São Sebastião e São Vicente, São Filipe de Néri e Santa Teresa de Ávila para a galilé; Santo Elias para o interior da basílica. – (H2).

1841-.-VALLECILLO TEODORO (Miguel Angel), “Centros artísticos y esbozo de artistas en el Alto-Alentejo”, *Callipole: Revista de Cultura*, n.º 3-4, 1995-1996, p. 147-155.

Levantamento de artistas que trabalharam nos séculos XVI-XVIII nos principais centros artísticos do Alto Alentejo (distritos de Portalegre e de Évora) situados em Évora, Vila Viçosa, Elvas e Olivença, cidade portuguesa até 1801 e hoje integrada em Espanha. Menção de imagens, pinturas e azulejos pintados que se encontram em diversos lugares de culto e que representam o Santíssimo Sacramento, a Última Ceia, o Senhor das Necessidades, Nossa Senhora dos Anjos, dos Bem Casados, da Boa Morte, da Conceição, da Lapa, de Loreto, da Penha de França, dos Remédios, do Rosário, os santos Alberto Magno, António, Domingos, Francisco de Assis, Francisco Xavier, José, Marcos, Pedro, a tentação de Santo Agostinho, Clara de Assis e profetas. – (H2).

1842-12-VENTURA (Rui), *Santo António na região de Portalegre / Saint Anthony in the Portalegre region*, Portalegre, Fundação Robinson, 2013, 53 p., il.

Estudo bilingue (português-inglês) que contém uma nota biográfica de Santo António, dados sobre as devoções ao santo e um inventário da sua iconografia nos concelhos de Castelo de Vide, Marvão e Portalegre. A representação mais frequente é vestido de franciscano e, a partir do século XVI, com o Menino. Santo António é padroeiro de Portalegre e a população do concelho é também muito devota do santo, sendo procurado para protecção do gado suíno, do gado leiteiro, das almas e dos soldados. Embora o santo tenha sido representado pintado em telas e azulejo, a maior parte da iconografia é constituída por imagens, num total de vinte e sete representações como orago de igreja paroquial e não paroquial, assim como orago de altar secundário. É realçado o conjunto escultórico existente no convento com o seu nome, hoje em ruínas, que representa o Trânsito de Santo António, datado do século XVIII. Nos concelhos referidos, a veneração e a devoção a Santo António cruza duas dimensões complementares: a festiva e devocional, que valoriza os seus atributos taumatúrgicos, e a prática promovida pelo clero que instrumentalizou o santo em função dos interesses ideológicos e teológicos eruditos. – (D4-H2).

1843-07-VERMELHO (Joaquim José), RIBEIRO (Ana Isabel de Melo), *Museu Municipal de Estremoz: roteiro*, Estremoz, Museu Municipal, 1983, 52 p., il., plantas.

Roteiro do Museu Municipal de Estremoz, sede do concelho do mesmo nome, que contém algumas peças de temática religiosa (séculos XVI-XIX) com a representação de Cristo Crucificado, do Senhor dos Esquecidos, de Nossa Senhora da Conceição e de Santo António, bem como um oratório em madeira com os Passos de Cristo pintados. – (H2).

1844-11-VILAR (Maria do Carmo), “Património artístico da Azueira”, *Boletim Cultural '93*, Câmara Municipal de Mafra, p. 107-126, il.

Notícia do património artístico e religioso dos lugares de culto da freguesia da Azueira, concelho de Mafra. Enumeração dos lugares de culto desta freguesia: a igreja paroquial de São Pedro de Grilhões (século XVI), as capelas de Nossa Senhora da Luz (século XVI), de Santo António (século XV) e de Santa Cristina (século XVII). Descrição das imagens de culto que se encontram na igreja e nas capelas: cerca de trinta imagens figuram Jesus, o Menino Jesus, Nossa Senhora da Luz e do Livramento, da Salvação, os santos Pedro, Francisco de Assis, António e as santas Cristina, Ana e Luzia. Quanto aos retábulos representam o Santíssimo Sacramento, Nossa Senhora da Conceição. As pinturas figuram o Pentecostes, o Coração de Jesus, o Martírio de Santa Cristina ou a Verónica e aspectos alusivos à vida e martírio do eremita Santo Antão e de São João Baptista. Três ex-votos representam milagres de Santa Cristina. – (C1-C2-H2-H4).

1845-07-*Arte sacra em Viana do Alentejo: inventário artístico da arquidiocese de Évora*, coordenação geral de RAMOS (Maria do Céu), coordenação científica de BORGES (Artur Goulart de Melo), Évora, Fundação Eugénio de Almeida, 2008, 103 [1] p., il.

Inventário bilingue (português-inglês) de arte sacra do concelho de Viana do Alentejo, que data do século XVI e, sobretudo, dos séculos XVII e XVIII. Nota introdutória com a descrição das igrejas paroquiais, das não paroquiais e das capelas edificadas entre os séculos XIV e XVIII, dedicadas ao Senhor das Chagas, a São Salvador, Nossa Senhora da Anunciação, de Aires (Viana do Alentejo), da Assunção e aos santos Geraldo e Sebastião. Os objectos de culto do inventário destacados na obra são sobretudo imagens que representam o Menino Jesus, Cristo Crucificado, Nossa Senhora da Anunciação, os santos João Evangelista, João Luís Gonzaga, Sebastião, António, Luís, rei de França e Santa Ana; uma pintura em tela figura Nossa Senhora com o Menino e um azulejo São Miguel Arcanjo. São também destacados ex-votos pintados e fotográficos (séculos XIX e XX), agradecendo curas, e um rosário. Texto introdutório de CARVALHO (Frederico Nunes de). – (F3-H2-H4-H6).

1846-07-*Arte sacra no concelho de Alandroal: inventário artístico da arquidiocese de Évora*, coordenação geral de RAMOS (Maria do Céu), coordenação científica de BORGES (Artur Goulart de Melo), Évora, Fundação Eugénio de Almeida, 2015, 115 [1] p., il.

Inventário bilingue (português-inglês) de arte sacra do concelho de Alandroal, datada do século XIV ao século XIX. Nota introdutória sobre o património do concelho, em especial sobre as igrejas paroquiais, as não paroquiais e as capelas edificadas entre os séculos XIII e XVI. Os lugares de culto são dedicados a Nossa Senhora da Conceição, da Consolação, da Boa Nova, do Rosário, do Loreto e aos santos Pedro, Bento, António, Tiago e Brás. As imagens seleccionadas figuram Cristo Ressuscitado, Nossa Senhora do Rosário, do Loreto, os santos Jerónimo, Pedro, Bento, João Baptista, Gregório Magno, Brás e Vicente Ferrer. As pinturas representam a Assunção de Nossa Senhora, Nossa Senhora da Conceição, do Carmo, os santos Miguel Arcanjo e as Almas e Pedro. Dois ex-votos pintados representam as curas de um animal e de um homem. São ainda destacados uma cruz relicário do Santo Lenho e um rosário. Texto introdutório de PAIS (Ana Cristina). – (C2-F3-H2-H4).

1847-12-*Arte sacra no concelho de Campo Maior: inventário artístico da arquidiocese de Évora*, coordenação geral de RAMOS (Maria do Céu), coordenação científica de BORGES (Artur Goulart de Melo), Évora, Fundação Eugénio de Almeida, 2013, 104 p., il.

Inventário bilingue (português-inglês) da arte sacra do concelho de Campo Maior, datada sobretudo dos séculos XVI a XVIII. Nota introdutória sobre os lugares de culto construídos desde a Idade Média e a instalação de conventos. As imagens figuram o Senhor da Paciência, o Sagrado Coração de Jesus, Nossa Senhora da Piedade, da Boa Morte, Miguel Arcanjo, Rafael Arcanjo, Sebastião e Diogo de Alcalá. As pinturas e azulejos pintados representam São João Evangelista na ilha de Patmos, cenas da vida de São João Baptista, um milagre de São Diogo de Alcalá e a Tentação de São Francisco de Assis. Há ainda um relicário do Santo Lenho e uma cruz relicário. Nota sobre o compromisso da confraria dos Santíssimos Corações de Jesus, Maria e José. Texto introdutório de VIEIRA (Rui Rosado). – (C2-G1-H2-H7).

1848-07-*Arte sacra no concelho de Estremoz. Santa Maria, Santo André e Évoramonte: inventário artístico da arquidiocese de Évora*, coordenação geral de RAMOS (Maria do Céu), coordenação científica de BORGES (Artur Goulart de Melo), Évora, Fundação Eugénio de Almeida, 2008, 142 p., il.

Inventário bilingue (português-inglês) de arte sacra do concelho de Estremoz, especialmente das freguesias de Santa Maria, de Santo André e de Évora Monte (Santa Maria), datada do século XIV e, sobretudo, dos séculos XVII a XVIII. Nota introdutória com a descrição das igrejas paroquiais, das não paroquiais e

das capelas edificadas entre os séculos XIII e XVII em honra de Santa Maria, de Nossa Senhora da Consolação, do Socorro, dos santos Francisco de Assis, Pedro, Anjo da Guarda e Rainha Santa Isabel. São destacadas as imagens que representam Cristo Crucificado, Cristo Morto, Nossa Senhora, os santos Miguel Arcanjo, João de Deus, Elias, a Rainha Santa Isabel e Santa Rita de Cássia, assim como o retábulo esculpado da Árvore de Jessé. Na pintura, é realçado o retábulo de Nossa Senhora da Assunção e as telas que figuram a Santíssima Trindade, Santa Úrsula e as Onze Mil Virgens e Santa Catarina de Alexandria. Merecem ainda relevo um relicário e um túmulo. O texto introdutório é de GUERREIRO (Hugo Alexandre Nunes). – (C1-C2-H2-H7).

1849-07-*Arte sacra no concelho de Mourão: inventário artístico da arquidiocese de Évora*, coordenação geral de RAMOS (Maria do Céu), coordenação científica de BORGES (Artur Goulart de Melo), Évora, Fundação Eugénio de Almeida, 2014, 104 p., il.

Inventário bilingue (português-inglês) de arte sacra do concelho de Mourão, datada do século XV ao XX. Contém uma nota introdutória em que menciona os principais edifícios religiosos (igrejas paroquiais e capelas). As imagens figuram Nossa Senhora da Luz, as Santas Mães e os santos José, Camilo de Lellis, Tomás de Aquino e Pedro. As pinturas em tela e azulejo representam São Miguel Arcanjo e as Almas e Santa Margarida de Cortona. São ainda destacados um retábulo dedicado a São Pedro e uma medalha com São Miguel Arcanjo subjugando Satanás. Texto introdutório de PATROCÍNIO (Manuel M. S.). – (C1-C2-H2-H6).

1850-07-*Arte sacra no concelho de Vendas Novas: inventário artístico da arquidiocese de Évora*, coordenação geral de RAMOS (Maria do Céu), coordenação científica de BORGES (Artur Goulart de Melo), Évora, Fundação Eugénio de Almeida, 2013, 92 p., il.

Inventário bilingue (português-inglês) de arte sacra do concelho de Vendas Novas, datada do século XVI ao século XX. Nota introdutória que descreve as igrejas paroquiais, as não paroquiais e as capelas edificadas entre os séculos XV e XX. Os seus titulares são Nossa Senhora de Fátima, da Conceição, da Nazaré, Auxiliadora e Coração de Maria, assim como os santos António, Fernando (Infante Santo), Gabriel Arcanjo, Domingos Sávio, Pedro e Bárbara. À capela de Nossa Senhora, situada no Monte da Ajuda, em Vendas Novas, realizavam-se romarias. Os objectos de culto do inventário que são destacados compreendem as imagens de Cristo Crucificado, de Nossa Senhora da Nazaré e das Dores, dos santos Amaro e Sebastião, uma pintura que representa São Pedro, uma cruz processional e uma custódia. O texto introdutório é de PAIS (Artur Aleixo). – (C1-C2-H2-H3).

1851-07-*Arte sacra no concelho de Vila Viçosa: inventário artístico da arquidiocese de Évora*, coordenação geral de RAMOS (Maria do Céu), coordenação científica de BORGES (Artur Goulart de Melo), Évora, Fundação Eugénio de Almeida, 2010, 168 p., il.

Inventário bilingue (português-inglês) de arte sacra do concelho de Vila Viçosa, datada do século XVI ao século XIX. Contém uma nota introdutória que descreve as igrejas paroquiais, as não paroquiais e as capelas de Nossa Senhora da Conceição, de Santo António da Lapa dos Milagres e a da Misericórdia. A organização conventual compreendia os conventos de Santo Agostinho, de São Francisco de Assis ou dos Capuchos, de Santa Cruz (integrado na Ordem de Santo Agostinho), das Chagas de Cristo (clarissas), de Nossa Senhora da Esperança (Ordem Terceira de São Francisco), de São João Evangelista (Companhia de Jesus) e de Nossa Senhora do Amparo (Congregação dos Eremitas da Serra de Ossa), no concelho do Redondo, seguidores da regra de Santo Agostinho. As imagens figuram Jesus Cristo e São João Evangelista, anjos ceroférários, a Dormição da Virgem, Nossa Senhora do Rosário, da Graça, os santos João Baptista, André Avelino, José, Ana Mestra e a Adoração dos Pastores. As pinturas de quadros e de azulejos representam o Aparecimento de Cristo à Virgem, a Assunção de Nossa Senhora, a Visitação, São Pedro de Alcântara, aspectos da vida de Santo António, São Miguel Arcanjo e o juízo Final. Outros objectos valiosos são constituídos por cruces processionais, uma cruz relicário do Santo Lenho e uma medalha. Nota sobre a confraria de Nossa Senhora do Rosário (Livro de Despesas de 1680-1829) e a irmandade dos Clérigos de São Pedro (1680). O texto introdutório é de OLIVEIRA (Mário Tavares de). – (C2-G1-H2-H6).

1852-.-*Arte sacra nos concelhos de Elvas, Monforte e Sousel: inventário artístico da arquidiocese de Évora*, coordenação geral de RAMOS (Maria do Céu), coordenação científica de BORGES (Artur Goulart de Melo), Évora, Fundação Eugénio de Almeida, 2008, 162 p., il.

Inventário bilingue (português-inglês) de arte sacra dos concelhos de Elvas, Monforte e Sousel, datada sobretudo dos séculos XVI a XVIII. Nota introdutória com uma resenha histórica das igrejas paroquiais, das não paroquiais, das capelas e dos conventos, existentes ou desaparecidos, edificadas entre os séculos XIII e XVIII. Os seus titulares são o Salvador, o Senhor Jesus da Piedade, o Espírito Santo, o Calvário, Nossa Senhora da Anunciação, dos Mártires, da Consolação, da Conceição, da Graça e da Orada. Assim como os santos Pedro, Francisco de Assis, João Baptista e Maria Madalena. Os objectos de culto destacados são principalmente imagens que representam o Menino Jesus, Cristo Crucificado, o Menino Jesus Bom Pastor, Nossa Senhora de Brotas, da Piedade, do Loreto e com o Menino, os santos António, Sebastião, Ana e a Virgem, assim como um painel em madeira esculpido com

a Coroação da Virgem. Na pintura sobressaem os retábulo do Pentecostes e de Nossa Senhora de Guadalupe (pintura e escultura), os painéis de azulejo representando Nossa Senhora da Orada, as pinturas com o Anjo da Guarda, Nossa Senhora da Assunção, a Adoração dos Magos, Santo António e a Visão do Menino Jesus. Outros objectos apresentados são uma Santa Face, um ex-voto pintado agradecendo o fim de uma seca, uma cruz relicário e um Porta-Paz. Texto introdutório de RODRIGUES (Jorge). – (C2-H2-H4-H7).

1853-..-07-*Barristas do Alentejo: catálogo* – 1962, exposição organizada pelo grupo pro-Évora, Évora, s. e., 1962, 32 [40] p., il.

Catálogo da exposição realizada em Évora que incluía mais de trezentas e cinquenta imagens de barro executadas por artistas populares, a maior parte das quais era iconografia religiosa proveniente dos distritos de Portalegre e de Évora. As figuras representadas são o Ecce Homo, o Menino Jesus, Nossa Senhora, os santos José, João Baptista, António, Onofre, Jerónimo, Maria Madalena e figuras de presépio.

1854-..-*Catálogo da exposição iconográfica e bibliográfica comemorativa do VIII centenário da chegada das relíquias de São Vicente a Lisboa*, Lisboa, Câmara Municipal, 1973, 182 [122] p., il.

Nas páginas 111-181 é apresentado o conjunto dos objectos apresentados na exposição iconográfica e bibliográfica efectuada em Lisboa no ano de 1973, comemorativa do VIII centenário (1173-1973) da chegada das relíquias de São Vicente (mártir de Valência) a Lisboa, seguido de cento e oitenta e sete estampas. As espécies (295) provenientes de diversas dioceses são constituídas por imagens, pinturas, desenhos, gravuras, livros, moedas, cruces e heráldica. – (H2-H5-H6).

1855-15-“A conservação do património cultural no concelho de Sesimbra”, *Sesimbra Cultural*, n.º 1, 1991, p. 23-28, il.

Nota sobre diversos objectos de culto do concelho de Sesimbra, sede do concelho do mesmo nome, datados dos séculos XV a XVIII. Representam o Padre Eterno, Nossa Senhora com o Menino e São Sebastião, as pinturas figuram a Adoração dos Pastores, a Anunciação e os santos António e Tiago. – (H2).

1856-11-*O culto de Santo António na região de Lisboa*, responsável pelo catálogo e da organização da exposição de MOITA (Irisalva), Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa, 1981, 128 p., il.

Nas páginas 73-112 do catálogo apresentam-se os objectos de culto da exposição sobre o culto de Santo António em diversos concelhos da área de Lisboa. São inventariados vinte e cinco pinturas, setenta e seis esculturas e oito painéis de azulejos que figuram Santo António. Notas de carácter biográfico e

hagiográfico referindo elementos do culto ao santo, desde o século XIII até aos nossos dias, enquanto advogado das Almas do Purgatório, dos objectos perdidos e do casamento, assim como santo milagreiro e medianoiro entre Deus e os homens. – (B2-D4-H2).

1857-15-“Declaração da irmandade de Nossa Senhora da Assunção acerca da execução de uma nova imagem da mesma senhora e a sua colocação na igreja do Espírito Santo, em 1758”, *Almada Histórica: Boletim de Fontes Documentais*, n.º 13-14, 2008, p. 39-42.

Transcrição de uma notícia relativa à execução de uma nova imagem de Nossa Senhora da Assunção para a igreja do Espírito Santo em Almada, sede do concelho do mesmo nome, em substituição da antiga que foi destruída pelo terramoto de 1755 e de que apenas se aproveitou a cabeça. A nova imagem, depois de benzida, foi conduzida em procissão pela irmandade desde Lisboa até à igreja do Espírito Santo. – (C2-E3).

1858-11-*Do gótico ao maneirismo: a arte na região de Mafra na época dos Descobrimentos*, Mafra, Câmara Municipal, 2000, 142 p., il.

Nas páginas 19 a 142 do catálogo da exposição *Do Gótico ao maneirismo: a arte na região de Mafra na época dos Descobrimentos* são apresentadas imagens, pinturas, crucifixos, objectos funerários e alfaias religiosas com as respectivas fichas descritivas. Os objectos de culto são provenientes do concelho de Mafra e representam Cristo, a Santíssima Trindade, Nossa Senhora e cenas da sua vida, os santos Antão, Brás, Marcos, Mamede, Simão, Sebastião, António com o Menino, as Santas Mães (Ana, a Virgem e o Menino) e as santas Luzia e Cristina. Os autores das fichas e dos textos são SOUSA (Ana Catarina de), PEREIRA (Fernando António Baptista), aliás BAPTISTA (Fernando António), MIRANDA (Marta), DUARTE (Ricardo), GORJÃO (Sérgio) e DESTERRO (Maria Teresa). – (H2).

1859-11-*E habitou entre nós: imagens do Menino Jesus no Patriarcado de Lisboa*, coordenação de SALDANHA (Sandra Costa), Lisboa, Centro Cultural do Patriarcado de Lisboa – Letras Várias, 2010, 94 p., il.

Catálogo da exposição que decorreu no mosteiro de São Vicente de Fora, situado freguesia do mesmo nome em Lisboa, no final de 2010 e início de 2011, sobre a iconografia do Menino Jesus ou com este relacionada, referente ao período que vai do Advento ao Natal. Os objectos de culto dos séculos XVI a XVIII são constituídos principalmente por vinte e sete imagens do Menino Jesus e por pinturas que representam a Anunciação, Santo António com o Menino e Santa Catarina de Alexandria. Outros objectos de culto figuram cenas da Adoração dos Pastores. Os objectos de culto são provenientes de vários lugares de culto de Lisboa e ainda de freguesias dos concelhos de Sintra e Torres Vedras. Notas

introdutórias do cardeal-patriarca e bispo de Lisboa POLICARPO (José da Cruz) e de OLIVEIRA (António Pedro Boto de). – (H2).

1860-11-*A ermida manuelina de São Roque*, coordenação de BRANDÃO (Elvira), Lisboa, Museu de São Roque, 1999, 82 p., il.

Catálogo da exposição sobre a ermida de São Roque em Lisboa, que apresenta, nas páginas 61-78 diversos objectos de culto, que datam dos séculos XVI a XIX: imagens do santo, pinturas representando cenas da vida de São Roque e um relicário, entre outros objectos ligados à ermida ou ao culto do santo. – (H2-H7).

1861-11-*Escultura: colecção de escultura da Misericórdia de Lisboa, século XVI a XX*, coordenação geral BRITO (Maria Filomena), MORNA (Teresa Freitas), Lisboa, Santa Casa da Misericórdia, 2000, 203 p., il.

Catálogo da colecção de escultura da Misericórdia de Lisboa, que compreende imagens do século XVI ao século XX nas páginas 46-202. Inventário e ficha descritiva de mais de duzentas peças que pertencem ao acervo de escultura da igreja de São Roque e do Museu de São Roque em Lisboa, assim como ao núcleo escultórico pertencente ao antigo convento de São Pedro de Alcântara. Tratam-se de imagens religiosas (esculturas retabulares e de nichos, imagens de roca) com várias representações de Cristo Crucificado, do Menino Jesus, do Sagrado Coração de Jesus, de Nossa Senhora com o Menino, de São José com o Menino, de Nossa Senhora sob várias invocações, nomeadamente da Assunção, da Doutrina, da Conceição, da Piedade e sobretudo de santos. Entre estes são representados Agostinho, Alberto de Liège (bispo, século XII), António, Amaro, Brás (bispo de Sebaste, Arménia, século IV) João Baptista, Francisco de Assis, Francisco Xavier, Estanislau Kostka, Inácio de Loiola, Gregório Magno, Joaquim, Libório de Mans (bispo, século XIV), Longuinho, Lucas, Mateus, Marcos, Roque, Sebastião, Ana, Brígida, Luzia, Teresa de Ávila e Verónica. São Longuinho, festejado a 15 de Março, foi um centurião romano que supervisionou a crucificação de Cristo e no fim cravou-lhe uma lança no peito para se assegurar que estava morto. O sangue que jorrou da ferida curou um mal que lhe afligia os olhos, levando-o a retirar-se para Capadócia, onde pregou a fê de Cristo e onde foi decapitado. Algumas destas imagens ainda integram as procissões. – (B2-F3).

1862-07-*Inventário do Museu de Évora: colecção de ourivesaria*, coordenação editorial de CORDEIRO (Isabel), SANTOS (Rui Afonso), SOROMENHO (Miguel), GARCIA (Isabel Penha), Lisboa, Presidência do Conselho de Ministros – Secretaria de estado da Cultura, Instituto Português de Museus, 1993, 416 p., il.

Catálogo das colecções de ourivesaria e joalharia do Museu Municipal de Évora dos séculos XVII e XVIII, que inclui nas páginas 91-363 a reprodução e descrição de várias peças de interesse religioso: coroas, resplendores, atributos e

adereços de estátuas da Virgem, do Menino e de santos, ex-votos, relicários e adereços litúrgicos, custódias e objectos de devoção individual. – (H4-H6-H7).

1863-12-*José Régio e a arte popular*, coordenação de VENTURA (António), Portalegre – Vila do Conde, Câmara Municipal, [D.L. 2001], 200 p., il.

Nas páginas 49-180 do catálogo são reproduzidas imagens em madeira e barro, provavelmente dos séculos XVII a XIX. Representam Cristo Crucificado, o Senhor Jesus do Bonfim, o Menino Jesus, a Sagrada Família, Nossa Senhora, São João Baptista e Santo António. Reprodução fac-similada do inventário e breve descrição das peças da colecção da Casa Museu José Régio situada em Portalegre, que inclui imagens, pinturas, relevos e ex-votos representando a Santíssima Trindade, a Anunciação, o Menino entre os Doutores, Cristo Crucificado, Cristo preso à coluna, o Senhor da Paciência, a Sagrada Família, Nossa Senhora das Dores, da Piedade, do Calvário, os santos José, António com o Menino, Miguel Arcanjo, Pedro, Francisco de Assis, Ana, Helena e Maria Madalena, entre outros. – (H2-H4).

1864-07-*Memória e esplendor: arte sacra na arquidiocese de Évora / Memory and splendour: sacred art in the archdiocese of Évora*, coordenação RAMOS (Maria do Céu), BAPTISTA (Ana Cristina), coordenação científica de BORGES (Artur Goulart de Melo), Évora, Fundação Eugénio Almeida, 2014, 194 [1] p.

Catálogo bilingue (português-inglês) com uma amostra de arte sacra da diocese de Évora. Destacam-se as obras de pintura (telas, azulejos pintados) e de imaginária (imagens de vulto, retábulos esculpidos), cruzeiros processionais, relicários e ex-votos datados dos séculos XIV a XVIII. As pinturas representam milagres de Cristo, a Adoração dos Magos, Nossa Senhora e santos. As imagens figuram sobretudo Nossa Senhora. – (H2-H3-H4-H7).

1865-11-*Museu Antoniano e a igreja de Santo António, à Sé – breve roteiro: festas da cidade, Junho de 1978*, Lisboa, Câmara Municipal, 1978, 10 [17] p., il.

Apresentação do roteiro da exposição permanente do Museu Antoniano, instalado numa sala anexa da igreja de Santo António na freguesia da Sé em Lisboa. São referidos objectos de culto datados dos séculos XVI a XX: imagens, pinturas, painéis de azulejo, medalhas, estampas com a figura do santo ou episódios da sua vida e dos seus milagres, assim como alguns espécimes bibliográficos editados nos séculos XVII a XIX. – (H2-H6).

1866-11-*No Caminho do Japão: arte oriental nas colecções da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa*, coordenação de SILVA (Nuno Vassalo e), Lisboa, Santa Casa da Misericórdia, 1993, 94 p., il.

Catálogo da exposição de objectos de culto e alfaias oriundos da Índia e Japão pertencentes ao Museu de São Roque em Lisboa. Os objectos de culto datam

dos séculos XVI a XVIII. Entre eles destacam-se várias imagens de Cristo Crucificado, uma Nossa Senhora da Conceição, cruces, uma cruz-relicário, um relicário e uma concha que tem um baixo-relevo com a cena da Adoração dos Magos. Os autores dos textos do catálogo e das fichas descritivas de cada peça são COUCEIRO (Gonçalo), SILVA (Nuno Vassalo e), BRITO (Maria Filomena) e MORNA (Teresa Freitas). – (H2-H7).

1867-11-*O púlpito e a imagem: os jesuítas e a arte*, coordenação de SILVA (Nuno Vassalo e), Lisboa, Santa Casa da Misericórdia, 1996, 82 p., il.

Nas páginas 67-79 do catálogo da exposição da iconografia realizada em 1996 no Museu de São Roque, são apresentadas obras do acervo da Misericórdia de Lisboa que reflectem a tradição cultural e espiritual dos jesuítas. A mostra compreende obras legadas à Misericórdia em 1768, após a expulsão dos jesuítas. Maioritariamente do século XVII, integram a colecção de imagens, pinturas, relicários e iluminuras que representam Cristo no Horto, Cristo entre Santos Mártires, a Ascensão de Cristo, Nossa Senhora da Piedade com o Menino, a Virgem entre santas mártires, os santos da Companhia de Jesus, nomeadamente Inácio de Loiola, Francisco de Borja, Francisco Xavier e Estanislau Kostka, assim como a representação dos martírios de Santo André e de Santa Catarina de Alexandria, entre outros. A concepção e a realização do catálogo é de SILVA (Nuno Vassalo e), BRITO (Maria Filomena) e MORNA (Teresa Freitas). – (H2-H7).

1868-11-“Roteiro” [de uma exposição de arte sacra], concepção e coordenação de CARDOSO (Guilherme), CABRAL (João), *Um olhar sobre Cascais através do património*, Cascais, Câmara Municipal – Associação Cultural de Cascais, 1989, vol. II (fontes documentais e arte sacra), p. 59-66, il.

Roteiro do núcleo de arte sacra da exposição *Um olhar sobre Cascais através do património* (1989) realizada em Cascais. Esse núcleo engloba reproduções fotográficas e objectos representativos do património arquitectónico e iconográfico religioso do concelho de Cascais: ourivesaria dos séculos XV-XVIII (cruz processional, custódias, relíquia) e ex-votos (século XVIII), pintura, azulejos pintados e escultura, representando Cristo Crucificado, Nossa Senhora da Misericórdia, do Ó, os santos Tiago, João Baptista, Lourenço e Sebastião, entre outros. São ainda referidos livros e compromissos da confraria do Santíssimo Sacramento e da irmandade das Almas da freguesia de Alcabideche. Menção de capelas e igrejas dedicadas a Nossa Senhora da Conceição, das Neves, da Guia e dos Navegantes, assim como aos santos Sebastião e António. – (G1-G2-H2-H4).

1869-11-*O Santo do Menino Jesus: Santo António, devoção e festa – catálogo*, Lisboa, Instituto Português de Museus – Instituto de Comércio Externo Português em 1995, 119 p., il.

Nas páginas 55-118, é apresentado o catálogo da exposição que se realizou em 1995 no Museu de Arte Popular de Lisboa dedicada aos aspectos devotos e festivos do culto a Santo António. As peças expostas são provenientes, na sua maior parte, de museus e de entidades particulares do distrito de Lisboa e sobretudo do concelho de Mafra, compreendendo imagens, tronos, ex-votos ou painéis gratulatórios, alminhas ou painéis do Purgatório, medalhas, terços e livros, registos em papel, escapulário. Outros objectos eram de uso pessoal ou do quotidiano como pratos, canecas, espelhos, papel-moeda (nota de vinte escudos), folhetos, cartazes, bilhetes de lotaria e capas de algumas publicações. Breve apontamento sobre a iconografia e as tradições de raiz popular: alminhas, ex-votos e o armar do trono, tradição nitidamente lisboeta. As fichas foram elaboradas por BERNARDO (José Miguel), GARCIA (Madalena Farrajota Ataíde) e NUNES (Maria Luísa Abreu). – (H2-H4-H5-H6).

1870-11-“Santoral feminino do concelho de Mafra”, *O eterno feminino no aro de Mafra*, coordenação de GANDRA (Manuel), Mafra, Câmara Municipal, 1994, p. 128-132, il.

Contributo para a elaboração de um santoral feminino do concelho de Mafra, com elementos alusivos à origem do culto e ao local onde se encontram as imagens de diversas santas. Estas são Ana, Bárbara, Catarina de Alexandria, Comba ou Vilgeforte, Cristina, Eulália, Filomena, Gertrudes Magna, Inês, Isabel, Luzia, Margarida de Antioquia ou da Galiza, Maria Madalena, Marta, Quitéria, Rita de Cássia, Susana e Teresinha do Menino Jesus. Referência a ex-votos do século XVIII dedicados às santas Cristina e Quitéria, agradecendo milagres de cura de doença e salvamento de tempestade. – (D4-F1-F3-H4).

1871-11-*São Vicente, diácono e mártir, padroeiro de Lisboa: 1700 anos do martírio de São Vicente*, Lisboa, Centro Cultural de Lisboa Pedro Hispano – Cabido da Sé Metropolitana de Lisboa, 2005, 347 [2] p.

Catálogo da exposição sobre São Vicente realizada em Lisboa em 2005, que contém nas páginas 33-55, 89-121, 137-155, 167-189, 217-221 e 253-260 a reprodução de diversos objectos de culto e iconográficos como pinturas, esculturas, heráldica, ourivesaria e numismática, registos e manuscritos provenientes na sua maior parte de museus, entidades eclesiásticas e particulares do distrito e do patriarcado de Lisboa. – (H2-H5-H6).

1872-07-*Tesouros de arte e devoção: exposição de arte sacra*, coordenação de BORGES (Artur Goulart de Melo), [Évora], Fundação Eugénio de Almeida, 2004, p. 335, il.

As páginas 11-17 e 45-335 do catálogo de arte sacra contém uma nota de apresentação dos núcleos e a descrição dos objectos da exposição realizada em Évora no período de 2003-2004. Datam dos séculos XIV a XIX. Um núcleo

compreende objectos relacionados com a celebração litúrgica da eucaristia; outro a devoção a Nossa Senhora e ao Menino Jesus, que inclui imagens representando diversas invocações de Nossa Senhora e do Menino Jesus, sozinhos ou integrando a Sagrada Família, e rosários, assim como diversos objectos pertencentes à confraria de Nossa Senhora do Rosário, que teve grande vitalidade entre os séculos XVII e XIX, estabelecendo-se primeiro no convento de São Domingos e depois na igreja paroquial de Santo Antão; finalmente, um terceiro núcleo é composto por imagens e relíquias de santos, por São Miguel Arcanjo e São Gabriel Arcanjo, assim como por relicários. A nota de apresentação é de BORGES (Artur Goulart de Melo). – (G1-H2-H6-H7).

1873-07-V *Centenário do nascimento de S. João de Deus, 1495-1995: exposição iconográfica*, Montemor-o-Novo, Câmara Municipal, 1995, [16] p., il.

Nota introdutória e catálogo da exposição realizada em Montemor-o-Novo, sede o concelho do mesmo nome, em 1995, para comemorar o quinto centenário do nascimento de São João de Deus. Reprodução de imagens, pinturas, azulejos pintados e relicários que representam o santo, datados dos séculos XVII-XX e provenientes de vários lugares de culto de Portugal. Notícia biográfica de São João de Deus (nasceu em Montemor-o-Novo, foi beatificado em 1630 e canonizado em 1691), fundador da Ordem Hospitaleira. Breve historial do seu culto em Portugal a partir do início do século XVII. Pesquisa e organização documental de FONSECA (Jorge). – (B2-D4-H2-H7).

H2 – Cenas esculpidas, pinturas, ícones, vitrais

1874-12-ABAF (Carlos), “Mestre Tempera: o homem e a obra”, *Ibn Maruán: Revista Cultural do Concelho de Marvão*, n.º 5, 1995, p. 173-193, il.

Notas sobre o pintor Manuel Nunes Miranda (artista popular 1918-1970), cujas obras se encontram nos concelhos de Marvão, Castelo de Vide e Portalegre, e representam o Bom Pastor, a Última Ceia de Cristo e a Pesca Milagrosa.

1875-07-AFONSO (Luís Urbano), “A apropriação simbólica da justiça: Trajano, D. João II e a pintura do tribunal de Monsaraz”, *Artis: Revista do Instituto de História da Arte da Faculdade de Letras de Lisboa*, n.º 2, 2003, p. 35-74, il.

Estudo sobre os frescos que representam uma Alegoria da Justiça do antigo tribunal da freguesia de Monsaraz, concelho de Reguengos de Monsaraz. Dados relativos à sua cronologia (provavelmente do início do século XVI) e descrição da pintura representando Cristo no Juízo Final, o Juiz Bom e o Juiz Corrupto, cuja leitura simbólica aponta para a diferenciação entre a justiça divina e a justiça terrena. Comparação com uma pintura semelhante (provavelmente do mesmo autor) que se encontra na ermida de Santo André em

Beja. Dados sobre a iconografia do Juízo Final nas gravuras e iluminuras da Idade Média e no pórtico da catedral de Estrasburgo, que contém elementos da iconografia mariana, do Juízo Final e da Justiça de Salomão (uma imagem de Salomão, uma teofania de Cristo, a Dormição, a Assunção e a Coroação da Virgem).

1876-07-AFONSO (Luís Urbano), “‘O Bom e o Mau Juiz’ de Monsaraz numa perspectiva estruturalista”, *A Cidade de Évora: Boletim da Comissão Municipal de Turismo de Évora*, n.º 6, 2002-2006, p. 321-341, il.

Posposta de modelo teórico para interpretar a pintura mural portuguesa do final da Idade Média que compreende a relação de alguns pares de oposições binárias topográficas (axial/perpendicular; baixo/alto, sul/norte) com pares de oposição binárias compositivas (esquerda/direita, cores quentes/cores frias, centro/periferia, novo/velho). Desta interacção resultam aquilo que é designado por oposições binárias éticas (Esperança/Desespero, Bem/Mal, Salvação/Condenação). O modelo é testado no caso da alegoria da justiça de Monsaraz, concelho de Reguengos de Monsaraz, designada como *O Bom (Cristo) e o Mau Juiz*, datada de 1490. – (A1).

1877-15-AFONSO (Patrícia Cristina Fonseca), *O retábulo em Setúbal*, dissertação de mestrado em História da Arte especialização em História da Arte Portuguesa apresentada à Faculdade de Ciências Humanas Sociais da Universidade do Algarve, Faro, em 2009, 205 p., il., plantas. file:///C:/Users/ELITEDESK/Downloads/texto_final%20(3).pdf (consultada em 13-05-2019).

Análise dos retábulos dos lugares de culto da cidade de Setúbal nos séculos XVI a XIX. Quantificação e descrição das igrejas paroquiais, ermidas e conventos construídos desde a Idade Média aos séculos XVIII, assim como das vivências religiosas da população de Setúbal. Entre as confrarias neles sediadas encontram-se as dedicadas ao Santíssimo Sacramento, a Nossa Senhora do Monte, do Terceiro Cordão de São Francisco de Assis e das Almas. São assinaladas as procissões dos Passos, do Corpo de Deus, do Senhor Jesus dos Passos, do Coração de Jesus, do Menino-Deus, da Santíssima Trindade, da Invenção da Santa Cruz, de Nossa Senhora do Rosário, da Graça, da Saúde, das Dores, do Parto, da Boa Morte, do Bom Sucesso, Mãe dos Homens, da Conceição e de Lurdes, assim como dos santos António, Pedro, José, Luís Gonzaga e Francisco de Assis. O estudo de setenta e um retábulos de Setúbal executados nos séculos XVII e XIX, que aborda as questões seguintes: a encomenda, usos e funções, materiais e técnicas, a periodização, tipologias e exemplares ímpares, a complementaridade das artes e a produção artística. Catálogo dos setenta e um retábulos recenseados, dos quais foi feita uma ficha de inventário de cinquenta e um. – (C1-C2-E3-G1).

1878-15-ALEIXO (Ana Teresa dos Reis), *O azulejo enquanto pólo dinamizador e adjetivador do espaço arquitetónico religioso: a capela da fortaleza de São Filipe em Setúbal e as “falsas arquitecturas”*, dissertação de mestrado em Reabilitação da Arquitectura e Núcleos Urbanos apresentada à Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa em 2000, 2 vol., 269-146 p., dactilogr., il., mapas, plantas (consultável na Biblioteca Nacional de Portugal).

Estudo sobre o azulejo da capela da fortaleza de São Filipe de Néri em Setúbal. Notas sobre a evolução da azulejaria em Portugal e a importância da pintura como suporte da arte azulejar na transição do século XVII para o século XVIII, assim como os efeitos do azulejo no espaço arquitetónico na época do barroco. Análise do caso da capela da fortaleza de São Filipe de Néri que possui azulejos pintados com “falsas arquitecturas”. Os azulejos dedicados à temática religiosa representam cenas da vida de São Filipe de Néri, a Anunciação e a Natividade. O volume II é dedicado ao levantamento dos edifícios de cariz religioso do distrito, organizado por concelhos, que têm ou tiveram azulejos, ao levantamento iconográfico, fotográfico e documental da fortaleza e da capela de São Filipe de Néri. – (C2).

1879-ALEXANDRE (Marta), “O retábulo da igreja do convento de São Bento de Avis”, *A Cidade: Revista Cultural de Portalegre*, n.º 12, 1998, p. 187-212, il.

Descrição do retábulo-mor esculpido da igreja do convento de São Bento situado em Avis, sede do concelho do mesmo nome. O retábulo é datado do último quartel do século XVII e contém as imagens de Cristo Crucificado, de Nossa Senhora da Assunção (titular da igreja), de São Bento e de Santa Escolástica. As capelas laterais da igreja são dedicadas ao Sagrado Coração de Jesus, ao Santo Cristo, ao Senhor dos Passos, a Nossa Senhora da Orada, aos santos António, Pedro e Bento. – (C2-H1).

1880-07-ALMEIDA (Isabel Cruz), LIBERATO (Cândida), LEMOS (Jorge Sande), “Estudos sobre a iconologia da igreja de Santa Maria de Belém”, *O largo tempo do Renascimento: arte, propaganda e poder*, coordenação de CANTERA (Maria José Redondo), SERRÃO (Vitor), Lisboa, Caleidoscópio, 2008, p. 399-412, il.

Estudo sobre a iconografia esculpida na pedra da porta axial da igreja de Nossa Senhora de Belém (igreja do mosteiro dos Jerónimos), freguesia de Santa Maria de Belém em Lisboa, datada do segundo quartel do século XVI. A leitura iconológica foi organizada em vinte e um conjuntos de motivos que conjugam temas de carácter cristão, destacando-se a vida e obra de Cristo Redentor, a mensagem da salvação e vida eterna veiculada pela iconografia, bem como temas profanos alusivos à figura régia e à história de Portugal. – (C2).

1881-ALMEIDA (Jorge Filipe de), “Os painéis de Nuno Gonçalves”, *Olisipo*, n.º 17, 2002, p. 119-156, il.

Estudo sobre os painéis de São Vicente que se encontram no Museu Nacional de Arte Antiga em Lisboa. Segundo o autor, constituem um acto de veneração ao mártir Infante Dom Fernando, feito prisioneiro em Fez (Marrocos) no ano de 1437 e onde morreu às mãos dos muçulmanos com aura de santidade em 1443.

1882-07-ALMEIDA (Maria Amélia de), RODRIGUES (Maria Jorge), “Uma pintura mural – símbolo do poder local”, *Vértice*, n.º 24, 1990, p. 65-74, il., mapa.

Elementos para o estudo da pintura conservada no antigo tribunal da freguesia de Monsaraz, concelho de Reguengos de Monsaraz. A pintura representa no registo superior Cristo entronizado e no inferior o Bom e o Mau Juiz. As autoras datam a pintura do século XV e não do século XIV, como habitualmente, baseadas na temática e em vários elementos iconográficos.

1883-07-ALVES (Anabela), “A redescoberta da pintura mural na igreja de Santa Marta em Évora”, *A Cidade de Évora: Boletim da Comissão Municipal de Turismo de Évora*, n.º 8, 2009, p. 495-500, il.

Notícia sobre a pintura mural encontrada na igreja de Santa Marta situada em Évora, datada provavelmente do século XV. As pinturas que representam a Virgem Maria, São Pedro e Santo André, faziam parte de um conjunto cujo tema principal era talvez um Calvário. A igreja servia de panteão aos eclesiásticos falecidos nos séculos XVI e XVII. – (C2-H7).

1884-ARAÚJO (Custódia Maria Freixial), *O Fresco de Monsaraz: o espelho social, artístico e político entre Tejo e Odiana, em finais do Século XV*, dissertação de mestrado em Sul Ibérico e Mediterrâneo – especialidade em História Medieval apresentada à Universidade de Évora em 2013, XVIII-96, il., quadros. <http://hdl.handle.net/10174/16183> (consultada em 31-09-2020).

Estudo sistemático do fresco, denominado o “Bom e Mau Juiz de Monsaraz” pintura mural que se encontra na parede noroeste da Sala de Audiências dos Antigos Paços do Concelho da vila de Monsaraz, concelho de Reguengos de Monsaraz, que data provavelmente do final do século XV, mas que a autora situa entre 1514 e 1521. O fresco é analisado do ponto de vista temático e narrativo, procurando identificar os elementos iconográficos à luz do seu contexto social, político e artístico em que foi realizado. Identificação dos fundamentos éticos e morais para o Bom Governo do rei na pintura de Monsaraz. Notas sobre a irmandade da Misericórdia de Monsaraz fundada em 1520. – (G2).

1885-11-ASSUNÇÃO (Ana Paula), FERREIRA (Sílvia), “Magnificência e doutrina: os altares de talha barroca”, coordenação de FERNANDES (Carla Varela), *Igreja matriz de Bucelas*, s. 1., Imprimatur, 2018, p. 105-121, il.

Estudo sobre a retabulística de talha dourada da igreja paroquial de Bucelas, concelho de Loures. O primeiro retábulo-mor datado do século XVII só se

conhece através da documentação da irmandade do Santíssimo Sacramento. A iconografia na actualidade é constituída pela talha dourada do altar-mor (primeira metade do século XVIII) e por dois altares colaterais dedicados a Nossa Senhora do Carvalho e a Nossa Senhora do Rosário, datados da segunda metade do século XVII, assim como por várias imagens. Menção da irmandade do Santíssimo Sacramento. – (G1-H1).

1886-11-AZEVEDO (Carlos A. Moreira), “Iconografia do Espírito Santo no concelho de Alenquer”, *Estudos de iconografia cristã*, Vila Nova de Gaia, Fundação Manuel Leão, 2016, p. 41-46, il.

Notas sobre a iconografia do Espírito Santo no concelho de Alenquer no período entre o século XIV e o século XVIII. O culto do Espírito Santo teve início em Alenquer na igreja a ele dedicada, fundada pela Rainha Santa Isabel no ano de 1320. No concelho há outros lugares de culto dedicados ao Espírito Santo nas freguesias da Ota, de Aldeia Galega da Merceana, de Aldeia Gavinha e de Ventosa. Descrição dos vários elementos que compõem a iconografia do Espírito Santo, que se encontra nestas e noutras igrejas do concelho: a pomba, a Anunciação, o Baptismo de Cristo, o Pentecostes, a Trindade e santos. – (C2).

1887-12-BAPTISTA (Fernando António), aliás PEREIRA (Fernando António Baptista), “Pinturas quinzentistas do santuário do Cabo Espichel”, *Sesimbra Cultural*, n.º 5, 1996, p. 27-28, il.

Notas sobre as pinturas do santuário de Nossa Senhora do Cabo (Espichel) na freguesia do Castelo em Sesimbra, sede do concelho do mesmo nome, datadas do século XVI. As pinturas representam os santos António e Tiago e a sua autoria é atribuída ao mestre da Lourinhã.

1888-15-BARBOSA (Pedro Gomes), PEREIRA (Fernando António Baptista), aliás BAPTISTA (Fernando António), “Iconografia da morte e ressurreição de Cristo, desvios heterodoxos em dois painéis do antigo retábulo da igreja de Jesus em Setúbal”, *Prelo*, n.º 2, 1984, p. 41-58, il.

Análise dos desvios heterodoxos das tábuas Deposição de Cristo e Ressurreição de Cristo pertencentes ao antigo retábulo da Paixão da igreja de Jesus de Setúbal. Comparação dos parâmetros definidos pela Igreja sobre o tema com os desvios resultantes das visões heterodoxas relativas à natureza de Cristo patentes nas referidas tábuas: a Deposição representa São João Evangelista a apertar o nariz, em sinal da corruptibilidade do corpo de Cristo; a Ressurreição de Cristo representada com o túmulo fechado, em sinal da imponderabilidade de Cristo. Uma vez Cristo libertado do corpo que foi a sua prisão temporária e que se corrompeu, na Ressurreição é a alma na sua ilusão corpórea que está representada. Poderá significar a crença de que a seguir à morte a alma era

julgada de imediato, sendo o corpo julgado apenas no fim dos tempos, após a ressurreição dos corpos. Referência a outros painéis do século XVI, nomeadamente os que se encontram na charola da igreja do convento de Cristo de Tomar (distrito de Santarém) e da Sé de Viseu, onde se encontram também alguns desvios face ao ponto de vista oficial da Igreja.

1889-11-BATISTA (Jorge Rodrigues), “O tecto seiscentista da igreja de São João das Lampas”, *Artis*, n.º 6, 2007, p. 187-298, il.

Descrição sumária do tecto da nave da igreja paroquial da freguesia de São João das Lampas, concelho de Sintra. A edificação da igreja remonta ao século XIV e foi reconstruída na década de sessenta do século XVII. O tecto da nave é composto por vinte e um painéis com emblemas alusivos a temáticas bíblicas e hagiográficas. Estão representados nos emblemas do centro Nossa Senhora do Rosário, a estigmatização de São Francisco de Assis, os santos Pedro, António, João Baptista e Sebastião; e nos das laterais diversos símbolos da vida cristã. São referidos o altar-mor dedicado a São João Baptista, onde figuram a imagem do orago, ladeada por São Sebastião e Santo António. Os altares da nave são erigidos em honra do Sagrado Coração de Jesus e de Nossa Senhora da Saúde, representados por imaginária. – (C1-H1).

1890-11-BATOREÓ (Manuel), “A Ceia de Cristo em Emaús do Museu Nacional de Arte Antiga: problemas técnicos e estilísticos numa pintura do século XV”, *Artis*, n.º 1, 2002, p. 89-103, il.

Estudo sobre uma pintura do século XV de autor desconhecido pertencente ao Museu Nacional de Arte Antiga em Lisboa. Representa o tema da Ceia de Cristo em Emaús, retirado dos evangelhos de São Lucas e de São Marcos, estando Cristo rodeado de dois apóstolos e a abençoar o pão. O problema da filiação da tela, atribuída a uma oficina coimbrã, por analogia com o retábulo de Santa Ana do Museu Nacional Machado de Castro (Coimbra). Crê-se que não estava originalmente isolada, mas fazia parte de um retábulo de temática eucarística. Reconstituição conjectural da tela.

1891-11-BATOREÓ (Manuel), “O painel ‘Apresentação do Menino no templo’ da igreja de Santa Iria da Azóia”, *Estudo da pintura portuguesa – oficina de Gregório Lopes: actas*, [Lisboa], Instituto José de Figueiredo, [D.L. 1999], p. 115-122.

Estudo sobre um painel pintado proveniente da igreja matriz da freguesia de Santa Iria da Azóia, concelho de Loures, e hoje exposto no Museu de Arte Sacra do Seminário Maior dos Olivais em Lisboa, que representa a Apresentação do Menino no Templo. Análise técnica para a atribuição da autoria e análise iconográfica que estabelece a relação do tema da pintura com a procissão da festa de Nossa Senhora das Candeias, apontando mais para a purificação de Maria do que para a apresentação, ambas celebradas na mesma data (2 de

Fevereiro). Na igreja há um altar dedicado a Nossa Senhora das Candeias. O destaque dado à Virgem é explicado pelo aumento das devoções marianas a partir de meados do século XV. Nota sobre a igreja paroquial de Santa Iria da Azóia. – (C1).

1892-11-BATORÉO (Manuel), “O painel quinhentista *Baptismo de Cristo* da igreja de São Francisco de Alenquer”, *Boletim Cultural*, Assembleia Distrital de Lisboa, Assembleia Distrital de Lisboa, n.º 94, t. 1, 2000-2002, p. 37-50 [8].

Estudo sobre o painel quinhentista *Baptismo de Cristo* da igreja de São Francisco de Assis em Alenquer, sede do concelho do mesmo nome, datado de 1547. O tratamento deste tema na pintura parece revelar já sinais da doutrina iconográfica tridentina, representando Cristo numa atitude de humildade perante São João Baptista. Esta interpretação poderá ser provada pelas correcções efectuadas na pintura reveladas pela reflectologia de infravermelhos. – (A5).

1893-11-BATORÉO (Manuel), *A pintura do “Mestre da Lourinhã”: as tábuas do Mosteiro das Berlengas na evolução de uma oficina*, dissertação de mestrado em História de Arte apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa em 1995, 2 vol., (372 [5], 25 [250]) p., dactilogr., il., fac-símile de documentos (consultável na Biblioteca Nacional de Portugal).

Estudo iconográfico sobre a pintura atribuída ao mestre da Lourinhã (segundo o autor é Álvaro Pires) e à sua oficina, inserido na conjuntura institucional, social, mental e artística das primeiras décadas do século XVI. Debruça-se principalmente sobre as tábuas provenientes do mosteiro jerónimo das ilhas Berlengas que se encontram na igreja da Misericórdia da Lourinhã, sede do concelho do mesmo nome. O corpus das obras estudadas inclui ainda outras pinturas que se encontram em museus e em diversos lugares de culto e que representam temas bíblicos, Cristo, a Natividade, a Anunciação, a Adoração dos Magos, a Virgem com o Menino, Nossa Senhora do Pópulo e episódios da vida dos santos João Baptista, João Evangelista, Jerónimo, Tiago, Bárbara e Paula. Dados de teor histórico sobre a fundação do mosteiro das Berlengas da Ordem de São Jerónimo no século XVI. Em anexo são transcritos o *Livro de Receitas e Despesas da Santa Casa da Misericórdia da Lourinhã* e o *Inventário do Património da Santa Casa da Misericórdia da Lourinhã*. O volume II compreende o anexo gráfico. – (C2-G2).

1894-11-BATORÉO (Manuel), “Pintura do Renascimento ‘redescoberta’ em Vila Franca de Xira”, *Artis*, n.º 2, 2003, p. 277-278.

Notícia sobre uma pintura do século XVI que representa a mártir Santa Luzia, existente na ermida do Senhor da Boa Morte em Povos, freguesia de Vila Franca de Xira, sede do concelho do mesmo nome.

1895-11-BATORÉO (Manuel), *Pintura Portuguesa do Renascimento: o mestre da Lourinhã*, Casal de Cambra, Caleidoscópio, 2004, 202 p., il., quadros.

Estudo iconográfico sobre a pintura atribuída ao mestre da Lourinhã, identificado como sendo Álvaro Pires, e à sua oficina. A pintura é analisada tendo em conta a conjuntura institucional, mental e artística das primeiras décadas do século XVI e a influência flamenga. O corpus de obras fixado pelo autor reduz substancialmente outras propostas apresentadas por historiadores. O estudo incide sobre as obras e os seus encomendantes, compreendendo o núcleo da Lourinhã, sede do concelho do mesmo nome, composto pelas tábuas que representam São João Baptista no Deserto e São João Evangelista em Patmos; outras pinturas representam São Jerónimo em oração, a profissão de Santa Paula, as tábuas do retábulo de São Tiago, cenas do Antigo Testamento, da vida da Virgem e de Cristo, entre outras que se encontram em diversos museus.

1896-11-BATORÉO (Manuel), SERRÃO (Vítor) “O retábulo de São Bartolomeu da Sé de Lisboa. Garcia Fernandes numa obra de ‘Parceria’“, *Garcia Fernandes, um pintor do Renascimento: eleitor da Misericórdia de Lisboa*, coordenação de BRANDÃO (Elvira), SILVA (Nuno Vassalo e), CAETANO (Joaquim Oliveira), Lisboa, Museu de São Roque, 1998, p. 87-103, il.

Estudo iconográfico do retábulo de São Bartolomeu exposto na capela de São Bartolomeu da Sé de Lisboa, da autoria de Garcia Fernandes e Cristóvão de Figueiredo. Datado de 1537, nele figuram o martírio do santo, a Anunciação, a Natividade, a Adoração dos Magos, a Lamentação sobre Cristo Morto e a Última Ceia. – (C1).

1897-15-BATORÉO (Manuel), “Uma visitação do senhor D. Jorge à ermida do Cabo Espichel e a pintura do Mestre da Lourinhã”, *Ordens militares: guerra, religião, poder e cultura*, Actas do III Encontro sobre ordens militares, coordenação de FERNANDES (Isabel Cristina Ferreira), Lisboa – Palmela, Edições Colibri – Câmara Municipal de Palmela, 1999, vol. II, p. 365-372, il.

Notas sobre a pintura retabular da antiga ermida de Nossa Senhora do Cabo (Espichel), situada na freguesia do Castelo em Sesimbra, sede do concelho do mesmo nome, da qual faziam parte, provavelmente, duas tábuas guardadas na sacristia do actual santuário. Elas representam São Tiago e Santo António. O autor atribui a execução do retábulo a Álvaro Pires, o denominado mestre da Lourinhã. – (C2).

1898-07-BILOU (Francisco), “A pintura mural da capela de São Pedro da Ribeira, em Montemor-o-Novo: para uma tentativa de interpretação iconológica e autoral da obra”, *Património artístico no Alentejo Central: obras, mestres, mecenas, 1516-1604*, Lisboa, Edições Colibri, 2016, p. 103-110, il.

Notas sobre uma pintura datada das primeiras décadas do século XVI que se encontra na capela de São Pedro da Ribeira em Montemor-o-Novo, sede do concelho do mesmo nome. Representa São Pedro no trono papal, com as insígnias tradicionais e rodeado por cenas rurais em planos distintos (onde se inclui a exótica representação de um elefante) de evidente matriz erudita, apesar da feitura ingénua e popular.

1899-12-BORGES (Artur Goulart de Melo), *Museu de Arte Sacra de Elvas – Casa do Cabido: Guia*, Elvas, Paróquia de Nossa Senhora da Assunção – Arquidiocese de Évora, 2000, 24 p., plantas, il.

Guia do Museu de Arte Sacra de Elvas, sede do concelho do mesmo nome, que refere diversos objectos de arte sacra dos séculos XVI-XIX. Menção de imagens, de pinturas e baixos-relevos que representam a paixão de Cristo, Nossa Senhora e os santos António, Joaquim, Ana e Catarina de Sena (Siena), assim como de relíquias e ex-votos. – (H1-H4-H7).

1900-07-BORGES (Artur Goulart de Melo), “Os Santos Mártires de Évora: inventário da arquidiocese de Évora”, *Cultura: Revista de História e Teoria das Ideias*, vol. XXVII, 2010, p. 201-210.

Estudo sobre os chamados santos mártires de Évora, Vicente, Sabina e Cristeta, que trata dos lugares de culto com eles relacionados, de aspectos hagiográficos e iconográficos. São cultuados a 27 de Outubro e a eles foi erguida uma ermida no local onde se dizia terem nascido. Era-lhes também dedicada, na nave direita da Sé de Évora, uma das capelas laterais desaparecidas na década de 40 do século XX. A naturalidade dos santos irmãos, embora assumida pelos eborenses, mantém-se de difícil comprovação, sendo por muitos autores atribuída não à cidade alentejana, mas a Talavera de la Reina (Toledo, Espanha). Martirizados no século IV na cidade espanhola de Ávila, São Vicente e suas irmãs aí foram sepultados. Em sua honra foi construída uma grande basílica, expressão do reconhecimento e devoção aos chamados santos de Ávila. Da descrição legendária das suas vidas e martírios decorre a respectiva iconografia: o governador Daciano, enviado à Península Ibérica pelo imperador Diocleciano, promoveu uma intensa perseguição aos cristãos. O jovem Vicente recusou, como cristão, a adorar Júpiter, atitude que ditaria a sua morte. Colocado sobre o altar de pedra, esta tornou-se mole ficando impressas as suas pegadas, prodígio que deixou todos os presentes admirados e convencidos de que o Deus de Vicente era o verdadeiro. Tal facto levou Daciano a suspender temporariamente a condenação, tendo mandado o jovem para a prisão, onde foi visitado por suas irmãs Sabina e Cristeta. Convencido por elas a fugir, foram os três perseguidos e apanhados em Ávila (Espanha), sendo supliciados até à morte. Os seus corpos foram deixados ao abandono para alimento de animais. Todavia, apareceu uma

enorme serpente que os protegia e que se enroscou à volta de um judeu rico da cidade que desprezava os despojos dos santos, só se vendo livre da serpente quando prometeu converter-se ao cristianismo. Os mártires acabaram por ser sepultados pelos cristãos, espalhando-se rapidamente a sua devoção. O repertório iconográfico, muito reduzido no que concerne à diocese de Évora, confina-se praticamente à igreja de São Vicente nesta cidade, onde se encontra a pedra na qual supostamente este terá deixado as marcas dos seus pés; alguns painéis do retábulo-mor representam São Vicente conduzido perante o altar de Júpiter, São Vicente na prisão e a visita das irmãs, o martírio e o judeu impedido pela serpente de ultrajar os corpos dos três santos. A representação escultórica segue muito de perto a de Ávila. Nota sobre um conjunto de quatro painéis do século XVI que tem como figuras centrais os santos Miguel Arcanjo, Brás, Manços, Sebastião, que pertencia a outros tantos altares da Sé de Évora. – (B2-C2-H1).

1901-07-BORGES (Artur Goulart de Melo), SERRÃO (Vítor), “O ciclo de frescos com Sibilas e Profetas da igreja de Nossa Senhora de Machede (c. 1604-1625) e o seu programa iconológico”, *Artis*, n.º 3, 2004, p. 211-238, il.

Descrição e interpretação da decoração pictórica da igreja matriz da freguesia de Nossa Senhora de Machede dedicada a Nossa Senhora com o mesmo nome, concelho de Évora, inicialmente construída no século XIII e reconstruída integralmente entre 1604-1614. A sua decoração decorreu entre 1614 e 1625 e compreende um ciclo de natureza alegórica-simbólica referente a temas cristológicos, paraclíticos e marianos, segundo a perspectiva moralizante da concordância das bases proféticas clássicas com as vetero-testamentárias. O ciclo é único no panorama da arte portuguesa da Idade Moderna, sendo constituído por vinte e quatro representações dos Profetas e das Sibilas, distribuídas pela seguinte ordem: no corpo da igreja, na nave do lado do Evangelho, o Rei Salomão, a Sibila Eritreia, Moisés, a Sibila Frígia, o Profeta Isaías e a Sibila Agripina; na nave do lado da Epístola, o Rei David, a Sibila Déléfica, o Profeta Jeremias, a Sibila Ciméria, o Profeta Ageu, a Sibila Líbia; na capela-mor, na parede do lado do Evangelho, a Sibila Sambeta, e no lado da Epístola, a Sibila Europa. Nos tectos figuraram as restantes representações, sendo que as da capela-mor foram recobertas por caixotões pintados com molduras de estuque, enquanto as do corpo da igreja foram simplesmente caiadas. As figuras existentes aludem aos seguintes episódios da história cristã: a Vinda do Messias, a Fuga para o Egipto da Sagrada família, a Infância de Jesus, a Entrada Triunfal de Jesus em Jerusalém, a Paixão de Cristo, a Ressurreição, o Espírito Santo, a Anunciação, a Maternidade virginal de Maria, entre outros. São ainda mencionados três retábulos de talha rococó executados após o terramoto de 1755, uma pintura (cerca de 1625) representando Nossa Senhora de Machede, acompanhada por uma glória de anjos e uma imagem representando

a mesma invocação, que integravam o anterior retábulo-mor, assim como uma cena afrescada na parede fundeira da capela baptismal representando o Baptismo de Cristo. – (C1).

1902-07-BORGES (Augusto Moutinho), “Registos de exterior em Montemor-o-Novo”, *Almansor: Revista de Cultura*, n.º 8, 2009, p. 131-143, il., planta, quadros, gráficos.

Inventário dos registos de exterior em azulejo localizados em Montemor-o-Novo, sede do concelho do mesmo nome. Expressão do culto devocional, os registos inventariados datam dos séculos XVIII a XX e representam Nossa Senhora da Conceição, da Paz, do Rosário, da Visitação, de Fátima, os santos Marçal, António, Miguel Arcanjo, João Baptista, Teresinha do Menino Jesus e ainda as Almas do Purgatório. – (D2-D4).

1903-11-BORGES (Rodrigo da Câmara), *o presépio da Basilica da Estrela*, Lisboa, Edição do Autor, 2006, 205 p., il.

Contribuição para o estudo do presépio que se encontra na basílica da Estrela em Lisboa. datado de 1781-1785. Notas sobre a basílica da Estrela dedicada ao Santíssimo Coração de Jesus, que pertenceu às carmelitas descalças. Descrição dos espaços onde o presépio esteve exposto: a sala conventual decorada com pinturas alusivas à vida de Cristo e de Nossa Senhora e a tribuna do lado do Evangelho. Hoje está instalado na sacristia do lado da Epístola. Comentário sobre a posição e o significado dos vários conjuntos escultóricos: a Sagrada Família, os anjos proclamando a glória de Deus, o anúncio aos pastores, os fiéis (vários grupos que se dirigem para o berço do Menino Jesus), Jerusalém encoberta, cortejo dos Reis Magos e as suas ofertas, a Matança dos Inocentes, figuras e cenas pitorescas. – (C2-H1).

1904-07-BOTTO (Maria Margarida Donas), *Elementos para o estudo da pintura mural em Évora durante o período moderno: evolução, técnicas e problemas de conservação*, dissertação de mestrado em Recuperação do Património Arquitectónico e Paisagístico apresentada à Universidade de Évora em 1998, 106 p., dactilogr., il. (consultável na Biblioteca Nacional de Portugal).

Estudo sobre a pintura mural existente em igrejas, ermidas e conventos do distrito de Évora no período moderno. Encomendada sobretudo por confrarias, irmandades e congregações religiosas, as pinturas manifestam algum conservadorismo artístico e religioso patente na repetição dos modelos e na adesão às decisões tridentinas. Para além de temas profanos e de alegorias morais, as representações de temática religiosa são essencialmente marianas, como Nossa Senhora de Guadalupe, e hagiográficas, como as dos santos Pedro, António, Gregório Magno, Sebastião, Aleixo, Jordão, os Apóstolos, Maria Madalena, Clara de Assis e Bárbara, marcadas pela

simplicidade formal. Notas sobre a evolução da pintura mural em Portugal no período moderno, sobre aspectos técnicos e sobre a problemática da sua restauração. – (A5).

1905-07-BOTTO (Maria Margarida Donas), “Notícia da pintura mural quinhentista da antiga igreja paroquial de S. Jordão”, *A Cidade de Évora: Boletim da Comissão Municipal de Turismo de Évora*, n.º 3, 1998-1999, p. 51-57, il.

Notícia sobre uma pintura mural de 1526 descoberta na antiga igreja paroquial de São Jordão, hoje integrada numa herdade, na freguesia de Torre dos Coelheiros, concelho de Évora. A igreja, fundada no século XVI, não está afectada ao culto e foi vandalizada. O seu titular é São Jordão, não se sabendo se é o santo martirizado no local cerca de 305 ou o mestre da ordem dos Dominicanos, nascido na Saxónia, que morreu em 1237. O conjunto de pinturas murais foi executado em várias épocas, destacando-se os frescos da primeira metade do século XVI. As figuras representadas, ainda parcialmente ocultas, são de difícil identificação, reconhecendo-se como provável uma representação da Virgem e duas figuras de hábito. – (C2).

1906-11-BRITO (Maria Filomena), “7 telas do altar-mor da igreja de São Roque”, *Cidade Solidária*, n.º 17, 2007, p. 104-109, il.

Nota sobre sete telas do altar-mor da igreja de São Roque em Lisboa, constituídas pela Adoração dos Pastores, a Anunciação, a Assunção da Virgem, o Calvário, a Circuncisão ou a Imposição do Nome de Jesus, o Pentecostes e a Ressurreição, todas do século XVII. As pinturas destinam-se a documentar os três principais ciclos do calendário histórico-litúrgico da Igreja (a Natividade, a Páscoa e o Pentecostes). – (C2).

1907-12-CABEÇAS (Mário Henriques), “A arte da Nova Espanha em Portugal: André de Leão, o encomendador da tela, a Virgem de Guadalupe (1676) da Sé de Elvas do pintor mexicano Juan Correa”, *Artis*, n.º 3, 2015, p. 34-41, il.

Na capela lateral de Nossa Senhora de Guadalupe da antiga Sé de Elvas conserva-se uma tela com a representação de Nossa Senhora de Guadalupe, que foi enviada do México em 1676. A pintura segue a forma tradicional de representar a Virgem no Novo Mundo. Na igreja há outra representação da Nossa Senhora de Guadalupe, figurada com uma coroa à maneira de Nossa Senhora da Conceição. Menção de um ex-voto oferecido a Nossa Senhora de Guadalupe em cumprimento de uma promessa feita pelo povo de Elvas, sede do concelho do mesmo nome, que agradece a Nossa Senhora por ter livrado a cidade da peste. – (C1-F3-H4).

1908-07-CABRITA (Maria Teresa), “Pintura mural e o seu conhecimento”, *II Congresso internacional de história da arte: actas*, coordenação de FERNANDES

(Maria Luísa Garcia), RODRIGUES (José Carlos Menezes), TEDIM (José Manuel), Coimbra, Livraria Almedina, 2004, p. 695-706, il.

Breve análise de alguns exemplos de pintura mural religiosa do século XVI que se encontram na igreja paroquial de São Pedro, na freguesia de Veiros, concelho de Estremoz, na igreja paroquial de Santo Aleixo e na ermida de São Pedro, ambas situadas na freguesia de Nossa Senhora do Bispo em Montemor-o-Novo, sede do concelho do mesmo nome. A pintura representa cenas da vida de Santo Aleixo e de São Pedro. – (C1-C2).

1909-11-CAETANO (Joaquim Inácio), “As pinturas murais da igreja de Nossa Senhora da Purificação de Bucelas, concelho de Loures”, coordenação de FERNANDES (Carla Varela), *Igreja matriz de Bucelas*, s. l., Imprimatur, 2018, p. 93-103, il.

Notas sobre as pinturas murais do tecto da igreja paroquial de Nossa Senhora da Purificação, freguesia de Bucelas, concelho de Loures, que contêm símbolos eucarísticos e litanias datados dos finais do século XVII. – (C1).

1910-11-CAETANO (Joaquim Oliveira), “Algumas fontes das imagens do Natal”, *Os presépios de Belém: o Natal e a arte*, Lisboa, Presidência da República, 1996-1997, p. 9-25, il.

Texto introdutório da exposição *Os presépios de Belém: o Natal e a arte* (1996-1997), que decorreu na residência oficial da presidência da República em Lisboa. Breve estudo sobre a iconografia e as fontes literárias da arte portuguesa que tratam o tema da Natividade. Os episódios relacionados com a Anunciação, a Natividade, a Adoração dos Pastores e dos Reis Magos, a Circuncisão, a Apresentação de Jesus no Templo, entre outros, e a sua problemática têm origem em diversas fontes, nomeadamente em diversos evangelhos. A origem oriental do tema dos Reis Magos e a sua representação na pintura portuguesa, por exemplo no painel do mestre do Sardoal (distrito de Santarém), que se encontra no Museu Nacional de Arte Antiga, na Adoração dos Magos da Sé de Viseu, na qual Baltasar está representado como um índio brasileiro, e nos retábulos Adoração dos Pastores e Adoração dos Magos do Museu Nacional de Arte Antiga.

1911-11-CAETANO (Joaquim Oliveira), “Ao redor do presépio: fontes e imagens do ciclo da Natividade”, *Natividade em S. Roque*, coordenação de SILVA (Nuno Vassalo e), Lisboa, Museu de São Roque – Livros Horizonte, 1994, p. 10-25, il.

Análise da problemática das fontes escritas e das imagens que estão na origem da representação do presépio na pintura produzida na primeira metade do século XVI, tomando como referência a Circuncisão, a Apresentação do Menino no Templo e a Adoração dos Magos, que se encontram no Museu de Arte Antiga em Lisboa, assim como a Adoração dos Magos do Museu Grão Vasco em Viseu.

1912-11-CAETANO (Joaquim Oliveira), “Campelo nos Jerónimos: os fragmentos da fama”, *Jerónimos 4 séculos de pintura: 1992 / Mosteiro dos Jerónimos*, coordenação de ALMEIDA (Isabel Cruz), FRANCO (Anísio), MÂNTUA (Ana Anjos), PAIS (Ana Cristina), VERÍSSIMO (Ana Maria), Lisboa, Secretaria de Estado da Cultura – Instituto Português do Património Arquitectónico e Arqueológico – Mosteiro dos Jerónimos, [D.L. 1993], vol. II, p. 96-111, il.

A propósito da biografia do pintor António Campelo, que viveu na segunda metade do século XVI, são apresentadas notas sobre o mosteiro dos Jerónimos e várias pinturas executadas para este, hoje no Museu Nacional de Arte Antiga em Lisboa, que ilustram os temas da paixão de Cristo, nomeadamente o Cristo atado à Coluna. Outra obra do pintor referida é a Adoração dos Pastores, exposta no convento de Santo António em Torres Novas (distrito de Santarém).

1913-.-CAETANO (Joaquim Oliveira), CARVALHO (José Alberto Seabra), aliás SEABRA (José Alberto), *Frescos quinhentistas do Paço de S. Miguel*, Évora, Fundação Eugénio de Almeida, 1990, 135 p., il.

A propósito do estudo dos frescos de temática profana datados do século XVI que decoram o Paço de São Miguel em Évora, são analisadas outras obras de temática religiosa atribuídas ao seu autor. As obras encontram-se em museus e lugares de culto do centro e sul do País (distritos de Faro, Évora, Beja, Portalegre e Coimbra) e representam cenas da vida de Cristo, a Epifania, Santa Ana, a Virgem e o Menino, a Imaculada Conceição, a Virgem no Trono, os santos Amaro, Bento, Cosme, Damião, João Baptista, Paulo, Pedro, Romão, Vicente, Cristeta e Sabina.

1914-11-CAETANO (Joaquim Oliveira), “Do Triunfo da Obediência ao esforço da reivindicação (duas novas obras de Fernão Gomes)”, *Póvoa de Varzim: Boletim Cultural*, vol. XXVI, n.º 2, 1989, p. 619-635, il.

Contributo para o estudo da obra de tema religioso do pintor maneirista Fernão Gomes (1548-1612), que se encontra em Lisboa e em Évora. Análise da sua importância como difusor da iconografia influenciada pelos modelos da Contra-Reforma. Representam o Martírio de São Sebastião, a Queda de Lúcifer e a Visão de São Francisco de Assis, expostos no Museu Nacional de Arte Antiga. Análise das obras alegóricas Triunfo da Obediência, exibidas no mosteiro feminino dominicano de Nossa Senhora da Anunciada e na igreja da Ordem Terceira, ambas em Lisboa, e do Nascimento da Virgem, semelhante a um desenho de idêntica temática do mesmo autor. Esta teria funcionado como primeiro ensaio na concepção do tema para o painel a Obediência de olhos vendados da Biblioteca Pública de Évora. – (A5).

1915-11-CAETANO (Joaquim Oliveira), “Garcia Fernandes. Uma exposição à procura de um pintor”, *Garcia Fernandes, um pintor do Renascimento: eleitor da*

Misericórdia de Lisboa, coordenação de BRANDÃO (Elvira), SILVA (Nuno Vassalo e), CAETANO (Joaquim Oliveira), Lisboa, Museu de São Roque, 1998, p. 11-77, il.

Subsídio para uma historiografia da obra de Garcia Fernandes (século XVI) que menciona pinturas retratando episódios da vida de Cristo e da Virgem, integrantes da exposição realizada em Lisboa sobre o pintor: o Menino entre os Doutores, Apresentação de Jesus no Templo, Deposição no Túmulo, Calvário, Cristo Morto, Ressurreição, Descoberta do túmulo vazio pelas Santas Mulheres, Vida da Virgem, Aparição de Cristo à Virgem, Assunção da Virgem e Morte da Virgem. Outros temas bíblicos tratados são o Pentecostes e a Criação de Eva, assim como a figuração de Nossa Senhora das Dores e dos santos António, Bernardino de Sena (Siena), Brás, Cosme, Damião, Jerónimo, Lourenço, Manços, Paulo Eremita, Roque, Sebastião, Vicente, Miguel Arcanjo e Rafael Arcanjo, Catarina de Alexandria e Clara de Assis, entre outros.

1916-..-CAETANO (Joaquim Oliveira), *Jorge Afonso, uma interrogação essencial na primitiva pintura portuguesa*, dissertação de doutoramento em História da Arte apresentada à Universidade de Évora em 2013, 231 p., il., quadros. <http://hdl.handle.net/10174/18922> (consultada em 23-06-2019).

Contribuição para o estudo da obra do pintor Jorge Afonso, activo nas primeiras metades do século XVI, e sobre o impacto que esta teve na arte portuguesa do seu tempo. São analisadas as pinturas da charola de Tomar (distrito de Santarém), que representam as Sete Dores da Virgem e a Paixão de Cristo nos seus aspectos técnicos, artísticos e iconográficos; o retábulo da igreja conventual da Madre de Deus, hoje no Museu Nacional de Arte Antiga em Lisboa, que representa cenas da vida da Virgem, nos aspectos criativos e das fontes iconográficos; o retábulo do mosteiro de Jesus, hoje no Museu de Setúbal situado no próprio mosteiro de Jesus, que figura a paixão de Cristo, cenas da vida da Virgem e a temática da exaltação de personagens da Ordem de São Francisco de Assis, no que concerne aos aspectos técnicos e artísticos.

1917-..-CAETANO (Joaquim Oliveira), “O melhor oficial de pintura que naquele tempo havia”, direcção de CURTO (Diogo Ramada), *O tempo de Vasco da Gama*, Lisboa, Difel – Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1998, p. 333-345, il.

Notas sobre o pintor Francisco Henriques (século XVI) e a sua obra onde são referidos o retábulo-mor da igreja de São Francisco de Assis em Évora, que reunia quatro fiadas de pintura com quatro telas cada, divididas por um eixo central onde se encontrava o sacrário; as imagens de São Francisco de Assis e de Nossa Senhora da Porciúncula, assim como um Calvário. Outras pinturas, que se encontram no Museu de Arte Antiga em Lisboa e no Museu de Grão Vasco em Viseu, representam a Aparição de Cristo a Maria Madalena, a Paixão e Morte de Cristo, a Anunciação, a Natividade, a Adoração dos Magos, a

Apresentação do Menino no Templo, os santos Mártires de Marrocos, António, Bernardino de Sena (Siena), Boaventura e Gregório Magno. – (C2-H1).

1918-11-CAETANO (Joaquim Oliveira), *Pintura. Século XVI ao século XX: colecção de pintura da Misericórdia de Lisboa*, coordenação científica de SILVA (Nuno Vassalo e), Lisboa, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa – Museu de São Roque, 1998, 2 vol. (vol. 1, 1520-1700); (vol. 2, 1700-1998), 157-155 p., il.

Inventário e notas iconográficas da colecção de pintura da Misericórdia de Lisboa dos séculos XVI a XX. Reúne as obras que pertenceram à irmandade de São Roque, à própria Misericórdia de Lisboa e à Companhia de Jesus (igreja de São Roque), assim como outras provenientes de legados de benfeitores e de aquisições. As pinturas representam cenas da vida de Cristo e da Virgem, Nossa Senhora da Conceição, das Dores, da Misericórdia, da Piedade, do Pópulo, assim como episódios da vida, obra, milagres, aparições ou morte de santos, como por exemplo António, Inácio de Loiola, Francisco Xavier, Pedro de Alcântara (transporte miraculoso), Roque e Teresa de Ávila. Outros santos figurados são, nomeadamente, Agostinho, Ambrósio, André, Conrado de Placência (Piacenza), Estanislau Kostka, Francisco de Assis, Francisco de Borja, Gregório Magno, Ildefonso, Jerónimo, João Evangelista, João Baptista, João Crisóstomo, Joaquim, José, Paulo, Sebastião, Ana, Catarina de Alexandria, Clara de Assis e Maria Madalena. Notícia de alguns ex-votos que agradecem milagres de cura feitos pelo Senhor Jesus Crucificado, o Senhor Morto, o Senhor Jesus das Francesas ou Francesinhas e o beato Simão de Rojas (presbítero e religioso trinitário, 1522-1624), assim como da bandeira dos condenados que eram assistidos pela irmandade da Misericórdia. Colaboraram na obra BRITO (Maria Filomena) e MORNA (Teresa Freitas). – (H3-H4).

1919-11-CAETANO (Joaquim Oliveira), “O retábulo dito de São Bento: revistação de um velho problema”, *Invenire: Revista de Bens Culturais da Igreja*, n.º 14, 2017, p. 38-47.

Notas sobre a autoria do retábulo, dito de São Bento, originalmente pintado para a capela do Salvador do convento de São Francisco de Assis em Lisboa, no ano de 1520-1521. As quatro tábuas representam a Visitação, a Adoração dos Magos, a Apresentação de Jesus no Templo e o Menino entre os Doutores.

1920-11-CAETANO (Joaquim Oliveira), “Roque e as suas imagens”, *A ermida manuelina de São Roque*, coordenação de BRANDÃO (Elvira), Lisboa, Museu de São Roque, 1999, p. 47-60, il.

Estudo sobre quatro tábuas pintadas do Museu de São Roque em Lisboa, datáveis da segunda metade da década de 1590, que representam cenas da vida do mártir advogado contra a peste. A primitiva ermida de São Roque, sagrada em 1515, onde se encontravam as pinturas, foi construída para abrigar uma

reliquia do santo, obtida após um surto pestífero que assolou Lisboa em 1505. A ermida foi a sede da irmandade de São Roque, a mais antiga da Península Ibérica. História da vida de São Roque (1350-1379), nascido em França e canonizado no século XVI. O seu culto disseminou-se por Itália e França no final do século XV e, por essa via, chegou à Península Ibérica. Comparação com São Sebastião, cuja iconografia não está, como a de São Roque, associada à peste. – (C2-F3-H7).

1921-11-CAETANO (Joaquim Oliveira), “A série de Santa Teresa no convento de Nossa Senhora da Piedade, de Cascais”, *Josefa de Óbidos e a invenção do Barroco Português*, coordenação de FRANCO (Anísio), Lisboa, Museu Nacional de Arte Antiga – Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2015, p. 207-210, il.

Nota sobre a série de pinturas de Santa Teresa de Ávila executada em 1672 por Josefa de Óbidos para o convento de Nossa Senhora da Piedade de Cascais, sede do concelho do mesmo nome, que retratam vários aspectos da vida de Santa Teresa e da sua espiritualidade.

1922-11-CAETANO (Joaquim Oliveira), “O tecto de São Roque”, *O tecto da igreja de São Roque: história, conservação e restauro*, 2002, p. 13-37, il.

Estudo iconográfico sobre as pinturas maneiristas em madeira do tecto da igreja de São Roque em Lisboa, datadas dos finais do século XVI e princípios do século XVII. O programa iconográfico compreende, no medalhão central, a Exaltação da Santa Cruz e cenas do Antigo Testamento, como a Páscoa Judia, a Apanha do Maná, o Sacrifício de Isaac, Abraão e Melquisedeque, entre outras; e do Novo Testamento a Ceia de Cristo, Cristo em casa de Marta e Maria, a Ceia de Emaús, a Multiplicação dos Pães e dos Peixes. Dados sobre a dificuldade em atribuir a autoria de cada parte do tecto e sobre as consequências dos restauros ocorridos no terceiro quartel do século XIX e a meados do século XX.

1923-11-CAETANO (Joaquim Oliveira), “Uma brevíssima nota acerca das fontes da Vida de Santo Inácio de Loyola na Igreja de S. Roque de Lisboa”, *Opúsculo e a imagem: os jesuítas e a arte*, coordenação de SILVA (Nuno Vassalo e), Lisboa, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, 1996, p. 43-55, il. (Centro de Documentação da Misericórdia de Lisboa).

Notas sobre as fontes iconográficas das vinte telas que representam passos da vida, glorificação e morte de Santo Inácio de Loiola, fundador da Companhia de Jesus, existentes nas paredes da nave da igreja de São Roque em Lisboa. Descrição das telas e comparação com as gravuras que serviram de matriz tiradas da “Vita Beati P. Ignatii Loiolae” publicada em 1609 e 1622. Referência a outro conjunto de pinturas sobre Santo Inácio existentes na sacristia da igreja de São Roque. – (C2).

1924-07-CÂMARA (Maria Alexandra Gago da), *Azulejaria barroca em Évora: um inventário*, Évora, Centro de História de Arte da Universidade de Évora, 1999, 153 [17] p., il.

Apresentação, contextualização e fichas descritivas do inventário da azulejaria barroca da cidade de Évora datada do século XVIII. Descrição das peças existentes em igrejas conventuais e monacais, igrejas paroquiais e da Misericórdia, assim como em capelas e ermidas. A iconografia abrange temas cristológicos e marianos (Nascimento da Virgem, Desposórios da Virgem, Assunção da Virgem) e cenas do Antigo e Novo Testamento, assim como aspectos da vida dos santos José, Bernardo de Claraval e Pedro. Além do inventário dos conjuntos azulejares em lugares de culto, são inventariados também os registos em azulejo. Estes são, em geral, dedicados aos santos protectores de maior devoção popular como Santo António e São Francisco de Borja. Ainda nesta tipologia encontram-se pequenos painéis representando as Almas do Purgatório. – (C1-C2).

1925-07-CÂMARA (Maria Alexandra Gago da), “Decoração e narrativa: o ciclo de São Jerónimo na nave da igreja do convento de Nossa Senhora do Espinheiro em Évora”, *Ciclos de iconografia cristã na azulejaria: actas do I colóquio sacrae imagines*, coordenação de SALDANHA (Sandra Costa), CÂMARA (Maria Alexandra Gago da), Moscavide, Secretariado Nacional para os Bens Culturais da Igreja, 2013, il., p. 160-178, 222-224, il.

Descrição do programa decorativo azulejar da nave da igreja do convento jerónimo de Nossa Senhora do Espinheiro, freguesia de Canaviais, concelho de Évora, que correspondeu a uma importante campanha decorativa dos finais do século XVIII. O programa de renovação da nave da igreja é composto por dez painéis com cenas da vida de São Jerónimo. Menção de um pórtico renascentista com a representação esculpida de Nossa Senhora do Leite, de São João Baptista e de São Jerónimo. – (C2-H1).

1926-11-CAMPELO (Joana), “Registos de santos em azulejo: aproximação às fontes gravadas”, *Revista de Artes Decorativas*, n.º 2, 2008, p. 171-182, il.

Breve estudo sobre os registos de santos em azulejo que constituem uma expressão artística popular concretizada nos painéis colocados sobretudo nas fachadas das habitações. Estes registos seguem de perto as características dos registos em papel, cartão ou pano que tiveram um incremento de produção nos séculos XVIII e XIX e que constituem os modelos dos registos de azulejo. Já no século XVII aparecem os registos de azulejo inseridos nos revestimentos parietais azulejares de interior. Os registos de fachada são, na sua maioria, pintados em monocromia azul, a que foram acrescentados posteriormente outras cores e elementos vegetalistas. As invasões francesas e as lutas liberais provocaram um decréscimo da produção de registos em azulejo. Em Lisboa,

expandem-se sobretudo após o terramoto de 1755, sendo a sua distribuição concordante com os núcleos habitacionais e com o desenvolvimento urbano do início do século XIX. São múltiplas as representações com destaque para as de São Marçal (protector contra os incêndios), de Nossa Senhora da Conceição e de Santo António. Esta tradição manteve-se até aos dias de hoje, testemunhando uma mentalidade católica de pendor devocional. – (D2-D4).

1927-11-CAMPOS (Teresa) “Prefigurações marianas no convento da Madre de Deus, em Lisboa”, *Azulejo*, n.º 3-7, 1995-1999, p. 109-116, il.

Estudo do programa decorativo e iconográfico das janelas do coro alto da igreja conventual das clarissas da Madre de Deus situado em Lisboa. Datados de meados do século XVIII, os painéis representam prefigurações marianas a partir de heroínas e alegorias do Antigo Testamento, simbolizando globalmente Maria mediadora e individualmente as suas virtudes, que cada religiosa do convento deveria observar durante a vida.

1928-12-CANEÇAS (Mário Henriques), “Thomás de Barros, autor dos azulejos da Sala do Consistório no antigo Hospital da Santa Casa da Misericórdia de Elvas (actual Museu de Arte Contemporânea de Elvas)”, *Artis*, n.º 9-10, 2010-2011, p. 471-475, il.

Breves notas acerca do conjunto de azulejos em azul e branco de estilo barroco e rococó que ornamentam a Sala do Consistório do antigo Hospital da Santa Casa da Misericórdia de Elvas, sede do concelho do mesmo nome. Nos azulejos estão representadas figuras de eremitas.

1929-11-CARDOSO (Pedro Vasconcelos), “A talha do séc. XVIII em Portugal: dois casos paradigmáticos do concelho de Vila Franca de Xira”, *Cira: Boletim Cultural*, n.º 13, 2015-2016, p. 7-23, il.

Estudo sobre a talha dourada dos retábulos das igrejas paroquiais de Nossa Senhora da Assunção, freguesia de Vialonga, e de São Bartolomeu, freguesia de Castanheira do Ribatejo, concelho de Vila Franca de Xira, datada do século XVII e inícios do século XVIII. Neste século, os retábulos portugueses ganham, no tramo central, uma abertura da tribuna para colocação do Santíssimo Sacramento. O retábulo-mor da igreja de Nossa Senhora da Assunção possui ainda uma tela com a representação da Assunção da Virgem que é baixada em certas ocasiões, nomeadamente durante a Semana Santa. – (C1).

1930-.-CARRUSCA (Suzana), “Imagine Carmelitarum: ciclos iconográficos da azulejaria dos conventos da Ordem do Carmo dos Carmelitas Descalços em Portugal”, *Ciclos da iconografia cristã na azulejaria: actas do I colóquio sacrae imagines*, coordenação de SALDANHA (Sandra Costa), CÂMARA (Maria

Alexandra Gago da), Moscovide, Secretariado Nacional para os Bens Culturais da Igreja, 2013, p. 26-44, 197-202, il.

Visão sintética sobre o estado actual do conhecimento dos ciclos iconográficos carmelitas portugueses, centrada na análise nos azulejos da igreja do convento de Santa Teresa de Jesus de carmelitas descalças, situada na freguesia de Carnide em Lisboa. O convento foi fundado no século XVII. A igreja possui na capela-mor, no transepto, na nave e na parede fundeira um conjunto de painéis dedicados à vida e obra de Santa Teresa de Jesus e de santo Elias. – (C2).

1931-07-CARVALHO (José Alberto Seabra), aliás SEABRA (José Alberto), “Évora e a pintura luso-flamenga”, *Évora: história e imaginário*, Évora, Ataegina – Associação de Produções Culturais, 1997, p. 89-94.

Estudo sobre a pintura luso-flamenga existente em Évora executada no primeiro terço do século XVI que se encontra hoje no Museu Municipal de Évora e no Museu Nacional de Arte Antiga em Lisboa. Uma obra é o retábulo pintado originalmente para a capela-mor da Sé de Évora, tendo no centro a pintura da Virgem ou Nossa Senhora da Glória e no cimo a escultura de Nossa Senhora da Assunção, enquanto nos restantes doze painéis estão também representados temas marianos. Outra obra é o retábulo da capela-mor da igreja de São Francisco de Assis que reproduz temas da paixão de Cristo, iconografia franciscana e temas eucarísticos. Para a igreja do convento de Nossa Senhora do Espinheiro da Ordem de São Jerónimo situado na freguesia de Canaviais, concelho de Évora, foram executadas as seguintes obras: Aparecimento da Virgem e Adoração dos Pastores. Resumo do texto em inglês. – (H1).

1932-07-CARVALHO (José Alberto Seabra), aliás SEABRA (José Alberto), “Frei Carlos e o outro: proposições sobre a pintura da oficina do Espinheiro”, *Do mundo antigo aos novos mundos: humanismo, classicismo notícias dos descobrimentos em Évora (1516-1524) – roteiro*, coordenação de CUNHA (Mafalda Soares da), Évora, Comissão Nacional das Comemorações dos Descobrimientos Portugueses, 1999, p. 155-169, il.

Estudo sobre a pintura de Frei Carlos da Ordem de São Jerónimo executada na oficina situada no mosteiro de Nossa Senhora do Espinheiro da freguesia de Canaviais, concelho de Évora, marcada pela influência flamenga. Menção das pinturas da Lamentação, da Ressureição de Cristo e do tríptico do Calvário, hoje no Museu Nacional de Arte Antiga em Lisboa.

1933-07-CARVALHO (José Alberto Seabra), aliás SEABRA (José Alberto), “Frei Carlos, o pintor do convento”, *Convento do Espinheiro memória e património / memory and heritage*, coordenação de BILOU (Francisco), Évora, Convento do Espinheiro Heritage & SPA, 2016, p. 187-231 [2], il.

Estudo (português-ínglês) sobre a obra de frei Carlos, pintor do mosteiro Jerónimo de Nossa Senhora do Espinheiro situado na freguesia de Canaviais, concelho de Évora. Executada maioritariamente no segundo quartel do século XVI para o mosteiro, encontra-se hoje, parcialmente, no Museu Nacional de Arte Antiga de Lisboa. Notas sobre os retábulos pintados que representam a Aparição de Cristo à Virgem, a Lamentação, a Ressureição de Cristo, a Ascensão de Cristo, a Assunção, a Natividade, o Bom Pastor, o Ecce Homo, Nossa Senhora do Leite e São Jerónimo no Deserto.

1934-11-CARVALHO (José Alberto Seabra), aliás SEABRA (José Alberto), “Perspectivas. Gaspar Dias, segundo Vredeman de Vries”, *Boletim Cultural*, Assembleia Distrital de Lisboa, n.º 93, t. 1, 1999, p. 75-80, [5], il.

Descrição e análise da perspectiva do painel Aparição do Anjo a São Roque, datado de 1584, que se encontra na igreja de São Roque em Lisboa.

1935-07-CARVALHO (José Alberto Seabra), aliás SEABRA (José Alberto), “Pintura luso-flamenga em Évora no início do século XVI: o mestre da Lamentação da oficina do Espinheiro”, *A Cidade de Évora: Boletim da Comissão Municipal de Turismo de Évora*, n.º 71-76, 1988-1993, p. 95-104 [10], il.

Breve análise de pinturas da denominada oficina do convento jerónimo do Espinheiro, freguesia de Canaviais, concelho de Évora, onde se destacou Frei Carlos, um flamengo que professou no mosteiro a partir de 1517. Porém, a análise da pintura da cena da Lamentação da mesma oficina leva a concluir que o seu autor foi um mestre da oficina ainda não identificado. Menção de outras obras atribuídas à mesma oficina ou que com ela apresentam afinidades, que tratam sobretudo de temas cristológicos e marianos.

1936-11-CARVALHO (José Alberto Seabra), aliás SEABRA (José Alberto), “Pinturas da Madre de Deus do tempo da rainha D. Leonor”, *A igreja da Madre de Deus: história, conservação e restauro*, Lisboa, Instituto Português dos Museus, 2002, p. 53-61, il.

Notas sobre as pinturas da igreja do convento da Madre de Deus em Lisboa, outrora pertença da Ordem de Santa Clara de Assis, que datam de 1509 a 1525. Algumas estão hoje no Museu Nacional de Arte Antiga em Lisboa. Os painéis representam as Sete Dores da Virgem e passos da Infância e Paixão de Cristo, cenas da vida de Cristo e de Nossa Senhora, assim como Santa Auta. As restantes pinturas datáveis do mesmo período da constituição do mosteiro figuram cenas da paixão de Cristo, a Virgem com o Menino e Anjos, os santos João Baptista, João Evangelista, António, Francisco de Assis, Marta, Catarina de Sena (Siena), Clara de Assis, Inês de Assis e Coleta de Corbie. – (C2).

1937-11-CARVALHO (José Alberto Seabra), aliás SEABRA (José Alberto), “O retábulo da Trindade”, *Garcia Fernandes, um pintor do Renascimento: eleitor da Misericórdia de Lisboa*, coordenação de BRANDÃO (Elvira), SILVA (Nuno Vassalo e), CAETANO (Joaquim Oliveira), Lisboa, Museu de São Roque, 1998, p. 79-85, il.

Estudo iconográfico do retábulo quinhentista do mosteiro da Trindade em Lisboa, datado da primeira metade do século XVI, que hoje integra a colecção do Museu Nacional de Arte Antiga. O retábulo é composto por oito painéis que representam a Santíssima Trindade, a Transfiguração, a Apresentação do Menino no Templo, o Baptismo de Jesus, a Ascensão de Cristo, o Pentecostes, a Ressurreição de Cristo e a Natividade.

1938-11-CARVALHO (José Alberto Seabra), aliás SEABRA (José Alberto), “As sete pinturas da tribuna da capela-mor / The seven paintings of the main chapel tribune”, *Sete imagens para o calendário litúrgico: as pinturas do altar-mor da Igreja de São Roque / Seven pictures for the liturgical calendar: the church of S. Roque main chapel tribune paintings*, coordenação de OLIVEIRA (Maria Helena), Lisboa, Santa Casa da Misericórdia – Museu São Roque, [D.L. 2006], 93 p., il.

Estudo bilingue (português-inglês) sobre o conjunto de pinturas do retábulo do altar-mor da igreja de São Roque em Lisboa, datado do século XVII, que representam cenas bíblicas inseridas nos três principais ciclos do calendário histórico-litúrgico da Igreja: a Natividade, a Páscoa e o Pentecostes. As telas representam a Anunciação, a Imposição do Nome de Jesus (circuncisão), a Adoração dos Pastores, o Calvário, a Ressurreição, o Pentecostes e a Assunção. – (C2).

1939-11-CARVALHO (José dos Santos), *Iconografia e simbólica do políptico de São Vicente de Fora*, Lisboa, Gráfica de Coimbra, 1965, 375 p., il.

Subsídios para o estudo do políptico de São Vicente proveniente do convento de São Vicente de Fora, situado na freguesia do mesmo nome em Lisboa, que se encontra no Museu de Arte Antiga em Lisboa, no contexto histórico, iconográfico e da história de arte. A iconografia e o simbolismo das partes que compõem o políptico. Roteiro com a identificação das figuras do políptico e referência aos principais documentos para a sua história. A iconografia de São Miguel Arcanjo e do Anjo Custódio de Portugal, assim conhecido desde o tempo do primeiro rei de Portugal.

1940-.-CARVALHO (Rosário Salema de), “Mestres de nome convencional activos na região do Oeste: o mestre da Lourinhã e o mestre de Abrantes”, *Boletim Cultural '00*, Câmara Municipal de Mafra, p. 83-101.

Notas comparativas entre os denominados mestres da Lourinhã e de Abrantes (distrito de Santarém). O primeiro é conhecido pelas pinturas que representam

São João Evangelista em Patmos e São João Baptista no Deserto, executadas entre 1513 e 1518, que se encontram hoje na igreja da Misericórdia da Lourinhã, sede do concelho do mesmo nome. O segundo destaca-se pelo retábulo da Misericórdia de Abrantes, com seis tábuas que figuram a Anunciação, a Visitação, o Presépio, Cristo a caminho do Calvário, o Calvário, a Deposição no Túmulo, datadas de cerca de 1548. Caracterização sumária e leitura de conjunto de outras pinturas atribuídas ao mestre de Abrantes que se encontram no Museu Nacional de Arte Antiga em Lisboa. As tentativas de identificação do mestre de Abrantes: uns consideram que se trata de Gregório Lopes, ao passo que a autora propõe Cristóvão Lopes, filho daquele, que lhe sucedeu como mestre da oficina.

1941-12-CARVALHO (Rosário Salema de), “O programa artístico da ermida do Rei Salvador do Mundo em Castelo de Vide no contexto da Arte Barroca”, *Artis*, n.º 2, 2003, p. 145-180, il.

Estudo sobre o programa artístico da ermida do Rei Salvador do Mundo (século XIII) de Castelo de Vide, sede do concelho do mesmo nome, executado em finais do século XVII. Notas sobre a história da Ordem de Malta em Portugal, cujo priorado esteve sediado no Crato, sede do concelho do mesmo nome, e sobre as suas ligações à ermida. Análise iconográfica dos painéis de azulejo que revestem a capela-mor e que representam diversas cenas do ciclo da Fuga Para o Egipto, Cristo Salvador do Mundo, o Nascimento da Virgem e Nossa Senhora do Pilar. Leitura iconográfica e articulação das invocações de Cristo Salvador do Mundo e de Nossa Senhora do Pilar, cuja confraria patrocinou esta campanha artística. – (C2-G1).

1942-12-CARVALHO (Rosário Salema de), “A renovação do conteúdo funerário e outras iconografias: o programa azulejar de época barroca, na igreja do convento de São Bernardo de Portalegre”, *A Cidade de Portalegre: Revista Cultural de Portalegre*, n.º 15, 2008, p. 67-95, il., planta.

Descrição do programa iconográfico da igreja do convento feminino cisterciense de São Bernardo de Claraval em Portalegre, instituído em 1518 e hoje desactivado. No exterior apresenta dois episódios da vida de São João Baptista e um episódio relativo à vida de São Bernardo. No interior, os painéis de azulejo estão relacionados com a temática da morte e a importância da sua preparação durante a vida. Representam a Imaculada Conceição, a morte de São Bento e de São Bernardo. São ainda descritas duas visões de São Bernardo (a lactação e o abraço de Cristo) e o sonho de São Bernardo. A temática da morte reflecte a piedade barroca, muito familiarizada com a morte e com os rituais fúnebres. – (C2).

1943-11-CARVALHO (Rosário Salema de), “A vida religiosa de São Pedro de Alcântara: o programa azulejar da igreja do convento lisboeta”, *Olisipo*, n.º 20-21, 2004, p. 60-72, il.

Análise do programa azulejar da igreja do convento franciscano masculino de São Pedro de Alcântara na cidade de Lisboa, fundado nos finais do século XVII. Os azulejos representam episódios da vida de São Pedro de Alcântara e evidenciam a caridade franciscana divulgada nos séculos XVII e XVIII. – (C2).

1944-07-CASTELO BRANCO (Fernando), “Pinturas murais da igreja de Santiago de Rio de Moinhos (Borba)”, *Ethnos*, vol. VI, 1969, p. 253-259, il.; separata de *Ethnos*, Lisboa, Instituto Português de Arqueologia, História e Etnografia, 1970, 9 p., il.

Estudo iconográfico sobre as pinturas murais datadas das primeiras décadas do século XVIII, existentes na igreja matriz de São Tiago (século XIII) da freguesia de Rio de Moinhos, concelho de Borba. Nelas estão representadas cenas da vida de São Tiago: o santo intervém salvando cristãos de se afogarem, dos sarracenos, de ladrões, do cativoiro ou da fome, assim como combatendo herejes, entre outros temas. Menção de várias pinturas a fresco do distrito de Évora executadas nos séculos XVII e XVIII. – (C1-F3).

1945-11-CHABY (João Pedro), “MARQUES (Tiago Pires), PINTO (Paulo Mendes), “Registos de santos em azulejos, inventário e abordagem: religiosidade e urbanismo”, Estudos de Lisboa, séculos XV a XIX: I colóquio temático, 1998, *Arqueologia e História*, vol. LII, 2000, p. 147-154.

Inventário e breve análise de painéis denominados registos de santos em azulejo fixados nas fachadas das casas de Lisboa. Nos duzentos e trinta e seis painéis identificados predominam as representações de São Marçal (57), protector contra os incêndios, de Nossa Senhora da Conceição (31), padroeira do reino de Portugal desde 1646, de Santo António (26), padroeiro popular de Lisboa, seguindo-se Nossa Senhora do Carmo (12) e de Cristo (11). Breve hagiografia de São Marçal: segundo uma lenda, terá sido discípulo de Jesus e primo de São Pedro, assim como terá feito vários milagres; segundo outra, era um dos sete missionários evangelizadores da Gália no século III e bispo de Limoges: – (B2-D2-D4).

1946-11-CHAVES (Luís), “Nos domínios da etnografia portuguesa”, *Ocidente*, vol. LXII, n.º 288, 1962, p. 182-187.

Notas de âmbito etnográfico contendo uma breve narrativa da lenda italiana que deu origem ao culto e invocação de Nossa Senhora da Pedrada: nome atribuído a uma imagem de Nossa Senhora representada num fresco pintado numa parede debaixo de um arco (daí ser também conhecida por Nossa Senhora do Arco), numa igreja italiana. Conta-se que, certo dia, um indivíduo viciado

no jogo perdeu uma partida e, desesperado, atira com uma bola do jogo à imagem acertando-lhe na face esquerda, da qual começa a jorrar sangue. Menção da cópia do fresco italiano, trazida por uma carmelita para Lisboa e que foi colocado na capela do Bom Jesus Resgatado. Breve referência à origem popular do título da imagem e da capela, que se situava junto da igreja de São Domingos, e de Nossa Senhora da Escada, denominada primeiramente Nossa Senhora da Purificação, cujo nome, segundo a tradição, se deve à existência de uma escadaria que dava acesso à capela. – (C2-F2-H1-I5).

1947-07-CIDRÃES (Maria de Lourdes), “Memórias de Isabel de Aragão: os painéis da capela da rainha Santa Isabel do castelo de Estremoz”, *Callipole: Revista de Cultura*, n.º 13, 2005, p. 139-155, il.

Descrição dos painéis da capela da Rainha Santa Isabel, situada no castelo de Estremoz, sede do concelho do mesmo nome, o mais importante conjunto iconográfico da Rainha Santa fora de Coimbra. A capela foi edificada em 1659 e os painéis pintados a óleo e em azulejo historiado datam da primeira metade do século XVIII. Os temas representados são sobretudo milagres: os milagres das rosas, das águas do Tejo que se apartam, da criança salva das águas, do vinho que se transforma em água, da cura da criança cega e da aparição da Virgem. – (C2-F1-F3-F4).

1948-07-CIDRÃES (Maria de Lourdes), *Os painéis da Rainha (capela da Rainha Santa Isabel do castelo de Estremoz)*, Lisboa – Estremoz, Edições Colibri – Câmara Municipal, 2005, 88 p., il.

Estudo sobre os painéis da Rainha Santa Isabel que se encontram na capela da Rainha Santa do castelo de Estremoz, sede do concelho do mesmo nome, construída cerca de 1659, num contexto de afirmação nacionalista e no lugar onde a tradição situa a sua morte. Nota sobre a capela que foi entregue à Congregação do Oratório. Análise do seu programa iconográfico composto por painéis de azulejo, datados de cerca de 1725, que representam episódios lendários (milagres de curas e outros envolvendo o homem) da vida da Rainha Santa Isabel e painéis a óleo sobre tela, datados da década de 1730. Estes reproduzem o Milagre das Rosas, o Milagre do vinho e da água, a Tomada de hábito da Rainha Santa Isabel, o Milagre da Arriñana (distrito de Aveiro) ou cura da criança cega, as Rainhas servem as freiras de Santa Clara de Assis, o Milagre da aparição da Virgem e a Morte da Rainha Santa. Descrição do tecto onde está pintado o tema da assunção da Rainha Santa Isabel, subindo em glória ao paraíso onde foi recebida pela Santíssima Trindade e pela Virgem Maria. Notícia de outros vestígios do culto à Rainha Santa Isabel em Estremoz e a sul do Tejo. Indicação de outros painéis a óleo de temática religiosa pós-tridentina que se encontram em lugares de culto de Lisboa. – (A5-C2-F1-F3).

1949-07-CONDE (Maria Antónia Fialho), “O sentido do património: a dualidade teórico-prática”, *A Cidade de Évora: Boletim da Comissão Municipal de Turismo de Évora*, n.º 1, 1994-1995, p. 73-88.

Breve análise histórica da preocupação com a conservação, restauro e classificação dos monumentos em Portugal, que originou a elaboração de inventários, sobretudo após a extinção das ordens religiosas em 1834. Do mosteiro feminino de São Bento de Cástris, freguesia da Malagueira, concelho de Évora, há vários inventários, o último dos quais data de 1890, quando morreu a última freira. Este inventário menciona oitenta e dois painéis, mas não se sabe o destino de trinta e dois. Os painéis representam cenas da vida de Cristo, de Nossa Senhora e os santos Bento e Bernardo de Claraval. – (C2-I3).

1950-07-CONDE (Maria Antónia Fialho), SERRÃO (Vítor), “A encomenda do retábulo do mosteiro de São Bento de Cástris em 1534”, *Artis*, n.º 3, 2015, p. 9-15, il.

Análise de uma encomenda conventual feita em 1534 por uma das freiras responsáveis do mosteiro cisterciense de São Bento de Cástris, freguesia da Malagueira, concelho de Évora, mandando vir de Lisboa um pintor para realizar os painéis do retábulo-mor da igreja. Os documentos revelados atestam vários aspectos ligados a essa ordem religiosa e ao seu contexto cultural, bem como à estrutura da encomenda retabular propriamente dita. O autor foi o pintor Estêvão Tomás, um dos artistas ligados à chamada Oficina Régia de Lisboa. A identificação de um dos painéis do retábulo de São Bento de Cástris, a Anunciação, hoje no Museu Municipal de Évora, permite que, doravante, exista uma base de reconhecimento estilístico da sua obra.

1951-11-CORÇA (Maria Teresa), “Simão Rodrigues, pretense autor do retábulo da ‘Árvore de Jessé’ existente na igreja matriz da Azambuja”, *Temas de História do distrito de Santarém. Comunicações apresentadas ao I Colóquio sobre história regional e local do distrito de Santarém (1987)*, Santarém, Escola Superior de Educação, 1987, p. 221-241, il.

Notas sobre o retábulo do século XVII representando a Árvore de Jessé existente na igreja matriz da Azambuja, sede do concelho do mesmo nome, atribuído ao pintor Simão Rodrigues. As origens e a evolução desta iconografia, que se tornou muito popular no século XVII, sendo associada ao culto da Imaculada Conceição, o que a insere no quadro do programa iconográfico da Contra-Reforma. Pequena descrição da igreja de Santa Maria no século XVIII: são referidas as imagens do Santo Cristo das Chagas, de Cristo com a Cruz às Costas, de Nossa Senhora do Rosário e dos santos Miguel Arcanjo e Brás. – (A5-C1-H1).

1952-15-CORDEIRO (Filipa Raposo), “O futuro painel quincentista de Thomás Luís: valorização cultural e prevenção”, *Artis*, n.º 9-10, 2010-2011, p. 241-277, il.

No contexto de uma proposta de promoção cultural e de conservação preventiva do painel quinhentista da igreja da Santa Casa da Misericórdia do Montijo, sede do concelho do mesmo nome, são fornecidas breves informações acerca do edifício e do painel. A igreja foi construída entre 1571 e 1578 e o painel, ligado à espiritualidade da Santa Casa da Misericórdia e à tradição das suas festividades, foi realizado em 1591-1592. Representa a Visitação da Virgem a Santa Isabel, com a singularidade de incluir na sua composição a figura de São José. – (C2).

1953-.-CORDEIRO (Filipa Raposo), *Thomas Luís, pintor maneirista do sacro e do profano: arte, conservação e restauro, casos de Évora, Aldeia Galega, Elvas, Idanha-a-Nova e Vila Viçosa – séculos XVI a XVII*, dissertação de doutoramento em História (Especialidade em Arte, Património e Restauro) apresentada à Faculdade de Letras de Lisboa em 2013, 592-[194], dactilogr., il., quadros, gráficos (consultável na Biblioteca Nacional de Portugal).

Estudo sobre a vida e a obra do pintor maneirista Thomas Luís, que executou diversas obras de tema profano e sagrado nas últimas décadas do século XVI e início do século XVII. São analisados do ponto de vista artístico os retábulos com a Visitação, da igreja da Misericórdia de Aldeia Galega do Ribatejo, actual Montijo, Simão de Sirene ajuda Jesus a carregar a Cruz e Cristo deposto da Cruz, da igreja da Misericórdia de Idanha-a-Nova (distrito de Castelo Branco) e a Fuga para o Egipto, da igreja do convento de São Domingos de Elvas, sede do concelho do mesmo nome. O volume II contém anexos constituídos pelo índice do elenco documental, relatórios e comunicações, entre outros elementos. – (C2).

1954-11-CORREIA (Ana Paula Rebelo), “Apontamentos para o estudo iconográfico da azulejaria setecentista em Cascais”, *Monumentos*, n.º 31, 2011, p. 58-69, il. Contribuição para o estudo da representação e significado dos azulejos setecentistas que revestem a igreja matriz de Cascais, sede do concelho do mesmo nome, cuja titular é Nossa Senhora da Assunção. São descritos episódios da Vida da Virgem e o Apocalipse, que constam do revestimento da nave da igreja, e diversos episódios do Antigo Testamento, que decoram a sacristia. Alusão ao culto de Nossa Senhora em Portugal, bem como aos painéis de azulejos que adornam a capela do santuário de Nossa Senhora da Nazaré no distrito de Leiria, onde estão representadas personagens do Antigo e do Novo Testamento, os seus milagres, como o de Dom Fuas Roupinho, salvo de cair num precipício, a emblemática e os símbolos marianos. – (C1-C2).

1955-07-CORREIA (Ana Paula Rebelo), “Azulejos de Vila Viçosa”, *Monumentos*, n.º 27, 2007, p. 134-145, il.

Estudo sobre a evolução do azulejo em Vila Viçosa, sede do concelho do mesmo nome, datado dos séculos XVI a XVIII, incidindo nos núcleos mais

significativos das suas fases flamenga, barroca e rococó. São referidos, entre outros, azulejos flamengos que revestem a Sala de Música do Palácio Ducal, datados de 1558, e que ilustram episódios da vida de Tobias; azulejos barrocos que decoram a capela do Santíssimo Nome de Jesus da igreja de Nossa Senhora da Conceição, realizados em 1720, representando diferentes símbolos marianos; azulejos que revestem a capela de São Nicolau Tolentino na igreja dos agostinhos, pintados por volta de 1715, historiando a vida do santo; azulejos de estilo rococó que ornamentam a capela-mor da referida igreja de Nossa Senhora da Conceição, datados de 1784, com episódios da Anunciação; azulejos que revestem a igreja de Santo António, datados do segundo quartel do século XVIII, figurando a vida do mesmo santo. – (C2).

1956-07-CORREIA (Ana Paula Rebelo), “Nossa Senhora de Brotas: um exemplo de regionalismo na iconografia mariana”, *Cultura: Revista de História e Teoria das Ideias*, vol. XXVII, 2010, p. 227-233, il.

Notas sobre o culto de Nossa Senhora de Brotas na igreja do mesmo nome da freguesia de Brotas, concelho de Mora, no início do século XV. O culto rural tem origem numa história simples de um pastor e da sua vaca salva por milagre. A lenda de Nossa Senhora de Brotas é um exemplo de regionalismo, que na iconografia compreende pinturas, um painel de azulejos e uma imagem que se encontra na igreja matriz e santuário. – (C1-F1-H1).

1957-11-CORREIA (Ana Paula Rebelo), SILVA (Carolina Nunes da), “Azulejaria de interior na Baixa pombalina: um contributo para o seu estudo”, *Monumentos*, n.º 21, 2004, p. 184-195, il.

Contribuição para o estudo da azulejaria de interior na Baixa Pombalina em Lisboa, que inclui uma nota sobre registos de azulejo datados do início do século XIX. São painéis de temática religiosa, geralmente hagiográfica, colocados nas fachadas dos prédios com uma função protectora. Os registos representam São Marçal (bispo de Limoges), protector contra os incêndios, Nossa Senhora do Carmo, Nossa Senhora da Conceição, São José com o Menino, São Caetano e Santo António com o Menino.

1958-11-COSTA (Marisa), “Quatro tábuas quinhentistas dedicadas a São Roque por devotos lisboetas”, *Artis*, n.º 4, 2005, p. 81-119, il.

Estudo do conjunto retabular constituído por quatro pinturas a óleo relativas à vida de São Roque, datadas do século XVI, que integram a colecção de pintura do Museu de São Roque em Lisboa. As pinturas representam episódios essenciais da vida do santo: nascimento e distribuição dos bens pelos pobres, a cura miraculosa do cardeal e apresentação ao Papa, a permanência em Placência (Piacenza) e o retiro na floresta, a prisão e morte beatífica. A sua análise é realizada em função do enquadramento histórico, em especial

da legenda, da devoção ligada à antiga ermida, das iniciativas da confraria de São Roque e de características especiais, como o gosto pela encenação dramática de que se revestiu a cultura do tempo. – (F3-G1).

1959-11-COSTA (Paulo Santos), “Os ‘novos’ painéis quinhentistas de Santos-o-Novo: ‘Mater Dolorosa’ e ‘Os Soldados deitam sortes sobre a túnica de Cristo’”, *Artis*, n.º 3, 2004, p. 343-346, il.

Notícia sobre a descoberta de seis tábuas quinhentistas pintadas, encontradas numa arrecadação da Real Irmandade de Nosso Senhor Jesus Cristo e Passos, erecta em 1705 no convento de Santos-o-Novo, freguesia da Penha de França em Lisboa. As seis tábuas, que se encontravam a servir de suporte a uma tela do século XVII/XVIII, representam a Última Ceia e constituem duas pinturas atribuídas a Gregório Lopes com a figuração da Mater Dolorosa e os Soldados deitando sortes sobre a túnica de Cristo. Provavelmente terão feito parte do retábulo de Santos-o-Novo, actualmente no Museu Nacional de Arte Antiga. – (G1).

1960-11-COUTINHO (Bernardo Xavier), *Iconografia e bibliografia condestabrianas*, Lisboa, Instituto de Alta Cultura, 1971, 365 p., il.

Compilação e comentário da iconografia de São Nuno de Santa Maria, fundador do convento do Carmo em Lisboa (iluminuras, xilogravuras, pinturas, gravuras, estampas, vinhetas, litografias, filatelia, ilustrações), organizada em três períodos: séculos XV-XVI, XVII-XVIII e de 1800 aos anos sessenta do século XX. Outros objectos de culto são esculturas, datadas sobretudo do século XX, e medalhas. Menção de exemplos de música em honra e louvor de Nuno de Santa Maria. Apresentação de uma extensa bibliografia sobre Nuno Álvares Pereira. – (H1-H6).

1961-11-COUTO (João), *Imagens da Virgem no Museu Nacional de Arte Antiga*, Lisboa, Editora Gráfica Portuguesa, 1960, 16 [32] p. il.

Inventário e descrição de cinquenta e sete imagens, pinturas e baixos-relevos datados dos séculos XIV a XIX, que representam a Virgem Maria e integram as reservas do Museu Nacional de Arte Antiga em Lisboa. Neles são representados episódios do nascimento, vida e morte de Cristo e de Maria, assim como Santa Ana, São João Baptista e o Julgamento das Almas. – (H1).

1962-15-COUTO (João), “O Museu de Setúbal”, *Colóquio: Revista de Artes e Letras*, n.º 13, 1961, p. 15-21, il.

Notícia sobre algumas obras de pintura conservadas no Museu Municipal de Setúbal, nomeadamente o retábulo de Jesus, datado do segundo quartel do século XVI, que representa o anjo aparecendo às santas Clara de Assis, Inês de Assis e Coleta de Corbie. Alguns painéis desta obra foram alterados após o

Concílio de Trento, para ajustar a sua iconografia às novas doutrinas. Outros painéis figuram por exemplo o Calvário e a Anunciação da Virgem. Menção de outras obras de pintura, escultura, ourivesaria e paramentos. – (A5-H1-I4).

1963-11-COUTO (João), *Pinturas dos séculos XIV-XV e princípios do século XVI*, [Lisboa], Neogravura, [D.L. 1961], [5 p.], il.

Notícia sobre os painéis pintados por autores flamengos e italianos dos séculos XIV-XV e princípios do século XVI, expostos no Museu Nacional de Arte Antiga em Lisboa. Neles são representados Santa Catarina de Alexandria, São José, a Sagrada Conversação, a Virgem e o Menino que segura na mão um cacho de uvas, São João Baptista, Santa Lúcia, a Apresentação do Menino no Templo que inclui o velho Simeão, a Virgem, Santa Ana e São José, assim como a Estigmatização de São Francisco de Assis.

1964-11-CRUZ (António João), “Da sombra para a luz: materiais e técnicas da pintura de Bento Coelho da Silveira”, *Cadernos*, n.º 3, [D.L. 2000], p. 15-86, il.

Resultados dos estudos e trabalhos de conservação e restauro de pintura de Bento Coelho da Silveira, realizados no âmbito de uma exposição que lhe foi dedicada em Lisboa. As pinturas referidas, cuja autoria lhe é ou não atribuída, datam da segunda metade do século XVII e têm por tema cenas da vida, morte e milagres de Cristo, a Virgem e os santos Agostinho, Ildefonso, João de Deus, Mateus, Sebastião, Isabel da Hungria. São provenientes de lugares de culto e de museus de Lisboa e de Coimbra.

1965-11-CUSTÓDIO (Jorge), GARCÊS (Margarida), “Ainda a oficina do Mestre do Sardoal ‘A Adoração dos Magos’ do Museu Nacional de Arte Antiga”, *Atrium: Boletim Cultural do Sardoal*, n.º 12, 1988, p. 12-14, il.

Nota sobre a pintura Adoração dos Magos proveniente de um antigo convento de Montemor-o-Velho (distrito de Coimbra), hoje guardada no Museu Nacional de Arte Antiga em Lisboa, atribuída ao mestre do Sardoal (distrito de Santarém). Constitui um exemplo da transição da pintura portuguesa do século XV para o XVI. Alguns elementos característicos da pintura da época: o estilo, a sensibilidade religiosa e a natureza do trabalho artístico.

1966-11-DESTERRO (Maria Teresa), “O conjunto pictórico oriundo da capela-mor da igreja do convento das Trinas do Mocambo: subsídios para o seu estudo”, *ArtisOn*, n.º 3, 2016, p. 71-80, il. <http://artison.letras.ulisboa.pt/index.php/ao/issue/view/N.%203%20%282016%29> (consultada em 21-01-2019).

O presente estudo tem como objectivo lançar um novo olhar sobre as quase ignotas pinturas que actualmente decoram os altares laterais da igreja de São Francisco de Assis em Tomar (distrito de Santarém). São oriundas da capela-mor da igreja do extinto convento de Nossa Senhora da Soledade das

Trinas do Mocambo, freguesia de Santos-o-Velho em Lisboa. Nelas estão representados temas marianos, tributáveis a um dos sequazes do *fa presto*, Bento Coelho da Silveira, datando provavelmente do segundo quartel do século XVIII (c. 1730-1740). A análise pictórica das mesmas revela, contudo, um pintor mais evoluído compositivamente, já liberto do penumbrismo seiscentista e aberto às novas influências italo-francesas.

1967-.-DESTERRO (Maria Teresa), “O pintor maneirista Francisco de Campos (act. 1535-1580): influências e originalidades”, *O largo tempo do Renascimento: arte, propaganda e poder*, coordenação de CANTERA (Maria José Redondo), SERRÃO (Vítor), Lisboa, Caleidoscópio, 2008, p. 259-288, il.

Estudo sobre o pintor maneirista Francisco de Campos que produziu, no segundo e terceiro quartel do século XVI, diversas pinturas para lugares de culto dos distritos de Lisboa, Évora e Setúbal. Hoje estão em parte expostas em diversos museus e representam a Apresentação de Jesus no Templo, a Epifania, a Última Ceia, o Baptismo de Cristo, a Adoração dos Pastores e dos Magos, a Ressurreição, o Pentecostes, a Anunciação, a Virgem e Santa Isabel, a Assunção da Virgem, Nossa Senhora da Rosa e Santa Ana.

1968-11-DESWARTE-ROSA (Sylvie), “Francisco de Holanda e o mosteiro de Santa Maria de Belém”, *Jerónimos 4 séculos de pintura: 1992 /Mosteiro dos Jerónimos*, coordenação de ALMEIDA (Isabel Cruz), FRANCO (Anísio), MÂNTUA (Ana Anjos), PAIS (Ana Cristina), VERÍSSIMO (Ana Maria), Lisboa, Secretaria de Estado da Cultura – Instituto Português do Património Arquitectónico e Arqueológico – Mosteiro dos Jerónimos, [D.L. 1993], vol. II, p. 40-67, il.

A propósito de uma exposição da pintura do mosteiro dos Jerónimos de Lisboa e nele realizada, são analisadas as pinturas de Francisco de Holanda com as representações da Descida de Cristo ao Limbo, de Nossa Senhora de Belém (teria sido feita como ex-voto da família real para figurar na capela de Nossa Senhora das Estrelas) e de São Jerónimo no Deserto, entre outras obras. – (H4).

1969-11-DUARTE (Ricardo), “O problema Jorge Leal: tentativa de caracterização histórico-artística de um pintor do Renascimento português”, *Boletim Cultural '00*, Câmara Municipal de Mafra, p. 33-55, il.

Abordagem à problemática da atribuição ao pintor Jorge Leal de diversas obras do século XVI expostas em lugares de culto das zona de Mafra, sede do concelho do mesmo nome, e de Torres Vedras, sede do concelho do mesmo nome. Em particular, são analisadas as tábuas Lamentação sobre Cristo Morto, Santo Antão e Sãs Brás, que se encontram na igreja paroquial da freguesia de Enxara do Bispo, concelho de Mafra. Além destas, é igualmente analisado um retábulo composto por cinco quadros com as Alegrias da Virgem que se encontra na igreja de Nossa Senhora do Castelo em Torres Vedras.

1970-11-ENCARNAÇÃO (José da), “A capela-mor da matriz de Cascais”, *Boletim da Junta de Turismo da Costa do Sol*, 1969, p. 55-62, il.

Estudo sobre a capela-mor da igreja matriz de Nossa Senhora da Assunção da freguesia de Cascais, sede do concelho do mesmo nome. O altar-mor em talha dourada comporta as imagens de Nossa Senhora da Assunção, de São José e o Menino e São Miguel Arcanjo. Nas paredes laterais há pinturas que representam o Nascimento de Jesus, a Anunciação, os Reis Magos e Gabriel Arcanjo, assim como painéis de azulejos com temas alusivos à vida de Nossa Senhora da Assunção. – (C1-H1).

1971-07-ESPANCA (Túlio), “Achegas iconográficas para a história da pintura mural no distrito de Évora”, *A Cidade de Évora: Boletim da Comissão Municipal de Turismo*, n.º 56, 1973, p. 93-112 [1] il.

Apresentação de alguns exemplares de pintura mural (paredes e tecto) de temática religiosa dos séculos XVII e XVIII, existente em diversos lugares de culto dos concelhos do Alandroal, de Borba, de Montemor-o-Novo, do Redondo e de Vila Viçosa. Descrição das pinturas a fresco da antiga igreja paroquial de Santa Bárbara, das ermidas dedicadas a Nossa Senhora das Neves (primeiro nome foi Nossa Senhora das Ervas) e aos santos Bento, Brissos, João Baptista, Domingos e Susana. São representadas cenas da vida de Jesus e de santos, retratos de diversos santos e santas. Menção de várias imagens e de pinturas sobre madeira. Alusão a ex-votos dedicados a São Bento que se guardam na sua ermida no Alandroal. – (C1-C2-H1-H4).

1972-07-ESPANCA (Túlio) “Figuras gradas e casario antigo dos arruamentos de Vila Viçosa”, *A Cidade de Évora: Boletim da Comissão Municipal de Turismo*, n.º 57, 1974, p. 201-281, il.

Dados históricos sobre as ruas de Vila Viçosa, sede do concelho do mesmo nome, que contém informações sobre aspectos religiosos da cidade. Notícia de lugares de culto do século XVII, por exemplo da ermida de Santo Ildefonso, de um oratório particular e de diversos objectos de culto como imagens, pinturas e baixo-relevos que representam a vida e paixão de Cristo, a vida da Virgem, Nossa Senhora da Conceição, a Adoração dos Pastores, os santos Luís, rei de França, João Baptista, António, Jerónimo, Francisco Xavier, Francisco de Assis e a investidura de Santo Ildefonso, assim como as santas Catarina de Alexandria e Isabel. Menção das confrarias e irmandades dedicadas à Santíssima Trindade e a Nossa Senhora da Conceição. – (C2-G1-H1).

1973-07-ESPANCA (Túlio) “Oficinas e ciclos de pintura em Évora no século XVI”, *Anais*, Academia Portuguesa da História, vol. XXV, 1979, 275-294, il.

Panorâmica sobre os artistas (muitos deles flamengos) activos em Évora durante os séculos XV e XVI e sobre os ciclos de pintura executada para conventos,

igrejas e capelas. Algumas das obras encontram-se hoje na pinacoteca da catedral de Évora, no Museu Municipal de Évora e no Museu Nacional de Arte Antiga em Lisboa. Menção de pinturas que representam a Eucaristia, a Paixão e a Ressurreição de Cristo, cenas da vida da Virgem, os santos Amaro, Bento, Brás, Jerónimo, Pedro, Paulo, João Baptista, João Evangelista, Joaquim, Manços, Miguel Arcanjo, Sebastião, Catarina de Alexandria entre os Doutores, Ana, Helena e o martírio das Onze Mil Virgens.

1974-15-FALCÃO (José António), *O entalhador Francisco Álvares e a construção do retábulo-mor em 1680-1684*, Beja, Câmara Municipal de Grândola – Paróquia de N.^a Sr.^a da Assunção de Grândola – Santa Casa da Misericórdia de Grândola, 1995, 42 [4] p.

Contribuição para o estudo do retábulo do altar-mor da igreja de Nossa Senhora da Assunção, matriz de Grândola, sede do concelho do mesmo nome, que data do período de 1660 a 1684. O altar é dedicado ao Santíssimo Sacramento e foi construído por iniciativa da irmandade do Santíssimo Sacramento. Nos finais do século XVIII, foi substituído por outro de feição neoclássica. – (C1-G1).

1975-15-FALCÃO (José António), PEREIRA (Fernando António Baptista), aliás BAPTISTA (Fernando António), *O alto-relevo de Santiago combatendo os mouros da igreja matriz de Santiago do Cacém*, 2.^a edição, Beja – Santiago do Cacém, Departamento do Património Histórico e Artístico da Diocese de Beja – Câmara Municipal, 2001, 189 [2] p., il.

Nova edição corrigida e aumentada do estudo sobre o alto-relevo gótico que representa São Tiago combatendo os mouros localizado na igreja matriz (fundada no século XIII) da freguesia de Santiago do Cacém, sede do concelho do mesmo nome. O alto-relevo é analisado nos aspectos artístico, iconográfico e iconológico, no seu significado intrínseco e estilístico. A primeira menção escrita da existência do retábulo é um provimento da visitação de 1517, altura em que o mesmo apresentava um revestimento policromo, mas há autores que datam a obra de cerca de 1330. Nota sobre a importância da figura de São Tiago na iconografia peninsular. Lista de algumas composições retabulares pétreas. Lista dos exemplos iconográficos mais notáveis em Portugal (séculos XIV-XIX), que inclui obras de pintura, escultura, gravura, iluminura, joalharia e azulejos, bem como de heráldica. – (C1-H1).

1976-15-FALCÃO (José António), PEREIRA (Fernando António Baptista), aliás BAPTISTA (Fernando António), *O painel de Santa Catarina de Alexandria da igreja matriz de Sines*, Beja, Edição do Departamento do Património Histórico e Artístico da Diocese, 1996, 55 [3] p., il.

Estudo sobre o painel de Santa Catarina de Alexandria que se encontra na antiga casa do capítulo da confraria do Santíssimo Sacramento da igreja matriz

de Sines, sede do concelho do mesmo nome. A obra provém da desaparecida ermida de Santa Catarina de Alexandria. Análise dos aspectos iconográficos e artísticos e do significado intrínseco, assim como a leitura histórica e estilística da obra. Santa Catarina é representada com os seus atributos: a palma, a espada, a roda de navalhas. Nota hagiográfica e historial do culto feito pelos grupos de que é protectora: as religiosas que fazem votos solenes, donzelas, teólogos, professores universitários, livreiros, impressores, mulheres que amamentam, moribundos. A sua roda teria poder para descobrir corpos dos afogados. – (B2-G1).

1977-15-FALCÃO (José António), “Pintores que trabalharam para a Santa Casa da Misericórdia de Santiago do Cacém”, *Armas e Troféus*, t. 6, n.º 1-3, 1985-1986, p. 143-152.

Nota sobre os pintores que trabalharam para a Santa Casa da Misericórdia de Santiago do Cacém, sede do concelho do mesmo nome, que menciona diversos lugares e objectos de culto. Estes são constituídos por oratórios com as cenas da Paixão pintadas, por uma imagem articulada de Cristo e por pinturas com cenas bíblicas. Breves informações sobre as celebrações da Semana Santa promovidas pela irmandade da Misericórdia: a procissão do Senhor dos Passos e a Descida do Senhor da Cruz. Menção da confraria do Santo Lenho. – (E1-E3-G2-H1).

1978-07-FAVINHA (Marília Evangelina Sota), “Virgem da Glória: análise de um quadro”, *Cultura: Revista de História e Teoria das Ideias*, vol. X, 1998, p. 291-303, il.

Nota sobre o quadro Nossa Senhora da Glória que se encontra no museu de Évora e foi executado na segunda metade do século XV, no qual é patente a influência flamenga. Representa a Virgem com o Menino rodeada de anjos cantores e anjos músicos e integrou o retábulo da catedral de Évora.

1979-11-FERNANDES (Carla Varela), “Apresentação do Calvário”, *Igreja do mártir santo S. Sebastião: núcleo museológico de arte sacra*, coordenação de NUNES (Graça Soares), Vila Franca de Xira, Câmara Municipal, 2001, p. 81-92, il.

Estudo sobre uma representação do Calvário do século XV, que se encontra no museu de arte sacra da igreja de São Sebastião em Vila Franca de Xira, sede do concelho do mesmo nome. A figura apresenta Nossa Senhora em posição hierática e frontal, segurando nas duas mãos os braços da cruz onde Jesus Cristo está suspenso. Sobre a peanha alojam-se as representações da Virgem e de João Evangelista. Algumas interpretações possíveis realçam as suas semelhanças com a representação da Santíssima Trindade, sendo Deus substituído por Nossa Senhora, exaltando a dor materna perante a morte do filho. A contenção dos sentimentos de dor e piedade que apresenta são

uma característica geral da imaginária portuguesa dos finais do século XV e princípios do século XVI, que difere da imaginária de outros países. – (H1).

1980-11-FERNANDES (Carla Varela), “O (des)conhecido retábulo da antiga capela do Espírito Santo de Bucelas”, *Arqueologia e História*, vol. LXII-LXIII, 2010-2011, p. 161-192, il.

Estudo sobre o retábulo esculpido em pedra do século XV que pertenceu à antiga capela do Espírito Santo situada em Bucelas, concelho de Loures, que foi removido para a igreja matriz da freguesia. Encomendado pela confraria do Espírito Santo, o retábulo representa a descida do Espírito Santo e tem a particularidade de apresentar, na parte superior, o conjunto das Três Pessoas da Trindade, mostrando que o culto do Espírito Santo é também o culto da Santíssima Trindade. Caracterização iconográfica e tentativa de identificação dos Apóstolos. Breves notas sobre outros retábulos portugueses do século XV dedicados à Descida do Espírito Santo. – (G2).

1981-11-FERNANDES (Carla Varela), “Património deslocado: o antigo retábulo da capela do Espírito Santo de Bucelas”, *Igreja matriz de Bucelas*, coordenação de FERNANDES (Carla Varela), s. l., Imprimatur, 2018, p. 37-65, il.

Estudo sobre o retábulo de altar esculpido em alto e médio-relevo do século XV que representa a descida do Espírito Santo. O retábulo pertenceu à capela do Espírito Santo em Bucelas, concelho de Loures, que foi demolida e o retábulo removido para a igreja matriz da freguesia. Análise da iconografia do retábulo que representa Deus Pai e Jesus Cristo justapostos e ambos ligados pela figura do Espírito Santo, significando que se trata também do culto da Santíssima Trindade, assim como a Virgem Maria e os Apóstolos. Breves notas sobre outros retábulos quatrocentistas portugueses. Notícia sobre as confrarias do Espírito Santo. – (G2).

1982-11-FERNANDES (Paulo Almeida), FLORINDO (Natacha Esteves), “Uma leitura dos registos religiosos em azulejo no centro histórico da Ericeira. 1. Iconografia mariana”, *Boletim Cultural 2018-2019*, Câmara Municipal de Mafra, p. 397-427, il., quadro.

Contribuição para o estudo dos registos religiosos em azulejo localizados em edifícios do centro histórico da freguesia da Ericeira, concelho de Mafra, em 2010. Em Portugal, este tipo de registos é conhecido antes do terramoto de 1755, mas foi a partir desta data que tiveram um grande incremento. Na Ericeira trata-se de uma tendência decorativa recente. Na área referida, foram inventariados cento e sessenta e cinco registos de azulejo, dos quais cerca de 50% são dedicados à temática mariana, com destaque para Nossa Senhora da Conceição. Descrição da representação desta invocação e dos registos dedicados a Nossa Senhora da Boa Viagem, que foi até ao século XIX a principal

devoção da população da Ericeira, então maioritariamente constituída por pescadores e suas famílias. O mais antigo registo em azulejo dedicado a esta última invocação data de 1634 e é um dos mais antigos do país. Alguns registos alusivos à Virgem Maria estão relacionados com a comemoração dos centenários (1140, 1640, 1940). Outros conjuntos de azulejos destacados representam Nossa Senhora de Fátima e o Sagrado Coração de Jesus. – (D2).

1983-11-FERNANDES (Raquel Maria da Silva), *A Casa de Santa Maria em Cascais: especificidades de um património artístico*, dissertação de mestrado em Arte, Património e Restauro apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa em 2007, 2 vol., 343-149 p., dactilogr., il., quadros (consultável na Biblioteca Nacional de Portugal).

Estudo histórico sobre a Casa de Santa Maria em Cascais, sede do concelho do mesmo nome, exemplar da arquitectura civil do início do século XX. Contém no seu recheio artístico alguns azulejos pintados provenientes da capela da Quinta da Ramada em Frielas, concelho de Loures. Os painéis azulejares representam a Purificação de Nossa Senhora, a Virgem com o Menino e São João Baptista, a Sagrada Família na Fuga Para o Egipto, Nossa Senhora Costurando, a Circuncisão, São José colhendo as tâmaras no Descanso da Fuga (Repouso da Sagrada Família), Jesus entre os Doutores, a Apresentação de Jesus no Templo. O tomo II compreende os apêndices documental, gráfico e fotográfico.

1984-11-FERREIRA (Sílvia), COUTINHO (Maria João Pereira), “Com toda a perfeição que pede a arte: a capela do Santíssimo Sacramento da igreja de São Roque em Lisboa: a obra e os artistas”, *Artis*, n.º 3, 2004, p. 267-293, il.

Estudo sobre a capela do Santíssimo Sacramento da igreja de São Roque em Lisboa, do ponto de vista contextual e formal. Notas sobre as diferentes invocações da capela, antes de para ela ter transitado o Santíssimo Sacramento, e sobre a irmandade de Nossa Senhora do Bom Sucesso dos Agonizantes nela sediada. São analisados os embutidos marmóreos policromados e a talha dourada que reveste a capela (1680-1707). A leitura iconográfica do retábulo assinala a pintura que o remata representando Nossa Senhora da Assunção, os bustos relicários nas pilastras entre as colunas e, nestas, as litanias marianas. Identificação da figura central do retábulo como sendo Nossa Senhora da Conceição rodeada de uma glória de anjos. Alude-se aos relicários, situados nas ilhargas, onde foram guardadas as relíquias que os jesuítas doaram à irmandade. – (C2-G1-H1-H7).

1985-11-FERREIRA (Sílvia), “Da igreja de São Roque à de São Pedro de Alcântara: três séculos de arte da talha”, *Património Arquitectónico. Santa Casa da Misericórdia de Lisboa*, Lisboa, Santa Casa da Misericórdia – Museu de São Roque, 2006, vol. I, p. 98-117, il.

Caracterização das obras de talha dourada das igrejas de São Roque, que pertenceu à Companhia de Jesus, e de São Pedro de Alcântara, propriedade dos franciscanos arrábidos (nome tem origem no mosteiro situado na Serra da Arrábida, distrito de Setúbal), ambas situadas em Lisboa e datadas dos séculos XVI a XVIII. Na igreja de São Roque são analisadas a capela-mor, as capelas da Sagrada Família, do Santíssimo Sacramento, do Altar do Presépio, de Nossa Senhora da Piedade e da Doutrina, dos santos Francisco Xavier, António e Roque, assinalando-se a existência de imagens e pinturas que representam o Nascimento de Jesus, Cristo, Nossa Senhora da Misericórdia, da Piedade, da Assunção, da Doutrina, a Pietá, as Litanias da Virgem, os santos jesuítas Inácio de Loiola, Francisco Xavier, Luís Gonzaga, Francisco de Borja e outros como António, Roque, Longuinho, Joaquim e as santas Verónica e Ana. No seu espaço cultural estavam sediadas as irmandades de Jesus, Maria e José, de Nossa Senhora da Piedade, de Nossa Senhora do Bom Sucesso dos Agonizantes, de Santo António, de São Roque e dos Irmãos Oficiais Mecânicos da Senhora da Doutrina. Na igreja de São Pedro de Alcântara, são referidos os retábulos dos seus cinco altares arrasados pelo terramoto de 1755 e, posteriormente, refeitos segundo as formas do neoclassicismo italianizante. – (G1-G4-H1).

1986-11-FERREIRA (Sílvia), “A extinção das ordens religiosas em 1834 e o seu impacte na obra de talha de Lisboa, *Lisboa e as ordens religiosas: actas. Colóquio de história e de história da arte*, coordenação de VALE (Teresa Leonor), COUTINHO (Maria João Pereira), Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa, 2010, p. 73-87, il.

A propósito das consequências resultantes da extinção das ordens religiosas em 1834 para a obra de talha retabular, são analisados os casos do mosteiro de Santa Joana Princesa em Lisboa, e da igreja matriz de Belas, concelho de Sintra, do mosteiro de Santa Mónica e da igreja da Nossa Senhora da Várzea ou da Purificação em Alenquer, sede do concelho do mesmo nome, do convento de Nossa Senhora da Piedade do mosteiro das Agostinhas Descalças ou Grilas e do mosteiro de Santa Marta em Lisboa, das igrejas paroquiais de Alhandra, concelho de Vila Franca de Xira, da igreja de Alpiarça (distrito de Santarém) e de Santo António no Estoril, concelho de Cascais. Menção de diversos objectos de culto que figuram Nossa Senhora sobre diversas invocações, santos e santas, nomeadamente Diogo de Alcalá. Parte do espólio encontra-se hoje noutros lugares de culto. – (C2-I3).

1987-11-FERREIRA (Sílvia), *A igreja de Santa Catarina: a talha da capela-mor*, Lisboa, Livros Horizonte, 2008, 167 p., il.; *A talha dourada do altar-mor da igreja de Santa Catarina, em Lisboa: a intervenção do entalhador Santos Pacheco*, dissertação de mestrado em História da Arte apresentada à Universidade

Lusíada em 2002, 3 vol. 169-57[69]-[123] p., dactilogr., il., plantas (consultável na Biblioteca Nacional de Portugal).

O volume I contém o estudo sobre a composição, plástica e iconografia do altar da capela-mor de “estilo joanino” datado de 1730, que pertence à igreja de Santa Catarina de Alexandria, na freguesia de Santa Catarina em Lisboa. Esta remonta aos anos oitenta do século XVII, sendo a igreja da Ordem Mendicante de São Paulo Primeiro Eremita. Passou a igreja paroquial após o incêndio da igreja de Santa Catarina do Monte Sinai. O retábulo da capela-mor terá sido inspirado no programa iconográfico da procissão do Corpo de Deus. O altar organiza-se em torno de um grande camarim, no centro do qual se encontra o trono eucarístico, traduzindo a invocação inicial do templo em honra do Santíssimo Sacramento. A nível da predela, duas imagens figuram São Paulo Eremita e Santo Antão integradas em nichos que ladeiam o sacrário, que tem na porta um baixo-relevo com a representação de Cristo Ressuscitado, cabeças de anjos e a pomba do Espírito Santo. Por cima do dossel, que remata o sacrário, um pedestal suporta a imagem de Santa Catarina de Alexandria, o orago da igreja a partir de 1835. No remate há quatro anjos de grande dimensão que enquadram uma cartela onde está representado o Cordeiro Místico. Nas ilhargas, a ornamentação das paredes apresenta um conjunto de cartelas que figuram Cristo, o Cordeiro Místico, o Santíssimo Sacramento, a Virgem Maria enquadrados por anjos meninos e anjos adultos. Contém ainda pinturas que figuram Cristo no Deserto e o milagre da Multiplicação dos Pães. Alude-se ainda aos diferentes retábulos da igreja realizados entre finais do século XVII e princípios do século XVIII. Os retábulos das capelas da nave são dedicados a Nossa Senhora da Conceição, a Nossa Senhora da Piedade, a Santa Ana ensinando a Virgem a ler, aos santos Miguel Arcanjo, Pedro, José, Joaquim e Paulo, cujos titulares são representadas por imaginária. Nas capelas e altares do transepto, os retábulos de feição neoclássica são dedicados ao Santíssimo Sacramento e a Nossa Senhora de Fátima. Nos outros de “estilo nacional”, encontram-se esculturas que representam a Crucificação e Cristo. É feita alusão às seguintes irmandades: Nossa Senhora da Conceição, Nossa Senhora da Atocha e São Vicente Mártir. Menção dos retábulos já desaparecidos de Santo António e de São Vicente Mártir, assim como das imagens de Nossa Senhora da Atocha e de Santa Quitéria. O volume II contém o anexo de gravuras e de desenhos; o volume III é constituído pelo elenco das fotografias. – (C1-C2-G1-H1).

1988-11-FERREIRA (Sílvia), “A igreja de Santa Catarina e o seu retábulo-mor”, *Olisipo*, n.º 19, 2003, p. 48-64, il.

Notas sobre a igreja paroquial de Santa Catarina de Alexandria construída no século XVII e localizada na freguesia de Santa Catarina em Lisboa, assim como sobre o seu retábulo-mor. Na mesma freguesia existiu uma ermida do século XIII e uma igreja do século XVI, ambas destruídas pelo terramoto

de 1755. Inicialmente era chamada de igreja do Santíssimo Sacramento, pertença dos religiosos de São Paulo Eremita, e tornou-se sede da paróquia após a extinção das ordens religiosas em 1834. Menção das capelas interiores dedicadas ao Senhor Jesus da Pobreza e a Nossa Senhora da Conceição, assim como de diversas imagens e pinturas que representam Cristo, Nossa Senhora e santos da Ordem dos Paulistas, entre outros. Descrição do retábulo-mor em talha dourada datado do século XVIII: possui as esculturas de Cristo e do Cordeiro Místico, dos patriarcas da ordem, Antão e Paulo Eremita (primeiro eremita), a imagem de Catarina de Alexandria e pinturas representando Cristo no Deserto e a Multiplicação dos Pães. – (C1-H1).

1989-11-FERREIRA (Sílvia), “A retabulística: presença e memória”, *Mosteiro de São Vicente de Fora: arte e história*, coordenação de SALDANHA (Sandra Costa), Lisboa, Centro Cultural do Patriarcado de Lisboa, 2010, p. 279-293, il. Estudo sobre a retabulística da igreja do mosteiro de São Vicente de Fora, situado na freguesia do mesmo nome em Lisboa, pertencente ao acervo actual e desaparecido. O conjunto de altares de talha dourada é constituído pela capela-mor dedicada ao Santíssimo Sacramento e ao Santo Cristo, assim como pelos altares da nave erigidos em honra de Nossa Senhora do Pilar, dos santos Miguel Arcanjo, Agostinho, Francisco Xavier, Rita de Cássia, Úrsula e Catarina de Alexandria. – (C2).

1990-11-FERREIRA (Sílvia), “O retábulo-mor da igreja matriz de Loures: uma obra emblemática do entalhador Bento da Fonseca Azevedo”, *Revista de Artes Decorativas*, n.º 1, 2007, p. 91-114, il.

Estudo do retábulo-mor em talha dourada dedicado ao Santíssimo Sacramento da igreja matriz de Loures, sede do concelho do mesmo nome, encomendado pela irmandade do Santíssimo Sacramento no primeiro quartel do século XVIII. – (G1).

1991-11-FERREIRA (Sílvia), *A talha barroca de Lisboa (1670-1720): os artistas e as obras*, dissertação de doutoramento em História apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa em 2009, 3 vol., 572-638-232 p., dactilogr., il., mapas, quadros, gráficos (consultável na Biblioteca Nacional de Portugal).

Estudo sobre os artistas de talha retabular do primeiro barroco nacional com incidência na sua produção para a cidade de Lisboa entre 1670 e 1720. O volume I contém a caracterização do ambiente sociocultural do período tratado: a cidade como espaço cénico (festas, procissões, autos-de-fé), as directrizes tridentinas e a sua influência nas configurações espaciais dos lugares de culto; as disposições sinodais, os efeitos da catequese, da retórica e da pregação na arte, assim como o reforço das devoções, principalmente das marianas. Os grandes encomendadores eram as ordens religiosas e as irmandades. Descrição

das obras subsistentes, deslocadas e desaparecidas, assim como os lugares de culto onde se encontram ou encontravam. A iconografia recorrente é mariana, cristífera e hagiológica sob as invocações do Santíssimo Sacramento, da Santíssima Trindade, de Nossa Senhora e representando entidades específicas das ordens religiosas. Os locais centrais dos retábulos eram reservados para as imagens e pinturas da Virgem, amiúde encimados pela figura de Deus Pai, a pomba do Espírito Santo, o Pelicano e símbolos marianos, assim como anjos. São frequentes as associações das imagens de Cristo e da Virgem caracterizadas pelo dramatismo e o sensorialismo. O volume II é constituído por mapas, plantas, quadros e gráficos. O volume III compreende um anexo de imagens (desenhos, gravuras, fotografias). – (A5-D2-D3-H1).

1992-11-FERREIRA (Sílvia), *A talha: esplendor de um passado ainda presente (sécs. XVI-XIX)*, Lisboa, Nova Terra, 2008, 121 p., il.

Roteiro das igrejas, capelas e conventos de Lisboa onde a arte da talha dourada é mais esplendorosa, que foi executada desde o Maneirismo ao Barroco passando pelo Rococó e pelo Neoclássico na viragem de setecentos. Contém um estudo introdutório que trata dos condicionalismos geográficos e históricos das várias fases estilísticas da arte da talha e da sua presença em Lisboa, seguido de fichas analítico-descritivas das obras estudadas: altar da igreja de Nossa Senhora da Luz; altar-mor e altares do Santíssimo Sacramento e de Nossa Senhora da Doutrina na igreja de São Roque; altares das igrejas de Nossa Senhora dos Cardais, da Pena, da Encarnação, do Bom Sucesso, da Madre de Deus, de São Miguel Arcanjo; altar-mor da igreja de São Pedro de Alcântara e o altar da igreja de Santa Catarina de Alexandria. – (C1-C2).

1993-11-FERREIRA (Sílvia), “A talha retabular da igreja de Santa Catarina de Lisboa”, *Monumentos*, n.º 27, 2007, pp. 196-203, il.

Descrição sumária dos retábulos de talha dourada da actual igreja paroquial de Santa Catarina de Alexandria, situada na freguesia de Santa Catarina em Lisboa. Anteriormente era designada por igreja do convento do Santíssimo Sacramento da Ordem Mendicante de São Paulo Primeiro Eremita, cuja edificação remonta aos anos oitenta do século XVII e que passou a igreja paroquial após o incêndio da igreja de Santa Catarina do Monte Sinai, assumindo aquela invocação. Os retábulos dos diferentes altares da igreja, realizados entre finais do século XVII e princípios do século XVIII, integram os estilos nacional, joanino e neoclássico. O orago actual é Santa Catarina, mas inicialmente foi dedicada ao Santíssimo Sacramento, invocação traduzida estruturalmente pela existência do seu expressivo camarim em torno do qual se organiza o retábulo de estilo joanino rematado por anjos de grande dimensão. Nas paredes das suas ilhargas destaca-se um conjunto de cartelas onde estão representados Cristo, a Virgem, o Cordeiro Místico e o Santíssimo Sacramento. Na igreja também

estão representados Nossa Senhora da Conceição, Santa Ana ensinando a Virgem a ler, Nossa Senhora da Piedade, os santos Miguel Arcanjo, Pedro, José, Joaquim e Paulo. As capelas da nave e as do transepto são dedicadas ao Santíssimo Sacramento e a Nossa Senhora de Fátima, sendo estas invocações representadas por imaginária. É feita alusão às seguintes irmandades criadas em honra de Nossa Senhora da Conceição, de Nossa Senhora da Atocha, dos santos Vicente Mártir, Quitéria e das Onze Mil Virgens. Menção dos desaparecidos retábulos de Santo António, de São Vicente Mártir e das imagens de Nossa Senhora da Atocha e de Santa Quitéria. – (C1-C2-G1-H1).

1994-11-FERREIRA (Sílvia), “A vez da escultura, a obra de talha barroca de Lisboa: da cumplicidade à complementaridade das formas”, Colóquio internacional de historia da arte, *A escultura em Portugal: da Idade Média ao início da Idade Contemporânea: história e património: actas*, coordenação de FLOR (Pedro), VALE (Teresa Leonor), Lisboa, Fundação das Casas de Fronteira e Alorna, 2011, p. 181-195.

Estudo sobre a articulação do entalhe e da escultura em madeira da época barroca e o seu contributo para moldar as tipologias retabulares servindo os objetivos ideológicos pós-tridentinos: a adesão e vivência plena dos fiéis que através da eloquência dos retábulos e altares acediam aos mistérios do sagrado. Périplo pelas formas que a arte da talha dourada adotou desde o gótico ao maneirismo. O retábulo da Sé de Portalegre, datado de finais do século XVI, representa um ponto de viragem atribuindo à escultura, a par da pintura, um papel informativo. O apogeu da escultura dá-se a partir de finais do século XVII com o chamado retábulo de estilo nacional, quando começou a afluir a Portugal o ouro do Brasil. Reflecte as influências de Trento quanto aos dogmas da Eucaristia, ao papel salvífico e exemplar da Virgem e dos santos. Os tipos de escultura que povoam os retábulos são: a escultura de vulto ou imaginária e a que constitui com a estrutura do retábulo um todo unitário, que se pode dividir em escultura de grandes dimensões (por exemplo, o anjo tocheiro) e a de pequenas dimensões (por exemplo, os *putti*). São indicados como exemplos representativos de retábulos-mor os da igreja de Nossa Senhora da Conceição dos Cardais e da igreja de Nossa Senhora de ao Pé da Cruz, ambas em Lisboa, e o da Sé de Setúbal. As grandes realizações da época de Dom João V (o chamado estilo joanino na primeira metade do século XVIII) podem ser ilustrados pelos retábulos-mor da igreja paroquial de Santa Catarina de Alexandria, da igreja de Nossa Senhora da Pena e da igreja do antigo mosteiro de Nossa Senhora da Encarnação das Comendadeiras de Avis, todas em Lisboa. – (A5-C1-C2-H1).

1995-11-FLOR (Pedro), “Novas perspectivas sobre o retábulo da Pena em Portugal: história e conservação”, Colóquio internacional de historia da arte,

A escultura em Portugal: da Idade Média ao início da Idade Contemporânea: história e património: actas, coordenação de FLOR (Pedro), VALE (Teresa Leonor), Lisboa, Fundação das Casas de Fronteira e Alorna, 2011, p. 443-463.

Contribuição para o estudo do retábulo do convento jerónimo de Nossa Senhora da Pena em Sintra, sede do concelho do mesmo nome, datado da década de trinta do século XVI. Leitura iconográfica do retábulo: reflecte influências renascentistas e teatrais e apresenta numa edícula central Cristo sustentado por três anjos, a Anunciação e a Adoração dos Magos.

1996-07-FLOR (Pedro), “O portal da igreja matriz de Arronches e a escultura do Renascimento em Portugal, *O largo tempo do Renascimento: arte, propaganda e poder*, coordenação de CANTERA (Maria José Redondo), SERRÃO (Vítor), Lisboa, Caleidoscópio, 2008, p. 131-151, il.

Considerações sobre o portal da igreja matriz de Arronches, sede do concelho do mesmo nome, datado de 1542, no contexto da escultura portuguesa do Renascimento. Nota sobre a igreja actual datada do mesmo período. O pórtico contém os relevos com o símbolo da Ordem de Cristo, dois querubins e duas caveiras. Menção de outras obras atribuídas ao autor do pórtico. – (C1).

1997-11-FLOR (Pedro), “Flandres em Bucelas: algumas notas a propósito das duas pinturas renascentistas”, *Igreja matriz de Bucelas*, coordenação de FERNANDES (Carla Varela), s. l., Imprimatur, 2018, p. 67-77, il.

Estudo das pinturas com as cenas da Assunção da Virgem e da Anunciação que datam de 1520-1530 e estão expostas na igreja matriz de Bucelas, concelho de Loures. Trata da fortuna história das peças até à recente exibição na igreja, da análise iconográfica, com especial relevância do seu conteúdo formal, convencional e simbólico e do lançamento de questões para futuras investigações. A Anunciação, em particular, distingue-se das formas mais comuns de representação da cena, pois desenrola-se num espaço semi-exterior. Ambas as pinturas expressam os valores artísticos do Renascimento nórdico e, em menor escala, alguns dos tópicos da pintura italiana. – (C2).

1998-11-FLOR (Susana Varela), “Barroco e neoclássico nos tectos da igreja de Nossa Senhora da Encarnação em Lisboa”, *Artis*, n.º 4, 2005, p. 293-309, il.

Análise das pinturas que decoram os tectos e os altares da igreja de Nossa Senhora da Encarnação em Lisboa, construída em 1708, reedificada entre 1768 e 1784 e restaurada em 1824 devido ao incêndio que a destruiu parcialmente. Realizadas entre 1781 e 1827, as pinturas integram-se, do ponto de vista estilístico, na estética barroca e neoclássica, utilizando predominantemente a técnica da pintura de perspectiva arquitectónica. Nos tectos da igreja prevalecem temáticas relacionadas com a invocação da titular; na capela-mor, a Anunciação/Encarnação, tendo na base da composição São Miguel Arcanjo a

pisar o demónio; na nave, a cena principal representa o Mistério da Encarnação, figurando na base da composição os profetas do Antigo Testamento; na sacristia, acima da sanca, em galeria arquitectónica fingida, estão as imagens de São Pedro, de São Paulo e São Jerónimo; nas paredes laterais, dois evangelistas de cada lado, enquadrando um medalhão central com a representação de Cristo Bom Pastor. No centro da abóbada do coro alto foi representado o Santíssimo Sacramento rodeado por uma glória de anjos. Nos altares encontram-se painéis que representam o Baptismo de Cristo, Nossa Senhora da Conceição, da Piedade e do Carmo, São Miguel Arcanjo e as Almas (desaparecido), o Martírio de São Sebastião, Santa Ana e Santo António. É feita alusão a uma tela da Última Ceia da capela colateral do lado do Evangelho, que representa o Santíssimo Sacramento, e ao douramento de uma imagem de Nossa Senhora da Encarnação. São referidas as irmandades do Santíssimo Sacramento e a das Almas estabelecidas na igreja. – (C1-G1-G2-H1).

1999-11-FLOR (Susana Varela), “‘Destes claros escuros se compõe a pintura do Portugal restaurado’: o ciclo eucarístico de Nossa Senhora da Purificação de Bucelas e o medo do ‘Perdão Geral’”, coordenação de FERNANDES (Carla Varela), *Igreja matriz de Bucelas*, s. l., Imprimatur, 2018, p. 11-19, il.

Análise de quatro pinturas que representam o ciclo eucarístico da igreja paroquial de Nossa Senhora da Purificação em Bucelas, concelho de Loures, datadas do século XVII. Análise iconográfica e plástica, assim como do estado de conservação das pinturas da capela-mor, que representam os temas Bodas de Caná, Instituição da Eucaristia e seus Defensores, Comunhão da Virgem por São João Evangelista, Milagre Eucarístico de Paris e o Calvário. No ciclo eucarístico está materializada a denúncia do extremismo judaico, servindo os intuítos de vigilância religiosa num contexto em que durante a Restauração se assistiu a maior protecção dos judeus pela Coroa. – (A5-C1).

2000-11-FLOR (Susana Varela), “*Do seu tempo fazia parelha aos mais...*”, *Marcos da Cruz e a pintura portuguesa do século XVII*, dissertação de mestrado em Arte, Património e Restauro apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa em 2002, 2 vol., 207-[183] p., dactilogr., il. (consultável na Biblioteca Nacional de Portugal).

Estudo sobre a obra do pintor Marcos da Cruz (século XVII) que se encontra, na sua quase totalidade, em lugares de culto de Lisboa e de Vila Viçosa, sede do concelho do mesmo nome, bem como em Alcochete, sede do concelho do mesmo nome, e em Faro, inserindo-a no contexto nacional e das múltiplas influências internacionais que recebeu. No volume I é analisada criticamente a pintura de temas crísticos: Apresentação do Menino no Templo, Adoração dos Magos, Expulsão dos Vendilhões do Templo, Cura do Cego de nascença, Lava-pés, Cristo no Horto, Flagelação, Coroação de Espinhos, Ceia de Emaús,

Jesus andando sobre as águas do Lago Tiberíades, Última Ceia, Menino entre os Doutores, Cura do paralítico em Cafarnaum, Baptismo de Cristo, Bom Pastor, Circuncisão, Natividade de Jesus, Bodas de Caná, Cristo a caminho do Calvário, Aparição de Cristo à Virgem. Executou também temas marianos: Apresentação da Virgem no Templo, Desposórios da Virgem, Anunciação, Visitação, Adoração dos Pastores, Fuga para o Egipto, Trânsito da Virgem, Descida da Imaculada Conceição, Natividade da Virgem, Educação de Maria, Virgem rezando em frente à Arca da Aliança, Viagem de Nazaré para Belém, Aviso da Fuga para o Egipto, Regresso do Egipto, Descanso na fuga para o Egipto, São João Baptista dando a comunhão à Virgem e Nossa Senhora de Guadalupe. Marcos da Cruz pintou ainda diversos santos: Conrado de Placência (Piacenza, século XIV), Luís, rei de França, Tomé, Bernardo de Claraval, Jerónimo, Bárbara, Catarina de Sena (Siena), Luzia, Teresa de Ávila, Rosa de Lima, Margarida de Cortona, Rosa de Viterbo, Maria Madalena de Pazzi, Isabel da Hungria e Delfina (beata franciscana). No volume II são apresentados os apêndices documental e gráfico.

2001-15-FONSECA (Anne-Louise G.), “Pedro Alexandrino de Carvalho (1729-1810) e as pinturas da igreja de São Sebastião de Setúbal: uma nova contribuição”, *Anais do VI colóquio luso-brasileiro de história da arte*, organização de PEREIRA (Sónia Gomes), Rio de Janeiro, Comité Brasileiro de História da Arte – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – Universidade Estadual do Rio de Janeiro – Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2003, vol. I, p. 85-98, il.

Estudo sobre as pinturas de Pedro Alexandrino de Carvalho (1729-1810) executada para a igreja de São Sebastião em Setúbal, que pertenceu ao convento de São Domingos. Descrição das pinturas que representam a Anunciação, a Visitação, a Natividade, a Apresentação do Menino no Templo, o Menino entre os Doutores. No tecto foi representado Cristo irado contra o Mundo.

2002-15-FONSECA (Maria Joana Belard da), *Os azulejos dos séculos XVII e XVIII no convento de Nossa Senhora da Arrábida e nos restantes conventos da sua Província*, dissertação de mestrado em Artes Decorativas apresentada à Universidade Católica de Lisboa em 2006, 2 vol., 253-454, dactilogr., il. quadros (consultável na Biblioteca Nacional de Portugal).

Estudo dos azulejos de vários lugares de culto do convento franciscano de Nossa Senhora da Arrábida, fundado no século XIII (Convento Velho) e XVI (Convento Novo), na Serra da Arrábida (concelho de Setúbal), mais concretamente na freguesia de São Lourenço. A sua localização expressa a religiosidade própria dos “sacros montes” e da religiosidade franciscana. Levantamento dos azulejos deste convento, datados dos séculos XVII e XVIII, e dos restantes conventos da Província da Arrábida situados nos distritos de Lisboa e de Setúbal, assim como em outros lugares da região centro de Portugal. Dados

sobre a fundação do convento da Arrábida. Os azulejos representam aspectos religiosos e profanos ligados ao franciscanismo: a Paixão de Cristo, os Passos da Via-Sacra, a Virgem, os santos Pedro, Paulo, Francisco de Assis, Maria Madalena e Catarina de Alexandria, assim como santos da ordem franciscana, por exemplo, São Boaventura, Luís Bispo (Toulouse), António, Bernardino de Sena (Siena), Diogo de Alcalá, Francisco Bailão (Torre Hermosa – Aragão, 1540 – Vilarreal-Valência, 1592, beatificado em 1618) e João de Capistrano, a Verónica ou Santo Sudário e São Simeão Estilita (391, Cilícia), entre outros. O volume II contém o elenco documental e fotográfico. – (A5-C2-C4).

2003-11-FRANCISCO (João Luís Alves), “Bernardo António de Oliveira Góis: um pintor encarnacense na obra do palácio Nacional de Mafra, contributos para a sua biografia”, *Boletim Cultural’05*, Câmara Municipal de Mafra, p. 506-512, il.

Nota biográfica de um pintor natural da freguesia da Encarnação, concelho de Mafra, que executou obras de tema religioso para diversos lugares de culto de Mafra e da Ericeira, concelho de Mafra, e de Torres Vedras, sede do concelho do mesmo nome, alusivos à vida de Cristo e da Virgem. Transcrição de documentos.

2004-11-FRANCO (Anísio), “António de Oliveira Bernardes e a unidade do espaço barroco”, *Jerónimos 4 séculos de pintura: 1992 / Mosteiro dos Jerónimos*, coordenação de ALMEIDA (Isabel Cruz), FRANCO (Anísio), MÂNTUA (Ana Anjos), PAIS (Ana Cristina), VERÍSSIMO (Ana Maria), [Lisboa], Mosteiro dos Jerónimos, [D.L. 1993], vol. II, p. 206-217, il.

Subsídio para o estudo iconográfico da obra do pintor António de Oliveira Bernardes produzida no final do século XVII e inícios do século XVIII. São referidos os painéis do retábulo da capela do Senhor dos Passos do mosteiro jerónimo de Nossa Senhora de Belém, freguesia de Santa Maria de Belém em Lisboa, constituído por quatro telas com anjos que ostentam os instrumentos do martírio de Cristo. Outras pinturas e azulejos pintados retratam a Virgem, o Menino e São João Baptista, cenas da vida de São Francisco de Assis e de Santa Catarina de Alexandria. – (C2).

2005-11-FRANCO (Anísio), BASTOS (Celina), “O ‘Presépio de Carnide’, da Casa da Recreação ao Museu Nacional de Arte Antiga”, *Revelações: o presépio de Santa Teresa de Carnide*, coordenação editorial de HENRIQUES (Ana de Castro), Lisboa, Museu Nacional de Arte Antiga, 2012, p. 10-31., il.

Nota sobre a fundação do convento das carmelitas descalças, freguesia de Carnide em Lisboa, cujo presépio era exposto por ocasião do Natal. A extinção do convento por decreto de 1834 foi concretizada apenas em 1891 quando faleceu a última freira, sendo o referido presépio depositado no Museu Nacional de Arte Antiga. Nessa passagem parte das peças foi misturada e confundida com as

peças de outros presépios e, separadamente, foi apresentada em várias exposições. Porém, na exposição de 2012 realizada no Museu Nacional de Arte Antiga foi feita a sua reconstituição tal como existiria no convento em Carnide. – (I3).

2006-15-GIL (Júlio), *Azulejos da igreja de São Lourenço, matriz de Alhos Vedros*, Alhos Vedros, Fábrica da Igreja Paroquial de Alhos Vedros, 2014, 114 p., il.

Notas sobre a igreja matriz medieval de São Lourenço em Alhos Vedros, concelho da Moita, que possui um notável conjunto de azulejos do século XVIII. Nesta igreja há uma imagem de Nossa Senhora dos Anjos que interveio milagrosamente para proteger a população de uma investida dos mouros. Notas sobre os retábulos em talha dourada alguns dos quais contêm azulejos figurativos que representam cenas da vida de São Lourenço, de São Sebastião e de Santo Estêvão, assim como cenas bíblicas. No tecto está igualmente representado o martírio de São Lourenço. – (C1-F3).

2007-11-GOMES (Carlos), AGUIAR (José), *André Gonçalves e o ciclo dos santos trinitários do convento das Trinas do Mocambo*, Lisboa, Instituto Hidrográfico, 2015, 33 p., il.

Catálogo de uma exposição de pintura realizada pelo Instituto Hidrográfico sediado no antigo convento das Trinas no bairro do Mocambo, freguesia de Santos-o-Velho em Lisboa. Era constituída por obras de André Gonçalves (século XVIII) pertencentes a este convento, que passaram para o convento de Cristo em Tomar (distrito de Santarém) após a extinção das ordens religiosas em 1834. As pinturas representam o Nascimento de São João da Mata, o Encontro de São João da Mata com São Félix de Valois, o Aviso do Anjo aos Santos Trinitários, o Primeiro Resgate dos Cativos, a Edificação do primeiro convento, a Recolha de esmolas, o Embarque para África, a Compra dos Cativos, o Regresso à Cristandade, a Recusa da Coroa de França por São Félix de Valois, São João da Mata solta o endemoinhado, a Morte de São João da Mata e a Ascensão de São João da Mata. – (I3).

2008-11-GONÇALVES (Flávio), *O Retábulo de Santiago*, Lisboa, Edição Artis, 1963, 16 p., 27 p. de estampas, il.

Análise do retábulo dedicado a São Tiago (vida e ordem), datado da primeira metade do século XVI, que se encontra no Museu Nacional de Arte Antiga em Lisboa. A sua proveniência, datação e autoria são ainda desconhecidas. Análise de cada uma das pinturas das duas séries que o constituem: Cristo Envia São Tiago, São João em Missão Apostólica, Pregação de São Tiago, Conversão de Hermógenes, Condução do Corpo de São Tiago para o Palácio da Rainha Loba, São Tiago combatendo os Mouros, Investidura de Dom Pedro Fernandes, primeiro Mestre da Ordem de Santiago da Espada, Entrega da Bandeira da Ordem de Santiago ao Mestre Dom Pedro Fernandes, Mestre

Dom Paio Peres Correia invocando a Virgem em Tentudia. Em apêndice apresentam-se estampas do retábulo.

2009-11-GONÇALVES (Florindo), FRANCISCO (Maria José), “Intervenções de restauro em quatro pinturas quinhentistas do concelho de Mafra”, *Boletim Cultural'00*, Câmara Municipal de Mafra, p. 153-162, il.

A propósito da descrição da intervenção de restauro, são indicadas quatro importantes pinturas datadas do século XVI, provenientes de quatro lugares de culto do concelho de Mafra, que integraram a exposição *Do gótico ao maneirismo: um Calvário, Cristo a caminho do Calvário, a Lamentação sobre Cristo Morto e a Coroação da Virgem*.

2010-07-GONÇALVES (José Pires); “O fresco dos Paços da Audiência de Monsaraz”, *Boletim Anual de Cultura*, Junta Distrital de Évora, n.º 5, 1964, p. 113-136 [13], il., plantas.

Notas históricas sobre o fresco descoberto em 1958 numa parede da antiga sala de julgamentos do Paço da Audiência da freguesia de Monsaraz, concelho de Reguengos de Monsaraz. Análise da pintura que representa, em duas ordens independentes, a justiça divina e a humana: na de cima o Cristo Pantocrator (Cristo em Glória) e na inferior a alegoria do bom e mau juiz. O bom juiz é coroado pelas figuras da Justiça e da Misericórdia. A sua execução datará da primeira metade do século XIV, entre 1317 e 1362, data obtida com base em elementos iconográficos e extrapictóricos.

2011-11-GONÇALVES (Susana), “A pintura do *Calvário* ou *Lamentação* junto à Cruz da igreja de São João Baptista de Alhandra”, *Arte e devoção, formas e olhares: desvelar património... velar pelo património*, Vila Franca de Xira, Câmara Municipal – Museu Municipal, 2009, p. 39-61, il.

Estudo histórico-artístico da pintura do Calvário ou Lamentação junto à Cruz da igreja de São João Baptista, matriz de Alhandra, concelho de Vila Franca de Xira. Tal como outros objectos da igreja, a tela é proveniente do antigo convento das Agostinhas Descalças (Grilas), que se situava na freguesia do Beato em Lisboa, extinto no século XIX. A igreja foi reedificada nos finais do século XIX, depois de um incêndio ter destruído a antiga matriz construída em 1558. A pintura data de meados do século XVII e representa a cruz, Nossa Senhora, Maria Madalena e São João Evangelista, onde a representação do sofrimento é contida, de modo a transmitir uma mensagem catequética de resignação e de esperança na Ressurreição, como era aconselhado pelo Concílio de Trento. – (A5-C1-I3).

2012-11-GOTTLIEB (Carla), “Disguised symbolism in the Gulbenkian ‘Annunciation’”, *Colóquio*, n.º 32, 1997, p. 24-33, il.

Estudo sobre a importância da simbologia cristã na arte sacra dos séculos XIV e XV expressa em várias pinturas, nomeadamente nas que representam o tema da Anunciação, como a que se encontra no Museu Calouste Gulbenkian em Lisboa. Quando Gabriel Arcanjo anuncia a Maria que esta vai ser mãe, dá-lhe José como “Pai-Guardião”, formando o modelo típico da família medieval. A valorização do lugar ocupado por Maria tem como ponto mais alto a coroação, dando assim início ao culto mariano.

2013-11-GUEDES (Natália Correia), “Elementos para o estudo da história do retábulo de Santa Auta”, *Retábulo de Santa Auta: estudo de investigação*, Lisboa, Instituto de Alta Cultura, 1972, p. 5-7.

Nota de teor histórico sobre o conjunto de tábuas quinhentistas designado por Retábulo de Santa Auta, datadas do século XVI, que se encontra actualmente no Museu Nacional de Arte Antiga em Lisboa. O quadro representa a chegada ao mosteiro da Madre de Deus em Lisboa, das relíquias de Santa Auta (uma das virgens martirizadas com Santa Úrsula nos primeiros séculos do cristianismo, em território germano) provenientes do mosteiro de Santa Úrsula em Colónia (Alemanha). Em 1522 foi inaugurada no mosteiro a capela à qual pertenceu o retábulo. Notícia de um relicário da igreja da Madre de Deus com um crânio e outros fragmentos ósseos que, segundo a tradição, pertencem a Santa Auta. – (C2-H7).

2014-11-GUSMÃO (Adriano de), *O Mestre da Madre de Deus*, Lisboa, Edição Artis, 1960, 16 p., 24 p. de estampas, il.

Análise do políptico executado cerca de 1515 para a igreja da Madre de Deus em Lisboa, também conhecido como sendo do Mestre de 1515, cuja identidade se desconhece. Análise sucinta de cada uma das telas que compõe o retábulo e que representam a Anunciação, a Adoração dos Pastores, a Adoração dos Reis Magos, a Aparição de Cristo à Virgem, a Ascensão, o Pentecostes e Assunção da Virgem e São Francisco entregando os Estatutos da Ordem a Santa Clara de Assis. Em apêndice apresentam-se estampas do políptico.

2015-11-GUSMÃO (Artur de), *Presépios portugueses*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, [D.L. 1986], s. p. [8 p.], il.

Nota introdutória de uma exposição fotográfica itinerante de exemplares de presépios portugueses dos séculos XIX-XX, que pertencem na sua maior parte à Fundação Calouste Gulbenkian em Lisboa. Breves considerações sobre a origem e a evolução da representação artística do tema da Natividade. A tradição atribui a criação do presépio a São Francisco de Assis, que procurou apresentar o mais natural possível o nascimento do Menino Jesus. Em Portugal, este tipo de composição assumiu um carácter muito popular no século XVIII, inspirando-se na tradição mais naturalista e nas romarias populares. Com a

extinção dos conventos dispersaram-se e perderam-se inúmeros exemplares. Catálogo com a lista dos presépios da exposição. – (H1-I3).

2016-11-HENRIQUES (António Meira Marques), “Nossa Senhora do Pópulo: reconstituição histórica dos quadros”, *Cidade Solidária*, n.º 27-28, 2012, p. 134-141, il.

Notas históricas sobre duas representações pictóricas de Nossa Senhora do Pópulo pertencentes à colecção de pintura do Museu de São Roque, situado em Lisboa. É tratado o papel da Companhia de Jesus na difusão do culto mariano através de confrarias e de imagens que representam Nossa Senhora da Piedade, da Anunciação e a Coroação de Maria. Entre os jesuítas destacava-se o culto a Nossa Senhora do Pópulo. Em 1569 São Francisco de Borja encarregou o padre Inácio de Azevedo de levar uma cópia da pintura original para oferecer à rainha Dona Catarina, mas este encomendou quatro cópias a um pintor jesuíta destinadas a cada um dos colégios portugueses e uma para si. Vários testemunhos históricos indicam que uma das pinturas actualmente existentes é a que foi doada à rainha. Breve descrição iconográfica da obra, marcada pela influência bizantina, particularmente na simbologia das cores. – (A5).

2017-11-HENRIQUES (António Meira Marques), *São Francisco Xavier: vida e lenda / Saint Francis Xavier: life and legend*, coordenação de OLIVEIRA (Maria Helena), de Lisboa, Santa Casa da Misericórdia, [D.L. 2006], 75 p., il.

Estudo bilingue (português/inglês) sobre o ciclo pictórico alusivo à vida e lenda de São Francisco Xavier, em particular sobre o ciclo da autoria do pintor André Reinoso que se encontra, desde 1619, na sacristia da igreja de São Roque em Lisboa. Análise das pinturas que se integram numa vasta obra de propaganda da vida e acção do santo canonizado em 1622. Serviram de modelo para outras encomendas que seguiam os mesmos protótipos compositivos. Cronologia e notas sobre a vida de São Francisco Xavier. – (A5-B2).

2018-11-HENRIQUES (Paulo), “Cerâmicas para a devoção”, coordenação de PAIS (Alexandre Nobre), *Formas de devoção: exposição, Lisboa, de 17 de Agosto a 10 de Outubro de 1999*, Lisboa, Museu Nacional do Azulejo, 1999, p. 8-11.

Breves considerações sobre a designada “cerâmica de devoção” que inclui objectos de azulejo e faiança, destinados ao culto individual, alguns dos quais pelas suas dimensões são móveis. Fazem parte deste grupo as pequenas imagens de vulto da Virgem, de santos, bem como pequenas pias de água benta datadas dos séculos XVI a XVIII. No espaço da devoção pública surgiram, no século XVII, alguns painéis de azulejo em que as temáticas são a Sagrada Família, santos e elementos eucarísticos. A partir da segunda metade do século XVIII, na Lisboa pós-terramoto, privilegiaram-se as representações da Virgem e dos santos Marçal, protector contra os incêndios, e António. – (H1-H6).

2019-07-HILL (Marcos), *A talha barroca de Évora – séculos XVII-XVIII*, Évora, Centro de História da Arte da Universidade de Évora, 1998, 187 [33] p., 33 p. de estampas, il., quadros.

Introdução e levantamento da talha barroca de Évora através de um conjunto de fotografias e de fichas que tratam da análise formal, da estrutura, da estilística e da policromia. São analisados os retábulos de Nossa Senhora da Encarnação da catedral de Évora, o retábulo-mor da igreja monacal da Cartuxa, a capela do Calvário da irmandade da Penitência da Ordem Terceira de São Francisco de Assis, na igreja de São Francisco; as capelas colaterais das Relíquias ou de São Manços e a do Santíssimo Sacramento, o retábulo da Ordem Terceira de Nossa Senhora do Carmo, na igreja conventual de Nossa Senhora do Carmo, e o retábulo-mor da igreja conventual carmelita de Nossa Senhora dos Remédios. – (C1-C2-H1).

2020-15-ISIDRO (Susana Patrícia Correia), *O “laboratório” de André Gonçalves e os programas de pintura do barroco quinto – joanino*, dissertação de mestrado em Arte, Património e Restauro apresentada à Faculdade de Letras de Lisboa em 2014, 2 vol. 226-142, il. <https://repositorio.ul.pt/handle/10451/18374> (consultada em 12-03-2021).

Estudo sobre a pintura da igreja matriz de Nossa Senhora da Conceição do Seixal, sede do concelho do mesmo nome, executada por André Gonçalves e datada de 1730-1740. No volume I é tratado o contexto ideológico após o Concílio de Trento em que o culto e a imagem passaram a fazer parte da pregação e da educação religiosa, assim como foi relevante o papel atribuído pelo poder régio à pintura como meio interpretativo de afirmação e propaganda face às grandes potências europeias da época. Notas sobre a fortuna histórica e a fortuna crítica (enquadramento iconográfico e iconológico) das pinturas da matriz do Seixal que representam a Anunciação, a Visitação, São João Evangelista em Patmos e o Sacrifício de Manoá. O volume II contém os anexos documental e fotográfico. – (A5-C1).

2021-15-JESUS (Armando Jorge Pais de), “A divina proporção no retábulo do convento de Jesus em Setúbal”, *Vértice*, n.º 103, 2001, p. 96-105, il.

Nova proposta de montagem do antigo retábulo pintado da igreja do convento de Jesus das clarissas em Setúbal. Datado do século XVI, está actualmente no museu municipal. Descrição do retábulo composto por catorze tábuas ordenadas, segundo a reconstituição proposta, em três séries narrativas horizontais, nomeadamente a Paixão de Cristo, as Alegrias da Virgem, a Estigmatização de São Francisco de Assis, os santos António, Bernardino de Sena (Siena), Boaventura e Mártires de Marrocos, Clara de Assis, Coleta de Corbie e Inês de Assis. O autor baseia a sua proposta na aplicação da Regra de Ouro, um esquema de proporção geométrica, supostamente uma expressão de beleza perfeita. – (C2).

2022-11-JORGE (Virgolino Ferreira), “Aspectos iconográficos dos capitéis da igreja do Salvador do Mundo no Sobral de Monte Agraço”, *Póvoa de Varzim: Boletim Cultural*, vol. XXVI, n.º 2, 1989, p. 509-520, il.

Estudo sobre os aspectos iconográficos dos capitéis da antiga igreja paroquial do Salvador do Mundo (séculos XIII-XIV), actualmente em ruínas, localizada em Sobral de Monte Agraço, sede do concelho do mesmo nome. Nos capitéis, a temática vegetalista e zoomórfica mistura-se com a simbologia cristã, constituída provavelmente por episódios da vida dos santos Brás e Sebastião, pelo milagre que São Brás realizou ao restituir um porco a uma mulher, que tinha sido roubado por um lobo. Segundo as memórias paroquiais de 1758, São Brás e São Sebastião eram os titulares dos altares laterais da igreja. – (C1-F1).

2023-11-LAMEIRA (Francisco), “A arte da talha”, *Monumentos*, n.º 15, 2001, p. 33-39, il.

Estudo descritivo do convento de Santos-o-Novo, freguesia da Penha de França em Lisboa, sede das comendadeiras da Ordem de Santiago (1685-século XIX). A capela-mor e as capelas laterais da igreja são dedicadas ao Senhor dos Passos, ao Menino Formoso ou dos Atribulados, a Nossa Senhora das Angústias, da Piedade, do Carmo, da Encarnação, aos Santos Mártires de Lisboa (Veríssimo, Máxima e Júlia), a Tiago Menor e a Santa Isabel. Nelas encontram-se imagens e retábulos pintados representando o Espírito Santo, o Senhor dos Passos, o Senhor Crucificado, Nossa Senhora da Encarnação e o milagre da Rainha Santa Isabel. Alguns dados sobre os mestres entalhadores responsáveis pela decoração em talha do convento. – (C2-H1).

2024-07-LAMEIRA (Francisco), BORGES (Artur Goulart de Melo), *Retábulos na arquidiocese de Évora*, [Faro], Departamento de Artes e Humanidades da Universidade do Algarve, [D.L. 2015], 181 p., il.

Levantamento de sessenta retábulos de lugares de culto da arquidiocese de Évora, sobretudo do distrito de Évora, datados dos séculos XIV a XIX e, principalmente, dos séculos XVII e XVIII. A obra compreende a análise da localização nos lugares de culto, da encomenda, dos usos e funções, da iconografia, das técnicas e materiais utilizados, das tipologias e modelos compositivos, da periodização, da filiação artística, das oficinas e artistas intervenientes. Catálogo ilustrado dos retábulos seleccionados e abordagem crítica. A iconografia dos retábulos da diocese tem como temas o Santíssimo Sacramento e as Almas do Purgatório, múltiplas devoções marianas sob a invocação de Nossa Senhora do Alcance, dos Bem Casados, do Paraíso, dos Santos Reis, entre outras; santos como Caetano, Manços, Cornélio, Mónica e Úrsula. Menos frequentes são os temas cristíferos, destacando-se o Senhor Jesus da Pobreza. Os encomendantes eram sobretudo entidades monástico-eclésiásticas, as confrarias do Santíssimo Sacramento, as irmandades da

Misericórdia e as ordens terceiras, assim como as de igrejas de peregrinação.
– (C1-C2-G1-G2).

2025-..-LAMEIRA (Francisco), “Contribuições para o estudo do retábulo barroco no Alentejo: a oficina do *insigne escultor* Manuel de Abreu do Ó”, *Promontoria: Revista do Departamento de História, Arqueologia e Património da Universidade do Algarve*, n.º 2, 2004, p. 285-292.

Breve estudo da obra de um escultor de retábulos barrocos de lugares de culto do Alentejo (distritos de Portalegre, Évora, Beja e parte do distrito de Setúbal). Os retábulos contêm imagens e pinturas que representam o Santíssimo Sacramento e Cristo Crucificado, Nossa Senhora da Boa Morte, os santos Bento e Cristóvão, entre outros. – (H1)

2026-07-LAMEIRA (Francisco), FERREIRA (Sílvia), “As diversas campanhas retabulares da igreja de Montemor-o-Novo”, *A Misericórdia de Montemor-o-Novo: história e património*, Montemor-o-Novo, Santa Casa da Misericórdia de Montemor-o-Novo, 2008, p. 135-146, il.

Análise das diversas campanhas de obras retabulares em talha dourada na igreja da Misericórdia de Montemor-o-Novo, sede do concelho do mesmo nome, realizadas no século XVI e, sobretudo, no século XVIII. Menção do altar-mor e dos altares de Nossa Senhora da Soledade e dos Milagres. – (C2).

2027-..-LAMEIRA (Francisco), LOUREIRO (José João), *Retábulos no Patriarcado de Lisboa*, Faro, Departamento de Artes e Humanidades da Universidade do Algarve, 2018, 312 p., il., mapa.

Contextualização e estudo dos retábulos esculpturados e pintados actualmente existentes nas igrejas da diocese de Lisboa (distrito de Lisboa e a parte sul do distrito de Leiria), datados dos séculos XIII a meados do século XX. Procede-se à análise dos seguintes aspectos: localização, encomenda, usos e funções, iconografia, materiais e técnica utilizados, tipologias e modelos compositivos, periodização, filiação artística, oficinas e artistas. Apresenta-se também um catálogo ilustrado com fotografias a cores de sessenta e cinco retábulos, acompanhados de uma abordagem crítica. Quanto aos seus usos e funções, os retábulos são classificados em eucarísticos, relicários, devocionais a um só tema, a três temas, a vários temas, assim como os narrativos ou didácticos. A iconografia dos retábulos representa sobretudo o orago, as devoções ao Santíssimo Sacramento e às Almas do Purgatório, a múltiplas invocações marianas e hagiográficas. Os retábulos de tema cristífero são em pequeno número. – (C1-C2-H1).

2028-07-LAMEIRA (Francisco), “O retábulo barroco no concelho de Montemor-o-Novo”, *Almancor: Revista de Cultura*, n.º 3, 2004, p. 129-143, il.

Estudo introdutório e catálogo dos retábulos barrocos esculpidos e pintados do concelho de Montemor-o-Novo, que se encontram nas igrejas paroquiais e não paroquiais de Nossa Senhora da Saudação, da Luz, de São Geraldo, de São João de Deus, de Santa Sofia e em igrejas da Misericórdia. Os retábulos contêm a representação do Santíssimo Sacramento, da Santíssima Trindade, do Calvário, da Paixão, da Sagrada Família, de Nossa Senhora da Saudação, do Bom Sucesso, do Carmo, da Soledade, da Luz; os santos Geraldo, João de Deus e Sofia, entre outras imagens e pinturas. Menção das irmandades da Misericórdia, de Nossa Senhora da Luz e de São Tiago. Colaboração de FONSECA (Jorge). – (C1-C2-G1-G2).

2029-07-LAMEIRA (Francisco), “O retábulo do Calvário ou do Senhor Crucificado da igreja do antigo convento de São João de Deus de Montemor-o-Novo: antecedentes formais e iconográficos”, *Almanson: Revista de Cultura*, n.º 5, 2006, p. 127-131, il.

Nota sobre o retábulo do Calvário ou do Senhor Crucificado da igreja do antigo convento de São João de Deus de Montemor-o-Novo, sede do concelho do mesmo nome. O retábulo contém a imagem de Cristo Crucificado e uma tela com a lamentação de Maria, de Maria Madalena e do apóstolo João Evangelista. Notícia dos antecedentes formais e iconográficos do retábulo de Montemor-o-Novo e de outros situados em lugares de culto de Lisboa e de Évora, assim como nos distritos de Leiria e de Coimbra. – (C2-H1).

2030-07-LAMEIRA (Francisco), “Retábulos barrocos carmelitas na cidade de Évora”, Actas do Ciclo de Conferências sobre *O convento de Nossa Senhora dos Remédios e a Ordem do Carmo em Portugal e no Brasil*, Évora, 2013, p. 1-25, il. <http://www2.cm-evora.pt/conventoremedios/Atas/entrada.pdf> (consultada em 14-10-2018).

Contribuição para o estudo dos retábulos barrocos em Évora através de quatro retábulos da igreja dos carmelitas calçados de Nossa Senhora da Luz ou do Carmo, datados dos finais do século XVII e primeiras décadas do século XVIII. Análise dos seguintes aspectos: localização, encomenda, usos e funções, iconografia, materiais e técnica, tipologias e modelos compositivos, periodização, filiação artística, oficinas e artistas. Apresentam-se também fichas dos quatro retábulos nos quais se encontram as imagens de Nossa Senhora da Luz, da Piedade, do Bom Sucesso, do Resgate e os santos Bento, João Baptista, Elias, Eliseu, Sesinando e Tomé. – (C2-H1).

2031-07-LAMEIRA (Francisco), “Os retábulos da capela da Ordem Terceira”, *Monumentos*, n.º 17, 2002, p. 64-69, il.

Nota sobre os retábulos de talha dourada do período proto-barroco e barroco da capela da Ordem Terceira localizada na igreja do convento de São Francisco

de Assis em Évora. Notícia sobre a Ordem Terceira de São Francisco, cuja fundação remonta a 1670. Para enterrarem os defuntos e fazerem os seus exercícios espirituais foi-lhes cedida uma capela na igreja de São Francisco. O primeiro retábulo de talha dourada existiu até 1722. Em 1727 surge novo contrato para a realização do segundo retábulo escultórico para a capela, agora de estilo barroco. Descrição das plantas dos retábulos, das pinturas e dos azulejos pintados existentes nas paredes laterais da capela, que foram executados nos finais do século XVII e princípios do século XVIII. Menção de imagens do Senhor Crucificado e de Santa Teresinha do Menino Jesus. – (C2-G2-H1).

2032-15-LAMEIRA (Francisco), RODRIGUES (Hélder), *Retábulos na diocese de Setúbal*, [Faro]-[Lisboa], Departamento de Artes e Humanidades da Universidade do Algarve – Fundação Millennium BCP, [D.L. 2016], 129 p., il.

Introdução e catálogo ilustrado de quarenta e cinco retábulos de talha dourada que se encontram em lugares de culto da diocese de Setúbal, ao tempo integrada na diocese de Lisboa, datados do século XVI e sobretudo dos séculos XVII e XVIII. São analisados a sua localização no lugar de culto, a encomenda, os usos e funções, a iconografia, as técnicas e materiais, as tipologias e modelos compositivos, a periodização, a filiação artística, oficinas e artistas intervenientes. Os encomendantes foram sobretudo o clero secular e regular, confrarias e irmandades, nomeadamente do Santíssimo Sacramento e da Misericórdia, do Corpo Santo ou Pedro Gonçalves Telmo (dos mareantes), confrarias das igrejas de peregrinação em honra de Nossa Senhora do Cabo (Espichel, freguesia do Castelo em Sesimbra), do Bonfim, da Atalaia, da Arrábida (serra do concelho de Setúbal), de Tróia na freguesia do Carvalhal, concelho de Grândola, e do Cais, as Ordens Terceiras do Carmo e de São Francisco de Assis. Quanto ao uso e funções, dividiam-se em retábulos eucarísticos, relicários, devocionais de um só tema, devocionais a três temas, narrativos ou didáticos, entre outros. A iconografia compreende sobretudo a temática mariana e as devoções hagiográficas e menos os temas cristíferos. Estabelecimento de uma periodização dos retábulos em Portugal. – (C2-D2-G1-G2).

2033-07-LAMEIRA (Francisco), “A talha”, *Monumentos*, n.º 10, 1998, p. 25-29, il.

Nota sobre a talha barroca existente no convento da Cartuxa em Évora. Descrição dos retábulos esculpidos da sacristia (de finais do século XVI) e da capela-mor (iniciado no ano de 1727), nos quais encontramos as imagens de Cristo Crucificado, de Nossa Senhora de Fátima e de São José. Comparação com os retábulos escultóricos existentes em diversas igrejas de Portugal. – (H1).

2034-11-LAMEIRA (Francisco), “A talha do mosteiro de Santa Maria de Belém”, *Jerónimos 4 séculos de pintura: 1992/Mosteiro dos Jerónimos*, coordenação de

ALMEIDA (Isabel Cruz), FRANCO (Anísio), MÂNTUA (Ana Anjos), PAIS (Ana Cristina), VERÍSSIMO (Ana Maria), Lisboa, Secretaria de Estado da Cultura – Instituto Português do Património Arquitectónico e Arqueológico – Mosteiro dos Jerónimos, 1992, vol. I, p. 98-107, il., planta.

Análise dos retábulos de talha dourada datados do século XVIII que se encontram nas capelas da igreja do mosteiro dos Jerónimos em Lisboa, hoje paroquial da freguesia de Santa Maria de Belém. Os retábulos contêm imagens dos titulares: o Senhor dos Passos, Nossa Senhora de Belém, das Estrelas, do Carmo, da Conceição, da Ajuda e das Dores, os santos Jerónimo, Eusébio Cremonense, Leonardo, António, Francisco Xavier, Eustáquia e Paula. Menção de diversas outras imagens e de pinturas que representam Nossa Senhora da Ajuda, São Sebastião e São José. Alguns retábulos continham relíquias dos santos Jerónimo, Roque, Francisco Xavier e das Onze Mil Virgens. Menção da irmandade de Santa Cruz e Passos de Cristo e da confraria de Santa Prisca. – (C1-G1-H7).

2035-11-LAMPREIA (Isabel Horta), “Dois conjuntos de pintura quinhentista no Museu Municipal de Torres Vedras”, *Boletim Cultural* '00, Câmara Municipal de Mafra, p. 103-120, il.

Análise iconográfica de dois conjuntos de pintura do século XVI, presente-mente conservados no Museu Municipal de Torres Vedras, sede do concelho do mesmo nome. O primeiro conjunto é composto por quatro painéis pintados provenientes da ermida de Nossa Senhora do Ameal, situada em Torres Vedras, que representam os santos Paulo, Pedro, Lourenço e Sebastião. O segundo conjunto é composto por seis painéis, originariamente executados para a igreja do convento da Ordem dos Agostinhos Calçados e depois transferidos para a igreja do convento de Nossa Senhora da Graça, quando os frades mudaram para este convento em 1544. Os painéis são de temática mariana: o Encontro na Porta Dourada, a Apresentação da Virgem no Templo, a Anunciação, a Visitação, a Natividade e a Adoração dos Magos. Nota sobre a ermida de Nossa Senhora do Ameal que pertenceu inicialmente à confraria dos alfaiates, aí sediada pelo menos desde 1332, na qual existiram as imagens de Nossa Senhora do Ameal (hoje desaparecida) e de Rocamador. A ermida pertence hoje à Santa Casa da Misericórdia de Torres Vedras. – (C2-G4-H1).

2036-12-LEAL (Lécio), “Nossa Senhora da Imaculada Conceição, padroeira e rainha de Portugal: pintura de Francisco Xavier Lobo na igreja de Santa Maria da Devesa em Castelo de Vide”, *Invenire: Revista de Bens Culturais da Igreja*, n.º 11, 2015, p. 46-51, il.

Nota sobre a pintura marcadamente barroca que representa a Imaculada Conceição da igreja paroquial de Nossa Senhora da Devesa, freguesia de Santa Maria da Devesa em Castelo de Vide, sede do concelho do mesmo

nome. A obra data de 1758 e foi executada para a igreja da colegiada do Espírito Santo, adquirida pela irmandade de Nossa Senhora da Conceição aos militares da praça de armas de Castelo de Vide. Esta igreja foi demolida em 1893 e o altar de Nossa Senhora da Conceição foi incorporado na igreja paroquial. – (C1-I3).

2037-11-LIMA (Madalena Costa), “A Circuncisão da Igreja de Nossa Senhora da Luz de Carnide”, *Artis*, n.º 5, 2006, p. 157-186, il.

Leitura iconológica do retábulo da Circuncisão do altar do lado do Evangelho da capela-mor da igreja de Nossa Senhora da Luz, actual paroquial da freguesia de Carnide, na cidade de Lisboa. O retábulo, realizado por volta de 1592, representa o episódio da Circuncisão de Jesus e inscreve-se no ciclo iconográfico mariano da capela-mor. A iconografia mariana do retábulo-mor compreende as pinturas alusivas à Imaculada Conceição, à Coroação da Virgem e seus Mistérios Gozosos. Nos retábulos laterais estão as pinturas da Sagrada Família no descanso da Fuga para o Egipto e a Circuncisão já referida. – (C1).

2038-11-LIMA (Tomás Machado), “Quadro de Santo António da igreja da Madalena que pertenceu à capela da Alfândega”, *Olisipo*, n.º 5, 1997, p. 39-43, il.

Descrição de dois quadros (século XVIII) expostos na igreja paroquial da freguesia da Madalena em Lisboa, um dos quais terá pertencido à capela da Alfândega. Os quadros são semelhantes e representam Santo António, o Menino Jesus e Nossa Senhora, rodeados de nuvens e dos anjos da Assunção. Apresentam os dois elementos típicos da iconografia antoniana: um livro e um ramo de lírios brancos e o santo encostado a um degrau ou genufluxório de madeira. Alusão às imagens de Santo António e de Santa Maria Madalena. – (C1-H1).

2039-11-LOPES (Fernando M. Peixoto), BASTOS (Margarida Almeida), “Registos de santos em azulejo do município de Lisboa: algumas considerações”, *Olisipo*, n.º 20-21, 2004, p. 95-105, il.

Estudo sobre os registos de santos em azulejo da cidade de Lisboa desde o século XVII à actualidade. Os registos apresentam grande diversidade iconográfica e constituem importante fonte para o estudo da mentalidade e da piedade popular. Análise da evolução estilística através das representações mais frequentes, que foram condicionadas pelos acontecimentos naturais (incêndios e terramotos) e por razões de conjuntura histórica, religiosa, social, política e ideológica. As figuras mais numerosas são as da Virgem, sob as invocações de Nossa Senhora do Rosário, da Conceição, da Piedade, do Carmo e da Penha, entre outras, assim como de santo António, por vezes acompanhados de outros santos ou das Almas do Purgatório. Outro tipo de

registos representam o Santíssimo Sacramento ou cenas do Calvário ou o tema das custódias (mais representado no interior das igrejas). Alguns painéis estão relacionados com o culto tributado a Nossa Senhora através dos círios do distrito de Lisboa, nomeadamente a Nossa Senhora da Penha de França em Lisboa, ou a Nossa Senhora da Atalaia, concelho do Montijo. Após o terramoto de 1755, verificou-se um aumento significativo do número dos registos, ganhando expressão a figuração de São Marçal (protector contra os incêndios) e de São Francisco de Borja, reconhecido oficialmente como patrono do reino contra os terremotos. Há casos em que o santo seleccionado corresponde ao santo padroeiro da localidade de origem do proprietário do edifício ou ao santo da data do seu nascimento. No período do Estado Novo, os registos apresentam os santos adoptados pela política oficial do regime, nomeadamente a Rainha Santa Isabel e Francisco de Assis, escolhidos pela sua vertente caritativa e assistencial, e a Sagrada Família, que incorpora o valor da família. – (D2-D3-D4).

2040-11-LOPES (Vitor Sousa), “Os registos de azulejos: painéis devocionais do século XVIII”, *História*, n.º 59-60, 1983, p. 86-88, il.

Nota sobre os registos de azulejos do século XVIII dispersos por Lisboa, que são painéis devocionais encomendados com intenções religiosas e que vieram, provavelmente, substituir os antigos nichos das almas. Este tipo de arte popular é um elemento decorativo de fachadas dos prédios e aumentou consideravelmente após o terramoto de 1755. Neles figuram os santos de devoção, os santos padroeiros e os advogados contra doenças e outros males. A iconografia representa Crucifixos, marcando passos da Via-Sacra, Nossa Senhora e os santos António, Pedro e Francisco Xavier, protectores contra os terremotos, e Marçal, contra os incêndios. As representações dos santos ocupam a área central do registo. – (D2-D4).

2041-15-LUCAS (Francisco José Oleiro), “O retábulo de São Pedro na igreja matriz do Montijo: breve notícia”, *Artis*, n.º 3, 2004, p. 369-379, il.

Breve notícia sobre o retábulo de São Pedro da igreja matriz do Divino Espírito Santo do Montijo, sede do concelho do mesmo nome, edificada no século XV e remodelada por diversas vezes entre os séculos XVI e XIX. São mencionados os altares erigidos em honra do Nome de Jesus, do Senhor Jesus dos Passos, de Nossa Senhora do Rosário, da Piedade e de São Pedro. O retábulo em talha do altar de São Pedro contém uma imagem do santo e símbolos eucarísticos. Na capela-mor da igreja de Nossa Senhora da Purificação e no corpo da igreja encontram-se azulejos subordinados aos seguintes temas: Presença do Espírito Santo na vida da Virgem, Fuga para o Egipto e Repouso durante a Fuga, Apanha do Maná no Deserto e Castigo dos Blasfemos. – (C1-H1).

2042-11-MACHADO (Ana Raquel), *O património artístico da igreja matriz de Arruda do Vinhos*, Arruda dos Vinhos, Câmara Municipal, 2017, 174 p., il., planta.

Estudo sobre ao património artístico da igreja matriz de Arruda dos Vinhos, sede do concelho do mesmo nome, fundada no século XII em honra de Nossa Senhora da Salvação, mas reformada e ampliada no século XVI. A evolução da construção e decoração do edifício. Contém notas históricas e artísticas, a descrição arquitectónica e as intervenções oficiais de restauro no século XX. Do espólio artístico destaca-se o retábulo do altar-mor de Nossa Senhora da Salvação em talha dourada e a obra de pintura do século XVI, que representa a Assunção da Virgem, Santa Ana e São Joaquim, a Visitação, a Morte da Virgem, a Coroação da Virgem, o Anjo da Nunciação, a Virgem da Anunciação, a Natividade e a Adoração dos Reis Magos, Nossa Senhora das Dores, São João Baptista e São Pedro. Os azulejos figurativos datam do século XVIII e representam personagens religiosas e profanas. Descrição da capela do Santíssimo Sacramento datada do século XVIII. O acervo de escultura compreende imagens de Nossa Senhora e de diversos santos. Análise dos antigos retábulos da matriz de Arruda dos Vinhos mencionados nas memórias paroquiais de 1758, cuja identificação é parcialmente possível devido a registos fotográficos. – (C1-H1).

2043-...-MACHADO (José Alberto Gomes), *André Gonçalves: pintura do barroco português*, Lisboa, Editorial Estampa, 1995, 315 p., il.; *André Gonçalves: um pintor do barroco português*, dissertação de doutoramento em História da Arte apresentada à Universidade de Évora em 1992, 2 vol., 502-134 p., dactilogr., il. (consultável na Biblioteca Nacional de Portugal).

Estudo monográfico sobre a vida e obra do pintor André Gonçalves que procura traçar um perfil artístico e avaliar o significado e a contribuição da obra do pintor para o barroco português. Inventário e análise iconográfica dos quadros que se encontram distribuídos por diversos lugares de culto e museus, principalmente de Lisboa, de Mafra, sede do concelho do mesmo nome, de Camarate, concelho de Loures, e também de Coimbra. Os temas principais e mais recorrentes são as representações de episódios da vida e morte de Cristo, da Virgem, a Virgem com o Menino, Santo António com o Menino, São Jorge, Santo Agostinho, episódios da vida de José do Egipto e de Moisés, a Adoração dos Pastores. Fez ainda representações de episódios da vida dos santos José, Paulo, Antão, Sebastião, Agostinho, António e Bernardo de Claraval, assim como de Clara de Assis e das infantas santas Teresa e Sancha.

2044-07-MACHADO (José Alberto Gomes), “A Cartuxa de Scala Coeli no contexto do barroco português”, *A Cartuxa: actas do colóquio internacional*, Évora, Fundação Eugénio de Almeida, 2004, p. 130-136.

A igreja de Santa Maria Scala Coeli do convento dos frades cartuxos de Évora foi construída nos finais do século XVI e sofreu os efeitos das operações militares durante a Guerra da Restauração. O seu interior, em particular, foi objecto de uma intervenção de fundo, que teve o seu ponto máximo na edificação do retábulo-mor barroco de grandes dimensões durante a primeira metade do século XVIII. O retábulo-mor barroco filia-se em retábulos espanhóis e é principalmente um expositor do Santíssimo Sacramento. Em anexo consta uma descrição do retábulo feita pelo padre cartuxo LÓPEZ (Antão). – (C2-I1).

2045-07-MACHADO (José Alberto Gomes), “As pinturas a fresco da sacristia nova da Igreja do Espírito Santo de Évora (1599)”, *Actas do II Congresso Internacional do Barroco*, Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2003, p. 281-289; “As pinturas a fresco da sacristia nova da igreja do Espírito Santo de Évora (1599)”, *Homenagem ao professor Augusto da Silva*, Évora, Departamento de Sociologia da Universidade de Évora, 2000, p. 347-359.

Estudo iconográfico das pinturas a fresco (de autor desconhecido) do tecto da sacristia nova da igreja do colégio jesuíta do Espírito Santo em Évora. As pinturas fora executadas em 1599 e compreendem doze painéis que retratam outras tantas cenas da vida de Santo Inácio de Loiola (beatificado em 1609 e canonizado em 1622) de teor predominantemente místico: Inácio levita ante um altar com um sacrifício; Inácio penitencia-se ante uma cruz; Inácio mergulhado num lago; Visão de Inácio na Terra Santa; Visão de La Storta (a caminho de Roma, na Via Cássia, Inácio tem a visão de Cristo com a cruz às costas e junto dele, o Pai, ouvindo as palavras “quero que tu nos sirvas”); Visão de Francisco Xavier na glória; Visão da Santíssima Trindade, segunda visão de La Storta (Inácio de Loiola recebe de Jesus a certeza de que tudo correrá bem em Roma); Cura sobrenatural por milagre de São Pedro e Visão de Nossa Senhora. – (C2).

2046-11-MANGUCCI (Celso), “Com a pena e com o pincel: a hagiografia de S. Lourenço Justiniano e a defesa da congregação de S. João Evangelista nos azulejos de Arraiolos, Vilar de Frades e Évora”, *Ciclos de iconografia cristã na azulejaria: actas do I colóquio sacrae imagines*, coordenação de SALDANHA (Sandra Costa), CÂMARA (Maria Alexandra Gago da), Moscavide, Secretariado Nacional para os Bens Culturais da Igreja, 2013, il., p. 123-149.

Estudo sobre os azulejos do convento de Nossa Senhora da Assunção em Arraiolos, sede do concelho do mesmo nome, pertencente à Ordem de São João Evangelista ou dos Lóios, datados do final do século XVII, da igreja de Vilar de Frades em Areias de Vilar (distrito de Braga) e da igreja dos lóios em Évora. A iconografia centra-se em São Lourenço Justiniano e destina-se a formar um espelho das virtudes da vida monástica dos lóios. Os temas fundamentais são a morte predita e feliz do santo e a incorruptibilidade do seu corpo. – (C2)

2047-07-MANGUCCI (Celso), *A iconografia de São Lourenço Justiniano nos azulejos dos conventos Lóios de Évora e Arraiolos*, Évora, Centro de História da Arte e Investigação Artística da Universidade de Évora – Rota do Azulejo no Alentejo, 2013, 47 p., il.

Estudo sobre a iconografia de São Lourenço Justiniano nos azulejos das igrejas conventuais da Ordem de São João Evangelista ou dos Lóios em Évora e Arraiolos, sede do concelho do mesmo nome. Na igreja de Évora, fundada nos fins do século XV, os azulejos datam do início do século XVIII e retratam passos da vida do santo, primeiro patriarca de Veneza, um dos membros proeminentes da congregação de São Jorge de Alga fundada nesta cidade, cuja organização serviu de modelo para a congregação portuguesa de São João Evangelista ou Lóios. Os azulejos foram executados poucos anos depois da canonização do santo em 1690. Nota histórica sobre a congregação de São João Evangelista e sobre o aproveitamento da canonização de São Lourenço Justiniano para aceder a esse novo capital simbólico, realizando vários festejos em sua honra. Este acontecimento inicia um processo de renovação marcado pela publicação da História da Congregação dos Lóios (1697) e por várias encomendas artísticas. Em Arraiolos, o programa iconográfico dos azulejos procura incorporar a hagiografia do santo e exaltar a história da congregação. Nos quadros em azulejo das paredes da igreja de Évora, a vida do santo aparece como um espelho modelar da organização interna da congregação. – (C2).

2048-07-MANGUCCI (Celso), “Sob o império da retórica: os programas iconográficos de São Tiago e São Mamede de Évora”, *Invenire: Revista de Bens Culturais da Igreja*, n.º 8, 2014, 34-45, il.

Descrição dos programas iconográficos das igrejas de São Tiago e de São Mamede situadas em Évora, que datam dos finais do século XVII e início do século XVIII. São exemplos da pintura ao serviço da pregação, que a aproximam das características e função do sermão. Na igreja de São Tiago o programa iconográfico articula os painéis de azulejo com os frescos do tecto, exaltando estes o sacramento da Eucaristia, tema central da Igreja após o Concílio de Trento e figurando aqueles a parábola do filho pródigo, Abraão obedecendo a uma ordem divina e a Prece do rei David, entre outros episódios do Antigo Testamento, bem como o magistério de Cristo. Na igreja de São Mamede repete-se o programa eucarístico da igreja de São Tiago, parcialmente as cenas do Antigo Testamento e a acção evangelizadora de Jesus Cristo, entre outros temas. – (A5-B5-C2).

2049-15-MANHITA (Jorge Manuel dos Santos), *Retábulos da Igreja matriz do Divino Espírito Santo do Montijo*, dissertação de mestrado em História da Arte apresentada à Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade do

Algarve, Faro, em 2012, 215 p., il., plantas. <http://hdl.handle.net/10400.1/3176> (consultada em 4-05-2020).

Estudo sobre os retábulos da igreja matriz do Divino Espírito Santo do Montijo, sede do concelho do mesmo nome. Descrição da evolução da igreja até às alterações do século XVI e sobretudo da grande remodelação do século XVII. Dados sobre os retábulos até ao século XVI. Na decoração de azulejo destacam-se os exemplares do século XVIII composto por painéis figurativos com representações de episódios religiosos. A função catequética e de suporte à pregação/sermão, das narrativas azulejares resultam de um programa iconográfico onde sobressaem os temas bíblicos, marianos e hagiográficos, tendo como elemento unificador a pomba do Espírito Santo. Na igreja estiveram sediadas as confrarias do Santíssimo Sacramento, de Nossa Senhora da Atalaia dos Barqueiros, do Hospital do Espírito Santo, de Nossa Senhora do Rosário, de Nossa Senhora da Atalaia, da Purificação, de São Sebastião, de São João Baptista, de São Pedro, dos Fiéis de Deus e a da Misericórdia. As principais festas eram dedicadas a São Pedro, na cidade de Montijo, a Nossa Senhora da Atalaia, na povoação com a mesma denominação, e as que se realizam em honra de Nossa Senhora da Oliveira em Canha. A segunda parte é dedicada aos retábulos hoje existentes na igreja matriz do Divino Espírito Santo. Os retábulos são em talha dourada com policromia de Estilo Nacional na capela-mor, altares colaterais e capelas laterais, à excepção do altar dedicado ao Senhor Jesus dos Passos, que é do século XIX, e possuem as imagens dos titulares. Apresenta-se a análise/leitura integrada do conjunto, onde se abordam as seguintes questões: localização, usos e funções, iconografia, encomenda, tipologias e exemplares ímpares, materiais e técnicas, complementaridade das artes, periodização, produção artística e o estado de conservação. Na igreja matriz do Divino Espírito Santo do Montijo foram inventariados os retábulos da capela-mor dedicado ao Santíssimo Sacramento e os retábulos devocionais, todos a um único tema: localizam-se no corpo da igreja, três no lado do Evangelho – um cristífero (Chagas de Cristo) e dois marianos (Nossa Senhora da Piedade e Nossa Senhora da Conceição) – e três no lado da Epístola – um hagiográfico (São Pedro), um cristífero (Senhor Jesus dos Passos) e um mariano (Nossa Senhora da Purificação). É ainda apresentado o catálogo dos retábulos recenseados. Contém os apêndices documental e iconográfico. – (C1-D2-D3-G1).

2050-11-MARINHO (Lúcia), “Espiritualidade e misticismo de Santa Teresa de Jesus, da gravura à azulejaria”, *Ciclos da iconografia cristã na azulejaria: actas do I Colóquio sacrae imagines*, coordenação de SALDANHA (Sandra Costa), CÂMARA (Maria Alexandra Gago da), Moscavide, Secretariado Nacional para os Bens Culturais da Igreja, 2013, p. 8-25, [p. 203-206], il., quadro.

A importância da gravura na representação da imagem de Santa Teresa de Jesus está patente nos ciclos azulejares de origem holandesa e portuguesa, da igreja do convento dos Cardais das carmelitas descalças em Lisboa, datados dos finais do século XVII e do século XVIII. – (C2).

2051-11-MARINHO (Lúcia), “(Re)descoberta de um singular conjunto azulejar sobre Santa Teresa de Jesus”, *Cadernos de História da Arte* (Recursos Electrónicos), n.º 1, 2013, p. 108-123, il. <http://cad.fl.ul.pt/index.php/Cadharte/index> (consultada em 11-08-2019).

Análise de um conjunto azulejar composto por dez painéis dedicados à vida e à espiritualidade de Santa Teresa de Jesus, descoberto no Museu Nacional do Azulejo em Lisboa. Estilisticamente, os painéis em estudo devem ter sido executados no terceiro quartel do século XVIII, contudo levantam várias questões significativas quanto à proveniência, encomenda, autoria e incorporação no museu. A diversidade iconográfica que apresenta varia entre as visões e as virtudes da santa carmelita. A maior ou menor exactidão do artista ao realizar as cenas apresentadas poderá refletir uma interpretação pessoal do encomendante, afastando-se um pouco do que na altura eram os modelos de representação artística da santa carmelita. Por exemplo, uma leitura iconográfica permite perceber que, ao contrário do que normalmente se encontra noutros ciclos, neste conjunto é Santo Agostinho que surge representado num dos painéis e não São João da Cruz, confessor de Santa Teresa e responsável com ela pela fundação do ramo masculino da Ordem dos Carmelitas Descalços. Também é admitida a hipótese de Rita de Cássia ser a santa do painel, sendo representada a regar uma árvore seca.

2052-11-MARKL (Dagoberto), “Duas obras inéditas de Fernão Gomes no Museu Nacional de Arte Antiga”, *Boletim Cultural*, Assembleia Distrital de Lisboa, t. 2, n.º 2, 1980, p. 5-39 [24], il.

Notas contextualizadas sobre o pintor Fernão Gomes, provável autor de uma representação do Pentecostes e de um estudo sobre o Nascimento da Virgem (estudo para o painel do mosteiro dos Jerónimos), executado nas últimas décadas do século XVI e hoje no acervo do Museu Nacional de Arte Antiga em Lisboa. É salientada a influência directa (reprodução fiel) e a influência indirecta (reprodução da ideia geral) das gravuras de Albrecht Dürer nos pintores portugueses do século XVI. Na segunda metade do século XVI, a arte sofreu com o conservadorismo imposto pela Inquisição. – (A5).

2053-.-MARKL (Dagoberto), *O essencial sobre Nuno Gonçalves*, Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1987, 61 p.

Breve estudo analítico sobre a simbólica de obras, algumas já desaparecidas, atribuídas ao pintor Nuno Gonçalves da segunda metade do século XV. Hoje

encontram-se no Museu Nacional de Arte Antiga em Lisboa e no Museu da Sé de Évora (neste caso provenientes da igreja do convento de Santa Helena do Monte Calvário de Évora). São referidas as pinturas Adoração dos Magos, Flagelação de Cristo, Pentecostes, Veneração de São Vicente, Martírios de São Vicente, São Francisco de Assis, Santo António e o painel dos santos franciscanos.

2054-11-MARKL (Dagoberto), “Fernão Gomes no mosteiro dos Jerónimos”, *Jerónimos 4 séculos de pintura: 1992 /Mosteiro dos Jerónimos*, coordenação de ALMEIDA (Isabel Cruz), FRANCO (Anísio), MÂNTUA (Ana Anjos), PAIS (Ana Cristina), VERÍSSIMO (Ana Maria), [Lisboa], Secretaria de Estado da Cultura – Instituto Português do Património Arquitectónico e Arqueológico – Mosteiro dos Jerónimos, [D.L. 1993], vol. II, p. 114-130, il.

Estudo iconográfico sobre a obra do pintor Fernão Gomes (finais do século XVI), executada para o mosteiro dos Jerónimos em Lisboa, nomeadamente, sobre os desenhos preparatórios e os painéis que representam episódios da vida da Virgem: Nascimento, Anunciação, Natividade e Assunção. – (C2).

2055-07-MARKL (Dagoberto), “A justiça de Deus e a justiça dos homens”, *O fresco do antigo tribunal de Monsaraz: conservação e restauro*, Lisboa, IPPAR, 1999, Cadernos 2, p. 7-13, il., planta.

Contribuição para o estudo da pintura mural conservada no antigo tribunal da freguesia de Monsaraz, concelho de Reguengos de Monsaraz, que representa a temática do juízo final na parte superior e a alegoria do bom e do mau juiz na parte inferior. O autor situa a execução da pintura para depois do século XV.

2056-07-MARKL (Dagoberto), “O painel da igreja do Calvário de Évora e a pintura portuguesa do século XV”, *A Cidade de Évora: Boletim da Comissão Municipal de Turismo*, n.º 56, 1973, p. 5-11, il.

Análise do painel pintado da antiga igreja do convento de Santa Helena do Monte Calvário em Évora, que pertenceu à Ordem de Santa Clara de Assis. Datado do século XV, representa a Adoração dos Magos e os santos António e Francisco de Assis. O painel estava coberto por uma pintura maneirista. Comparação com outras pinturas portuguesas do século XV.

2057-11-MARKL (Dagoberto), “O retábulo da vida e da ordem de Santiago”, *O Castelo e a Ordem de Santiago na história de Palmela: catálogo da exposição*, coordenação de PEREIRA (Fernando António Baptista), aliás BAPTISTA (Fernando António), CONDEÇO (António Simão), PACHECO (Paulo), Palmela, Câmara Municipal, 1990, p. 151-156, il.

Breve estudo sobre o retábulo da Vida e da Ordem de Santiago, provavelmente proveniente do convento de Palmela, sede do concelho do mesmo nome, que

se encontra no Museu Nacional de Arte Antiga em Lisboa. Breve análise da sua proveniência e composição: segundo o inventário de 1823, o retábulo seria originalmente composto por doze painéis e estaria dividido em três séries que representavam a Vida e Martírio de São Tiago, a Vida Gloriosa de São Tiago e a Ordem de Santiago. Transcrição do esquema da reconstituição conjectural do retábulo feita pelo autor e descrição das telas realizada por PEREIRA (Fernando António Baptista).

2058-11-MARKL (Dagoberto), SERRÃO (Vítor), “Os tectos maneiristas da igreja do Hospital Real de Todos os Santos (1580-1613)”, *Boletim Cultural*, Assembleia Distrital de Lisboa, n.º 86, t. 1, 1980, p. 161-216 [18], il.

Estudo iconográfico das pinturas datadas do período de 1580 a 1613 do tecto da igreja do Hospital Real de Todos os Santos em Lisboa, desaparecido com o terramoto de 1755, com base num desenho preparatório. O projecto para a pintura maneirista do tecto da nave da igreja é da autoria de Fernão Gomes. A pintura compunha-se de nove medalhões alegóricos com representações dos símbolos dos evangelistas, tais como o touro de São Mateus, o leão de São Marcos, a vaca de São Lucas e o anjo de São João Evangelista, bem como de episódios do Antigo Testamento, dos Evangelhos de São Lucas e de São Mateus, do Génesis, da Última Ceia (representação simbólica), de Moisés, do Juízo Final, de Cristo e da Virgem. Numa remodelação posterior, as pinturas do tecto figuram o tema Triunfo da Eucaristia. – (C2).

2059-11-MARKL (Dagoberto), “Três painéis de alabastro de Nottingham do Museu de Arte Antiga. A iconografia de Saint John’s Heads”, *Panorama*, n.º 46-47, 1973, p. 51-55, il.

Subsídio para um estudo iconográfico das três cabeças de São João Baptista pertencentes à colecção dos alabastros de Nottingham que se encontram no Museu Nacional de Arte Antiga em Lisboa. O conjunto é formado por três imagens de vulto inteiro e dez painéis rectangulares esculpidos em baixo-relevo, datados aproximadamente do século XV. No culto popular a cabeça de São João Baptista é motivo de veneração para curar as dores de cabeça de epiléticos (epilepsia ou mal de São João) e para recuperar afogados (atirar à água a cabeça de uma imagem de São João no local do afogamento). – (H1).

2060-11-MARKL (Dagoberto), “Uma ‘Aparição de Cristo à Virgem’ por Fernão Gomes”, *Novas obras de arte quinhentista do tempo de Camões*, [Constância – Lisboa] Associação para a Reconstrução e Instalação da Casa-Memória de Camões em Constância – Círculo de Leitores, [D.L. 1986], p. 27-33, il.

Notas sobre a pintura Aparição de Cristo à Virgem do pintor Fernão Gomes, executada na segunda metade do século XVI. Outras obras do mesmo pintor são o Triunfo da Obediência, a Anunciação, o Nascimento da Virgem,

a Ascensão, a Descida de Cristo ao Limbo. Estas pinturas encontram-se no mosteiro dos Jerónimos e no Museu Nacional de Arte Antiga em Lisboa.

2061-11-MARLIER (Georges), “Le grand triptyque du Musée de Lisbonne seule peinture authentifiée de Pierre Coeck d’ Alost”, *Colóquio: Revista de Artes e Letras*, n.º 19, 1962, p. 33-39, il.

Nota sobre o tríptico de um pintor flamengo que representa o Descimento da Cruz, a Descida de Cristo ao Limbo e a Ressurreição, atualmente no Museu Nacional de Arte Antiga em Lisboa. É proveniente do convento de Nossa Senhora dos Remédios da Ordem dos Carmelitas Descalços, fundado no início do século XVII na mesma cidade.

2062-11-MARTINS (Fausto S.), “Aspectos polémicos dos painéis de S. Vicente: ritual e iconografia”, *Património: Ciências e Técnicas do Património*, vol. 2, 2003, p. 267-290, il.

Os painéis de São Vicente, que se encontram no Museu Nacional de Arte Antiga, são provenientes da igreja de São Vicente de Fora, situada na freguesia do mesmo nome em Lisboa, e datam do século XV. Os painéis deram origem a diversas interpretações e polémicas, a última das quais na sequência da publicação da obra *Os painéis de Nuno Gonçalves* publicada em 2000. O autor refuta a interpretação aí feita valorizando os aspectos religiosos dos painéis em detrimento do contexto histórico e político: centra a sua crítica nos elementos iconográficos e rituais e apresenta a sua interpretação da mensagem iconográfica global.

2063-11-MECO (José), “Azulejaria”, *Concelho de Sobral de Monte Agraço: inventário artístico*, coordenação de SOARES (Maria Micaela), JORGE (Virgolino Ferreira), Sobral de Monte Agraço, Câmara Municipal, 1987, p. 65-89, il.

A propósito do estudo dos revestimentos de azulejos do concelho de Sobral de Monte Agraço, são analisados painéis de fachadas e de interiores de diversas igrejas e capelas públicas e privadas. Executados desde o século XVI, os painéis de azulejo representam a vida e morte de Cristo e da Virgem, a Anunciação, a Fuga para o Egipto, o Sonho de José, Nossa Senhora da Conceição, da Saúde, da Piedade, a Imaculada Conceição e os santos Francisco de Assis, Lucas, Luís, rei França, Marçal e Mateus, assim como a Estigmatização de São Francisco, Gonçalo de Amarante e o Milagre da Ponte, passos do Martírio de São Quintino e da vida de São Pedro. São ainda assinaladas duas alminhas. – (C2).

2064-11-MECO (José), “A azulejaria da Quinta dos Azulejos e do Canal do Palácio de Queluz”, *Boletim Cultural*, Assembleia Distrital de Lisboa, n.º 95, t.1, 2009, p. 115-148, il.

Estudo sobre os azulejos pintados localizados na Quinta dos Azulejos no Paço do Lumiar, freguesia do Lumiar em Lisboa, e no canal do Palácio de Queluz, freguesia de Queluz, concelho de Sintra. Neles, a temática religiosa alterna com temas profanos, representando dois painéis o Milagre da Multiplicação dos Pães e as Bodas de Caná, assim como outros dois com cenas alusivas a São João Baptista, nomeadamente a Pregação de São João Baptista e a Dança de Salomé.

2065-11-MECO (José), “Azulejaria de Cascais com temática ou utilização religiosa”, *Um olhar sobre Cascais através do património*, Cascais, Câmara Municipal – Associação Cultural de Cascais, 1989, vol. II (fontes documentais e arte sacra), p. 85-117, il.

Notas sobre azulejaria com temática ou utilização religiosa que se encontra em lugares de culto do concelho de Cascais, datada dos séculos XVII a XX. A iconografia aparece nalguns casos associada ao culto de pescadores e de marinheiros a Nossa Senhora do Porto Seguro e a Nossa Senhora dos Navegantes. Nela são representados a Pomba Eucarística, cenas da vida da Virgem, da vida de Cristo, São José com o Menino Jesus, Nossa Senhora da Conceição, da Nazaré, dos Prazeres, do Carmo, da Penha de França, de Fátima, a Estigmatização de São Francisco de Assis, os santos Pedro, Paulo, Miguel Arcanjo, Vicente, António, Marçal, Roque, Cristóvão, Francisco de Borja, João Baptista, João de Brito, Sebastião, Rita de Cássia, os quatro Evangelistas e as Almas do Purgatório, entre outros temas.

2066-11-MECO (José), “Azulejaria no Mosteiro de São Vicente de Fora”, *Mosteiro de São Vicente de Fora: arte e história*, coordenação de SALDANHA (Sandra Costa), Lisboa, Centro Cultural do Patriarcado de Lisboa, 2010, p. 235-259, il.

Análise da obra de azulejaria barroca sagrada e sobretudo profana que se encontra no mosteiro de São Vicente de Fora dos Cónegos Regrantes de Santo Agostinho, situado na freguesia do mesmo nome em Lisboa. A azulejaria dedicada a temas religiosos é reduzida e representa Nossa Senhora do Carmo, José do Egipto e Santo António.

2067-07-MECO (José), “Azulejos de Policarpo de Oliveira Bernardes no convento da Serra de Ossa”, *Azulejo*, n.º 1, 1991, p. 44-52, il.

Estudo sobre os azulejos pintados que se encontram na igreja do convento dos Eremitas de São Paulo da Serra de Ossa (concelho do Redondo). Foram executados entre os finais do século XVII e meados do século XVIII. Análise de dois painéis de azulejo da capela-mor que contém a representação dos padroeiros São Paulo Eremita e Santo Antão (António Abade, o Anacoreta). Menção de um registo que figura a fonte de Nossa Senhora da Saúde, situada no mesmo convento. – (C2-H5).

2068-11-MECO (José), “Azulejos e mármore embutidos”, *Monumentos*, n.º 15, 2001, p. 41-47, il.

Estudo sobre os azulejos da igreja do convento de Santos-o-Novo das Comendadeiras da Ordem de Santiago, freguesia da Penha de França em Lisboa. Datados dos séculos XVII-XVIII e executados ao estilo barroco e rococó, representam o tema da Anunciação, cenas da vida de Jesus e de São João Baptista, o casamento da Virgem Maria e São José, a Visitação, a Fuga para o Egipto, os santos Francisco de Assis, António, Joaquim, Ana, cenas da vida dos santos mártires de Lisboa, Veríssimo, Máxima e Júlia, assim como Jessé e David. – (C2).

2069-07-MECO (José), “Azulejos e outras artes”, *Monumentos*, n.º 17, 2002, p. 57-63, il.

Estudo sobre os painéis de azulejo da igreja do antigo convento de São Francisco de Assis em Évora, que datam dos séculos XVI-XVII e primeira metade do século XVIII. Neles está representada a simbologia e a temática franciscana: a insígnia da Ordem Terceira, o emblema franciscano das Cinco Chagas, a coroa de espinhos, o par de braços cruzados relativos à estigmatização de São Francisco de Assis e o cordão franciscano. Contém igualmente a representação de cenas da paixão de Cristo, de Nossa Senhora da Guia, da Conceição, das Necessidades, do Amparo, os santos Cosme, Damião, João Baptista, António, Bento, Jorge, José e Luzia. Menção de retábulos pintados e esculpidos que representam as cenas do Baptismo de Cristo e a Degolação de São João Baptista. – (C2).

2070-11-MECO (José), “Da ‘Casa dos Azulejos’ aos azulejos de Cascais”, *Monumentos*, n.º 31, 2011, p. 46-57, il.

Notas sobre os conjuntos de azulejos de temática religiosa dos séculos XVII a XX que decoram igrejas, ermidas e capelas de Cascais, sede do concelho do mesmo nome. Neles estão representadas cenas relacionadas com o Antigo e o Novo Testamento, o Santíssimo Sacramento, a vida da Virgem e os seus símbolos, o dogma da Imaculada Conceição, Nossa Senhora dos Prazeres, da Conceição, os milagres de Nossa Senhora da Nazaré, os evangelistas (Marcos, Mateus, Lucas e João), os santos António, Jerónimo, João de Deus, Marçal, Miguel Arcanjo, Paulo, Pedro, Pedro Gonçalves Telmo e Sebastião.

2071-11-MECO (José), “A divina cintilação: talha, azulejos, mármore, *chinoiserie*”, *O convento dos Cardais: veios da memória*, coordenação de VIEIRA (Ana Maria), RAPOSO (Teresa) Lisboa, Quetzal Editores, 2003, p. 111-188, il.

Estudo sobre a arte decorativa do convento de Nossa Senhora da Conceição dos Cardais da Ordem das Carmelitas Descalças, localizado na freguesia das Mercês em Lisboa. Na igreja do convento e em outras dependências existem

azulejos pintados dos séculos XVII e XVIII. O temário religioso desses objectos de culto representa Cristo deposto da Cruz, a Assunção da Virgem, Nossa Senhora da Conceição, Nossa Senhora do Carmo e o Menino a Entregarem o Escapulário a São Simão Stock, diversas cenas historiadas de Santa Teresa de Ávila acompanhada por Jesus, pelo Ecce Homo, pelos santos João da Cruz, José e, ainda, os símbolos da Paixão, a Refeição de Cristo e Santa Teresa de Jesus, Santa Teresa de Jesus a ser Coroada por Jesus, a Transverberação de Santa Teresa e a morte de Santa Teresa, entre outras.

2072-.-MECO (José), “Iconografia antoniana no azulejo português”, *O Santo do Menino Jesus. Santo António: arte e história*, Lisboa, Instituto Português de Museus – Instituto de Comércio Externo Português, 1995, p. 47-58.

Estudo de síntese sobre a azulejaria portuguesa com temática antoniana executada desde o século XVI até ao século XX. Em particular, é analisada a representação iconográfica de Santo António sozinho, ou associado a outras entidades religiosas, nos registos de fachada localizados na cidade Lisboa e área envolvente, assim como a sua evolução artística. São ainda identificados os principais temas tratados nos azulejos pintados: a devoção à Virgem nos painéis alusivos à Aparição do Menino a Santo António, Nossa Senhora entregando o Menino Jesus a Santo António; os milagres de curas de doenças e de deficiências; as lutas contra a heresia, os infiéis ou o demónio presente na conversão dos gentios e no exorcismo de uma mulher atormentada pelo demónio; o combate à incredulidade humana no sermão aos peixes e através do milagre eucarístico; o advogado na procura de objectos perdidos retratado na cena do anel encontrado dentro de um peixe.

2073-07-MECO (José), “A integração do azulejo na arquitectura de Elvas”, *Monumentos*, n.º 28, 2008, p. 128-137, il.

Notas sobre a integração do azulejo ornamental e figurativo na arquitectura da cidade de Elvas, sede do concelho do mesmo nome, desde o século XVII até ao século XX. Alusão às igrejas paroquiais e capelas dedicadas ao Salvador, ao Senhor dos Passos, a Nossa Senhora da Conceição e das Dores, aos santos Domingos, Lourenço (também chamada das Almas) e a Santa Clara de Assis, assim como a da Ordem Terceira de São Francisco de Assis. Estes lugares de culto exibem, no interior ou no exterior, azulejos que representam Nossa Senhora e o Menino, o baptismo de Cristo, cenas da vida franciscana e da vida de São Domingos, São Lourenço a segurar os símbolos do seu martírio, as Almas do Purgatório, o Calvário envolvido pelas Almas do Purgatório. São ainda referidos os painéis figurativos barrocos (meados do século XVIII) relacionados com a vida de Santa Isabel e de São João Baptista, bem como um registo de fachada representando Nossa Senhora do Carmo e Santo António. – (C1-C2).

2074-11-MECO (José), “Lisboa, capital do azulejo em Portugal”, *Boletim Cultural*, Assembleia Distrital de Lisboa, n.º 95, t. 1, 2009, p. 93-114, il.

Notas sobre a evolução da produção de azulejo na cidade de Lisboa, desde o século XVI ao século XX, baseadas no estudo de painéis localizados em igrejas paroquiais e não paroquiais, em capelas públicas e privadas da cidade. O artigo menciona quase exclusivamente as principais igrejas paroquiais e capelas onde se encontram os azulejos com temas profanos e religiosos. – (C1-C2).

2075-.-MECO (José), “O pintor de azulejos Manuel dos Santos: definição e análise da obra”, *Boletim Cultural*, Assembleia Distrital de Lisboa, n.º 86, t.1, 1980, p. 75-160 [28], il.

Análise da obra do pintor de azulejos Manuel dos Santos executada no primeiro quartel do século XVIII. Alguns painéis encontram-se na sua maior parte em igrejas e conventos de Lisboa e do concelho de Sintra. Outros situam-se em localidades dos distritos de Santarém, de Setúbal, de Évora, assim como da Horta e de Ponta Delgada na Região Autónoma dos Açores. Trata-se de representações de episódios bíblicos, por exemplo a Fuga para o Egipto, o Repouso durante a Fuga, a Anunciação, a Adoração dos Pastores, Jesus e a Samaritana, Jesus entre os Doutores, o Pentecostes. Há também cenas que figuram a vida de santos: a Aparição da Virgem a Santiago, Cristo Crucificado a Falar com São Francisco de Assis, o Nascimento e Estigmatização de São Francisco e os santos Domingos, Paulo, Pedro de Alcântara e Tiago.

2076-11-MECO (José), SERRÃO (Vitor), “Uma viagem de surpresas entre o gótico e o rococó na arte do concelho de Vila Franca de Xira (séculos XV-XVIII)”, *A arte no concelho de Vila Franca de Xira: grandes obras*, Vila Franca de Xira, Câmara Municipal – Museu Municipal, 2015, p. 9-55, il.

Ensaio sobre as características da arte no concelho de Vila Franca de Xira entre o gótico tardio e o rococó. O papel dos mecenas e clientelas constituídas por famílias nobres, ordens religiosas e confrarias na encomenda de obras de arte. Descrição de alguns objectos de culto: bustos-relicários representando Santa Úrsula e duas das Onze Mil Virgens; peças de imagens de roca; retábulos de talha dourada com imagens e telas; pinturas que representam Jesus no Horto, Cristo com a cruz às costas, a Ressurreição, a Adoração do Santíssimo Sacramento, a Apresentação do Menino no Templo, a Anunciação, a Assunção da Virgem, Nossa Senhora da Conceição e Santa Luzia; azulejos com cenas da vida de São Pedro e de Santo António. – (H1-H7).

2077-15-MELLO (Magno Moraes), “Acervo artístico no santuário do Cabo Espichel”, *Sesimbra Cultural*, n.º 6, 1997, p. 19-21, il.

Notícia dos objectos de culto da igreja do santuário de Nossa Senhora do Cabo (Espichel), freguesia do Castelo em Sesimbra, sede do concelho do mesmo

nome, fundada no início do século XVIII. Entre os objectos de culto que comporta, destacam-se as pinturas a fresco do tecto que representam a Assunção da Virgem e a imagem de São Pedro datadas do século XVIII. – (C2-H1).

2078-15-MELLO (Magno Moraes), “Os azulejos setecentistas do solar da Quintinha: um estudo preliminar”, *Sesimbra Cultural*, n.º 1, 2000, p. 35-39, il.

Descrição dos azulejos de uma fonte situada numa quinta da freguesia do Castelo em Sesimbra, sede do concelho do mesmo nome, onde estão representados Nossa Senhora da Conceição, a Última Ceia e os santos António e Francisco de Assis. A capela da quinta foi fundada em 1738 e possui as imagens de Nossa Senhora da Conceição, dos santos Pedro e Paulo, os painéis de Nossa Senhora da Conceição, de São Miguel Arcanjo e as Almas, assim como o martírio de Santa Bárbara. – (C2-H1).

2079-15-MELLO (Magno Moraes), “Falsos espaços e ilusão arquitectónica no tecto da nave do santuário do Cabo Espichel”, *Sesimbra Cultural*, n.º 4, 1994, p. 27-29, il., mapa.

Nota sobre os frescos do tecto da igreja do santuário de Nossa Senhora do Cabo (Espichel) na freguesia do Castelo em Sesimbra, sede do concelho do mesmo nome, datados de meados do século XVIII, que representam a Assunção de Nossa Senhora.

2080-07-MELLO (Magno Moraes), “Os tectos pintados da igreja do convento de Santa Clara de Évora”, *A Cidade de Évora: Boletim da Comissão Municipal de Turismo de Évora*, n.º 2, 1996-1997, p. 353-374, il.

O convento de Santa Clara de Assis situado em Évora constitui um importante exemplo de igreja transformada em espaço pictórico narrativo-historiado. Edificado em 1452, o edifício sofreu estragos perpetrados pelo exército castelhano e ficou arruinado com o terramoto em 1755. Os tectos foram executados num período de transição entre os modelos dominantes no século XVII e a estética que se impôs no período do reinado de Dom João V. Neles estão representados a Virgem em Glória, a Aparição do Menino Deus a Santo António e a Coroação de Santa Clara de Assis. – (C2-I1).

2081-15-MENDONÇA (Isabel Mayer Godinho), “Os estuques em homenagem à Virgem: João Baptista Picardo e os ‘arrais dos barcos de pesca’”, *Invenire: Revista de Bens Culturais da Igreja*, n.º 16, 2018, p. 42-54, il.

Notas sobre a igreja paroquial de Arrentela, concelho do Seixal, dedicada a Nossa Senhora da Consolação, que foi reconstruída após o terramoto de 1755. O seu tecto foi estucado e pintado com emblemas do Santíssimo Sacramento, Nossa Senhora da Consolação e um barco à deriva com pescadores, os bustos dos quatro Evangelistas e as virtudes teológicas. Antes do terramoto havia na

igreja o altar-mor dedicado a Nossa Senhora da Consolação e os altares laterais em honra do Senhor Morto, de Nossa Senhora do Rosário, dos santos Pedro, André, Miguel Arcanjo, António, Amaro, Brás, Sebastião, Roque, Bento e de Santa Catarina de Alexandria. – (C1).

2082-11-MONTEIRO (João Pedro), “Os azulejos da igreja da Madre de Deus”, *Igreja da Madre de Deus: história, conservação e restauro*, Lisboa, Instituto Português de Museus, 2002, p. 83-93, il.

Notas sobre os azulejos da igreja do convento da Madre de Deus em Lisboa, pertencente à Ordem das Clarissas, pintados na Holanda em finais do século XVII. Entre os temas religiosos representados na sua decoração estão Moisés e a Sarça Ardente, eremitas franciscanos, os Reis Magos, a visão do papa Nicolau V perante o cadáver de São Francisco em Assis.

2083-11-MONTEIRO (João Pedro), “Programas iconográficos em azulejo no convento da Madre de Deus”, *Ciclos da iconografia cristã na azulejaria: actas do I Colóquio Sacrae Imagines*, coordenação de SALDANHA (Sandra Costa), CÂMARA (Maria Alexandra Gago da), Moscavide, Secretariado Nacional para os Bens Culturais da Igreja, 2013, p. 112-122.

Estudo sobre os programas iconográficos em azulejo que se encontram no convento de clarissas da Madre de Deus, situado em Lisboa. Datam dos finais do século XVII e do século XVIII. Em particular, é referido o grande painel da nave da igreja do lado do Evangelho, que representa Moisés e a Sarça Ardente (anterior a 1707). Outros painéis figuram os Reis Magos e o papa Nicolau IV ajoelhado perante o cadáver de São Francisco em Assis. Na parte superior do claustro, encontram-se trinta painéis baseados em gravuras denominadas Caminho Real da Cruz e na fonte iconográfica *Schola Cordis*. – (C2).

2084-11-MONTEIRO (Patrícia Alexandra), “Os azulejos do convento de Santos-o-Novo: diferentes discursos estéticos na arquitectura conventual”, *Olisipo*, n.º 20-21, 2004, p. 51-59, il.

Descrição dos azulejos do antigo convento de Santos-o-Novo das Comendadeiras da Ordem de São Tiago, situado na freguesia da Penha de França em Lisboa. Em particular, são descritos os azulejos das capelas do claustro dedicadas ao Senhor dos Passos e a Nossa Senhora da Encarnação. Nesta estão representadas figuras da genealogia da Virgem como David, Ana, Joaquim e Jessé. A capela do Senhor dos Passos contém símbolos da paixão de Cristo e episódios da sua vida. No segundo piso do claustro estavam as antigas capelas de Santo António e de São João Baptista, destacando-se nesta a representação de passagens da vida do santo e de cenas da vida da Virgem. Na nave, os painéis descrevem a lenda dos santos mártires Veríssimo, Máxima e Júlia. – (C2).

2085-12-MONTEIRO (Patrícia Alexandra), CRUZ (Maria João), “As pinturas murais da capela do Santíssimo na igreja matriz de Arronches”, *Património Estudos*, n.º 10, 2007, p. 213-219, il.

Nota sobre a igreja matriz de Arronches, sede do concelho do mesmo nome, fundada em 1236. O seu programa pictórico contém pintura a fresco nos caixotões do tecto da capela do Santíssimo Sacramento, onde estão representados dez santos com os seus atributos iconográficos, dos quais seis são apóstolos. – (C1).

2086-11-MONTEIRO (Patrícia Alexandra), *A pintura mural na “Região do Mármore” (1640-1750): Estremoz, Borba, Vila Viçosa e Alandroal*, dissertação de mestrado em Arte Património e Restauro apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa em 2007, 2 vol., 196-138 p., dactilogr., il. (consultável na Biblioteca Nacional de Portugal).

Estudo sobre a utilização massiva da pintura mural nos concelhos de Estremoz, Vila Viçosa, Borba e Alandroal no período compreendido entre 1640 e 1750. O volume I trata do mecenato e dos encomendantes das pinturas: elites locais, bispos e ordens religiosas, irmandades e confrarias, nomeadamente as irmandades da Misericórdia. Os conjuntos pictóricos analisados compreendem retábulos fingidos, composições de brutesco e tectos em perspectiva. Para cada caso estudado são reunidos dados históricos sobre o lugar de culto, as características do edifício e dos conjuntos pictóricos. Estes representam temas alusivos aos titulares dos edifícios como Nossa Senhora da Boa Hora, das Neves, da Consolação, os santos Francisco de Assis, Tiago, Bento, António, Bartolomeu, Rainha Santa Isabel, entre outros, assim como temas bíblicos. São estudados do ponto de vista iconográfico e iconológico o tema do Amor Divino, da igreja e convento das Servas de Cristo em Borba, e o tema da Redenção da igreja conventual de Nossa Senhora da Esperança em Vila Viçosa. O volume II contém o anexo documental. – (C2).

2087-12-MONTEIRO (Patrícia Alexandra), *A pintura mural no norte Alentejo (séculos XVI a XVIII): núcleos temáticos da Serra de S. Mamede*, dissertação de doutoramento em História da Arte apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa em 2012, 2 vol., 480-348 p., dactilogr., il., quadros (consultável na Biblioteca Nacional de Portugal).

Estudo sobre a pintura mural que se encontra nos lugares de culto do norte e nordeste do Alentejo correspondente ao território das antigas dioceses de Portalegre e de Elvas, hoje integradas, respectivamente, nas dioceses de Portalegre – Castelo Branco e de Évora. No tomo I o estudo aborda os aspectos de tradição, de continuidade e de ruptura da pintura mural na área referida marcada pela influência dos bispados, das misericórdias e das ordens militares, bem como dos principais centros de produção de pintura na Estremadura

espanhola. As morfologias dos conjuntos pictóricos e as temáticas tratadas são constituídas por santos protectores, ciclos hagiográficos, marianos, temas cristológicos (paixão de Cristo) e temas escatológicos. Análise histórico-artística de diversos edifícios e conjuntos pictóricos: igrejas não paroquiais e capelas dedicadas sobretudo a Nossa Senhora e a diversos santos. O tomo II contém os anexos documental e iconográfico. – (C2-D2-D3-D4).

2088-12-MONTEIRO (Patrícia Alexandra), “Retábulos policromos de alvenaria de cal e areia no norte do Alentejo”, *Invenire: Revista de Bens Culturais da Igreja*, n.º 11, 2015, p. 18-22, il.

Notícia muito ilustrada da existência de retábulos policromos de alvenaria de cal e areia no Norte do Alentejo (distrito de Portalegre). São referidos como exemplos os retábulos da igreja do antigo convento de São Francisco de Assis (alto-relevo), representando Deus-Pai, a Pietá, os santos Agostinho e Jerónimo, a Anunciação da capela de Santa Catarina de Sena (Siena) na Sé e a da ermida de São Mamede em Portalegre, assim como o altar de Nossa Senhora da Atalaia na igreja matriz do mesmo nome em Fronteira, sede do concelho do mesmo nome. – (C1-C2).

2089-11-MORAIS (Paulo Alexandre), “Adoração de Cristo pela Corte Celestial, pela Igreja e por D. Filipe II de Portugal e seu séquito: subsídios para o estudo de uma importante tábuá maneirista”, *Brotéria*, vol. 151, n.º 1, 2000, p. 59-81, il.

Subsídios para o estudo iconográfico e iconológico da pintura maneirista Adoração de Cristo pela Corte Celestial, datada do século XVII, que se encontra hoje no Museu Nacional de Arte Antiga em Lisboa. Ela representa Cristo, a Virgem Maria e os santos Bartolomeu, Ildefonso, João Baptista, Judas Tadeu, Paulo, Pedro, Sebastião, Simão e Odília da Alsácia. Análise iconológica da obra e das influências tridentinas patentes na representação do Purgatório. O local de proveniência poderá ter sido uma igreja ou convento trinitário ou a Santa Casa da Misericórdia de Lisboa. – (A5).

2090-15-MOREIRA (Rafael), “Três baixos-relevos maneiristas de Azeitão”, *Belas Artes: Revista e Boletim da Academia Nacional de Belas Artes*, n.º 31, 1977, p. 83-100, 4 p. de estampas, il.

Notas sobre três baixos-relevos de temática religiosa localizados em lugares de culto de Vila Nogueira de Azeitão (freguesias de São Simão e São Lourenço), concelho de Setúbal, em Setúbal e em Sesimbra, sede do concelho do mesmo nome, que o autor considera serem três partes dispersas de uma mesma obra. Análise da composição e da iconografia que representa cordeiros, pombas, anjos, profetas e sibilas inscritos em medalhões. A simbologia cristã da pomba representa o Espírito Santo e o cordeiro, que habitualmente representa Jesus Cristo, mas neste caso figura São João Baptista que, como

profeta e sibila, anunciou e preparou a vinda de Jesus Cristo. O autor sugere que os três painéis, datados da segunda metade do século XVI, foram retirados da capela de São João Baptista na igreja de São Simão afectada pelo terramoto de 1755. – (C1).

2091-11-MORNA (Teresa Freitas), “O tecto da igreja de São Roque: história, conservação e restauro”, *Cidade Solidária*, n.º 9, 2002, p. 118-127, il.

A propósito dos trabalhos de conservação e restauro do tecto da igreja de São Roque em Lisboa, é apresentado o seu esquema iconográfico. Este compreende painéis com a representação de temas bíblicos do Antigo e Novo Testamento executados nos finais do século XVI e inícios do século XVII. – (C2).

2092-07-MOURÃO (Cátia), “O bom e o mau juiz: fresco dos Antigos Paços da Audiência de Monsaraz”, *A Cidade de Évora: Boletim de Cultura da Câmara Municipal*, n.º 2, 1996-1997, p. 297-321, il.

Estudo do fresco gótico denominado o Bom e o Mau Juiz exposto no actual Museu de Arte Sacra de Monsaraz, freguesia do concelho de Reguengos de Monsaraz. Descrição da representação em que o tema da boa e da má justiça terrena é encimado por Cristo Pantocrator, juiz supremo e todo-poderoso no Céu e na Terra. Apresentação das fontes iconográficas e temáticas que possivelmente estiveram na origem da obra. Notas sobre a história dos frescos na arte cristã, as características gerais da pintura medieval e a teoria medieval das proporções humanas na arte.

2093-07-MOURÃO (Cátia), “De Coimbra a Évora: passos da peregrinação iconográfica do imperador Heráclio”, *A Cidade de Évora: Boletim da Comissão Municipal de Turismo de Évora*, n.º 8, 2009, p. 445-465, il.

Análise comparativa das confluências e dicotomias de duas pinturas de procedência, datação e autoria diversas, mas com iconografia muito próxima e temática comum. Uma é proveniente do mosteiro de Santa Cruz, data de 1522-1530 e está hoje no Museu Nacional Machado de Castro em Coimbra; outra é proveniente da Sé de Évora, data de meados do século XVI e está no Museu de Arte Sacra desta cidade. Ambas representam o Exalçamento do Sacro Lenho e ilustram o momento da chegada do imperador bizantino Heráclio à Porta Dourada de Jerusalém carregando o lenho nos braços.

2094-11-MOURÃO (Cátia), “O Julgamento das Almas: pintura quinhentista da escola portuguesa do Museu Nacional de Arte Antiga”, *Boletim Cultural*, Assembleia Distrital de Lisboa, n.º 93, t. 1, 1999, p. 121-165, il., quadros.

Estudo sobre o quadro renascentista de autor desconhecido existente no Museu Nacional de Arte Antiga em Lisboa, que representa o Juízo da Almas. Leitura iconográfica e análise detalhada da sua composição que, segundo a autora,

não trata o tema do Juízo Final, mas do Julgamento das Almas. Nele estão representados o Purgatório, o Inferno, o Julgamento das Almas, as Almas dos Eleitos, Cristo sentado no Trono, a Virgem, santas mártires, personagens do Antigo Testamento, São João Baptista e São Miguel Arcanjo, entre outros. É feita uma analogia do pormenor da escadaria com as virtudes teológicas e cardeais. Se estilisticamente o quadro aponta para uma fase de transição para o maneirismo, do ponto de vista simbólico e iconográfico é típico do Renascimento.

2095-...-NADAL (Emília), “Expressões da devoção mariana no Alentejo: II na pintura”, Actas das jornadas mariológicas, *Eborensia: Revista do Instituto Superior de Teologia de Évora*, n.º 17-18, 1996, p. 79-90.

Contribuição para o estudo da devoção mariana na pintura que se encontra em lugares de culto da região do Alentejo (distritos de Portalegre, Évora, Beja e parte do distrito de Setúbal). A evolução histórica da representação pictórica como expressão da piedade encontrou no Alentejo um meio privilegiado. A pintura de temas religiosos dos lugares de culto de Évora, Setúbal, Portalegre e Sesimbra, sede do concelho do mesmo nome, é marcada pela influência estrangeira: flamenga (século XV e início do século XVI), italiana (século XVI), espanhola (século XVII) e das academias de Roma (séculos XVIII e XIX). Notas sobre a iconografia da Imaculada Conceição que tratam dos seguintes aspectos: os modelos e a evolução da iconografia, a evolução dos temas e da simbologia, alguns exemplos de representação da Imaculada Conceição. – (D2).

2096-11-NUNES (Marília), “Um pintor seiscentista: Bento Coelho da Silveira”, *Boletim Cultural*, Assembleia Distrital de Lisboa, t. 2, n.º 87, 1981, p. 59-69 [6], il.

Contribuição para o estudo da vida e obra do pintor Bento Coelho da Silveira (século XVII) que descreve dezanove telas existentes na igreja paroquial de São João Baptista, na freguesia de Alhandra, concelho de Vila Franca de Xira. Estas representam a Glorificação do Santíssimo Sacramento, Santa Ana e a Virgem, o Nascimento da Virgem e Passos da Vida de São Francisco de Assis, entre outros temas. – (C1).

2097-11-OLIVEIRA (Marta), “A conservação e restauro do conjunto escultórico *Lamentação de Cristo Morto*”, *Cira: Boletim Cultural*, n.º 13, 2015-2016, p. 140-152, il.

Notas sobre o grupo escultórico a Lamentação de Cristo Morto que se encontra na capela do Senhor Morto ou oratório de Nossa Senhora da Piedade na Quinta da Piedade, freguesia de Póvoa de Santa Iria, concelho de Vila Franca de Xira. É composto por quatro esculturas de vulto que figuram o momento após a crucificação: Cristo Morto e à sua frente Nossa Senhora Dolorosa,

São João Evangelista e Maria Madalena. O oratório possui azulejos pintados evocativos de milagres de Nossa Senhora da Piedade datados do século XVIII. Descrição da intervenção de conservação e restauro. – (H2).

2098-11-PAIS (Alexandre Nobre), CAMPOS (Teresa), “As obras de arte como marcações simbólicas do espaço do convento da Madre de Deus, em Lisboa”, *Conversas à volta dos conventos*, coordenação de FRÓIS (Virgínia), Évora, Casa do Sul Editora, [D.L. 2002], p. 69-84.

Estudo sobre a simbologia da temática e da distribuição de imagens, pinturas e azulejos no espaço do convento da Madre de Deus da Ordem de Santa Clara de Assis, fundado no início do século XVI em Lisboa. A disposição das obras foi objecto de alterações no século XVIII e XIX. A igreja possui uma riqueza decorativa de grande efeito visual que serve os objectivos de ensinar e comover os fiéis que a frequentavam: os azulejos representam por exemplo Moisés e a Sarça Ardente e Passos da Vida de Santa Ana; na pintura envolta em talha, figuram as vidas de São Francisco de Assis e de Santa Ana; no arco triunfal existiram dois altares, um dedicado à Madre de Deus e outro representando o presépio, temas visíveis também nos azulejos, ao passo que as telas figuram São Francisco de Assis e Santa Clara de Assis; na tribuna real está uma visão do papa Nicolau ajoelhado ante o cadáver de São Francisco de Assis, uma Anunciação e o Nascimento do santo num estábulo; no coro estão uma Crucificação, um Cristo morto, o Passamento da Virgem e outras cenas da vida de Nossa Senhora; no claustro, a temática representada configura lições morais só acessíveis às religiosas que habitavam o convento. – (A5-H1).

2099-11-PAIS (Alexandre Nobre), “O espólio azulejar nos palácios e conventos da Misericórdia de Lisboa”, *Património Arquitectónico. Santa Casa da Misericórdia de Lisboa*, edição literária de OLIVEIRA (Maria Helena), MORNA (Teresa Freitas), *Santa Casa da Misericórdia*, Lisboa, 2006, vol. I, p. 136-161, il.

Notas sobre os painéis de azulejo (século XVII-XX) de temática sagrada e profana que ornamentam as igrejas de São Roque e de São Pedro de Alcântara em Lisboa, pertencentes à Santa Casa da Misericórdia. Na igreja de São Roque figuram cenas relativas à vida do santo (na sua capela) e diversos episódios da paixão de Cristo (nas paredes do subcoro), uns de forma narrativa, outros de forma simbólica. No convento de São Pedro de Alcântara predominam as representações referentes à sua vida, ocorrendo também temas relacionados com São Francisco de Assis, a caridade franciscana, a vida monástica, a Adoração do Santíssimo Sacramento, o Agnus Dei sobre o Livro dos Sete Selos (Apocalipse) e episódios do Novo Testamento. – (C2).

2100-11-PAIS (Alexandre Nobre), “Machado de Castro e o presépio do convento do Sagrado Coração de Jesus”, *Monumentos*, n.º 16, 2002, p. 54-59, il.

Descrição do presépio realizado por Machado de Castro para a basílica do convento carmelita do Sagrado Coração de Jesus na Estrela em Lisboa. Trata-se do presépio português de maiores dimensões, encontrando-se hoje na sacristia lateral do altar-mor. O presépio conta com cerca de quinhentas figuras dispostas em vários planos: Anunciação aos Pastores, Adoração dos Reis Magos, Cortejo dos Reis Magos, Massacre dos Inocentes, Estribeiros dos Reis Magos, Fuga para o Egípto e Cortejo de Populares. – (H1).

2101-11-PAIS (Alexandre Nobre), “António Ferreira: do barro ao(s) homen(s)”, *A escultura em Portugal: da Idade Média ao início da Idade Contemporânea: história e património – actas*, coordenação de FLOR (Pedro), VALE (Teresa Leonor), Lisboa, Fundação das Casas de Fronteira e Alorna, 2011, p. 263-275, il., planta.

Contribuição para o estudo do presépio do convento da Madre de Deus em Lisboa, que ainda hoje nele se encontra mas de que se desconhecia a cronologia e a autoria. A autoria é atribuída a Dionísio Ferreira e António Ferreira e foi executado na primeira metade do século XVIII.

2102-11-PAIS (Alexandre Nobre), “O presépio”, *O Presépio da Madre de Deus*, coordenação de CARVALHO (Anabela), Lisboa, IPM, 2003, p. 26-62, il.

Nota sobre a tradição do presépio em Portugal que conheceu forte impulso a partir do século XVI, quer em capelas e oratórios, quer em palácios, tendo para isso contribuído as ordens religiosas através de frades escultores e da encenação de presépios na quadra natalícia, como acontecia na igreja conventual da Madre de Deus de Lisboa. A primeira descrição de um presépio tal como o concebemos data de 1618, caracterizando-se por figuras feitas em barro e não apenas partes do corpo como acontecia no presépio napolitano que, ao contrário do presépio português, privilegia o cortejo dos Reis Magos em lugar da Natividade. As quatro grandes interpretações da Natividade em Portugal ao longo do século XVIII. O presépio da Madre de Deus pertence ao primeiro período (primeira metade do século XVIII) e é atribuído a Dionísio Ferreira auxiliado pelo filho António Ferreira, constituindo o primeiro presépio monumental de Lisboa do início do século XVIII. O presépio estava situado na capela de Santo António na área da clausura e dividia-se em quatro partes: em primeiro plano a Sagrada Família, os adoradores e os anjos; em segundo plano, os cortejos e grupos de populares em momentos do quotidiano; em terceiro plano, as estruturas arquitectónicas que enquadram o núcleo principal e a orquestra angélica; em quarto plano, a presença da cidade de Jerusalém. Análise das figuras do presépio composto hoje por quarenta e duas peças principais agrupadas em oito conjuntos: pastores, Sagrada Família, anjos, cortejo dos Reis Magos, episódios bíblicos, costumes, arquitecturas e alegoria. – (H1).

2103--PAIS (Alexandre Nobre), *Presépios portugueses monumentais do século XVIII em terracota*, dissertação de mestrado em História de Arte apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa em 1998, 2 vol., 265-[284] p., dactilogr., il., quadros, gráficos (consultável na Biblioteca Nacional de Portugal).

Estudo sobre os presépios monumentais setecentistas em terracota, com base nos núcleos escultóricos considerados mais representativos: os presépios do convento de Nossa Senhora das Necessidades, da igreja da Madre de Deus, da Sé, da Basílica da Estrela e os que são atribuídos à Escola de Machado de Castro que se encontram no mosteiro de São Vicente de Fora, freguesia do mesmo nome, e no palácio do marquês de Belas, todos em Lisboa. Outros núcleos tratados sumariamente situam-se em Portalegre, Estremoz, Aveiro, Sernancelhe (distrito de Viseu), Porto e Coimbra. São ainda assinaladas algumas características notáveis relativas a núcleos de pequenas dimensões do século XIX, distribuídos pelo território nacional, referentes a representações mais próximas do culto doméstico, como os oratórios portáteis. Abordagem histórica sobre a génese, a evolução e a difusão da celebração da Natividade (Natal a 25 de Dezembro a partir do século IV) e os temas/episódios dela decorrente, como a Adoração dos Magos, a Circuncisão e o Baptismo. Análise da relação existente entre as figuras paradigmáticas (personagens) do teatro popular do século XVI a XVIII, para a definição estrutural e arquetípica das representações escultóricas das personagens dos presépios. Dados sobre as fontes documentais e as vias de influência da representação do presépio português, os materiais e as técnicas utilizadas. Algumas reflexões sobre as disposições tridentinas relativas à expressão iconográfica de episódios da Natividade, que implicaram a supressão da figuração das duas parteiras que assistiram Maria e do banho do Menino Jesus. Nota sobre as imagens de roca proibidas pelo Concílio de Trento que continuaram a ser cultuadas em Portugal até ao século XIX. O volume II contém fotografias de imagens individuais e de trinta e três presépios. – (A5-H1).

2104-11-PAIS (Alexandre Nobre), “‘São Rosas Senhor’: a iconografia do Rosário num conjunto azulejar do século XVIII de proveniência desconhecida”, *Ciclos de iconografia cristã na azulejaria: actas do I Colóquio Sacrae Imagines*, coordenação de SALDANHA (Sandra Costa), CÂMARA (Maria Alexandra Gago da), Moscavide, Secretariado Nacional para os Bens Culturais da Igreja, 2013, p. 189-227, il., quadro.

Notas sobre um conjunto azulejar de proveniência desconhecida que se encontra no Museu Nacional do Azulejo em Lisboa, datado provavelmente do terceiro quartel do século XVIII, que narra episódios da vida de Maria Madalena.

2105-11-PAIS (Alexandre Nobre), “Testemunhos de silêncio: Dionísio e António Ferreira no ciclo dos presépios setecentistas portugueses”, *O Presépio de Santa Teresa de Carnide*, Lisboa, Museu Nacional de Arte Antiga, 2012, p. 32-51 [2], il.

Tentativa de atribuição da autoria do presépio que pertenceu ao convento de Santa Teresa de Jesus, freguesia de Carnide em Lisboa, a António Ferreira, filho de Dionísio Ferreira, também ele autor de presépios. António Ferreira será também o autor do presépio da Madre de Deus.

2106-11-PAIS (Maria João Vilhena de Carvalho), “Práticas de devoção e equipamentos litúrgicos numa casa monástica feminina: alguns exemplos da Madre de Deus de Lisboa”, *O Presépio da Madre de Deus*, coordenação de CARVALHO (Anabela), [Lisboa], Instituto Português dos Museus, 2003, p. 15-23, il.

Contribuição para o estudo do mosteiro e da igreja da Madre de Deus, instituto que seguia a segunda regra de São Francisco de Assis reformada por Santa Coleta de Corbie. O seu património religioso é analisado como expressão do programa espiritual e da sua prática devota nos espaços interiores e da igreja. Por iniciativa de Dona Leonor, fundadora das misericórdias, foram encomendados objectos e obras renascentistas, alguns dos quais encontram-se hoje no Museu Nacional de Arte Antiga, como pinturas, imagens, medalhões, alfaias e paramentaria. O seu programa ideológico contempla a celebração de santos tutelares da ordem franciscana, a exaltação da eucaristia, a paixão de Cristo e a glorificação da Virgem. Outras expressões devocionais são as relíquias constituídas por partículas do Santo Lenho, do Santo Espinho da Coroa, do Santo Sudário e pelas relíquias de Santa Auta. A este núcleo, criado na primeira metade do século XVI, juntaram-se, no século XVIII, outros objectos numa linha de continuidade ideológica. Na igreja existiram as irmandades da Madre de Deus, de Nossa Senhora da Boa Morte (até 1771), do Rosário e a das Almas. Cabia à primeira um papel principal nas celebrações da novena da Virgem, da festa da padroeira, do dia da Assunção da Virgem, do Domingo de Ramos e da festa do Menino Jesus, dito o Abadinho, cuja imagem pertencia ao espaço da clausura e que era exposta no camarim durante alguns dias. O lançamento de indulgências entre 1510 e 1824, que obrigavam à oração presencial, garantiram sempre boa assistência ao culto, ajudando a manter viva a espiritualidade das monjas da Madre de Deus. – (A5-D2-G1-H7).

2107-12-PALIOTES (Arlindo Manuel Ferreira), *Os painéis de azulejos da igreja do convento do Bom Jesus de Monforte*, dissertação de mestrado mestre em Gestão e Estudos da Cultura apresentada ao ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa em 2016, 96-LXIII p., il., plantas. <http://hdl.handle.net/10071/12554> (consultada em 23-2018).

Estudo sobre um conjunto azulejar que revestia a igreja do convento de religiosas franciscanas do Bom Jesus de Monforte, sede do concelho do mesmo

nome. Breve história do convento que foi fundado em 1513 e extinto em 1863, na sequência da supressão das ordens religiosas em 1834. Na igreja deste imóvel estiveram expostos os painéis de azulejo de que trata esta dissertação. Os azulejos foram colocados a meados do século XVIII e foram retirados em 1943, tendo a igreja sido demolida no ano seguinte. Os azulejos narram cenas da vida, obra, morte e mito da Rainha Santa Isabel (1270-1336), permanecendo ainda hoje guardados praticamente como foram arrumados em meados do século passado na Santa Casa da Misericórdia de Monforte. Os azulejos representam a Última Ceia de Cristo, Francisco de Assis recebendo os estigmas, o Milagre das Rosas, Jesus Crucificado e a Rainha, Milagre das Águas do Tejo, Morte da Rainha, Milagre da Água e do Vinho, A Rainha servindo as clarissas, Veneração do Corpo da Rainha, Peregrinação da Rainha a Compostela, A Rainha Visita as Obras de Santa Clara de Assis, Lenda da Mulinha, Desterro da Rainha em Alenquer, Chegada do Cortejo Fúnebre da Rainha a Coimbra. Contém vários anexos. – (C2-I3).

2108-11-PARRA MARTINEZ (Julio), “Azulejaria no convento de S. Pedro de Alcântara”, *Convento de S. Pedro de Alcântara*, Lisboa, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, 1997, p. 29-38, il. (Centro de Documentação da Misericórdia de Lisboa).

Roteiro da azulejaria existente no convento franciscano de São Pedro de Alcântara em Lisboa, datada dos séculos XVIII a XX, que representa as disciplinas de São Pedro (cilício e flagelo) e a Adoração do Santíssimo Sacramento.

2109-11-PARRA MARTINEZ (Júlio), *Azulejos: painéis do século XVI ao século XX*, coordenação de SILVA (Nuno Vassalo e), Lisboa, Santa Casa da Misericórdia, 1994, 149 p., il.

Introdução e inventário da coleção de azulejaria portuguesa integrada nos diversos edifícios históricos da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, no convento de São Pedro de Alcântara e no colégio de São Pedro e São Paulo ou convento dos Inglesinhos. Descrição de alguns exemplares de temática religiosa com a representação da Adoração do Santíssimo Sacramento, da Paixão de Cristo, de episódios da Anunciação e bíblicos, como o Apocalipse de São João, de Nossa Senhora da Conceição e de passagens da vida dos santos Pedro (os seus milagres, tentações, êxtases místicos e morte), Paulo, Roque e Teresa de Ávila. Fotografia de BORGES (José Pedro Aboim) e SILVA (Vítor). – (C2).

2110-12-PATRÃO (José Heitor), “Pintura de inspiração apócrifa na Sé de Portalegre”, *A Cidade: Revista Cultural de Portalegre*, n.º 10, 1995, p. 37-56, il.

Estudo sobre a temática de inspiração apócrifa do retábulo de Nossa Senhora da Luz da Sé de Portalegre e de outros retábulos datados dos séculos XVI-XVII. Relato dos episódios apócrifos e breve descrição das pinturas dos retábulos

que os representam. Os temas tratados são sobretudo marianos: Rejeição das Ofertas de Joaquim, Visão ou Anunciação de Joaquim, Encontro de Joaquim e Ana, Nascimento de Maria, Apresentação de Maria no Templo, Casamento de Maria e José, Anunciação de Maria, Visitação de Maria a Isabel, Nascimento de Jesus e Adoração dos Pastores, Apresentação de Jesus no Templo, Comunhão de Maria dada por Cristo, Dormição ou Morte de Maria, Assunção, Coroação de Nossa Senhora e Nossa Senhora da Misericórdia. – (C1).

2111-12-PATRÃO (José Heitor), “‘Pinturas ‘reencontradas’ da Sé de Portalegre: o retábulo de Santa Catarina de Sena e co-titulares”, *A Cidade: Revista Cultural de Portalegre*, n.º 12, 1998, p. 103-128, il.

Análise iconográfica e proposta de reconstituição do retábulo de Santa Catarina de Sena (Siena) da Sé de Portalegre, datado do princípio do século XVII, que foi retirado e substituído por outro no século XVIII. O retábulo seria composto pelas imagens dos santos Domingos, Jacinto, Catarina de Sena e por pinturas que representavam cenas da vida de Santa Catarina de Sena, de São Jacinto e de São Nicolau. Notas descritivas das pinturas e apreciação do altar actual. Dados históricos sobre a Sé: a sua construção, a implantação dos outros retábulos dedicados ao Santíssimo Sacramento, ao Nome de Jesus, a Nossa Senhora do Carmo e da Luz, aos santos Crispim e Crispiniano. – (C1-H1).

2112-07-PEREIRA (Fernando António Baptista), aliás BAPTISTA (Fernando António), FALCÃO (José António), “Francisco Henriques: percurso biográfico e caracterização da obra”, *Francisco Henriques um pintor em Évora no tempo de D. Manuel*, coordenação GOUVEIA (António Camões), Lisboa – Évora, Comissão Nacional Para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses – Câmara Municipal de Évora, [D.L. 1997], 35-51, il.

Contribuição para a biografia do pintor Francisco Henriques e caracterização da sua obra, da qual fazem parte as pinturas da igreja do convento de São Francisco de Assis em Évora, executadas no princípio do século XVI. Entre outros temas, pintou a Paixão de Cristo, Nossa Senhora da Graça, Santa Julita e Ciríaco, o Profeta Daniel e a casta Susana, São Bento e São Bernardo de Claraval.

2113-15-PEREIRA (Fernando António Baptista), aliás BAPTISTA (Fernando António), “Pintura antiga do convento de Jesus de Setúbal: história de uma colecção (séculos XV e XVI)”, *Movimento Cultural: Revista dos Municípios do Distrito de Setúbal*, n.º 1, 1985, p. 29-38, il.

Historial da colecção de pintura da igreja do convento de Jesus pertencente às clarissas, situado em Setúbal, que se encontra repartida pelo Museu Municipal de Setúbal e pelo Museu Nacional de Arte Antiga em Lisboa. A pintura data dos séculos XV-XVI e compreende retábulos e painéis que representam o

Ecce Homo, cenas da paixão de Cristo, da vida da Virgem e o Anjo a coroar as santas Clara de Assis, Inês de Assis e Coleta de Corbie.

2114-15-PEREIRA (Fernando António Baptista), aliás BAPTISTA (Fernando António), “Pintura maneirista do distrito de Setúbal. Duas Adorações da igreja matriz de Santiago do Cacém, atribuídas a José de Escovar”, *Anais da Real Sociedade Arqueológica Lusitana*, vol. II, 1988, p. 155-186 [XIV], il.

Estudo sobre dois painéis maneiristas do terceiro quartel do século XVI que representam a Adoração dos Pastores e a Adoração dos Magos, expostos na igreja matriz de Santiago do Cacém, sede do concelho do mesmo nome. É tratada a origem dos painéis e feita a sua análise pictórica: a temática das adorações na pintura portuguesa do século XVI, a sua evolução iconográfica e a influência do Concílio de Trento. Menção de vários lugares de culto (igrejas e capelas) de Santiago de Cacém dedicados ao culto mariano. – (A5-C2).

2115-11-PEREIRA (Fernando António Baptista), aliás BAPTISTA (Fernando António), “O retábulo de Santiago”, *Oceanos*, n.º 3, 1990, pp. 67-74, il.

Proposta de reconstituição e análise descritiva do retábulo de São Tiago realizado na primeira metade do século XVI para a capela-mor da igreja de São Tiago em Palmela, sede do concelho do mesmo nome, onde terá permanecido até à extinção das ordens religiosas em 1834. O retábulo incluía doze painéis, oito dos quais estão hoje conservados no Museu Nacional de Arte Antiga de Lisboa, e apresentava a vida e os milagres de São Tiago, o martírio do santo e episódios da história da Ordem de Santiago em três séries narrativas. – (C2-I3).

2116-11-PEREIRA (Paulo), “Retórica e memória na simbologia manuelina: o caso de Santa Maria de Belém”, *Jerónimos 4 séculos de pintura: 1992 / Mosteiro dos Jerónimos*, coordenação de ALMEIDA (Isabel Cruz), FRANCO (Anísio) MÂNTUA (Ana Anjos), PAIS (Ana Cristina), VERÍSSIMO (Ana Maria), Lisboa, Secretaria de Estado da Cultura – Instituto Português do Património Arquitectónico e Arqueológico – Mosteiro dos Jerónimos, 1992, vol. I, p. 40-51, il.

Análise da simbologia da iconografia da igreja e do claustro do convento dos Jerónimos em Lisboa, assim como da sua relação com a apologia do rei fundador do mosteiro. A iconografia compreende a Virgem com o Menino, os doze Apóstolos, os Evangelistas, doutores da igreja como São Jerónimo, os santos João Baptista, Paulo e Pedro, santas mártires, Moisés e símbolos cristãos. – (C2).

2117-11-PIMENTEL (António Filipe), “Nobre, séria e rica: a encomenda da capela lisboeta de S. João Baptista em São Roque e a controvérsia barroco *versus* classicismo”, *Anais do VI colóquio luso-brasileiro de história da arte*, organização de PEREIRA (Sónia Gomes), Rio de Janeiro, Comité Brasileiro de História

da Arte – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – Universidade Estadual do Rio de Janeiro – Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2003, vol. I, p. 99-128, il.

História da construção da capela de São João Baptista na igreja de São Roque em Lisboa, datada de 1751, que contém pinturas com a representação de cenas da vida do santo. – (C2).

2118-12-PINA (Fernando Correia), “A igreja matriz de Fronteira em 1760”, *Callipole: Revista de Cultura*, n.º 5-6, 1997-1998, p. 89-102.

Notas e transcrição dos autos da visitação feita em 1760 à igreja matriz de Fronteira, sede do concelho do mesmo nome, fundada em 1594 e dedicada a Nossa Senhora da Atalaia. Menção de diversos objectos de culto: imagens do Menino Jesus, do Senhor dos Passos, de Nossa Senhora da Atalaia, dos santos Jorge, Francisco de Assis, Anjo Custódio, Bento e Ana com Nossa Senhora. O retábulo pintado na capela-mor é composto por doze painéis que representam São Bento e os quatro Evangelistas. Na capela-mor há azulejos que figuram a Paixão de Cristo. Alusão à irmandade do Santíssimo Sacramento. – (C1-G1-H1).

2119-11-PINA (Madalena Esperança), “Azulejos alusivos a São João de Deus na Grande Lisboa”, *Almansor: Revista de Cultura*, n.º 5, 2006, p. 133-135, il.

Notícia sobre azulejos alusivos a São João de Deus em edifícios de assistência na cidade de Lisboa e arredores, que representam o nascimento de São João de Deus, o santo a amparar um doente e ainda dezanove passos da sua vida numa capela da freguesia de Algueirão-Mem Martins, concelho de Sintra, erigida cerca de 1950-1960.

2120-15-PIRES (Isabel), CARVALHO (Rosário Salema), *O património azulejar do concelho de Montijo*, coordenação de CÂMARA (Maria Alexandra Gago da), Lisboa – Montijo, Edições Colibri – Câmara Municipal, 2008, 161 p., il., mapas.

Estudo sobre o património azulejar do concelho de Montijo, parte do qual encontra-se em lugares de culto, alguns dos quais são referidos. No Montijo destacam-se os azulejos da igreja matriz do Espírito Santo (séculos XVI a XVIII), da igreja da Misericórdia (século XVII), da ermida de São Tiago e da capela de Santo António, assim como os da fachada da capela do Senhor dos Aflitos e de Nossa Senhora do Rosário localizada num edifício privado, todos do século XVIII. Na freguesia de Sarilhos Grandes são referidos os azulejos da igreja de São Jorge e da ermida de Nossa Senhora da Piedade. Na freguesia da Atalaia destacam-se os azulejos da igreja de Nossa Senhora da Atalaia. Os temas mais representados são o Santíssimo Sacramento, Nossa Senhora do Rosário, a Sagrada Família, cenas da Vida de Nossa Senhora e de Cristo, cenas bíblicas e santos, como por exemplo Pedro e António. – (C1-C2).

2121-15-PORTELA (Ana Margarida), QUEIROZ (Francisco), “Uma singular obra de azulejaria barroca em Setúbal”, *Actas do II Congresso Internacional do Barroco*, Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2003, p. 63-70, il.

Notícia sobre os painéis de azulejos barrocos da cabeceira do cemitério da Misericórdia de Setúbal, provavelmente construído em 1703-1704. Os painéis encontram-se a céu aberto e representam quatro cenas narrativas alusivas à morte de um pobre (a morte e a unção, a preparação do esquife, o préstito fúnebre em direcção ao cemitério e o enterro). Numa espécie de altar com a cruz de Cristo, encontram-se dois painéis que figuram Nossa Senhora da Misericórdia e São Miguel Arcanjo pesando as almas. – (C7).

2122-11-PRATAS (Ana Isabel), *O retábulo no concelho de Mafra: expressão artística nos séculos XVII e XVIII*, dissertação de mestrado em História da Arte apresentada à Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade do Algarve, Faro, em 2011, 222 p., il., mapa, plantas, quadros. <http://hdl.handle.net/10400.1/3333> (consultada em 31-08-2017).

O concelho de Mafra conheceu intensa actividade construtiva religiosa nos séculos XVII e XVIII. O presente estudo pretende constituir um corpus de arte retabulística do concelho e compreendê-lo no seu contexto histórico-espacial e artístico, de modo a inferir a importância que a liturgia e a estética tiveram na actividade religiosa da sociedade do concelho. São analisadas várias obras retabulísticas com as suas características compostas e plásticas. Os retábulos recenseados são agrupados segundo a sua integração no proto-barroco, barroco pleno, barroco final, tardo-barroco. Notas sobre cada um dos retábulos, compostos por esculturas e pinturas, erigidos em honra de Cristo Crucificado, do Espírito Santo, de Nossa Senhora da Oliveira, do Rosário, da Conceição, do Socorro, das Necessidades, da Boa Viagem, dos santos Lourenço e Cristina, entre outros. Menção dos lugares de culto onde se encontram os retábulos. No anexo documental constam um apêndice fotográfico com altares laterais e colaterais, assim como um apêndice documental, contendo por exemplo a lista dos oragos e as memórias paroquiais de 1758. – (C1-C2-C5-H1).

2123-11-QUADROS (António), “Introdução psicológica à pintura quatrocentista portuguesa”, *Panorama: Revista Portuguesa de Arte e Turismo*, n.º 40, 1971, p. 1-9, il.

Análise da pintura quatrocentista patente no Museu Nacional de Arte Antiga em Lisboa, a partir de representações do Ecce Homo e do martírio de São Vicente. A serenidade das imagens liga-se a um sentimento de piedade extrema e de resignação, que se evidencia na forma como o Ecce Homo está representado, com um véu a tapar os olhos.

2124-11-RABAÇA (João José Martins), *A azulejaria de exterior na cidade de Vila Franca de Xira: azulejos, um património a preservar*, Vila Franca de Xira, Junta de Freguesia, 1993, 48 p., il.

Breve estudo sobre a azulejaria de exterior existente na cidade de Vila Franca de Xira, sede do concelho com o mesmo nome, contendo informações compreendidas entre os séculos XV e XX. Alguns dos azulejos tratam de temas religiosos representando Nossa Senhora da Conceição, do Rosário, São José com Jesus, o Santo Condestável (Nuno de Santa Maria) e São João de Deus. Referência a uma alminha igualmente em azulejo pintado contendo as iniciais de “Pai Nosso e Ave-Maria». A obra é muito ilustrada. – (C2).

2125-15-RAFAEL (Olívia), “Santo António no solar dos Zagallos: estudo iconográfico”, *Anais de Almada: Revista Cultural*, n.º 2, 1999, p. 113-120, il.

Estudo sobre o acervo azulejar da capela privada de Santo António em Almada, sede do concelho do mesmo nome, datado da segunda metade do século XVIII. Os azulejos historiam os principais milagres do santo, dos quais são descritos os painéis que retratam os que envolvem a natureza, o sagrado e o homem. – (C2-F1-F2).

2126-11-RAGGI (Giuseppina), “As pinturas de Pompeo Batoni: ‘Status Quaestionis’”, *Monumentos*, n.º 16, 2002, p. 46-53, il.

Descrição dos quadros de Pompeo Batoni executados para a basílica do convento carmelita feminino do Sagrado Coração de Jesus ou da Estrela em Lisboa. Dados sobre as alterações sofridas nos esboços do pintor. As telas foram pintadas em Roma e compreendem uma Alegoria da Devoção Universal ao Sagrado Coração de Jesus (destinada ao altar-mor, foi terminada em 1781 e exposta em Roma, tendo sido aprovada pelo papa Pio VI), a Última Ceia (altar lateral), a Incredulidade de São Tomé, a rainha de Portugal Dona Maria I dedicando o convento e igreja do Coração de Jesus às religiosas carmelitas descalças, a Aparição de Santa Teresa de Ávila à Rainha de Portugal, São Francisco de Assis e Santo António, o Sonho de São José e a visão de São João Evangelista na ilha de Patmos. – (A5).

2127-11-RAIADO (Jorge), “Pimenta Rolim na capela-mor da Merceana”, *Estudos de história da arte: novos contributos*, coordenação de SERRÃO (Vitor), Lisboa, Edição da Câmara Municipal, 2002, p. 173-181, il.

Descrição do programa pictórico da igreja paroquial de Nossa Senhora da Piedade, freguesia de Aldeia Galega da Merceana, concelho de Alenquer, principalmente do tecto da capela-mor (século XVIII), cujo tema é a Assunção de Nossa Senhora. Outras pinturas representam a Coroação da Virgem pela Santíssima Trindade, os Evangelistas, dois doutores da Igreja e as Virtudes (morais e teológicas). Nas naves laterais estão figurados anjos. – (C1).

2128-11-REIS (Maria da Conceição dos), “A igreja de São Pedro de Almargem do Bispo e os seus azulejos”, *Nossa Senhora do Cabo: festas de Almargem do Bispo. Giro saloio 575 anos*, Almargem do Bispo, Comissão de Festas de Nossa Senhora do Cabo Espichel, 2005, p. 16-24, il.

Descrição dos azulejos que decoram a igreja paroquial de São Pedro da freguesia de Almargem do Bispo, concelho de Sintra, compostos por um conjunto de painéis hagiográficos que representam os santos António, Antão, Pedro e Paulo, datados do século XVII. – (C1).

2129-07-REIS (Vítor), “O Teatro do Universo: representação e ilusão nas Máquinas Celestiais da Capela de São Teotónio, em Alcáçovas”, *Artis*, n.º 7-8, 2009, p. 281-296, il.

Interpretação das pinturas que ornamentam os tectos da abóbada da nave e da cúpula do altar-mor da capela de São Teotónio, freguesia de Alcáçovas, concelho de Viana do Alentejo, realizadas nas primeiras décadas do século XVIII. Na pintura que ornamenta o tecto da nave predomina, segundo o autor, uma visão cenográfica e dramática composta por representações da Imaculada Conceição e cenas da vida da Virgem. Na cúpula do altar-mor figuram, frente a frente, a Coroação da Virgem pela Santíssima Trindade e a Anunciação. De acordo com o autor, esta disposição exemplifica “a representação sobre a representação”, perspectivando tempos e espaços, divinos e humanos, em tensão que motivam a irrupção do sobrenatural no mundo, característica do espaço visual dinâmico e ilusionista do barroco. Essas formas de representação, enraizando-se no solo comum de uma cultura baseada na imagem, tendencialmente orientada para o sensorial e o espectacular, promovem a função visual da ilusão e anunciam, de certo modo, a cultura visual moderna. – (C2).

2130-11-RIBEIRO (José Alberto), “O coleccionador Dr. Vidal Baptista (1908-1971): a devoção a Santo António”, *Igreja do mártir santo S. Sebastião: núcleo museológico de arte sacra*, coordenação de NUNES (Graça Soares), Vila Franca de Xira, Câmara Municipal, 2001, 93-106, il.

Apresentação da colecção de gravuras e esculturas de Santo António que se encontram no Museu Municipal de Vila Franca de Xira, sede do concelho do mesmo nome, proveniente de um legado particular. A colecção compreende mil e sete peças, umas mais eruditas e outras mais ao gosto popular, repartidas por gravuras, imagens impressas e esculturas. As figurações do santo apresentam-no como franciscano, em acontecimentos miraculosos da sua vida, com o Menino e como casamenteiro. A piedade popular em torno do santo: a festa de Verão, a devoção ao protector, ao mediano, ao casamenteiro e ao advogado das almas. – (D4-H1).

2131-11-RIBEIRO (José Alberto), FLOR (Susana Varela), “Recolhimento e silêncio: a imagem de Nossa Senhora do Monte do Carmo”, *Vila Franca de Xira: tempos do rio, ecos da terra*, coordenação de NUNES (Graça Soares), LUCAS (Maria Miguel), Vila Franca de Xira, Câmara Municipal, 2003, p. 43-45, il.

Análise iconográfica e plástica de uma pintura que representa Nossa Senhora do Monte Carmo coroada e o Menino Jesus, datada da segunda metade do século XVIII, actualmente existente no Museu Municipal de Vila Franca de Xira, sede do concelho do mesmo nome. Nota sobre a irmandade da Ordem Terceira do Carmo (anterior a 1676), que realizava uma procissão invocativa do Triunfo da Paixão de Cristo (quarto domingo da Quaresma), e sobre a ermida dedicada a Nossa Senhora do Carmo. – (C2-E3-G2).

2132-11-RITA (Dora Iva), “*Martírio de São Sebastião*”: aproximação à pintura do século XVI, dissertação de mestrado em História da Arte apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas de Lisboa em 1986, 178 p., dactilogr., il., planta (consultável na Biblioteca Nacional de Portugal).

Estudo sobre a pintura Martírio de São Sebastião executada em 1536, que se encontra no Museu Nacional de Arte Antiga em Lisboa, e a sua integração no contexto da pintura portuguesa do século XVI. A importância do culto a São Sebastião em Portugal nessa época está relacionada com as pestes que assolaram o reino. O rei Dom João III recebeu de Carlos V uma relíquia do santo que se encontra depositada no mosteiro de São Vicente de Fora, situado na freguesia do mesmo nome em Lisboa. Análise da pintura em que é notória a não ortodoxia da representação, que figura São Sebastião nu. – (D4-H7).

2133-11-ROCHA (Luzia), “O poder da música sacra: a figura de David na azulejaria barroca portuguesa”, *Ciclos da iconografia cristã na azulejaria: actas do I Colóquio Sacrae Imagines*, Moscavide, Secretariado Nacional para os Bens Culturais da Igreja, 2013, il., p. 61-73, 210-2011.

Análise da representação de David como músico e dançarino nos azulejos do edifício do antigo Colégio dos Meninos Órfãos em Lisboa, na sacristia da igreja matriz de Cascais, sede do concelho do mesmo nome, e na igreja do Senhor do Bonfim em Portalegre. Os seus fins são decorativos e catequéticos, com destaque para o episódio da cura de Saúl no Colégio dos Meninos Órfãos.

2134-07-RODRIGUES (Filomena), RIBEIRO (Conceição), ESCOBAR (Nazaré), MIRÃO (José), CANDEIAS (António), “Nossa Senhora da Boa Morte do Real Convento das Chagas de Vila Viçosa: estudo técnico”, *Callipole: Revista de Cultura*, n.º 20, 2012, p. 223-245, il.

Estudo técnico do conjunto escultórico processional de Nossa Senhora da Boa Morte originário do convento das Chagas em Vila Viçosa, sede do concelho do mesmo nome, actualmente pertencente à igreja de Nossa Senhora

da Conceição. O conjunto representa o trânsito e a assunção de Nossa Senhora. – (H1).

2135-11-RODRIGUES (Margarida), “Um novo testemunho da liberalização da pintura no tempo de Camões: o alvará de 1577 ao pintor Cristóvão Vaz”, *Artis*, n.º 3, 2004, p. 347-351, il.

A propósito da concessão de um alvará ao pintor Cristóvão Vaz (segunda metade do século XVI), faz-se uma apreciação da sua obra. Menção do retábulo da igreja da Misericórdia de Colares (1581), concelho de Sintra, e de duas tábuas pintadas da capela de Nossa Senhora da Guia em Cascais, sede do concelho do mesmo nome, representando, respectivamente, a Adoração dos Magos e a Adoração dos Pastores. – (C2).

2136-12-RODRIGUES (Paulo Simão), “O fresco de Santa Maria de Marvão: Santa Madalena, São Bartolomeu e Santa Margarida”, *Ibn Maruán: Revista Cultural do Concelho de Marvão*, n.º 12, 2002, p. 237-261, il.

Estudo sobre o fresco da igreja paroquial de Santa Maria da freguesia de Santa Maria de Marvão, cidade de Marvão, sede do concelho do mesmo nome, datado dos finais do século XV e princípios do século XVI. Nele aparecem três personagens identificadas como sendo os santos Bartolomeu, Margarida de Antioquia ou da Galiza e Maria Madalena. Descrição das figuras representadas e análise do simbolismo do seus atributos. O significado do conjunto poderá ser explicado através do elo de união das figuras santas: São Bartolomeu protegia as crianças dos medos, da epilepsia e da gaguez; Santa Maria Madalena defendia as filhas arrependidas, os estudantes e as crianças com dificuldades motoras; e Santa Margarida de Antioquia ou da Galiza, padroeira das parturientes, era invocada no momento dos nascimentos. Notas históricas e descritivas da igreja fundada entre os séculos XIII e XIV. – (C1).

2137-11-SALDANHA (Nuno), “André Gonçalves, pintor ingénuo olissiponense (1685-1762)”, *Vértice*, n.º 8, 1988, p. 61-71, il.

Estudo sobre o pintor André Gonçalves (1685-1762) que viveu em Lisboa. Nas suas telas abordou os temas do nascimento, da vida e da morte de Cristo, da Virgem, da Virgem com o Menino e Santo António, com o Menino e São Jorge, com Cristo e Santo Agostinho, da vida de José do Egipto, da vida de Moisés, da Adoração dos Pastores. Alusão ao ingresso do pintor na irmandade de São Lucas em 1711. – (G4).

2138-11-SALDANHA (Nuno), “A capela do Santíssimo de Santa Maria de Belém: o programa e a iconografia eucarística”, *Jerónimos 4 séculos de pintura: 1992 /Mosteiro dos Jerónimos*, coordenação de ALMEIDA (Isabel Cruz), FRANCO (Anísio), MÂNTUA (Ana Anjos), PAIS (Ana Cristina), VERÍSSIMO

(Ana Maria), [Lisboa], Secretaria de Estado da Cultura – Instituto Português do Património Arquitectónico e Arqueológico – Mosteiro dos Jerónimos, [D.L. 1993], vol. II, p. 352-365, il.

As novas práticas religiosas e o programa litúrgico português dos séculos XVI-XVIII está expresso na nova capela do Santíssimo Sacramento do mosteiro jerónimo de Nossa Senhora de Belém em Lisboa. As manifestações de piedade e devoção popular expressam-se através da criação das confrarias e das irmandades do Santíssimo Sacramento, cuja actividade é salientada, nomeadamente a obrigação de tratar das celebrações da Semana Santa, da Festa da Ascensão, do Teatro Litúrgico, das procissões do Corpo de Deus e de levar o Viático aos enfermos. Descrição das pinturas (hoje localizadas na igreja paroquial de Muge, distrito de Santarém) dedicadas à exaltação do mistério da Eucaristia: a Apanha do Maná, a Última Ceia, o Triunfo da Eucaristia sobre a Ignorância e a Cegueira e o Triunfo da Eucaristia sobre a Filosofia e a Ciência. Análise do tipo de estrutura do Trono Eucarístico da capela. – (D3-G1).

2139-11-SALDANHA (Nuno), “Jerónimo da Silva (1687-1753): um pintor joanino na Lisboa setecentista”, *Lisboa barroca e barroco em Lisboa. Colóquio de história e arte*, coordenação de VALE (Teresa Leonor), Lisboa, Livros Horizonte, 2007, p. 109-124, il.

Notas sobre o pintor Jerónimo da Silva, que executou diversas pinturas na primeira metade do século XVIII para a igreja de Nossa Senhora da Pena, o mosteiro das Comendadeiras da Encarnação da Ordem de Avis, a ermida de São Sebastião e a igreja das Necessidades, todas em Lisboa, assim como para a igreja matriz de Oeiras e São Julião da Barra do concelho de Oeiras. As pinturas representam o Santíssimo Sacramento apoiado pelos Doutores, o Baptismo de Cristo, Abraão e os Três Anjos, Moisés e a apanha do Maná, Abraão e Melquisedeque, a Vida de Nossa Senhora, as virtudes cardeais, o Martírio de São Sebastião, a Entrega das Chaves a São Pedro e São Francisco de Sales. – (C2).

2140-11-SALDANHA (Nuno), “A pintura da igreja do Santíssimo Sacramento dos Paulistas (Santa Catarina): o programa eucarístico, imagens, modelos e ideias”, *Cultura: Revista de História e Teoria das Ideias*, n.º 36, 2017, p. 157-184, il., planta. <https://journals.openedition.org/cultura/3708> (consultada em 24-10-2020).

Estudo sobre a pintura da igreja paroquial de Santa Catarina de Alexandria situada em Lisboa. Originalmente foi a igreja conventual da congregação de São Paulo da Serra de Ossa (concelho do Redondo), dedicada ao Santíssimo Sacramento. Esta circunstância reflecte-se no seu programa decorativo do século XVIII, mas baseado nas imagens ou modelos visuais produzidos nos séculos XVI e XVII, que apresenta uma dupla vertente – a eucarística e a eremítica. No tecto da capela-mor está pintada a Glória de São Paulo Eremita

e diversas representações simbólicas e episódios da vida de Moisés e de Josué; na nave da igreja figuram os Apóstolos e os Evangelistas, seis doutores da Igreja e as virtudes cardeais e teológicas; no transepto encontram-se santos e santas eremíticas; no coro alto está um ciclo pictórico dedicado a São Paulo Eremita, nomeadamente episódios da sua vida; na sacristia há representações que ilustram o programa eucarístico e eremítico da pintura da igreja. – (C1-C2).

2141-11-SALDANHA (Nuno), “Pintura inédita de Trevisani em Portugal”, *Invenire: Revista de Bens Culturais da Igreja*, n.º 7, 2013, p. 38-43, il.

Notas sobre a pintura de Francesco Trevisani, datada do século XVIII, existente na basílica de Mafra, sede do concelho do mesmo nome, que representa Nossa Senhora apresentando o Menino a Santo António e diversos santos franciscanos. – (C2).

2142-11-SALDANHA (Nuno), “A pintura na igreja de Nossa Senhora da Pena em Lisboa (séculos XVII a XIX): a iconografia, função da imagem e seu controlo”, *Boletim Cultural*, Assembleia Distrital de Lisboa, t. 1-2, n.º 90, 1984-1988, p. 125-151 [16], il.

A igreja paroquial de Nossa Senhora da Pena na freguesia da Pena em Lisboa foi reedificada pela irmandade do Santíssimo Sacramento no início do século XVIII, após a sua transferência do antigo convento de Santa Ana da Ordem Terceira de São Francisco de Assis. Análise e inventário iconográfico das pinturas religiosas dos séculos XVII a XIX, salientando as aquisições posteriores ao terramoto de 1755. As pinturas contêm episódios da vida e paixão de Cristo, cenas do Antigo Testamento, o Sacramento da Eucaristia, a Alegoria da Fé, os Mistérios do Rosário, a Coroação da Virgem, a Imaculada Conceição, Nossa Senhora das Dores e São João Evangelista, a morte de São José e os santos Agostinho, Ambrósio, Bruno de Colónia em oração, Gregório Magno, Jerónimo, João Baptista, Lucas, Marcos e Mateus. Notas sobre a função e a evolução da imagem religiosa controlada pela Igreja, utilizando para isso o *Index* de 1561, as Constituições Sinodais publicadas a partir de 1565 e o *Index Librorum Prohibitorum* de 1581. Notícia da irmandade do Terço do Rosário, deslocada para a igreja de Santa Ana em 1863. – (A5-C1-G1).

2143-SALDANHA (Nuno), “*Roma Triumphans*: a pintura joanina para Mafra (1717-1733)”, *Monumentos*, n.º 35, 2017, p. 108-121, il.

Análise da pintura encomendada em Itália entre 1717 e 1733 para o convento franciscano de Mafra, sede do concelho do mesmo nome. As obras representam a Virgem entregando o Menino a Santo António, a Coroação da Virgem pela Santíssima Trindade, Cristo na Cruz, Cristo Irado com o Mundo, a Ceia em Emaús, a Última Ceia, a Assunção de Nossa Senhora, a Imaculada Conceição e Nossa Senhora do Livramento. A colecção de pintura da igreja e

do convento de Mafra constituíram um modelo de modernização e orientação do gosto pictórico e de renovação da iconografia.

2144-11-SALDANHA (Nuno), “O ‘Sacramento da Eucaristia’ de Jerónimo da Silva – o programa iconográfico da pintura na capela-mor da igreja da Pena”, *Póvoa de Varzim: Boletim Cultural*, vol. XXVI, n.º 2, 1989, p. 593-617, il.

Estudo que analisa o programa iconográfico da pintura da capela-mor da igreja paroquial da freguesia da Pena em Lisboa, que foi reedificada no século XVIII graças ao contributo de cidadãos e da irmandade do Santíssimo Sacramento. Tanto a iconografia da capela-mor, que segue o tema do Sacramento da Eucaristia e toma por modelo uma obra executada em tapeçaria por Rubens, como a sua riqueza decorativa inscrevem-se no programa de reacção da Contra-Reforma. A pintura da autoria de Jerónimo da Silva é constituída por quatro painéis representando cenas do Antigo Testamento, que exaltam a Eucaristia, o Triunfo da Eucaristia sobre a Filosofia e a Ciência e o Triunfo sobre a Ignorância e a Cegueira. No tecto da capela-mor estão pintados sobre madeira o tema da Disputa do Santíssimo Sacramento, representado por uma custódia com a Hóstia Sagrada, anjos e os santos doutores da Igreja Ambrósio, Agostinho, Jerónimo e Gregório Magno. – (A5-C1-G1).

2145-11-SALDANHA (Nuno), “Transitoriedade e permanência: a pintura de São Vicente de Fora”, *Mosteiro de São Vicente de Fora: arte e história*, coordenação de SALDANHA (Sandra Costa), Lisboa, Centro Cultural do Patriarcado de Lisboa, 2010, p. 157-187, il.

Na igreja do antigo mosteiro de São Vicente de Fora, hoje igreja paroquial, situada na freguesia do mesmo nome em Lisboa, a obra de pintura existente na capela-mor compreende dez quadros com passos da vida de São Vicente e os santos Sebastião, Agostinho e Teotónio, executados a partir de 1768. Na capela-mor existiram imagens dos mesmos santos, retiradas ainda no século XVIII. Outras pinturas representam a Imaculada Conceição e a Última Ceia, esta última datável da viragem para o século XIX. No tecto pintado da portaria do convento (1710), está representada a apoteose de Santo Agostinho rodeado de cartelas alusivas à vida do santo e uma Anunciação do século XVIII. São mencionadas obras retiradas do convento após a sua extinção em 1834 e outras posteriormente incorporadas ao longo do século XIX. Considerações sobre os painéis de São Vicente de Fora, hoje no Museu Nacional de Arte Antiga, e de outros painéis dedicados ao mesmo santo que transitaram para São Vicente de Fora. – (C1-H1-I3).

2146-11-SALDANHA (Nuno), “A vida de José do Egipto de André Gonçalves: iconografia, natureza e ideal clássico de paisagem”, *Boletim Cultural*, Assembleia Distrital de Lisboa, n.º 19, t. 2, 1989, p. 83-112, il.

Estudo da iconografia da vida de José do Egípto a partir de oito telas datadas de 1746-1750, que se encontram na sacristia da igreja do convento de clarissas da Madre de Deus de Lisboa. Menção da pintura da Assunção da Virgem no tecto da mesma sacristia.

2147-11-SALDANHA (Sandra Costa), “A aula de escultura de Mafra”, *Monumentos*, n.º 35, 2017, p. 94-106, il.

Estudo sobre a produção da aula de escultura criada no convento de Mafra, sede do concelho do mesmo nome, a meados do século XVIII, que surgiu da necessidade de substituir os painéis pintados das capelas da basílica por baixos-relevos de mármore. As obras representam figuras e cenas religiosas e profanas, incluindo-se nas primeiras a representação dos Santos Bispos, a Coroação de Nossa Senhora, a Sagrada Família e santas virgens, entre outras representações.

2148-11-SALDANHA (Sandra Costa), “Fontes para a iconografia teresiana no convento do Santíssimo Coração de Jesus à Estrela”, *Cultura: Revista de História e Teoria das Ideias*, vol. XXI, 2005, p. 101-126, il.

Estudo sobre as fontes da iconografia de Santa Teresa de Jesus no convento de carmelitas descalças do Santíssimo Coração de Jesus na Estrela em Lisboa. Trata-se de um conjunto de painéis de azulejos alusivos à vida de Santa Teresa de Ávila, concebido a partir da cópia directa de dez gravuras do álbum *Vita S. Virginis Teresiæ a Iesv* (1613). Convertidas num modelo corrente para inúmeras obras de arte ao longo dos tempos, assumiram uma importância capital na fixação e desenvolvimento de parte da iconografia teresiana, constituindo-se como um veículo eficaz para a rápida difusão da sua biografia.

2149-11-SALDANHA (Sandra Costa), “Francisco Jorge da Costa e os ciclos iconográficos para o convento do Santíssimo Coração de Jesus”, *Ciclos da iconografia cristã na azulejaria: actas do I Colóquio Sacrae Imagines*, coordenação de SALDANHA (Sandra Costa), CÂMARA (Alexandra Gago da), Moscavide, Secretariado Nacional para os Bens Culturais da Igreja, 2013, p. 105-111.

Breve análise da decoração azulejar do convento carmelita do Santíssimo Coração de Jesus na Estrela em Lisboa, executada nos finais do século XVIII e atribuída ao mestre Francisco Jorge da Costa. Do conjunto destacam-se apenas dois ciclos iconográficos de temática religiosa representando cenas da vida de Santa Teresa de Ávila e passos da vida de Nossa Senhora. – (C2).

2150-07-12-SALERNO (Carlo Stefano), “A preciosidade da matéria e a ‘bizarria da arte’: projecto, organização do estaleiro, direcção dos trabalhos, coordenação dos mestres e encomenda”, *A capela de São João Baptista da igreja de São Roque: a encomenda, a obra, as colecções*, coordenação de VALE (Teresa Leonor), Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2015, p. 83-125 p., il.

Estudo sobre a pintura e o mosaico da capela de São João Baptista da igreja jesuíta de São Roque, situada em Lisboa. A capela foi construída no segundo quartel do século XVIII e contém pinturas executadas em Itália que representam São João Baptista a baptizar Cristo, a Anunciação e o Pentecostes. – (C2).

2151-11-SALGADO (João Miguel), “Conservação e restauro de uma pintura sobre tela: Adoração da Eucaristia de Bento Coelho da Silveira”, *Cira: Boletim Cultural*, n.º 13, 2015-2017, p. 107-139, il.

A pintura Adoração da Eucaristia da igreja matriz de São João Baptista em Alhandra, concelho de Vila Franca de Xira, foi executada em 1706. Descrição da intervenção de conservação e restauro desta pintura levada a cabo em 2014. – (C1).

2152-11-SANTOS (José de Brito), *A pintura do tecto da igreja do Menino Deus*, dissertação de mestrado em Historia da Arte apresentada à Universidade Lusíada de Lisboa em 2000, 175 [214] p., dactilogr., il., plantas (consultável na Biblioteca Nacional de Portugal).

Estudo sobre a pintura do tecto da igreja do Menino Deus, freguesia do Socorro em Lisboa. A igreja foi fundada em 1710 graças ao patrocínio régio de Dom João V, na sequência de um voto feito pelo rei para obter a graça de ter um filho sucessor. Descrição da festa da sagração do altar-mor e da igreja. Esta possuía diversos objectos de culto nas paredes laterais com as representações de Nossa Senhora, de São Francisco de Assis, de São Domingos, da Rainha Santa Isabel e das beatas Teresa e Sancha, entre outras. O tecto da igreja do Menino Deus inscreve-se na estratégia da Igreja para impressionar os crentes mediante o recurso à decoração exuberante das igrejas. Descrição do tecto que compreende as virtudes cardiais e as teologais. Em 1910, com o triunfo da República, o templo foi encerrado e saqueado, tendo a imagem do Menino Deus sido vendida. Em 1946, a igreja e o recolhimento foram reconstruídos por iniciativa da Igreja. – (A5-C2-H4-I3).

2153-12-SANTOS (Maria Catarina dos), *Azulejos existentes no interior da igreja de Nossa Senhora da Orada em Sousel*, trabalho para a cadeira de História da Pintura em Portugal da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa em 2005, 66 p., dactilogr. (consultável na Biblioteca Nacional de Portugal).

Estudo iconográfico e analítico-descritivo dos painéis de azulejos datados de finais do século XVII e inícios do século XVIII, que se encontram na igreja de Nossa Senhora da Orada situada na freguesia de Sousel, sede do concelho do mesmo nome. A igreja foi construída no século XVI. As suas paredes laterais contêm azulejos que narram episódios do casamento de José e Maria, a Anunciação, a Visitação, a Adoração dos Pastores, a Adoração dos Magos, a Apresentação de Jesus no Templo e a Fuga para o Egipto. A invocação da

titular da igreja deve-se ao facto de ser alvo de muitas orações feitas pelos fiéis, nomeadamente por Nuno Álvares Pereira, que aí terá rezado antes da batalha dos Atoleiros, freguesia de Cabeço de Vide, concelho de Fronteira, no ano de 1384. Desse facto dá conta outro conjunto de azulejos, que nararam os actos de devoção e cenas da batalha, assim como o episódio da missa de acção de graças. Análise artística dos painéis historiados que identifica o tema e descreve a acção narrada e os elementos iconográficos. – (C1-D2).

2154-07-SANTOS (Maria da Conceição), “A obra de António de Oliveira Bernardes na Casa de Santa Maria, em Cascais”, *Arquivo de Cascais: história, memória, património*, coordenação de HENRIQUES (João Miguel), SANTOS (Maria da Conceição), Cascais, Câmara Municipal de Cascais, 2015, p. 159-185, il.

Notas históricas sobre a Casa de Santa Maria em Cascais, sede do concelho do mesmo nome, e estudo do seu recheio azulejar, nomeadamente do que decora a sua capela, proveniente da capela de Nossa Senhora do Monte em Frielas, concelho de Loures. Os azulejos representam temas religiosos e profanos, datados dos finais do século XVII, sendo que os religiosos representam Jesus entre os Doutores, a Sagrada Família na Fuga para o Egipto, a Virgem com Jesus e São João Baptista Meninos, a Apresentação do Menino no Templo, Nossa Senhora a costurar e a Circuncisão. – (C2).

2155-11-SANTOS (Miguel Ferreira dos), “O portal da Igreja de Nossa Senhora da Conceição Velha: da ornamentação de Grottesche à Representação da Mater Omnium”, *Artis*, n.º 7-8, 2009, p. 43-72, il.

Leitura e interpretação do portal da igreja de Nossa Senhora da Conceição Velha, situada na freguesia da Madalena em Lisboa, que foi a sede da Misericórdia, reedificada após o terramoto de 1755. Este portal de estilo tardo-gótico renascentista, realizado entre 1516 e 1520, integrava a fachada sul da igreja, que ruiu com o terramoto de 1755, tendo sido adaptado à frontaria da igreja da Conceição Velha na altura da sua construção. No seu tímpano, cuja ornamentação se inspira na iconografia das bandeiras das Misericórdias portuguesas, está representada Nossa Senhora da Misericórdia com o seu manto aberto, recobrando figuras relacionadas com o poder espiritual e temporal em pose de oração. Nos nichos dos dois botaréus que enquadram o portal, encontram-se estátuas que figuram o Arcanjo São Gabriel e a Virgem Maria. No mainel, uma estátua figura a justiça divina. – (C2-H1).

2156-07-SANTOS (Nelson), “Inventário da pintura mural religiosa existente no concelho de Montemor-o-Novo”, *Almansi: Revista de Cultura*, n.º 6, 2007, p. 219-279, il.

Inventário da pintura mural religiosa existente em trinta e cinco lugares de culto constituídos por igrejas paroquiais e não paroquiais, capelas, ermidas

e conventos activados e desactivados do concelho de Montemor-o-Novo. A maior parte dos lugares de culto identificados foram erigidos nos séculos XVII e XVIII, sendo a pintura utilizada como instrumento da estratégia da Contra-Reforma. Os lugares de culto são dedicados sobretudo a Nossa Senhora da Saudação e da Represa, aos santos Aleixo, Brissos (bispo da diocese de Évora como São Jordão e São Manços, também representados na sua igreja), Gens, Lázaro, André e Sofia, entre outros. As pinturas figuram principalmente cenas do Novo Testamento, as figuras de santos mártires e dos Evangelistas, assim como o Espírito Santo, a Sagrada Família e temas da paixão de Cristo. – (A5-C1-C2).

2157-11-SANTOS (Reinaldo dos), “A pintura dos tectos no século XVIII em Portugal”, *Belas Artes: Revista e Boletim da Academia Nacional de Belas Artes*, n.º 18, 1962, p. 13-22, 20 p. de estampas, il.

Estudo sobre a evolução das pinturas de tecto do século XVIII em Portugal e, particularmente, na cidade de Lisboa, para a qual muito contribuiu a permanência no país do pintor italiano Vincenzo Bacarelli nas primeiras décadas do século. As pinturas decoram os tectos de vários lugares de culto e edifícios civis onde se encontram composições figuradas representando os temas da paixão de Cristo, da Santíssima Trindade, o Menino Jesus, Cristo, a vida da Virgem e dos santos Pedro e Paulo, a Glorificação do Santo Agostinho, São Francisco de Assis adorando Cristo com a cruz, São Francisco recebendo os estigmas, os santos José, Vicente, o Anjo da Anunciação e São Miguel Arcanjo, entre outros.

2158-11-SANTOS (Reinaldo dos), “O retábulo joanino da Madre de Deus”, *Belas Artes: Revista e Boletim da Academia Nacional de Belas Artes*, n.º 16-17, 1961, p. 7-10 [13], il.

Notas sobre o retábulo joanino da igreja da Madre de Deus situada em Lisboa, que foi executado no século XVI e alterado no século XVIII. É composto por seis painéis que representam seis passos da vida da Virgem: a Anunciação, o Presépio, a Adoração dos Magos, a Ascensão do Senhor, o Pentecostes e a Assunção. São ainda referidos outros painéis desta igreja: uma Aparição de Cristo à Virgem após a Descida ao Limbo e a Entrega dos Estatutos da Ordem a Santa Clara de Assis. – (C2).

2159-12-SAPORITI (Teresa), *Azulejaria do distrito de Portalegre / Tiles in the district of Portalegre*, Lisboa, Txtype, Artes Gráficas, 2006, 381 p., il., mapa.

Obra bilingue (português inglês) onde são inventariados grande parte dos azulejos pintados com temas profanos e sagrados do distrito de Portalegre, que se encontram no interior e no exterior de lugares de culto (igrejas paroquiais, não paroquiais e capelas), em habitações, em estações de caminho de ferro,

além de outra azulejaria desaparecida. Os azulejos de cariz religioso tratam de temas crísticos, marianos e hagiográficos. As cenas e as figuras representadas alusivas aos titulares dos lugares de culto são tratados isoladamente ou em painéis historiados. – (C1-C2).

2160-12-SAPORITI (Teresa), *Azulejos do mosteiro de São Bernardo em Portalegre / Tiles of the monastery of Saint Bernard in Portalegre*, Lisboa, Textype – Artes Gráficas, 2008, 185 [1] p., il., planta.

Estudo bilingue (português-inglês) sobre o mosteiro de São Bernardo de Claraval em Portalegre, cuja fundação se iniciou em 1518 com a construção da igreja. Descrição da igreja e dos seus objectos de culto, sobretudo imagens, e do túmulo do fundador. Notas sobre a azulejaria e levantamento fotográfico dos azulejos de temática profana e religiosa. Os azulejos da igreja tratam principalmente episódios da vida de São Bernardo e de São Bento, a Última Ceia e a Ascensão. Breve nota sobre a azulejaria do século XVIII, cujos temas mais tratados são cenas do Antigo e do Novo Testamento, cenas marianas e da vida e iconografia de santos e apóstolos, assim como as virtudes, entre outros. – (C2-C7).

2161-15-SARMENTO (Joaquim), BERNARDO (Luísa de Sousa), “Viagem no tecto da igreja paroquial de Arrentela”, *Anais de Almada: Revista Cultural*, n.º 5-6, 2002-2003, p. 133-145, il.

Análise do tecto da igreja paroquial de Nossa Senhora da Consolação na freguesia de Arrentela, concelho do Seixal, cuja construção remonta aos finais do século XV ou início do século XVI. O tecto é feito em relevo de estuque policromado e contém no centro Nossa Senhora da Consolação ladeada por painéis que representam as virtudes cristãs e os quatro Evangelistas. Nos cantos encontram-se os doutores da Igreja, os santos Agostinho, Jerónimo, Basílio e Atanásio de Alexandria. Descrição e interpretação do painel central dedicado a Nossa Senhora da Consolação. – (C1).

2162-11-SEABRA (José Alberto), aliás CARVALHO (José Alberto Seabra), “Francisco Venegas e o seu painel da Imaculada na Igreja de N.ª Senhora da Luz, em Carnide”, *Vértice*, n.º 1, 1988, p. 31-40, il.

Contribuição para o estudo do painel maneirista da Imaculada Conceição da autoria de Francisco Venegas, que se encontra na igreja paroquial de Nossa Senhora da Luz, freguesia de Carnide em Lisboa. O problema da identificação do tema iconográfico: uma hipótese identifica Nossa Senhora da Luz, titular da igreja, outra diz tratar-se de Nossa Senhora no Limbo, representando Nossa Senhora com Cristo menino ao colo, se bem que nos cânones religiosos é Cristo quem vai resgatar os Patriarcas. O autor propõe que se trata de uma Alegoria da Imaculada Conceição pairando sobre a Árvore do

Conhecimento ou da Ciência, do Bem e do Mal. O painel data de cerca de 1590 e apresenta o único nu feminino da pintura religiosa portuguesa do século XVI. São mencionados outros painéis de Diogo Teixeira e de Francisco Venegas, representando as cenas da Visitação, da Adoração dos Pastores e da Adoração dos Magos, entre outros temas. – (C1).

2163-11-SEGURADO (Jorge), “Francisco D’Ollanda e o retábulo da Madre de Deus”, *Belas Artes: Revista e Boletim da Academia Nacional de Belas Artes*, n.º 31, 1977, p. 19-34, il.

Estudo de âmbito iconográfico sobre o painel designado Duplo Pentecostes que pertenceu ao retábulo quinhentista da igreja da Madre de Deus em Lisboa, hoje no Museu Nacional de Arte Antiga. São ainda referidas outras pinturas com as representações da Descida de Cristo ao Limbo, da Descida do Espírito Santo, de Jesus no Horto e do Anjo do Senhor, que pertencem igualmente ao Museu Nacional de Arte Antiga e a uma coleção particular.

2164-12-SERRÃO (Vitor), “A actividade do pintor Luis de Morales el Divino em Elvas e Portalegre (1576-1585)”, *A Cidade: Revista Cultural de Portalegre*, n.º 12, 1998, p. 45-70, il.

Estudo sobre a actividade do pintor Luís de Morales em Elvas, sede do concelho do mesmo nome, e em Portalegre entre 1576 e 1585. Análise do retábulo-mor da Sé catedral de Elvas (1575-1579), desmontado e substituído a meados do século XVIII. No século XX, foram identificadas seis tábuas remanescentes que representam o Encontro de Santa Ana e São Joaquim na Porta Dourada, a Anunciação, a Visitação, a Apresentação do Menino no Templo, a Adoração dos Magos e Nossa Senhora da Assunção. Tentativa de reconstituição do retábulo proposta pelo autor. As tábuas do altar de Nossa Senhora do Carmo da Sé de Portalegre foram executadas cerca de 1585, das quais é destacado o quadro central, que representa a Virgem e o Menino, o Profeta Eliseu, Santo Alberto de Jerusalém, Santo Ângelo de Jerusalém (carmelita) e o Profeta Isaías. Nota sobre o retábulo da igreja de São Domingos (1564-1565) situada em Évora, de que restam apenas as tábuas com a Virgem e o Menino e São João Baptista, hoje no Museu Nacional de Arte Antiga em Lisboa. Referência a outras pinturas de Luís Morales e de outros pintores nos lugares mencionados e no sul de Portugal, onde são visíveis as influências do Concílio de Trento. Em anexo são reproduzidas quinze pinturas de Luís Morales e da sua oficina. – (A5).

2165-.-SERRÃO (Vitor), “A actividade do pintor maneirista Luís de Morales em Portugal: novas obras e rastreio de influências”, *As relações artísticas entre Portugal e Espanha na época dos Descobrimentos*, II Simpósio Luso-Espanhol de História de Arte, 1983, Coimbra, Livraria Minerva, 1987, p. 9-64, il.

Contributo para o estudo do maneirismo na pintura peninsular através da actividade e influência artística exercida pelo pintor Luís Morales em Portugal nos séculos XVI e XVII. Análise de alguns retábulos e painéis que se encontram na Sé de Elvas, sede do concelho do mesmo nome, e na Sé de Portalegre, nos conventos de Santa Catarina de Sena (Siena) e de São Domingos, em Évora, no mosteiro dos Jerónimos e na igreja da Graça em Lisboa. Tratam de temas alusivos à paixão de Cristo e à vida de Maria, principalmente o Calvário, Cristo com a Cruz às costas, a Anunciação, a Assunção da Virgem, a Virgem e o Menino, Nossa Senhora do Carmo, Santa Ana e São Joaquim, o martírio de São Maurício e a incredulidade de São Tomé.

2166-.-SERRÃO (Vitor), “O antigo retábulo-mor da Igreja da Madalena em Olivença (1549): precisão cronológica”, *Artis*, n.º 2, 2003, p. 275-276.

Notícia sobre duas tábuas pintadas quinhentistas que teriam pertencido ao retábulo do altar-mor existente na igreja de Maria Madalena em Olivença, cidade portuguesa até 1801 e hoje integrada em Espanha, da autoria do pintor Gregório Lopes. As tábuas representam Santa Maria Madalena e a Ressurreição de Lázaro e terão sido pintadas por volta de 1549.

2167-11-SERRÃO (Vitor), “O antigo retábulo renascentista pintado por Gregório Lopes na Igreja das Comendadeiras Espatárias de Santos-o-Novo”, *Monumentos*, n.º 15, 2001, p. 49-55, il.

Breve estudo sobre o retábulo renascentista originário da segunda igreja das Comendadeiras da Ordem Militar de Santiago da Espada (séculos XV-XVI) em Santos-o-Velho, antes da sua transferência para o convento de Santos-o-Novo, na freguesia da Penha de França em Lisboa, construído no século XVII. Os seis painéis, da autoria de Gregório Lopes, representam a Anunciação, a Visita dos Pastores, a Adoração dos Reis, Cristo orando no Horto, Cristo Morto e a Ressurreição. Análise de alguns aspectos que confirmam a autoria e que atestam a sua filiação no programa ideológico do Renascimento. – (C2).

2168-11-SERRÃO (Vitor), “O baixo-relevo tardo-renascentista da igreja matriz de Rio de Mouro”, *Síntria*, 1982-1983, t. 1, p. 561-617, il., plantas.

Estudo iconográfico sobre o baixo-relevo tardo-renascentista representando a Anunciação que se encontra na igreja matriz de Nossa Senhora de Belém, freguesia de Rio de Mouro, concelho de Sintra. Descrição da igreja e dos seus objectos de culto, como por exemplo a imagem de São Brás. Notícia sobre a escultura Renascentista de Sintra, nomeadamente, das edículas retabulares que figuram diversos episódios da vida da Virgem na igreja do mosteiro de Nossa Senhora da Pena (Ordem dos Jerónimos). – (C1-H1).

2169-11-SERRÃO (Vítor), BAPTISTA (António Martinho), “O retábulo do convento da Trindade: nova base de identificação de Nuno Gonçalves”, *Revista Municipal*, Câmara Municipal de Lisboa, n.º 138-139, 1973, p. 44-50, il.

Estudo do retábulo que pertenceu ao convento da Trindade situado na freguesia do Sacramento em Lisboa, que foi suprimido em 1834. O retábulo data da segunda metade do século XVI e representa a Flagelação de Cristo, estando identificado o painel Cristo na Coluna, que se encontra no Museu Nacional de Arte Antiga em Lisboa. Menção de outras obras do autor, o pintor Nuno Gonçalves, como o Políptico da Veneração, o Retrato da Princesa Santa Joana, o Painel do Arcebispo e o Martírio de São Vicente. – (C2-I3).

2170-...-SERRÃO (Vítor), “Caminhos lusitanos do Divino Morales”, *Luis de Morales: a un lado y outro de la Raya / a um e outro lado da Raia*, coordenação de VELEZ (Obdulia), CANO (Xavier), Badajoz, Junta de Extremadura, Consejería de Cultura, 2000, p. 67-99, p., il.

Análise de retábulos pintados maneiristas de Luís de Morales que se encontram em lugares de culto do distrito de Portalegre. Para a capela-mor da Sé de Elvas executou, entre 1576 e 1579, o retábulo que contém painéis, bustos pintados e um grupo escultórico representando Cristo, a Assunção, a Anunciação, a Visitação, a Adoração dos Pastores, a Apresentação ao Templo, a Adoração dos Magos, Santa Ana e São Joaquim. O retábulo foi substituído cerca de 1746-1748 e encontra-se hoje repartido pela igreja do Salvador e pelo Museu Municipal de Elvas, sede do concelho do mesmo nome, tendo algumas partes desaparecido. Para a catedral de Portalegre pintou as tábuas do altar de Nossa Senhora do Carmo representando a Virgem e o Menino, os profetas Eliseu e Elias e os santos Alberto de Jerusalém e Ângelo de Jerusalém (carmelita). Em Évora, fez o retábulo-mor da igreja de São Domingos (1564-1566) composto pelas tábuas que figuram a Adoração dos Pastores, São Pedro, São Paulo, a Virgem com o Menino e São João Baptista, de que restam apenas as duas últimas, hoje no Museu Nacional de Arte Antiga em Lisboa. Menção de diversas pinturas com os temas da paixão de Cristo e a Virgem, localizadas no sul de Portugal, onde se nota a influência do estilo de Morales. – (C1).

2171-07-SERRÃO (Vítor), “O ciclo da vida e milagres de São Tiago Maior pintado na igreja matriz de Rio de Moinhos: um raro programa de iconografia jacobea (1706)”, *Callipole: Revista de Cultura*, n.º 18, 2010, p. 175-186. il.

Estudo sobre as dezoito pinturas a fresco que narram o ciclo da vida e os milagres de São Tiago Maior, que se encontram na igreja matriz de Rio de Moinhos, concelho de Borba, executadas em 1706 e integradas na cobertura da igreja. É analisada a singularidade do conjunto iconográfico no contexto peninsular são reproduzidas as pinturas e as legendas respectivas, assim como são identificadas as fontes do programa iconográfico, a sua filiação artística

e o seu contexto regional. A representação iconográfica servia os propósitos educativos do Concílio de Trento e adequava-se ao gosto devocional das comunidades rurais locais. A igreja matriz foi fundada no século XIII, remodelada e ampliada no século XVII. – (A5-C1).

2172-15-SERRÃO (Vítor), CORDEIRO (Filipa Raposo), *Tomás Luís e o retábulo da igreja da Misericórdia*, Lisboa – Montijo, Edições Colibri – Câmara Municipal do Montijo, [D.L. 2005], 87 p., il.

Estudo sobre uma tábua do antigo retábulo pintado da igreja da Misericórdia do Montijo, sede do concelho do mesmo nome, que representa a Visitação da Virgem a Santa Isabel, datada dos finais do século XVI. A pintura, da autoria de Tomás Luís, é um exemplo plástico do movimento de propaganda pelas imagens sagradas que se desenvolveu nos países católicos. Breve historial da Misericórdia do Montijo fundada antes de 1555. Reprodução do relatório sobre o tratamento científico de restauro. – (A5-C2-G2).

2173-15-SERRÃO (Vítor), “A ‘Criação do Homem’: de Gregório Lopes”, *Oceanos*, n.º 3, 1990, p. 76-81, il.

Elementos para o estudo da pintura do século XVI conhecida como Criação do Homem, atribuída ao pintor Gregório Lopes. A pintura é o único testemunho do retábulo da capela-mor da igreja paroquial da freguesia de São Julião em Setúbal, executado entre 1520 e 1530. Menção das visitas de 1605 e 1607, nas quais era apontado o mau estado das pinturas e do retábulo. Por esse motivo e por não estarem conformes à doutrina do Concílio de Trento, nomeadamente a representação do nu, o retábulo foi substituído por um novo que integrou a Criação do Homem. Menção de várias outras pinturas do século XVI de temática religiosa: episódios bíblicos, cristológicos, marianos e representações de santos. Notas históricas sobre as obras realizadas na igreja de São Julião de Setúbal durante o século XVI. – (A5-C1-I4).

2174-15-SERRÃO (Vítor), “Estudo das telas seiscentistas da capela de Santo António em Setúbal, com ‘status questionis’ sobre a pintura maneirista e barroca da cidade”, *Casas religiosas de Setúbal e Azeitão*, coordenação científica de COSTA (Albérico Afonso) aliás ALHO (Abérico Afonso Costa), Lasa – Liga dos Amigos de Setúbal e Azeitão – Estuário, 2016, 205-226, il.

Contribuição para o estudo das telas da capela de Santo António (1679) situada em Setúbal. As telas representam diversos momentos da vida de Santo António como religioso, pregador e taumaturgo em Portugal, França e Itália. A capela possui diversas imagens que figuram o Senhor dos Navegantes, o Senhor Morto, o Senhor atado à coluna, Nossa Senhora da Guia, Nossa Senhora da Piedade e Santa Luzia. – (H1).

2175-07-SERRÃO (Vítor), “Os focos de pintura da Santa Casa da Misericórdia de Montemor-o-Novo (séculos XVII-XVIII)”, *A Misericórdia de Montemor-o-Novo: história e património*, Montemor-o-Novo, Santa Casa da Misericórdia de Montemor-o-Novo, 2008, p. 147-172, il.

Estudo sobre a pintura da Santa Casa da Misericórdia de Montemor-o-Novo, sede do concelho do mesmo nome, datada dos séculos XVII-XVIII e em grande parte conhecida através de informação documental. Análise das obras que se encontram na sala do Despacho e na sacristia: cinco bandeiras com a representação da paixão de Cristo pintadas nas duas faces e a Bandeira Real constituída pelos painéis de Nossa Senhora da Misericórdia e de Nossa Senhora da Piedade. Havia ainda pinturas que figuravam Nossa Senhora (Stabat Mater) e São João Evangelista do nicho do Calvário ou representavam Nossa Senhora da Conceição e Nossa Senhora da Misericórdia. No conjunto, as obras mencionadas explicitam os gostos, os medos, os traumas e os anseios de uma sociedade provincial em tempos de Contra-Reforma. – (A5-H3).

2176-07-SERRÃO (Vítor), “Francisco Henriques e a magna fábrica dos retábulos do mosteiro de São Francisco de Évora (1509-1511)”, *Monumentos*, n.º 17, 2002, p. 43-51, il.

Estudo artístico sobre os retábulos pintados da capela-mor e das capelas laterais do mosteiro de São Francisco de Assis de Évora, que foram executados pelo pintor Francisco Henriques entre 1509 e 1511. Hoje existem quinze dos dezasseis painéis da capela-mor e seis dos altares laterais que se encontram no Museu Nacional de Arte Antiga em Lisboa, no Museu de Évora e na Casa Museu dos Patudos em Alpiarça (distrito de Santarém). Os retábulos representam as cenas Noli me tangere, o Pentecostes, cenas da vida e paixão de Cristo, a Virgem e o Menino, Nossa Senhora das Neves, os santos Cosme, Damião e Tomé, Julita e Guerito, o profeta Daniel e Santa Susana. Introdução biográfica e da obra de Francisco Henriques nomeadamente da sua produção de vitrais, onde se destacam os que integram capela-mor do mosteiro da Batalha (distrito de Leiria), com os temas do Pentecostes, Ascensão e Cristo no Limbo, entre outros. A influência de Francisco Henriques sobre outros pintores de obras que existem no Museu Municipal de Sesimbra, sede do concelho do mesmo nome, como a cena do Pentecostes e Nossa Senhora do Rosário. Menção de outras pinturas renascentistas que se encontram na igreja do convento. Estas representam São Miguel Arcanjo acometendo um diabo-mulher, que contém um nu feminino repintado no século XVII, a Anunciação e cenas da paixão de Cristo. – (C2-I4).

2177-07-SERRÃO (Vítor), “Francisco Nunes Varela e as oficinas de pintura em Évora no século XVII”, *A Cidade de Évora: Boletim de Cultura da Câmara Municipal*, n.º 3, 1998-1999, p. 85-171, il.

A importância da cidade de Évora como centro artístico nos séculos XVI e XVII, foi marcada neste último século por uma evolução localizada, quase sem influências externas, do tardo-maneirismo para o proto-barroco. Notícia biográfica, avaliação global das obras e lista das telas e retábulos feitos para diversos lugares de culto do distrito de Évora por Francisco Nunes Varela, entre outros. Entre os temas representados encontram-se cenas da vida e paixão de Cristo, episódios da vida de Nossa Senhora, Nossa Senhora de Brotas, das Candeias, da Conceição, da Piedade, vários apóstolos, os santos Agostinho, Bento, Francisco de Assis, Homobonus ou Homembom (Cremona, século XII, mercador, padroeiro dos alfaiates), Jerónimo, João Baptista, Joaquim, Lourenço, Luís, rei de França, Miguel Arcanjo, Nicolau de Tolentino, Paulo, Roberto de Salento, Sebastião, Apolónia e Luzia, assim como episódios da vida de São Brás e aspectos da vida de São Maços. Menção da influência da iconografia oficial na pintura das oficinas de Évora. – (A5).

2178-07-SERRÃO (Vítor), “Giraldo do Prado, cavaleiro-pintor do duque de Bragança, D. Teodósio II”, *Callipole: Revista de Cultura*, n.º 12, 2004, p. 247-271, il.; “O mestre do retábulo da igreja da Misericórdia de Almada (1590): o pintor Giraldo do Prado”, *Musa: Museus, Arqueologia & Outros Patrimónios*, vol. I, 2004, p. 161-175, il.

Contribuição para o estudo do pintor Giraldo do Prado, em actividade no último quartel do século XVI, cujas obras reflectem os modelos maneiristas. É o autor do retábulo da igreja da Misericórdia de Almada, sede do concelho do mesmo nome, e dos frescos da cobertura da igreja de Santo António situada em Vila Viçosa, sede do concelho do mesmo nome. O retábulo representa as cenas da Visitação da Virgem, da Adoração dos Reis Magos, da Anunciação, da Adoração dos Pastores, da Circuncisão e do Repouso na fuga para o Egipto. Os frescos figuram anjos segurando os símbolos da Paixão. Outras pinturas executadas pelo mesmo pintor encontram-se na capela do Santo Lenho do convento das Chagas de Vila Viçosa, no Museu Municipal de Sesimbra, sede do concelho do mesmo nome, e na capela do Espírito Santo, também de Sesimbra. – (C2).

2179-07-SERRÃO (Vítor), “As ‘Imagens de Formosura Dissoluta’ e a arte da Contra-Reforma: o caso de uma pintura quinhentista”, *Vértice*, Junho, 1988, p. 23-30, il.

Estudo do painel de Garcia Fernandes intitulado São Miguel Arcanjo e o Demónio, existente na igreja de São Francisco em Évora. O painel data de cerca de 1530 e representa Rafael Arcanjo e Miguel Arcanjo, tendo feito parte de um retábulo que continha também a Imaculada Conceição, Santo António pregando aos peixes e São Francisco de Assis. As directrizes do Concílio de Trento sobre a arte sacra levaram a que, em 1620, a figura do

demónio, representado sob a forma de uma mulher nua, fosse coberta por uma nuvem. – (A5-I4).

2180-11-SERRÃO (Vitor), “Importante painel seiscentista na igreja matriz de Loures: a comunhão de Santa Margarida de Cortona do pintor André Reinoso”, *Boletim Cultural*, Câmara Municipal de Loures, n.º 1, 1987, p. 23-30, il.

Estudo analítico-descritivo de um painel do século XVII que se encontra na igreja paroquial de Nossa Senhora da Assunção, freguesia de Loures, concelho do mesmo nome. Nele está representado o tema da comunhão de Santa Margarida de Cortona (Alviano, 1249 – Cortona, 1297). A santa foi canonizada em 1728 e o seu culto insere-se no quadro da Contra-Reforma, como exemplo do arrependimento: Santa Margarida de Cortona, após uma vida dissoluta, arrepende-se e passa os últimos anos da sua existência em penitência e oração. São referidos outros dois retábulos pintados da igreja com as representações de Nossa Senhora da Graça e de Nossa Senhora da Conceição e indicadas representações iconográficas da santa espalhadas pelo país. – (A5-B2-C1).

2181-11-SERRÃO (Vitor), “Josefa de Ayala, pintora, ou o elogio da inocência”, *Josefa de Óbidos e o tempo barroco*, coordenação de SERRÃO (Vitor), Lisboa, [Instituto Português do Património Cultural], 1991, p. 13-49, il.

Estudo sobre a pintora Josefa de Óbidos (século XVII) no contexto do panorama artístico seiscentista de Óbidos (distrito de Leiria), contendo alusões a pinturas que se encontram dispersas por alguns lugares de culto do concelho de Óbidos, do Cadaval, de Santarém, de Lisboa e sobretudo no Museu Nacional de Arte Antiga, nesta cidade. Elas representam a Visitação, a Sagrada Família, a Virgem e o Menino, o Menino Jesus Salvador do Mundo, a Adoração dos Pastores, a Circuncisão, Nossa Senhora do Rosário e do Carmo, bem como os santos José, João da Cruz, Nicolau Tolentino, Catarina de Alexandria e o Milagre de Porciúncula.

2182-11-SERRÃO (Vitor), *A lenda de São Francisco Xavier pelo pintor André Reinoso: estudo histórico e iconológico de um ciclo barroco existente na sacristia da igreja de São Roque*, 2.ª edição, Lisboa, Quetzal – Santa Casa da Misericórdia, 2006, 115 p., il.

Segunda edição actualizada (1.ª edição em 1993) do estudo histórico, estético e iconológico das telas seiscentistas da sacristia da igreja de São Roque em Lisboa. Foram executadas por André Reinoso e narram vinte passos da lenda e vida milagrosa de São Francisco Xavier (1506-1522). As telas inserem-se nos propósitos propagandísticos da Companhia de Jesus, com o objectivo de criar uma hagiografia imaginária da vida miraculosa do missionário da Companhia de Jesus. As pinturas representam diversos episódios: o santo recebido por

Paulo III, assistindo aos moribundos em Veneza, curando enfermos, pregando em Goa e no Japão, instituindo o símbolo da cruz na Índia Portuguesa, ressuscitando um chefe de casta e um morto no Ceilão (hoje Sri Lanka), celebrando o culto na igreja de São Paulo em Goa (Índia), abençoando soldados, aplacando a sede aos companheiros de viagem e evitando o naufrágio de uma nau, assim como o milagre do caranguejo e a ser tentado pelos demónios, a morte e recepção do seu corpo na igreja de São Paulo em Goa. Notas sobre outras pinturas de temática religiosa, existentes na sacristia da igreja de São Roque e de outras obras do pintor André Reinoso expostas e em vários lugares de culto, assim como sobre a iconografia de São Francisco Xavier – (A5).

2183-11-SERRÃO (Vítor), “Notas sobre a pintura quinhentista no concelho de Cascais”, *Um olhar sobre Cascais através do seu património*, Cascais, Câmara Municipal – Associação Cultural de Cascais, 1989, vol. II (fontes documentais e arte sacra), p. 67-83, il.

Análise de algumas pinturas e retábulos do século XVI e princípios do século XVII provenientes de várias igrejas e capelas do concelho de Cascais. A sua iconografia abrange cenas da vida de Nossa Senhora e de Cristo: Cristo com a Cruz às costas, o Calvário, a Flagelação de Cristo, o Ecce Homo, a Ascensão de Cristo, o Pentecostes, a Ressurreição, a Adoração dos Pastores, a Natividade, a Adoração dos Magos, a Visitação, a Anunciação do Anjo São Gabriel. Outra iconografia representa Nossa Senhora da Misericórdia e os santos Francisco de Assis, António, André, Pedro, Paulo e João Evangelista.

2184-11-SERRÃO (Vítor), “Os painéis da igreja de Unhos – séculos XVI-XVII”, *Boletim Cultural*, Junta Distrital de Lisboa, n.º 73-74, 1970, p. 27-52, il.

Análise dos painéis da igreja paroquial de Unhos, concelho de Loures, datados dos séculos XVI e XVII: o retábulo do titular São Silvestre e quatro painéis dos santos João Baptista, Pedro, Roque e Silvestre do chamado Mestre de São Quintino. Na mesma igreja matriz havia uma cruz processional (século XVI), as telas do altar de Nossa Senhora da Piedade e a representação de Cristo e dos Apóstolos. Inventário de cinquenta e quatro painéis do chamado Mestre de São Quintino, organizados por períodos, que se encontram em Portugal e no estrangeiro e executados entre 1541 e 1570. – (C1-H3).

2185-07-SERRÃO (Vítor), “O Parnasso pictórico: mitologia, fábula e alegoria moral nas decorações a fresco no paço de Vila Viçosa”, *Monumentos*, n.º 27, 2007, p. 66-81, il.

A propósito da caracterização da pintura a fresco de estilo renascentista e maneirista de raiz italianizante, são referidos diversos espaços religiosos e objectos de culto de Vila Viçosa, sede do concelho do mesmo nome, ligados à casa ducal. Estes são a igreja de Santo António, fundada cerca de 1564,

cuja abóbada da capela-mor é revestida por pintura a fresco, representando dezasseis anjos com os símbolos da paixão de Cristo; o oratório da duquesa Dona Catarina, situado também no Paço Ducal e dedicado a Santa Catarina de Alexandria, decorado em 1603 com a representação de Santa Apolónia e as características morais da referida duquesa através de legendas e formas fantasistas; a Sala de David e do Gigante Golias, situada no Paço Ducal, com frescos representando cenas do combate entre ambos; a ermida de Santo Eustáquio completamente revestida entre 1625-1626 com um programa narrativo da sua vida, milagres e martírio; a capela do Senhor Jesus no claustro do convento das Chagas que tinha no altar-mor um painel da Ressurreição de Cristo (actualmente no Paço Ducal) e frescos (cerca de 1588) que representam o imperador Constantino e a rainha Santa Helena orando junto à Vera Cruz; a capelinha do Evangelista no claustro do mesmo convento, cuja decoração com grotescos e nus femininos foi substituída por cartelas alusivas à vida de São João Evangelista no século XVII; finalmente, a capela situada no jardim ducal, cuja abóbada em estuque contém anjos ostentando os símbolos da Paixão. – (A5-C2-I4).

2186-11-SERRÃO (Vitor), “Património artístico da Misericórdia de Cascais: as tábuas maneiristas do antigo retábulo”, *Monumentos*, n.º 31, 2011, p. 70-75, il. Análise das pinturas a óleo do retábulo quinhentista da igreja da Misericórdia de Cascais, sede do concelho do mesmo nome, atribuídas a Cristóvão Vaz. As pinturas estão hoje integradas no museu da Misericórdia local e representam Nossa Senhora da Misericórdia (Senhora do Manto), a Visitação da Virgem a Santa Isabel, Cristo com a Cruz às Costas e a Ressurreição de Cristo, inscrevendo-se artisticamente no maneirismo italianizante e, ideologicamente, no discurso catequizante próprio do Concílio de Trento. – (A5).

2187-11-SERRÃO (Vitor), “Património artístico ignorado: os dois frescos do pintor André Reinoso no convento dos Capuchos (Sintra)”, *Aedificiorum*, 1988, p. 51-53, il.

Breve história da construção e origem do convento franciscano capuchinho de Santa Cruz em Sintra, sede do concelho do mesmo nome, mandado erguer em 1560 na sequência de um voto feito por um nobre à hora da morte. Na capela de Santo António do mesmo convento destacam-se dois frescos representando São Francisco de Assis e Santo António (cerca de 1610) de André Reinoso. Menção de outras obras do pintor: vinte e duas telas representando cenas da vida de São Francisco Xavier na sacristia da igreja de São Roque em Lisboa, o retábulo da igreja da Misericórdia de Óbidos (distrito de Leiria), as pinturas Coroação da Virgem do Mosteiro da Madre de Deus e Adoração dos Pastores do Museu Nacional de Arte Antiga, ambos em Lisboa. – (C2-H4).

2188-11-SERRÃO (Vitor), “Património de arte sacra desconhecido: três pinturas do século XVI descobertas na igreja de São Miguel de Alfama”, *Invenire: Revista de Bens Culturais da Igreja*, n.º 6, 2013, p. 28-30, il.

Notícia da descoberta de três pinturas datáveis do primeiro terço do século XVI que se encontram na igreja paroquial de São Miguel em Alfama, na cidade de Lisboa. As tábuas fizeram parte de um retábulo, provavelmente do que estava na capela-mor anterior às obras de ampliação efectuadas no século XVII. As pinturas representam a Natividade, a Epifania ou Adoração dos Magos e a Apresentação do Menino no Templo. Menção da ermida de Nossa Senhora dos Remédios, igualmente situada em Alfama, construída a partir de 1517 pelas confrarias do Espírito Santo e de São Pedro Gonçalves Telmo, ligadas aos pescadores e mareantes de Alfama. Menção do acervo pictórico, parte do qual está depositado em museus de Lisboa. A invocação de Nossa Senhora dos Remédios está relacionada com a lenda que diz ter sido encontrada uma imagem da Virgem Maria num poço. – (C1-C2-F2-G4).

2189-07-SERRÃO (Vitor), “Pedro Nunes (1586-1637): um notável pintor maneirista eborense”, *A Cidade de Évora: Boletim de Cultura da Câmara Municipal*, n.º 71-76, 1988-1993, p. 105-137 [11], il.

Notícia biográfica e notas sobre o corpus da obra do pintor Pedro Nunes, nascido em Évora no ano de 1586. As suas pinturas encontram-se quase todas em lugares de culto de Évora. Os temas representados são cenas da vida e morte de Jesus e da vida de Nossa Senhora, assim como Nossa Senhora dos Mártires, da Misericórdia, da Piedade, dos Remédios, a Imaculada Conceição, Nossa Senhora do Carmo aparecendo a São João da Cruz e São Simão Stock, Nossa Senhora do Carmo e São Simão Stock convertendo um cavaleiro iconoclasta, os santos Francisco de Assis, João Baptista, Catarina de Sena (Siena), Clara de Assis, Santo António livrando o pai da forca, vida e martírio de Santa Catarina de Alexandria, o Anjo da Guarda e Tobias e os Apóstolos. Nas suas obras é notória a influência doutrinária do Concílio de Trento. – (A5).

2190-11-SERRÃO (Vitor), “O pintor Cristóvão Vaz, mestre dos retábulos da igreja da Misericórdia de Sintra (1581-1584)”, *Boletim Cultural, Assembleia Distrital de Lisboa*, n.º 85, 1979, p. 5-48 [12], il.

Estudo sobre o pintor maneirista Cristóvão Vaz (século XVI), conhecido pelos retábulos que executou para as igrejas das Misericórdias de Sintra, sede do concelho do mesmo nome, de Cascais, sede do concelho do mesmo nome, e de Colares, concelho de Sintra. Os retábulos da igreja da Misericórdia de Sintra (instituída em 1545) foram executados em 1583-1584 e representam a Adoração dos Magos e a Ressurreição de Cristo. O retábulo da Misericórdia de Cascais (instituída em 1551) figura Nossa Senhora da Misericórdia, a Visitação, Cristo com a cruz às costas e a Ressurreição. Foi executado cerca

de 1590. No mesmo ano, pintou ainda a bandeira da irmandade. Em 1600, para uma igreja particular, onde viria a ser instalada a Misericórdia de Colares, fundada em 1623, fez um retábulo que representa cenas da paixão de Cristo e Nossa Senhora da Misericórdia. Em anexo é apresentado o elenco iconográfico de Cristóvão Vaz e dezoito documentos dos contratos. – (C2-G2-H3).

2191-15-SERRÃO (Vitor), “O pintor maneirista Tomás Luís e o antigo retábulo da igreja da Misericórdia da Aldeia Galega do Ribatejo”, *Artis*, n.º 1, 2002, p. 211-235, il.

Estudo sobre a obra do pintor maneirista Tomás Luís (séculos XVI-XVII) com base na descoberta da tábua central de um antigo retábulo existente na igreja da Misericórdia de Aldeia Galega do Ribatejo, hoje Montijo, sede do concelho do mesmo nome. Descoberta entaipada na tribuna da igreja da Misericórdia, a pintura (1591-1597) representa a Visitação de Nossa Senhora a Santa Isabel e foi substituída no altar por outra de idêntica temática no século XVII. Notícia de outras obras com o mesmo tema que serviram de inspiração ao autor: a sua filiação estilística segue o gosto da Contra-Reforma, imitando o que se fazia em centros como Roma, Florença, Bolonha e no Escorial (Espanha). Dados sobre outras obras que lhe são atribuídas, por exemplo o retábulo da igreja matriz da freguesia da Canha, concelho do Montijo, que representa a Visitação da Virgem, a Adoração dos Pastores, a Adoração dos Magos, Nossa Senhora do Rosário e São Tiago Maior. Notícia sobre a igreja da Misericórdia, fundada cerca de 1568, e a irmandade instituída em 1555. – (A5-C2-G2).

2192-12-SERRÃO (Vitor), “O pintor renascentista Gregório Lopes e as suas pinturas para a igreja da Misericórdia e para a capela do Espírito Santo da vila de Sesimbra”, *Sesimbra Cultural*, n.º 2, 1992, p. 29-31, il.

Nota sobre a tábua que representa Nossa Senhora da Misericórdia exposta na Casa do Despacho da Misericórdia de Sesimbra, sede do concelho do mesmo nome, que foi executada por Gregório Lopes. Datado do segundo quartel do século XVI, o quadro representa ao centro Nossa Senhora da Misericórdia envolvendo sob o seu manto protector diversas figuras de altos dignatários civis e religiosos. Menção de outras pinturas do mesmo autor.

2193-11-SERRÃO (Vitor), “Pintura antiga em terras de Vila Franca de Xira: alguns casos de estudo”, *Cira: Boletim Cultural*, n.º 13, 2015-2016, p. 206-237, il.

Estudo sobre a pintura antiga existente no concelho de Vila Franca de Xira através de exemplos datados dos séculos XVI e XVII. São eles a tábua maneirista da Circuncisão de Jesus da igreja matriz de Cachoeiras; a tela procedente do convento franciscano de Santo António de Castanheira do Ribatejo com a representação de São Boaventura; as tábuas de um antigo retábulo

tardo-maneirista de cerca de 1600, que se conservam na igreja matriz de Alhandra; o conjunto de telas da matriz de Alhandra, datadas de 1706, oriundas do extinto convento de Agostinhos Descalços do Grilo em Xabregas (Lisboa) que figuram Jesus no Horto, Cristo com a Cruz às Costas e a Ressurreição de Cristo; e as telas com temário eucarístico, executadas cerca de 1700, que decoram a capela-mor da igreja matriz da freguesia de Vialonga. – (C1).

2194-11-SERRÃO (Vítor), “A pintura antiga no convento dos Cardaes”, *O convento dos Cardaes: veios da memória*, coordenação de VIEIRA (Ana Maria), RAPOSO (Teresa) Lisboa, Quetzal Editores, 2003, p. 191-231, il.

Contribuição para o estudo da pintura do convento de carmelitas descalças dedicado a Nossa Senhora da Conceição dos Cardais, freguesia das Mercês em Lisboa. O corpus pictórico compreende pinturas anteriores à fundação, datadas dos séculos XVI a XVIII. No altar-mor e no corpo da igreja, assim como no coro alto, oratórios do claustro e coro baixo, estão representados o Senhor da Cana Verde, Cristo com a Cruz às Costas, o Calvário, Jesus no Horto, o Menino Jesus Salvador do Mundo, Nossa Senhora abrigando sob o seu manto os santos da Ordem dos Carmelitas, episódios da vida da Virgem, a Virgem e o Menino, a Virgem, São José, São João Baptista menino, Santa Ana ensinando a Virgem a ler, a Sagrada Família, São José e o Menino, Visão de São João da Cruz, Visão de Santo Antão e Anjos. – (C2).

2195-11-SERRÃO (Vítor), “A pintura na capela-mor: o tecto de António Pimenta Rolim e as telas de André Gonçalves”, *Reabilitação urbana 2: Intervenção de conservação e restauro – Igreja dos Paulistas ou de Santa Catarina*, Lisboa, Câmara Municipal, 2005, p. 128-147, il.

Estudo sobre a pintura do tecto e das telas datadas do século XVIII pertencentes à igreja paroquial de Santa Catarina de Alexandria (Calçada do Combro) em Lisboa, outrora sede do convento do Santíssimo Sacramento de frades da Ordem de São Paulo Eremita da Serra de Ossa (concelho do Redondo), fundado a meados do século XVII. No tecto está representado o Santíssimo Sacramento e nas telas da capela-mor as cenas bíblicas de Moisés Fazendo Brotar a Água, a Recolha do Maná, o Faraó perseguindo o Povo Eleito, a Ceia de Emaús, a Multiplicação dos Pães e dos Peixes e Jesus Alimentado no Deserto pelos Anjos, acentuando a correspondência entre o Velho e o Novo Testamento. No coro alto da igreja há doze telas com a representação dos Passos da Vida e Milagres de São Paulo Eremita. A igreja comporta ainda várias imagens de santos e anacoretas. – (C1-C2-H1).

2196-07-SERRÃO (Vítor), “As pinturas do santuário de Vera Cruz de Marmelar (séculos XVI-XVII)”, *A igreja Vera Cruz de Marmelar*, Portel, Câmara Municipal, 2006, p. 150-181, il.

Análise das pinturas da igreja paroquial de São Pedro de Vera Cruz, que pertenceu à ordem do Hospital e depois à Ordem de Malta, freguesia de Vera Cruz, concelho de Portel, datadas dos séculos XVI e XVII. Descrição da pintura que representa o Pentecostes, que pertenceu ao antigo retábulo maneirista do altar-mor e da grande tela maneirista Milagre do Reconhecimento da Cruz pela Rainha Santa Helena, assim como de diversas telas com beatos e frades-guerreiros da ordem hospitalária. – (C1).

2197-11-SERRÃO (Vitor), “Pintura *senza tempo*: obras e oficinas do maneirismo tardio na região de Mafra”, *Boletim Cultural’00*, Câmara Municipal de Mafra, p. 137-145, il.

Breve contribuição para o estudo da pintura maneirista no concelho de Mafra na transição do século XVI para o XVII, quando os modelos do maneirismo português alinhavam pelas normas rígidas do Concílio de Trento veiculadas através das constituições sinodais, que adaptavam a arte a uma linguagem *senza tempo*, mais pedagógica e decorosa (a *contra-maniera*). Breve análise de retábulos pintados atribuídos a Diogo Teixeira e aos seus epígonos, cuja actividade se desenvolveu nos concelhos de Mafra, Sintra, Óbidos e Caldas da Rainha (os dois últimos do distrito de Leiria), nomeadamente Belchior de Matos, que executou o retábulo de Santa Cristina da igreja paroquial da freguesia da Azueira, concelho de Mafra. Outras pinturas e retábulos mencionados representam o Repouso na fuga para o Egipto, Nossa Senhora da Misericórdia, São Nicolau Tolentino, Santa Helena e a Descoberta das Três Cruzes. – (A5).

2198-11-SERRÃO (Vitor), “As pinturas maneiristas da igreja matriz de Santo Quintino”, *Concelho de Sobral de Monte Agraço: inventário artístico*, coordenação de SOARES (Maria Micaela), JORGE (Virgolino Ferreira), Sobral de Monte Agraço, Câmara Municipal, 1987, p. 91-102, il.

Estudo iconográfico das pinturas maneiristas do século XVI expostas na igreja matriz da freguesia de Santo Quintino, concelho de Sobral de Monte Agraço, que retratam episódios da vida, morte e ressurreição de Jesus. Menção do retábulo Martírios de São Quintino destinado ao altar da confraria deste santo e de uma imagem de Nossa Senhora da Piedade. – (C2-G1-H1).

2199-07-SERRÃO (Vitor), *As pinturas murais da capela de São João Baptista em Monsaraz (1622)*, Reguengos de Monsaraz, Câmara Municipal, [D.L. 2010], 83 p., il.

Estudo do programa artístico e iconológico e fixação da autoria das pinturas murais da pequena capela de São João Baptista, freguesia de Monsaraz, concelho de Reguengos de Monsaraz. A capela foi construída na segunda metade do século XVI e provavelmente desacetada a meados do século XVIII. Descrição do ciclo de pinturas murais da capela, datadas de 1622, que

compreendem cenas representando o Padre Eterno Abençoando, Santa Ana e a Virgem, a Pomba do Espírito Santo, a Estigmatização de São Francisco de Assis, São José e o Menino Jesus, Santo André, São Romão (cavaleiro e cortesão), Santa Águeda, os Doutores da Igreja, João Evangelista Escrevendo o Apocalipse na ilha de Patmos, os Reis de Israel em Adoração ao Rei dos Reis, São João Evangelista e a Visão dos Sete Candelabros, a Prostituta de Babilónia e o Dragão de Sete Cabeças. Análise do programa artístico das pinturas encomendado pela confraria de São João Baptista, onde é visível a influência tridentina na busca de um modelo unificador ao serviço de fins catequéticos. As pinturas são atribuídas à oficina de João Escobar em Évora, cujos colaboradores produziram um número significativo de obras nos finais do século XVI e primeiras décadas do século XVII. Nota sobre o antigo retábulo da Misericórdia de Monsaraz, executado a meados do século XVI, de que apenas restam duas tábuas com as representações da Visitação e de Nossa Senhora da Piedade. – (A5-C2).

2200-07-SERRÃO (Vítor), “Poder de convencimento e narração imagética na pintura portuguesa da Contra-Reforma: a influência de um gravado segundo Seghers numa tela do Convento dos Paulistas de Portel”, *Cultura: Revista de História e Teoria das Ideias*, vol. XXI, 2005, p. 65-99, il.

Estudo que pretende mostrar a importância do uso da gravura na pintura portuguesa e na construção da imagética da Contra-Reforma ao serviço da militância e do convencimento das populações. Análise do quadro Cristo perante Caifás e Negação de Pedro, que se encontra na igreja de Nossa Senhora do Socorro pertencente ao convento dos frades eremitas da Ordem de São Paulo Eremita em Portel, sede do concelho do mesmo nome. A pintura mostra uma narração ao serviço do convencimento e revela-se um qualificado painel de devoção, inspirado no modelo tenebrista de Seghers, com o seu dinâmico grupo de figuras a *la candela* que assiste ao trecho bíblico. Testemunha um caso de encomenda religiosa periférica que, apesar do seu grau aparente de vulgaridade, assume, através da utilização de uma estampa de sinal erudito, a experiência da inovação possível e as possibilidades da reconversão imagética do modelo, a fim de melhor servir o rigorismo do seu impacto visual. – (A5).

2201-07-SERRÃO (Vítor), “A primeira obra do pintor Francisco João: o retábulo da igreja matriz de Terena (1558)”, *Invenire: Revista de Bens Culturais da Igreja*, n.º 12, 2016, p. 36-42, il.

Estudo sobre o retábulo-mor da matriz da freguesia de Terena (São Pedro), concelho do Alandroal, datado de 1558. O retábulo pintado representa São Pedro sentado em cátedra, ladeado por Santo André e por São Paulo, não sendo ainda influenciado pela linguagem imagética ditada pelos cânones tridentinos que caracteriza posteriormente o seu autor, Francisco João. – (C1).

2202-11-SERRÃO (Vítor), “O programa artístico da capela do Anjo São Rafael no Mosteiro da Graça em Lisboa (c. 1590-1596)”, *Artis*, n.º 2, 2003, p. 107-143, il.

Estudo sobre o programa decorativo da capela do Anjo São Rafael no mosteiro dos Eremitas de Santo Agostinho dedicado a Nossa Senhora da Graça. Foi fundado no século XII na freguesia da Graça em Lisboa e, no século XVI, por encomenda da confraria de ourives de ouro de Lisboa, foi alvo de renovação artística. Descrição de duas tábuas pintadas que representam a viagem iniciática de Tobias à terra dos Medos acompanhado do Arcanjo São Rafael, a sua filiação artística, as gravuras que as inspiraram e referência a exemplos desta iconografia na época. Outras seis pinturas representam Alegorias Virtuosas da autoria de Francisco Venegas, apreciadas em articulação temática com o programa iconográfico da capela. A capela possui também seis baixos-relevos representando temas do Velho Testamento relacionados com o sacrifício e a comunhão eucarística, assim como a imagem quinhentista em madeira de São Rafael e Tobias segurando o peixe milagroso. Menção de outras confrarias e irmandades de ofícios e respectivas sedes e patronos nos séculos XVI e XVII). – (C2-G4-H1).

2203-11-SERRÃO (Vítor), “O programa artístico da igreja de São Cristóvão de Lisboa: o retábulo quinhentista e a campanha de obras proto-barrocas (1666-1685)”, *Boletim Cultural*, Assembleia Distrital de Lisboa, n.º 92, t. 1, 1990-1998, p. 51-82 [13], il.

A propósito do estudo das obras e intervenções arquitectónicas efectuadas durante o século XVI na igreja paroquial de São Cristóvão (de Lícia), freguesia de São Cristóvão e São Lourenço em Lisboa, são analisados diversos objectos de culto: o retábulo quinhentista, actualmente guardado no Museu de Arte Antiga de Lisboa, composto por um Cristo deposto da cruz; quatro tábuas alusivas a passos da vida do padroeiro e aos Apóstolos; painéis onde figuram os temas da Eucaristia, da Assunção da Virgem, do Beijo de Judas; representações dos santos Francisco Xavier, Inácio de Loiola, José e Catarina de Alexandria. Alusão às imagens do santo patrono e de Nossa Senhora dos Prazeres. – (C1-H1).

2204-11-SERRÃO (Vítor), “O programa de D. Catarina para o retábulo da capela-mor de Santa Maria de Belém (1568-72)”, *Penélope*, n.º 21, 1999, p. 33-61.

O programa da rainha Dona Catarina para o retábulo da capela-mor (1568-1572) do mosteiro de Nossa Senhora de Belém, freguesia de Santa Maria de Belém em Lisboa. As cinco pinturas desta capela panteão são um dos mais interessantes conjuntos de pintura maneirista peninsular, representando a Adoração dos Reis Magos e cenas do Calvário de Cristo. São mencionadas outras obras do seu autor, Lourenço de Salzedo, nomeadamente a figuração de Cristo Deposto da Cruz, que se encontram em lugares de culto da Lourinhã,

sede do concelho do mesmo nome, de Atouguia da Baleia (distrito de Leiria) e de Évora. – (C2).

2205-11-SERRÃO (Vítor), “O projecto de retábulo-mor de Francisco Venegas para a igreja do mosteiro de São Vicente de Fora”, *Monumentos*, n.º 2, 1995, p. 27-32, il.

Análise do estudo do pintor Francisco Venegas para o retábulo da igreja de São Vicente de Fora, situada na freguesia do mesmo nome em Lisboa, que se conserva no Museu Nacional de Arte Antiga nesta cidade. O seu autor projectou uma representação da cena Santa Irene sarando as feridas de São Sebastião após o seu martírio. Destinava-se inicialmente ao retábulo-mor da nova igreja de São Sebastião e São Vicente, que o rei Dom Sebastião tencionava construir em 1567-1568, na área do Terreiro do Paço em Lisboa. Alusão a outras obras do pintor, como por exemplo, as que representam cenas da vida da Virgem, expostas na igreja de Nossa Senhora da Luz, situada na freguesia de Carnide em Lisboa.

2206-15-SERRÃO (Vítor), “O retábulo barroco ‘Estilo Nacional’ da igreja de Nossa Senhora da Consolação do Castelo de Sesimbra (1698)”, *Sesimbra Cultural*, n.º 4, 1994, p. 24-26, il.

Breve descrição do retábulo em talha dourada dedicado ao Santíssimo Sacramento (1698), pertencente à igreja paroquial de Nossa Senhora da Consolação ou de Santa Maria, freguesia do Castelo em Sesimbra, sede do concelho do mesmo nome. Menção de outros objectos de culto existentes e desaparecidos: a imagem de Nossa Senhora Mãe dos Homens, a tela da Coroação da Virgem e os azulejos de temática mariana. Menção da irmandade dos Escravos do Santíssimo Sacramento estabelecida na igreja. – (C1-G1-H1).

2207-11-SERRÃO (Vítor), “O retábulo da capela do Paço Real de Sintra”, *Sintra*, t. 1, 1982-1983, p. 693-728, il., mapa.

Estudo analítico-descritivo e proposta de leitura ideológica do retábulo datado do século XVI, proveniente da capela do Paço Real da vila de Sintra, sede do concelho do mesmo nome, que se encontra no Museu Regional de Sintra. O painel do retábulo veio substituir outro do século XIV e representa o Pentecostes ou a Descida do Espírito Santo sobre a Virgem e os Apóstolos, segundo as orientações iconográficas tridentinas. Referência a várias tábuas do século XV, que foram recobertas no século XVI e que tratam os temas religiosos de forma mais consentânea com os cânones estéticos da época e da ideologia da Contra-Reforma. Estão expostas em igrejas, capelas e museus do distrito de Lisboa. – (A5-I4).

2208-11-SERRÃO (Vítor), “O retábulo da capela do Santo Sacramento da Sé de Lisboa (1541-1555)”, *Boletim Cultural*, Assembleia Distrital de Lisboa,

n.º 93, t.1, 1999, p. 5-31. “O retábulo do Santo Sacramento da Sé de Lisboa (1541-1555)”, *A cripto-história de arte*, Lisboa, Livros Horizonte, 2001, p. 23-45, il.

Estudo sobre obras artísticas da Sé de Lisboa que desapareceram com o terramoto de 1755, nomeadamente o retábulo da capela do Santíssimo Sacramento (1541-1555) que representava as cenas seguintes: Última Ceia, Jesus no Horto, Prisão de Jesus, Cristo perante Pilatos, Cristo com a Cruz às Costas e Ressurreição. Dados sobre o sacrário do altar da mesma capela. Outras pinturas representavam a Custódia com a Hóstia, as Cinco Chagas, a Última Ceia, a Ascensão, os santos Pedro e Paulo, Mateus, João Evangelista, Simão e Judas Tadeu. Menção da confraria do Santíssimo Sacramento. – (C1-G1).

2209-15-SERRÃO (Vítor), “O retábulo da igreja da Misericórdia de Almada”, *Al-madan*, n.º 2, 1983-1984, p. 84-87, il.

Breve estudo sobre o retábulo pintado da igreja da Misericórdia de Almada, sede do concelho do mesmo nome, datado de 1564-1566, que representa as cenas da Visitação da Virgem a Santa Isabel, da Adoração dos reis Magos, da Adoração dos Pastores, do Repouso na Fuga para o Egipto, da Anunciação e da Circuncisão de Cristo. A Santa Casa da Misericórdia foi instituída em 1555, mas a igreja só foi construída a partir de 1564. Transcrição de dois documentos do século XVI. – (C2-G2).

2210-11-SERRÃO (Vítor), “O retábulo-mor do Mosteiro dos Jerónimos (1570-1572), pelo pintor Lourenço de Salzedo”, *História e restauro da pintura do retábulo-mor do Mosteiro dos Jerónimos*, Cadernos 2, Lisboa, Instituto Português do Património Arquitectónico, 2000, p. 17-77, il.

Estudo sobre o retábulo-mor do mosteiro dos Jerónimos em Lisboa e sobre a obra do autor, o pintor Lourenço Salzedo. O retábulo foi executado entre 1570-1572 e representa o tema da paixão de Cristo, tendo sido restaurado em 1673-1675, segundo o gosto da Contra-Reforma, no século XIX e em 1998-1999. Notas sobre o restante *corpus* da obra atribuída ao pintor exposta no mosteiro da Madre de Deus em Lisboa, nas igrejas da Misericórdia da Lourinhã, sede do concelho do mesmo nome, e de São Leonardo, freguesia de Atouguia da Baleia (distrito de Leiria), na pinacoteca da Sé de Évora e na igreja matriz de Loures, sede do concelho do mesmo nome. As pinturas representam Cristo Deposto da Cruz, Santa Maria Madalena e Santa Luzia, o Nascimento da Virgem, Santo Agostinho e São Sebastião, a Imaculada Conceição ladeada por São João Evangelista e Santo António. – (A5).

2211-11-SERRÃO (Vítor), “O retábulo quincentista da igreja dos santos sapateiros Crispim e Crispiniano, patronos da conquista de Lisboa aos mouros”, *Artis*, n.º 6, 2007, p. 121-138, il.

Estudo analítico-descritivo do retábulo do século XVI dedicado aos santos Crispim e Crispiniano, padroeiros da conquista de Lisboa (1147), que se encontrava na primitiva igreja dedicada a estes santos. A igreja foi remodelada no século XVI e destruída pelo terramoto de 1755. A actual igreja foi edificada em 1786, próximo do local da primeira, e para ela passaram as imagens de Nossa Senhora do Parto, dos santos Crispim e Crispiniano e três tábuas do desmantelado retábulo quinhentista. Notícia da vida e do martírio dos santos, expresso artisticamente na Sé de Portalegre com um retábulo que representa a degolação e diversos passos da sua vida. Notas sobre o retábulo pintado da igreja da Misericórdia de Alcochete, sede do concelho do mesmo nome, do mesmo autor da pintura do retábulo maneirista da igreja de São Crispim e Crispiniano. – (C2-H1).

2212-12-SERRÃO (Vitor), “Os retábulos maneiristas da Sé Catedral de Portalegre”, *Aprender*, n.º 4, 1988, p. 68-74, il.; actas do 1.º Encontro de história regional e local do distrito de Portalegre, Portalegre, Centro de Recursos e Animação Pedagógica da Escola Superior de Educação de Portalegre, 1987, p. 181-188, il.

Notas sobre os retábulos maneiristas da capela-mor e das capelas laterais da Catedral de Portalegre, dedicadas ao Santíssimo Sacramento, ao Senhor das Chagas, ao Santo Jesus, a Nossa Senhora da Luz e do Carmo, assim como aos santos Crispim, Crispiniano e Amaro ou Mauro, todas do século XVI. Referência a pinturas que representam episódios do nascimento e da vida de Cristo, o Senhor da Cana Verde, cenas do Velho Testamento, a Virgem, Nossa Senhora do Carmo e Nossa Senhora da Misericórdia, os santos Alberto de Jerusalém e Ângelo de Jerusalém (carmelitas). – (C1).

2213-11-SERRÃO (Vitor), “O ‘São Jerónimo’ do pintor José de Avelar Rebelo na livraria do Mosteiro dos Jerónimos”, *Jerónimos 4 séculos de pintura: 1992 / Mosteiro dos Jerónimos*, coordenação de ALMEIDA (Isabel Cruz), FRANCO (Anísio), MÂNTUA (Ana Anjos), PAIS (Ana Cristina), VERÍSSIMO (Ana Maria), [Lisboa], Secretaria de Estado da Cultura – Instituto Português do Património Arquitectónico e Arqueológico – Mosteiro dos Jerónimos, [D.L. 1993], vol. II, p. 192-201, il.

Contributo para estudo iconográfico da obra do pintor José Avelar Rebelo, datada do século XVI, que analisa as pinturas com a representação de São Jerónimo Doutor da Igreja e São Jerónimo no Deserto expostas na livraria do mosteiro dos Jerónimos, situado em Lisboa.

2214-SERRÃO (Vitor), “Sentido artístico da igreja de São Roque, Colégio da Companhia de Jesus, património ímpar da cidade”, *Património Arquitectónico. Santa Casa da Misericórdia de Lisboa*, coordenação de VIEIRA (Maria Helena), Lisboa, Santa Casa da Misericórdia, Lisboa, 2006, vol. I, p. 88-97, il.

Estudo sobre o património artístico da igreja de São Roque em Lisboa nas áreas da arquitectura, pintura, escultura, talha dourada, ourivesaria, embutidos marmóreos e paramentos, assim como dos seus criadores. O património integra-se em vários períodos da história da arte portuguesa moderna, desde o final do Renascimento (século XVI) até ao Rococó (século XVIII). Análise do valor patrimonial do acervo artístico da igreja, constituído pelas pinturas do tecto, da nave, das diferentes capelas e da sacristia, que representam o Triunfo da Santa Cruz, Episódios da Vida de São Roque, de São Francisco Xavier, de Santo Inácio de Loiola, o Menino Jesus entre os Doutores; pelos mosaicos embutidos da capela de São João Baptista, com a figuração do Baptismo de Cristo, da Anunciação e do Pentecostes, bem como pelas peças de ourivesaria sacra importadas da Itália; e pelos busto-relicários, nos quais se guardam as relíquias doadas aos padres da Companhia de Jesus. – (C2-H7).

2215-SERRÃO (Vitor), “A série seiscentista da *Vida de São Francisco Xavier* do antigo Colégio do Espírito Santo em Évora: a iconografia xaveriana à luz de uma singular narração policénica”, *Oriente*, Dez, 2005, p. 110-130, il.

Estudo bilingue (português-francês) sobre as dez telas do programa imagético da antiga capela de Nossa Senhora da Conceição (1647) do colégio jesuíta do Espírito Santo em Évora, hoje dispersas, que incide na eficiência do seu programa narrativo enquanto discurso apologético moralizante dos fundamentos da Companhia de Jesus, segundo os ditames da Contra-Reforma. O autor das telas cuidou de valorizar o sentido catequético expondo com clareza os milagres do santo. Leitura analítico-descritiva das telas, que se inspiram no modelo narrativo efectuado para a igreja de São Roque em Lisboa, e avaliação do seu sentido moralizante. É salientado que o programa iconográfico da vida de São Francisco Xavier foi gizado pelos jesuítas portugueses. – (A5).

2216-07-SERRÃO (Vitor), “As tábuas do Santuário do Bom Jesus de Valverde: uma encomenda de Dom Henrique ao pintor Gregório Lopes”, *Estudo da pintura portuguesa – oficina de Gregório Lopes: actas*, [Lisboa], Instituto de José de Figueiredo, 1999, p. 47-79.

Contribuição para o estudo das tábuas do santuário do Bom Jesus de Valverde freguesia de Nossa Senhora da Tourega, concelho de Évora, executadas pelo pintor Gregório Lopes em 1544, que se encontram hoje no Museu Nacional de Arte Antiga em Lisboa. O projecto inicial do pintor pretendia representar nas tábuas a Adoração dos Pastores, o Calvário e a Ressurreição de Cristo, mas sofreu algumas alterações impostas pelo encomendante, o futuro cardeal-rei Dom Henrique, que seguem uma perspectiva humanista e neoplatónica. Referência a outras obras saídas da oficina de Gregório Lopes representando o Exalçamento da Cruz, a Visitação, Nossa Senhora da Piedade, o Nascimento da Virgem, o Milagre da Ressurreição do Mancebo, São Pedro, São Paulo, o

Martírio de São Sebastião, o Milagre Eucarístico de Santo António e Santa Helena, entre outros. – (A5).

2217-11-SERRÃO (Vitor), “O tecto da igreja de N.^a S.^a do Loreto, comunidade dos italianos de Lisboa”, *A cripto-história de arte análise de obras de arte inexistentes*, Lisboa, Livros Horizonte, 2001, p. 147-165, il.

Estudo dedicado ao conjunto de sessenta e cinco telas que cobriam a nave da igreja de Nossa Senhora do Loreto em Lisboa, pintadas no século XVII e desaparecidas com o terramoto de 1755. Nelas estava reflectida a internacionalização de formas e soluções plásticas. Retratavam cenas da vida de Nossa Senhora e do Antigo Testamento, desde a criação do mundo até ao tempo de Salomão. A igreja pertencia à comunidade italiana, tendo sido reconstruída após um incêndio na segunda metade do século XVII e de novo destruída pelo terramoto de 1755. – (C2).

2218-11-SERRÃO (Vitor), “Tela de André Reinoso na igreja de São Nicolau: uma desconhecida *Lamentação sobre o corpo de Cristo* de sublime expressão e forte *pathos* barroco”, *Invenire: Revista de Bens Culturais da Igreja*, n.º 3, 2001, p. 27-29, il.

Breve nota sobre a pintura *Lamentação sobre o corpo de Cristo* que se encontra numa dependência da igreja paroquial de São Nicolau, freguesia do mesmo nome em Lisboa, datada do século XVII. Na tela, o corpo de Cristo é chorado pela Virgem Maria, por João Evangelista e Maria Madalena e por duas Santas Mulheres, sendo visíveis as influências do penumbrismo de origem espanhola que evidenciam o fervor religioso do autor.

2219-11-SERRÃO (Vitor), “O tríptico de Diogo de Contreiras para a capela do Espírito Santo em São João das Lampas (Sintra)”, *Invenire: Revista de Bens Culturais da Igreja*, n.º 14, 2017, p. 48-57, il.

Nota sobre o tríptico da antiga capela do Espírito Santo situada em São João das Lampas, concelho de Sintra, hoje exposto na igreja matriz da mesma freguesia, atribuído a Diogo de Contreiras. Datado de meados do século XVI, o tríptico representa o Pentecostes rodeado por dois apóstolos e dois santos franciscanos nos painéis volantes. Na igreja existem outras tábuas com a representação do titular, do Calvário, da Visitação e de Jesus no Horto das Oliveiras.

2220-07-SERRÃO (Vitor), “Uma obra desconhecida do pintor maneirista André Peres: as tábuas do antigo retábulo da Misericórdia de Arraiolos (1693)”, *Callipole: Revista de Cultura*, n.º 5-6, 1997-1998, p. 123-140, il.

O retábulo-mor da igreja da Misericórdia de Arraiolos, sede do concelho do mesmo nome, é composto por seis painéis que representam a Adoração dos

Pastores, a Apresentação do Menino no Templo, o Calvário, Cristo deposto da Cruz, Nossa Senhora da Misericórdia e a Visitação. O retábulo é atribuído ao pintor André Peres e integrado na corrente da arte religiosa maneirista de princípios do século XVII, cujos temas dominantes eram as cenas da vida da Virgem e da paixão de Cristo, por influência das directivas do Concílio de Trento. O retábulo foi retirado do altar-mor da igreja em meados do século XVIII e as pinturas dispersas pela igreja e outras instalações da Misericórdia. Nota sobre a história da Misericórdia de Arraiolos, fundada em 1524, e a construção da igreja, datada do século XVI. Menção de outra obra do pintor em que figura São Francisco de Assis recebendo os estigmas. – (A5-C2-G2).

2221-15-SERRÃO (Vítor), “Uma obra-prima da talha do ‘estilo nacional’: o retábulo da igreja de Santa Maria da Graça, de Setúbal (1697-1700)”, *Póvoa de Varzim: Boletim Cultural*, vol. XXVI, n.º 2, 1989, p. 637-661, il.

Estudo sobre o retábulo da capela-mor da igreja de Santa Maria da Graça (1565-1570) em Setúbal, que se insere no chamado estilo nacional, tal como outras obras anteriormente executadas para lugares de culto desta cidade. O retábulo, datado de 1697, foi encomendado pela irmandade do Santíssimo Sacramento e contém as imagens do Senhor Ressuscitado, de Nossa Senhora da Graça e de São José. Referência a outras obras do autor do retábulo e inventário dos trabalhos por ele executados entre 1689 e 1719. Transcrição de documentos em apêndice. – (G1).

2222-12-SERRÃO (Vítor), “Uma obra-prima do pintor barroco Lourenço da Cunha: a pintura em perspectiva ilusionística do tecto da igreja do Cabo Espichel (1740)”, *Sesimbra Cultural*, n.º 1, 1991, p. 21-22, il.

Nota sobre o tecto da igreja do santuário de Nossa Senhora do Cabo (Espichel) na freguesia do Castelo em Sesimbra, sede do concelho do mesmo nome, pintado a fresco em 1740. Nele está representada a cena da Assunção de Nossa Senhora e os santos Pedro e Paulo, segundo a forma de pintura prospectiva (perspectiva simulada). Na cimalha da nave há dez telas que representam cenas da vida da Virgem e de Jesus. Na sua forma actual, o santuário é um conjunto arquitetónico do início do século XVIII, restando apenas a capelinha da Memória do período inicial. – (C2).

2223-07-SERRÃO (Vítor), “Um desenho de Fernão Gomes para o mosteiro da Scala Coeli de Évora”, *Monumentos*, n.º 10, 1998, p. 31-37, il.; “Fernão Gomes no convento da Scala Coeli de Évora”, *A cripto-história de arte*, Lisboa, Livros Horizonte, 2001, p. 23-45, il.

Notícia sobre a existência de um desenho de temática franciscana, com a representação das figuras de Jesus e de Nossa Senhora executado por Fernão Gomes. Hoje faz parte do acervo da biblioteca pública e arquivo distrital de

Évora, mas terá sido um esboço encomendado para o retábulo-mor da igreja do mosteiro da Cartuxa desta cidade. Notícia histórica sobre o convento da Cartuxa iniciado em 1587 e menção de várias pinturas, esculturas e retábulos escultóricos dos altares dedicados a Cristo, a Nossa Senhora da Graça, a São Teotónio e a Santa Catarina de Alexandria. – (C2-H1).

2224-11-SILVA (Carlos Manique), “Iconografia do pórtico manuelino da igreja matriz de S. João das Lampas (Sintra)”, *Artis*, n.º 1, 2002, p. 105-118, il.

Estudo sobre o simbolismo trinitário da iconografia do pórtico manuelino da igreja matriz da freguesia de São João das Lampas, concelho de Sintra, que data do primeiro quartel do século XVI. Breve descrição da igreja matriz: possui retábulos e telas que representam o Baptismo de Cristo, o Pentecostes, Nossa Senhora da Saúde e São Sebastião. Nota sobre o culto do Espírito Santo na área entre o norte do concelho de Sintra e a freguesia de Azueira do concelho de Mafra, e em São João das Lampas. Menção da ermida e da irmandade do Espírito Santo. – (C1-C2-D3-G2).

2225-11-SILVA (Hélia), “Os estuques de Giovanni Grossi na igreja dos Paulistas”, *Reabilitação urbana 2: Intervenção de conservação e restauro – Igreja dos Paulistas ou de Santa Catarina*, Lisboa, Câmara Municipal, 2005, p. 155-162, il.

Os estuques relevados da igreja de Santa Catarina de Alexandria (paulistas) em Lisboa datam da segunda metade do século XVIII e representam o Santíssimo Sacramento, Nossa Senhora da Conceição, os santos Paulo Eremita, Mateus, João Evangelista e Lucas, assim como santos eremitas.

2226-07-SILVA (Hélia), “Três programas de estuque relevado em Vila Viçosa”, *Monumentos*, n.º 27, 2007, p. 126-133, il.

A propósito do estudo dos estuques portugueses de cariz renascentista e maneirista, que surgiram em Vila Viçosa, sede do concelho do mesmo nome, no âmbito da política cultural e religiosa da Casa de Bragança entre 1500 e 1640, alude-se à Sala do Capítulo do Convento de Nossa Senhora da Esperança e ao Oratório de Dona Catarina no Paço Ducal. A respeito deste último é descrita a decoração a fresco de temática religiosa: a Veneração do Santo Lenho, a Descida da Cruz, o Triunfo da Santa Cruz, a Ressurreição de Cristo e a Vista de Jerusalém, sendo também referida a existência de uma tapeçaria com a representação da Descida da Cruz.

2227-15-SILVA (J. H. Pais da), “Três baixos-relevos maneiristas de Azeitão”, *Belas Artes*, n.º 31, 1977, p. 83-100, il.

Contributo para um estudo iconográfico de três baixos-relevos maneiristas da segunda metade do século XVI, que se encontravam a decorar a fonte de Aldeia Rica na freguesia de São Lourenço, concelho de Setúbal. Dois desses painéis

foram dispersos após o terramoto de 1755. Segundo o autor, trata-se de uma composição com as representações dos símbolos do Espírito Santo (pomba) e de São João Baptista (cordeiro), dos quatro Profetas Maiores (Jeremias, Isaías, Ezequiel e Daniel), das quatro Sibilas e de três Arcanjos. Referência à igreja paroquial de São Simão, da freguesia do mesmo nome, e às imagens de Nossa Senhora da Saúde, de São Simão e de São João Baptista. – (C1-H1).

2228-07-SILVA (Leonor Marçal), “A conversão de S. Paulo: um retábulo do pintor alentejano Francisco João”, *Estudos de história da arte: novos contributos*, coordenação de SERRÃO (Vitor), Lisboa, Edição da Câmara Municipal, 2002, p. 57-68, il.

Estudo sobre o retábulo-mor pintado da igreja matriz de São Paulo (1554) da freguesia de Pavia, concelho de Mora, executado por Francisco João entre 1560 e 1580. Análise do tema principal que figura a conversão de São Paulo, estando ainda representados São Pedro, São Tiago, o Sermão de Santo António aos Peixes e um bispo desconhecido (possivelmente São Manços). A conversão é o tema mais frequente da representação de São Paulo, principalmente no século XVI. – (C1).

2229-07-SILVA (Maria Madalena de Cagigal e), “Oratórios indo-portugueses: o oratório do museu de Évora”, *A Cidade de Évora: Boletim da Comissão Municipal de Turismo*, n.º 43-44, 1960-1961, p. 3-10, il.

Abordagem ao estudo do oratório indo-português conservado no antigo convento de Nossa Senhora das Mercês e hoje no Museu de Artes Decorativas de Évora, Data provavelmente do século XVIII e contém uma escultura de Nossa Senhora da Conceição com o Menino ao colo e com cabeças de anjos aos pés. Descrição das suas características estruturais e decorativas e comparação com duas outras peças semelhantes, uma das quais encontra-se no Museu Nacional de Arte Antiga em Lisboa. – (H1).

2230-11-SILVA (Raquel Henriques da), “O edifício, as artes: as artes na igreja de Nossa Senhora de Fátima”, *Igreja de Nossa Senhora de Fátima em Lisboa, 75 anos*, coordenação de GUEDES (Natália Correia), FERNANDES (José Manuel), Mem Martins, Printer Portuguesa, 2013, p. 89-121, il.

Estudo sobre os elementos decorativos da igreja paroquial de Nossa Senhora de Fátima em Lisboa, consagrada em 1938. A igreja é o primeiro edifício religioso de cariz modernista construído em Portugal, mas a ornamentação do seu interior reflecte também o tradicionalismo. As esculturas da fachada representam os Apóstolos e Nossa Senhora de Fátima e no interior destacam-se os vitrais, os frescos, as esculturas e os baixos-relevos que representam a Santíssima Trindade, Nossa Senhora da Piedade, do Carmo, os Passos da Via-Sacra, os Evangelistas, São João Baptista e anjos, entre outros. – (C1-H1).

2231-11-SILVA (Sara Cristina), *Pintura antiga na igreja matriz de Oeiras: séculos XVII e XVIII*, Oeiras, Câmara Municipal, 2003, 142 p., il.

Análise do espólio pictórico da igreja matriz de Nossa Senhora da Purificação da freguesia de Oeiras e São Julião da Barra, concelho de Oeiras, datado dos séculos XVII e XVIII. No corpo da igreja, nas galerias, na capela-mor e na sacristia encontram-se painéis e telas de diversos estilos artísticos representando cenas bíblicas, Cristo com a Cruz às Costas, a Última Ceia, o Calvário, o Pentecostes, vários momentos da vida de Nossa Senhora, Nossa Senhora da Atalaia (reprodução do local onde terá sido encontrada a imagem de Nossa Senhora), a Imaculada Conceição, Nossa Senhora com São Domingos e Santa Catarina de Alexandria, São Miguel Arcanjo e a Almas, entre outros. Notas sobre o culto a Nossa Senhora da Atalaia e sobre a sua irmandade, datada de 1633, que tinha por objectivo realizar quatro missas cantadas anualmente (Natal, Páscoa, Ascensão e Pentecostes) e organizar o cívico ao santuário da mesma invocação na freguesia da Atalaia, concelho do Montijo, no dia da Santíssima Trindade. Notícia sobre a irmandade do Santíssimo Sacramento fundada no século XVI. Considerações sobre a utilidade dos objectos de culto destinados à orientação cultural de uma comunidade de crentes, em conformidade com os modelos iconográficos determinados pelo Concílio de Trento. – (A5-D2-E3-G1).

2232-11-SILVA (Sara Cristina), *Pintura sacra no concelho de Oeiras: séculos XVII e XVIII*, Oeiras, Câmara Municipal, 2004, 158 p., il., mapa; *A pintura sacra dos séculos XVII e XVIII no concelho de Oeiras*, dissertação de mestrado em Cultura e Formação Autárquica apresentada à Faculdade de Letras de Lisboa em 2002, 2 vol., 162 [XXVII, 4]-96 p., il., mapas, plantas (consultável na Biblioteca Nacional de Portugal).

Estudo sobre a pintura sacra (tardo-maneirista, barroca e tardo-barroca) dos séculos XVII-XVIII que se encontra em diversos lugares de culto do concelho de Oeiras e em museus. Notas históricas sobre as igrejas paroquiais e não paroquiais, capelas e conventos do concelho construídas nos séculos XVII-XVIII, em honra de Santa Maria, de Nossa Senhora da Boa Viagem, do Cabo (Espichel, freguesia do Castelo em Sesimbra), das Mercês e dos santos José, Pedro, Romão, Amaro e Catarina de Alexandria. Lista das ermidas, existentes e desaparecidas, assinaladas nas memórias paroquiais de 1758. Levantamento do acervo pictórico do concelho e descrição dos painéis e dos programas iconográficos: cenas da vida e paixão de Jesus, cenas da vida e morte de Nossa Senhora, Nossa Senhora da Atalaia, do Rosário, da Boa Viagem, do Cabo, das Mercês, os santos Miguel Arcanjo e as Almas, Sebastião, Paulo, Francisco Xavier, Bruno de Colónia, Onofre e os Mártires de Marrocos, entre outros. – (C1-C2).

2233-11-SILVA (Sara Cristina), “O programa iconográfico da autoria do pintor Jerónimo da Silva, na igreja matriz de Oeiras: a imagem como propaganda da Contra-Reforma”, *Estudos de História da Arte: novos contributos*, coordenado por SERRÃO (Vitor), Lisboa, Edição da Câmara Municipal, 2002, p. 157-172, il.

O programa iconográfico da igreja matriz de Nossa Senhora da Purificação da freguesia de Oeiras e São João da Barra, concelho de Oeiras, caracteriza-se pela temática mariana e pela sua articulação com o espírito religioso da Contra-Reforma. Descrição das telas principais, que representam a Apresentação de Jesus no Templo (ou Purificação da Virgem, celebrada a 2 de Fevereiro) e Nossa Senhora da Atalaia, esta última reproduzindo o local onde terá sido encontrada a imagem de Nossa Senhora da Atalaia. A irmandade do mesmo nome, sediada na igreja matriz, remonta a 1633 e tinha por objectivo realizar quatro missas cantadas anualmente (Natal, Páscoa, Ascensão e Pentecostes) e organizar a festa e romaria anual (domingo da Santíssima Trindade) ao santuário de Nossa Senhora da Atalaia, freguesia da Atalaia, concelho do Montijo. – (A5-D2-E3-G1).

2234-11-SIMÕES (João Miguel), “A capela sepulcral de João van Vessem no convento das Flamengas: reintegração do ciclo ‘O Caminho da Perfeição’ de Bento Coelho”, *Estudos de história de arte: novos contributos*, coordenação de SERRÃO (Vitor), Lisboa, Edição da Câmara Municipal, 2002, p. 93-107, il.

Estudo de um conjunto de doze telas (século XVII) executadas por Bento Coelho da Silveira para serem expostas na capela sepulcral do encomendante, João van Vessem, e que decoraram a sacristia da igreja do convento das freiras Flamengas (século XVI), dedicado a Nossa Senhora da Quietação, na freguesia de Alcântara em Lisboa. Restam hoje dez telas que se encontram dispersas. Inspirou-se num guia espiritual flamengo com gravuras, o *Regia Via Crucis*, cuja temática moralizante apresenta Cristo como o modelo para se chegar à perfeição. Nas telas, para além do Calvário, são representados Cristo, os santos Pedro, André e Filipe, cenas do Inferno e anjos. Referência ao testamento de João van Vessem, onde são apresentadas as qualidades morais do testador. – (C2-C7-E4).

2235-11-SIMÕES (Pedro David Ribeiro), “O Inferno: uma alegoria dos condenados às penas eternas tirada de uma das Comédias de Dante patente no Museu Nacional de Arte Antiga”, *Artis*, n.º 7-8, 2009, p. 79-100, il.

Leitura do painel O Inferno executado cerca de 1520-1525, hoje na colecção de pintura do Museu Nacional de Arte Antiga em Lisboa. O painel mostra que os sofrimentos expressos pelos condenados exprimem as penas que lhes eram aplicadas pelos pecados mortais cometidos durante a sua vida. A representação é organizada como um percurso visual: inicia-se a partir do centro da composição, onde se encontra o demónio, representado como um índio, que

preside à dinâmica da acção infernal encarnada pelos agentes satânicos que aplicam os castigos eternos aos condenados; avança depois, sob o impulso de um movimento giratório, percorrendo os círculos em que se inscrevem os pecados; termina no lugar onde todo o drama começa, a boca do Inferno, para onde são precipitados os condenados.

2236-11-SOBRAL (Luís de Moura), “Os Desposórios da Virgem, pintura de Bento Coelho da Silveira na Quinta da Subserra”, *Cira: Boletim Cultural*, n.º 8, 1998-1999, p. 35-43, il.

Análise do quadro que representa os Desposórios da Virgem (São José, a Virgem e o sacerdote) executado nos finais do século XVII para a capela privada e sepulcral (1633) de uma família nobre existente na Quinta da Subserra em Vila Franca de Xira, sede do concelho do mesmo nome, ao que parece para celebrar o casamento dos encomendantes que aí foram sepultados. A obra sublinha o carácter sacramental do casamento e reflecte a renovação e o incremento do culto mariano determinados pelo Concílio de Trento. No entanto, a pintura representa São José com o bastão florido, rejeitado pela Contra-Reforma. Menção da representação do tema em quadros e em azulejo pintado que se encontram, nomeadamente, na igreja da freguesia de Arrentela, concelho do Seixal, e em outros lugares de culto de Évora e de Lisboa. – (A5-C7).

2237-11-SOBRAL (Luís de Moura), “Narração e simbolismo franciscano nos ciclos da Madre de Deus”, *A igreja da Madre de Deus: história, conservação e restauro*, Lisboa, Instituto Português dos Museus, 2002, p. 19-27, il.

Estudo sobre as pinturas que decoram a nave (tecto e paredes laterais) da igreja do convento da Madre de Deus em Lisboa, datadas dos séculos XVII e XVIII. O programa pictórico compreende o ciclo da vida da Virgem (20), o ciclo da vida de Santa Clara de Assis (12) e o ciclo da vida de São Francisco de Assis (12). Trata-se de um conjunto interligado no qual a narração da história da Virgem determinou a escolha de episódios da lenda de Santa Clara que, por sua vez, repetem os passos da vida de São Francisco de Assis. – (C2).

2238-11-SOBRAL (Luís de Moura), “*Tota pulchra est amica mea*, num programa imaculista de António de Oliveira Bernardes”, *Azulejo*, n.º 3-7, 1995-1999, p. 71-90, il.

Notas sobre um conjunto de azulejos pintados que revestem uma sala situada próximo da capela-mor da igreja paroquial da freguesia das Mercês em Lisboa. São provenientes do convento franciscano de Jesus e datados de 1714. A sala é uma antiga capela dedicada à Imaculada Conceição, como parece atestar a sua decoração com azulejos que representam episódios e emblemas da Virgem, assim como cenas que estabelecem a correspondência entre a Virgem e Eva.

2239-11-SOBRAL (Luís de Moura), “Uma Santa Face desconhecida do Greco no Palácio da Ajuda e a questão da liberdade da pintura” *Colóquio Artes*, n.º 69, 1986, p. 5-13, il.

Elementos para o estudo de uma pintura da Santa Face (Cristo) atribuída a El Greco, datada de inícios do século XVII e conservada no Palácio Nacional da Ajuda em Lisboa. Comparação com outras versões do tema pintados pelo mesmo artista e por outros pintores do mesmo período. Nota sobre a iconografia da Verónica e da Santa Face.

2240--SOUZA (Catarina Vilaça de), *Roteiro rota do fresco/Road book*, Cuba, AMCAL – Associação de Municípios do Alentejo Central, 2003, 171 p., il.

Roteiro bilingue (português-inglês) da pintura a fresco dos concelhos de Viana do Alentejo, Portel, Alvito, Cuba e Vidigueira (estes três últimos do distrito de Beja). São analisados os frescos da igreja matriz de Nossa Senhora da Assunção e da ermida de São Sebastião em Alvito; da capela das Almas da igreja matriz de Nossa Senhora da Assunção, da capela dos Passos e da ermida de São Neutel/Santa Águeda em Vila Nova da Baronía (concelho do Alvito); da igreja do Carmo em Cuba, da igreja matriz de Nossa Senhora da Encarnação, da igreja da Misericórdia e ermida de Nossa Senhora da Represa em Vila Ruiva, da igreja da Misericórdia de Vila Alva, da igreja de São Luís, rei de França, em Faro do Alentejo, da ermida de São Brás, do santuário de São Cucufate e da ermida de Santa Luzia em Vila de Frades, todos no distrito de Beja; da capela de São Brás, da igreja paroquial de São Bartolomeu do Outeiro e da ermida de São Faraústo em Oriola, concelho de Portel; do santuário de Nossa Senhora de Aires e da ermida de São Pedro em Viana do Alentejo, da igreja matriz do Salvador e das ermidas de São Geraldo e de São Pedro em Alcáçovas, concelho de Viana do Alentejo. Notas sobre a pintura mural em Portugal e sobretudo na região do Alentejo (distritos de Portalegre, Évora, Beja e parte do distrito de Setúbal), produzida a partir de meados do século XV e nos séculos XVI e XVII. Destaca-se a recorrência temática dos anjos músicos. Os frescos eram encomendados por nobres, confrarias, misericórdias e comissões fabriqueiras. Em geral, tratam temas crísticos, marianos ou hagiológicos e visam ser catequeticamente apelativos, principalmente após o Concílio de Trento. As pinturas representam a Apresentação do Menino no Templo, a Matança dos Inocentes, a Paixão de Cristo, o Santíssimo Sacramento, o Padre Eterno, Nossa Senhora da Saúde, a Pietá, os santos André, Tiago, Sebastião, Pedro, Lourenço, Fabião, Estêvão, Paulo, Gregório Magno, Miguel Arcanjo, António, Ambrósio, Bento, Domingos, os Evangelistas, Cristóvão, Brás, Bartolomeu, Amaro, Agostinho, Inácio de Antioquia, Maria Madalena, a vida de São Neutel, João Baptista, João Evangelista, Nicolau, Faraústo, Geraldo, Mateus, Diogo de Alcalá, Luís, rei de França, Cucufate, Apolónia, Margarida de Antioquia ou da Galiza, Bárbara, Águeda, Clara de Assis e as

Sete Obras Corporais da Misericórdia. Colaboração de CAETANO (Joaquim Inácio). – (A5-C1-C2).

2241-11-SOUTO (A. Meireles do), “Os azulejos do convento da Graça de Lisboa”, *Revista Municipal*, Câmara Municipal de Lisboa, n.º 120-121, 1969, p. 51-70, il.

A propósito do estudo dos painéis de azulejos do convento dos Eremitas de Santo Agostinho dedicado a Nossa Senhora da Graça, freguesia do mesmo nome em Lisboa, são descritas representações de beatos da Ordem de Santo Agostinho. Retratam episódios da vida destes: aparições de Cristo, da Virgem, cenas de martírio e episódios da vida missionária. – (C2).

2242-11-SOUTO (A. Meireles do), “Os Santos Cosme e Damião nas ‘Janelas Verdes’”, *Ocidente*, vol. LXVI, n.º 309, 1964, p. 20-22, il.

Nota descritiva sobre uma pintura datada do século XVI que se encontra no Museu Nacional de Arte Antiga em Lisboa. Nela estão representados os santos Cosme e Damião (mártires, século III, originários da Síria) que, com São Pantaleão (protector do Porto), são invocados como padroeiros da medicina.

2243-07-TAVARES (Sofia Catarina Carriço), “O tríptico de Vila Viçosa”, *Callipole: Revista de Cultura*, n.º 3-4, 1995-1996, p. 105-125, il.

Estudo do tríptico pintado (século XVI) da igreja conventual das Chagas de Cristo em Vila Viçosa, sede do concelho do mesmo nome, que representa o Caminho do Calvário, a Crucificação e a Lamentação após a descida da Cruz. Descrição pormenorizada dos elementos iconográficos da obra. Análise da hipótese de originalmente se tratar de um políptico com cinco painéis, encontrando-se os outros dois, que representam a Ressurreição de Cristo e a Aparição de Cristo à Virgem, na capela-mor da igreja de Santa Maria do Castelo em Estremoz, sede do concelho do mesmo nome. Estudo sobre a autoria do tríptico, que é comparado com outros painéis coevos com cenas semelhantes conservados em Setúbal, Lisboa e Coimbra.

2244-11-TÁVORA (Bernardo Ferrão de Tavares e), “Uma extraordinária peça de marfim da arte indo-portuguesa”, *Boletim de Trabalhos Históricos*, vol. XXX, 1979, p. 49-76, il.

Estudo sobre um retábulo indo-português em baixo-relevo da primeira metade século XVII, que, provavelmente, fazia parte dum oratório fixo ou de um altar portátil e que hoje integra uma colecção privada em Lisboa. Nele estão representados a Sagrada Família, Nossa Senhora da Conceição, a Coroação da Virgem e os santos Agostinho, Domingos, Francisco de Assis, João Baptista, Pedro e Miguel Arcanjo, reflectindo as orientações da Contra-Reforma em Portugal. As directivas iconográficas tridentinas (1563) levaram à vulgarização da representação de cenas da paixão de Cristo, da Natividade e da

Infância de Cristo, da Sagrada Família (culto típico da Contra-Reforma), de santos considerados combatentes das heresias, do arcanjo Miguel vencendo o demónio (assimilado à derrota da heresia protestante; era considerado na Idade Média patrono da corporação do ofício dos construtores de balanças). Outros temas representados e imbuídos da mesma influência tridentina são o culto das Almas do Purgatório e da Imaculada Conceição. – (A5).

2245-07-TORRINHA (Joaquim Francisco Soeiro), “Alguns azulejos do século XVIII em Vila Viçosa”, *A Cidade de Évora: Boletim da Comissão Municipal de Turismo*, n.º 51-52, 1968-1969, p. 57-58 [1], il.

Notícia sobre os azulejos do século XVIII conservados no antigo convento dos Capuchos de São Francisco em Vila Viçosa, sede do concelho do mesmo nome. Os temas religiosos representam os santos Francisco de Assis, António, Boaventura e Domingos.

2246-12-TORRINHA (Joaquim Francisco Soeiro), “Azulejaria antiga do distrito de Portalegre”, *A Cidade: Revista Cultural de Portalegre*, n.º 7, 1992, p. 129-144 [8], il.

Estudo sobre a azulejaria do distrito de Portalegre executada desde meados do século XV e especialmente nos séculos XVII-XVIII, em parte de temática religiosa. O estudo baseia-se nos painéis existentes em igrejas e capelas: capela de Santo António em Castelo de Vide, igreja de Nossa Senhora dos Mártires do Crato, capela de São Marcos em Gáfete, igreja de Nossa Senhora da Orada em Avis; capelas das Chagas e de São João Baptista em Arronches; igreja da Vila Velha em Fronteira; igreja de São Salvador do Mundo nos arredores de Castelo de Vide; convento das Chagas em Vila Viçosa; igreja paroquial de São Pedro em Elvas; igreja de São Tiago em Marvão; convento de Nossa Senhora da Estrela e capela da Conceição em Monforte; capela de São Miguel Arcanjo, que tem como orago Nossa Senhora dos Remédios, na freguesia de Aldeia da Mata, concelho do Crato; convento de São Bernardo de Claraval em Portalegre. São representados temas bíblicos e alusivos aos titulares dos lugares de culto. – (C1-C2).

2247-07-TORRINHA (Joaquim Francisco Soeiro), “Azulejaria antiga ou artística de Vila Viçosa: subsídios para a sua história”, *A Cidade de Évora: Boletim da Comissão Municipal de Turismo*, n.º 45-46, 1962-1963, p. 113-139, il.

Conferência sobre a arte e as técnicas do azulejo em Portugal desde a sua introdução no século XIV até ao século XVIII. Dá particular atenção aos exemplares datados dos séculos XVII e XVIII, conservados em Vila Viçosa, sede do concelho do mesmo nome. Utilizados na decoração de lugares de culto e de casas privadas, alguns representam temas sagrados, como a Sagrada Família, cenas da vida da Virgem, a Coroação da Virgem, Nossa Senhora da

Misericórdia, os santos Nicolau, António, Gabriel Arcanjo e as Almas do Purgatório.

2248-07-TORRINHA (Joaquim Francisco Soeiro), “A azulejaria”, *500 anos – Santa Casa da Misericórdia de Estremoz*, coordenação de RUAS (João), Estremoz, Santa Casa da Misericórdia de Estremoz, 2002, p. 97-153, il.

Estudo sobre os azulejos pintados datados dos séculos XVII e XVIII que se encontram na capela de São Pedro ou do Anjo da Guarda, na igreja da Misericórdia, na igreja de Nossa Senhora dos Mártires e no convento de São João Baptista (conhecido por João da Penitência), assim como nas capelas que evocam os passos da Paixão e no oratório de Nossa Senhora da Guia, pertencentes à Misericórdia de Estremoz, sede do concelho do mesmo nome. As pinturas representam Nossa Senhora da Misericórdia, a Confissão, o Martírio de São Pedro, a Prudência, a Justiça, a Fé, a Esperança, a Caridade, a Misericórdia e as Almas do Purgatório. Outros painéis que pertenceram à igreja da Misericórdia estão numa casa particular e representam a ceia de Emaús e a Deposição de Cristo por Nicodemos e José Arimateia. – (C2-G2).

2249-.-TORRINHA (Joaquim Francisco Soeiro), “Azulejaria barroca no Alto Alentejo”, *Callipole: Revista de Cultura*, n.º 12, 2004, p. 107-140, il.

Estudo de síntese sobre os azulejos pintados do período barroco (século XVII e primeira metade do século XVIII) no Alto Alentejo (distritos de Portalegre e de Évora) e particularmente em Évora, Vila Viçosa e Estremoz, nos quais se reflecte a influência do Concílio de Trento por via da legislação eclesiástica das constituições diocesanas. Menção de diversos lugares de culto onde se encontram azulejos pintados que apresentam uma iconografia variada que mistura o profano e o religioso, predominando quanto a este último a representação da vida de Cristo e da Virgem Maria. Na segunda metade do século XVIII, surgiram as cartelas artísticas denominadas registos com figuras e cenas variadas em que sobressai a hagiografia santoral e a figura avulsa. – (A5).

2250-.-TORRINHA (Joaquim Francisco Soeiro), “Expressões da devoção mariana no Alentejo: IV na azulejaria”. Actas das jornadas mariológicas, *Eboresnia: Revista do Instituto Superior de Teologia de Évora*, n.º 17-18, 1996, p. 123-134.

Contribuição para o estudo da devoção mariana através da azulejaria do século XVI a XVIII, que se encontra em lugares de culto dos distritos de Portalegre, Setúbal e Évora. As composições aparecem sob a forma de registos (pequenos painéis hagiográficos em azulejo, podendo ser uma invocação permanente, que simboliza segurança ou protecção contra um mal, ou uma consequência, isto é, o agradecimento por um bem recebido, funcionando como um ex-voto)

e nos frontais de altar. Representam Nossa Senhora da Anunciação, Nossa Senhora da Conceição, Nossa Senhora da Misericórdia e sobretudo Nossa Senhora da Assunção. – (D2-H4).

2251-.-TORRINHA (Joaquim Francisco Soeiro), “O homem e a morte na azulejaria portuguesa”, *A Cidade de Évora: Boletim da Comissão de Turismo de Évora*, n.º 1, 1994-1995, p. 347-370, il.

Estudo sobre a representação da morte na azulejaria portuguesa, centrada em exemplos que se encontram em lugares de culto dos distritos de Évora, Lisboa e Setúbal, desde as últimas décadas do século XVI. A primeira representação sobre o tema da morte no painel azulejar data de 1580, encontrando-se na igreja de Santo André em Lisboa. Outros exemplos analisados são os painéis da sacristia da igreja da Misericórdia de Vila Viçosa, sede do concelho do mesmo nome, que representam o tema do privilégio sabatino e a figuração de diferentes intercessores das almas, igualmente presentes em lugares de culto de Faro, Mafra, sede do concelho do mesmo nome, e de Estremoz, sede do concelho do mesmo nome. Outros casos representam o tema da Árvore de Jessé traduzindo a ascendência de Jesus, se a tomarmos como o sentido da vida, ou a descendência de Jessé, se a tomarmos como o sentido da morte, presente na igreja paroquial de Mação (distrito de Santarém). Na azulejaria é muito utilizada a representação de árvores, frutos e flores simbolizando a vida, a morte e a ressurreição. O impacto das decisões do Concílio de Trento sobre as representações artísticas. Outras representações da morte são, por exemplo, a morte de Abel às mãos de Caim, os registos em azulejos chamados alminhas e o beijo de Judas. – (A5-C2).

2252-07-TORRINHA (Joaquim Francisco Soeiro), “O lugar do presépio na imaginária Alto-Alentejana”, *Callipole: Revista de Cultura*, n.º 10-11, 2002-2003, p. 173-190, il.

Notas sobre a importância do presépio na imaginária do Alto Alentejo (distritos de Portalegre e de Évora), considerando as influências recebidas e os aspectos originais dos presépios dos oleiros de Estremoz, sede do concelho do mesmo nome, desde o século XVII. Armados nas igrejas por ocasião do Natal, os presépios de Estremoz misturam figuras profanas e sagradas que apresentam vincadas características populares e regionais, sem paralelo em Portugal.

2253-07-TORRINHA (Joaquim Francisco Soeiro), “A presença de António de Oliveira Bernardes na azulejaria de Estremoz”, *Callipole: Revista de Cultura*, n.º 7-8, 1999-2000, p. 223-242, il.

Notas sobre os azulejos pintados do período barroco atribuídos a António de Oliveira Bernardes, que se encontram em diversos lugares de culto de Estremoz,

sede do concelho do mesmo nome, sobretudo na igreja da Misericórdia. Os azulejos representam cenas da vida de Cristo, a Deposição de Jesus no Túmulo, a Ceia de Emaús, as obras de Misericórdia, a Virgem Maria e Nossa Senhora da Misericórdia (1792), acolhendo sob as abas do manto o povo, o clero e a nobreza, assim como as coroas dos monarcas portugueses depositadas aos seus pés e as virtudes da Prudência, da Justiça, da Fé, da Esperança, da Caridade, da Misericórdia e da Fortaleza. Menção de outros lugares de culto onde se encontram painéis do mesmo autor situados em Estremoz e em vários lugares de Portugal. Notícia sobre a irmandade da Misericórdia de Estremoz, fundada em 1502. – (G2).

2254-11-TRINDADE (Rosa), LEMOS (Fernando Afonso Andrade), “A pintura do tecto da Sala do Despacho da irmandade do Santíssimo Sacramento de São João Baptista do Lumiar: I – o valor histórico-artístico da peça; II – para a compreensão simbólica da peça, 5.^ª *Jornadas Histórico-Culturais do Lumiar*, Lisboa, Junta de Freguesia, 2009, p. 29-73, il.

Estudo sobre a pintura do tecto da Casa do Despacho da irmandade do Santíssimo Sacramento da igreja de São João Baptista na freguesia do Lumiar, cidade de Lisboa. Data do século XVIII e foi restaurada após o incêndio da igreja em 1932, sendo analisada quanto ao seu valor histórico-artístico e simbólico. São apreciadas a alegoria da Fé, o anjo, São Boaventura, São Tomé e, segundo os autores, Calvino, cujas teses sobre a eucaristia são rebatidas na pintura. – (A5-G1).

2255-07-VALLECILLO TEODORO (Miguel Angel), *Retablistica alto alentejana (Elvas, Villaviciosa y Olivenza) en los siglos XVII-XVIII*, Mérida, Universidad Nacional de Educación a Distancia – Centro Regional de Extremadura, 1996, 390 p., il., mapas.

Monografia em castelhano sobre os retábulos pintados e esculpturados dos séculos XVII e XVIII, existentes e desaparecidos, que se encontram em lugares de culto dos concelhos de Vila Viçosa e de Elvas e em Olivença, cidade portuguesa até 1801 e hoje integrada em Espanha. O estudo trata dos temas iconográficos, da morfologia, da evolução, da tipologia, das diferenças e das semelhanças entre o retábulo português e o espanhol. Notas sobre os retábulos de Elvas e de Vila Viçosa, cujos temas iconográficos representados são sobretudo marianos: Imaculada Conceição, Nossa Senhora da Conceição, da Assunção, do Loreto, do Rosário, da Esperança, do Carmo e da Misericórdia, os santos Pedro, José, João Baptista, Jorge, Maria Madalena e Luzia. Informações sobre o programa iconográfico e iconológico dos retábulos dos lugares de culto das ordens religiosas de franciscanos, jesuítas, dominicanos e agostinhos estabelecidas na área considerada. Dados sobre os artistas e os centros artísticos do Alto Alentejo (distritos de Portalegre e de Évora) dos séculos

XVII e XVIII. Catálogo ilustrado dos retábulos. Transcrição e tradução para castelhano de documentos contratuais relativos à execução dos retábulos analisados. – (A5-C2-H1).

2256-07-VALLECILLO TEODORO (Miguel Ángel), “Tipologia de los retablos de Vila Viçosa”, *Callipole: Revista de Cultura*, n.º 9, 2001, p. 179-181.

Nota sobre os retábulos barrocos pintados existentes em lugares de culto de Vila Viçosa, sede do concelho do mesmo nome, que representam principalmente Cristo, Nossa Senhora do Loreto e os santos António, Agostinho, José e Bartolomeu.

2257-11-VARELA (Susana Maria Calado), “As pinturas maneiristas do convento de Santo António do Varatojo”, *Turres Veteras II – História moderna*, Torres Vedras – Lisboa, Câmara Municipal – Edições Colibri – Instituto de Estudos Regionais e do Municipalismo “Alexandre Herculano” [D.L. 2000], p. 147-154, il.

Estudo sobre as sete pinturas maneiristas de um retábulo executado na segunda metade do século XVI existente na igreja e na sacristia do convento franciscano masculino de Santo António no lugar do Varatojo, freguesia de Santa Maria do Castelo e São Miguel em Torres Vedras, sede do concelho do mesmo nome. A sua iconografia representa episódios relacionados com a infância e a paixão de Jesus Cristo, a vida de Santo António, a Anunciação, a Adoração dos Pastores, a Adoração dos Magos, a Ressurreição, o Aparecimento de Cristo à Virgem, o Pentecostes e o Milagre da Mula Ajoelhada Perante a Hóstia. Descrição das tábuas que representam o Pentecostes e o Milagre da Mula Ajoelhada Perante a Hóstia. – (C2).

2258-11-VARELA (Susana Maria Calado), “As tábuas maneiristas do convento de Santo António do Varatojo”, *Torres Cultural*, n.º 8, 1998, p. 27-35, il.

Estudo sobre o retábulo maneirista datado de finais do século XVI que se encontra na igreja e na sacristia do convento de Santo António do Varatojo, freguesia de Santa Maria do Castelo e São Miguel em Torres Vedras, sede do concelho do mesmo nome. O retábulo está actualmente incompleto e é composto por sete quadros a óleo que representam a Anunciação, a Adoração dos Magos, a Adoração dos Pastores, o aparecimento de Cristo à Virgem, a Ressurreição, o Milagre da Mula Ajoelhada Perante a Hóstia e o Pentecostes. Os quadros reflectem os padrões iconográficos tridentinos; a Virgem não é representada na intimidade do quarto, mas num espaço entre o sagrado e o profano; a Sagrada Família humilde é substituída pela exaltação da família do Filho de Deus; os feitos dos santos são valorizados. É apresentada uma proposta de organização das treze tábuas que compunham o retábulo. Fotografias de FLOR (Pedro). – (A5-C2).

2259-11-VASCONCELOS (Flório de), “Vistas de cidades na pintura medieval portuguesa”, *Panorama*, n.º 22, 1961, p. 3-8-, il.

Nota sobre as representações de cidades nas pinturas de temática religiosa dos séculos XV-XVI que se encontram no Museu Nacional de Arte Antiga em Lisboa: o Enterro de Cristo, a Partida de Colónia das relíquias de Santa Auta, a Chegada das relíquias de Santa Auta à igreja da Madre de Deus, os santos mártires de Lisboa (Veríssimo, Máxima e Júlia), os Milagres de Santo António e o Martírio de São Sebastião.

2260-12-VENTURA (Rui), “António Santo, de Jesus querido: milagres e trânsito de Santo António de Lisboa numa capela de Portalegre”, *Invenire: Revista de Bens Culturais da Igreja*, n.º 7, 2013, p. 33-37, il.

Notas e descrição de um conjunto de imagens de vulto de uma capela do antigo convento de Santo António, hoje desactivado, situado em Portalegre. São representados milagres do santo e, em particular, a cena que representa o trânsito de Santo António. – (H1-I3).

2261-12-VENTURA (Rui), “O sopro do Norte: algumas esculturas da região de Portalegre”, *Invenire: Revista de Bens Culturais da Igreja*, n.º 16, 2018, p. 6-17, il.

Notas sobre algumas esculturas do concelho de Portalegre, com destaque para os relevos figurativos dos finais do século XV e século XVI que representam as cenas da Dormição de Nossa Senhora, da Circuncisão de Jesus Cristo e da Apresentação do Menino Jesus no Templo de Jerusalém, assim como esculturas individuais, onde é visível a influência dos padrões estéticos do Norte da Europa. As cenas esculpidas encontram-se hoje no seminário da diocese de Portalegre – Castelo Branco, sendo provenientes do santuário do Senhor dos Aflitos em Fortios, concelho de Portalegre. – (H1).

2262-07-VERÃO (Teresa), “O ciclo de S. Bernardo de Claraval no convento de São Bento de Cástris em Évora”, *Ciclos de iconografia cristã na azulejaria: actas do I Colóquio Sacrae Imagines*, coordenação de SALDANHA (Sandra Costa), CÂMARA (Alexandra Gago da), Moscavide, Secretariado Nacional para os Bens Culturais da Igreja, 2013, p. 150-158.

Breve estudo sobre os azulejos narrativos do mosteiro cisterciense de São Bento de Cástris, freguesia da Malagueira, concelho de Évora, datados de 1328, com destaque para o ciclo de São Bernardo de Claraval, que cobre as paredes da nave, do transepto e da capela-mor. Menção dos painéis do ciclo da Virgem da capela de Nossa Senhora do Rosário. – (C2).

2263-15-VERÍSSIMO (Carlos), “Azulejos de Sesimbra e do Castelo”, *Tempo e devoção: sete séculos de arte sacra em Sesimbra*, coordenação de RODRIGUES (Cristóvão), Sesimbra, Câmara Municipal, 2001, p. 15-27, il.

Descrição dos azulejos que revestem as paredes da igreja paroquial de Nossa Senhora da Consolação, freguesia do Castelo em Sesimbra, sede do concelho do mesmo nome. A igreja, fundada em 1165, possui dezoito painéis de azulejos que representam apóstolos, evangelistas e cenas da vida de Cristo. Notícia sobre os azulejos que decoram outros lugares de culto de Sesimbra: a igreja paroquial de São Tiago, freguesia do mesmo nome, as igrejas da Misericórdia e de Nossa Senhora da Boa Viagem, assim como o santuário de Nossa Senhora do Cabo (Espichel), na feguesia do Castelo. – (C1-C2).

2264-11-VICENTE (Maria Isabel), “Imagens de compaixão e devoção da Santa Casa da Misericórdia de Montemor-o-Novo: a pintura mural da Sala do Despacho”, *A Misericórdia de Montemor-o-Novo: história e património*, Montemor-o-Novo, Santa Casa da Misericórdia de Montemor-o-Novo, 2008, p. 173-208, il.

Estudo sobre as imagens de compaixão e devoção datadas dos inícios do século XVII, que se encontram na Sala do Despacho da Santa Casa da Misericórdia de Montemor-o-Novo, sede do concelho do mesmo nome. Trata-se de pintura a fresco executada num contexto em que imperavam as normas do Concílio de Trento, tendo uma função educativa ao serviço da difusão dos dogmas e da fé entre os fiéis. Essas normas eram reproduzidas nas rígidas prescrições sinodais das dioceses, nomeadamente da diocese de Évora, publicadas no seguimento do sínodo de 1565 e reformadas na segunda década do século XVII. Análise iconográfica e iconológica das pinturas, que representam Nossa Senhora da Misericórdia e anjos ostentando as insígnias da paixão de Cristo. – (A5).

2265-11-*A arte no concelho de Vila Franca de Xira: grandes obras*, Vila Franca de Xira, Câmara Municipal – Museu Municipal, 2015, 197 [2] p., il.

Nas páginas 103-197, catálogo da exposição de arte do concelho de Vila Franca de Xira, com notas e fotografias das obras mais significativas datadas dos séculos XV a XVIII. Os lugares de culto assinalados são o convento franciscano masculino de Santo António (em ruínas), freguesia de Castanheira do Ribatejo, e a capela de Santo António da Quinta da Flamenga, freguesia da Vialonga. As pinturas e conjuntos retabulares compreendem a Apresentação do Menino no Templo, a Anunciação, a Assunção da Virgem, os Esponsais da Virgem, a Adoração da Eucaristia, Nossa Senhora com o Menino, a bandeira processional da Misericórdia com Nossa Senhora do Manto e Nossa Senhora da Piedade, telas eucarísticas, São Francisco de Assis recebendo os estigmas e Santa Maria Madalena. São apresentados ex-votos gratulatórios ao Senhor Jesus da Boa Morte de Povos em Vila Franca de Xira, por motivo de cura de doenças. A escultura está representada pelas cenas da Lamentação de Cristo e de uma Religiosa apresentando o Calvário, por Nossa Senhora do Carmo e dos Poderes, pela Pietá, pelos santos Pedro e Brás, assim como por bustos relicários de Santa Úrsula e de duas das Onze Mil Virgens. – (C2-H1-H4-H7).

2266-11-*Arte sacra: Arquivo – Museu da Santa Casa da Misericórdia da Ericeira*, organização de GORJÃO (Sérgio), Ericeira, Santa Casa da Misericórdia da Ericeira, 1994, 111 p., il., mapa.

Catálogo da exposição efectuada em 1994 na freguesia da Ericeira, concelho de Mafra, que compreendia os seguintes núcleos: bandeiras de procissão e caixotões pintados do tecto, painéis votivos, gravuras e imagens de oratório, entre outros. Neles estão representados as cenas da Paixão, o Senhor dos Passos, o Menino Jesus, Nossa Senhora do Rosário, da Conceição, da Misericórdia, da Soledade, a Visitação de Nossa Senhora a Santa Isabel, as obras de misericórdia e os sacramentos, os santos António, João Evangelista, José, Martinho de Tours, Brás, Manuel Mártir, Quintino, Francisco de Assis, Comba, Susana e Bárbara. Os ex-votos agradecem curas e o salvamento de tempestades. Notas históricas sobre a igreja paroquial de São Pedro, as capelas de Santo António e de Nossa Senhora da Boa Viagem, de São Sebastião, de Santa Marta e a da Misericórdia, construídas entre os séculos XV e XVII. – (C1-C2-H1-H4).

2267-15-*Arte sacra do século XVI (finais) ao século XVIII*, Setúbal, Câmara Municipal, [D.L. 2002], XIX p., il.

Nota de apresentação e catálogo de trinta e três obras de arte sacra, datadas de finais do século XVI ao século XVIII, provenientes do convento de Jesus, da Santa Casa da Misericórdia e de diversas igrejas de Setúbal, entre outros lugares de culto. Os objectos de culto incluem pinturas, esculturas, bustos relicários e registos, representando nomeadamente episódios da vida e invocações de Jesus Cristo, de Nossa Senhora, os santos António, Francisco de Assis, Sebastião, Jerónimo, Joaquim, José, Ana, Gertrudes Magna (abadessa) e Inês. No período abrangido, predomina a iconografia da Contra-Reforma com os temas da infância de Cristo e da vida da Virgem, assim como santos. Texto e catalogação de RIBEIRO (Francisca). – (A5-H1-H5-H7).

2268-15-*Arte sacra no concelho de Alcácer do Sal: inventário artístico da arquidiocese de Évora*, coordenação geral de RAMOS (Maria do Céu), coordenação científica de BORGES (Artur Goulart de Melo), Évora, Fundação Eugénio de Almeida, 2008, 118 p., il.

Inventário bilingue (português-inglês) de arte sacra do concelho de Alcácer do Sal, datada do século XIV e sobretudo dos séculos XVI a XVIII. Nota introdutória que descreve as igrejas paroquiais, as não paroquiais e as capelas edificadas entre os séculos XIII e XVIII. São dedicadas ao Espírito Santo, a Santa Maria, a Nossa Senhora dos Mártires, da Consolação, do Monte, da Assunção, da Albergaria, do Bom Sucesso, da Graça, de Ara-Coeli, aos santos Tiago, Romão, Martinho de Tours, João Baptista, Sebastião, João Nepomuceno, António, às santas Ana, Catarina de Alexandria, Susana e às

Onze Mil Virgens. Os objectos de culto destacados são as imagens de Cristo Crucificado, de Nossa Senhora da Piedade, da Cinta, da Boa Viagem, dos santos Amaro e Catarina de Sena (Siena), o retábulo esculpido de Nossa Senhora do Rosário. As pinturas em tela e azulejo figuram a Vida da Virgem, a Adoração dos Reis Magos, o Julgamento e Martírio de São Sebastião, a vida de São Tiago, a vida de Santo António, Santo Amaro e Santa Susana. Um ex-voto pintado representa um milagre de cura. O texto introdutório é de PEREIRA (Maria Teresa Lopes). – (C1-C2-H1-H4).

2269-07-*Arte sacra no concelho de Borba: inventário artístico da arquidiocese de Évora*, coordenação geral de RAMOS (Maria do Céu), coordenação científica de BORGES (Artur Goulart de Melo), Évora, Fundação Eugénio de Almeida, 2014, 108 p., il.

Inventário bilingue (português-inglês) de arte sacra do concelho de Borba, datada o século XIII ao século XIX. Nota introdutória que descreve as igrejas paroquiais, as não paroquiais, as capelas, os conventos e os mosteiros, existentes ou em ruínas, edificadas entre os séculos XIII e XVII. Os lugares de culto são dedicados ao Senhor Jesus dos Aflitos, a Santa Maria, a Nossa Senhora da Orada, aos santos Bartolomeu, Tiago, Sebastião, António, Miguel Arcanjo, Cláudio, Pedro, Lourenço e Nicolau. Menção de diversos objectos de culto, sobretudo da igreja paroquial de Borba. As imagens de vulto ou em retábulo figuram Cristo Crucificado, o Senhor dos Aflitos, Nossa Senhora das Servas, os santos Bartolomeu, Bonifácio de Tarso e Maria Madalena. As pinturas representam a Santíssima Trindade, o Triunfo da Eucaristia, Nossa Senhora do Sobral e Nossa Senhora da Conceição. São ainda referidos azulejos pintados que representam São Miguel Arcanjo, um ex-voto com a cena de um milagre de cura, um baixo-relevo de Cristo em Majestade com os Apóstolos e um alto-relevo que representa um Calvário. O inventário apresenta ainda uma cruz relicário. O texto introdutório é de SIMÕES (João Miguel). – (C1-C2-H1-H4).

2270-07-*Arte sacra no concelho de Montemor-o-Novo: inventário artístico da arquidiocese de Évora*, coordenação geral de RAMOS (Maria do Céu), coordenação científica de BORGES (Artur Goulart de Melo), Évora, Fundação Eugénio de Almeida, 2011, 110 p., il.

Inventário bilingue (português-inglês) de arte sacra do concelho de Montemor-o-Novo, datada do século XV ao século XIX. Contém uma nota introdutória que descreve as igrejas paroquiais, as não paroquiais, as capelas e os conventos, existentes ou em ruínas, edificadas entre os séculos XIII e XVII. Os lugares de culto são dedicados ao Senhor Jesus do Calvário, a Nossa Senhora da Saudação, da Represa, da Visitação, da Assunção, da Conceição, aos santos Cristóvão, Aleixo, Mateus e João de Deus. As imagens figuram

a cena do Calvário, Nossa Senhora com o Menino Jesus, Nossa Senhora da Purificação, os santos João de Deus, Rafael Arcanjo, Simão Apóstolo, João Baptista e João Evangelista. As pinturas compreendem o retábulo pintado da Trindade, Nossa Senhora do Carmo e São Pedro; os azulejos pintados representam o Casamento da Virgem. Os ex-votos, sob a forma de tábuas pintadas e de fotografias, foram criados para agradecer a cura de pessoas e a protecção de militares. Há ainda um busto relicário de Santa Úrsula e dois relicários, um dos quais com um fragmento de osso de São João de Deus. O texto introdutório é de BORGES (Ana Maria). – (C1-H1-H4-H7).

2271-07-*Arte sacra no concelho de Portel: inventário artístico da arquidiocese de Évora*, coordenação geral de RAMOS (Maria do Céu), coordenação científica de BORGES (Artur Goulart de Melo), Évora, Fundação Eugénio de Almeida, 2010, 110 p., il.

Inventário bilingue (português-inglês) de arte sacra do concelho de Portel, datada do século XIV ao século XX. Contém uma nota introdutória que descreve as igrejas paroquiais, as não paroquiais, as capelas, existentes ou em ruínas, edificadas entre os séculos XIII e XVII. Os lugares de culto são dedicados a Santa Maria, a Nossa Senhora das Neves, da Assunção, da Atalaia, da Saúde, da Giesteira, aos santos Pedro, Julião, António, Faraústo, Lourenço, Bento, Brás e Catarina de Alexandria. Os objectos de culto compreendem: imagens que figuram Nossa Senhora com o Menino, Nossa Senhora do Carmo, os santos André Apóstolo, Bartolomeu, Onofre, João Evangelista; pinturas que representam Nossa Senhora com o Menino, São Luís, rei de França, o Nascimento de São João Baptista, Santa Helena e a Ressurreição do Jovem, Santa Flora de Beaulieu (ordem dos Hospitalários); azulejos pintados que figuram Jesus Despojado das Vestes e as placas em baixo-relevo com os santos Pedro e Paulo. São apresentadas ainda uma cruz relicário do Santo Lenho e uma cruz processional. O texto introdutório é de PAGARÁ (Ana). – (C1-C2-H1-H7).

2272-07-*Arte sacra no concelho de Redondo: inventário artístico da arquidiocese de Évora*, coordenação geral de RAMOS (Maria do Céu), coordenação científica de BORGES (Artur Goulart de Melo), Évora, Fundação Eugénio de Almeida, 2015, 104 p., il.

Inventário bilingue (português-inglês) da arte sacra do concelho do Redondo, datada dos séculos XVI-XVII e sobretudo do século XVIII. Contém uma nota introdutória que descreve as igrejas paroquiais, as não paroquiais e as capelas do Calvário, de Nossa Senhora da Anunciação, da Saúde, da Assunção e dos santos Bento e Susana, situadas na freguesia do Redondo, bem como a do Espírito Santo na freguesia de Montoito. As imagens inventariadas figuram Cristo Crucificado, Santa Ana com a Virgem, o Anjo Custódio, os santos Elesbão (rei

da Etiópia, século VI), João Nepomuceno e Rita de Cássia. Quanto às pinturas, representam Cristo Crucificado, Cristo Abraçando Bernardo de Claraval, Cristo Ressuscitado, a Anunciação e a Visitação; os azulejos pintados figuram cenas da vida de São Bento e a Apresentação do Menino Jesus no Templo; um baixo-relevo contém a cena dos Reis Magos; e um ex-voto representa um milagre de cura. O texto introdutório é de AZARUJA (João Cardoso). – (C1-C2-H1-H4).

2273-07-*Arte sacra no concelho de Reguengos de Monsaraz: inventário artístico da arquidiocese de Évora*, coordenação geral de RAMOS (Maria do Céu), coordenação científica de BORGES (Artur Goulart de Melo), Évora, Fundação Eugénio de Almeida, 2012, 112 p., il.

Inventário bilingue (português-inglês) de arte sacra do concelho de Reguengos de Monsaraz, datada do século XIV ao século XVIII. Contém uma nota introdutória que descreve as igrejas paroquiais, as não paroquiais e as capelas. Os lugares de culto são dedicados a Nossa Senhora da Alagoa, das Neves e da Caridade, aos santos António, Pedro, Tiago e Bento, entre outros edificadas desde a Idade Média ao século XX. As imagens figuram Santo Agostinho e as santas Mónica, Bárbara e Rita de Cássia. Os retábulos pintados representam o Baptismo de Cristo, a Tentação de Cristo, Nossa Senhora da Lagoa, os santos João Baptista e André, assim como o Martírio de São Brás. Apresenta ainda várias medalhas e dois rosários. O texto introdutório é de CONDE (Maria Antónia Fialho). – (C1-C2-H1-H6).

2274-12-*Azulejaria de Portalegre – um olhar sobre a cidade*, direcção de GARRAIO (Isilda), CALDEIRA (António), Portalegre, Escola Secundária de São Lourenço, 1998, 92 [2] p., il.

Levantamento do património em azulejaria da cidade de Portalegre que menciona diversos lugares de culto: a Sé e a igreja de São Lourenço, ambas paroquiais, as igrejas do Espírito Santo, do Senhor Jesus do Bonfim e o convento de São Bernardo de Claraval. A iconografia representada é constituída pelo Baptismo de Cristo, a Fuga para o Egipto, o Repouso na Fuga para o Egipto, cenas da vida da Virgem, a predicação de São João Baptista, o Sermão da Montanha, a vida de São Bernardo de Claraval, a Ceia, a Ascensão e outras cenas da vida de Cristo. Em pequenos registos de azulejos dispersos pela cidade são representados o Bom Pastor, a Aparição do Anjo a Nossa Senhora, Nossa Senhora de Fátima, os santos António, Jorge, Cristóvão e Pedro. – (C1-C2).

2275-07-*Dois caminhos para Belém: catálogo da exposição de presépios de Tiago Cabeça, Magda Ventura e Delfim Manuel*, Évora, Rotary Club de Évora, 2004, 71 [4] p., il.

Catálogo da exposição de presépios realizada na igreja de São Vicente em Évora no final de 2004, constituída por cinquenta e oito representações

portáteis do presépio que evidenciam dois estilos bem distintos percorridos pelos artistas Tiago/Magda Ventura e Delfim Manuel: o de Delfim Manuel reflecte a vivência rural do seu autor no norte de Portugal e a influência barroca; o de Tiago/Magda Ventura expressa um cariz mais urbano oriundo de uma oficina de Évora e evidencia uma linguagem própria. Fotografias de CABEÇA (Tiago) e CARMELO (Guilherme).

2276-07-*Do mundo antigo aos novos mundos: humanismo, classicismo e notícias dos descobrimentos em Évora (1516-1624)*, coordenação de CUNHA (Mafalda Soares da), Lisboa – Évora, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos, 1998, 518 p., il.

Nas páginas 249-518, catálogo da exposição realizada no Museu do Artesanato de Évora em 1998-1999, que compreendia alguma imaginária e pintura provenientes de lugares de culto de Évora ou que se encontram actualmente no Museu Municipal de Évora e no Museu Nacional de Arte Antiga de Lisboa. Os objectos de culto representavam o Ecce Homo, a Virgem com o Menino, a Imaculada Conceição, o Nascimento e Infância da Virgem, a Adoração dos Magos, o Nascimento de São João Baptista, os Evangelistas, Santa Ana e o Martírio das Onze Mil Virgens. São referidas igualmente uma cruz processional e algumas imagens em marfim indo-portuguesas, cingalo-portuguesas e sino-portuguesas. – (H1-H3).

2277-07-*Do mundo antigo aos novos mundos: humanismo, classicismo e notícias dos descobrimentos em Évora (1516-1624): roteiro*, coordenação de CUNHA (Mafalda Soares da), Lisboa – Évora, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos, 1998, 75 p., il.

Roteiro da exposição sobre a época dos Descobrimentos em Évora (1516-1624), que dá uma breve notícia das pinturas nela expostas. Estas representam a Imaculada Conceição, a Genealogia da Infância da Virgem, a Virgem e Santa Isabel, o Nascimento de São João Baptista, o Martírio das Onze Mil Virgens, a Adoração dos Pastores, o Ecce Homo, Santa Ana e uma cruz processional. – (H3).

2278-11-*É Natal em Belém: presépios de Delfim Manuel*, Lisboa, Museu da Presidência da República, 2016, 29 p., il.

Catálogo da exposição de presépios de Delfim Manuel realizada no Museu da Presidência da República em Lisboa no ano de 2016. Notícia histórica sobre a presença do tema do presépio nas estéticas europeias do Renascimento ao século XX. A obra do autor é analisada no contexto multissecular da figuração do presépio em Portugal. Os presépios foram produzidos recentemente e representam a cena de modo a fundir a alegria, a cor, a exuberância e o ritmo da dimensão popular do presépio com a sua vertente erudita, que integra o

gosto pelo figurativo, pelo retrato psicológico e pela capacidade de se reinventar e inovar. A apresentação dos presépios é feita por PAIS (Alexandre Nobre). – (H1).

2279-11-*A encomenda prodigiosa: da Patriarcal à capela real de São João Baptista*, Lisboa, Museu Nacional de Arte Antiga – Museu de São Roque – Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, 2013, 188 [1], 138 [1] p., il., plantas.

Roteiro da exposição realizada em 2013 sobre a desaparecida capela da Patriarcal, cujo acervo não destruído pelo terramoto de 1755 se encontra no Museu Nacional de Arte Antiga, e sobre a capela de São João Baptista da igreja de São Roque, ambas em Lisboa. No núcleo do Museu Nacional de Arte Antiga, são de assinalar os relicários com porções das vestes de Cristo e de São João Evangelista e porções/partículas de ossos dos santos Mateus e Joaquim, das santas Ana, Maria Madalena, Clara de Assis e Catarina de Sena (Siena); as pinturas que representam a Virgem com o Menino e santos, a Coroação da Virgem pela Santíssima Trindade e a Imaculada Conceição. No núcleo do Museu de São Roque e da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa constam pinturas e desenhos que representam a Anunciação, o Baptismo de Cristo e o Pentecostes, assim como um relicário de São Félix. Notas de apresentação dos núcleos de exposição de PIMENTEL (António Filipe). – (H7).

2280-11-*A espada e o deserto*, Lisboa, Museu Nacional de Arte Antiga, 2002, 47 p., il.

Catálogo da exposição de pinturas e esculturas que representam personagens santas martirizadas e eremitas que se encontram no acervo do Museu Nacional de Arte Antiga em Lisboa, datadas dos séculos XV a XVIII. Para cada uma das obras é apresentada uma breve hagiografia e os signos comuns e particulares da representação iconográfica. Os objectos de culto representam os santos Bartolomeu, Sebastião, Estêvão, João Evangelista, Lourenço, Julita e Guerito, Inácio de Antioquia, Cristóvão, Onofre, Jerónimo, Paulo Eremita, Nicolau, Mártires de Marrocos, Infante Dom Fernando e as santas Quitéria, Eugénia, Bárbara, Margarida de Antioquia ou da Galiza, Clara de Assis, Apolónia, Luzia, Ágata, Maria Madalena, Maria Egípcíaca, Catarina de Alexandria, Comba ou Vilgeforte, Úrsula e as Onze Mil Virgens. – (B2-H1).

2281-11-“Exposição iconográfica e bibliográfica comemorativa do VIII Centenário da chegada das relíquias de São Vicente a Lisboa”, *Revista Municipal*, Câmara Municipal de Lisboa, n.º 138-139, 1973, p. 88-95, il.

Notícia sobre a exposição iconográfica e bibliográfica comemorativa do VIII centenário da chegada das relíquias de São Vicente a Lisboa, realizada com a finalidade de mostrar os reflexos do culto de São Vicente na iconografia localizada nesta cidade e em outras partes de Portugal. São referidas

iluminuras da trasladação do corpo de São Vicente e pinturas com a representação do santo.

2282-11-*Formas de devoção*, coordenação de PAIS (Alexandre Nobre), Lisboa, Museu Nacional do Azulejo, 1999, 67 p., il.

Nas páginas 12 a 65, nota de apresentação e catálogo da exposição *Formas de Devoção*, efectuada no Museu do Azulejo em Lisboa, constituída por objectos em cerâmica dos séculos XVI a XIX, provenientes sobretudo de Lisboa. São objectos de pequena dimensão e simples: imagens, registos em painéis de azulejo, pias de água benta, alminhas, placas e medalhões com representações do Menino Jesus, do Calvário, da Cruz, do Santo Sudário, de Nossa Senhora (frequentemente figurada com expressões de ternura e de carinho maternal), de Nossa Senhora da Conceição e de santos como António (Santo António com o Menino), João Baptista, Marçal e Miguel Arcanjo, assim como oito pequenos bustos-relicários de santos bispos datados do século XVIII. – (H1-H6-H7).

2283-07-*Francisco Henriques: um pintor em Évora no tempo de D. Manuel*, coordenação GOUVEIA (António Camões), Lisboa – Évora, Comissão Nacional Para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses – Câmara Municipal de Évora, [D.L. 1997], 220 p.

Nas páginas 69-220, catálogo da exposição sobre o pintor Francisco Henriques e a sua época (princípios do século XVI) realizada em Évora em 1997, que compreende imagens e pinturas de museus de Évora e de outros museus de Portugal. As imagens figuram Cristo Crucificado, a Santíssima Trindade, as Santas Mães. As pinturas representam a paixão de Cristo, o Ecce Homo, cenas da vida de Nossa Senhora, Nossa Senhora com o Menino entre São Bento e São Bernardo de Claraval, o Pentecostes, a Ascensão de Cristo, a Ressureição, Santo António, a Estigmatização de São Francisco de Assis, São João Evangelista em Patmos, São João Baptista no Deserto, os santos Martinho de Tours, Vicente e Sebastião, as santas Catarina de Alexandria, Bárbara, Margarida de Antioquia ou da Galiza e Apolónia. – (H1).

2284-11-*Jerónimos 4 séculos de pintura: 1992/Mosteiro dos Jerónimos* [catálogo], coordenação de de ALMEIDA (Isabel Cruz), FRANCO (Anísio), MÂNTUA (Ana Anjos), PAIS (Ana Cristina), VERÍSSIMO (Ana Maria), [Lisboa], Secretaria de Estado da Cultura – Instituto Português do Património Arquitectónico e Arqueológico-Mosteiro dos Jerónimos, [D.L. 1993], 2 vol., 132-431 p., il.

O volume II do catálogo da exposição *Jerónimos: 4 séculos de pintura* em Lisboa contém nas páginas 6-39, 70-73, 92-93, 112-113, 132-191, 202-205, 218-27, 240-291, 337-350 e 366-406 dados artísticos e históricos sobre as pinturas do mosteiro. Estas retratam episódios do nascimento, vida, paixão e morte de Cristo, do nascimento e vida da Virgem, a Sagrada Família, arcanjos e

anhos, Nossa Senhora de Belém, das Dores, da Encarnação, do Leite, do Loreto, do Pópulo, bem como os santos Agostinho, António, Barnabé, Bartolomeu, Filipe, Francisco de Assis, Francisco de Sales, Francisco Xavier, Jerónimo (vários passos da sua vida), João Baptista, Lucas, Marcos, Mateus, Matias, Raimundo, Simão, Tadeu, Tiago, Tomé e as santas Cecília, Maria Madalena e Paula. Menção das relíquias dos santos Cândido Mártir e de São Filipe de Néri. – (H7).

2285-11-*Josefa de Óbidos e o tempo barroco*, coordenação de SERRÃO (Vitor), Lisboa, Instituto Português do Património Arqueológico, 1991, p. 99-281, il.

Nas páginas 99-281, catálogo das obras de Josefa de Óbidos, de seus discípulos e imitadores, de Baltazar Gomes Figueira e de pintura espanhola do “Siglo d’Oro” expostas na Galeria de Pintura do Rei Dom Luís em Lisboa. São provenientes de diversos lugares de culto, de museus e de colecções particulares que se situam nos distritos de Coimbra, de Leiria, de Évora e principalmente de Lisboa (Museu de Nacional de Arte Antiga). Os temas sagrados compreendem representações do Menino Jesus Salvador do Mundo, do Menino Jesus Romeiro, da Santa Face, do Senhor da Cana Verde, de Aparições da Virgem a Santo António e a São Bernardo de Claraval, de Nossa Senhora do Pópulo, da Piedade, de cenas da Vida de Santa Teresa de Jesus e de Santa Catarina de Alexandria, do Casamento Místico de Santa Catarina, e de outros santos, por exemplo João da Cruz, João Baptista, José, Paula, Justa e Rufina. Catálogo organizado por SERRÃO (Vitor), BARROS (Ana Mafalda de Magalhães) e CAMPILHO (Maria José Holstein)

2286-11-*Lisboa quinhentista: a imagem e a vida da cidade*: coordenação de MOITA (Irisalva), Lisboa, Direcção dos Serviços da Câmara Municipal, 1983, 265 p., il.

Nas páginas 45-265 é apresentado o catálogo da exposição Lisboa Quinhentista efectuada no Museu da Cidade. Inclui a indicação de igrejas paroquiais e não paroquiais, capelas, ermidas, conventos e cruzeiros, cujos principais titulares são Nossa Senhora de Belém, Nossa Senhora do Desterro, da Conceição, da Graça, da Luz, da Pena, da Rosa e dos Remédios, assim como os santos Amaro, Antão, António, Cristóvão, João Baptista, Lázaro, Roque, Sebastião e Vicente. As imagens representam os santos António e Vicente; as pinturas figuram o Inferno, a Anunciação, Nossa Senhora da Misericórdia, a Chegada das Relíquias de Santa Auta ao mosteiro da Madre de Deus, os santos António, Sebastião, Apolónia, Margarida de Antioquia ou da Galiza e Úrsula, assim como os Santos Mártires de Lisboa (Veríssimo, Máxima e Júlia). – (C1-C2-H1).

2287-11-*Luis de Morales: a un lado y outro de la Raya / a um e outro lado da Raia*, coordenação de VELEZ (Obdulia), CANO (Xavier), Badajoz, Junta de Extremadura, Consejería de Cultura, 2000, 217 p., il.

Catálogo da exposição sobre o pintor Luis de Morales efectuada em Badajoz e em Lisboa entre 2000 e 2001, que inclui diversas pinturas provenientes da igreja matriz de Elvas, sede do concelho do mesmo nome, do convento das clarissas franciscanas do Montijo, sede do concelho do mesmo nome, do Museu Nacional de Arte Antiga e da Academia de Ciências de Lisboa, representando o Ecce Homo, o Nazareno, cenas da vida de Nossa Senhora, a Virgem e o Menino e São João Baptista.

2288-07-*Montemor-o-Novo na época da expansão marítima*, Montemor-o-Novo, Câmara Municipal, 1996, 32 p., il.

Catálogo da exposição subordinada ao tema Montemor-o-Novo na Época da Expansão Marítima realizada em Montemor-o-Novo, sede do concelho com o mesmo nome, composta por objectos de natureza diversa, entre os quais estão as imagens e pinturas que representam Nossa Senhora com o Menino e os santos Pedro, Sebastião, Lourenço, Brás, António, Paulo Eremita, João Evangelista, João Baptista, Cosme e Damião, Geraldo, Gens e Santa Catarina de Alexandria, provenientes de igrejas e capelas do concelho. – (H1).

2289-11-*Natividade em S. Roque*, coordenação de SILVA (Nuno Vassalo e), Lisboa, Museu de São Roque – Livros Horizonte, 1994, 91 [4] p., il.

Nas páginas 33-91, catálogo da exposição sobre o tema da natividade realizada na igreja de São Roque em Lisboa. Os objectos de culto expostos são constituídos por pinturas, gravuras, grupos escultóricos, baixos-relevos, azulejos pintados, relicários, entre outros objectos de culto, datados dos séculos XV a XVIII, que pertencem principalmente ao Museu de São Roque. Cada peça é acompanhada de uma ficha descritiva com dados sobre a sua origem, autoria e características plásticas e iconográficas. A mostra compreende o ciclo temático da natividade, desde o nascimento de Jesus à adoração dos Reis Magos. – (H1-H7).

2290-12-“Património histórico de Elvas: os oito painéis do antigo retábulo-mor da igreja de São Domingos”, *Elvas, História Viva: Revista Municipal de Cultura e Património*, n.º 7, 2008, s. p. [2 p.], il.

Notícia sobre o antigo retábulo-mor da igreja de São Domingos em Elvas, sede do concelho do mesmo nome, datado dos finais do século XVI e inícios do século XVII. O retábulo de talha dourada, hoje na igreja de São Francisco de Assis, contém esculturas e pinturas contendo a representação de cenas da vida e morte de Cristo. – (C2).

2291-11-*A pintura e os pintores da Santa Casa da Misericórdia da Ericeira*, coordenação de BATORÉO (Manuel), Mafra, Editora Mar de Letras, 1998, 63-[48] p., il.

Estudo sobre as pinturas da igreja da Santa Casa da Misericórdia (século XVIII) edificada sobre a antiga ermida do Espírito Santo na freguesia da Ericeira, concelho de Mafra. A instalação da irmandade da Misericórdia em 1678 (os primeiros estatutos são de 1697) e a sua acção assistencial. Descrição genérica da igreja: o altar-mor com a escultura de Nossa Senhora do Rosário, a capela com o altar de Nosso Senhor dos Passos e diversas telas. Análise detalhada das telas que representam a Visitação e Nossa Senhora da Misericórdia. Notas sobre o tema de Nossa Senhora da Misericórdia, com base nas características gerais desta. Menção de outras pinturas do mesmo autor na igreja de Nossa Senhora da Encarnação, freguesia da Encarnação, concelho de Mafra, representando cenas da vida da Virgem. As pinturas nos caixotões do tecto da igreja figuram as Sete Obras Corporais, os Sete Sacramentos e as Sete Obras Espirituais. As procissões organizadas pela Santa Casa da Misericórdia na época pascal: a dos Fogaréis e a do Enterro do Senhor, nas quais foram utilizadas, até 1875, diversas bandeiras com temas da paixão de Cristo: a Prisão de Cristo, Cristo Flagelado, Cristo perante Pilatos, Cristo Escarnecido, o Ecce Homo, Cristo a caminho do Calvário, a Lamentação sobre Cristo Morto e a Deposição no Túmulo. – (C2-E3-G2-H3).

2292-11-*Os Presépios de Belém: o Natal e a arte*, Lisboa, Presidência da República, 1996-1997, 46 p., il.

Nas páginas 38 a 46, catálogo da exposição de presépios realizada na residência oficial da presidência da República em Lisboa em 1996-1997. Compreende trinta e nove imagens e grupos esculpturados de presépios provenientes de diversos museus de Lisboa e de colecções particulares. – (H1).

2293-11-*Presépios portugueses: exposição de documentação fotográfica*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, [D.L. 1986], s. p. [16 p.], il.

Nota introdutória e catálogo de presépios portugueses ou de partes de presépios dos séculos XVIII a XX, que integram a exposição itinerante da Fundação Calouste Gulbenkian (são cerca de 40). Na sua maioria são conjuntos esculpturados e também imagens individuais em barro policromado que pertencem ao Museu Nacional de Arte Antiga, à Fundação Calouste Gulbenkian e à Basílica do Sagrado Coração de Jesus ou da Estrela em Lisboa. Considerações sobre a arte dos presépios desenvolvida a partir do século XVIII em Portugal, principalmente com a produção do escultor Machado de Castro. No nosso país, esta arte escultórica tem um valor iconográfico e também um grande valor folclórico e artístico. A conturbada vida política do século XIX e principalmente a extinção dos conventos em 1834, levou a que muitos presépios fossem destruídos e outros desapareceram ou ficaram reduzidos a poucas peças. – (H1-I3).

2294-11-*Revelações: o presépio de Santa Teresa de Carnide*, coordenação editorial de HENRIQUES (Ana de Castro), Lisboa, Museu Nacional de Arte Antiga, 2012, 100 p., il.

As páginas 88-95 do catálogo da exposição realizada no Museu Nacional de Arte Antiga em Lisboa no final de 2011 e início de 2012, são dedicadas à reconstituição científica e técnica do presépio do extinto convento carmelita de Santa Teresa de Jesus de Carnide em Lisboa. O presépio compreende a Virgem, o Menino e São José, anjos, figuras com oferendas e foliões, entre outras. – (H1).

2295-11-*Património Histórico da Santa Casa da Misericórdia de Cascais*, Cascais, Câmara Municipal – Santa Casa da Misericórdia, [D.L. 1998], 40 p.

Nas páginas 24 a 40 contém o catálogo da exposição sobre o património histórico da Santa Casa da Misericórdia de Cascais, sede do concelho do mesmo nome, realizada em 1998. Entre outros objectos, a exposição apresentou pinturas do retábulo da igreja, a bandeira, as insígnias da procissão das Endoenças e um ex-voto pintado onde está representado Cristo e Nossa Senhora, as imagens de Cristo Crucificado, de Nossa Senhora, o presépio, Santo António com o Menino, os santos João Baptista, Silvestre, Joaquim e Santa Ana, assim como uma cruz processional. – (H1-H3-H4).

2296-07-*Roteiro turístico terras do fresco: Alvito, Cuba, Portel, Viana do Alentejo, Vidigueira*, coordenação de SOUSA (Catarina Vilaça de), Cuba, AMCAL – Associação de Municípios do Alentejo Central, 2006, 175 [1] p., il., mapas.

Roteiro do património natural, cultural e gastronómico de alguns concelhos do Alentejo (distritos de Évora, Beja, Portalegre e a parte norte do distrito de Setúbal), que contém um guia das pinturas a fresco datadas dos séculos XV-XVII. Representam santos e santas existentes em diversos lugares de culto dos concelhos de Portel e Viana do Alentejo do distrito de Évora e dos concelhos de Alvito, Cuba e Vidigueira do distrito de Beja. Menção de igrejas paroquiais e não paroquiais, capelas e ermidas dedicadas ao Senhor dos Passos, da Ladeira, do Cruzeiro, ao Espírito Santo, a Nossa Senhora das Candeias, da Conceição, da Assunção, da Encarnação, da Represa, da Visitação, da Conceição da Rocha, das Neves, da Giesteira e de Aires (Viana do Alentejo), aos santos Cucufate (mártir), Brás, Francisco de Assis, Rafael Arcanjo, Pedro, Neutel, António, Sebastião, Vicente, Lourenço, Geraldo, Luzia e Catarina de Alexandria. Notícia das festas, romarias e procissões: as procissões da Semana Santa e diversas celebrações em honra de Nossa Senhora e de alguns santos. – (C1-C2-D2-E3).

2297-...-*O santo do Menino Jesus: Santo António, arte e história*, Lisboa, Instituto Português de Museus – Instituto de Comércio Externo Português, 1995, 175 p., il.

Nas páginas 65-175, é apresentado o catálogo da exposição O Santo do Menino Jesus do Museu Nacional de Arte Antiga de Lisboa, que englobava objectos do património português, desde século XIII até à Época Contemporânea, provenientes de diversos museus e bibliotecas do País. Eles retratam o tempo português de Santo António, a sua opção franciscana, a vida e os milagres. Os objectos expostos são constituídos por pinturas, frescos, um ex-voto, imagens, baixos-relevos, cruzes, objectos preciosos e de uso quotidiano, uma arca-relicário, painéis de azulejo, bestiários, livro da regra das freiras de Santa Clara de Assis e gravuras com figurações franciscanas e antonianas. Neles são apresentadas cenas da vida e milagres de Santo António, como por exemplo, o Milagre das Bilhas, a Aparição do Menino, o Santo e o Menino, a pregação aos peixes e às aves. Alusão aos santos Agostinho, Alberto Magno, Antão, Benedito de Palermo, Bento, Bernardino de Sena (Siena), Domingos, Francisco Assis, Tiago Maior e Mártires de Marrocos (franciscanos). – (H1-H4-H7).

2298-15-*Tempo e devoção: sete séculos de arte sacra em Sesimbra*, coordenação de RODRIGUES (Cristóvão), Sesimbra, Câmara Municipal, 2001, 84 p., il. Nas páginas 9-12 e 29-83, nota de apresentação e catálogo da exposição Tempo e devoção: sete séculos de arte em Sesimbra, que decorreu em 2001 nesta localidade, sede do concelho do mesmo nome. A exposição compreende documentos para a história de Sesimbra e objectos de culto datados dos séculos XIV e XVIII. As imagens figuram o Senhor das Chagas, o Padre Eterno, o Menino Jesus, Nossa Senhora com o Menino, Nossa Senhora do Rosário, do Cabo, os santos Sebastião, Amaro, Joaquim, António, Bento e as santas Vitória e Ana. As pinturas representam o Pentecostes, Nossa Senhora da Misericórdia, a Coroação da Virgem, a Imaculada Conceição, a Visitação, os santos Agostinho e António, assim como quatro pendões de procissão, a bandeira da Misericórdia e três ex-votos pintados de Nossa Senhora do Cabo (Espichel) na freguesia do Castelo em Sesimbra. A nota de apresentação é de PEREIRA (Fernando António Baptista), aliás BAPTISTA (Fernando António). Os textos de análise dos objectos de culto são deste autor e de PINHO (Elsa Garrett), CAETANO (Joaquim Oliveira), BATORÉO (Manuel) e DESTERRO (Maria Teresa). – (H1-H3-H4).

H3 – Bandeiras, bastões de procissão

2299-07-ARAÚJO (Maria Marta Lobo de), “Os bens móveis da Misericórdia de Vila Viçosa em 1764”, *Callipole: Revista de Cultura*, n.º 10-11, 2002-2003, p. 73-92, il.

Estudo sobre os bens móveis profanos e religiosos da Misericórdia de Vila Viçosa, sede do concelho do mesmo nome, segundo o inventário efectuado

no ano de 1764. São mencionados objectos utilizados nos actos fúnebres, as dez bandeiras da irmandade utilizadas em enterros e procissões, assim como diversas imagens de Cristo Crucificado e de Nossa Senhora. Na igreja da Misericórdia estiveram durante a Época Moderna as confrarias do Santíssimo Sacramento, dos Fiéis de Deus, de Nossa Senhora do Rosário, de Nossa Senhora do Loreto, de São Bartolomeu e a das Almas. Notas sobre a irmandade da Misericórdia. – (G1-G2-H1).

2300-07-BORGES (Augusto Moutinho), “As Bandeiras Reais e a figuração de Nossa Senhora da Piedade na Santa Casa da Misericórdia de Montemor-o-Novo”, *A Misericórdia de Montemor-o-Novo: história e património*, Montemor-o-Novo, Santa Casa da Misericórdia, 2008, p. 307-320, il.

Nota sobre a representação do tema da Mater Misericordiae e sobre as funções dos estandartes das Misericórdias. Apresentação de uma classificação das bandeiras das Misericórdias por temas: caridade, condenado, mendigos, índio, cativos, presos, soldado morto, santos e sobretudo Nossa Senhora da Misericórdia ou da Piedade. Descrição das bandeiras reais da Misericórdia de Montemor-o-Novo, sede do concelho do mesmo nome, que se inscrevem no grupo das que têm a representação/invocação dos presos. – (G2).

2301-11-CAETANO (Joaquim Oliveira), “A cruz, do símbolo à narrativa: a complexificação iconográfica nas cruzes processionais”, *Inventário do Museu Nacional de Arte Antiga: colecção de metais, cruzes processionais séculos XII e XVI*, coordenação de OREY (Leonor de), Lisboa, Ministério da Cultura – Instituto Português dos Museus, 2003, p. 56-61, il., quadro.

Breve estudo sobre a simbologia e a narrativa religiosas das cruzes processionais do Museu Nacional de Arte Antiga em Lisboa, que fazem delas símbolo da crucificação, centros condensadores da história divina nos seus grandes momentos – perdição, redenção, salvação – e emblema do cristianismo.

2302-11-FRANCO (Anísio), “Cruzes processionais dos séculos XI a XVI”, *Inventário do Museu Nacional de Arte Antiga: colecção de metais, cruzes processionais, séculos XII e XVI*, coordenação de OREY (Leonor de), Lisboa, Ministério da Cultura – Instituto Português dos Museus, 2003, p. 15-21, il., quadros.

Nota sobre as cruzes processionais dos séculos XI a XVI que fazem parte do acervo do Museu Nacional de Arte Antiga em Lisboa. As cruzes são divididas em vários grupos: as que datam dos séculos XI-XII pertencem a uma tradição local; as que datam do século XIII reflectem uma grande influência de Limoges (França); as que datam do século XIV possuem uma decoração profusa; as que datam do século XV são despojadas de ornamentos; as que datam do século XVI são de novo ornamentadas e com a figura de Cristo

esculpida com maior rigor anatómico. A figura de Cristo é apresentada esculpida, em relevo e gravada ou pintada.

2303-11-FRANCO (Anísio), “A ourivesaria do círio do Cabo no Museu Nacional de Arte Antiga”, *II Encontros de Nossa Senhora do Cabo*, Almargem do Bispo, Comissão de Festas de Nossa Senhora do Cabo Espichel, 2006, s. p. [p. 1-2].

Nota sobre uma cruz processional dos princípios do século XVI proveniente da igreja paroquial da freguesia de Alcabideche, concelho de Sintra, que se encontra no Museu de Arte Antiga em Lisboa. ligada ao círio de Nossa Senhora do Cabo (Espichel) na freguesia do Castelo em Sesimbra, sede do concelho do mesmo nome, que servia de ponto de referência aos romeiros na dianteira das procissões.

2304-11-GONÇALVES (António Manuel), “Da ourivesaria Portuguesa”, *Boletim Cultural*, Assembleia Distrital de Lisboa, t. 1, n.º 91, 1989, p. 71-82 [10], il.

A propósito de umas notas sobre a ourivesaria e ourives portugueses, são mencionados objectos de culto e alfaias (dos séculos XII a XVI), como por exemplo a designada custódia do mosteiro dos Jerónimos em Lisboa, cruzes processionais e um relicário, que se encontram no Museu Nacional de Arte Antiga, situado também em Lisboa. – (H7).

2305-11-GRANCHO (Nuno), “A colecção de prataria sacra pertencente à Real e Venerável Irmandade do Santíssimo Sacramento de Santo André de Mafra”, *Mafra Sacra: memória e património*, coordenação de HENRIQUES (Tiago), Sintra – Mafra, Zéfiro – Real e Venerável Irmandade do Santíssimo Sacramento da Paróquia de Santo André de Mafra, 2017, p. 217-243, il., quadros.

Estudo sobre a colecção de prataria pertencente à irmandade do Santíssimo Sacramento, sediada primeiro na igreja de Santo André e, desde 1835, na basílica de Mafra, sede do concelho do mesmo nome. Os objectos datam dos séculos XVII a XX e estão relacionados com a eucaristia, as procissões, o uso de incenso e a devoção, os sacramentos e as insígnias eclesiásticas. São analisados a urna do Santíssimo Sacramento, o vaso da comunhão, a custódia, as cruzes processionais, atributos associados à imaginária do Senhor dos Passos e de São Sebastião. – (G1).

2306-07-PERES (Mafalda), “As pratas da colecção da Misericórdia de Montemor-o-Novo”, *A Misericórdia de Montemor-o-Novo: história e património*, Montemor-o-Novo, Santa Casa da Misericórdia de Montemor-o-Novo, 2008, p. 289-306, il.

Descrição das peças da colecção de pratas da irmandade da Misericórdia de Montemor-o-Novo, sede do concelho do mesmo nome, datáveis do final do século XVII em diante. Dela fazem parte custódias, um porta paz (caixa

contendo uma representação da Santíssima Trindade), um Cristo de prata de cruz processional, resplendores, entre outras peças. – (G2).

2307-07-SILVA (Maria Madalena de Cagigal e), “A arte religiosa indo-portuguesa e os crucifixos em colecções alentejanas”, *A Cidade de Évora: Boletim da Comissão Municipal de Turismo*, n.º 47, 1964, p. 5-7 [2], il.

Notícia de três cruzes de altar datadas dos séculos XVI a XVIII, pertencentes a colecções privadas, duas localizadas em Vila Viçosa, sede do concelho do mesmo nome, e a terceira em Beja.

2308-07-SILVA (Nuno Vassalo e), “O tesouro de Vera Cruz”, *Igreja Vera Cruz de Marmelar*, Portel, Câmara Municipal, 2006, p. 182-201, il.

Notas sobre o tesouro da igreja paroquial de São Pedro de Vera Cruz, freguesia de Vera Cruz, concelho de Portel, com destaque para uma cruz processional datada do século XIII e para a antiga custódia relicário do Santo Lenho. – (H7).

2309-07-SIMÕES (Ana Cristina), “Novas considerações para o estudo da cruz processional do convento de Nossa Senhora do Paraíso de Évora”, *Estudos de história da arte: novos contributos*, coordenação de SERRÃO (Vitor), Lisboa, Edição da Câmara Municipal, 2002, p. 29-40, il.

Estudo sobre a cruz processional de ouro pertencente ao convento dominicano feminino de Nossa Senhora do Paraíso em Évora. O convento foi fundado no princípio do século XVI e suprimido em 1899-1900. A cruz, que era utilizada nas procissões no interior do convento, data do início do século XVI e encontra-se presentemente no Museu Nacional de Arte Antiga em Lisboa. Quanto à iconografia, representa o tema da paixão de Cristo articulado com o da Virgem, aqui sob o nome de Nossa Senhora do Paraíso, cuja festa se celebrava a 18 de Dezembro. Para além do Cristo Crucificado e da Virgem com o Menino, encontram-se representadas miniaturas dos principais santos da ordem dominicana, como São Domingos e São Pedro Mártir, e da ordem franciscana, como São Francisco de Assis e São Francisco de Borja, estes dois últimos colocados posteriormente à feitura da cruz. – (H2-I3).

2310-11-*Inventário do Museu Nacional de Arte Antiga: colecção de metais, cruzes processionais, séculos XII e XVI*, coordenação de OREY (Leonor de), Lisboa, Ministério da Cultura – Instituto Português dos Musues, 2003, p. 56-61, il., quadro.

Nas páginas 54-124, é apresentado o catálogo das cruzes processionais existentes no Museu Nacional de Arte Antiga em Lisboa, datadas dos finais do século XI ao século XVI. Cada cruz é caracterizada quanto à sua configuração e iconografia.

H4 – Ex-votos, graffiti

2311-07-BALESTEROS (Carmen), “Marcas de simbologia religiosa judaica e cristã”, *Callipole: Revista de Cultura*, n.º 3-4, 1995-1996, p. 19-26, il., mapa.

Levantamento dos símbolos religiosos cristãos e judaicos de Elvas, no distrito de Portalegre, de Vila Viçosa, Elvas, Monsaraz, Redondo, Borba e Alandroal, no distrito de Évora, assim como de Zafra (Espanha). Descrição e classificação das marcas efectuadas nas ombreiras de portas e janelas em quatro grandes grupos: marcas na *mezuzah* (concauidade destinada a guardar um pequeno estojo que continha no seu interior um rolo de papel, no qual se inscreviam as palavras do Shemá, oração fundamental do culto judaico), marcas longitudinais, cruzes cristãs e abreviaturas católicas. Proposta de interpretação das marcas.

2312-.-BALESTEROS (Carmen), “Marcas de simbologia religiosa judaica e cristã: para um levantamento prévio em povoações da raia portuguesa e espanhola (I)”, *Ibn Maruán: Revista Cultural do Concelho de Marvão*, n.º 6, 1996, p. 139-152, il., mapa.

Contribuição para o estudo dos símbolos religiosos cristãos e judaicos levantados na zona da raia, em particular em Castelo de Vide, sede do concelho do mesmo nome. Descrição e classificação das marcas efectuadas nas ombreiras de portas e janelas em quatro grandes grupos: marcas na *mezuzat* (concauidade destinada a guardar um pequeno estojo que continha no seu interior um rolo de papel no qual se inscreviam as palavras do Shemá, oração fundamental do culto judaico), marcas longitudinais, cruzes latinas e abreviaturas católicas, nomeadamente «AM» (Ave-Maria). Identificação de marcas em Marvão, Alpalhão, Nisa, Évora, Montemor-o-Novo e Albuquerque (Espanha). Menção de outros locais junto à raia onde há gravações longitudinais: Castelo Branco, Freixo de Espada-à-Cinta (distrito de Bragança) e Valência de Alcântara (Espanha). Apontamento histórico sobre a presença dos judeus na zona da raia.

2313-12-BALESTEROS (Carmen), RIBEIRO (Margarida), “Marcas de cristianização nos núcleos antigos de Alpalhão e Valência de Alcântara (Cáceres)”, *Ibn Maruán: Revista Cultural do Concelho de Marvão*, n.º 9-10, 1999-2000, p. 391-416, il., mapas, quadros, gráficos.

Contribuição para o estudo de marcas religiosas cristãs e judaicas nos núcleos urbanos antigos de Alpalhão, concelho de Nisa, e de Valência de Alcântara (Espanha), que incide sobre as cruzes dos séculos XVI a XVIII. Além destas, foram identificadas ainda gravações longitudinais, marcas na *mezuzah*, anagramas de significado religioso (IHS e AM), situadas principalmente nas áreas das antigas judiarias. Em Alpalhão, são analisados o espaço onde se encontram, o local de gravação, a decoração das cruzes e a sua tipologia, assim

como é feito o seu inventário (50). Breve análise comparativa das marcas de Valência de Alcântara com as de Trancoso (distrito da Guarda), Guarda e Estremoz, sede do concelho do mesmo nome.

2314-12-BALESTEROS (Carmen), “A tradição das gravações de simbologia religiosa judaica e cristã em ombreiras de porta”, *2.º Encontro de história regional e local do distrito de Portalegre: actas*, Portalegre – Nisa, 1994, Lisboa, Associação dos Professores de História, 1996, p. 216-225, plantas.

Estudo que relaciona as concavidades nas ombreiras das portas com uma antiga tradição religiosa judaica, a que se acrescentaram símbolos cristãos que se supõem serem marcas de cristianização de locais anteriormente habitados por judeus no distrito de Portalegre, nomeadamente em Castelo de Vide, sede do concelho do mesmo nome.

2315-11-BORDIN (Jane), “Um ex-voto imaculista do século XVII na igreja de Nossa Senhora dos Anjos”, *Boletim Cultural*, Assembleia Distrital de Lisboa, n.º 92, t.1, 1990-1998, p. 27-50, il.

Estudo iconográfico de um ex-voto pintado do século XVII, dedicado à Imaculada Conceição, que se encontra na igreja de Nossa Senhora dos Anjos, freguesia dos Anjos em Lisboa, referente ao milagre ocorrido durante a festa da Imaculada no dia 6 de Dezembro de 1690, organizada pela irmandade de Nossa Senhora da Conceição. Conta a lenda que, nessa ocasião, os círios oferecidos para pagamento de promessa pesavam mais depois de queimados durante várias horas. Alusão ainda a outro acontecimento: uma lamparina permaneceu acesa durante três dias sem que fosse alimentada de azeite. Apontamentos sobre a origem e evolução do culto da Imaculada Conceição, reconhecido oficialmente em Portugal no século XIV. – (D2-F2-H2).

2316-07-BORREGA (Margarida), “Simbologia religiosa nas casas e espaços públicos de Vila Viçosa”, *Callipole: Revista de Cultura*, n.º 7-8, 1999-2000, p. 45-79, il., mapa.

Levantamento da simbologia religiosa judaica e cristã gravada em ombreiras de portas e janelas, bem como em espaços públicos de Vila Viçosa, sede do concelho do mesmo nome. Descrição e localização dos símbolos constituídos, quase exclusivamente, por cruces gravadas em casas. A tradição cristã de marcar as ombreiras das portas é de origem judaica, simbolizando a adesão a uma fé ou a cristianização de edifícios que pertenceram a judeus. Algumas marcas terão origem nos materiais de construção das casas provenientes do extinto convento de São Paulo ou de Nossa Senhora do Amparo demolido em 1864. Nota sobre a presença de judeus em Vila Viçosa. Em anexo, são reproduzidas as fichas de levantamento das marcas: reprodução fotográfica, decalque e localização. – (I3).

2317-12-CARNEIRO (André), “A igreja de Nossa Senhora da Vila Velha e a sua envolvente arqueológica”, *Caderno Cultural da Câmara Municipal de Fronteira*, n.º 3, 2001, p. 53-64, il.

Notas sobre uma intervenção arqueológica no monte onde se situa a igreja de Nossa Senhora da Vila Velha nos arredores de Fronteira, sede do concelho do mesmo nome, assim chamada por, segundo a tradição, ter sido nesse local o primeiro estabelecimento da população de Fronteira. É referida uma visita à igreja em 1914 que assinala a existência de numerosos ex-votos e de trovas a Nossa Senhora da Vila Velha. – (B4-C2-H4).

2318-12-GAMA (Eurico), *Os ex-votos da igreja do Senhor Jesus da Piedade de Elvas*, Braga, Tipografia Franciscana, 1972, 199 p., il.

Estudo sobre os ex-votos da igreja do Senhor Jesus da Piedade de Elvas, sede do concelho do mesmo nome. Breves notas sobre a antiguidade, natureza e significado dos ex-votos. História da igreja do Senhor Jesus da Piedade, que foi fundada em 1737 na sequência de um voto feito por um sacerdote. Os ex-votos somam cerca de 4740 (a maior parte são em cera e fotografias), mil dos quais são retábulos pintados, sendo estes as fontes do estudo. Inventário dos ex-votos organizado da seguinte forma: descrição, registo das legendas, fórmula inicial, curiosidades linguísticas, onomástico, profissão, índice geográfico e autores de alguns ex-votos. Os ex-votos expressam sobretudo curas. Os desenhos de mobiliário e penteados são de JESUS (Manuel António da Cruz). – (C2-F3-H2).

2319-11-GANDRA (Manuel J.), “Ex-votos bidimensionais do concelho de Mafra”, *Boletim Cultural '98*, Câmara Municipal de Mafra, p. 247-286, il.

Nota introdutória e inventário dos ex-votos pintados dos séculos XVIII e XIX, existentes no concelho de Mafra, sede do concelho do mesmo nome. Nos ex-votos são apresentados, regra geral, quatro elementos identificativos: a representação da força sobrenatural invocada, a figuração do votante ou daquele que fez o apelo, a representação do acontecimento que motivou a invocação e a legenda em que é narrado e proclamado o carácter gratulatório da tábuca. Nas tabuinhas e nos dois azulejos apresentados, as invocações referidas são Nossa Senhora do Bom Sucesso, da Cabeça, do Carmo, da Conceição, da Encarnação, da Piedade, do Socorro e as santas Cristina e Quitéria. Os milagres representados remetem para situações de protecção de animais e dos homens (naufrágio, terramoto e cura de doenças). Subsídios bibliográficos sobre o tema em Portugal. – (D2-F1-F3-H2).

2320-07-GRILO (Maria Ludovina), “A ermida de Nossa Senhora do Carmo – Azaruja – e os seus retábulos gratulatórios”, *A Cidade de Évora: Boletim da Comissão Municipal de Turismo de Évora*, n.º 2, 1996-97, p. 141-209, il., quadros.

Estudo sobre a ermida de Nossa Senhora do Carmo situada na freguesia de Azaruja ou São Bento do Mato, concelho de Évora, incidindo na sua colecção de retábulos gratulatórios (cerca de 1500). Descrição da ermida fundada no século XVIII, que contém altares e pinturas dedicadas à titular e a Nossa Senhora de Fátima, aos santos José, Martinho de Tours e André Avelino. Notícia da romaria que se realizava no dia 16 de Julho e no segundo domingo de Setembro. Hoje ocorrem à ermida poucos devotos. A ermida possui numerosos ex-votos: fotografias, ramos de flores de noivas, roupas, peças de cera figurando partes do corpo humano e animais, cabelo e sobretudo quadros ou retábulos gratulatórios. Inventário e análise destes últimos: a localização (igreja, coro, sacristia, casa do sino); os pintores (apenas 11% são assinados); a área de influência do culto estende-se por todo o Alentejo (distritos de Portalegre, Évora, Beja e parte do distrito de Setúbal), com maior incidência no distrito de Évora e na área a sul do distrito de Portalegre; a intensidade do culto (mais elevada no século XIX); a tipologia dos retábulos (o mais antigo data de 1706 e são quase todos pintados a óleo); a legenda, o estado de conservação e o motivo ou natureza do milagre (doença 1066, acidente 102, prisão, serviço militar e protecção de animais); finalmente, o nome da pessoa envolvida e a iconografia. – (C2-D2-F3-H2).

2321-12-OLIVEIRA (J. F. Reis de), *Notícia de alguns ex-votos do santuário do Senhor Jesus da Piedade de Elvas: um olhar etnográfico*, Lisboa, Livro Vivo, 2009, 41 p. il.

Estudo de alguns ex-votos pintados do santuário do Senhor Jesus da Piedade em Elvas, sede do concelho do mesmo nome, no qual se estima existirem cerca de seis mil. Nota sobre o santuário do Senhor Jesus de Elvas, o conceito de ex-voto, os autores principais dos estudos sobre os ex-votos em Portugal e, particularmente, sobre os ex-votos do santuário do Senhor Jesus da Piedade. Análise de treze ex-votos pintados segundo as seguintes variáveis: o local da cena, o ambiente e as circunstâncias em que decorreu o milagre, os figurantes, o estatuto social do agraciado, o mobiliário e a sua disposição, os utensílios e o vestuário, a localização do Senhor Jesus da Piedade, a técnica e o material utilizados, as datas, as assinaturas, as dimensões e as legendas. A quase totalidade dos milagres representados são curas. – (C2-D3-F3-H2).

2322-12-PATRÃO (José Heitor), “Os ex-votos do Senhor Jesus dos Aflitos”, actas do 1.º Encontro de história regional e local do distrito de Portalegre, Portalegre, Centro de Recursos e Animação Pedagógica da Escola Superior de Educação de Portalegre, 1987, p. 341-350, il.

Análise descritiva de cinquenta e dois ex-votos pintados existentes na igreja do santuário do Senhor Jesus dos Aflitos (século XIV), freguesia de Fortios, concelho de Portalegre, datados do século XVIII e sobretudo do século XIX:

os autores, os trajés, o mobiliário, o lugar de Jesus, os figurantes, a linguagem. Os ex-votos expressam milagres de cura de doenças. Notícia da confraria do Senhor Jesus dos Aflitos. – (F3-G1).

2323-07-SANTOS (Rui Afonso), FALCÃO (José António), “Ourivesaria e joalharia do Museu de Évora: considerações para o seu estudo tipológico e iconográfico”, *Inventário do Museu de Évora: colecção de ourivesaria*, coordenação editorial de CORDEIRO (Isabel), SANTOS (Rui Afonso), SOROMENHO (Miguel), [Lisboa], Instituto Português de Museus, 1993, p. 49-87.

Inventário e notas sobre as características tipológicas e iconográficas das peças de ourivesaria e joalharia do Museu Municipal de Évora, datadas dos séculos XVII e XVIII. As peças de interesse religioso compreendem cálices, galhetas, custódias, relicários, báculos, turíbulos, navetas, lanternas de altar, guarnições de molduras de livros litúrgicos (em particular missais), esculturas, ex-votos, coroas, resplendores, rosários e outras ornamentações e atributos iconográficos de imagens da Virgem, do Menino e de outros santos. – (H6).

2324-11-SOROMENHO (Miguel), “O convento do Corpus Christi: um caso de estudo”, *Monumentos*, n.º 21, 2004, p. 116-123, il., plantas.

Contribuição para o estudo do convento do Corpus Christi da freguesia de São Nicolau, na Baixa Pombalina em Lisboa. Foi fundado no ano de 1648, na sequência de um atentado falhado contra o rei Dom João IV e reconstruído após o terramoto de 1755. A escolha do patrono insere-se no crescimento da devoção eucarística e das práticas culturais ligadas ao Santíssimo Sacramento. O convento teve início numa ermida entregue aos carmelitas descalços, que construíram o convento anexo. – (C2-D3).

2325-.-*Imagens de fé: ex-votos da diocese de Portalegre-Castelo Branco*, Portalegre, Diocese de Portalegre-Castelo Branco, [D.L. 2015], 128, il.

Catálogo de uma exposição constituída por cento e dois ex-votos pintados dos séculos XVIII-XX da diocese de Portalegre – Castelo Branco. Os ex-votos agradecem a protecção contra doenças e durante os partos, a protecção de acidentes com pessoas com animais e a protecção de pessoas atacadas por animais. As entidades protectoras referidas são sobretudo o Senhor dos Aflitos, Nossa Senhora e São Domingos. – (D2-D3-F1-F3).

H5 – Imagens sagradas em papel (santinhos, pagelas...)

2326-07-BARREIROS (Carla Sofia Garcia) *Os registos religiosos: o acervo da Pousada dos Lóios Évora: estudo de caso*, dissertação de mestrado em Gestão e Valorização do Património Histórico Cultural apresentada à Universidade de

Évora em 2010, 2 vol., 111-98, il. <http://hdl.handle.net/10174/18524> (consultada em 7-05-2018).

Estudo do acervo de registos religiosos da Pousada dos Lóios, instalada no antigo convento de São João Evangelista dos Lóios em Évora. Ao longo da obra procura-se explicar o que são os registos religiosos, qual a sua dimensão e riqueza patrimonial e cultural, assim como são analisados os vários aspectos que os definem e propostas formas para a sua salvaguarda, conservação e valorização. Os registos são inseridos no contexto do mundo da piedade popular e no quadro da posição da Igreja Católica em relação à piedade popular na sua expressão devocional e nas suas práticas. De entre as manifestações de piedade popular são destacadas as práticas individuais, as procissões, as romarias e peregrinações, os sacramentos, os preceitos, as imagens e a devoção mariana e as celebrações em honra dos padroeiros. Alguns dados sobre a gravura na história da arte portuguesa (a gravura em metal, os registos religiosos e de santos, a sua origem) e sobre os registos da Pousada dos Lóios (inventariação, catalogação e interpretação). O volume II contém anexos com quadros representativos dos nomes de editores, de fabricantes e de oficinas de registos de santos que existiram na cidade de Lisboa; assim como as fichas de inventariação do acervo da Pousada dos Lóios. – (D2-D3-D4).

2327-11-GANDRA (Manuel J.), “Estampas religiosas gravadas do concelho de Mafra”, *Boletim Cultural’2001*, Câmara Municipal de Mafra, 2002, p. 89-120, il.

Contribuição para o inventário e descrição de registos de santos e das irmandades, bem como de estampas religiosas do concelho de Mafra, sede do concelho do mesmo nome, com notas sobre as mais notáveis e o enquadramento cultural das respectivas invocações. Os registos de santos datam sobretudo do século XIX e invocam Nossa Senhora da Encarnação, do Livramento, do Rosário, do Socorro, São Silvestre e as santas Comba ou Colomba (cultuada a 17 de Agosto) e Cristina (companheira de Santa Susana), entre outras entidades religiosas. Os registos eram das irmandades do Senhor Jesus dos Passos, do Santíssimo Sacramento, do Rosário, da Ordem Terceira da Penitência de São Francisco de Assis, todas instituídas na basílica de Mafra. – (D2-D4-G1-G2).

2328-15-Ó (H. Augusto do), “Iconografia de N.^a Sr.^a do Cabo”, *Nossa Senhora do Cabo: festas de Almargem do Bispo. Giro saloio 575 anos*, Almargem do Bispo, Comissão de Festas de Nossa Senhora do Cabo Espichel, 2005, p. 69-74, il.

Apresentação da iconografia de Nossa Senhora do Cabo (Espichel) na freguesia do Castelo em Sesimbra, sede do concelho do mesmo nome, que se encontra representada em imagens, azulejos, bandeiras processionais, ex-votos, gravuras e pagelas datados dos séculos XIV-XV ao século XIX. – (H1-H2-H3-H4).

2329-.-RUIVO (Teresa Lança), *Impressões do sagrado: estudo de uma colecção privada de registo de santos*, dissertação de mestrado em Estudos do Património apresentada à Universidade Aberta em Lisboa em 2012, 215 p., il., quadro. <http://hdl.handle.net/10400.2/2578> (consultada em 13-05-2017).

Estudo de uma colecção privada de registos de santos em papel reunida pelo monge beneditino Gabriel de Sousa ao longo de grande parte do século XX. Da vasta colecção de cerca de quinhentos registos, o estudo incide sobre uma amostragem de oitenta que estiveram na base de uma exposição realizada em Lisboa em 2012. São tratados os seguintes aspectos principais: a importância social e artística das colecções de registos de santos; as influências da organização da colecção provenientes dos exemplares existentes na Biblioteca Nacional de Portugal e do Museu Nacional de Arqueologia, situados em Lisboa. Análise dos registos da colecção privada de santos que representam invocações e cultos realizados em Lisboa, Montijo, Barreiro, Fronteira e Nazaré (distrito de Leiria). As principais invocações são o Bom Jesus da Paciência, Nossa Senhora da Conceição, da Luz, das Dores, da Atalaia, da Saúde, da Nazaré, os santos António, Sebastião, Brás e Bárbara. Em anexo, contém diversos documentos e um apêndice com as fichas inventário de cada um dos registos. – (D2-D3-D4).

2330-11-“Catálogo”, *Igreja do mártir santo S. Sebastião: núcleo museológico de arte sacra*, coordenação de NUNES (Graça Soares), Vila Franca de Xira, Câmara Municipal, 2001, 139 p., il.

Nas páginas 125-139 é apresentado o catálogo dos objectos de arte sacra que se encontram no museu da igreja de São Sebastião em Vila Franca de Xira, sede do concelho do mesmo nome. Nele são inventariados ex-votos pintados dedicados ao Senhor Jesus da Boa Morte, registos de santos, gravuras, medalhas, imagens e em particular uma colecção antoniana. – (H1-H4-H6).

2331-11-*O giro de N. Snra. do Cabo e as berlindas processionais do Museu Nacional dos Coches*, coordenação e guião de BESSONE (Silvana), Lisboa, Instituto de Museus e Conservação, 2007, 94 [1] p., il.

Nas páginas 84-93, catálogo bilingue (português-inglês) da exposição, realizada em 2007 no Museu dos Coches de Lisboa, sobre o tema do giro de Nossa Senhora do Cabo (Espichel) na freguesia do Castelo em Sesimbra. A exposição compreendeu diversos artefactos relacionados com a romagem e o culto: medalhas, cruz processional, registos, hinos impressos, ex-voto e berlindas. Estas transportavam a imagem peregrina de Nossa Senhora nos percursos festivos de chegada ou partida das freguesias do giro saloio, isto é, dos habitantes do campo dos arredores de Lisboa, a norte do rio Tejo. – (B4-H3-H4-H6).

2332-11-*Registos e objectos de devoção: colecções do Museu Municipal de Mafra e do Museu da Misericórdia da Ericeira*, Mafra, Câmara Municipal, 2001, 63 p., il.

Catálogo da exposição de registos e objectos de devoção que inclui o espólio de oitenta e três objectos do Museu Municipal de Mafra, sede do concelho do mesmo nome, e do Museu da Misericórdia da Ericeira. Aquele é constituído por relicários, medalhas e sobretudo por registos com a representação do Menino Jesus, de Jesus, do Senhor da Cana Verde, do Sagrado Coração de Jesus, da Virgem, de Nossa Senhora da Arrábida (serra do concelho de Setúbal), da Boa Viagem, da Conceição, da Nazaré, da Vida, de La Salette, do Cabo (Espichel, freguesia do Castelo em Sesimbra), do Carmo, do Rosário e Mãe dos Homens, assim como de diversos santos, entre os quais António, Basílio de Cesareia, Carlos Borromeu, Francisco de Paula, Guilherme, Jacinto, Lourenço, Ovídio, Paulo, Pedro, Quintino, Sebastião, Simão Stock, Ana, Comba, Francisca Romana, Inês de Montepulciano, Margarida de Antioquia ou da Galiza, Teresinha do Menino Jesus e Verónica. Em anexo, é apresentada a relação do inventário das restantes peças conservadas nos dois museus, mas não expostas: registos, relicários, escapulários, medalhas, cruzes e crucifixos. Os textos são de GORJÃO (Sérgio) e VILAR (Maria do Carmo). – (D2-D4-H6-H7).

H6 – Objectos de culto individuais (terços, medalhas...)

2333-11-FILIPE (Isabel), VILAR (Maria do Carmo), “Objectos evocativos de Nossa Senhora da Nazaré na colecção do Museu Municipal Prof. Raul de Almeida”, *Boletim Cultural* '99, Câmara Municipal de Mafra, p. 133-155, il.

Inventário do espólio de objectos evocativos de Nossa Senhora da Nazaré, datados dos séculos XIX-XX, que se encontram no Museu Municipal de Mafra, concelho de Mafra. O inventário e a colecção estão organizados em três grupos, segundo o critério da sua relação com o culto: o primeiro, denominado de devoção, engloba a imagem de Nossa Senhora da Nazaré; o segundo, chamado de evocação, integra os guiões ou estandartes utilizados nas procissões e os registos que representam o milagre de Nossa Senhora da Nazaré; o terceiro, constituído por adornos e objectos utilitários, designadamente as fitas ou “medidas” utilizadas pelos toureiros na praça de touros montada no santuário da Nazaré (distrito de Leiria), pelas pregadeiras para colocar ao peito no lado do coração e, sobretudo, pelas medalhas (54) de mordomo e de metal para uso individual. Breve nota sobre a origem das peregrinações ao santuário da Nazaré (distrito de Leiria) e o Círio da Prata Grande, que é composto por dezassete freguesias. – (D2-H1-H3-H5).

2334-11-GANDRA (Manuel J.), “Medalhística, notafilia, filatelia e vinhetas mafrenses: subsídios para o seu inventário”, *Boletim Cultural*’97, Câmara Municipal de Mafra, p. 257-273, il.

Inventário das espécies de medalhística, notafilia, filatelia e vinhetas que representam o convento de Mafra, sede do concelho do mesmo nome, no período compreendido entre o século XVIII e 1980.

2335-07-TORRINHA (Joaquim Francisco Soeiro), “As medalhas concepcionistas das régias confrarias calipolenses”, *A Medalha: Revista de Medalhística*, n.º 3, 1972, p. 5-11, il.

Nota sobre as medalhas concepcionistas das régias confrarias de Vila Viçosa, sede do concelho do mesmo nome. Uma é da confraria dos Oficiais, datada do último quartel do século XVII, a outra é da confraria dos Escravos de Nossa Senhora da Conceição e data dos fins do século XVIII. – (G1).

H7 – Relíquias

2336-11-ALARCÃO (Miguel), “Uma santa e três cavaleiros: a propósito da igreja paroquial de São João Baptista”, *Revista de Estudos Anglo-Portugueses*, n.º 28, 2017, p. 57-75, il.

Estudo sobre a origem da relíquia de Santa Brígida (cabeça), protectora dos campos e do gado, que se encontra na igreja paroquial do Lumiar em Lisboa. Segundo a lenda, a relíquia fo trazida da Irlanda por três cavaleiros e ficou nesta igreja após várias tentativas para a levar para o convento de Odivelas, sede do concelho do mesmo nome. – (D4-F2).

2337-11-ANTUNES (Miguel Telles), CUNHA (Armando Santinho), *Santos Mártires de Lisboa: espólio osteológico de Santos-o-Novo*, Lisboa, Câmara Municipal, 1991, 57 p., il.

Subsídio para uma hagiografia dos denominados santos mártires de Lisboa, Veríssimo, Máxima e Júlia (século IV, mártires sob Diocleciano). Análise do espólio osteológico – relíquias – contido no cofre que serviu para a trasladação, no século XV, das relíquias dos mártires da igreja de Santos-o-Velho para o cenóbio do mosteiro de Santos-o-Novo, situado na freguesia da Penha de França. Breves interpretações acerca das “pedras com sangue”, tradicionalmente apontadas como instrumentos usados na lapidação destes santos. Os autores demonstram a impossibilidade do espólio pertencer aos santos referidos por serem posteriores à data das perseguições de Diocleciano. O espólio humano compreende restos de cerca de cinco indivíduos sem indícios de morte violenta. As pedras vermelhas que dele constam foram manchadas por um mineral ferrífero no calcário. – (B2).

2338-11-AZEVEDO (Francisco de Simas Alves de), “Dois temas heráldicos relacionáveis com S. Frei Gil de Santarém”, *Colóquio Comemorativo de S. Frei Gil de Santarém: actas do colóquio comemorativo*, Lisboa, 1991, Lisboa, Associação dos Arqueólogos Portugueses, [D.L. 1992], p. 89-96.

A propósito de dois temas heráldicos relacionados com São Frei Gil de Santarém procede-se à análise e identificação dos cinco selos do relicário do santo que se encontra numa dependência da igreja do Corpo Santo ou Pedro Gonçalves Telmo em Lisboa, cuja selagem se terá verificado nos finais do século XIX ou princípios do XX. É por uma legenda interior que se identifica a relíquia.

2339-11-BENTO (Frei Manuel de S.), “Culto litúrgico do Santo Condestável (trasladação das relíquias)”, *Carmelo Lusitano*, n.º 5, 1987, p. 115-120.

Notícia das diversas trasladações das relíquias do Santo Condestável, Dom Nuno Álvares Pereira ou Nuno de Santa Maria, entre 1522 e 1918. As relíquias do santo, beatificado em 1918, eram objecto de culto litúrgico já no século XVI. Menção de alguns aspectos das cerimónias das trasladações e do reconhecimento e exame canónico dos despojos em 1906. O seu túmulo esteve localizado em diferentes sítios de Lisboa: inicialmente na igreja de Nossa Senhora do Carmo e depois passou sucessivamente para a igreja de São Vicente de Fora, situada na freguesia do mesmo nome em Lisboa, o jazigo dos Príncipes da Casa de Bragança, em São Vicente de Fora, a sacristia da mesma igreja, a igreja dos Terceiros do Carmo e, finalmente, a igreja paroquial do Santo Condestável. – (C2-C7-D4).

2340-07-BORGES (Artur Goulart de Melo), “História e devoção”, *O Santo Lenho da Sé de Évora: arte, esplendor e devoção*, 2.ª edição, coordenação de RAMOS (Maria do Céu), [Évora], Fundação Eugénio de Almeida, [D.L. 2011], p. 11-29, il.

Estudo sobre a origem e devoção à relíquia do Santo Lenho que se encontra na Sé de Évora. A relíquia terá vindo para Portugal na época das Cruzadas, trazida pelo prior da Ordem do Hospital com destino à Sé de Évora, mas o animal que a transportava estancou no lugar de Marmelar, freguesia de Vera Cruz, concelho de Portel, sendo a relíquia levada para a igreja da ordem nessa localidade. A relíquia acompanhou o exército português na Batalha do Salado (1340, Espanha). Depois foi partida em duas ficando uma parte em Marmelar e outra na Sé de Évora. A devoção ao Santo Lenho era visível no dia da festa da Exaltação da Cruz. O Santo Lenho da Sé encontra-se hoje exposto na parte da Sé adaptada para museu de arte sacra. O actual relicário da igreja da Vera Cruz de Marmelar data do século XVIII. Menção de pinturas que representam o tema da Vera Cruz e Santa Helena. – (D3-F1-H2).

2341-07-CARDOSO (Hugo), NETO (José Luís), “Estudo preliminar sobre as relíquias de S. Vicente”, *Olisipo*, n.º 31, 2010, p. 9-16, il.

Notas sobre os materiais osteológicos atribuídos a São Vicente que se encontram em dois relicários da Sé de Lisboa. As relíquias são associadas a diversos milagres, mas as numerosas relíquias de São Vicente espalhadas por Portugal, Espanha e Itália colocam o problema da sua autenticidade. A maioria do material osteológico do segundo relicário aponta para pertencerem a um indivíduo jovem do sexo masculino, compatível com São Vicente. Mas os outros elementos osteológicos do primeiro relicário parecem confirmar a existência de pelo menos três indivíduos, alguns deles mais idosos, temporalmente enquadráveis na piedade barroca. Considera-se que se deve efectuar uma análise de carbono 14 para aferir se estas relíquias são compatíveis.

2342-11-ESTÊVÃO (José), “Relíquias e pinturas da Igreja de S. Roque”, *Revista Municipal*, Câmara Municipal de Lisboa, n.º 88, 1961, p. 55-68, il.

Breve estudo das relíquias e pinturas da igreja de São Roque em Lisboa, que relata a edificação da igreja de São Roque, advogado contra a peste. A igreja teve origem nas relíquias do santo trazidas para Portugal no século XVI, durante uma epidemia de peste. Descrição da procissão realizada por altura da chegada das relíquias expostas em doze andores, bem como das três visitas que se fizeram às relíquias: a primeira foi feita pelos pobres de Lisboa com canas verdes nas mãos e chamarelas da corporação de Santo Aleixo; a segunda, no dia seguinte, foi composta pelos moços com ramos verdes nas mãos e com a imagem de São Gonçalo de Amarante; a terceira, foi constituída por escravos negros empunhando bandeiras de Nossa Senhora do Rosário e envergando vestes brancas. O estudo apresenta ainda uma relação de relíquias dos vários altares da igreja e menciona as imagens de Nossa Senhora com o Menino, de São Francisco de Assis e de São Roque, assim como as pinturas com representações alusivas à vida e morte de Cristo, a Nossa Senhora e a santos. As festas em São Roque por altura da canonização de Santo Inácio de Loiola e de São Francisco Xavier. – (C2-D4-E3-H1).

2343-15-GOMES (Saúl António), “Sagrados monumentos: relíquias de mártires e de santos em Portugal”, *Revista Lusófona de Ciência das Religiões*, Ano VIII, n.º 15, 2009, p. 59-84.

Breve ensaio que apresenta as linhas de análise sobre o lugar que as relíquias cristãs ocuparam nas vivências cristãs, seguido da publicação do manuscrito da Terceira Parte da Crónica do Convento de Jesus de Setúbal. Enunciação de um conjunto de tópicos, sumariamente caracterizados, de entre os quais se salientam as relíquias como objecto de veneração e intermediação da graça divina; a sua relação com a espiritualidade cristã, consubstanciada em peregrinações organizadas em função da sua capacidade taumatúrgica;

a sua transferência da Terra Santa e do Império Bizantino para o Ocidente e a origem das suas falsificações; a instituição do seu culto em Portugal (nomeadamente em Lisboa e Coimbra na sequência das guerras da Reconquista e de outras circunstâncias sociopolíticas); o desenvolvimento da sua história em Portugal; a devoção que suscita junto dos crentes e os diferentes tipos da sua utilização (em cerimónias destinadas a que seja vista, tocada e beijada ou em processos de cura); as relíquias cristãs de maior popularidade (Santo Lenho, Espinhos da Coroa da Paixão de Cristo, Santo Sudário e as relíquias marianas); a recepção e o respectivo levantamento sistemático do seu património espiritual, artístico e arqueológico em Portugal, de que o caso do convento de Jesus em Setúbal constitui modelo exemplar; os abusos e erros cometidos em relação ao seu culto e as formas de os corrigir de acordo com os princípios do Concílio de Trento; a avaliação do seu culto em Portugal e a necessidade de constituir um corpus documental a ele referente; a divulgação de dossiês elaborados nos conventos a seu respeito. Apresentação sintética do conteúdo da Terceira Parte da Crónica do Convento de Jesus de Setúbal, elaborada entre 1630 e 1640 (correspondente à respectiva parte do Códice n.º 7686 da Biblioteca Nacional de Portugal) e que contém dados sobre quem forneceu as relíquias para o convento, indicando as datas e as modalidades em que as mesmas foram entregues, as listas com as suas atribuições e identificações, os usos a que se destinavam e os efeitos por elas produzidos sob a forma de relatos de milagres. – (A5-C2-F3).

2344-11-GUIMARÃES (Jorge Gonçalves), “As festas de trasladação das relíquias de S. Gonçalo”, *Turres Veteras VIII – História da festas*, Torres Vedras – Lisboa, Câmara Municipal – Edições Colibri – Instituto de Estudos Regionais e do Municipalismo “Alexandre Herculano”, 2006, p. 169-176.

Notas sobre as festas realizadas em Torres Vedras, sede do concelho do mesmo nome, por ocasião da trasladação das relíquias de São Gonçalo de Lagos para a cidade de Lagos (distrito de Faro). A importância e crescimento da circulação das relíquias desde o século XVI. No século XVIII existiam em Torres Vedras as seguintes relíquias: uma camisa do Menino Jesus, uma maçaroca, uma embola de cristal com leite da Virgem e um novelo pequeno com duas agulhas que haviam pertencido à Virgem. A ausência da referência às relíquias de São Gonçalo de Lagos são um sinal da diminuição do culto. As primeiras relíquias do santo foram trasladadas para Lagos entre 1502 e 1536, primeiro para a ermida de São Pedro dos Mareantes e depois para a igreja de Santa Maria. Em Torres Vedras, as relíquias mudaram de lugar várias vezes até ao século XVII. Notícia sobre Gonçalo de Lagos (nasceu em Lagos, cerca de 1360, pertenceu à Ordem dos Eremitas de Santo Agostinho e foi prior do convento de Torres Vedras, entre 1412 e 1422, ano em que terá morrido) e sobre o início do seu culto em Torres Vedras, nascido em torno

da sua sepultura cuja terra era considerada milagrosa. É padroeiro de Lagos desde 1760. – (C2-D4).

2345-11-HENRIQUES (António Meira Marques), “Os mártires da Legião de Tebas na igreja de São Roque”, *Cidade Solidária*, n.º 29-30, 2013, p. 163-171, il.

Notas sobre as relíquias dos mártires da Legião de Tebas que se encontram num altar da igreja de São Roque em Lisboa. São identificadas como sendo dos santos Cândido, Constâncio, Fortunato, Gereão de Colónia, Urso de Soleura e Maurício e encontram-se em bustos-relicários datados dos séculos XVI e XVII. Explicação do modo como as relíquias chegaram à igreja de São Roque. – (C2).

2346-11-HENRIQUES (António Meira Marques), “Relíquias e Relicários do Museu de São Roque/Santa Casa da Misericórdia de Lisboa”, actas do Ciclo de Conferências sobre *O convento de Nossa Senhora dos Remédios e a Ordem do Carmo em Portugal e no Brasil*, Évora, 2013, p. 1-20, quadro. <https://www2.cm-evora.pt/conventoremedios/Atas/entrada.pdf> (consultada em 17-07-2020).

O culto das relíquias foi renovado pela Contra-Reforma e estimulado pelo Concílio de Trento. Em Portugal o seu incremento deveu-se à Companhia de Jesus, para quem os vestígios dos santos e santas serviam como modelos concretos de vivência cristã e, por conseguinte, como mediadores perante Deus. O próprio Santo Inácio de Loiola, nos Exercícios Espirituais, estabeleceu regras através das quais se devia orar perante as relíquias com a mesma devoção como se estivessemos perante a imagem de um santo. A igreja de São Roque, situada em Lisboa, que pertencia aos jesuítas recebeu numerosas relíquias entre os séculos XVI e XVII. As primeiras relíquias foram doadas em 1578, mas o maior legado deu-se em 1588 por iniciativa de João de Borja. As últimas relíquias deram entrada no século XVIII. Análise das relíquias das Onze Mil Virgens. A importância destas famosas relíquias trouxe à Igreja de São Roque uma existência nova. Assim, graças à presença deste espólio sagrado, o Papa Xisto V concedeu um Jubileu, que se realiza quatro vezes ao ano na igreja de São Roque, no dia comemorativo das quatro principais relíquias que distinguiram este santuário, a saber: no dia de São Gregório Taumaturgo (19 de Novembro), no dia de Santa Brígida da Irlanda (1 de Fevereiro), no dia das Onze Mil Virgens (21 de Outubro) e no dia da Invenção da Santa Cruz (3 de Maio). Origem e descrição das relíquias dos santos da Legião de Tebas: soldados romanos cristãos martirizados por recusarem cumprir as ordens do imperador que lhes mandava oferecer sacrifícios aos deuses romanos em agradecimento pelo sucesso de uma campanha militar. Na igreja de São Roque existem numerosas relíquias dos Mártires de Tebas, identificadas como sendo as de São Cândido, São Constâncio, São Fortunato, São Gereão de Colónia, São Magno, São Urso de Seleure e São Maurício, que

se encontram inseridas em diversos bustos-relicário de madeira policromada e dourada, datados do século XVI-XVII. As relíquias de São Gereão, de São Cândido e de São Maurício integravam a doação de Dom João de Borja em 1587, outras terão vindo no ano de 1594. Quanto à relíquia de São Gregório Taumaturgo terá vindo nos finais do século XVI. Outra relíquia importante é a cabeça de Santa Brígida doada à igreja de São Roque em 1587. O autor considera ser esta a verdadeira e não a que se encontra na igreja da freguesia do Lumiar em Lisboa. – (A5-C1-C2).

2347-07-LAVAJO (Joaquim Chorão), “Vera Cruz de Marmelar e Santo Lenho de Évora, contextualização histórico-religiosa, *Eborensia: Revista do Instituto Superior de Teologia de Évora*, n.º 47, 2013, p. 205-240, quadro.

Estudo histórico-religioso sobre o culto de partes da cruz de Cristo no lugar de Marmelar, freguesia da Vera Cruz, concelho de Portel em Évora: a sua procedência, a credibilidade dos agentes que interferiram no processo histórico-geográfico da sua transferência, o reconhecimento e aprovação eclesiásticos da sua autenticidade, o culto de que foram alvo. Notícia dos quadros do ciclo do Santo Lenho que existem na catedral de Évora. – (A5-D3-H2).

2348-07-MARTINS (Maria do Rosário Piteira), *A valorização patrimonial das relíquias em Évora: o Convento dos Remédios*, dissertação de mestrado em Gestão e Valorização do Património Cultural apresentada à Universidade de Évora em 2015, 157 p., il., quadros, gráficos. <https://dspace.uevora.pt/rdpc/handle/10174/18180> (consultada em 14-01-2020)

Estudo sobre um conjunto de sessenta relíquias existentes na igreja e na sacristia do convento de carmelitas descalços de Nossa Senhora dos Remédios, fundado em Évora no ano de 1606. Notas sobre a igreja conventual e os seus altares laterais dedicados a Nossa Senhora da Conceição e a Nossa Senhora do Carmo, a São João Baptista e a Santa Ana. Menção das imagens de Cristo Crucificado, do Senhor morto, de São José e de Santa Teresa de Ávila, assim como das pinturas que representam a Virgem Maria e Maria Madalena, entre outra iconografia. As relíquias foram objecto de inventariação, identificação e análise tentando compreender o papel que desempenharam, quer na vida religiosa do convento, quer na vida político-institucional de Évora. A importância das relíquias para a salvação da alma e como factor de prestígio para o convento levou à procura da igreja como local de sepultura. Quanto à autenticidade das relíquias só foi possível verificar a da cabeça de São Lúcio, da relíquia de São Apolónio e, com menos certeza, das relíquias de São Clemente e de São Hilário, que poderão ter vindo para o convento em 1610. Dados sobre as doações que implicavam a fundação de capelas com os respectivos legados, determinados por decisões testamentárias que estipulavam o sufrágio

pelas almas. Notas sobre a evolução do convento desde a sua extinção em 1834 até à actualidade. – (C2-E4-H1-H2).

2349-07-MENDEIROS (José Filipe), *O Santo Lenho da Sé de Évora*, 2.^a edição, Évora, Sé de Évora, 1968, 70 [7] p., il.

Nova edição aumentada da história da relíquia do Santo Lenho (1.^a edição em 1955) trazida da Palestina por um cavaleiro da Ordem dos Hospitalários e depositada no seu mosteiro situado no lugar de Marmelar, freguesia da Vera Cruz, concelho de Portel, na segunda metade do século XIII. A relíquia terá sido levada para a batalha do Salado (1340, Espanha), tendo animado decisivamente as hostes portuguesas. No regresso, o rei Afonso IV deixou uma porção da relíquia na ermida da Vera Cruz (situada onde hoje está a igreja do Calvário) e fundou a confraria de Nossa Senhora da Vitória. A outra parte de relíquia foi levada para a Sé de Évora em 1468, de onde passou para o Museu de Arte Sacra de Évora em 1933. No século XVI, a devoção ao Santo Lenho de Évora expressou-se na encomenda de pinturas que representam a Exaltação da Santa Cruz e na obtenção, em Roma, da divisão da prebenda da Santa Cruz e do privilégio do Jubileu da Exaltação da Santa Cruz. Descrição dos relicários de 1468 e do século XVII. – (A5-C2-D3-G1).

2350-12-NUNES (Natália Maria Lopes), “O culto das Santas Relíquias de Belver (Concelho de Gavião)”, *VI Congresso português de sociologia: mundos sociais – saberes e práticas*, Lisboa, 2008, 6 p. <http://associacaoportuguesasociologia.pt/vicongresso/pdfs/153.pdf> (consultada em 12-04-2018).

Breve estudo do culto das relíquias, que ainda hoje é celebrado no mês de Agosto pela população da vila histórica de Belver, no concelho de Gavião, a partir da Lenda das Santas Relíquias de Belver que remetem para o nascimento e martírio de Cristo, assim como para diversos santos. A origem da proveniência das relíquias não é muito clara, havendo vários relatos lendários sobre o facto. Um deles refere que as relíquias foram trazidas da Terra Santa por um cavaleiro da Ordem do Hospital, provavelmente durante a época das Cruzadas; outro relata que foram depositadas na ermida de São Brás (século XVI), pelo Infante Dom Luís (filho do rei Dom Manuel I, Prior da Ordem do Hospital) e posteriormente roubadas. Quando se tentou retirar as relíquias da ermida verificaram-se fenómenos milagrosos que indicavam que essa não era a sua vontade. O interesse da(s) lenda(s) remete para o culto popular das relíquias, sendo um dos vestígios da cristianização na região. – (C2-F2).

2351-11-OREY (Leonor de), SILVA (Nuno Vassalo e), *Relíquias e relicários, Cadernos do MNAA* (Museu Nacional de Arte Antiga), n.º 1, 1996, 35 p., il.

Catálogo bilingue (português/inglês) da exposição de sete relicários realizada pelo Museu Nacional de Arte Antiga em Lisboa no ano de 1996. Documenta

o culto das relíquias em Portugal continental e no Oriente nos finais do século XVI e século XVII, sendo composta por exemplares provenientes dos fundos do museu. Breves notas sobre a origem do culto das relíquias, a sua transladação e repartição. O incremento do culto das relíquias deveu-se muito à Companhia de Jesus. A relíquia é um objecto sagrado do qual, segundo a crença, emana um fluido misterioso que tem o poder de consolar quem a contempla e de curar quem a toca. – (A5).

2352-11-OREY (Leonor de), “Os tesouros indianos do convento do Carmo da Vidigueira e da Graça em Lisboa”, SILVA (Nuno Vassalo e), *A herança de Rauluchantim*, Lisboa, 1996, p. 156-169, il.

Transcrição parcial de documentos que contêm descrições de objectos sacros do século XVI, executados em Goa (Índia) e pertencentes aos conventos dos Eremitas de Santo Agostinho, situado na freguesia da Graça em Lisboa, e ao convento do Carmo da Vidigueira (distrito de Beja), conhecido por convento de Nossa Senhora das Relíquias ou apenas convento das Relíquias, que actualmente se conservam no Museu Nacional de Arte Antiga. Os documentos referem-se a uma estante de missal e ao designado oratório-relicário com portas, tendo ao centro um Cristo Crucificado ladeado pela imagem de Nossa Senhora do Pópulo e pelas imagens e relíquias do Santo Lenho e dos santos António, Francisco de Assis, João Evangelista, Paulo e Pedro. Cinco pinturas representam o Nascimento de Cristo, Jesus Ressuscitado, o Mistério da Encarnação e Nossa Senhora do Pópulo com o Menino Jesus. – (C2-H1-H2).

2353-07-PAGARÁ (Ana), “A relíquia do Santo Lenho”, *A igreja da Vera Cruz de Marmelar*, Portel, Câmara Municipal, 2006, p. 50-71, il.

Estudo sobre a relíquia do Santo Lenho que se encontra na igreja paroquial da freguesia de Vera Cruz, concelho de Portel, que pertenceu à ordem dos Hospitalários e depois à Ordem de Malta. A relíquia terá sido trazida para o lugar de Marmelar por um freire hospitalário ou, segundo a hipótese proposta pela autora, está relacionada com a fundação da igreja primitiva no período visigótico. A relíquia acompanhou o exército português que participou na Batalha do Salado (1340, Espanha), sendo-lhe atribuída a causa do sucesso cristão. Depois deste episódio, foi dividida em duas partes ficando uma em Marmelar e outra na Sé de Évora (hoje no museu da cidade), por troca com uma relíquia de Santo André. Descrição da capela do Santo Lenho localizada na igreja paroquial da freguesia da Vera Cruz. Análise do relicário datado do século XIV. O culto do Santo Lenho mantém-se nos dias de hoje, sendo exposto aos domingos durante a missa e eventualmente beijado pelos crentes no final da celebração. Os visitantes tentaram em várias ocasiões, sem sucesso, impedir a exposição frequente da relíquia, pois isso faria diminuir o fervor da devoção. A devoção expressa o triunfo da vida sobre a

morte, do bem sobre o mal, da luz sobre as trevas, a vitória de Deus sobre o demónio. – (C1-D3).

2354-11-PATROCÍNIO (Maria Celina do), VALÉRIO (Ângela Maria Tavares), “A arca... das três chaves”, *O convento dos Cardaes: veios da memória*, coordenação de VIEIRA (Ana Maria), RAPOSO (Teresa), Lisboa, Quetzal Editores, 2003, p. 295-316, il.

Nota introdutória e inventário do núcleo documental (1682-1876) dos relicários (bustos, medalhas, quadros), das gravuras em escapulários e de um ex-voto do convento das Carmelitas Descalças, denominado Nossa Senhora da Conceição dos Cardais, localizado no Bairro Alto em Lisboa. Estes objectos representam em imagem, pintura, baixo-relevo ou gravura Cristo, Nossa Senhora do Carmo, os santos Inácio de Loiola, Carlos Borromeu, João da Cruz, Francisco de Assis e Teresa de Jesus. – (H1-H2-H4-H6).

2355-07-SILVA (Nuno Vassalo e), “O antigo tesouro do convento de São Bento de Avis: alguns apontamentos para a sua ‘reconstituição’”, *Ordens militares: guerra, religião, poder e cultura*, Actas do III Encontro sobre ordens militares, coordenação de FERNANDES (Isabel Cristina Ferreira), Lisboa – Palmela, Edições Colibri – Câmara Municipal de Palmela, 1999, vol. II, p. 385-395, il.

Nota sobre um relicário que se encontra na igreja paroquial de Nossa Senhora da Orada em Avis, sede do concelho do mesmo nome, datado de 1460-1466, proveniente da antiga sede da Ordem Militar de São Bento de Avis. O relicário representa no painel da frente as figuras de Santa Catarina de Alexandria e de São Bento, ladeando a imagem de Nossa Senhora com o Menino. Foi feito para conter as relíquias dos apóstolos Pedro e Paulo e para o Lenho do Senhor. Nota e transcrição em apêndice dos inventários de 1596 e de 1834, após a extinção das ordens militares. É também transcrita a distribuição das alfaias do convento de São Bento de Avis após 1843. – (H2).

2356-11-SILVA (Nuno Vassalo e), “Aspectos da arte da prata na Companhia de Jesus (séculos XVI a XVII)”, *O púlpito e a imagem: os jesuítas e a arte*, coordenação de SILVA (Nuno Vassalo e), Lisboa, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, 1996, p. 57-65, il.

A propósito da importância da arte da prata dentro da Companhia de Jesus nos séculos XVI e XVII, são dadas notas sobre o culto das relíquias, que esta incentivava, e sobre os relicários oferecidos à igreja de São Roque em Lisboa, onde estava instalada a sede dos jesuítas. Descrição do acolhimento das relíquias oferecidas por Dom João de Borja em 1588, nomeadamente das relíquias de Gregório Magno e de Santa Engrácia. Ao cortejo processional associaram-se as principais irmandades e igrejas de Lisboa com algumas das suas relíquias. Outros relicários e relíquias mencionados, existentes e

desaparecidos, pertencem aos santos Inácio de Loiola, Francisco de Borja, Francisco Xavier, Luís Gonzaga, João de Brito, Matias, Helena e Isabel da Hungria. Algumas peças do núcleo proveniente do colégio das Onze Mil Virgens, hoje a Sé Nova de Coimbra, encontram-se no Museu Machado de Castro em Coimbra. – (A5-E3).

2357-11-SILVA (Nuno Vassalo e), “Breve historial do santuário das relíquias de S. Roque”, *Esplendor e devoção: os relicários de S. Roque*, coordenação de BRANDÃO (Elvira), Lisboa, Edição da Santa Casa da Misericórdia, 1998, p. 9-40, il.

Historial da colecção de relíquias da igreja de São Roque em Lisboa, cuja capela primitiva foi construída para nela se expor uma relíquia de São Roque e aí se estabelecer a irmandade do mesmo santo, no início do século XVI. A igreja passou depois a sede da Companhia de Jesus. Na sua quase totalidade, as relíquias são provenientes da doação feita em 1588 por João de Borja, filho de São Francisco de Borja, a que se juntaram um pequeno número de relíquias vindas do extinto convento de São Pedro de Alcântara (1833) e legados recebidos pela Misericórdia de Lisboa nos séculos XIX e XX. Descrição das cerimónias da entrega das relíquias em 1588, cuja procissão era composta por doze andores com as relíquias. Os relicários actuais podem ser divididos em bustos-relicários, crânios-relicários, braços-relicários, custódias-relicários, relicários em cofre ou caixa e, por fim, o grupo alargado de esculturas-relicários, âmbulas e pendentos com cabelos e ossos de santas virgens e de santos mártires. Breve análise dos relicários mais significativos do ponto de vista artístico. O culto das relíquias e o coleccionismo foi reforçado com o Concílio de Trento, que fez das relíquias um veículo privilegiado para os fiéis alcançarem a salvação. – (A5-E3-G1).

2358-11-SILVA (Nuno Vassalo e), “Notas sobre o simbolismo do relicário da rainha D. Leonor”, *Póvoa de Varzim: Boletim Cultural*, vol. XXVI, n.º 2, 1989, p. 563-571, il.

Breve análise do relicário da rainha Dona Leonor, executado provavelmente na década de vinte do século XVI. Terá contido um espinho da coroa de Cristo e um pedaço do Santo Lenho da Vera Cruz, estando actualmente depositado no Museu Nacional de Arte Antiga em Lisboa. A estrutura do relicário reproduz uma capela e as cores das pedras preciosas simbolizam as virtudes cardeais e as virtudes teológicas.

2359-11-SILVA (Nuno Vassalo e), “Percurso de relíquias e relicários de S. Roque”, *A ermida manuelina de S. Roque*, coordenação de BRANDÃO (Elvira), Lisboa, Museu de S. Roque, 1999, p. 47-51, il.

Notas sobre o percurso das relíquias e dos relicários da capela de São Roque em Lisboa. A primitiva relíquia do mártir, oferecida pela República

de Veneza ao rei Dom Manuel I (1506), e o relicário onde foi originalmente guardada não são hoje identificáveis. Foram substituídos pela actual relíquia trazida para São Roque em 1588 e guardada até hoje em diversos relicários. Menção da irmandade de São Roque, constituída para guardar a relíquia. – (G1).

2360-11-SILVA (Nuno Vassalo e), “O relicário que fez mestre João”, *Oceanos*, n.º 8, 1991, p. 110-113, il.

O relicário da rainha Dona Leonor, datado de 1510-1520, foi doado, após a sua morte, ao convento da Madre de Deus em Lisboa. Hoje encontra-se no Museu Nacional de Arte Antiga. Continha as relíquias do Santo Lenho da Vera Cruz e o Espinho da Coroa de Cristo. São referidos alguns aspectos simbólicos da estrutura arquitectónica e decorativa da peça. Alusão à cópia do Santo Sudário de Turim (Itália) enviada a Dona Leonor.

2361-11-SILVA (Nuno Vassalo e), “O tesouro da Madre de Deus”, *Igreja da Madre de Deus: história, conservação e restauro*, Lisboa, Instituto Português de Museus, 2002, p. 95-103, il.

Notícia da colecção de ourivesaria e paramentaria do convento da Madre de Deus em Lisboa, fundado em princípios do século XVI. As colecções foram dispersas depois da extinção das ordens religiosas em 1834. No século XX houve algumas tentativas de reconstituição com base na documentação de várias épocas, em particular nos inventários do século XVI. Muitas das obras estão hoje desaparecidas ou conservadas em vários museus, como por exemplo o relicário em ouro e a cruz-relicário em prata, ambos da rainha Dona Leonor, um Santo Sudário, medalhões com a representação da Última Ceia, da Traição de Judas e da Flagelação, uma tapeçaria com o Baptismo de Cristo, várias jóias oferecidas à imagem milagrosa de Nossa Senhora e o berço de prata do Menino Jesus. – (H2-I3).

2362-15-SOUSA (Ana Cristina Correia de), “O tesouro medieval da Santa Casa da Misericórdia de Setúbal – uma herança preservada”, *A Misericórdia de Vila Real e as Misericórdias no mundo de expressão portuguesa*, coordenação de FERREIRA-ALVES (Natália Marinho), Porto, Centro de Estudos da População e Sociedade, [D.L. 2011], p. 47-62, il.

Estudo sobre o relicário de Nossa Senhora da Anunciada, uma cruz de cristal e um cálice, datados dos séculos XV e XVI, que pertenceram à confraria de Nossa Senhora da Anunciada de Setúbal, fundada em 1330. Esta confraria possuía hospital próprio e resistiu à integração na Misericórdia até 1869. Em anexo são transcritos excertos das Visitações da Ordem de Santiago de 1553 e de 1564 nas partes relacionadas com o assunto estudado. – (A5-G1-G2).

2363-07-SOUSA (Gonçalo de Vasconcelos e), “A exaltação barroca do cromatismo e o relicário do Santo Lenho da Sé de Évora”, *O Santo Lenho da Sé de Évora: arte, esplendor e devoção*, 2.^a edição, coordenação de RAMOS (Maria do Céu), [Évora], Fundação Eugénio de Almeida, [D.L. 2011], p. 31-36, il.

Leitura artística do relicário do Santo Lenho da Sé de Évora executado entre 1691 e 1703, período em que o seu encomendador foi arcebispo de Évora.

2364-11-TELFER (William M. A), *O tesouro de São Roque: um olhar sobre a Contra-Reforma*, Lisboa, Santa Casa da Misericórdia, 2017, 299 p., il., planta.

Estudo sobre as relíquias doadas à Companhia de Jesus nos séculos XVI a XVIII. Em particular, é salientada a avultada doação de Dom João de Borja (1533-1606), filho de São Francisco de Borja, realizada em 1587 e depositada na igreja de São Roque em Lisboa, sede dos jesuítas. É tratado o contexto histórico que permitiu a Dom João de Borja adquirir o conjunto de relíquias e analisado o conjunto depositado na igreja, assim como os documentos de autenticação que as acompanhavam. Um olhar histórico-crítico do culto das relíquias num contexto em que este era criticado pelos protestantes e defendido pela Igreja Católica tridentina. Contém uma lista das relíquias. – (A5).

2365-07-VALE (Teresa Leonor), “O carácter único da colecção de ourivesaria da capela de São João Baptista”, *A capela de São João Baptista da igreja de São Roque: a encomenda, a obra, as colecções*, coordenação de VALE (Teresa Leonor), Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2015, p. 201-247, il.

Estudo sobre as peças de ourivesaria da capela de São João Baptista, situada na igreja de São Roque em Lisboa, que compreende um frontal de altar figurando uma cena do Apocalipse, quatro relicários com relíquias dos santos Valentim (mártir, bispo, século IV), Próspero, Félix e Urbano, assim como uma cruz com Cristo Crucificado.

2366-11-VALE (Teresa Leonor), “Das aquisições da Companhia de Jesus às do Magnânimo: obras de prata barroca italiana nas colecções do Museu de S. Roque da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, *A Misericórdia de Vila Real e as Misericórdias no mundo de expressão portuguesa*, coordenação de FERREIRA-ALVES (Natália Marinho), Porto, Centro de Estudos da População e Sociedade, [D.L. 2011], p. 615-634, il.

Contribuição para o estudo das obras de ourivesaria barroca do século XVIII que pertencem ao Museu de São Roque da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, compostas por um núcleo de relicários encomendados pela Companhia de Jesus, pela colecção de ourivesaria da capela de São João Baptista e por um cálice datado de 1727. Os relicários pertencem aos santos Vicente, Sebastião, Estanislau Kostka e João Francisco Régis.

2367-.-*Comendas das ordens militares: perfil nacional e inserção internacional – Noudar e Vera Cruz de Marmelar*, introdução e coordenação de FONSECA (Luís Adão da), Porto, CEPESE – Fronteira do Caos, 2013, 390 p., il., mapas, quadros, gráficos.

Estudo monográfico sobre a comenda de Noudar, freguesia de Barrancos (distrito de Beja), e principalmente da comenda de Marmelar, freguesia de Vera Cruz, concelho de Portel. A história desta comenda da Ordem do Hospital foi condicionada pelo culto da relíquia do Santo Lenho, que se tornou seu orago e que lhe deu o nome por que ficou conhecida após a batalha do Salado (1340, Espanha), onde a relíquia esteve presente. Análise dos aspectos devocionais relacionados com o culto da Vera Cruz: o culto em Portugal; paróquias, capelas e confrarias com o nome de Vera Cruz ou Santa Cruz; a relíquia do Santo Lenho em Portugal e sobretudo no Sul de Portugal. Dados sobre o património artístico: a igreja conventual anterior a meados do século XIII, a pintura maneirista com Santa Helena e o milagre do reconhecimento da Vera Cruz perante o imperador Constantino e o seu séquito (1584), o retábulo barroco com o tema da Invenção da Vera Cruz (1671), o ciclo de telas dos santos-heróis da Ordem de Malta (segunda metade do século XVII), a tela com o Pentecostes (segundo quartel do século XVI). Por fim, são descritos pormenorizadamente o cofre-relicário, datado do século XIII, e a cruz processional. Os textos sobre os aspectos devocionais são da autoria de FONSECA (Luís Adão da), MARQUES (José), sobre os artísticos de SERRÃO (Vitor) e sobre a relíquia e a cruz de ROSAS (Lúcia). – (C2-D3-H2-H3).

2368-11-“A entrada solene das relíquias do Santo Condestável na Cidade de Lisboa”, *Revista Municipal*, Câmara Municipal de Lisboa, n.º 89, 1961, p. 26-30, il.

Relato das cerimónias realizadas em Lisboa por ocasião da entrada das relíquias (e espada) do Santo Condestável ou Nuno de Santa Maria em Lisboa. Um cortejo processional acompanhou a urna com o sacrário desde o Terreiro do Paço até à Sé Catedral e, quatro dias depois, outro foi desde a Sé até ao convento do Carmo donde haviam saído. – (E3).

2369-11-*Esplendor e devoção: os relicários de S. Roque*, Lisboa, Santa Casa da Misericórdia, coordenação de BRANDÃO (Elvira), [Lisboa], Museu de São Roque, 1998, 119 p., il.

Catálogo da exposição de duzentos e trinta e oito relicários da igreja de São Roque em Lisboa, no ano de 1998. As relíquias encontram-se habitualmente nas capelas que ladeiam a capela-mor, nas capelas do Santíssimo Sacramento, de Nossa Senhora da Doutrina e de Nossa Senhora da Piedade, assim como no museu de arte sacra. Nas páginas 41-119 estão as fichas do inventário, que compreendem o nome do objecto, o material de que é feito, o local da produção e data de fabrico, a descrição, as dimensões, o estado de conservação, a

localização actual e, em alguns casos, a bibliografia onde a peça se encontra referida. O catálogo contém um índice dos santos dos relicários. As metodologias seguidas no inventário da colecção de relicários da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa são apresentadas por PARRA MARTINEZ (Júlio). – (C2).

2370-07-*Museu de São Roque: catálogo*, 2.^a edição, coordenação de MORNA (Teresa Freitas), Lisboa, Santa Casa da Misericórdia – Museu de São Roque, 2008, 130 p., il., plantas.

Guia do Museu de São Roque em Lisboa onde se referem diversas secções: uma sobre pintura, constituída por obras que representam temas religiosos, como a vida de Cristo, marianos, nomeadamente Nossa Senhora da Misericórdia e santos mártires, assim como a iconografia de São Roque; outra sobre escultura, que compreende imagens do Menino Jesus e de Cristo Morto, de Nossa Senhora da Piedade, dos santos Roque, Inácio de Loiola, António, Brás, Libório de Mans, Joaquim, Sebastião, João Baptista, Teresa de Ávila e Ana; outra sobre numerosos relicários; outra sobre arte oriental, que inclui, por exemplo diversas imagens de Cristo Crucificado; outra ainda sobre a capela de São João Baptista, situada na igreja de São Roque. As secções de temática religiosa têm notas introdutórias de MANTAS (Helena Alexandra Soares), HENRIQUES (António Meira Marques), PIMENTEL (António Filipe) e MORNA (Teresa Freitas). – (C2-H1-H2).

2371-11-*Ourivesaria e iluminura: século XIV ao século XX*, coordenação de SILVA (Nuno Vassalo e), Lisboa, Santa Casa da Misericórdia, 1998, 123 p., il.

Catálogo com fichas pormenorizadas da colecção de ourivesaria do património da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, que incluem cerca de trezentos objectos dos séculos XIV-XX, na sua maioria objectos litúrgicos, relicários e ornamentos de imagens (coroas e resplendores). Alguns objectos têm baixos-relevos com a representação de entidades religiosas. Inventário das obras de iluminura, datadas dos séculos XVI-XX, conservadas no Museu de São Roque em Lisboa, com destaque para a representação de Nossa Senhora da Misericórdia no Compromisso de 1520. Transcrição de um documento papal da autenticação das relíquias dos santos Urbano, Félix, Próspero e Valentim (mártir, bispo, século IV), datado de 1752, e de documentos sobre a irmandade de São Roque. As notas explicativas da colecção de ourivesaria e de iluminura são respectivamente de PARRA MARTINEZ (Julio) e MORNA (Teresa Freitas). – (G1-G2-H2).

2372-11-“Resultados de um intercâmbio feliz: graças à acção da Junta de Turismo da Costa do Sol, Pádua ofereceu à Sé Catedral de Lisboa uma relíquia de Santo António”, *Boletim da Junta de Turismo da Costa do Sol*, 1969, p. 19-33, il.

Relato das cerimónias relativas à chegada a Lisboa de uma relíquia de Santo António oferecida pela basílica de Pádua à Sé Patriarcal de Lisboa. São

mencionados os cortejos com a relíquia, a sua exposição à veneração dos fiéis na igreja de Santo António e em Cascais, onde decorreram na praia diversas manifestações, como por exemplo a bênção do mar. – (E3-E6).

2373-11-“VIII Centenário da chegada a Lisboa das Relíquias de S. Vicente”, *Revista Municipal*, Câmara Municipal de Lisboa, n.º 136-137, 1973, p. 95-99, il.

Relato das festas comemorativas do oitavo centenário da chegada a Lisboa das relíquias de São Vicente provenientes de Sagres (distrito de Faro). Reprodução integral da homília proferida pelo cardeal-patriarca e bispo da diocese de Lisboa, que menciona episódios referentes à vida de São Vicente e outros que aconteceram após a sua morte. Descrição da trasladação das relíquias do santo para o promontório de Sagres no século VIII e depois para Lisboa em 1173, data a partir da qual é prestado culto às relíquias do padroeiro da cidade e do patriarcado. A homília realizada tinha o propósito de acção de graças e de súplica de auxílio e protecção. – (B2-D4-E1-E2).

I – ICONOCLASTIA

I3 – Causada por uma oposição política ou ideológica (revoluções...)

2374-07-BORGES (Artur Goulart de Melo), “Dispersão da arte sacra eborense no post-república”, *Eborensia: Revista do Instituto Superior de Teologia de Évora*, n.º 31, 2003, p. 151-162.

Breve estudo sobre a dispersão da arte sacra de Évora na sequência da implantação da República em 1910. Análise dos anteriores processos de desaparecimento motivados pelas invasões francesas (1808) e pela extinção das ordens religiosas (1834). As posteriores reparações efectuadas pelo Estado Novo em 1940 (Concordata entre Portugal e a Santa Sé, Decreto-Lei que devolveu à Igreja “a propriedade dos bens que à data de 5 de Outubro de 1910 lhe pertenciam e estão ainda na posse do Estado”). Segundo o autor, a dispersão de objectos sacros durante a I República está longe dos números atingidos com a extinção dos conventos e, muito mais ainda, do saque efectuado pela invasão francesa de 1808. A arte sacra é composta por quadros, imagens, alfaias litúrgicas, objectos devocionais e utilitários para serviço do culto. – (I1).

2375-07-BORGES (Artur Goulart de Melo), “Dispersão do património artístico conventual eborense”, *Eborensia: Revista do Instituto Superior de Teologia de Évora*, n.º 33, 2004, p. 133-144.

Notas históricas sobre a dispersão do património artístico conventual da cidade de Évora que, após a extinção das Ordens Religiosas em 1834, foi distribuído por diversos lugares de culto.

2376-07-CAEIRO (Elsa), “Políticas e consequências da extinção das ordens religiosas no espaço urbano e envolvente da cidade de Évora do liberalismo à actualidade”, *O Património Artístico das Ordens Religiosas: entre o liberalismo e a actualidade: inventariar, arrecadar, distribuir*, *ARTISON*, n.º 3, 2016, p. 33-39. <http://artison.letras.ulisboa.pt/index.php/ao/article/view/57/50> (consultada em 22-12-2020).

Os dezanove conventos que havia no espaço urbano e no termo de Évora nos finais do século XVII sofreram profundas transformações desde a supressão das ordens religiosas em 1834, sendo destinados a fins profanos. Os conventos masculinos foram, nos anos seguintes à supressão, entregues à autarquia ou vendidos a particulares que os demoliram ou desmembraram. Os femininos foram encerrando gradualmente a partir de 1881. Alguns dos espaços conventuais sofreram diversas alterações ao longo do século XX. Já os lugares de culto dos complexos conventuais mantiveram ou foram recuperados para a sua função religiosa.

2377-07-COELHO (Francisco José Senra), “O liberalismo e a dessacralização do Alentejo”, *Eborensia: Revista do Instituto Superior de Teologia de Évora*, n.º 33, 2004, p. 63-97.

Análise das razões que favoreceram a diminuição das práticas religiosas no Alentejo (distritos de Portalegre, Évora, Beja e parte do distrito de Setúbal), no século XIX: a expulsão dos jesuítas a meados do século XVIII, a ocupação francesa de Évora (1808), o triunfo do liberalismo e a extinção da maior parte dos conventos (1834) da diocese de Évora, que haviam tido um papel determinante na evangelização da região, a política do regalismo liberal e a transformação dos bispos em burocratas, a diminuição do casamento e do baptismo católicos, o deficiente estado dos seminários do Alentejo. – (I1).

2378-15-RODRIGUES (Fernando de Matos), “Visita do Grupo Amigos de Lisboa ao antigo Convento de Brancanes (Batalhão do Serviço de Saúde)”, *Olisipo*, nºs 150-152, 1987-1989, p. 43-57, il.

História do convento franciscano de Brancanes situado em Setúbal, que é actualmente a sede do Batalhão do Serviço de Saúde, desde a sua fundação em 1682 até extinção em 1833. Alusão aos lugares de culto ligados ao convento: a extinta capela de Nossa Senhora dos Anjos, a capela de Nossa Senhora da Guia (finais do século XIII, reconstruída no século XX) e o convento de São Francisco de Assis de Évora. – (C2).

2379-11-SILVA (Raquel Henriques da), “Arquitectura religiosa pombalina”, *Monumentos*, n.º 21, 2004, p. 108-115, il.

Notas sobre os lugares de culto no contexto do plano da reconstrução da Baixa Pombalina da cidade de Lisboa após o terramoto de 1755. As igrejas foram

reedificadas nos mesmos locais ou próximo, mas submetidas à arquitectura estandardizada aplicada na reconstrução, perdendo o seu impato religioso. Menção de diversas igrejas paroquiais e não paroquiais.

I5 – Iconoclastia individual

2380-11-PESSOA (Ana Maria), *O Senhor Roubado*, Odivelas, Junta de Freguesia, 1989, 22 [4] p., il.

História da origem e descrição do monumento ao Senhor Roubado situado na freguesia de Odivelas, sede do concelho do mesmo nome, que teve origem no roubo de diversos objectos do sacrário da igreja matriz de Odivelas em 1671. O profanador foi um trabalhador rural que quebrou a cruz do vaso onde estava o Santíssimo Sacramento, despiu a imagem de Nossa Senhora e descompôs outras. O monumento ao Senhor Roubado foi edificado no local onde foram escondidos os objectos roubados. Inicialmente foi construído em madeira e depois em pedra, sendo erigido em 1744. O monumento possui um nicho com um crucifixo e, nas faces da parede que ladeiam o padrão, doze painéis de azulejos historiados com a legenda explicativa sobre cenas do roubo. – (C2-H2).

2381-11-SILVA (Maria Natália), “O caso do Senhor Roubado de Odivelas”, *Cadernos de Estudos Sefarditas*, n.º 3, 2003, p. 275-294.

Contribuição para o estudo do caso do roubo do Santíssimo Sacramento da igreja matriz de Odivelas, sede do concelho do mesmo nome, em 1671, no contexto da hostilidade aos cristãos-novos e da acção da Inquisição, num período em que o poder régio estava fragilizado. Relato do acontecimento segundo a sentença que condenou à fogueira o autor do roubo, sem que ficasse provado a ascendência judaica do criminoso. Análise da reacção da sociedade portuguesa, da inquirição do crime, da condenação e da execução. Segundo a autora, o caso favoreceu os sectores da sociedade, como a Inquisição, que recusavam qualquer abrandamento da opressão contra os cristãos-novos e o regresso de cristãos-novos instruídos no estrangeiro. – (A5-I2).

ÍNDICE DE AUTORES

- A -

- ABAF (Carlos), 1294, 1874
ABEL (Marília), 689, 1295, 1385, 1386
ABREU (Jorge de Brito e), 1574
ABREU (Laurinda), 3, 85, 90, 114, 1575, 1576, 1634, 1635, 1636, 1637, 1638, 1639
ABREU (Maurício), 1020
ADRAGÃO (José Victor), 528
ADRIÃO (Vitor Manuel), 155
AFONSO (Aniceto), 1675
AFONSO (Luís Urbano), 1875, 1876
AFONSO (Patrícia Cristina Fonseca), 1877
ÁGUA (Vera Borda de), 761
AGUIÃ (Simão Pedro de), 1176
AGUIAR (José), 2007
AGUIAR (Manuel), 690
ALARCÃO (Miguel), 2336
ALBERTO (Edite), 1177
ALBINI (Giuliana), 1577
ALBUQUERQUE (Maria João), 691, 1640
ALCÂNTARA (Joaquim Pedro de), 156
ALCOCHETE (Nuno Daupias de), 692
ALEGRIA (José Augusto), 444, 445
ALEIXO (Ana Teresa dos Reis), 1878
ALEXANDRE (Maria do Guadalupe Transmontano), 157, 1178
ALEXANDRE (Marta), 1879
ALHO (Albérico Afonso Costa), aliás COSTA (Albérico Afonso), 293, 1077, 1258, 2174
ALMEIDA (António José de), 1769, 1770
ALMEIDA (Carlos Manuel Calixto), 1641
ALMEIDA (Fátima Contramestre de), 1642
ALMEIDA (Fernando António), 693
ALMEIDA (Filipa Alexandre Cradoso), 694
ALMEIDA (Isabel Cruz), 858, 1791, 1799, 1880, 1912, 1968, 2004, 2034, 2054, 2116, 2138, 2213, 2284
ALMEIDA (Jorge Filipe de), 1881
ALMEIDA (Manuel Tavares de), 1179
ALMEIDA (Maria Amélia de), 1882
ALMEIDA (Maria Antónia Pires de), 1387
ALMEIDA (Mónica Duarte de), 1771
ALMEIDA (R. Vicente de), 1041
ÁLVARO (Alexandre Borges), 695
ALVES (Ana Maria Mendes Ruas), 4
ALVES (Anabela), 1883
ALVES (Andreia Luísa da Costa), 696
ALVES (Aníbal Falcato), 409
ALVES (António Rodrigues), 286
ALVES (Carlos F. Póvoa), 1079
ALVES (Joana Lopes), 1341
ALVES (José da Felicidade), 529, 697, 698, 699, 923
ALVES (José Sanches), 342
ALVES (José), 5, 6
ALVES (Maria do Rosário Martins), 291
ALVES (Tarcísio Fernandes), 7, 148
AMARAL (Abílio Mendes do), 506, 1072
AMARAL (Cristina), 1760
AMARAL (João José da Silva), 700
AMARO (Ana Maria), 1342
AMARO (Gonçalo de Carvalho), 701
AMBRÓSIO (António), 1464, 1465

- AMORIM (Maria Adelina), 702
 ANACLETO (Pedro Garcia), 8, 530, 703
 ANACLETO (Regina), 1131
 ANCIÃES (Alfredo Ramos), 704
 ANDRADE (A. Júlio), 418
 ANDRADE (António Alberto Banha de),
 1180, 1643
 ANDRADE (Ferreira de), 158, 288, 705
 ANDRADE (Manuela), 1181
 ANDRADE (Nuno V.), 324
 ANDRÉ (Paula), 1132
 ÂNGELO (Frei), 1182
 ANSELMO (António Joaquim), 159
 ANTÃO (Nelson Moreira), 1687
 ANTAS (Mário Nuno), 706
 ANTUNES (Joana Melo), 531
 ANTUNES (José Francisco Damas), 532,
 1080
 ANTUNES (Luís Pequito), 147, 533
 ANTUNES (Miguel Telles), 2337
 ANTUNES (Nelson), 534
 ANTUNES (Vitor), 160
 ANTUNES (Vitória Baltazar), 325
 ARAÚJO (Ana Cristina), 1466, 1467, 1468,
 1469, 1470
 ARAÚJO (António de Sousa), 9, 484, 707,
 1081, 1082, 1083, 1183
 ARAÚJO (Custódia Maria Freixial), 1884
 ARAÚJO (Horácio), 485
 ARAÚJO (Julieta Maria de Almeida), 10
 ARAÚJO (Maria Benedita), 11, 12, 1471, 1530
 ARAÚJO (Maria Marta Lobo de), 1472, 1578,
 1579, 1644, 1645, 1646, 1647, 1648, 1649,
 1650, 1651, 2299
 ARAÚJO (Paulina Margarida Rodrigues), 13
 ARAÚJO (Renata de), 1388
 ARIMATEIA (Rui), 1296, 1297, 1298, 1299,
 1431
 ARRUDA (Luísa), 708, 709
 ARSÉNIO (José), 1184, 1814
 ASSUNÇÃO (Ana Paula), 161, 1454, 1885
 ASSUNÇÃO (Guilherme José Ferreira de),
 1389
 ASSUNÇÃO (Paulo de), 130
 ATAÍDE (M. Maia), 535, 711, 712, 713, 714,
 1058
 ATAÍDE (Marta), 710
 ATANÁZIO (M. Mendes), 536
 AURÉLIO (Carlos), 537, 1125, 1390, 1391
 AVELAR (Ana Filipa Gomes de), 1133, 1580
 AVERINI (Ricardo), 715
 AVIZ (Laura de), 1772
 AZARUJA (João Cardoso), 2272
 AZEVEDO (Carlos A. Moreira), 1886
 AZEVEDO (Carlos de), 538, 716, 717
 AZEVEDO (Estevão da Gama de Moura e),
 539
 AZEVEDO (Francisco de Simas Alves de),
 2338
 AZEVEDO (José Alfredo da Costa), 718
 AZEVINHEIRO (Conceição), 719
- B -
- BAIÓIA (Manuel), 1473
 BALESTEROS (Carmen), 14, 410, 540, 541,
 720, 924, 1075, 1134, 2311, 2312, 2313,
 2314
 BALINHA (Hélio), 721
 BALONA (Rita), 295
 BALSÁ (Francisco), 1761
 BAPTISTA (Ana Cristina), 1864
 BAPTISTA (António Martinho), 2169
 BAPTISTA (Fernando António), aliás
 PEREIRA (Fernando António Baptista), 28,
 147, 533, 934, 935, 996, 1196, 1504, 1505,
 1783, 1811, 1812, 1813, 1814, 1858, 1887,
 1888, 1975, 1976, 2057, 2112, 2113, 2114,
 2115, 2298
 BAPTISTA (J. Ramos), 722
 BAPTISTA (Júlio César), 15, 542
 BAPTISTA (Nuno Miguel), 1135
 BARATA (Filipe Themudo), 1392
 BARATA (José Pedro Martins), 446, 1343
 BARATA (Matria do Rosário Themudo), 73
 BARBIERI (José), 466
 BARBOFF (Mouette), 1562
 BARBOSA (Ana Lúcia), 723, 724
 BARBOSA (Pedro Gomes), 1888
 BARRADAS (Luís), 300
 BARREIRA (Hugo), 588, 1139
 BARREIRA (José do Nascimento), 725
 BARREIROS (Carla Sofia Garcia), 2326
 BARRETO (Luís Filipe), 130
 BARROCA (Mário Jorge), 726
 BARROS (Ana Mafalda de Magalhães), 2285

- BARROS (Maria Filomena Lopes de), 1392
 BARROS (Miguel Sérgio Monteiro de), 543
 BASTO (Ana Carolina de Avilez de), 16
 BASTOS (Celina), 2005
 BASTOS (Margarida Almeida), 2039
 BATALHA (Daniela), 1536
 BATALHA (Rogério Miranda), 1389
 BATISTA (Jorge Rodrigues), 1889
 BATORÉO (Manuel), 1890, 1891, 1892, 1893,
 1894, 1895, 1896, 1897, 2291, 2298
 BEIRANTE (Maria Ângela), 162, 727, 728,
 729, 1474, 1475, 1476, 1566, 1581
 BELO (António José), 290
 BELO (António), 1537
 BELO (Filomena), 508
 BENITO (Paula), 938
 BENTO (António Cunha), 730, 1077
 BENTO (Frei Manuel de S.), 2339
 BERGER (Francisco José Gentil), 731
 BERNARDINO (Teresa Maria Leitão), 1477
 BERNARDO (Bonifácio dos Santos), 1269,
 1270
 BERNARDO (José Miguel), 1869
 BERNARDO (Luísa de Sousa), 2161
 BESSA (Carlos), 326
 BESSONE (Silvana), 1218, 1232, 1393, 1394,
 1456, 1457, 2331
 BILOU (Artur), 17
 BILOU (Francisco), 735, 739, 743, 1478,
 1567, 1898, 1933
 BIRG (Manuela), 732
 BISPO (António João), 327
 BLACK (Maria Luísa de Bivar), 18
 BOBONE (Maria Ana), 1394
 BORDIN (Jane), 2315
 BORGES (Ana Eleonora), 411
 BORGES (Ana Maria), 733, 734, 2270
 BORGES (Artur Goulart de Melo), 544, 612,
 735, 1216, 1773, 1794, 1845, 1846, 1847,
 1848, 1849, 1850, 1851, 1852, 1864, 1872,
 1899, 1900, 1901, 2024, 2268, 2269, 2270,
 2271, 2272, 2273, 2340, 2374, 2375
 BORGES (Augusto Moutinho), 1774, 1902,
 2300
 BORGES (José), 1395
 BORGES (Maria de Lourdes Calvão), 736
 BORGES (Rodrigo da Câmara), 1903
 BORRACHA (Alexandra), 559, 764
 BORREGA (Margarida), 2316
 BORREGO (Nuno), 163
 BOSCO (Terésio), 328
 BOTA (Adelaide Maria de Almeida), 737
 BOTELHO (Martinho), 329
 BOTTO (Maria Margarida Donas), 1904,
 1905
 BOTURÃO (Júlio de Oliveira), 1355
 BRAGA (Isabel Mendes Drumond), 19, 20,
 21, 22, 1185, 1582
 BRAGA (Paulo Drumond), 23, 24, 164, 1479
 BRANCO (Jorge), 1186
 BRANCO (Manuel J. C.), 25, 152, 738, 739,
 740, 741, 742, 743, 744
 BRANCO (Micaela), 678
 BRANCO (Ricardo Lucas), 745, 746, 747
 BRANDÃO (Elvira), 919, 1052, 1652, 1860,
 1896, 1915, 1920, 1937, 2357, 2359, 2369
 BRÁS (Nuno), 1583
 BRAVO (Fátima Ventura Toscano), 748
 BRAZÃO (Eduardo), 545
 BRÉE (M. M. de), 749
 BRITO (António Fialho de), 1356
 BRITO (Joaquim Pais de), 1451
 BRITO (Maria Filomena), 750, 1480, 1775,
 1804, 1861, 1866, 1867, 1906, 1918
 BRITO (Susana Mendes), 26
 BUARQUE (Irene), 1066
 BUCHO (Domingos Almeida), 447, 546, 547,
 751, 931
 BUESCU (Ana Isabel), 298
- C –
- CABAÇA (Ana Vanessa Jeremias), 752
 CABEÇA (Tiago), 2275
 CABEÇAS (Mário Henriques), 548, 753,
 1207, 1907
 CABRAL (Elizabeth), 1357
 CABRAL (João), 1868
 CABRAL (Maria Elizabeth Figueiredo), 1271
 CABRITA (Fernanda), 678
 CABRITA (Maria Teresa), 1908
 CAEIRO (Baltazar Matos), 27
 CAEIRO (Elsa), 754, 2376
 CAEIRO (F. da Gama), 330
 CAETANO (Amélia), 318, 320, 1481, 1538,
 1539, 1540

- CAETANO (Joana), 1536
 CAETANO (Joaquim Inácio), 1909, 2240
 CAETANO (Joaquim Oliveira), 28, 147, 755, 756, 1137, 1896, 1910, 1911, 1912, 1913, 1914, 1915, 1916, 1917, 1918, 1919, 1920, 1921, 1922, 1923, 1937, 2298, 2301
 CAETANO (Maria Teresa), 165, 299, 1573
 CALADO (Margarida), 757, 758
 CALADO (Maria), 549, 550, 551, 552, 553, 554, 555, 1396
 CALADO (Teresa Gil), 732
 CALDEIRA (António), 2274
 CALDEIRA (Arlindo), 1368
 CALDEIRA (Marcelino), 359
 CALISTO (Judite), 289
 CALLIER-BOISVERT (Colette), 1543
 CALVÃO (Filipe), 1488
 CAMACHO (Clara Frayão), 1187, 1358
 CÂMARA (João Luiz Bettencourt da), 1482
 CÂMARA (Maria Alexandra Gago da), 1924, 1925, 1930, 2046, 2050, 2083, 2104, 2120, 2149, 2262
 CÂMARA (Maria Teresa Sousa da), 1776
 CAMEIRÃO (Estela Maria), 759
 CAMPELO (Joana), 1926
 CAMPILHO (Maria José Holstein), 2285
 CAMPOS (João Pires de), 1188, 1777
 CAMPOS (Teresa), 760, 1927, 2098
 CANAS (José Fernando), 556
 CANATÁRIO (Jerónimo M.), 166
 CANDEIAS (António), 2134
 CANEÇAS (Mário Henriques), 1928
 CANHA (João António Parreira), 412
 CANO (Xavier), 2170, 2287
 CANTERA (Maria José Redondo), 1880, 1967, 1996
 CANTO (Pedro Marujo), 761
 CAPELA (José Viriato), 1122
 CAPOCO (Zeferino), 1123
 CAMELO (Francisco Gomes), 1491
 CARAPINHA (Rui), 1397
 CARDOSO (Abílio Tavares), 699
 CARDOSO (Carlos Lopes), 1136, 1300
 CARDOSO (Francisca Alves), 1145
 CARDOSO (Guilherme), 557, 558, 622, 668, 1084, 1868
 CARDOSO (Hugo), 2341
 CARDOSO (Maria de Cabedo), 762
 CARDOSO (Maria Miguel dos Santos), 1189
 CARDOSO (Pedro Vasconcelos), 1929
 CARDOSO (Rogério Seabra), 763, 1736, 1754
 CARMELO (Guilherme), 2275
 CARMITA, 507
 CARMONA (Rosalina), 167, 559, 764, 765, 1190, 1653
 CARNEIRO (André), 2317
 CARPINTEIRO (João), 1552
 CARRUSCA (Suzana), 1930
 CARVALHO (A.), 1230
 CARVALHO (Adriano de Freitas), 509
 CARVALHO (Ana Paula), 1200
 CARVALHO (Anabela), 2102, 2106
 CARVALHO (António Rafael), 560
 CARVALHO (Ayres de), 29, 766, 1778
 CARVALHO (Carmina Montezuma), 1779
 CARVALHO (David Augusto Luna de), 1483
 CARVALHO (Frederico Nunes de), 1845
 CARVALHO (Gabriela Pinto), 561, 767, 1063
 CARVALHO (J. Vaz de), 331
 CARVALHO (João Carlos Almeida), 168
 CARVALHO (Jorge de Almeida), 1013
 CARVALHO (José Alberto Seabra), aliás SEABRA (José Alberto), 1137, 1913, 1931, 1932, 1933, 1934, 1935, 1936, 1937, 1938, 2162
 CARVALHO (José dos Santos), 1939
 CARVALHO (Maria João Vilhena de), 1780, 1781
 CARVALHO (Rosário Salema de), 2, 562, 1059, 1940, 1941, 1942, 1943, 2120
 CARVALHO (Sérgio Luís de), 640
 CASAL (Milene Gil), 768
 CASEIRO (Carlos), 1541
 CASTELO BRANCO (Fernando), 563, 769, 1340, 1398, 1944
 CASTILHO (Júlio de), 564
 CASTRO (Anabela Machado de), 257, 292
 CASTRO (Bruno Osório de), 833
 CASTRO (Maria da Conceição Cyrne de), 1585
 CASTRO (Sandra), 1122
 CASTRO (Tiago de Martinho Machado de), 1399
 CATALÃO (Duarte Nuno), 1085
 CATARINO (Maria Manuela), 30, 296, 1400, 1654

- CATROGA (Fernando), 1140
 CEBOLA (José Manuel), 770
 CEBOLAS (Manuel Nunes), 1359
 CERQUEIRA (Joaquim), 295
 CESÁRIO (Gentil José), 771
 CHABY (João Pedro), 1945
 CHAVES (Duarte Nuno), 1401
 CHAVES (Luís), 332, 772, 773, 774, 1191, 1301, 1302, 1542, 1946
 CHICHORRO (Frederica Ressano-Garcia), 775
 CHICÓ (Mário Tavares), 960
 CID (Manuel), 1344
 CIDRÃES (Maria de Lourdes), 1947, 1948
 CIMA (Fernando de), 717
 CIPRIANO (Rui Marques), 169, 170, 240, 683, 776, 1130
 CLARO (Rogério), 565
 CLÁUDIO (Ana Sofia), 1584
 CLEMENTE (Manuel), 31, 32, 33, 1086, 1345
 COELHO (A. Vasconcelos Pinto), 777
 COELHO (António Borges), 34, 35, 36
 COELHO (Carolina), 778
 COELHO (Francisco José Senra), 333, 413, 441, 2377
 COELHO (Hélder Paiva), 1066
 COELHO (Luís Pedro), 1484
 COELHO (Possidónio Mateus Laranjo), 171, 779, 1192
 COELHO (Teresa Campos), 708, 780
 COLAS (Jeanine Carré), 414
 CONCEIÇÃO (Cristina Rosa Costa da), 1108, 1272
 CONDE (Maria Antónia Fialho), 657, 1949, 1950, 2273
 CONDEÇO (António Simão), 28, 147, 533, 996, 2057
 CONSIGLIERI (Carlos), 1172
 CÓPIO (Sílvia), 1792
 CORÇA (Maria Teresa), 1951
 CORDEIRO (*Filipa Raposo*), 37, 1952, 1953, 2172
 CORDEIRO (Graça Índias), 566, 1543, 1544
 CORDEIRO (Isabel), 815, 1862, 2323
 CORREIA (Ana Paula Rebelo), 1954, 1955, 1956, 1957
 CORREIA (Arlindo), 781
 CORREIA (Carlos Manuel Pires), 1402
 CORREIA (Diogo Pedro Maleitas), 1403
 CORREIA (Eugénia), 1360, 1454
 CORREIA (Fernando Manuel Branco), 172
 CORREIA (Francisco), 1655
 CORREIA (João Rosado), 1173
 CORREIA (Joaquim Manuel Lopes), 173, 1656
 CORREIA (Paulo), 672
 CORTE (Izelina Andrade da), 949
 CORTE-REAL (Manuel Henrique), 1193
 CORTE-REAL (Miguel Maria), 334
 COSME (João dos Santos Ramalho), 38
 COSTA (Albérico Afonso), aliás ALHO (Albérico Afonso Costa), 293, 1077, 1258, 2174
 COSTA (Alexandre de Carvalho), 567, 782, 1303
 COSTA (Alexandre), 1404
 COSTA (Américo da), 448, 1194
 COSTA (Ana Cristina Ferreira da), 783
 COSTA (Avelino de Jesus da), 335
 COSTA (Elisa Maria Lopes da), 1657
 COSTA (Felícia), 1140, 1485
 COSTA (Francisco dos Santos), 336, 784, 1586
 COSTA (Humberto Mogiardi), 257
 COSTA (João), 39, 40
 COSTA (José), 1273
 COSTA (Maria Laura), 415, 1486, 1487, 1545
 COSTA (Maria Rosa Dias), 416
 COSTA (Mário Alberto Nunes), 1087
 COSTA (Mário), 568
 COSTA (Marisa), 1958
 COSTA (Maximino R.), 174, 175
 COSTA (Paulo Alexandre dos Santos), 569
 COSTA (Paulo Ferreira da), 176, 449, 1546
 COSTA (Paulo Santos), 1959
 COSTA (Salvador da), 1405
 COSTA (Sandra Ferreira), 785
 COSTA (Teresa), 1488
 COTA (Cristina Maria de Carvalho), 450
 COUCEIRO (Gonçalo), 1866
 COUTINHO (António Vasco Borges), 1138
 COUTINHO (Bernardo Xavier), 1960
 COUTINHO (Joaquim), 1361
 COUTINHO (Maria João Pereira), 702, 786, 1077, 1281, 1346, 1589, 1785, 1822, 1984, 1986

COUTO (A. Sílvio), 417, 486, 1274
 COUTO (João), 1961, 1962, 1963
 CRANMER (David), 451
 CRESPO (Hugo Miguel), 1587, 1762
 CRISTINO (Luciano Coelho), 337
 CRUZ (António João), 1964
 CRUZ (Maria João), 2085
 CUNHA (António Maria), 177, 178
 CUNHA (Armando Santinho), 2337
 CUNHA (Delfina), 1547
 CUNHA (João Alves da), 570
 CUNHA (João Pedro Ferreira Alves da), 949
 CUNHA (Mafalda Soares da), 459, 744, 1932,
 2276, 2277
 CUNHA (Mário), 1139
 CUNHA (Secundino), 338
 CURTO (Diogo Ramada), 1917
 CUSTÓDIO (Jorge), 1965
 CUTILEIRO (José), 41
 CUTILEIRO (Patrícia Boino de Azevedo), 655

– D –

DANIEL (Maria do Céu), 1123
 DELGADO (António), 1489
 DELGADO (Ralph), 179, 571, 787
 DENTINHO (Maria do Céu Ponce), 180
 DESTERRO (Maria Teresa), 1858, 1966,
 1967, 2298
 DESWARTE-ROSA (Sylvie), 1968
 DIAS (Francisco de Almeida), 1362
 DIAS (M. Isabel Rosa), 339, 1363
 DIAS (Mário Balseiro), 42, 181, 1195, 1406,
 1407
 DIAS (Pedro), 1827
 DÍAZ TENA (Maria Eugenia), 1568, 1569
 DIMBLA (Maria do Carmo Dias Monteiro de
 Barros de Lacerda, pseud. Mariac), 572
 DINIS (Alberto Calderon), 788
 DINIS (Beatriz Susana Baptista), 789
 DINIZ (Sebastião), 1073
 DINIZ (Tânia Maria de Moura), 790
 DIOGO (A. M. Dias), 1163
 DRADAN (Moshle Ben), 418
 DUARTE (Ana), 1196
 DUARTE (António), 1782
 DUARTE (Armindo), 1490
 DUARTE (Eduardo), 791

DUARTE (Maria José Guerreiro), 573, 574,
 1174, 1304
 DUARTE (Ricardo), 1858, 1969
 DUQUE (José Félix), 340, 341, 342

– E –

ENCARNAÇÃO (José da), 557, 1408, 1970
 ESCOBAR (Nazaré), 2134
 ESCUDERO (Juan Mayo), 849
 ESPANCA (Joaquim José da Rocha), 1409
 ESPANCA (Túlio), 575, 576, 577, 792, 793,
 794, 795, 796, 797, 798, 799, 800, 801,
 802, 803, 804, 805, 806, 807, 808, 809,
 810, 811, 1971, 1972, 1973
 ESPÍRITO SANTO (Eugénio do), 182
 ESPÍRITO SANTO (Moisés), 1197, 1198,
 1410
 ESTÊVÃO (José), 2342

– F –

FAGULHA (Mário José Fava), 183
 FALCÃO (Cláudia), 1808
 FALCÃO (José António), 43, 44, 419, 420,
 452, 453, 578, 812, 813, 814, 815, 1088,
 1305, 1531, 1694, 1783, 1974, 1975, 1976,
 1977, 2112, 2323
 FALCÃO (José da Costa Oliveira), 1365
 FALCÃO (Pedro), 816
 FALCÃO (Virgílio Barata), 290
 FALCATO (João), 1306, 1411, 1548
 FANHA (Maria João), 323
 FARELO (Mário), 1588
 FARIA (António Machado de), 579
 FARIA (João), 817
 FARIA (Sandra), 1536
 FARRICA (Fátima), 818, 1658, 1659
 FAVINHA (Marília Evangelina Sota), 1199,
 1978
 FEIO (Mariano), 1535
 FELGUEIRAS (António), 1404
 FELGUEIRAS (Guilherme), 1412
 FÉRIA (Lurdes), 1200
 FERNANDES (Carla Varela), 674, 903, 1059,
 1885, 1909, 1979, 1980, 1981, 1997, 1999
 FERNANDES (Dora Maria dos Santos), 580
 FERNANDES (Hermenegildo Goinhas), 1491

- FERNANDES (Isabel Cristina Ferreira), 39, 89, 109, 946, 1324, 1897, 2355
 FERNANDES (Joaquim dos Santos), 1364
 FERNANDES (José Manuel), 2230
 FERNANDES (José Palos), 487
 FERNANDES (Lídia), 1307
 FERNANDES (Maria Luísa Garcia), 1908
 FERNANDES (Paula), 293
 FERNANDES (Paulo Almeida), 2, 581, 582, 699, 819, 1059, 1982
 FERNANDES (Pedro Luís Gaurim), 583
 FERNANDES (Raquel Maria da Silva), 1983
 FERRÃO (Isabel Reimão), 1660, 1661
 FERRÃO (Julieta), 538
 FERRÃO (Leonor), 820, 821
 FERRÉ (Pere), 305
 FERREIRA (Anabela), 822, 1662
 FERREIRA (António Manuel Brazão), 1663
 FERREIRA (Carlos Henriques), 584
 FERREIRA (Fernando Bandeira), 823
 FERREIRA (Godofredo), 824
 FERREIRA (Helmer da Cruz), 585, 825
 FERREIRA (J. C. Lobato), 184
 FERREIRA (J. Tomaz), 826
 FERREIRA (J. V.), 1201
 FERREIRA (João Rosa), 1492
 FERREIRA (Jorge M. Rodrigues), 452, 586, 1305
 FERREIRA (Manuel Marques Ribeiro de), 185, 587, 1202
 FERREIRA (Maria dos Prazeres Carvalho), 343
 FERREIRA (Maria João Pacheco), 827
 FERREIRA (Miguel de Sousa), 1360, 1454
 FERREIRA (Natália Marinho Ferreira), 733
 FERREIRA (Olegário Alberto Vieira), 1493
 FERREIRA (Paula Cristina), 186
 FERREIRA (Rosa Maria Trindade), 187, 678, 828
 FERREIRA (Sílvia), 19, 588, 1281, 1336, 1346, 1435, 1589, 1885, 1984, 1985, 1986, 1987, 1988, 1989, 1990, 1991, 1992, 1993, 1994, 2026
 FERREIRA (Vítor Matias), 549, 550, 551, 552, 553, 554, 555, 1396
 FERREIRA-ALVES (Natália Marinho), 2362, 2366
 FERRO (Quadros), 589, 829
 FIDALGO (Maria Helena), 1137
 FIGUEIREDO (Ana Paula Valente), 590
 FIGUEIREDO (Carlos Veríssimo), 1203
 FIGUEIREDO (Fernando Augusto), 1494
 FIGUEIREDO (Filipe Marques de), 421, 1204, 1205
 FIGUEIREDO (Hernâni de Lemos), 1413
 FIGUEIREDO (José F.), 188
 FIGUEIREDO (José Manuel), 260
 FIGUEIREDO (José Vale), 1664
 FIGUEIREDO (Paula), 658
 FIGUEIREDO (Ricardo), 1206
 FIGUEIREDO (Sandra), 186
 FILIPE (Carlos), 830, 1207, 1373, 1665
 FILIPE (Isabel), 2333
 FITAS (Ana Paula), 189, 831, 1208, 1414, 1415
 FLOR (Pedro), 699, 1764, 1784, 1785, 1994, 1995, 1996, 1997, 2101, 2258
 FLOR (Susana Varela), 1764, 1998, 1999, 2000, 2131
 FLORES (Alexandre M.), 45, 46, 300, 832, 1089, 1090, 1666
 FLORES (Francisco Moita), 1140, 1141
 FLORINDO (Natacha Esteves), 1982
 FOLGADO (Joaquim Fernando), 626
 FONSECA (Anne-Louise G.), 2001
 FONSECA (Hélder), 1732
 FONSECA (Jorge M. Rodrigues), 984
 FONSECA (Jorge), 47, 591, 742, 951, 1405, 1495, 1590, 1591, 1592, 1667, 1668, 1669, 1670, 1671, 1672, 1691, 1818, 1873, 2028
 FONSECA (Luís Adão da), 147, 2367
 FONSECA (Maria Joana Belard da), 2002
 FONSECA (Moraes da), 48
 FONSECA (Teresa), 1416, 1496, 1671, 1672
 FONTES (João Luís), 1308
 FORJAZ (Pereira), 510
 FORTE (Maria João), 977, 1463
 FORTES (Ildo), 1123
 FORTUNA (António Matos), 833, 1091, 1673, 1674
 FRAGA (Henrique Teles), 1209
 FRANCISCO (Elisabete Correia Campos), 834
 FRANCISCO (João Luís Alves), 835, 1092, 2003
 FRANCISCO (Maria José), 2009

- FRANCO (Anísio), 858, 1791, 1799, 1912, 1921, 1968, 2004, 2005, 2034, 2054, 2116, 2138, 2213, 2284, 2302, 2303
- FRANCO (António Bento), 49
- FRANCO (Gonçalo Lyster), 1675
- FRANCO (Joaquim), 1210
- FRANCO (José Eduardo), 130, 342
- FRANCO (Luís Farinha), 50
- FRAÚSTO (António Pinto Pestana), 290
- FREITAS (Eugénio de Andrade da Cunha e), 1497
- FREITAS (João Pedro de Sande), 592
- FRIAS (Hilda Moreira de), 836
- FRIAS (Ilda), 289
- FRÓIS (Virgínia), 723, 757, 844, 1006, 1434, 2098
- G -
- GABRIEL (Adriano), 1093
- GAGO (Alice Borges), 45, 46
- GALANTE (Helena Sanches), 176
- GALEGO (Francisco Pereira), 344
- GALHÓS (Duarte), 1732
- GALHOZ (Maria Aliete), 430, 454, 1563
- GAMA (Eurico), 51, 190, 837, 838, 1094, 1275, 1417, 1498, 2318
- GAMEIRO (Odília Alves), 1308
- GANDRA (Manuel J.), 191, 455, 839, 840, 841, 1171, 1257, 1309, 1347, 1348, 1418, 1481, 1487, 1545, 1549, 1550, 1786, 1870, 2319, 2327, 2334
- GARCÊS (Margarida), 1965
- GARCEZ (Costa), 842, 1419, 1420
- GARCIA (Isabel Penha), 815, 1862
- GARCIA (Joaquim), 566
- GARCIA (José Manuel), 843
- GARCIA (Madalena Farrajota Ataíde), 1869
- GARCIA (Maria Antonieta), 488
- GARRAIO (Isilda), 2274
- GASPAR (Diogo), 1142
- GASPAR (Jorge), 844
- GIACOMETTI (Michel), 454
- GIL (Júlio), 2006
- GIL (Maria Júlia Henriques), 192
- GODINHO (Helena Campos), 845
- GODINHO (Silva), 1676
- GOMES (A. Sousa), 345
- GOMES (Agostinho), 846
- GOMES (Ana Cristina da Costa), 52, 53, 130
- GOMES (Carlos), 2007
- GOMES (Célia Maria Alemão), 1499
- GOMES (Fernando), 847
- GOMES (Jesué Pinharanda), 193, 346, 347, 408, 489, 511, 593, 594, 848, 849, 1211, 1284, 1310
- GOMES (João José Fernandes), 595, 1797
- GOMES (João Seabra), 850
- GOMES (Levy Nunes), 194, 195, 196, 197
- GOMES (Maria Eugénia Reis), 1421
- GOMES (Maria Teresa de Moura Benedito), 1593
- GOMES (Paulino), 1051
- GOMES (Paulo Alexandre), 596
- GOMES (Saúl António), 1570, 2343
- GONÇALVES (António Manuel), 1058, 2304
- GONÇALVES (Carla Alexandra), 1787
- GONÇALVES (Elizabete), 198
- GONÇALVES (Fernanda), 1258
- GONÇALVES (Flávio), 54, 2008
- GONÇALVES (Florindo), 2009
- GONÇALVES (José Lourenço), 778
- GONÇALVES (José Pires), 199, 597, 598, 851, 2010
- GONÇALVES (Luís Jorge), 1196
- GONÇALVES (Manuel Pereira), 852
- GONÇALVES (Paulo Vaz), 853
- GONÇALVES (Susana), 2011
- GONÇALVES (Vítor), 1311
- GORJÃO (Sérgio), 55, 854, 855, 1095, 1099, 1677, 1678, 1788, 1789, 1858, 2266, 2332
- GOTTLIEB (Carla), 2012
- GOUVEIA (António Camões), 56, 997, 2112, 2283
- GOUVEIA (Frei António de), 348
- GRAÇA (Júlio), 1096
- GRAÇA (Luís Maria dos Santos), 599, 600, 1362
- GRAÇA (Natália Maria Nunes da), 307, 422
- GRANCHINHO (Teresa Relvas), 856
- GRANCHO (Nuno), 57, 857, 2305
- GRILO (Fernando Jorge), 1790
- GRILO (Maria Ludovina), 1097, 2320
- GSCHWEND (Annemarie Jordan), 858
- GUADALUPE (Maria), 456
- GUAPO (Ana Isabel dos Santos Rodrigues), 1366

GUAPO (António Rodrigues), 224
 GUEDES (Fernando), 349, 1763
 GUEDES (Natália Correia), 2013, 2230
 GUERRA (Jorge), 943
 GUERRA (Manuel Vicente Teles), 1212
 GUERREIRO (Duarte), 295
 GUERREIRO (Hugo Alexandre Nunes), 200, 1848
 GUERREIRO (Jerónimo de Alcântara), 201, 1679, 1757
 GUERREIRO (Manuel Viegas), 1213
 GUERREIRO (Marília), 1675
 GUIMARÃES (Jorge Gonçalves), 350, 351, 352, 2344
 GUIMARÃES (M. Fernanda), 418
 GUINOTE (Paulo), 632
 GUIOMAR (Nelson), 317
 GUSMÃO (Adriano de), 538, 716, 2014
 GUSMÃO (Armando), 1757
 GUSMÃO (Artur de), 2015
 GUSMÃO (Marionela), 859

- H -

HAMM (Sabina), 1791
 HEITOR (Laureano Durão), 1367
 HENRIQUES (Ana de Castro), 2005, 2294
 HENRIQUES (António Meira Marques), 1312, 2016, 2017, 2345, 2346, 2370
 HENRIQUES (Guilherme J. C.), 860
 HENRIQUES (João Aníbal), 202
 HENRIQUES (João Miguel), 203, 1661, 2154
 HENRIQUES (Paulo), 760, 2018
 HENRIQUES (Tiago), 1206, 1350, 1401, 1404, 1422, 1425, 1583, 1594, 1609, 1617, 2305
 HIGGS (David), 58
 HILL (Marcos), 2019
 HORMIGO (José Joaquim), 204, 717

- I -

INÁCIO (Albertina), 161
 INÁCIO (Ana Calado), 1098
 INÁCIO (Carlos Revez), 678
 INFANTE (António Franco), 1214
 INFANTE (Luís), 1353
 INSO (Jayme do), 1215
 IRIA (Alberto), 375

ISIDRO (Susana Patrícia Correia), 2020
 IVO (Júlio da Conceição), 1680

- J -

JACQUINET (Maria Luísa Gonçalves), 861
 JANEIRO (Helena Pinto), 1423
 JANELA (Ilídia Franco Pedro), 1551
 JESUÍNO (Rui), 205, 862, 863
 JESUS (Armando Jorge Pais de), 2021
 JESUS (Artur Jorge Vieira de), 1143
 JESUS (Manuel António da Cruz), 2318
 JORGE (Maria da Conceição), 468
 JORGE (Virgolino Ferreira), 601, 602, 716, 2022, 2063, 2198
 JUROMENHA (Visconde de), 206
 JUSTINO (Lucília José), 457, 458

- K -

KALLENBERG (Pascoal), 353
 KRUS (Luís), 1308, 1368

- L -

LAGO (Isabel), 147
 LAHON (Didier), 1595, 1596
 LAMEIRA (Francisco), 2023, 2024, 2025, 2026, 2027, 2028, 2029, 2030, 2031, 2032, 2033, 2034
 LAMPREIA (Isabel Horta), 2035
 LANDEIRO (José Manuel), 864, 1424
 LAPA (António da, frei), 512
 LAVAJO (Joaquim Chorão), 59, 60, 354, 355, 490, 603, 1216, 1313, 1681, 2347
 LÁZARO (João), 604
 LEAL (Agostinho Crespo), 61
 LEAL (Ana de Sousa), 62, 865
 LEAL (Carlos Barradas), 866
 LEAL (João Ribeirinho), 207, 208
 LEAL (Joaquim José Mendes), 605
 LEAL (Lécio), 2036
 LEÃO (Francisco Cunha), 1682
 LEITÃO (Ana Santos), 209
 LEITÃO (João), 1063
 LEITÃO (Jorge Ralha), 296
 LEITE (Ana Cristina), 867, 1438
 LEMOS (Ana Sofia Andrade e), 868

- LEMOS (Fernando Afonso de Andrade e), 187, 678, 869, 870, 871, 2254
 LEMOS (Jorge Sande), 1880
 LEMOS (Rita Maria Andrade e), 868
 LIBERATO (Cândida), 1880
 LIBERATO (Isabel), 293
 LIBÓRIO (Ana), 1126, 1792
 LIMA (Carla), 285
 LIMA (Durval Pires de), 150, 491
 LIMA (Madalena Costa), 2037
 LIMA (Manuel A. S.), 210
 LIMA (Tomás Machado), 1217, 2038
 LINO (Artur da Silva), 872, 1144
 LOBO (Rui Miguel), 211
 LOJA (Marco), 85
 LOPES (António da Costa), 402
 LOPES (António Seródio), 873
 LOPES (Bruno), 63, 152
 LOPES (Célia), 1145
 LOPES (Conceição), 260
 LOPES (Fernando Félix), 64, 356, 492
 LOPES (Fernando M. Peixoto), 2039
 LOPES (Francisco José), 212
 LOPES (Gonçalo), 606
 LOPES (Inês Isabel Florindo), 291, 874
 LOPES (Irina Alexandra), 65
 LOPES (Isabel Costa), 1066
 LOPES (João Francisco), 1175
 LOPES (José Manuel da Silveira), 1683
 LOPES (Maria Hortense Nunes Vieira), 875
 LOPES (Paula Ferreira), 1218
 LOPES (Vitor Sousa), 2040
 LÓPEZ (Antão), 2044
 LOUÇÃO (Paulo Alexandre), 929, 1234
 LOUREIRO (José João), 2027
 LOURENÇO (Maria Paula Marçal), 66, 67, 1684, 1685
 LOURENÇO (Samuel da Silva), 876
 LOURINHO (Manuel H.), 607
 LOURO (Henrique da Silva), 68, 213, 214, 215, 216, 217, 608, 609, 877, 878, 879, 880, 881, 1146, 1219, 1314, 1500
 LOURO (Ricardo), 423
 LOUSADA (Maria Alexandre), 1597, 1598
 LOYA (Ana), 357
 LUCAS (Francisco José Oleiro), 2041
 LUCAS (Isabel Maria Mendes Oleiro), 882, 883
 LUCAS (Maria Miguel), 1076, 2131
 LUCENA (Armando de), 610
 LUÍS (Agustina Bessa), 358
 LUÍS (Marco), 653, 1369
 LUÍS (Maria dos Anjos Fernandes), 69, 70
 LUZIA (Ângela), 218
- M -
- MAÇÃS (Delmira), 884
 MAÇÃS (Maria José), 1808
 MACEDO (Ana Carolina Martins), 1220
 MACEDO (Diogo de), 1793
 MACEDO (Lino de), 885
 MACEDO (Luís Pastor de), 886
 MACEDO (Silvana Costa), 845
 MACHADO (Ana Raquel), 2042
 MACHADO (Emília Maria da Cruz), 295, 424
 MACHADO (João Falcão), 1276
 MACHADO (João Liberata), 55, 71, 72, 73, 1099, 1677, 1678
 MACHADO (José Alberto Gomes), 611, 734, 1794, 2043, 2044, 2045
 MACHADO (José Pedro), 1315
 MACHADO (Maria Valentina), 359
 MACIEL (Saúl Julião), 1686
 MADEIRA (António José), 1184
 MADEIRA (Silva), 219
 MAGALHÃES (Alfredo de), 301
 MAGALHÃES (Margarida de), 360
 MAGALHÃES (Olga), 657
 MAGARREIRO (César), 1353
 MANGUCCI (Celso), 887, 888, 1795, 2046, 2047, 2048
 MANHITA (Jorge Manuel dos Santos), 2049
 MANOEL (Francisco d'Orey), 475, 1687
 MANSO (Maria de Deus Beites), 493
 MANTAS (Helena Alexandra Soares), 2370
 MANTAS (José de Quintanilha), 289
 MÂNTUA (Ana Anjos), 1791, 1799, 1912, 1968, 2004, 2034, 2054, 2116, 2138, 2213, 2284
 MARCOS (Francisco Sanches), 1688
 MARIANO (Sara), 1796, 1808
 MARINHO (Alberto de Oliveira), 1552
 MARINHO (Lúcia), 2050, 2051
 MARIZ (José), 1732, 1755
 MARIZ (Pedro de), 361

- MARKL (Dagoberto), 147, 2052, 2053, 2054, 2055, 2056, 2057, 2058, 2059, 2060
- MARLIER (Georges), 2061
- MARQUES (A. H. Oliveira), 1491
- MARQUES (António Fernando), 74, 889
- MARQUES (António Reis), 314, 1221, 1274
- MARQUES (Armando de Jesus), 75
- MARQUES (Fernandes), 612
- MARQUES (João Francisco), 1426
- MARQUES (João), 1463
- MARQUES (José Alberto), 1689
- MARQUES (José), 494, 2367
- MARQUES (Lígia Penim), 1258
- MARQUES (Luís), 1222, 1223, 1224
- MARQUES (Maria Cristina), 700
- MARQUES (Maria Santos Fernandes), 890
- MARQUES (Tatiana), 220
- MARQUES (Tiago Pires), 1945
- MARRÃO JÚNIOR (Joaquim de Almeida), 1554
- MARTÍN SÁNCHEZ (Benjamín), 363
- MARTINEZ (Hipólito), 362
- MARTINHO (Maria João Batista), 891, 892
- MARTINS (Adelaide), 295
- MARTINS (Ana Cristina N.), 1797
- MARTINS (Anacleto Pires), 76, 77
- MARTINS (Augusto), 221
- MARTINS (Eduardo Vaz de Campos), 1463
- MARTINS (Fausto S.), 1316, 2062
- MARTINS (Francisco de Assis de Oliveira), 893
- MARTINS (João Madeira), 894
- MARTINS (João Paulo), 895
- MARTINS (Jorge), 78, 634
- MARTINS (José Eduardo Ferreira), 224, 613, 1100
- MARTINS (José Saraiva), 364
- MARTINS (José Vitorino de Pina), 1733, 1734, 1735
- MARTINS (Leonel C.), 896
- MARTINS (Leonel Cardoso), 269
- MARTINS (Luís Jaime), 79
- MARTINS (Manuel da Silva), 80, 1442
- MARTINS (Maria do Rosário Piteira), 2348
- MARTINS (Maria Fernanda Catarino), 1427
- MARTINS (Mário), 302, 365, 366, 367
- MARTINS (Patrícia), 1230, 1798
- MARTINS (Pedro), 314
- MARTINS (Salvador Félix), 1428
- MARTINS (Tiago Madeira), 897
- MARUJO (Alfredo), 222, 1101
- MASCARENHAS (J. Fernandes), 368
- MASCARENHAS (Teresa), 284
- MATA (Ana Leonor), 291
- MATA (Joel Silva Ferreira), 81, 1102
- MATA (Maria de Jesus da), 1367
- MATEUS (José), 614
- MATEUS (Rui), 1137
- MATIAS (Augusto Cavalheiro), 223
- MATIAS (José), 1011
- MATOS (Albano Mendes de), 425
- MATOS (Alfredo de), 1106
- MATOS (Henrique), 1122
- MATOS (Joaquim Pinto de), 615
- MATOS (Jorge Manuel Marques de), 616, 898
- MATOS (José Luís de), 699
- MATOS (Manuel Cadafaz de), 369
- MATOS (Venerando Aspra de), 296, 899, 1147, 1225
- MATOSO (Inês), 617
- MATTOSO (José), 1368
- MAXIMINO (Patrícia Alexandra Richau), 370
- MECO (José), 652, 714, 1799, 2063, 2064, 2065, 2066, 2067, 2068, 2069, 2070, 2071, 2072, 2073, 2074, 2075, 2076
- MELEIRO (Maria Lucília R.), 767
- MELÍCIAS (André Filipe Vítor), 1718
- MELLO (Magno Moraes), 2077, 2078, 2079, 2080
- MELLO (Rui de Sampaio), 618
- MELO (António de Oliveira), 224
- MELO (Carlos Manuel Cardoso de), 82, 426, 612
- MENDEIROS (José Filipe), 83, 371, 372, 373, 619, 620, 621, 900, 1226, 2349
- MENDES (Isabel Alexandra Gomes Serrão), 901
- MENDES (Isabel Maria Ribeiro Mendes), 84
- MENDES (Isilda de Carvalho Pires), 1690
- MENDES (José da Mata de Sousa), 374
- MENDES (Manuel), 513, 1599
- MENDES (Rodrigo), 902
- MENDES (Rui Mesquita), 866, 903, 904, 1227, 1800
- MENDES (Vera), 905, 906
- MENDONÇA (Isabel Mayer Godinho), 2081

- MENDONÇA (Lina do Carmo dos Santos), 427
- MENDONÇA (Manuela), 1564
- MENEZES (Aleixo de), 375
- MESQUITA (Henrique), 376
- MESTRE (Sílvia), 85
- MIGUEL (Anabela S.), 1103
- MIGUEL (António Dias), 1429
- MILHEIRO (Maria Manuela), 1317, 1501
- MIRA (Graça Andrade), 296
- MIRANDA (António), 1553
- MIRANDA (Jorge), 622, 668, 907
- MIRANDA (Marta), 1013, 1858
- MIRANDA (Paula), 289
- MIRANDA (Vítor Manuel Fernandes), 225
- MIRÃO (José), 2134
- MOITA (Cristina Pita Pistacchini), 324, 334, 357, 364, 389, 396, 404, 436
- MOITA (Irisalva), 377, 382, 711, 712, 820, 908, 1012, 1228, 1318, 1319, 1370, 1371, 1438, 1504, 1801, 1856, 2286
- MOITERO (Gilberto Coralejo), 378
- MONCADA (Miguel Cabral), 1127
- MONGE (Maria de Jesus), 1802
- MONIZ (Manuel Carvalho), 1803
- MONTALVO (António M. Rebordão), 1430
- MONTE (Gil do, pseud.), 379, 909
- MONTEIRO (Ângelo), 910
- MONTEIRO (António de Castro Xavier), 380
- MONTEIRO (João Gouveia), 381
- MONTEIRO (João Pedro), 2082, 2083
- MONTEIRO (Maria do Rosário Líbano), 623
- MONTEIRO (Patrícia Alexandra), 2, 911, 912, 913, 914, 915, 2084, 2085, 2086, 2087, 2088
- MONTEIRO (Paula), 892, 1126
- MONTEIRO (Pedro), 916
- MONTEIRO (Rafael), 1277
- MONTEIRO (Renato), 293
- MORAIS (Gabriela), 1320
- MORAIS (J. A. David de), 1431, 1432
- MORAIS (Paulo Alexandre), 2089
- MORÃO (Ana Maria Paiva), 1343
- MORATO (Eduardo), 624
- MOREIRA (Francisco Manuel de Matos), 1483
- MOREIRA (Isabel Alves), 1104
- MOREIRA (Maria da Assunção Mendes), 382
- MOREIRA (Rafael), 917, 2090
- MORENO (Humberto Baquero), 1532
- MORGADO (Amílcar F.), 918
- MORGADO (Fátima Cristina Castelo), 1600
- MORNA (Teresa Freitas), 86, 919, 1480, 1652, 1775, 1804, 1805, 1861, 1866, 1867, 1918, 2091, 2099, 2370, 2371
- MOTA (Álvaro Emanuel Coutinho), 1278
- MOURA (Carlos), 920
- MOURÃO (Cátia), 2092, 2093, 2094
- MOURÃO (José Augusto), 130
- MOURATO (António Cardoso), 290
- MOURATO (Casimiro), 1502
- MUCZNIK (Esther), 625
- MUNÔZ (Joana), 226
- MURTA (José Dinis), 1229

- N -

- NADAL (Emília), 2095
- NANQUES (Edgar), 921
- NASCIMENTO (Aires A.), 73, 383, 384, 385, 386, 387, 1570
- NASCIMENTO (Alfredo Ferreira do), 388, 1128
- NASCIMENTO (Paulo Manuel Coelho do), 1733
- NERY (Rui Vieira), 459
- NETO (André Filipe), 1425
- NETO (José Luís), 514, 2341
- NETO (Maria Cristina), 1148, 1601, 1602
- NEVES (Vítor M. L. Pereira), 227, 228, 922
- NOBRE (Antero), aliás PORTUGAL (Hermínios, pseud.), 1149, 1321, 1326
- NOGUEIRA (Isabel Cruz), 626
- NOGUEIRA (Lénia), 1230
- NOGUEIRA (Margarida Sá), 1351
- NOGUEIRA (Paulo), 1503
- NOVAIS (Mário), 960
- NOZES (Judite), 87
- NUNES (Ana), 1052
- NUNES (Graça Soares), 892, 1311, 1603, 1795, 1979, 2130, 2131, 2330
- NUNES (J. Lúcio), 1433
- NUNES (Luís Santos), 229
- NUNES (Maria Adelina), 653
- NUNES (Maria Cristina), 285
- NUNES (Maria Luísa Abreu), 1271, 1869
- NUNES (Marília), 2096

NUNES (Natália Maria Lopes), 1322, 2350
 NUNES (Nuno Miguel), 853

– O –

Ó (H. Augusto do), 2328
 OLAIO (Rosário), 1063
 OLIVAL (Fernanda), 152
 OLIVEIRA (António Pedro Boto de), 1806, 1859
 OLIVEIRA (Artur Cruz), 627
 OLIVEIRA (Carlos A. M. de), 88, 132
 OLIVEIRA (Carlos), 1033
 OLIVEIRA (Catarina), 2, 582, 1059
 OLIVEIRA (Cristóvão Rodrigues de), 923
 OLIVEIRA (Humberto Nuno Mendes de), 324, 334, 357, 364, 389, 396, 404, 436
 OLIVEIRA (Isabel Maria Mota de), 1708
 OLIVEIRA (J. F. Reis de), 2321
 OLIVEIRA (Jorge de), 14, 295, 540, 924, 1075, 1807
 OLIVEIRA (Luís Filipe), 89, 1308
 OLIVEIRA (Maria Helena), 1938, 2017, 2099
 OLIVEIRA (Mário Tavares de), 1851
 OLIVEIRA (Marta), 2097
 OLIVEIRA (Ricardo Pessa de), 1604
 OLIVEIRA (Sandra Cacilhas de), 1231
 OLIVEIRA (Vasco), 1123
 OLIVENÇA (João de), 925
 OMEACHEVARRIA (I.), 390
 OREY (Leonor de), 2301, 2302, 2310, 2351, 2352

– P –

PABA (Francesca), 1808
 PACHECO (Maria Guilhermina), 296
 PACHECO (Paulo), 28, 147, 533, 996, 2057
 PADEIRA (Francisco), 926
 PADEIRA (Manuel Pedro), 926
 PAGARÁ (Ana), 628, 629, 927, 1434, 2271, 2353
 PAIS (Alexandre Nobre), 2018, 2098, 2099, 2100, 2101, 2102, 2103, 2104, 2105, 2278, 2282
 PAIS (Ana Cristina), 1791, 1799, 1846, 1912, 1968, 2004, 2034, 2054, 2116, 2138, 2213, 2284

PAIS (Armando da Silva), 230, 231
 PAIS (Artur Aleixo), 1850
 PAIS (José Machado), 515
 PAIS (Maria João Vilhena de Carvalho), 2106
 PAIVA (Maria Cesaltina Nabais), 1533
 PALIOTES (Arlindo Manuel Ferreira), 2107
 PALMA (Ana Paula Nogueira), 1065
 PARDAL (Francisco José Pegacha), 1372
 PARDAL (Maria Manuela dos Santos), 1759
 PARDAL (Rute), 90, 1691, 1692, 1693
 PARENTE (João Manuel Marques), 232
 PARRA MARTINEZ (Julio), 2108, 2109, 2369, 2371
 PARREIRA (Rui), 928
 PATO (Heitor Baptista), 233, 234, 929, 930, 1077, 1232, 1233, 1234, 1235, 1236, 1237, 1435, 1436
 PATRÃO (José Heitor), 91, 235, 295, 630, 631, 931, 1238, 1279, 1280, 1809, 1810, 2110, 2111, 2322
 PATRIARCA (Raquel), 92
 PATRÍCIO (Sandra), 1694
 PATROCÍNIO (Manuel M. S.), 1849
 PATROCÍNIO (Maria Celina do), 2354
 PAULO (Eulália de Medeiros), 632
 PAXECO (Óscar), 168
 PEDRO (António Gonçalves), 391
 PEGACHO (Teresa), 428
 PENTEADO (Pedro), 1437
 PERDIGÃO (Henrique), 236
 PEREIRA (Alda), 1605
 PEREIRA (Célia Nunes), 932
 PEREIRA (Félix Alves), 933
 PEREIRA (Fernanda Maria), 1367
 PEREIRA (Fernando António Baptista), aliás BAPTISTA (Fernando António), 28, 147, 533, 934, 935, 996, 1196, 1504, 1505, 1783, 1811, 1812, 1813, 1814, 1858, 1887, 1888, 1975, 1976, 2057, 2112, 2113, 2114, 2115, 2298
 PEREIRA (Isaías da Rosa), 1, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 633, 1105, 1506, 1606
 PEREIRA (José A. Machado), 237, 238, 239, 1695
 PEREIRA (José Baptista), 634
 PEREIRA (José Fernandes), 936, 1815, 1816
 PEREIRA (Maria Cândida Ferreira), 240

- PEREIRA (Maria da Conceição Gomes), 1507
 PEREIRA (Maria da Conceição Meireles), 1508
 PEREIRA (Maria de Fátima Salgueiro), 1323
 PEREIRA (Maria João Pacheco), 19, 1336, 1346, 1435
 PEREIRA (Maria Teresa Lopes), 108, 109, 241, 937, 1239, 1240, 1324, 1325, 1607, 2268
 PEREIRA (Mário Baptista), 242, 243
 PEREIRA (Mário), 971
 PEREIRA (Nuno Teotónio), 1066
 PEREIRA (Paulo), 256, 938, 939, 972, 973, 1438, 2116
 PEREIRA (Raúl), 1033
 PEREIRA (Ricardo Estevam), 814, 1694
 PEREIRA (Sara Maria de Azevedo Marques), 1199
 PEREIRA (Sérgio), 295
 PEREIRA (Sónia Gomes), 2001, 2117
 PEREIRA (Teresa Marçal), 845
 PERES (Mafalda), 2306
 PERLOIRO (Paulo), 940
 PESSOA (Ana Maria), 2380
 PESTANA (Manuel Inácio), 303, 304, 941, 1373, 1509, 1555, 1556, 1696, 1697, 1698
 PICÃO (José da Silva), 1510
 PIMENTA (Ana Sofia), 1701, 1702
 PIMENTA (José Manuel Figueira), 110
 PIMENTEL (António Filipe), 942, 2117, 2279, 2370
 PIMENTEL (José Cortez), 943
 PIMENTEL (Leonel), 244
 PIMENTEL (Maria Luisa Ferrão de), 516
 PINA (Fernando Correia), 245, 944, 1439, 1699, 2118
 PINA (Madalena Esperança), 2119
 PINHEIRO (Tarcísio), 429
 PINHO (David), 635
 PINHO (Elsa Garrett), 2298
 PINHO (Inês Gato de), 1077, 1281
 PINHO (Jaime), 293, 1258
 PINHO (Joana Balsa de), 945
 PINTO (Helena Gonçalves), 826, 1614
 PINTO (Jaime Nogueira), 392
 PINTO (Maria Adelaide), 460
 PINTO (Maria do Carmo Teixeira), 111
 PINTO (Maria José Passos), 1458
 PINTO (Natália), 528
 PINTO (Paulo Mendes), 1945
 PINTO (Pedro), 112
 PINTO (Ricardo Santos), 246
 PINTO (Rui Miguel Costa), 113, 946
 PINTO (Vítor), 1230
 PIRES (António Tomás), 305
 PIRES (Fernando), 62
 PIRES (Isabel), 2120
 PIRIZ (Luís Afonso Limpo), 1700
 PITA (Isabel), 1701, 1702
 PITÔRRA (Paulo), 314
 POCARIÇO (Diogo Nunes), 947
 POLICARPO (António Manuel Neves), 247
 POLICARPO (José da Cruz), 495, 1859
 POLÓNIA (Amélia), 114, 115, 116
 POMBINHO (Miriam Raquel Barbeiro), 948
 POMBINHO JÚNIOR (J. A.), 430
 POMBO (Hugo Agostinho Baptista), 949
 PORTAS (Carlos), 117
 PORTELA (Ana Margarida), 1150, 1152, 1153, 2121
 PORTUGAL (Fernando), 1106, 1511
 PORTUGAL (Hermínios, pseud.), aliás NOBRE (Antero), 1149, 1321, 1326
 PÓVOAS (Helena Godinho C.), 1129
 PRATAS (Ana Isabel), 2122
 PROENÇA (Álvaro), 248
- Q -
- QUADROS (António), 2123
 QUARESMA (António Martins), 249
 QUEIMADO (José Manuel), 950
 QUEIROZ (J. Francisco Ferreira), 1150, 1151, 1152, 1153, 1154, 2121
 QUEIROZ (Jorge), 951
 QUELHA (Manuel), 1123
 QUINTÃOS (Manuel Gomes), 406
 QUINTAS (Joana), 1536
 QUINTAS (Maria da Conceição), 250, 251, 730, 952, 1241, 1282, 1327, 1375, 1440, 1703, 1704
- R -
- RABAÇA (João José Martins), 2124
 RAFAEL (Olívia), 2125
 RAGGI (Giuseppina), 1441, 2126

- RAIADO (Jorge), 2127
 RAIMUNDO (Orlando), 953, 954, 955, 956, 1242
 RAIMUNDO (Ricardo Varela), 496, 497
 RALO (José António Carrilho), 1349
 RALO (Rosa Maria Martins), 1374
 RAMALHO (Filinto), 636
 RAMALHO (João Alves), 1283
 RAMALHO (José Filipe Cardoso), 1155
 RAMALHO (Maria de Magalhães), 1052
 RAMOS (Francisco Martins), 253
 RAMOS (Francisco), 285
 RAMOS (Luísa), 293
 RAMOS (Maria do Céu), 1845, 1846, 1847, 1848, 1849, 1850, 1851, 1852, 1864, 2268, 2269, 2270, 2271, 2272, 2273, 2340, 2363
 RAMOS (Maria Regina Bronze), 637
 RAMOS (Marina Mendes de Ortigão), 1107
 RAPAZ (António Cagica), 314
 RAPOSO (Teresa), 690, 791, 1790, 2071, 2194, 2354
 RASQUILHO (Francisco Vieira), 272
 RASQUILHO (Rui), 528
 REAL (Manuel Luís), 957
 REAL (Mário Guedes), 958
 REAL (Troufa), 1140
 REGINALDO (Lucilene), 1608
 REGO (Francisco Xavier do), 959
 REGO (Rogério de Figueiroa), 1705
 REIS (Célia), 118, 119, 1512, 1706
 REIS (Humberto), 960
 REIS (Maria da Conceição dos), 2128
 REIS (Maria de Fátima), 1707, 1765
 REIS (Oliveiros de Jesus), 517
 REIS (Victor Manuel), 252
 REIS (Vitor dos), 2129
 REMA (Henrique Pinto), 393, 498, 961, 962, 1328, 1708, 1709
 REMÍGIO (André Varela), 1609
 REPENICADO (António Vicente Raposo), 963
 REY (Alberto Pereira), 1284
 RIBEIRO (Américo), 1442
 RIBEIRO (Ana Isabel de Melo), 1843
 RIBEIRO (António), 499, 500
 RIBEIRO (Bartolomeu), 964, 965
 RIBEIRO (Conceição), 2134
 RIBEIRO (Elias Cação), 638
 RIBEIRO (Francisca), 2267
 RIBEIRO (João Reis), 639
 RIBEIRO (João Salvado), 699
 RIBEIRO (José Alberto), 966, 1156, 2130, 2131
 RIBEIRO (José Cardim), 687, 1074
 RIBEIRO (Manuel João Morais), 1463
 RIBEIRO (Margarida), 1557, 1817, 2313
 RIBEIRO (Maria Isabel), 1443
 RIBEIRO (Tiago), 967
 RIBEIRO (Victor), 1710
 RICO (Tânia Morais), 1285
 RIJO (Delminda Maria Miguéns), 1513
 RIJO (Maria José), 1558
 RITA (Dora Iva), 2132
 RIVARA (Joaquim Heliodoro da Cunha), 253
 ROCHA (Elisabete), 968
 ROCHA (Filomena Isabel Serrão), 254
 ROCHA (Ilídio), 1565, 1571
 ROCHA (Luzia), 2133
 RODIL (João), 255, 640
 RODRIGUES (Ana Duarte), 1818
 RODRIGUES (Ana Maria), 120, 394
 RODRIGUES (António dos Reis), 395
 RODRIGUES (Arminda Mendes), 969
 RODRIGUES (Cecília Travanca), 296
 RODRIGUES (Cristóvão), 2263, 2298
 RODRIGUES (Fernando de Matos), 2378
 RODRIGUES (Filomena), 2134
 RODRIGUES (Francisco José), 396, 1572
 RODRIGUES (Hélder), 2032
 RODRIGUES (Henrique), 1108
 RODRIGUES (Jorge), 256, 970, 971, 972, 973, 1852
 RODRIGUES (José Carlos Menezes), 1908
 RODRIGUES (José Travanca), 296
 RODRIGUES (M. Conceição Monteiro), 1491
 RODRIGUES (Margarida), 2135
 RODRIGUES (Maria de Lurdes), 65, 1610
 RODRIGUES (Maria João Madeira), 121, 974, 975
 RODRIGUES (Maria Jorge), 1882
 RODRIGUES (Maria Manuela Saraiva), 1611
 RODRIGUES (Nuno), 1157
 RODRIGUES (Paulo Simão), 2136
 RODRIGUES (Rute Andreia Massano), 976
 RODRIGUES (Teresa), 1351, 1514
 ROGEIRO (Filipe Soares), 257, 258

ROIS (Luísa M. V.), 1103
 ROLIM (José Assunção), 1329
 ROMÃO (Laura Portugal), 1819
 ROQUE (Maria Isabel), 977
 ROQUE (Mário da Costa), 1444
 ROSA (Maria de Lurdes), 1515
 ROSA (Maria Luísa Castanho), 1483
 ROSA (Maria Teresa Serôdio), 1463
 ROSÁRIO (António do), 122
 ROSAS (Lúcia), 588, 1139, 2367
 ROSENDO (Maria Teresa), 1061
 RUAS (Henrique Barrilaro), 397, 398
 RUAS (João), 297, 1035, 1696, 1802, 2248
 RUAS (Pedro), 259
 RUIVO (Teresa Lança), 2329
 RUNA (Lucília Maria Luís Ferreira), 111, 123

– S –

SÁ (Fernando Pereira), 641, 642, 978
 SÁ (Isabel dos Guimarães), 1711
 SALDANHA (Maria Helena Henriques), 306
 SALDANHA (Nuno), 979, 1012, 2137, 2138,
 2139, 2140, 2141, 2142, 2143, 2144, 2145,
 2146
 SALDANHA (Sandra Costa), 980, 1243,
 1820, 1821, 1822, 1823, 1824, 1825, 1859,
 1925, 1930, 1989, 2046, 2050, 2066, 2083,
 2104, 2145, 2147, 2148, 2149, 2262
 SALERNO (Carlo Stefano), 2150
 SALGADO (Abílio José), 1244, 1245, 1246
 SALGADO (Anastásia Mestrinho), 1245,
 1246
 SALGADO (João Miguel), 2151
 SALGUEIRO (Fátima), 295
 SALGUEIRO (Manuel Ramiro), 461
 SALGUEIRO (Tiago Passão), 981
 SALOMON (H. P.), 124
 SALVADO (Maria Adelaide Neto), 1286
 SANCHEZ (Paula), 186
 SANTA BÁRBARA (Artur), 1109
 SANTANA (Daniel Henrique), 643
 SANTANA (Francisco), 125, 644, 645, 1158,
 1330, 1445, 1534
 SANTOS (Ana Luísa), 1052, 1063
 SANTOS (António Salvador dos), 1247
 SANTOS (Aurélio), 1249
 SANTOS (Beatriz Catão Santos), 1446

SANTOS (Carlos Fernando Russo), 1248
 SANTOS (Célia), 1249
 SANTOS (Cláudia Valle), 646
 SANTOS (Dóris Joana), 647
 SANTOS (Ernesto Jorge de Oliveira dos), 126
 SANTOS (Eugénio dos), 982
 SANTOS (Georgina Silva dos), 1766
 SANTOS (Januário dos), 399
 SANTOS (Joana), 1536
 SANTOS (José de Brito), 2152
 SANTOS (Margarida Almeida), 1246
 SANTOS (Margarida), 462
 SANTOS (Maria Catarina dos), 2153
 SANTOS (Maria Clara), 260
 SANTOS (Maria da Conceição), 1661, 2154
 SANTOS (Maria Helena Carvalho dos), 11,
 36, 58, 87, 124, 983
 SANTOS (Maria Leonor de Oliveira Silva), 127
 SANTOS (Maria Teresa Pires dos), 984
 SANTOS (Miguel Ferreira dos), 2155
 SANTOS (Nelson), 2156
 SANTOS (Piedade Braga), 1351
 SANTOS (Reinaldo dos), 2157, 2158
 SANTOS (Rita Pereira dos), 648
 SANTOS (Rui Afonso), 815, 1862, 2323
 SÃO JOÃO (João José Romão), 1516
 SÃO PAIO (Marquês de), 1612, 1712
 SAPORITI (Teresa), 2159, 2160
 SARANTOPOULOS (Panagiotis), 924
 SARDINHA (José Alberto), 463, 464, 1517
 SARMENTO (Joaquim), 2161
 SAYAGO (Marla), 1250
 SEABRA (José Alberto), aliás CARVALHO
 (José Alberto Seabra), 1137, 1913, 1931,
 1932, 1933, 1934, 1935, 1936, 1937, 1938,
 2162
 SEABRA (Maria Teresa da Silva Diaz), 128
 SEGURADO (Jorge), 2163
 SEIXAS (José Joaquim Rita), 985
 SEIXAS (Raquel Alexandra do Rosário), 986
 SENA (António M. F. de), 1110
 SENO (Fernanda), 474
 SEQUEIRA (Clara), 649
 SEQUEIRA (Gustavo Adriano de Matos), 987,
 988
 SERAFIM (Paula Leal), 1447
 SERPA (Catarina), 1052
 SERRADOR (Ana M.), 1376

- SERRÃO (Eduardo da Cunha), 989, 1675
 SERRÃO (Joaquim Veríssimo), 400, 1713, 1714, 1715, 1758
 SERRÃO (Joel), 1491
 SERRÃO (José Vicente), 1685, 1765
 SERRÃO (Vitor), 129, 130, 261, 580, 643, 648, 650, 651, 652, 678, 912, 989, 990, 1732, 1880, 1896, 1901, 1950, 1967, 1996, 2058, 2076, 2127, 2164, 2165, 2166, 2167, 2168, 2169, 2170, 2171, 2172, 2173, 2174, 2175, 2176, 2177, 2178, 2179, 2180, 2181, 2182, 2183, 2184, 2185, 2186, 2187, 2188, 2189, 2190, 2191, 2192, 2193, 2194, 2195, 2196, 2197, 2198, 2199, 2200, 2201, 2202, 2203, 2204, 2205, 2206, 2207, 2208, 2209, 2210, 2211, 2212, 2213, 2214, 2215, 2216, 2217, 2218, 2219, 2220, 2221, 2222, 2223, 2228, 2233, 2234, 2285, 2309, 2367
 SERRAS (Cunha), 262
 SILVA (Álvaro da Cruz), 1331
 SILVA (Ana Cristina Rana), 653
 SILVA (Ana Isabel Pires da), 1716, 1717
 SILVA (André Duarte Martins da), 991
 SILVA (Augusto da), 131, 132, 1111
 SILVA (Augusto Vieira da), 992
 SILVA (Belmiro), 270
 SILVA (Branca Ribeiro), 1251
 SILVA (Carlos da), 1258
 SILVA (Carlos Guardado da), 993, 1718
 SILVA (Carlos Manique), 994, 2224
 SILVA (Carolina Nunes da), 1957
 SILVA (Francisco), 198
 SILVA (Garcez da), 860
 SILVA (Germesindo), 133, 265, 1719
 SILVA (Hélia), 2225, 2226
 SILVA (Isabel), 295
 SILVA (J. Gomes da), 995
 SILVA (J. H. Pais da), 2227
 SILVA (Jaime de Oliveira Lobo e), 1332
 SILVA (Joaquim Palminha), 263, 264
 SILVA (José António), 678, 1112
 SILVA (José Custódio Vieira da), 147, 654, 996, 997
 SILVA (José Inácio Militão da), 655, 998
 SILVA (José Maria da), 290
 SILVA (Leonor Marçal), 2228
 SILVA (Luís Gonçalves da), 1113
 SILVA (Luís Manuel Pereira da), 134
 SILVA (Luísa Lopes da), 999
 SILVA (Madureira da), 656
 SILVA (Manuel Ferreira da), 1720
 SILVA (Manuel Naia da), 401
 SILVA (Maria de Lurdes Ribeiro da), 1000
 SILVA (Maria Madalena de Cagigal e), 2229, 2307
 SILVA (Maria Natália), 2381
 SILVA (Nuno Vassalo e), 86, 475, 1001, 1682, 1721, 1826, 1866, 1867, 1896, 1911, 1915, 1918, 1923, 1937, 2109, 2289, 2308, 2351, 2352, 2355, 2356, 2357, 2358, 2359, 2360, 2361, 2371
 SILVA (Paula Correia da), 1002
 SILVA (Raquel Henriques da), 266, 1003, 2230, 2379
 SILVA (Ricardo), 2
 SILVA (Rita Andreia Carapinha da), 1252
 SILVA (Rosa Carolina Serrão e), 1733
 SILVA (Sara Cristina), 2231, 2232, 2233
 SILVA (Vandeir José da), 657
 SILVA (Victor Manuel Dias da), 135, 1004, 1518
 SILVA (Vitor), 2109
 SILVEIRA (João), 1350
 SIMÃO (António de Vasconcelos), 136
 SIMÃO (Maria de Lurdes Pinheiro), 465
 SIMÃO (Teresa), 295
 SIMÕES (A. Martinho), 1005
 SIMÕES (Ana Cristina), 2309
 SIMÕES (Clara), 293
 SIMÕES (Cunha), 431, 432, 518, 519, 520, 521, 522
 SIMÕES (João Miguel), 2, 267, 582, 1006, 1007, 1008, 1519, 1520, 1722, 1723, 2234, 2269
 SIMÕES (Pedro David Ribeiro), 2235
 SOARES (Clara Moura), 658
 SOARES (Lina Maria Marques), 307
 SOARES (Margarida Maria Gonçalves), 1009
 SOARES (Maria Isabel de Mendonça), 659
 SOARES (Maria Micaela), 308, 433, 601, 716, 1010, 1114, 1115, 1116, 1159, 1267, 1287, 1377, 1448, 1449, 1521, 1522, 1767, 2063, 2198
 SOARES (Nuno Paulo Guerreiro), 1253
 SOARES (Sílvia), 285
 SOBRAL (Carlos), 1011

- SOBRAL (Luís de Moura), 2236, 2237, 2238, 2239
 SOLEDADE (Arnaldo Ferreira da), 137, 268, 660
 SOROMENHO (Miguel), 661, 815, 1012, 1052, 1160, 1862, 2323, 2324
 SOTTO MAIOR (Diogo Pereira), 269
 SOTTOMAYOR (Appio), 662, 1333, 1334, 1335
 SOTTOMAYOR (Pedro José), 1492
 SOUSA (Ana Catarina de), 1013, 1161, 1858
 SOUSA (Ana Catarino Bravo), 1171
 SOUSA (Ana Cristina Correia de), 2362
 SOUSA (Ana Cristina), 588, 1139
 SOUSA (Ana Macedo e), 284
 SOUSA (Bernardo Vasconcelos e), 1724
 SOUSA (Catarina Vilaça de), 2240, 2296
 SOUSA (Élvio Melim), 1254
 SOUSA (Filomena), 466
 SOUSA (Francisco), 161, 1450, 1454
 SOUSA (Gabriela), 270
 SOUSA (Gonçalo de Vasconcelos e), 2363
 SOUSA (Ivo Carneiro de), 1725, 1726
 SOUSA (J. M. Cordeiro de), 1014
 SOUSA (Joana), 1536
 SOUSA (José Figueiredo de), 402
 SOUSA (José Luiz de Saldanha Oliveira e), 663
 SOUSA (Manuel Frango), 1117
 SOUSA (Maria das Dores Borges de), 271
 SOUSA (Querubim), 403
 SOUSA (Raúl Pereira de), 1015
 SOUSA (Teresa Maria Faria de), 664, 683, 1130
 SOUSA (Tude Martins de), 272
 SOUTO (A. Meireles do), 665, 1016, 1613, 2241, 2242
 SPÍNOLA (Ismael Joaquim), 1017
 STOOP (Anne de), 1018, 1019, 1020
 SUCENA (Eduardo), 666, 1021
 SYNEK (Manuela O.), 1022
- T -
- TABORDA (Maria da Piedade), 1492
 TADEU (António Luís), 1023
 TAILLAND (Michèlle Janin-Tivos), 138
 TAPADINHAS (Joaquim Carreira), 667
- TAVARES (Maria José Ferro), 139, 1727, 1728
 TAVARES (Sofia Catarina Carriço), 2243
 TÁVORA (Bernardo Ferrão de Tavares e), 1827, 2244
 TEAGUE (Michael), 1024
 TEDIM (José Manuel), 1336, 1908
 TEIGA (Carlos), 434
 TEIXEIRA (Álvaro), 1230
 TEIXEIRA (Carlos A.), 622, 668
 TEIXEIRA (E.), 1535
 TEIXEIRA (Ismael Pereira), 324, 334, 357, 364, 389, 396, 404, 436
 TEIXEIRA (Vasco A. Valadares), 1451
 TELES (Jorge de Campos), 1352, 1614
 TELFER (William M. A.), 2364
 TELLES (Gonçalo Ribeiro), 1162
 TELLES (João Bernardo Galvão), 1729
 TELO (Vera de Lurdes Lourinha), 183
 TEREÑO (Maria do Céu Simões), 1025
 TIÇÃO (Álvaro Manuel Parreira da Rocha), 1026
 TOMÉ (Manuela Maria Justino), 1027
 TORRES (António Maria Pinheiro), 405
 TORRINHA (Joaquim Francisco Soeiro), 669, 1615, 2245, 2246, 2247, 2248, 2249, 2250, 2251, 2252, 2253, 2335
 TRANSMONTANO (Maria Tavares), 273, 274, 275
 TRIÃES (Ricardo), 1808
 TRINDADE (António de Oriol Vazão), 140
 TRINDADE (Diamantino Sanches), 171, 276, 670
 TRINDADE (Laura), 1163
 TRINDADE (Rosa), 2254
 TRONI (Joana Pinheiro de Almeida), 501
- U -
- UMBELINO (Cláudia), 1052
 URBANO (Luís), 1028, 1523
- V -
- VALE (Teresa Leonor), 19, 702, 1164, 1336, 1346, 1435, 1524, 1617, 1785, 1820, 1822, 1828, 1829, 1830, 1831, 1832, 1833, 1834, 1835, 1836, 1837, 1838, 1839, 1840, 1986, 1994, 1995, 2101, 2139, 2150, 2365, 2366

VALENÇA (Manuel), 467
 VALENTE (Anabela), 1140
 VALENTIM (Carlos Manuel), 1029, 1616
 VALÉRIO (Ângela Maria Tavares), 1030, 2354
 VALLECILLO TEODORO (Miguel Angel), 1730, 1731, 1841, 2255, 2256
 VARELA (Susana Maria Calado), 2257, 2258
 VARGAS (José Manuel), 1031, 1118
 VASCONCELOS (Flório de), 2259
 VAZ (Artur), 1032
 VAZ (Francisco Lourenço), 141, 1255
 VAZ (Luís Gonçalves), 1129
 VAZ (Maria Máxima), 277, 278, 1452
 VELEZ (Obdulia), 2170, 2287
 VELLOSO (Júlio Caio), 1733, 1734, 1735
 VELOSO (Carlos), 1165, 1768
 VENÂNCIO (Luís Manuel Rocha), 671
 VENTURA (António), 142, 1525, 1809, 1863
 VENTURA (Francisco), 309
 VENTURA (Margarida Garcez), 143, 144, 145, 1033, 1288, 1618
 VENTURA (Rui), 310, 311, 312, 316, 321, 322, 1078, 1119, 1289, 1842, 2260, 2261
 VERÃO (Teresa), 2262
 VERÍSSIMO (Ana Maria), 1791, 1799, 1912, 1968, 2004, 2034, 2054, 2116, 2138, 2213, 2284
 VERÍSSIMO (Carlos), 435, 2263
 VERMELHO (Joaquim José), 672, 1034, 1035, 1843
 VIANA (António Manuel Couto), 313, 436
 VICENTE (Maria Isabel), 2264
 VICTOR (Isabel Maria Duarte), 1463
 VIDAL (Angelina), 1036
 VIDAL (João Nunes), 1526
 VIDEIRA (César), 279
 VIEIRA (Aires dos Passos), 280, 281
 VIEIRA (Ana Franco), 1453
 VIEIRA (Ana Maria), 690, 791, 1790, 2071, 2194, 2354
 VIEIRA (Belarmina Maria Sousa), 282
 VIEIRA (Carla), 418
 VIEIRA (Júlio), 283
 VIEIRA (Maria Helena), 2214
 VIEIRA (Paula Cristina Pinto), 1166
 VIEIRA (Rui Rosado), 212, 539, 1037, 1527, 1847

VIEIRA (Teresa), 1378
 VILAR (Hermínia Vasconcelos), 1392
 VILAR (Maria do Carmo), 629, 673, 819, 1038, 1039, 1120, 1171, 1844, 2332, 2333
 VILLAVERDE (Manuel), 674
 VINAGRE (Helena), 1040
 VITERBO (Sousa), 1041

– X –

XISTO (Brenda Orvalho de Oliveira), 1528

ÍNDICE TOPONÍMICO

– A –

- A dos Cunhados, 8, 32, 530, 993
Abelheira, 270
Abóboda, ver São Domingos de Rana, 158, 668, 847, 1051, 1408
Aboboreira, ver Azueira, 1786
Abrantes (distrito de Santarém), 1214, 1940
Abrigada, 513, 517, 526, 527
Achete, 686
Adarce, lugar ver Alverca do Ribatejo, 1093
Afonsoeiro, 582
África, 964, 1023, 1215, 1240, 1365, 2007
África, norte, 20, 499, 1183
Aigualva-Cacém, 284, 706, 1007
Aires, ver Viana do Alentejo, 151, 263, 797, 802, 960, 986, 1205, 1226, 1255, 1266, 1676, 1777, 1845, 2240, 2296
Ajuda, 1113, 1158, 1457
Ajuda, monte, ver Vendas Novas, 1850
Ajuda, Salvador e Santo Ildefonso, 925
Alabaça ou Arrabaça, ver Galveias, 1226
Alagoa, 304, 465, 1303
Alain de La Roche (França), 1032
Alandroal, 1050, 1104, 1688, 1971, 2311
Alandroal, concelho, 189, 726, 1050, 1094, 1104, 1197, 1205, 1266, 1376, 1390, 1410, 1414, 1415, 1431, 1432, 1535, 1621, 1688, 1846, 1971, 2086, 2201
Albuquerque (Espanha), 2312
Alcabideche, 558, 846, 977, 1055, 1084, 1237, 1287, 1408, 1418, 1450, 1628, 1868, 2303
Alcabrichel, rio, 530
Alcácer do Sal, 108, 109, 241, 560, 817, 937, 1239, 1305, 1312, 1324, 1325, 1596, 1601, 1737
Alcácer do Sal, concelho, 16, 108, 109, 183, 241, 434, 560, 696, 817, 881, 937, 1148, 1239, 1312, 1324, 1325, 1601, 1602, 1737, 2268
Alcácer-Quibir (Marrocos), 561, 574, 1215, 1228
Alcáçova, 51, 172, 180, 190, 682, 863, 971, 1060
Alcáçovas, 156, 797, 2129, 2240
Alcainça, 270, 629, 927
Alcalá de Henares (Espanha), 616, 702, 758, 779, 797, 804, 808, 881, 1138, 1847, 1986, 2002, 2240
Alcamé, ver Vila Franca de Xira, 308, 891, 892, 953, 1242, 1273, 1379
Alcântara, 1006
Alcântara (Espanha), 393, 445, 702, 757, 772, 786, 805, 806, 839, 852, 899, 936, 938, 1001, 1016, 1133, 1191, 1280, 1480, 1505, 1721, 1809, 1815, 1851, 1861, 1918, 1943, 1985, 1992, 2075, 2099, 2108, 2109, 2357
Alcântara (Lisboa), 393, 665, 786, 1077, 1191, 1295, 1613, 2234
Alcobaça (distrito de Leiria), 494, 1173
Alcobertas (distrito de Santarém), 694, 924
Alcochete, 40, 181, 229, 440, 729, 1031, 1200, 1220, 1224, 1281, 1406, 1407, 2000, 2211
Alcochete, concelho, 40, 42, 181, 229, 440, 599, 632, 729, 1031, 1200, 1220, 1281, 1406, 1407, 2000, 2211
Alcoentre, 182, 624
Alcórrego, 951, 1252
Alcube, quinta, ver São Simão, 1222
Aldeia da Mata, 2246
Aldeia da Venda, ver Santiago Maior, 1390, 1410, 1414, 1415, 1431, 1432

- Aldeia de Paio Pires, 1070, 1281
 Aldeia Galega da Merceana, 181, 1265, 1685, 1886, 2127
 Aldeia Galega do Ribatejo (hoje Montijo), 37, 42, 667, 729, 1281, 1489, 1642, 1953, 2191
 Aldeia Gavinha, 1413, 1886
 Aldeia Rica, ver São Lourenço, 2227
 Aldeias de Montoito, ver Montoito, 285
 Alegrete, 232, 321, 447, 694, 884, 910
 Alemanha, 1802
 Alenquer, 181, 237, 257, 507, 512, 513, 517, 524, 526, 527, 614, 671, 686, 1074, 1265, 1284, 1287, 1684, 1685, 1705, 1729, 1886, 1892, 1986, 2107
 Alenquer, concelho, 224, 237, 257, 433, 454, 463, 466, 481, 507, 512, 513, 517, 524, 526, 527, 595, 613, 614, 671, 686, 691, 1010, 1058, 1100, 1265, 1267, 1284, 1287, 1348, 1366, 1413, 1493, 1546, 1640, 1684, 1685, 1705, 1729, 1886, 1892, 1986, 2127
 Alentejo, nordeste, 2087
 Alentejo, norte, 2087, 2088
 Alentejo, região, 131, 379, 411, 412, 419, 452, 489, 490, 696, 986, 1165, 1204, 1208, 1212, 1216, 1255, 1296, 1298, 1344, 1372, 1432, 1548, 1555, 1670, 1774, 2025, 2095, 2240, 2296, 2320, 2377
 Alexandria (hoje Egípto), 94, 109, 155, 161, 162, 170, 177, 183, 185, 188, 192, 194, 195, 206, 208, 214, 225, 228, 229, 237, 245, 254, 256, 296, 298, 305, 467, 508, 534, 535, 542, 549, 551, 558, 568, 576, 578, 579, 582, 583, 589, 590, 593, 601, 609, 610, 613, 624, 626, 630, 631, 635, 644, 671, 672, 686, 688, 692, 693, 697, 716, 726, 746, 758, 792, 795, 796, 797, 804, 805, 808, 809, 829, 851, 875, 879, 886, 899, 917, 923, 926, 941, 946, 967, 973, 1007, 1009, 1028, 1036, 1058, 1083, 1088, 1096, 1097, 1100, 1106, 1121, 1173, 1211, 1216, 1222, 1225, 1296, 1302, 1315, 1356, 1375, 1419, 1474, 1562, 1675, 1763, 1773, 1794, 1806, 1807, 1827, 1848, 1859, 1867, 1870, 1915, 1918, 1963, 1972, 1973, 1976, 1987, 1988, 1989, 1992, 1993, 1994, 2002, 2004, 2016, 2081, 2140, 2161, 2181, 2185, 2189, 2195, 2203, 2223, 2225, 2231, 2232, 2268, 2271, 2280, 2283, 2285, 2288, 2296, 2355
 Alfama, bairro, ver Lisboa, 104, 105, 552, 553, 648, 842, 1063, 1281, 1287, 1765, 2188
 Alfarim, ver Castelo, 1184, 1221, 1224
 Alfovelos, 204
 Algarve (distrito de Faro), 1165, 1258
 Algarve, diocese, 43, 44, 52, 53, 60, 1365
 Algés, 897
 Algeber, 449
 Algueirão-Mem Martins, 1124, 2119
 Alhandra, 246, 431, 510, 515, 518, 519, 520, 521, 522, 525, 860, 954, 1096, 1358, 1760, 1986, 2011, 2096, 2151, 2193
 Alhandra, concelho, 686, 1760
 Alhos Vedros, 62, 135, 260, 659, 1004, 1077, 1079, 1233, 1518, 1811, 2006
 Aljubarrota (distrito de Leiria), 337, 495, 1392, 1417
 Almada, 45, 46, 113, 149, 154, 198, 247, 280, 281, 300, 589, 638, 768, 829, 832, 902, 946, 977, 1029, 1032, 1053, 1054, 1070, 1077, 1090, 1233, 1418, 1529, 1596, 1616, 1620, 1633, 1666, 1752, 1756, 1857, 2125, 2178, 2209
 Almada, concelho, 45, 46, 54, 113, 149, 153, 154, 198, 247, 252, 280, 281, 300, 589, 632, 638, 721, 768, 829, 832, 866, 902, 904, 946, 977, 989, 1015, 1029, 1032, 1045, 1053, 1054, 1069, 1070, 1090, 1220, 1223, 1227, 1233, 1237, 1250, 1318, 1378, 1393, 1418, 1428, 1529, 1616, 1620, 1633, 1666, 1752, 1756, 1857, 2125, 2178, 2209
 Almargem do Bispo, 233, 479, 945, 977, 1042, 1235, 1455, 2128
 Almorquim, lugar, ver Terrugem, 425
 Alpalhão, 166, 303, 304, 465, 856, 990, 1260, 1555, 2312, 2313
 Alpiarça (distrito de Santarém), 1986, 2176
 Alsácia (França), 2089
 Alter do Chão, 1094, 1098, 1287, 1296, 1299, 1663
 Alter do Chão, concelho, 1098, 1214, 1287, 1296, 1299, 1663
 Alter Pedroso, ver Alter do Chão, 1098
 Alto Alentejo, região, 67, 138, 420, 960, 1136, 1186, 1192, 1502, 1557, 1819, 1841, 2249, 2252, 2255
 Alto da Ajuda, ver Lisboa, 1113

- Alto de Monsanto, ver Lisboa, 1113
- Alto de Santa Catarina, ver Lisboa, 1302
- Alto de São João, ver Lisboa, 1131, 1137, 1140, 1154, 1166, 1485, 1494
- Alto do Talefe, ver Fortios, 1516
- Alvalade, 419, 1531
- Alverca do Ribatejo, 222, 246, 822, 860, 955, 1043, 1093, 1187, 1358, 1662
- Alviano (Itália), 2180
- Alvito (distrito de Beja), 2240, 2296
- Amadora, 204, 584, 717, 1210, 1625
- Amadora, concelho, 204, 227, 584, 717, 1005, 1020, 1210, 1625
- Amarante (distrito do Porto), 168, 182, 222, 248, 368, 534, 579, 607, 652, 767, 783, 806, 811, 833, 906, 920, 943, 982, 985, 1091, 1106, 1551, 1593, 1770, 1829, 1830, 1833, 1835, 2063, 2342
- Ameixoeira, 182, 624, 983, 1593
- América, 341
- América do Sul, 390
- Amieira do Tejo, 272, 856, 1110, 1678
- Amieira, ver Amieira do Tejo, 1110
- Amora, 210, 1070, 1090, 1380
- Angola, 1236
- Anjos, 886, 1800, 2315
- Antas, ver Azueira, 1786
- Antioquia (hoje Turquia), 16, 133, 188, 200, 206, 218, 230, 265, 297, 409, 546, 568, 633, 644, 672, 765, 797, 799, 809, 878, 917, 923, 943, 1036, 1077, 1085, 1097, 1222, 1256, 1327, 1343, 1349, 1481, 1506, 1521, 1802, 1827, 1870, 2136, 2240, 2280, 2283, 2286, 2332
- Aquino (Itália), 222, 592, 607, 783, 790, 793, 796, 797, 806, 902, 906, 920, 936, 974, 1032, 1770, 1815, 1829, 1835, 1849
- Aquitânia (França), 1041
- Aragão (Espanha), 168, 336, 2002
- Aramenha, 295
- Arcozelo (distrito da Guarda), 1296
- Areias de Vilar (distrito de Braga), 2046
- Arez, 209, 1678
- Arimateia (hoje Israel), 2248
- Arlés (França), 1180
- Arménia, 1861
- Arno, rio (Itália), 268, 924
- Arrabaça ou Alabaça, ver Galveias, 1226
- Arrábida, serra, ver Setúbal, concelho, 168, 179, 195, 221, 250, 251, 254, 282, 393, 435, 460, 467, 752, 852, 897, 922, 936, 938, 943, 1077, 1078, 1117, 1184, 1196, 1203, 1220, 1221, 1222, 1224, 1241, 1258, 1277, 1282, 1289, 1375, 1440, 1985, 2002, 2032, 2332
- Arraiolos, 6, 79, 253, 805, 1395, 1592, 1626, 1644, 2046, 2047, 2220
- Arraiolos, concelho, 63, 79, 211, 253, 420, 805, 960, 1314, 1395, 1495, 1592, 1626, 1644, 1670, 2046, 2047, 2220
- Arrentela, 635, 977, 1070, 1077, 1223, 1233, 1281, 1418, 1562, 2081, 2161, 2236
- Arrifana (distrito de Aveiro), 1948
- Arroios, 234, 572
- Arronches, 67, 470, 536, 567, 1567, 1996, 2085, 2246
- Arronches, concelho, 311, 316, 321, 322, 470, 536, 567, 960, 1152, 1214, 1526, 1559, 1567, 1996, 2085
- Arruda dos Vinhos, 258, 557, 2042
- Arruda dos Vinhos, concelho, 100, 258, 433, 557, 595, 1058, 2042
- Arsenal da Marinha, ver Lisboa, 772, 876
- Asseiceira Grande, ver Venda do Pinheiro, 927
- Assis (Itália), 57, 70, 74, 99, 130, 150, 151, 159, 163, 164, 167, 168, 171, 173, 180, 183, 185, 188, 189, 190, 202, 203, 204, 206, 209, 217, 224, 228, 229, 230, 245, 253, 256, 257, 263, 264, 275, 279, 280, 288, 289, 290, 332, 354, 356, 360, 363, 380, 388, 400, 439, 445, 447, 496, 499, 538, 542, 547, 555, 566, 576, 595, 605, 609, 610, 612, 613, 621, 623, 626, 630, 631, 636, 644, 654, 660, 663, 670, 671, 686, 687, 691, 692, 696, 700, 702, 709, 714, 716, 717, 731, 734, 736, 742, 749, 753, 754, 757, 758, 760, 764, 771, 774, 779, 783, 786, 788, 789, 790, 792, 793, 795, 797, 798, 799, 800, 801, 802, 803, 804, 805, 806, 808, 809, 810, 820, 824, 832, 837, 843, 852, 862, 864, 869, 874, 875, 877, 879, 885, 892, 898, 900, 902, 906, 910, 913, 915, 922, 926, 936, 943, 948, 950, 952, 961, 963, 971, 973, 976, 981, 986, 988, 989, 992, 997, 998, 1001, 1005, 1007, 1012, 1022, 1026, 1028, 1032,

- 1033, 1034, 1036, 1044, 1045, 1058, 1063, 1097, 1098, 1099, 1109, 1114, 1116, 1118, 1119, 1121, 1135, 1150, 1165, 1180, 1188, 1219, 1222, 1227, 1270, 1272, 1273, 1277, 1323, 1343, 1348, 1401, 1405, 1422, 1467, 1474, 1492, 1496, 1505, 1527, 1552, 1581, 1595, 1596, 1600, 1609, 1610, 1617, 1628, 1637, 1650, 1651, 1681, 1688, 1694, 1709, 1716, 1750, 1757, 1760, 1778, 1780, 1782, 1794, 1798, 1803, 1807, 1809, 1815, 1839, 1840, 1841, 1844, 1847, 1848, 1851, 1852, 1861, 1863, 1877, 1889, 1892, 1904, 1914, 1915, 1916, 1917, 1918, 1919, 1931, 1936, 1948, 1962, 1963, 1966, 1972, 2002, 2004, 2014, 2015, 2019, 2021, 2031, 2032, 2039, 2043, 2053, 2056, 2063, 2065, 2068, 2069, 2073, 2075, 2078, 2080, 2082, 2083, 2086, 2088, 2096, 2098, 2099, 2106, 2107, 2112, 2113, 2118, 2126, 2142, 2152, 2157, 2158, 2176, 2177, 2179, 2183, 2187, 2189, 2199, 2220, 2237, 2240, 2244, 2245, 2265, 2266, 2267, 2279, 2280, 2283, 2284, 2290, 2296, 2297, 2309, 2327, 2342, 2352, 2354, 2378
- Assumar, 655
- Assunção, 544
- Astúrias (Espanha), 379
- Atalaia, 42, 181, 185, 245, 252, 293, 464, 582, 587, 600, 632, 667, 668, 729, 752, 1184, 1195, 1196, 1200, 1202, 1203, 1209, 1217, 1220, 1224, 1251, 1258, 1272, 1362, 1403, 1406, 1407, 1438, 1443, 1448, 1449, 1451, 1460, 1489, 1585, 1591, 1596, 1605, 1777, 2032, 2039, 2049, 2088, 2118, 2120, 2231, 2232, 2233, 2271, 2329
- Atalaia (Lourinhã, concelho), 242
- Atocha (Madrid, Espanha), 1987, 1993
- Atoleiros, ver Cabeço de Vide, 2153
- Atouguia da Baleia (distrito de Leiria), 686, 2204, 2210
- Aveiras de Baixo, 237, 1033, 1566
- Aveiro, 28, 1449, 1816, 2103
- Ávila (Espanha), 168, 213, 215, 248, 266, 348, 400, 508, 542, 550, 610, 766, 797, 801, 852, 864, 906, 920, 936, 979, 980, 1001, 1071, 1815, 1816, 1822, 1823, 1829, 1833, 1835, 1840, 1861, 1900, 1918, 1921, 2000, 2071, 2109, 2126, 2148, 2149, 2348, 2370
- Avis, 12, 138, 267, 576, 669, 861, 949, 959, 1060, 1127, 1387, 1751, 1879, 1994, 2139, 2246, 2355
- Avis, concelho, 138, 949, 951, 959, 960, 1205, 1226, 1252, 1387, 1751, 1879, 2355
- Azambuja, 238, 508, 737, 1159, 1695, 1951
- Azambuja, concelho, 100, 182, 237, 238, 239, 624, 660, 737, 1033, 1058, 1114, 1159, 1566, 1695, 1951
- Azaruja, hoje São Bento do Mato, 2320
- Azinhais, ver Torrão, 881
- Azinheira dos Barros e São Mamede do Sádão, 259
- Azinheira dos Barros, ver Azinheira dos Barros e São Mamede do Sádão, 259
- Azóia, ver Castelo, 1077, 1184, 1224, 1233, 1406, 1407
- Azueira, 270, 476, 610, 927, 1092, 1194, 1443, 1786, 1844, 2197, 2224
- Azulejos, quinta, ver Lumiar, 2064

- B -

- Badajoz (Espanha), 2287
- Bairro Alto, ver Lisboa, 549, 551, 791, 1302, 1790, 2354
- Baixa da Banheira, 260, 1004
- Baixa Pombalina, ver Lisboa, 968, 969, 1957, 2324, 2379
- Barbacena, 163
- Barcarena, 762, 977
- Barcelos (distrito de Braga), 1212, 1244, 1246
- Barra Cheia, ver Alhos Vedros, 260
- Barrancos (distrito de Beja), 2367
- Barreiro, 128, 167, 230, 231, 1004, 1190, 1586, 1611, 1630, 1653, 1683, 2329
- Barreiro, concelho, 128, 167, 218, 230, 231, 559, 632, 764, 765, 865, 1004, 1065, 1190, 1220, 1223, 1318, 1586, 1611, 1630, 1653, 1683
- Barro, ver São Pedro e São Tiago, 31, 32
- Batalha (distrito de Leiria), 96, 500, 2176
- Beato, 186, 908, 2011
- Beaulieu (França), 805, 1802, 2271
- Beira Baixa, região, 290, 1186, 1819
- Beja, 12, 28, 1728, 1875, 2307
- Beja, distrito, 11, 131, 138, 152, 379, 411, 412, 419, 452, 489, 490, 696, 986, 1165,

- 1204, 1208, 1212, 1216, 1255, 1296, 1298, 1344, 1372, 1432, 1548, 1555, 1670, 1774, 1913, 2025, 2095, 2240, 2296, 2320, 2377
- Belas, 233, 977, 1191, 1418, 1449, 1453, 1460, 1986
- Belém (hoje Israel), 140, 454, 536, 698, 773, 810, 858, 917, 1016, 1119, 1164, 1192, 1356, 1587, 1762, 1784, 1785, 1880, 1968, 2000, 2004, 2034, 2138, 2168, 2204, 2284, 2286
- Belém (hoje Istaël), 698
- Bélgica, 900
- Belver, 184, 2350
- Bemposta, ver Lisboa, 731
- Benavente (distrito de Santarém), 1205, 1247, 1347, 1777
- Benavila, 951, 1205, 1226
- Bencatel, 1373
- Benfica, 227, 248, 977, 1109, 1624
- Berlengas, ilhas, 1893
- Besteiros, ver Alegrete, 694, 884
- Bica, bairro, ver Lisboa, 1543, 1544
- Bicesse, ver Alcabideche, 1055
- Bispo, quinta, ver Portalegre, 1279
- Boa Esperança, cabo (África do Sul), 197, 1215
- Bobadela, 1123, 1360
- Bolonha (Itália), 1026, 2191
- Bombarral (distrito de Leiria), 463
- Borba, 159, 267, 359, 576, 769, 1001, 1314, 1500, 1622, 1722, 1723, 1738, 2086, 2269, 2311
- Borba, concelho, 159, 267, 303, 359, 576, 769, 960, 1064, 1173, 1402, 1500, 1622, 1722, 1723, 1738, 1944, 1971, 2086, 2171, 2269
- Borgonha (França), 979
- Braga, 86, 380, 711, 861, 975, 1173, 1287, 1305, 1830
- Braga, diocese, 8, 56, 573
- Braga, distrito, 8
- Bragança, 86, 568
- Bragança, distrito, 650
- Brançanes, ver Setúbal, 2378
- Brasil, 252, 359, 1069, 1236, 1244, 1246, 1994
- Brotas, 51, 173, 307, 612, 615, 652, 752, 797, 802, 833, 879, 951, 1040, 1091, 1097, 1121, 1198, 1205, 1208, 1212, 1226, 1244, 1245, 1246, 1247, 1581, 1679, 1777, 1852, 1956, 2177
- Bucelas, 674, 903, 1211, 1885, 1909, 1980, 1981, 1997, 1999

- C -

- Cabaça, herdade, ver Portalegre, 316, 321
- Cabeça do Alperche, ver Penha de França, 1228
- Cabeça do Carneiro, ver Santiago Maior, 1432
- Cabeça Gorda, ver Campelos, 1080
- Cabeção, 173, 612, 727, 1581
- Cabeço de Vide, 207, 262
- Cachoeiras, 246, 954, 2193
- Cacilhas, 300, 721, 832, 1070
- Cadaval, 176, 1718, 2181
- Cadaval, concelho, 176, 433, 449, 481, 595, 647, 896, 1058, 1546, 1718
- Cafarnaum (hoje Israel), 2000
- Calábria (Itália), 1001
- Calçada do Combro, ver Lisboa, 746, 2195
- Calcedónia (hoje Turquia), 933
- Caldas da Rainha (distrito de Leiria), 1685, 2197
- Calhandriz, 955, 1101
- Camarate, 593, 1211, 2043
- Camarões, lugar, ver Almargem do Bispo, 945
- Campelos, 532, 1080
- Campo de Santana, hoje Campo dos Mártires da Pátria, ver Lisboa, 915
- Campo dos Mártires da Pátria, ver Lisboa, 246, 518, 519, 520, 915
- Campo Grande, 407, 586
- Campo Maior, 123, 151, 226, 302, 306, 329, 332, 333, 341, 342, 343, 344, 355, 360, 372, 439, 453, 483, 539, 616, 877, 898, 1037, 1167, 1383
- Campo Maior, concelho, 123, 212, 226, 306, 329, 332, 333, 341, 342, 343, 344, 355, 372, 439, 453, 483, 539, 616, 877, 898, 1037, 1094, 1167, 1383, 1847
- Campos da Rainha, lugar, ver Vendas Novas, 1047
- Caná (hoje Israel), 1999, 2000, 2064

- Canárias (Espanha), 359
- Canaviais, 735, 738, 739, 743, 795, 799, 800, 802, 803, 809, 875, 889, 950, 1097, 1155, 1214, 1777, 1925, 1931, 1932, 1933, 1935
- Caneças, 1600
- Canha, 81, 582, 1362, 1655, 2049, 2191
- Cantanhede (distrito de Coimbra), 1407
- Cantuária (Inglaterra), 1277
- Capadócia (hoje Turquia), 712, 1861
- Caparica, 54, 153, 300, 721, 977, 989, 1032, 1070, 1077, 1090, 1223, 1227, 1233, 1236, 1237, 1393, 1418
- Capelins (Santo António), 1104
- Capistrano (Itália), 806, 808, 869, 1026, 2002
- Caramulo, serra (distrito de Viseu), 1410
- Carcavelos, 622
- Carcereira, quinta, Sobreda, 1045
- Cardais, ver Lisboa, 551, 746, 791, 1790, 1992, 1994, 2050, 2071, 2194, 2354
- Carmelo, monte (hoje Israel), 794, 940
- Carmo, quinta, ver Murfacém, 866
- Carmões, 642, 1607
- Carnaxide, 194, 309, 784, 977, 1199, 1460, 1565, 1571
- Carnide, 9, 550, 604, 618, 634, 704, 707, 710, 785, 836, 893, 977, 1023, 1081, 1082, 1083, 1141, 1177, 1183, 1201, 1240, 1301, 1748, 1771, 1816, 1930, 2005, 2037, 2105, 2162, 2205, 2294
- Carrasqueira, ver Malveira, 1786
- Carregueira, ver Pinhal Novo, 1224, 1406, 1407
- Carreiras, 273, 311, 321
- Carvalho, 137, 1077, 1189, 1196, 1224, 1230, 1241, 1253, 1258, 1375, 1440, 2032
- Carvalho (distrito de Leiria), 236, 463, 1080, 1448
- Carvalho, ver Cheleiros, 323, 1103
- Carvalho, ver Turcifal, 244
- Carvoeira, 191, 233, 270, 610, 1443, 1786
- Cascais, 158, 203, 266, 288, 705, 780, 816, 977, 1074, 1191, 1329, 1408, 1628, 1660, 1661, 1701, 1702, 1921, 1954, 1970, 1983, 2070, 2133, 2135, 2154, 2186, 2190, 2295, 2372
- Cascais, concelho, 100, 158, 202, 203, 266, 288, 558, 622, 623, 668, 705, 709, 780, 816, 845, 846, 847, 1020, 1051, 1055, 1058, 1084, 1237, 1271, 1287, 1339, 1408, 1450, 1494, 1628, 1660, 1661, 1701, 1702, 1868, 1921, 1954, 1970, 1983, 1986, 2065, 2070, 2133, 2135, 2154, 2183, 2186, 2190, 2295, 2372
- Cássia (Cásca, Itália), 200, 289, 296, 435, 588, 644, 647, 656, 688, 692, 697, 718, 731, 772, 776, 793, 796, 797, 804, 805, 806, 808, 809, 810, 824, 828, 839, 857, 869, 878, 899, 936, 1113, 1227, 1254, 1348, 1586, 1637, 1778, 1781, 1794, 1815, 1834, 1848, 1870, 1989, 2051, 2065, 2272, 2273
- Castanheira do Ribatejo, 246, 860, 953, 1126, 1156, 1358, 1929, 2193, 2265
- Castela (Espanha), 139, 340, 344, 360, 380, 390, 489, 1239
- Castelo, 40, 158, 168, 196, 223, 233, 248, 252, 254, 277, 280, 282, 288, 293, 294, 300, 314, 319, 417, 425, 435, 458, 460, 464, 472, 479, 480, 486, 550, 558, 644, 668, 695, 752, 773, 825, 846, 890, 901, 934, 938, 947, 977, 989, 1032, 1069, 1077, 1078, 1102, 1184, 1196, 1202, 1203, 1211, 1213, 1218, 1221, 1223, 1224, 1227, 1232, 1233, 1234, 1235, 1236, 1237, 1251, 1257, 1264, 1266, 1272, 1277, 1348, 1361, 1364, 1378, 1385, 1393, 1394, 1403, 1406, 1407, 1408, 1412, 1418, 1427, 1428, 1435, 1436, 1438, 1443, 1448, 1450, 1451, 1452, 1453, 1454, 1455, 1456, 1457, 1460, 1463, 1464, 1585, 1596, 1675, 1887, 1897, 2032, 2077, 2078, 2079, 2206, 2222, 2232, 2263, 2298, 2303, 2328, 2331, 2332
- Castelo (Lisboa), 965, 1063
- Castelo Branco, 2312
- Castelo Branco, distrito, 7, 290, 1186, 1214, 1819
- Castelo de Vide, 14, 67, 111, 276, 279, 311, 321, 456, 540, 562, 963, 1075, 1152, 1178, 1192, 1527, 1941, 2036, 2246, 2312, 2314
- Castelo de Vide, concelho, 14, 111, 157, 276, 279, 311, 316, 321, 322, 446, 456, 540, 562, 670, 788, 963, 1075, 1152, 1178, 1192, 1214, 1343, 1349, 1526, 1527, 1557, 1842, 1874, 1941, 2036, 2312, 2314
- Cástris, ver Malagueira, 797, 800, 950, 1949, 1950, 2262
- Catalunha (Espanha), 186

- Caxias, 185, 849, 1631
 Ceilão (hoje Sri Lanka), 781, 1014, 2182
 Cercal, 176, 249, 1531
 Cernache do Bonjardim (distrito de Castelo Branco), 301, 324, 383, 384
 Cesareia (Capadócia, hoje Turquia), 805, 823, 2332
 Ceuta (Marrocos), 332, 737, 1215
 Chancelaria, 1098
 Charneca da Caparica, 252, 300, 1227
 Chaves (distrito de Vila Real), 568, 1212, 1246
 Chelas, ver Marvila, 179, 186
 Cheleiros, 270, 323, 581, 927, 1103
 Cidade Rodrigo (Espanha), 1215
 Ciladas, 213, 1373
 Ciladas e São Romão, hoje Ciladas, 213
 Cilícia (hoje Turquia), 2002
 Cister (Cîteaux, França), 302, 360, 380, 390, 754, 910, 913, 984, 1142
 Claraval (Clairvaux, França), 275, 277, 538, 610, 630, 631, 751, 788, 789, 793, 796, 797, 805, 894, 910, 913, 917, 936, 1026, 1030, 1058, 1112, 1119, 1142, 1238, 1778, 1799, 1815, 1924, 1942, 1949, 2000, 2043, 2112, 2160, 2246, 2262, 2272, 2274, 2283, 2285
 Cluny (França), 965
 Coimbra, 19, 86, 327, 328, 330, 356, 368, 379, 388, 507, 513, 516, 517, 527, 573, 957, 1007, 1173, 1316, 1890, 1947, 1964, 2043, 2093, 2103, 2107, 2243, 2343, 2356
 Coimbra, distrito, 1913, 2029, 2285
 Coina, 632, 764, 1077, 1223, 1233
 Colares, 165, 299, 511, 514, 873, 916, 929, 1254, 1271, 1287, 1412, 1573, 2135, 2190
 Colónia (Alemanha), 585, 594, 610, 649, 697, 792, 797, 801, 809, 839, 848, 915, 936, 1058, 1067, 1312, 1315, 1778, 1793, 1815, 1821, 2013, 2142, 2232, 2259, 2345, 2346
 Comenda, 1186
 Compostela (Espanha), 2107
 Constância (distrito de Santarém), 1214
 Corbie (França), 1936, 1962, 2021, 2106, 2113
 Córdoba (Espanha), 183, 696, 1188
 Corredoura, ver Sesimbra, 1236
 Corroios, 1070, 1090
 Cortona (Itália), 582, 600, 797, 805, 806, 1343, 1348, 1655, 1849, 2000, 2180
 Coruche (distrito de Santarém), 6, 951, 1205, 1266
 Costa da Caparica, 1378, 1418, 1428
 Costa do Sol, ver Cascais, concelho, 1339
 Cova da Moura, ver Lisboa, 861
 Cova da Piedade, 198, 832, 1015
 Cova de São Tude, ver Lisboa, 1772
 Cracóvia (Polónia), 1770
 Crato, 970, 1192, 1941, 2246
 Crato, concelho, 66, 208, 304, 960, 970, 972, 973, 1192, 1214, 1296, 1299, 1941, 2246
 Crato, priorado, 66
 Cremona (Itália), 2177
 Cruz de Oeiras, ver Oeiras, 1315
 Cruz Quebrada, ver Cruz Quebrada-Dafundo, 1315
 Cruz Quebrada-Dafundo, 195, 467, 1315, 1763
 Cuba (distrito de Beja), 2240, 2296
- D -
- Degolados, 212
 Diest (Bélgica), 900
 Dois Portos, 283, 580, 978, 1225, 1462
 Dume (distrito de Braga), 1048
- E -
- Egipto, 165, 180, 636, 656, 686, 761, 792, 793, 794, 819, 878, 1021, 1023, 1058, 1059, 1100, 1155, 1214, 1778, 1787, 1901, 1941, 1953, 1983, 2000, 2037, 2041, 2043, 2063, 2066, 2068, 2075, 2100, 2137, 2153, 2154, 2178, 2197, 2209, 2274
 Elvas, 6, 12, 47, 51, 139, 141, 172, 180, 190, 226, 544, 548, 681, 682, 753, 837, 838, 857, 862, 863, 877, 918, 921, 925, 944, 971, 1060, 1094, 1185, 1266, 1275, 1285, 1292, 1314, 1316, 1353, 1411, 1417, 1498, 1552, 1558, 1568, 1590, 1665, 1753, 1841, 1899, 1907, 1928, 1953, 2073, 2164, 2165, 2170, 2246, 2255, 2287, 2290, 2311, 2318, 2321
 Elvas, concelho, 47, 51, 139, 141, 163, 172, 180, 190, 205, 214, 215, 216, 217, 226,

- 305, 421, 544, 548, 608, 626, 681, 682, 753, 837, 838, 857, 862, 863, 877, 918, 921, 925, 944, 960, 971, 1060, 1094, 1266, 1275, 1285, 1292, 1353, 1411, 1417, 1498, 1510, 1552, 1558, 1561, 1568, 1590, 1665, 1753, 1852, 1899, 1907, 1928, 1953, 2073, 2164, 2165, 2170, 2255, 2287, 2290, 2318, 2321
- Elvas, diocese, ver Évora, diocese, 57, 110, 115, 141, 544, 548, 681, 1094, 2087
- Emaús (hoje Israel), 797, 1922, 2000, 2195, 2253
- Encarnação, 192, 270, 502, 549, 610, 1092, 2003, 2291
- Enxara do Bispo, 107, 270, 610, 819, 927, 1231, 1969
- Ericeira, 49, 72, 73, 270, 468, 610, 658, 719, 821, 854, 1073, 1074, 1120, 1191, 1193, 1288, 1332, 1341, 1437, 1443, 1554, 1618, 1677, 1689, 1786, 1788, 1982, 2003, 2266, 2291, 2332
- Ermidas-Sado, 596
- Escorial (Espanha), 2191
- Escusa, ver São Salvador da Aramenha, 1181, 1323
- Espanha, 14, 123, 129, 179, 281, 290, 400, 509, 748, 881, 991, 1075, 1099, 1188, 1296, 1355, 1568, 1650, 1772, 1816, 2340, 2341, 2353, 2367
- Espirança, 567
- Espichel, cabo, ver Castelo, 40, 158, 168, 196, 223, 233, 248, 252, 254, 277, 280, 282, 288, 293, 294, 300, 314, 319, 417, 425, 435, 458, 460, 464, 479, 480, 486, 550, 558, 605, 644, 668, 695, 752, 773, 825, 846, 890, 901, 934, 938, 947, 977, 989, 1032, 1069, 1077, 1078, 1102, 1184, 1196, 1202, 1203, 1211, 1213, 1218, 1220, 1221, 1223, 1224, 1227, 1232, 1233, 1234, 1235, 1236, 1237, 1251, 1257, 1264, 1272, 1277, 1348, 1361, 1364, 1378, 1385, 1393, 1394, 1403, 1408, 1412, 1418, 1427, 1428, 1435, 1436, 1438, 1443, 1448, 1450, 1451, 1452, 1453, 1454, 1455, 1456, 1457, 1460, 1463, 1464, 1585, 1596, 1887, 1897, 2032, 2077, 2079, 2222, 2232, 2263, 2298, 2303, 2328, 2331, 2332
- Espinheiro, ver Canaviais, 735, 738, 739, 743, 795, 799, 800, 802, 803, 809, 875, 889, 950, 1097, 1155, 1214, 1777, 1925, 1931, 1932, 1933, 1935
- Estoril, 202, 203, 623, 1339, 1986
- Estrasburgo (França), 1875
- Estrela, bairro, ver Lisboa, 589, 715, 766, 774, 785, 1816, 1822, 1823, 1903, 2100, 2103, 2126, 2148, 2149, 2293
- Estremadura, região, 464, 1234, 1236, 1451, 1517, 1542
- Estremadura, região (Espanha), 2087
- Estremoz, 8, 12, 373, 576, 650, 808, 924, 986, 1034, 1035, 1087, 1185, 1314, 1679, 1696, 1740, 1747, 1749, 1802, 1843, 1947, 1948, 2103, 2243, 2248, 2249, 2251, 2252, 2253, 2313
- Estremoz, concelho, 200, 297, 373, 428, 469, 576, 621, 650, 672, 805, 808, 878, 924, 960, 986, 1034, 1035, 1087, 1094, 1138, 1205, 1314, 1402, 1473, 1557, 1604, 1679, 1696, 1740, 1747, 1749, 1802, 1843, 1848, 1908, 1947, 1948, 2086, 2243, 2248, 2251, 2252, 2253, 2313
- Etiópia, 1595, 2272
- Europa, 341
- Europa, norte, 17, 1812, 2261
- Évora, 3, 4, 5, 11, 12, 13, 19, 20, 24, 27, 34, 35, 36, 38, 48, 52, 53, 59, 61, 74, 79, 83, 85, 86, 90, 99, 115, 122, 123, 126, 129, 130, 138, 152, 162, 253, 263, 264, 317, 335, 365, 366, 370, 379, 410, 421, 444, 459, 487, 490, 541, 542, 575, 577, 603, 609, 611, 619, 620, 656, 657, 669, 680, 693, 694, 728, 734, 738, 744, 748, 754, 759, 792, 793, 795, 796, 797, 799, 800, 801, 802, 803, 804, 805, 807, 809, 810, 815, 844, 848, 877, 900, 909, 948, 950, 951, 975, 997, 1003, 1025, 1028, 1067, 1097, 1146, 1155, 1165, 1185, 1216, 1226, 1244, 1245, 1246, 1300, 1308, 1314, 1316, 1340, 1392, 1402, 1474, 1478, 1532, 1584, 1635, 1641, 1657, 1676, 1679, 1681, 1690, 1692, 1693, 1724, 1728, 1742, 1743, 1749, 1757, 1793, 1794, 1803, 1816, 1841, 1853, 1862, 1872, 1883, 1900, 1913, 1914, 1917, 1924, 1931, 1950, 1973, 1978, 2019, 2025, 2029, 2030, 2031, 2033, 2044, 2045, 2046, 2047, 2048, 2053, 2056, 2069, 2080, 2093, 2095, 2112, 2164, 2165, 2170, 2176, 2177,

- 2179, 2189, 2199, 2204, 2210, 2215, 2223, 2229, 2236, 2249, 2275, 2276, 2277, 2283, 2309, 2312, 2323, 2326, 2340, 2347, 2348, 2349, 2353, 2363, 2374, 2375, 2376, 2377, 2378
- Évora Monte (Santa Maria), 200, 297, 878, 1848
- Évora, concelho, 83, 285, 370, 379, 735, 738, 739, 740, 743, 744, 775, 793, 795, 797, 799, 800, 803, 805, 809, 875, 889, 950, 960, 1216, 1402, 1416, 1777, 1901, 1905, 1925, 1931, 1932, 1933, 1935, 1949, 1950, 2216, 2262, 2320
- Évora, diocese, 3, 5, 6, 13, 15, 53, 57, 60, 68, 74, 82, 88, 90, 99, 110, 114, 115, 116, 117, 122, 127, 129, 132, 141, 151, 379, 421, 474, 489, 523, 544, 548, 681, 800, 848, 877, 879, 880, 1094, 1097, 1111, 1204, 1205, 1216, 1219, 1226, 1247, 1266, 1292, 1374, 1475, 1634, 1679, 1749, 1777, 1864, 1900, 2024, 2087, 2156, 2264, 2363, 2377
- Évora, distrito, 3, 11, 67, 130, 131, 138, 152, 379, 411, 412, 413, 419, 420, 441, 452, 489, 490, 696, 805, 924, 960, 986, 1040, 1094, 1136, 1165, 1186, 1192, 1204, 1208, 1212, 1216, 1255, 1296, 1298, 1344, 1372, 1432, 1502, 1535, 1548, 1555, 1557, 1670, 1755, 1774, 1819, 1841, 1853, 1904, 1913, 1944, 1967, 2024, 2025, 2075, 2095, 2177, 2240, 2249, 2250, 2251, 2252, 2255, 2285, 2296, 2311, 2320, 2377
- F -
- Falagueira, 204, 227, 717, 1005
- Falcoeirias, ver Montoito, 285
- Famões, 480
- Fanhões, 977, 1482
- Faralhão, ver Sado, 286
- Faro, 1316, 2000
- Faro do Alentejo (distrito de Beja), 2240
- Faro, distrito, 43, 138, 152, 1913
- Faro, ver Mafra, 2251
- Fátima (distrito de Leiria), 135, 151, 178, 179, 180, 200, 207, 215, 222, 229, 231, 236, 244, 260, 274, 286, 296, 337, 380, 416, 435, 516, 527, 534, 535, 544, 558, 562, 569, 573, 576, 582, 589, 612, 623, 653, 656, 659, 663, 680, 688, 706, 716, 776, 787, 797, 805, 826, 829, 879, 896, 899, 955, 956, 978, 1005, 1010, 1040, 1043, 1047, 1049, 1056, 1080, 1093, 1109, 1130, 1219, 1257, 1261, 1263, 1268, 1276, 1360, 1361, 1381, 1417, 1442, 1585, 1850, 1902, 1982, 1987, 1993, 2033, 2065, 2230, 2274, 2320
- Faucon-de-Barcelonnette (França), 610
- Ferreira do Zêzere (distrito de Santarém), 107
- Fez (Marrocos), 1881
- Figueira da Foz (distrito de Coimbra), 568, 1407
- Flamenga, quinta, ver Vialonga, 2265
- Flandres (Bélgica), 1812, 1827
- Flor da Rosa, 972, 973
- Florença (Itália), 916, 1310, 1715, 1770, 2191
- Foligno (Itália), 806
- Fonte da Telha, 1250
- Fonte Santa, herdade, ver São Sebastião da Giesteira, 317
- Forte da Casa, 956
- Fortios, 321, 910, 1269, 1270, 1280, 1516, 2261, 2322
- França, 265, 327, 356, 379, 388, 491, 499, 576, 652, 692, 797, 806, 882, 926, 1021, 1026, 1058, 1091, 1100, 1106, 1258, 1348, 1355, 1373, 1405, 1505, 1812, 1845, 1920, 1972, 2000, 2007, 2063, 2174, 2177, 2240, 2271
- França, sul, 328
- Freixo de Espada-à-Cinta (distrito de Bragança), 536, 2312
- Frielas, 155, 161, 593, 967, 1211, 1310, 1983, 2154
- Fronteira, 245, 970, 1266, 1314, 1439, 1699, 1741, 1777, 2088, 2118, 2246, 2317, 2329
- Fronteira, concelho, 207, 245, 262, 970, 1094, 1266, 1439, 1699, 1741, 2088, 2118, 2317
- Funchal (Região Autónoma da Madeira), 1212
- G -
- Gafanhoeira (São Pedro), 1644
- Gáfete, 208, 304, 1296, 1299, 2246
- Gaio-Rosário, 260
- Galegos (distrito do Porto), 594

Gália (hoje França), 716, 1945
 Galiza (Espanha), 16, 133, 188, 200, 206, 218, 230, 265, 297, 409, 546, 633, 644, 672, 765, 797, 799, 809, 878, 917, 923, 943, 1036, 1077, 1085, 1097, 1222, 1256, 1295, 1343, 1349, 1481, 1506, 1521, 1802, 1827, 1870, 2136, 2240, 2280, 2283, 2286, 2332
 Galveias, 951, 1226
 Gavião, 235, 1367
 Gavião, concelho, 184, 235, 422, 1186, 1214, 1367, 2350
 Génova (Itália), 298, 714
 Glória do Ribatejo (distrito de Santarém), 419
 Goa (Índia), 2182, 2352
 Goa (Índia), diocese, 8
 Gouveia (distrito de Viseu), 568
 Graça, 528, 930, 1058, 1396, 1398, 1420, 1421, 1424, 1477, 2202, 2241, 2352
 Gradil, 174, 175, 270, 610
 Granada (Espanha), 400, 1044, 1313, 1816
 Grândola, 28, 133, 147, 259, 1179, 1719, 1974
 Grândola, concelho, 133, 265, 434, 1077, 1179, 1189, 1224, 1230, 1241, 1253, 1258, 1375, 1440, 1719, 1974, 2032
 Granja de Alpriate, ver Vialonga, 1115, 1522
 Guadalupe (Espanha), 213, 544, 651, 879, 924, 1097, 1185, 1226, 1247, 1272, 1277, 1568, 1595, 1596, 1777, 1852, 1904, 1907, 2000
 Guarda, 2313
 Guardão (distrito de Viseu), 1410
 Guimarães (distrito de Braga), 1305
 Guiné, 95

– H –

Hipona (hoje Argélia), 325
 Holanda, 2082
 Horta (Região Autónoma dos Açores), 2075
 Huesca (Espanha), 336
 Hungria, 797, 806, 936, 1815, 1834, 1839, 1964, 2000, 2356

– I –

Idanha-a-Nova (distrito de Castelo Branco), 1953
 Igreja Nova, 270, 610, 927, 977

Ílhavo (distrito de Aveiro), 1361
 Índia, 197, 213, 549, 574, 698, 907, 1069, 1236, 1244, 1417, 1498, 1664, 1866, 2182
 Índustão (Ásia), 369
 Inglaterra, 1289, 1632
 Irlanda, 187, 790, 826, 1304, 2336, 2346
 Isabel, rainha de Portugal, 936
 Itália, 75, 327, 328, 356, 388, 499, 876, 1355, 1829, 1920, 2150, 2174, 2214, 2341
 Itália, norte, 328

– J –

Jamor, rio, 784, 1565, 1571
 Janas, ver São Martinho, 823, 1003, 1300, 1340
 Japão, 168, 750, 826, 1595, 1866, 2182
 Jar道家, herdade, ver Ribeira de Moinhos (Sines), 814
 Jerusalém (hoje Israel), 575, 628, 630, 1009, 1728, 1901, 2093, 2164, 2170, 2212, 2226, 2261
 Jordão, rio (Israel), 948
 Jordão, rio (Jordânia), 948
 Junqueira, ribeira, 1088
 Juromenha, 189, 1104

– K –

Kildare, ver Irlanda, 187

– L –

La Salette (França), 2332
 Lagos (distrito de Faro), 8, 32, 248, 283, 296, 325, 350, 351, 352, 362, 368, 375, 394, 688, 806, 899, 985, 1144, 1149, 1321, 1326, 1410, 2344
 Lajinha, monte, ver São Manços, 370
 Lamego (distrito de Viseu), 568, 1173
 Landeira, 1056
 Lapa, 715, 785, 979, 980, 1302, 1763
 Latrão (Roma, Itália), 1613, 1820
 Latrão, concílio (Roma, Itália), 1
 Laveiras, ver Caxias, 185, 849, 1631
 Lavradio, 218, 632, 765
 Lavre, 429
 Lazarim, quinta, ver Caparica, 1227

- Leiria, distrito, 43, 464, 650, 1234, 1236,
1403, 1451, 1499, 1517, 1542, 1685, 2027,
2029, 2285
- Lezíria do Tejo, ver Lisboa, distrito, 308
- Lezíria do Tejo, ver Santarém, distrito, 308
- Lezíria Grande, ver Vila Franca de Xira, 1283
- Lícia (hoje Turquia), 2203
- Liège (Bélgica), 1861
- Lima (Perú), 234, 534, 579, 666, 703, 797,
805, 810, 1009, 1097, 1595, 2000
- Limoeiro, ver Lisboa, 1571
- Limoges (França), 716, 1945, 1957, 2302
- Linda-a-Velha, 196, 1364
- Lisboa, 1, 2, 9, 10, 17, 18, 19, 21, 22, 23,
26, 28, 29, 35, 43, 50, 52, 53, 54, 58, 66,
71, 75, 79, 84, 86, 87, 92, 93, 94, 95, 96,
97, 98, 101, 104, 105, 106, 112, 121, 124,
125, 134, 136, 140, 143, 147, 150, 154,
155, 179, 182, 184, 186, 187, 198, 227,
230, 231, 234, 239, 246, 248, 251, 252,
279, 282, 288, 289, 294, 298, 301, 309,
313, 315, 317, 319, 324, 326, 327, 328,
330, 331, 334, 335, 336, 339, 345, 346,
347, 348, 349, 350, 351, 353, 356, 357,
361, 366, 367, 369, 376, 377, 378, 379,
380, 381, 382, 384, 385, 387, 388, 389,
391, 392, 393, 395, 396, 398, 399, 401,
403, 404, 405, 406, 407, 408, 418, 425,
432, 433, 436, 444, 445, 450, 454, 457,
475, 484, 488, 491, 493, 494, 496, 498,
499, 500, 501, 505, 506, 507, 508, 509,
513, 514, 515, 516, 517, 518, 519, 520,
522, 525, 527, 528, 529, 531, 534, 535,
536, 543, 549, 550, 551, 552, 553, 554,
555, 556, 558, 561, 563, 564, 566, 568,
569, 571, 572, 573, 574, 579, 584, 585,
586, 588, 589, 590, 592, 593, 604, 607,
617, 618, 624, 625, 627, 633, 634, 644,
645, 648, 651, 662, 663, 665, 666, 678,
679, 689, 690, 692, 697, 698, 699, 701,
702, 703, 704, 707, 710, 711, 712, 713,
714, 715, 717, 722, 725, 731, 732, 736,
740, 745, 746, 747, 749, 750, 756, 757,
758, 760, 763, 765, 766, 767, 772, 773,
774, 777, 781, 783, 784, 785, 786, 787,
790, 791, 820, 821, 824, 826, 827, 828,
829, 834, 836, 842, 843, 844, 846, 852,
855, 858, 859, 860, 861, 867, 868, 869,
870, 871, 876, 880, 886, 893, 894, 895,
905, 906, 907, 908, 911, 912, 914, 915,
917, 919, 920, 923, 930, 932, 933, 938,
939, 940, 942, 957, 961, 962, 965, 968,
969, 974, 975, 977, 979, 980, 982, 983,
984, 988, 991, 992, 995, 1000, 1001, 1006,
1007, 1009, 1012, 1014, 1016, 1019, 1020,
1021, 1022, 1023, 1024, 1026, 1032, 1036,
1041, 1052, 1057, 1058, 1063, 1068, 1071,
1072, 1074, 1077, 1081, 1082, 1083, 1105,
1106, 1107, 1109, 1112, 1113, 1128, 1129,
1131, 1132, 1133, 1137, 1140, 1141, 1143,
1150, 1151, 1152, 1154, 1157, 1158, 1162,
1163, 1164, 1166, 1168, 1169, 1172, 1173,
1174, 1177, 1182, 1183, 1190, 1191, 1193,
1194, 1195, 1199, 1201, 1209, 1211, 1215,
1217, 1223, 1228, 1232, 1233, 1236, 1240,
1241, 1243, 1261, 1264, 1265, 1268, 1277,
1281, 1284, 1287, 1295, 1301, 1302, 1304,
1305, 1306, 1307, 1308, 1310, 1312, 1316,
1319, 1320, 1328, 1329, 1330, 1331, 1333,
1334, 1335, 1336, 1338, 1346, 1351, 1352,
1354, 1355, 1356, 1357, 1363, 1364, 1365,
1368, 1370, 1371, 1378, 1382, 1385, 1386,
1388, 1393, 1394, 1396, 1398, 1399, 1408,
1418, 1419, 1420, 1421, 1423, 1424, 1425,
1426, 1427, 1428, 1429, 1433, 1435, 1436,
1437, 1438, 1439, 1441, 1443, 1444, 1445,
1446, 1447, 1448, 1449, 1450, 1451, 1452,
1453, 1454, 1455, 1456, 1457, 1458, 1460,
1465, 1466, 1467, 1468, 1469, 1470, 1471,
1474, 1477, 1479, 1480, 1485, 1486, 1487,
1488, 1489, 1490, 1491, 1492, 1494, 1501,
1503, 1504, 1505, 1506, 1507, 1508, 1513,
1514, 1515, 1519, 1520, 1524, 1528, 1532,
1533, 1534, 1537, 1541, 1543, 1544, 1551,
1553, 1565, 1569, 1570, 1571, 1572, 1574,
1577, 1582, 1585, 1586, 1587, 1588, 1589,
1591, 1593, 1595, 1596, 1597, 1598, 1599,
1606, 1608, 1613, 1614, 1619, 1624, 1630,
1632, 1640, 1642, 1652, 1655, 1661, 1673,
1682, 1685, 1686, 1687, 1707, 1708, 1709,
1710, 1711, 1712, 1713, 1714, 1715, 1720,
1721, 1724, 1725, 1726, 1727, 1733, 1734,
1735, 1736, 1748, 1754, 1758, 1759, 1761,
1762, 1763, 1764, 1765, 1766, 1768, 1769,
1770, 1771, 1772, 1775, 1778, 1779, 1780,
1781, 1782, 1784, 1785, 1790, 1791, 1793,

- 1797, 1799, 1800, 1801, 1804, 1805, 1806, 1816, 1820, 1821, 1822, 1823, 1826, 1828, 1829, 1830, 1832, 1833, 1835, 1836, 1837, 1838, 1854, 1856, 1857, 1859, 1860, 1861, 1865, 1866, 1867, 1869, 1871, 1880, 1881, 1890, 1891, 1896, 1903, 1906, 1910, 1911, 1912, 1914, 1915, 1916, 1917, 1918, 1919, 1920, 1922, 1923, 1926, 1927, 1930, 1931, 1932, 1933, 1934, 1936, 1937, 1938, 1939, 1940, 1943, 1945, 1946, 1948, 1950, 1957, 1958, 1959, 1960, 1961, 1963, 1964, 1965, 1966, 1968, 1973, 1984, 1985, 1986, 1987, 1988, 1989, 1991, 1992, 1993, 1994, 1998, 2000, 2004, 2005, 2007, 2008, 2011, 2012, 2013, 2014, 2015, 2016, 2017, 2018, 2023, 2029, 2034, 2037, 2038, 2039, 2040, 2043, 2050, 2051, 2052, 2053, 2054, 2057, 2058, 2059, 2060, 2061, 2062, 2064, 2066, 2068, 2071, 2072, 2074, 2075, 2082, 2083, 2089, 2091, 2094, 2098, 2099, 2100, 2101, 2102, 2103, 2104, 2105, 2108, 2109, 2113, 2115, 2116, 2117, 2119, 2123, 2126, 2132, 2133, 2137, 2138, 2139, 2140, 2142, 2144, 2145, 2146, 2148, 2149, 2150, 2152, 2155, 2157, 2158, 2162, 2163, 2164, 2165, 2167, 2169, 2170, 2176, 2181, 2182, 2187, 2188, 2193, 2194, 2195, 2202, 2203, 2204, 2205, 2208, 2210, 2211, 2213, 2214, 2215, 2216, 2217, 2218, 2225, 2229, 2230, 2234, 2235, 2236, 2237, 2238, 2239, 2241, 2242, 2243, 2244, 2251, 2254, 2259, 2276, 2278, 2279, 2280, 2281, 2282, 2284, 2285, 2286, 2287, 2289, 2292, 2293, 2294, 2297, 2301, 2302, 2303, 2304, 2309, 2310, 2315, 2324, 2329, 2331, 2336, 2337, 2338, 2339, 2341, 2342, 2343, 2345, 2346, 2351, 2352, 2354, 2356, 2357, 2358, 2359, 2360, 2361, 2364, 2365, 2366, 2368, 2369, 2370, 2371, 2372, 2373, 2379
- Lisboa, diocese, 43, 44, 100, 102, 140, 349, 495, 499, 500, 503, 512, 572, 666, 1086, 1105, 1240, 1337, 1365, 1382, 1403, 1859, 1871, 2027, 2032, 2373
- Lisboa, distrito, 43, 308, 464, 1069, 1074, 1122, 1234, 1236, 1267, 1318, 1403, 1451, 1517, 1521, 1542, 1755, 1869, 1967, 2002, 2027, 2039, 2207
- Lisboa, norte, 282, 294, 695
- Lisieux (França), 653
- Lizandro, rio, 1554
- Loiola (Espanha), 86, 298, 508, 610, 734, 750, 801, 802, 805, 806, 826, 900, 975, 1021, 1097, 1121, 1398, 1807, 1861, 1867, 1918, 1923, 1985, 2045, 2203, 2214, 2342, 2346, 2354, 2356, 2370
- Londres, 87
- Loreto (Itália), 189, 549, 651, 714, 796, 797, 923, 1104, 1119, 1279, 1280, 1302, 1356, 1398, 1577, 1579, 1777, 1833, 1835, 1837, 1841, 1846, 1852, 2217, 2255, 2256, 2284, 2299
- Loures, 416, 545, 605, 977, 1360, 1600, 1990, 2180, 2210
- Loures, concelho, 100, 155, 161, 193, 219, 416, 433, 480, 538, 545, 568, 570, 593, 594, 605, 636, 649, 674, 684, 685, 903, 967, 976, 977, 1018, 1020, 1058, 1123, 1211, 1263, 1310, 1360, 1454, 1482, 1533, 1600, 1632, 1837, 1885, 1891, 1909, 1980, 1983, 1990, 1997, 1999, 2043, 2154, 2180, 2184, 2210
- Louriçal (distrito de Leiria), 725, 861
- Lourinhã, 170, 236, 243, 350, 664, 776, 1887, 1893, 1895, 1897, 1940, 2204, 2210
- Lourinhã, concelho, 69, 70, 169, 170, 236, 240, 242, 243, 350, 433, 463, 530, 664, 683, 776, 853, 1058, 1130, 1893, 1895, 1940, 2204, 2210
- Lousa, 977
- Lumiar, 187, 289, 588, 678, 689, 781, 868, 869, 870, 871, 894, 1014, 1112, 1304, 1320, 1354, 1599, 2064, 2254, 2336, 2346
- Lurdes (Lourdes, França), 135, 215, 256, 527, 576, 964, 1236, 1257, 1360, 1777, 1807, 1877

– M –

Mação (distrito de Santarém), 184, 1214, 2251

Machede, ver Nossa Senhora de Machede, 1777

Madalena, 859, 1587, 1772, 2038, 2155

Madeira, ilha (Região Autónoma da Madeira), 1244, 1246

Madrid (Espanha), 348

Maduré (Índia), 369

- Mafra, 29, 55, 71, 106, 144, 145, 270, 415, 445, 467, 477, 482, 610, 774, 835, 839, 840, 841, 852, 936, 1007, 1013, 1074, 1145, 1161, 1206, 1309, 1350, 1401, 1404, 1422, 1425, 1443, 1542, 1583, 1594, 1609, 1617, 1680, 1778, 1786, 1815, 1816, 1824, 1831, 1833, 1834, 1839, 1840, 1858, 1969, 2003, 2043, 2141, 2143, 2147, 2251, 2305, 2319, 2327, 2332, 2333, 2334
 Mafra, concelho, 29, 49, 55, 65, 71, 72, 73, 100, 106, 107, 144, 145, 174, 175, 191, 192, 233, 270, 318, 320, 323, 415, 445, 448, 455, 462, 467, 473, 476, 477, 482, 502, 581, 610, 629, 658, 673, 719, 774, 819, 821, 835, 839, 840, 841, 852, 854, 927, 936, 1013, 1038, 1039, 1058, 1073, 1074, 1092, 1095, 1103, 1120, 1145, 1161, 1171, 1193, 1194, 1206, 1231, 1254, 1257, 1288, 1309, 1332, 1341, 1342, 1347, 1348, 1350, 1389, 1400, 1401, 1404, 1422, 1425, 1437, 1443, 1459, 1481, 1484, 1536, 1538, 1539, 1540, 1545, 1549, 1550, 1554, 1563, 1583, 1594, 1609, 1610, 1617, 1618, 1677, 1680, 1689, 1778, 1786, 1788, 1815, 1816, 1824, 1831, 1833, 1834, 1839, 1840, 1844, 1858, 1869, 1870, 1969, 1982, 2003, 2009, 2043, 2122, 2141, 2143, 2147, 2197, 2224, 2251, 2266, 2291, 2305, 2319, 2327, 2332, 2333, 2334
 Malagueira, 797, 800, 950, 1949, 1950, 2262
 Malines (Bélgica), 1812, 1827
 Malta, 1021, 1802, 1941, 2196, 2353, 2367
 Malveira, 610, 1254, 1342, 1786
 Malveira da Serra, ver Alcabideche, 1408
 Manique do Intendente, 660
 Mans (França), 1861, 2370
 Margem, 422
 Marmelar, lugar, ver Vera Cruz, 2340, 2347, 2349, 2353, 2367
 Marrocos, 224, 328, 356, 388, 793, 796, 797, 804, 806, 810, 839, 1100, 1917, 2232, 2280, 2297
 Mártires, 555
 Marvão, 67, 91, 139, 171, 311, 321, 546, 720, 779, 855, 931, 1134, 1739, 1746, 1789, 2136, 2246, 2312
 Marvão, concelho, 91, 139, 171, 295, 310, 311, 316, 321, 322, 424, 461, 546, 720, 779, 788, 855, 931, 960, 1099, 1134, 1152, 1181, 1214, 1294, 1296, 1297, 1298, 1299, 1323, 1359, 1509, 1526, 1739, 1746, 1789, 1807, 1842, 1874, 2136
 Marvila, 179, 186, 787
 Maxial, 1654
 Meca, 224, 463, 614, 686, 1348, 1366, 1412, 1546
 Mediterrâneo, mar, 312
 Meleças, ver Belas, 1191
 Mercês, 563, 690, 2071, 2194, 2238
 Mérida (Espanha), 214, 1116
 México, 26, 1907
 Milão (Itália), 226, 302, 332
 Milharado, 270, 610
 Mina, 204
 Mira (distrito de Coimbra), 1407
 Miragaia, 236
 Miragaia (distrito do Porto), 1446
 Mocambo, bairro, ver Santos-o-Velho, 787, 1007, 1966, 2007
 Moita, 135, 260, 271, 293, 1004, 1079, 1258, 1262, 1384
 Moita dos Ferreiros, 853
 Moita, concelho, 62, 135, 220, 260, 271, 293, 632, 659, 1004, 1079, 1220, 1258, 1262, 1384, 1518, 1811, 2006
 Moledo, 240
 Monforte, 178, 655, 877, 998, 2107, 2246
 Monforte, concelho, 177, 178, 655, 877, 998, 1094, 1402, 1852, 2107
 Monsaraz, 41, 199, 228, 423, 597, 598, 650, 797, 851, 941, 1173, 1537, 1875, 1876, 1882, 1884, 2010, 2055, 2092, 2199, 2311
 Monserrate (Espanha), 206, 252, 683, 718, 1097, 1227, 1419, 1420
 Montalvão, 67, 290, 446, 1343
 Montargil, 291
 Monte da Caparica, ver Caparica, 153, 977, 1032
 Monte Redondo, 641
 Monte Sião (hoje Israel), 113, 210, 281, 1196, 1380
 Monte Sinai (hoje Egipto), 1763, 1987, 1993
 Monte Velho da Ajuda, ver Vendas Novas, 1046
 Montejunto, serra, ver Alenquer, concelho, 1546

- Montejunto, serra, ver Cadaval, concelho, 1546
- Montelavar, 223, 977
- Montemor-o-Novo, 25, 151, 354, 400, 578, 606, 646, 694, 723, 724, 733, 741, 742, 798, 805, 811, 844, 861, 951, 1017, 1044, 1127, 1150, 1205, 1266, 1313, 1317, 1405, 1476, 1496, 1643, 1667, 1669, 1671, 1672, 1691, 1774, 1818, 1873, 1898, 1902, 1908, 2026, 2029, 2175, 2264, 2288, 2300, 2306, 2312
- Montemor-o-Novo, concelho, 25, 151, 354, 400, 429, 578, 606, 646, 694, 723, 724, 733, 741, 742, 798, 805, 811, 844, 861, 951, 960, 1017, 1044, 1121, 1127, 1150, 1180, 1266, 1313, 1317, 1405, 1476, 1496, 1564, 1643, 1667, 1668, 1669, 1671, 1672, 1691, 1774, 1818, 1873, 1898, 1902, 1908, 1971, 2026, 2028, 2029, 2156, 2175, 2264, 2270, 2288, 2300, 2306
- Montemor-o-Velho (distrito de Coimbra), 1965
- Montepulciano (Itália), 2332
- Montes Claros, batalha, ver Borba, 1001
- Montijo, 37, 42, 667, 729, 1059, 1281, 1362, 1642, 1813, 1952, 1953, 2041, 2049, 2120, 2172, 2191, 2287, 2329
- Montijo, concelho, 37, 42, 81, 181, 185, 464, 582, 587, 600, 632, 667, 729, 883, 1059, 1066, 1184, 1195, 1196, 1200, 1203, 1209, 1217, 1220, 1224, 1258, 1281, 1362, 1403, 1406, 1407, 1438, 1443, 1448, 1449, 1451, 1460, 1489, 1585, 1591, 1596, 1630, 1642, 1655, 1813, 1952, 2039, 2041, 2049, 2120, 2172, 2191, 2231, 2233, 2287
- Montoito, 27, 285, 2272
- Montpellier (França), 876
- Mora, 173, 612, 615, 1656
- Mora, concelho, 173, 307, 409, 612, 615, 694, 727, 752, 831, 951, 1040, 1198, 1205, 1208, 1212, 1244, 1245, 1246, 1581, 1656, 1956, 2228
- Moscavide, 570, 1263
- Mosteiros, 567
- Moura (distrito de Beja), 12, 353, 511, 748, 1305, 1632
- Mourão, 38, 201, 1266, 1374
- Mourão, concelho, 38, 201, 442, 1205, 1266, 1374, 1849
- Mouraria, bairro, ver Lisboa, 1063, 1433
- Muge (distrito de Santarém), 2138
- Murches, ver Alcabideche, 1408
- Murfacém, lugar, ver Trafaria, 866
- Murteira, ver Loures, 416

- N -

- Nazaré (distrito de Leiria), 191, 224, 233, 266, 270, 455, 457, 462, 463, 464, 686, 752, 1191, 1213, 1249, 1400, 1403, 1412, 1413, 1437, 1443, 1448, 1451, 1458, 1459, 1499, 1954, 2329, 2333
- Nazaré (hoje Israel), 168, 175, 180, 191, 223, 234, 270, 303, 425, 448, 455, 457, 462, 463, 464, 468, 473, 476, 477, 478, 482, 610, 686, 716, 749, 752, 773, 774, 820, 862, 917, 918, 984, 1010, 1051, 1056, 1097, 1100, 1103, 1115, 1213, 1249, 1257, 1267, 1285, 1341, 1389, 1400, 1413, 1417, 1437, 1448, 1451, 1458, 1459, 1499, 1777, 1778, 1850, 2000, 2065, 2070, 2329, 2332, 2333
- Nisa, 67, 188, 782, 856, 1152, 1229, 1260, 1430, 1511, 2312
- Nisa, concelho, 166, 188, 209, 272, 290, 303, 304, 446, 465, 782, 856, 990, 1110, 1152, 1175, 1214, 1229, 1260, 1343, 1430, 1511, 1555, 1678, 2313
- Nissa (Arménia), 826
- Nossa Senhora da Anunciada, 221, 1222, 1258, 1375, 1440, 1580
- Nossa Senhora da Conceição, 1104
- Nossa Senhora da Graça de Póvoa e Meadas, 446, 1343, 1349
- Nossa Senhora da Graça do Divor, 795
- Nossa Senhora da Piedade, quinta, ver Póvoa de Santa Iria, 887
- Nossa Senhora de Fátima, 573
- Nossa Senhora de Machede, 285, 1777, 1901
- Nossa Senhora de Tourega, 740, 744, 775, 799, 800, 803, 805, 950, 1214, 2216
- Nossa Senhora do Bispo, 578, 1908
- Nottingham (Inglaterra), 2059
- Noudar, ver Barrancos, 2367
- Núbia (hoje Sudão), 1595

- O -

Óbidos (distrito de Leiria), 107, 1542, 1685, 2181, 2187, 2197
 Odivelas, 78, 182, 219, 277, 278, 292, 685, 894, 958, 977, 1008, 1027, 1112, 1211, 1304, 1320, 1452, 1457, 1460, 2336, 2380, 2381
 Odivelas, concelho, 78, 182, 219, 225, 277, 278, 292, 634, 677, 685, 894, 958, 1008, 1027, 1081, 1112, 1211, 1304, 1320, 1452, 1457, 1600, 2336, 2380, 2381
 Oeiras e São Julião da Barra, 185, 254, 287, 568, 587, 668, 977, 1202, 1315, 1585, 1605, 1664, 1744, 2139, 2231, 2233
 Oeiras, concelho, 185, 194, 195, 196, 197, 254, 287, 309, 467, 568, 587, 668, 762, 784, 849, 897, 907, 1020, 1058, 1199, 1202, 1251, 1315, 1361, 1364, 1460, 1494, 1565, 1571, 1585, 1605, 1623, 1631, 1664, 1744, 1763, 2139, 2231, 2232, 2233
 Oleiros, concelho (distrito de Castelo Branco), 1214
 Olhalvo, 1413
 Olhos de Água, ver Pinhal Novo, 1224, 1406, 1407
 Olhos de Água, ver Quinta do Anjo, 1406, 1407
 Oliveira de Frades (distrito de Viseu), 924
 Olivença (hoje Espanha), 189, 651, 1094, 1700, 1730, 1731, 1841, 2166, 2255
 Orada, 303, 1173, 2246
 Oriente, 748, 1202
 Oriola, 2240
 Ossa, serra, ver Redondo, concelho, 708, 794, 1085, 1216, 1302, 1851, 2067, 2140, 2195
 Ossónoba (hoje Faro), 379
 Ota, 1886
 Ourique (distrito de Beja), 1467
 Outeiro, ver Monsaraz, 423
 Ovar (distrito de Aveiro), 1258

- P -

Paço de Arcos, 1251, 1361, 1631
 Paço do Lumiar, ver Lumiar, 2064
 Pádua (Itália), 327, 328, 356, 1328, 1370, 1788, 2372

Países Baixos, 1006
 Palermo (Itália), 168, 797, 806, 808, 964, 1091, 1114, 1590, 1595, 1596, 1606, 1608, 1637, 1780, 2297
 Palestina, 1632
 Palhais, 559, 632
 Palma, ver Santa Maria do Castelo, 1601
 Palmela, 28, 39, 40, 147, 293, 637, 639, 652, 675, 882, 977, 985, 996, 1061, 1077, 1091, 1224, 1233, 1236, 1362, 1418, 1673, 1674, 2057, 2115
 Palmela, concelho, 28, 39, 40, 147, 293, 632, 637, 639, 652, 675, 770, 833, 882, 985, 996, 1061, 1091, 1223, 1224, 1233, 1362, 1406, 1407, 1560, 1673, 1674, 2057, 2115
 Pangaio, ver Castelo de Vide, 1152
 Pardais, 1373
 Parede, 709
 Paris, 19, 1166, 1999
 Patmos (hoje Grécia), 170, 243, 1847, 1895, 1940, 2020, 2126, 2199, 2283
 Paula (Itália), 180, 610, 714, 731, 736, 777, 805, 839, 905, 936, 1335, 1585, 1802, 1815, 2332
 Pavia, 173, 409, 612, 615, 694, 831, 951, 2228
 Pedra da Mua, ver Espichel, cabo, 1237
 Pedreiras, ver Castelo, 282, 1077, 1224
 Pegões, 582
 Pegões, ver Santo Isidro de Pegões, 1066
 Pena, 50, 915, 2142, 2144
 Penafiel (distrito do Porto), 594
 Penedo, lugar, ver Colares, 1271, 1287
 Penela da Beira (distrito de Viseu), 924
 Penha de França, 28, 147, 239, 275, 286, 287, 535, 561, 574, 646, 651, 683, 703, 718, 796, 911, 912, 1024, 1036, 1100, 1116, 1121, 1140, 1179, 1196, 1215, 1228, 1261, 1308, 1334, 1375, 1438, 1451, 1574, 1781, 1801, 1820, 1841, 1959, 2023, 2039, 2065, 2068, 2084, 2167, 2337
 Peniche (distrito de Leiria), 240, 433, 463, 464, 1191, 1499
 Peninha, ver Colares, 1254
 Península Ibérica, 190, 379, 637, 1355, 1372, 1900, 1920
 Pereiro, lugar, ver Vilar, 481
 Pêro Moniz, 896

- Pêro Negro, ver Enxara do Bispo, 1231
- Pêro Negro, ver Sapataria, 1231
- Perú, 1595
- Piedade, quinta, ver Póvoa de Santa Iria, 2097
- Pinhal Novo, 770, 1224, 1406, 1407
- Pisa (Itália), 268, 924, 1088
- Placência (Piacenza, Itália), 797, 1918, 1958, 2000
- Plouër-sur-Rance (França), 1032
- Poço dos Santos Mártires, ver Alenquer, 1074
- Polónia, 1770
- Pombal (distrito de Leiria), 1007
- Ponta Delgada (Região Autónoma dos Açores), 2075
- Ponte de Lima (distrito de Viana do Castelo), 1645, 1649
- Ponte de Rol, 1147
- Ponte de Sor, 301, 437, 1178, 1397, 1716, 1717
- Ponte de Sor, concelho, 291, 301, 437, 951, 1178, 1214, 1226, 1397, 1716, 1717
- Pontinha, 634, 1081
- Portagem, lugar, ver São Salvador da Aramenha, 424
- Portalegre, 11, 56, 67, 76, 77, 139, 256, 269, 275, 316, 321, 465, 547, 630, 631, 751, 788, 789, 910, 913, 970, 999, 1030, 1142, 1152, 1153, 1238, 1279, 1280, 1281, 1509, 1697, 1787, 1796, 1819, 1842, 1863, 1942, 1994, 2088, 2095, 2103, 2110, 2111, 2133, 2160, 2164, 2165, 2170, 2211, 2212, 2246, 2260, 2274
- Portalegre – Castelo Branco, diocese, 7, 67, 91, 115, 142, 146, 148, 274, 471, 547, 970, 1142, 1214, 1296, 2087, 2261, 2325
- Portalegre, concelho, 232, 273, 274, 304, 310, 311, 316, 321, 322, 447, 465, 568, 694, 788, 884, 910, 1119, 1152, 1214, 1269, 1270, 1280, 1303, 1516, 1525, 1526, 1556, 1842, 1874, 2261, 2322
- Portalegre, diocese, ver Portalegre – Castelo Branco, diocese, 7, 67, 115, 142, 148, 274, 970, 1142, 2087
- Portalegre, distrito, 3, 7, 11, 67, 130, 131, 138, 139, 152, 379, 411, 412, 419, 420, 441, 452, 489, 490, 696, 789, 877, 924, 960, 986, 1094, 1136, 1165, 1186, 1192, 1204, 1208, 1212, 1214, 1216, 1255, 1256, 1296, 1298, 1344, 1372, 1432, 1502, 1548, 1555, 1557, 1670, 1755, 1774, 1803, 1808, 1809, 1810, 1819, 1841, 1853, 1913, 2025, 2088, 2095, 2159, 2170, 2240, 2246, 2249, 2250, 2252, 2255, 2296, 2311, 2314, 2320, 2377
- Portalegre, distrito, nordeste, 67
- Portel, 797, 926, 1062, 1322, 1434, 1646, 2200
- Portel, concelho, 430, 575, 628, 693, 797, 926, 1062, 1322, 1434, 1646, 2196, 2200, 2240, 2271, 2296, 2308, 2340, 2347, 2349, 2353, 2367
- Porto, 86, 594, 1150, 1305, 1446, 1772, 1816, 2103, 2242
- Porto Brandão, ver Caparica, 300, 1032, 1393
- Porto da Espada, ver São Salvador da Aramenha, 1359
- Porto Salvo, 185, 197, 254, 287, 907, 1191, 1202, 1585, 1623
- Porto, distrito, 8
- Portugal, 16, 17, 35, 64, 75, 86, 87, 96, 99, 110, 121, 126, 129, 136, 139, 140, 150, 184, 281, 325, 338, 339, 340, 344, 346, 349, 353, 360, 361, 379, 386, 388, 390, 393, 404, 405, 435, 444, 445, 457, 475, 492, 494, 501, 508, 509, 570, 573, 576, 583, 650, 671, 692, 699, 703, 715, 720, 722, 746, 748, 750, 754, 758, 785, 821, 826, 833, 834, 848, 861, 875, 889, 936, 948, 975, 979, 981, 984, 1002, 1099, 1135, 1164, 1172, 1173, 1174, 1176, 1183, 1188, 1198, 1207, 1216, 1217, 1222, 1226, 1236, 1244, 1259, 1271, 1281, 1284, 1288, 1295, 1300, 1305, 1307, 1309, 1312, 1314, 1319, 1320, 1325, 1338, 1355, 1363, 1368, 1371, 1372, 1373, 1392, 1424, 1426, 1439, 1447, 1448, 1451, 1468, 1469, 1477, 1485, 1501, 1508, 1530, 1552, 1570, 1578, 1595, 1596, 1608, 1632, 1686, 1718, 1721, 1758, 1766, 1772, 1774, 1776, 1788, 1790, 1793, 1817, 1827, 1833, 1835, 1836, 1873, 1878, 1880, 1904, 1939, 1941, 1945, 1949, 1954, 1975, 1982, 1994, 2015, 2032, 2033, 2067, 2102, 2103, 2126, 2132, 2157, 2165, 2174, 2184, 2230, 2240, 2244, 2247, 2252, 2253, 2278, 2281, 2283, 2293, 2315, 2319, 2321, 2340, 2341, 2342, 2343, 2346, 2351, 2367, 2374
- Portugal, centro, 583, 1003, 1308, 2002

Portugal, litoral-centro, 515
 Portugal, norte, 469, 1152, 1308, 2275
 Portugal, sul, 347, 533, 583, 650, 2164, 2170, 2367
 Póvoa de Penafirme, ver A dos Cunhados, 8, 32, 993
 Póvoa de Santa Iria, 888, 956, 2097
 Póvoa de Santo Adrião, 225, 277, 278, 292, 1112
 Povos, ver Vila Franca de Xira, 246, 700, 966, 1076, 1276, 1278, 1283, 1286, 1291, 1293, 1358, 1603, 1894, 2265
 Praga (Chéquia), 1010
 Praias do Sado, ver Sado, 286, 485
 Prazeres, 736
 Proença-a-Nova (distrito Castelo Branco), 66
 Proença-a-Nova, concelho (distrito de Castelo Branco), 1214
 Provença (França), 839

– Q –

Queluz, 2064
 Quenena, ver São Domingos de Rana, 668
 Quinta do Anjo, 1224, 1406, 1407
 Quinta do Bosque, ver Falagueira, 204
 Quinta do Conde, 160

– R –

Ramada, 677
 Ramada, quinta, Frielas, 1983
 Rates (distrito do Porto), 573
 Rato, largo, ver Lisboa, 506
 Redondo, 285, 426, 1085, 1205, 1314, 2272, 2311
 Redondo, concelho, 27, 285, 426, 708, 794, 1085, 1216, 1302, 1851, 1971, 2067, 2140, 2195, 2272
 Reguengo, 910
 Reguengos de Monsaraz, 1732
 Reguengos de Monsaraz, concelho, 41, 199, 228, 423, 427, 597, 598, 650, 797, 851, 941, 1173, 1537, 1732, 1875, 1876, 1882, 1884, 2010, 2055, 2092, 2199, 2273
 Restelo, bairro, ver Lisboa, 763
 Ribatejo, região, 1286
 Ribeira das Naus, ver Lisboa, 564, 1009, 1398

Ribeira de Moinhos, ver Sines, 814
 Ribeira de Nisa, 274
 Ribeira de Palheiros, lugar, ver Miragaia, 236
 Rio de Moinhos, 159, 1944, 2171
 Rio de Mouro, 294, 977, 2168
 Roca, cabo, ver Colares, 929
 Rodes (hoje Grécia), 1214
 Roma, 991
 Roma (Itália), 129, 166, 349, 379, 504, 610, 715, 900, 955, 962, 995, 1317, 1715, 1836, 2045, 2095, 2126, 2191, 2349
 Romeira, lugar, ver Cova da Piedade, 198
 Romeira, quinta, ver Bucelas, 674
 Rosa, vale, ver Charneca da Caparica, 300
 Rossio, ver Lisboa, 1398
 Ruão (Rouen, França), 222, 784, 822

– S –

Sabugos, ver São Quintino, 1231
 Sacavém, 636, 976, 1360
 Sacramento, 714, 974, 2169
 Sado, 286, 485
 Sado, r, 1258
 Sado, rio, 80, 1189, 1224
 Sagres (distrito de Faro), 43, 336, 1307, 1333, 1355, 1365, 1371, 1570, 1772, 2373
 Sahagún (Espanha), 200, 957
 Salado (Espanha), 628, 801, 1392, 2340, 2349, 2353, 2367
 Salento (Itália), 2177
 Sales (França), 797, 805, 810, 821, 1193, 2139, 2284
 Samora Correia (distrito de Santarém), 89, 1247
 Samouco, 632, 1281
 Sanguedo (distrito de Aveiro), 861
 Santa Ana, bairro, ver Pena, 915
 Santa Ana, ver Pena, 915
 Santa Catarina, 551, 1987, 1988, 1993
 Santa Catarina, quinta, ver Cruz Quebrada-Dafundo, 1763
 Santa Cruz, lugar, ver Silveira, 1249
 Santa Engrácia, 711, 725, 777, 982
 Santa Eulália, 214, 421
 Santa Justa, 556, 607, 749, 1105, 1801
 Santa Margarida da Serra, 265
 Santa Maria, 1848

- Santa Maria da Devesa, 2036
 Santa Maria da Graça, 591, 1375
 Santa Maria de Belém, 698, 977, 1164, 1585, 1784, 1785, 1880, 2004, 2204
 Santa Maria de Marvão, 91, 720, 1134, 1181, 2136
 Santa Maria do Castelo (Alcácer do Sal), 241, 817, 1601
 Santa Maria do Castelo e São Miguel, 31, 32, 33, 64, 484, 492, 964, 1080, 1135, 1750, 2257, 2258
 Santa Maria dos Olivais, 179, 571, 1304, 1891
 Santa Maria e São Miguel (Sintra), 106, 640, 687, 977
 Santa Maria, ver Palmela, 1091
 Santa Maria, ver Sé (Portalegre), 139
 Santa Rita, praia, ver A dos Cunhados, 993
 Santa Susana, 1148
 Santa Vitória do Ameixial, 469
 Santarém, 379, 651, 1058, 1243, 2181, 2338
 Santarém, distrito, 7, 308, 650, 686, 1286, 1521, 2075
 Santiago (Lisboa), 662
 Santiago (Sesimbra), 417, 486
 Santiago de Compostela (Espanha), 155, 298, 1172, 1173, 1174, 1175, 1337, 1670, 1728
 Santiago do Cacém, 771, 812, 813, 1011, 1975, 1977, 2114
 Santiago do Cacém, concelho, 249, 419, 434, 452, 596, 771, 812, 813, 1011, 1531, 1783, 1975, 1977, 2114
 Santiago Maior, 1390, 1410, 1414, 1415, 1431, 1432
 Santiago, monte, ver Arraiolos, concelho, 420
 Santo Aleixo, 1402
 Santo André, 270, 865, 1848
 Santo Antão, 263
 Santo Antão do Tojal, 594, 649, 977, 1018, 1837
 Santo Antão-o-Novo, ver Penha de França, 1801
 Santo António da Charneca, 1065
 Santo António das Areias, 171, 1181, 1294, 1296, 1297, 1298, 1299
 Santo António dos Cavaleiros, 193, 593, 1632
 Santo Estêvão, 552, 731, 1128, 1582
 Santo Estêvão das Galés, 270, 977, 1563
 Santo Isidoro, 65, 270, 473, 482, 610, 1484, 1610, 1689
 Santo Isidro de Pegões, 582, 1066
 Santo Quintino, 1377, 2198
 Santos-o-Novo, ver Penha de França, 28, 147, 239, 911, 912, 1024, 1140, 1308, 1334, 1574, 1781, 1959, 2023, 2068, 2084, 2167, 2337
 Santos-o-Velho, 787, 1007, 1019, 1024, 1072, 1480, 1772, 1966, 2007, 2337
 São Bartolomeu, 1622
 São Bartolomeu da Serra, 1783
 São Bartolomeu do Outeiro, 2240
 São Bartolomeu do Reguengo, ver Alter do Chão, 1098
 São Bartolomeu dos Galegos, 169
 São Bento do Cortiço, 428, 1473
 São Bento do Mato, 694, 2320
 São Brás, quinta, ver Meca, 614
 São Cristóvão, 1564
 São Cristóvão e São Lourenço, 617, 1306, 2203
 São Domingos de Benfica, 586, 767, 824, 905, 906, 920, 1164, 1236, 1268, 1385, 1524, 1769, 1770, 1793, 1829, 1830, 1833, 1835
 São Domingos de Rana, 158, 668, 847, 977, 1051, 1408
 São Fausto, lugar, ver Torrão, 696
 São Francisco, 42, 1031
 São Francisco Xavier, 531
 São Gens, monte, ver Lisboa, 1396
 São João da Talha, 1123
 São João das Lampas, 425, 778, 977, 1213, 1464, 1889, 2219, 2224
 São João de Tarouca (distrito de Viseu), 984
 São João dos Montes, 954, 1126
 São Jorge de Arroios, 666, 703, 1129
 São José, 543
 São José, bairro, ver São José, 543
 São Julião (Setúbal), 730, 952, 1230, 1327, 1375, 2173
 São Julião da Barra, ver Oeiras e São Julião da Barra, 568
 São Julião do Tojal, 568
 São Julião, ver São Nicolau, 568
 São Lourenço, 938, 943, 977, 1102, 1117, 1222, 1223, 1224, 1233, 1241, 1258, 1418, 1442, 1784, 2002, 2090, 2227

- São Luís, serra, ver Setúbal, concelho, 1077, 1220, 1222, 1440
- São Mamede, serra, ver Arronches, concelho, 311, 316, 321, 322, 1152, 1526
- São Mamede, serra, ver Castelo de Vide, concelho, 311, 316, 321, 322, 1152, 1526
- São Mamede, serra, ver Marvão, concelho, 311, 316, 321, 322, 1152, 1526
- São Mamede, serra, ver Portalegre, concelho, 311, 316, 321, 322, 1152, 1526
- São Manços, 370, 379
- São Martinho (Sintra), 319, 583, 640, 687, 823, 977, 1003, 1300, 1340, 1418
- São Martinho, ver Santiago (Lisboa), 662
- São Matias, 1678
- São Miguel, 553, 648, 1287, 1765
- São Nicolau, 505, 568, 579, 1265, 1619, 2218, 2324
- São Paulo, 519, 520, 566, 627, 1543, 1544
- São Pedro da Arrifana, ver Manique do Intendente, 660
- São Pedro da Cadeira, 30, 296, 478, 1249, 1400
- São Pedro de Penaferrim, 640, 687, 947, 977, 994, 1457
- São Pedro e São Tiago, 31, 32, 1002
- São Pedro, ver Palmela, 1091
- São Quintino, 1231
- São Romão do Sado, ver Torrão, 1602
- São Salvador da Aramenha, 171, 321, 424, 461, 1181, 1323, 1359
- São Sebastião, 1189, 1230, 1375, 1798
- São Sebastião da Giesteira, 317
- São Sebastião da Pedreira, 534, 554, 579, 592, 1438
- São Simão, 938, 943, 977, 1102, 1117, 1222, 1223, 1224, 1233, 1241, 1258, 1418, 1442, 1784, 2090, 2227
- São Tomé e Príncipe, 574
- São Vicente de Fora, 140, 499, 579, 585, 697, 746, 957, 995, 1012, 1308, 1333, 1371, 1398, 1772, 1821, 1859, 1939, 1989, 2062, 2066, 2132, 2145, 2205, 2339
- São Vicente de Valongo, ver Nossa Senhora de Machede, 285
- São Vicente, cabo, ver Sagres (distrito de Faro), 336, 1333, 1355, 1570, 1772
- Sapataria, 1010, 1231
- Saragoça (Espanha), 861, 1180, 1307, 1355
- Sardoal (distrito de Santarém), 1214, 1910, 1965
- Sarilhos Grandes, 42, 582, 2120
- Sarilhos Pequenos, 260, 1004
- Sarilhos-o-Grande, ver Sarilhos Grandes, 42
- Saxónia (Alemanha), 1905
- Sé (Lisboa), 94, 450, 1000, 1199, 1421, 1507, 1865
- Sé (Portalegre), 139
- Sé e São Pedro (Évora), 264, 609
- Sebaste (Arménia), 772, 1861
- Seda, 1098
- Seia (distrito da Guarda), 568
- Seixal, 653, 977, 1077, 1090, 1223, 1233, 1281, 1369, 1418, 2020
- Seixal, concelho, 210, 632, 635, 653, 904, 1070, 1090, 1220, 1233, 1281, 1318, 1369, 1380, 1562, 2020, 2081, 2161, 2236
- Seleure (Suíça), 2345, 2346
- Sernancelhe (distrito de Viseu), 717, 2103
- Serpa (distrito de Beja), 12, 303, 1296
- Serreira, lugar, ver Sapataria, 1010
- Sertã (distrito de Castelo Branco), 66
- Sertã, concelho (distrito de Castelo Branco), 1214
- Sesimbra, 28, 40, 89, 147, 158, 168, 196, 223, 233, 248, 252, 254, 277, 280, 282, 288, 293, 294, 300, 312, 314, 319, 417, 425, 435, 458, 460, 464, 472, 479, 480, 486, 550, 558, 605, 644, 668, 695, 740, 752, 773, 825, 846, 850, 890, 901, 934, 938, 947, 977, 989, 1032, 1069, 1077, 1078, 1102, 1108, 1184, 1196, 1202, 1203, 1211, 1213, 1218, 1221, 1223, 1224, 1227, 1232, 1233, 1234, 1235, 1236, 1237, 1251, 1257, 1258, 1264, 1272, 1274, 1277, 1289, 1348, 1361, 1362, 1364, 1378, 1385, 1393, 1394, 1403, 1406, 1407, 1408, 1412, 1418, 1427, 1428, 1435, 1436, 1438, 1443, 1448, 1450, 1451, 1452, 1453, 1454, 1455, 1456, 1457, 1460, 1463, 1464, 1585, 1596, 1675, 1814, 1855, 1887, 1897, 2032, 2077, 2078, 2079, 2090, 2095, 2176, 2178, 2192, 2206, 2222, 2232, 2263, 2298, 2303, 2328, 2331, 2332
- Sesimbra, concelho, 89, 160, 282, 312, 314, 417, 435, 472, 486, 752, 825, 846, 850, 890, 901, 934, 977, 989, 1020, 1069, 1077,

- 1102, 1108, 1184, 1203, 1218, 1220, 1221, 1223, 1232, 1233, 1234, 1236, 1237, 1258, 1264, 1272, 1274, 1277, 1289, 1362, 1385, 1393, 1394, 1403, 1418, 1427, 1435, 1436, 1448, 1450, 1451, 1452, 1453, 1455, 1456, 1457, 1460, 1463, 1675, 1814, 1855, 1887, 2077, 2078, 2079, 2090, 2095, 2176, 2178, 2190, 2192, 2206, 2222, 2263, 2298, 2303, 2328
- Setúbal, 137, 164, 168, 221, 250, 251, 460, 565, 591, 654, 730, 740, 864, 935, 938, 952, 1077, 1089, 1189, 1222, 1223, 1224, 1230, 1233, 1241, 1248, 1253, 1258, 1281, 1282, 1327, 1375, 1440, 1461, 1497, 1575, 1576, 1580, 1596, 1636, 1637, 1638, 1639, 1703, 1704, 1798, 1813, 1877, 1878, 1888, 1916, 1962, 1994, 2001, 2021, 2090, 2095, 2113, 2121, 2173, 2174, 2221, 2243, 2251, 2267, 2343, 2362, 2378
- Setúbal, concelho, 168, 179, 195, 221, 250, 251, 254, 282, 286, 393, 435, 460, 467, 485, 752, 852, 897, 922, 936, 938, 943, 1077, 1078, 1117, 1184, 1196, 1203, 1220, 1221, 1222, 1224, 1233, 1241, 1258, 1277, 1282, 1289, 1375, 1440, 1784, 1985, 2002, 2032, 2090, 2227, 2332
- Setúbal, diocese, 80, 591, 1442, 2032
- Setúbal, distrito, 3, 28, 80, 92, 122, 131, 138, 147, 152, 379, 411, 412, 419, 452, 464, 489, 490, 533, 632, 696, 986, 1040, 1089, 1122, 1139, 1165, 1195, 1196, 1204, 1208, 1212, 1216, 1220, 1234, 1236, 1255, 1296, 1298, 1318, 1344, 1372, 1403, 1432, 1451, 1517, 1542, 1548, 1555, 1596, 1670, 1755, 1774, 1813, 1967, 2002, 2025, 2075, 2095, 2240, 2250, 2296, 2320, 2377
- Setúbal, distrito, norte, 252, 1220
- Setúbal, península, 4, 11, 20, 24, 27, 34, 35, 36
- Seveso (Itália), 168
- Sevilha (Espanha), 1, 54, 607, 673, 1348
- Sião (Ásia), 1380
- Siena (Itália), 168, 263, 269, 576, 607, 630, 792, 793, 797, 805, 806, 842, 902, 903, 950, 998, 1058, 1098, 1119, 1492, 1524, 1899, 1915, 1917, 1936, 2000, 2002, 2021, 2088, 2111, 2165, 2189, 2268, 2279, 2297
- Silveira, 872, 1249
- Silves (distrito de Faro), 1685
- Silves, diocese, ver Algarve, diocese, 52, 60
- Sines, 268, 814, 924, 1088, 1694, 1976
- Sines, concelho, 268, 434, 814, 824, 1088, 1694, 1976
- Sintra, 106, 261, 319, 583, 640, 687, 823, 933, 947, 994, 1003, 1074, 1287, 1418, 1457, 1464, 1483, 1629, 1685, 1995, 2168, 2187, 2190, 2207
- Sintra, concelho, 100, 106, 165, 206, 223, 233, 255, 261, 284, 294, 299, 319, 425, 462, 468, 479, 480, 511, 514, 583, 640, 687, 706, 718, 778, 823, 873, 916, 922, 929, 933, 936, 945, 947, 994, 1003, 1007, 1020, 1042, 1058, 1124, 1170, 1191, 1213, 1235, 1254, 1271, 1287, 1300, 1340, 1400, 1418, 1449, 1453, 1455, 1459, 1460, 1464, 1483, 1494, 1573, 1629, 1859, 1889, 1981, 1986, 1995, 2064, 2075, 2119, 2128, 2135, 2168, 2187, 2190, 2197, 2207, 2219, 2224, 2303
- Sintra, serra, ver Sintra, concelho, 922, 936
- Sirene (hoje Líbia), 1953
- Síria, 2242
- Sítio da Saúde, ver Elvas, 838, 1275
- Sobral da Abelheira, 448, 476, 610, 1039, 1347
- Sobral de Monte Agraço, 601, 602, 716, 1231, 1547, 2022
- Sobral de Monte Agraço, concelho, 433, 601, 602, 716, 1010, 1058, 1231, 1377, 1547, 2022, 2198
- Sobralinho, 954, 1126
- Sobreda, 1045, 1227
- Socorro, 1508, 2152
- Sortelha (distrito da Guarda), 775
- Sousel, 12, 1266, 2153
- Sousel, concelho, 1266, 1852, 2153
- Spoletto (Itália), 1370
- Subserra, quinta, ver Vila Franca de Xira, 2236

- T -

- Tagilde (distrito do Porto), 1830
- Talavera de la Reina (Espanha), 1900
- Tapada das Necessidades, ver Lisboa, 1072
- Tarso (hoje Turquia), 2269

- Tebaida, região (hoje Egipto), 805
- Tebas (hoje Egipto), 2345, 2346
- Tejo, rio, 80, 122, 308, 515, 695, 729, 1190, 1224, 1234, 1236, 1276, 1278, 1385, 1406, 1423, 1449, 1530, 1562, 1947, 1948, 2107
- Tejo, rio, norte, 155, 252, 282, 294, 319, 425, 433, 457, 846, 977, 1077, 1194, 1223, 1232, 1233, 1235, 1236, 1240, 1264, 1378, 1385, 1393, 1394, 1408, 1418, 1427, 1428, 1436, 1437, 1443, 1448, 1450, 1452, 1453, 1454, 1455, 1456, 1457, 1458, 1486, 1487, 1533, 1551, 2331
- Tejo, rio, sul, 4, 11, 20, 24, 27, 34, 35, 36, 92, 152, 252, 632, 846, 891, 1223, 1233, 1394, 1428, 1596
- Telheiras, bairro, ver Lumiar, 187, 689, 781, 869, 870, 871, 1014, 1599
- Tentudia (Espanha), 2008
- Terena (São Pedro), 726, 1050, 1104, 1197, 1205, 1266, 1376, 1621, 2201
- Terreiro do Paço, ver Lisboa, 501, 995, 1398, 1505, 2205, 2368
- Terrugem, 216, 255, 425, 480, 977, 1353
- Tiberíades, lago (hoje Israel), 2000
- Timor, 574
- Toledo (Espanha), 151, 332, 340, 341, 342, 344, 360, 363, 372, 380, 390, 402, 504, 1900, 2089
- Toledo, concílio (Espanha), 1355
- Tolentino (Itália), 296, 688, 796, 806, 899, 948, 1477, 1955, 2177, 2181, 2197
- Tolosa, 304
- Tomar (distrito de Santarém), 740, 1007, 1888, 1916, 1966, 2007
- Tordesilhas (Espanha), 372
- Toreja, lugar, ver São João das Lampas, 425
- Toro (Espanha), 1392, 1417
- Torrão, 16, 183, 696, 881, 1602
- Torre dos Coelhoiros, 1905
- Torre Hermosa (Espanha), 2002
- Torreira (distrito de Aveiro), 1449
- Torres das Portas de Moura, ver Évora, 370
- Torres Novas (distrito de Santarém), 1912
- Torres Vedras, 8, 30, 31, 32, 33, 64, 100, 103, 119, 120, 244, 283, 296, 325, 350, 351, 352, 362, 368, 375, 394, 463, 484, 492, 497, 530, 580, 642, 688, 899, 964, 985, 1002, 1058, 1080, 1135, 1144, 1147, 1149, 1225, 1321, 1326, 1345, 1499, 1685, 1706, 1745, 1750, 1969, 2003, 2035, 2257, 2258, 2344
- Torres Vedras, concelho, 8, 30, 31, 32, 33, 64, 103, 107, 118, 119, 120, 283, 296, 325, 350, 351, 352, 362, 368, 375, 394, 433, 463, 478, 484, 492, 497, 530, 532, 580, 641, 643, 688, 872, 899, 964, 978, 985, 993, 1002, 1080, 1135, 1144, 1147, 1149, 1225, 1235, 1249, 1321, 1326, 1345, 1400, 1459, 1462, 1499, 1512, 1607, 1627, 1654, 1706, 1745, 1750, 1859, 1969, 2003, 2035, 2257, 2258, 2344
- Toulouse (França), 278, 806, 810, 869, 1027, 1077, 1088, 1222, 1440, 1694, 2002
- Tours (França), 109, 180, 206, 229, 261, 269, 275, 299, 350, 542, 582, 583, 600, 666, 716, 739, 875, 885, 933, 949, 1036, 1063, 1100, 1106, 1119, 1238, 1335, 1349, 1398, 1546, 1587, 1629, 1655, 1762, 1807, 2266, 2268, 2283, 2320
- Trafaria, 866
- Trancoso (distrito da Guarda), 2313
- Trás-os-Montes, região, 1173
- Trento, concílio (Itália), 37, 50, 52, 53, 54, 56, 70, 110, 115, 116, 121, 129, 140, 142, 281, 508, 514, 543, 580, 631, 658, 759, 791, 861, 975, 1028, 1288, 1372, 1401, 1447, 1604, 1684, 1770, 1775, 1805, 1830, 1962, 1994, 2011, 2016, 2020, 2048, 2103, 2114, 2164, 2171, 2173, 2179, 2186, 2189, 2197, 2220, 2231, 2236, 2240, 2249, 2251, 2264, 2343, 2346, 2357
- Treviso (Itália), 792
- Triana, 671, 1074
- Tróia, ver Carvalhal, 137, 1077, 1189, 1196, 1224, 1230, 1241, 1253, 1258, 1375, 1440, 2032
- Troino, bairro, ver Nossa Senhora da Anunciada, 221, 1258
- Turcifal, 107, 244, 643, 1225
- Turim (Itália), 2360

- V -

- Vale da Amoreira, 220
 Vale da Misericórdia, ver Laveiras (Caxias), 849
 Vale do Paraíso, 239
 Vale do Peso, 304
 Vale do Rosal, quinta, ver Charneca da Caparica, 1227
 Vale Francas, ver Pêro Moniz, 896
 Valença (distrito de Viana do Castelo), 568
 Valência (Espanha), 839, 1307, 1319, 1355, 1365, 1854, 2002
 Valência de Alcântara (Espanha), 2312, 2313
 Valezim (distrito da Guarda), 1357
 Valois (França), 839, 936, 1007, 1815, 1839, 2007
 Valverde, lugar, ver Nossa Senhora de Tourega, 740, 744, 775, 799, 800, 803, 805, 950, 1214, 2216
 Varatojo, ver Santa Maria do Castelo e São Miguel, 31, 32, 64, 484, 492, 964, 1750, 2257, 2258
 Vaticano, 1823, 1834
 Vaticano II, concílio (Itália), 43, 131, 134, 1274, 1365
 Veiros, 177, 576, 1138, 1604, 1908
 Venda do Pinheiro, 927
 Vendas Novas, 676, 1046, 1047, 1048, 1049, 1850
 Vendas Novas, concelho, 676, 1046, 1047, 1048, 1049, 1056, 1850
 Veneza (Itália), 750, 876, 1296, 2047, 2182, 2359
 Ventosa, 1627, 1886
 Vera Cruz, 575, 628, 693, 1535, 2196, 2308, 2340, 2347, 2349, 2353, 2367
 Vera Cruz de Marmelar (hoje Vera Cruz), 575
 Verderena, 764
 Verona (Itália), 168, 808
 Vialonga, 246, 761, 956, 1115, 1116, 1522, 1929, 2193, 2265
 Viana do Alentejo, 151, 263, 797, 802, 818, 960, 986, 1125, 1205, 1226, 1255, 1266, 1658, 1659, 1676, 1728, 1777, 1845, 2240, 2296
 Viana do Alentejo, concelho, 156, 797, 818, 960, 986, 1125, 1255, 1266, 1658, 1659, 1728, 1845, 2129, 2240, 2296
 Viana do Castelo, 1490
 Vidigueira (distrito de Beja), 514, 2240, 2296, 2352
 Vidigueira, concelho (distrito de Beja), 2240
 Vieira de Leiria (distrito de Leiria), 414
 Vila Alva (distrito de Beja), 2240
 Vila Boim, 205, 217, 1411
 Vila de Frades (distrito de Beja), 2240
 Vila de Rei (distrito de Castelo Branco), 1531
 Vila de Rei, bairro, ver Bucelas, 1211
 Vila de Rei, concelho (distrito de Castelo Branco), 1214
 Vila do Conde (distrito do Porto), 568
 Vila Fernando, 215, 608, 925, 1561
 Vila Flor, ver Amieira do Tejo, 1110
 Vila Franca de Xira, 246, 308, 686, 700, 891, 892, 953, 966, 1076, 1118, 1242, 1273, 1276, 1278, 1283, 1286, 1290, 1291, 1293, 1311, 1358, 1379, 1603, 1767, 1792, 1795, 1894, 1979, 2124, 2130, 2131, 2236, 2265, 2330
 Vila Franca de Xira, concelho, 100, 222, 246, 308, 414, 431, 433, 438, 510, 515, 518, 519, 520, 521, 522, 525, 700, 761, 822, 860, 885, 887, 888, 891, 892, 928, 953, 954, 955, 956, 966, 1043, 1058, 1076, 1093, 1096, 1101, 1115, 1116, 1118, 1126, 1156, 1187, 1242, 1273, 1276, 1278, 1283, 1286, 1290, 1291, 1293, 1311, 1358, 1379, 1381, 1522, 1603, 1662, 1767, 1792, 1795, 1894, 1929, 1979, 1986, 2011, 2076, 2096, 2097, 2124, 2130, 2131, 2151, 2193, 2236, 2265, 2330
 Vila Franca do Rosário, 270, 610
 Vila Nogueira de Azeitão, ver São Lourenço, 938, 943, 977, 1077, 1102, 1117, 1222, 1223, 1224, 1233, 1241, 1258, 1418, 1442, 1784, 2090
 Vila Nogueira de Azeitão, ver São Simão, 938, 943, 977, 1077, 1102, 1117, 1222, 1223, 1224, 1233, 1241, 1258, 1418, 1442, 1784, 2090
 Vila Nova da Baronia (distrito de Beja), 2240
 Vila Nova de Gaia (distrito do Porto), 1154, 1357
 Vila Pouca da Beira (distrito de Coimbra), 861
 Vila Ruiva (distrito de Beja), 2240

- Vila Velha de Ródão (distrito de Castelo Branco), 924
- Vila Velha de Ródão, concelho (distrito de Castelo Branco), 1214
- Vila Velha, pseud., ver Monsaraz, 41
- Vila Velha, ver Fronteira, 245, 1266, 1777, 2246, 2317
- Vila Verde dos Francos, 691, 1640
- Vila Viçosa, 451, 537, 576, 661, 669, 755, 797, 830, 874, 981, 987, 1125, 1160, 1176, 1188, 1205, 1207, 1216, 1259, 1305, 1314, 1372, 1373, 1391, 1409, 1411, 1472, 1523, 1578, 1579, 1612, 1615, 1645, 1647, 1648, 1649, 1650, 1651, 1698, 1773, 1776, 1817, 1825, 1841, 1955, 1972, 2000, 2086, 2134, 2178, 2185, 2226, 2243, 2245, 2246, 2247, 2249, 2251, 2255, 2256, 2299, 2307, 2311, 2316, 2335
- Vila Viçosa, concelho, 213, 451, 537, 576, 661, 669, 755, 797, 806, 830, 874, 960, 981, 987, 1160, 1176, 1188, 1207, 1216, 1259, 1372, 1373, 1391, 1409, 1411, 1472, 1523, 1578, 1579, 1612, 1615, 1645, 1647, 1648, 1649, 1650, 1651, 1698, 1773, 1776, 1817, 1825, 1851, 1955, 1971, 1972, 2000, 2086, 2134, 2178, 2185, 2226, 2243, 2245, 2247, 2251, 2255, 2256, 2299, 2307, 2316, 2335
- Vilanova do Infante (Espanha), 296
- Vilar, 449, 481
- Vilar de Frades, ver Areias de Vilar (distrito de Braga), 2046
- Vilarreal (Espanha), 2002
- Vimeiro, 530
- Vimieiro, 211, 1314, 1670
- Vimieiro, concelho, 805
- Vinhas, lugar, ver Redondo, 426
- Viseu, 1007, 1173, 1888, 1910, 1911, 1917
- Viterbo (Itália), 792, 806, 1348, 2000

- X -

- Xabregas, ver Lisboa, 908, 965, 984, 1022, 1243, 2193

- Z -

- Zafra (Espanha), 2311
- Zwolle (Holanda), 1032

ÍNDICE DE SANTOS

- A -

- Abraão, patriarca, 1922, 2048, 2139, 2144
Adrião, mártir, 219, 225, 277, 292, 538, 685,
1058, 1112, 1570
Ágata, 2280
Agostinho, 8, 15, 127, 150, 173, 183, 228, 248,
256, 283, 325, 328, 350, 351, 362, 368, 388,
394, 423, 501, 519, 530, 561, 585, 592, 630,
635, 648, 656, 657, 669, 688, 697, 708, 718,
738, 739, 754, 787, 788, 789, 794, 796, 797,
801, 802, 805, 806, 830, 843, 857, 910, 913,
936, 948, 950, 957, 969, 970, 974, 981, 985,
986, 993, 1002, 1007, 1097, 1113, 1121, 1125,
1149, 1160, 1188, 1333, 1420, 1477, 1523,
1567, 1770, 1772, 1787, 1821, 1827, 1841,
1851, 1861, 1918, 1964, 1989, 2043, 2051,
2066, 2088, 2137, 2142, 2144, 2145, 2157,
2161, 2177, 2202, 2210, 2240, 2241, 2244,
2256, 2273, 2284, 2297, 2298, 2344, 2352
Águeda, mártir, 805, 836, 1469, 2199, 2240
Alano de Rupe, 1032
Alberto de Jerusalém, carmelita, 630, 2164,
2170, 2212
Alberto de Liège, bispo, 1861
Alberto Magno, 130, 222, 731, 1009, 1068,
1071, 1841, 2297
Albino, 184
Aleixo, 15, 94, 178, 409, 805, 903, 1085,
1094, 1100, 1121, 1180, 1904, 1908, 2156,
2270, 2342
Alexandre, 75
Amadeu da Silva, franciscano, 226, 302, 332
Amador, eremita, 276, 279, 280
Amaro ou Mauro, beneditino, 180, 183, 185,
206, 209, 219, 225, 254, 269, 276, 277,
279, 292, 528, 534, 535, 538, 542, 579,
590, 630, 631, 634, 644, 670, 700, 707,
716, 718, 772, 797, 806, 809, 810, 811,
862, 869, 878, 892, 933, 963, 973, 986,
992, 1016, 1082, 1083, 1094, 1097, 1100,
1118, 1201, 1260, 1295, 1315, 1347, 1419,
1460, 1562, 1585, 1613, 1637, 1664, 1744,
1780, 1792, 1807, 1850, 1861, 1913, 1973,
2081, 2212, 2232, 2240, 2268, 2286, 2298
Ambrósio, 213, 248, 630, 644, 648, 772,
797, 936, 969, 974, 986, 1007, 1770, 1787,
1815, 1918, 2142, 2144, 2240
Amélia, mártir, 709
Américo Monteiro de Aguiar, padre, 594
Ana, 40, 50, 109, 112, 150, 166, 175, 206,
207, 222, 229, 232, 240, 256, 258, 275,
279, 296, 447, 542, 544, 548, 576, 590,
610, 616, 636, 644, 652, 653, 654, 657,
659, 662, 683, 686, 687, 697, 709, 714,
716, 750, 751, 766, 772, 790, 793, 797,
804, 805, 806, 809, 819, 824, 825, 826,
866, 875, 879, 882, 890, 899, 903, 904,
905, 910, 911, 914, 915, 916, 923, 946,
951, 959, 976, 979, 986, 989, 999, 1001,
1009, 1016, 1022, 1034, 1036, 1061, 1078,
1079, 1083, 1091, 1097, 1100, 1102, 1115,
1116, 1119, 1121, 1142, 1179, 1219, 1272,
1273, 1360, 1386, 1498, 1585, 1619, 1629,
1675, 1688, 1778, 1780, 1781, 1790, 1803,
1807, 1809, 1818, 1827, 1844, 1845, 1851,
1852, 1858, 1861, 1863, 1870, 1890, 1899,
1913, 1918, 1961, 1963, 1967, 1973, 1985,
1987, 1993, 1998, 2042, 2068, 2084, 2096,
2098, 2110, 2118, 2142, 2164, 2165, 2170,
2194, 2199, 2267, 2268, 2272, 2276, 2277,
2279, 2295, 2298, 2332, 2348, 2370

- Anastácio, 839, 1365, 1570
- André Avelino, 797, 827, 1794, 1851, 2320
- André Conti, 806
- André, apóstolo, 55, 71, 75, 106, 109, 144, 145, 165, 171, 182, 188, 270, 272, 275, 283, 290, 394, 576, 582, 583, 607, 610, 619, 621, 633, 644, 646, 654, 685, 728, 749, 801, 805, 806, 808, 809, 857, 865, 923, 936, 963, 973, 1013, 1023, 1035, 1036, 1039, 1095, 1099, 1100, 1106, 1110, 1119, 1121, 1144, 1145, 1149, 1161, 1332, 1404, 1476, 1496, 1562, 1583, 1593, 1594, 1617, 1660, 1661, 1669, 1702, 1771, 1778, 1815, 1837, 1867, 1875, 1883, 1918, 2081, 2156, 2183, 2199, 2201, 2234, 2240, 2251, 2271, 2273, 2305, 2353
- Ângela de Foligno, 806
- Ângelo de Jerusalém, carmelita, 630, 1009, 2164, 2170, 2212
- Anjo Custódio ou da Guarda, 32, 62, 287, 428, 433, 475, 562, 576, 621, 730, 903, 979, 1035, 1098, 1099, 1282, 1309, 1314, 1392, 1417, 1438, 1439, 1448, 1483, 1521, 1550, 1679, 1807, 1816, 1848, 1852, 1939, 2118, 2189, 2248, 2272
- Antão ou António Magno, abade, 86, 151, 177, 184, 198, 213, 219, 240, 263, 535, 538, 542, 644, 647, 649, 656, 657, 660, 684, 685, 686, 688, 731, 744, 745, 794, 799, 800, 801, 802, 805, 832, 843, 857, 879, 899, 949, 988, 1021, 1036, 1097, 1114, 1267, 1335, 1448, 1679, 1801, 1833, 1835, 1837, 1844, 1858, 1872, 1969, 1987, 1988, 2043, 2067, 2128, 2194, 2286, 2297
- Antonino Pierozzi, arcebispo, 1770
- António, 16, 28, 41, 64, 86, 94, 135, 143, 147, 156, 158, 159, 162, 163, 165, 166, 168, 169, 170, 171, 176, 180, 182, 185, 187, 188, 189, 191, 193, 202, 203, 204, 207, 208, 209, 214, 216, 218, 219, 222, 225, 228, 229, 230, 231, 232, 235, 236, 238, 244, 245, 248, 253, 255, 260, 261, 263, 265, 267, 268, 269, 270, 272, 273, 274, 275, 277, 279, 280, 287, 288, 289, 290, 291, 292, 296, 299, 305, 308, 315, 327, 328, 330, 354, 356, 358, 363, 376, 377, 380, 382, 388, 409, 416, 421, 430, 433, 439, 442, 443, 450, 460, 470, 475, 484, 492, 498, 499, 527, 532, 535, 538, 542, 543, 544, 548, 549, 561, 564, 568, 570, 573, 576, 578, 579, 586, 590, 593, 597, 599, 600, 610, 612, 615, 621, 623, 624, 626, 630, 631, 637, 641, 644, 646, 647, 649, 652, 653, 656, 657, 658, 659, 660, 663, 670, 682, 683, 685, 686, 687, 692, 693, 697, 698, 702, 706, 708, 711, 714, 716, 717, 718, 719, 731, 733, 741, 750, 757, 758, 762, 772, 773, 776, 777, 779, 781, 783, 789, 790, 792, 793, 794, 795, 796, 797, 798, 799, 801, 802, 803, 804, 805, 806, 808, 809, 810, 811, 812, 816, 817, 824, 826, 833, 836, 839, 848, 852, 853, 857, 859, 875, 879, 884, 885, 886, 890, 899, 904, 905, 906, 913, 917, 922, 923, 926, 928, 936, 948, 949, 950, 953, 954, 956, 962, 964, 965, 969, 973, 979, 982, 989, 992, 999, 1000, 1005, 1009, 1010, 1011, 1017, 1018, 1026, 1036, 1037, 1038, 1040, 1044, 1045, 1047, 1048, 1051, 1052, 1056, 1059, 1063, 1064, 1065, 1068, 1071, 1079, 1080, 1085, 1088, 1091, 1094, 1097, 1099, 1100, 1104, 1106, 1110, 1114, 1116, 1119, 1120, 1121, 1156, 1181, 1187, 1191, 1219, 1221, 1222, 1249, 1251, 1256, 1260, 1267, 1272, 1280, 1292, 1297, 1301, 1303, 1312, 1315, 1316, 1318, 1323, 1328, 1329, 1330, 1331, 1332, 1335, 1339, 1341, 1343, 1353, 1356, 1357, 1360, 1363, 1368, 1370, 1371, 1377, 1381, 1386, 1408, 1417, 1420, 1430, 1433, 1438, 1453, 1460, 1469, 1474, 1492, 1499, 1504, 1518, 1541, 1543, 1544, 1547, 1553, 1562, 1581, 1585, 1593, 1618, 1637, 1643, 1676, 1694, 1709, 1773, 1778, 1780, 1781, 1786, 1788, 1791, 1792, 1798, 1799, 1805, 1806, 1807, 1809, 1821, 1834, 1838, 1839, 1840, 1841, 1842, 1843, 1844, 1845, 1846, 1850, 1851, 1852, 1853, 1855, 1856, 1858, 1859, 1861, 1863, 1865, 1868, 1869, 1877, 1879, 1887, 1889, 1897, 1899, 1902, 1904, 1912, 1915, 1917, 1918, 1924, 1926, 1936, 1945, 1955, 1957, 1972, 1985, 1986, 1987, 1993, 1998, 2002, 2018, 2021, 2034, 2038, 2039, 2040, 2043, 2053, 2056, 2065, 2066, 2068, 2069, 2070, 2072, 2073, 2076, 2078, 2080, 2081, 2084, 2086, 2120, 2125, 2126, 2128, 2130, 2137, 2141, 2143, 2174, 2178, 2179, 2183, 2185, 2187, 2189, 2193, 2210,

- 2216, 2228, 2240, 2245, 2246, 2247, 2256, 2257, 2258, 2259, 2260, 2265, 2266, 2267, 2268, 2269, 2271, 2273, 2274, 2282, 2283, 2284, 2285, 2286, 2288, 2295, 2296, 2297, 2298, 2329, 2332, 2352, 2370, 2372
- António da Conceição, padre lóio, 509, 908
- Apolónia, mártir, 185, 248, 576, 630, 631, 656, 731, 772, 793, 797, 805, 809, 810, 886, 906, 920, 923, 1829, 1833, 1835, 2177, 2185, 2240, 2280, 2283, 2286
- Apolónio, mártir, 2348
- Apóstolos, 206, 583, 592, 619, 704, 709, 714, 785, 801, 836, 998, 1021, 1201, 1378, 1682, 1837, 1904, 1980, 1981, 2116, 2140, 2184, 2189, 2203, 2207, 2230, 2269
- Arcádio, 184
- Arsénio Magno, 184, 805
- Atanásio de Alexandria, 635, 1007, 2161
- Auta de Colónia, mártir, 760, 1388, 1780, 1936, 2013, 2106, 2259, 2286
- B –
- Bárbara, mártir, 230, 234, 244, 299, 415, 425, 433, 435, 438, 465, 568, 624, 631, 644, 683, 703, 758, 772, 793, 796, 797, 804, 805, 806, 808, 809, 832, 848, 875, 886, 923, 926, 936, 966, 1011, 1048, 1064, 1097, 1099, 1100, 1121, 1323, 1342, 1353, 1386, 1469, 1676, 1778, 1794, 1800, 1803, 1807, 1809, 1815, 1827, 1834, 1850, 1870, 1893, 1904, 1971, 2000, 2078, 2240, 2266, 2273, 2280, 2283, 2329
- Barnabé, apóstolo, 75, 792, 879, 936, 959, 1023, 1778, 1815, 2284
- Bartolomeu dos Mártires, dominicano, 56
- Bartolomeu, apóstolo, 41, 94, 162, 169, 184, 186, 199, 217, 246, 267, 268, 287, 491, 519, 542, 546, 568, 576, 578, 590, 598, 652, 666, 683, 797, 802, 806, 809, 814, 879, 885, 923, 936, 953, 960, 973, 1012, 1023, 1036, 1063, 1064, 1085, 1088, 1094, 1097, 1098, 1110, 1121, 1156, 1187, 1216, 1335, 1381, 1579, 1676, 1694, 1771, 1773, 1783, 1807, 1815, 1837, 1896, 1929, 2086, 2089, 2136, 2240, 2256, 2269, 2271, 2280, 2284, 2299
- Basileus, 1001
- Basílio de Cesareia, 630, 635, 1007, 1799, 2161, 2332
- Basilissa, mártir, 233, 568, 685, 1058, 1327
- Beatriz da Silva, religiosa, 151, 226, 302, 329, 332, 333, 340, 341, 342, 343, 344, 355, 360, 363, 372, 380, 390, 402, 439, 453, 483, 504, 573, 616, 653, 656, 898, 1256
- Benedito de Palermo, franciscano, 168, 797, 806, 808, 964, 1091, 1114, 1590, 1595, 1596, 1606, 1608, 1637, 1780, 2297
- Beníguo, mártir, 558
- Bento, 51, 177, 182, 213, 228, 245, 258, 275, 288, 542, 576, 581, 610, 621, 631, 651, 656, 683, 694, 751, 787, 794, 797, 799, 800, 801, 802, 803, 804, 806, 809, 811, 836, 874, 879, 889, 908, 920, 924, 926, 949, 950, 959, 972, 984, 1023, 1026, 1056, 1094, 1097, 1099, 1121, 1142, 1219, 1256, 1348, 1562, 1593, 1778, 1780, 1829, 1833, 1835, 1846, 1879, 1913, 1919, 1942, 1949, 1950, 1971, 1973, 2025, 2030, 2069, 2081, 2086, 2112, 2118, 2160, 2177, 2240, 2262, 2271, 2272, 2273, 2283, 2297, 2298, 2355
- Bernardino de Sena, 168, 792, 805, 806, 1058, 1915, 1917, 2002, 2021, 2297
- Bernardo de Claraval, 275, 277, 538, 610, 630, 631, 751, 788, 789, 793, 796, 797, 805, 894, 910, 913, 917, 936, 1026, 1030, 1058, 1112, 1119, 1142, 1238, 1778, 1799, 1815, 1924, 1942, 1949, 2000, 2043, 2112, 2160, 2246, 2262, 2272, 2274, 2283, 2285
- Boaventura, 358, 630, 806, 852, 906, 974, 1770, 1917, 2002, 2021, 2193, 2245, 2254
- Bona, franciscana, 797, 1343
- Bonifácio de Tarso, mártir, 2269
- Bonifácio, beneditino, mártir, 542
- Brás de Sebaste, mártir, 40, 75, 113, 151, 156, 169, 171, 178, 184, 185, 190, 200, 201, 206, 223, 228, 238, 262, 294, 299, 529, 534, 542, 576, 577, 578, 590, 595, 599, 601, 602, 614, 621, 626, 647, 652, 671, 683, 686, 693, 697, 700, 726, 772, 795, 796, 797, 799, 800, 801, 802, 803, 805, 806, 809, 810, 837, 857, 875, 878, 879, 882, 923, 926, 943, 946, 949, 959, 963, 989, 998, 1031, 1032, 1036, 1051, 1063, 1091, 1094, 1097, 1098, 1099, 1100, 1118,

- 1119, 1121, 1191, 1216, 1219, 1292, 1375, 1562, 1673, 1780, 1807, 1846, 1858, 1861, 1900, 1915, 1951, 1969, 1973, 2022, 2081, 2168, 2177, 2240, 2265, 2266, 2271, 2273, 2288, 2296, 2329, 2350, 2370
- Brígida, 150, 179, 187, 289, 644, 656, 689, 750, 770, 772, 783, 787, 820, 826, 828, 894, 1106, 1112, 1267, 1304, 1320, 1448, 1805, 1861, 2336, 2346
- Brissos, bispo de Évora, mártir local, 15, 129, 924, 1034, 1121, 1180, 1216, 1971, 2156
- Bruno de Colónia, 585, 594, 610, 649, 697, 792, 797, 801, 809, 839, 848, 915, 936, 1058, 1067, 1315, 1778, 1793, 1815, 1821, 2142, 2232
- C -
- Caetano, 216, 290, 519, 610, 627, 793, 794, 797, 804, 806, 810, 827, 837, 936, 963, 1097, 1100, 1110, 1778, 1815, 1957, 2024
- Camilo de Lellis, 529, 731, 772, 821, 1323, 1336, 1807, 1838, 1849
- Cândido, mártir, 1791, 2284, 2345, 2346
- Carlos, 804
- Carlos Borromeu, 156, 714, 821, 839, 936, 1045, 1193, 1815, 2332, 2354
- Catarina de Alexandria, mártir, 94, 109, 155, 161, 162, 170, 177, 183, 185, 188, 192, 194, 195, 206, 208, 214, 225, 228, 229, 237, 245, 254, 256, 296, 298, 305, 467, 508, 534, 535, 542, 549, 551, 558, 568, 576, 578, 579, 582, 583, 589, 590, 593, 601, 609, 610, 613, 624, 626, 630, 631, 644, 671, 672, 686, 688, 692, 693, 697, 716, 726, 746, 758, 792, 795, 796, 797, 804, 805, 808, 809, 829, 851, 875, 879, 886, 899, 917, 923, 926, 941, 946, 967, 973, 1009, 1028, 1036, 1058, 1083, 1088, 1096, 1097, 1100, 1106, 1121, 1173, 1211, 1216, 1222, 1225, 1302, 1356, 1375, 1419, 1474, 1562, 1675, 1763, 1773, 1794, 1806, 1807, 1827, 1848, 1859, 1867, 1870, 1915, 1918, 1963, 1972, 1973, 1976, 1987, 1988, 1989, 1992, 1993, 1994, 2002, 2004, 2081, 2140, 2181, 2185, 2189, 2195, 2203, 2223, 2225, 2231, 2232, 2268, 2271, 2280, 2283, 2285, 2288, 2296, 2355
- Catarina de Bolonha, clarissa, 1026
- Catarina de Génova, 298, 714
- Catarina de Sena, 263, 269, 576, 607, 630, 793, 797, 842, 902, 903, 950, 998, 1098, 1119, 1492, 1524, 1899, 1936, 2000, 2088, 2111, 2165, 2189, 2268, 2279
- Catarina Labouré, religiosa, 407
- Cecília, mártir, 688, 749, 758, 809, 1036, 1274, 1589, 1761, 2284
- Celarina ou Catarina, santa local, mártir, 268, 924, 1088
- Cipriano, mártir, 10, 1530
- Ciríaco, mártir, 184, 2112
- Clara de Assis, 74, 150, 159, 190, 263, 275, 332, 341, 576, 595, 631, 636, 644, 660, 753, 754, 758, 760, 788, 789, 792, 797, 799, 800, 801, 802, 803, 804, 809, 810, 820, 837, 862, 874, 875, 879, 885, 910, 913, 936, 950, 952, 976, 981, 988, 989, 992, 1026, 1028, 1036, 1097, 1114, 1119, 1188, 1651, 1782, 1794, 1803, 1809, 1815, 1839, 1841, 1904, 1915, 1918, 1936, 1948, 1962, 2014, 2021, 2043, 2056, 2073, 2080, 2098, 2107, 2113, 2158, 2189, 2237, 2240, 2279, 2280, 2297
- Cláudio, 2269
- Clemente, 222, 409, 928, 955, 1043, 1227, 1242, 1381, 2348
- Coleta de Corbie, abadessa, 1936, 1962, 2021, 2106, 2113
- Comba ou Vilgeforte, mártir, 268, 270, 610, 797, 1097, 1121, 1870, 2266, 2280, 2327, 2332
- Comba, mártir local, 129, 809
- Conrado de Placência, 797, 1918, 2000
- Constâncio, mártir, 2345, 2346
- Cornélio, papa, 178, 179, 571, 731, 797, 1097, 1304, 2024
- Cosme, mártir, 590, 806, 1801, 1913, 1915, 2069, 2176, 2242, 2288
- Crisanto, bispo, 806
- Crispim, mártir, 256, 269, 630, 631, 656, 657, 772, 806, 837, 1035, 1058, 1063, 1097, 1098, 1119, 1121, 1301, 1305, 1409, 1575, 1636, 1637, 1679, 2111, 2211, 2212
- Crispiniano, mártir, 256, 269, 630, 631, 656, 657, 772, 806, 837, 1035, 1058, 1097, 1119, 1305, 1679, 2111, 2211, 2212

Cristina, mártir, 270, 415, 806, 957, 1058,
1267, 1443, 1448, 1844, 1858, 1870, 2122,
2197, 2319, 2327
Cristóvão, mártir, 75, 256, 275, 557, 566, 617,
624, 644, 656, 793, 804, 806, 875, 910,
946, 966, 999, 1036, 1058, 1097, 1106,
1119, 1121, 1180, 1256, 1306, 1392, 1419,
1433, 1564, 1827, 2025, 2065, 2203, 2240,
2270, 2274, 2280, 2286
Cucufate, mártir local, 129, 2240, 2296

- D -

Dâmaso, papa, 564
Damião, mártir, 590, 806, 1801, 1913, 1915,
2069, 2176, 2242, 2288
Daniel, profeta, 2112, 2176, 2227
David, rei, profeta, 1901, 2048, 2068, 2084,
2133, 2185
Delfina, franciscana, 797, 2000
Desidério, 806
Dinis, 173, 202, 277, 278, 292, 538, 612, 615,
694, 797, 802, 894, 924, 1027, 1058
Diogo de Alcalá, franciscano, 616, 702, 758,
779, 797, 804, 808, 1138, 1847, 1986,
2002, 2240
Diogo Kisai, jesuíta, mártir, 750
Domingos, 22, 57, 133, 158, 169, 172, 176,
180, 190, 202, 248, 263, 270, 281, 288,
354, 360, 361, 363, 372, 380, 390, 504,
535, 556, 566, 576, 585, 586, 607, 610,
621, 623, 631, 644, 651, 654, 663, 668,
679, 683, 697, 713, 731, 734, 749, 753,
754, 757, 758, 767, 774, 776, 779, 783,
790, 793, 795, 797, 798, 799, 803, 804,
805, 806, 809, 810, 820, 837, 842, 843,
852, 857, 862, 863, 869, 879, 900, 902,
906, 910, 915, 920, 921, 936, 944, 950,
960, 963, 971, 988, 992, 998, 1018, 1022,
1032, 1036, 1051, 1058, 1060, 1094, 1095,
1097, 1099, 1105, 1110, 1119, 1121, 1163,
1164, 1190, 1215, 1216, 1222, 1268, 1323,
1335, 1366, 1421, 1474, 1492, 1496, 1524,
1569, 1586, 1590, 1591, 1595, 1596, 1606,
1620, 1663, 1709, 1769, 1770, 1778, 1781,
1791, 1793, 1794, 1798, 1801, 1807, 1815,
1821, 1823, 1829, 1830, 1833, 1835, 1840,
1841, 1872, 1946, 1953, 1971, 2001, 2073,

2075, 2111, 2152, 2164, 2165, 2170, 2231,
2240, 2244, 2245, 2290, 2297, 2309, 2325
Domingos Fernandes de Borba, jesuíta,
mártir, 359
Domingos Sávio, 676, 1850
Domingos Soriano, 943
Domitila, 806
Donato, mártir, 794
Doroteia, 793

- E -

Efigénia, 1595
Efrem, eremita, 805
Elesbão, 1595, 2272
Eleutério, 75
Elias, profeta, 766, 797, 805, 806, 822, 839,
916, 932, 979, 980, 1068, 1792, 1816,
1822, 1834, 1840, 1848, 1930, 2030, 2170
Eliseu, profeta, 916, 1068, 1071, 2030, 2164,
2170
Elói, bispo, 150, 571, 843, 969, 1097, 1315,
1335, 1587, 1762
Emídio, bispo, 1469
Engrácia, mártir, 535, 564, 589, 644, 711,
725, 732, 820, 829, 861, 982, 1026, 1036,
1057, 1058, 1106, 2356
Enoque, personagem bíblica, 797
Escolástica, beneditina, 797, 805, 949, 1879
Estanislau Kostka, religioso, 750, 826, 900,
1861, 1867, 1918, 2366
Estêvão da Purificação, carmelita, 511, 514
Estêvão, mártir, 16, 62, 75, 104, 105, 164,
184, 250, 253, 257, 270, 320, 552, 590,
621, 644, 647, 673, 692, 731, 805, 825,
842, 878, 879, 890, 923, 926, 998, 1011,
1036, 1058, 1063, 1095, 1098, 1099, 1100,
1106, 1114, 1119, 1128, 1216, 1342, 1356,
1419, 1563, 1582, 2006, 2240, 2280
Eufémia, irmã gémea, mártir, 206, 409, 716,
827, 933, 947, 1074, 1348
Eufémia, mártir, Calcedónia, 933
Eugénia, mártir, 2280
Eulália de Mérida, mártir, 214, 233, 246,
590, 626, 673, 928, 956, 1038, 1116, 1242,
1348, 1381, 1812, 1870
Eusébio Cremonense, 2034
Eustáquia, clarissa, 2034

Eustáquio, 797, 889, 2185
 Evangelistas, 573, 614, 623, 635, 707, 708,
 722, 750, 786, 801, 819, 826, 836, 970,
 986, 1180, 1201, 1770, 1837, 2065, 2081,
 2116, 2118, 2140, 2156, 2161, 2230, 2240,
 2276
 Ezequiel, profeta, 2227

– F –

Fabião, 75, 806, 1091, 1673, 2240
 Faraústo ou Fraústo, 16, 693, 2240, 2271
 Fausto, mártir, 183, 696, 924
 Febronia, mártir, 1071
 Félix, 186, 806, 974, 1041, 1570, 1778, 2279,
 2365, 2371
 Félix de Valois, 839, 936, 1007, 1815, 1839,
 2007
 Fernando de Portugal, mártir, 1850, 1881,
 2280
 Filipe de Jesus, capucho, mártir, 168
 Filipe de Néri, 373, 603, 610, 805, 821, 867,
 936, 968, 986, 1193, 1791, 1815, 1823,
 1833, 1840, 1878, 2284
 Filipe de Néri, 1761
 Filipe, apóstolo, 75, 248, 797, 806, 906, 936,
 1012, 1023, 1121, 1180, 1315, 1496, 1771,
 1778, 1815, 1837, 2234, 2284
 Filomena, mártir, 178, 188, 215, 236, 248,
 416, 656, 1360, 1870
 Flora de Beaulieu, hospitalária, 805, 1802,
 2271
 Fortunato, mártir, 709, 2345, 2346
 Francisca Romana, 296, 688, 899, 2332
 Francisco Bailão, 2002
 Francisco de Assis, 16, 57, 70, 74, 99, 130,
 150, 151, 159, 163, 164, 167, 168, 171,
 173, 180, 183, 185, 188, 189, 190, 202,
 203, 204, 206, 209, 217, 224, 228, 229,
 230, 245, 253, 256, 257, 264, 275, 279,
 280, 288, 289, 290, 332, 354, 356, 360,
 363, 380, 388, 400, 439, 445, 447, 496,
 499, 538, 542, 547, 555, 566, 576, 595,
 605, 609, 610, 612, 613, 621, 623, 626,
 630, 654, 663, 670, 671, 686, 687, 691,
 692, 696, 700, 702, 709, 714, 716, 717,
 731, 734, 736, 742, 749, 754, 757, 758,
 760, 764, 771, 774, 779, 783, 786, 787,

788, 789, 790, 792, 793, 795, 797, 798,
 799, 800, 801, 802, 803, 804, 805, 806,
 808, 809, 810, 824, 832, 837, 843, 852,
 862, 864, 869, 875, 877, 885, 892, 898,
 900, 902, 906, 913, 915, 922, 926, 936,
 943, 948, 950, 952, 961, 963, 971, 973,
 979, 986, 988, 992, 997, 998, 1001, 1005,
 1007, 1012, 1022, 1025, 1026, 1032, 1033,
 1034, 1036, 1044, 1045, 1058, 1063, 1097,
 1098, 1099, 1109, 1116, 1118, 1119, 1121,
 1135, 1150, 1165, 1180, 1188, 1219, 1222,
 1227, 1270, 1272, 1273, 1277, 1323, 1343,
 1348, 1401, 1405, 1422, 1467, 1474, 1492,
 1496, 1505, 1527, 1552, 1581, 1595, 1596,
 1600, 1609, 1610, 1617, 1628, 1637, 1650,
 1681, 1688, 1694, 1709, 1716, 1750, 1757,
 1760, 1778, 1780, 1782, 1794, 1798, 1807,
 1809, 1815, 1840, 1841, 1844, 1847, 1848,
 1851, 1852, 1861, 1863, 1877, 1889, 1892,
 1914, 1916, 1917, 1918, 1919, 1931, 1936,
 1963, 1966, 1972, 2002, 2004, 2014, 2015,
 2019, 2021, 2031, 2032, 2039, 2053, 2056,
 2063, 2065, 2068, 2069, 2073, 2075, 2078,
 2082, 2083, 2086, 2088, 2096, 2098, 2099,
 2106, 2107, 2112, 2118, 2126, 2142, 2152,
 2157, 2176, 2177, 2179, 2183, 2187, 2189,
 2199, 2220, 2237, 2244, 2245, 2265, 2266,
 2267, 2283, 2284, 2290, 2296, 2297, 2309,
 2327, 2342, 2352, 2354, 2378
 Francisco de Borja, 86, 298, 576, 595, 734,
 750, 772, 793, 797, 805, 806, 809, 826,
 839, 900, 936, 975, 1021, 1121, 1417,
 1815, 1867, 1918, 1924, 1985, 2016, 2039,
 2065, 2309, 2356, 2357, 2364
 Francisco de Paula, 180, 610, 714, 731, 736,
 777, 805, 839, 905, 936, 1335, 1585, 1802,
 1815, 2332
 Francisco de Sales, 797, 805, 810, 821, 1193,
 2139, 2284
 Francisco Marto, vidente de Fátima, 955
 Francisco Regis Clet, lazarista, 407
 Francisco Solano, 806
 Francisco Xavier, 86, 156, 168, 244, 248,
 306, 531, 603, 656, 657, 712, 734, 750,
 792, 797, 805, 806, 810, 826, 834, 926,
 936, 946, 949, 956, 975, 1001, 1021, 1036,
 1052, 1097, 1099, 1118, 1121, 1301, 1398,
 1421, 1614, 1807, 1815, 1818, 1826, 1841,

1861, 1867, 1918, 1972, 1985, 1989, 2017,
2034, 2040, 2045, 2182, 2187, 2203, 2214,
2215, 2232, 2284, 2342, 2356

Frederico, 709

Fruitoso, bispo, 982

– G –

Gabriel Arcanjo, 292, 582, 619, 797, 806,
809, 921, 979, 1012, 1049, 1309, 1839,
1850, 1872, 1970, 2012, 2155, 2183, 2247

Genoveva, 225, 797

Gens, 178, 188, 288, 772, 924, 1121, 2156,
2288

Gens de Arles, notário, mártir, 1180

Gens, bispo, mártir, 75, 930, 1036, 1504, 1570

Geraldo, bispo, cluniacense, 156, 268, 879,
1088, 1121, 1845, 2028, 2240, 2288, 2296

Gereão de Colónia, mártir, 2345, 2346

Gertrudes Magna, beneditina, 188, 296, 590,
688, 776, 796, 797, 810, 857, 899, 1058,
1781, 1870, 2267

Gervásio, mártir, 75, 590

Ghebra Micael, mártir, 407

Gil de Santarém, dominicano, 1058, 2338

Gilando da Alemanha, 1802

Giustiniani, 1794

Gonçalo de Amarante, dominicano, 168, 182,
222, 248, 368, 534, 579, 607, 652, 767,
783, 806, 811, 833, 906, 920, 943, 982,
985, 1091, 1106, 1551, 1593, 1770, 1829,
1830, 1833, 1835, 2063, 2342

Gonçalo de Lagos, agostinho, 8, 32, 248, 283,
296, 325, 350, 351, 352, 362, 368, 375,
394, 688, 806, 899, 985, 1144, 1149, 1321,
1326, 2344

Gonçalo Garcia, franciscano, 1595

Gregório de Nissa, bispo, 826

Gregório Magno, 94, 188, 200, 237, 248, 290,
297, 409, 582, 630, 642, 648, 716, 792,
795, 797, 806, 809, 910, 923, 969, 973,
986, 1007, 1064, 1097, 1099, 1100, 1110,
1119, 1121, 1256, 1367, 1517, 1607, 1688,
1770, 1787, 1807, 1846, 1861, 1904, 1917,
1918, 2142, 2144, 2240, 2356

Gregório Nazianzeno, bispo, 1007

Gregório Taumaturgo, 750, 1805, 2346

Gualtério, bispo, 792

Guerito, 2176, 2280

Guilherme, 796, 2332

– H –

Helena, 263, 409, 446, 575, 577, 751, 797,
800, 801, 802, 803, 806, 872, 950, 1011,
1016, 1028, 1058, 1249, 1863, 1973, 2053,
2056, 2185, 2196, 2197, 2216, 2271, 2340,
2356, 2367

Helena da Cruz, venerável, 508

Henrique, 797

Hilário, 797, 2348

Homembom, 576, 2177

Honório, 206

Huberto, bispo, 1377

– I –

Ildefonso de Toledo, bispo, 280, 291, 1094,
1918, 1964, 1972, 2089

Inácio de Antioquia, 2240, 2280

Inácio de Azevedo, jesuíta, mártir, 252, 2016

Inácio de Loiola, 86, 298, 508, 610, 734, 750,
801, 802, 805, 806, 826, 975, 1021, 1097,
1121, 1398, 1807, 1861, 1867, 1918, 1923,
1985, 2045, 2203, 2214, 2342, 2346, 2354,
2356, 2370

Inês, 229, 658, 793, 797, 804, 805, 806, 1870,
2267

Inês de Assis, abadessa, 1936, 1962, 2021,
2113

Inês de Montepulciano, dominicana, 2332

Inocência, 1119

Inonimata, mártir local, 129, 1097

Iria, mártir, 15, 219, 305, 409, 435, 538, 558,
685, 1058

Isaac, patriarca, 1922

Isabel da Hungria, franciscana, 797, 806, 936,
1815, 1834, 1839, 1964, 2000, 2356

Isabel Seton, religiosa, 407

Isabel, mãe de João Baptista, 184, 188, 206,
287, 305, 631, 657, 733, 792, 805, 885,
912, 926, 963, 1022, 1023, 1036, 1039,
1058, 1099, 1106, 1343, 1417, 1492, 1665,
1666, 1673, 1688, 1758, 1761, 1832, 1870,
1952, 1967, 1972, 2023, 2073, 2110, 2172,
2186, 2191, 2209, 2266, 2277

Isabel, rainha de Portugal, 178, 224, 298,
373, 428, 475, 564, 573, 576, 594, 649,
656, 663, 671, 685, 792, 797, 802, 805,
806, 808, 821, 831, 936, 1034, 1074, 1103,
1138, 1174, 1180, 1287, 1320, 1348, 1439,
1492, 1647, 1684, 1705, 1729, 1778, 1815,
1834, 1837, 1848, 1886, 1947, 1948, 2039,
2086, 2107, 2152
Isaias, profeta, 917, 1901, 2164, 2227
Isidoro de Sevilha, 178, 249, 270, 320, 673,
1038, 1058, 1066, 1256, 1267, 1348, 1443,
1448, 1677, 1689
Isidro, 582, 879, 1229, 1379, 1499
Ivo, 692, 797, 806, 989, 1097, 1121, 1130,
1343, 1348

– J –

Jacinta Marto, vidente de Fátima, 955
Jacinto, 269, 290, 361, 607, 631, 793, 902,
1097, 1793, 2111, 2332
Jacinto de Cracóvia ou da Polónia,
dominicano, 1770
Jeremias, profeta, 1901, 2227
Jerónimo, 75, 156, 170, 206, 248, 256, 261,
442, 535, 542, 592, 630, 635, 648, 671,
692, 698, 735, 754, 757, 758, 792, 797,
801, 804, 805, 806, 809, 875, 888, 889,
904, 917, 936, 950, 956, 969, 986, 992,
1007, 1058, 1091, 1119, 1127, 1659, 1784,
1785, 1787, 1799, 1815, 1839, 1846, 1853,
1893, 1895, 1915, 1918, 1925, 1931, 1932,
1933, 1968, 1972, 1973, 1998, 2000, 2034,
2070, 2088, 2116, 2142, 2144, 2161, 2177,
2213, 2267, 2280, 2284
Jessé, personagem bíblica, 911, 2068, 2084,
2251
Joana de Portugal, 573, 644, 731, 793, 797,
1036, 1058, 1335, 1606, 1768, 1986, 2169
Joana Gérard, mártir, 407
João Baptista, 16, 41, 75, 109, 121, 135, 137,
151, 156, 162, 164, 166, 167, 168, 174,
176, 178, 180, 181, 183, 184, 187, 189,
198, 199, 200, 205, 206, 208, 209, 213,
214, 216, 217, 219, 220, 222, 223, 226,
228, 229, 232, 235, 236, 237, 240, 241,
243, 247, 255, 258, 261, 265, 268, 270,
272, 273, 274, 279, 286, 287, 289, 297,

298, 299, 300, 306, 329, 409, 440, 447,
465, 470, 530, 534, 538, 539, 542, 558,
573, 575, 576, 579, 588, 598, 599, 606,
613, 614, 616, 619, 621, 626, 627, 628,
631, 639, 644, 646, 647, 652, 653, 656,
657, 658, 670, 678, 683, 685, 686, 700,
703, 708, 712, 714, 716, 735, 739, 750,
762, 764, 770, 772, 778, 786, 788, 792,
793, 795, 796, 797, 798, 800, 801, 802,
804, 805, 806, 809, 810, 811, 821, 824,
826, 828, 832, 834, 836, 853, 860, 862,
870, 871, 881, 884, 885, 889, 894, 904,
908, 910, 921, 923, 926, 928, 931, 935,
939, 941, 942, 953, 954, 960, 973, 974,
989, 998, 999, 1007, 1009, 1011, 1014,
1020, 1021, 1026, 1034, 1035, 1036, 1037,
1041, 1051, 1061, 1063, 1079, 1088, 1091,
1096, 1097, 1098, 1099, 1100, 1110, 1112,
1115, 1116, 1118, 1119, 1120, 1121, 1123,
1135, 1147, 1187, 1200, 1219, 1220, 1221,
1222, 1242, 1249, 1250, 1251, 1256, 1272,
1280, 1287, 1303, 1315, 1320, 1323, 1335,
1342, 1343, 1349, 1356, 1360, 1375, 1377,
1383, 1405, 1467, 1474, 1492, 1496, 1499,
1510, 1534, 1543, 1544, 1546, 1559, 1564,
1585, 1599, 1613, 1620, 1678, 1681, 1688,
1694, 1730, 1757, 1775, 1777, 1781, 1791,
1796, 1798, 1802, 1803, 1807, 1808, 1809,
1812, 1825, 1828, 1832, 1833, 1838, 1844,
1846, 1847, 1851, 1852, 1853, 1861, 1863,
1868, 1889, 1892, 1893, 1895, 1902, 1913,
1918, 1925, 1936, 1940, 1942, 1961, 1963,
1971, 1972, 1973, 1983, 2000, 2004, 2011,
2030, 2042, 2049, 2059, 2064, 2065, 2068,
2069, 2073, 2084, 2089, 2090, 2094, 2096,
2116, 2117, 2142, 2150, 2151, 2154, 2164,
2170, 2177, 2184, 2189, 2194, 2199, 2214,
2227, 2230, 2240, 2244, 2246, 2248, 2254,
2255, 2268, 2270, 2271, 2273, 2274, 2276,
2277, 2279, 2282, 2283, 2284, 2285, 2286,
2287, 2288, 2295, 2348, 2365, 2366, 2370
João Berchmans, jesuíta, 900
João Bosco, 215, 676, 697
João Crisóstomo, bispo, 269, 1007, 1918
João da Cruz, doutor da Igreja, 346, 367,
406, 508, 550, 634, 656, 657, 766, 797,
801, 809, 893, 979, 980, 1071, 1310, 1822,
2051, 2071, 2181, 2189, 2194, 2285, 2354

- João da Mata, 610, 806, 839, 936, 1007, 1815, 1839, 2007
- João Damasceno, 630
- João de Ávila, 348, 400
- João de Brito, jesuíta, mártir, 369, 535, 573, 584, 630, 631, 656, 711, 2065, 2356
- João de Capistrano, franciscano, 806, 808, 869, 1026, 2002
- João de Deus, confessor, 57, 151, 180, 248, 348, 354, 400, 539, 564, 578, 584, 589, 610, 630, 631, 680, 711, 797, 798, 802, 805, 809, 829, 906, 920, 926, 936, 971, 1044, 1048, 1097, 1121, 1313, 1317, 1405, 1417, 1505, 1527, 1774, 1779, 1815, 1816, 1829, 1835, 1837, 1848, 1873, 1964, 2028, 2029, 2070, 2119, 2124, 2270
- João de Estremoz, religioso, 8
- João de Sahagún, agostinho, 200, 957
- João Duns Escoto, 1032
- João Francisco de Régis, 2366
- João Gabriel Perboyre, missionário, 407
- João Henrique Gruyer, mártir, 407
- João Luís Gonzaga, 1845
- João Nepomuceno, 213, 287, 566, 627, 665, 696, 731, 793, 805, 806, 1016, 1097, 2268, 2272
- João Soan de Goto, jesuíta, mártir, 750
- João, apóstolo, 926, 1023, 1044, 1058, 1119, 1381, 1629, 1771, 2008
- João, evangelista, 16, 49, 112, 170, 218, 226, 243, 248, 253, 272, 509, 537, 548, 573, 576, 582, 619, 630, 646, 658, 697, 708, 726, 754, 787, 792, 793, 796, 797, 799, 800, 801, 802, 803, 805, 806, 808, 810, 825, 843, 848, 859, 876, 888, 890, 899, 908, 921, 950, 979, 992, 998, 1007, 1009, 1026, 1036, 1051, 1079, 1097, 1098, 1110, 1119, 1121, 1188, 1262, 1352, 1462, 1467, 1474, 1562, 1771, 1787, 1790, 1796, 1807, 1816, 1819, 1845, 1847, 1851, 1888, 1893, 1895, 1918, 1936, 1940, 1973, 1979, 1999, 2011, 2020, 2029, 2046, 2047, 2058, 2070, 2097, 2109, 2126, 2142, 2175, 2183, 2185, 2199, 2208, 2210, 2218, 2225, 2240, 2266, 2270, 2271, 2279, 2280, 2283, 2288, 2326, 2352
- Joaquim, 175, 207, 248, 258, 296, 548, 610, 616, 657, 662, 687, 688, 697, 714, 750, 751, 772, 797, 806, 809, 819, 824, 825, 826, 866, 869, 890, 911, 916, 936, 986, 1009, 1016, 1058, 1142, 1179, 1348, 1360, 1498, 1780, 1781, 1790, 1815, 1861, 1899, 1918, 1973, 1985, 1987, 1993, 2042, 2068, 2084, 2110, 2164, 2165, 2170, 2177, 2267, 2279, 2295, 2298, 2370
- Jordão da Saxónia ou Jordão, bispo de Évora, mártir local, 1905
- Jordão, bispo de Évora, mártir local, 129, 792, 809, 879, 1097, 1904, 1905, 2156
- Jorge de Alga, 2047
- Jorge, mártir, 28, 42, 147, 189, 198, 224, 234, 269, 572, 576, 578, 582, 600, 607, 630, 631, 663, 666, 703, 749, 751, 792, 797, 805, 837, 857, 963, 969, 973, 1009, 1058, 1106, 1121, 1142, 1386, 1392, 1423, 1439, 1637, 1766, 1768, 2043, 2069, 2118, 2120, 2137, 2255, 2274
- José, 37, 151, 173, 180, 185, 194, 200, 206, 222, 225, 228, 236, 238, 244, 248, 252, 265, 273, 274, 279, 287, 303, 409, 426, 447, 527, 534, 537, 543, 548, 573, 576, 579, 592, 604, 610, 623, 624, 631, 634, 636, 652, 653, 658, 663, 666, 669, 670, 677, 679, 686, 688, 692, 697, 700, 707, 716, 718, 733, 750, 756, 758, 766, 770, 772, 776, 792, 793, 795, 797, 799, 801, 802, 803, 805, 806, 808, 809, 816, 824, 825, 837, 852, 869, 884, 885, 889, 890, 891, 892, 897, 906, 917, 920, 926, 936, 943, 954, 963, 965, 976, 978, 979, 986, 992, 1004, 1007, 1009, 1021, 1022, 1028, 1034, 1036, 1051, 1058, 1063, 1068, 1071, 1080, 1081, 1091, 1097, 1099, 1106, 1113, 1114, 1116, 1124, 1201, 1219, 1242, 1272, 1280, 1315, 1323, 1335, 1343, 1347, 1348, 1360, 1377, 1407, 1495, 1510, 1578, 1589, 1593, 1595, 1596, 1614, 1637, 1676, 1688, 1780, 1781, 1790, 1798, 1799, 1801, 1807, 1808, 1809, 1815, 1829, 1833, 1837, 1841, 1847, 1849, 1851, 1853, 1861, 1863, 1877, 1918, 1924, 1952, 1957, 1963, 1970, 1983, 1985, 1987, 1993, 2033, 2034, 2043, 2063, 2065, 2068, 2069, 2071, 2110, 2124, 2126, 2142, 2153, 2157, 2181, 2194, 2199, 2203, 2221, 2232, 2236, 2255, 2256, 2266, 2267, 2285, 2294, 2320, 2348

- José de Arimateia, 2248
 José de Morant, dominicano, mártir, 168
 José do Egípto, 636, 976, 2043, 2066, 2137, 2146
 Josué, patriarca, 2140
 Jozabel, 869
 Judas Tadeu, apóstolo, 228, 688, 797, 805, 809, 839, 899, 1012, 1023, 1771, 1815, 2089, 2208, 2284
 Julião, 652
 Julião, mártir, 40, 81, 137, 155, 161, 162, 164, 173, 191, 219, 233, 270, 287, 460, 529, 542, 564, 568, 593, 644, 654, 684, 685, 692, 693, 882, 935, 952, 1038, 1058, 1074, 1091, 1119, 1211, 1315, 1327, 1335, 1375, 1440, 1443, 2173, 2271
 Julita, 2112, 2176, 2280
 Justa de Sevilha, mártir, 1, 54, 607, 644, 651, 666, 749, 923, 1036, 1105, 1106, 1333, 1355, 1570, 1694, 1761, 2285
 Justina, mártir, 859, 962
 Justino de Jacóbis, lazarista, 407
 Justo, mártir, 558, 881

- L -

- Lázaro, 109, 113, 184, 199, 228, 258, 373, 573, 598, 621, 640, 644, 646, 718, 721, 728, 772, 795, 805, 832, 879, 926, 933, 947, 994, 1002, 1034, 1044, 1054, 1058, 1121, 1325, 1666, 1669, 1757, 2156, 2166, 2286
 Leandro, 917
 Leão Magno, papa, 974
 Leonardo, 1799, 2034, 2210
 Libório de Mans, bispo, 1861, 2370
 Longuinho, soldado romano, 712, 750, 826, 1861, 1985
 Lourenço Justiniano, bispo, 2047
 Lourenço, mártir, 9, 55, 62, 75, 86, 133, 135, 172, 188, 190, 200, 236, 256, 258, 269, 270, 275, 279, 287, 296, 299, 350, 433, 542, 550, 576, 577, 590, 603, 604, 621, 626, 630, 631, 632, 634, 644, 659, 663, 668, 683, 693, 703, 704, 707, 718, 772, 788, 795, 797, 805, 810, 825, 837, 839, 862, 863, 878, 879, 890, 899, 904, 910, 926, 943, 971, 999, 1004, 1023, 1036, 1051, 1063, 1064, 1079, 1082, 1083, 1097, 1100, 1102, 1106, 1117, 1119, 1121, 1180, 1183, 1201, 1219, 1229, 1267, 1315, 1417, 1419, 1518, 1706, 1784, 1794, 1811, 1868, 1915, 2006, 2035, 2046, 2073, 2122, 2177, 2240, 2269, 2271, 2274, 2280, 2288, 2296, 2332
 Lucas, evangelista, 420, 491, 619, 685, 797, 805, 876, 926, 936, 1023, 1058, 1764, 1768, 1771, 1787, 1815, 1821, 1861, 1890, 2058, 2063, 2070, 2137, 2142, 2225, 2284
 Lúcia, 917, 1963
 Lúcio, 797, 1343, 2348
 Luís Gonzaga, 86, 750, 793, 796, 797, 806, 826, 900, 975, 986, 1877, 1985, 2356
 Luís José François, lazarista, 407
 Luís, bispo de Toulouse, 278, 806, 810, 869, 1027, 1077, 1088, 1220, 1222, 1440, 1694, 2002
 Luís, rei de França, 265, 576, 652, 692, 797, 806, 809, 882, 926, 1026, 1058, 1091, 1100, 1106, 1258, 1348, 1373, 1405, 1440, 1505, 1845, 1972, 2000, 2063, 2177, 2240, 2271
 Luísa de Marillac, religiosa, 407
 Lupércio, 982
 Luzia, mártir, 49, 72, 109, 156, 180, 185, 188, 228, 229, 248, 258, 265, 280, 281, 409, 534, 542, 553, 562, 576, 579, 610, 631, 636, 644, 647, 653, 656, 657, 658, 659, 721, 770, 772, 792, 797, 808, 832, 836, 879, 926, 969, 1009, 1036, 1039, 1053, 1063, 1091, 1097, 1098, 1106, 1114, 1180, 1323, 1585, 1637, 1665, 1675, 1781, 1792, 1806, 1844, 1858, 1861, 1870, 1894, 2000, 2069, 2076, 2174, 2177, 2210, 2240, 2255, 2280, 2296
 Macário, o Grande, 805, 1119, 1227
 Mamede, mártir, 261, 288, 529, 644, 663, 666, 797, 799, 800, 801, 802, 803, 809, 823, 879, 923, 960, 1003, 1036, 1058, 1097, 1103, 1106, 1119, 1256, 1267, 1300, 1340, 1398, 1408, 1448, 1499, 1551, 1858, 2048, 2088
 Manços, bispo de Évora, mártir local, 129, 365, 370, 379, 489, 542, 799, 800, 801,

- M -

- 802, 809, 810, 879, 924, 1097, 1530, 1570, 1794, 1900, 1915, 1973, 2019, 2024, 2156, 2177, 2228
- Manuel Mendes da Conceição Santos, arcebispo, 523
- Manuel, mártir, 2266
- Marçal, 716, 749, 809, 1036, 1477, 1780, 1902, 1926, 1945, 1957, 2018, 2039, 2040, 2063, 2065, 2070, 2282
- Marcos, evangelista, 32, 171, 180, 200, 208, 228, 268, 284, 290, 409, 610, 619, 631, 685, 797, 801, 803, 805, 809, 810, 876, 878, 936, 943, 955, 973, 1023, 1083, 1088, 1097, 1098, 1099, 1100, 1101, 1119, 1181, 1242, 1256, 1287, 1294, 1296, 1297, 1298, 1299, 1315, 1343, 1349, 1367, 1379, 1381, 1417, 1530, 1546, 1676, 1771, 1787, 1815, 1841, 1858, 1861, 1890, 2058, 2070, 2142, 2246, 2284
- Margarida de Alexandria, mártir, 797
- Margarida de Cortona, 582, 600, 797, 805, 806, 1343, 1348, 1655, 1849, 2000, 2180
- Margarida ou Marinha de Antioquia ou da Galiza, mártir, 16, 133, 188, 200, 206, 218, 230, 265, 297, 409, 546, 633, 644, 672, 765, 797, 799, 809, 878, 917, 923, 943, 1036, 1077, 1085, 1097, 1222, 1256, 1343, 1349, 1481, 1506, 1521, 1802, 1827, 1870, 2136, 2240, 2280, 2283, 2286, 2332
- Maria Clara do Menino Jesus, franciscana hospitaleira, 717
- Maria do Lado, clarissa, 725
- Maria Egipcíaca, 708, 758, 2280
- Maria Francisca Lanel, mártir, 407
- Maria Goretti, mártir, 215
- Maria Madalena, 75, 178, 180, 184, 207, 214, 217, 269, 275, 296, 297, 305, 306, 310, 409, 537, 546, 582, 613, 631, 643, 655, 686, 694, 766, 793, 797, 804, 805, 806, 809, 859, 879, 888, 903, 923, 998, 1009, 1026, 1036, 1058, 1063, 1097, 1099, 1100, 1114, 1116, 1119, 1352, 1410, 1415, 1432, 1562, 1587, 1753, 1762, 1782, 1791, 1792, 1798, 1803, 1807, 1809, 1852, 1853, 1863, 1870, 1904, 1917, 1918, 2002, 2011, 2029, 2038, 2097, 2104, 2136, 2166, 2210, 2218, 2240, 2255, 2265, 2269, 2279, 2280, 2284, 2348
- Maria Madalena de Pazzi, 916, 979, 980, 1071, 1310, 1816, 1822, 2000
- Maria Madalena Fontaine, mártir, 407
- Marinha ou Margarida de Antioquia ou da Galiza, mártir, ver Margarida ou Marinha de Antioquia ou da Galiza, 16, 133, 188, 200, 206, 218, 230, 265, 297, 409, 546, 633, 644, 672, 765, 797, 799, 809, 878, 917, 923, 943, 1036, 1077, 1085, 1097, 1222, 1256, 1343, 1349, 1481, 1506, 1521, 1802, 1827, 1870, 2136, 2240, 2280, 2283, 2286, 2332
- Mário, 75
- Marta, 72, 75, 113, 150, 155, 189, 204, 270, 543, 593, 644, 686, 719, 759, 793, 797, 799, 801, 802, 805, 879, 982, 1036, 1038, 1058, 1063, 1073, 1074, 1097, 1099, 1114, 1119, 1120, 1211, 1315, 1332, 1341, 1679, 1749, 1803, 1809, 1870, 1883, 1922, 1936, 1986, 2266
- Martinho de Dume, bispo, 1048
- Martinho de Porres, dominicano, 1595
- Martinho de Tours, 109, 180, 206, 229, 261, 269, 275, 299, 350, 542, 582, 583, 600, 666, 716, 739, 875, 885, 933, 949, 1036, 1063, 1100, 1106, 1119, 1238, 1335, 1349, 1398, 1546, 1587, 1629, 1655, 1762, 1807, 2266, 2268, 2283, 2320
- Mártires da Calábria, franciscanos, 1001
- Mártires de Marrocos, franciscanos, 224, 328, 356, 388, 793, 796, 797, 804, 806, 810, 839, 1100, 1917, 2021, 2232, 2280, 2297
- Mártires de Tebas, romanos, 2345, 2346
- Mártires do Japão, 826
- Mateus, evangelista, 151, 190, 223, 275, 329, 420, 619, 678, 772, 797, 804, 805, 806, 838, 876, 923, 959, 1023, 1097, 1119, 1121, 1771, 1787, 1791, 1837, 1861, 1964, 2058, 2063, 2070, 2142, 2208, 2225, 2240, 2270, 2279, 2284
- Matias, apóstolo, 1097, 1771, 2284, 2356
- Maurício, mártir, 269, 2165, 2345, 2346
- Máximo, mártir, 805, 1121
- Miguel Arcanjo, 33, 94, 103, 106, 109, 120, 130, 156, 173, 175, 178, 184, 188, 200, 206, 218, 225, 228, 245, 248, 252, 258, 261, 270, 279, 281, 283, 290, 296, 530, 534, 538, 542, 553, 557, 559, 576, 577, 592, 604, 610,

619, 629, 630, 631, 636, 640, 641, 647,
648, 653, 656, 657, 660, 668, 670, 673,
679, 686, 687, 703, 714, 718, 751, 765,
772, 792, 793, 796, 797, 802, 805, 808,
810, 827, 842, 879, 899, 923, 943, 946,
959, 973, 976, 979, 992, 1009, 1022, 1026,
1035, 1036, 1038, 1058, 1063, 1095, 1097,
1098, 1099, 1100, 1106, 1116, 1118, 1119,
1121, 1142, 1156, 1157, 1227, 1252, 1254,
1256, 1272, 1287, 1303, 1309, 1315, 1332,
1335, 1356, 1366, 1398, 1419, 1496, 1562,
1629, 1679, 1696, 1780, 1794, 1803, 1807,
1827, 1839, 1845, 1846, 1847, 1848, 1849,
1851, 1863, 1872, 1900, 1902, 1915, 1939,
1951, 1970, 1973, 1987, 1989, 1992, 1993,
1998, 2065, 2070, 2078, 2081, 2094, 2121,
2157, 2176, 2177, 2179, 2188, 2231, 2232,
2240, 2244, 2246, 2269, 2282

Moisés, patriarca, 659, 760, 1901, 2043,
2058, 2082, 2083, 2098, 2116, 2137, 2139,
2140, 2144, 2195

Mónica, 150, 168, 200, 228, 296, 644, 688,
738, 796, 797, 799, 802, 948, 950, 1097,
1986, 2024, 2273

– N –

Natália, 1570

Neutel, mártir, 200, 795, 2240, 2296

Nicodemos, mártir, 2248

Nicolau, 173, 269, 505, 542, 568, 630, 631,
663, 899, 1058, 1091, 1106, 1265, 1398,
1445, 1467, 2111, 2218, 2240, 2247, 2269,
2280

Nicolau de Tolentino, 296, 688, 796, 806,
899, 948, 1477, 1955, 2177, 2181, 2197

Nolasco, 610, 839

Norberto, 585, 1821

Nuno de Santa Maria, carmelita, 155, 228, 234,
301, 313, 324, 326, 331, 334, 335, 337, 338,
347, 349, 353, 357, 364, 371, 374, 378, 381,
383, 384, 385, 386, 389, 391, 392, 395, 396,
397, 398, 399, 403, 404, 405, 408, 423, 436,
495, 500, 528, 537, 573, 584, 589, 593, 631,
656, 829, 926, 939, 940, 1071, 1211, 1249,
1259, 1301, 1308, 1310, 1338, 1572, 1612,
1712, 1960, 2124, 2339, 2368

– O –

Odília da Alsácia, beneditina, 2089

Olaia, 797

Onofre, 435, 708, 797, 805, 1026, 1106, 1780,
1838, 1853, 2232, 2271, 2280

Onze Mil Virgens, 86, 269, 810, 817, 1312,
1589, 1821, 1848, 1973, 1993, 2034, 2076,
2265, 2268, 2276, 2277, 2280, 2356

Ovídio, bispo, 286, 652, 1091, 1375, 2332

– P –

Paio ou Pelágio, 1100, 1449, 1521

Pancrácio, 797

Pantaleão, mártir, 168, 2242

Pastor, mártir, 881

Paula, 170, 698, 797, 889, 1893, 1895, 2034,
2284, 2285

Paulo, 57, 86, 150, 184, 200, 206, 247, 252,
273, 279, 281, 296, 299, 529, 535, 561,
566, 577, 603, 612, 615, 619, 620, 627,
638, 651, 663, 688, 693, 708, 714, 733,
758, 794, 797, 801, 802, 804, 805, 806,
811, 832, 857, 899, 902, 921, 926, 971,
975, 1029, 1032, 1036, 1044, 1053, 1074,
1097, 1119, 1142, 1222, 1280, 1405, 1409,
1544, 1616, 1778, 1782, 1787, 1808, 1820,
1821, 1837, 1838, 1913, 1918, 1973, 1987,
1993, 1998, 2002, 2035, 2043, 2065, 2070,
2075, 2078, 2089, 2109, 2116, 2128, 2157,
2170, 2177, 2182, 2183, 2201, 2208, 2216,
2222, 2228, 2232, 2240, 2271, 2316, 2332,
2352, 2355

Paulo Eremita, 792, 794, 806, 857, 862, 926,
936, 944, 1062, 1085, 1091, 1434, 1815,
1915, 1987, 1988, 1993, 2067, 2140, 2195,
2200, 2225, 2280, 2288

Paulo Miki, jesuíta, mártir, 750

Pedro, 32, 40, 49, 51, 72, 75, 109, 120, 135,
150, 155, 159, 161, 163, 166, 167, 172,
173, 176, 180, 181, 188, 190, 192, 206,
208, 209, 216, 219, 222, 223, 228, 229,
230, 232, 233, 241, 245, 249, 253, 257,
258, 261, 262, 267, 268, 269, 270, 272,
273, 275, 277, 279, 283, 287, 290, 296,
299, 321, 354, 409, 416, 470, 534, 537,
538, 547, 548, 561, 566, 567, 575, 576,

- 577, 579, 580, 583, 592, 595, 600, 603, 609, 610, 619, 620, 621, 623, 624, 627, 628, 630, 631, 632, 637, 639, 640, 644, 646, 647, 651, 652, 653, 655, 656, 658, 659, 660, 663, 665, 669, 670, 671, 675, 684, 685, 686, 688, 692, 693, 702, 705, 714, 716, 718, 719, 731, 733, 742, 753, 758, 759, 764, 771, 772, 788, 792, 795, 796, 797, 802, 805, 806, 809, 820, 822, 825, 832, 838, 839, 862, 863, 878, 879, 884, 885, 890, 899, 902, 903, 904, 906, 921, 923, 926, 933, 943, 947, 949, 955, 969, 971, 973, 978, 989, 1011, 1012, 1023, 1026, 1031, 1032, 1035, 1036, 1038, 1039, 1040, 1042, 1043, 1044, 1058, 1059, 1061, 1077, 1079, 1088, 1091, 1092, 1093, 1095, 1097, 1099, 1100, 1102, 1110, 1114, 1118, 1119, 1120, 1121, 1142, 1187, 1190, 1216, 1219, 1220, 1222, 1242, 1249, 1251, 1256, 1258, 1275, 1280, 1288, 1315, 1322, 1324, 1332, 1335, 1343, 1349, 1358, 1360, 1362, 1369, 1378, 1381, 1405, 1446, 1448, 1492, 1496, 1510, 1543, 1544, 1562, 1578, 1586, 1600, 1618, 1644, 1662, 1675, 1677, 1679, 1689, 1694, 1749, 1767, 1771, 1778, 1781, 1782, 1787, 1793, 1798, 1803, 1807, 1820, 1821, 1837, 1841, 1844, 1846, 1848, 1849, 1850, 1851, 1852, 1863, 1877, 1879, 1883, 1889, 1898, 1904, 1908, 1913, 1914, 1924, 1945, 1973, 1987, 1993, 1998, 2002, 2035, 2040, 2041, 2042, 2045, 2049, 2063, 2065, 2070, 2076, 2077, 2078, 2081, 2089, 2108, 2109, 2116, 2120, 2128, 2139, 2157, 2170, 2183, 2184, 2196, 2200, 2201, 2208, 2216, 2222, 2228, 2232, 2234, 2240, 2244, 2246, 2248, 2255, 2265, 2266, 2269, 2270, 2271, 2273, 2274, 2288, 2296, 2308, 2332, 2344, 2352, 2355, 2357
- Pedro de Alcântara, 393, 445, 549, 702, 757, 772, 786, 805, 806, 839, 852, 899, 936, 938, 1001, 1016, 1133, 1191, 1280, 1480, 1505, 1721, 1809, 1815, 1851, 1861, 1918, 1943, 1985, 1992, 2075, 2099, 2108, 2109
- Pedro de Rates, bispo, 573
- Pedro Gonçalves Telmo, dominicano, 49, 164, 250, 268, 460, 564, 566, 576, 627, 654, 705, 773, 780, 923, 989, 1036, 1058, 1088, 1102, 1191, 1272, 1277, 1289, 1301, 1321, 1463, 1544, 1636, 1637, 1675, 1694, 1704, 1765, 2032, 2070, 2188, 2338
- Pedro Mártir ou de Verona, dominicano, 168, 793, 808, 1524, 1769, 2309
- Pedro Nolasco, 936, 1815, 1839
- Pedro Renato Rogue, mártir, 407
- Petronilha, mártir, 416, 1360
- Plácido, 1097, 1295, 1570
- Policarpo, 839
- Primo, mártir, 558
- Prisca, 2034
- Próspero, mártir, 558, 974, 1041, 2365, 2371
- Protásio, mártir, 75
- Q -
- Quintino, 716, 1058, 1377, 2063, 2184, 2198, 2266, 2332
- Quitéria, irmã gémea, mártir, 219, 224, 255, 321, 463, 614, 671, 686, 806, 857, 1058, 1100, 1267, 1348, 1366, 1379, 1412, 1443, 1448, 1499, 1546, 1870, 1987, 1993, 2280, 2319
- R -
- Rafael Arcanjo, 792, 797, 805, 806, 979, 1309, 1779, 1847, 1915, 2179, 2202, 2270, 2296
- Raimundo, 793, 2284
- Rainha dos Apóstolos, 677
- Reginaldo, 1032
- Resposta, virgem, 1312
- Rita de Cássia, 200, 289, 296, 435, 588, 644, 647, 656, 688, 692, 697, 718, 731, 772, 776, 793, 796, 797, 804, 805, 806, 808, 809, 810, 824, 828, 839, 857, 869, 878, 899, 936, 1113, 1227, 1254, 1348, 1586, 1637, 1778, 1781, 1794, 1815, 1834, 1848, 1870, 1989, 2051, 2065, 2272, 2273
- Roberto de Salento, 2177
- Romão, 40, 109, 206, 213, 215, 253, 254, 435, 542, 652, 693, 700, 805, 809, 879, 882, 926, 928, 933, 954, 1091, 1097, 1121, 1187, 1242, 1315, 1379, 1381, 1773, 1913, 2199, 2232, 2268
- Romão, bispo de Ruão, 222, 784, 822
- Romão, mártir local, 129

- Roque, 16, 28, 86, 109, 113, 121, 147, 155, 157, 167, 200, 230, 237, 276, 279, 288, 298, 475, 535, 549, 589, 594, 644, 656, 670, 686, 701, 712, 722, 750, 764, 772, 793, 796, 797, 801, 806, 826, 829, 834, 843, 876, 879, 903, 919, 923, 936, 942, 946, 974, 975, 1001, 1009, 1012, 1016, 1036, 1041, 1052, 1068, 1071, 1083, 1097, 1100, 1114, 1123, 1133, 1312, 1325, 1343, 1346, 1348, 1356, 1396, 1420, 1433, 1438, 1467, 1469, 1489, 1504, 1562, 1586, 1589, 1614, 1630, 1710, 1713, 1714, 1721, 1734, 1761, 1775, 1778, 1797, 1805, 1815, 1826, 1827, 1828, 1832, 1833, 1860, 1861, 1906, 1915, 1918, 1920, 1922, 1923, 1934, 1938, 1958, 1984, 1985, 1992, 2017, 2034, 2065, 2081, 2091, 2099, 2109, 2117, 2150, 2182, 2184, 2187, 2214, 2215, 2279, 2286, 2289, 2342, 2345, 2346, 2356, 2357, 2359, 2364, 2365, 2366, 2369, 2370, 2371
- Rosa, 175, 442, 610, 644, 772, 793, 797, 1272, 1343
- Rosa de Lima, 234, 534, 579, 666, 703, 797, 805, 810, 1009, 1097, 2000
- Rosa de Viterbo, 792, 806, 1348, 2000
- Rosália, 797
- Rufina de Sevilha, mártir, 1, 607, 749, 1036, 1106, 2285
- S -
- Sagrada Família, 165, 198, 323, 505, 576, 656, 680, 712, 750, 792, 797, 804, 810, 819, 821, 832, 852, 926, 936, 969, 975, 1012, 1026, 1052, 1059, 1081, 1119, 1121, 1771, 1778, 1780, 1781, 1794, 1863, 1872, 1901, 1903, 1983, 1985, 2018, 2028, 2037, 2039, 2102, 2106, 2120, 2147, 2154, 2156, 2181, 2194, 2244, 2247, 2258, 2284
- Salomé, 576, 805, 806, 839, 936, 1114, 1815, 2064
- Sancha, infanta, cisterciense, 224, 2043, 2152
- Sãozinha de Alenquer ou da Abrigada, 507, 512, 513, 516, 517, 524, 526, 527
- Saturnino, mártir, 206, 219, 261, 538, 558, 684, 685, 718, 879, 929, 1094, 1254, 1573
- Saúl, rei bíblico, 2133
- Sebastião, mártir, 16, 32, 40, 49, 72, 75, 81, 91, 109, 113, 135, 137, 151, 156, 158, 163, 164, 166, 167, 168, 169, 173, 178, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 192, 200, 204, 206, 209, 213, 222, 230, 236, 240, 241, 246, 247, 248, 253, 254, 255, 260, 261, 262, 265, 266, 267, 268, 270, 271, 272, 273, 277, 289, 291, 296, 297, 298, 311, 316, 321, 329, 464, 528, 534, 542, 554, 558, 568, 579, 582, 585, 589, 590, 592, 595, 600, 601, 602, 610, 615, 616, 626, 634, 636, 642, 646, 647, 652, 653, 654, 656, 658, 659, 662, 663, 667, 668, 671, 672, 673, 683, 686, 688, 692, 697, 700, 705, 707, 712, 716, 717, 719, 728, 750, 764, 768, 771, 772, 793, 796, 797, 799, 801, 803, 805, 806, 809, 820, 826, 828, 829, 832, 854, 859, 860, 875, 878, 879, 882, 885, 886, 889, 892, 899, 903, 904, 913, 923, 926, 928, 936, 941, 943, 946, 953, 956, 973, 989, 990, 995, 1004, 1005, 1012, 1015, 1034, 1036, 1038, 1039, 1044, 1051, 1053, 1056, 1059, 1061, 1080, 1082, 1083, 1085, 1088, 1091, 1096, 1097, 1098, 1099, 1102, 1106, 1108, 1110, 1114, 1115, 1116, 1118, 1119, 1120, 1121, 1123, 1180, 1189, 1191, 1219, 1225, 1228, 1230, 1242, 1251, 1256, 1262, 1272, 1273, 1277, 1292, 1311, 1315, 1324, 1325, 1332, 1335, 1341, 1360, 1361, 1366, 1375, 1377, 1379, 1381, 1386, 1395, 1417, 1420, 1421, 1430, 1433, 1438, 1444, 1464, 1498, 1504, 1514, 1518, 1522, 1562, 1585, 1587, 1588, 1618, 1642, 1655, 1673, 1675, 1676, 1681, 1694, 1760, 1762, 1778, 1781, 1792, 1795, 1798, 1807, 1814, 1815, 1821, 1840, 1845, 1847, 1850, 1852, 1855, 1858, 1861, 1868, 1889, 1900, 1904, 1914, 1915, 1918, 1920, 1964, 1973, 1979, 1998, 2001, 2006, 2022, 2034, 2035, 2043, 2049, 2065, 2070, 2081, 2089, 2132, 2139, 2145, 2177, 2205, 2210, 2216, 2224, 2232, 2240, 2259, 2266, 2267, 2268, 2269, 2280, 2283, 2286, 2288, 2296, 2298, 2305, 2329, 2330, 2332, 2366, 2370
- Senhorinha, abadessa, 982
- Sérgio, 806
- Sesinando, 2030
- Severim, 885
- Silvestre, papa, 174, 175, 219, 270, 290, 295, 430, 442, 538, 610, 629, 673, 685, 1038,

- 1088, 1095, 1099, 1343, 1349, 1360, 1694, 1807, 2184, 2295, 2327
- Simão de Rojas, religioso trinitário, 1918
- Simão Stock, carmelita, 130, 630, 801, 805, 809, 1009, 1586, 1712, 2071, 2189, 2332
- Simão, apóstolo, 113, 198, 272, 320, 323, 576, 643, 646, 673, 751, 797, 809, 923, 936, 943, 1012, 1023, 1099, 1102, 1103, 1110, 1117, 1119, 1121, 1180, 1348, 1496, 1771, 1807, 1815, 1858, 2089, 2090, 2208, 2227, 2270, 2284
- Simeão Estilista, 2002
- Simeão, profeta, 295
- Sofia, mártir, 700, 879, 885, 953, 1058, 1118, 1121, 2028, 2156
- Sousa Martins, médico, 246, 431, 510, 515, 518, 519, 520, 521, 522, 525
- Susana, mártir, 40, 109, 285, 544, 652, 879, 882, 1058, 1091, 1315, 1730, 1870, 1971, 2112, 2176, 2266, 2268, 2272, 2327
- T -
- Teotónio, prior, 156, 573, 711, 797, 1097, 1469, 2129, 2145, 2223
- Teresa de Ávila, ver Teresa de Jesus, 168, 179, 193, 213, 215, 221, 248, 266, 305, 428, 508, 550, 610, 668, 705, 707, 708, 715, 731, 748, 754, 766, 785, 793, 794, 796, 797, 801, 804, 805, 809, 810, 852, 864, 906, 920, 936, 952, 979, 980, 1001, 1010, 1026, 1068, 1071, 1121, 1790, 1815, 1816, 1822, 1823, 1829, 1833, 1835, 1840, 1861, 1918, 1921, 1930, 2000, 2050, 2051, 2071, 2105, 2109, 2126, 2148, 2149, 2285, 2294, 2348, 2354, 2370
- Teresa de Jesus, ver Teresa de Ávila, 168, 179, 193, 213, 215, 221, 248, 266, 305, 428, 508, 550, 610, 668, 705, 707, 708, 715, 731, 748, 754, 766, 785, 793, 794, 796, 797, 801, 804, 805, 809, 810, 852, 864, 906, 920, 936, 952, 979, 980, 1001, 1010, 1026, 1068, 1071, 1121, 1790, 1815, 1816, 1822, 1823, 1829, 1833, 1835, 1840, 1861, 1918, 1921, 1930, 2000, 2050, 2051, 2071, 2105, 2109, 2126, 2148, 2149, 2285, 2294, 2348, 2354, 2370
- Teresa de Lisieux, ver Teresinha do Menino Jesus, 653
- Teresa Madalena Fantou, mártir, 407
- Teresa, infanta, cisterciense, 2043, 2152
- Teresinha do Menino Jesus, 236, 248, 416, 512, 516, 527, 534, 573, 623, 653, 656, 658, 697, 716, 797, 916, 949, 969, 1360, 1870, 1902, 2031, 2332
- Tiago Menor, apóstolo, 797, 936, 1119, 1771, 1781, 1815, 2023
- Tiago, apóstolo, 15, 16, 28, 39, 40, 41, 42, 45, 46, 62, 75, 89, 108, 109, 112, 113, 120, 133, 135, 137, 147, 155, 159, 168, 170, 171, 181, 188, 199, 216, 219, 225, 228, 237, 239, 241, 245, 247, 256, 257, 259, 269, 272, 274, 279, 281, 283, 296, 354, 529, 533, 538, 542, 546, 558, 559, 560, 576, 590, 595, 598, 621, 632, 637, 639, 646, 652, 662, 669, 671, 679, 685, 712, 729, 750, 758, 765, 772, 788, 795, 796, 797, 798, 799, 800, 801, 802, 803, 805, 809, 813, 814, 817, 826, 832, 863, 879, 882, 899, 910, 912, 923, 931, 937, 946, 948, 960, 989, 996, 1009, 1011, 1012, 1023, 1024, 1031, 1036, 1044, 1051, 1056, 1059, 1061, 1063, 1064, 1079, 1091, 1097, 1098, 1099, 1100, 1102, 1108, 1110, 1119, 1121, 1139, 1173, 1203, 1219, 1229, 1272, 1289, 1303, 1324, 1325, 1373, 1417, 1518, 1574, 1620, 1636, 1674, 1675, 1722, 1771, 1773, 1778, 1781, 1797, 1807, 1811, 1837, 1846, 1855, 1868, 1887, 1893, 1895, 1897, 1944, 1975, 2008, 2023, 2028, 2048, 2057, 2068, 2075, 2084, 2086, 2115, 2120, 2167, 2171, 2191, 2228, 2240, 2246, 2263, 2268, 2269, 2273, 2284, 2297, 2362
- Tobias, mártir, 1955, 2189, 2202
- Tomás Becket, bispo de Cantuária, 1277
- Tomás de Aquino, 222, 592, 607, 783, 790, 793, 796, 805, 806, 902, 906, 920, 936, 974, 1032, 1770, 1815, 1829, 1835, 1849
- Tomás de Vilanova, bispo, agostinho, 296
- Tomé, apóstolo, 184, 275, 715, 716, 797, 923, 936, 979, 1012, 1023, 1036, 1106, 1119, 1377, 1771, 1778, 1815, 2000, 2030, 2126, 2165, 2176, 2254, 2284
- Torcato, 879
- Torpes, mártir local, 129, 268, 924, 1088

Toscana, 805, 1802
Tude ou Antídio, mártir, 957, 1772

– U –

Umbelina, irmã de São Bernardo, 797
Urbano, papa, 974, 1041, 2365, 2371
Urso de Seleure, mártir, 2345, 2346
Úrsula, mártir, 576, 697, 805, 839, 894, 1088,
1121, 1821, 1848, 1989, 2013, 2024, 2076,
2265, 2270, 2280, 2286

2145, 2157, 2169, 2205, 2275, 2281, 2283,
2286, 2296, 2339, 2341, 2366, 2373
Vicente, Sabina e Cristeta, mártires locais,
129, 542, 1097, 1900, 1913
Vito, 839
Vitória, mártir, 200, 621, 805, 878, 1121,
2298

– Z –

Zacarias, 206

– V –

Valentim, 187, 281, 289, 923, 1036, 1082,
1083
Valentim, bispo, mártir, 974, 1041, 2365,
2371
Valeriano, 1355
Veríssimo, Máxima e Júlia, mártires locais,
112, 345, 366, 786, 912, 1019, 1024, 1308,
1334, 1480, 1570, 1781, 2023, 2068, 2084,
2259, 2286, 2337
Verónica, 463, 464, 712, 750, 826, 1415,
1844, 1861, 1985, 2002, 2239, 2332
Vicente de Paulo, 151, 202, 222, 290, 407,
704, 731, 900, 1093, 1748, 1833
Vicente de Troyes, bispo, 183
Vicente Ferrer, 670, 772, 793, 797, 806, 1846
Vicente, mártir, 27, 43, 44, 103, 109, 134,
140, 150, 172, 176, 180, 185, 187, 206,
229, 240, 241, 264, 269, 275, 279, 283,
288, 289, 296, 336, 339, 354, 387, 401,
432, 475, 499, 535, 558, 572, 579, 585,
587, 590, 604, 610, 626, 644, 647, 666,
679, 689, 693, 697, 700, 703, 731, 746,
781, 795, 799, 801, 802, 803, 805, 809,
828, 839, 842, 859, 863, 870, 875, 879,
892, 903, 923, 936, 953, 957, 995, 1012,
1014, 1036, 1044, 1051, 1084, 1094, 1118,
1121, 1129, 1150, 1180, 1187, 1301, 1307,
1308, 1319, 1324, 1333, 1335, 1341,
1355, 1356, 1363, 1365, 1371, 1377,
1382, 1398, 1419, 1438, 1499, 1504,
1551, 1570, 1599, 1628, 1772, 1815,
1821, 1840, 1854, 1859, 1871, 1881,
1915, 1939, 1987, 1989, 1993, 2053,
2062, 2065, 2066, 2103, 2123, 2132,

ÍNDICE DE NOMES DE NOSSA SENHORA

- A -

- Abóboda, 158, 847, 1051
Açougues, 51, 172, 180, 544, 548, 863, 1060
Adema, 737, 1033, 1566
Aflitos, 773, 857, 1023, 1191, 1257, 1813
África, 1215
Agosto, 46, 62, 180, 1180, 1417, 1474, 1510
Aires, 151, 263, 797, 802, 960, 986, 1205,
1226, 1255, 1266, 1676, 1777, 1845, 2240,
2296
Ajuda, 151, 165, 644, 647, 663, 698, 773,
795, 810, 815, 879, 923, 925, 1046, 1096,
1097, 1113, 1360, 1379, 1481, 1760, 2034
Alabaça, ver Arrabaça, 1226
Alacamé, 892
Alagada, 188, 924, 1214
Alagoa, ver Lagoa, 228, 693, 2273
Albergaria, 183, 696, 1777, 2268
Alcáçova, 51, 172, 180, 190, 682, 863, 971,
1060, 1777
Alcamé, 308, 891, 953, 1242, 1273, 1379
Alcance, 151, 201, 1777, 2024
Alecrim, 651
Alegria, 157, 232, 273, 321, 447, 656, 657,
670, 788, 963, 1097, 1119, 1256, 1777
Aleijados, 1121
Alfândegas, 1209, 1217
Almas, 773, 1257, 1777
Altos Céus, 1214
Ameal, 283, 296, 899, 2035
Ameixoeira, 224, 1100
Amparo, 168, 194, 248, 296, 461, 663, 683,
758, 773, 795, 797, 802, 806, 809, 885,
956, 1099, 1109, 1116, 1119, 1181, 1188,
1249, 1256, 1279, 1280, 1364, 1624, 1665,
1722, 1777, 1781, 1801, 1807, 1851, 2069,
2316
Angelical, ver Anunciada, 221
Angústias, 578, 758, 879, 2023
Anjo, 91, 603
Anjos, 32, 62, 164, 168, 169, 170, 207, 222,
236, 244, 260, 262, 287, 288, 659, 663,
683, 686, 691, 700, 705, 757, 758, 765,
773, 806, 809, 886, 928, 952, 954, 978,
1079, 1085, 1100, 1101, 1102, 1123, 1191,
1192, 1196, 1220, 1375, 1381, 1467, 1518,
1660, 1675, 1701, 1702, 1811, 1841, 2006,
2315, 2378
Anunciação, 113, 206, 292, 683, 773, 797,
805, 1085, 1150, 1474, 1777, 1845, 1852,
2016, 2250, 2272
Anunciada, 164, 221, 250, 251, 346, 543,
565, 1097, 1220, 1241, 1248, 1375, 1440,
1580, 1704, 1764, 1768, 1914, 2362
Aparecida, 1113
Apresentação, 262, 587, 594, 805, 1018, 1360
Ar, 222
Ara-Coeli, 241, 2268
Arco, 1946
Areias, 1256
Aroeira, 1777
Arrabaça, 951, 1226
Arrábida, 168, 221, 250, 251, 282, 435, 460,
852, 936, 938, 943, 1077, 1117, 1196,
1203, 1220, 1221, 1222, 1241, 1258, 1277,
1282, 1375, 1440, 2002, 2032, 2332
Ascensão, 188, 783, 1076
Assunção, 27, 151, 158, 165, 180, 183, 190,
200, 219, 235, 238, 246, 252, 257, 258,

- 266, 269, 270, 272, 275, 285, 288, 299, 435, 534, 536, 538, 544, 547, 558, 562, 564, 576, 577, 581, 595, 603, 610, 630, 631, 634, 638, 671, 673, 681, 685, 693, 696, 700, 702, 705, 712, 716, 750, 773, 777, 794, 797, 804, 805, 809, 819, 832, 857, 859, 879, 892, 900, 902, 946, 956, 960, 971, 999, 1032, 1036, 1037, 1038, 1051, 1081, 1088, 1095, 1097, 1098, 1100, 1110, 1114, 1116, 1118, 1119, 1121, 1179, 1187, 1192, 1201, 1207, 1216, 1219, 1227, 1242, 1257, 1273, 1304, 1335, 1358, 1373, 1375, 1381, 1408, 1498, 1620, 1628, 1629, 1633, 1709, 1770, 1777, 1845, 1848, 1852, 1857, 1861, 1879, 1929, 1931, 1954, 1970, 1974, 1984, 1985, 2046, 2164, 2180, 2240, 2255, 2268, 2270, 2271, 2272, 2296
- Atalaia, 42, 181, 185, 245, 252, 293, 464, 582, 587, 600, 632, 667, 668, 729, 752, 1184, 1195, 1196, 1200, 1202, 1203, 1209, 1217, 1220, 1224, 1251, 1258, 1272, 1362, 1403, 1406, 1407, 1438, 1443, 1448, 1449, 1451, 1460, 1489, 1585, 1591, 1596, 1605, 1777, 2032, 2039, 2049, 2088, 2118, 2120, 2231, 2232, 2233, 2271, 2329
- Atalainha, 135, 260, 1004
- Atocha, 1987, 1993
- Auxiliadora, 676, 1055, 1850
- Azambujeiro, 1100
- Azenha, 1214
- B -
- Barroquinha, 700, 860, 928, 1187, 1358
- Belém, 140, 206, 294, 536, 698, 773, 810, 1119, 1164, 1192, 1356, 1587, 1762, 1784, 1785, 1880, 1968, 2004, 2034, 2138, 2168, 2204, 2284, 2286
- Bem Casados, 180, 971, 1777, 1841, 2024
- Benafilé, ver Nascimento, ver Boa Fé, 879, 1097, 1121, 1226
- Bentinho, 1071
- Bispo, 578, 606, 742, 798, 1044, 1121
- Boa Água, 160
- Boa Fé, 809, 862, 879, 1097, 1121, 1226, 1247, 1777
- Boa Hora, 150, 168, 568, 688, 899, 1016, 1113, 1505, 2086
- Boa Morte, 537, 562, 576, 603, 734, 750, 773, 800, 806, 809, 826, 900, 903, 926, 966, 992, 1014, 1068, 1071, 1121, 1207, 1257, 1281, 1409, 1505, 1777, 1790, 1794, 1841, 1847, 1877, 2025, 2106, 2134
- Boa Nova, 168, 202, 383, 623, 726, 773, 1050, 1197, 1205, 1247, 1266, 1376, 1621, 1777, 1846
- Boa Sentença, 168
- Boa Viagem, 72, 73, 135, 194, 254, 260, 270, 271, 289, 293, 294, 417, 486, 610, 653, 719, 1004, 1063, 1077, 1079, 1120, 1191, 1196, 1203, 1220, 1257, 1258, 1262, 1267, 1272, 1315, 1341, 1384, 1618, 1777, 1788, 1982, 2122, 2232, 2263, 2266, 2268, 2332
- Bom Despacho, 186, 824
- Bom Parto, 1792
- Bom Sucesso, 170, 183, 218, 222, 247, 267, 287, 300, 621, 632, 683, 696, 721, 773, 783, 790, 820, 822, 832, 837, 881, 904, 928, 1016, 1032, 1100, 1119, 1187, 1196, 1220, 1226, 1257, 1358, 1777, 1877, 1992, 2028, 2030, 2268, 2319
- Bom Sucesso dos Agonizantes, 750, 1589, 1614, 1984, 1985
- Bonança, 1335, 1361
- Bonfim, 1257, 2032
- Brotas, 51, 173, 307, 612, 615, 652, 752, 802, 833, 879, 951, 1040, 1091, 1097, 1121, 1198, 1205, 1208, 1212, 1226, 1244, 1245, 1246, 1247, 1581, 1679, 1777, 1852, 1956, 2177
- Bróteas, ver Brotas, 1226
- C -
- Cabeça, 178, 621, 799, 802, 803, 809, 960, 1097, 1192, 1257, 2319
- Cabeças, 1214
- Cabo, 158, 168, 196, 223, 233, 248, 252, 254, 277, 280, 282, 288, 293, 294, 300, 314, 319, 417, 425, 435, 458, 460, 464, 479, 480, 486, 550, 558, 605, 644, 668, 695, 752, 773, 825, 846, 890, 901, 934, 938, 947, 977, 989, 1032, 1069, 1077, 1078, 1102, 1184, 1196, 1202, 1203, 1211, 1213, 1218, 1220, 1221, 1223, 1224, 1227, 1232, 1233, 1234, 1235, 1236, 1237, 1251, 1257,

- 1264, 1272, 1277, 1348, 1361, 1364, 1378, 1385, 1393, 1394, 1403, 1408, 1412, 1418, 1427, 1428, 1435, 1436, 1438, 1443, 1448, 1450, 1451, 1452, 1453, 1454, 1455, 1456, 1457, 1460, 1463, 1464, 1585, 1596, 1675, 1887, 1897, 2032, 2077, 2079, 2222, 2232, 2263, 2298, 2303, 2328, 2331, 2332
- Cacho, 805
- Cadeira, 1257
- Cais, 460, 1230, 1258, 1440, 1442, 2032
- Calvário, 576, 1863
- Caminhantes, 1257
- Caminhos, 262, 1130
- Candeias, 178, 185, 201, 207, 223, 233, 262, 274, 544, 548, 558, 587, 647, 689, 739, 801, 879, 1097, 1098, 1118, 1119, 1205, 1247, 1257, 1266, 1272, 1304, 1374, 1510, 1581, 1777, 1891, 2177, 2296
- Candelária, 180, 1417
- Capelinha, 430
- Capítulo, 224, 686
- Caridade, 228, 597, 644, 773, 992, 1036, 1214, 1335, 2273
- Carmen, 282, 943, 1077, 1184, 1222, 1224, 1258, 1272, 1427
- Carmo, 41, 130, 150, 151, 168, 173, 183, 186, 187, 188, 193, 206, 221, 222, 228, 230, 233, 236, 256, 257, 258, 262, 269, 270, 279, 289, 324, 326, 335, 346, 347, 349, 353, 381, 384, 391, 392, 395, 398, 403, 404, 406, 417, 435, 495, 500, 527, 528, 534, 537, 547, 562, 573, 576, 589, 593, 594, 597, 616, 630, 631, 644, 670, 696, 722, 748, 789, 797, 799, 800, 802, 803, 804, 805, 809, 810, 820, 822, 828, 829, 843, 857, 866, 898, 916, 926, 932, 939, 950, 952, 988, 1009, 1011, 1016, 1034, 1071, 1080, 1097, 1098, 1102, 1118, 1119, 1121, 1130, 1182, 1187, 1203, 1204, 1211, 1219, 1222, 1226, 1256, 1272, 1310, 1338, 1409, 1417, 1578, 1595, 1596, 1603, 1629, 1632, 1712, 1734, 1777, 1790, 1806, 1807, 1812, 1846, 1945, 1957, 1998, 2019, 2023, 2028, 2030, 2032, 2034, 2039, 2065, 2066, 2071, 2073, 2111, 2131, 2164, 2165, 2170, 2181, 2189, 2212, 2230, 2240, 2255, 2265, 2270, 2271, 2319, 2320, 2332, 2339, 2352, 2354, 2368
- Carril, 647
- Carvalho, 903, 1885
- Casados, 172, 837, 862, 863
- Castelo, 40, 109, 228, 236, 241, 256, 267, 269, 281, 282, 283, 296, 300, 580, 598, 631, 637, 638, 664, 802, 817, 878, 879, 899, 951, 987, 989, 1032, 1044, 1091, 1121, 1184, 1205, 1219, 1226, 1238, 1259, 1266, 1272, 1405, 1620, 1626, 1679, 1731, 1814, 1969, 2243
- Cátedra, 30, 1058, 1249
- Cátela, ver Cátedra, 1058
- Cebonha, ver Sabonha, 229
- Cegonha, ver Sabonha, 229
- Cercal, 249
- Ciladas, 213
- Cinta, 108, 109, 241, 937, 1239, 2268
- Comenda, ver Necessidades, 188
- Conceição, 30, 49, 70, 72, 105, 113, 140, 151, 156, 158, 165, 168, 174, 176, 177, 178, 179, 180, 182, 185, 187, 188, 190, 197, 200, 204, 206, 208, 211, 215, 219, 223, 225, 226, 227, 228, 229, 233, 235, 240, 244, 245, 246, 248, 255, 256, 257, 259, 261, 266, 268, 270, 277, 281, 287, 288, 289, 296, 297, 305, 342, 435, 451, 529, 534, 535, 537, 538, 543, 544, 548, 551, 558, 571, 575, 576, 580, 582, 583, 584, 592, 594, 596, 599, 601, 608, 610, 621, 623, 626, 628, 631, 633, 634, 636, 647, 649, 652, 653, 658, 661, 663, 666, 668, 669, 672, 680, 683, 684, 686, 688, 690, 698, 700, 701, 702, 703, 705, 707, 708, 716, 731, 748, 750, 762, 763, 766, 773, 787, 788, 789, 791, 793, 796, 797, 798, 802, 804, 805, 806, 808, 809, 820, 824, 826, 828, 832, 833, 839, 847, 852, 857, 859, 862, 870, 878, 879, 885, 886, 891, 892, 899, 900, 903, 904, 914, 915, 916, 923, 924, 925, 926, 946, 963, 964, 973, 976, 978, 979, 987, 989, 991, 998, 999, 1001, 1005, 1009, 1011, 1012, 1014, 1032, 1034, 1036, 1044, 1045, 1048, 1050, 1051, 1059, 1060, 1068, 1071, 1077, 1088, 1091, 1095, 1097, 1098, 1099, 1100, 1101, 1104, 1114, 1116, 1118, 1119, 1121, 1142, 1155, 1176, 1184, 1188, 1192, 1203, 1204, 1205, 1207, 1209, 1210, 1216, 1217, 1219, 1221,

1222, 1224, 1226, 1238, 1246, 1247, 1249,
 1251, 1254, 1256, 1257, 1259, 1266, 1267,
 1290, 1303, 1315, 1323, 1329, 1341, 1343,
 1349, 1360, 1366, 1371, 1372, 1373, 1375,
 1378, 1379, 1405, 1408, 1417, 1453, 1465,
 1467, 1474, 1477, 1499, 1510, 1561, 1575,
 1578, 1585, 1599, 1600, 1605, 1612, 1615,
 1618, 1619, 1620, 1625, 1629, 1664, 1676,
 1689, 1713, 1714, 1718, 1721, 1734, 1744,
 1773, 1776, 1777, 1781, 1782, 1790, 1792,
 1802, 1807, 1809, 1817, 1818, 1820, 1836,
 1837, 1841, 1843, 1844, 1846, 1850, 1851,
 1852, 1861, 1866, 1868, 1877, 1902, 1907,
 1918, 1926, 1945, 1955, 1957, 1972, 1982,
 1984, 1987, 1988, 1992, 1993, 1994, 1998,
 2020, 2034, 2036, 2039, 2049, 2063, 2065,
 2069, 2070, 2071, 2073, 2076, 2078, 2109,
 2122, 2124, 2134, 2155, 2175, 2177, 2180,
 2194, 2215, 2225, 2229, 2244, 2246, 2250,
 2255, 2266, 2269, 2270, 2282, 2286, 2296,
 2315, 2319, 2329, 2332, 2335, 2348, 2354
 Conceição da Rocha, ver Rocha, 194, 254,
 309, 784, 1199, 1460, 1565, 1571, 2296
 Consolação, 168, 180, 190, 241, 284, 435,
 560, 635, 652, 693, 706, 753, 773, 802,
 805, 926, 971, 989, 1050, 1102, 1119, 1184,
 1192, 1203, 1427, 1562, 1629, 1777, 1846,
 1848, 1852, 2081, 2086, 2161, 2206, 2263,
 2268
 Consoladora dos Afritos, 1780
 Coração de Maria, 244, 360, 363, 683, 966,
 1026, 1129, 1257, 1850
 Coroa, 808
 Correia, 296, 688, 899
 Cruz, 230, 1009

– D –

Defuntos, 268
 Desamparados, 687, 718
 Desterro, 150, 258, 535, 647, 700, 716, 747,
 761, 808, 984, 1039, 1231, 1257, 2286
 Devesa, 276, 562, 670, 1527, 2036
 Dolorosa, 808, 2097
 Dolores, 151, 176, 180, 185, 222, 225, 245,
 267, 295, 461, 568, 573, 576, 582, 588,
 592, 623, 643, 653, 659, 663, 683, 697,
 731, 750, 773, 793, 797, 801, 804, 805,

806, 809, 826, 828, 859, 862, 876, 899,
 937, 962, 964, 1011, 1016, 1023, 1059,
 1097, 1206, 1208, 1256, 1257, 1285, 1290,
 1323, 1329, 1347, 1352, 1359, 1361, 1366,
 1393, 1417, 1477, 1481, 1585, 1605, 1617,
 1631, 1680, 1777, 1778, 1780, 1781, 1791,
 1807, 1809, 1813, 1850, 1863, 1877, 1915,
 1918, 2034, 2042, 2073, 2142, 2284, 2329
 Doutrina, 712, 750, 826, 1052, 1133, 1589,
 1614, 1775, 1861, 1985, 1992, 2369

– E –

Egipto, 686, 793, 1058, 1100, 1155, 1214
 Encarnação, 59, 151, 182, 192, 211, 219, 264,
 270, 425, 430, 549, 624, 673, 674, 686,
 731, 797, 805, 809, 820, 911, 912, 983,
 1009, 1038, 1068, 1071, 1095, 1097, 1100,
 1187, 1204, 1257, 1302, 1510, 1593, 1777,
 1781, 1992, 1994, 1998, 2019, 2023, 2084,
 2240, 2284, 2291, 2296, 2319, 2327
 Enfermaria, 697, 923, 957, 1371
 Enfermos, 233, 945, 1042
 Entre-Águas, 951, 1205, 1226, 1751, 1777
 Enxara, 226, 616, 898, 1226, 1256, 1777
 Ervas, 797, 1777, 1971
 Escada, 749, 773, 923, 1946
 Escudeira, 1196, 1222
 Esperança, 30, 155, 156, 160, 161, 228, 274,
 295, 461, 508, 564, 567, 700, 787, 802,
 806, 874, 892, 953, 963, 978, 982, 984,
 988, 992, 1036, 1097, 1099, 1119, 1121,
 1188, 1191, 1192, 1208, 1226, 1247, 1249,
 1256, 1323, 1523, 1651, 1773, 1807, 1851,
 2086, 2226, 2255
 Espinheiro, 735, 738, 739, 743, 795, 799,
 800, 802, 803, 809, 875, 889, 950, 1097,
 1098, 1155, 1214, 1777, 1925, 1931, 1932,
 1933, 1935
 Estrela, 91, 171, 295, 311, 316, 321, 644, 698,
 720, 731, 779, 788, 829, 855, 931, 960,
 1036, 1099, 1134, 1181, 1192, 1256, 1304,
 1323, 1419, 1789, 1807, 2034, 2246
 Estrelas, 1799, 1968
 Eucaristia, 590
 Expectação, ver Ó, 59, 191, 192, 239, 264,
 270, 425, 578, 581, 603, 610, 611, 616,
 619, 631, 673, 801, 898, 951, 1038, 1051,

1058, 1095, 1097, 1100, 1103, 1119, 1121,
1192, 1208, 1216, 1257, 1342, 1504, 1676,
1777, 1868

– F –

Farpados, 283

Fastio, 1214

Fátima, 135, 151, 178, 179, 180, 200, 207,
215, 222, 229, 231, 236, 244, 260, 274,
286, 296, 380, 416, 435, 516, 527, 534,
535, 544, 558, 562, 569, 573, 576, 582,
589, 612, 623, 653, 656, 659, 663, 680,
688, 706, 716, 776, 797, 805, 826, 829,
879, 896, 899, 955, 956, 978, 1005, 1010,
1040, 1043, 1047, 1049, 1056, 1080, 1093,
1109, 1130, 1219, 1257, 1261, 1263, 1268,
1276, 1360, 1361, 1381, 1417, 1442, 1585,
1850, 1902, 1982, 1987, 1993, 2033, 2065,
2230, 2274, 2320

Favores, 1100

Fé, 543, 716, 1214, 1377

Fiéis, 646

Flor, 1110, 1192

Flor da Rosa, 972, 973

Flores, 1208

Fortaleza, 647

Franca, 662

Funchal, 624, 983, 1593

– G –

Gargantada, 1214

Giesteira, 2271, 2296

Glória, 178, 609, 621, 644, 751, 773, 809,
1097, 1100, 1119, 1396, 1931, 1978

Governo, 870

Graça, 8, 32, 51, 75, 135, 137, 150, 158, 163,
164, 165, 166, 173, 180, 183, 188, 190, 206,
209, 212, 222, 224, 231, 250, 260, 264, 272,
281, 283, 288, 290, 296, 350, 354, 368, 422,
491, 530, 535, 542, 559, 567, 577, 591, 612,
616, 626, 633, 647, 655, 663, 683, 686, 688,
696, 738, 744, 764, 773, 782, 796, 797, 799,
800, 802, 803, 806, 820, 830, 838, 843, 879,
898, 899, 900, 930, 950, 959, 985, 988, 990,
993, 998, 1002, 1004, 1059, 1088, 1096,
1097, 1099, 1100, 1101, 1110, 1116, 1119,

1121, 1144, 1149, 1160, 1191, 1192, 1208,
1219, 1229, 1256, 1257, 1260, 1275, 1301,
1315, 1326, 1375, 1396, 1417, 1419, 1420,
1424, 1430, 1467, 1477, 1595, 1658, 1694,
1777, 1781, 1807, 1851, 1852, 1877, 2035,
2112, 2165, 2180, 2202, 2221, 2223, 2241,
2268, 2286

Graças, 197, 354, 652, 703, 709, 1051, 1121,
1130, 1498

Grande, 590

Granja, 1214

Guadalupe, 213, 544, 548, 651, 879, 924,
1097, 1185, 1226, 1247, 1272, 1277, 1568,
1595, 1596, 1777, 1852, 1904, 1907, 2000

Guia, 158, 242, 246, 266, 288, 317, 683, 716,
773, 795, 809, 837, 978, 1010, 1051, 1074,
1096, 1191, 1417, 1637, 1777, 1868, 2069,
2135, 2174, 2248, 2378

– H –

Horas, 797

– I –

Imaculada Conceição, 151, 170, 252, 296,
302, 332, 333, 340, 341, 343, 355, 360,
363, 380, 388, 390, 435, 439, 456, 483,
504, 542, 594, 616, 620, 631, 669, 717,
805, 871, 911, 946, 1176, 1207, 1372,
1433, 1504, 1625, 1744, 1771, 1805, 1913,
1942, 1951, 2000, 2036, 2037, 2063, 2070,
2095, 2129, 2142, 2143, 2145, 2162, 2179,
2189, 2210, 2231, 2238, 2244, 2255, 2276,
2277, 2279, 2298, 2315

Inocentes, 266, 1051, 1191

– J –

Jesus, 1036, 1709

– L –

La Salette, 2332

Lagoa, 228, 598, 650, 693, 797, 926, 1062,
1777, 2273

Lapa, 204, 227, 232, 270, 321, 430, 595, 626,
644, 694, 717, 773, 797, 830, 884, 888,

- 1005, 1119, 1256, 1302, 1348, 1373, 1625, 1763, 1773, 1777, 1809, 1841
- Lavradores, 1664
- Leite, 705, 792, 797, 875, 1125, 1925, 1933, 2284
- Livração, ver Livramento, 1192
- Livramento, 150, 168, 270, 289, 460, 476, 610, 644, 694, 756, 766, 770, 773, 820, 924, 952, 1038, 1051, 1092, 1100, 1113, 1121, 1192, 1194, 1208, 1257, 1443, 1777, 1844, 2143, 2327
- Loreto, 189, 549, 651, 714, 796, 797, 923, 1104, 1119, 1279, 1280, 1302, 1356, 1398, 1577, 1579, 1777, 1833, 1835, 1837, 1841, 1846, 1852, 2217, 2255, 2256, 2284, 2299
- Lurdes, 135, 215, 256, 527, 576, 964, 1236, 1257, 1360, 1777, 1807, 1877
- Luz, 140, 159, 163, 166, 168, 180, 201, 233, 234, 258, 269, 279, 282, 435, 470, 529, 530, 535, 550, 590, 602, 604, 618, 630, 631, 634, 641, 646, 686, 704, 707, 710, 716, 731, 809, 836, 879, 923, 950, 970, 978, 1010, 1023, 1038, 1064, 1081, 1082, 1083, 1097, 1100, 1106, 1119, 1121, 1177, 1183, 1184, 1192, 1201, 1203, 1226, 1240, 1256, 1257, 1272, 1277, 1427, 1448, 1496, 1499, 1567, 1771, 1777, 1781, 1844, 1849, 1992, 2028, 2030, 2037, 2110, 2111, 2162, 2205, 2212, 2286, 2329
- M -
- Machede, 1777, 1901
- Madre ou Mãe de Deus, 173, 186, 230, 287, 298, 305, 528, 535, 589, 636, 731, 758, 760, 764, 773, 810, 820, 829, 895, 904, 976, 1036, 1058, 1097, 1335, 1352, 1356, 1433, 1500, 1780, 1895, 1927, 1936, 1992, 2013, 2014, 2082, 2083, 2098, 2101, 2102, 2103, 2105, 2106, 2146, 2158, 2163, 2187, 2210, 2237, 2259, 2286, 2360, 2361
- Mãe dos Homens, 644, 773, 805, 809, 810, 951, 989, 1106, 1226, 1243, 1252, 1387, 1751, 1777, 1877, 2206, 2332
- Mãe dos Pecadores, ver Misericórdias, 805
- Manto, 853, 2186, 2265
- Mar, 1191
- Maravilhas, 805
- Mareantes, 805, 1777
- Maria, 15, 25, 39, 40, 57, 91, 109, 113, 120, 133, 137, 147, 156, 170, 171, 179, 199, 206, 214, 219, 224, 228, 231, 238, 241, 245, 257, 261, 264, 295, 296, 354, 413, 457, 527, 532, 535, 542, 545, 546, 548, 564, 576, 583, 595, 599, 604, 605, 617, 620, 621, 622, 631, 640, 646, 650, 651, 652, 666, 669, 672, 686, 688, 716, 733, 750, 751, 758, 759, 776, 779, 797, 799, 802, 804, 805, 862, 885, 913, 930, 931, 963, 989, 996, 1032, 1054, 1058, 1068, 1071, 1091, 1134, 1176, 1192, 1196, 1216, 1226, 1243, 1301, 1323, 1375, 1392, 1438, 1492, 1578, 1588, 1589, 1593, 1595, 1596, 1614, 1620, 1656, 1724, 1725, 1726, 1728, 1807, 1847, 1848, 1891, 1901, 1922, 1927, 1951, 1961, 1985, 2000, 2012, 2016, 2029, 2103, 2110, 2136, 2153, 2154, 2165, 2206, 2232, 2268, 2269, 2271, 2344
- Maria Imaculada, 380, 413
- Maria Maior, 269, 1063, 1199, 1335, 1356
- Mártires, 108, 109, 172, 180, 190, 241, 253, 529, 538, 555, 621, 636, 666, 685, 753, 773, 802, 805, 820, 900, 921, 937, 971, 973, 976, 1034, 1035, 1226, 1239, 1247, 1696, 1761, 1777, 1802, 1852, 2189, 2246, 2248, 2268
- Mater Dolorosa, 1959
- Mato, 296
- Matos, 1214
- Medalha Milagrosa, 703
- Melides, 165, 206
- Memória, 1191
- Merceana, 181, 224
- Mercês, 634, 700, 707, 773, 797, 799, 803, 805, 809, 810, 950, 1097, 1118, 1119, 1191, 1251, 1256, 1265, 1271, 1343, 1629, 1777, 1781, 2229, 2232
- Milagres, 151, 178, 213, 236, 283, 296, 518, 663, 773, 797, 978, 1121, 1192, 1208, 1777, 2026
- Mileu, 177, 621, 672, 1226, 1777
- Miradouro, 1214
- Misericórdia, 28, 147, 151, 165, 168, 176, 207, 266, 296, 599, 644, 646, 683, 686, 687, 700, 705, 709, 742, 763, 802, 805, 853, 873, 878, 955, 989, 1035, 1098, 1257, 1272, 1453,

1655, 1681, 1682, 1725, 1727, 1730, 1868,
1918, 1985, 2110, 2121, 2155, 2175, 2183,
2186, 2190, 2192, 2197, 2212, 2220, 2247,
2248, 2250, 2253, 2255, 2264, 2265, 2266,
2286, 2291, 2298, 2300, 2370, 2371
Misericórdias, 797, 805, 926, 1814
Modéstia, 900
Monserrate, 206, 252, 683, 718, 1097, 1227,
1419, 1420
Monte, 153, 155, 206, 219, 261, 281, 593,
773, 812, 813, 879, 923, 924, 930, 1011,
1036, 1128, 1211, 1335, 1396, 1877, 2154,
2268
Monte Agudo, 644, 703
Monte Carmo, 282, 561, 579, 595, 663, 698,
700, 885, 892, 940, 1009, 1016, 1042,
1071, 1085, 1257, 1273, 1274, 1277, 1358,
1467, 1575, 1576, 1585, 1759, 1781, 2131
Monte Olivete, 186, 666, 820
Monte Sião, 113, 210, 281, 1196, 1380
Monte Virgem, 1226, 1247, 1777
Montes Claros, 1777
Mosteiros, 567
Mua, 1223

- N -

Nascentes, ver Benafilé, ver Boa Fé, 879,
1097, 1121, 1226
Natividade, 168, 809, 810, 1097, 1100, 1121,
1564, 1777
Navegantes, 158, 266, 288, 705, 1051, 1191,
1250, 1267, 1408, 1868, 2065
Nazaré, 168, 175, 180, 191, 223, 224, 233,
234, 266, 270, 425, 448, 455, 457, 462,
463, 464, 468, 473, 476, 477, 478, 482,
610, 686, 716, 749, 752, 773, 820, 862,
917, 918, 984, 1010, 1051, 1056, 1097,
1100, 1103, 1115, 1213, 1249, 1257, 1267,
1285, 1341, 1389, 1400, 1403, 1412, 1413,
1417, 1437, 1443, 1451, 1458, 1459, 1499,
1777, 1778, 1850, 1954, 2065, 2070, 2329,
2332, 2333
Necessidades, 168, 188, 253, 422, 646, 697,
700, 707, 716, 773, 809, 820, 821, 892,
943, 978, 1073, 1074, 1186, 1191, 1193,
1201, 1231, 1257, 1273, 1467, 1777, 1780,
1820, 2069, 2103, 2122

Neves, 159, 176, 178, 207, 558, 576, 647,
758, 797, 802, 879, 1051, 1097, 1098, 1121,
1192, 1216, 1242, 1257, 1329, 1546, 1777,
1868, 1971, 2086, 2176, 2271, 2273, 2296

- O -

Ó, ver Expectação, 59, 191, 192, 239, 264,
270, 425, 578, 581, 603, 610, 611, 616,
619, 631, 673, 801, 898, 951, 1038, 1051,
1058, 1095, 1097, 1100, 1103, 1119, 1121,
1192, 1208, 1216, 1257, 1342, 1504, 1676,
1777, 1868
Olivais, 1205, 1226, 1304
Olival, 610
Oliveira, 81, 270, 283, 582, 600, 673, 692,
718, 923, 946, 1016, 1039, 1058, 1095,
1196, 1220, 1257, 1335, 1362, 1655, 1777,
2049, 2122
Oliveirinha, 568
Ondas, 1361
Orada, 41, 151, 228, 423, 941, 949, 959,
1064, 1099, 1173, 1192, 1226, 1247, 1266,
1359, 1751, 1777, 1807, 1852, 1879, 2153,
2246, 2269, 2355

- P -

Paciência, 685, 903
Paço, 163, 626
Palma, 773, 923
Paraíso, 105, 228, 237, 239, 258, 644, 773,
793, 801, 923, 950, 982, 2024, 2309
Parto, 178, 289, 806, 870, 871, 1014, 1256,
1327, 1481, 1504, 1599, 1877, 2211
Patrocínio, 595, 631, 793
Paz, 151, 294, 302, 532, 538, 646, 684, 809,
835, 879, 903, 956, 1044, 1080, 1121,
1205, 1257, 1360, 1417, 1777, 1902
Pé da Cruz, 347, 465, 998, 1097, 1099, 1119,
1205, 1303, 1777, 1807, 1994
Pedra da Mua, ver Cabo, 901, 1237, 1418
Pedrada, 1946
Pena, 261, 915, 1058, 1421, 1629, 1992,
1994, 1995, 2139, 2142, 2168, 2286
Penha, 157, 206, 256, 279, 311, 321, 644,
670, 718, 779, 788, 999, 1119, 1192, 1222,
1781, 2039

- Penha de França, 275, 286, 287, 535, 561, 574, 646, 651, 683, 703, 718, 796, 1036, 1100, 1116, 1121, 1179, 1196, 1215, 1228, 1375, 1438, 1451, 1820, 1841, 2039, 2065
- Peninha, 206, 929, 1254, 1573
- Pequenina, 1243
- Pequenina, ver Anunciada, 221
- Perpétuo Socorro, 234, 236
- Pérsia, 1058, 1477
- Piedade, 30, 85, 86, 90, 108, 158, 168, 178, 181, 189, 197, 198, 206, 216, 218, 222, 226, 228, 230, 233, 236, 254, 256, 266, 270, 281, 283, 287, 534, 538, 542, 549, 564, 566, 577, 579, 582, 592, 597, 599, 600, 603, 610, 616, 624, 632, 642, 647, 662, 671, 682, 683, 686, 687, 702, 703, 712, 733, 738, 750, 751, 787, 788, 789, 792, 793, 795, 797, 804, 805, 806, 809, 810, 826, 832, 887, 888, 928, 943, 948, 955, 956, 969, 973, 975, 989, 990, 992, 1009, 1036, 1039, 1042, 1043, 1052, 1053, 1059, 1068, 1071, 1079, 1080, 1093, 1096, 1097, 1098, 1100, 1121, 1129, 1130, 1192, 1202, 1222, 1227, 1242, 1257, 1265, 1315, 1352, 1358, 1373, 1377, 1381, 1561, 1589, 1614, 1629, 1634, 1655, 1676, 1713, 1714, 1720, 1721, 1727, 1758, 1775, 1777, 1781, 1792, 1803, 1807, 1818, 1847, 1852, 1861, 1863, 1867, 1918, 1921, 1985, 1986, 1987, 1993, 1998, 2016, 2023, 2030, 2039, 2041, 2049, 2063, 2097, 2120, 2127, 2174, 2175, 2177, 2184, 2189, 2198, 2199, 2216, 2230, 2265, 2268, 2285, 2300, 2319, 2369, 2370
- Pietá, 258, 686, 750, 751, 797, 899, 913, 1127, 1796, 1804, 1805, 1808, 1985, 2088, 2240, 2265
- Pilar, 222, 697, 806, 1121, 1777, 1941, 1989
- Pinha, 943, 1077
- Pobres, 878
- Pobreza, 633, 809
- Poderes, 761, 885, 1116, 2265
- Pombinha, 590, 923
- Popa, 229
- Pópulo, 86, 270, 673, 703, 1058, 1777, 1805, 1893, 1918, 2016, 2284, 2285, 2352
- Porciúncula, 711, 757, 758, 982, 1058, 1917
- Porta de Ferro, 109, 923
- Porta do Céu, ver Portas do Céu, 187, 248, 289, 689, 828, 868, 869, 870, 871, 1014, 1112, 1599
- Portas do Céu, ver Porta do Céu, 187, 248, 289, 689, 828, 868, 869, 870, 871, 1014, 1112, 1599
- Porto Salvo, 185, 197, 254, 287, 907, 1191, 1202, 1585, 1623
- Porto Seguro, 266, 692, 705, 816, 1051, 1058, 1267, 1315, 1505, 1585, 2065
- Povos, 700, 966, 1076, 1283, 1286, 1603
- Praça, 180, 544, 548, 681, 971, 1060
- Praia, 718
- Pranto, 765, 809, 1009
- Prazeres, 32, 157, 188, 225, 230, 237, 248, 317, 321, 564, 631, 634, 686, 705, 780, 782, 797, 806, 810, 836, 856, 978, 1009, 1015, 1072, 1074, 1097, 1100, 1116, 1119, 1121, 1132, 1178, 1197, 1201, 1208, 1229, 1256, 1267, 1375, 1377, 1417, 1448, 1460, 1765, 1777, 2065, 2070, 2203
- Preces, 1247
- Presépio, 168, 761
- Pureza, 644, 697, 1058
- Purificação, 86, 113, 166, 168, 173, 182, 185, 206, 219, 222, 223, 246, 262, 267, 287, 437, 538, 548, 587, 595, 612, 624, 631, 636, 656, 657, 660, 674, 684, 685, 716, 749, 758, 879, 903, 923, 954, 976, 978, 1059, 1091, 1097, 1100, 1114, 1118, 1121, 1180, 1231, 1242, 1257, 1273, 1304, 1315, 1381, 1581, 1585, 1606, 1619, 1777, 1909, 1946, 1986, 1999, 2041, 2049, 2231, 2233, 2270

- Q -

- Queimada, 268
- Quietação, 244, 590, 1006, 1016, 1058, 2234

- R -

- Rabaça, 1777
- Rainha dos Anjos, 808
- Rainha dos Apóstolos, 677
- Reclamador, ver Rocamador, 270, 581, 1257
- Redenção, 652, 833, 1091
- Redonda, 166, 237, 465, 856, 990, 1100, 1192, 1214, 1256, 1260

- Relíquias, 621, 1777, 2352
- Remédios, 150, 151, 168, 177, 183, 205, 213, 217, 231, 235, 240, 243, 268, 270, 279, 290, 433, 463, 464, 552, 610, 621, 622, 656, 657, 670, 700, 728, 748, 764, 773, 792, 799, 800, 802, 803, 809, 842, 857, 923, 943, 944, 1023, 1036, 1051, 1063, 1088, 1097, 1099, 1118, 1119, 1121, 1123, 1191, 1192, 1208, 1256, 1257, 1267, 1287, 1335, 1343, 1358, 1360, 1367, 1448, 1499, 1765, 1777, 1841, 2019, 2061, 2188, 2189, 2246, 2286, 2348
- Repouso, 805, 1777
- Represa, 1121, 1208, 2156, 2240, 2270, 2296
- Resgate, 534, 579, 773, 886, 2030
- Resgate das Almas, 1036, 1058, 1800
- Restelo, 763
- Rocamador, 270, 283, 296, 581, 673, 899, 1058, 1257, 1670, 2035
- Rocha, 194, 254, 295, 309, 784, 1199, 1433, 1460, 1565, 1571, 1807, 2296
- Rodes, 1214
- Rosa, 252, 300, 558, 624, 721, 731, 793, 1053, 1058, 1227, 1967, 2286
- Rosário, 2, 49, 54, 70, 72, 73, 91, 109, 135, 153, 155, 156, 158, 159, 161, 166, 167, 168, 169, 178, 179, 181, 182, 187, 188, 189, 192, 196, 197, 200, 211, 213, 214, 216, 217, 218, 225, 228, 229, 230, 231, 237, 238, 241, 245, 248, 249, 255, 256, 260, 263, 265, 267, 270, 272, 273, 277, 279, 280, 283, 289, 297, 305, 321, 465, 546, 558, 561, 562, 571, 575, 576, 582, 586, 587, 588, 604, 606, 607, 624, 626, 628, 629, 630, 631, 637, 638, 644, 647, 654, 656, 657, 658, 660, 668, 683, 686, 700, 707, 713, 749, 761, 764, 767, 773, 783, 786, 790, 793, 795, 796, 797, 802, 805, 806, 809, 811, 828, 879, 892, 896, 902, 903, 904, 906, 920, 926, 943, 946, 948, 989, 998, 1004, 1011, 1020, 1029, 1038, 1039, 1040, 1059, 1063, 1079, 1082, 1083, 1085, 1088, 1091, 1097, 1098, 1099, 1110, 1114, 1115, 1116, 1118, 1119, 1121, 1190, 1192, 1196, 1202, 1220, 1226, 1247, 1257, 1259, 1273, 1292, 1303, 1332, 1358, 1360, 1378, 1417, 1464, 1477, 1495, 1496, 1518, 1562, 1564, 1579, 1581, 1586, 1588, 1590, 1591, 1592, 1593, 1595, 1596, 1601, 1602, 1604, 1606, 1608, 1609, 1611, 1616, 1617, 1618, 1620, 1628, 1629, 1630, 1639, 1647, 1655, 1668, 1675, 1676, 1680, 1689, 1694, 1751, 1770, 1777, 1778, 1781, 1784, 1791, 1793, 1794, 1798, 1803, 1807, 1829, 1831, 1833, 1835, 1841, 1846, 1851, 1872, 1877, 1885, 1889, 1902, 1951, 2039, 2041, 2049, 2081, 2104, 2106, 2120, 2122, 2124, 2142, 2176, 2181, 2191, 2232, 2255, 2262, 2266, 2268, 2291, 2298, 2299, 2327, 2332, 2342
- Rotunda, ver Redonda, 166
- S -
- Sabonha, 42, 181, 229, 667, 1031
- Safira, 1121
- Salas, ver Salvas, 268, 1088, 1196, 1694
- Salvação, 168, 218, 258, 557, 700, 716, 765, 1100, 1222, 1257, 1781, 1844, 2042
- Salvas, ver Salas, 268, 1088, 1196, 1694
- Sanguinheira, 272, 1110, 1192, 1214, 1256
- Santos Reis, 2024
- Saudação, 354, 646, 723, 724, 742, 798, 805, 1044, 1121, 1150, 1405, 2028, 2156, 2270
- Saudade, 890
- Saúde, 206, 219, 221, 248, 262, 265, 277, 528, 538, 579, 644, 656, 657, 663, 680, 683, 684, 685, 693, 716, 773, 793, 809, 810, 821, 837, 879, 926, 943, 976, 1036, 1073, 1074, 1079, 1085, 1097, 1193, 1211, 1213, 1228, 1242, 1248, 1249, 1257, 1267, 1360, 1375, 1377, 1386, 1419, 1420, 1421, 1433, 1439, 1444, 1448, 1460, 1547, 1676, 1777, 1781, 1813, 1877, 1889, 2063, 2067, 2224, 2227, 2240, 2271, 2272, 2329
- Scala Coeli, 129, 848, 1067, 1777, 2044
- Sentença, 1777
- Serra, 693, 926, 1895
- Servas, 159, 2269
- Sete Fontes, 1214
- Sobral, 159, 267, 576, 1500, 2269
- Sobreiro, 296, 964, 1058
- Socorro, 32, 181, 197, 254, 270, 296, 316, 321, 323, 593, 599, 605, 610, 621, 673, 797, 806, 819, 900, 926, 952, 999, 1009, 1031, 1062, 1099, 1119, 1202, 1257, 1777, 1812, 1848, 2122, 2200, 2319, 2327

Soledade, 150, 176, 180, 228, 229, 234, 265,
267, 290, 449, 534, 544, 548, 579, 616,
666, 733, 793, 797, 804, 805, 809, 810,
820, 825, 992, 1007, 1088, 1121, 1196,
1220, 1257, 1348, 1417, 1420, 1546, 1562,
1694, 1781, 1966, 2026, 2028, 2266
Soveral, ver Sobral, 267, 576
Stabat Mater, 2175
Subserra, 1058

– T –

Terço, 1214
Terra Solta, 590, 1036, 1721
Testinho, 1100
Tocha, 590, 1214
Todos os Bens, 686
Tojal, 201, 1374
Tojo, 700, 860, 928, 953, 1187, 1214, 1358
Torrão, 696
Torre, 809
Tróia, 137, 1077, 1189, 1196, 1224, 1230,
1241, 1253, 1258, 1375, 1440, 2032

– V –

Valverde, 1214
Várzea, 614, 671, 1986
Vencimento, 716, 939, 940, 1010, 1068, 1071
Vida, 229, 599, 602, 632, 633, 716, 797,
1009, 1058, 2332
Vila, 646, 1121, 1200
Vila Velha, 245, 1266, 1777, 2317
Virgem, 173, 176, 185, 219, 226, 229, 249,
256, 258, 260, 261, 267, 269, 283, 296,
305, 309, 353, 413, 434, 456, 457, 461,
462, 464, 491, 537, 538, 542, 548, 550,
552, 553, 561, 576, 598, 603, 610, 611,
613, 618, 620, 647, 651, 653, 686, 709,
716, 718, 760, 783, 786, 787, 792, 795,
797, 799, 801, 802, 805, 806, 808, 816,
821, 832, 842, 846, 852, 859, 873, 875,
888, 889, 899, 911, 912, 915, 917, 921,
929, 931, 936, 945, 948, 950, 953, 969,
973, 979, 980, 984, 989, 1007, 1010, 1012,
1019, 1020, 1022, 1023, 1026, 1032, 1033,
1039, 1040, 1041, 1048, 1049, 1058, 1068,
1192, 1193, 1201, 1212, 1215, 1228, 1236,

1237, 1239, 1243, 1264, 1352, 1392, 1407,
1451, 1469, 1496, 1504, 1564, 1764, 1765,
1768, 1771, 1772, 1777, 1778, 1787, 1790,
1798, 1803, 1805, 1806, 1811, 1828, 1833,
1834, 1835, 1840, 1851, 1852, 1858, 1862,
1867, 1875, 1891, 1893, 1895, 1905, 1906,
1907, 1913, 1914, 1915, 1916, 1918, 1924,
1929, 1931, 1933, 1936, 1941, 1947, 1948,
1952, 1954, 1962, 1963, 1964, 1967, 1969,
1972, 1973, 1978, 1979, 1983, 1985, 1987,
1991, 1993, 1994, 1997, 1999, 2000, 2002,
2003, 2004, 2008, 2009, 2014, 2018, 2021,
2035, 2037, 2039, 2041, 2042, 2043, 2052,
2054, 2058, 2060, 2063, 2065, 2070, 2071,
2072, 2075, 2076, 2077, 2080, 2084, 2094,
2096, 2098, 2106, 2113, 2116, 2127, 2129,
2137, 2142, 2143, 2146, 2154, 2157, 2158,
2164, 2165, 2168, 2170, 2172, 2176, 2178,
2181, 2186, 2187, 2191, 2194, 2199, 2203,
2205, 2206, 2207, 2209, 2210, 2212, 2216,
2220, 2222, 2233, 2236, 2237, 2238, 2241,
2243, 2244, 2247, 2257, 2258, 2262, 2265,
2267, 2268, 2270, 2272, 2274, 2276, 2277,
2279, 2284, 2285, 2287, 2291, 2294, 2298,
2309, 2323, 2332, 2344

Virgem Maria, 66, 82, 175, 310, 409, 415,
427, 441, 443, 514, 737, 795, 860, 889,
911, 940, 942, 957, 1099, 1113, 1142, 1159,
1257, 1483, 1521, 1524, 1526, 1539, 1540,
1644, 1883, 1948, 1961, 1981, 1982, 1987,
2068, 2089, 2155, 2188, 2218, 2249, 2253,
2348

Virgem Orante, 108, 853

Virtudes, 166, 237, 276, 279, 595, 607, 670,
713, 737, 749, 1033, 1100, 1114, 1257,
1267, 1566

Visitação, 151, 176, 184, 200, 354, 616, 646,
691, 742, 798, 878, 898, 951, 1016, 1044,
1121, 1180, 1205, 1216, 1226, 1247, 1266,
1405, 1681, 1777, 1902, 2270, 2296

Vitória, 62, 98, 135, 159, 206, 276, 500, 639,
652, 663, 670, 692, 773, 795, 801, 802,
969, 1051, 1064, 1079, 1091, 1097, 1257,
1272, 1518, 1619, 1676, 1777, 2349

ÍNDICE DE CLASSIFICAÇÕES SECUNDÁRIAS

- A -

A1 – 1876
A2 – 402, 1105, 1305, 1307, 1363, 1509
A5 – 1, 42, 253, 280, 281, 309, 341, 349, 367, 418, 445, 459, 462, 467, 484, 486, 487, 488, 489, 490, 493, 501, 508, 514, 533, 543, 548, 569, 580, 647, 650, 658, 715, 734, 746, 754, 789, 790, 791, 795, 834, 861, 874, 880, 882, 909, 950, 966, 975, 1006, 1017, 1032, 1074, 1082, 1083, 1084, 1086, 1102, 1105, 1107, 1111, 1131, 1139, 1142, 1165, 1182, 1202, 1207, 1208, 1216, 1227, 1235, 1243, 1248, 1263, 1284, 1288, 1289, 1296, 1297, 1298, 1312, 1316, 1325, 1359, 1361, 1371, 1372, 1389, 1398, 1402, 1417, 1426, 1431, 1432, 1438, 1447, 1464, 1466, 1467, 1491, 1495, 1506, 1508, 1518, 1519, 1523, 1528, 1530, 1534, 1535, 1562, 1575, 1585, 1590, 1591, 1595, 1596, 1597, 1610, 1638, 1672, 1675, 1684, 1686, 1703, 1766, 1770, 1775, 1787, 1790, 1795, 1804, 1805, 1809, 1810, 1816, 1830, 1835, 1892, 1904, 1914, 1948, 1951, 1962, 1991, 1994, 1999, 2002, 2011, 2016, 2017, 2020, 2048, 2052, 2089, 2098, 2103, 2106, 2114, 2126, 2133, 2142, 2144, 2152, 2156, 2164, 2171, 2172, 2173, 2175, 2177, 2179, 2180, 2182, 2185, 2186, 2189, 2191, 2197, 2199, 2200, 2207, 2210, 2215, 2216, 2220, 2231, 2233, 2236, 2240, 2244, 2249, 2251, 2254, 2255, 2258, 2264, 2267, 2343, 2346, 2347, 2349, 2351, 2356, 2357, 2362, 2364, 2381

- B -

B1 – 339, 403, 411, 412, 413, 425, 426, 428, 430, 434, 441, 454, 455, 456, 458, 462, 479, 497, 507, 509, 525, 782, 1191, 1192, 1274, 1339, 1359, 1363, 1398, 1402, 1455, 1466, 1469, 1552, 1553, 1555, 1556
B2 – 8, 129, 268, 302, 341, 453, 495, 504, 531, 656, 712, 717, 912, 924, 930, 933, 1021, 1044, 1073, 1088, 1295, 1296, 1304, 1306, 1307, 1308, 1310, 1311, 1320, 1321, 1333, 1338, 1339, 1355, 1363, 1365, 1595, 1772, 1783, 1797, 1830, 1856, 1861, 1873, 1900, 1945, 1976, 2017, 2180, 2280, 2337, 2373
B3 – 134, 157, 224, 235, 263, 272, 274, 308, 322, 343, 360, 382, 457, 458, 464, 471, 483, 498, 515, 517, 518, 519, 520, 521, 1103, 1124, 1176, 1204, 1253, 1260, 1261, 1292, 1337, 1342, 1344, 1353, 1354, 1365, 1367, 1369, 1461, 1471, 1481, 1482, 1521, 1522, 1533, 1536, 1538, 1540, 1547, 1550, 1552, 1558, 1572, 1632
B4 – 134, 166, 207, 208, 232, 236, 240, 273, 277, 303, 304, 310, 382, 408, 422, 425, 427, 433, 435, 437, 507, 680, 730, 837, 838, 1124, 1176, 1194, 1211, 1214, 1257, 1259, 1261, 1270, 1274, 1282, 1285, 1286, 1292, 1323, 1337, 1343, 1344, 1353, 1354, 1365, 1366, 1375, 1390, 1400, 1410, 1412, 1414, 1415, 1418, 1431, 1432, 1449, 1451, 1458, 1459, 1461, 1462, 1521, 1531, 1542, 1548, 1552, 1555, 1556, 1561, 1632, 1786, 2317, 2331
B5 – 23, 105, 151, 193, 350, 358, 368, 376, 417, 443, 676, 1124, 1243, 1337, 1369, 1382, 1734, 1790, 2048
B6 – 8, 246, 431, 594, 908

- C -

- CI** – 9, 16, 27, 40, 42, 45, 46, 49, 55, 62, 72, 91, 94, 100, 109, 113, 133, 135, 155, 156, 159, 160, 161, 163, 165, 166, 169, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 179, 184, 185, 186, 187, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 200, 205, 207, 208, 209, 210, 212, 214, 215, 216, 218, 219, 223, 225, 228, 229, 233, 237, 238, 240, 242, 243, 246, 248, 249, 253, 254, 255, 256, 257, 258, 260, 261, 262, 263, 264, 265, 266, 267, 268, 269, 270, 272, 274, 275, 276, 277, 279, 284, 289, 290, 291, 292, 294, 295, 329, 332, 344, 349, 354, 370, 647, 693, 696, 699, 703, 705, 716, 719, 731, 744, 764, 767, 787, 788, 798, 799, 800, 801, 802, 807, 809, 817, 819, 828, 829, 832, 842, 845, 862, 863, 878, 879, 883, 884, 892, 898, 899, 903, 904, 906, 910, 915, 923, 926, 931, 935, 943, 947, 952, 953, 954, 955, 956, 959, 960, 970, 971, 973, 976, 978, 989, 992, 998, 999, 1004, 1011, 1016, 1037, 1038, 1039, 1040, 1042, 1043, 1044, 1048, 1050, 1051, 1058, 1059, 1060, 1061, 1062, 1064, 1070, 1080, 1081, 1085, 1087, 1090, 1092, 1093, 1094, 1095, 1099, 1100, 1101, 1104, 1107, 1108, 1109, 1112, 1113, 1115, 1117, 1118, 1119, 1120, 1122, 1123, 1124, 1134, 1138, 1186, 1188, 1200, 1210, 1212, 1248, 1249, 1259, 1262, 1273, 1288, 1297, 1302, 1303, 1373, 1377, 1381, 1419, 1445, 1467, 1477, 1498, 1511, 1518, 1544, 1562, 1563, 1564, 1593, 1600, 1620, 1629, 1631, 1662, 1677, 1770, 1784, 1787, 1798, 1807, 1811, 1829, 1830, 1837, 1844, 1848, 1849, 1850, 1877, 1889, 1891, 1896, 1901, 1907, 1908, 1909, 1924, 1929, 1944, 1951, 1954, 1956, 1970, 1971, 1974, 1975, 1987, 1988, 1992, 1993, 1994, 1996, 1998, 1999, 2006, 2011, 2019, 2020, 2022, 2024, 2027, 2028, 2034, 2036, 2037, 2038, 2041, 2042, 2049, 2073, 2074, 2081, 2085, 2088, 2090, 2096, 2110, 2111, 2118, 2120, 2122, 2127, 2128, 2136, 2140, 2142, 2144, 2145, 2151, 2153, 2156, 2159, 2161, 2162, 2168, 2170, 2171, 2173, 2180, 2184, 2188, 2193, 2195, 2196, 2201, 2203, 2206, 2208, 2212, 2224, 2227, 2228, 2230, 2232, 2240, 2246, 2263, 2266, 2268, 2269, 2270, 2271, 2272, 2273, 2274, 2286, 2296, 2346, 2353
- C2** – 13, 16, 27, 30, 37, 51, 62, 68, 74, 78, 81, 108, 113, 121, 122, 129, 133, 137, 140, 143, 147, 150, 155, 156, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 167, 168, 169, 172, 173, 174, 177, 178, 179, 180, 181, 183, 186, 188, 190, 193, 194, 195, 196, 199, 200, 201, 202, 204, 209, 213, 214, 215, 219, 220, 222, 223, 227, 230, 231, 234, 236, 239, 241, 244, 245, 246, 247, 252, 253, 254, 255, 257, 259, 260, 261, 263, 264, 266, 270, 271, 276, 278, 279, 281, 282, 283, 284, 285, 286, 287, 288, 289, 296, 297, 311, 324, 329, 341, 344, 347, 353, 354, 379, 380, 382, 384, 390, 391, 393, 400, 423, 427, 484, 528, 529, 532, 533, 534, 535, 538, 539, 543, 546, 549, 550, 551, 552, 553, 555, 564, 566, 567, 571, 572, 581, 582, 589, 592, 593, 595, 597, 598, 599, 600, 602, 605, 609, 610, 612, 613, 615, 616, 621, 622, 623, 626, 627, 632, 634, 639, 640, 641, 642, 644, 645, 646, 651, 652, 654, 660, 663, 664, 665, 667, 668, 669, 670, 671, 672, 673, 674, 679, 683, 684, 685, 686, 687, 688, 807, 900, 953, 1072, 1076, 1078, 1079, 1081, 1085, 1087, 1088, 1090, 1091, 1092, 1094, 1096, 1097, 1098, 1102, 1104, 1106, 1108, 1110, 1112, 1114, 1115, 1116, 1117, 1118, 1119, 1121, 1122, 1123, 1130, 1133, 1134, 1144, 1150, 1156, 1161, 1165, 1173, 1178, 1179, 1182, 1183, 1184, 1186, 1188, 1191, 1194, 1199, 1201, 1202, 1205, 1209, 1211, 1214, 1216, 1223, 1226, 1229, 1232, 1234, 1235, 1236, 1238, 1241, 1247, 1249, 1252, 1262, 1264, 1265, 1266, 1269, 1273, 1275, 1279, 1280, 1281, 1282, 1286, 1290, 1293, 1295, 1301, 1302, 1309, 1312, 1313, 1314, 1315, 1318, 1319, 1325, 1328, 1334, 1335, 1340, 1341, 1347, 1356, 1375, 1377, 1380, 1381, 1386, 1395, 1396, 1398, 1400, 1405, 1408, 1419, 1426, 1427, 1434, 1451, 1453, 1465, 1467, 1476, 1507, 1522, 1525, 1544, 1566, 1567, 1573, 1574, 1577, 1586, 1593, 1600, 1603, 1613, 1616, 1618, 1619, 1621, 1629, 1630, 1638, 1642, 1643, 1647, 1648, 1653, 1655, 1656, 1659, 1660,

- 1661, 1662, 1664, 1665, 1666, 1668, 1673, 1679, 1681, 1688, 1695, 1696, 1700, 1702, 1706, 1709, 1710, 1713, 1714, 1721, 1722, 1753, 1757, 1760, 1761, 1767, 1768, 1771, 1773, 1779, 1780, 1782, 1786, 1789, 1795, 1797, 1801, 1807, 1815, 1816, 1820, 1821, 1822, 1823, 1828, 1832, 1833, 1834, 1837, 1839, 1844, 1846, 1847, 1848, 1849, 1850, 1851, 1852, 1857, 1877, 1878, 1879, 1880, 1883, 1886, 1893, 1897, 1900, 1903, 1905, 1906, 1908, 1917, 1920, 1923, 1924, 1925, 1930, 1936, 1938, 1941, 1942, 1943, 1946, 1947, 1948, 1949, 1952, 1953, 1954, 1955, 1971, 1972, 1984, 1986, 1987, 1989, 1992, 1993, 1994, 1997, 2002, 2004, 2013, 2019, 2021, 2023, 2024, 2026, 2027, 2028, 2029, 2030, 2031, 2032, 2035, 2044, 2045, 2046, 2047, 2048, 2050, 2054, 2058, 2063, 2067, 2068, 2069, 2073, 2074, 2077, 2078, 2080, 2083, 2084, 2086, 2087, 2088, 2091, 2099, 2107, 2109, 2114, 2115, 2116, 2117, 2120, 2122, 2124, 2125, 2129, 2131, 2135, 2139, 2140, 2141, 2149, 2150, 2152, 2154, 2155, 2156, 2158, 2159, 2160, 2167, 2169, 2172, 2176, 2178, 2185, 2187, 2188, 2190, 2191, 2194, 2195, 2198, 2199, 2202, 2204, 2209, 2211, 2214, 2217, 2220, 2222, 2223, 2224, 2232, 2234, 2237, 2240, 2241, 2246, 2248, 2251, 2255, 2257, 2258, 2262, 2263, 2265, 2266, 2268, 2269, 2271, 2272, 2273, 2274, 2286, 2290, 2291, 2296, 2317, 2318, 2320, 2321, 2324, 2339, 2342, 2343, 2344, 2345, 2346, 2348, 2349, 2350, 2352, 2367, 2369, 2370, 2378, 2380
- C3** – 156, 249, 300, 618, 693, 721, 752, 860, 933, 953, 954, 978, 1053, 1082, 1083, 1183, 1322, 1765, 1772
- C4** – 32, 311, 695, 929, 934, 938, 977, 1003, 1222, 1234, 1278, 2002
- C5** – 1, 5, 6, 9, 14, 16, 29, 30, 68, 94, 100, 103, 105, 106, 119, 123, 144, 160, 193, 227, 248, 286, 529, 531, 632, 640, 645, 678, 718, 784, 865, 903, 923, 1004, 1117, 1230, 1464, 1585, 2122
- C6** – 197, 202, 252, 254, 278, 538, 571, 572, 581, 586, 639, 641, 673, 685, 703, 719, 842, 845, 856, 933, 955, 1035, 1044, 1058, 1094, 1101, 1315, 1802
- C7** – 51, 112, 139, 140, 160, 203, 220, 329, 347, 512, 513, 516, 517, 519, 520, 524, 545, 586, 598, 617, 634, 641, 668, 678, 688, 710, 721, 732, 743, 744, 745, 787, 889, 897, 905, 906, 949, 985, 1009, 1013, 1029, 1033, 1036, 1071, 1326, 1335, 1387, 1474, 1477, 1478, 1480, 1494, 1507, 1511, 1524, 1527, 1771, 2121, 2160, 2234, 2236, 2339
- D –
- D1** – 155, 752, 1185, 1233, 1337, 1435
- D2** – 6, 8, 15, 25, 32, 39, 40, 42, 59, 70, 151, 157, 158, 170, 171, 173, 175, 176, 177, 178, 182, 183, 188, 189, 191, 194, 197, 198, 204, 205, 206, 212, 213, 217, 218, 221, 223, 226, 227, 230, 231, 232, 233, 237, 239, 240, 243, 250, 252, 254, 256, 260, 270, 272, 273, 277, 280, 282, 288, 290, 293, 294, 295, 297, 299, 300, 307, 309, 311, 319, 322, 323, 347, 349, 409, 412, 413, 415, 420, 421, 422, 423, 425, 426, 427, 429, 430, 433, 434, 435, 441, 442, 444, 447, 448, 451, 455, 457, 458, 460, 461, 462, 463, 464, 465, 468, 473, 476, 477, 478, 479, 480, 482, 486, 494, 530, 550, 558, 561, 567, 574, 578, 582, 600, 618, 637, 646, 653, 666, 668, 684, 689, 695, 700, 704, 717, 720, 729, 735, 739, 748, 752, 756, 765, 773, 784, 790, 815, 821, 833, 836, 846, 853, 857, 860, 871, 879, 881, 883, 892, 907, 909, 924, 931, 937, 938, 943, 945, 947, 951, 964, 977, 978, 986, 990, 999, 1010, 1033, 1040, 1042, 1053, 1064, 1070, 1071, 1072, 1073, 1074, 1076, 1077, 1079, 1081, 1082, 1083, 1092, 1093, 1099, 1102, 1104, 1106, 1109, 1113, 1114, 1123, 1159, 1200, 1211, 1231, 1245, 1272, 1273, 1275, 1315, 1323, 1327, 1335, 1341, 1344, 1346, 1349, 1359, 1360, 1362, 1364, 1367, 1372, 1373, 1374, 1375, 1376, 1378, 1379, 1381, 1385, 1386, 1387, 1389, 1392, 1393, 1394, 1403, 1405, 1406, 1407, 1408, 1412, 1413, 1416, 1418, 1419, 1420, 1421, 1427, 1428, 1430, 1433, 1435, 1436, 1437, 1438, 1440, 1442, 1448, 1449, 1450, 1451, 1452, 1453, 1454, 1455, 1456, 1457, 1458, 1459, 1460, 1463, 1469, 1481,

1491, 1492, 1496, 1499, 1504, 1521, 1536, 1539, 1540, 1546, 1547, 1561, 1562, 1565, 1566, 1567, 1568, 1571, 1573, 1578, 1581, 1586, 1590, 1593, 1595, 1596, 1606, 1608, 1612, 1614, 1621, 1623, 1624, 1625, 1630, 1631, 1643, 1658, 1659, 1665, 1666, 1676, 1697, 1712, 1714, 1726, 1728, 1737, 1738, 1740, 1741, 1742, 1743, 1744, 1746, 1758, 1760, 1776, 1777, 1780, 1811, 1817, 1902, 1926, 1945, 1982, 1991, 2032, 2039, 2040, 2049, 2087, 2095, 2106, 2153, 2231, 2233, 2250, 2296, 2315, 2319, 2320, 2325, 2326, 2327, 2329, 2332, 2333

D3 – 6, 41, 46, 59, 70, 157, 158, 187, 190, 195, 228, 237, 241, 280, 285, 295, 299, 322, 409, 412, 415, 420, 421, 422, 426, 429, 430, 433, 434, 435, 438, 441, 442, 460, 461, 463, 465, 486, 508, 581, 648, 653, 671, 725, 730, 732, 739, 778, 783, 785, 837, 838, 865, 871, 883, 965, 966, 999, 1057, 1064, 1068, 1070, 1076, 1098, 1110, 1159, 1180, 1213, 1219, 1220, 1221, 1225, 1227, 1230, 1231, 1239, 1242, 1251, 1256, 1258, 1267, 1327, 1335, 1342, 1345, 1346, 1349, 1350, 1352, 1353, 1360, 1375, 1378, 1379, 1388, 1390, 1392, 1396, 1404, 1409, 1410, 1411, 1412, 1414, 1415, 1417, 1419, 1420, 1421, 1424, 1425, 1430, 1432, 1440, 1442, 1447, 1449, 1460, 1462, 1463, 1491, 1496, 1514, 1536, 1539, 1540, 1551, 1569, 1581, 1583, 1590, 1603, 1604, 1614, 1617, 1622, 1625, 1646, 1663, 1684, 1685, 1695, 1712, 1726, 1765, 1991, 2039, 2049, 2087, 2138, 2224, 2321, 2324, 2325, 2326, 2329, 2340, 2347, 2349, 2353, 2367

D4 – 15, 39, 40, 41, 49, 129, 133, 143, 185, 187, 191, 204, 208, 234, 240, 241, 244, 260, 285, 286, 288, 297, 298, 299, 301, 322, 329, 332, 350, 351, 352, 356, 362, 368, 370, 373, 377, 379, 382, 384, 409, 415, 416, 420, 421, 425, 426, 427, 430, 433, 434, 438, 439, 440, 441, 442, 450, 463, 464, 470, 475, 509, 512, 513, 526, 527, 534, 568, 579, 583, 593, 601, 614, 626, 637, 653, 666, 684, 689, 700, 739, 772, 777, 823, 827, 854, 871, 879, 883, 893, 920, 941, 956, 964, 982, 985, 995, 999, 1003, 1005, 1016, 1064, 1065, 1070, 1073,

1074, 1077, 1091, 1093, 1098, 1100, 1116, 1122, 1123, 1144, 1172, 1174, 1180, 1181, 1187, 1216, 1219, 1220, 1221, 1225, 1227, 1242, 1250, 1251, 1256, 1260, 1267, 1272, 1273, 1275, 1340, 1341, 1342, 1343, 1346, 1348, 1349, 1355, 1360, 1361, 1362, 1363, 1371, 1373, 1378, 1379, 1381, 1388, 1389, 1395, 1405, 1408, 1416, 1421, 1430, 1438, 1440, 1443, 1448, 1449, 1454, 1460, 1469, 1476, 1492, 1496, 1499, 1501, 1504, 1541, 1544, 1551, 1570, 1590, 1594, 1608, 1613, 1614, 1618, 1676, 1706, 1744, 1748, 1749, 1750, 1761, 1765, 1766, 1774, 1842, 1856, 1870, 1873, 1902, 1926, 1945, 2039, 2040, 2087, 2130, 2132, 2326, 2327, 2329, 2332, 2336, 2339, 2342, 2344, 2373

D5 – 823, 937, 1003, 1185, 1186, 1195, 1196, 1223, 1224, 1233, 1247, 1250, 1252, 1253, 1254, 1255, 1258, 1261, 1262, 1280, 1283, 1291, 1296, 1299, 1300, 1304, 1362, 1366, 1376, 1403, 1406, 1407, 1413, 1436, 1450, 1463

– E –

E1 – 6, 32, 36, 52, 59, 76, 94, 151, 164, 177, 180, 190, 271, 281, 293, 456, 472, 505, 530, 625, 631, 648, 680, 687, 739, 941, 1080, 1103, 1107, 1110, 1180, 1225, 1251, 1261, 1284, 1287, 1292, 1324, 1358, 1373, 1388, 1391, 1392, 1398, 1405, 1409, 1411, 1420, 1423, 1440, 1441, 1442, 1445, 1447, 1461, 1462, 1501, 1510, 1514, 1546, 1547, 1548, 1582, 1608, 1625, 1626, 1627, 1645, 1651, 1656, 1658, 1660, 1665, 1666, 1673, 1681, 1700, 1706, 1714, 1725, 1737, 1738, 1741, 1742, 1743, 1746, 1758, 1977, 2373

E2 – 13, 82, 143, 189, 205, 207, 210, 218, 220, 224, 226, 242, 244, 258, 259, 262, 265, 271, 274, 286, 387, 388, 587, 626, 779, 828, 962, 1101, 1103, 1109, 1179, 1187, 1188, 1226, 1230, 1242, 1307, 1328, 1329, 1333, 1454, 1541, 1543, 1544, 1561, 1563, 1578, 1593, 1620, 1631, 1776, 2373

E3 – 32, 40, 52, 55, 62, 65, 70, 71, 76, 82, 99, 105, 118, 150, 162, 168, 171, 180, 182, 183, 185, 189, 191, 206, 212, 220, 221,

- 222, 223, 224, 226, 231, 232, 233, 234,
235, 243, 247, 248, 251, 252, 262, 270,
271, 282, 285, 287, 288, 293, 294, 296,
300, 303, 304, 319, 361, 406, 416, 447,
448, 455, 457, 460, 461, 462, 463, 464,
469, 473, 476, 477, 478, 479, 480, 482,
528, 550, 561, 565, 568, 574, 582, 593,
605, 610, 624, 626, 631, 646, 671, 686,
689, 695, 703, 729, 752, 770, 777, 778,
795, 812, 823, 832, 837, 846, 857, 860,
866, 872, 885, 904, 909, 918, 924, 932,
933, 938, 943, 947, 977, 1022, 1034, 1036,
1077, 1080, 1087, 1090, 1092, 1096, 1100,
1106, 1120, 1180, 1181, 1184, 1186, 1189,
1190, 1191, 1194, 1195, 1196, 1200, 1203,
1205, 1206, 1207, 1209, 1211, 1212, 1213,
1216, 1217, 1220, 1222, 1223, 1224, 1225,
1227, 1229, 1230, 1231, 1232, 1233, 1234,
1235, 1236, 1240, 1241, 1242, 1249, 1250,
1251, 1253, 1254, 1257, 1258, 1263, 1264,
1265, 1266, 1267, 1268, 1271, 1277, 1281,
1283, 1287, 1288, 1291, 1297, 1303, 1309,
1310, 1313, 1317, 1324, 1332, 1341, 1343,
1345, 1348, 1350, 1351, 1352, 1354, 1358,
1360, 1361, 1362, 1364, 1366, 1367, 1370,
1374, 1376, 1378, 1379, 1380, 1427, 1431,
1437, 1471, 1476, 1479, 1489, 1499, 1501,
1504, 1505, 1514, 1546, 1555, 1565, 1578,
1581, 1591, 1594, 1596, 1614, 1622, 1623,
1625, 1643, 1645, 1646, 1647, 1649, 1650,
1651, 1656, 1658, 1660, 1663, 1666, 1673,
1681, 1688, 1697, 1700, 1702, 1712, 1714,
1725, 1726, 1728, 1730, 1732, 1758, 1766,
1767, 1778, 1857, 1877, 1977, 2131, 2231,
2233, 2291, 2296, 2342, 2356, 2357, 2368,
2372
- E4** – 5, 13, 20, 36, 39, 42, 47, 52, 59, 62, 68,
71, 73, 139, 144, 151, 176, 182, 188, 201,
204, 210, 225, 242, 265, 268, 273, 280,
281, 287, 416, 489, 590, 595, 634, 637,
702, 811, 820, 858, 865, 880, 885, 904,
923, 930, 946, 1013, 1029, 1084, 1089,
1094, 1111, 1116, 1131, 1133, 1136, 1137,
1139, 1140, 1141, 1143, 1145, 1146, 1152,
1153, 1156, 1157, 1159, 1161, 1165, 1166,
1167, 1168, 1169, 1170, 1171, 1213, 1238,
1276, 1303, 1323, 1343, 1344, 1351, 1387,
1397, 1409, 1426, 1443, 1460, 1537, 1550,
1585, 1610, 1621, 1638, 1639, 1645, 1649,
1659, 1662, 1668, 1669, 1672, 1680, 1687,
1691, 1697, 1698, 1701, 1702, 1706, 1718,
1722, 1723, 1732, 1737, 1738, 1740, 1741,
1742, 1743, 1744, 1745, 1746, 1747, 1748,
1749, 1751, 1755, 1793, 2234, 2348
- E5** – 11, 12, 20, 41, 58, 103, 125, 154, 176,
247, 273, 293, 299, 409, 435, 465, 519,
1014, 1481, 1526, 1538, 1539, 1540, 1546,
1547, 1550, 1560
- E6** – 71, 73, 157, 207, 224, 232, 247, 272,
295, 300, 318, 388, 411, 424, 442, 449,
452, 456, 465, 466, 474, 481, 530, 593,
689, 840, 941, 1074, 1103, 1120, 1221,
1250, 1263, 1267, 1271, 1291, 1294, 1296,
1297, 1298, 1299, 1300, 1303, 1305, 1310,
1323, 1342, 1348, 1353, 1356, 1358, 1366,
1370, 1390, 1410, 1414, 1415, 1424, 1430,
1431, 1432, 1443, 1445, 1448, 1463, 1481,
1482, 1487, 1502, 1510, 1526, 1530, 1533,
1536, 1557, 1607, 1646, 2372
- F –
- F1** – 170, 171, 217, 316, 317, 320, 321, 337,
423, 447, 518, 598, 601, 639, 693, 765,
816, 825, 950, 954, 1040, 1096, 1177,
1193, 1198, 1212, 1228, 1229, 1237, 1244,
1245, 1246, 1255, 1282, 1308, 1392, 1406,
1416, 1563, 1570, 1729, 1772, 1776, 1788,
1870, 1947, 1948, 1956, 2022, 2125, 2319,
2325, 2340
- F2** – 166, 184, 196, 221, 239, 309, 312, 316,
317, 320, 321, 323, 372, 388, 390, 416,
552, 571, 614, 618, 624, 704, 707, 710,
720, 721, 737, 779, 784, 790, 821, 836,
853, 898, 929, 950, 956, 964, 972, 986,
1010, 1023, 1033, 1065, 1072, 1113, 1177,
1178, 1192, 1199, 1237, 1248, 1254, 1264,
1265, 1269, 1270, 1274, 1277, 1289, 1322,
1368, 1370, 1374, 1380, 1424, 1450, 1458,
1566, 1599, 1619, 1765, 1769, 1786, 1788,
1946, 2125, 2188, 2315, 2336, 2350
- F3** – 167, 175, 197, 213, 217, 229, 237, 246,
262, 278, 308, 321, 323, 325, 338, 351,
358, 361, 362, 365, 366, 388, 390, 392,
399, 405, 447, 509, 514, 515, 516, 518,
521, 526, 527, 542, 561, 574, 598, 661,

671, 704, 710, 737, 756, 821, 838, 847,
891, 929, 951, 953, 1023, 1027, 1034, 1036,
1096, 1097, 1149, 1177, 1179, 1183, 1185,
1192, 1193, 1201, 1209, 1215, 1239, 1240,
1254, 1282, 1285, 1299, 1300, 1308, 1322,
1325, 1326, 1328, 1338, 1364, 1407, 1421,
1433, 1438, 1498, 1541, 1599, 1603, 1619,
1630, 1772, 1776, 1811, 1845, 1846, 1861,
1870, 1907, 1920, 1944, 1947, 1948, 1958,
2006, 2318, 2319, 2320, 2321, 2322, 2325,
2343

F4 – 249, 283, 308, 317, 321, 343, 553, 707,
735, 846, 847, 860, 889, 891, 901, 929,
937, 978, 1039, 1099, 1178, 1198, 1203,
1212, 1244, 1246, 1255, 1396, 1408, 1573,
1947

– G –

G1 – 9, 13, 16, 39, 49, 65, 68, 70, 72, 73, 81,
90, 91, 94, 98, 100, 105, 113, 118, 133,
135, 137, 143, 150, 156, 159, 161, 162,
164, 166, 167, 169, 170, 179, 180, 181,
182, 185, 187, 188, 192, 198, 210, 211,
214, 215, 216, 221, 234, 235, 239, 245,
248, 249, 250, 255, 259, 265, 267, 269,
279, 282, 284, 287, 289, 290, 347, 351,
354, 361, 455, 473, 476, 477, 478, 479,
508, 537, 542, 543, 544, 549, 558, 564,
565, 568, 571, 575, 576, 577, 578, 579,
583, 587, 588, 590, 592, 595, 602, 604,
607, 614, 617, 621, 630, 631, 633, 634,
638, 640, 648, 651, 653, 654, 658, 660,
662, 666, 692, 695, 700, 702, 703, 706,
707, 711, 714, 721, 731, 749, 750, 758,
759, 764, 765, 770, 773, 777, 784, 789,
795, 797, 799, 801, 802, 803, 804, 806,
807, 808, 811, 815, 818, 820, 826, 828,
830, 832, 836, 837, 840, 846, 854, 862,
868, 870, 874, 879, 880, 881, 882, 886,
892, 902, 903, 904, 909, 915, 918, 919,
923, 926, 930, 937, 940, 946, 951, 957,
968, 969, 975, 977, 981, 982, 986, 1002,
1004, 1005, 1009, 1010, 1011, 1013, 1023,
1029, 1034, 1035, 1036, 1039, 1057, 1063,
1068, 1071, 1076, 1077, 1079, 1080, 1082,
1083, 1084, 1085, 1087, 1088, 1090, 1091,
1095, 1098, 1099, 1101, 1104, 1106, 1109,

1110, 1112, 1114, 1115, 1116, 1118, 1119,
1121, 1149, 1176, 1182, 1183, 1184, 1194,
1195, 1199, 1200, 1202, 1203, 1205, 1206,
1213, 1214, 1220, 1223, 1224, 1232, 1233,
1234, 1235, 1236, 1238, 1239, 1241, 1248,
1249, 1252, 1253, 1258, 1259, 1265, 1266,
1269, 1270, 1272, 1279, 1280, 1281, 1285,
1287, 1288, 1292, 1295, 1301, 1314, 1318,
1320, 1322, 1324, 1329, 1332, 1349, 1358,
1361, 1372, 1377, 1385, 1393, 1394, 1396,
1400, 1401, 1403, 1404, 1406, 1407, 1409,
1412, 1413, 1417, 1420, 1422, 1423, 1426,
1427, 1428, 1435, 1436, 1437, 1443, 1447,
1450, 1451, 1452, 1453, 1455, 1456, 1457,
1458, 1459, 1464, 1466, 1467, 1471, 1477,
1483, 1489, 1491, 1495, 1496, 1498, 1506,
1512, 1519, 1564, 1567, 1569, 1636, 1637,
1638, 1639, 1642, 1643, 1645, 1647, 1655,
1665, 1668, 1670, 1676, 1678, 1679, 1680,
1689, 1694, 1701, 1702, 1727, 1728, 1730,
1734, 1744, 1751, 1755, 1760, 1767, 1777,
1778, 1807, 1847, 1851, 1868, 1872, 1877,
1885, 1941, 1958, 1959, 1972, 1974, 1976,
1984, 1985, 1987, 1990, 1993, 1998, 2028,
2032, 2034, 2049, 2106, 2118, 2138, 2142,
2144, 2198, 2206, 2208, 2221, 2231, 2233,
2254, 2299, 2305, 2322, 2327, 2335, 2349,
2357, 2359, 2362, 2371

G2 – 3, 41, 83, 85, 90, 146, 159, 161, 163,
164, 165, 169, 171, 173, 178, 181, 184,
201, 203, 209, 211, 228, 235, 250, 251,
253, 258, 259, 268, 279, 283, 354, 475,
576, 595, 604, 605, 615, 630, 646, 652,
660, 667, 701, 706, 718, 727, 728, 733,
757, 759, 763, 778, 797, 798, 805, 857,
862, 863, 867, 873, 874, 880, 882, 885,
886, 892, 932, 944, 965, 981, 994, 1054,
1060, 1068, 1084, 1085, 1095, 1100, 1108,
1120, 1135, 1165, 1229, 1301, 1327, 1332,
1347, 1348, 1389, 1401, 1404, 1417, 1422,
1425, 1464, 1472, 1483, 1495, 1504,
1508, 1517, 1525, 1564, 1576, 1579, 1581,
1582, 1585, 1597, 1598, 1600, 1605, 1609,
1610, 1617, 1618, 1628, 1629, 1631, 1760,
1778, 1868, 1884, 1893, 1977, 1980, 1981,
1998, 2024, 2028, 2031, 2032, 2131, 2172,
2190, 2191, 2209, 2220, 2224, 2248, 2253,
2291, 2299, 2300, 2306, 2327, 2362, 2371

G3 – 222

G4 – 158, 167, 181, 230, 250, 256, 460, 537, 549, 552, 564, 590, 601, 644, 714, 722, 729, 749, 758, 764, 780, 876, 899, 907, 969, 989, 992, 1102, 1108, 1133, 1190, 1191, 1196, 1215, 1221, 1272, 1274, 1277, 1287, 1289, 1302, 1305, 1324, 1386, 1433, 1578, 1597, 1598, 1636, 1637, 1664, 1675, 1679, 1694, 1985, 2035, 2137, 2188, 2202

– H –

H1 – 45, 46, 49, 51, 55, 72, 73, 74, 81, 86, 91, 100, 108, 109, 112, 113, 135, 147, 150, 155, 163, 168, 174, 175, 178, 183, 186, 192, 195, 198, 201, 206, 208, 209, 213, 214, 215, 216, 217, 218, 219, 222, 225, 226, 228, 236, 238, 241, 244, 245, 261, 263, 264, 267, 275, 276, 290, 291, 292, 294, 296, 297, 309, 317, 361, 368, 370, 373, 380, 384, 407, 457, 515, 519, 520, 528, 532, 534, 537, 538, 542, 544, 559, 562, 565, 566, 568, 572, 573, 574, 576, 577, 579, 580, 583, 585, 586, 587, 589, 590, 592, 594, 597, 599, 600, 601, 603, 607, 609, 610, 611, 612, 616, 619, 620, 621, 623, 627, 630, 631, 632, 636, 637, 640, 642, 643, 647, 649, 651, 652, 654, 656, 657, 658, 659, 662, 665, 666, 676, 677, 678, 680, 682, 683, 685, 686, 687, 688, 697, 698, 702, 705, 706, 708, 709, 711, 712, 713, 714, 716, 717, 718, 720, 726, 731, 733, 734, 735, 738, 748, 749, 750, 751, 757, 758, 759, 761, 762, 763, 766, 770, 773, 774, 776, 779, 780, 783, 786, 787, 788, 790, 792, 793, 794, 796, 797, 798, 799, 800, 801, 802, 803, 804, 805, 806, 808, 809, 810, 815, 816, 819, 821, 822, 824, 825, 826, 829, 831, 834, 839, 840, 842, 845, 848, 853, 854, 857, 859, 862, 866, 870, 875, 876, 878, 881, 882, 884, 887, 888, 889, 896, 898, 899, 900, 902, 903, 905, 906, 913, 914, 915, 916, 917, 919, 920, 921, 922, 925, 926, 931, 932, 936, 938, 943, 946, 948, 949, 950, 956, 957, 962, 963, 965, 966, 969, 971, 972, 973, 974, 975, 976, 979, 980, 981, 982, 984, 985, 987, 989, 990, 991,

992, 998, 1001, 1005, 1007, 1009, 1010, 1011, 1015, 1016, 1018, 1020, 1021, 1022, 1023, 1024, 1026, 1031, 1032, 1033, 1034, 1041, 1045, 1046, 1047, 1048, 1049, 1051, 1053, 1056, 1058, 1059, 1060, 1063, 1065, 1067, 1068, 1071, 1078, 1079, 1088, 1091, 1095, 1097, 1112, 1113, 1114, 1118, 1119, 1121, 1129, 1138, 1142, 1143, 1182, 1184, 1188, 1190, 1193, 1199, 1203, 1207, 1209, 1210, 1228, 1232, 1238, 1239, 1240, 1243, 1246, 1247, 1257, 1259, 1268, 1271, 1276, 1277, 1286, 1289, 1302, 1306, 1309, 1314, 1318, 1319, 1325, 1326, 1327, 1328, 1329, 1347, 1352, 1355, 1356, 1357, 1368, 1370, 1374, 1377, 1380, 1386, 1393, 1394, 1400, 1401, 1418, 1505, 1518, 1562, 1564, 1574, 1586, 1595, 1599, 1620, 1624, 1653, 1675, 1679, 1709, 1710, 1712, 1722, 1768, 1879, 1885, 1889, 1899, 1900, 1903, 1917, 1925, 1931, 1946, 1951, 1956, 1960, 1961, 1962, 1970, 1971, 1972, 1975, 1977, 1979, 1984, 1985, 1987, 1988, 1991, 1993, 1994, 1998, 2015, 2018, 2019, 2023, 2025, 2027, 2029, 2030, 2031, 2033, 2035, 2038, 2041, 2042, 2059, 2073, 2076, 2077, 2078, 2098, 2100, 2102, 2103, 2111, 2118, 2122, 2130, 2134, 2145, 2155, 2168, 2174, 2195, 2198, 2202, 2203, 2206, 2211, 2223, 2227, 2229, 2230, 2255, 2260, 2261, 2265, 2266, 2267, 2268, 2269, 2270, 2271, 2272, 2273, 2276, 2278, 2280, 2282, 2283, 2286, 2288, 2289, 2292, 2293, 2294, 2295, 2297, 2298, 2299, 2328, 2330, 2333, 2342, 2348, 2352, 2354, 2370

H2 – 28, 37, 45, 46, 51, 54, 55, 78, 86, 109, 112, 129, 130, 135, 147, 165, 170, 174, 192, 200, 206, 216, 219, 225, 229, 238, 243, 245, 255, 256, 258, 261, 264, 266, 267, 269, 277, 291, 292, 296, 335, 348, 373, 384, 408, 528, 534, 537, 538, 542, 543, 544, 546, 547, 548, 550, 557, 564, 566, 573, 575, 576, 577, 578, 580, 583, 587, 592, 594, 599, 600, 603, 604, 605, 607, 609, 610, 611, 612, 613, 614, 616, 618, 619, 620, 621, 622, 623, 624, 630, 632, 635, 636, 642, 643, 647, 648, 651, 652, 654, 656, 657, 658, 659, 662, 668, 675, 676, 677, 678, 680, 686, 687, 688, 692, 698, 704, 705, 707, 708, 709, 712,

- 714, 715, 716, 717, 718, 719, 722, 724,
726, 727, 733, 734, 735, 740, 742, 748,
749, 750, 757, 759, 760, 761, 762, 764,
765, 766, 777, 780, 783, 785, 786, 787,
789, 792, 793, 794, 795, 796, 797, 798,
799, 800, 801, 802, 803, 804, 805, 806,
808, 809, 810, 811, 812, 813, 816, 819,
824, 825, 826, 828, 832, 834, 836, 839,
840, 842, 845, 852, 854, 855, 858, 859,
861, 864, 869, 873, 874, 875, 876, 877,
878, 888, 889, 891, 896, 898, 899, 900,
902, 906, 908, 911, 912, 913, 914, 915,
918, 919, 921, 922, 926, 932, 934, 936,
942, 945, 946, 948, 949, 958, 964, 966,
969, 970, 971, 973, 974, 975, 976, 979,
980, 981, 985, 987, 989, 990, 998, 1001,
1006, 1007, 1008, 1009, 1011, 1012, 1015,
1016, 1017, 1019, 1020, 1021, 1022, 1024,
1026, 1030, 1032, 1035, 1040, 1041, 1045,
1048, 1049, 1051, 1058, 1059, 1060, 1063,
1066, 1067, 1097, 1117, 1125, 1127, 1138,
1142, 1144, 1156, 1193, 1201, 1202, 1204,
1207, 1210, 1214, 1228, 1264, 1279, 1290,
1309, 1314, 1318, 1319, 1320, 1347, 1356,
1368, 1371, 1480, 1505, 1518, 1524, 1542,
1552, 1574, 1586, 1591, 1620, 1653, 1655,
1656, 1675, 1681, 1688, 1700, 1710, 1722,
1730, 1732, 1768, 1770, 1771, 1773, 1774,
1775, 1778, 1779, 1780, 1786, 1787, 1790,
1792, 1798, 1799, 1800, 1802, 1807, 1812,
1813, 1814, 1815, 1816, 1822, 1826, 1828,
1840, 1841, 1842, 1843, 1844, 1845, 1846,
1847, 1848, 1849, 1850, 1851, 1852, 1854,
1855, 1856, 1858, 1859, 1860, 1863, 1864,
1865, 1866, 1867, 1868, 1869, 1871, 1872,
1873, 2097, 2309, 2315, 2318, 2319, 2320,
2321, 2328, 2340, 2347, 2348, 2352, 2354,
2355, 2361, 2367, 2370, 2371, 2380
- H3** – 109, 575, 599, 698, 973, 990, 1059,
1271, 1655, 1688, 1694, 1730, 1732, 1773,
1792, 1802, 1812, 1850, 1864, 1918, 2175,
2184, 2190, 2276, 2277, 2291, 2295, 2298,
2328, 2331, 2333, 2367
- H4**, 14, 189, 200, 205, 233, 236, 242, 266,
275, 278, 449, 466, 481, 515, 518, 540,
561, 582, 616, 624, 692, 719, 720, 729,
737, 766, 779, 785, 815, 816, 823, 838,
839, 847, 852, 853, 866, 887, 920, 924,
951, 979, 980, 986, 995, 1001, 1027, 1039,
1177, 1179, 1185, 1187, 1190, 1195, 1196,
1201, 1205, 1215, 1222, 1224, 1228, 1236,
1240, 1247, 1252, 1255, 1257, 1269, 1270,
1276, 1279, 1280, 1281, 1283, 1285, 1290,
1300, 1313, 1357, 1372, 1376, 1433, 1448,
1466, 1498, 1569, 1570, 1591, 1603, 1816,
1844, 1845, 1846, 1852, 1862, 1863, 1864,
1868, 1869, 1870, 1899, 1907, 1918, 1968,
1971, 2152, 2187, 2250, 2265, 2266, 2268,
2269, 2270, 2272, 2295, 2297, 2298, 2317,
2328, 2330, 2331, 2354
- H5** – 408, 422, 486, 758, 1204, 1222, 1243,
1301, 1357, 1368, 1418, 1436, 1571, 1854,
1869, 1871, 2067, 2267, 2333
- H6** – 14, 291, 540, 756, 1290, 1357, 1845,
1849, 1851, 1854, 1862, 1865, 1869, 1871,
1872, 1960, 2018, 2273, 2282, 2323, 2330,
2331, 2332, 2354
- H7** – 75, 86, 108, 168, 179, 184, 186, 202,
229, 269, 283, 289, 298, 301, 336, 349,
350, 351, 362, 365, 368, 375, 379, 387,
509, 512, 513, 558, 575, 577, 578, 579,
585, 603, 628, 636, 693, 697, 698, 711,
712, 722, 750, 800, 805, 806, 809, 810,
826, 839, 852, 859, 876, 894, 957, 962,
974, 982, 987, 995, 1001, 1041, 1121,
1140, 1144, 1149, 1304, 1307, 1308, 1312,
1313, 1319, 1320, 1326, 1333, 1338, 1355,
1365, 1371, 1382, 1469, 1471, 1489, 1501,
1505, 1570, 1662, 1673, 1694, 1773, 1828,
1788, 1791, 1794, 1805, 1812, 1847, 1848,
1852, 1860, 1862, 1864, 1866, 1867, 1872,
1873, 1883, 1899, 1920, 1984, 2013, 2034,
2076, 2106, 2132, 2214, 2265, 2267, 2270,
2271, 2279, 2282, 2284, 2289, 2297, 2304,
2308, 2332
- I –
- I1** – 74, 602, 700, 728, 748, 754, 870, 885,
918, 944, 965, 1014, 2044, 2080, 2374,
2377
- I2** – 78, 130, 732, 2381
- I3** – 64, 119, 202, 230, 231, 275, 484, 555,
558, 559, 560, 597, 604, 633, 636, 690,
701, 702, 722, 723, 724, 725, 747, 751,
753, 754, 757, 760, 761, 768, 769, 789,

792, 793, 794, 796, 804, 808, 810, 811,
812, 813, 814, 818, 822, 824, 848, 849,
852, 861, 865, 867, 869, 870, 875, 884,
895, 897, 905, 912, 913, 914, 922, 925,
944, 948, 961, 962, 968, 970, 971, 976,
984, 988, 992, 1002, 1014, 1015, 1026,
1027, 1031, 1065, 1093, 1131, 1140, 1141,
1143, 1147, 1148, 1150, 1156, 1166, 1171,
1204, 1311, 1329, 1352, 1401, 1434, 1437,
1499, 1600, 1618, 1624, 1659, 1720, 1757,
1761, 1777, 1779, 1949, 1986, 2005, 2007,
2011, 2015, 2036, 2107, 2115, 2145, 2152,
2169, 2260, 2293, 2309, 2316, 2361

I4 – 54, 91, 130, 153, 274, 580, 611, 1032,
1402, 1795, 1962, 2173, 2176, 2179, 2185,
2207

I5 – 78, 639, 711, 725, 792, 861, 958, 1007,
1008, 1057, 1304, 1946

INSTITUIÇÕES E REVISTAS

CENTRO-SUL

Almada Histórica, Arquivo Histórico de Almada, Praceta Adelaide Coutinho, 2800-002 Almada.

Almansor: Revista de Cultura, Município de Montemor-o-Novo, Largo dos Paços do Concelho, 7050-127.

Anais de Almada: Revista Cultural, Arquivo Histórico de Almada, Praceta Adelaide Coutinho, 2800-002 Almada.

Boletim Cultural da Assembleia Distrital de Lisboa, Lisboa, Assembleia Distrital de Lisboa, Rua José Estêvão, n.º 137, 3.º, 1169-058 Lisboa.

Boletim Cultural de Mafra, Câmara Municipal de Mafra, Praça do Município 2644-001 Mafra.

Cadernos Cultrais de Telheiras, Centro Cultural Eça de Queiroz, Rua Queiroz Veloso, 1600-768 Lisboa.

Cadernos do Arquivo Municipal, Arquivo Municipal de Lisboa, Rua B, Bairro da Liberdade, lote 3 a 6, piso 0, 1070-017 Lisboa.

Cadernos do Endovélico: Revista do Centro de Estudos do Endovélico, Câmara Municipal do Alandroal, Praça da República 2, 7250-116 Alandroal.

Callipole: Revista de Cultura, Câmara Municipal de Vila Viçosa, Câmara Municipal de Vila Viçosa, Paços do Concelho, Praça da República, 7160-207 Vila Viçosa.

Cidade de Évora: Boletim de Cultura da Câmara Municipal de Évora, Edifício Paços do Concelho, Praça de Sertório, 7004-506 Évora.

Cidade: Revista Cultural de Portalegre, Portalegre, Atelier de Artes Plásticas de Portalegre, Rua de Elvas, Sé, 7300-126 Portalegre.

Cidade Solidária: Revista da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Largo Trindade Coelho, 1200-470 Lisboa.

Cira: Boletim Cultural, Câmara Municipal de Vila Franca de Xira, Praça Afonso de Albuquerque, n.º 2, 2600-093 Vila Franca de Xira.

Elvas, História Viva: Revista Municipal de Cultura e Património, Câmara Municipal de Elvas Rua Isabel Maria Picão, s/n 7350-476 Elvas.

Ibn Maruán: Revista Cultural do Concelho de Marvão, Câmara Municipal, Largo de Santa Maria, 7330-101 Marvão.

Musa: Museus, Arqueologia e Outros Patrimónios, Edição do Fórum Intermuseus do Distrito de Setúbal (FIDS) e do Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal (MAEDS).

Olisipo: Boletim do Grupo "Amigos de Lisboa", Rua Portugal Durão, 58A 1600-187 Lisboa.

Revista Municipal/Lisboa: Revista Municipal, Câmara Municipal de Lisboa, Praça do Município, Lisboa 1100-038 Lisboa.

Skra Barbarion: Sesimbra, Cultura e Património, Câmara Municipal de Sesimbra, Rua da República, n.º 3, 2970-741 Sesimbra.

JORNAIS

ACTUAL, depois de 1987, Semanário

Rua do Regimento de Infantaria 1, n.º 39, 1.º dto. – 2925-221 Setúbal – Setúbal

Festas e romarias – concelho de **Setúbal**: São Sebastião (23 de Janeiro) em SÃO SEBASTIÃO, Nossa Senhora do Carmo (8-15 de Julho), Nossa Senhora da Saúde (21 de Setembro) em VILA NOGUEIRA DE AZEITÃO – concelho do **Montijo**: São Pedro (24 de Junho – 3 de Julho) no MONTIJO – concelho de **Grândola**: Nossa Senhora do Rosário (13-15 de Agosto) em MELIDES – concelho de **Almada**: São João Baptista (22-25 de Junho) em ALMADA – concelho de **Santiago do Cacém**: Santa Maria (10-14 de Agosto) em ERMIDAS-SADO – concelho de **Sines**: São Pedro (30 de Junho) em SINES – concelho de **Sesimbra**: Senhor Jesus das Chagas (4 de Maio) em SESIMBRA. Artigos dispersos com referências ao património religioso edificado.

ALTO ALENTEJO, depois de 2006, Semanário

Rua D. Nuno Álvares Pereira, n.º 61, 2º esq. 7300-200 Portalegre – Portalegre

Festas e romarias – concelho de **Arronches**: Nossa Senhora da Luz (2 de Fevereiro), Senhor doa passos (18 de Março) em ARRONCHES – concelho de **Castelo de Vide**: Nossa Senhora das Candeias (2 de Fevereiro), Senhor dos Passos (31 de Março), Nossa Senhora da Alegria (1-3 de Junho) em CASTELO DE VIDE – concelho de **Ponte de Sor**: Nossa Senhora dos Pazeres (8 de Setembro) em VALE DE AÇOR – concelho do **Crato**: Nossa Senhora da Luz (2 de Fevereiro) em VALE DO PESO – concelho de **Monforte**: Nossa Senhora dos Prazeres (16 de Abril) em MONFORTE – concelho do **Crato**: Senhor dos Passos (31 de Março) no CRATO – concelho de **Portalegre**: São Cristóvão (28-29 de Julho), Senhor do Bonfim (4º domingo de Setembro) em PORTALEGRE; Nossa Senhora da Alegria (15 de Agosto) em ALEGRETE – concelho de **Alter do Chão**: Senhor do Outeiro (26 de Agosto), Nossa Senhora da Alegria (26 de Agosto) em ALTER DO CHÃO – concelho de **Marvão**: Nossa Senhora das Dores (26 de Agosto), Nossa Senhora da Estrela (8 de Setembro) em SANTA MARIA DE MARVÃO; Santo António (1-2 de Setembro) em ESCUSA – concelho de **Gavião**: Nossa Senhora das Necessidades (1-2 de Setembro) em COMENDA; Nossa Senhora dos Remédios (1-2 de Setembro) em GAVIÃO.

ALVORADA, depois de 1960, Quinzenário

Centro Pastoral Santo António, Largo da República, s/n – 2530-120 Lourinhã – Lisboa

Festas e romarias – concelho da **Lourinhã**: Santo Antão (17 de Janeiro), Nossa Senhora dos Remédios (15 de Outubro) em MOLEDO; Nossa Senhora de Monserrate (2º domingo de Outubro), Santa Bárbara (4 de Dezembro) em SANTA BÁRBARA; Sagrado Coração de Jesus (25 de Junho) em MARTELEIRA; São Sebastião (20 de Janeiro), Senhora dos Anjos (2º domingo de Setembro); São Sebastião (8-9 de Outubro) na LOURINHÃ; Senhora da

Piedade (7-9 de Setembro) na MOITA dos FERREIROS; São Sebastião (2º domingo de Setembro) em REGUENGO GRANDE; São Brás (3-5 de Fevereiro) em SÃO BARTOLOMEU DOS GALEGOS; São Miguel (4º domingo de Agosto) no VIMEIRO. Coluna com referência ao património religioso edificado: “Noticiário”.

BADALADAS, depois de 1948, Quinzenário, depois Semanário

Praça 25 de Abril 6, 1º-E Torres Vedras, 2560-287 – Lisboa

Festas e romarias – concelho de **Torres Vedras**: Rainha Santa Isabel (Agosto) em OUTEIRO DA CABEÇA; Senhor dos Passos (22 de Março) em MATAÇÃES; Nossa Senhora do Amparo (23-24 de Agosto) em SILVEIRA; Sagrada Família (último domingo do ano) em PONTE DO ROL; Nossa Senhora dos Prazeres (12-15 de Abril) em DOIS PORTOS; Nossa Senhora da Nazaré (Maio) em SÃO PEDRO DA CADEIRA; Santo Isidro (10-12 de Maio) em A DOS CUNHADOS; Nossa Senhora das Graças (30 de Maio – 2 de Junho), Senhor Jesus Morto (18-21 de Julho), Nossa Senhora do Socorro (5 de Agosto) em TURCIFAL; São Sebastião (20 de Julho) em RAMALHAL; Santo António (12-15 de Junho), Nossa Senhora da Piedade (3 de Agosto), Nossa Senhora da Saúde (7 de Setembro) em SÃO PEDRO E SÃO TIAGO; São Vicente (Janeiro), Nossa Senhora da Luz (8 de Setembro), São Miguel (29 de Setembro) em SANTA MARIA DO CASTELO E SÃO MIGUEL; Senhor dos Passos (2 de Março), Sagrado Coração de Jesus (13 de Junho), Santo António (13-16 de Junho), São Pedro (29 de Junho), Nossa Senhora da Assunção (15 de Agosto), São Gonçalo (27 de Outubro), Todos-os-Santos (31 de Outubro – 2 de Novembro), Imaculada Conceição (2-4 de Dezembro) em TORRES VEDRAS – concelho de **Mafra**: Nossa Senhora da Nazaré (14-21 de Agosto) em MAFRA. Artigos dispersos sobre o património religioso edificado.

BRADOS DO ALENTEJO, depois de 1931, Semanário, depois Quinzenário

Rua Bento de Jesus Caraça, n.º 2 – 7100-112 Estremoz – Évora

Festas e romarias – concelho de **Estremoz**: São Sebastião (1 de Maio), Santo António (13 de Junho), Nossa Senhora da Conceição (28-29 de Agosto) em ARCOS; São Bento (2-3 de Agosto), Santo Isidro (28 de Agosto) em SÃO BENTO DO AMEIXIAL; Nossa Senhora do Mileu (11-13 de Setembro) em VEIROS; Nossa Senhora da Visitação (9-10 de Agosto), Santa Maria do Castelo (14-15 de Agosto) em Évora Monte (Santa Maria); Nossa Senhora da Glória (15-17 de Agosto) em GLÓRIA; São Romão (30 de Maio), São Lourenço (2-3 de Agosto) em SÃO LOURENÇO DE MAMPORCÃO; Nossa Senhora das Necessidades (15 de Maio), Nossa Senhora das Vitórias (9-10 de Agosto) em SANTA VITÓRIA DO AMEIXIAL; Santíssima Trindade (18 de Maio) em SANTO ESTÊVÃO; São José Operário (1 de Maio), Santa Rita de Cássia (23 de Maio), Nossa Senhora de Fátima (último domingo de Maio), Corpo de Deus (7-10 de Junho), Santo António (12-13 de Junho), São João Baptista (23-24 de Junho), São Pedro (28-29 de Junho), Rainha Santa (3-5 de Julho), Nossa Senhora dos Mártires (12-14 de Julho), Nossa Senhora da Assunção (15 de Agosto), Exaltação da Santa Cruz (1.ª semana de Setembro), Nossa Senhora da Cabeça (11 de Setembro), Trasladação da Rainha Santa (29 de Outubro), Cristo-Rei (30 de Outubro) em ESTREMOZ – concelho de **Montemor-o-Novo**: Nossa Senhora da Conceição (6-8 de Agosto) em CABRELA – concelho do **Alandroal**: Nossa Senhora da Conceição (25-27 de Setembro) em ALANDROAL; Nossa Senhora da Boa Nova (18-20 de Abril) em TERRENA

(SÃO PEDRO) – concelho de **Arraiolos**: Nossa Senhora da Conceição (17-18 de Julho), Nossa Senhora de Fátima (17-18 de Outubro) em VIMIEIRO; Santa Clara (4-6 de Agosto) em SABUGUEIRO – concelho de **Borba**: Santa Bárbara (12 de Abril), São Lourenço (9-10 de Agosto), Senhor Jesus dos Aflitos (20-22 de Agosto), São Miguel (28-29 de Agosto) em BORBA; Nossa Senhora da Orada (1.^a quinzena de Setembro) em ORADA – concelho de **Vila Viçosa**: Nossa Senhora da Assunção (15 de Agosto) em VILA VIÇOSA; Santa Ana (22-24 de Agosto) em BENCATEL – concelho de **Marvão**: São Marcos (24-26 de Abril) em SANTO ANTÓNIO DAS AREIAS – concelho de **Avis**: São Sebastião (31 de Janeiro), Nossa Senhora de Entre-Águas (18-20 de Setembro) em BENAVIDA – concelho de **Nisa**: Senhor dos Passos (3 de Abril), Corpo de Deus (1.^a semana de Julho) em NISA; Nossa Senhora da Graça (10-12 de Setembro) em ALPALHÃO – concelho de **Ponte de Sor**: Senhor dos Passos (10 de Abril), Sagrado Coração de Jesus (5 de Junho), Senhor das Almas (10 de Setembro) em MONTARGIL – concelho do **Crato**: Senhor dos Passos (3 de Abril) em CRATO E MÁRTIRES – concelho de **Sousel**: Santíssimo Corpo de Deus (19 de Junho) em SOUSEL; Nossa Senhora da Graça (11-13 de Setembro) em CASA BRANCA – concelho de **Campo Maior**: Nossa Senhora da Graça (7-8 de Agosto) em NOSSA SENHORA DA GRAÇA DOS DEGOLADOS – concelho de **Monforte**: Santo Aleixo (22-24 de Agosto), Nossa Senhora da Conceição (4-5 de Setembro) em SANTO ALEIXO – concelho de **Elvas**: Senhor da Piedade (20-25 de Setembro) em ELVAS – concelho de **Fronteira**: Nossa Senhora das Candeias (2 de Fevereiro) em CABEÇO DE VIDE.

O CARRILHÃO, depois de 1980, Quinzenário

Rua Serafim da Paz Medeiros, Centro Comercial, Loja 16 – 2640-533 Mafra – Lisboa

Festas e romaria: **concelho de Mafra**: Sete Dores de Nossa Senhora (14 de Abril), Nossa Senhora do Socorro (22 de Maio – 5 de Agosto), Nossa Senhora do Rosário (1-19 de Agosto), Nossa Senhora do Ó (18 de Dezembro) em MAFRA; Nossa Senhora da Nazaté (15 de Setembro), São Miguel (2-5 de Outubro), Nossa Senhora do Livramento (1 de Novembro) em ALCAINÇA; São Francisco de Assis (4-6 de Outubro) em SANTO ISIDORO; Nossa Senhora do Cabo (10 de Outubro) em IGREJA NOVA; Nossa Senhora da Nazaré (Dezembro) em CARVOEIRA.

O CLARIM DE ARRUDA DOS VINHOS, 1953-1966 e 1990-2001, Mensário

Rua Cândido dos Reis, n.º 54 – 2630 Arruda dos Vinhos – Lisboa

Festas e romarias – concelho de **Arruda dos Vinhos**: Nossa Senhora da Salvação (6-16 de Agosto) em ARRUDA DOS VINHOS; São Miguel (Setembro) em CARDOSAS. Artigos dispersos com referências ao património religioso edificado.

O CONCELHO DE NISA, 1984-1988, Mensário

Rua Marechal Gomes da Costa, n.º 8 – 6050 Nisa – Portalegre

Festas e romarias – concelho de **Nisa**: Senhor dos Passos (23-24 de Março), Nossa Senhora de Fátima (13 de Maio), Sagrado Coração de Jesus (2 de Junho), Santo António (13 de Junho), São Pedro (28-29 de Junho), São Martinho (11 de Novembro) em NISA; Senhor dos Passos (Abril) em AMEIRA DO TEJO. Artigos dispersos com referência ao património religioso edificado.

O CORREIO DA LINHA, depois de 1989, Mensário

Rua Prof. Mota Pinto, Loja 4, Bairro do Pombal 2780-275 Oeiras – Lisboa

Festas e romarias – concelho de **Oeiras**: Senhor Jesus dos Navegantes (27 de Agosto – 5 de Setembro) em PAÇO DE ARCOS – concelho de **Cascais**: Nossa Senhora Auxiliadora (25 de Maio – 2 de Junho) no ESTORIL. Artigos dispersos com referências ao património religioso edificado.

CORREIO DE MONSARAZ, 1989-1991, Mensário, depois Quinzenário

Fundação Convento da Orada, apartado 47 – 7200 Reguengos de Monsaraz – Évora

Festas e romarias – concelho de **Reguengos de Monsaraz**: Santo António (13 de Junho) em REGUENGOS DE MONSARAZ. Artigos dispersos com referências ao património religioso edificado.

CORREIO DE NIZA, 1964-1965, Quinzenário

Rua dos Combatentes da Grande Guerra, n.º 1B, 1.º – 6050 Nisa – Portalegre

Festas e romarias – concelho de **Nisa**: São Sebastião (24 de Janeiro); Nossa Senhora da Graça (Maio), Santo Isidoro (20-21 de Maio), Corpo de Deus (17 de Junho), Santo António (20 de Junho) em NISA. Artigos dispersos com referências ao património religioso edificado.

CORREIO DE SETÚBAL, 1996-2009, Diário

Rua Luís Gonzaga do Nascimento, n.º 14, 1.º Dto. – 2900 Setúbal – Setúbal

Festas e romarias – concelho de **Setúbal**: São Sebastião (17-19 de Janeiro), Senhor do Bonfim (11 de Maio), São Marçal (30 de Junho), Nossa Senhora do Carmo (15-16 de Julho) em SETÚBAL – concelho de **Grândola**: Nossa Senhora de Tróia (18 de Agosto) em CARVALHAL – concelho de **Sesimbra**: Santo António, São João Baptista, São Pedro (21-30 de Junho) em SESIMBRA – concelho de **Santiago do Cacém**: Santa Maria (14-17 de Agosto) em ERMIDAS-SADO; Nossa Senhora do Monte (5-8 de Setembro) em SANTIAGO DO CACÉM – concelho do **Montijo**: Nossa Senhora da Oliveira (5-7 de Setembro) em CANHA – concelho da **Moita**: Nossa Senhora da Boa Viagem (12-21 de Setembro) na MOITA. Artigos com referência a património religioso edificado.

COSTA DO SOL, depois de 2013, Quinzenário

Rua Conde de Rio Maior, n.º 19, 3.º C – 2760-038 Paço de Arcos – Lisboa

Festas e romarias – concelho de **Cascais**: Santo António (13 de Junho) em SÃO DOMINGOS DE RANA; Nossa Senhora dos Navegantes (16 de Agosto) em CASCAIS; Nossa Senhora das Neves (28 de Setembro – 6 de Outubro) em ALCABIDEXE; Nossa Senhora dos Remédios (18 de Outubro) em CARCAVELOS – concelho de **Oeiras**: Nossa Senhora de Porto Salvo (11-25 de Julho) em PORTO SALVO; Nossa Senhora das Dores (8-15 de Setembro) em CAXIAS; São Romão 22 de Setembro) em CARNAXIDE; São Miguel Arcanjo (20-29 de Setembro) em QUEIJAS.

O DESPERTADOR, depois de 1991, Mensário

Praça 25 de Abril, n.º 21A – 7350-122 Elvas – Portalegre

Festas e romarias – concelho de **Elvas**: Nossa Senhora da Lapa (Abril) em BARBACENA; Nossa Senhora das Dores (24 de Agosto), Senhor Jesus da Piedade, São Mateus (11-29 de Setembro) em ELVAS. Artigos dispersos com referências ao património religioso edificado.

DIÁRIO DO SUL, depois de 1969, Diário

Travessa Santo André, n.º 6/8 – 7000-173 Évora – Évora

Festas e romarias – concelho de Évora: Santo Antão (17 de Janeiro), Nossa Senhora das Candeias (2-3 de Fevereiro), Senhor Jesus dos Passos (11-15 de Março), Enterro do Senhor (28 de Março), Nossa Senhora de Fátima (11 de Maio), Corpo de Deus (28 de Maio), Nossa Senhora da Visitação (14 de Junho), Nossa Senhora da Saúde (21 de Junho), São João Baptista (21-30 de Junho), Nossa Senhora da Assunção (15 de Agosto), Nossa Senhora de Fátima (30 de Agosto), Santa Bárbara (13-14 de Setembro), Exaltação da Santa Cruz (13 de Setembro), Nossa Senhora de Fátima (3-4 de Outubro) em ÉVORA; Nossa Senhora de Guadalupe (19-21 de Julho) em NOSSA SENHORA DE GUADALUPE; Nossa Senhora da Assunção (26-28 de Julho) em NOSSA SENHORA DA TOUREGA; Nossa Senhora Auxiliadora (1 de Setembro) em MALAGUEIRA; São Manços, Nossa Senhora da Ajuda (22-26 Agosto) em São Manços; São Miguel, Nosso Senhor Jesus dos Esquecidos (20-21 de Setembro) em São Miguel de Machede; Nossa Senhora da Ajuda (1-2 de Junho) em BACELO; Nossa Senhora da Natividade (6-7 de Setembro) em NOSSA SENHORA DE MACHEDE – concelho de **Montemor-o-Novo**: São João de Deus (7-8 de Março), São Mateus (15-16 de Agosto) em MONTEMOR-O-NOVO; Nossa Senhora da Conceição (22-24 de Agosto) em CABRELA – concelho de **Borba**: Santa Bárbara (30 de Março), Senhor Jesus dos Aflitos (15-18 de Agosto) em BORBA – concelho de **Estremoz**: Nossa Senhora dos Mártires (6-8 de Setembro) em ESTREMOZ – concelho de **Viana do Alentejo**: Nossa Senhora de Aires (26-28 de Setembro) em VIANA DO ALENTEJO; Espírito Santo (16-17 de Maio) em ALCÁÇOVAS – concelho de **Portel**: Senhor dos Passos (15 de Março) em PORTEL – concelho de **Arraiolos**: Senhor Jesus dos Passos (28 de Fevereiro – 4 de Março) em ARRAIOLOS – concelho de **Reguengos de Monsaraz**: Santo António (1ª quinzena de Junho) em REGUENGOS DE MONSARAZ – concelho de **Vila Viçosa**: Nossa Senhora da Conceição (9 de Junho), São Pedro (29 de Junho), Nossa Senhora da Lapa dos Milagres (6 de Setembro) em VILA VIÇOSA; Santa Ana (23-25 de Agosto) em BENCATEL – concelho de **Vendas Novas**: São Domingos Sávio (Maio), Santo António (13 de Junho) em VENDAS NOVAS – concelho de **Mora**: Santo António (Junho) em PAVIA – concelho do **Alandroal**: Nossa Senhora da Conceição (13-15 de Setembro) no ALANDROAL; São Vicente, Nossa Senhora da Luz (20-21 de Setembro) em São Vicente de Pigeiro; Santa Cruz (10-12 de Maio) em SANTIAGO MAIOR – concelho de **Almada**: São João Baptista (13-26 de Junho) em ALMADA – concelho da **Moita**: São José Operário (11-15 de Julho) na BAIXA DA BANHEIRA – concelho de **Castelo de Vide**: Nossa Senhora da Luz (30 de Março), Santo António (13 de Junho), São João Baptista (24 de Junho), São Pedro (29 de Junho) em CASTELO DE VIDE – concelho de **Campo Maior**: Corpo de Deus (28 de Maio), Nossa Senhora da Conceição (8 de Dezembro) em CAMPO MAIOR – concelho de **Ponte de Sor**: Nossa Senhora dos Remédios (9-10 de Agosto) em PONTE DE SOR; Senhor dos Passos (22 de Março), Corpo de Deus (28 de

Maio) em MONTARGIL – concelho de **Avis**: Nossa Senhora de Entre-Águas (26-28 de Julho) em BENAVIDA; Santa Margarida (2-4 de Agosto) em ALDEIA VELHA – concelho de **Elvas**: Senhor Jesus da Piedade, São Mateus (20-27 de Setembro) em ELVAS – concelho de **Portalegre**: Nossa Senhora dos Navegantes (8-9 de Agosto) em PORTALEGRE; Nossa Senhora da Alegria (26 de Maio) em CARREIRAS; Nossa Senhora da Alegria (14-18 de Agosto) em ALEGRETE – concelho de **Marvão**: São Pedro (29-30 de Junho), Santa Teresinha do Menino Jesus (16 de Maio), Nossa Senhora da Estrela (8-12 de Setembro) em SANTA MARIA DE MARVÃO – concelho de **Alter do Chão**: Nosso Senhor Jesus do Outeiro, Nossa Senhora da Alegria (15-18 de Agosto) em ALTER DO CHÃO – concelho de **Arronches**: São João Baptista (24 de Junho), São Pedro (21-29 de Junho) em ARRONCHES – concelho do **Crato**: Nossa Senhora dos Mártires (Maio), São João Baptista (24 de Junho), São Pedro (28-29 de Junho) em CRATO E MÁRTIRES. Artigos dispersos e colunas com referências ao património religioso edificado.

O DISTRITO DE PORTALEGRE, 1884-2010, Semanário

Praça do Município, n.º 20 – 7300 Portalegre – Portalegre

Festas e romarias – concelho de **Portalegre**: Nossa Senhora da Purificação (2 de Fevereiro), Senhor Jesus dos Aflitos (1º domingo de Maio), Pentecostes (17 de Maio), Corpo de Deus (28 de Maio), Sagrado Coração de Jesus (10-13 de Junho), São Cristóvão (26-27 de Junho), Nossa Senhora da Assunção (15 de Agosto), Nossa Senhora da Imaculada Conceição (8 de Dezembro) na SÉ; Senhor Jesus dos Passos (5 de Março), Nossa Senhora de Fátima (11 de Maio) em CARREIRAS; Nossa Senhora da Alegria (15-17 de Agosto) em ALEGRETE; Senhor do Bonfim (27-28 de Setembro), Sagrada Família (29 de Dezembro) em SÃO LOURENÇO; Nossa Senhora das Mercês (23-25 de Agosto) em URRÁ – concelho de **Nisa**: São Sebastião (22 de Janeiro), Nossa Senhora da Redonda (3 de Abril) em ALPALHÃO; Senhor Jesus dos Passos (30 de Março), Santo Amaro (2ª feira de Páscoa) em TOLOSA – concelho de **Marvão**: São Marcos (25-27 de Abril) em SANTO ANTÓNIO DAS AREIAS; Nossa Senhora do Amparo (15-17 de Agosto), Nossa Senhora das Dores (29 de Agosto – 1 de Setembro) em SÃO SALVADOR DE ARAMENHA; Nossa Senhora da Estrela (8 de Setembro) em SANTA MARIA DE MARVÃO – concelho do **Crato**: Senhor Jesus dos Passos (26 de Março) em CRATO E MÁRTIRES – concelho do **Gavião**: Sagrado Coração de Jesus (11 de Junho) em BELVER; Santíssimo Corpo de Deus (2ª ou 3ª semana de Junho) em COMENDA – concelho de **Arronches**: Nossa Senhora da Luz (4 de Agosto) em ARRONCHES. Artigos dispersos e colunas com referências ao património religioso edificado: “Pela cidade”, “Pela diocese”, “Vida religiosa” e “De aquém e de além Tejo”.

O DISTRITO DE SETÚBAL, 1951-2000, Bissemanário, depois Semanário

Avenida 22 de Dezembro, n.º 38, 1.º – 2900 Setúbal – Setúbal

Festas e romarias – concelho de **Setúbal**: Nossa Senhora das Graças (3-11 de Fevereiro), Enterro do Senhor (1ª quinzena de Abril), Santo António (13 de Junho), Sagrado Coração de Jesus (26 de Junho), São Pedro de Alcube (3-4 de Julho), Nossa Senhora de Fátima (10 de Julho), Nossa Senhora do Carmo (16 de Julho), Nossa Senhora da Saúde (15 de Agosto), Senhor do Bonfim (1 de Novembro), São Martinho (11 de Novembro) em SETÚBAL; São Sebastião (27-29 de Agosto) em VILA NOGUEIRA DE AZEITÃO – concelho

da **Moita**: Senhor dos Passos (2^a quinzena de Março) em ALHOS VEDROS; São José Operário (9-12 de Julho) na BAIXA DA BANHEIRA – concelho do **Montijo**: São Pedro (Junho) no MONTIJO; Santo Isidro (18 de Maio) em SANTO ISIDRO DE PEGÕES – concelho de **Almada**: São João Baptista (19-26 de Junho) em ALMADA; Nossa Senhora do Bom Sucesso (27-29 de Agosto) em PORTO BRANDÃO – concelho de **Grândola**: Nossa Senhora da Penha (Maio) em GRÂNDOLA; Nossa Senhora do Rosário (13-15 de Agosto) em MELIDES – concelho de **Santiago do Cacém**: Nossa Senhora da Graça (29 de Maio) em SANTO ANDRÉ – concelho do **Seixal**: São Pedro (26-30 de Junho) no SEIXAL; Nossa Senhora do Monte Sião (15 de Agosto) em AMORA; Nossa Senhora da Soledade (29-31 de Outubro) em ARRENTELA – concelho de **Alcochete**: São João Baptista (15-24 de Junho) em ALCOCHETE – concelho do **Barreiro**: Santo António (Junho) em SANTO ANTÓNIO DA CHARNECA; Nossa Senhora do Rosário (12-21 de Agosto) no BARREIRO – concelho de **Sines**: Santo António, São João Baptista, São Pedro (Junho), Nossa Senhora das Salas (15 de Agosto) em SINES – concelho da **Moita**: Nossa Senhora da Graça (1^a quinzena de Agosto) em SARILHOS PEQUENOS; Nossa Senhora da Boa Viagem (10-14 de Setembro) na MOITA – concelho de **Palmela**: Nossa Senhora da Conceição (21-28 de Agosto) em PALMELA – concelho de **Alcácer do Sal**: Senhor Jesus dos Mártires (10-11 de Setembro) em ALCÁCER DO SAL.

O ECO DE ESTREMOZ, 1909-1974, Semanário

Rua Vasco da Gama, n.º 40 – 7100 Estremoz – Évora

Festas e romarias – concelho de **Estremoz**: Santo Antão (17 de Janeiro) em SÃO BENTO DE ANA LOURA; São Marcos (25 de Abril), São José Operário (1 de Maio), Corpo de Deus (28 de Maio), Nossa Senhora de Fátima (último domingo de Maio), Rainha Santa (24 de Junho – 3 de Julho), Exaltação da Santa Cruz (Setembro), Trasladação da Rainha Santa (29 de Outubro), Cristo-Rei (30 de Outubro), Nossa Senhora da Conceição (8 de Dezembro) em ESTREMOZ; Santíssima Trindade (9 de Junho) em SÃO DOMINGOS DE ANA LOURA; Corpo de Deus (10-12 de Junho) em SANTO ANDRÉ – concelho de **Elvas**: Senhor Jesus da Piedade, São Mateus (20-27 de Setembro) em ELVAS – concelho de **Alter do Chão**: São Marcos (25 de Abril) em ALTER DO CHÃO.

ECOS DE GRÂNDOLA, depois de 1992, Mensário

Rua D. Nuno Álvares Pereira, n.º 80-87 – 7570-239 Grândola – Setúbal

Festas e romarias: concelho de **Grândola**: Nossa Senhora da Penha (23-31 de Maio) Nossa Senhora do Rosário (8 de Agosto) em GRÂNDOLA Nossa Senhora da Saúde (9 de Setembro) em ALDEIA DE SANTA MARGARIDA DA SERRA.

O ERICEIRA, 1969-1972, depois de 2004, Mensário

Bairro das Andorinhas, n.º 10 – 2635-230 Ericeira – Lisboa

Festas e romarias – concelho de **Mafra**: Nossa Senhora da Boa Viagem (14-19 de Agosto); Nossa Senhora da Conceição (8 de Dezembro) na ERICEIRA; Nossa Senhora da Nazaré (15 de Setembro) em ALCAINÇA; Nossa Senhora da Nazaré (15 de Setembro) em CARVOEIRA; Nossa Senhora da Encarnação (22-26 de Setembro) na ENCARNAÇÃO; Nossa Senhora do Cabo Espichel (6 de Outubro) em BARCARENA; Nossa Senhora da Conceição (8 de Dezembro) em IGREJA NOVA.

FOLHA DE MONTEMOR, depois de 1989, Mensário

Rua de Santo António, n.º 20 – 7050-202 Montemor-o-Novo – Évora

Festas e romarias – concelho de **Montemor-o-Novo**: São Cristóvão, São Sebastião (17-20 de Julho) em SÃO CRISTÓVÃO; São João de Deus (8 de Março) em MONTEMOR-O-NOVO; São Tiago (26-29 de Julho) em SANTIAGO DO ESCOURAL. Artigos dispersos sobre o património religioso edificado.

FONTE NOVA, depois de 1984, Semanário

Rua do Arco, n.º 20 – 7300-157 Portalegre – Portalegre

Festas e romarias – concelho de **Marvão**: São Marcos (25-28 de Abril) em SANTO ANTÓNIO DAS AREIAS; São Pedro (6-7 de Julho) em SÃO SALVADOR DA ARAMENHA – concelho de **Arronches**: São João Baptista (23-24 de Junho) em ARRONCHES. Artigos dispersos com referências ao património religioso edificado.

FUNDAMENTAL, 1993-2010, Mensário

Praceta Infante D. Henrique, lote 43, r/c dir. – 2580 Carregado – Lisboa

Festas e romarias – concelho de **Alenquer**: São Sebastião, Nossa Senhora da Encarnação (9-11 de Setembro), Nossa Senhora da Nazaré (13-19 de Setembro) em OLHALVO – concelho de **Azambuja**: São Sebastião, Nossa Senhora da Purificação (12-15 de Junho) em AVEIRAS DE CIMA.

GAZETA DE PALMELA, 1994-2002, Semanário

Rua Frei Jerónimo Brito e Melo, n.º 6, r/c. – 2950 Palmela – Setúbal

Festas e romarias – concelho de **Palmela**: São José (14 de Junho) no PINHAL NOVO; São Pedro (28 de Junho – 1 de Julho) na MARATECA; Todos os Santos (31 de Outubro – 4 de Novembro) em QUINTA DO ANJO; Nossa Senhora da Conceição (10-14 de Agosto) em PALMELA – concelho do **Montijo**: Nossa Senhora da Atalaia (27-30 de Agosto) em ATALAIA.

GAZETA DE VENDAS NOVAS, depois de 1993, Quinzenário

Rua Estevão de Almeida, n.º 4 – 7080-079 Vendas Novas – Évora

Festas e romarias – concelho de **Vendas Novas**: Nossa Senhora Auxiliadora (10-11 de Julho), Santo António (8-10 de Agosto) em VENDAS NOVAS. Artigos dispersos sobre o património religioso edificado.

JORNAL CONCELHO DE PALMELA, depois de 1991, Semanário

Rua Serpa Pinto, n.º 3-7, 2950-218, Palmela – Setúbal

Festas e romarias – concelho de **Palmela**: Nosso Senhor dos Passos (1ª quinzena de Abril) em PALMELA; São Gonçalo (29 de Maio – 1 de Junho), Todos-os-Santos (31 de Outubro – 2 de Novembro) em QUINTA DO ANJO – conselho do **Montijo**: Nossa Senhora da Atalaia (24-25 de Agosto) em ATALAIA; São Pedro (25 de Junho – 1 de Julho) no MONTIJO – concelho da **Moita**: Nossa Senhora da Boa Viagem (Setembro) na MOITA; Nossa Senhora da Graça (27 de Setembro – 4 de Outubro) em SARILHOS PEQUENOS.

JORNAL DA COSTA DO SOL, depois de 1964, Semanário

Praça João Moutinho de Freitas, 23B, – 2750-388 Cascais – Lisboa

Festas e romarias – concelho de **Cascais**: Nossa Senhora da Conceição (11 de Maio), Santo António (Junho) no ESTORIL; Santo António (13-21 de Junho) e Nossa Senhora dos Navegantes (15 de Agosto) em CASCAIS; São João Baptista (23-28 de Junho) em CARCAVELOS; Nossa Senhora da Graça (8-13 de Junho) e Nossa Senhora da Consolação (8 de Dezembro) em SÃO DOMINGOS DE RANA – concelho de **Oeiras**: Senhor Jesus dos Navegantes (29 de Agosto-6 de Setembro) em PAÇO DE ARCOS. Artigos dispersos sobre património religioso edificado.

JORNAL DA MOITA, depois de 2000, Semanário

Rua Dr. Miguel Bombarda, n.º 19, 1.º – 2860-439 Moita – Setúbal

Festas e romarias – concelho da **Moita**: São José Operário (7-16 de Julho) na BAIXA DA BANHEIRA; Nossa Senhora dos Anjos (28 de Julho-2 de Agosto) em ALHOS VEDROS; Nossa Senhora da Boa Viagem (8-17 de Setembro) na MOITA – concelho do **Barreiro**: Santa Margarida (28 de Julho – 6 de Agosto) no LAVRADIO; Nossa Senhora do Rosário (15 de Agosto) no BARREIRO. Artigos dispersos com referências ao património religioso edificado.

JORNAL DA REGIÃO – ALMADA, depois de 1997, Semanário

Travessa Júlio Brandão, Loja IC – Fogueteiro – 2845-173 Seixal – Setúbal

Festas e romarias – concelho de **Almada**: Nossa Senhora de Fátima (8 de Maio) no LARANJEIRO; Santo António, São João Baptista, São Pedro (23-26 de Junho) na COSTA DA CAPARICA. Colunas com informações sobre o património religioso edificado: “Cantinhos da Região”.

JORNAL DA REGIÃO – OEIRAS, depois de 1997, Semanário

Alameda António Sérgio, n.º 7, 1.º direito – 2795-023 Linda-a-Velha – Lisboa

Festas e romarias – concelho de **Oeiras**: Nossa Senhora da Rocha (25 de Maio – 2 de Junho) em OEIRAS; Nossa Senhora do Porto Salvo (21 de Julho) em PORTO SALVO; Senhor Jesus dos Navegantes (21 de Agosto – 1 de Setembro) em PAÇO DE ARCOS. Colunas com referências ao património religioso edificado: “Cantinhos de Oeiras”.

JORNAL DA REGIÃO – SEIXAL, depois de 2000, Semanário

Travessa Júlia Brandão, loja 1C, Fogueteiro – 2845-173 Amora – Setúbal

Festas e romarias – concelho do **Seixal**: Nossa Senhora da Soledade (Novembro) na ARRENTELA; Nossa Senhora da Anunciada (31 de Julho – 4 de Agosto) em ALDEIA DE PAIO PIRES; Nossa Senhora do Monte Sião (Agosto) em AMORA; Nossa Senhora da Boa Hora (20-28 de Julho) em FERNÃO FERRO; Nossa Senhora da Graça (3ª ou 4ª semana de Agosto) em CORROIOS; São Pedro (29 de Junho – **1ª semana de Julho**) no SEIXAL. Artigos dispersos e coluna com referências ao património religioso edificado: “Cantinhos de Seixal”.

JORNAL DA REGIÃO – SINTRA, depois de 1997, Semanário

Estrada de Albuquerque, Centro Empresarial Sintra-Estoril, Armazém N, Capa Rota – 2710-144 Sintra – Lisboa.

Festas e romarias – concelho de **Sintra**: Nossa Senhora da Saúde (31 de Agosto – 4 de Setembro) em SÃO JOÃO DAS LAMPAS; Nossa Senhora da Nazaré (16-22 de Setembro) em TERRUGEM; Nossa Senhora da Graça (4-8 de Outubro) em COLARES; São Pedro (28-29 de Junho) em SÃO PEDRO DE PENAFERRIM; Santos Populares (12-29 de Junho), Nossa Senhora da Natividade (3ª ou 4ª semana de Agosto), São Mamede (3ª ou 4ª semana de Agosto) em SÃO MARTINHO. Artigos dispersos e colunas com referências ao património religioso edificado: “Cantinhos de Sintra” e “Recantos de Sintra”.

JORNAL DE ALENQUER, 1977-1986, Quinzenário, depois de 2000, Mensário

Largo Palmira Bastos, n.º 13 – 2580 Alenquer – Lisboa

Festas e romarias – concelho de **Alenquer**: Senhor Jesus dos Passos (26 de Março) em ALENQUER; Nossa Senhora da Piedade (12-14 de Maio), Nossa Senhora da Ascensão (19 de Maio), Santa Quitéria (21-25 de Maio), São Sebastião (16-18 de Julho) em MECA; Nossa Senhora da Fonte (4-7 de Agosto) em VILA VERDE DOS FRANCOS; Senhor Jesus dos Passos (9 de Abril) em ALDEIA GALEGA DA MERCEANA; Nossa Senhora do Ó (25-28 de Agosto), **São Gregório Magno (1-4 de Setembro) em CABANAS DE TORRES**; Nossa Senhora da Piedade (1-3 de Setembro) na OTA; Nossa Senhora da Nazareth (8-18 de Setembro), São Sebastião (10-13 de Setembro) em OLHALVO; Nossa Senhora da Saúde (11-15 de Agosto), São Martinho (11 de Novembro) na VENTOSA; São Lourenço (10-15 de Agosto) na ABRIGADA; Nossa Senhora da Conceição (8 de Dezembro) em PEREIRO DE PALHACANA; Nossa Senhora do Egipto (2-6 de Setembro) em RIBAFRIA.

JORNAL DE ALMADA, depois de 1954, Semanário

Avenida D. João I, n.º 9, 1.º Esquerdo – 2800-111 Almada – Setúbal

Festas e romarias – concelho de **Almada**: São Paulo (25 de Janeiro), Senhor dos Passos (1ª quinzena de Abril), São João Baptista (2ª quinzena de Junho), Cristo-Rei (2ª quinzena de Outubro) em ALMADA; Senhor dos Passos (10 de Abril), São Pedro (23-29 de Junho) na TRAFARIA; Nossa Senhora do Bom Sucesso (27-29 de Agosto) na CAPARICA; Nossa Senhora do Bom Sucesso (1 de Novembro) em CACILHAS; Nossa Senhora da Piedade (14-30 de Agosto) na COVA DA PIEIDADE – concelho do **Seixal**: São Pedro (26-30 de Junho) no SEIXAL – concelho do **Montijo**: São Pedro (26-30 de Junho) no MONTIJO – concelho de **Lisboa**: Santo António (13 de Junho) em LISBOA. Artigos dispersos e colunas com referências ao património religioso edificado: “Noticiário Regional”, “Monumentos de Portugal” e “Notícias do Pragal”.

JORNAL DE LOURES, 1995-1998, Quinzenário

Apartado 59 – 2670 Loures – Lisboa

Festas e romarias – concelho de **Loures**: Anjo Custódio (19-23 de Julho) em BUCELAS; São Tiago (25-28 de Julho) em CAMARATE; Nossa Senhora dos Remédios (19-21 de Julho) na BOBADELA. Artigos dispersos com referências ao património religioso edificado.

JORNAL DE SESIMBRA, 1978-1998, Mensário

Rua Entre Muros – 2970 Sesimbra – Setúbal

Festas e romarias – concelho de **Sesimbra**: Senhor Jesus das Chagas (4 de Maio), São João Baptista, São Pedro, São Marçal (23-30 de Junho), Nossa Senhora da Luz (11-13 de Setembro), Nossa Senhora do Cabo Espichel (26-29 de Setembro) em SESIMBRA; Nossa Senhora da Boa Água (14-22 de Agosto) em QUINTA DO CONDE. Artigos dispersos com referência a património religioso edificado. Coluna com informações sobre usos e costumes intitulada: “Rezas antigas do Povo de Sesimbra”.

JORNAL DE SINTRA, depois de 1934, Semanário

Rua Heliodoro Salgado, n.º 6 – 2710-572 Sintra – Lisboa

Festas e romarias – concelho de **Sintra**: Nossa Senhora da Esperança (18 de Abril), Nossa Senhora da Consolação (Julho), Nossa Senhora da Assunção (Agosto), Santa Maria (Agosto), Nossa Senhora da Penha de França (1ª quinzena de Agosto), São Lourenço (Agosto), São Miguel Arcanjo (Setembro), Nossa Senhora da Nazaré, Nossa Senhora da Saúde (14-21 de Setembro) em São João das Lampas; São Pedro (29 de Junho), Nossa Senhora de Fátima (Julho), Nossa Senhora da Piedade da Serra (Agosto), Nossa Senhora da Luz (Setembro), Nossa Senhora dos Enfermos (Setembro) em ALMARGEM DO BISPO; Corpus Christi (Maio), São Pedro (29 de Junho), Nossa Senhora das Misericórdias (Julho), São Sebastião, Nossa Senhora da Conceição (23-30 de Agosto), Nossa Senhora da Piedade (29-31 de Agosto), São Francisco de Assis (Outubro) em SINTRA; Nossa Senhora da Misericórdia (7-28 de Agosto) em BELAS; São Mamede (17 de Agosto), Nossa Senhora da Conceição (Agosto), Nossa Senhora da Praia (Setembro), Nossa Senhora da Graça (1-4 de Outubro) em COLARES; Nossa Senhora da Piedade (Agosto), São Mamede (Agosto), Nossa Senhora do Cabo (1ª quinzena de Setembro) em SÃO MARTINHO; Santo António (13 de Junho), Nossa Senhora da Nazaré (17-31 de Agosto), São João Degolado (Agosto) em TERRUGEM; São Pedro (29 de Junho) em SÃO PEDRO DE PENAFERRIM; São Pedro (29 de Junho), Nossa Senhora da Conceição (Dezembro) em PERO PINHEIRO; Nossa Senhora da Assunção (Agosto), São Mateus (Setembro) em MONTELAVAR; Nossa Senhora da Natividade (Setembro) em ALGUEIRÃO-MEM MARTINS; Santa Margarida (Setembro) em RIO DE MOURO – concelho de **Mafra**: Nossa Senhora da Nazaré (Setembro) em MAFRA – concelho de **Cascais**: Nossa Senhora do Cabo Espichel (Setembro) em ALCABIDECHE. Artigos dispersos e colunas com informações sobre património religioso edificado: “A Voz do Concelho”.

JORNAL DE VIANA DO ALENTEJO, 1965-1979, Mensário

Rua padre Luís A. da Cruz, n.º 55 – 7090 Viana Do Alentejo – Évora

Festas e romarias – concelho de **Viana do Alentejo**: Senhor Jesus dos Passos (27 de Março), Nossa Senhora de Aires (19-24 de Abril e 25-27 de Setembro) em VIANA DO ALENTEJO; Divino Espírito Santo (30 de Abril) em ALCÁÇOVAS. Artigos dispersos e colunas com referências ao património religioso edificado: “Pequenas notícias” e “Noticiário regional”.

JORNAL DO BARREIRO, depois de 1950, Semanário

Parque Empresarial do Barreiro, Rua 11, n.º 78, C.P. 5203 – 2831-904 Barreiro – Setúbal
Festas e romarias – concelho do **Barreiro**: Senhor dos Passos (13 de Abril), Bom Pastor (1 de Maio), Nossa Senhora do Rosário (12-21 de Agosto) no BARREIRO; Nossa Senhora de Fátima (12-13 de Maio), Santo António (1ª quinzena de Junho) em SANTO ANTÓNIO DA CHARNECA – concelho da **Moita**: Nossa Senhora da Boa Viagem (12-16 de Setembro) na MOITA; São José Operário (11-15 de Julho) na BAIXA DA BANHEIRA. Artigos dispersos e coluna com referências a património religioso edificado: “Notícias dos Arredores”.

JORNAL DO MONTIJO, 1999-2011, Semanário

Praça de República, n.º 63, sala 5 – 2870 Montijo – Setúbal

Festas e romarias – concelho do **Montijo**: São João Baptista (20-27 de Junho) em PEGÕES; Nossa Senhora da Conceição, São José Operário (20-23 de Agosto) em AFONSOEIRO; Nossa Senhora da Atalaia (27-30 de Agosto) em ATALAIA; Nossa Senhora da Oliveira (3-5 de Setembro) em CANHA; São Pedro (25-30 de Junho) no MONTIJO – concelho de **Alcochete**: São João Baptista (20-24 de Junho) em ALCOCHETE; Nossa Senhora do Carmo (16-18 de Julho) no SAMOUÇO. Artigos dispersos e coluna com referências ao património religioso edificado: “Breves...”.

LINHAS DE ELVAS, depois de 1950, Semanário

Rua dos Apóstolos, n.º 6-B – 7350-032 Elvas – Portalegre

Festas e romarias – concelho de **Elvas**: Anjo da Guarda (12 de Fevereiro), Senhor Jesus dos Passos (23 de Março), Nossa Senhora do Carmo (16 de Julho), São Domingos (4 de Agosto), Senhor Jesus da Boa Fé (5-8 de Setembro), Senhor Jesus da Piedade, São Mateus (20-25 de Setembro) em ELVAS; Nossa Senhora do Rosário (14-16 de Agosto) em São Vicente e Ventosa; Santo António (11-12 de Setembro) em TERRUGEM; Nossa Senhora da Encarnação (16 de Outubro) em SÃO BRÁS E SÃO LOURENÇO – concelho de **Marvão**: São Marcos (25 de Abril) em SANTO ANTÓNIO DAS AREIAS. Artigos dispersos com referências ao património religioso edificado.

O MONTEMORENSE, depois de 1952, Semanário, depois Mensário

Rua do Calvário – 7050-214 Montemor-o-Novo – Évora

Festas e romarias – concelho de **Montemor-o-Novo**: São Tiago (25 de Julho) em SANTIAGO DO ESCOURAL; Nossa Senhora da Conceição (22-24 de Agosto) em CABRELA – concelho de **Viana do Alentejo**: Nossa Senhora da Esperança (16-17 de Maio) em ALCÁÇOVAS – concelho de **Montemor-o-Novo**: São João de Deus (8 de Março), Nossa Senhora da Visitação (30 de Abril – 31 de Maio e 23 de Junho – 2 de Julho), Divino Espírito Santo (4-5 de Julho); Imaculada Conceição (8 de Dezembro) em MONTEMOR-O-NOVO. Artigos dispersos com referências ao património religioso edificado.

NOTÍCIAS DE ALVERCA, depois de 1984, Mensário, depois Bimensário, depois Mensário

E.N.10 – Quinta de Santa Maria, 2615-376 Alverca do Ribatejo – Lisboa

Festas e romarias – concelho de **Vila Franca de Xira**: São Pedro (29 de Junho) em ALVERCA DO RIBATEJO; Nossa Senhora da Assunção (Agosto) em VIALONGA. Artigos

dispersos e coluna com referências ao património religioso edificado: “Lendas e histórias da nossa terra”.

NOTÍCIAS DE ARRONCHES, 1988-1989, Mensário

Largo do Espírito Santo – 7340 Arronches – Portalegre

Festas e romarias – concelho de **Arronches**: São João Baptista (23 de Junho – 1 de Julho), Nossa Senhora da Graça (22-23 de Julho), São Martinho (11 de Novembro) em ARRONCHES.

NOTÍCIAS DE CASTELO DE VIDE, depois de 1994, Mensário

Rua Sequeiro Sameiro, apartado 103 EC – 7320-999 Castelo de Vide – Portalegre

Festas e romarias – concelho de **Castelo de Vide**: Nossa Senhora do Carmo (22-23 de Agosto); Nossa Senhora da Penha (1-5 de Agosto), São Vicente Ferrer (29-30 de Agosto), Nossa Senhora dos Prazeres (Setembro) em CASTELO DE VIDE; Nossa Senhora da Conceição (8 de Dezembro) em NOSSA SENHORA DA GRAÇA PÓVOA E MEADAS – concelho de **Ponte de Sôr**: Nossa Senhora dos Prazeres (1º fim-de-semana de Maio) em VALE DE AÇOR. Artigos dispersos e colunas com referências ao património religioso edificado: “Vida local” e “Aqui & ali”.

NOTÍCIAS DE ELVAS, 1980-1995, Semanário

Arco dos Pregos, n.º 6 – 7350 Elvas – Portalegre

Festas e romarias – concelho de **Elvas**: Nossa Senhora dos Remédios, São João Baptista (Julho/Agosto) em VILA BOIM; Senhor Jesus da Boa Fé (3-6 de Setembro), Senhor Jesus da Piedade, São Mateus (19-28 de Setembro) em ELVAS; São Vicente (15-17 de Agosto) em SÃO VICENTE E VENTOSA; Santa Eulália (29-30 de Maio), Nossa Senhora do Rosário (18-20 de Agosto) em SANTA EULÁLIA; Santo António (6-9 de Agosto) em TERRUGEM – concelho de **Reguengos de Monsaraz**: Santo António (13 de Junho) em REGUENGOS DE MONSARAZ – concelho de **Vila Viçosa**: Santa Catarina (15-17 de Julho) em PARDAIS. Artigos dispersos com referências ao património religioso edificado.

NOTÍCIAS DE ÉVORA, 1910-1994, Diário, depois Semanário

Rua da Moeda, n.º 85, apartado 134 – 7002 Évora – Évora

Festas e romarias – concelho de Évora: Nossa Senhora das Candeias (2 de Fevereiro), São Brás (3 de Fevereiro), Santa Zita (26 de Abril), Santa Cruz (3 de Maio), Nossa Senhora de Fátima (12 de Maio), Nossa Senhora Auxiliadora (29 de Maio), Santo António (11-13 de Junho), Pentecostes (17 de Junho), Sagrado Coração de Jesus (24 de Junho), Nossa Senhora do Carmo (16 de Julho), Nossa Senhora de Fátima (12 de Outubro), Cristo Rei (29-30 de Outubro), Nossa Senhora da Conceição (8 de Dezembro), Santa Luzia (13 de Dezembro) na SÉ E SÃO PEDRO; Sagrado Coração de Jesus (17-19 de Junho) em SÃO MAMEDE; Santo Antão (16-17 de Janeiro), Nossa Senhora da Saúde (10 de Julho) em SANTO ANTÃO; Nossa Senhora da Guia, **São Sebastião (11-12 de Setembro) em SÃO SEBASTIÃO DA GIESTEIRA**; São Manços e Nossa Senhora da Ajuda (22-26 de Agosto) em SÃO MANÇOS; São Miguel, Senhor Jesus dos Esquecidos (2-3 de Outubro) em SÃO MIGUEL DE MACHEDE; Nossa Senhora da Assunção (16-17 de Agosto) em NOSSA SENHORA DA TOUREGA; Nossa Senhora de

Machede (6-7 de Setembro) em NOSSA SENHORA DE MACHEDE; Nossa Senhora da Luz (20-21 de Setembro) em SÃO VICENTE DO PIGEIRO – concelho do **Redondo**; Nossa Senhora de ao Pé da Cruz (14 de Julho) no REDONDO – concelho de **Arraiolos**; Nossa Senhora da Consolação (4-6 de Setembro) em IGREJINHA – concelho de **Estremoz**; Santa Cruz (4-6 de Setembro) em SANTO ANDRÉ; Santa Maria (13-15 de Agosto) em **Évora Monte (Santa Maria)** – concelho de **Viana do Alentejo**; Nossa Senhora de Aires (24-26 de Setembro) em VIANA DO ALENTEJO – concelho de **Vendas Novas**; São Domingos Sávio (8-9 de Maio) em VENDAS NOVAS – concelho do **Alandroal**; Nossa Senhora da Conceição (25-27 de Setembro) em NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO – concelho de **Marvão**; Nossa Senhora da Estrela (8 de Setembro) em SANTA MARIA DE MARVÃO – concelho de **Sousel**; Nossa Senhora da Graça (13-15 de Agosto) em CASA BRANCA – concelho de **Almada**; São João Baptista (13-26 de Junho) em ALMADA – concelho de **Borba**; Senhor Jesus dos Aflitos (21-22 de Agosto) em BORBA – concelho de **Elvas**; Senhor Jesus da Piedade, São Mateus (20-25 de Setembro) em ELVAS. Artigos dispersos e coluna com referências ao património religioso edificado: “Notícias religiosas”.

O NOTÍCIAS DE LOURES, 1969-2001, Quinzenário

Rua Dr. Manuel de Arriaga, n.º 3, 1.º esq. – 2670 Loures – Lisboa

Festas e romarias – concelho de **Loures**: Santa Maria (2º domingo de Outubro) em LOURES; Nossa Senhora da Encarnação (16-21 de Maio) na APELAÇÃO; Nossa Senhora dos Remédios (21-23 de Julho) na BOBADELA; Nossa Senhora do Monte Carmo (2-8 de Agosto), Nossa Senhora do Cabo (23-24 de Setembro) em LOUSA; Nossa Senhora do Cabo (23-24 de Setembro) em SANTO ANTÃO DO TOJAL – concelho de **Odivelas**; Nossa Senhora dos Enfermos (1º domingo de Outubro) em CANEÇAS. Artigos dispersos com referências ao património religioso edificado.

NOTÍCIAS DE PALMELA, 1986-1988, Quinzenário

Rua Hermenegildo Capelo, n.º 19 – 2950 Palmela – Setúbal

Festas e romarias – concelho de **Setúbal**: Nossa Senhora da Anunciada (Março) em NOSSA SENHORA DA ANUNCIADA – concelho de **Almada**: Nossa Senhora do Bom Sucesso (1 de Novembro) em CACILHAS – concelho de **Palmela**: Todos os Santos (30 de Outubro – 1 de Novembro) em QUINTA DO ANJO – concelho da **Moita**: Nossa Senhora do Rosário (Setembro) em GAIO-ROSÁRIO.

NOTÍCIAS DE SETÚBAL, 1962-1970, Semanário

Rua Serpa Pinto, n.º 11 – 2900 Setúbal – Setúbal

Festas e romarias: concelho de **Setúbal**: Corpo de Deus (Julho), São Cristóvão (25-26 de Julho) em SÃO JULIÃO; São Pedro (8 de Julho) em SÃO SEBASTIÃO; Nossa Senhora da Arrábida (20-23 de Julho); Nossa Senhora da Saúde (2ª ou 3ª semana de Agosto) em VILA NOGUEIRA DE AZEITÃO – concelho do **Montijo**: Nossa Senhora da Atalaia (25-27 de Agosto) em ATALAIÁ; São Pedro (28 de Junho – 3 de Julho) no MONTIJO – concelho do **Seixal**: São Pedro (27-29 de Junho), Nossa Senhora da Conceição (8 de Dezembro) no SEIXAL – concelho de **Grândola**: Nossa Senhora do Rosário (11-13 de Agosto) em MELIDES – concelho do **Barreiro**: Nossa Senhora do Rosário (11-16 de Agosto) no

BARREIRO – concelho de **Alcochete**: São João Baptista (24 de Junho) em ALCOCHETE – concelho de **Sesimbra**: Senhor Jesus das Chagas (4 de Maio) em SESIMBRA. Artigos dispersos e colunas com referências ao património religioso edificado: “Noticiário da cidade”, “Agenda”, “A cidade” e “O distrito”.

NOTÍCIAS DO BARREIRO, 2001-2011, *Semanário*

Quimiparque, Rua Lawes, n.º 10 – 2830 Barreiro – Setúbal

Festas e romarias – concelho do **Barreiro**: Santo António (7-16 de Julho) em SANTO ANTÓNIO DA CHARNECA; Nossa Senhora do Rosário (9-18 de Agosto) no BARREIRO. Artigos dispersos sobre o património religioso edificado.

NOTÍCIAS DO SUL, depois de 1976, *Diário*

Largo Severim de Faria, n.º 9 – 7000-578 Évora – Évora

Festas e romarias – concelho de Évora: Nossa Senhora da Saúde (16-18 de Junho), São João Baptista, São Pedro (23 de Junho – 1ª semana de Julho), Senhor dos Aflitos (17-18 de Setembro) em Évora – concelho de **Redondo**: Nossa Senhora de ao Pé da Cruz (5-7 de Agosto) no REDONDO.

NOVA GAZETA, depois de 1990, *Semanário*

Rua Amadeu de Moura Stoffel, n.º 2D-2E – 2870-102 Montijo – Setúbal

Festas e romarias – concelho do **Montijo**: São Pedro (28 de Junho – 4 de Julho); Nossa Senhora de Fátima (2-5 de Agosto) no MONTIJO; Nossa Senhora da Atalaia (23-26 de Agosto) em ATALAIA; Nossa Senhora da Oliveira (30 Agosto – 1 de Setembro) em CANHA – concelho de **Alcochete**: Nossa Senhora do Carmo (12-16 de Julho) no SAMOUÇO; São João Baptista (20-24 de Junho) em ALCOCHETE. Artigos dispersos com referências ao património religioso edificado.

OUTRA BANDA, depois de 1991, *Quinzenário*

Edifício Leonense, Avenida 1.º de Maio, n.º 35, 10.º E Paivas – 2845-341 Amora – Setúbal

Festas e romarias – concelho de **Almada**: Santo António (13 de Junho), São João Baptista (23 de Junho) em ALMADA; Nossa Senhora dos Navegantes (24 de Junho) na COSTA DA CAPARICA; Nossa Senhora da Piedade (12-14 de Setembro) na COVA DA PIEIDADE; Nossa Senhora do Bom Sucesso (24 de Outubro – 1 de Novembro) em CACILHAS – concelho da **Moita**: Nossa Senhora da Boa Viagem (12-21 de Setembro) na MOITA. Artigos dispersos e colunas com referências ao património religioso edificado.

A PENA, 1993-2002, *Semanário*

Rua João da Costa, n.º 1, 2.º A/B, Edifício D. Manuel II – 2725 Mem Martins – Lisboa

Festas e romarias – concelho de **Sintra**: São Pedro (25-29 de Junho) em SÃO PEDRO DE PENAFERRIM; São Lourenço (6-10 de Agosto), Nossa Senhora da Assunção (10-23 de Agosto) em COLARES; Nossa Senhora da Nazaré (14-22 de Setembro) em TERRUGEM; Nossa Senhora da Consolação (28 de Julho – 2 de Agosto) em SÃO JOÃO DAS LAMPAS; São Mamede (13-18 de Agosto) em SÃO MARTINHO. Artigos dispersos e colunas com referências ao património religioso edificado: “Letras e Artes”.

A RABECA, depois de 1916, Semanário

Rua 19 de Junho, n.º 74-74A – 7300-135 Portalegre – Portalegre

Festas e romarias – concelho de **Portalegre**: Senhor Jesus dos Passos (Abril), Espírito Santo (3-6 de Julho), Santa Ana (7-8 de Agosto), Nossa Senhora de Fátima (1ª semana de Junho) em PORTALEGRE; Senhor Jesus dos Aflitos (16 de Maio) em FORTIOS; Nossa Senhora da Alegria (15-16 de Agosto) em ALEGRETE; Nossa Senhora das Mercês (21-22 Agosto) em URRÁ – concelho de **Monforte**: Nossa Senhora do Parto (15-16 de Agosto) em MONFORTE – concelho de **Arronches**: Nossa Senhora da Esperança (21 de Agosto) em ESPERANÇA – concelho de **Marvão**: São Marcos (24-26 de Abril) em SANTO ANTÓNIO DAS AREIAS – Nossa Senhora das Dores (28-29 de Agosto) em SÃO SALVADOR DE ARAMENHA – concelho de **Castelo de Vide**: Santa Maria (1-15 de Agosto) em CASTELO DE VIDE. Artigos dispersos com referências ao património religioso edificado.

REPÓRTER DO SEIXAL, 1998-2000, Semanário

Avenida Marcos Portugal, n.º 57, 3.º dir. – 2840 Seixal – Setúbal

Festas e romarias – concelho do **Seixal**: São Pedro (25 de Junho – 4 de Julho) no SEIXAL; Nossa Senhora da Soledade (30 de Outubro – 1 de Novembro) em ARRENTELA – concelho do **Montijo**: Nossa Senhora da Oliveira (1ª quinzena de Setembro) em CANHA. Artigos dispersos e colunas com referências ao património religioso edificado: “Fotos com História”.

O RIO, depois de 1997, Quinzenário

Rua Cândido dos Reis, n.º 78 A – 2860-048 Alhos Vedros – Setúbal

Festas e romarias – concelho da **Moita**: Senhor Jesus dos Passos (Abril), São José Operário (7-16 de Julho) na BAIXA DA BANHEIRA; Senhor Jesus dos Passos (16 de Abril), Nossa Senhora dos Anjos (28 de Julho – 2 de Agosto) em ALHOS VEDROS; Nossa Senhora da Graça (29 de Setembro – 4 de Outubro) em SARILHOS PEQUENOS; Nossa Senhora do Rosário (11-16 de Agosto) em GAIO-ROSÁRIO; Nossa Senhora da Boa Viagem (8-17 de Setembro) na MOITA – concelho do **Barreiro**: Santa Margarida (28 de Junho – 6 de Agosto) no LAVRADIO. Artigos dispersos com referências ao património religioso edificado.

O SESIMBRENSE, depois de 1926, Quinzenário, depois Mensário

Rua Jorge Nunes, n.º 19 – 2970-765 Sesimbra – Setúbal

Festas e romaria – concelho de **Sesimbra**: Senhor das Chagas (de 4 de Maio), Nossa Senhora d’El Carmen (5-9 de Julho), Nossa Senhora da Boa Viagem (14-15 de Agosto), Nossa Senhora do Cabo (4 de Setembro) em SESIMBRA – concelho do **Montijo**: Nossa Senhora da Atalaia (25-28 de Agosto) em ATALAIA. Artigos sobre o património religioso.

O SETUBALENSE, depois de 1916, Trissemanário

Travessa Gaspar Agostinho n.º 1, 1º Andar, 2900-389 Setúbal – Setúbal

Festas e romarias – concelho de **Setúbal**: Bom Pastor (1 de Maio), Divino Espírito Santo (5 de Junho), Corpo de Deus (16 de Junho) em SÃO JULIÃO; **São Pedro (3 de julho)** em SÃO SEBASTIÃO; Nossa Senhora da Arrábida (17-20 de Junho), Nossa Senhora da Saúde (15 de Setembro) em VILA NOGUEIRA DE AZEITÃO – concelho do **Montijo**: São

Pedro (25 de Junho – 1 de Julho) no MONTIJO; Nossa Senhora da Atalaia (27-29 de Agosto) em ATALAIA – concelho de **Grândola**: Nossa Senhora da Penha (1 de Maio) em GRÂNDOLA; Nossa Senhora da Tróia (15-16 de Agosto) em CARVALHAL – concelho do **Seixal**: São Pedro (26-29 de Junho) no SEIXAL – concelho de **Almada**: São João Baptista (19-26 de Junho) em ALMADA; Nossa Senhora do Bom Sucesso (23 de Outubro – 1 de Novembro) em CACILHAS – concelho do **Barreiro**: Nossa Senhora do Rosário (12-21 de Agosto) no BARREIRO – concelho de **Palmela**: Nossa Senhora do Cabo Espichel (27-28 de Setembro) em CASTELO; Todos os Santos (1-2 de Novembro) em QUINTA DO ANJO – concelho da **Moita**: Nossa Senhora da Boa Viagem (10-14 de Setembro) na MOITA; São José (11-15 de Julho) na BAIXA DA BANHEIRA. Artigos dispersos e colunas com referências ao património religioso edificado: “No domínio da arqueologia merobrigense” e “A cidade”.

SEXTA À TARDE, 1985-1985, Semanário

Urbanização Quinta do Mendes, lote 183 A, cv/dta. – 2675 Odívelas – Lisboa

Festas e romarias – concelho de **Loures**: Nossa Senhora da Paz (26-28 de Janeiro) em BUCELAS – concelho de **Odívelas**: Nossa Senhora do Rosário (8 de Abril) em CANEÇAS. Artigos dispersos com referências ao património religioso edificado.

SUL EXPRESSO: O JORNAL DA MARGEM SUL DO TEJO, 1993-1997, Quinzenário

Praça Capitães de Abril, n.º 14, 12.º – 2800 Almada – Setúbal

Festas e romarias – concelho do **Seixal**: Nossa Senhora do Monte Sião (14-18 de Agosto) em AMORA – concelho de **Almada**: Nossa Senhora da Piedade (13-15 de Setembro) na COVA DA PIEDADE; São Martinho (11 de Novembro) na CHARNECA DA CAPARICA.

A TRIBUNA DE LOURES, depois de 1997, Quinzenário

Largo Engenheiro Armando Bandeira Vaz, n.º 3, r/c esq. – 2680-103 Camarate – Lisboa

Festas e romarias – concelho de **Loures**: Nossa Senhora do Socorro (8-10 de Setembro) em SÃO JULIÃO DO TOJAL; Nossa Senhora da Saúde (5 de Setembro) em SACAVÉM. Artigos dispersos com referências ao património religioso edificado.

A TRIBUNA DO POVO, depois de 1950, Quinzenário

Praça Luís de Camões, n.º 51 – 2840-488 Seixal – Setúbal

Festas e romarias – concelho do **Seixal**: Nossa Senhora da Anunciada (27 de Março) em ALDEIA DE PAIO PIRES; Nossa Senhora da Consolação (29 de Maio), Nossa Senhora da Soledade (1 de Novembro) em ARRENTELA; Nossa Senhora do Monte Sião (12-15 de Agosto) em AMORA; São Pedro (26-30 de Junho), Nossa Senhora da Conceição (8 de Dezembro) no SEIXAL – concelho de **Almada**: São João Baptista (19-26 de Junho) em ALMADA – concelho do **Montijo**: São Pedro (25-30 de Junho) no MONTIJO. Artigos dispersos e coluna com referências ao património religioso edificado: “Noticiário regional”.

A VOZ DO ALENTEJO, 1979-1984, Semanário

Rua Narciso Ribeiro, n.º 41 – Apartado 52 – 7100 Estremoz – Évora

Festas e romarias – concelho de **Estremoz**: Santa Maria (última semana de Maio) em SANTA MARIA; Santo António (12 de Junho), São João Baptista (26 de Junho), Rainha

Santa (4-6 de Julho), Nossa Senhora dos Mártires (12-13 de Julho), Exaltação da Santa Cruz (1ª semana de Setembro) em ESTREMOZ; Santo António, Nossa Senhora da Conceição (30 de Agosto – 1 de Setembro) em ARCOS; São Lourenço (31 de Julho – 1 de Agosto) em SÃO LOURENÇO DE MAMPORCÃO – concelho de **Reguengos de Monsaraz**: Santo António (12-14 de Junho) em REGUENGOS DE MONSARAZ; São Domingos (25-27 de Julho) em SÃO DOMINGOS DE ANA LOURA – concelho de **Borba**: Senhor Jesus dos Aflitos (13-16 de Agosto) em BORBA – concelho de **Elvas**: Senhor Jesus da Piedade, São Mateus (20-28 de Setembro) em ELVAS – concelho de **Alter do Chão**: Nossa Senhora da Alegria (21-22 de Agosto), Senhor Jesus do Outeiro (28-29 de Agosto) em ALTER DO CHÃO – concelho do **Crato**: Nossa Senhora da Luz (2ª quinzena de Fevereiro) em VALE DO PESO; São Marcos (25 de Abril) em GÁFETE; Nossa Senhora de Fátima (1ª semana de Junho), Nossa Senhora das Neves (1ª semana de Setembro) em FLOR DA ROSA; São José Operário (última semana de Março), Senhor dos Passos (1ª quinzena de Abril), Nossa Senhora dos Mártires (16 de Maio), São Pedro (28 de Junho) em CRATO E MÁRTIRES – concelho de **Sousel**: Nossa Senhora do Rosário (8-10 de Agosto) em SANTO AMARO; Nossa Senhora da Graça (9-11 de Julho) em CANO; Nossa Senhora da Orada (27-29 de Agosto) em SOUSEL – concelho de **Campo Maior**: Nossa Senhora da Enxara (11-12 de Abril) em São João Baptista – concelho de **Nisa**: Nossa Senhora da Redonda (1ª semana de Maio) em ALPALHÃO – concelho de **Sines**: Nossa Senhora das Salvas (14-15 de Agosto) em SINES. Artigos dispersos sobre património religioso edificado.

A VOZ DO BARREIRO, depois de 1981, Semanário

Rua João de Deus, n.º 33-B – 2830-061 Barreiro – Setúbal

Festas e romarias – concelho do **Barreiro**: Nossa Senhora dos Remédios (1ª semana de Julho) em COINA – concelho da **Moita**: São José Operário (12-21 de Julho) na BAIXA DA BANHEIRA; Nossa Senhora dos Anjos (26 de Julho – 4 de Agosto) em ALHOS VEDROS; Nossa Senhora da Boa Viagem (6-15 de Setembro) na MOITA. Artigos dispersos com referência a património religioso edificado.

A ZONA, depois de 1985, Quinzenário

Rua de Bragança, lote 2, 2.º esq., Pai do Vento, apartado 58 – 2755-276 Alcabideche – Lisboa

Festas e romarias – concelho de **Cascais**: Nossa Senhora dos Navegantes (21 de Julho – 6 de Agosto) em CASCAIS – concelho de **Oeiras**: Nossa Senhora de Porto Salvo (21-30 de Julho) em PORTO SALVO; Nossa Senhora das Neves (1º fim de semana de Outubro) em ALCABIDECHE – concelho de **Lisboa**: São Martinho (4-12 de Novembro) na CHARNECA. Artigos dispersos com referências ao património religioso edificado.

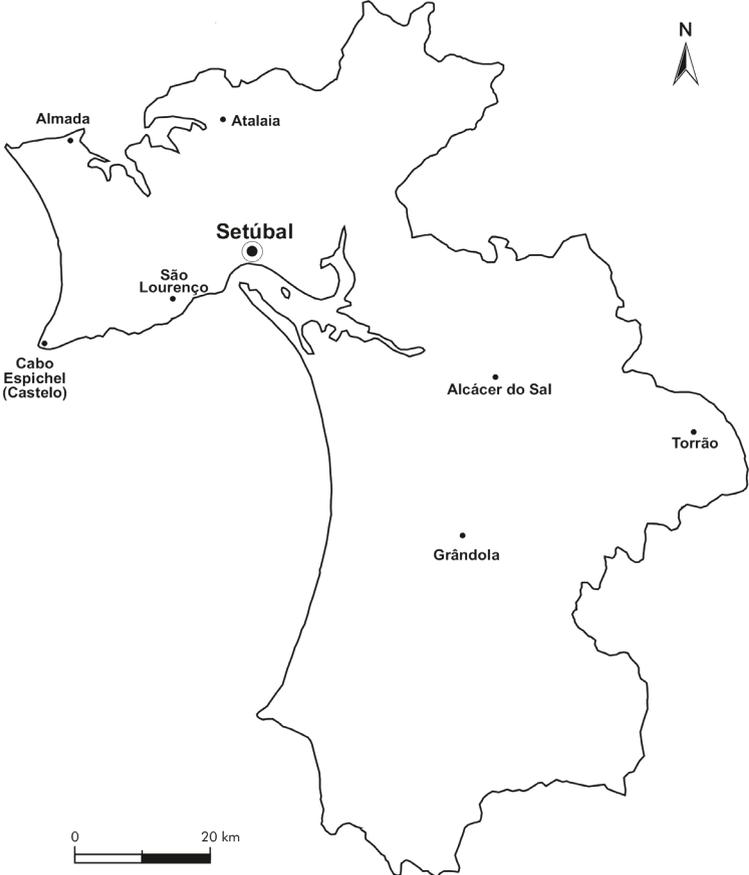
MAPA 5. SANTUÁRIOS DO DISTRITO DE LISBOA



SANTUÁRIOS DO DISTRITO DE LISBOA

Abrigada	Nossa Senhora da Ameixoeira
Alcabideche	Nossa Senhora da Neves
Aldeia Galega da Merceana	Nossa Senhora da Piedade
Almargem do Bispo	Nossa Senhora da Piedade da Serra
Arranhó	Nossa Senhora da Ajuda
Azueira	Nossa Senhora do Livramento
Carnaxide	Nossa Senhora da Conceição da Rocha
Carnide (Lisboa)	Nossa Senhora da Luz
Dois Portos	Nossa Senhora dos Milagres
Enxara do Bispo	Santa Cristina
Enxara do Bispo	Nossa Senhora do Socorro
Falagueira	Nossa Senhora da Lapa
Lamas (Serra de Montejunto)	Nossa Senhora das Neves
Lezíria Grande (Vila Franca de Xira)	Nossa Senhora de Alcamé
Matações	Senhor Jesus do Calvário
Meca	Santa Quitéria
Moita dos Ferreiros	Nossa Senhora da Misericórdia
Oeiras	Nossa Senhora da Conceição
Penha de França (Lisboa)	Nossa Senhora da Penha de França
Sacavém	Nossa Senhora da Saúde
São João dos Montes	São Romão
São Martinho (Sintra)	São Mamede de Janas
Vila Franca de Xira	Senhor Jesus da Boa Morte

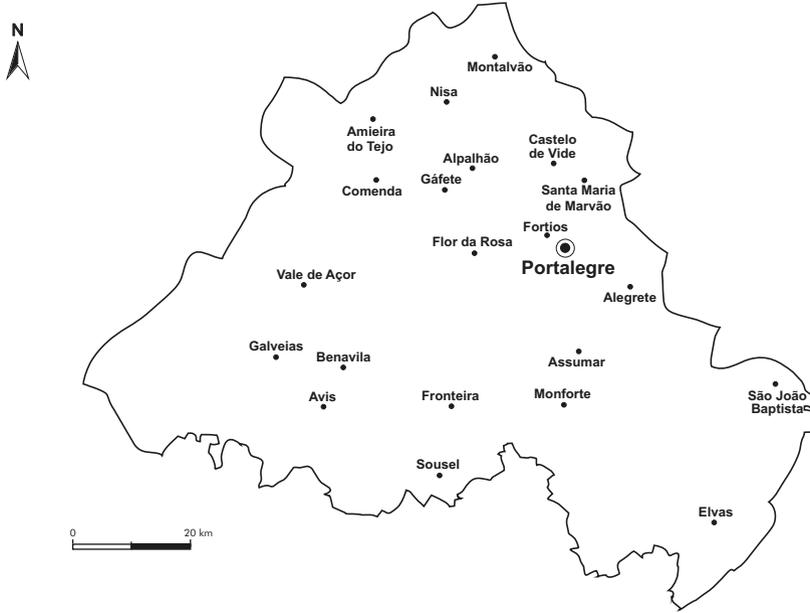
MAPA 6. SANTUÁRIOS DO DISTRITO DE SETÚBAL



SANTUÁRIOS DO DISTRITO DE SETÚBAL

Alcácer do Sal	Nossa Senhora dos Mártires
Alcácer do Sal	Santo Cristo dos Milagres
Almada	Cristo Rei
Atalaia (Montijo)	Nossa Senhora da Atalaia
Castelo, Cabo Espichel (Sesimbra)	Nossa Senhora do Cabo
Grândola	Nossa Senhora da Penha
São Lourenço (Serra da Arrábida)	Nossa Senhora da Arrábida
Torrão	Nossa Senhora do Bom Sucesso

MAPA 7. SANTUÁRIOS DO DISTRITO DE PORTALEGRE



SANTUÁRIOS DO DISTRITO DE PORTALEGRE

Alegrete	Nossa Senhora da Alegria
Alpalhão	Nossa Senhora da Redonda
Amieira do Tejo	Nossa Senhora da Sanguinheira
Assumar	Nossa Senhora da Graça
Avis	Nossa Senhora Mãe dos Homens
Benavila	Nossa Senhora de Entre Águas
Castelo de Vide	Nossa Senhora da Penha
Comenda	Nossa Senhora de Necessidades
Elvas	Senhor Jesus da Piedade
Flor da Rosa	Nossa Senhora das Neves
Fronteira	Nossa Senhora da Vila Velha
Fortios	Senhor dos Aflitos
Gáfete	São Marcos
Galveias	Nossa Senhora das Alabaças
Monforte	Nossa Senhora dos Prazeres
Montalvão	Nossa Senhora dos Remédios
Nisa	Nossa Senhora da Graça
Nisa	Nossa Senhora dos Prazeres
Portalegre	Nossa Senhora da Penha
Santa Maria de Marvão	Nossa Senhora da Estrela
São João Baptista	Nossa Senhora da Enxara
Sousel	Nossa Senhora da Orada
Vale de Açor	Nossa Senhora dos Prazeres

MAPA 8. SANTUÁRIOS DO DISTRITO DE ÉVORA



SANTUÁRIOS DO DISTRITO DE ÉVORA

Alcáçovas	Nossa Senhora da Esperança
Borba	Santa Bárbara
Brotas	Nossa Senhora de Brotas
Corval	Nossa Senhora do Rosário
Estremoz	Nossa Senhora da Conceição
Estremoz	Nossa Senhora dos Mártires
N.ª Sra da Boa Fé	Nossa Senhora da Boa Fé
Luz	Nossa Senhora da Luz
Mourão	Nossa Senhora das Candeias
Mourão	São Pedro dos Olivais
N. Sra. da Vila	Nossa Senhora da Visitação
N. Sra. de Guadalupe	Nossa Senhora de Guadalupe
Redondo (Serra de Ossa)	Nossa Senhora do Monte Virgem
S. Bento do Mato	Nossa Senhora do Carmo
Terena (São Pedro)	Nossa Senhora da Boa Nova
Veios	Nossa Senhora do Mileu
Viana do Alentejo	Nossa Senhora de Aires
Vila Viçosa	Nossa Senhora da Conceição
Vila Viçosa	Nossa Senhora da Lapa dos Milagres

ÍNDICE DE MAPAS

- 1 – Divisão administrativa de Portugal em distritos
- 2 – Concelhos dos distritos de Lisboa e Setúbal
- 3 – Concelhos dos distritos de Portalegre e Évora
- 4 – Dioceses de Lisboa, Setúbal, Portalegre-Castelo Branco e Évora
- 5 – Santuários do distrito de Lisboa
- 6 – Santuários do distrito de Setúbal
- 7 – Santuários do distrito de Portalegre
- 8 – Santuários do distrito de Évora

